



Antologia de Ensaios

# **Laboratório Colaborativo: dinâmicas urbanas, património, artes**

XI – Seminário de investigação, ensino e difusão

# Antologia de Ensaio

LABORATÓRIO COLABORATIVO: Dinâmicas Urbanas, Património, Artes.

XI Seminário de Investigação, Ensino e Difusão

## Coordenação editorial

Paula André (DINÂMIA'CET-Iscte / Iscte-Instituto Universitário de Lisboa)

## Apoio técnico e difusão

Mariana Leite Braga (DINÂMIA'CET-Iscte)

## Edição

DINÂMIA'CET-Iscte

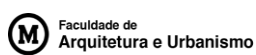
Agosto de 2025

## ISBN

978-989-584-138-7

## Fotografia na capa

Vista aérea de São Paulo, fotografia de Ruth Verde Zein





### **Comissão Científica**

Adriano Tomitão Canas (UFU/FAUED)  
Angélica Tanus Benatti Alvim (PPGAU-FAU)  
Ana Cristina Sousa (FLUP/CITCEM)  
Ana Gabriela Godinho Lima (UPM/FAU)  
Ana M. G. Albano Amora (UFRJ/LabLugares/PROARQ)  
Ana Paula Gomes da Silva (UAlg)  
Ana Tostões (CiTUA - IST – Ulisboa/Portugal)  
Bruno José de Sousa Marques (UA, IHA, NOVA)  
Cláudia Costa Cabral (UFRGS)  
Claudio Galeno-Ibaceta (EA, UCN)  
Daniela Marzola Fialho (UFRGS/PROPUR)  
Francesca Dal Cin (CIAUD/FAUL)  
Horacio Torrent Schneider (PUCC)  
Inês Martina Lersch (UFRGS/PROPUR)  
João Baía (CENRI-UA)  
João Branco Pedro (LNEC)  
José Geraldo Simões Júnior (UPM/FAU)  
Lia Antunes (CEAACP/UAlg)  
Luis García-Galiano de Rivas (UNAM)  
Luís Sebastian (IP)  
Maria Fernanda Derntl (GPHUC-PPGFAU-UnB/CNPq)  
Maria Isabel Villac (UPM/FAU)  
Maria Leonor Botelho (FLUP/ CITCEM)  
Miguel Reimão Costa (CEAACP/UAlg)  
Paula André (DINÂMIA'CET-Iscte/Iscte- IUL)  
Paulo Simões Rodrigues (CHAIA/UE)  
Pedro Guilherme (CHAIA/UE)  
Ruth Verde Zein (UPM/FAU)  
Sérgio Barreiros Proença (*formaurbis* LAB, CIAUD/FAUL)  
Sofia Aleixo (CHAIA/EU; CHAM/UNL)  
Sofia Salema (CHAIA/UE)

## Índice

### **p.1**

***São Paulo como Palco: Acolhimento do XI Laboratório Colaborativo pelo PPGAU-FAU Mackenzie***

Angélica Benatti Alvim  
Ruth Verde Zein

### **p.2**

***Triunfo da Ação Comunicativa!***

Paula André

### **p.3**

***Gênero e propriedade no processo de ruralização em Pirenópolis no século XIX***

Nádia Mendes de Moura  
Maria Fernanda Derntl

### **p.16**

***O bairro do Malforo e a expansão extramuros em Tavira. Contributo para a história da casa na história da cidade***

Sandra Romba  
Miguel Reimão Costa

### **p.40**

***A Cidade Viva: Corredores Verdes de Lisboa e a Visão de Gonçalo Ribeiro Telles***

Elodie Marques  
Paula André

### **p.59**

***Espaços Residuais em Favelas: Territórios de Resistência, Memória e Regeneração Ambiental***

Ester Carro  
Angélica Tanus Benatti Alvim

### **p.77**

***Escutas Pedagógicas no Ensino de Arquitetura e Urbanismo***

Ricardo Ruiz Martos  
Ana Gabriela Godinho Lima

### **p.88**

***O Edifício Escolar e a Cidade: Análise Projetual em Medellín nas Escalas KM, M e CM***

Leonardo Tadeu Kseib Coelho da Silva  
Ana Gabriela Godinho Lima



**p.110**

***Campos Elíseos em Três Tempos: Evolução, preservação e deterioração de um bairro planejado***

Felipe Romano

José Geraldo Simões Júnior

**p.124**

***Construindo a Cidade Turística: Campos do Jordão ao Longo do Século XX***

Marcelo André Ferreira Leite

José Geraldo Simões Júnior

**p.140**

***Reflexões sobre as estratégias projetuais presente nas obras de Rem Koolhaas: uma análise de bibliotecas contemporâneas, entre teoria e projeto***

Liliane Cristina da Silva Camargo

Maria Isabel Villac

**p.155**

***Imaginar História(s) da Arte de artistas de sexualidade dissidente: uma reflexão sobre o caso português***

João Miguel Melo de Góis

Bruno José de Sousa Marques

**p.171**

***Siza's Artisticity in Santiago de Compostela: the Galician Centre of Contemporary Art***

Leonor de Andrade Calhau

Ana Tostões

**p.184**

***Interfaces Entre Arte e Cidade Através de Práticas Coletivas: Saber e Modo de Produção Manual como Dispositivo Ativista***

Adriane Silvério Neto

Adriano Tomitão Canas

**p.197**

***Entre o Real e o Imaginário: Uma Leitura de Patos de Minas através de seus lugares e suas lendas***

Ana Luísa Gonçalves Silva

Adriano Tomitão Canas

**p.215**

***De Pampulha a Inhotim: Arquitetura e Arte Mural no Brasil***

Valentina Martins Marques

Cláudia Piantá Costa Cabral

**p.231**

***Niemeyer e o Teatro: entre a quarta parede e a quinta fachada***

Stéphanie Garces Cerioli

Cláudia Costa Cabral

**p.245**

***Entre uma valoração econômica e uma valorização sociocultural - o patrimônio cultural edificado do Centro Histórico de Porto Alegre***

José Daniel Craidy Simões

Daniela Marzola Fialho

**p.259**

***O Imaginário do Habitar nas Cooperativas Habitacionais de Farroupilha (RS)***

Samila Balbinot

Daniela Marzola Fialho

**p.274**

***Infâncias nas Cidades: experiências de apropriação dos espaços urbanos pelas crianças***

Maria Augusta Scalcon Calil

Inês Martina Lersch

**p.289**

***Esboço para uma Crítica da Propriedade Coletiva na Dialética Social de Porto Alegre***

Alexandre Kramatschek Tavares

Inês Martina Lersch

**p.302**

***Desvelar o Icônico: Revisão Crítica das Narrativas Canônicas no Ensino de Arquitetura sob uma Ótica Feminista***

Thaysa Malaquias de Mello

Ana M. G. Albano Amora

Claudio Galeno-Ibaceta

**p.316**

***Procura das raízes. Fragmentos da vida e obra de Álvaro Siza***

Cláudia Batista

Pedro Guilherme

Sofia Salema

**p.335**

***Convento da Tomina: Contributos para a Compreensão da sua Identidade Patrimonial***

Carlota Rocha

Sofia Aleixo

**p.349**

***A Alma dos Monumentos: Enquadramento conceptual, teórico e prático do Património Integrado***

Ana Carolina Cardoso Cunha

Maria Leonor Botelho

Ana Cristina de Sousa

Luís Sebastian

**p.362**

***Entre Emancipação e Controle: o uso do LiDAR em processos de cartografia colaborativa em favelas***

Stefania Dimitrov

Angelica Benatti Alvim

**p.376**

***De provinciana a internacional: interiores modernos de uma Curitiba em transição***

Giovanna Renzetti

Ruth Verde Zein

**p.384**

***Modos de habitar, arquitetura vernacular e paisagem da povoação piscatória de Cabanas de Tavira***

Patrícia Gonçalves

Miguel Reimão Costa

Lia Antunes

João Baía

**p.408**

***A reabilitação do interior de edifícios antigos de uso habitacional: documentos normativos, conceitos e desafios***

Marta Vicente

Paula André

João Branco Pedro

**p.429**

***Entre o diário e o quadro: viajantes vitorianas e o nascimento da pintura de paisagem feminina***

Laura Vitorino Rebelo

Paulo Simões Rodrigues

**p.449**

***Turismo de Experiência em Aldeias do Interior Algarvio: um conceito de Turismo Circular através das Sensações***

Daniela Toledano

Ana Paula Gomes da Silva

**p.463**

***Publicar Lisboa em três momentos (1935, 1956 e 1972): a construção fotográfica de Lisboa no Estado Novo***

Joana Nunes

Paula André

**p.476**

***Condición brasileña y superficie: relaciones entre vestuario y arquitectura en trabajos de Lina Bo Bardi***

María Cecilia Vera Vivanco

Horacio Torrent

**p.489**

***Patrimonio moderno y cambio climático. Los espacios vacíos y verdes en el paisaje habitacional moderno como valor ecosistémico***

Rodrigo Gertosio Swanston

Horacio Torrent

**p.507**

***Diálogo entre territorio, arte y arquitectura: la expansión de la infraestructura cultural en la Ciudad Universitaria de la UNAM entre 1973 y 1981 y su importancia actual***

Isaura Gonzalez Gottdiener

Luis García-Galiano de Rivas

**p.527**

***Património Insular Africano: entre a transformação e a preservação***

Cristiana Valente Monteiro

Sérgio Barreiros Proença

Francesca Dal Cin

**p.545**

***Notas Curriculares***



## **São Paulo como Palco: Acolhimento do XI Laboratório Colaborativo pelo PPGAU-FAU Mackenzie**

O XI Laboratório Colaborativo chega à metrópole de São Paulo em um momento em que refletir sobre a cidade, sua complexidade e suas contradições se tornam ainda mais necessário. A Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, por meio de seu Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU), tem a honra de acolher esta edição do seminário, que desde sua criação se constitui como um espaço vivo de intercâmbio entre práticas pedagógicas, investigações acadêmicas e experiências artísticas que exploram o território como lugar de memória, transformação e produção coletiva.

Sediar o evento reforça o compromisso do nosso Programa com uma produção intelectual crítica, engajada e internacionalizada. Sua área de concentração, Projeto de Arquitetura e Urbanismo, abriga linhas de pesquisa voltadas à documentação, representação e intervenção socioespacial, promovendo articulações entre ensino, pesquisa e extensão, sempre em diálogo com os desafios das cidades brasileiras e latino-americanas.

Inspirado por uma metrópole marcada pela diversidade e pela desigualdade, mas também pela potência criativa de seus habitantes, o XI Laboratório propõe um mergulho crítico e sensível nas múltiplas formas de pensar e intervir na arquitetura e na cidade. Serão dois dias de encontros presenciais e virtuais, reunindo pesquisadoras e pesquisadores de diferentes instituições e países com o propósito de refletir sobre temas como patrimônio e paisagem, arte e política, processos de ensino-aprendizagem, práticas espaciais e modos de habitar.

A programação desta edição destaca a pluralidade de vozes e olhares que constituem o campo contemporâneo da arquitetura, do urbanismo e de áreas afins. Por meio de comunicações, debates, lançamentos e trocas interinstitucionais, o evento reafirma seu compromisso com uma produção de conhecimento situada, crítica e colaborativa.

Esta edição reafirma também os laços acadêmicos e institucionais entre o PPGAU-FAU Mackenzie e o ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, idealizador do Laboratório Colaborativo. O intercâmbio entre as duas instituições fortalece a cooperação internacional e estimula reflexões compartilhadas sobre as dinâmicas urbanas contemporâneas, a partir de olhares situados e experiências locais com alcance global. Celebramos, assim, o encontro entre o local e o global, entre o passado e as urgências do presente, entre a cidade e os sujeitos que a constroem diariamente. Que esta edição em São Paulo amplie redes, provoque deslocamentos e inspire novas práticas e investigações voltadas à construção de um futuro urbano mais justo, plural e sensível.

Angélica Benatti Alvim

Ruth Verde Zein

*Organizadoras do evento pelo PPGAU-FAU- Mackenzie*

## Elogio da Ação Comunicativa!

A *Antologia de Ensaio* da 11ª edição do *Laboratório Colaborativo: Dinâmicas Urbanas, Património, Artes. Seminário de Investigação, Ensino e Difusão* reúne um conjunto de investigações que integradas numa agenda contemporânea de um mundo que vive tempos desafiadores, e através de diferentes metodologias multidisciplinares de pesquisa, procura contribuir para o alargamento das fronteiras do conhecimento.

Cumprindo uma obrigação moral de partilhar experiências, reúnem-se diferentes aproximações interrogativas à cidade e ao urbanismo, à arquitectura e ao património e à arte e à cultura visual em diferentes tempos e espaços, ancoradas num pensamento tentacular, ou seja, relacional. Na verdade, toda a investigação contém no seu interior as instruções de uso para abrir a caixa que se investiga, requerendo uma experiência complexa e um contínuo trabalho, uma consciência de que ter as respostas *a priori* não é investigação, sendo crucial ser fiel à deriva e uma prática como modo de vida da contante indagação<sup>1</sup>. Conscientes que “as ações educativas, como todos os trabalhos que exigem muito esforço e que, quando realizados, pouco se notam – principalmente se foram bem feitos – parece ser atividade inane, quando é de fato fundamental”<sup>2</sup>, é, por isso, crucial comunicar diferentes formas de pesquisa, com componentes inter-relacionados, e estar atento a formas emergentes de investigação em âmbito académico de diferentes geografias.

Se existe na actualidade um frutífero campo de epistemologias relacionadas com os novos referentes, como a ecologia, a participação, os direitos humanos, os feminismos e as condições emergentes nas sociedades pós-industriais com seus meios digitais, do mesmo modo a memória é assumida como um valor da comunidade, e a imaginação e a criatividade são valores humanos que podem ir na direcção da sustentabilidade<sup>3</sup>.

Não esquecendo as preocupações públicas contemporâneas, e celebrando os 50 anos da morte de Hannah Arendt (1906-1975), não podemos deixar de reflectir sobre «a banalidade do mal» e a sua expansão de significado na era digital e de celebrar a sua bandeira do «direito a ter direitos» para todos, passando pelo fortalecimento do espaço público, palco de discussão pacífica e enriquecedora.

Assim assumindo o Laboratório Colaborativo como um espaço público de partilha e que coloca em diálogo ambientes construídos, e seguindo o ideal de Jürgen Habermas, e da sua teoria da ação comunicativa, em que a comunicação é o núcleo da vida social e do exercício democrático, apelamos ao diálogo e ao elogio da ação comunicativa!

Paula André

Iscte-Instituto Universitário de Lisboa / Dinâmia’cet-Iscte

---

<sup>1</sup> André Corboz, *La Recherche: trois apologues*, in, **Le Territoire comme palimpseste et autres essais**, Paris, Les Editions de l’imprimeur, 2001, p.21-30.

<sup>2</sup> Ruth Verde Zein, **Leituras Críticas**. São Paulo, Romano Guerra Editora, p.8,9.

<sup>3</sup> Josep Maria Montaner, **Renombrar la arquitectura en su evolución técnica, formal y ética**, Barcelona, Gustavo Gili, 2023, p. 233, 242.

# **Gênero e propriedade no processo de ruralização em Pirenópolis no século XIX**

**Nádia Mendes de Moura**

Universidade de Brasília – Programa de Pós-Graduação  
da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
[nadiammoura@yahoo.com.br](mailto:nadiammoura@yahoo.com.br)

**Maria Fernanda Derntl**

Universidade de Brasília – Programa de Pós-Graduação  
da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
[mariafernanda\\_d@yahoo.com.br](mailto:mariafernanda_d@yahoo.com.br)

**Resumo:** A partir da análise de documentação histórica de titularidade de bens de raiz do início do século XIX em Meia Ponte (atual Pirenópolis/GO), destacamos o caso de cinco mulheres proprietárias de terras e imóveis urbanos, cujas trajetórias contestam os papéis de gênero impostos pela historiografia tradicional. Ao administrarem seus bens e participarem da vida econômica local, essas mulheres desenvolveram estratégias de autonomia em um contexto de transformações estruturais na Capitania de Goiás, com a transição da economia predominantemente mineradora para a agropecuária, demonstrando que sua atuação na dinâmica econômica era mais ampla do que se supunha.

**Palavras-chave:** Pirenópolis, ruralização, oitocentos, gênero, propriedade.

## Introdução

O topônimo do arraial, Minas de Nossa Senhora do Rosário de Meia Ponte, remete à atividade mineradora desenvolvida naquela região desde as primeiras décadas do século XVIII. Elevado à condição de vila apenas em 1832, teve sua denominação alterada para Pirenópolis em 1890, como a cidade é conhecida atualmente. Com o declínio da produção aurífera, a atividade agropecuária, que coexistira com a mineração, tornou-se predominante. Já nos primeiros anos do século XIX nota-se um movimento de êxodo urbano, caracterizando o processo de ruralização que marcou profundamente a região<sup>1</sup>.

Localizada em posição estratégica na Capitania de Goiás, Meia Ponte situava-se na confluência de importantes eixos de comunicação: ao norte, conectava-se aos *pastos bons* do Maranhão e Piauí, e à região do Rio São Francisco, vinculada a Bahia e Pernambuco; ao leste, recebia os caminhos provenientes do Rio de Janeiro e Minas Gerais; ao sul, mantinha ligação com São Paulo; e a oeste, direcionava-se para Vila Boa e a Capitania do Mato Grosso. Essa localização privilegiada consolidou o povoado como um relevante entreposto comercial durante o século XVIII, impulsionado também pela atividade mineradora.

Na passagem do século XVIII para o XIX, contudo, esse panorama transformou-se: o fluxo migratório reduziu-se consideravelmente e a dinâmica econômica se alterou. A produção de Meia Ponte, embora ainda rudimentar, distinguia-se das demais regiões pelo cultivo de algodão e trigo, além da criação de porcos – atividade tão relevante que originou a denominação de uma rua no início do século XIX (a Rua dos Porcos é a atual Rua Santa Cruz)<sup>2</sup>.

Essa simbiose entre o espaço rural e urbano manifestava-se em diversas vias do arraial de Meia Ponte, como atesta a toponímia de seu principal eixo viário: a Rua do Curral, seguida pela Rua das Bestas (atual Rua Direita). Por essas artérias urbanas circulavam as tropas de muares provenientes de Vila Boa (cidade de Goiás), que seguiam em direção ao litoral. Essa interpenetração campo-cidade não se limitava à nomenclatura das ruas, pois manifestava-se também nas práticas cotidianas:

“Numa província com precários sistemas de transporte, a sua produção criava condições de sobrevivência mediante a produção de produtos básicos. Essa produção se desenvolvia no campo e também na cidade. Os lotes urbanos transformavam-se em apêndices das propriedades rurais, com criação de pequenos animais, plantações de frutas, verduras, além de uma pequena ‘indústria’, na qual os materiais naturais viravam insumos domésticos (azeite de mamona, vela de sebo etc). Desse modo, os binômios cidade-casa e campo-cidade manifestavam-se concomitantemente, expressando as duas sociabilidades distintas, a mundano-urbana e a local-rural. Nas

---

<sup>1</sup> MOURA, Nádia Mendes de. **Sertões de mar a mar: Goyazes em suas filigranas (c. 1726 - 1830)**. São Paulo, 2018, Tese de Doutorado.

<sup>2</sup> MOURA, Nádia Mendes de. **Sertões de mar a mar: Goyazes em suas filigranas (c. 1726 - 1830)**. São Paulo, 2018, 259, Tese de Doutorado.

posturas, tais relações ficavam evidentes, especialmente por meio dos artigos que tratavam da ‘ruralidade’ urbana, como a proibição de criação de porcos”<sup>3</sup>.

Ajustando a lente para os agentes históricos que transformavam esses espaços, nos apoiamos em Bernard Lepetit<sup>4</sup>, que nos convida a atentar para os atores locais como chave para compreender as dinâmicas sociais e espaciais em sua complexidade. Considerando os indivíduos que animavam a vida local, centramos nossa investigação na atuação de algumas mulheres proprietárias de terras e imóveis urbanos na freguesia de Nossa Senhora de Meia Ponte nas primeiras décadas do século XIX, período de reestruturação econômica na capitania.

Este artigo dialoga com a produção acadêmica contemporânea sobre direitos de propriedade e atividades econômicas a partir de uma perspectiva de gênero, promovidas principalmente por pesquisadoras latino-americanas<sup>5</sup>, as quais constataram que, por muitos anos, as análises acerca da atuação feminina nesse âmbito eram feitas de forma indireta, inseridas no contexto familiar. De acordo com a historiadora Irina Ramírez e a antropóloga Daniela Marino, a renovação historiográfica nesse campo se iniciou com as pesquisas acadêmicas anglófonas, principalmente a partir da década de 1990, posteriormente desenvolvidas por pesquisadoras ibero-americanas. A respeito das produções contemporâneas, as pesquisadoras reconhecem que as pesquisas sobre mulheres inseridas nesse contexto trazem novas perspectivas de análise e revelam que “a propriedade fez com que essas mulheres recorressem a táticas de gestão e administração, ao mesmo tempo em que suas relações familiares e suas decisões pessoais também eram vitais”<sup>6</sup>.

Os estudos sobre história das mulheres ganharam impulso no Brasil partir dos anos 1980, constituindo-se como contraponto à historiografia tradicional, que as relegava a posições subalternas. Como bem nos lembra a arquiteta Zaida Martínez<sup>7</sup>,

“a construção de papéis de gênero não é nada inocente nem inofensiva. Uma revisão histórica a partir desse pensamento mostra os discursos intencionais que, ao longo da história ocidental, foram aplicados para colocar as mulheres em um lugar de subordinação, uma estratégia de domínio que atravessa a diversidade de classe, de origem cultural e religiosa, bem como educacional.”

Nesse campo fértil de estudos sobre história da família e história das mulheres, a professora Eni de Samara<sup>8</sup>, ao examinar a família e a vida doméstica no período colonial, evidencia as

---

<sup>3</sup> OLIVEIRA, Adriana Mara Vaz de – **Uma ponte para o mundo goiano do século XIX: um estudo da casa meia-pontense**. Goiânia: Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico Teixeira, 2001. 263.

<sup>4</sup> LEPETIT, Bernard – **Por uma nova história urbana: seleção de textos, revisão crítica e apresentação Heliana Angotti Salgueiro**. São Paulo: EDUSP, 2001.

<sup>5</sup> CÓRDOBA RAMÍREZ, Irina; MARINO, Daniela – Cambio institucional, derechos de propiedad. In **Estudios de Historia Moderna y Contemporánea de México**. Número especial, mayo 2025, pp. 5-22. 6.

<sup>6</sup> CÓRDOBA RAMÍREZ, Irina; MARINO, Daniela - Cambio institucional, derechos de propiedad. In **Estudios de Historia Moderna y Contemporánea de México**. Número especial, mayo 2025, pp. 5-22. 19.

<sup>7</sup> MARTÍNEZ, Zaida Muxí - **Mulheres, casas e cidades**. Tradução: Júlia Urrutia. São Paulo: Olhares, 2024. 12, 13.

<sup>8</sup> SAMARA, Eni de Mesquita – **Família e vida doméstica no Brasil, do engenho aos cafezais**. São Paulo: Humanitas, 1999.

diferenças entre as mulheres submetidas à estrutura patriarcal, sobretudo nas zonas canavieiras, e as mulheres das regiões mineradoras, onde o concubinato era uma prática socialmente difundida, gerando arranjos familiares distintos, como os verificados na nossa região de estudo. Essas particularidades regionais estão presentes nas pesquisas da brasilianista Mary Karasch<sup>9</sup>, especialista em dinâmicas sociais daquela época na Capitania de Goiás. Inventários, testamentos, livros de compromissos de irmandades e processos jurídico-criminais do século XIX também foram fontes de pesquisa dos pesquisadores Temis Parente<sup>10</sup> e Murilo Silva<sup>11</sup>, que apresentam importantes estudos sobre as mulheres da capitania/província, em todas as suas nuances sociais e raciais. Investigações amparadas em documentação histórica, levando-se em consideração a interseccionalidade dessas mulheres do período colonial, segue em nossas pesquisas<sup>12</sup> empreendidas no pós-doutorado<sup>13</sup>.

Para essa análise, trabalhamos com a *Relação dos Habitantes Situados no termo da Freguesia d’Nossa Senhora do Rozario, Minas d’Meia Ponte*<sup>14</sup> de 1818 e a *Décima Urbana de Meia Ponte*<sup>15</sup> de 1819. Essas fontes apresentam uma listagem com os nomes dos proprietários de terra e os donos de imóveis urbanos, respectivamente. A *Relação...* apresenta um detalhado levantamento das propriedades rurais da região, revelando importantes aspectos sobre a titularidade desses bens de raiz e a organização fundiária. A *Décima Urbana*, além de arrolar todas as casas do arraial, lista os nomes dos/as proprietários/as (e inquilinos/as, quando o imóvel estava alugado) com seu respectivo endereço, estado de conservação e de ocupação do imóvel, valor do imposto cobrado e rendimento anual do bem. O cruzamento das fontes revela a presença de mulheres de distintas condições socioeconômicas, o que nos permite formular algumas hipóteses interpretativas que serão analisadas caso a caso. O perfil geral dos proprietários mostra a predominância masculina (55% como proprietários de imóveis urbanos e 82% como proprietários de terras), seguido por mulheres (42% como proprietárias de imóveis urbanos e 15% como proprietárias de terras), sociedades (3%, encontrados apenas entre proprietários de terras) e irmandades religiosas (que foram identificadas exclusivamente como detentoras de casas na *Décima Urbana*, totalizando 3%)<sup>16</sup>.

---

<sup>9</sup> KARASCH, Mary – Concubinato e Casamento na Capitania de Goiás. In SILVA, Maria Beatriz Nizza da (coord.) - **Sexualidade, Família e Religião na Colonização do Brasil**. Lisboa: Livros Horizonte, 2001.

<sup>10</sup> PARENTE, Temis Gomes – **O Averso do Silêncio: vivências cotidianas das mulheres do século XIX**. Goiânia: Editora da UFG, 2005.

<sup>11</sup> SILVA, Murilo Borges - Maria Escolástica e Joaquina de Tal: corpos negros, transgressores e insubmissos em Goyaz - século XIX. In **Fazer história em seus múltiplos contextos e espacialidades: experiências de pesquisas contemporâneas sobre teoria e mídias**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022, pp. 110-129.

<sup>12</sup> MOURA, Nádia Mendes de - As taverneiras na dinâmica urbana da cidade de Goiás no século XIX. In **Thésis**. Rio de Janeiro: Anparq. V. 9, n. 17, 2024, p. 106-118. MOURA, Nádia Mendes de - Mulheres e imóveis urbanos na Vila Boa do século XIX: por outras narrativas de história da cidade. In **Anais do XVII Seminário de História da Cidade e do Urbanismo**. Belo Horizonte: Escola de Arquitetura da UFMG, 2022.

<sup>13</sup> Pós-doutorado no Programa de pós-graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, supervisionado pela professora doutora Maria Fernanda Derntl, que também assina esse artigo.

<sup>14</sup> O referido documento está arquivado no Arquivo Histórico do Estado, localizado em Goiânia/GO.

<sup>15</sup> As Décimas Urbanas entre os anos de 1810 e 1822 estão arquivadas no Museu das Bandeiras (MuBan), localizado na Cidade de Goiás/GO.

<sup>16</sup> MOURA, Nádia Mendes de. **Sertões de mar a mar: Goyazes em suas filigranas (c. 1726 - 1830)**. São Paulo, 2018. 394. Tese de Doutorado.



Para esta análise, adotamos uma abordagem metodológica que articula fontes primárias e produção historiográfica, privilegiando estudos sobre o processo de ruralização em Meia Ponte no início do século XIX. Destacamos as contribuições da arquiteta Adriana Oliveira, cujas pesquisas de mestrado<sup>17</sup> e doutorado<sup>18</sup> originaram dois livros sobre a transformação do espaço urbano-rural com enfoque principal na casa meiapontense/pirenopolina. A dissertação de Eurípedes Funes<sup>19</sup>, posteriormente publicada como livro, foi fundamental para a análise da atividade agropecuária em Goiás no período. Entre as referências clássicas da historiografia pirenopolina, os estudos genealógicos de Jarbas Jayme<sup>20</sup> foram essenciais para desvendar os laços familiares das mulheres investigadas. Por fim, os relatos dos viajantes estrangeiros, como Saint-Hilaire<sup>21</sup>, contribuem com aspectos do cotidiano da época, embora exijam leitura crítica, por seu olhar etnocêntrico do século XIX.

### As propriedades

O levantamento documental identificou 272 propriedades rurais arroladas na *Relação dos Habitantes Situados no termo da Freguesia d’Nossa Senhora do Rozario, Minas d’Meia Ponte*. Este documento foi elaborado em 1818 pelo Tenente Coronel Joaquim Alves de Oliveira, figura proeminente na capitania/província conhecido por ocupar cargos políticos e administrativos de destaque, além de ser o idealizador do periódico Matutina Meiapontense e proprietário do Engenho São Joaquim (atual Fazenda Babilônia), o mais importante da região.

De acordo com a documentação acima, as propriedades rurais estavam distribuídas em quatro categorias principais: chácaras (1 unidade), sítios (258 unidades), engenhos (7 unidades) e fazendas (6 unidades), localizados nas regiões da Capela do Corumbá, Mato Grosso (estrada para Vila Boa) e Capela do Rio do Peixe (estrada para Traíras). As dimensões dessas propriedades mostram significativas variações: enquanto a menor propriedade registrada media 10 x 10 braças<sup>22</sup> (Sítio do Mar e Guerra, de Maria Soares Pereira), a maior propriedade apresentava a dimensão de 9.000 x 9.000 braças (Sítio da Farinha de São João, do Tenente João Leite Pereira). Curiosamente, engenhos e fazendas apresentavam medidas aproximadas às dos sítios, o que, conforme explica Funes<sup>23</sup>, indica que a distinção entre essas tipologias não se baseava exclusivamente no tamanho, mas principalmente no uso econômico da terra – os engenhos voltados à produção de açúcar e outros derivados da cana, as fazendas à

---

<sup>17</sup> OLIVEIRA, Adriana Mara Vaz de – **Uma ponte para o mundo goiano do século XIX: um estudo da casa meia-pontense**. Goiânia: Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico Teixeira, 2001.

<sup>18</sup> OLIVEIRA, Adriana Mara Vaz de – **Fazendas Goianas: a casa como universo de fronteira**. Goiânia: Editora UFG, 2010.

<sup>19</sup> FUNES, Eurípedes Antônio – **Goiás 1800 – 1850: um período de transição da mineração à agropecuária**. Goiânia: Editora da UFG, 1986.

<sup>20</sup> JAYME, Jarbas – **Famílias Pirenopolinas**. Goiânia: Editora UFG, 1973.

<sup>21</sup> SAINT-HILAIRE, Auguste de – **Viagem à província de Goiás**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1975.

<sup>22</sup> A título de informação, uma braça equivalente à 2,20 m.

<sup>23</sup> FUNES, Eurípedes Antônio – **Goiás 1800 – 1850: um período de transição da mineração à agropecuária**. Goiânia: Editora da UFG, 1986. 103, 104.

pecuária, e os sítios a atividades agrícolas diversificadas. Dito isso, verifica-se que a produção de gado e de derivados de cana não era o forte na região.

Além das características fundiárias, o documento registra valiosas informações sobre a organização produtiva e social dessas propriedades, incluindo: a presença ou ausência de escravizados, a existência de agregados e administradores, e o grau de aproveitamento das terras – classificadas como "parte cultivada", "cultivada" ou "toda cultivada". Esses dados permitem compreender não apenas a estrutura fundiária da região, mas também vislumbrar as dinâmicas socioeconômicas e que marcavam o cotidiano da Freguesia de Meia Ponte no período colonial tardio.

Um dado relevante apontado no documento diz respeito às diferentes formas de acesso à propriedade, podendo ser por sesmaria, posse, herança, empréstimo, dádiva, dote, esmola e compra. Importante destacar que esse registro é anterior à Lei de Terras de 1850, que estabeleceu novas diretrizes para a ocupação territorial no Brasil. A partir da promulgação dessa lei, o acesso às terras devolutas só seria permitido mediante compra ao Estado, marcando uma significativa mudança no regime de propriedade fundiária no país.

Quanto à titularidade das terras das 272 propriedades rurais da Freguesia de Nossa Senhora do Rosário de Meia Ponte, constatamos que, diferente do registrado na *Décima Urbana*, nenhuma irmandade foi registrada como proprietária rural. A distribuição das propriedades revela uma predominância masculina: 222 dos bens cadastrados estavam registradas em nome de homens, enquanto 42 pertenciam às mulheres enquanto. As oito propriedades restantes eram de grupos variados, como herdeiros ou sociedades comerciais.

No que concerne aos 308 imóveis urbanos arrolados na *Décima Urbana* de 1819, 169 propriedades estavam registradas em nome de homens, 131 pertenciam a mulheres e os oito imóveis restantes distribuíam-se entre instituições religiosas como irmandades e uma sede do Hospício dos Esmoleres da Terra Santa, que estava arruinada. Reflexo do êxodo urbano, apenas 42% das casas do arraial naquele ano estavam ocupadas, ao passo que 12% foram cadastradas como imóveis desocupados e o restante, totalizando 46% já estavam arruinados<sup>24</sup>.

Cotejando essas duas fontes, identificamos cinco mulheres que detinham simultaneamente bens de raiz no arraial, como fora dos limites do intraurbano. Vamos analisar os perfis dessas proprietárias, que vivenciavam a dinâmica campo-cidade durante o processo de reconfiguração socioeconômica de Meia Ponte nas primeiras décadas do século XIX.

### As proprietárias

A chegada ao arraial de Meia Ponte vindo de Vila Boa apresentava um cenário de desolação, visto que apenas 4 das 26 casas da Rua do Curral estavam ocupadas. Os demais imóveis estavam desabitados (3) ou arruinados (19), segundo dados da *Décima Urbana* de 1819. Ao transpor o Córrego Lava-pés e adentrar a Rua das Bestas, registrava-se uma situação melhor, por apresentar uma taxa de ocupação maior. Nessa rua estava a casa de Joanna Maria Freire,

---

<sup>24</sup> MOURA, Nádia Mendes de. *Sertões de mar a mar: Goyazes em suas filigranas (c. 1726 - 1830)*. São Paulo, 2018. 381. Tese de Doutorado.

que constava como arruinada na *Décima Urbana*. Um fato curioso diz respeito à informação disponibilizada no *Relação dos Habitantes Situados no termo da Freguesia d’Nossa Senhora do Rozario*, que diz que Joanna vivia no arraial, embora seu imóvel tenha sido cadastrado sem condições de habitabilidade. Como a casa n. 42 na Rua das Bestas estava arruinada, uma outra hipótese é que Joana vivia em outro lugar com algum amigo ou familiar. Ela herdou um sítio (cujo nome está ilegível no documento) de número 193, com dimensões de 375 x 375 braças. Localizado na região do Mato Grosso (caminho para Vila Boa), o sítio estava todo cultivado, embora não houvesse o cadastro de escravizados na propriedade.

Os dados referentes ao caso de Maria da Penha estão mais coerentes, ao cruzar os dados da *Relação dos Habitantes Situados no termo da Freguesia d’Nossa Senhora do Rozario* e da *Décima Urbana*. A primeira fonte registra sua residência no Sítio do Pedregulho (n. 265), na região da Capela do Rio do Peixe. Fruto de herança, o sítio de 350 x 1250 braças estava cultivado, mesmo sem contar com a mão de obra escravizada. Não foi encontrada na *Décima Urbana* cadastro no nome de Maria da Penha, entretanto há um registro de uma certa Gertrudes Maria da Penha, que poderia ser a mesma pessoa (o fiscal da décima pode omitir algum nome no cadastro de um ano para o outro). A casa, localizada na Rua da Prata (n. 269), embora registrada como desabitada na *Décima Urbana*, mantinha-se em condições habitáveis – fato que sugere tratar-se de uma das chamadas “casas de domingo”, prática comum em arraiais mineradores desta época. Essa interpretação encontra respaldo na observação do naturalista Auguste de Saint-Hilaire<sup>25</sup> durante sua visita a Meia Ponte em 1818, quando apontou que “a maioria dos habitantes de Meia-Ponte se dedica à agricultura e como só vão ao arraial aos domingos, as casas permanecem vazias durante toda a semana”.

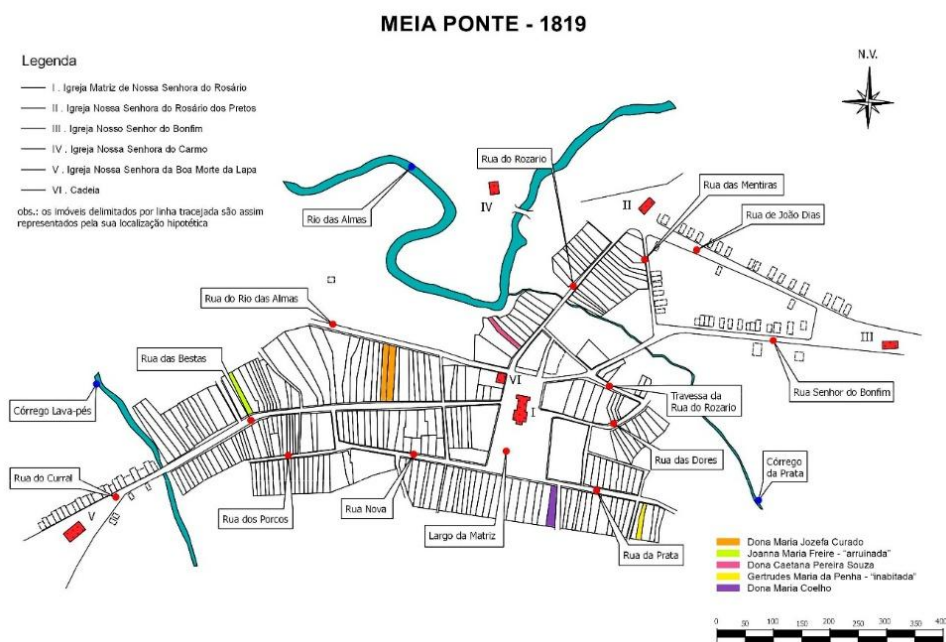


Figura 1 – Mapa hipotético do arraial de Meia Ponte em 1819. Elaborada pela autora.

<sup>25</sup> SAINT-HILAIRE, Auguste de – **Viagem à província de Goiás**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1975. 37.

Entre as mulheres mais ricas em Meia Ponte, o destaque vai para Dona Caetana Pereira Souza<sup>26</sup>. Ela era proprietária de dois sítios na Freguesia do Rosário de Meia Ponte, ambos na região da Capela do Rio do Peixe, além de uma casa na Rua do Rozario (n. 139), próxima ao Largo da Matriz. Foi casada com o capitão Antônio Borges de Carvalho, que também exerceu cargo de juiz ordinário, falecido em 1803<sup>27</sup>. Dona Caetana era irmã do Padre Manoel Pereira de Souza, um dos redatores do jornal *Matutina Meiapontense*, cujo principal editor era o padre Luiz Gonzaga de Camargo Fleury. Ambos eram parceiros políticos de Joaquim Alves de Oliveira.

O Sítio Encruzilhada (n. 271), o maior deles com 1500 x 1500 braças, foi recebido de herança, ao passo que o Sítio da Raizama (n. 262) foi comprado por Dona Caetana e possuía 750 x 750 braças. Ambas as propriedades eram produtivas, mesmo que não tenham sido registrados escravizados em nenhuma delas. Naquela época a mão de obra escravizada ainda era muito utilizada, embora tenha havido uma retração significativa no século XIX. De acordo com Funes<sup>28</sup>, as figuras do vaqueiro, camarada, agregado e outros trabalhadores livres surgiram com o fortalecimento da economia agropastoril, o que justifica o número reduzido de escravizados, em especial entre pessoas com maior poder aquisitivo. A documentação *Relação dos Habitantes Situados no termo da Freguesia d’Nossa Senhora do Rozario* confirma que Dona Caetana vivia no arraial, muito provavelmente na casa de sua propriedade na Rua do Rozario, identificada como uma das mais valorizadas de Meia Ponte em 1819<sup>29</sup>.

Outra moradora integrava a vizinhança do Largo da Matriz: Dona Maria Coelho, proprietária de uma casa na Rua Nova (n. 255) e de um sítio localizado na região da Capela do Rio do Peixe. Ao se analisar a documentação cartorial, foi identificada uma certa Maria Coelho de Siqueira, proprietária do Sítio Castelo (inventariada em 1837), propriedade de mesmo nome daquela mencionada na *Relação dos Habitantes Situados no termo da Freguesia d’Nossa Senhora do Rozario*. Ainda assim, cabe esclarecer que o sobrenome Siqueira, atribuído à Dona Maria, não foi encontrado nem no arrolamento das terras da freguesia, tampouco na *Décima Urbana*, apenas na documentação cartorial.

A genealogia da família Coelho de Siqueira (ou Coelho de Magalhães) foi levantada por Jarbas Jayme<sup>30</sup> e remonta à união de Martinho Coelho de Siqueira, natural da Capitania de São Paulo, com Mariana Vieira de Magalhães, natural do arraial de Santa Luzia (atual Luziânia). Martinho Coelho iniciou a extração do ouro em 1788, na região atualmente conhecida por Caldas Novas, importante destino turístico goiano por suas águas termais, “descobertas” por ele em 1777 – o desencadeou na sua povoação. Não se sabe ao certo

---

<sup>26</sup> A designação *dona* referia-se a mulheres brancas de origem nobre, abrangendo viúvas, esposas ou filhas de personalidades importantes na estrutura de poder local.

<sup>27</sup> JAYME, Jarbas – **Famílias Pirenopolinas**. Goiânia: Editora UFG, 1971. 413.

<sup>28</sup> FUNES, Eurípedes Antônio – **Goiás 1800 – 1850: um período de transição da mineração à agropecuária**. Goiânia: Editora da UFG, 1986. 139, 141.

<sup>29</sup> MOURA, Nádia Mendes de. **Sertões de mar a mar: Goyazes em suas filigranas (c. 1726 - 1830)**. São Paulo, 2018. 394. Tese de Doutorado.

<sup>30</sup> JAYME, Jarbas – **Famílias Pirenopolinas**. Goiânia: Editora UFG, 1971. VI. II. 112.

quando o casal migrou para Meia Ponte, mas é sabido que Martinho faleceu naquela localidade, deixando nove filhos.

Umas das filhas era Maria Coelho de Magalhães, casada com o portuense Manuel Rodrigues dos Santos e identificada por Jayme<sup>31</sup> como proprietária da Fazenda Castelo. Como o documento cartorial fazia menção a uma certa Maria Coelho de Siqueira, aprofundamos a investigação e localizamos uma pessoa com esse nome na mesma família: tratava-se de uma sobrinha de Maria Coelho de Magalhães e neta do casal Martinho Coelho de Siqueira e Mariana Vieira de Magalhães. Considerando que Maria Coelho de Siqueira era muito jovem, visto que foi batizada em Santa Cruz em 1803, estamos considerando Maria Coelho de Magalhães como a provável proprietária do Sítio Castelo.

Embora Dona Maria possuísse um imóvel registrado na *Décima Urbana* de 1818 situado na Rua Nova (n. 255), o documento intitulado *Relação dos Habitantes Situados no termo da Freguesia d’Nossa Senhora do Rosario* atesta que Dona Maria vivia no sítio. A propriedade, adquirida por meio de compra, media de 1500 x 1500 braças, encontrava-se parcialmente cultivada e contava com onze escravizados para sua manutenção. Entre as mulheres mencionadas nesse documento, apenas ela e Dona Mariana de Magalhaens Pereira<sup>32</sup>, proprietária do Engenho São Benedito (também localizado na Capela do Rio do Peixe) possuíam a mesma quantidade de escravizados cadastrados. No conjunto de mulheres proprietárias, somente uma superava essa quantidade: Izabel da Cunha, coproprietária do Sítio das Duas Pontes, localizado na Capela do Corumbá, que, junto a herdeiros não nomeados, detinha treze escravizados. De um total de 272 propriedades arroladas, apenas dez contavam com mais de treze escravizados, sendo digno de destaque o Engenho de São Joaquim, pertencente ao Capitão Comandante Joaquim Alves de Oliveira, que possuía 86 escravizados em sua propriedade em 1818.

Seguindo a trajetória de outras influentes donas meiapontenses, Maria Jozefa Curado era proprietária de dois imóveis vizinhos na Rua das Bestas (n. 19 e 20) em 1818, além de ser listada como proprietária do sítio do Bonfim. Dona Maria foi batizada em Meia Ponte em 1754 e ali faleceu 71 anos depois. Filha de uma das famílias mais tradicionais de Pirenópolis e região, destacavam-se entre seus irmãos<sup>33</sup> Ana Timótea Curado (casada com o português Sargento Mor Antonio Joze de Campos, responsável pela construção da Igreja de Nosso Senhor do Bonfim) e o tenente-general Joaquim Xavier Curado, que seguiu carreira militar reconhecida pelo Império, sendo agraciado com o título de Conde de São João das Duas Barras<sup>34</sup>. Dona Maia Jozefa Curado casou-se com o comendador português Luiz Alves de

---

<sup>31</sup> JAYME, Jarbas – **Famílias Pirenopolinas**. Goiânia: Editora UFG, 1971. VI. II. 112.

<sup>32</sup> Nome parecido com a mãe de Dona Maria Coelho: Mariana Vieira de Magalhães. Jarbas Jayme atesta que Martinho Coelho de Siqueira teria sido o primeiro dono do Engenho São Benedito, propriedade de mesmo nome de Dona Mariana de Magalhaens Pereira.

<sup>33</sup> Filhos do tenente José Gomes Curado, português, com a mineira Maria Cerqueira D’Assunção (JAYME, 1973, p. 163).

<sup>34</sup> JAYME, Jarbas – **Famílias Pirenopolinas**. Goiânia: Editora UFG, 1971. 163, 165.



Amorim, com quem teve filhos<sup>35</sup>. Não foi encontrada nenhuma propriedade em nome do comendador, apenas de Dona Maria Jozefa.

O Sítio do Bonfim (n. 141) foi adquirido por compra e estava localizado na região do Mato Grosso, estrada que levava à Vila Boa. O sítio media 3000 x 3000 braças, encontrava-se totalmente cultivado e era mantido por nove escravizados. Embora o documento *Relação dos Habitantes Situados no termo da Freguesia d’Nossa Senhora do Rozario* indique que dona Maria Jozefa residia em seu sítio na região do Mato Grosso, a *Décima Urbana* registra que as duas casas vizinhas em seu nome estavam “habitadas”. Como não estavam alugadas, é bastante provável que fossem utilizadas diretamente pela proprietária, possivelmente de forma semelhante ao que se verificava em Vila Boa<sup>36</sup>, onde mulheres de diferentes camadas sociais costumavam manter um de seus imóveis como residência e destinar o outro a atividades comerciais, como tavernas. Este caso ilustra a participação ativa das mulheres na economia local.

Após esse breve balanço, podemos comparar a dinâmica das mulheres meiapontenses com a de outras de regiões distintas, como as fazendeiras de gado dos sertões do norte ou as senhoras de engenho de Itu. Nas capitanias de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará, era comum que mulheres solicitassem sesmarias em seu nome tendo em mente ampliar o patrimônio familiar<sup>37</sup> ou motivada por interesses próprios, para garantir para si terra para seu usufruto e ascensão social ou pensando em um futuro dote. Era comum nessas regiões que as mulheres tivessem outras como sucessoras, possibilitando assim a manutenção das terras em nome de mulheres<sup>38</sup>. No universo analisado neste artigo no documento *Relação dos Habitantes Situados no termo da Freguesia d’Nossa Senhora do Rozario*, as mulheres arroladas em 1818 obtiveram as suas propriedades por meio de compra, posse, herança, doação e empréstimo – o que não quer dizer que no início da ocupação daquele território não tenha havido mulheres solicitando sesmarias naquela região.

O caso das proprietárias de Meia Ponte alinha-se ao das senhoras do açúcar de Itu, tendo em vista sua participação na dinâmica econômica da época, especialmente na virada do século XVIII para o XIX. Mesmo que a região fosse marcada por um forte caráter patriarcal, as proprietárias de engenho de Itu – que concentravam 22% do total de engenhos cadastrados em 1818 –<sup>39</sup>, muitas vezes assumiam a condução dos negócios, administrando seus estabelecimentos em um momento de ascensão da produção açucareira. Eram viúvas,

---

<sup>35</sup> JAYME, Jarbas – **Famílias Pirenopolinas**. Goiânia: Editora UFG, 1971. 167.

<sup>36</sup> MOURA, Nádia Mendes de – As taverneiras na dinâmica urbana da cidade de Goiás no século XIX. **Thésis**. Rio de Janeiro: Anparq. V. 9, n. 17, 2024. 6.

<sup>37</sup> De acordo com o Código Filipino ou Ordenações e leis do Reino de Portugal, caso uma mulher solicitasse uma sesmaria e fosse atendida, a metade daquele bem ficava com seu marido, caso fosse casada. O mesmo valia no caso da solicitação partindo do marido.

<sup>38</sup> ALVEAL, Carmen; FONSECA, Marcos Arthur – Flores do sertão: mulheres das Capitanias do Norte e suas estratégias para assegurar seu quinhão de terras (1650 – 1830). In MORGA, Antônio Emílio – **História das mulheres do norte e nordeste brasileiro**. São Paulo: Alameda, 2015. 143.

<sup>39</sup> ALMEIDA, Joseph Cesar Ferreira de. **Entre engenhos e canaviais: senhoras do açúcar em Itu (1780-1830)**. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. 120 p. Dissertação de mestrado. 44.

órfãs, mulheres solteiras ou casadas<sup>40</sup>, que conciliavam o trabalho na roça com os cuidados com a família. Como a região abastecia o mercado interno e externo, predominava a existência de latifúndios monocultores, concentrados nas mãos de uma elite, o que gerava um abismo social<sup>41</sup>. Para essa pesquisa foram mobilizados inventários, testamentos e maços de população daquela localidade.

### Considerações finais

Ao trabalharmos com a amostragem de cinco mulheres proprietárias de bens de raiz, com influência tanto no campo como na cidade, a pesquisa buscou problematizar os papéis de gênero impostos pela historiografia tradicional ao período colonial. A análise das fontes primárias permitiu-nos observar essas mulheres atuando em outras frentes, para além das atividades estritamente domésticas.

As fontes consultadas, no entanto, não possibilitam uma avaliação mais aprofundada de questões muito importantes, como a racial. Ainda assim, a documentação indica que mulheres de diferentes classes sociais eram proprietárias de imóveis urbanos e rurais. Essas nuances tornam-se perceptíveis, por exemplo, nos valores cobrados pela *Décima Urbana* – imposto diretamente vinculado ao preço de avaliação dos imóveis –, bem como pela extensão das terras e pela quantidade de trabalhadores escravizados vinculados a cada propriedade na freguesia. A documentação *Relação dos Habitantes Situados no termo da Freguesia d’Nossa Senhora do Rozario* revela grande variedade nesse sentido, o que se fez presente na amostragem trabalhada nesse artigo.

Dos sítios estudados, todos apresentavam algum grau de produtividade, embora a fonte não informe qual era o produto cultivado. Ainda assim, fica registrada a heterogeneidade das figuras femininas que animavam aquela freguesia: mulheres que circulavam pelo arraial de Meia Ponte e pelos sertões da Capela do Rio do Peixe, da região do Mato Grosso e da Capela do Corumbá.

Administrando com suas próprias mãos ou contando com o apoio de outras pessoas, o fato é que essas mulheres – assim como tantas outras na colônia – constituíam-se como agentes sociais naquele período, participando ativamente da economia local com suas propriedades produtivas, em um momento singular da história de Pirenópolis. No âmbito do intraurbano, mesmo não sendo o caso das cinco mulheres analisadas neste artigo, a documentação da *Décima Urbana* revela a presença de mulheres alugando suas casas – muitas vezes para outras mulheres – contribuindo para o dinamismo da economia local.

Dessa forma, ao tratarmos da relação entre mulheres e suas propriedades, reconhecemos que o direito à propriedade, além de representar uma conquista jurídica, constitui também um instrumento de autonomia e dignidade. Trata-se de uma ferramenta de afirmação da atuação feminina ao longo da história, evidenciada no exercício de atividades diversas, como a rentista e a agrária.

---

<sup>40</sup> Inclusive de maridos ausentes, que seguiram para as regiões de mineração.

<sup>41</sup> ALMEIDA, Joseph Cesar Ferreira de. **Entre engenhos e canaviais: senhoras do açúcar em Itu (1780-1830)**. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. 120 p. Dissertação de mestrado.



## Bibliografia

ALVEAL, Carmen; FONSECA, Marcos Arthur – Flores do sertão: mulheres das Capitanias do Norte e suas estratégias para assegurar seu quinhão de terras (1650 – 1830). In MORGA, Antônio Emílio – **História das mulheres do norte e nordeste brasileiro**. São Paulo: Alameda, 2015.

ALMEIDA, Joseph Cesar Ferreira de. **Entre engenhos e canaviais: senhoras do açúcar em Itu (1780-1830)**. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. 120 p. Dissertação de mestrado.

CÓRDOBA RAMÍREZ, Irina; MARINO, Daniela. Cambio institucional, derechos de propiedad. **Estudios de Historia Moderna y Contemporánea de México**. Número especial, mayo 2025, pp. 5-22.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva – **Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

FUNES, Eurípedes Antônio – **Goiás 1800 – 1850: um período de transição da mineração à agropecuária**. Goiânia: Editora da UFG, 1986.

JAYME, Jarbas – **Famílias Pirenopolinas**. Goiânia: Editora UFG, 1973.

LEPETIT, Bernard – **Por uma nova história urbana: seleção de textos, revisão crítica e apresentação Heliana Angotti Salgueiro**. São Paulo: EDUSP, 2001.

KARASCH, Mary – Concubinato e Casamento na Capitania de Goiás. In [SILVA, Maria Beatriz Nizza da (coord.)] **Sexualidade, Família e Religião na Colonização do Brasil**. Lisboa: Livros Horizonte, 2001.

MOURA, Nádia Mendes de – **Sertões de Mar a Mar - Goyazes em suas filigranas (c. 1726 - 1830)**. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. 556 p. Tese de doutorado.

MOURA, Nádia Mendes de – As taverneiras na dinâmica urbana da cidade de Goiás no século XIX. **Thésis**. Rio de Janeiro: Anparq. V. 9, n. 17, 2024, p. 106-118.

MOURA, Nádia Mendes de – Mulheres e imóveis urbanos na Vila Boa do século XIX: por outras narrativas de história da cidade. In **Anais do XVII Seminário de História da Cidade e do Urbanismo**. Belo Horizonte: Escola de Arquitetura da UFMG, 2022.

OLIVEIRA, Adriana Mara Vaz de – **Uma ponte para o mundo goiano do século XIX: um estudo da casa meia-pontense**. Goiânia: Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico Teixeira, 2001.

OLIVEIRA, Adriana Mara Vaz de – **Fazendas Goianas: a casa como universo de fronteira**. Goiânia: Editora UFG, 2010.

PARENTE, Temis Gomes – **O Averso do Silêncio: vivências cotidianas das mulheres do século XIX**. Goiânia: Editora da UFG, 2005.

SAINT-HILAIRE, Auguste de – **Viagem à província de Goiás**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1975.

SAMARA, Eni de Mesquita – **Família e vida doméstica no Brasil, do engenho aos cafezais**. São Paulo: Humanitas, 1999.

SILVA, Murilo Borges - Maria Escolástica e Joaquina de Tal: corpos negros, transgressores e insubmissos em Goyaz - século XIX. *In Fazer história em seus múltiplos contextos e espacialidades: experiências de pesquisas contemporâneas sobre teoria e mídias*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022, pp. 110-129.

**Arquivo Histórico do Estado de Goiás (Goiânia - GO)**

*Relação dos Habitantes Situados no termo da Freguesia d’Nossa Senhora do Rozario, Minas d’Meia Ponte, Comarca de Villa boa d’Goyas*. Documentação Avulsa I. Caixa 9 - Pacote 2.

**Arquivo do MUBAN – Museu das Bandeiras (Goiás - GO)**

*Lançamento da Décima e Receita de Meia Ponte* – Caixa 20.

# **O bairro do Malforo e a expansão extramuros em Tavira. Contributo para a história da casa na história da cidade**

**Sandra Romba**

CEAACP/ Universidade do Algarve

[sandraromba@gmail.com](mailto:sandraromba@gmail.com)

**Miguel Reimão Costa**

CEAACP/ Universidade do Algarve e CAM

[mrcosta@ualg.pt](mailto:mrcosta@ualg.pt)

**Resumo:** O presente artigo incide sobre um dos antigos arrabaldes de Tavira, o bairro do Malforo, situado a sul-sudeste do núcleo intramuros da cidade, a partir da leitura e interpretação da sua localização, características sociais, morfologia urbana e arquitetura doméstica. O estudo parte de um conjunto multidisciplinar de fontes bibliográficas e de documentação histórica de diferentes Arquivos, incluindo cartografia, manuscritos referentes às décimas e a diversas escrituras, ou ainda acervos fotográficos e relatórios recentes de arqueologia. De entre a documentação consultada, será dada especial atenção aos processos de licenciamento de obras datados de meados do século XX, à guarda do Arquivo Municipal de Tavira (AMTAV). Trata-se de documentação relativa sobretudo a projetos de alterações de construções preexistentes que foram submetidos pelos proprietários junto dos serviços municipais. O objetivo é documentar os critérios e os modos de alteração da arquitetura doméstica em Tavira em termos formais, espaciais e estruturais. Numa primeira parte, serão considerados alguns aspetos relacionados com a história e o assentamento dos diferentes povos ao longo do tempo em Tavira, no contexto do litoral do Algarve, considerando a importância do território físico, na génese, morfologia e fases de urbanização. Na segunda parte do artigo serão apresentados alguns dados para entender a origem e localização do bairro do Malforo, incluindo uma breve reconstituição da estrutura social e a caracterização da sua morfologia urbana. A terceira parte compreende a caracterização das diversas tipologias da arquitetura tradicional presentes no bairro. Este projeto de investigação procura, assim, contribuir para o conhecimento mais aprofundado da arquitetura doméstica do Algarve, a partir da análise de documentação vária datada de um período que se estende do século XVIII a meados do século XX.

**Palavras-chave:** paisagem urbana histórica, arquitetura doméstica, processos de obras, cartografia histórica, Algarve

## Introdução

Tavira está situada no sul de Portugal, no litoral do Sotavento algarvio, constituindo uma cidade de estuário, atravessada pelo rio Gilão, beneficiando historicamente do seu porto abrigado. O rio resulta da confluência de várias ribeiras com origem na Serra do Algarve e desagua num canal entre sapais e uma restinga de areia, marcando no passado, no limite de navegação, o sítio da cidade, em terrenos calcários de encosta<sup>1</sup>. O termo de Tavira era caracterizado pela proximidade das unidades do Litoral, Barrocal e Serra, e confinado, em termos administrativos, a norte, com Alcoutim, a este, com Vila Real de Santo António e Castro Marim, a sudoeste com Olhão, a oeste com São Brás do Alportel, a noroeste com Loulé e a sul com o Oceano Atlântico.

Com este artigo, pretende-se contribuir para a caracterização da arquitetura doméstica de Tavira, a partir do estudo de caso do bairro do Malforo, privilegiando a interpretação de um conjunto de dezasseis projetos de habitação compreendido entre 1913 e 1969, existente no AMTAV. Em termos metodológicos, a seleção destes casos considerou critérios relacionados com a sua distribuição na estrutura urbana para, de seguida, se proceder à sua análise comparativa, a partir de parâmetros de ordem espacial, formal e construtiva. A análise dessa documentação foi cruzado com outras fontes, anteriores ou coevas, como cartografia, documentação manuscrita e acervos fotográficos provenientes de diversos arquivos. Paralelamente também se procedeu à pesquisa bibliográfica de enquadramento, considerando informação histórica, económica e social do contexto de estudo, que incluiu os relatórios de escavações arqueológicas. Esta abordagem permitiu delimitar o bairro e compreender diferentes momentos da sua ocupação, bem como, caracterizar as diversas arquiteturas presentes, registando semelhanças e discrepâncias entre si. Deste modo, privilegiando a documentação do segundo e terceiro quartéis do século passado, é possível identificar os temas da transformação da habitação corrente, considerando critérios tipológicos, organizacionais e construtivos.

Este trabalho inscreve-se num projeto de investigação de doutoramento, com o objetivo de identificar, mapear e caracterizar a arquitetura doméstica corrente no contexto urbano do Algarve, através da sua descrição formal e funcional, tentando, desse modo, aferir as dinâmicas de uso e de construção do edificado à época.

## A história e a paisagem de Tavira

O assentamento mais antigo de Tavira remonta à Idade do Bronze, situando-se na colina de Santa Maria com elevação de cerca de 30 metros, sobranceiro à margem direita do rio. Esse sítio é retomado na época islâmica no século XI com exposição sul-sudeste<sup>2</sup>. No decurso dessa ocupação, em meados do século XII, Tavira é marcada por um processo de expansão urbana, passando de alcaria a medina. Mais tarde, após a conquista cristã em 1242, verifica-se a continuidade desse processo que, no final do século, se traduziria numa área amuralhada de cerca de cinco hectares. No decurso dos séculos XIV, XV e XVI, a atividade comercial e marítima, registada pelo seu porto, manifesta-se num acentuado

---

<sup>1</sup> RIBEIRO, Orlando, **Geografia e Civilização**, Temas Portugueses, Lisboa: Livros Horizonte, [s.d.]. P.79.

<sup>2</sup> Entre os séculos IV a.C. e I a.C. na sequência da presença romana no sul peninsular, não se verificam vestígios dessa presença em Tavira, em oposição a Balsa, uma das grandes cidades do sul da Lusitânia, situada a cerca de 5km a poente. Contudo, o declínio deste importante centro urbano, a partir do século VI, marca o (re)nascimento de Tavira. COVANEIRO, Jaquelina e CAVACO, Sandra, *Evolução do espaço urbano da cidade de Tavira: Resultados preliminares*, **Scientia Antiquitatis**, Atas do III Congresso Internacional de Arqueologia de Transição - Estratégias de Povoamento: Do Período Romano ao Mundo Contemporâneo, Vol. 1, nº2, 2017. P.220.

desenvolvimento económico e na consolidação do processo de crescimento urbano<sup>3</sup>. Depois da conquista de Ceuta em 1415, beneficiando da proximidade com Marrocos, Tavira passa a ter um papel importante face ao apoio prestado no contexto marítimo tornando-se o porto com maior movimento no Algarve<sup>4</sup>. No ano de 1520 foi elevada a cidade por D. Manuel, tornando-se a principal de todo o reino do Algarve. A partir de meados do século XVI, perde alguma relevância para Lagos, no quadro do recuo das posições portuguesas do Norte de África, situação essa que se agrava com o assoreamento do rio Gilão e da sua barra<sup>5</sup>. Em qualquer caso, em 1577, Frei João de São José caracteriza Tavira enquanto “cidade marítima muito bem assentada”<sup>6</sup>, o que remete para a sua importância, por exemplo, em termos demográficos, face a outras sedes de concelho do Algarve. De facto, em 1527, constitui o centro urbano com maior número de fogos (1567 fogos), posição que não mantém em 1617 – quando perde o lugar para Faro – e que retoma em 1722 (com 1563 fogos)<sup>7</sup>.

A importância de Tavira beneficia também das condições favoráveis para a produção agrícola da sua paisagem concernente. Henrique Sarrão pelos anos de 1600 enfatiza a importância especial das culturas irrigadas e dos pomares de sequeiro. “É Tavira muito viçosa, abundante e fértil assim de muitas frutas e hortaliza, como de muitas águas, fontes, e de muitos poços, que há pela cidade. [...] E de todas as partes tem a cidade muitas hortas, pomares, olivais, amendoais e figueiras, e há grande carregação de figo, azeite e amêndoa para fora.”<sup>8</sup> Alexandre Massai retoma essa descrição em 1614 descrevendo os arredores da cidade, afirmando que “[...] da parte da terra do leste, oeste e norte são tudo outeiros e vales frutíferos dos frutos já ditos, arvoredos, vales e muitas quintas povoadas de modo que os inimigos com muito risco seu podem vir a ela”<sup>9</sup>.

No quadrante oposto, a paisagem de Tavira distingue-se ainda pela riqueza e diversidade ambiental, ecológica, biológica e cultural da ria Formosa e, num segundo plano, pela importância histórica da atividade piscatória e das almadras de atum. Para lá da sua importância hidrográfica, o rio Gilão assume-se, nesse quadro de relações, como elemento fundamental da paisagem urbana histórica. De facto, outra das particularidades reconhecidas em Tavira é ter um rio que, como Roma e Sevilha, divide a cidade em duas partes. Como parafraseia Frei João de São José “[...] e passa-lhe um braço de mar pelo meio, uma légua adiante, o qual [43] lhe dá muita graça e frescura, e tem sua ponte, por onde os moradores se comunicam sem enfadamento”, para acrescentar depois que há “[...]”

---

<sup>3</sup> *Ibidem*. Pp.219-221.

<sup>4</sup> RIBEIRO, Orlando, **Geografia e Civilização**, Temas Portugueses, Lisboa: Livros Horizonte. [s.d.]. Pp.82 e 85.

<sup>5</sup> CAVACO, Carminda, **O Algarve Oriental, As vilas, o campo e o mar**. Faro: Gabinete do planeamento da região do Algarve, 1976. Pp.58-59.

<sup>6</sup> LOUREIRO, Rui Manuel e PEREIRA, Daniela Nunes, **Corografia do reino da Algarve (1577)**. Faro: Direção Regional de Cultura do Algarve/Projeto Magallanes ICC, 2023. P.84.

<sup>7</sup> MAGALHÃES, Joaquim Romero de, **O Algarve económico 1600-1773**, Lisboa: Imprensa Universitária Editorial estampa, 1988. P.110.

<sup>8</sup> GUERREIRO, Manuel Viegas e MAGALHÃES, Joaquim Romero, **Duas descrições do Algarve do século XVI**, Cadernos da Revista de História Económica e Social nº3, Lisboa: Sá da Costa Editora, 1983. P.166.

<sup>9</sup> Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Casa de Cadaval nº29, **Descrição e Plantas da Costa, dos Castelos e Fortalezas, desde o Reino do Algarve até Cascais, da Ilha Terceira, da Praça de Mazagão, da Ilha de Santa Helena, da Fortaleza da Ponta do Palmar na entrada do Rio de Goa, da Cidade de Argel e de Larache**, [1617] Alexandre Massai.

continuamente pescadores neste rio, e toma-se nele todo [o] género de peixe e de marisco, e tudo tão avantajado na bondade e sabor que [43v] facilmente se conhece.”<sup>10</sup>

### **Origem e circunstância do Bairro do Malforo**

A colina de Santa Maria constitui um local de ocupação histórica, desde a presença dos fenícios, onde sucessivos assentamentos beneficiaram da sua posição dominante sobre o rio Gilão, com funções defensivas e de controlo do comércio fluvial. Essa posição tem expressão no perímetro amuralhado da cidade e na presença do castelo de origem islâmica. No período cristão, a comunidade muçulmana passa a residir num arrabalde que se expande junto a uma das entradas das Portas do Postigo. Nos reinados de D. Dinis e D. Fernando, o perímetro é alargado, surgindo também outros núcleos fora de muralhas, como o Alto de São Francisco, as Tercenas<sup>11</sup> na margem direita do rio, a ocupação da margem esquerda, bem como, o desenvolvimento urbano ao longo do eixo principal definido pela rua do Malforo<sup>12</sup>. Esta nova realidade extramuros, que se consolida no período moderno, é bem documentada na cartografia histórica, como podemos confrontar na representação de Ferrari que remonta a 1650<sup>13</sup> (Figura 1), bem como na planta da cidade de Tavira de 1800 de Sande Vasconcelos (Figura 2). Malforo é, a par da Ribeira, um dos bairros de maior dimensão, situando-se ambos na margem direita do rio. Na margem esquerda, são também nomeados os bairros, de menor dimensão, da Asseca, Lagoa, Alto de S. Brás e S. Lázaro<sup>14</sup>.

---

<sup>10</sup> LOUREIRO, Rui Manuel e PEREIRA, Daniela Nunes, **Corografia do reino da Algarve (1577)**, Faro: Direção Regional de Cultura do Algarve/Projeto Magallanes\_ICC, 2023. P.88

<sup>11</sup> “Na génese do espaço ribeirinho [Ribeira] está o edifício das Tercenas, antigos armazéns destruídos em 1338 [...]” PEREIRA, Daniela Nunes, **Tavira entre os séculos XV e XVI: a construção da Ribeira in A Principal do Reino do Algarve – Tavira nos séculos XV e XVI**, Tavira: Museu Municipal de Tavira, Palácio da Galeria, 2020. P.158

<sup>12</sup> Para mais informação confrontar Ficha SIPA: Núcleo urbano da cidade de Tavira, Sistema de Informação para o Património Arquitetónico, Forte de Sacavém. [http://www.monumentos.gov.pt/site/app\\_pagesuser/sipa.aspx?id=10025](http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/sipa.aspx?id=10025)

Data da consulta: 23 de maio de 2025; SANTANA, Daniel e TEIXEIRA, Célia, A cidade do Museu – Memória e identidade do Centro Histórico de Tavira in AAVV, **Memória e Futuro. Património, Coleções e a Construção de um Museu para Tavira**. Tavira: Câmara Municipal de Tavira. 2014. Pp. 61-78

<sup>13</sup> Swedish Military Archives, and the Collection Foreign City and Fortress Plans, Portugal, Tavira, **Planta de la Ciudad de Tavilla**, [c.1650] Leonardo Ferrari.

<sup>14</sup> Direção-Geral do Território, Real e Geral Depozito das Cartas Marítimas, Escala [ca. 1:2 000]Tavira / Algarve. **Planta da cidade de Tavira**, [1800] José de Sande Vasconcelos. Cota CA396.





Figura 1- Planta da cidade de Tavira. Desenhada por Leonardo de Ferrari [c.1650]. Swedish Military Archives.



Figura 2 – Planta da cidade de Tavira [...] José de Sande Vasconcelos [1800]. Direção-Geral do Território (DGT). Legenda de alguns números: 4- Largo do Cano; 5- Fonte do cano; 6- Rua do Malforo; 12 – Porta antiga da cidade (porta do Postigo); 13- Poço da Mão Alta; 14- Largo de São Francisco; 15- Convento de São Francisco.



A grafia do topónimo Malforo não é constante nas diferentes fontes documentais cartográficas e bibliográficas balizadas entre os séculos XVI e XX que consultamos no AMTAV e no Arquivo da Misericórdia de Tavira (AMisTAV). No 1º Livro de Registo de 1732<sup>15</sup> anotamos as seguintes grafias para o bairro: *Malforo*, *Maoforo*, *Mal Foro*. Nos Livros de Lançamento das Décimas datados dos séculos XVIII e XIX a expressão aparece também com diferentes grafias: *Mao foro*, *Maoforo*, *Malforo*, *Mal-Foro* ou *Malfor*. Em contraponto, a grafia é sempre a mesma no Livro Apontador das Rendas do Hospital, com data de início de 1793, mas com referência a *Malforo* desde 1511.

No que diz respeito ao seu significado, Anica considera que o nome constitui uma corruptela de Mouro-Forro<sup>16</sup>. Embora o prefixo *Mao* – e *mal* – remeta para significado depreciativo, sabemos que os Mouros não constituíam “[...] aos olhos da população cristã, uma ameaça, ao contrário do que sucedia com os judeus, numérica, económica, financeira, cultural e socialmente muito mais relevantes”<sup>17</sup>. Podemos também recordar que um dos significados de forro é, como se refere no Dicionário de Bluteau, aquele “[...] que sai da escravidão, liberto; que não paga foro nem direitos, livre.”<sup>18</sup>

O significado do topónimo não pode ser dissociado da própria localização na área urbana. O bairro do Malforo é o arrabalde que está mais próximo da mouraria, integrando uma parte da mesma<sup>19</sup>. O nome aparece associado à designação de uma rua, correspondente à atual rua Dr. Miguel Bombarda<sup>20</sup> e estende-se também à designação do bairro<sup>21</sup>. De facto, na planta de Tavira da autoria de José de Sande Vasconcelos, Malforo aparece como legenda do bairro, sobre alguns quarteirões no seu centro, integrando parte da rua dos Mouros, da rua das Portas do Postigo e da rua dos Machados. Estas duas últimas ruas estruturam também um eixo fundamental, que dava acesso às Portas do Postigo, uma das entradas existentes para o espaço intramuros no período muçulmano e que após a reconquista constituiu a porta de acesso principal à mouraria<sup>22</sup>.

---

<sup>15</sup> De acordo com informação veiculado pelo Arquivo Municipal de Tavira contém traslado de documentos com datas de 1331 a 1761.

<sup>16</sup> ANICA, Arnaldo Casimiro, **Toponímia de Tavira**, Tavira: CMT. 2000. P.10. Data de 1269 o Foral dos Mouros Forros, concedido por D. Afonso III aos mouros de Silves, Tavira, Loulé e Santa Maria de Faro.

<sup>17</sup> TRINDADE, Luísa, **O Urbanismo na Composição de Portugal**, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. 2013. Pp.568-569.

<sup>18</sup> SILVA, António de Moraes, **Diccionario da lingua portugueza** composto pelo padre D. Rafael Bluteau / reformado, e acrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro. - Lisboa: na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789. - 2 vol. ; 2º (26 cm), p.630 <https://purl.pt/29264/2/>

<sup>19</sup> No **Plano de Reabilitação e Salvaguarda do Centro Histórico de Tavira de 1985, fase 1**, o Arq. José Lamas considera Malforo uma mouraria, um arrabalde na sequência da expulsão da população árabe para o exterior das muralhas, surgido no século XIV e consolidado no século X. Pp.46 e 47.

<sup>20</sup> A rua do Mal-foro: vai do largo da Alfeição até à rua de Santo Estevão passou a chamar-se rua Dr. Miguel Bombarda por decisão camarária de 7-11-1910 in ANICA, Arnaldo Casimiro, **Tavira e o seu termo - Memorando Histórico**, Tavira: Câmara Municipal de Tavira, 1993. P. 343.

<sup>21</sup> Para informação mais detalhada confrontar: CONCEIÇÃO, Margarida Tavares da, A polissemia da palavra bairro. Compilação de notas para o estudo do conceito do bairro, <https://www.estudoprevio.net/margarida-tavares-da-conceicao-a-polissemia-da-palavra-bairro/>, consultado a 23 de maio de 2025.

<sup>22</sup> DUARTE, Carlos e LAMAS, José, **Plano de Reabilitação e Salvaguarda do Centro Histórico de Tavira, fase 1**. -Estudos de planeamento e arquitetura, Lda.- Direção Geral do Equipamento Regional e Urbano. 1985. P.41.

De acordo com o 1º Livro de Registos de Tavira de 1732, o arrabalde do Malforo incluía ainda outras ruas e caminhos como, por exemplo, a Rua dos Carpinteiros<sup>23</sup> ou a Azinhaga de Maoforo<sup>24</sup>. A documentação em questão faz referência a outros dados geográficos, tais como o pagamento de foros do Alfeição e poço do Alimo<sup>25</sup>.

Para compreender a origem e a ocupação da área do Malforo, importa considerar informação diversificada. No Livro Apontador das Rendas do Hospital da Misericórdia de Tavira é mencionado, no ano de 1511, o pagamento de foros de casas na rua do Malforo. O arqueólogo Manuel Maia inscreve grande parte da área ocupada pela Rua D. Paio Peres Correia, Rua Miguel Bombarda, Rua das Portas do Postigo e Rua dos Mouros na forte expansão que ocorreu durante o período das Segundas Taifas e que incorporava também toda a área que corresponde à chamada Vila Adentro<sup>26</sup>. Refira-se por fim que, no âmbito do processo de obras relativo ao edifício do antigo Orfeão de Tavira, situado na Rua Dr. Miguel Bombarda nº38, foram realizadas escavações arqueológicas que corroboram um povoamento em Malforo durante o século XII. Desse trabalho foi elaborado um relatório final que revela um “[...] conjunto de estruturas habitacionais atribuíveis ao séc. XVI-XVII” e “duas estruturas [...] com o aparelho em espinha, tipicamente islâmico” que combinados com a presença de materiais de cronologia almóada atestam a presença nesse período<sup>27</sup>.

### Elementos documentais para a interpretação da estrutura social do Malforo

A “nobreza dos moradores” – a par da “grandeza da povoação” e do “solo do sítio” – é uma das “três excelências” que Frei João de São José distingue em Tavira<sup>28</sup>. A diversa documentação manuscrita e gráfica permite-nos apurar algumas das profissões de proprietários e inquilinos do Malforo e, desse modo, reconstituir o quadro social em Época Moderna, revelador de significativa heterogeneidade. A Planta da cidade de Tavira de Sande Vasconcelos distingue as habitações de ministros, médicos e letrados, as habitações de oficiais de milícias e as habitações dos oficiais da infantaria situadas, em especial, na atual rua Miguel Bombarda, pelas razões que mais adiante se verá. Os proprietários eram mareantes, pedreiros<sup>29</sup>, ministros, médicos, letrados, oficiais da

<sup>23</sup> AMTAV, **Livro de registo nº1**, 1732, fl.167v. Em relação à toponímia da rua, Arnaldo Anica na obra **Tavira e o seu termo**, p.343, refere o seguinte: A “Rua dos Machados - Rua da Porta do Postigo: vai da Porta do Postigo em direitura à parte superior da rua do Mal-Foro. A separação é feita pela rua dos Mouros. Machados porque ali trabalhavam no século XVIII os ‘carpinteiros de machado’ ”.

<sup>24</sup> AMTAV, **Livro de registo nº1**, 1732, fl.172.

<sup>25</sup> AMTAV, **Livro de registo nº1**, 1732, fls.175V e 176: “FOROS DO ALFEIÇÃO”. “[...] o foro de umas casas que são em mal foro junto com o poço do Alimo assim como partem com casas de Domingos Fernandes sapateiro e com o dito poço do Alimo e com duas ruas públicas de uma parte e da outra as quais fazem de foro em cada ano [...] treze reis.”

<sup>26</sup> MAIA, Manuel, Tavira nas segundas Taifas, in **Tavira Islâmica**, coord. científica de Maria Maia e Manuel Maia, Tavira: Museu Municipal de Tavira/Câmara Municipal de Tavira, 2012. P.25

<sup>27</sup> Arquivo da Unidade de Cultura – CCDD IP, ASSUNÇÃO, Gustavo, **Relatório final - Escavação do logradouro do antigo Orfeão de Tavira**, 2007. O arqueólogo apresenta duas possibilidades de datação para a referida construção: época almóada, século XII/XIII ou século XV/XVI, considerando esta última mais viável, contudo CAVACO, Sandra e COVANEIRO, Jaquelina, De Balsa a Madina Tavira sob o domínio almóada, in **Tavira Islâmica**, coord. científica de Maria Maia e Manuel Maia, Tavira: Museu Municipal de Tavira/Câmara Municipal de Tavira, 2012, P.36, confirmam a datação islâmica.

<sup>28</sup> LOUREIRO, Rui Manuel e PEREIRA, Daniela Nunes. **Corografia do reino do Algarve (1577)**. Faro: Direção Regional de Cultura do Algarve/Projeto Magallanes\_ICC, 2023. P.84.

<sup>29</sup> AMTAV, **Livro de registo nº1**, 1732, fl.172.

infantaria e de milícias<sup>30</sup>, hortelão<sup>31</sup>, pedreiro, sapateiro, mercador<sup>32</sup>, parteira<sup>33</sup> e alfaiate<sup>34</sup>.

Para os anos de 1787 e 1789, as profissões referenciadas para os inquilinos são soldados<sup>35</sup> e entalhadores<sup>36</sup>. Verificamos também que de 1511 a 1765, dois pedreiros, um hortelão, um cirurgião, um sapateiro e um almocreve pagaram renda à Santa Casa da Misericórdia. Associada a esta composição diversificada de ofícios, os imóveis apresentam multiplicidade de usos, conciliando, nalguns casos, a atividade económica e a habitação. Refira-se, a esse propósito o caso da rua das Olarias<sup>37</sup>.

A título de curiosidade, deixamos nota de duas situações reveladoras da importância da rua do Malforo e do seu processo de consolidação no século XVI. A primeira aparece documentada no alvará régio de 1512 que faz referência à Procissão do dia do Corpo de Deus e descreve o modo como a mesma deveria ser ordenada de acordo com o grau de importância social na cidade, sendo que da lista elencada de trinta e um cargos exercidos em Tavira, o Imperador de Malforo estava em sexto lugar<sup>38</sup>. A segunda referência, de 1573, diz respeito à visita de D. Sebastião a Tavira, cuja entrada na cidade se deu pela porta do Malforo<sup>39</sup>.

### A Morfologia urbana do Malforo

A rua do Malforo (figura 3) integrava o eixo viário longitudinal do Algarve, designado por Estrada Real 78 ainda no início do século XX. Este eixo histórico proveniente do Barlavento e de Faro, atravessava a área a sul-sudeste do núcleo intramuros de Tavira (com acesso às Portas do Postigo e Porta da Vila), abrindo a Praça da Ribeira antes da ponte sobre o Gilão, e prolongando-se na margem esquerda em direção a Castro Marim (no alinhamento da atual rua Alm. Cândido dos Reis). Constituiu assim um percurso matriz<sup>40</sup> do processo de expansão fora de portas, estruturando o desenvolvimento urbano de Tavira.

---

<sup>30</sup> Direção-Geral do Território, Real e Geral Depozito das Cartas Marítimas, Escala [ca. 1:2 000]Tavira / Algarve. **Planta da cidade de Tavira**, [1800] José de Sande Vasconcelos. Cota CA396.

<sup>31</sup> AMTAV, **Lançamento das Décimas de 1815**, fl.46.

<sup>32</sup> *Idem, ibidem*, fl. 46v.

<sup>33</sup> AMTAV, **Lançamento das Décimas de 1789**, fl. 90.

<sup>34</sup> AMTAV, **Lançamento das Décimas de 1815**, fl. 47.

<sup>35</sup> AMTAV, **Lançamento das Décimas de 1787**, fls. 154 a 198. **Lançamento das Décimas de 1789**, fls. 154 a 198.

<sup>36</sup> AMTAV, **Lançamento das Décimas de 1787**, fls. 156 e 184.

<sup>37</sup> SANTOS, Fernando Pereira e NUNES, Liliana Rente, Rua das Olarias 6 e 7 – Estruturas e espaços da Olaria tardo medieval de Tavira in COVANEIRO, Jacqueline (coord.) **Do barro à roda de Oleiro: As cerâmicas da rua das Olarias**, Tavira: Museu Municipal de Tavira - Município de Tavira. 2024. Pp.23-37.

<sup>38</sup> Damião Vasconcelos explica-nos que antigamente havia a tradição dos Imperadores e dos Impérios que estava associada a festas ao ar livre. Cada Imperador estava associado a uma irmandade, e a irmandade do Imperador de Malforo estava situada na rua com o mesmo nome. VASCONCELOS, Damião Augusto de Brito, **Notícias Históricas de Tavira 1242/1840**, Tavira: Edição da Câmara Municipal de Tavira. 1999. Pp.233-237.

<sup>39</sup> “saíram-no a receber os moradores, os mais custosos que puderam, a Nossa Senhora da Luz, uma légua da cidade, com oito bandeiras da ordenança de pé e de cavalo, e os capitães lhe beijaram a mão na porta que chamam de Malforo, por onde entrou. Tinham feito um arco triunfante, e junto dele um teatro”. LOUREIRO, Rui Manuel e PEREIRA, Daniela Nunes. **Corografia do reino da Algarve (1577)**. Faro: Direção Regional de Cultura do Algarve/Projeto Magallanes\_ICC, 2023. P.93.

<sup>40</sup> Cf. CANIGGIA, Gianfranco e MAFFEI, Gian Luigi, **Composizione architettonica e tipologia edilizia I. Lettura dell’edilizia di base**. Venezia: Marsilio, 1979. Pp. 132-136.



A partir de ponte (Figura 4), a aproximação daquele percurso matriz ao núcleo intramuros resultava numa bifurcação de acesso às Portas do Postigo, referido por Sande Vasconcelos na planta da cidade de 1800 como porta antiga da cidade, através da atual rua dos Machados. Deste modo, a morfologia urbana da área extramuros do Malforo caracteriza-se pela combinação dessa bifurcação em Y com as vias transversais que estruturam os quarteirões da antiga mouraria – num espaço reentrante e mais baixo em relação ao pano da muralha – a partir do largo do Cano.

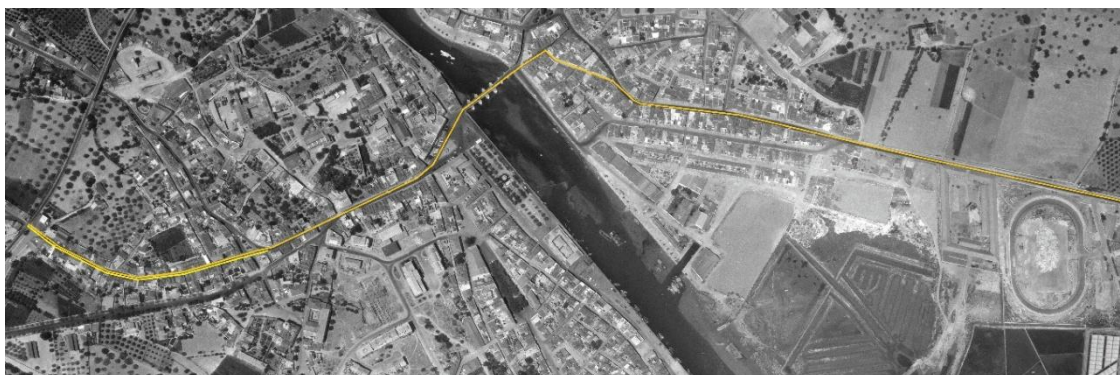


Figura 3 – Eixo viário longitudinal do Algarve (a laranja) e rua do Malforo (a amarelo). Ortofotomapa de Tavira, 1972. Adaptada de fotografia aérea digital completa, 21171 do rolo 72.26. DGT

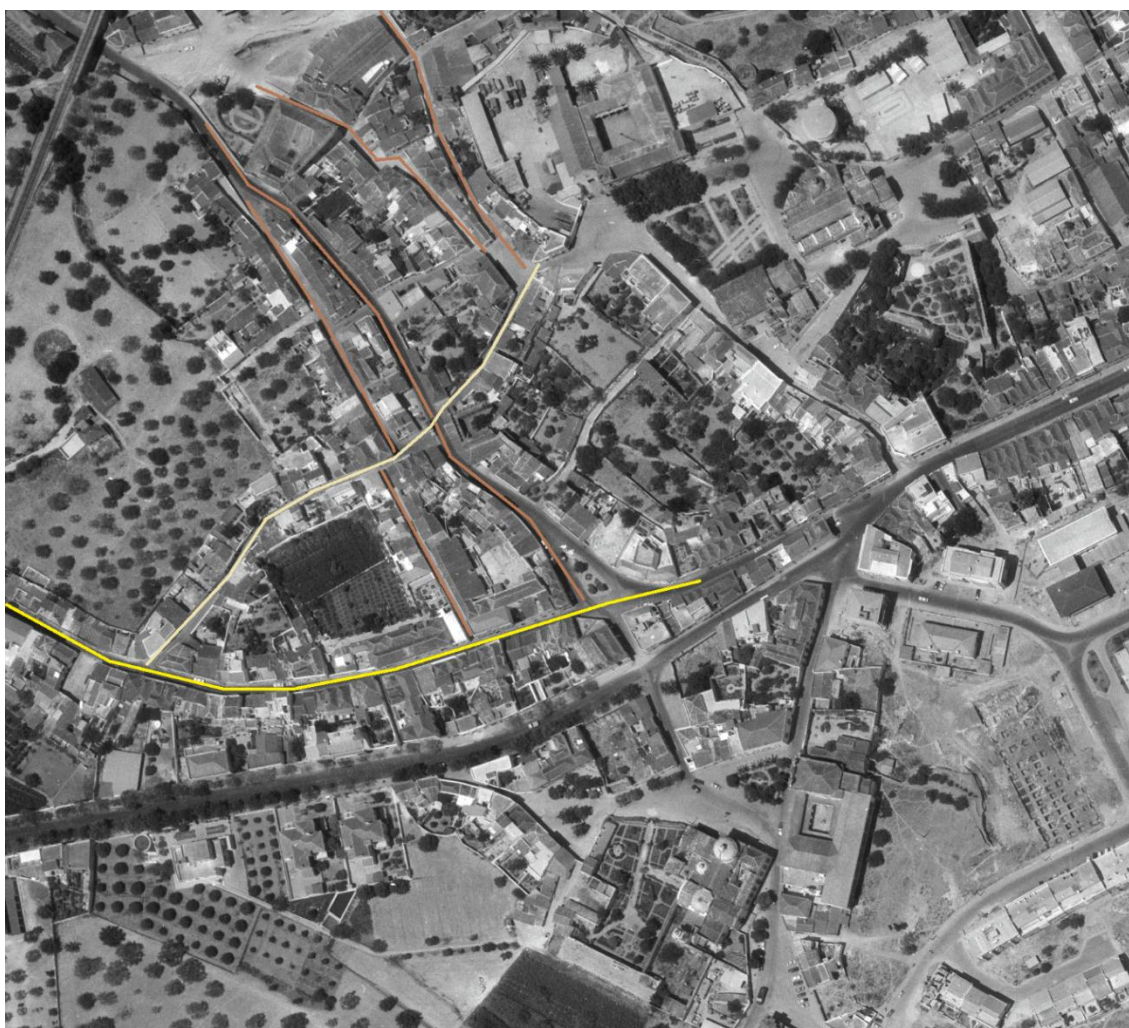


Figura 4 – Rua do Malforo (a amarelo), bifurcação em Y (a creme) com as vias transversais (a castanho). Ortofotomapa de Tavira, 1972. Adaptada de fotografia aérea digital completa, 21171 do rolo 72.26. DGT

Para o quadrante oposto, a sudeste do núcleo amuralhado, instalou-se em 1312 a comunidade de franciscanos claustrais. No período medieval cristão, Tavira foi a primeira cidade do Algarve a receber uma casa conventual. Apesar do estabelecimento deste tipo de equipamentos condicionar o processo de expansão urbana, considerando a grande superfície ocupada pelas cercas, a implantação do convento de São Francisco contribuiu para a maior dinamização da área<sup>41</sup>, constituindo também um polo estruturador do processo de expansão extramuros.

Deste modo, por se tratar de uma área urbana que foi ocupada, pelo menos, desde o século XII e que estabilizou a sua morfologia em Época Moderna, a área do Malforo possui um desenho de significativa diversidade de soluções no que diz respeito aos eixos viários, quarteirões e parcelamento. Por comparação com os bairros da Ribeira ou de São Lázaro, que têm o rio enquanto princípio regulador comum, e apresentam uma malha mais regular e homogénea, é marcado por diversos elementos estruturantes que condicionaram a sua estrutura urbana<sup>42</sup>. Na análise da traça urbana constante no Plano de Reabilitação e Salvaguarda do Centro histórico de Tavira, a propósito do Malforo, e da sua caracterização a partir de um dos seus quarteirões considera-se que possui “grandes lotes, com grandes logradouros e pequenos lotes com logradouro”<sup>43</sup> (figura 5).



Figura 5 – Quarteirão com grandes lotes, grandes logradouros e pequenos lotes na rua do Malforo. Ortofotomapa de Tavira, 1972. Adaptada de fotografia aérea digital completa, 21171 do rolo 72.26. DGT

<sup>41</sup> MARADO, Catarina Almeida, A cidade, os conventos e as suas hortas in **Cidade e mundos rurais, Tavira e as sociedades agrárias**. Tavira: Câmara Municipal de Tavira. 2010. P.110.

<sup>42</sup> DUARTE, Carlos e LAMAS, José, **Plano de Reabilitação e salvaguarda do centro histórico de Tavira**. Plano Integrado de reabilitação e revitalização do centro histórico de Tavira, 1ª fase. Estudos de Planeamento e Arquitetura Lda., 1985. P.172.

<sup>43</sup> *Idem, ibidem*. P.172.



Em qualquer caso, a disparidade na dimensão das parcelas do tecido urbano a sul do perímetro amuralhado tende a distinguir a área da antiga mouraria, de lotes estreitos e edificação em profundidade, da Rua do Malforo e áreas contíguas, com preponderância de lotes de frente larga. Esta diversidade tem uma expressão histórica evidente a nível da estrutura social e das tipologias da arquitetura doméstica.

Os lotes de frente estreita remetem para a tipologia da *morada de casas térreas*, com dois ou, mais raramente, três espaços dispostos em profundidade, a que fazem referência as fontes documentais do início do período moderno, em diferentes contextos geográficos do sul do país. É esta solução da arquitetura doméstica que marca os quarteirões da Mouraria em processo de reconfiguração e regularização do tecido urbano (travessas das Olarias e da Fábrica) (Figura 6).

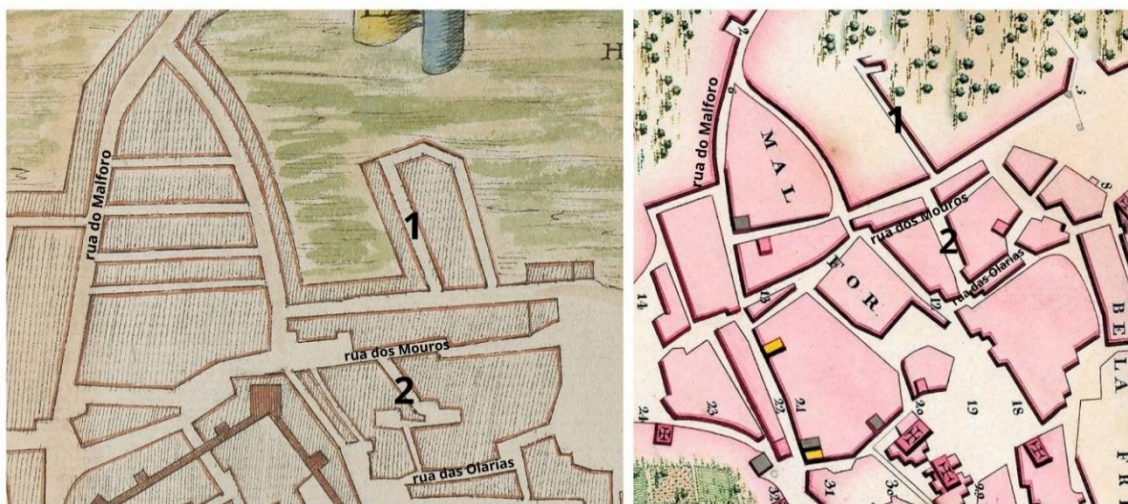


Figura 6 – Processo de reconfiguração e regularização do tecido urbano na Mouraria visível a partir das plantas de Ferrari [c.1650] à esquerda e de Sande de Vasconcelos à direita [1800]. 1- travessa da Fábrica e 2- Travessa das Olarias; Plantas adaptadas. Swedish Military Archives e DGT.

Ao contrário, a Rua do Malforo concentra a maioria das edificações mais abastadas da área, associadas a lotes de maior superfície, que remetem para a característica habitação de dois pisos, de frente larga com vãos classicizantes e cobertura de telhados de tesouro. É uma solução que se inscreve na arquitetura chã, muito relevante nos maiores centros urbanos do Algarve durante o Antigo Regime. Na planta de Sande Vasconcelos, é justamente naquele percurso matriz (atuais ruas Miguel Bombarda e Liberdade) que se distinguem algumas das casas mais importantes onde moram os *oficiais de infantaria* a encarnado, os *oficiais de milícias* a amarelo, e os *ministros, médicos e letrados* a cinzento (figura 2).

### A arquitetura doméstica do Malforo

Grande parte do edificado nos espaços urbanos é constituída por habitações que, documentando a sua história privada, são marcadas pela relação com o espaço público exterior, registando as mudanças sociais, económicas e tecnológicas. Através do registo, da inventariação e da interpretação da informação relativa a essas habitações, que se encontra à guarda do AMTAV, torna-se possível obter uma outra leitura sobre a história da cidade e da sua comunidade. Para o efeito, o trabalho de campo na cidade conciliado com o levantamento geral do fundo documental do AMTAV é fundamental. Estamos perante centenas de processos de obras datados dos primeiros anos do século XX a 1970, dezasseis dos quais foram selecionados para preparar este artigo.

Dessa análise confirmou-se que, por se tratar de uma área urbana importante em diversas fases de expansão, o bairro do Malforo representa muito bem as tipologias existentes na arquitetura doméstica em Tavira<sup>44</sup>. Trata-se de um conjunto edificado que permite sintetizar a transformação da arquitetura doméstica e dos modos de habitar em Tavira: da habitação de lote de frente estreita à habitação do lote quadrangular de maior superfície; da *morada de casas térrea* mais elementar e modesta, constituída por casa de fora e casa de dentro mais quintal, à *morada de casas altas* e à *morada de casas nobres* também com quintal. José Eduardo Horta Correia já havia sintetizado esta diversidade na paisagem urbana quando faz referência à “[...] casa urbana do século XVI que seria normalmente de 1 só piso nas terras pequenas ou nos arrabaldes muralhados das cidades maiores, sendo nestas a regra a casa de 2 pisos [...]. Nas casas térreas com cobertura de 2 águas e remate em duplo beiral; nas outras generalizando-se depois de meados do século os telhados de tesouro [...]”<sup>45</sup>.

Embora o levantamento cubra grande parte do século XX, verificamos que a maior parte dos processos datam da segunda metade do século XX e são regidos de acordo com o Regulamento Geral de Edificações Urbanas publicado em 1951, com alterações significativas a nível da atenção às condições de salubridade, estética e segurança. No caso dos projetos de alteração ou ampliação, a consulta dos processos de obras permite compreender, não apenas as novas propostas, mas também as habitações preexistentes, quer através da informação escrita (memória descritiva), quer através de informação gráfica (alçados, cortes e plantas). Desse modo, é possível reconstituir diferentes estágios de transformação da arquitetura que se traduzem num conjunto de dados importantes ao nível das fachadas, das coberturas e da própria organização interna da habitação.

Tentemos então estabelecer a ligação entre essa informação preexistente com as tipologias referidas anteriormente.

---

<sup>44</sup> Nas escrituras e nos foros que os habitantes pagam à Santa Casa da Misericórdia de Tavira, utilizam-se as seguintes descrições de acordo com o tipo de habitação. Para a habitação corrente e de dimensão menor, o termo empregue é: *morada de casas térreas*; para a habitação de dimensões maiores o termo empregue é: *casas nobres* ou *morada de casas nobres* a par de *morada de casas altas* e *morada de casas constantes de três compartimentos nas altas e três nas baixas e quintal*. AMisTAV, **Livro Apontador das rendas do Hospital iniciado em 1793**, fls. 75V, 87, 91. As escrituras possuem datas de 1846 a 1890. As mesmas designações constam da documentação estudada noutros centros urbanos do Sul, como se poderá confirmar, por exemplo, no caso de Mértola: COSTA, Miguel Reimão, As moradas de casas do núcleo intramuros de Mértola: uma leitura preliminar da arquitetura doméstica entre o final do Antigo Regime e o início do século XX in **Arquitetura Tradicional no Mediterrâneo Ocidental**, Mértola: Argumentum/CAM. 2015. Pp.10-19.

<sup>45</sup> CORREIA, José Eduardo Horta, A arquitetura do Algarve como expressão privilegiada da sua especificidade cultural, **O Algarve em património**, Olhão: Gente Singular, 2010. Pp.91-92.

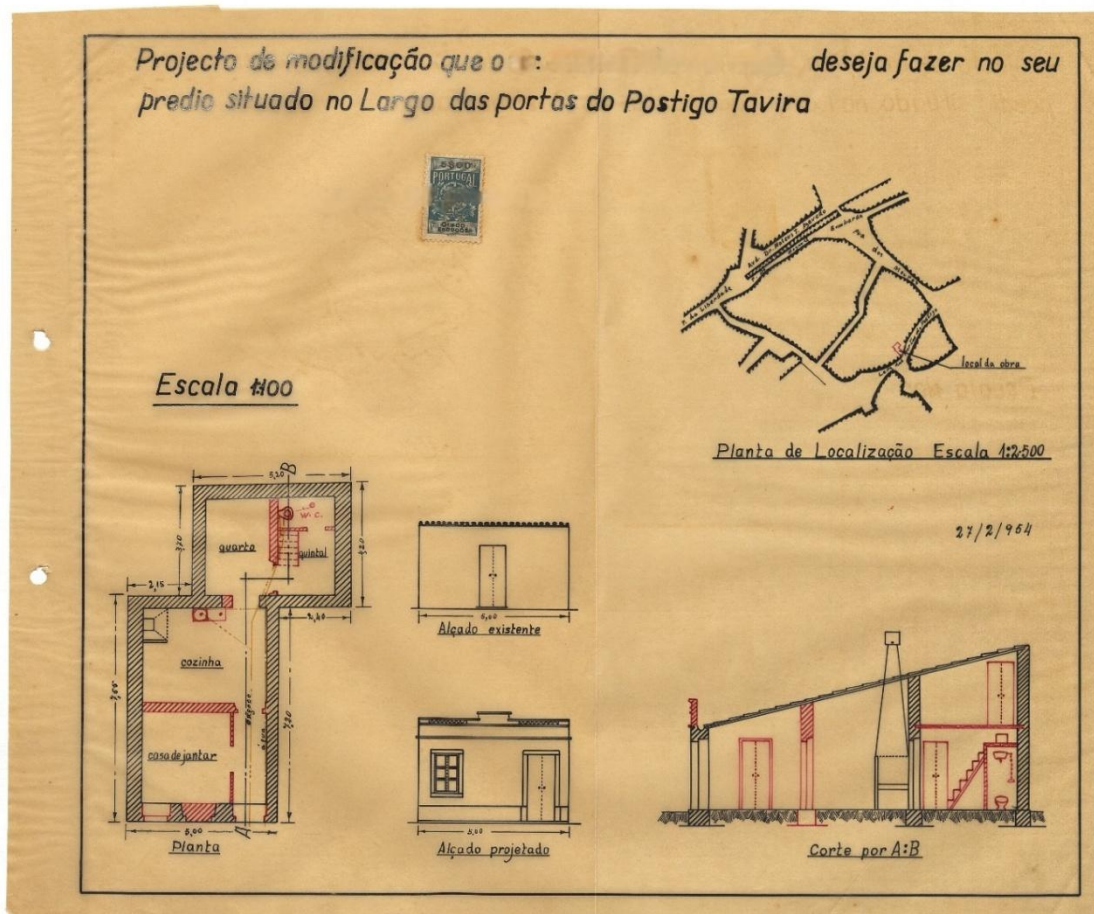


Figura 7 – Projeto de modificação de morada de casas térreas no Largo das Portas do Postigo, 1954. AMTAV.

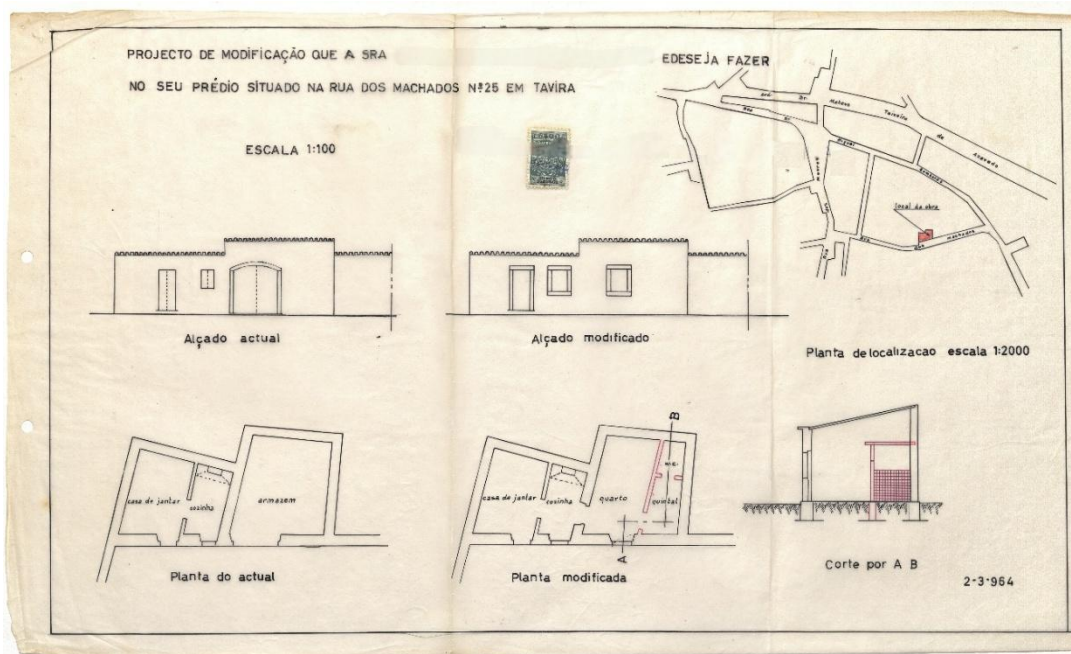


Figura 8- Projeto de modificação de morada de casas térreas na rua dos Machados. 1964. AMTAV.

No que diz respeito às fachadas, constata-se que, num número considerável de imóveis integrados em ambas as tipologias da *morada de casas térreas* e da *morada de casas*



*nobres*, o remate superior na relação com a cobertura era feito com recurso ao beirado, que tanto poderia ser simples ou duplo, distinguido, neste último caso, pela designação de rendilhado<sup>46</sup>. Nas habitações de tipologia *morada de casas térreas* (Figuras 7, 8, 11, 12 e 14), os vãos apresentam-se, na sua maioria, sem qualquer emolduramento de massa ou cantaria, e são nalguns casos, a única abertura na fachada, permitindo, não apenas o acesso ao interior da habitação, mas constituindo a única solução de iluminação e ventilação. Nos processos relativos às *moradas de casas térreas* no bairro do Malforo, observou-se que os vãos tendem a apresentar linguagens formais e escalas diferentes e sem qualquer preocupação compositiva. Esta solução aparece associada recorrentemente a uma fachada de diferentes volumetrias, denotando um caráter aditivo de construções em diferentes momentos de transformação da própria habitação. Uma parte dos projetos consultados visa justamente intervir a nível da imagem do edifício, através da introdução de uma composição regular e unitária, com introdução de elementos de nobilitação a nível do emolduramento dos vãos e do remate superior da fachada. Verificaram-se também alguns casos de alteração de vãos, como portas que passam a janela ou vice-versa, relacionada com mudanças na organização do fogo e na sua compartimentação interior.

Para além destes processos relativos às habitações mais modestas, importa considerar outros casos de habitações mais abastadas que integram o conjunto de *morada de casas nobres*, com fachada de composição cuidada como é o caso daquela situada na rua do Malforo nº40 a 50 e que corresponde a “um exemplo único de arquitetura pombalina”<sup>47</sup> da segunda metade do século XVIII (Figuras 5 e 9). De mencionar ainda, com uma imagem bastante distinta, um “belo exemplo de casa burguesa do século XIX”, com os elementos característicos da platibanda, cantarias e varandas<sup>48</sup> (Figura 10).



Figura 9 – Morada de casas nobres situada na rua do Malforo nº 40 a 50 que corresponde ao grande lote representado na Figura 5. Arq. João Moitinho.

No que diz respeito às coberturas das edificações preexistentes no bairro do Malforo, registam-se diferentes soluções. O telhado de tesouro está presente nos diversos

<sup>46</sup> Recolhemos junto de uma moradora o termo *rendilhado*.

<sup>47</sup> DUARTE, Carlos e LAMAS, José, **Plano de Reabilitação e salvaguarda do centro histórico de Tavira**. Plano Integrado de reabilitação e revitalização do centro histórico de Tavira, 1ª fase. Estudos de Planeamento e Arquitetura Lda., 1985. Ficha 17

<sup>48</sup> *Idem, ibidem*. Ficha 16

quarteirões do bairro, marcando presença em algumas habitações térreas, mas com primazia em habitações de dois pisos, nas quais a cada compartimento se sobrepõe uma cobertura de quatro águas<sup>49</sup>. Ao contrário, na Rua dos Machados e na Rua das Portas do Postigo, onde se verificou o predomínio da tipologia de *morada de casas térreas*, prevalecem as coberturas de uma e de duas águas (Figuras 7, 8, 11, 12 e 14), relacionadas com a ampliação orgânica de dependências, tratando-se de uma dinâmica comum em contexto rural<sup>50</sup>. Num requerimento de licença de alteração de uma habitação situada na última rua referida, na memória descritiva e justificativa refere-se que "[...] o prédio fica situado numa zona onde todos os prédios são de umas dimensões pequenas e de construção pobre."<sup>51</sup>

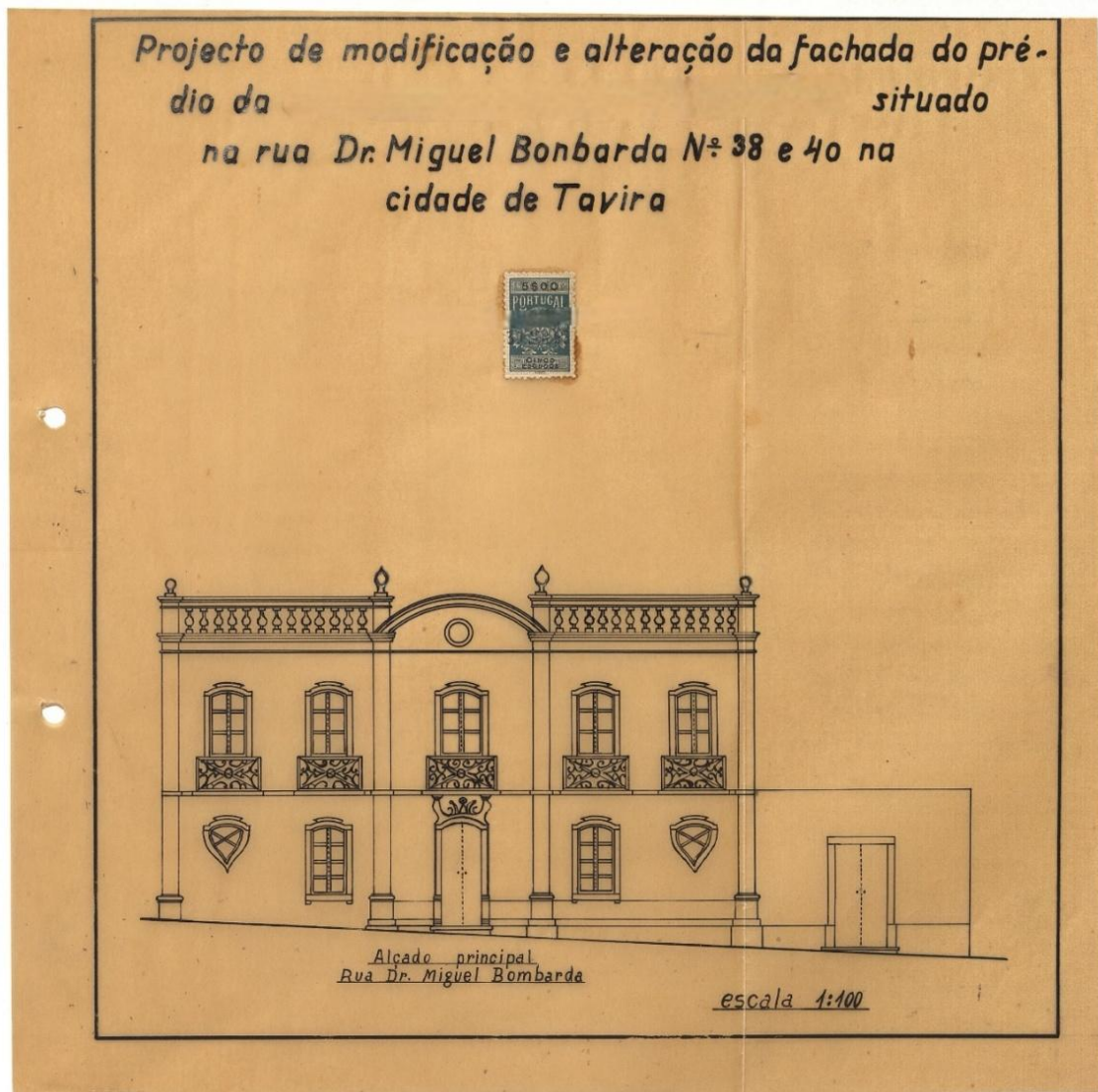


Figura 10 – Projeto de modificação da fachada em morada de casas altas na rua Dr. Miguel Bombarda nº38 e 40, 1952. AMTAV.

<sup>49</sup> Para informação mais detalhada sobre os telhados de tesouro, confrontar AFONSO, Isabel M.V., Telhados de tesouro em Faro, **Revista Monumentos**, nº24, 2006. Pp.50-55.

<sup>50</sup> CALDAS, João Vieira, **A Arquitetura rural do Antigo Regime no Algarve**, Dissertação para obtenção de grau de Doutor em Arquitetura. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa -IST, 2007. P.192.

<sup>51</sup> AMTAV, Obras antigas com projeto - Caixa 19- Processo nº 6 e 143, 1951.



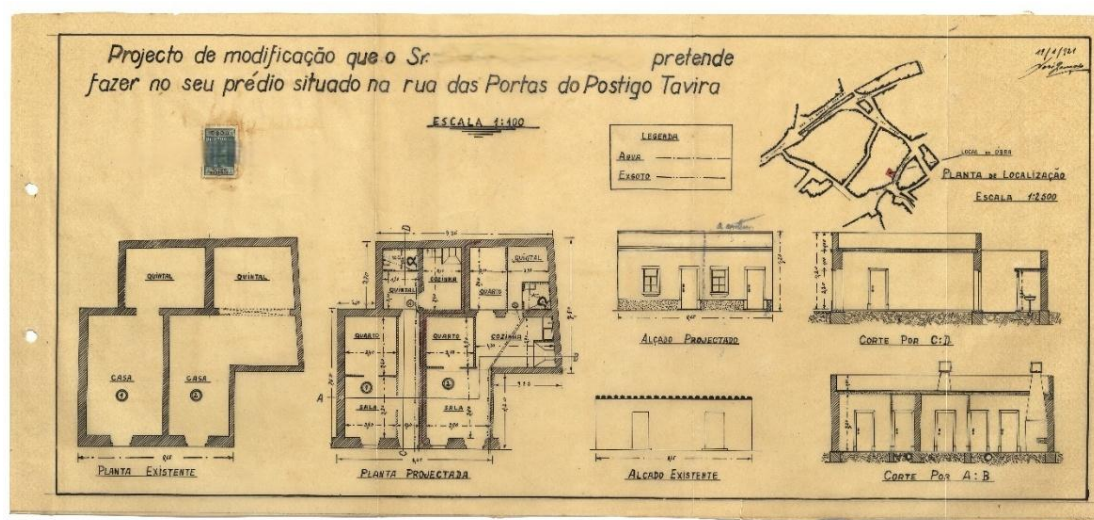


Figura 11 – Projeto de modificação de morada de casas térreas na rua das Portas do Postigo, 1951. AMTAV.

Mencione-se, a este propósito, que os telhados de tesouro começaram a aparecer, enquanto elemento de prestígio, no século XVI, em especial nas maiores cidades algarvias com contacto com o Oriente (Tavira, Lagos e Faro)<sup>52</sup>. Nas tipologias em estudo, esta solução de cobertura aparece primeiro nas *moradas de casas nobres*, estendendo-se depois também às *moradas de casas térreas*, num processo que se verifica ainda nos séculos XIX e XX, não apenas em Tavira, mas também noutros centros urbanos, como Olhão<sup>53</sup>. Horta Correia registou essa dinâmica na arquitetura doméstica algarvia, marcada por “revivalismos de morfologias autóctones” na arquitetura de reconstrução pombalina ou também, na primeira metade do século XIX, momento em que se verifica a preservação de tipologias arquitetónicas anteriores com ligeiras mutações morfológicas<sup>54</sup>. A continuidade no recurso ao telhado de tesouro é evidente na área urbana relativa à expansão de Tavira no século XIX e primeiras décadas do século XX, entre a Capela da Nossa Senhora do Livramento e o rio, composta pelas atuais ruas Poeta Emiliano da Costa e Comandante Henrique de Brito. É possível verificar a coexistência de diferentes tipos de cobertura na mesma habitação (Figura 12), independentemente da tipologia em que se inscreve, sendo que se tende a privilegiar o telhado de tesouro na parte dianteira e o telhado de uma ou duas águas nas partes posteriores.

<sup>52</sup> “No Algarve, os telhados terão surgido nas casas da nova nobreza algarvia, que desempenhou um papel determinante nas navegações para o Oriente [...]” AFONSO, Isabel M.V., **Revista Monumentos**, nº24, DGEMN. 2006. Pp.50-55.

<sup>53</sup> Para mais informação sobre este assunto confrontar: CALDAS, João Vieira, **A Arquitetura rural do Antigo Regime no Algarve**, Tese de Doutoramento, Universidade Técnica de Lisboa – IST, 2007. Pp. 192-225; e ROMBA, Sandra, Telhados de Olhão – contributo para o estudo da transformação das coberturas na arquitetura doméstica em contexto urbano, **Atas do Colóquio dedicado a José Eduardo Horta Correia**, Lisboa: IHA NOVA FCSH / IN2PAST, no prelo.

<sup>54</sup> CORREIA, José Eduardo Horta, A arquitetura do Algarve como expressão privilegiada da sua especificidade cultural, **O Algarve em património**, Olhão: Gente Singular, 2010. P.92.

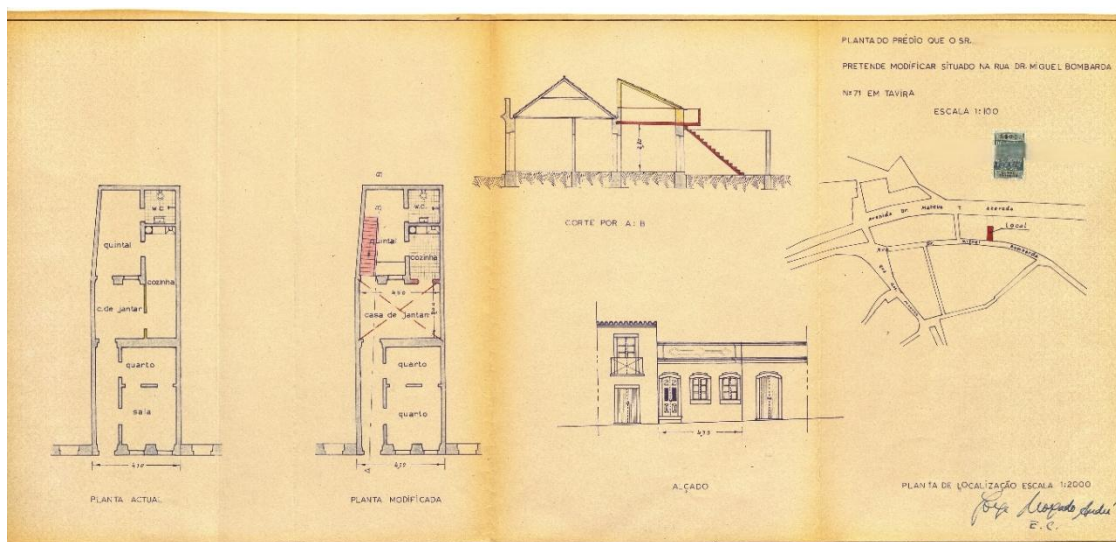


Figura 12 - Projeto de modificação de morada de casas térreas na rua Dr. Miguel Bombarda, 1967. AMTAV.

No que diz respeito ao interior da habitação (Figuras 7, 8, 11, 12, 13 e 14), a leitura transversal dos imóveis preexistentes à data do requerimento de licença de alteração, permite verificar um princípio de organização que se repete em inúmeros casos, independentemente de se tratar de uma habitação abastada ou modesta, ou de aparecer associada a um lote quadrangular ou a um lote retangular com edificação em profundidade, distinguindo: uma parte dianteira, voltada à rua, de carácter mais social, composta pela sala ou casa de fora; uma parte intermédia, de carácter mais privado, composta por quartos, muitas vezes, sem iluminação natural; e uma parte posterior, correspondente a uma área de trabalho, onde se situa a cozinha e o quintal. As edificações mais antigas são marcadas pela ausência do corredor, servindo os compartimentos intermédios enquanto espaços de passagem. Nalguns casos, a integração posterior de corredor aparece associada à inclusão de quartos e outros espaços de menor dimensão. Como é evidente, as habitações maiores possuem um número superior de compartimentos, com um nível maior de especialização, que poderá incluir outros espaços, como, por exemplo, o quarto das criadas, a casa da costura ou o escritório, que foram todos referenciados na rua do Malforo. Em sentido inverso, outros processos são relativos a habitações mais modestas, localizadas na rua e no largo das Portas do Postigo e na rua dos Machados, onde se encontram: uma habitação com apenas um compartimento, descrito como casa acrescentada de quintal (Figura 11); uma habitação composta por casa de jantar, cozinha e um armazém com entrada lateral (Figura 8); e uma edificação com casa do forno (Figura 14).

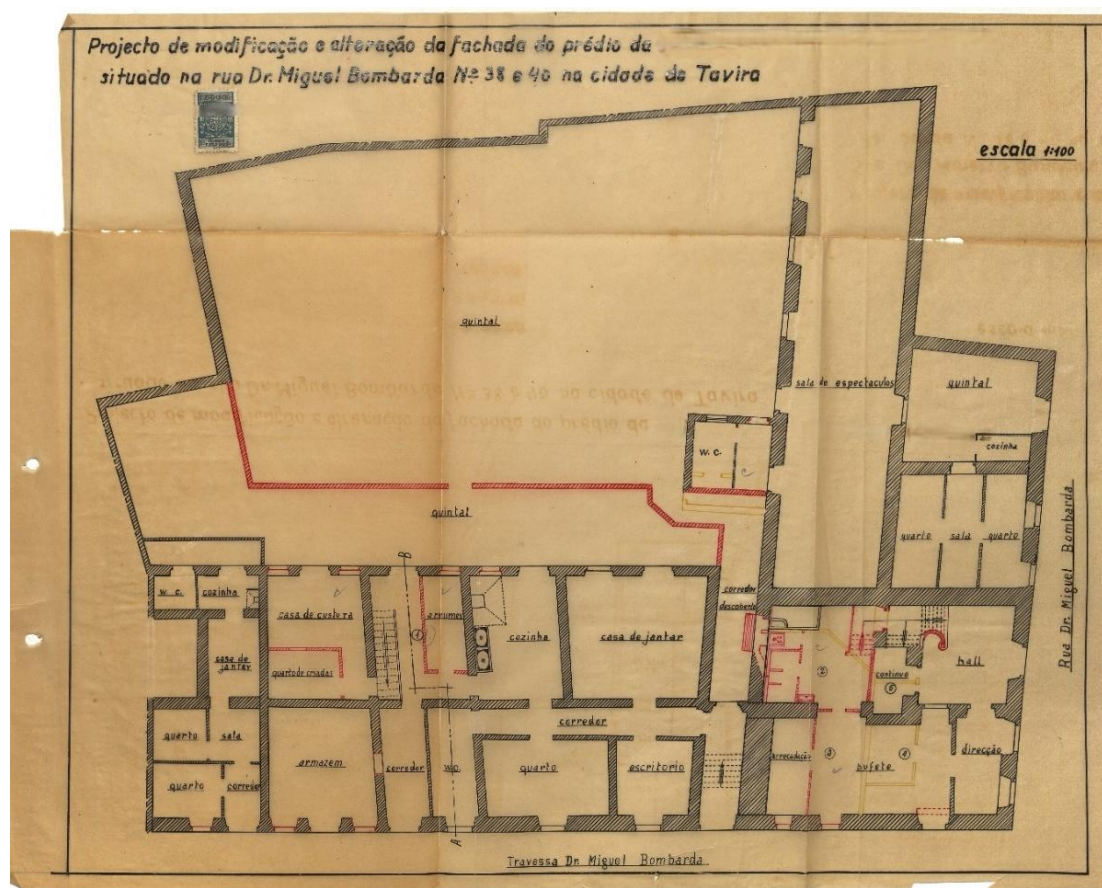


Figura 13 – Planta de casa burguesa do século XIX. Projeto de modificação da fachada em morada de casas altas na rua Dr. Miguel Bombarda nº38 e 40, 1952. AMTAV.

O conjunto dos processos estudados desvenda as motivações das alterações apresentadas pelos proprietários, quase sempre relacionadas com a obtenção de melhores condições de habitabilidade e salubridade, com a reorganização interna com vista a uma maior privacidade e especialização dos compartimentos e com a valorização da imagem do edifício. A fachada voltada para rua sintetiza muito bem essa transformação, sendo quase sempre reconfigurada com o propósito de constituir uma composição coerente e unitária, e alteada com integração e platibanda que substitui ou integra o beirado preexistente, adquirindo uma expressão de maior ornamentação e urbanidade. Esta alteração aparece associada ao aumento do número e dimensão dos vãos, promovendo uma maior iluminação e salubridade na habitação que é especialmente relevante nas habitações térreas mais modestas.



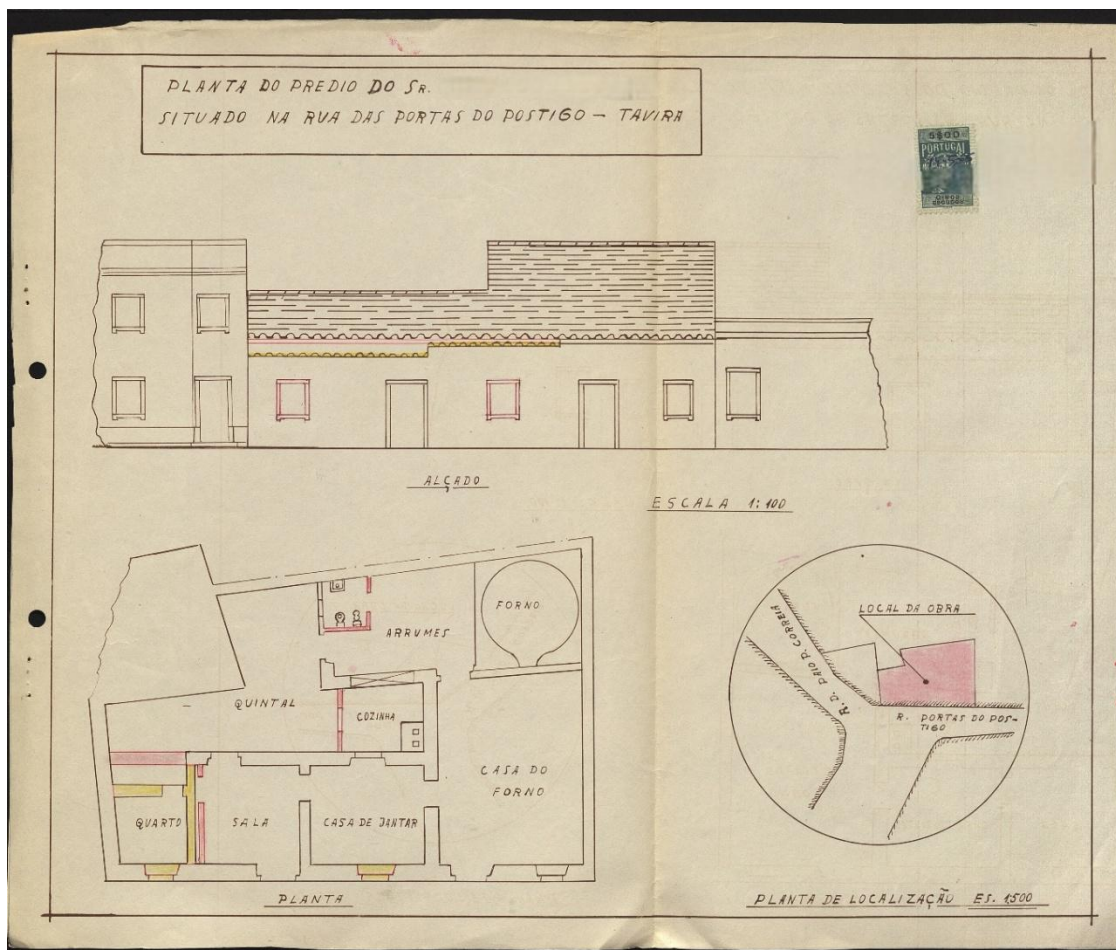


Figura 14 - Morada de casas térreas na rua das Portas do Postigo, 1964. AMTAV.

Em termos infraestruturais e construtivos, grande parte das alterações está relacionada com o abastecimento público de água e saneamento básico por um lado, e com a introdução de estruturas de betão armado por outro. Um dos novos compartimentos integrados durante este período na habitação é a casa de banho, que se situa, quase sempre, no quintal e junto à cozinha, na parte posterior da habitação. Estamos perante um conjunto de transformações reveladoras de uma nova realidade económica, social e tecnológica que a cidade de Tavira, como outras cidades e vilas algarvias, foi alvo a partir de meados do século XX. Outro motivo dos processos de obras estava relacionado com o propósito de melhor rentabilizar a edificação preexistente, o que poderia incluir a sua ampliação na parte lateral ou através da integração de um piso superior, bem como o parcelamento e transformação de casas abastadas em edifícios plurifamiliares (Figura 13). Por fim, importa referir alguns processos de intervenção de alteração e manutenção relacionados com o mau estado dos soalhos, coberturas e alguns forros, situados sobretudo nas partes intermédias da habitação. Em resposta, as indicações dos decisores camarários vão no sentido de considerar a utilização de materiais de origem local como os pavimentos e telhas provenientes de áreas próximas, bem como a recuperação das estruturas e a reutilização de soluções e materiais, com recurso ao betão armado apenas nos casos em que tal se revele estritamente necessário.



## Considerações finais

O bairro do Malforo é um dos arrabaldes situado em área sul-sudeste do núcleo intramuros da cidade de Tavira, cuja origem remonta pelo menos ao século XII e que se encontra consolidado em Época Moderna. Para o estudo da arquitetura doméstica e da morfologia urbana presente no bairro foi considerado um conjunto de dezasseis projetos de licenciamento de obras, selecionados entre as centenas de projetos consultados no AMTAV. Para além desta documentação, o estudo incluiu também uma abordagem às principais circunstâncias relacionadas com a história e com a paisagem, bem como com o seu quadro social, que, no conjunto, revelam a significativa heterogeneidade deste bairro, por comparação a outros bairros da cidade, com expressão a nível do desenho do traçado dos eixos viários, da morfologia e escala dos quarteirões e da estrutura predial.

Por outro lado, dentro desta diversidade, o bairro do Malforo documenta bem as diferentes fases de evolução urbana e arquitetónica da cidade de Tavira, incluindo as principais tipologias arquitetónicas da *morada de casas térreas* e *morada de casas nobres*, tratando-se de um conjunto edificado que, em certo sentido, permite sintetizar a transformação da arquitetura doméstica e dos modos de habitar em Tavira. A consolidação do tecido urbano em Época Moderna é polarizada pelo traçado da Rua do Malforo, enquanto localização de prestígio para as habitações mais abastadas, muito características de Tavira, consistindo nas edificações de dois pisos, com molduras *classicizantes* de vãos de sacada no piso nobre, e telhados de tesouro. Em contraponto, a área correspondente à antiga Mouraria era caracterizada então por habitações mais modestas, associadas, em muitos casos, a lotes ou parcelas de frente estreita, mantendo-se a tendência de composição de vários espaços delimitados por paredes estruturais característica das edificações com telhados de tesouro, neste caso, organizados em profundidade e associados a soluções mais elementares da cobertura.

Os processos de obras datados do século passado permitem reconstituir diferentes ciclos de transformação da habitação, primeiro a nível da integração do corredor e de uma organização interna mais compartimentada, bem como da alteração expressiva da composição e imagem da fachada principal, em especial em habitações mais modestas, e depois a nível da integração de instalações sanitárias e da dotação de melhores condições de salubridade, ou da conversão de algumas habitações mais abastadas em edifícios plurifamiliares.

Este artigo apresenta parte dos resultados preliminares do projeto, formulando algumas hipóteses e reunindo alguns critérios para a interpretação da morfologia urbana no quadro da história da cidade ou das tipologias da casa no quadro da história da arquitetura, que se pretende retomar no decurso da investigação, alargando o âmbito de estudo à cidade de Tavira e à arquitetura doméstica no Algarve.

## Fontes

ARQUIVO CENTRAL DA UNIVERSIDADE DO ALGARVE: Fundo CCDR Algarve.

ARQUIVO DA MISERICÓRDIA DE TAVIRA: Livro Apontador das rendas do Hospital iniciado em 1793

#### ARQUIVO MUNICIPAL DE TAVIRA:

Obras antigas com projeto - Caixa 19- Processo nº 6 e 143, 1951.

Obra com projeto - Caixa 18 A – processo nº66 e 67, 1952.

Obra com projeto - Caixa 4 – Arquivo Intermédio, processo nº 99 e 100, 1954.

Obra com projeto - Caixa 14 – Arquivo Intermédio, processo nº 217, 1964.

Obra com projeto – Caixa 15 – Arquivo Intermédio, processo nº224, 1964.

Obra com projeto - Caixa 15 – Arquivo Intermédio, processo nº109, 1965.

Obra com projeto - Caixa 18 - Arquivo Intermédio, processo nº 118, 1967.

Lançamento da Décima de 1787, 1789 e 1815 – Fundo: Corregedoria da Comarca de Tavira

Livro de Registos da Câmara Municipal de Tavira, 1732 (Livro 1), Fundo: Câmara Municipal de Tavira.

#### ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO:

Casa de Cadaval nº29, Descrição e Plantas da Costa, dos Castelos e Fortalezas, desde o Reino do Algarve até Cascais, da Ilha Terceira, da Praça de Mazagão, da Ilha de Santa Helena, da Fortaleza da Ponta do Palmar na entrada do Rio de Goa, da Cidade de Argel e de Larache, [1617] Alexandre Massai.

#### ARQUIVO DA UNIDADE DE CULTURA – CCDR IP ALGARVE

Processo nº19/2005 - **Relatório final da intervenção arqueológica – Logradouro do antigo Orfeão de Tavira** – Arqueólogo Gustavo Filipe Santos Assunção, 2007.

#### DIREÇÃO-GERAL DO TERRITÓRIO:

**Planta da cidade de Tavira** [Material cartográfico] / copiada de huma planta feita e desenhada pelo brigadeiro Jozé de Sande Vasconcelos no Real, e Geral Depozito das Cartas Marítimas. - Escala [ca. 1:2 000], 400 palmos = [4,8 cm]. - [S.l.] : Real e Geral Depozito das Cartas Marítimas, 1800. - 1 planta : ms., color. ; 54 x 63 cm.. - (Gabriel Mendes. Cartas de Tavira)Tavira / Algarve.

Fotografia Aérea Digital Completa, 21171 do rolo 72.26.

SWEDISH MILITARY ARCHIVES, and the Collection Foreign City and Fortress Plans, Portugal, Tavira, **Planta de la Cividad de Tavilla**, Leonardo Ferrari [c.1650].

#### Bibliografia

AFONSO, Isabel M.V., “Telhados de tesouro em Faro”, **Revista Monumentos nº24**, DGMN, 2006.

ANICA, Arnaldo Casimiro, **Tavira e o seu termo - Memorando Histórico**, Tavira: Câmara Municipal de Tavira, 1993.

**Toponímia de Tavira**, Tavira: Câmara Municipal de Tavira, 2000.

CALDAS, João Vieira, **A Arquitetura rural do Antigo Regime no Algarve**, Dissertação para obtenção de grau de Doutor em Arquitetura. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa - Instituto Superior Técnico, 2007.

CANIGGIA, Gianfranco e MAFFEI, Gian Luigi, **Composizione architettonica e tipologia edilizia I. Lettura dell'edilizia di base**. Venezia: Marsilio, 1979.

CAVACO, Carmina, **O Algarve Oriental, As vilas, o campo e o mar**. Faro: Gabinete do planeamento da região do Algarve, 1976.

CONCEIÇÃO, Margarida Tavares da, “A polissemia da palavra bairro. Compilação de notas para o estudo do conceito de bairro” <https://www.estudoprevio.net/margarida-tavares-da-conceicao-a-polissemia-da-palavra-bairro/> consultado a 23 de maio.

CORREIA, José Eduardo Horta, “A arquitetura do Algarve como expressão privilegiada da sua especificidade cultural”, **O Algarve em património**, Olhão: Gente Singular, 2010. Pp.81-95.

COSTA, Miguel Reimão, “As moradas de casas do núcleo intramuros de Mértola: uma leitura preliminar da arquitetura doméstica entre o final do Antigo Regime e o início do século XX”, in **Arquitetura Tradicional no Mediterrâneo Ocidental**, Mértola: Argumentum/CAM. 2015. Pp.10-19.

CAVACO, Sandra e COVANEIRO, Jaquelina, “De Balsa a Madina Tavira sob o domínio almóada”, in **Tavira Islâmica**, coord. científica de Maria Maia e Manuel Maia, Tavira: Museu Municipal de Tavira/Câmara Municipal de Tavira, 2012.

“Evolução do espaço urbano da cidade de Tavira: Resultados preliminares”, **Scientia Antiquitatis**, Actas do III Congresso Internacional de Arqueologia de Transição - Estratégias de Povoamento: Do Período Romano ao Mundo Contemporâneo, Vol. 1, nº2. 2017.

“Tavira nos alvares da modernidade – a visão da arqueologia”, **A Principal do Reino do Algarve – Tavira nos séculos XV e XVI**, Museu Municipal de Tavira, Palácio da Galeria, 2020. Pp. 117- 124.

D'ABREU, Alexandre Cancela, CORREIA, Teresa Pinto e OLIVEIRA, Rosário, Contributos para a Identificação e Caracterização da Paisagem em Portugal Continental, Coleção Estudos 10, Vol. V. Lisboa: Direção-Geral do Ordenamento do Território e desenvolvimento urbano, 2004.

DUARTE, Carlos e LAMAS, José, -Estudos de planeamento e arquitetura, lda. – **Plano de Reabilitação e salvaguarda do Centro Histórico de Tavira, fases 1, 2 e 3**. Direção Geral do Equipamento Regional e Urbano, 1985.

GUERREIRO, Manuel Viegas e MAGALHÃES, Joaquim Romero, Apresentação, leitura, notas e glossário, **Duas descrições do Algarve do século XVI**, Cadernos da revista de História económica e social nº3. Lisboa: Sá da Costa Editora, 1983.

LOUREIRO, Rui Manuel e PEREIRA, Daniela Nunes. **Corografia do reino da Algarve (1577)** Faro: Direção Regional de Cultura do Algarve/Projeto Magallanes\_ICC, 2023.

MAIA, Manuel, “Tavira nas segundas Taifas”, in **Tavira Islâmica**, coord. científica de Maria Maia e Manuel Maia, Tavira: Museu Municipal de Tavira/Câmara Municipal de Tavira, 2012.

MAGALHÃES, Joaquim Romero de, **O Algarve económico 1600-1773**, Lisboa: Imprensa Universitária Editorial estampa, 1988.

MARADO, Catarina Almeida, A cidade, os conventos e as suas hortas in **Cidade e mundos rurais, Tavira e as sociedades agrárias**. Tavira: Câmara Municipal de Tavira. 2010.Pp. 106-117.

PEREIRA, Daniela Nunes, “Tavira entre os séculos XV e XVI: a construção da Ribeira”, A Principal do Reino do Algarve - Tavira nos séculos XV e XVI, Museu Municipal de Tavira Palácio da Galeria, 2020. Pp. 159-164.

RIBEIRO, Orlando, **Geografia e Civilização**, Lisboa: Temas Portugueses, Livros Horizonte. [s.d.]

ROMBA, Sandra, Telhados de Olhão – contributo para o estudo da transformação das coberturas na arquitetura doméstica em contexto urbano, **Atas do Colóquio dedicado a José Eduardo Horta Correia**, Lisboa: IHA NOVA FCSH / IN2PAST, no prelo.

SANTANA, Daniel e TEIXEIRA, Célia, “A cidade do Museu – Memória e identidade do Centro Histórico de Tavira” in AAVV, **Memória e Futuro. Património, Coleções e a Construção de um Museu para Tavira**. Tavira: Câmara Municipal de Tavira. 2014. Pp. 61-78.

SANTOS, Fernando Pereira e NUNES, Liliana Rente, “Rua das Olarias 6 e 7 – Estruturas e espaços da Olaria tardo medieval de Tavira” in COVANEIRO, Jacquelina (coord.) **Do barro à roda de Oleiro: As cerâmicas da rua das Olarias**, Tavira: Museu Municipal de Tavira - Município de Tavira. 2024. Pp.23-37

SILVA, António de Moraes, **Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau** / reformado, e acrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro. - Lisboa : na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789. - 2 vol. P.630  
<https://purl.pt/29264/2/>

TRINDADE, Luísa, **O Urbanismo na Composição de Portugal**, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. 2013.

VASCONCELOS, Damião Augusto de Brito, **Notícias Históricas de Tavira 1242/1840**, Tavira: Edição da Câmara Municipal de Tavira. 1999



Decreto-lei nº 38:382 de 1951 que aprova o Regulamento Geral das Edificações Urbanas.  
Diário do Governo, I série, nº166

Ficha SIPA: Núcleo urbano da cidade de Tavira  
[http://www.monumentos.gov.pt/site/app\\_pagesuser/sipa.aspx?id=10025](http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/sipa.aspx?id=10025)

# A Cidade Viva: Corredores Verdes de Lisboa e a Visão de Gonçalo Ribeiro Telles

**Elodie Marques**

DINÂMIA'CET-Iscte

Iscte-Instituto Universitário de Lisboa

[Elodie\\_Marques@iscte-iul.pt](mailto:Elodie_Marques@iscte-iul.pt)

**Paula André**

DINÂMIA'CET-Iscte

Iscte-Instituto Universitário de Lisboa

[paula.andre@iscte-iul.pt](mailto:paula.andre@iscte-iul.pt)

**Resumo:** A conceção dos Corredores Verdes em Lisboa representa a convergência de uma tradição de pensamento ecológico e urbanístico que se desenvolve desde o século XIX e encontra expressão plena na obra de Gonçalo Ribeiro Telles. Com uma visão integrada da paisagem, Telles promoveu a ideia de uma estrutura ecológica do território, onde os espaços verdes urbanos desempenham funções ecológicas, sociais e simbólicas essenciais. A sua atuação em múltiplas esferas — política, académica e técnica — foi decisiva para a implementação de infraestruturas verdes multifuncionais no contexto português. Este ensaio analisa a evolução conceptual e prática dos Corredores Verdes em Lisboa, com destaque para o Corredor Verde de Monsanto e para a rede de nove corredores hoje existente, que reforçam a conectividade ecológica, a mobilidade sustentável e a qualidade de vida urbana. Através destes projetos, Lisboa tornou-se referência em urbanismo ecológico, materializando uma visão de cidade viva, onde natureza, cultura e sociedade se articulam de forma duradoura e resiliente.

**Palavras-chave:** Estrutura ecológica, Corredores Verdes, Lisboa, Gonçalo Ribeiro Telles, *Continuum Naturale*

## Introdução

Nas últimas décadas, a crescente urbanização e a fragmentação dos ecossistemas urbanos têm motivado um debate cada vez mais urgente sobre a integração da natureza nas cidades. Entre as respostas mais significativas a este desafio surgem os Corredores Verdes (*greenways*): infraestruturas lineares de vegetação concebidas para reforçar a conectividade ecológica, promover a mobilidade sustentável e melhorar a qualidade de vida urbana. Embora os seus antecedentes possam ser encontrados em experiências urbanísticas do século XIX — como os *boulevards* arborizados, as cidades-jardim de Ebenezer Howard ou os *parkways* de Frederick Law Olmsted —, a consolidação dos Corredores Verdes como elementos estruturantes e multifuncionais do território urbano é relativamente recente, resultado de uma evolução conceptual, técnica e política que se intensificou a partir da segunda metade do século XX.

A implementação efetiva destes sistemas, no entanto, enfrentou diversos obstáculos. A fragmentação administrativa e sectorial dificultou a necessária articulação entre diferentes escalas de planeamento. A pressão sobre o solo urbano, valorizado sobretudo por interesses imobiliários, limitou a preservação de áreas estratégicas para a continuidade ecológica. A ausência de uma base científica robusta e de instrumentos legais adequados, antes do surgimento da ecologia da paisagem nos anos 1970, contribuiu para o atraso na aplicação prática destes conceitos. Em Portugal, a consagração legal do conceito de estrutura ecológica nacional só viria a ganhar consistência a partir dos anos 1990. Paralelamente, a prioridade dada ao desenvolvimento infraestrutural e à expansão urbana relegou, durante décadas, a infraestrutura verde para um papel secundário, muitas vezes encarado como acessório ou meramente decorativo.

Foi apenas com a intensificação da crise climática, a perda acelerada da biodiversidade e a crescente pressão sobre os espaços públicos urbanos — manifestadas em fenómenos como as ilhas de calor, as cheias urbanas, a escassez de zonas verdes seguras e acessíveis, ou a degradação de habitats — que os Corredores Verdes passaram a ser reconhecidos como infraestruturas essenciais. Conceitos como infraestrutura verde, serviços ecossistémicos e soluções baseadas na natureza passaram a enquadrar estas estruturas dentro de uma lógica de resiliência territorial, colocando a natureza no centro da estratégia urbana.

Em Portugal, o arquiteto paisagista Gonçalo Ribeiro Telles (1922-2020) começou a desempenhar um papel fundamental na divulgação e sensibilização da sociedade civil e dos decisores políticos para a importância da integração dos sistemas naturais no planeamento urbano. Inspirado pelo pensamento ecológico de Francisco Caldeira Cabral, Telles propôs uma abordagem sistémica do ordenamento do território, centrada na paisagem e nas dinâmicas ecológicas. Através da estrutura ecológica do território e do Plano Verde de Lisboa, lançou as bases para a construção de uma rede de Corredores Verdes que, nas últimas décadas, transformou profundamente o urbanismo da capital portuguesa. Através de artigos publicados na imprensa generalista e especializada, procurou formar opinião pública e fomentar uma nova consciência ecológica, antecipando muitos dos debates que hoje moldam o ordenamento do território.

O conceito de continuidade ecológica foi introduzido por Francisco Caldeira Cabral, através da noção de *continuum naturale*, desenvolvida no âmbito do primeiro curso de Arquitetura Paisagista (Instituto Superior de Agronomia, 1942). Esta visão propunha uma abordagem sistémica e funcional da paisagem, onde a manutenção dos processos naturais

seria essencial à sustentabilidade territorial. O conceito foi progressivamente institucionalizado, com destaque para a Lei de Bases do Ambiente (1987), que reconheceu a continuidade dos sistemas naturais como pilar do ordenamento, culminando com a Lei de Bases do Ordenamento do Território (1999), onde a estrutura ecológica é formalmente assumida como componente estruturante do território nacional.

Este ensaio propõe uma análise histórica e conceptual da evolução dos Corredores Verdes, com ênfase na sua teorização internacional, nas barreiras que dificultaram a sua implementação e na sua adaptação ao contexto português. Destaca-se, em particular, o papel pioneiro de Gonçalo Ribeiro Telles na génese desta visão, bem como os projetos concretos que permitiram a Lisboa tornar-se referência na integração entre ecologia, paisagem e cidade.

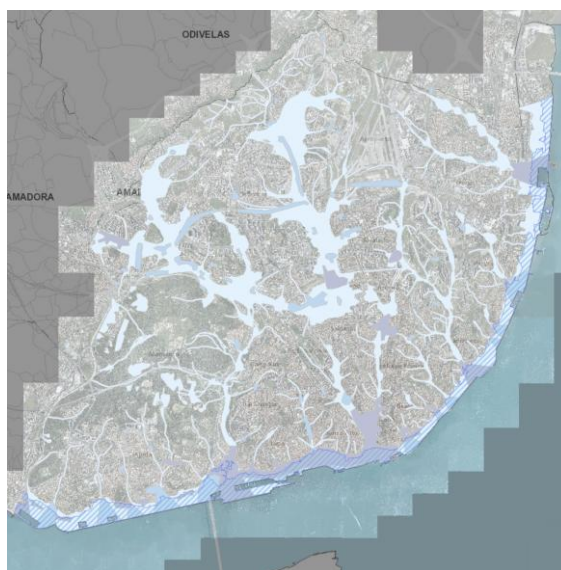


Figura 1, Planta de ordenamento – Planta de Riscos Naturais e Antrópicos I com foco na Suscetibilidade ao Efeito de Maré Direto e à Vulnerabilidade às Inundações. In: <https://websig.cm-lisboa.pt/>

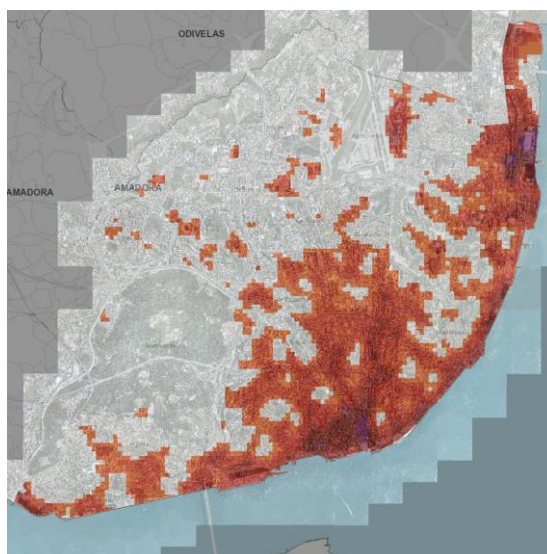


Figura 2, Carta da Intensidade da Ilha de Calor Urbana em OC ao Entardecer (Cenário Atual). In: <https://websig.cm-lisboa.pt/>



## Do pensamento ecológico aos Corredores Verdes

O pensamento ecológico aplicado ao território tem raízes profundas no século XIX, destacando-se o naturalista Alexander von Humboldt (1769–1859), que, na obra *Kosmos*<sup>1</sup>, introduziu uma visão holística da natureza como um organismo vivo e interligado, animado por forças dinâmicas. Este entendimento influenciou o surgimento da ecologia como disciplina científica, formalizada por Ernst Haeckel (1834–1919) em 1866<sup>2</sup>, ao definir a ecologia como o estudo das relações entre os seres vivos e o meio envolvente. Complementarmente, o fisiologista Walter Cannon (1871–1945) introduziu o conceito de homeostase<sup>3</sup>, descrevendo a capacidade dos organismos (e, por analogia, dos sistemas territoriais) de manter estabilidade face a perturbações externas — noções que mais tarde seriam aplicadas ao planeamento urbano e à estruturação ecológica do espaço.

Com o crescimento urbano acelerado após a Revolução Industrial, tornou-se evidente a necessidade de integrar os sistemas naturais nas cidades. Ainda no século XIX, surgem propostas estruturadas com base em princípios paisagísticos e ecológicos, como os *boulevards* arborizados de Haussmann (1809-1891) em Paris, que conciliavam mobilidade e vegetação. Nos Estados Unidos, os arquitetos paisagistas Frederick Law Olmsted (1822–1903) e Calvert Vaux (1824–1875) projetaram o *Central Park* (Nova Iorque), e mais tarde, Olmsted desenvolveu o conceito de *parkway*, redes de vias ajardinadas que ligavam parques urbanos, culminando no projeto do *Emerald Necklace* (Boston). Esta rede de espaços verdes interligados é considerada um exemplo paradigmático do que mais tarde se designaria como Corredor Verde.

Na mesma época, em Inglaterra, Ebenezer Howard (1850-1928) propôs o modelo das cidades-jardim, introduzindo o conceito de *greenbelt*<sup>4</sup> — um cinturão verde a envolver o perímetro urbano, com a função de conter a expansão descontrolada da cidade e promover uma relação equilibrada entre meio urbano e rural.



Figura 3, Planta do *Emerald Necklace*, in <https://www.emeraldnecklace.org/park-overview/emerald-necklace-map/>

<sup>1</sup> HUMBOLDT, Alexander von - **Kosmos: Entwurf einer physischen Weltbeschreibung**. Stuttgart und Tübingen: J. G. Cotta'scher Verlag, 1845.

<sup>2</sup> HAECKEL, Ernst - **Generelle Morphologie der Organismen**. Berlin: G. Reimer, 1866.

<sup>3</sup> CANNON, Walter - Organization for Physiological Homeostasis. **Physiological Reviews**, vol.9, nº3 (1929), pp.399-431.

<sup>4</sup> HOWARD, Ebenezer - **Garden Cities of To-Morrow**. Swan Sonnenschein & Co, 1898.

Contudo, durante grande parte dos séculos XIX e XX, o urbanismo focou-se predominantemente na eficiência funcional, no crescimento económico e na expansão urbana, relegando os princípios ecológicos para um plano secundário. Conceitos como o *greenbelt* ou o *parkway*, embora visionários, enfrentaram grandes obstáculos à sua aplicação, como a pressão imobiliária, os constrangimentos financeiros e a fragmentação institucional. A transição de uma abordagem estética e higienista para uma visão ecológica e funcional exigiu uma mudança de paradigma que só começou a consolidar-se na segunda metade do século XX, com o surgimento das preocupações ambientais globais e a afirmação de uma nova ética do território, baseada na sustentabilidade, na conectividade ecológica e na resiliência urbana.

Na década de 1960, surgiram os primeiros conceitos mais diretamente ligados à ecologia, com destaque para Philip Lewis Jr. (1925-2017), que introduziu o termo *environmental corridors*<sup>5</sup> em projetos de conservação no estado de Wisconsin. Esses corredores visavam proteger áreas sensíveis, integrando o planeamento urbano e a ecologia da paisagem. Neste mesmo contexto, Ian McHarg, na obra seminal *Design with Nature*<sup>6</sup>, propôs uma metodologia de planeamento baseada nos processos naturais do território. A sua abordagem fundamentou a ideia de um *continuum* natural ou infraestrutura ecológica conectada, antecipando os atuais conceitos de infraestrutura verde. Durante esse período, foram implantados os primeiros parques lineares, com destaque para áreas ribeirinhas urbanas. Esses espaços conciliavam o controlo de cheias, recreio e a preservação da biodiversidade.

A partir do final dos anos 1970, o termo *greenway* ganhou destaque nos Estados Unidos, aparecendo inicialmente em *The Last Landscape* de William H. Whyte (1917-1999)<sup>7</sup>. Contudo, foi com Charles E. Little, autor de *Greenways for America* (1990)<sup>8</sup>, que o conceito foi sistematizado e popularizado. Little propôs uma tipologia funcional de *greenways*, abrangendo usos ecológicos, cénicos, recreativos e históricos.

Em 1987, o relatório da *President's Commission on American Outdoors* recomendou a criação de uma “rede viva de *greenways*”, reconhecendo essas estruturas como elementos centrais de uma paisagem urbana sustentável.

A década de 1990 marcou a transição dos *greenways* para estruturas multifuncionais de integração territorial.<sup>9</sup> Jack Ahern (1995)<sup>10</sup>, nos seus estudos sobre infraestrutura verde, definiu os *greenways* como redes planeadas para múltiplos usos — ecológicos, recreativos, estéticos, culturais e de mobilidade. Esse conceito foi complementado por Fábio e Ahern (1996)<sup>11</sup>, que reforçaram a necessidade de planear essas redes com base em funções interligadas.

---

<sup>5</sup> LEWIS JR., Philip - **Wisconsin Heritage Landscape Project**. Wisconsin: University of Wisconsin Press, 1964.

<sup>6</sup> MCHARG, Ian - **Design with Nature**. EUA: Natural History Press, 1969.

<sup>7</sup> WHYTE, William - **The Last Landscape**. EUA: Doubleday, 1968.

<sup>8</sup> LITTLE, Charles - **Greenways for America**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1990.

<sup>9</sup> HELLMUND, Paul & SMITH, Daniel – **Ecology of Greenways**. Minnesota: University of Minnesota Press, 1993.

<sup>10</sup> AHERN, Jack - Greenways as a Planning Strategy. **Landscape and Urban Planning**, vol.33, nº1-3 (1995), pp.131-155.

<sup>11</sup> FABOS, Julius & AHERN, Jack - **Greenways: The Beginning of an International Movement**. Elsevier, 1996.

Simultaneamente, o termo *green infrastructure* foi introduzido oficialmente por Buddy MacKay no estado da Flórida (1994–1995) e consolidado por Benedict & McMahon<sup>12</sup>, ampliando a abordagem para incluir serviços ecossistêmicos, mitigação de riscos ambientais e resiliência climática.

Na Europa, termos como *voie verte* (França e Bélgica) surgiram nos anos 1990–2000, focando na mobilidade não motorizada e na valorização de corredores ambientais. Redes como o RAVeL (Rede Autônoma de Vias Lentas da Bélgica) exemplificam essa vertente. Outras expressões utilizadas incluem, *green veins* e *green wedges* – enfatizam a penetração de vegetação nas malhas urbanas; *ecological networks* – redes de habitats conectados, geralmente implementadas em políticas europeias; *landscape linkages* – conexões ecológicas e visuais na paisagem; *blueways* – corredores aquáticos navegáveis com valor paisagístico e ecológico.

A partir de 2015, os conceitos de infraestrutura verde e corredor verde passaram a ser incorporados sob o guarda-chuva das Soluções Baseadas na Natureza (*Nature-Based Solutions – NBS*)<sup>13</sup>, promovidas pela União Europeia, ONU-Habitat e outras entidades internacionais. Essas soluções visam integrar as funções ecológicas, sociais e adaptativas da paisagem urbana como resposta à crise climática e à desigualdade urbana.

Posto este breve contexto evolutivo, dado que podem ser aplicados de várias formas, respondendo a múltiplos objetivos, podemos dizer que não existe uma definição única e consensual; contudo, é possível identificar um traço comum a todos os Corredores Verdes: a sua linearidade e continuidade, frequentemente integrando estruturas pré-existentes na paisagem com características ecológicas, culturais ou estéticas particulares.<sup>14</sup> Nesse seguimento, destaca-se a investigação realizada por Paul Hellmund e Daniel Smith<sup>15</sup>. Com base na abordagem destes autores, apresenta-se de seguida uma tabela síntese da evolução histórica dos conceitos relacionados com Corredores Verdes:

| Conceito / Termo              | Autor(es) Associado(s)              | Ano / Período | Obra / Projeto de Referência                 | Contribuição Principal                                       |
|-------------------------------|-------------------------------------|---------------|----------------------------------------------|--------------------------------------------------------------|
| <b>Boulevards arborizados</b> | Georges-Eugène Haussmann            | 1853–1870     | Reformas urbanas de Paris                    | Integração de vegetação em vias urbanas; precursor funcional |
| <b>Parkway</b>                | Frederick Law Olmsted, Calvert Vaux | 1857–1887     | Central Park (NY), Emerald Necklace (Boston) | Interligação de parques; conceito linear                     |
| <b>Greenbelt</b>              | Ebenezer Howard                     | 1898          | <i>Garden Cities of Tomorrow</i>             | Cinturão verde como limite urbano                            |

<sup>12</sup> BENEDICT, Mark & McMAHON, Edward - **Green Infrastructure: Linking Landscapes and Communities**. Virginia: Island Press, 2006.

<sup>13</sup> EUROPEAN COMMISSION - **Towards an EU Research and Innovation policy agenda for Nature-Based Solutions & Re-Naturing Cities. Final Report of the Horizon 2020 Expert Group on 'Nature-Based Solutions and Re-Naturing Cities'**. Brussels: European Commission, 2020.

<sup>14</sup> HELLMUND, Paul & SMITH, Daniel – **Designing greenways**. Washington: Island Press, 2006.

<sup>15</sup> Esta tabela foi traduzida por Maria Alice Cachada. Ver CACHADA, Maria – **Corredores Verdes como Estratégia de Integração e Salvaguarda do Património Histórico e cultural**. Dissertação de Mestrado, 2019, pp.7-8.

| Conceito / Termo                                            | Autor(es)<br>Associado(s)                                | Ano /<br>Período       | Obra / Projeto de<br>Referência                                                                                               | Contribuição<br>Principal                                                                        |
|-------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------|------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Environmental<br/>Corridors</b>                          | Philip H. Lewis<br>Jr.                                   | Anos<br>1960           | <i>Wisconsin Heritage<br/>Plan</i>                                                                                            | e integração<br>cidade-campo<br>Corredores naturais<br>funcionais como<br>base do<br>ordenamento |
| <b>Greenway</b>                                             | William H.<br>Whyte, Charles E.<br>Little                | 1970–<br>1990          | <i>The Last Landscape<br/>(1970s); Greenways for<br/>America (1990)</i>                                                       | Consolidação do<br>termo “greenway”<br>como rede<br>multifuncional                               |
| <b>Infraestrutura<br/>Verde</b>                             | Buddy MacKay<br>(Flórida, EUA);<br>Benedict &<br>McMahon | 1994–<br>2006          | <i>Green Infrastructure:<br/>Linking Landscapes and<br/>Communities</i>                                                       | Expansão do<br>conceito para<br>incluir funções<br>ambientais<br>integradas                      |
| <b>Multifunctional<br/>Greenways</b>                        | Jack Ahern, Fábio<br>& Ahern                             | 1995                   | <i>Greenways: A Guide to<br/>Planning, Design and<br/>Development (Smith &amp;<br/>Hellmund, 1993);</i><br>trabalhos de Ahern |                                                                                                  |
| <b>Ecological<br/>Networks /<br/>Landscape<br/>Linkages</b> | Europa<br>(infraestrutura<br>ecológica)                  | Anos<br>1990–<br>2020s | Diretrizes da União<br>Europeia, redes Natura<br>2000, estudos da<br>Ecologia da Paisagem                                     |                                                                                                  |
| <b>Nature-Based<br/>Solutions (NBS)</b>                     | União Europeia /<br>ONU-Habitat                          | 2015 em<br>diante      | Estratégias de<br>Resiliência Urbana;<br>Green Deal Europeu                                                                   |                                                                                                  |

Tabela 1 - Evolução histórica dos conceitos relacionados com Corredores Verdes

### O pensamento de Gonçalo Ribeiro Telles

O arquiteto paisagista, político, professor e escritor, Gonçalo Ribeiro Telles desenvolveu um pensamento sistémico e holístico sobre a paisagem, contribuindo de forma decisiva para a consolidação do conceito de Corredor Verde, que evoluiu para um conceito ecológico – uma componente da Estrutura ecológica – ancorando-se inicialmente nos fundamentos da ecologia clássica e expandindo-se até à integração nos instrumentos de ordenamento do território e políticas ambientais.

Desde os anos de 1950, Telles articulou a sua prática profissional com a intensa atividade política, académica e a escrita recorrente na imprensa, abordando de forma transversal a relação entre paisagem, ecologia e qualidade de vida.

O seu trabalho, que passou por instituições como a Câmara Municipal de Lisboa, o Fundo de Fomento da Habitação, Ministérios e universidades como o Instituto Universitário de Évora e o Instituto Superior de Agronomia, em Lisboa, refletiu sempre uma preocupação central com o ordenamento da paisagem.



Relativamente à paisagem urbana, ao longo de três décadas, Ribeiro Telles foi publicando ensaios e artigos em revistas e jornais, nos quais explorou a evolução teórica, onde se destaca o conceito de corredor verde, tomando como estudo de caso a cidade de Lisboa. Este percurso conceptual inicia-se na década de 1960 com a defesa da necessidade dos espaços verdes na estrutura urbana, quando afirmava, em 1962, que os espaços verdes deveriam ser elementos estruturantes e não meramente decorativos.<sup>16</sup> Em 1966, introduz o conceito de penetrações verdes, como faixas que atravessam a cidade e a ligam ao campo, funcionando como canais ecológicos e socio territoriais.<sup>17</sup>

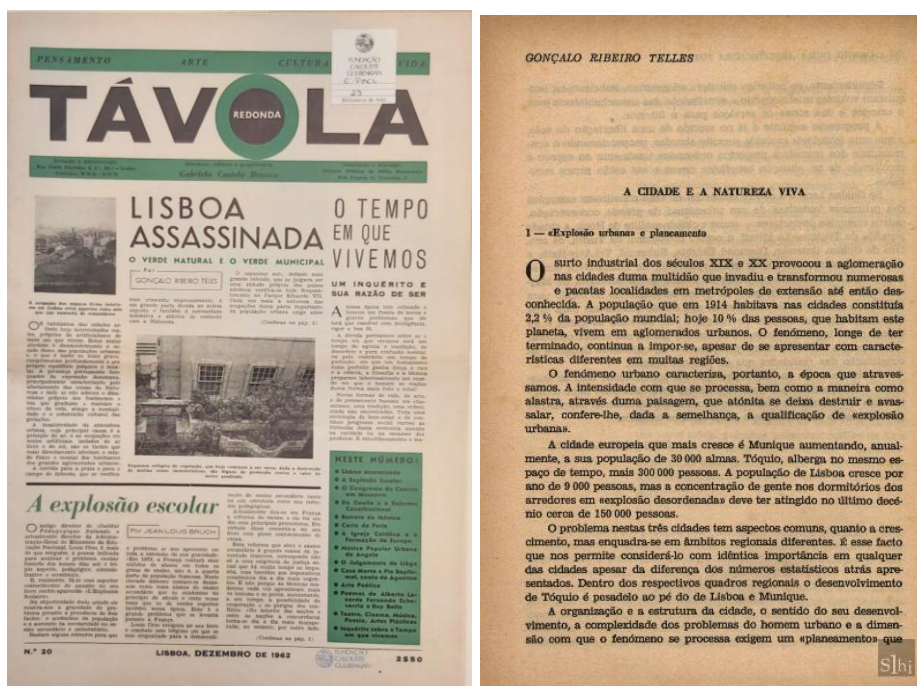


Figura 4, Destaque para o artigo TELLES, Gonçalo Ribeiro – Lisboa assassinada. O verde natural e o verde municipal. *Távola Redonda* n.º20 (1962) p.3. & artigo TELLES, Gonçalo Ribeiro – A cidade e a natureza viva. *O Tempo e O Modo*, n.º34/35 (1966) p.43.

Em 1971, a ideia de continuidade ecológica amplia essa proposta, com a noção de que os espaços verdes devem formar uma rede contínua capaz de garantir a circulação de fluxos naturais (água, ar, espécies), promovendo uma verdadeira integração entre cidade e natureza.<sup>18</sup> Esta linha de pensamento culmina entre 1975<sup>19</sup> e 1979 com o desenvolvimento da estrutura verde contínua, uma proposta que trata os espaços verdes como uma rede ecológica coesa, articulada com a matriz biofísica do território, essencial para a resiliência ecológica das cidades.<sup>20</sup>

<sup>16</sup> TELLES, Gonçalo Ribeiro – Lisboa assassinada. O verde natural e o verde municipal. *Távola Redonda*, n.º20 (1962) pp.1-3. & TELLES, Gonçalo Ribeiro – Lisboa assassinada. Em luta por uma cidade mais bela e humana. *Távola Redonda*, n.º23 (1963) p.3 e p.13.

<sup>17</sup> TELLES, Gonçalo Ribeiro – A cidade e a natureza viva. *O Tempo e O Modo*, n.º34/35 (1966) pp.32-46.

<sup>18</sup> TELLES, Gonçalo Ribeiro – Expansão Urbana. *Arquitectura*, n.º121-122 (1971) pp.97-98.

<sup>19</sup> TELLES, Gonçalo Ribeiro – Da formação do solo à socialização da paisagem. In FERNANDES, J. Almeida et al - *Uns Comem Os Figs*. Coleção ecologia e sociedade. Lisboa: Seara Nova, 1975.

<sup>20</sup> TELLES, Gonçalo Ribeiro – Lisboa Assassinada. A estrutura verde. *A Capital*, (1979) p.1 e p.3.

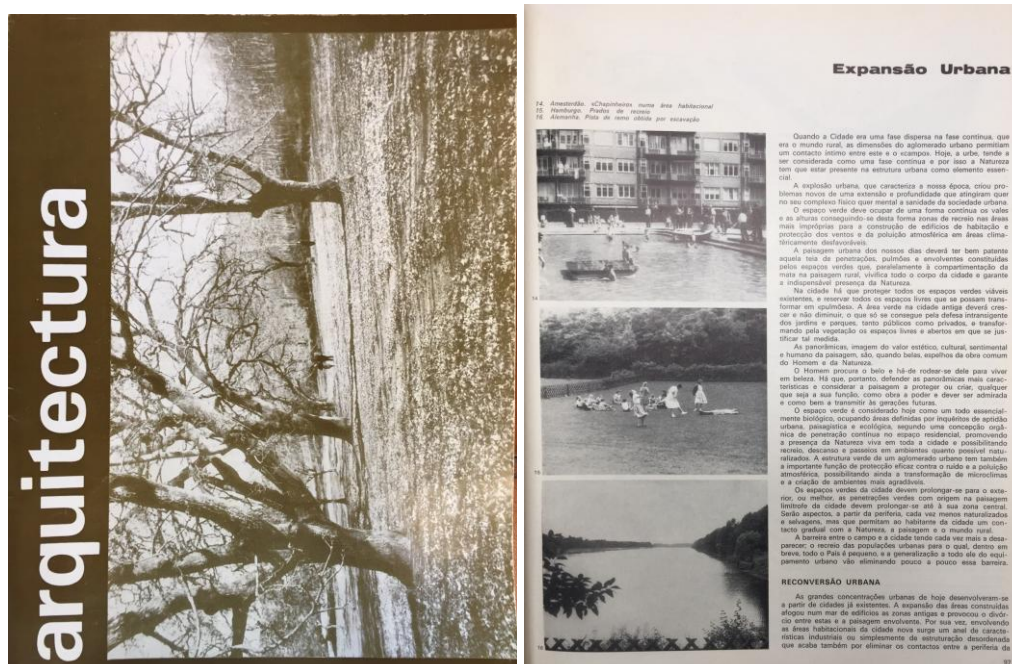


Figura 5, Trecho do artigo TELLES, Gonçalo Ribeiro – Expansão Urbana. *Arquitectura* nº121-122 (1971), p.98.

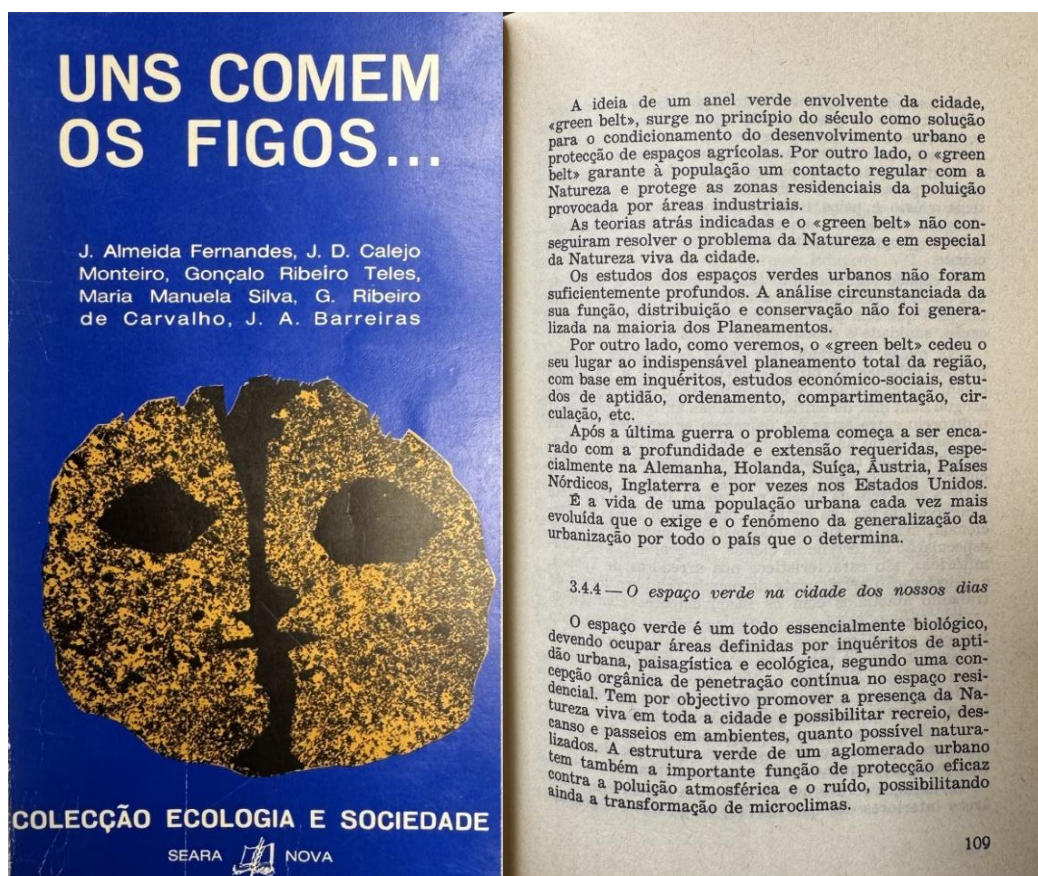


Figura 6, Trecho do artigo TELLES, Gonçalo Ribeiro – Da formação do solo à socialização da paisagem. In FERNANDES, J. Almeida et al - *Uns Comem Os Figos*. Coleção ecologia e sociedade. Lisboa: Seara Nova, 1975, p.113.





Figura 7, Destaque para o artigo TELLES, Gonçalo Ribeiro – Lisboa Assassinada. A estrutura verde. **A Capital** (1979) p.3; artigo TELLES, Gonçalo Ribeiro – O prolongamento “verde” da avenida da Liberdade. **A Capital**, (1981) p.5. & artigo TELLES, Gonçalo Ribeiro – O empório do betão. **A Capital** (1984) p.5.

Após a crítica veemente ao prolongamento da Avenida da Liberdade<sup>21</sup> (1981), a formalização do conceito surge finalmente em 1984, com a adoção dos termos estrutura verde e corredor verde<sup>22</sup>, consagrado num projeto paradigmático para a cidade de Lisboa: o Corredor Verde de Monsanto. Este projeto propôs a ligação do Parque Florestal de Monsanto ao centro da cidade, através de um eixo contínuo de vegetação que inclui o Vale de Alcântara, a Quinta das Conchas, os jardins da Fundação Gulbenkian e o prolongamento até à Avenida da Liberdade.

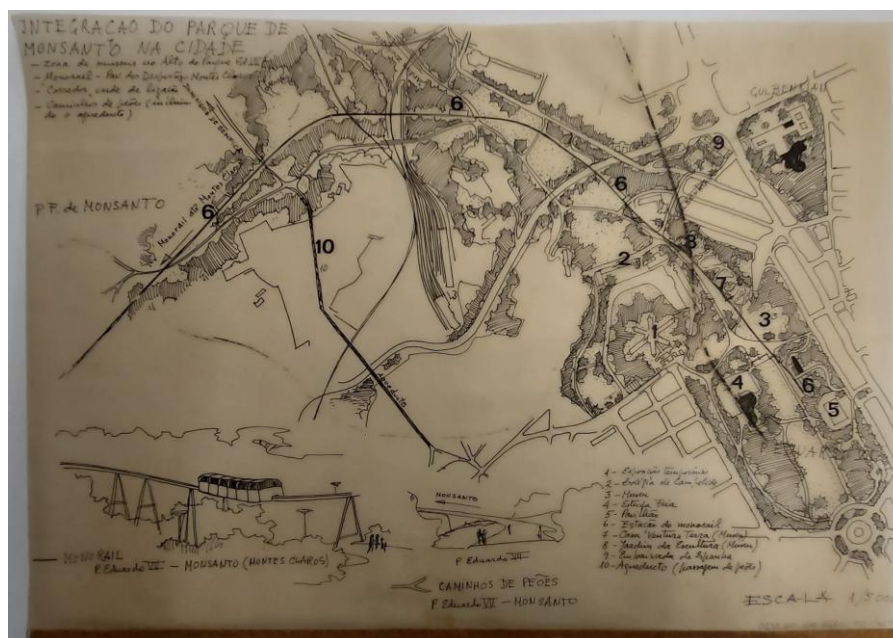


Figura 8, Esquízo de Gonçalo Ribeiro Telles para a Integração do Parque de Monsanto na cidade de Lisboa. Arquivo Pessoal de Gonçalo Ribeiro Telles, Forte de Sacavém.

<sup>21</sup> TELLES, Gonçalo Ribeiro – O prolongamento “verde” da avenida da Liberdade. **A Capital**, (1981) p.5.

<sup>22</sup> TELLES, Gonçalo Ribeiro – O empório do betão. **A Capital**, (1984) p.5.

### Do Plano Verde de Lisboa à Estrutura Ecológica no Plano Diretor Municipal

A influência de Gonçalo Ribeiro Telles no planeamento de Lisboa é visível não apenas no Corredor Verde de Monsanto, mas também na disseminação da sua metodologia de análise do território, que articula a matriz biofísica com os usos urbanos. A sua abordagem sistémica inspirou os planos diretores e estratégias de desenvolvimento urbano sustentável, integrando a ecologia, a mobilidade, a recreação e a cultura. Mais do que um conceito técnico, o corredor verde assume-se como um instrumento político e ético, comprometido com a construção de cidades mais justas, resilientes e integradas na paisagem natural.



Figura 9 - Estudos realizados por Gonçalo Ribeiro Telles na Câmara Municipal de Lisboa. Arquivo Pessoal de Gonçalo Ribeiro Telles, Forte de Sacavém.



A primeira tentativa na aplicação da estrutura ecológica surge no âmbito do Plano Verde de Lisboa<sup>23</sup>, coordenado pelo Professor Gonçalo Ribeiro Telles, a convite do arquiteto Luís Jorge Bruno Soares, coordenador do PDM, aprovado em 1994, durante a presidência de Jorge Sampaio na Câmara Municipal de Lisboa.

O conceito de estrutura ecológica, adotado em Portugal, fundamenta a delimitação das infraestruturas verdes e representa uma evolução no planeamento urbano ecológico. Trata-se de uma construção progressiva e integrada de parques urbanos e Corredores Verdes que, ao desenvolverem-se enquanto infraestruturas territoriais, se transformam em espaços verdes contínuos e estruturantes, definidos com base em critérios de aptidão ecológica.<sup>24</sup>

Embora este PDM tenha sido concluído antes da publicação do Plano Verde (1997), a integração destes elementos no planeamento e gestão urbanística tornou-se uma referência na cultura de ordenamento territorial da cidade, culminando na consagração normativa da estrutura ecológica no PDM de 2012.<sup>25</sup> A trajetória que culminou com a consagração da Estrutura Ecológica Municipal de Lisboa no Plano Diretor Municipal de 2012 teve como ponto de partida um projeto conceptual iniciado décadas antes, e como força motriz uma equipa técnica multidisciplinar liderada por Gonçalo Ribeiro Telles em vários momentos.

Entre 1996 e 2003, a convite da Câmara Municipal de Lisboa, sob a presidência de João Soares, Ribeiro Telles foi chamado para desenvolver dois projetos pioneiros: o Jardim do Alto do Parque (mais tarde Jardim Amália Rodrigues) e o Corredor Verde de Monsanto, que viria a tornar-se o primeiro corredor plenamente realizado em Lisboa. Esta fase inicial foi marcada por intensa colaboração entre técnicos da Câmara Municipal de Lisboa, académicos e jovens profissionais, entre os quais se destacam Fátima Leitão, Sofia Pimenta, e estagiários do Instituto Superior de Agronomia.

O gabinete sediado na rua do Comércio tornou-se o núcleo de uma profunda transformação no pensamento urbanístico municipal. Sob a liderança de Ribeiro Telles e com coordenação académica da Prof. Aurora Carapinha (Universidade de Évora) e da Prof. Manuela Raposo Magalhães (Instituto Superior de Agronomia), o gabinete desenvolveu os fundamentos técnicos e metodológicos daquilo que viria a ser, anos depois, a rede estruturante dos Corredores Verdes. Os estudos realizados abrangeram desde o ordenamento dos vales de Alcântara e Chelas, até à estrutura ecológica da Área Metropolitana de Lisboa, propondo ainda Unidades Operativas de Planeamento e Gestão Ecológica, antecessoras diretas dos Corredores Verdes atuais.

Entre 1998 e 2003, foram produzidos levantamentos sobre circulação hídrica e atmosférica, produção alimentar urbana, infraestruturas de mobilidade suave, além de propostas para a valorização dos logradouros urbanos e requalificação das zonas ribeirinhas. Este trabalho culminaria, anos mais tarde, na formalização da Estrutura Ecológica no Plano Diretor Municipal de 2012, um marco normativo que consolidou décadas de investigação e prática inovadora.

---

<sup>23</sup> TELLES, Gonçalo Ribeiro (coord.) - **Plano Verde de Lisboa**. Lisboa: Colibri, 1997.

<sup>24</sup> MAGALHÃES, Manuela Raposo et al. - **Estrutura ecológica da paisagem: conceitos e delimitação: escalas regional e municipal**. Lisboa: ISA Press, 2007.

<sup>25</sup> LOURENÇO, Ana - **A paisagem da cidade. convergência entre ecologia e morfologia urbana. O caso de Lisboa**. Tese de doutoramento, 2019.

A revisão do Plano Diretor Municipal, sob coordenação técnica de Paulo Pais, integrou formalmente a Estrutura Ecológica Municipal na planta de ordenamento da cidade, estabelecendo diretrizes claras para a preservação da natureza urbana: manutenção de logradouros, valorização do sistema hídrico, proteção das transições fluvial-estuarinas, consideração de vulnerabilidades naturais e integração do património paisagístico. Esta inclusão representa a transposição dos princípios ecológicos desenvolvidos por Telles para o corpo jurídico e técnico do ordenamento urbano, com implicações estruturais na morfologia e funcionalidade da cidade.

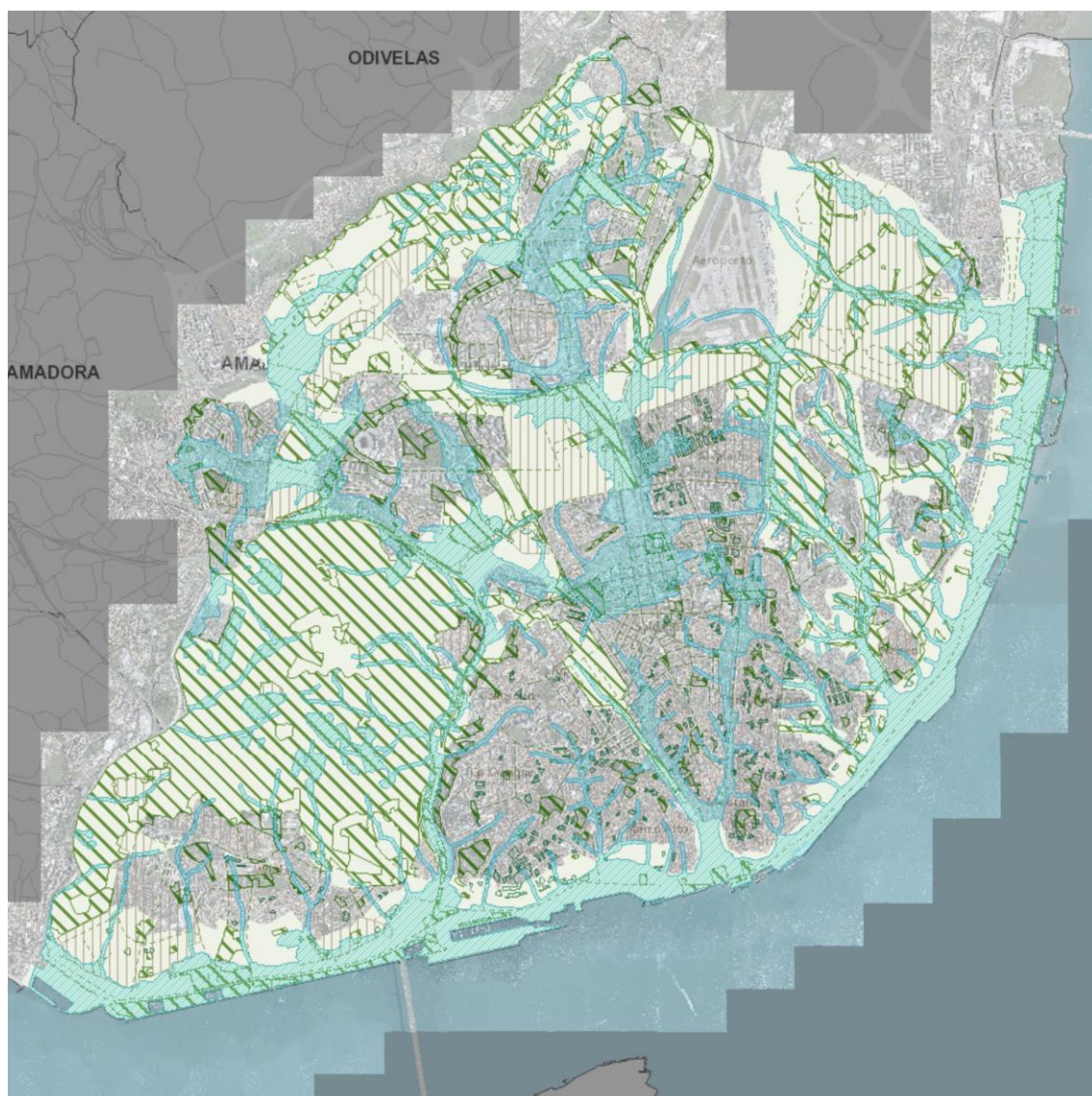


Figura 10 – Planta de Ordenamento – Estrutura Ecológica Municipal. In: <https://websig.cm-lisboa.pt/>

## Os Corredores Verdes de Lisboa

Gonçalo Ribeiro Telles concebeu os Corredores Verdes como instrumentos de transformação estrutural, ambiental, social e cultural. Para o arquiteto paisagista, o espaço público deveria ser simultaneamente belo, acessível, saudável e gerador de sentido de pertença. Os Corredores Verdes representam, assim, uma expressão física e simbólica de uma cidade mais humana, onde a natureza deixa de ocupar uma posição periférica para se tornar elemento central da estrutura urbana. A importância da sua visão ultrapassa a dimensão técnica e projetual, constituindo um verdadeiro legado cultural e ético.

O seu pensamento exerceu uma influência profunda e duradoura em várias gerações de arquitetos paisagistas, urbanistas e decisores políticos, moldando o discurso e a prática do urbanismo contemporâneo em Portugal.

Lisboa tem vindo a materializar, de forma progressiva essa visão estratégica. A partir de 2008, com apoio político do vereador José Sá Fernandes, a Camara Municipal de Lisboa intensificou a execução dos projetos associados aos Corredores Verdes. A coordenação técnica de Helena Barros Gomes, com apoio de João Castro e Duarte Mata, permitiu dar continuidade ao trabalho do gabinete que foi extinto em 2003.

Entre 2009 e 2020, Lisboa viu a implementação progressiva de nove Corredores Verdes, cobrindo mais de 19 km<sup>2</sup>:

1. Corredor verde de Monsanto
2. Corredor verde alta do Lumiar
3. Corredor verde central
4. Corredor verde ocidental Rio seco
5. Corredor verde oriental
6. Corredor verde periférico
7. Corredor verde ribeirinho
8. Corredor verde vale de Alcântara
9. Corredor verde dos Olivais

A inauguração do Corredor Verde de Monsanto em 2012, mais de trinta anos após a sua idealização por Ribeiro Telles, simbolizou a concretização de uma visão ecológica profunda e persistente: a cidade como organismo vivo. O Corredor Verde de Monsanto liga o Parque Florestal de Monsanto ao Parque Eduardo VII, num percurso de 2,5km com 51 hectares, integrando trilhos, hortas urbanas, ciclovias, zonas de biodiversidade, parques infantis e miradouros. Mais do que um projeto paisagístico, representa a aplicação prática de conceitos como a continuidade, elasticidade e multifuncionalidade, fundamentais na teoria de Ribeiro Telles.

Os nove Corredores Verdes desempenham um papel central na estrutura ecológica municipal, promovendo a conectividade entre espaços naturais, a mobilidade sustentável, o bem-estar urbano e a valorização do património natural e cultural da cidade.





Figura 11, Planta dos Limites dos Corredores Verdes de Lisboa. In: <https://websig.cm-lisboa.pt/>

### A herança de Gonçalo Ribeiro Telles em Lisboa

A distinção de Lisboa como Capital Verde Europeia em 2020, ano da morte de Gonçalo Ribeiro Telles, representa o reconhecimento internacional dos esforços recentes da cidade em sustentabilidade, mas também a consagração de uma visão ecológica e territorial construída ao longo de décadas. Ribeiro Telles, figura central do urbanismo e da arquitetura paisagista em Portugal, sensibilizou cidadãos e decisores políticos para a importância da estrutura ecológica do território, tendo influenciado projetos dessa estruturação em Lisboa.

A requalificação da Praça de Espanha é outro exemplo paradigmático do legado de Telles. Onde antes predominavam vias e tráfego intenso, surgiu agora um parque urbano multifuncional, projetado pelos ateliers NPK e RUA, que integra a gestão sustentável das águas, a mobilidade suave, a biodiversidade urbana e espaços públicos inclusivos. Inaugurado em 2021, e intitulado Parque Gonçalo Ribeiro Telles, articula-se com o grande Corredor Verde de Monsanto, conectando zonas como Campolide, Sete Rios e Amoreiras. A Menção Honrosa do Prémio Valmor e Municipal de Arquitetura atribuída em 2023 reforça o seu valor como exemplo de reconciliação entre o urbanismo e a



ecologia da paisagem. Contudo, apesar da qualidade paisagística e ambiental do projeto, a sua plena ativação depende da ocupação quotidiana pela comunidade. A ausência de concursos para os equipamentos previstos, bem como a falta de atividades regulares, compromete a manutenção, segurança e vivência do espaço.

Hoje, ao percorrer os troços arborizados que se interligam na cidade, podemos dizer que Lisboa caminha, literalmente e simbolicamente, pelas ideias visionárias de Gonçalo Ribeiro Telles.



Figura 12, Parque Urbano Gonçalo Ribeiro Telles, Lisboa. Fotografia: Francisco Nogueira, sem data.

### Considerações finais

A implantação dos Corredores Verdes em Lisboa constitui uma das mais significativas materializações do pensamento ecológico no urbanismo português. Muito além da sua dimensão estética ou recreativa, estes corredores expressam uma visão estruturante da cidade, em que a paisagem assume um papel ativo na organização do território e na promoção do bem-estar. Gonçalo Ribeiro Telles foi o grande impulsionador desta visão, articulando ação política, prática técnica e reflexão ética para integrar os sistemas ecológicos no planeamento urbano.

A sua influência ultrapassa os projetos emblemáticos que idealizou, refletindo-se na forma como passou a ser pensado o ordenamento do território em Portugal. A consagração da Estrutura Ecológica no Plano Diretor Municipal de Lisboa e a progressiva implementação de nove Corredores Verdes marcam uma mudança de paradigma: do urbanismo fragmentado para uma abordagem sistémica e integrada.

Atualmente, os Corredores Verdes desempenham um papel crucial na resposta às crises ambientais contemporâneas, como as alterações climáticas, a perda de biodiversidade e a degradação dos espaços públicos. Ao promoverem a regulação térmica, a infiltração das águas pluviais, a mobilidade suave e a coesão social, estas infraestruturas alinham-se com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e as *Nature-Based Solutions* promovidas internacionalmente.

A trajetória iniciada por Ribeiro Telles demonstra que o planeamento urbano pode ser, simultaneamente, uma prática técnica, um projeto político e um compromisso ético com as gerações futuras. Lisboa, ao concretizar essa visão, afirma-se como referência em inovação ecológica urbana, e os seus Corredores Verdes tornam-se testemunhos vivos de uma cidade que procura harmonizar natureza, cultura e sociedade. Mais do que estruturas físicas, são expressões de um urbanismo comprometido com a sustentabilidade, a justiça ambiental e o bem comum — a paisagem concreta de uma cidade viva, imaginada por um dos seus mais visionários arquitetos paisagistas.

## Bibliografia

AHERN, Jack - Greenways as a Planning Strategy. **Landscape and Urban Planning**, vol.33, nº1-3 (1995), pp.131-155.

AHERN, Jack - Greenways in the USA: theory, trends and prospects. In JONGMAN, Rob & PUNGETTI, Gloria - **Ecological Networks and Greenways: Concept, design, implementation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, pp.34-55.

BENEDICT, Mark & McMAHON, Edward - **Green Infrastructure: Linking Landscapes and Communities**. Virginia: Island Press, 2006.

CABRAL, Francisco Caldeira - **O *Continuum Naturale* e a conservação da natureza**. Lisboa: Serviços de Estudos do Ambiente, 1980, pp.35-54.

CACHADA, Maria – Corredores Verdes como Estratégia de Integração e Salvaguarda do Património Histórico e cultural. Dissertação de Mestrado, 2019, pp.7-8.

CANNON, Walter - Organization for Physiological Homeostasis. **Physiological Reviews**, vol.9, nº3 (1929), pp.399-431.

EUROPEAN COMMISSION - **Towards an EU Research and Innovation policy agenda for Nature-Based Solutions & Re-Naturing Cities. Final Report of the Horizon 2020 Expert Group on 'Nature-Based Solutions and Re-Naturing Cities'**. Brussels: European Commission, 2020.

FABOS, Julius & RYAN, Robert – An introduction to greenway planning around the world. **Landscape and urban Planning**, Vol. 76, nº1-4 (2006) pp.1-6.

FABOS, Julius & AHERN, Jack - **Greenways: The Beginning of an International Movement**. Elsevier, 1996.

FLINK, Charles & SEARNS, Robert – **Greenways: a guide to planning, design and development**. Washington: Island Press, 1993. Disponível em <https://archive.org/details/greenwaysguideto0000flin/page/n1/mode/1up>

HAECKEL, Ernst - *Generelle Morphologie der Organismen*. Berlin: G. Reimer, 1866.  
HELLMUND, Paul & SMITH, Daniel – **Ecology of Greenways**. Minnesota: University of Minnesota Press, 1993.

HELLMUND, Paul & SMITH, Daniel – **Designing greenways**. Washington: Island PRESS, 2006.

HOWARD, Ebenezer - **Garden Cities of To-Morrow**. Swan Sonnenschein & Co, 1898.

HUMBOLDT, Alexander von - **Kosmos: Entwurf einer physischen Weltbeschreibung**. Stuttgart und Tübingen: J. G. Cotta'scher Verlag, 1845.

LEWIS JR., Philip - **Wisconsin Heritage Landscape Project**. Wisconsin: University of Wisconsin Press, 1964.

LITTLE, Charles - **Greenways for America**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1990.

LOVELOCK, James & MARGULIS, Lynn - *Gaia as Seen Through the Atmosphere*. **Atmospheric Environment Pergamon Press**. Vol. 6, (1972), pp.579-580.

LOURENÇO, Ana - **A paisagem da cidade. convergência entre ecologia e morfologia urbana. O caso de Lisboa**. Tese de doutoramento, 2019.

MAGALHÃES, Manuela Raposo et al. - **Estrutura ecológica da paisagem: conceitos e delimitação: escalas regional e municipal**. Lisboa: ISA Press, 2007.

MCHARG, Ian - **Design with Nature**. EUA: Natural History Press, 1969.

SEARNS, Robert - The evolution of greenways as an adaptive urban landscape form. **Landscape and Urban Planning**, Vol. 33, nº1-3 (1995) pp.65-80.

SPIRN, Anne Whiston - *Constructing Nature: The Legacy of Frederick Law Olmsted*. In: TELLES, Gonçalo Ribeiro – *Lisboa assassinada. O verde natural e o verde municipal*. **Távola Redonda**, nº20 (1962) pp.1-3.

TELLES, Gonçalo Ribeiro – *Lisboa assassinada. Em luta por uma cidade mais bela e humana*. **Távola Redonda**, nº23 (1963) p.3 e p.13.

TELLES, Gonçalo Ribeiro – *A cidade e a natureza viva*. **O Tempo e O Modo**, nº34/35 (1966) pp.32-46.

TELLES, Gonçalo Ribeiro – Expansão Urbana. **Arquitectura**, n121-122 (1971), pp.97-98.

TELLES, Gonçalo Ribeiro – Da formao do solo  socializao da paisagem. In FERNANDES, J. Almeida et all - **Uns Comem Os Figos**. Coleo ecologia e sociedade. Lisboa: Seara Nova, 1975.

TELLES, Gonçalo Ribeiro – Lisboa Assassinada. A estrutura verde. **A Capital**, (1979) p.1 e p.3.

TELLES, Gonçalo Ribeiro – O prolongamento “verde” da avenida da Liberdade. **A Capital**, (1981) p.5.

TELLES, Gonçalo Ribeiro – O empório do betão. **A Capital**, (1984) p.5.

TELLES, Gonçalo Ribeiro (coord.) - **Plano Verde de Lisboa**. Lisboa: Colibri, 1997.

WHYTE, William - **The Last Landscape**. EUA: Doubleday, 1968.



# **Espaços Residuais em Favelas: Territórios de Resistência, Memória e Regeneração Ambiental**

**Ester Carro**

Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Presidente do Instituto Fazendinhando  
[estercarro@fazendinhando.org](mailto:estercarro@fazendinhando.org)

**Angélica Tanus Benatti Alvim**

Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Bolsista Produtiva CNPq.  
[angelica.alvim@mackenzie.br](mailto:angelica.alvim@mackenzie.br)

**Resumo:** O artigo discute os espaços residuais em favelas como territórios de resistência, memória e regeneração ambiental. Esses espaços, muitas vezes ignorados pelo planejamento urbano tradicional, são resultado de processos de urbanização fragmentada, que desconsideram as dinâmicas e formas de apropriação construídas pelos próprios moradores. A ausência de políticas públicas integradas e de uma abordagem baseada na realidade do território produz vazios urbanos marcados pela estigmatização, abandono e, em muitos casos, ocupação por atividades ilícitas. No entanto, o estudo destaca que esses espaços carregam um forte potencial de transformação quando as intervenções passam a reconhecer as metodologias de base comunitária, criadas de forma espontânea ou em parceria com organizações sociais. São exemplos disso a implementação de hortas urbanas e ações de zeladoria comunitária, que emergem como formas de regeneração socioambiental e de fortalecimento do pertencimento local. A pesquisa propõe que os processos de urbanização em favelas devem considerar as redes sociais, os saberes territoriais e as soluções já praticadas pelos moradores, evitando intervenções descoladas da realidade local. Os espaços residuais não devem ser vistos como problemas a serem eliminados, mas como oportunidades para construir novas relações entre as dinâmicas urbanas consolidadas e as periferias. Inspirado por autores como Krenak e Simone Weil, o texto defende que o enraizamento comunitário e a atenção às especificidades territoriais são fundamentais para garantir justiça espacial e fortalecer a resiliência climática nas áreas mais vulneráveis da cidade.

**Palavras-chave:** espaços residuais, regeneração socioambiental, mudanças climáticas, justiça espacial, enraizamento comunitário.

## Introdução

Em 1957, o primeiro satélite foi lançado na órbita da Terra. Isso nos oferecia uma posição privilegiada, a partir da qual podíamos olhar para nós mesmos e assinalar o começo de uma nova consciência global, uma mudança dramática no nosso relacionamento com o planeta. Vista do espaço, a beleza da nossa biosfera é fantástica – mas é fantástica também sua fragilidade. As manchas da poluição, as feridas do desmatamento, as cicatrizes da industrialização e a expansão caótica de nossas cidades são evidências de que, na nossa busca por riqueza, estamos sistematicamente espoliando todos os aspectos do sistema de apoio à vida do planeta.<sup>1</sup>

Pela primeira vez, torna-se inegável que os limites ambientais não são questões isoladas de nações específicas, mas parte de uma mesma teia planetária. E se o impacto das ações humanas se revela à escala do planeta, é no espaço urbano, em sua escala local, que essas ações se concentram e se tornam visíveis. As cidades passam a ser, simultaneamente, palco e protagonista da crise ambiental contemporânea.

“A sobrevivência da sociedade sempre dependeu da manutenção do equilíbrio entre as variáveis de população, recursos naturais e meio ambiente. O desleixo para com este princípio foi desastroso e as consequências, fatais para antigas civilizações. Da mesma forma, estamos sujeitos às leis de controle da sobrevivência. Entretanto, somos os primeiros a constituir uma civilização global e, portanto, os primeiros que enfrentam, simultaneamente, a expansão da população a nível mundial, a destruição dos recursos naturais e do meio ambiente.”<sup>2</sup>

O desafio atual, portanto, é de uma complexidade inédita. A interdependência global nos obriga a repensar os fundamentos do desenvolvimento urbano, confrontando não apenas as questões de infraestrutura, habitação ou mobilidade, mas especialmente os princípios éticos que regem a relação entre sociedade e natureza. A crise ambiental que atinge o planeta é também uma crise civilizatória, na medida em que nos força a interrogar os próprios valores que sustentaram a modernidade urbana até aqui. Mas nem todas as porções da cidade experienciam essa crise da mesma forma. Nos territórios populares, especialmente nas áreas precárias, os efeitos da degradação ambiental e do abandono urbano se somam a processos históricos de desigualdade, exclusão e resistência.

A urbanização no Brasil, diferentemente de outros contextos, nasce sob os auspícios da colonização e do extrativismo. Em vez de se organizar para a emancipação social ou para a integração territorial equilibrada, as cidades brasileiras foram, desde seu início, moldadas por interesses externos e por lógicas de espoliação. As raízes dessa urbanização seletiva e subordinada ainda marcam a forma como o espaço urbano é produzido e apropriado no país.

Essa herança rural ainda estrutura boa parte do imaginário social e político do Brasil. A cidade, nesse sentido, surge como uma experiência tardia, desconectada de um projeto nacional robusto e muitas vezes vista como ameaça ou desvio em relação à “identidade agrária”. Tal disjunção entre campo e cidade contribuiu para a fragmentação de políticas

---

<sup>1</sup> ROGERS, Richard; GUMUCHDJIAN, Philip. **Cidades para um pequeno planeta**. São Paulo: Editora Gustavo Gili, 2012, p. 3.

<sup>2</sup> Ibidem.

urbanas e para o descolamento entre urbanização física e inclusão social. Assim, enquanto o mundo se “urbanizava”, o Brasil o fazia de forma desigual, periférica e excludente.

De acordo com Santos<sup>3</sup>, entre 1940 e 1980, houve uma verdadeira inversão no padrão de residência da população brasileira. Em 1940, apenas 26,35% da população vivia em áreas urbanas. Quarenta anos depois, em 1980, a taxa saltou para 68,86%. Nesse intervalo, a população total do país triplicou, enquanto a população urbana cresceu mais de quatro vezes, passando de 77% do total. Entre 1960 e 1980, o crescimento da população urbana foi particularmente intenso: cerca de cinquenta milhões de pessoas migraram para as cidades — um número quase equivalente à população total do país em 1950. Apenas na década de 1970, o número de habitantes urbanos incorporados foi semelhante ao total da população urbana de 1960. Já entre 1980 e 1990, enquanto a população total cresceu cerca de 26%, a população urbana aumentou mais de 40%, o que representou um acréscimo de aproximadamente trinta milhões de pessoas.

Esse processo acelerado de urbanização, no entanto, não foi acompanhado por políticas públicas eficazes de planejamento urbano e inclusão social, o que contribuiu para a formação de territórios marcados pela precariedade, como as favelas.

É importante ressaltar que o problema enfrentado pelas favelas não se deve simplesmente ao crescimento demográfico, mas à ausência histórica de políticas públicas integradas e de uma abordagem territorial sistêmica. As intervenções, quando ocorrem, são frequentemente conduzidas de maneira fragmentada, sem um real entendimento das dinâmicas locais e sem o necessário diálogo com a população. O território é tratado de forma apressada, com foco exclusivo no cumprimento de metas de entrega e na resposta a demandas imediatas, sem considerar os impactos de longo prazo. Esse tipo de urbanização gera espaços degradados ou até mesmo investimentos públicos que, por falta de manutenção e apropriação comunitária, rapidamente se tornam áreas abandonadas ou pontos de descarte irregular de lixo.

É nesse contexto que emergem os chamados espaços residuais, fragmentos urbanos negligenciados que, embora marcados pela precariedade, também carregam potências de memória, pertencimento e reorganização ecológica.

Diante desse cenário, este artigo<sup>4</sup> propõe refletir sobre os impactos dessas práticas nas favelas, com foco nos chamados espaços residuais, e discutir como processos participativos e metodologias de base comunitária podem contribuir para a regeneração socioambiental desses territórios. As questões aqui apresentadas serão aprofundadas nos próximos tópicos, a partir de uma análise crítica e de experiências práticas desenvolvidas em campo.

Mais do que mitigar os efeitos da urbanização excludente, consiste em reorientar as estratégias de intervenção urbana por meio de uma abordagem regenerativa, que busca restaurar ecossistemas degradados e proporcionar uma reconciliação entre sociedade e

---

<sup>3</sup> SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2008, p.32.

<sup>4</sup> Esse artigo é parte do capítulo teórico da Tese de Doutorado em desenvolvimento de Ester Carro, sob orientação de Angélica Benatti Alvim, no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

natureza. O conceito de regeneração tem ganhado crescente relevância justamente por desafiar a lógica antropocêntrica dominante e por redirecionar o foco do desenvolvimento para a criação de sistemas socioambientais capazes de se manter, evoluir e prosperar. Essa perspectiva compreende regenerar como “trazer vida, vigor ou força novos”<sup>5</sup>, articulando a restauração de fontes de energia e materiais com a integração das necessidades humanas e naturais. Vai, portanto, além da reparação de danos, posicionando-se como facilitadora de ecossistemas mais resilientes, baseados na melhoria das relações entre os seres humanos e o ambiente do qual fazem parte<sup>6</sup>. O fluxo de recursos, nesse contexto, deve beneficiar simultaneamente a sociedade e a natureza, promovendo benefícios mútuos e não apenas compensações unilaterais.

### **A formação dos espaços residuais: Fragmentação e potencial de transformação**

A fragmentação do olhar sobre a cidade é especialmente evidente nas favelas, onde as intervenções urbanas desconsideram o entorno e as redes sociais e espaciais que já existem. Em muitos casos, pequenas praças, vielas, escadarias ou áreas de transição entre assentamentos precários e infraestruturas formais se tornam "espaços residuais", territórios sem função clara, muitas vezes apropriados pelo crime ou transformados em depósitos de entulho. Dentre eles, estão os diferentes grupos do crime organizado que têm enorme influência em uma das poucas formas de utilização / subutilização desses espaços e, “atuam em interstícios dos diferentes espaços segregados da cidade, que constituem uma espécie de guetos segundo a classe social que os habita”.<sup>7</sup> Para Fabregat:

“Otras veces, tomando como pretexto la criminalidad en la ciudad, hay que destacar como los poderes públicos en ciertos barrios marginales potencian un imaginario urbano de inseguridad, criminalizándose "a una parte de la población, cuyo peligro potencial parece aumentar en este marco de ciudades cada vez más crispadas social y territorialmente, y se legitima una vigilancia cada vez más intensa y opresiva" (Fraile, 2007: 23). Es decir, estos poderes aprovechan esta imagen de incertidumbre para ejercer un control social sobre la misma, que ayuda a la segregación espacial. En este sentido la lucha contra el delito puede ser objeto de manipulación y utilizarse con diferentes fines. Unos son económicos, derivados del volumen de dinero que mueven las industrias de la seguridad militar, policial y penal. Otros son fines políticos, ya que el miedo a la inseguridad y la producción de sentimientos de protección es uno de los ejes programáticos de gobiernos y partidos políticos para legitimar a los estados y organizaciones supraestatales y crear mecanismos de control social.”<sup>8</sup>

O autor destaca que essa narrativa de criminalidade não apenas aumenta o medo nas populações, mas também serve como uma ferramenta para a segregação espacial e o fortalecimento das indústrias de segurança. A manipulação do medo da insegurança também pode ser usada por governos e partidos políticos como um mecanismo para legitimar o controle social e justificar intervenções políticas, com fins econômicos e políticos. Essa

<sup>5</sup> Plaut, J. M., Dunbar, B., Wackerman, A. & Hodgins, S. (2012). **Regenerative design: The LENSES Framework for buildings and communities**. Building Research & Information, 40(1), 112–122. ()

<sup>6</sup> DU PLESSIS, C.; BRANDON, P. (2014). **An ecological worldview as the basis for a regenerative sustainability paradigm for the built environment**. Journal of Cleaner Production, 109, pp. 53–61. <https://doi.org/10.1016/j.jclepro.2014.09.098>

<sup>7</sup> FABREGAT, Clemente Herrero. **Aproximación a la geopolítica orgánica, cibernética y cognitiva**. BJIR, Marília, v.3, n.3, p. 391-418, Set/Dez. 2014.

<sup>8</sup> Idem, p. 414



lógica de controle reflete a forma como o medo é instrumentalizado para gerar um maior isolamento e fragmentação social, afetando diretamente as populações que habitam essas áreas marginalizadas. Como será apresentado no quadro a seguir, que sintetiza a formação dos espaços residuais em favelas.

Esse processo está diretamente relacionado aos espaços residuais nas favelas (Quadro 01) onde, além de negligenciados nas políticas públicas, são excessivamente vigiados e estigmatizados. Em muitos casos, os espaços que poderiam ser áreas de convivência comunitária ou de integração social são transformados em zonas de controle e exclusão, como destaca Fabregat. O fenômeno de criar espaços subutilizados ou fragmentados se entrelaça com a ideia de controle social, onde o espaço é, por vezes, um reflexo da violência simbólica imposta pela falta de diálogo entre as comunidades e os agentes urbanos.

Os espaços residuais também surgem como consequência de obras de grande infraestrutura e em razão dos vazios urbanos terem sido tratados com pouco caso por parte dos arquitetos e urbanistas, durante a rápida expansão do transporte e da mobilidade, no período do crescimento veloz e desordenado da urbe e de sua população.<sup>9</sup>

Para Souza, tudo foi determinante para produzir espaços de terra ociosa que são ou possuem potencial para se tornarem espaços livres residuais. Ademais, de acordo com Ascher<sup>10</sup>, a cidade construída apresenta dificuldade em andar em paralelo com as constantes e repentinas transformações da sociedade, no atual mundo tecnológico e do conhecimento, produzindo problemáticas urbanas, como esses espaços. Os espaços residuais podem ser deixados intencionalmente, pelo poder privado e/ou público, para serem subutilizados ou para ficarem sem apropriação pela população. Isso tudo tendo em vista uma futura especulação imobiliária ou determinados fins públicos. Analisando os fatos, é possível compreender que os espaços residuais podem possuir a sua origem no seu tipo de função, ou na falta dela, dentro da cidade. A atividade exercida no espaço, pode torná-lo um espaço residual perante à sociedade, principalmente, se for uma atividade vista como marginal e/ou realizada por um grupo de indivíduos considerados marginais.<sup>11</sup>

---

<sup>9</sup> SOUZA, K. M. **A dinâmica dos espaços residuais na cidade contemporânea: O caso da Cidade Nova e arredores**. Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal Fluminense - Rio de Janeiro, 2020.

<sup>10</sup> ASCHER, F. **Os Novos Princípios do Urbanismo**. São Paulo: Romano Guerra, 2010.

<sup>11</sup> SOUZA, K. M. **A dinâmica dos espaços residuais na cidade contemporânea: O caso da Cidade Nova e arredores**. Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal Fluminense - Rio de Janeiro, 2020.

**Quadro 01.** Formação dos Espaços Residuais em Favelas.

| <b>1. AGENTES ENVOLVIDOS</b>                                                                                        |                                                                                                                                                                             |                                                                          |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------|
| <b>CIDADÃOS</b>                                                                                                     | <b>PODER PÚBLICO</b>                                                                                                                                                        | <b>PODER PRIVADO</b>                                                     |
| Uso informal, ocupações espontâneas, apropriação comunitária.                                                       | Infraestrutura deficitária; Políticas de remoção; Planejamento urbano direcionado à mobilidade e infraestrutura formal, resultando na marginalização de determinadas áreas. | -Expansão imobiliária desordenada;<br>-Especulação fundiária.            |
| <b>2. DINÂMICAS TERRITORIAIS</b>                                                                                    |                                                                                                                                                                             |                                                                          |
| <b>URBANISMO DE FRAGMENTAÇÃO</b>                                                                                    | <b>CIDADE ESTRATIFICADA</b>                                                                                                                                                 | <b>PRESSÃO IMOBILIÁRIA</b>                                               |
| Expansão urbana fragmentada e desigual, impulsionada por interesses setoriais e ausência de integração territorial. | Áreas sobrepostas de diferentes períodos urbanos, deixando "sobras" na malha urbana.                                                                                        | Gentrificação, remoção de moradores, expulsão de populações vulneráveis. |
| <b>3. IMPACTOS NA MORFOLOGIA URBANA</b>                                                                             |                                                                                                                                                                             |                                                                          |
| <b>PERDA DE SIGNIFICADO SOCIAL</b>                                                                                  | <b>ALTERAÇÃO NA MORFOLOGIA</b>                                                                                                                                              | <b>SOBRAS DA URBANIZAÇÃO</b>                                             |
| Espaços sem uso definido, sensação de abandono.                                                                     | Vielas estreitas, escadarias precárias, áreas sem função clara.                                                                                                             | Terrenos subutilizados, depósitos de lixo, locais inseguros.             |

**Fonte:** Elaborado pela autoras.

O espaço residual se mostra presente nas cidades contemporâneas com diversas facetas. Suas diferentes possibilidades de ser e sua infinidade de características fazem com que o seu surgimento se dê igualmente de múltiplas formas; como através da justaposição das camadas urbanas ao longo da história e do abandono de espaços públicos antes utilizados, que caíram no esquecimento da sociedade, devido à visão de que o espaço público não pertence a ninguém.<sup>12</sup>

A urbanização nas favelas, muitas vezes, é feita sem considerar essas dinâmicas já estabelecidas. Como Pereira<sup>13</sup> aponta, os espaços marginais são resultados diretos dos modelos de crescimento urbano, e apesar de serem vistos como obsoletos, eles carregam um

<sup>12</sup> PEREIRA, J. **Espaços Residuais Urbanos: Os "Baixos" de Viadutos**. 2011. 263 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) — Faculdade de Ciências e Tecnologia, Departamento de Arquitetura, Universidade de Coimbra. Coimbra. 2011.

<sup>13</sup> Ibidem.

potencial de novas apropriações participativas. Segundo Güell<sup>14</sup>, a metodologia do planejamento estratégico considera as incertezas inerentes ao dinamismo do ambiente urbano, a complexidade dos processos de transformação da cidade e a multiplicidade de agentes envolvidos no desenvolvimento urbano. O autor destaca que o planejamento urbano deve incorporar projeções sobre o futuro, adotar um enfoque sistêmico e incentivar uma participação ativa dos principais atores da comunidade, garantindo que esses agentes tenham um papel operacional no processo de planejamento.

Ferrara<sup>15</sup>, por exemplo, considera os espaços residuais como "cicatrizes do que foi destruído e não foi possível reconstruir totalmente... uma descontinuidade, um vazio a preencher de informação e de novos usos".

Joana Pereira também considera esses espaços como resultado de intervenções urbanas e os apresenta como espaços possíveis de serem preenchidos com novos usos, porém vai além. Aponta que eles podem gerar comoção e, assim, originar esses possíveis usos.

[...] espaços prosaicos e desumanos. São espaços de limite, obsoletos e esquecidos pelo desenvolvimento, embora sejam o resultado direto dos modelos de crescimento urbano. São áreas que geralmente fogem à hegemonia do controle tecnológico e se apresentam especialmente fraturados, sendo por vezes estranhamente comoventes. Pode ser essa comoção que faz com que estas áreas marginais possam ser o palco de novas situações participativas, oferecendo um novo leque de possibilidades à cidade.<sup>16</sup>

O esquecimento pode abrir brechas para processos participativos e ressignificações, esses espaços não precisam ser vistos apenas como problemas urbanos, mas como potenciais palcos para intervenções que emergem de dentro das comunidades.

Entende-se que o respeito, a valorização e ações da comunidade por esses espaços vão além do que tradicionalmente pode ser entendido como planejamento urbano, são iniciativas que emergem como novas dinâmicas operando de forma paralela aos serviços e administração oficiais. Leite<sup>17</sup> refere-se às cidades sustentáveis e inteligentes como cidades que têm a capacidade de estimular e aproveitar a emergência de uma série de novos serviços ligados à economia do conhecimento e cultura, destacando a ideia de reestruturação produtiva, como possibilidades que vão além das configurações territoriais usuais. Segundo o autor, novos arranjos produtivos poderão se aliar a novos arranjos espaciais na construção de novos territórios que agreguem valor funcional produtivo e urbano.

Os espaços residuais nas favelas são frequentemente vistos como territórios sem função, sobras do tecido urbano, áreas subutilizadas que esperam por alguma intervenção. Contudo, em resposta a análise dessa pesquisa, ao invés de enxergá-los como vazios a serem preenchidos, pretende-se reconhecê-los como espaços de potência, onde a cidade se reinventa e se regenera. Inspirando-se no pensamento de Ailton Krenak, esses espaços não devem ser

---

<sup>14</sup> GÜELL, J. M. F. **Planificación estratégica de ciudades**. Barcelona: Gustavo Gili, 1997. 240p.

<sup>15</sup> FERRARA, L. **Os significados urbanos**. São Paulo: EdUSP, 2000, p. 181.

<sup>16</sup> PEREIRA, op. cit, p.5.

<sup>17</sup> LEITE, M. A. F. P. **Um sistema de espaços livres para São Paulo**. São Paulo, 2011. p. 166.

compreendidos apenas como lacunas no ambiente construído, mas como territórios de respiro e possibilidade, onde a terra ainda pode manifestar sua capacidade de produzir vida.<sup>18</sup>

Krenak nos convida a aprender a "falar a língua da terra", compreendendo que o espaço livre não é ausência, mas presença de memória, de regeneração, de resistência. As favelas, marcadas por um processo contínuo de autoconstrução e transformação, carregam em seus espaços residuais a mesma dinâmica cíclica dos sistemas naturais: ocupação, abandono, reapropriação e ressignificação. Assim, esses territórios, muitas vezes esquecidos ou marginalizados, tornam-se lugares de resistência, onde os moradores exercem seu direito à cidade, apropriando-se do espaço de forma espontânea e criando novas camadas de significado para o território.

A importância dos espaços residuais para o desenvolvimento da vida nas cidades deveria ser uma preocupação recorrente nos diversos campos que permeiam os estudos urbanos, dado que constituem para diversos aspectos como a amenização climática, a articulação de fluxos, as atividades de lazer, entre outros.

### **A urgência da recuperação socioambiental em favelas no contexto das mudanças climáticas**

De acordo com a ONU-Habitat<sup>19</sup> as cidades são vítimas das mudanças climáticas e estão entre as suas piores agressoras: embora desproporcionalmente expostas aos seus impactos, também são responsáveis por gerar uma parcela significativa das emissões globais de gases com efeito de estufa. De inundações a ondas de calor, de tempestades violentas a secas, as áreas urbanas encontram-se frequentemente na linha de frente da crise climática. Muitas das maiores megacidades do mundo concentram milhões de pessoas e trilhões de dólares em ativos em áreas que se tornam mais vulneráveis a choques repentinos a cada ano. À medida que continuam a expandir-se, aumenta também a sua exposição, abrindo caminho para desastres potencialmente catastróficos no futuro.

Atualmente, o Brasil ocupa as primeiras posições no que tange às desigualdades socioeconômicas no mundo. O contexto das mudanças climáticas evidencia as questões em torno da justiça social e dos riscos ambientais, à medida que os estratos sociais mais vulneráveis mostram-se mais expostos aos efeitos dos extremos climáticos.<sup>20</sup>

A origem das favelas, na quase totalidade dos casos, é um ato de ocupação veloz e inesperado. O local de escolha a ser invadido é sempre um território residual, seja uma área natural da topografia inacessível, um terreno sujeito a riscos hidrogeológicos, um vazio da cidade

---

<sup>18</sup> KRENAK, Ailton. **Saiam desse pesadelo de concreto!**In: MOULIN, Gabriela; MARQUES, Renata; ANDRÉS, Roberto; CANÇADO, Wellington. *Habitar o Antropoceno*. Belo Horizonte: BDMG Cultural; Cosmópolis, 2022. p. 210-234.

<sup>19</sup> UN-HABITAT. **Relatório das cidades do mundo 2024: cidades e ação climática**. Nairobi: United Nations Human Settlements Programme, 2024.

<sup>20</sup> HARGREAVES-WESTENBERGER, Laurita; FUNARI, Armando Palermo. Capítulo 14 – **Meio ambiente e a (re)produção das desigualdades sociais nas metrópoles brasileiras**. In: IPEA. *50 anos de regiões metropolitanas no Brasil e a política nacional de desenvolvimento urbano: no cenário de adaptação das cidades às mudanças climáticas e à transição digital*. Brasília: Ipea, 2023. p. 327–346.



formal não utilizado e abandonado ou um estreito entre redes de infraestrutura. A ocupação tem início com o surgimento de barracos construídos com materiais de resíduos, que constituem uma primeira forma de apropriação do espaço por meio da construção de um abrigo. Assim, a favela inaugura, em um ato subversivo, uma obra de antropização e urbanização do território preexistente, que apresenta uma velocidade variável e dinâmicas inesperadas. A ilegalidade dos assentamentos os impulsiona a se tornarem invisíveis aos olhos da metrópole, escondendo-se em áreas longínquas das linhas principais ou misturando-se na vegetação densa. A adoção dessa estratégia depende do contexto em que a favela se insere, considerando fatores como os valores fundiário e natural da área, a distância ao centro da cidade e a relação de proximidade e de visibilidade que a liga à ocupação formal.<sup>21</sup>

“Na construção do primeiro barraco, a relação com o contexto natural se faz estratégica, pois comporta uma micro transformação do território sem a mediação infraestrutural da cidade. As áreas livres, planas e secas são facilmente ocupáveis, mas representam uma solução pouco atraente em razão de sua localização, geralmente distante do centro e exposta à marginalização. Nos territórios com topografia complexa, a invasão representa um desafio ainda maior: quando são confrontados com um território fortemente inclinado e íngreme, os barracos assentam-se primeiramente nas áreas menos inclinadas e mais acessíveis seguindo as radiais orográficas. A tipologia construtiva mais recorrente, nesses casos, é a estrutura feita de palafita, uma solução versátil e de fácil realização, com uma incidência de transformação mínima do território, frequentemente adotada também em zonas úmidas e pantanosas. Sempre que a topografia se apresenta muito acidentada ou irregular, estratégia prevalente é a terraplenagem artificial, que prevê uma transformação mais incisiva do território, saturando com resíduos, sucata ou materiais recicláveis as áreas inclinadas para que sejam criadas superfícies planas sobre as quais se possa edificar.”<sup>22</sup>

As escolhas por territórios considerados inóspitos ou de risco, como encostas íngremes, fundos de vale e áreas alagáveis, foram, na maioria das vezes, fruto da falta de alternativas habitacionais e da invisibilidade das populações de baixa renda nas políticas urbanas. É importante reconhecer que a precariedade ambiental e a vulnerabilidade aos desastres climáticos enfrentados hoje pelas favelas não são responsabilidade de seus moradores, mas resultado de décadas de omissão e negligência do poder público.

A própria construção inicial, muitas vezes feita com soluções provisórias e materiais reaproveitados, representa um ato de resistência e sobrevivência diante da exclusão socioespacial. A urgência da recuperação ambiental nas favelas não pode ser entendida como um processo de correção de “erros da população”, mas como uma oportunidade de reparar injustiças históricas e fortalecer a resiliência climática a partir de ações que dialoguem com os saberes locais e com as soluções que já vêm sendo criadas pelos próprios moradores.

O estudioso de ecologia urbana Herbert Girardet<sup>23</sup> argumentou que a solução está na busca de um “metabolismo” circular nas cidades, onde o consumo é reduzido pela implementação

---

<sup>21</sup> TESSARI, Alessandro. **Sobre a forma da favela**. In: ALVIM, Angélica Tanus Benatti; RUBIO, Viviane Manzione (orgs.). *Sustentabilidade em projetos para urbanização de assentamentos precários no Brasil: contexto, dimensões e perspectivas*. Barueri, SP: Manole, 2022. p. 100-123.

<sup>22</sup> Idem, p. 105.

<sup>23</sup> Herbert Girardet propõe que a sustentabilidade urbana só será possível se as cidades abandonarem o modelo linear de metabolismo, que extrai recursos da natureza, os consome e os descarta como resíduos, muitas vezes longe de onde foram gerados e adotarem um modelo circular, em que os fluxos de energia, água, alimentos e

de eficiências e onde a reutilização de recursos é maximizada. Devemos reciclar materiais, reduzir o lixo, conservar os recursos não-renováveis e insistir no consumo das renováveis. Uma vez que grande parte da produção e do consumo ocorre nas cidades, os atuais processos lineares de produção, causadores de poluição, devem ser substituídos por aqueles que objetivem um sistema circular de uso e reutilização. Estes processos aumentam a eficiência global do núcleo urbano e reduzem seu impacto no meio ambiente. Para atingir este ponto, devemos planejar cada cidade para administrar o uso dos recursos e para isso precisamos desenvolver uma nova forma de planejamento urbano holístico e abrangente.<sup>24</sup>

E se os espaços residuais, esquecidos e degradados, se tornassem pontos de regeneração ambiental, social e cultural?

Simone Weil foi uma crítica contundente da modernidade, sobretudo no que diz respeito à capacidade das estruturas políticas e econômicas contemporâneas de gerar desenraizamento em larga escala. Para ela, o desenraizamento constitui “a mais grave e mais perigosa doença das sociedades humanas”<sup>25</sup> na medida em que priva os indivíduos da possibilidade de estabelecer vínculos reais com seu território, sua cultura, sua língua e seus ritmos comunitários.

Essa crítica é particularmente pertinente quando observa-se os impactos das dinâmicas do mercado imobiliário e do planejamento urbano hegemônico sobre os territórios populares. A padronização normativa, o apagamento dos modos de vida locais e a ausência de participação popular efetiva caracterizam-se como formas contemporâneas de desenraizamento, processos que ignoram a realidade territorial das favelas e violentam suas estruturas sociais e simbólicas. A violência urbana, nesses casos, não se dá apenas pela ausência de infraestrutura, mas pela ruptura dos vínculos entre as pessoas e o espaço que habitam.

Os chamados “espaços residuais” áreas não institucionalizadas abrem uma possibilidade contra-hegemônica de regeneração. Por não estarem completamente capturados pela lógica do capital e do planejamento técnico-racional, esses fragmentos urbanos tornam-se lugares onde é possível reconstituir práticas de cuidado, pertencimento e memória. Em termos weilianos, seriam espaços potenciais de enraizamento: “O enraizamento é talvez a necessidade mais importante e mais desconhecida da alma humana”<sup>26</sup> e se manifesta quando o indivíduo participa de forma ativa e orgânica de uma coletividade que lhe permita continuidade histórica e simbólica.<sup>27</sup>

Assim, regenerar ambiental e socialmente esses espaços implica em requalificar o território físico, mas também em reativar um ethos coletivo, no qual a permanência, a memória e o afeto constituem os fundamentos da justiça espacial.

---

materiais são otimizados, reciclados e integrados aos ciclos naturais. Girardet, Herbert. *Cities, People, Planet: Urban Development and Climate Change*. 2nd ed., Wiley, 2008.

<sup>24</sup> ROGERS, Op. cit., p. 27.

<sup>25</sup> WEIL, Simone. **O enraizamento: prelúdio a uma declaração dos deveres para com o ser humano**. Tradução: Nélío Schneider. São Paulo: Âyiné, 2021.

<sup>26</sup> WEIL, Simone. **O enraizamento: prelúdio a uma declaração dos deveres para com o ser humano**. Tradução: Nélío Schneider. São Paulo: Âyiné, 2021.

<sup>27</sup> Ibidem, p. 51.

Para Simone Weil, o enraizamento não significa apego imobilizador ao passado, mas sim a continuidade viva entre o que já foi e o que ainda pode florescer. Trata-se de uma ligação orgânica entre gerações, em que a memória coletiva e os sonhos futuros coexistem no presente. Como ela escreve em *O Enraizamento*, “um ser humano tem raízes por sua participação real, ativa e natural na vida de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos de futuro”.<sup>28</sup>

As comunidades criam vínculos com o território, mesmo quando as condições são precárias. Há ali uma história coletiva, um saber sobre o espaço, uma relação com a terra e até mesmo com a vegetação nativa, que precisa ser reconhecida como parte da solução, e não do problema. Ao regenerar esses espaços com participação local, é possível nutrir essas raízes tornando-as férteis, você transforma a cidade não pela ruptura, mas pela continuidade.

Como lembra Simone Weil, “aquilo que torna um ser humano capaz de florescer não é o poder, nem a abundância de bens materiais, mas a presença viva de algo que ele possa amar, cuidar, reconhecer como seu, um pedaço de terra, uma história, um gesto”.<sup>29</sup> Trata-se de proteger memórias e cultivar formas renovadas de enraizamento, capazes de oferecer abrigo não apenas ao corpo, mas também à alma como veremos a seguir.

### **A horta do Sr Monteiro em Paraisópolis: exemplo de um espaço de regeneração e memória**

Na beira da cidade, entre muros altos e vielas espremidas, Sr. Monteiro, 65 anos, encontrou um campo fértil. Não o campo dos livros de geografia, mas um território invisível à cidade formal, um solo quase esquecido, um “resto” dentro de um conjunto habitacional em Paraisópolis, uma das maiores favelas de São Paulo. Nesse vazio urbano, talvez considerado por muitos como espaço de ninguém, Sr. Monteiro enxergou uma possibilidade. Com mãos acostumadas ao tempo da terra, ele fez nascer uma horta de cerca de 200 metros quadrados. É um pequeno oásis em uma região marcada pela escassez de áreas verdes, pela pressa do concreto e pela desigualdade territorial.

Não é a primeira vez que Sr. Monteiro planta. Vindo do Recife, carrega consigo a memória de um Brasil profundo e fértil, onde o saber da terra passa de geração em geração, mesmo quando o chão é duro ou negado. Em São Paulo, ele plantou e colheu em muitos cantos por onde trabalhou. Mas é ali, entre as paredes de um conjunto habitacional, que decidiu fincar raízes de forma mais firme. Como se dissesse: “aqui, o verde também pode ter vez”. (Figura 01)

A horta é viva e diversa com milho, mamão, melancia, banana, goiaba, tomates, pimentões, hortaliças de todos os tipos e cheiros. São mais de 80 espécies, cultivadas com cuidado e engenho. A irrigação, feita com uma mangueira furada estrategicamente, revela uma sabedoria simples e eficiente. Tudo ali é pensado: o tempo da semente, o momento da colheita, o valor de cada folha. Mas mais do que comida, Sr. Monteiro cultiva um modo de vida, uma visão de mundo em que aquilo que sobra pode florescer, em que o que é visto como resto pode ser futuro.

---

<sup>28</sup> Ibidem.

<sup>29</sup> Ibidem.



**Figura 01.** Horta comunitária ao lado de um conjunto habitacional em Paraisópolis, São Paulo.

**Fonte:** Acervo pessoal da autoras.

Conversar com ele é como mergulhar em uma filosofia da terra. Ele fala do cuidado com a alimentação, da falta de acesso a alimentos saudáveis nas periferias, do impacto que o verde tem no corpo e na alma. Ali, naquele espaço cultivado, moradores encontram não só hortaliças frescas, mas também um lugar seguro, de encontro, de contemplação, um lugar para respirar.

Simone Weil<sup>30</sup> escreveu que “a atenção, raramente usada, é a forma mais pura e generosa de generosidade.” E o Sr. Monteiro pratica essa atenção com rigor silencioso. Atento ao ciclo das chuvas, ao tempo do tomate, à textura do solo. Atento ao que o espaço quer dizer, ao que a cidade tenta esconder. Ele enxerga onde outros passam distraídos. Enxerga potência no que parecia sobrar. Em tempos de tanta migração, de tanta ruptura com o território, sua horta é uma forma de resistir ao desenraizamento cotidiano da cidade neoliberal.

A presença desse verde impacta a paisagem urbana e o clima. Em uma região como Paraisópolis, que sofre com as ilhas de calor,<sup>31</sup> com a ausência de sombras, com a impermeabilidade do solo, a horta do Sr. Monteiro atua como resistência ecológica. A regeneração ambiental que ele promove é prática; ela acontece ali, dia após dia, folha por folha. É a regeneração do solo, do vínculo com a terra, da possibilidade de vida comunitária. Ele mostra que a beleza da vida está justamente naquilo que insiste, no verde que teima em brotar onde antes havia apenas cinza, no milho que cresce entre as rachaduras.

<sup>30</sup> Ibidem.

<sup>31</sup> A ocorrência de ilhas de calor em Paraisópolis foi apontada em pesquisa coordenada por Renato Anelli, da Universidade Presbiteriana Mackenzie, que analisou variações de temperatura entre os bairros do Morumbi e Paraisópolis, em São Paulo. Disponível em: <https://www.mackenzie.br/en/memorias/150-anos/acontece/arquivo/n/a/i/pesquisa-do-mackenzie-revela-diferencas-de-temperaturas-entre-bairros-de-sao-paulo>



Em muitas favelas, os espaços ociosos e mal aproveitados, especialmente os localizados no miolo das quadras, tornam-se áreas residuais, frequentemente degradadas e sem função clara para os moradores. Esses vazios urbanos, quando ignorados pelo planejamento público, acabam sendo ocupados por atividades ilícitas, funcionando como pontos de tráfico de drogas, descarte irregular de resíduos ou mesmo como esconderijos em situações de conflito armado.

A implantação de hortas nesses locais contribui para a ressignificação do território, promovendo presença comunitária, circulação de moradores e o fortalecimento do sentimento de pertencimento e de cuidado coletivo. A simples presença de pessoas cultivando, conversando e se reunindo em torno da horta altera a dinâmica do espaço, inibindo práticas ilegais e gerando um ambiente mais seguro e acolhedor para todos.

No entanto, um dos principais desafios observados no quadro 02, nas experiências de hortas comunitárias está relacionado à manutenção e continuidade dessas iniciativas. Muitas hortas surgem a partir do esforço de indivíduos ou pequenos grupos, mas se fragilizam com o tempo pela ausência de apoio institucional, falta de recursos básicos, desgaste físico ou desmotivação das lideranças. A experiência do Sr. Monteiro demonstra a importância da valorização do trabalho de zeladoria, do suporte técnico constante e da construção de redes de apoio que envolvam moradores, organizações locais e políticas públicas. A sustentabilidade dessas práticas exige planejamento, reconhecimento do trabalho comunitário como essencial para o bem-estar urbano e mecanismos de governança que garantam sua permanência.

A horta cria um ambiente agradável que possibilita a conexão com a natureza, assim como a interatividade e o encontro entre pessoas, vizinhos que até então não se conheciam. Conexões e encontros são temas pertinentes para a educação ambiental e revelam a potencialidade dos sujeitos atuarem na comunidade e no espaço que frequentam como agentes. O papel das hortas na promoção da restauração, ou seja, de um ambiente com potencial restaurativo, é um tema que necessita de mais atenção e novas pesquisas.<sup>32</sup>

**Quadro 02.** Lições aprendidas a partir da horta comunitária e caminhos para sua replicação e escala.

| ASPECTO OBSERVADO       | LIÇÕES APRENDIDAS                                                                                  | CAMINHOS PARA ESCALAR                                                                                          |
|-------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Mobilização comunitária | A ação do Sr. Monteiro partiu da iniciativa individual, mas engajou vizinhos ao longo do processo. | Incentivar a formação de lideranças locais e redes de apoio entre moradores com oficinas, mutirões e formação. |
| Uso de espaços ociosos  | Transformar espaços residuais em áreas produtivas e verdes é possível                              | Mapear espaços residuais nas favelas e criar programas públicos de                                             |

<sup>32</sup> CHIERRITO-ARRUDA, Eduardo; ALVES, Gabriela Costa; SILVA, Catherine Menegaldi; ARAUJO, Bárbara Peixoto de; GROSSI-MILANI, Rute. **Afetividade pessoa-ambiente nas hortas comunitárias: promoção da saúde e da sustentabilidade.** Saúde em Debate, Rio de Janeiro, v. 48, n. 141, p. 1–15, abr./jun. 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/r9YfdFWKTXcnYkFH7BqdLVz/>. Acesso em: 11 Maio de 2025. DOI: <https://doi.org/10.1590/2358-289820241418732P>.

|                                   |                                                                                                        |                                                                                                                  |
|-----------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                   | mesmo sem grandes recursos.                                                                            | cessão de uso comunitário com apoio técnico.                                                                     |
| Segurança e pertencimento         | A horta evitou o descarte irregular de lixo e aumentou a sensação de pertencimento entre os moradores. | Vincular hortas a estratégias de zeladoria comunitária e vigilância cidadã dos espaços públicos.                 |
| Regeneração ambiental e alimentar | O projeto atua diretamente no combate à insegurança alimentar e à degradação ambiental urbana.         | Integrar hortas em políticas públicas de saúde, assistência social e meio ambiente com financiamento recorrente. |
| Simplicidade e replicabilidade    | O modelo é simples, de baixo custo e replicável em diferentes contextos urbanos.                       | Criar um manual com diretrizes básicas para implementação de hortas comunitárias em contextos populares.         |
| Manutenção e continuidade         | A horta depende do esforço cotidiano do Sr. Monteiro e poucos apoiadores.                              | Instituir políticas de apoio continuado com fornecimento de insumos, ferramentas e suporte técnico periódico.    |

**Fonte:** Elaborado pela autoras.

Segundo Allen; Balfour<sup>33</sup> grupos socialmente desfavorecidos tendem a viver em bairros com pouca disponibilidade de áreas verdes, embora estudos mostrem que indivíduos em situação socioeconômica vulnerável são justamente os que mais se beneficiam com o acesso ampliado à vegetação urbana. Reduzir as disparidades socioeconômicas no acesso a áreas verdes urbanas pode, portanto, contribuir para a diminuição das desigualdades em saúde relacionadas à renda, condição de minoria, deficiência e outros fatores demográficos e sociais.

A ampliação da quantidade e da qualidade dos espaços verdes nas cidades tem o potencial de mitigar poluentes climáticos de curta duração, responsáveis por intensificar o aquecimento global e contribuir significativamente para mais de 7 milhões de mortes prematuras relacionadas à poluição do ar por ano.<sup>34</sup> Elementos como fontes, lagos, espelhos d'água e jardins nos telhados também ajudam a moderar extremos de temperatura e a reduzir o efeito das ilhas de calor urbanas, promovendo economia de energia e melhorias no clima urbano. A poluição atmosférica contribui para o aumento das temperaturas e para episódios de ondas de calor, elevando as taxas de mortalidade por infartos e AVCs, especialmente entre pessoas com doenças crônicas não transmissíveis.<sup>35</sup> Cada árvore estrategicamente plantada para fornecer sombra pode reduzir em cerca de 10 kg as emissões de carbono provenientes de usinas termelétricas, ao diminuir a demanda por ar-condicionado (Akbari; Nowak & Dwyer, 2007 apud Potocnik, 2013). Somente na Europa,

<sup>33</sup> ALLEN, Jessica e BALFOUR Reuben. **Soluções naturais para o combate às desigualdades em saúde**. Relatório (Londres, Instituto de Equidade em Saúde da UCL, 2014). Disponível em <http://www.instituteofhealthequity.org/projects/natural-solutions-to-tackling-health-inequalities>.

<sup>34</sup> UNITED NATIONS. **Green spaces: An invaluable resource for delivering sustainable urban health**. UN Chronicle, 2016.

<sup>35</sup> Organização Mundial da Saúde, **“Global Health Estimates 2014 Summary Tables: DALY by Cause, Age and Sex 2000-2012”**, Manual de Exercícios (Genebra, 2014). Disponível em [http://www.who.int/healthinfo/global\\_burden\\_disease/GHE\\_DALY\\_Global\\_2000\\_2012.xls](http://www.who.int/healthinfo/global_burden_disease/GHE_DALY_Global_2000_2012.xls).

estima-se que 400 mil mortes prematuras ao ano são causadas pela poluição do ar, gerando custos entre €330 bilhões e €940 bilhões.<sup>36</sup>

Para Doussard e Delabarre devido a essas considerações, diversos atores envolvidos na governança urbana vêm reconhecendo, cada vez mais, o valor de integrar espaços e elementos verdes urbanos como parques, jardins e arborização de ruas como uma estratégia de adaptação das cidades às mudanças climáticas. Esses componentes são comumente referidos como infraestrutura verde urbana (IVU) e oferecem benefícios por meio dos serviços ecossistêmicos, incluindo a regulação do microclima. As IVUs atuam como estruturas essenciais pelas quais a biodiversidade pode influenciar os climas locais. Consequentemente, o uso de IVUs para combater os efeitos adversos do microclima e aumentar a resiliência urbana tem levado profissionais do design e estudiosos a desenvolverem diretrizes de projeto climática e ambientalmente sensíveis para as cidades.<sup>37</sup>

### Considerações Finais

Ao longo deste artigo, foi possível refletir sobre os espaços residuais em favelas não como vazios urbanos inertes, mas como territórios de resistência, memória e regeneração. Inspirados pelas reflexões de Simone Weil (2021),<sup>38</sup> entendemos que o processo de enraizamento, tão essencial à saúde individual e coletiva, passa pelo reconhecimento do vínculo das pessoas com seu território e com a história que nele se constrói. Esse enraizamento, muitas vezes rompido pelas dinâmicas excludentes do planejamento urbano hegemônico, pode encontrar nos espaços residuais uma oportunidade de reconexão entre comunidade e ambiente.

O agravamento dos eventos climáticos extremos nas cidades torna ainda mais urgente a recuperação ambiental desses territórios. As favelas, embora historicamente invisibilizadas nas políticas públicas, estão na linha de frente dos impactos socioambientais. Contudo, também têm sido palco de respostas criativas e resilientes, muitas vezes lideradas pelos próprios moradores.

A experiência da horta comunitária do Sr. Monteiro, em Paraisópolis, exemplifica como práticas de cuidado com o território, alimentação e convívio podem emergir mesmo em contextos de extrema precariedade. Iniciativas como essa têm se multiplicado em diversas periferias, reforçando o papel ativo das comunidades na transformação socioambiental de seus territórios.

Porém, a continuidade e a expansão dessas ações ainda enfrentam desafios como a falta de apoio institucional, ausência de políticas de longo prazo, precariedade de recursos e a sobrecarga emocional e física das lideranças comunitárias. É fundamental que o poder público reconheça essas práticas não como exceções pontuais, mas como parte integrante das estratégias urbanas de adaptação climática e justiça socioambiental.

---

<sup>36</sup> POTOČNIK, Janez. **If you think the economy is more important than the environment, try holding your breath while counting your money.** Discurso proferido no lançamento do Relatório sobre Qualidade do Ar da Área Econômica Europeia (EEA), Bruxelas, 15 out. 2013.

<sup>37</sup> DOUSSARD, Claire; DELABARRE, Muriel. **Perceptions of urban green infrastructures for climate change adaptation in Lausanne, Switzerland: unveiling the role of biodiversity and planting composition.** *Climatic Change*, [S. l.], v. 176, n. 132, 2023. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10584-023-03605-1>.

<sup>38</sup> WEIL, Simone. **O enraizamento: prelúdio a uma declaração dos deveres para com o ser humano.** Tradução: Nélío Schneider. São Paulo: Âyiné, 2021.

Reforça-se, assim, a importância de políticas públicas que apoiem a criação e a manutenção de áreas verdes nas periferias, fortalecendo redes de cuidado, construindo vínculos afetivos com o território e ampliando a capacidade de resposta das cidades frente à crise climática. O futuro das cidades, especialmente em territórios vulneráveis, dependerá cada vez mais dessa articulação entre participação comunitária, justiça espacial e regeneração ambiental.

## Bibliografia

ASCHER, F. **Os Novos Princípios do Urbanismo**. São Paulo: Romano Guerra, 2010.

BERGER AM, Wilson M, Susskind J, Zeckhauser RJ (2020). **Theorizing the resilience district: design-based decision making for coastal climate change adaptation**. J Landsc Archit 15(1):6–17

CHIERRITO-ARRUDA, Eduardo; ALVES, Gabriela Costa; SILVA, Catherine Menegaldi; ARAUJO, Bárbara Peixoto de; GROSSI-MILANI, Rute. **Afetividade pessoa-ambiente nas hortas comunitárias: promoção da saúde e da sustentabilidade**. Saúde em Debate, Rio de Janeiro, v. 48, n. 141, p. 1–15, abr./jun. 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/r9YfdFWKTXcnYkFH7BqdLVz/>. Acesso em: 11 Maio de 2025. DOI: <https://doi.org/10.1590/2358-289820241418732P>.

DOUSSARD, Claire; DELABARRE, Muriel. **Perceptions of urban green infrastructures for climate change adaptation in Lausanne, Switzerland: unveiling the role of biodiversity and planting composition**. Climatic Change, [S. l.], v. 176, n. 132, 2023. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10584-023-03605-1>. Acesso em: 11 mai. 2025.

DU PLESSIS, C.; BRANDON, P. S. **An ecological worldview as basis for a regenerative sustainability paradigm for the built environment**. Pretoria: Council for Scientific and Industrial Research, 2012. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/273761284\\_An\\_ecological\\_worldview\\_as\\_basis\\_for\\_a\\_regenerative\\_sustainability\\_paradigm\\_for\\_the\\_built\\_environment](https://www.researchgate.net/publication/273761284_An_ecological_worldview_as_basis_for_a_regenerative_sustainability_paradigm_for_the_built_environment). Acesso em: 09 jul. 2025.

FABREGAT, Clemente Herrero. **Aproximación a la geopolítica orgánica, cibernética y cognitiva**. BJIR, Marília, v.3, n.3, p. 391-418, Set/Dez. 2014. Disponível em: [file:///C:/Users/Acer/Downloads/mfo274,+aproximacion+a+la+geopolitica+organica\\_merged.pdf](file:///C:/Users/Acer/Downloads/mfo274,+aproximacion+a+la+geopolitica+organica_merged.pdf). Acesso em: 09 mar. 2025.

FERRARA, L. **Os significados urbanos**. São Paulo: EdUSP, 2000.

GIRARDET, Herbert. **Cities, People, Planet: Urban Development and Climate Change**. 2nd ed. Chichester: Wiley, 2008.

GÜELL, J. M. F. **Planificación estratégica de ciudades**. Barcelona: Gustavo Gili, 1997. 240p.



HARGREAVES-WESTENBERGER, Laurita; FUNARI, Armando Palermo. Capítulo 14 – **Meio ambiente e a (re)produção das desigualdades sociais nas metrópoles brasileiras**. In: IPEA. 50 anos de regiões metropolitanas no Brasil e a política nacional de desenvolvimento urbano: no cenário de adaptação das cidades às mudanças climáticas e à transição digital. Brasília: Ipea, 2023. p. 327–346. Disponível em: <[https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/13179/15/50anos\\_Cap14.pdf](https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/13179/15/50anos_Cap14.pdf)>. DOI: <https://dx.doi.org/10.38116/978-65-5635-068-4/capitulo14>. Acesso em: 19 abr. 2025.

KRENAK, Ailton. **Saiam desse pesadelo de concreto!** In: MOULIN, Gabriela; MARQUES, Renata; ANDRÉS, Roberto, CANÇADO, Wellington. Habitar o Antropoceno. Belo Horizonte: BDMG Cultural; Cosmópolis, 2022. p. 210-234.

LEITE, M. A. F. P. **Um sistema de espaços livres para São Paulo**. São Paulo, 2011. ISSN 0103-4014 Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010340142011000100011](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010340142011000100011). Acesso em 07 mar. 2018.

MEIRA, Julia de Macedo. **Regeneração – uma revisão sistemática**. In: ENGEMA – Encontro Internacional sobre Gestão Empresarial e Meio Ambiente, 23., 2021, São Paulo. Resumo expandido apresentado em 2021. São Paulo: FEA-USP, 2021. ISSN 2359-1048. Disponível em: <https://engemausp.submissao.com.br/23/arquivos/296.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2025.

PEREIRA, J. **Espaços Residuais Urbanos: Os "Baixos" de Viadutos**. 2011. 263 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) — Faculdade de Ciências e Tecnologia, Departamento de Arquitetura, Universidade de Coimbra. Coimbra. 2011.

POTOČNIK, Janez. **If you think the economy is more important than the environment, try holding your breath while counting your money**. Discurso proferido no lançamento do Relatório sobre Qualidade do Ar da Área Econômica Europeia (EEA), Bruxelas, 15 out. 2013. Disponível em: <[http://europa.eu/rapid/press-release\\_SPEECH-13-822\\_en.htm](http://europa.eu/rapid/press-release_SPEECH-13-822_en.htm)>. Acesso em: 11 maio 2025.

PLAUT, J. M.; DUNBAR, B.; WACKERMAN, A.; HODGIN, S. **Regenerative design: The LENSES Framework for buildings and communities**. Building Research & Information, Londres, v. 40, n. 1, p. 112–122, jan. 2012.

ROGERS, Richard; GUMUCHDJIAN, Philip. **Cidades para um pequeno planeta**. São Paulo: Editora Gustavo Gili, 2012.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2008. ISBN 978-85-314-0860-1.

SOUZA, K. M. **A dinâmica dos espaços residuais na cidade contemporânea: O caso da Cidade Nova e arredores**. Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal Fluminense - Rio de Janeiro, 2020.

TESSARI, Alessandro. **Sobre a forma da favela.** In: ALVIM, Angélica Tanus Benatti; RUBIO, Viviane Manzione (orgs.). Sustentabilidade em projetos para urbanização de assentamentos precários no Brasil: contexto, dimensões e perspectivas. Barueri, SP: Manole, 2022. p. 100-123.

UN-HABITAT. **Relatório das cidades do mundo 2024: cidades e ação climática.** Nairobi: United Nations Human Settlements Programme, 2024. Disponível em: <<https://unhabitat.org/world-cities-report-2024-cities-and-climate-action>>. Acesso em: 11 maio 2025.

UNITED NATIONS. **Green spaces: An invaluable resource for delivering sustainable urban health.** UN Chronicle, 2016. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/310761819\\_Green\\_spaces\\_An\\_invaluable\\_resource\\_for\\_delivering\\_sustainable\\_urban\\_health](https://www.researchgate.net/publication/310761819_Green_spaces_An_invaluable_resource_for_delivering_sustainable_urban_health)>. Acesso em: 11 maio 2025.

WEIL, Simone. **O enraizamento: prelúdio a uma declaração dos deveres para com o ser humano.** Tradução: Nélcio Schneider. São Paulo: Âyiné, 2021.

# Escutas Pedagógicas no Ensino de Arquitetura e Urbanismo<sup>1</sup>

**Ricardo Ruiz Martos**

Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo  
[ricamartos@gmail.com](mailto:ricamartos@gmail.com)

**Ana Gabriela Godinho Lima**

Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo  
[godinholima.ag@gmail.com](mailto:godinholima.ag@gmail.com)

**Resumo:** Este artigo apresenta resultados parciais de uma pesquisa de doutoramento em curso, cujo objetivo é analisar relatos de experiências docentes e discentes em sala de aula, visando identificar padrões recorrentes de práticas, experiências e processos considerados positivos, irrelevantes ou negativos na interação entre docentes e estudantes no contexto do ensino de Arquitetura e Urbanismo. O material empírico foi obtido através de entrevistas realizadas docentes e estudantes de instituições de ensino superior do estado de São Paulo, previamente autorizadas por participantes e pelas instituições envolvidas. A investigação foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Presbiteriana Mackenzie, com os respectivos termos de anuência institucional e de consentimento livre e esclarecido devidamente formalizados. O método de análise consistiu na confrontação das narrativas dos sujeitos entrevistados com o referencial teórico composto, nesta fase, por autores do campo da educação superior, com destaque para Tardif (2014), Boice (2000), Larrosa (2002a; 2002b), Gauthier (2013), hooks (2013), Arendt (2013) e Bourdieu (1998). Os resultados iniciais indicam que, por parte de docentes, predominam preocupações relacionadas com formas de engajamento estudantil, com a promoção da diversidade, inclusão e saúde mental, bem como com a liberdade e a autonomia no processo de projeto. No que se refere a discentes, também são recorrentes as menções à saúde mental, destacando-se o ensino à distância como contexto particularmente desafiador. Além disso, salientam-se os efeitos positivos da participação em projectos colaborativos e coletivos. Em comum entre docentes e discentes, evidencia-se a valorização da qualidade da relação interpessoal estabelecida em sala de aula como dimensão central da experiência de ensino-aprendizagem.

**Palavras-chave:** ensino de arquitetura; relação docente-discente; experiências formativas; narrativas de ensino; educação superior

---

<sup>1</sup> Este texto contou com o uso de ferramentas de Inteligência Artificial como recurso auxiliar nos processos de edição textual e revisão ortográfica e gramatical. Todas as informações, dados empíricos, análises, interpretações e conteúdos analíticos apresentados são de autoria exclusiva dos pesquisadores responsáveis pelo trabalho.

## 1- Introdução

Este artigo apresenta parte dos resultados de uma pesquisa de doutoramento em andamento, cujo objeto de análise são as narrativas sobre práticas de ensino, conforme recordadas e descritas por docentes e estudantes de cursos de Arquitetura e Urbanismo. A investigação parte do reconhecimento de que a sala de aula constitui um espaço privilegiado de interação entre professores e estudantes, configurando-se como lugar de cruzamento entre distintas trajetórias pessoais, acadêmicas e profissionais. Ao considerar esse contexto como campo fértil para o compartilhamento de experiências formativas, a pesquisa busca compreender como se constroem, se organizam e se expressam as memórias e os sentidos atribuídos às práticas pedagógicas nesse espaço.

A pergunta central que orienta o estudo consiste em identificar os tópicos e padrões recorrentes — bem como eventuais lacunas — que emergem das narrativas de docentes e discentes sobre suas vivências em sala de aula. A partir dela, desdobra-se uma indagação complementar: que tipos de relações podem ser estabelecidas entre os conteúdos narrados por docentes e estudantes? De que modo esses relatos se aproximam, se distanciam ou se omitem entre si?

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa, inspirada na hermenêutica filosófica de Hans-Georg Gadamer<sup>2</sup>, que orienta o uso de perguntas abertas, a escuta ativa e o estímulo ao compartilhamento de experiências significativas como instrumentos centrais no processo de compreensão. As entrevistas realizadas foram sistematizadas em quadros temáticos, compostos a partir da recorrência de tópicos e acompanhados de excertos literais das falas de docentes e estudantes, com o objetivo de preservar a singularidade das expressões individuais.

O objetivo geral da pesquisa é identificar padrões recorrentes de práticas, experiências e processos considerados positivos, irrelevantes ou negativos na interação entre docentes e discentes no contexto do ensino de Arquitetura e Urbanismo. Como objetivos específicos, propõe-se: (1) mapear os temas mais recorrentes nas narrativas; (2) identificar convergências e divergências entre os relatos dos dois grupos; (3) observar a efetividade dos métodos adotados para a construção dos dados; e (4) compreender os modos como se estabelecem os processos de compartilhamento de saberes na experiência da aula.

## 2 - Marco Teórico

Esta pesquisa se ancora em um referencial teórico comprometido com a compreensão crítica das práticas de ensino no ensino superior, considerando as dimensões simbólicas, afetivas e institucionais das relações pedagógicas. O conjunto de autores mobilizados contribui para a construção de uma leitura das narrativas produzidas por docentes e discentes, analisadas como expressões singulares e coletivas de experiências em sala de aula, especialmente em cursos de Arquitetura e Urbanismo.

---

<sup>2</sup> GADAMER, Hans-Georg – A primazia hermenêutica da pergunta. In: GADAMER, Hans-Georg – **Verdade e Método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. 15.<sup>a</sup> ed. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 533 a 556.



**Hannah Arendt** (2013), em seu ensaio “A crise na educação”, oferece uma reflexão sobre o papel da escola na mediação entre o mundo e as novas gerações. Para a autora, educar é introduzir o novo em um mundo comum, tarefa que exige responsabilidade e discernimento por parte dos adultos. Arendt concebe a escola como um “tempo protegido”, no qual a criança ou o jovem pode se dedicar à aprendizagem, afastado — temporariamente — das exigências da esfera pública<sup>3</sup>. Essa concepção é resgatada na pesquisa como base ética para pensar o espaço da sala de aula como território de suspensão e elaboração, onde o conhecimento se constrói de forma compartilhada, e não como mera transmissão.

Discípulo direto de Arendt, **Jorge Larrosa** (2002) aprofunda a noção de experiência como dimensão central do ensino, destacando os tempos de escuta, silêncio, espera e elaboração como constitutivos do ofício docente. Ao propor uma pedagogia da atenção, Larrosa recupera o valor dos momentos menos produtivos em termos técnicos, mas densos em termos formativos<sup>4</sup>. Essa perspectiva dialoga com as narrativas que valorizam o espaço da aula como lugar de encontro e transformação, e não apenas como transmissão de conteúdos.

No campo das práticas pedagógicas, **bell hooks** (2013) propõe uma abordagem baseada na escuta, na afetividade e na transgressão de hierarquias fixas, propondo uma educação como prática da liberdade. Sua crítica à rigidez das estruturas institucionais e sua defesa da sala de aula como um espaço de acolhimento e conflito produtivo aparecem nas falas tanto de docentes quanto de estudantes que relatam a importância da escuta mútua e da construção coletiva do saber.<sup>5</sup>

**Robert Boice** (2000), ao investigar as dificuldades enfrentadas por professores universitários em início de carreira, chama atenção para o comedimento como um traço essencial da boa prática docente. Para o autor, a contenção no tempo de fala do professor, o cuidado com a estrutura e a duração das aulas e a abertura de espaço para a participação e espontaneidade dos estudantes favorecem a aprendizagem e a construção de vínculos<sup>6</sup>. Essa dimensão aparece de forma recorrente nas narrativas analisadas, que mencionam a importância do equilíbrio entre condução e liberdade no contexto da aula.

A partir da teoria social crítica, **Pierre Bourdieu** (1998) oferece instrumentos para compreender as dinâmicas de poder e os mecanismos de reprodução presentes no espaço escolar, mesmo no ensino superior. Em sua análise, a posse de capital — seja ele econômico, cultural ou simbólico — influencia profundamente as trajetórias dos indivíduos nas instituições de ensino. O capital cultural, herdado ou adquirido, manifesta-se nas formas de linguagem, gostos, modos de expressão e domínio de códigos valorizados pela instituição. O capital simbólico, por sua vez, opera na legitimação dessas disposições como “naturais” ou “superiores”. A doxa, ou seja, o conjunto de crenças aceitas sem questionamento no campo

---

<sup>3</sup> ARENDT, Hannah. **A crise na educação**. In: **Entre o passado e o futuro: oito exercícios sobre o pensamento político**. 5.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

<sup>4</sup> LARROSA, Jorge. **Esperando não se sabe o quê: sobre o ofício de professor**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

<sup>5</sup> HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Ana Maria Gonçalves. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

<sup>6</sup> BOICE, Robert. **Advice for new faculty members: nihil nimus**. Boston: Allyn and Bacon, 2000.

educativo, também aparece como elemento estruturante da relação pedagógica<sup>7</sup>. As narrativas estudadas revelam, por vezes de forma indireta, tensões relacionadas à desigual distribuição desses capitais e às expectativas normativas naturalizadas nas instituições.

Por fim, **Maurice Tardif** (2014) contribui com sua teoria sobre os saberes docentes, compreendidos como construções sociais e históricas oriundas da formação, da prática e das interações institucionais. A distinção entre saberes de formação, saberes disciplinares, curriculares e experienciais é particularmente útil para compreender como docentes narram suas trajetórias e concepções pedagógicas<sup>8</sup>. A pesquisa dialoga com essa proposta ao examinar as vozes docentes como espaços de articulação entre diferentes saberes que sustentam a prática educativa.

A articulação entre esses autores permitiu construir uma leitura das narrativas analisadas. Esse referencial orientou a análise dos testemunhos obtidos durante a pesquisa, considerando os elementos presentes nos relatos buscando não incorrer em valoração externa ou antecipações interpretativas.

### 3 - Metodologia

Este artigo integra uma pesquisa de doutoramento em curso, que investiga a construção de experiências formativas no ensino de Arquitetura e Urbanismo, com foco na produção partilhada de conhecimentos entre docentes e estudantes. Como recorte específico, este estudo analisa os métodos adotados para a realização da ação de campo, centrada em eventos de escuta ativa com docentes e estudantes de dez faculdades de Arquitetura e Urbanismo do estado de São Paulo.

A pesquisa de campo foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Presbiteriana Mackenzie em 16 de maio de 2024. A partir dessa aprovação, os encontros passaram a ser realizados no segundo semestre de 2024 e mantêm-se em andamento. As escutas ocorrem em ambiente virtual (plataforma Zoom), o que permite a gravação e transcrição das interações, além de viabilizar a adequação às agendas dos participantes. A anuência dos sujeitos ocorre mediante o aceite e preenchimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Os critérios de inclusão estão vinculados à maioridade civil (18 anos), tanto para docentes quanto para discentes.

A seleção das faculdades procurou contemplar diferentes contextos institucionais, incluindo instituições públicas, privadas e autárquicas. A indicação dos participantes é realizada com o apoio de coordenadores(as) ou responsáveis pelos cursos, que, ao fornecerem os termos de anuência institucional, sugerem docentes e estudantes com potencial para contribuir com os relatos.

Para o início das escutas, adotou-se um elemento norteador com o objetivo de favorecer um processo dialógico, entendido como a troca de ideias, argumentos e perspectivas que

---

<sup>7</sup> BOURDIEU, Pierre. **Escritos sobre educação**. Org. de Christophe Charle. Tradução de Eliana Aguiar. Petrópolis: Vozes, 1998.

<sup>8</sup> TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17.<sup>a</sup> ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

promove a construção partilhada de significados. A formulação de perguntas com carácter interpretativo e abertas a diferentes possibilidades, dirigidas separadamente a docentes e discentes, cumpriu essa função. A fundamentação teórica baseia-se na obra de Gadamer, especialmente no capítulo “A primazia hermenêutica da pergunta”, em que o autor afirma: “É essencial a toda pergunta que tenha um sentido. Sentido quer dizer, todavia, sentido de orientação. O sentido da pergunta é simultaneamente a única direção que a resposta pode adotar se quiser ser adequada, com sentido” (Gadamer, 1999, p. 534)<sup>9</sup>.

A separação dos encontros entre docentes e estudantes visou assegurar condições favoráveis à escuta e ao relato. As perguntas formuladas foram as seguintes:

| Para Docentes                                                                                                                                                        | Para Estudantes                                                                                                                      |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Pode compartilhar uma experiência exitosa em que um método de ensino aplicado por você resultou em um aprendizado significativo para os(as) estudantes?              | Como descreveria uma experiência de aprendizado em arquitetura e urbanismo que foi particularmente impactante para você?             |
| Como você aborda questões ligadas à inclusão, diversidade e as diferenças individuais de aprendizagem dos(as) estudantes em seus cursos?                             | De que maneira você percebe que a inclusão, a diversidade e as diferenças individuais são consideradas nas aulas que você frequenta? |
| Olhando para o futuro, como você acredita que o ensino de arquitetura e urbanismo deverá evoluir para atender às necessidades da sociedade e do mercado de trabalho? | Quais são as dificuldades que você enfrenta enquanto estudante de arquitetura e urbanismo?                                           |

Quadro de Perguntas para Docentes e Estudantes – Elaborado pelo autor

As perguntas dirigidas aos grupos de docentes e discentes foram formuladas com pontos de partida similares, possibilitando a observação de aproximações e distanciamentos entre os relatos, de acordo com as diferentes vozes escutadas. Até o momento, os registros indicam que as perguntas utilizadas não restringiram o surgimento de outros temas, desenvolvidos durante os encontros por meio da escuta ativa.

Neste artigo, foram considerados os relatos coletados até o presente momento, transcritos integralmente a partir das gravações realizadas pela plataforma Zoom. Em seguida, com o apoio da ferramenta ChatGPT, os conteúdos foram sistematizados por temas recorrentes e núcleos de sentimento, o que possibilitou a identificação de cinco temas frequentes nas falas de docentes e estudantes. Esses temas foram organizados em quadros distintos, conforme o grupo de origem, sendo cada um deles ilustrado com duas citações selecionadas dos relatos, de modo a garantir a presença das vozes dos participantes na análise.

<sup>9</sup> GADAMER, Hans-Georg – A primazia hermenêutica da pergunta. In: GADAMER, Hans-Georg – **Verdade e Método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. 15.<sup>a</sup> ed. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 533 a 556

#### 4 – Materiais Produzidos

Para este estudo, foram utilizados 40 relatos como amostra inicial para a análise e extração de dados. A seleção dos relatos baseou-se na observação empírica dos conteúdos discutidos e na anotação de palavras-chave registradas ao final de cada escuta. A análise permitiu a identificação de cruzamentos entre diferentes dimensões das práticas narradas, como comportamentos presentes nas ações didáticas, iniciativas de inclusão e reconhecimento, e a valorização de conhecimentos prévios. No entanto, neste artigo, optou-se por apresentar as temáticas mais recorrentes nas narrativas gerais de docentes e estudantes, organizadas por ordem de frequência e separadas por grupo, com duas citações que exemplificam o conteúdo de cada tema.

O formato adotado para a apresentação dos quadros permitiu evidenciar convergências, divergências e elementos singulares nas experiências pedagógicas relatadas. Além disso, tornou possível observar as percepções que cada grupo manifesta em relação ao outro, aspecto relevante para uma investigação que considera as dimensões relacionais e as possibilidades de partilha de saberes no contexto da sala de aula.

**Quadro 1 – Características narrativas e citações de docentes por tema e recorrência**

| Tema e ordem de recorrência observados               | Citação 1                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                | Citação 2                                                                                                                                                                     |
|------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Ênfase na prática e metodologias ativas              | “Eu tento ser o mais prática possível. Eu levo viguinhas. Eu levo pilares. Eu levo um monte de coisa. Eu sou muito lúdica. Eu gosto dessa parte lúdica e através da prática, mostro a teoria.”                                                                                                                                                           | “Na aula de paisagismo, fiz um jogo com um tabuleiro onde cada casa era um tema, e cada grupo sorteava um método. Isso deixou a aula mais dinâmica e divertida.”              |
| Atenção à diversidade e à inclusão                   | “Já aconteceu de chegar alunos com dificuldades que realmente são difíceis de lidar, e a gente não tem treinamento para isso. Então assim, a gente se pergunta: será que ele não está entendendo mesmo ou será que não está se esforçando? Muitas vezes, a coisa chega para a gente sem nenhum aviso prévio, e é um desafio lidar com essa diversidade.” | “Eu tento diversificar ao máximo as metodologias para atender os diferentes perfis dos estudantes. Isso inclui projetos colaborativos e debates.”                             |
| Reflexões sobre o futuro do ensino                   | “Tenho falado muito para os alunos que o mais atual hoje não é o mais atual amanhã. Então, eles vão ter que aprender a aprender também.”                                                                                                                                                                                                                 | “A gente tem que estar atento a essas questões do futuro, e a academia tem esse delay. A gente tem que tentar correr atrás para tentar oferecer para os alunos o mais atual.” |
| Relação com os estudantes e mediação do conhecimento | “Eu faço um debate simples em que coloco três atores: estado, mercado e grupos sociais vulneráveis. Isso sempre dá muito certo. Eles se envolvem muito e a turma se integra.”                                                                                                                                                                            | “Foi bem legal quando os estudantes começaram a propor soluções e projetos que iam além do que havíamos discutido. A participação deles enriqueceu a aula.”                   |
| Iniciativas de extensão e engajamento                | “Eu tenho um projeto social em que a gente trabalha com comunidade periférica, com                                                                                                                                                                                                                                                                       | “Eu organizei uma visita técnica a um bairro popular e eles ficaram surpresos com a                                                                                           |



|  |                                                                                        |                                                                        |
|--|----------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------|
|  | ressignificação de materiais. Sempre foram experiências diferentes e transformadoras.” | realidade que encontraram. Isso mudou o olhar deles para o urbanismo.” |
|--|----------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------|

Quadro 1 – Elaborado pelo autor a partir da sistematização dos dados da pesquisa

## Quadro 2 – Características narrativas e citações de estudantes por tema e recorrência

| Tema e ordem de recorrência observados             | Citação 1                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              | Citação 2                                                                                                                                                                                                                                                         |
|----------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Participação em projetos colaborativos e coletivos | “Eu faço parte do coletivo de artes e do coletivo negro. Organizamos oficinas e exposições, e essas experiências trouxeram um aprendizado muito diferente do que é visto na aula tradicional.”                                                                                                                                                         | “Foi um trabalho muito importante, porque eu estava com um grupo de amigos. Cada um é de uma área, e conseguimos criar uma coisa coletivamente que estava muito bem estruturada e refletia cada um de nós.”                                                       |
| Desafios do ensino remoto e saúde mental           | “Na pandemia, as aulas EAD foram muito difíceis. Não tínhamos a mesma interação e isso atrapalhou muito a nossa aprendizagem.”                                                                                                                                                                                                                         | “A pressão da área é tanta que a gente começa a normalizar estresse e ansiedade. Às vezes a gente pula refeição, perde sono, porque quer entregar um projeto perfeito.”                                                                                           |
| Relação com docentes e espaço para acontecimentos  | “Quando os professores mostram que se importam e escutam, a gente se sente mais motivado a participar e a se dedicar.”                                                                                                                                                                                                                                 | “Os alunos começaram a questionar pontos do projeto, criando o próprio espaço de debate, sem que fosse necessariamente um convite dos professores. Isso nos fez pensar mais sobre o conteúdo.”                                                                    |
| Diversidade e inclusão                             | “Isso teria que ser utilizado? Ser ponto de partida para discussões, as realidades das pessoas de onde elas vêm. Olhar o país, com as suas próprias diversidades, as culturas diversas, cada um tem muito o que somar. Esse espaço precisa ser aproveitado e ser aberto, ser encorajado de alguma maneira, para essa diversidade poder ser explorada.” | “Lá é de graça, e tem um programa muito legal de inclusão, tanto de pessoas com baixa renda, quanto para a inclusão de mulheres no mundo da tecnologia, mulheres e pessoas não binárias, pessoas trans. Então é muito interessante esse trabalho que eles fazem.” |
| Liberdade criativa e autonomia em projetos         | “Foi muito bom porque nesse projeto a gente podia escolher o tema e o formato do trabalho. Eu fiz uma intervenção com um vídeo, e isso foi aceito e até elogiado pela professora.”                                                                                                                                                                     | “Os professores contratados mais recentemente encorajam muito a criatividade, permitem a gente explorar novas ideias e formas de expressão, mesmo fora dos padrões mais tradicionais.”                                                                            |

Quadro 2 – Elaborado pelo autor a partir da sistematização dos dados da pesquisa

Os relatos de docentes e estudantes analisados neste artigo revelam aproximações e distanciamentos nas percepções sobre práticas de ensino e aprendizagem em cursos de Arquitetura e Urbanismo. A organização dos dados em temas recorrentes permitiu examinar essas diferenças a partir de suas expressões nos registros de ambos os grupos.

As narrativas docentes destacam a presença das atividades práticas como componente da mediação pedagógica, mesmo em disciplinas com foco teórico. São mencionadas estratégias

como o uso de jogos e a redução da exposição oral como forma de diversificar a condução das aulas. Estudantes, por sua vez, referem-se a experiências em atividades de extensão, coletivos e escritórios modelo como oportunidades de lidar com situações concretas e desenvolver vínculos com os processos de trabalho.

No que se refere às experiências emocionais, os relatos de docentes apontam desafios ligados à organização institucional do trabalho e à adaptação de métodos para promover a comunicação com estudantes. Estudantes relatam o impacto negativo do ensino remoto, a carga de atividades com alto nível de exigência e a pressão por desempenho. A frase “*a pressão da área é tanta, que normalizamos o estresse e a ansiedade*”, extraída de um dos relatos discentes, pode ser lida como expressão do processo de naturalização da sobrecarga e da performance exigida, o que Bourdieu (1998) denomina como *doxa*, isto é, a aceitação de normas internalizadas como naturais no interior do campo educacional<sup>10</sup>.

O protagonismo de docentes e estudantes emerge com significados distintos. Docentes relatam práticas como rodas de conversa e propostas colaborativas, com diferentes graus de estruturação, e apontam limites do discurso sobre protagonismo discente quando desvinculado de acompanhamento e mediação. Estudantes mencionam iniciativas coletivas espontâneas, que ganham forma a partir da abertura do espaço pedagógico à participação. Essas dinâmicas podem ser lidas à luz de Larrosa (2002), que propõe compreender a experiência educativa como uma relação que se constitui no tempo partilhado, na escuta e na possibilidade de elaboração do vivido.<sup>11</sup>

O tema da diversidade e inclusão foi tratado por ambos os grupos, ainda que com ênfases distintas. Docentes associam essas questões, em sua maioria, a aspectos cognitivos ou emocionais. Relatos que abordam desigualdades de ordem social, econômica, racial ou de gênero são menos frequentes. Estudantes referem-se a ações voltadas à representatividade, ao acolhimento e à informação, muitas vezes vinculadas à atuação de coletivos e grupos autônomos no interior das instituições. Esse tipo de iniciativa pode ser compreendido em diálogo com hooks (2013), para quem a sala de aula é um espaço de confronto entre subjetividades, onde o reconhecimento das diferenças e a prática do cuidado são condições para a partilha do conhecimento.<sup>12</sup>

O futuro do ensino de Arquitetura e Urbanismo e sua relação com a prática profissional também aparece nas narrativas. Docentes mencionam a necessidade de atualização contínua de conteúdos e métodos, compreendida como estratégia para evitar a reprodução de práticas desatualizadas. Essa preocupação com a adequação ao presente pode ser associada à análise de Boice (2000), que identifica, entre docentes do ensino superior, o esforço por equilibrar a tradição acadêmica com a necessidade de adaptação aos contextos institucionais e profissionais.<sup>13</sup>

---

<sup>10</sup> BOURDIEU, Pierre. **Escritos sobre educação**. Org. de Christophe Charle. Tradução de Eliana Aguiar. Petrópolis: Vozes, 1998.

<sup>11</sup> LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. Revista Brasileira de Educação, v. 19, n. 5, p. 20-28, 2002.

<sup>12</sup> HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Ana Maria Gonçalves. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

<sup>13</sup> BOICE, Robert. **Advice for new faculty members: nihil nimus**. Boston: Allyn and Bacon, 2000.

A tensão entre liberdade criativa e formação técnica surge em relatos dos dois grupos. Estudantes indicam o desejo de experimentar e tomar decisões com autonomia, mas também expressam a expectativa por uma formação alinhada às demandas do mercado de trabalho. Docentes reconhecem a importância dessa ambivalência e mencionam tentativas de conciliar os dois aspectos. Essa tensão pode ser observada a partir da reflexão de Arendt (2013), que destaca o papel da escola como espaço de preparação para o mundo<sup>14</sup>, e da formulação de Tardif (2014), que compreende os saberes docentes como construções sociais que articulam formação, prática e contexto institucional.

As estratégias que abrem espaço para o diálogo são relatadas como possibilidades de escuta e reconhecimento. Enquanto docentes refletem sobre suas práticas, estudantes registram experiências que geraram efeitos concretos em suas trajetórias acadêmicas. A diferença de ênfase pode ser lida como expressão das posições distintas que cada grupo ocupa na dinâmica da relação pedagógica. Como propõe Gadamer (1999), a escuta e a abertura à pergunta são condições para o surgimento de um entendimento comum<sup>15</sup>.

### Considerações finais

Os dados apresentados neste artigo integram a etapa inicial de uma pesquisa de doutoramento dedicada à análise de práticas de ensino em cursos de Arquitetura e Urbanismo, a partir de relatos produzidos por docentes e estudantes. O recorte adotado privilegiou a observação das interações em sala de aula, entendida como espaço de construção compartilhada de conhecimentos e como tempo de elaboração de experiências pedagógicas, conforme propõem Arendt (2013)<sup>16</sup> e Larrosa (2002)<sup>17</sup>.

A análise dos relatos revelou pontos de convergência, como o valor atribuído às atividades extensionistas e à vinculação dos processos de ensino com situações concretas. Também foram identificadas divergências, especialmente em relação às percepções sobre diversidade, inclusão, tensões emocionais, formas de participação e expectativas quanto ao futuro profissional. Os relatos discentes e docentes indicam a presença de entendimentos distintos sobre temas comuns, o que reforça a relevância de escutas separadas e comparativas.

A questão da diversidade e da inclusão foi abordada por ambos os grupos com enfoques distintos. Enquanto docentes concentram-se em fatores ligados a dificuldades cognitivas ou emocionais, estudantes destacam desigualdades sociais, raciais e de gênero e relatam formas de organização coletiva voltadas à promoção de ambientes mais acessíveis e representativos. Essa diferença pode ser compreendida a partir da proposta de hooks (2013), que entende o

---

<sup>14</sup> ARENDT, Hannah. **A crise na educação. In: Entre o passado e o futuro: oito exercícios sobre o pensamento político.** 5.ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

<sup>15</sup> GADAMER, Hans-Georg – A primazia hermenêutica da pergunta. In: GADAMER, Hans-Georg – **Verdade e Método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica.** 15.ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 533 a 556.

<sup>16</sup> ARENDT, Hannah. **A crise na educação. In: Entre o passado e o futuro: oito exercícios sobre o pensamento político.** 5.ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

<sup>17</sup> LARROSA, Jorge. **Esperando não se sabe o quê: sobre o ofício de professor.** Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

espaço da sala de aula como atravessado por disputas simbólicas e marcado pela necessidade de práticas atentas à pluralidade dos sujeitos.<sup>18</sup>

As tensões entre liberdade criativa e formação técnica, apontadas por ambos os grupos, também refletem a dualidade identificada por Arendt (2013) entre a preparação para o mundo e a preservação do espaço de elaboração. Nesse contexto, os saberes experienciais, conforme definidos por Tardif (2014), surgem como núcleo relevante da formação<sup>19</sup>. A preocupação docente com a atualização de métodos pode ser lida à luz de Boice (2000), que discute os ajustes necessários para o exercício docente em contextos em transformação<sup>20</sup>.

Os dados sugerem que os métodos de escuta adotados foram adequados para a produção de material analítico, e que sua continuidade poderá aprofundar os eixos já identificados nesta fase inicial da pesquisa.

## **Bibliografia**

ARENDT, Hannah. **A crise na educação. In: Entre o passado e o futuro: oito exercícios sobre o pensamento político.** 5.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

BOICE, Robert. **Advice for new faculty members: nihil nimus.** Boston: Allyn and Bacon, 2000.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos sobre educação.** Org. de Christophe Charle. Tradução de Eliana Aguiar. Petrópolis: Vozes, 1998.

GADAMER, Hans-Georg – A primazia hermenêutica da pergunta. In: GADAMER, Hans-Georg – **Verdade e Método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica.** 15.<sup>a</sup> ed. Petrópolis: Vozes, 1999. p.533 a 556

GAUTHIER, Clermont. **Por uma teoria da pedagogia: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente.** 3.<sup>a</sup> ed. Rio Grande do Sul: Unijuí, 2013

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** Tradução de Ana Maria Gonçalves. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência.** Revista Brasileira de Educação, v. 19, n. 5, p. 20-28, 2002.

LARROSA, Jorge. **Esperando não se sabe o quê: sobre o ofício de professor.** Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

---

<sup>18</sup> HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** Tradução de Ana Maria Gonçalves. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

<sup>19</sup> TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** 17.<sup>a</sup> ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

<sup>20</sup> BOICE, Robert. **Advice for new faculty members: nihil nimus.** Boston: Allyn and Bacon, 2000.



PALLASMAA, Juhani. **Essências: para uma arquitetura da existência**. Trad. Regina Vasconcellos. São Paulo: Gustavo Gili, 2018. ISBN 978-85-8452-126-5.

SENNETT, Richard. **O artífice**. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2009.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17.<sup>a</sup> ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

# **O Edifício Escolar e a Cidade: Análise Projetual em Medellín nas Escalas KM, M e CM**

**Leonardo Tadeu Kseib Coelho da Silva**

Universidade Presbiteriana Mackenzie

[leo@ksaa.com.br](mailto:leo@ksaa.com.br)

**Ana Gabriela Godinho Lima**

Universidade Presbiteriana Mackenzie

[anagabriela.lima@mackenzie.br](mailto:anagabriela.lima@mackenzie.br)

**Resumo:** Esta pesquisa propõe um modelo gráfico-espacial de análise projetual para compreender como escolas públicas se integram ao contexto urbano, tomando como estudo de caso três colégios em Medellín, Colômbia—Antonio Derka, La Independencia e Las Mercedes—selecionados por sua relevância arquitetônica, reconhecimento institucional e contribuição à política pública "Colegios de Calidad para Medellín"<sup>1</sup>. Fundamentado teoricamente em autores como Viñao Frago e Escolano<sup>2</sup>, Kowaltowski<sup>3</sup>, Baker<sup>4</sup> e Ching<sup>5</sup> o estudo analisa as estratégias projetuais empregadas para responder aos desafios sociais e urbanos de territórios vulneráveis. A metodologia adotada organiza-se em três escalas complementares: Quilômetro (km), Metro (m) e Centímetro (cm). Na escala km, avalia-se a localização urbana e acessibilidade; na escala m, examina-se a organização interna, a funcionalidade programática e a materialidade construtiva; e na escala cm, detalham-se espaços pedagógicos e de convívio quanto à flexibilidade espacial e permeabilidade, destacando aspectos como acessibilidade, inclusão e segurança. Os resultados demonstram como a localização estratégica, aliada à flexibilidade e permeabilidade dos espaços internos—exemplificada pelas rampas e áreas intermediárias do Colégio Antonio Derka—fortalece o potencial das escolas como espaços integradores e agentes de transformação social. Este modelo gráfico-espacial contribui metodologicamente para o campo da arquitetura escolar e do urbanismo, oferecendo uma abordagem projetual replicável para diferentes contextos vulneráveis da América Latina.

**Palavras-chave:** Arquitetura Escolar, Análise Projetual, Política Pública, Territórios Vulneráveis, Medellín.

---

<sup>1</sup> ALCALDÍA DE MEDELLÍN – Colegios de Calidad para Medellín - Proyecto Estratégico de La Alcaldía de Medellín. Guión, Mayo 11, 2007.

<sup>2</sup> FRAGO, Antonio V.; ESCOLANO, Agustín – Currículo, Espaço e Subjetividade – A Arquitetura como Programa. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

<sup>3</sup> KOWALTOWSKI, Doris – Arquitetura Escolar: O Projeto do Ambiente de Ensino. São Paulo: Oficina de Textos, 2011.

<sup>4</sup> BAKER, Geoffrey H. – Le Corbusier: uma análise da forma. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

<sup>5</sup> CHING, Francis D.K. – Arquitetura: Forma, Espaço e Ordem. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

## 1. Introdução

A presente pesquisa investiga a relação entre arquitetura escolar e ambiente urbano, adotando como base teórica principal autores que analisam tanto o espaço escolar quanto o projeto arquitetônico. Para a elaboração conceitual do espaço escolar, destacam-se Antonio Viñao Frago e Agustín Escolano<sup>6</sup>, que compreendem a escola como artefato cultural e normativo, espaço vivo e regulado, capaz de moldar subjetividades coletivas, e Doris Kowaltowski<sup>7</sup>, cuja obra oferece parâmetros detalhados sobre qualidade espacial e funcionalidade em ambientes educacionais, reforçando a importância da integração entre escola e comunidade.

Em termos metodológicos, a pesquisa fundamenta-se nas contribuições teóricas de Geoffrey H. Baker<sup>8</sup>, para compreender como os fatores contextuais moldam as decisões projetuais, e Francis D.K. Ching<sup>9</sup>, cujos conceitos são mobilizados para a análise gráfica do projeto arquitetônico, permitindo uma interpretação detalhada das relações entre forma e espaço.

Como autorias complementares, a pesquisa incorpora as reflexões apresentadas por Ana Gabriela Godinho Lima<sup>10</sup>, que examina estratégias projetuais e pedagógicas para ambientes escolares paulistanos, e Daniela Getlinger<sup>11</sup>, que analisa intervenções integradas em contextos semelhantes na América Latina. Além disso, o contexto político e social específico dos casos analisados está detalhado no documento oficial da Prefeitura de Medellín<sup>12</sup>, que descreve uma política pública estruturante e reconhecida internacionalmente, concebida para promover inclusão social através da construção de edifícios escolares em territórios vulneráveis.

Os casos analisados—Colégios Antonio Derka, La Independencia e Las Mercedes—foram selecionados por suas reconhecidas características projetuais, reconhecimentos institucionais e capacidade de funcionar como agentes estruturadores e promotores de pertencimento local. Eles exemplificam como edifícios escolares podem impactar o espaço urbano, especialmente em áreas vulneráveis, ao potencializar a conectividade territorial, o fortalecimento comunitário e a apropriação cotidiana dos espaços.

Dessa forma, este estudo propõe uma metodologia baseada em análises gráfico-espaciais estruturadas nas escalas Quilômetro (km), Metro (m) e Centímetro (cm), examinando desde a inserção territorial até a organização interna e o detalhamento dos espaços pedagógicos. Ao propor esta abordagem multiescalar, a pesquisa contribui metodologicamente para a pesquisa acadêmica em áreas de prática projetual, além de

---

<sup>6</sup> FRAGO, Antonio V.; ESCOLANO, Agustín – **Currículo, Espaço e Subjetividade – A Arquitetura como Programa**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

<sup>7</sup> KOWALTOWSKI, Doris – **Arquitetura Escolar: O Projeto do Ambiente de Ensino**. São Paulo: Oficina de Textos, 2011.

<sup>8</sup> BAKER, Geoffrey H. – **Le Corbusier: uma análise da forma**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

<sup>9</sup> CHING, Francis D.K. – **Arquitetura: Forma, Espaço e Ordem**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

<sup>10</sup> LIMA, Ana Gabriela Godinho – “Escola como espaço e lugar: três visões de futuro para a educação paulistana”. In: LIMA, Ana Laura Godinho; CAZETTA, Valéria (orgs.). **O ambiente escolar em transformação**. Campinas: Alínea, 2022.

<sup>11</sup> GETLINGER, Daniela – **Plano de Ação como Elemento de Integração e Territorialização de Políticas Públicas em Área de Vulnerabilidade Social: o caso Jardim Lapena**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2021.

<sup>12</sup> ALCALDÍA DE MEDELLÍN – **Colegios de Calidad para Medellín – Proyecto Estratégico de La Alcaldía de Medellín**. Guión, Mayo 11, 2007.

prover insumos para o debate acerca da configuração espacial, nas diversas escalas, de escolas públicas em territórios vulneráveis na América Latina.

## 2. Revisão Bibliográfica

A fundamentação teórica desta pesquisa articula autores e abordagens relacionadas tanto à compreensão do espaço escolar como fenômeno social e cultural, quanto à análise do projeto arquitetônico em diálogo com o contexto urbano.

No campo específico do espaço escolar, Antonio Viñao Frago e Agustín Escolano<sup>13</sup>, destacam a escola não apenas como uma edificação destinada a atividades pedagógicas, mas sobretudo como um lugar vivo e normativo, que participa ativamente na formação subjetiva e coletiva. Os autores sublinham ainda a importância da localização da escola no tecido urbano como componente integrante do currículo, realçando o papel simbólico e social que a arquitetura escolar desempenha na transformação do espaço em lugar habitado, apropriado e carregado de significado.

Essa abordagem é complementada por Doris Kowaltowski<sup>14</sup>, ao propor uma análise detalhada e sistêmica dos elementos que compõem o ambiente educacional em diferentes escalas. Kowaltowski explicita parâmetros de qualidade relacionados tanto à organização interna quanto à integração urbana das escolas, oferecendo subsídios concretos para a análise espacial e funcional dos edifícios escolares e destacando a relevância do diálogo constante entre projeto arquitetônico e necessidades comunitárias.

Para fundamentar a metodologia de análise gráfica adotada neste estudo, são considerados Geoffrey H. Baker<sup>15</sup> e Francis D.K. Ching.<sup>16</sup> Baker, aborda de maneira explícita como as condições contextuais e ambientais influenciam as decisões projetuais, especialmente nas relações estabelecidas entre o edifício e o seu entorno urbano. Para o autor, elementos como vistas, orientação solar, proximidade com vias ou relevos influenciam diretamente a concepção arquitetônica, sugerindo a importância da leitura gráfica e espacial do projeto como forma de compreender estratégias projetuais contextualmente situadas.

Complementarmente, Ching, realça a importância da compreensão da relação entre forma construída e espaço vazio como base da prática arquitetônica. O autor oferece uma perspectiva que destaca aspectos essenciais para interpretação gráfica dos projetos, tais como as interações entre massa e espaço e a configuração espacial das edificações, aspectos estes mobilizados para análise dos casos estudados.

Para ampliar a compreensão do contexto político-social e das estratégias de intervenção urbana, incorpora-se também a tese de doutoramento de Daniela Getlinger<sup>17</sup>, que examina intervenções urbanísticas integradas em contextos vulneráveis na América Latina, destacando especificamente a transformação de Medellín como exemplo paradigmático de inclusão social e requalificação urbana.

---

<sup>13</sup> FRAGO, Antonio V.; ESCOLANO, Agustín – **Currículo, Espaço e Subjetividade – A Arquitetura como Programa**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

<sup>14</sup> KOWALTOWSKI, Doris – **Arquitetura Escolar: O Projeto do Ambiente de Ensino**. São Paulo: Oficina de Textos, 2011.

<sup>15</sup> BAKER, Geoffrey H. – **Le Corbusier: uma análise da forma**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

<sup>16</sup> CHING, Francis D.K. – **Arquitetura: Forma, Espaço e Ordem**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

<sup>17</sup> GETLINGER, Daniela – **Plano de Ação como Elemento de Integração e Territorialização de Políticas Públicas em Área de Vulnerabilidade Social: o caso Jardim Lapena**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2021.



A política pública *Colegios de Calidad para Medellín – Proyecto Estratégico de La Alcaldía de Medellín 2004-2007*<sup>18</sup>, por sua vez, é abordada como referencial que explicita o modelo de intervenção adotado pela cidade para transformar escolas em centros comunitários abertos, rompendo fronteiras físicas e simbólicas e promovendo a apropriação cidadã.

Por fim, complementa-se esta revisão com o capítulo de Ana Gabriela Godinho Lima<sup>19</sup>, intitulado “Escola como espaço e lugar: três visões de futuro para a educação paulistana”, publicado no livro organizado por Ana Laura Godinho Lima e Valéria Cazetta, *O Ambiente Escolar em Transformação*. Este capítulo contribui especificamente para a reflexão sobre como espaços escolares se articulam com as políticas urbanísticas, destacando a relevância da integração entre arquitetura escolar e comunidade, especialmente em contextos urbanos complexos e diversificados.

### 3. Material e Métodos

As três escolas analisadas nesta pesquisa — Colégio Antonio Derka, Colégio La Independencia e Colégio Las Mercedes — foram construídas no âmbito da política pública *Colegios de Calidad para Medellín*, implementada pela Alcaldía de Medellín entre 2004 e 2007, como parte do plano estratégico Medellín, compromisso de toda la ciudadanía<sup>20</sup>. Esse programa reconheceu a infraestrutura educacional como elemento estruturante da cidade, articulando ações de requalificação urbana, redução da violência e ampliação da inclusão social por meio da escola como equipamento territorial.

Entre os objetivos da política, destacaram-se a construção de dez novos colégios — incluindo os três selecionados neste estudo — e a adequação de 132 instituições de ensino já existentes. O investimento de 160 bilhões de pesos colombianos, oriundos das Empresas Públicas de Medellín (EPM), foi executado pela Empresa de Desarrollo Urbano (EDU), com supervisão técnica da Secretaria de Educação, com diretrizes projetuais orientadas à promoção da escuela abierta, conceito que buscava romper as fronteiras físicas e simbólicas entre o espaço escolar e seu entorno urbano.<sup>21</sup>

A seleção dos três colégios baseou-se em critérios previamente definidos: (i) localização em setores urbanos com alto grau de vulnerabilidade social e relevância no redesenho do território; (ii) qualidade arquitetônica reconhecida por meio de publicações, prêmios e difusão em meios especializados; e (iii) ampla disponibilidade de material gráfico e documental necessário à aplicação da metodologia de análise proposta.<sup>22</sup>

Cada escola foi projetada por escritórios de arquitetura distintos, com soluções formais e espaciais adaptadas a seus contextos urbanos específicos. O Colégio Antonio Derka, de

---

<sup>18</sup> ALCALDÍA DE MEDELLÍN – *Colegios de Calidad para Medellín – Proyecto Estratégico de La Alcaldía de Medellín*. Guión, Mayo 11, 2007.

<sup>19</sup> LIMA, Ana Gabriela Godinho – “Escola como espaço e lugar: três visões de futuro para a educação paulistana”. In: LIMA, Ana Laura Godinho; CAZETTA, Valéria (orgs.). *O ambiente escolar em transformação*. Campinas: Alínea, 2022.

<sup>20</sup> ALCALDÍA DE MEDELLÍN – *Colegios de Calidad para Medellín – Proyecto Estratégico de La Alcaldía de Medellín*. Guión, Mayo 11, 2007.

<sup>21</sup> ALCALDÍA DE MEDELLÍN – *Colegios de Calidad para Medellín – Proyecto Estratégico de La Alcaldía de Medellín*. Guión, Mayo 11, 2007.p.4.

<sup>22</sup> KSEIB, Leonardo Tadeu – *O edifício escolar e a cidade: análise projetual em Medellín nas escalas km, m e cm*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2024.

autoria do coletivo Obranegra Arquitectos, situa-se na comuna 1 de Medellín, em um setor periférico e montanhoso, atendendo os bairros Santo Domingo Savio e Granizal. A topografia acidentada e a precariedade da malha urbana demandaram uma implantação que valorizasse a acessibilidade e a presença urbana do edifício. O Colégio La Independencia, projetado por Felipe Uribe de Bedout, está inserido em uma área de ocupação densa e autoconstruída, com vias estreitas e parcelamento irregular. O edifício adota estratégia de modulação horizontal e setorização clara como forma de reorganização do entorno. Por fim, o Colégio Las Mercedes, assinado por Juan Manuel Peláez, localiza-se em um território de tipologia mista, onde coexistem residências unifamiliares e multifamiliares. Sua organização arquitetônica dialoga com a malha urbana por meio de um pátio linear central, promovendo fluidez entre os espaços internos e o entorno imediato.

Ao abordar três casos com características territoriais distintas, a pesquisa busca compreender como o edifício escolar atua como elemento mediador entre práticas educacionais e estruturas urbanas, explorando a capacidade da arquitetura de refletir e transformar as relações sociais em contextos vulneráveis.

Para contextualizar os colégios analisados no conjunto da política pública implementada, apresenta-se a seguir o Quadro 1, que sintetiza a ficha técnica dos dez novos colégios construídos entre 2004 e 2007 no âmbito do programa Colegios de Calidad para Medellín. Os três casos selecionados para esta pesquisa estão destacados em azul, permitindo observar comparativamente seus setores de influência, autorias projetuais e dimensões físicas em relação às demais instituições contempladas.

**Quadro 1** – Ficha técnica dos 10 novos colégios da política pública, com destaque em azul para os colégios analisados.

| COLEGIO                                         | Sector de influencia                                                                               | Arquitecto                                    | Área Lote     | Área Construcción |
|-------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------|---------------|-------------------|
| Héctor Abad Gómez   L1                          | Boston, Caicedo.                                                                                   | ARQUITECTOS EDU                               | 3.787         | 3.760             |
| <b>Santo Domingo Savio y Antonio Derka   L2</b> | <b>Santo Domingo Savio, la Avanzada, Granizal, la Candelaria, Carpinelo, la Torre y el Trébol.</b> | <b>Obranegra Arquitectos<br/>Carlos Pardo</b> | <b>28.299</b> | <b>8.853</b>      |
| Francisco Miranda   L4                          | Moravia, Miranda, Oasis, el Bosque y Aranjuez.                                                     | Laureano Forero                               | 4.792         | 3.084             |
| Plaza de Férias   L5                            | Héctor Abad, Plaza Colón y Toscana.                                                                | Carlos Julio Calle                            | 16.547        | 5.552             |
| Altavista   L6                                  | Centralidad de Altavista, el Concejo, Jardín, la Esperanza y Guacharaco.                           | Juan Fernando Forero                          | 24.712        | 5.897             |

| COLEGIO                          | Sector de influencia                                                                                          | Arquitecto             | Área Lote | Área Construcción |
|----------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------|-----------|-------------------|
| Las Mercedes   <b>L7</b>         | Las Mercedes, La Violetas y Los Alpes, La Palma, la villa.                                                    | Juan Manuel Peláez     | 9.871     | 6.172             |
| La Independencia   <b>L8</b>     | El Salado, El Salado, Eduardo Santos, Antonio Nariño, Nuevos Conquistadores, Las Independencias, 20 de Julio. | Felipe Uribe de Bedout | 52.383    | 7.322             |
| San Javier   <b>L9</b>           | San Javier, Campo Alegre, La América                                                                          | Horacio Navarro        | 11.103    | 5.369             |
| San Antonio de Prado   <b>L3</b> | Corregimiento San Antonio de Prado, La Pradera, Urb. Rosaleda, Urb. Aragón y Pradito.                         | Gabriel Arango         | 37.161    | 4.508             |
| Llanadas   <b>L10</b>            | Llanadas, Los Mangos, Golondrina, Encizo y La Ladera.                                                         | Oscar Mesa             | 71.662    | 3.595             |

Fonte: Proyecto estratégico de la Alcaldía de Medellín(2004-2007), adaptado pelo autor.

O Quadro 1 apresenta a ficha técnica dos dez colégios construídos no âmbito da política pública Colegios de Calidad para Medellín, implementada entre 2004 e 2007. Essa política integrou o plano de desenvolvimento Medellín, compromisso de toda la ciudadanía e priorizou a articulação entre educação, urbanismo e inclusão social como estratégia de transformação territorial. Os colégios foram implantados em áreas marcadas por vulnerabilidades urbanas e sociais, de modo a operar simultaneamente como unidades escolares e equipamentos de referência.<sup>2324</sup>

A tabela sintetiza dados fundamentais como os setores de influência atendidos por cada colégio, os autores dos projetos arquitetônicos e as dimensões dos lotes e áreas construídas. Esses dados permitem observar a diversidade de condições contextuais e de soluções projetuais adotadas, bem como o impacto físico dos edificios em seus territórios. Entre os colégios apresentados, destacam-se em azul os três casos selecionados para este estudo: Antonio Derka, La Independencia e Las Mercedes.

<sup>23</sup> ALCALDÍA DE MEDELLÍN – Colegios de Calidad para Medellín – Proyecto Estratégico de La Alcaldía de Medellín. Guión, Mayo 11, 2007.

<sup>24</sup> KSEIB, Leonardo Tadeu – O edificio escolar e a cidade: análise projetual em Medellín nas escalas km, m e cm. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2024.

A seleção desses casos baseou-se em três critérios complementares: (i) inserção em áreas de relevância urbana e social para o redesenho do território; (ii) destaque projetual reconhecido por premiações e publicações especializadas; (iii) disponibilidade de material técnico e gráfico consistente com a metodologia de análise adotada.

A proposta metodológica, de natureza qualitativa, exploratória e projetual, estrutura-se na aplicação de um modelo de análise gráfico-espacial baseado em três escalas interligadas: Quilômetro (km), Metro (m) e Centímetro (cm). Esta estrutura multiescalar permite compreender como decisões projetuais tomadas em uma dimensão repercutem nas demais, revelando a complexidade e as interdependências do processo arquitetônico. A metodologia fundamenta-se teoricamente nas contribuições de Viñao Frago e Escolano<sup>25</sup>, Kowaltowski<sup>26</sup>, Baker<sup>27</sup> e Ching<sup>28</sup>, e tem como foco a interpretação crítica de representações gráficas — como plantas, cortes, elevações e diagramas — para identificar estratégias espaciais e articulações entre edifício e cidade.

Na escala km, analisa-se a inserção territorial das escolas. A abordagem inclui a acessibilidade (vias de transporte, percursos pedonais, ciclovias), a relação com o entorno imediato (uso do solo, conectividade urbana), a ocupação do lote (topografia, dimensão, condicionantes físicos), a orientação solar e implantação (eficiência térmica e energética), a permeabilidade urbana (grau de abertura e transparência entre interior e exterior) e a presença urbana (volumetria, escala e identidade espacial do edifício).

Na escala m, a análise incide sobre a organização funcional dos edifícios, com atenção à disposição dos ambientes pedagógicos e administrativos, às circulações horizontais e verticais, e ao partido estrutural e materialidade. Essa escala permite examinar fluxos internos, acessibilidade universal, estratégias passivas de conforto ambiental e racionalidade construtiva. As escolhas de materiais e sistemas estruturais são consideradas na sua relação com durabilidade, sustentabilidade e adaptação ao programa. Na escala cm, concentram-se as observações sobre o cotidiano do uso dos espaços. São analisados o mobiliário, a disposição interna das salas de aula, a relação com áreas externas (pátios, jardins), os níveis de conforto térmico, lumínico e acústico, e a forma como os ambientes promovem apropriação pelos usuários. Também são observadas as conexões entre os espaços comuns e os espaços de apoio docente, identificando como o projeto favorece ou limita interações e bem-estar da equipe escolar.

Embora apresentadas de forma sequencial, as escalas km, m e cm não operam isoladamente. A metodologia propõe uma leitura integrada, em que as escolhas realizadas em uma escala influenciam diretamente as outras. A localização territorial (escala km) condiciona a distribuição programática interna (escala m), que, por sua vez, molda a experiência cotidiana dos usuários nos espaços (escala cm). Essa abordagem evidencia a interdependência entre arquitetura e cidade e reforça a importância de pensar o edifício escolar como uma construção relacional e contextual.

---

<sup>25</sup> FRAGO, Antonio V.; ESCOLANO, Agustín – **Currículo, Espaço e Subjetividade – A Arquitetura como Programa**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

<sup>26</sup> KOWALTOWSKI, Doris – **Arquitetura Escolar: O Projeto do Ambiente de Ensino**. São Paulo: Oficina de Textos, 2011.

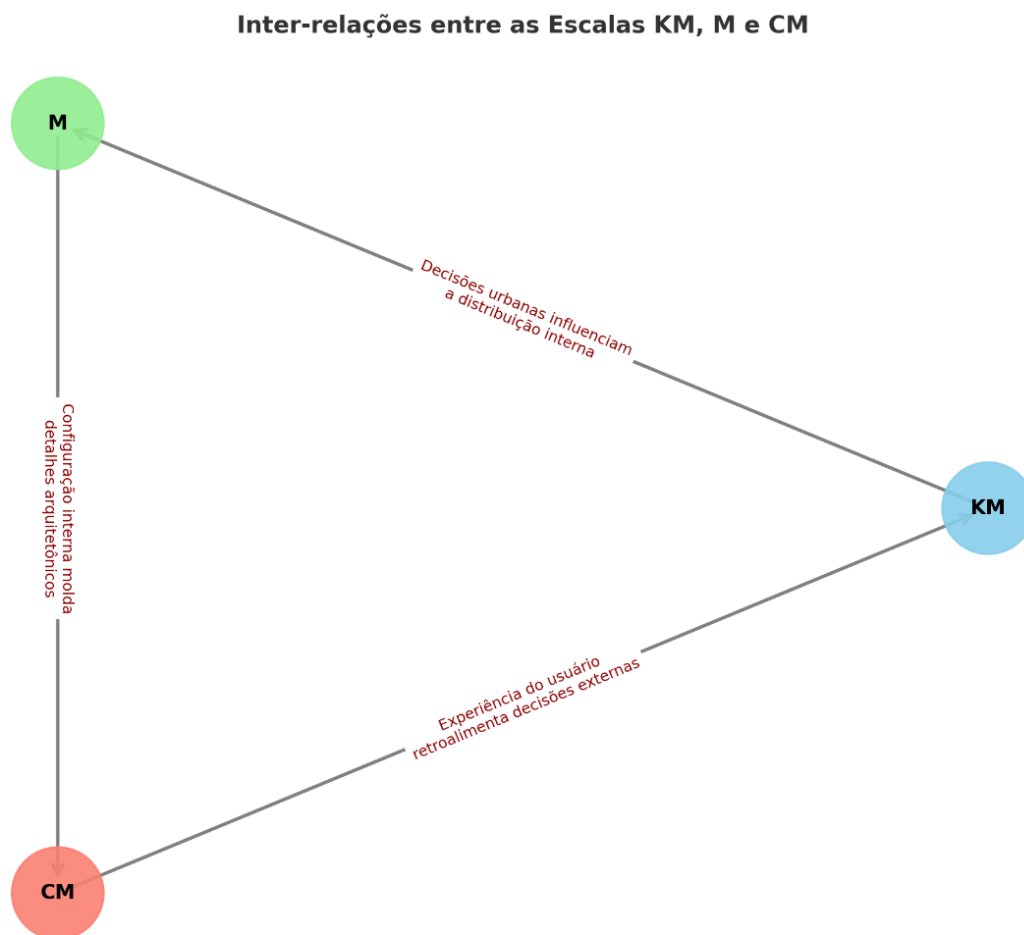
<sup>27</sup> BAKER, Geoffrey H. – **Le Corbusier: uma análise da forma**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

<sup>28</sup> CHING, Francis D.K. – **Arquitetura: Forma, Espaço e Ordem**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

A análise dos três colégios permite compreender como diferentes estratégias projetuais responderam a contextos urbanos complexos e desiguais, revelando soluções específicas e transferíveis. A metodologia proposta não pretende formular modelos ideais, mas construir instrumentos para identificar como arquitetura, pedagogia e território podem se articular de forma qualificada. Reconhece-se, entretanto, que o estudo está limitado à análise de representações gráficas e registros secundários, não incluindo observação em campo ou escuta dos usuários — lacunas que não comprometem a leitura projetual, mas apontam possibilidades para investigações futuras. A escolha de casos em Medellín, por sua vez, implica um recorte contextual que não visa à generalização, mas à compreensão aprofundada de práticas específicas, cujos aprendizados podem contribuir para o debate latino-americano sobre arquitetura escolar e planejamento urbano.

Para expressar a lógica integrada da metodologia adotada, foi delineado o Gráfico 1, que sintetiza as inter-relações entre as escalas de análise km, m e cm. O gráfico ilustra como as decisões tomadas em uma escala repercutem nas demais.

**Gráfico 1** – Inter-relações entre as escalas.



Fonte: Leonardo Tadeu Kseib (2024)



#### 4. Resultados e discussão

Os resultados da análise gráfico-espacial dos três colégios investigados — Antonio Derka, La Independencia e Las Mercedes — indicam como as decisões projetuais respondem a desafios urbanos específicos, contribuindo para a constituição de vínculos entre escola, território e comunidade. A aplicação do modelo multiescalar (km, m e cm) permitiu identificar padrões recorrentes e aspectos singulares, os quais, articuladamente, demonstram como a arquitetura escolar participa ativamente da produção de lugares de pertencimento e integração, em consonância com os aportes de Viñao Frago e Escolano<sup>29</sup> e Certeau.<sup>30</sup>

Na escala **km**, observa-se a escolha por localizações em áreas com baixo Índice de Qualidade de Vida, e o empenho em garantir acessibilidade, presença simbólica e conexão com o tecido urbano. O Colégio Antonio Derka, por exemplo, está situado em uma das regiões de maior vulnerabilidade da cidade e foi concebido com acessos escalonados e aberturas visuais que acentuam sua visibilidade na paisagem urbana. Em Las Mercedes, localizado em um setor de maior heterogeneidade tipológica, as soluções de transição entre os espaços públicos e escolares propiciam maior grau de permeabilidade urbana.

**Quadro 2** – Correspondências em escala KM.

| Aspecto                        | Colégio Antonio Derka                                                                                                                   | Colégio La Independencia                                                             | Colégio Las Mercedes                                                                                          | Discussão                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
|--------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Localização no Contexto</b> | Localizado em área íngreme e com escassez de espaços públicos e equipamentos de serviço de qualidade, com forte integração comunitária. | Inserido em área densa, predominantemente residencial, com moradias autoconstruídas. | Localizado em zona mista com residências multifamiliares, comércios e proximidade à Universidade de Medellín. | Antonio Derka e La Independencia estão inseridos em contextos vulneráveis, enquanto Las Mercedes, em uma zona mais consolidada. Em diferentes contextos, os três colégios articulam diferentes usos e grupos sociais. No caso de Antonio Derka e La Independencia, essa articulação ocorre |

<sup>29</sup> FRAGO, Antonio V.; ESCOLANO, Agustín – **Currículo, Espaço e Subjetividade – A Arquitetura como Programa**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

<sup>30</sup> CERTEAU, Michel de – **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

| Aspecto                                          | Colégio Antonio Derka                                                                                                                                                                                                                         | Colégio La Independencia                                                                                         | Colégio Las Mercedes                                                                                                   | Discussão                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
|--------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                                  |                                                                                                                                                                                                                                               |                                                                                                                  |                                                                                                                        | principalmente pela integração comunitária em áreas carentes de equipamentos e espaços públicos, enquanto Las Mercedes desempenha esse papel em uma zona mista com usos consolidados e maior diversidade de atividades.                                                                                                                                                                               |
| <b>Acessibilidade com sistema de transporte.</b> | Próximo ao Metrocable, com boas conexões de transporte público. No entanto, enfrenta desafios significativos de mobilidade devido ao relevo íngreme e à infraestrutura urbana precária, com calçadas inadequadas e trajetos pouco acessíveis. | A 1.400m da estação San Javier do metro. Trajeto com desafios de mobilidade por declives e calçadas inadequadas. | Conectado por linhas de ônibus integradas à rede metropolitana, com ruas mais largas e planejadas no entorno imediato. | Embora Antonio Derka tenha a vantagem de proximidade com o Metrocable, enfrenta os maiores desafios de acessibilidade devido ao terreno íngreme e à precariedade das calçadas, que comprometem a microacessibilidade. La Independencia, apesar de estar relativamente distante do metrô, apresenta dificuldades menores em relação ao relevo e à infraestrutura urbana. Las Mercedes, por outro lado, |

| Aspecto                               | Colégio Antonio Derka                                                        | Colégio La Independencia                                                                      | Colégio Las Mercedes                                                                                                    | Discussão                                                                                                                                                                                                            |
|---------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                       |                                                                              |                                                                                               |                                                                                                                         | compensa a ausência de conexão direta com o metrô com uma acessibilidade rodoviária eficiente e uma infraestrutura mais planejada, que facilita os deslocamentos locais.                                             |
| <b>Ocupação do Lote</b>               | Ocupação de 30% em 13.000 m². Áreas livres significativas e terreno íngreme. | Ocupação de 6,7% em 52.383 m². Terreno com desnível de 18 metros, aproveitado na implantação. | Ocupação de 45% em 9.871 m². Terreno rebaixado em 09 metros, com taludes ajardinados e organização funcional eficiente. | Antonio Derka tem maior proporção de áreas livres, enquanto La Independencia e Las Mercedes utilizam mais o terreno e equilibram espaços dedicados a atividades pedagógicas internas e espaços abertos à comunidade. |
| <b>Implantação e Orientação Solar</b> | Orientação de norte a sul, maximizando a iluminação natural e ventilação.    | Implantação em pente, permitindo luz natural e ventilação cruzada com aberturas zenitais.     | Implantação ao longo das bordas, com salas diversificadas em orientação e ventilação cruzada em todos os blocos.        | Os três projetos otimizam iluminação e ventilação passivas. Antonio Derka privilegia uma orientação uniforme, enquanto La Independencia explora o relevo e Las Mercedes adapta a orientação ao programa.             |

| Aspecto                        | Colégio Antonio Derka                                                          | Colégio La Independencia                                                                                  | Colégio Las Mercedes                                                                                                            | Discussão                                                                                                                                                                                     |
|--------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Permeabilidade e Urbana</b> | Praça pública e pilotis que conectam a escola à comunidade.                    | Relação de cheios e vazios na elevação, favorecendo a interação visual e física com o entorno.            | Praça pública elevada conectada à quadra poliesportiva e acessos estratégicos que reforçam o diálogo com o bairro.              | Antonio Derka prioriza espaços amplos e públicos, La Independencia destaca vazios entre blocos, e Las Mercedes integra funções comunitárias com acessos estratégicos.                         |
| <b>Elevação Espacial</b>       | Volume sobre pilotis, destacando a estrutura e criando espaços de convivência. | Blocos em pente com alturas variadas, integrando o volume ao relevo e minimizando interferências visuais. | Estrutura elevada com pilares esbeltos e laje pública, emoldurando vistas naturais e conectando o espaço escolar ao entorno.    | Antonio Derka enfatiza sua presença através de volumes elevados, La Independencia adapta os volumes ao terreno, enquanto Las Mercedes equilibra leveza estrutural e integração visual.        |
| <b>Função Social</b>           | A escola funciona como um núcleo comunitário com espaços de encontro públicos. | O colégio é um ponto de convergência social em um bairro carente de espaços públicos.                     | Escola integrada ao tecido urbano, com praça pública e quadra acessíveis fora do horário escolar, ampliando seu impacto social. | Antonio Derka e La Independencia são fundamentais para suprir carências sociais em seus bairros. Las Mercedes amplia essa função ao integrar diferentes públicos e usos em um contexto misto. |

Fonte: Leonardo Tadeu Kseib (2024).

Na **escala m**, os colégios apresentam diferentes estratégias de distribuição programática e articulação espacial. La Independencia, com partido centralizado, prioriza a organização eficiente dos fluxos internos e a separação funcional entre espaços pedagógicos e

comunitários. Em contraste, Antonio Derka utiliza espaços intersticiais como elementos de articulação e continuidade espacial entre diferentes setores do edifício.

**Quadro 3** – Correspondências em escala M.

| Aspecto                                    | Colégio Antonio Derka                                                                                                                                                                                                                                           | Colégio La Independencia                                                                                                                                                    | Colégio Las Mercedes                                                                                                                                         | Discussão                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
|--------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Distribuição Programática</b>           | Distribuído em cinco pavimentos com organização funcional: salas multidisciplinares nos pavimentos inferiores, salas de aula e administração nos pavimentos superiores, e praça pública no térreo, aberta à comunidade, integrando o colégio ao entorno urbano. | Distribuído em três pavimentos: térreo com praça pública e espaços comerciais; primeiro pavimento com salas de aula; e subsolo com salas multidisciplinares e quadra.       | Distribuído em três pavimentos: térreo com funções públicas e de acesso, subsolos com salas de aula, laboratórios e praça pedagógica rebaixada centralizada. | Os três colégios integram espaços de convívio abertos ao público, reforçando a interação entre escola e comunidade. Antonio Derka enfatiza essa integração com a praça pública no térreo, enquanto La Independencia e Las Mercedes criam espaços centrais que equilibram funções pedagógicas e sociais. |
| <b>Circulações Horizontais e Verticais</b> | Rampas para acessibilidade a partir do 3º subsolo e elevador entre térreo e 2º subsolo. Escadas e rampas integradas para promover convívio e interação social.                                                                                                  | Configuração em formato de pente; eixo transversal no térreo funciona como calçada interna conectando acessos e pátios. Escadas e rampas garantem acessibilidade e fluidez. | Circulação vertical exclusivamente por rampas; corredores amplos com varandas conectam espaços internos e externos, promovendo ventilação e                  | Antonio Derka e La Independencia oferecem maior diversidade de soluções de acessibilidade com elevadores, rampas e escadas, enquanto Las Mercedes é restrito às rampas, o que                                                                                                                           |



| Aspecto                                   | Colégio Antonio Derka                                                                                                                                                                                                                           | Colégio La Independencia                                                                                                                                             | Colégio Las Mercedes                                                                                                                                                                                          | Discussão                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
|-------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                           |                                                                                                                                                                                                                                                 |                                                                                                                                                                      | integração visual.                                                                                                                                                                                            | pode limitar a experiência de pessoas com mobilidade reduzida. Todos os projetos promovem integração visual e ventilação nos espaços.                                                                                                                                                                                                             |
| <b>Materialidade e Partido Estrutural</b> | <p>Concreto armado convencional (pilares e vigas) com lajes nervuradas em balanço.</p> <p>Vedações em vidro e pinus; auditório público com estrutura metálica sobre pilotis, contrastando com as construções de tijolo cerâmico do entorno.</p> | <p>Concreto armado com lajes nervuradas.</p> <p>Revestimento em pedra natural esverdeada, vidro, e pergolados para ventilação e integração visual com o entorno.</p> | <p>Estrutura em concreto nervurado, com grandes balanços e vedações em vidro.</p> <p>Materialidade predominante de concreto aparente e vidro, reforçando simplicidade e integração com o entorno natural.</p> | <p>Todos os colégios utilizam concreto como material predominante, mas exploram materiais complementares para reforçar identidade.</p> <p>Antonio Derka utiliza madeira de pinus, enquanto La Independencia incorpora pedra natural esverdeada. Las Mercedes prioriza concreto aparente e vidro, destacando simplicidade e leveza estrutural.</p> |

Fonte: Leonardo Tadeu Kseib (2024).

A comparação entre os casos permite constatar abordagens distintas dos arquitetos frente aos condicionantes topográficos e socioespaciais, por meio do uso de rampas, pátios centrais e vazios estruturantes que favorecem acessibilidade e interações cotidianas.

Na **escala cm**, os elementos construtivos, o mobiliário e as conexões visuais e funcionais entre espaços pedagógicos e áreas externas manifestam preocupações específicas com conforto ambiental, segurança e apropriação pelos usuários. Estratégias como iluminação e ventilação naturais, desenho de pátios e localização da sala de docentes evidenciam diferentes graus de atenção ao bem-estar da comunidade escolar.

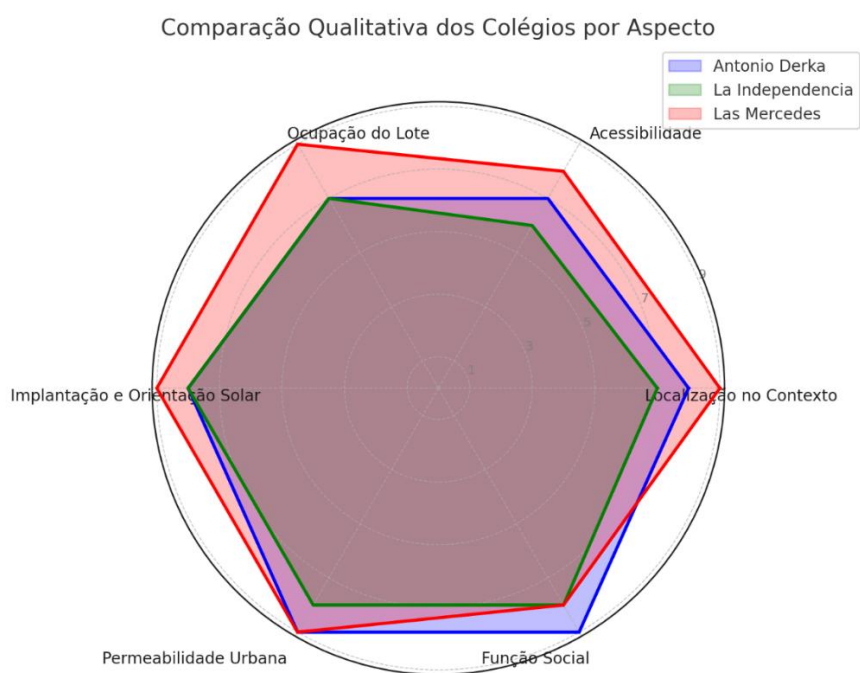
**Quadro 4** – Correspondências em escala CM.

| <b>Aspectos</b>          | <b>Colégio Antonio Derka</b>                                                                                                                                                              | <b>Colégio La Independencia</b>                                                                                                                                       | <b>Colégio Las Mercedes</b>                                                                                                                       | <b>Discussão</b>                                                                                                                                                                              |
|--------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Salas de Aula</b>     | 24 salas, 60 m <sup>2</sup> cada, 1,4 m <sup>2</sup> /aluno(a). Varandas internas ampliam a conexão com o exterior e criam espaços de interação. Corredores amplos funcionam como praças. | 14 salas, 54 m <sup>2</sup> cada, 1,35 m <sup>2</sup> /aluno (a). Banheiros internos nas salas. Varandas e pátios promovem conforto térmico, acústico e socialização. | 40 salas, 70 m <sup>2</sup> cada, 1,45 m <sup>2</sup> /aluno (a). Prismas irregulares criam nichos e varandas externas. Conexão com áreas verdes. | Las Mercedes oferece maior área média por aluno(a), enquanto La Independencia apresenta banheiros internos como diferencial. Antonio Derka utiliza varandas e praças internas para interação. |
| <b>Conexões Externas</b> | Varandas e corredores com vistas para o entorno. Integração com o ambiente natural e social.                                                                                              | Varandas orientadas ao norte. Pátios intercalados criam transições com o exterior.                                                                                    | Pátios e corredores promovem ventilação cruzada. Conexão direta com praça central e áreas verdes.                                                 | Antonio Derka privilegia integração com o entorno urbano, enquanto Las Mercedes e La Independencia valorizam a conexão com áreas verdes e pátios privativos.                                  |
| <b>Sala dos Docentes</b> | 43 m <sup>2</sup> , 20 postos. 2,15 m <sup>2</sup> /professor(a). Proximidade                                                                                                             | 90 m <sup>2</sup> , 20 postos. 4,5 m <sup>2</sup> /professor. Pé-direito duplo                                                                                        | 56 m <sup>2</sup> , 40 postos. 1,4 m <sup>2</sup> /professor(a). Proximidade                                                                      | La Independencia oferece maior conforto. Antonio Derka e Las                                                                                                                                  |

| Aspectos                           | Colégio Antonio Derka                                                                                                                                  | Colégio La Independencia                                                                                                      | Colégio Las Mercedes                                                                                                                 | Discussão                                                                                                                                                             |
|------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                    | com secretaria e reitoria. Distante da ala pedagógica. Falta de sofás ou poltronas para descanso.                                                      | de 6,5 m. Superfícies envidraçadas proporcionam visibilidade, mas limitam privacidade.                                        | com setores administrativos. Distante 35 m das salas de aula. Sanitários sem acessibilidade.                                         | Mercedes apresentam espaços mais compactos, especialmente Las Mercedes com 1,4 m <sup>2</sup> /professor(a).                                                          |
| <b>Espaços Recreativos</b>         | Praça pública descoberta no térreo, voltada para a comunidade. Praça coberta de 900 m <sup>2</sup> com pé-direito de 6,50 m. Duas quadras descobertas. | Praça pública pavimentada com 7,5 m de pé-direito. Campo de futebol externo. Quadra coberta no subsolo com pé-direito triplo. | Praça rebaixada central, combinando áreas pavimentadas e vegetadas. Quadra na parte posterior. Varandas e áreas elevadas protegidas. | Antonio Derka e La Independencia têm forte integração com a comunidade. Las Mercedes prioriza espaços internos e conexão com áreas verdes.                            |
| <b>Integração com a Comunidade</b> | Praça pública e quadras descobertas acessíveis à comunidade fora do horário escolar.                                                                   | Praça pública e campo de futebol com acesso comunitário. Quadra coberta disponível fora do horário escolar.                   | Quadra poliesportiva acessível pela laje pública. Integração comunitária moderada comparada aos outros colégios.                     | Antonio Derka e La Independencia promovem maior abertura à comunidade, enquanto Las Mercedes apresenta uma abordagem mais introspectiva e focada no ambiente escolar. |

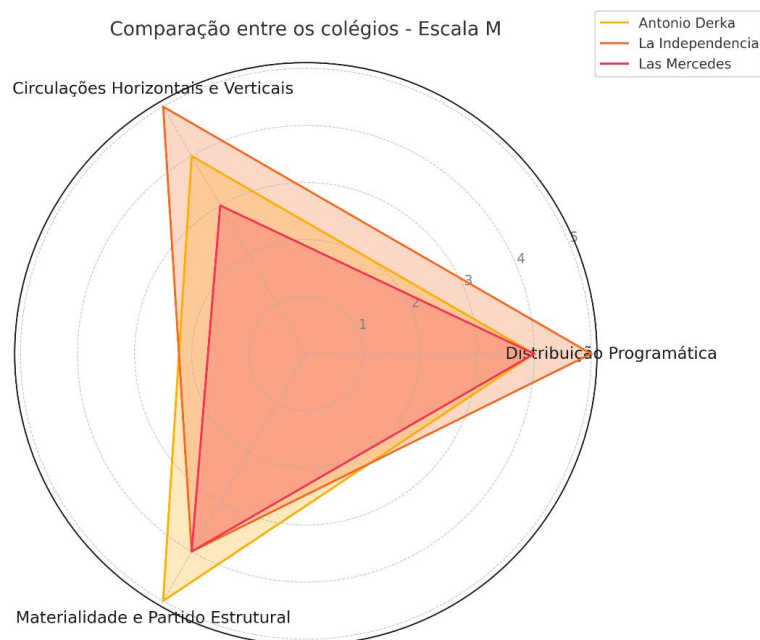
Fonte: Leonardo Tadeu Kseib (2024).

**Gráfico 2** – Gráfico radar da escala KM.



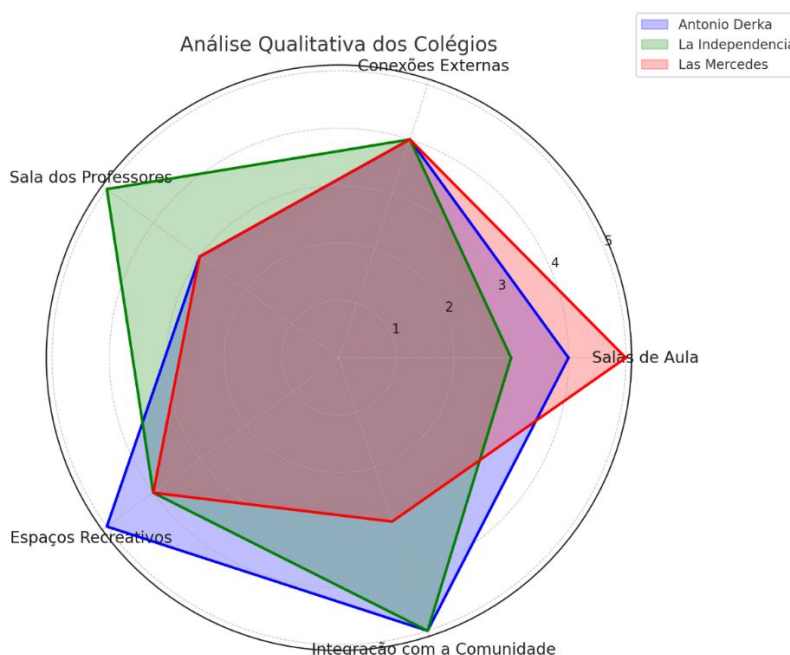
Fonte – Leonardo Tadeu Kseib (2024).

**Gráfico 3** – Gráfico radar da escala M.



Fonte: Leonardo Tadeu Kseib (2024).

**Gráfico 4–** Gráfico radar da escala CM.



Fonte: Leonardo Tadeu Kseib (2024).

Os gráficos radar organizam e sintetizam os dados qualitativos observados nas três escalas de análise, permitindo uma leitura comparativa da performance projetual dos edifícios escolares em aspectos como integração territorial, organização funcional e qualidade dos espaços pedagógicos.

De modo geral, os achados indicam que a articulação coerente entre diferentes escalas de projeto repercute diretamente na eficácia das estratégias urbanas e arquitetônicas, favorecendo o uso comunitário e a apropriação cotidiana dos espaços escolares. Tais resultados reforçam o entendimento da escola como um artefato cultural e urbano, dotado de potencial para incidir positivamente na reconfiguração das paisagens e das dinâmicas sociais nos territórios em que se insere.

## 5. Considerações finais

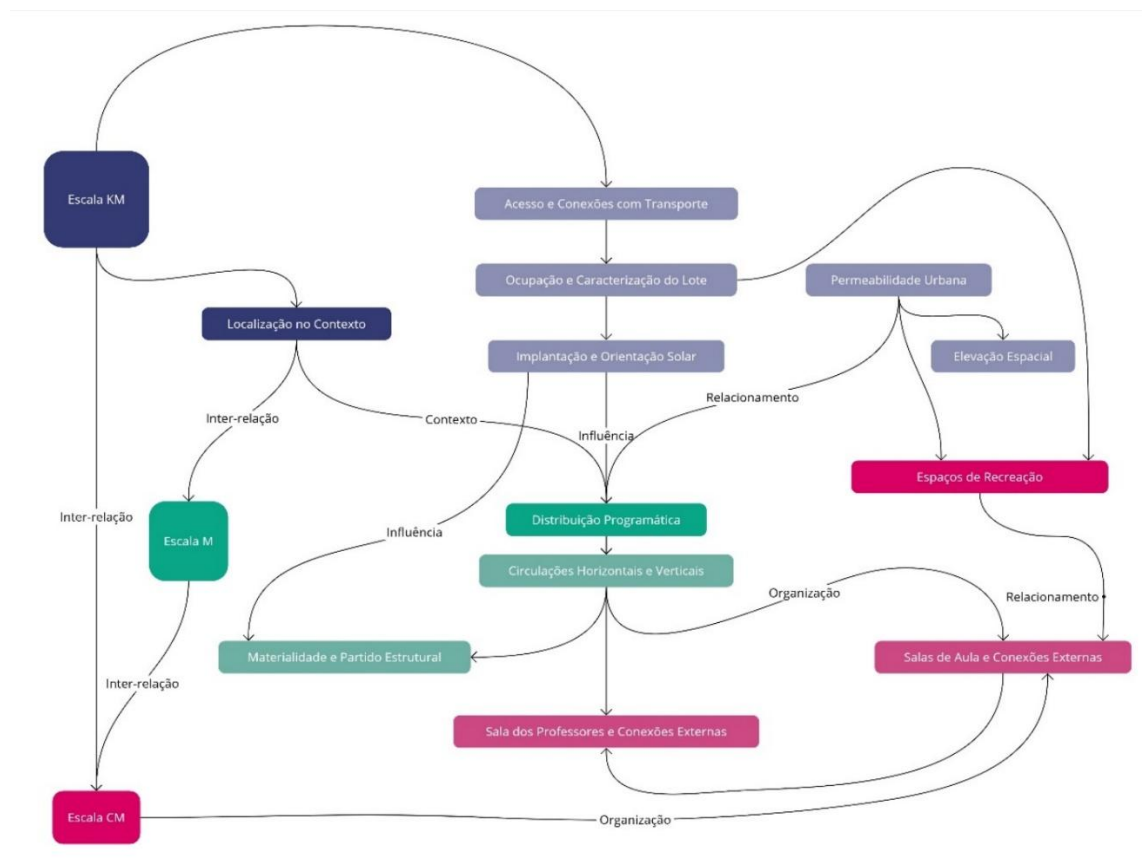
Esta pesquisa teve como objetivo compreender como edifícios escolares podem atuar como elementos estruturadores do espaço urbano em territórios socialmente vulneráveis. A análise gráfico-espacial de três colégios públicos em Medellín, construída a partir de um modelo multiescalar (km, m e cm), demonstrou que decisões arquitetônicas tomadas em cada escala influenciam diretamente as demais, revelando a complexidade do projeto escolar contemporâneo e sua dimensão política e cultural.

A aplicação do modelo permitiu identificar que aspectos como localização territorial, orientação solar e conectividade urbana impactam a distribuição programática, as circulações internas e, por consequência, os espaços de ensino e convívio. O Colégio Antonio Derka, por exemplo, articula sua inserção em uma área de topografia desafiadora com soluções espaciais que favorecem a permanência e a apropriação comunitária. Já Las Mercedes, em contexto urbano mais consolidado, explora relações de transição entre espaço público e espaço escolar para promover maior abertura e acessibilidade.



A interdependência entre escalas e categorias de análise encontra-se representada na **Figura 01**, inserida a seguir, que sintetiza graficamente as conexões entre decisões de implantação, organização interna e experiência do usuário.

**Figura 01** – Diagrama demonstrando as inter-relações entre as escalas de análise.



Fonte: Leonardo Tadeu Kseib (2024).

Esse diagrama reforça a centralidade do projeto como mediador entre intenções institucionais e práticas cotidianas, demonstrando como a escola, enquanto **ambiente que materializa práticas sociais e educativas**, pode favorecer relações de pertencimento, integração urbana e inclusão social.

Embora a pesquisa tenha se baseado em análise documental e gráfica, sem observação direta em campo, a sistematização proposta se mostrou eficaz para identificar padrões projetuais e compreender sua articulação com o território. Reconhece-se, no entanto, que pesquisas futuras poderiam incorporar métodos etnográficos e escuta de usuários, ampliando a abordagem proposta por esta investigação<sup>31</sup>.

Conclui-se que a arquitetura escolar, quando articulada a políticas públicas comprometidas com a equidade territorial, pode operar como infraestrutura urbana de transformação. O modelo desenvolvido nesta pesquisa oferece um instrumento analítico

<sup>31</sup> KSEIB, Leonardo Tadeu – **O edifício escolar e a cidade: análise projetual em Medellín nas escalas km, m e cm**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2024.

adaptável a outros contextos latino-americanos, desde que respeitadas as especificidades socioterritoriais de cada realidade.

## Bibliografia

ALCADÍA DE MEDELLÍN. **Medellín modelo de transformación urbana:** Proyecto Urbano – PUI – em la zona nororiental y Consolidación Habitacional em la Quebrada Juan Bobo. Medellín: Alcadía de Medellín.

ALCADÍA DE MEDELLÍN. **Colégios de Calidad para Medellín - PROYECTO ESTRATÉGICO DE LA ALCALDÍA DE MEDELLÍN.** Guión, Mayo 11, 2007.

\_\_\_\_\_. **Plan de Desarrollo 2004-2007 “ Medellín, Compromisso de toda la ciudadanía.** Medellín: Alcadía de Medellín, 2004.

\_\_\_\_\_. **Laboratorio Medellín, Valle de Aburrá.** Medellín: Mesa Editores, 2011.

\_\_\_\_\_. **BIO 2030: Plan Director Medellín, Valle de Aburrá.** Medellín: Mesa Editores, 2012.

BONILLA, Myriam Merchán; PALMA, Óscar Arcos. Centros de Desarrollo Empresarial Zonal – CEDEZO. In: ALCADIA DE MEDELLÍN. **Laboratório Medellín:** Catálogo de diez prácticas vivas. Medellín: Mesa Editores, 2011.

\_\_\_\_\_. Escuelas y Colégios de Calidad para la Equidad y la Convivencia. In: ALCADIA DE MEDELLÍN. **Laboratório Medellín:** Catálogo de diez prácticas vivas. Medellín: Mesa Editores, 2011.

BAKER, G.H. **Le Corbusier:** uma análise da forma. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BRAND, Peter. El Urbanismo Social de Medellín, Colombia. **Revista del Colegio Oficial de Arquitectos de Madrid**, (359), 99-103 (2010).

BUITONI, Cássia Schroeder. **Mayumi Watanabe Souza Lima:** a construção do espaço para educação. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo, São Paulo, 2009.

CAZETTA, Valéria; LIMA, Ana Laura Godinho (orgs.). **O ambiente escolar em transformação.** Campinas: Alínea, 2022.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano:** 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHING, F.D.K. **Arquitetura:** forma, espaço e ordem. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

CLARK, R.H.; PAUSE, M. **Arquitectura:** temas de composición. Barcelona: Gustavo Gili, 1997.

EDU – EMPRESA DE DESARROLLO URBANO. **Arquitectura Publica y Innvación social**. Medellín: Mesa Editores. 2015

ESCOLANO, Augustín. Título do capítulo citado. In: FRAGO;ESCOLANO **Currículo, Espaço e Subjetividade** -A arquitetura como programa. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

FRAGO, Antonio V. Título do capítulo citado. In: FRAGO;ESCOLANO **Currículo, Espaço e Subjetividade** -A arquitetura como programa. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

FERNANDES, O.S.; ELALI, G.A.; Reflexões sobre o comportamento infantil em um pátio escolar: O que aprendemos observando as atividades das crianças. Paideia, 18(39) 41-52. Ribeirão Preto. 2008.

GETLINGER, Daniela. **Plano de Ação como Elemento de integração e territorialização de Políticas Públicas em área de vulnerabilidade social: O caso Jardim Lapena**. Tese (Doutorado em arquitetura e urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2021.

HERTZBERGER, Herman. **Lições de Arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 1999

KOWALTOWSKI, Doris. **Arquitetura escolar o projeto do ambiente de ensino**. São Paulo: Oficina de textos, 2011.

KSEIB, Leonardo Tadeu – **O edifício escolar e a cidade: análise projetual em Medellín nas escalas km, m e cm**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2024.

LIMA, Mayumi Watanabe de Souza. **A cidade e a criança**. São Paulo: Studio nobel, 1989

LIPOVETSKY, Gilles. **Os tempos Hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004

LOPERA, Juan. **Alguien previó lo que está pasando en Medellín?** Revista del Colegio Oficial de Arquitectos de Madrid, (359), 95-98 (2010).

NASCIMENTO, Andréa. **A criança e o arquiteto**. Quem aprende com quem? São Paulo: Annablume; Fapesp, 2014.

REIS, L.A.A. **O pátio interno escolar como lugar simbólico**. Um estudo sobre a interrelação de variáveis subjetivas objetivas do conforto ambiental. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) Rio de Janeiro: UFRJ/FAU PROARQ, 2006.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4ª edição. São Paulo: EDUSP, 2014.

WILDEROM, Mariana. **Espaço educacional contemporâneo: reflexões sobre os rumos da arquitetura escolar na cidade de São Paulo (1935-2013)**. Dissertação de Mestrado – São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

WILDEROM, Mariana. **Arquitetura para cidades na América Latina contemporânea**: distâncias e aproximações entre São Paulo e Medellín. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

XXI Bienal de Colombiana de Arquitectura – Catálogo. **Volume 1 e 2. Sociedad Colombiana de Arquitectos**. Bogotá, Colômbia, 2008.

XXII Bienal de Colombiana de Arquitectura – Catálogo. **Sociedad Colombiana de Arquitectos**. Bogotá, Colômbia, 2010.

# Campos Elíseos em Três Tempos: Evolução, preservação e deterioração de um bairro planejado

**Felipe Romano**

Universidade Presbiteriana Mackenzie  
[feliperomano22@hotmail.com](mailto:feliperomano22@hotmail.com)

**José Geraldo Simões Júnior**

Universidade Presbiteriana Mackenzie  
[josegeraldo.simoes@mackenzie.br](mailto:josegeraldo.simoes@mackenzie.br)

**Resumo:** Este artigo investiga os aspectos históricos, urbanísticos e patrimoniais do bairro dos Campos Elíseos, em São Paulo, com foco na sua trajetória — considerado o primeiro bairro planejado da cidade. Projetado em 1878 para atender a uma elite emergente da economia cafeeira, o bairro foi marcado por uma arquitetura eclética de palacetes e por um modelo urbano inovador para a época. A pesquisa se estrutura em três fases: a implantação e apogeu do bairro (1880–1930), o período de estagnação e início da decadência, incluindo a política de proteção patrimonial (1930–1990) e o período da acentuação do processo de declínio, marcado também por políticas de contenção desse processo (1990–2024). O estudo destaca os inventários realizados pelo CONDEPHAAT em 1986 e 2007, com especial atenção à conservação dos bens tombados e às políticas públicas de reabilitação da área. Por meio de uma abordagem historiográfica, fundamentada no acervo existente nos principais órgãos de preservação patrimonial, o artigo analisa algumas edificações patrimoniais, os projetos de revitalização propostos e os desafios enfrentados por essa região marcada hoje pela acentuada degradação física e precárias condições de moradia, advindas sobretudo pela presença consolidada da Cracolândia na região.

**Palavras-chave:** Campos Elíseos — São Paulo, patrimônio arquitetônico, CONDEPHAAT, reabilitação urbana.



## **Introdução**

O bairro dos Campos Elíseos, considerado o primeiro bairro planejado na cidade de São Paulo, foi concebido para atender aos anseios de uma classe social emergente, decorrente da riqueza advinda com a economia cafeeira, passando a abrigar também um novo estilo de construções - o palacete. O artigo versa sobre o patrimônio arquitetônico e urbanístico ali existente, tomando como base um referencial de estudo realizado pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do estado de São Paulo — CONDEPHAAT —, o qual foi peça fundamental para subsidiar o tombamento de 47 edificações do bairro. A pesquisa original, que deu origem ao mestrado e que este texto sintetiza alguns aspectos, dedicou-se a atualizar os levantamentos patrimoniais realizados por este órgão de preservação, apresentando uma visão atual sobre o bairro, marcado por grande declínio de suas estruturas físicas, sociais e econômicas. Além disso, apresentou os projetos de reabilitação que foram propostos nos últimos anos para toda a região. Para isso, o bairro é abordado em três momentos importantes em sua evolução e transformação: a construção do bairro e seu apogeu (1880-1930), o período de estagnação e decadência (1930-1990) e o período dos últimos 35 anos, marcado pela acentuação do processo de degradação física e ambiental e por políticas de preservação do patrimônio cultural e de reabilitação urbana.

A pesquisa adotou uma abordagem historiográfica, com base em levantamentos realizados junto aos principais órgãos de preservação do patrimônio cultural de São Paulo, como o Arquivo Histórico Municipal, o CONPRESP e o CONDEPHAAT. Nessas instituições, foram identificados documentos textuais e gráficos que evidenciam a evolução urbana dos Campos Elíseos, contribuindo diretamente para a fundamentação teórica do estudo. O inventário elaborado pelo CONDEPHAAT nos anos 1980 foi uma fonte central, especialmente por sua riqueza iconográfica e detalhamento técnico, servindo de base para atualizações fotográficas feitas por esta pesquisa em 2023, o que permitiu uma visão comparativa entre o estado de conservação dos bens tombados e consequentemente uma avaliação do impacto desta política de preservação. Por fim o estudo termina com um breve balanço das políticas sociais e de reabilitação urbana propostas para a área nos últimos anos.

## **Desenvolvimento**

A pesquisa estabelece uma periodização em três momentos distintos, relacionado às etapas de apogeu, declínio, proteção e tentativas de reabilitação do bairro.

### **Tempo 1: A implantação do bairro dos Campos Elíseos e seu período de apogeu (1878-1930)**

A parceria entre os imigrantes alemães Victor Nothmann e Frederico Glette desempenhou papel central no processo de urbanização dos Campos Elíseos. Glette adquiriu, em 1878, terras vizinhas à antiga Chácara do Campo Redondo. Esse território, anteriormente pertencente ao Barão de Mauá e alvo de um loteamento frustrado por dificuldades financeiras, foi transformado por Glette no que viria a ser o bairro dos Campos Elíseos. Contando com o apoio do empresário Victor Nothmann e do engenheiro Hermann Von Puttkamer, o projeto foi cuidadosamente planejado para atender à elite cafeeira, com ruas arborizadas, jardins frontais e recuos obrigatórios nas construções.

O novo bairro rapidamente conquistou prestígio, favorecido por sua localização estratégica, a presença da ferrovia e a instalação de bondes. As exigências construtivas adotadas por Glette anteciparam, conforme observa Branquinho (2007), itens que seriam

formalizados no Código de Posturas de 1886, como as normas sobre larguras de vias e recuos das edificações. Os detalhes construtivos das mansões dos Campos Elíseos refletiam a inovação da época. Inspirados pelos modelos europeus, os palacetes ali construídos trouxeram para a cidade novos costumes, como jardins e pomares ao redor das residências, substituindo os antigos hábitos coloniais de casas geminadas, assim como a tradicional taipa de pilão, que foi substituída pela alvenaria de tijolos, com o estilo eclético passando a dominar a paisagem arquitetônica do bairro.

A consolidação dos Campos Elíseos como bairro moderno foi também impulsionada por seu traçado urbano retilíneo e pela topografia favorável, que facilitou a instalação de infraestrutura básica como água, esgoto, calçamento e transporte. Até 1878, a cidade de São Paulo sofria com sérias dificuldades no abastecimento hídrico, mas alguns anos depois, a instalação da primeira caixa de abastecimento da Companhia Cantareira marcou um avanço significativo. Com o crescimento do bairro, em 1889, Victor Nothmann e o engenheiro Fernando Dumoulin solicitaram a implantação de linhas de bonde de tração animal, e, em 1891, o bairro passou a se conectar com o centro da cidade e bairros adjacentes.

No início do século XX, a mobilidade urbana ganhou novo impulso com a chegada da The São Paulo Railway Light and Power Co. Ltda, que inaugurou, em 1900, sua primeira linha de bondes elétricos entre o Largo São Bento e a Barra Funda, passando pelo bairro, seguida por outra linha ligando o Bom Retiro ao centro. Em 1893, o empresário Eduardo Prates promoveu, por conta própria, o prolongamento das ruas Conselheiro Nébias e Guaianazes em seus terrenos, realizando aterros e desaterros para nivelar o solo. A posterior solicitação à câmara para regularização dessas alterações evidenciou o dinamismo e a iniciativa privada no processo de expansão urbana local.



Fig. 1: Foto “Panorama dos Campos Elíseos, de Guilherme Gaensly”. Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira

Por volta de 1891, foram criadas duas estações do corpo de bombeiros — “Estação do Norte” e “Estação Oeste” — para atender diferentes regiões da cidade, sendo que a sede ficava na Alameda Barão de Limeira. Embora outras chácaras próximas já tivessem sido loteadas, nenhuma se igualava à sofisticação e aos atributos urbanísticos dos Campos Elíseos, com destaque para o Largo dos Guaianazes e sua arborização.

O modo de vida da elite cafeeira sustentou o auge dos Campos Elíseos até por volta de 1920, quando as primeiras crises do café começaram a sinalizar transformações na economia brasileira. A Crise de 1929, em especial, marcou o declínio definitivo da dependência do café como principal fonte de renda dessa elite. Na década de 1930, Higienópolis passou a ocupar o lugar de bairro nobre, atraindo as tradicionais famílias dos Campos Elíseos, conforme registra o levantamento histórico do CONDEPHAAT.

O vazio deixado pela elite cafeeira no bairro dos Campos Elíseos foi o início da mudança do tipo de ocupação do bairro, que passou a receber casas assobradadas e pequenos prédios destinados à moradia de classe média e operária, definindo um novo tipo de ocupação para as imediações da área central da cidade.

## **Tempo 2 : o declínio do bairro e a política de proteção patrimonial (1950-1990)**

A vertiginosa expansão da cidade de São Paulo nas primeiras décadas do século XX, trouxe no seu bojo, a mudança da centralidade urbana, que foi progressivamente migrando do centro velho para o centro Novo e depois para a região da Paulista, nos anos 60. Tal fenômeno alterou bastante a configuração dos bairros centrais, que passaram a ter um incremento do setor comercial e de serviços, trazendo como consequência a substituição das antigas residências por edifícios altos. O bairro de Campos Elíseos recebeu diretamente o impacto dessas transformações, acrescido da popularização decorrente do bairro vizinho - Santa Efigênia e da presença de terminais ferroviários e rodoviário na área. Desta forma, os antigos palacetes deixaram de abrigar as famílias da elite paulistana, que migraram para áreas mais valorizadas como Higienópolis, Paulista e Jardim América, e passaram a ficar desocupados, sendo posteriormente transformados em habitação coletiva de aluguel (cortiços), comércio ou deixados ao abandono. Tal situação se agravou sobretudo entre os anos da década de 50 a 90 do século passado.

Várias tentativas de reversão deste processo de declínio começaram a ocorrer desde os anos 80, a começar pelos estudos de preservação conduzidos pelo CONDEPHAAT e outras políticas de reabilitação para a área, que se prolongam até os dias atuais.

Em relação à política de preservação do rico patrimônio desses edifícios ecléticos, a ação pioneira se deu a partir de 1986. O estudo realizado pelo CONDEPHAAT nos anos seguintes reconheceu a relevância das edificações dos Campos Elíseos como marcos da arquitetura e urbanização do início da República, propondo medidas de preservação que abrangiam toda a área de valor histórico e cultural. A partir daí, definiu-se um perímetro de preservação que incluiu importantes vias como as alamedas Barão de Limeira e Eduardo Prado, a Avenida Duque de Caxias, a Estação Júlio Prestes, entre outras, formalizando as ações na esfera estadual.

As regulamentações para o tombamento e áreas envoltórias envolveram a definição de gabaritos, estabelecendo limites de altura e exigindo recuos mínimos para as construções. Em março de 1986, a abertura do processo de tombamento (APT – Processo 24.506/1986) foi efetivada, incluindo 47 imóveis e detalhando informações sobre o estado de conservação e as eventuais alterações ocorridas nas fachadas.



Em 1993, foram propostas ações para revitalizar a área, com a parceria firmada com a Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano - CDHU para construção de unidades habitacionais de interesse social, efetuando também reparos e melhorias em edifícios da Alameda Cleveland. Apesar disso, o projeto habitacional não avançou, e a lista de imóveis propostos na APT permaneceu a mesma até 2001, quando uma nova revisão excluiu e desclassificou alguns edifícios. A lista final de 2002, contendo 34 itens (entre edificações e praças) foi atualizada em 2007, através de novo levantamento fotográfico dos imóveis, servindo como referência para a conclusão do processo de tombamento, finalmente efetivado, através da Resolução n.20, de 23/04/2013, onde foram definidos dois níveis distintos de preservação para os imóveis : preservação integral (GP1) e preservação somente dos elementos externos da edificação (GP2).

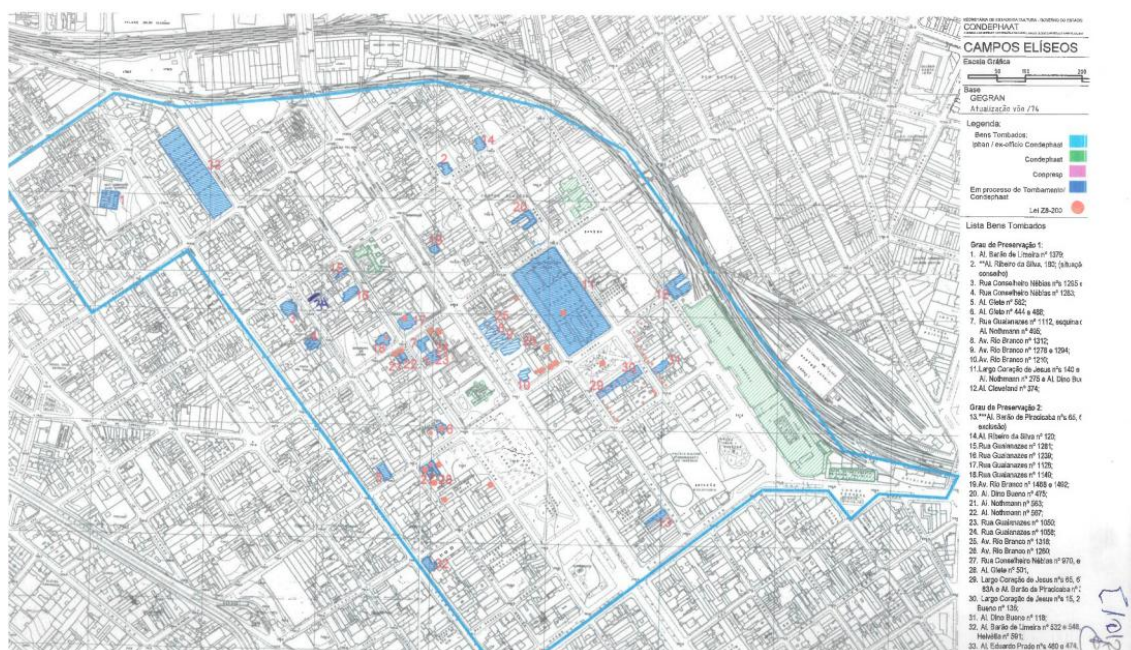


Fig. 2 - Área com imóveis tombados após atualização do Conselho em 2006. Fonte: Relatório do inventário do CONDEPHAAT, Vol VI, p. 1012

Em setembro de 2023, dez anos após a publicação da resolução de tombamento, esta presente pesquisa atualizou o estado de cada bem patrimonial com base em novo levantamento fotográfico e compilação de dados, comparando imagens recentes com registros do CONDEPHAAT dos anos 1986 e de 2007, para cada um dos edifícios tombados pelo órgão de preservação. Este registro comparativo completo encontra-se na dissertação de mestrado relacionada a esta pesquisa e por ser muito extenso, será aqui mostrado parcialmente, resumindo-se a alguns casos exitosos de reabilitação empreendida nos últimos anos.

Um outro aspecto importante a destacar é que, apesar dos esforços para a preservação no bairro, a atual política de proteção do patrimônio arquitetônico foi e continua sendo marcada pela quase total ausência de incentivos fiscais e financeiros por parte do Estado, recursos financeiros estes fundamentais para a realização de obras de recuperação e restauro dos edifícios tombados. Sem esse apoio, os proprietários dos imóveis não conseguem realizar a manutenção das construções históricas, levando-as a um processo espoliação no seu uso e consequente degradação. Um exemplo claro desse fenômeno foi o observado no suntuoso Casarão do Barão do Rio Prado, situado na al. Ribeiro da Silva esquina com a Barão de Piracicaba. Construído nos anos 1880, foi vendido e passou por

diversos proprietários ao longo dos anos, sendo deixado em estado de abandono quando foi invadido por população sem-teto. Em 2019, já esvaziado, ruiu durante uma grande tempestade.



Fig 3 – Ruínas do palacete do barão do Rio Pardo, demolido em 2019. Fonte: <https://saopauloantiga.com.br/palacete-do-barao-do-rio-pardo>.

### ALGUMAS EXPERIÊNCIAS EXITOSAS DE REABILITAÇÃO DE PALACETES NO BAIRRO

O bairro é marcado por edifícios imponentes, como o Liceu Sagrado Coração de Jesus, (com sua torre de 62 metros de altura), a Estação Júlio Prestes (da ferrovia Sorocabana), o Palácio dos Campos Elíseos (antiga residência do empresário e cafeicultor Elias Antonio Pacheco e Chaves) e a sede da Chácara do Carvalho (antiga residência do Conselheiro Antônio da Silva Prado, que além de ter sido prefeito da cidade foi também o maior produtor de café do mundo, no final do sec. XIX).

Além desses edifícios referenciais, predomina hoje no bairro a arquitetura eclética dos palacetes remanescentes (cerca de trinta casarões), que hoje se mesclam com edificações mais modernas e edifícios altos, voltados ao uso residencial e de serviços. Destes palacetes, muitos encontram-se em estado precário de conservação, mas outros se destacam, por terem sido objeto de intervenções de reabilitação, restauro e uso mais contemporâneo, adequado às demandas do bairro.

Vamos aqui destacar alguns deles, considerados emblemáticos na imagem do bairro - contribuindo para consolidar a identidade dos Campos Elíseos - como os casarões de Dino Bueno, o da família Alves de Lima e o da família Santos Dumont. Estes imóveis, acompanhados por registros visuais que documentam seu estado de conservação, materiais, técnicas construtivas e inserção urbana, testemunham a relevância histórica e arquitetônica da região.



## CASA DON'ANNA

Com projeto arquitetônico assinado por Ramos de Azevedo e ornamentação dos vitrais por Conrado Sorgenicht, a residência da família Alves Lima é uma das mais importantes do bairro dos Campos Elíseos. Em 1944 foi reformada pelo arquiteto francês Jacques Pilon, que trouxe elementos marcados pelo ecletismo, tornando a edificação menos rebuscada.

A construção, situada no encontro das esquinas da Alameda Nothmann com a Rua Guaianazes, demonstra, em seus 1.000 m<sup>2</sup>, materiais de acabamento sofisticados, como lambris, mosaicos, vitrais e mármore de Carrara. Ainda no terreno, há uma grande concentração de área ajardinada com jabuticabeiras e orquídeas.

O projeto tem como pressuposto dois pavimentos, porão e uma edícula ao fundo da construção. Os muros que contornam a casa estão presentes nas fronteiras laterais do lote, sendo que o fechamento central e acesso principal é realizado por gradil de ferro. Seguindo as exigências construtivas de Glette, é possível identificar os elementos que o empresário propôs ao bairro, como o afastamento da edificação ao lote e a instalação de gradis frontais e jardins.

A história da família Alves de Lima tem origem com a grande produção de café, produto de valorização internacional. No entanto, devido à queimada ocasionada por uma geada, a família se mudou para a cidade de Buenos Aires, instalando, ali, um comércio que, ao longo dos anos, se tornou uma grande rede de importação de café.

A partir da mudança e de uma constante visita da família ao Brasil para tratar dos negócios, Octaviano, um dos filhos do casal, conhece Anna Silva Teles. Em 1911, quando se casam, o pai de Anna os presenteia com a residência nos Campos Elíseos. Hoje, um dos netos do casal administra o imóvel, conhecido como Casa Don'Anna, que tem seu lindo jardim lateral ocupado por um restaurante.



Fig. 4: Fachada da residência Alves de Lima em 2023 (Casa de Don'Anna) em cujo jardim lateral abriga-se hoje o restaurante peruano Amazo.. Fonte: autoral

## CASARÃO DINO BUENO

Uma das mais luxuosas residências do bairro de Campos Elíseos, o Casarão Dino Bueno está localizado na Rua Guaianazes e é uma das sedes administrativas de companhia seguradora mantenedora da edificação.

O palacete foi erguido nos anos 1895 (auge da ocupação do bairro), servindo de residência para Dino Bueno, então promotor público. Devido à valorização do bairro e à elitização da região, o bairro de Campos Elíseos recebia diversas autoridades, inclusive no domicílio de Dino Bueno.

Com estilo eclético, o casarão é constituído de duas edificações. Durante o processo de restauro, notou-se que uma terceira parte teria sido uma garagem, a qual havia sido demolida no século XX.

Após o falecimento de Dino Bueno em 1931, sua família passou a locar o casarão em 1933, que serviu de pensão religiosa. Denominada “Pensionato Auxilium”, ocupou o local até a década de 1970. Nessa época, o bairro, antes elitizado, passava por uma realidade totalmente oposta ao tempo de glória do final do século XIX, visto que alguns dos casarões estavam passando por forte processo de degradação. Alguns edifícios foram demolidos, e outros tornaram-se cortiços.

Em 1975, a empresa Porto Seguro chegou ao bairro e adquiriu o casarão, mas foi em 1988 que o processo de restauro teve início. Segundo a empresa, o primeiro passo de restauro começou a partir do contato com o CONDEPHAAT.

Com o restauro integrando o casarão à sede da seguradora, é possível acessar ambos os edifícios por meio da ligação conectando as construções. A antiga residência de Dino Bueno passa a ser oficialmente denominada Casarão Porto Seguro e atende às necessidades de reuniões e de eventos promovidas pela empresa.



Fig. 5 Palacete Dino Bueno, adquirido e restaurado pela companhia Porto Seguro. Fonte: [https://saopauloantiga.com.br/casarao-de-dino-bueno/#google\\_vignette](https://saopauloantiga.com.br/casarao-de-dino-bueno/#google_vignette)

## CASARÃO SANTOS DUMONT

Situado entre as Alamedas Nothmaan e Glette, a atual sede do Museu da Energia de São Paulo abrigava, anteriormente, a família do famoso aviador Alberto Santos Dumont. A edificação, construída entre os anos 1890 e 1894, foi projetada pelo escritório de Francisco Ramos de Azevedo, na então Alameda do Triunfo, na esquina com a Alameda Nothmann.

No ano de 1894, a edificação foi adquirida pelo irmão de Alberto, Henrique Santos Dumont. Filho de um dos aristocratas do café, Henrique Dumont, conhecido como o “Rei do Café”, pertencia a uma das famílias com maiores poderes aquisitivos da época.

Após a saída da família Dumont do casarão, a construção passou por diversas administrações, sediando, até mesmo, um colégio - o internato e colégio Stanford.

Posteriormente, em 1926, Amélia Dumont decide colocar à venda as terras, as quais foram compradas por Blandina Ratto. No local, além do casarão já existente e ocupado pela escola, Blandina constrói mais um imóvel ao lado do casarão, seguindo o mesmo padrão construtivo e estilo arquitetônico para abrigar os dormitórios das alunas.

Além do colégio, a sociedade filantrópica Pestalozzi ocupa o casarão após a saída do grupo estudantil, residindo no edifício até o início dos anos 1960, e o governo estadual assume a administração.

Nas décadas de 1980 ao início do século XXI, segundo o processo de tombamento do Casarão, a construção é ocupada por grupos sociais “sem-teto”, havendo reintegração de posse ao longo de vinte anos. Já no ano de 2001, o imóvel se torna a nova sede do Departamento de Patrimônio Histórico de São Paulo, atuando, assim, como a sede do Museu da Energia.

O processo de restauração do edifício, recuperando alvenarias, revestimentos, esquadrias, telhado e instalações de infraestrutura, procurou restabelecer o padrão original da arquitetura e implantação do palacete, destacando seu caráter monumental e se configurando como uma das mais bem sucedidas experiências de reabilitação do bairro

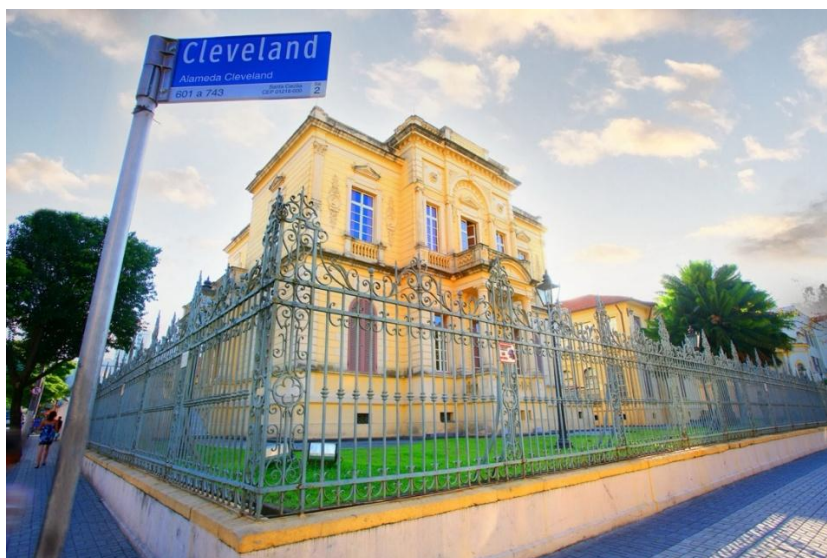


Fig. 6 - Museu da Energia de São Paulo, implantado na antiga residência da família Santos Dumont. Fonte: <https://www.energiaesaneamento.org.br/museu/museu-da-energia-de-sao-paulo/>



### **Tempo 3: O declínio acentuado do bairro e as políticas de reabilitação propostas (1990-1924)**

A deterioração dos Campos Elíseos começou a se intensificar no início dos anos 60, com a inauguração do Terminal Rodoviário da Luz, localizado em um dos limites do bairro, junto à alameda Cleveland. O equipamento trouxe grande movimentação de pessoas, incremento de comércio popular, surgimento de pequenos hotéis e pensões, num período no qual o setor público passa a reduzir os investimentos em espaços públicos, com consequente diminuição da qualidade ambiental e da segurança. Com o fechamento da rodoviária em 1982 e sua transferência para o Terminal Rodoviário do Tietê, a situação de degradação se acentuou e as ruas do bairro passaram a receber grande contingente de população em situação de rua e usuários de drogas.

Outro fator associado a esse declínio, foi a transferência, na década de 60, da sede do governo estadual, que operava no Palácio dos Campos Elíseos. Após um incêndio neste edifício, o governo se transferiu para o Palácio dos Bandeirantes, no Morumbi, o que acentuou o esvaziamento político e simbólico da área. O conjunto de mudanças e o abandono de importantes espaços resultaram na degradação e marginalização dos Campos Elíseos.

A expansão do comércio de venda de drogas nas últimas décadas, trouxe usuários de crack ocupando as calçadas, somando-se aos moradores de rua e catadores de papelão, que moram em cortiços e em áreas precárias próximas, como a das favelas do Moinho e do Gato. Esse quadro de deterioração reflete problemas sociais amplos, como a falta de moradia digna e a necessidade de políticas públicas eficazes para a saúde, reinserção social e segurança pública.

Nos anos 1990, uma tentativa de revitalização da antiga estação rodoviária resultou na instalação de um shopping center, voltado à atração do público de classe média, mas o projeto não teve êxito e foi desativado já nos anos 2000. Com o esvaziamento da área, hotéis e pousadas deixaram de ter ocupação plena, passando a abrigar atividades como prostituição e tráfico de drogas, o que consolidou a região como a conhecida “boca do lixo”. Esse contraste é ainda mais marcante quando se lembra que, nos anos 60, o bairro havia sido um importante polo cinematográfico. Daí surgiu a expressão “da boca do luxo para a boca do lixo”, refletindo o declínio de uma área que, ao longo do tempo, também passou a atrair traficantes de outros estados, impulsionados pelos baixos preços das hospedagens e pela crescente atividade do mercado ilegal.

Concomitantemente a este processo de declínio, a partir anos de 1990, foi dado início a políticas de restauração/ reabilitação de edificações históricas, implementando nelas novos usos, compatíveis com a dinâmica da região, voltados para os setores cultural, institucional e de serviços, ajudando na dinamização e valorização do bairro.

### **AS POLÍTICAS DE REABILITAÇÃO PARA A ÁREA**

Desta forma, pudemos identificar diversas ações do setor público e privado destinadas à reabilitação e requalificação da área dos Campos Elíseos. Essas iniciativas variam entre projetos urbanos voltados à valorização do patrimônio cultural, à melhoria da infraestrutura, dos edifícios históricos e de seus entornos. Tais propostas abrangem não apenas o bairro dos Campos Elíseos, mas também a ampla Região da Luz e seus arredores, evidenciando o interesse contínuo na recuperação e revitalização do centro histórico paulistano.

Em um rápido inventário dessas ações podemos citar, que desde a década de 80, o projeto de recuperação da área central envolvendo a Luz, Campos Elíseos e seus arredores contou com as seguintes propostas:: Projeto Luz Cultural (1984), Casarões da Cia Seguradora Porto Seguro (1988), Projeto Pólo Luz (1998), Sala São Paulo (1998), Escola de Música (2001), Museu da Energia (2005), Museu da Língua Portuguesa (2006), Museu da Resistência (2009), SESC Bom Retiro (2011), Projeto Nova Luz (2012), Programa De Braços Abertos (2014), Projeto Redenção (2017), Programa Campos Elíseos Vivo (2017), Casa Don'Anna (2022) e Programa do Novo Centro Administrativo do Governo do Estado (2024).

Destes projetos, merecem destaque alguns mais recentes, situados dentro da área dos Campos Elíseos. São eles : Programa De Braços Abertos , Projeto Campos Elíseos Vivo, e o projeto do Novo Centro Administrativo.

#### Programa De Braços Abertos

Implantado na gestão de Fernando Haddad, o programa social “De braços abertos” teve seu início no ano de 2014, com a intenção de reduzir o número de usuários de drogas na grande Região da Luz. O programa tinha em sua estrutura um trabalho de resgate dos usuários do crack, por meio de trabalho remunerado, cuja contribuição era no valor de R\$ 15,00 por dia à época. Além disso, tal projeto proporcionava vagas em hotéis e três alimentações diárias.

O projeto parte do resgate social dos usuários de crack por meio de trabalho remunerado, alimentação e moradia digna, com orientação de intervenção não violenta. Suas diretrizes trazem um novo olhar sobre o dependente químico, que deixou de ser tratado como um caso de polícia e passou a ser encarado como cidadão, com direitos e capacidade de discernimento. O tratamento de saúde é uma consequência das etapas anteriores, e não condição prévia imposta para participar do programa. O programa, aliado da presença da Polícia Militar na região, reduziu, na época, em cerca de 80% os roubos de veículos e em 33% os furtos em relação ao ano anterior do início da ação. No entanto, a ideia de reduzir o número de moradias irregulares nas calçadas das alamedas não provocou um efeito significativo, pois, em um ano, as ocupações voltaram nas ruas de Campos Elíseos.

#### Programa Campos Elíseos Vivo

O programa partiu da iniciativa do Fórum Mundaréu da Luz, organizado em 2017 por grupos que estão atuando na região. Esse projeto se baseou na promoção de eventos nos espaços públicos, oferecendo oficinas e atuação de organização de saúde e de assistência social aos moradores da área.

As atividades promovidas pelos grupos tinham o objetivo de conhecer e tornar visíveis as pessoas que participaram dos projetos públicos (sejam nas esferas municipais, sejam nas estaduais), buscando a compreensão da diversidade de pessoas no local. O Fórum busca enfrentar, de forma propositiva, as questões complexas presentes hoje nesse território, que vão desde precariedades habitacionais e vulnerabilidades sociais à presença de um enorme patrimônio cultural material e imaterial, em constante construção e renovação.

As intervenções atuaram em quatro quadras entre as Alamedas Cleveland e Glette, Avenida Rio Branco e a Rua Helvetia. Na época, o levantamento realizado evidenciou perfil social e econômico distinto dos moradores dessas quadras, caracterizado em grande parte pelas condições dos dependentes químicos e moradores em situação de rua, exigindo



abordagem adequado ao cotidiano de vida desses grupos e às propostas de atendimento habitacional diversificado.

Projeto do Novo Centro Administrativo do Governo do Estado.

Mais recentemente, e fora do âmbito desta pesquisa, foi divulgado um grande projeto do Governo do Estado, o do Novo Centro Administrativo, localizado nas quadras próximas ao atual Palácio dos Campos Elíseos e Praça Duque de Caxias. O projeto visa centralizar os serviços públicos em um único espaço, onde serão abrigados cerca de 22 mil servidores estaduais, que atualmente estão espalhados por mais de 40 prédios na cidade. No entorno está prevista a requalificação dos espaços públicos, áreas verdes, e toda uma nova retaguarda mais moderna de comércio e serviços para a população.



Fig. 7 - Maquete virtual do Novo Centro Administrativo do Governo do Estado. Fonte: <https://www.agenciasp.sp.gov.br/governo-de-sp-avanca-na-construcao-de-novo-centro/>

### Considerações Finais

A pesquisa sobre o bairro dos Campos Elíseos teve como ponto de partida o inventário realizado pelo CONDEPHAAT, iniciado em 1986 e atualizado até 2007. O bairro surgiu no início da República como uma área planejada para a elite paulistana, idealizado por empreendedores germânicos que buscavam criar uma versão paulista do famoso bairro parisiense. Com arquitetura imponente e inovações urbanísticas, como o controle de uso do solo, a região atraiu a elite cafeeira, impulsionada também pelas modernas infraestruturas de transporte. Com o tempo, a proximidade com o centro estimulou o comércio e os serviços, transformando o perfil originalmente residencial do bairro.

A partir dos anos 1930, o bairro entrou em declínio com a migração de seus antigos moradores para regiões mais valorizadas, como Higienópolis e Jardins. A chegada da rodoviária e o uso das estações ferroviárias para o transporte suburbano intensificaram o fluxo de pessoas e a instalação de comércios populares, com a degradação do espaço público. Muitos palacetes foram convertidos em comércios ou cortiços, e o bairro passou a fazer parte do centro expandido, com crescente verticalização. A proteção da área pelo

Condephaat nos anos 80 não conseguiu conter esse processo de declínio. Políticas públicas de reabilitação e algumas iniciáticas do setor privado surtiram pouco efeito e a região permaneceu estagnada e vulnerável, sendo marcada, desde os anos 2000, pela expansão da Cracolândia.

Atualmente, o governo estadual propõe reverter esse cenário, reinstalando sua sede no Palácio dos Campos Elíseos e promovendo a revitalização de edifícios e espaços públicos da região. A expectativa é que essas ações atraiam novos investimentos e valorizem o rico patrimônio histórico-cultural local, permitindo que o bairro retome seu protagonismo urbano e recupere sua importância no contexto da cidade de São Paulo. Mas a proposta possui também um viés polêmico, na medida em que privilegia excessivamente a valorização imobiliária do local, sem oferecer alternativas para a melhoria das condições de vida dos atuais moradores e ocupantes da área.

## Bibliografia

BRANQUINHO, Evânio dos Santos. **Campos Elíseos no centro da crise: a reprodução do espaço no centro de São Paulo**. 2007. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-01062007-132814/>. Acesso em: 19 jun. 2023.

BRUNO, Ernani da Silva. **História e tradições da cidade de São Paulo**, vol. 2. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1953 – 54.

CARNEIRO, Maria Luiza T. **Campos Elíseos: memória de um bairro paulistano**. São Paulo: CONDEPHAAT, 1984 (exemplar em xerox).

CASA DA DON'ANNA - **A Casa que Paira no Tempo**. Disponível em: <https://casadadonanna.com.br/>. Acesso em: 20 dez. 2023.

**De Campo Redondo a Campos Elíseos: a história da criação do primeiro bairro planejado de São Paulo**. Disponível em: <https://avidanocentro.com.br/cidades/campos-eliseos-historia/>. Acesso em: 22 mar. 2024.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo - CONDEPHAAT. **Relatório do inventário dos Campos Elíseos: um estudo de áreas de interesses**. São Paulo, 1986. Vols. I a VII.

HOMEM, Maria Cecília Naclério. **O palacete paulistano e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira: 1867 – 1918**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MARINS, Paulo César Garcez. **Um lugar para as elites: os Campos Elísios de Glette e Nothmann no imaginário urbano de São Paulo**. IN:LANNA, Ana Lúcia Duarte; LIRA, José Tavares Correia de; PEIXOTO, Fernanda Arêas; SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de. São Paulo, os estrangeiros e a construção das cidades. São Paulo, Alameda, 2011.

MEYER, Regina M. P. e Izzo JÚNIOR, Alcino. **Pólo Luz: Sala São Paulo, cultura e urbanismo**. São Paulo: Associação Viva o Centro, 2000.

MOSQUEIRA, Tatiana Meza. **Reabilitação da região da Luz - Centro histórico de São Paulo: Projetos urbanos e estratégias de intervenção**. São Paulo, 2007.

MORAES, Luís Fernando Simões. **Negociações na Pauliceia: Victor Nothmann e a urbanização paulistana (1841-1905)**. 2022. Dissertação de Mestrado em História – Universidade Federal de São Paulo. Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Guarulhos, 2022.

PATRIMÔNIO: PROJETO MONUMENTA TRANSFORMA O BAIRRO DA LUZ. **Portal do Governo**. 28 abr 2005. Disponível em: <<https://www.saopaulo.sp.gov.br/eventos/patrimonio-projeto-monumenta-transforma-o-bairro-da-luz/>> Acesso em: 25 de Maio de 2023.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Palácio Campos Elíseos. Um marco na história de São Paulo**. São Paulo, Governo do Estado, 2002..

SÃO PAULO, Prefeitura Municipal de. Secretaria de Desenvolvimento Urbanos. **Projeto nova Luz**. São Paulo, 2011.

SÃO PAULO, Prefeitura Municipal de Secretaria especial de Comunicação. **Programa “De Braços Abertos” completa um ano com diminuição do fluxo de usuários e da criminalidade na região**. Disponível em: <<https://www.capital.sp.gov.br/noticia/programa-de-bracos-abertos-completa-um-ano-com>>. Acesso em 04 de outubro de 2023. Tutorial para pedidos de prorrogação

Sítios eletrônicos

<https://enciclopedia.itaucultural.org.br>

<https://www.energiaesaneamento.org.br/museu/museu-da-energia-de-sao-paulo/>

<https://www.agenciasp.sp.gov.br/governo-de-sp-avanca-na-construcao-de-novo-centro/>

[https://saopauloantiga.com.br/casarao-de-dino-bueno/#google\\_vignette](https://saopauloantiga.com.br/casarao-de-dino-bueno/#google_vignette)

<https://saopauloantiga.com.br/palacete-do-barao-do-rio-pardo>.

# Construindo a Cidade Turística: Campos do Jordão ao Longo do Século XX

**Marcelo André Ferreira Leite**

Universidade Presbiteriana Mackenzie  
[marceloafleite@hotmail.com](mailto:marceloafleite@hotmail.com)

**José Geraldo Simões Júnior**

Universidade Presbiteriana Mackenzie  
[josegeraldosimoes@mackenzie.br](mailto:josegeraldosimoes@mackenzie.br)

**Resumo:** Um olhar atento sobre Campos do Jordão revela como o turismo influencia a imagem da cidade criando um pastiche europeu. O conjunto arquitetônico compreende os marcos das épocas, definindo seis etapas: da *cura em pensões*, *cura em sanatórios*, *turismo de elite*, *modernização e cultura*, *inicial do turismo de massa* e *consolidação do turismo de massa*. Nosso trabalho teve por objetivo geral entender e explicar as distintas imagens urbanas representativas de Campos do Jordão ao longo do século XX, através do estudo de seus marcos arquitetônicos e do seu crescimento urbano, buscando compreender os processos de construção, disseminação, manutenção e substituição de tais imagens. Nossa hipótese é a de que a arquitetura e o crescimento urbano de cada época desempenharam um papel relevante nos processos de mudança na vocação da cidade-sanatório para polo turístico de elite, polo turístico cultural e polo turístico de massa que ocorreram ao longo do século XX. Nossa pesquisa ajuda a compreender a transformação urbana de Campos do Jordão, além de servir como outra abordagem da história local, resgatando a importância documental dos marcos urbanos. O recorte histórico está entre o final do século XIX, quando começa a ocupação urbana na região de Campos do Jordão, e a atualidade, com a consolidação de uma arquitetura que serve ao turismo de massa. Como objetivos específicos, pretendeu-se investigar as razões pelas quais ocorreram as mudanças do ciclo da cura para o turismo de elite, desse para o turismo cultural, e desse para o turismo de massa; identificar e levantar informações dos marcos arquitetônicos representativos de cada momento histórico; analisar como as transformações urbanas se relacionaram com cada período histórico e sua respectiva estética arquitetônica; e organizar bases de dados textuais, cronológicas, iconográficas e cartográficas sobre a história da cidade.

**Palavras-chave:** Campos do Jordão; história urbana; imagem urbana; marcos arquitetônicos; turismo.



## Introdução

Os espaços simulados, como os parques e cidades temáticas, [...] consolidaram imagens turísticas extremamente marcantes e foram entronizados como ícones do turismo e do entretenimento pelo imaginário coletivo, produzindo uma arquitetura *fake* com fortes recursos e efeitos simbólicos<sup>1</sup>.

Em Campos do Jordão<sup>2</sup>, um conhecido *destino turístico de montanha*<sup>3</sup>, sua principal atividade econômica influencia consideravelmente a imagem da cidade: o município está repleto de simulacros arquitetônicos que sugerem um cenário pseudoeuropeu (fig. 1), o qual é vendido como mercadoria juntamente com as paisagens naturais locais e mesmo com certas construções em linguagens distintas da predominante.



Fig. 1: Boulevard Geneve, no Capivari, o ponto turístico mais conhecido da cidade de Campos do Jordão.  
Fonte: boulevardgeneve.com.br.

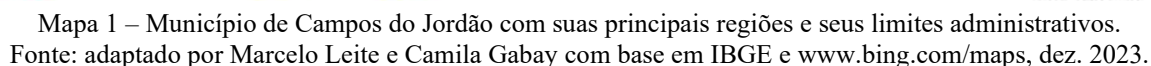
<sup>1</sup> PAIVA, Ricardo – O turismo e os ícones urbanos e arquitetônicos. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**. Presidente Prudente: Unesp, v. 16, n. 1 (mai. 2014), p. 107-123.

<sup>2</sup> Campos do Jordão localiza-se no interior do estado de São Paulo, na Serra da Mantiqueira. Administrativamente, pertence à Região Metropolitana do Vale do Paraíba, com população atual de 52731 habitantes, se considerarmos a Estimativa do IBGE em 2021, ou de 46974 habitantes, se considerarmos o Censo do IBGE em 2022 (diante de uma relevante discrepância entre os dois valores, optamos por apresentar ambos). Sua localização relativamente próxima de São Paulo (cerca de 170 km) garante-lhe uma frequência considerável de visitantes da capital estadual, além de outros locais do país.

<sup>3</sup> O *turismo de montanha* pode ser definido como uma modalidade turística na qual os usuários são motivados a vivenciar espaços caracterizados por imagens: *históricas e culturais*, associadas a um tempo ou contexto já não existente; *naturais e ecológicas*, relacionadas às paisagens típicas de montanha; *sociais de prestígio*, na qual se acredita que apenas uma elite é que habita ou usufrui de regiões de montanha; *de lazer*, na qual o usuário objetiva fugir de um espaço estressante em busca de um paraíso; e *afetivas*, na qual a montanha está associada à experiências pessoais positivas. Cf. SILVA, Carla Alves da – **A imagem dos destinos turísticos de montanha: olhares dos residentes e dos turistas**. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2011. 393 p. Tese de Doutorado em Turismo.



A configuração acentuadamente linear da área urbana do município pode ser dividida em três regiões, com formação e aspectos distintos. A primeira delas correspondente ao antigo *Distrito Sanatorial* (em vermelho nos mapas 1 e 2), área que hoje concentra uma grande parcela da população. Ali fica o *Portal de Campos do Jordão*, junto ao final da Rodovia Floriano Rodrigues Pinheiro (SP-123), que conecta a cidade à Via Dutra (BR-116).





Mapa 2 – Área urbana do município de Campos do Jordão com suas principais regiões.  
 Fonte: adaptado por Marcelo Leite e Camila Gabay com base em IBGE e [www.bing.com/maps](http://www.bing.com/maps), dez. 2023.

A segunda região é denominada *Abernêssia* (em azul nos mapas 1 e 2), situada geograficamente entre o *Portal* e o *Capivari*. Além de abrigar outra boa parte da população residente, nela se concentra a maioria dos serviços disponíveis aos moradores. É também o centro cívico-administrativo do município, em detrimento do núcleo histórico *Jaguaribe*, hoje com um caráter mais suburbano.

A terceira região é o *Capivari* (em amarelo nos mapas 1 e 2), o centro turístico, verdadeiro *parque de diversões* dentro da cidade. Nessa área fica a maior parte das atrações, comércio e serviços oferecidos aos visitantes. A região também possui em seu entorno muitos bairros residenciais de alto padrão e condomínios fechados, habitados principalmente pelos turistas mais abastados que frequentam Campos do Jordão durante a temporada de inverno (junho e julho) e feriados ao longo do ano.

A trajetória jordanense, de cidade-sanatório convertida em polo turístico, pode ser apreendida por meio de seu conjunto arquitetônico – quando compreendido dentro seis grupos de *marcos*: os marcos da *época da cura em pensões*, os marcos da *época da cura em sanatórios*, os marcos da *época do turismo de elite*, os marcos da *época de modernização e cultura*, os marcos da *época inicial do turismo de massa* e os marcos da época de consolidação do turismo de massa.

Um dos primeiros autores a serem incorporados na pesquisa, ainda na fase de elaboração do projeto, foi o urbanista estadunidense Kevin Lynch (1818-1984), por meio sua obra mais



conhecida, *A Imagem da Cidade*<sup>4</sup>. É por meio dela que esboçamos um método de *leitura visual da paisagem urbana*, subsidiado pelo conceito de *marcos arquitetônicos*, que adotamos de uma forma derivada da de Lynch, o qual defende que a imagem de uma cidade pode ser apreendida por meio de cinco elementos: *vias, limites, bairros, pontos nodais e marcos*. Esses últimos podem ser edifícios que, por alguma singularidade, funcionam como pontos de *referência* ou indicadores de *identidade*. A *singularidade*, por sua vez, pode ser advinda de sua importância sócio histórica, da natureza de sua linguagem, e da localização, posicionamento e dimensões dentro do tecido urbano. A ideia de marcos arquitetônicos que usamos também se aproxima dos *elementos primários*, apresentados pelo arquiteto italiano Aldo Rossi (1931-1997) em seu livro *A Arquitetura da Cidade*<sup>5</sup>, e que são componentes urbanos que teriam “um caráter decisivo na formação e na constituição da cidade [...] notado, com frequência, devido a seu caráter permanente”<sup>6</sup>.

Dessa forma, o trabalho teve por objetivo geral *entender e explicar as distintas imagens urbanas representativas da cidade de Campos do Jordão ao longo do século XX*, através do estudo de seus marcos arquitetônicos e do seu crescimento urbano, buscando compreender os processos de construção, disseminação, manutenção e substituição de tais imagens, bem como os interesses socioeconômicos associados a cada uma delas.

Como objetivos específicos, pretendeu-se investigar as razões pelas quais ocorreram as mudanças do *ciclo da cura* para o *turismo de elite*, desse para o *turismo cultural*, e desse para o *turismo de massa*; identificar e levantar informações dos marcos arquitetônicos representativos de cada momento histórico; analisar como as transformações urbanas se relacionaram com cada período histórico e sua respectiva estética arquitetônica; e organizar bases de dados textuais, cronológicas, iconográficas e cartográficas sobre a história (ou histórias) da cidade.

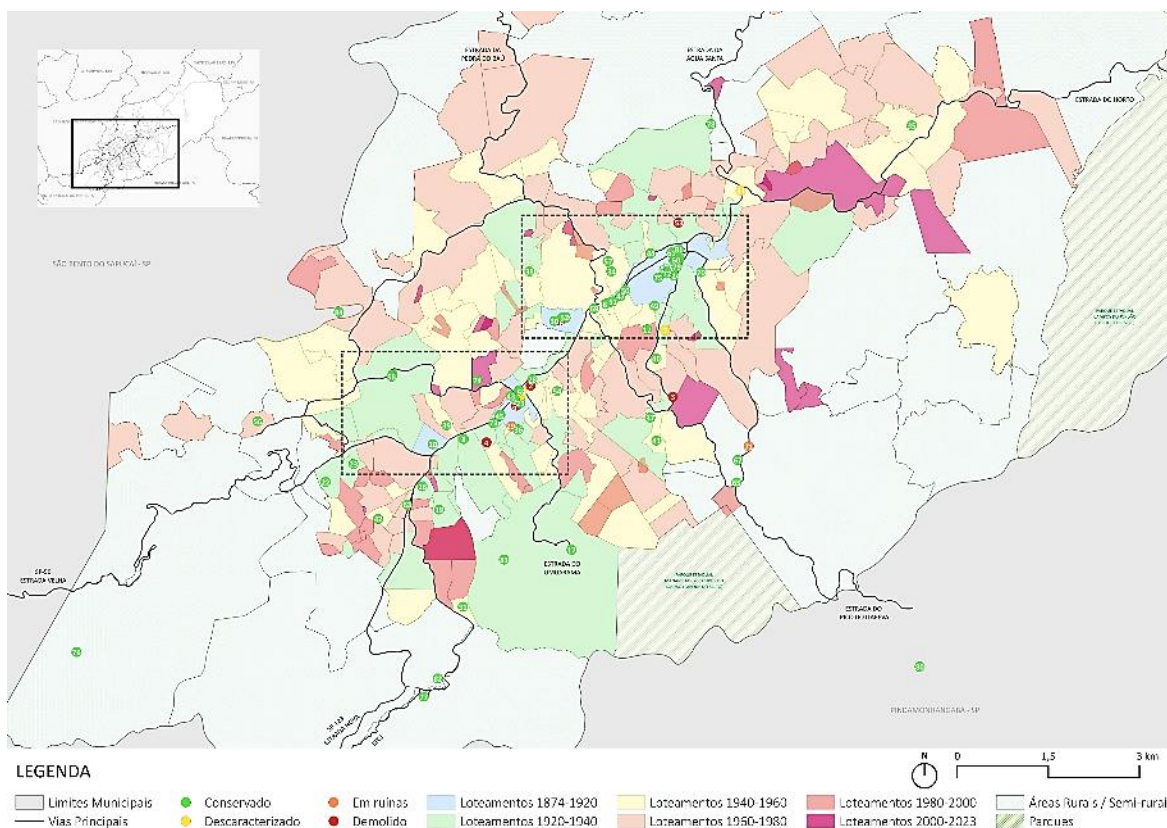
Realizou-se um levantamento tão minucioso quanto possível do que seriam os *marcos arquitetônicos* e os principais pontos do desenvolvimento turístico de Campos do Jordão no século XX: suas linguagens, funções, espaços e localização na malha urbana, bem como suas fases de projeto, construção, inauguração e utilização ao longo do tempo. O Mapa 3 reúne todos os marcos arquitetônicos apresentados em cada um dos seis capítulos da tese, com os status de *demolido*, *em ruínas*, *descaracterizado* ou *conservado*, como forma de registro da situação de cada um desses locais na cidade, atualmente.

---

<sup>4</sup> LYNCH, Kevin – *A Imagem da Cidade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

<sup>5</sup> ROSSI, Aldo – *A Arquitetura da Cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

<sup>6</sup> Idem, p. 58.



Mapa 3 – Estado de conservação dos marcos arquitetônicos destacados nos capítulos de 1 a 6 – Geral do Município de Campos do Jordão. Fonte: Elaborado por Marcelo Leite e Camila Gabay com base na Planta Cadastral de Campos do Jordão (SEPLAN/PMCJ), Google Maps e IBGE, mar. 2025.

Foram pesquisados projetos, fotografias antigas e atuais, cartões postais, revistas de grande circulação e guias turísticos, imagens dos *sites* de história local e dos sites de empreendimentos. Também foram encontrados e analisados mapas e legislações urbanísticas como planos diretores, códigos de obras, códigos de proteção à paisagem e leis de zoneamento, uso e ocupação do solo, bem como feito um extenso levantamento dos loteamentos abertos dentro do recorte temporal estudado.

Os acervos de projetos e documentos da Secretaria de Planejamento Urbano (SEPLAN) e da Secretaria de Cultura (SECULT) da Prefeitura Municipal de Campos do Jordão (PMCJ), da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP), do Centro Histórico e Cultural do Mackenzie (CHCM), do Arquivo Histórico da Prefeitura do Município de São Paulo (AHM) e do Arquivo Público do Estado de São Paulo (APESP), foram locais essenciais para a prospecção de informações. Também de grande relevância para a pesquisa foram as descobertas feitas nas revistas *Acrópole*, *Manchete*, *O Cruzeiro* e *A Cigarra*, cujos acervos se encontram digitalizados e disponibilizados na internet, além da busca feita na sede do *Guia Castelfranchi de Campos do Jordão*.

Concluído o levantamento iconográfico, cartográfico e bibliográfico, selecionamos do amplo conjunto de cerca de 160 obras arquitetônicas e 160 loteamentos abertos que foram listados, de dez a dezesseis obras para análise como *marcos arquitetônicos* e de dois a três

empreendimentos para análise como *exemplos de loteamentos* de cada um dos seis períodos de Campos do Jordão abordados nos capítulos da tese.

### Desenvolvimento

O capítulo 1, sobre o período 1874-1919, apresenta a fundação de Campos do Jordão e a época em que a cura da tuberculose era feita nas *pensões*, ainda que algumas delas não aceitassem doentes, preconizando o futuro da estância, que naquele período ainda se encontrava na *fase de exploração* do ciclo turístico sugerido pelo turismólogo britânico Richard Butler<sup>7</sup>. A situação da *Vila Jaguaribe* ou antiga *Vila de São Matheus do Imbiry* começa a mudar a partir dos anos 1910, com a construção da *Estrada de Ferro Campos do Jordão (EFCJ)*, e o subsequente surgimento das vilas Abernóssia e Capivari, a primeira de forma espontânea, e a segunda, obedecendo a um projeto de arruamento e loteamento. Alguns marcos arquitetônicos da *época da cura em pensões* são as pensões *Inglesa* (1879), *Báltica* (1900) e *Azul* ou *Santa Therezinha* (1919, fig. 2), bem como a *Capela de São Matheus do Imbiry* (1876), no centro da vila homônima fundada pelo português Matheus da Costa Pinto em 1874 e considerada como o núcleo inicial do município.



Fig. 2: Pensão Azul ou Santa Therezinha na década de 1930 (casarão comprido no centro da imagem).

Fonte: [www.camposdojordaocultura.com.br](http://www.camposdojordaocultura.com.br).

O capítulo 2, compreendendo o período 1919-1938, mostra o desenvolvimento das vilas *Capivari*, desde os primórdios destinada a um uso mais *elitizado*, e *Abernóssia*, rapidamente convertida em centro comercial e administrativo da *cidade da cura*, dicotomia

---

<sup>7</sup> De acordo com Butler, toda localidade turística estaria fadada a passar pelas fases de *exploração*, *envolvimento*, *desenvolvimento*, *consolidação*, e *estagnação*, após a qual estaria sujeita ao dilema de se *reinventar* ou entrar em *decadência*. Cf. BUTLER, Richard – The concept of a tourist area cycle of evolution: implications for management of resources. *The Canadian Geographer*. Hoboken, Wiley-Blackwell, v. XXIV, n. 1 (1980), p. 5-12.



registrada inclusive na literatura, em *Floradas na Serra* (1939)<sup>8</sup> e *Cidade Enferma* (1948)<sup>9</sup>. Durante essa época, o tratamento da tuberculose em Campos do Jordão era agora feito nos *sanatórios*, em detrimento das pensões. Como visto em outras partes do Brasil e do mundo, são aqueles estabelecimentos, confinados num Distrito Sanatorial a oeste de Abernêssia, alguns dos primeiros edifícios a incorporarem certas características de uma arquitetura moderna na estância, dadas suas preocupações com iluminação e ventilação natural abundantes e otimização de fluxos e espaços. A Lei Estadual nº 2362 de 1929, uma das primeiras a tentar organizar o crescimento do município, também sugere a localização das *vilas operárias* em locais distantes do eixo ferroviário principal, numa clara tentativa de segregação social ainda no período de formação da área urbana da cidade. Alguns marcos arquitetônicos da *época da cura em sanatórios* são os sanatórios *Divina Providência* (1929), *São Paulo* (1930, fig. 3), *Santa Clara* (1931) e *Santa Cruz* (1932). O marco inicial da época é a *Primeira Estação Abernêssia da EFCJ*, em 1919, que representa a passagem de um ambiente rural para um urbano.

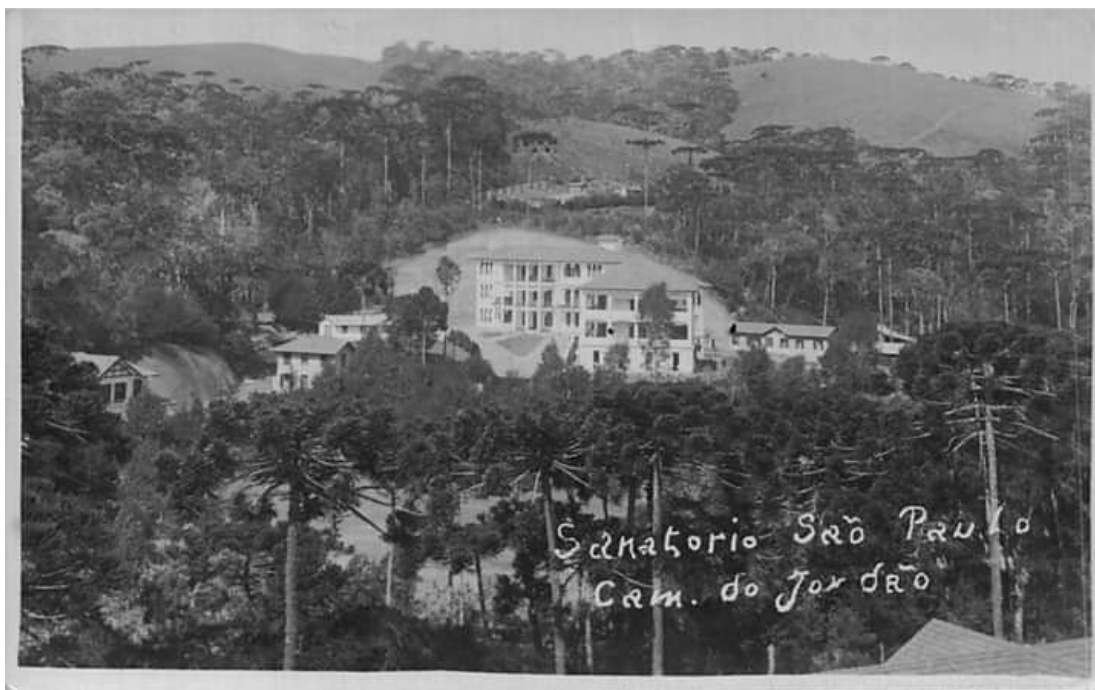


Fig. 3: Sanatório São Paulo. Fonte: camposdojordaoocultura.com.br.

O capítulo 3, sobre o período 1938-1958, apresenta o início do processo de *mudança da vocação socioeconômica* de Campos do Jordão, de cidade sanatório para estância turística, processo esse liderado pelo então interventor paulista Adhemar de Barros (1901-1969), baseado em plano urbanístico elaborado por comissão chefiada por Francisco Prestes Maia (1896-1965)<sup>10</sup>. Destaque do período é a série de *hotéis de luxo* construídos nos anos 1940,

<sup>8</sup> QUEIROZ, Dinah Silveira de – **Floradas na Serra**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984.

<sup>9</sup> DANTAS, Paulo – **Cidade Enferma**. São Paulo: Global, 1977.

<sup>10</sup> COMISSÃO DE URBANIZAÇÃO DE CAMPOS DO JORDÃO, SÃO JOSÉ DOS CAMPOS E CARAGUATATUBA – **Anteprojeto de Urbanização de Campos do Jordão**. São Paulo: Comissão de Urbanização de Campos Do Jordão, São José Dos Campos e Caraguatatuba, 1937. Acervo Jorge de Macedo Vieira do Arquivo Histórico Municipal da Prefeitura de São Paulo.

todos se utilizando de uma arquitetura eclética de fortes inspirações normandas ou alpinas, para ajudar a criar um *imaginário turístico de montanha*. No campo da urbanização, há um primeiro *boom* imobiliário, com muitos loteamentos do tipo bairro-jardim destinados a casas de campo. Alguns marcos arquitetônicos da *época do turismo de elite* são os hotéis *Toriba* (1943), *dos Lagos* (1946) e *Vila Inglesa* (1948, fig. 4). Entre os primeiros pontos turísticos criados estão o *Parque Estadual de Campos do Jordão* (1941), mais conhecido como Horto Florestal, uma grande reserva que protege parte da flora e da fauna da Serra da Mantiqueira; e o imponente *Palácio Boa Vista*, marco inicial do período (1938) – a princípio planejado apenas como residência de inverno do governador paulista – o qual foi idealizado simultaneamente com um dos primeiros estabelecimentos de hospedagem de maior porte, o *Grande Hotel Cassino*.



Fig. 4: Hotel Vila Inglesa. Fonte: acervo de Amauri Dolomiti.

O capítulo 4, compreendendo o período 1958-1978, mostra a mudança de um turismo de elite para um *turismo de viés mais cultural*, por meio de ações como a criação do *Festival de Inverno de Campos do Jordão* e a abertura de parte do Palácio Boa Vista à visitação, como museu de arte e de mobiliário. Ao mesmo tempo, importantes *modernizações* ocorrem na infraestrutura e na arquitetura da cidade, sobretudo em *edifícios públicos* e inclusive por meio de um Plano Diretor que incentiva a verticalização, posteriormente revogado por ser considerado prejudicial à preservação da paisagem e ao desenvolvimento turístico. É uma época de intenso crescimento, na qual o tecido urbano da cidade se expande, interligando as três vilas principais, e um *número expressivo de loteamentos é aprovado* – o maior da série histórica levantada durante a pesquisa. Alguns marcos da *época de modernização e cultura* são o *Mercado Municipal* (1958), o *Posto Telefônico* (1974, fig. 5) e o *Auditório Cláudio Santoro* (1979). O *Parque Hotel* (1958) e o *Edifício*

*Mantiqueira* (1960) se destacam pelos seus sete e nove pavimentos em linguagem arquitetônica moderna, respectivamente, destoando consideravelmente do pastiche europeu comum na cidade.



Fig. 5: Posto Telefônico Municipal. Fonte: ZEIN, 2005, item 7.4.8, p. 5.

O capítulo 5, sobre o período 1978-2000, apresentou a *chegada do turismo de massa* à cidade, decorrente, entre outros fatores, pela abertura de um novo e mais fácil acesso à Campos do Jordão, por meio da *Rodovia Floriano Rodrigues Pinheiro (SP-123)*. Os *shoppings* ou *galerias de compras* ganham protagonismo na cidade, bem como uma arquitetura mais *kitsch* e simulacro, com referências mais óbvias a cenários europeus, tal como visto no *Boulevard Geneve*. No campo da urbanização, ocorre a *proibição da abertura de novos loteamentos turísticos*, pelo poder municipal<sup>11</sup>, fato que, junto a leis ambientais mais rígidas, procuram garantir a preservação da paisagem, fauna e flora jordanenses. Os marcos da *época inicial do turismo de massa* representam a arquitetura europeizante e/ou destinada exclusivamente a essa atividade econômica de meados dos anos 1970 até hoje. O repertório dessa linguagem é vasto, com inclusão de vários elementos: dos tijolos aparentes empregados na *Segunda Estação Abernèssia* (1976) e na *Segunda Estação Emílio Ribas* (1981) da EFCJ ao enxaimel utilizado com função estrutural no *Boulevard Geneve* (1985, fig. 1) e replicado com finalidade apenas decorativa em várias outras construções, entre elas o *Portal de Campos do Jordão* (1987) e o prédio que atualmente sedia a agência da *Caixa Econômica Federal* (1995).

O capítulo 6, compreendendo o período de 2000 até os dias atuais, mostra a *consolidação do turismo de massa*. Na *região central* da cidade, a presença de turistas de classes médias e médias baixas se torna mais comum, bem como *restaurantes, serviços e atrações mais*

---

<sup>11</sup> A Lei Municipal nº 1154 proibiu os loteamentos no período 1979-1984; a Lei nº 1367, no período 1983-1989; a Lei nº 1707, no período 1989-1994; a Lei nº 2103, no período 1994-1998; a Lei nº 2423, no período 1998-1999; e, por fim, a Lei nº 2601, no período 2001-2003.



*populares*, em alguns casos vinculados a uma arquitetura de qualidade inferior à vista nas décadas anteriores. Já as *regiões mais afastadas do centro* se tornam o *locus* preferencial das classes médias altas e altas, bem como dos *hotéis, serviços e atrações mais sofisticadas* e de uma arquitetura que tende a apresentar maior qualidade. Os *condomínios fechados* ganham protagonismo, bem como os *parques*, entre eles o *Amantikir* (2007, fig. 6) e o *Capivari* (reaberto em 2019), tendendo à criação, num futuro não muito distante, de um anel de parques temáticos ao redor de Campos do Jordão, a exemplo do que já existe em outras cidades turísticas brasileiras, como Gramado e Canela. Na virada para o século XXI, percebe-se certa atenuação na linguagem pastiche europeu dos principais marcos, ainda que igualmente vinculada a um *imaginário turístico de montanha*, como se vê no *Shopping Market Plaza* (2000) e no *Botanique Hotel & Spa* (2006).



Fig. 6: Parque Amantikir. Fonte: [guia.melhoresdestinos.com.br/Amantikir](http://guia.melhoresdestinos.com.br/Amantikir).

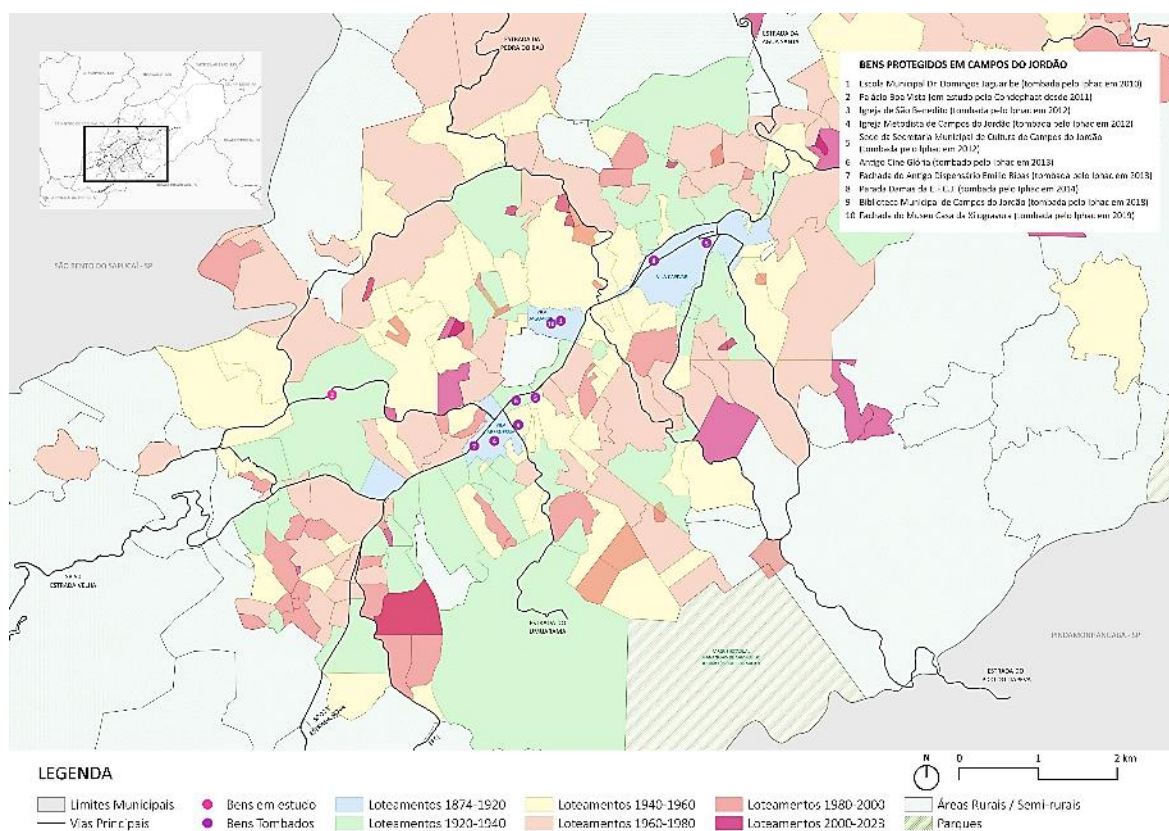
### Considerações Finais

A pesquisa em diversas fontes documentais que empreendemos durante este trabalho, com destaque para o acervo de projetos da Secretaria de Planejamento de Campos do Jordão (SEPLAN/PM CJ), revelou uma *riqueza de informações*, em sua maioria *inéditas* para o campo da história da arquitetura e da urbanização paulistas, ou, ainda que não inéditas, reunidas segundo um esforço de buscar organizar todo um conjunto de dados que acreditamos ser de grande relevância para entender o percurso dessa cidade turística tão conhecida no Brasil.

Desta forma, confirmamos nossa hipótese de que *a arquitetura e o crescimento urbano de cada época mencionada desempenharam um papel relevante nos processos de mudança na*

vocação da cidade-sanatório para polo turístico de elite, polo turístico cultural e polo turístico de massa que ocorreram em Campos do Jordão ao longo do século XX.

Elegendo marcos de Campos do Jordão como ponto de partida, constatamos como distintas linguagens arquitetônicas foram adotadas, ao longo do tempo, para criar o cenário ou imagem de cada uma das épocas que narram a história da cidade. É um tanto frustrante perceber que a grande maioria desses marcos, que deveriam contar com algum tipo de proteção histórico-cultural, em nível municipal e estadual, não a recebem dos órgãos de preservação do patrimônio competentes, o Instituto do Patrimônio Histórico, Arquitetônico e Cultural de Campos do Jordão – Iphac e o Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo – Condephaat. Ao contrário, esses órgãos contam com uma porcentagem ínfima de reconhecimento na cidade, claramente subestimando a importância histórico-cultural de Campos do Jordão no âmbito local e estadual, como se vê no número pouco expressivo de bens protegidos, conforme o Mapa 4 a seguir.



Mapa 4 – Bens Culturais Protegidos em Campos do Jordão pelo Iphac e pelo Condephaat.  
Fonte: Elaborado por Marcelo Leite e Camila Gabay com base na Planta Cadastral de Campos do Jordão (SEPLAN/PMCJ), Google Maps, IBGE e bases de dados do Iphac e do Condephaat, mar. 2025.

Já sob o olhar do turismo, percebemos que o chamado *Ciclo de Butler*, além de ferramenta útil para se entender o desenvolvimento dessa atividade econômica na cidade, se relaciona com a periodização histórico-arquitetônica que propomos. A cartografia histórica criada para cada capítulo, com os mapas de marcos arquitetônicos, tipologias de destaque, loteamentos do período e companhias loteadoras de destaque, constitui-se como um



diferencial deste trabalho frente a outros que trataram da história da arquitetura e da urbanização de Campos do Jordão.

Diferente de muitas cidades interioranas, onde igrejas, praças, edifícios públicos, mercados ou galerias de compras frequentemente são os principais marcos urbanos, é interessante notar como as narrativas em Campos do Jordão enfatizam muito mais *as pensões, os sanatórios, os hotéis, os parques e as estações de trem* como referências na paisagem. Ainda que os primeiros não estejam ausentes, são os segundos que adquirem protagonismo ou acabam mais frequentemente retratados ou mencionados, prova da trajetória peculiar desse antigo balneário de cura transformado em estância turística ao longo do século XX.

É possível explicar a análise que empreendemos sobre Campos do Jordão, à luz desse rol de descobertas, citando os títulos de três clássicos que contêm a palavra *cidade* em seus títulos; tal como no título da obra de Charles Dickens, falar sobre Campos do Jordão é narrar *um conto de duas cidades*, neste caso convivendo em uma só: pode ser tanto a cidade da cura quanto a cidade do turismo, conforme escreveram os historiadores locais; mas também é falar sobre a *cidade visível* e a *cidade invisível*, e sobre *a cidade dos ricos e a cidade dos pobres*, lembrando Ítalo Calvino e Bernardo Secchi, ou melhor dizendo, falar sobre a cidade dos servidos e a cidade dos servos.

Enquanto a cidade turística, com centro no *Capivari*, está associada às classes mais abastadas e quase sempre é idealizada como um local paradisíaco pelo *imaginário de montanha*, a cidade da população local, cuja centralidade é Abernóssia, é o dia a dia das classes médias e baixas e frequentemente é preterida pelos poderes públicos municipais e estaduais, eventualmente ressurgindo em notícias e reportagens relacionadas a condições precárias de habitação e a ocorrências de deslizamentos de terra. Trata-se de uma configuração que perpassa todas as épocas de estudo, com seus respectivos planos urbanísticos ora mais, ora menos preocupados em solucionar os problemas. Se as várias ações periódicas de planejar a cidade certamente anteviram problemas a tempo de evitá-los, descobriram potencialidades no território e resultaram em certa qualidade de vida aos moradores da estância, elas também acabaram acentuando a *segregação socioespacial*, com regiões para turistas x regiões para nativos, cenários que remetem ao exterior x realidades com mazelas tipicamente brasileiras, e áreas de crescimento induzido e com boa infraestrutura x áreas com crescimento espontâneo e com riscos evidentes.

Comparando-se Campos do Jordão com Gramado, o município paulista parece possuir mais áreas favelizadas que sua contraparte gaúcha, o que talvez possa ser explicado, entre outros fatores, por uma *dinâmica de parcelamento de terras mais baseada no latifúndio e no afluxo de mão-de-obra não nativa*, em Campos do Jordão, e mais em pequenas propriedades e num contexto mais próximo do rural, em Gramado.

Com relação à *arquitetura de montanha*, constata-se como ela está diretamente ligada a um estereótipo surgido na cidade na *época do turismo de elite* e acentuado a partir da *época do turismo de massa*. Percebe-se também como, tanto em Campos do Jordão quanto em Gramado, “a autenticidade dessas construções” mais recentes “é algo bastante estranho, pois as simulações não tendem a copiar seu original (onde quer que elas existam), mas se

*copiam” e competem “entre si”*<sup>12</sup>, num processo de retroalimentação de imagens criadas pelo e para o turismo.

Conforme mencionado, embora não haja indicações explícitas na legislação jordanense quanto à tipologia *chalé* ou ao *estilo montanhês*, o Código de Proteção à Paisagem determina que “as edificações no município não [podem] ter mais de três pavimentos [incluindo] o térreo”, mas permite “o uso do sótão”<sup>13</sup>, configurando um quarto pavimento habitável na cobertura e incentivando uma arquitetura com intrincados jogos de telhados que remetem a um cenário europeu. O Código de Obras, por sua vez, alerta que os projetos submetidos à Prefeitura estão “sujeitos a um *exame especial dos volumes e respectivas fachadas, especialmente daquelas visíveis dos logradouros*”<sup>14</sup>, evidenciando assim, mesmo que indiretamente, a importância estética da arquitetura para a criação de uma certa imagem urbana. Nesse sentido, nota-se outra *grande semelhança da imagem de Campos do Jordão com a de Gramado*. Embora nessa última a atividade turística tenha se desenvolvido mais recentemente, há uma:

Identidade arquitetônica [...] refletida [...] no Plano Diretor [...] por meio de diversas normas e diretrizes que versam sobre o ‘estilo arquitetônico predominante’ [...] o município [...] tem] o direito de exigir que as construções apresentem as ‘características arquitetônicas predominantes’ da cidade [...] são observados aspectos [...] como arquitetura, cultura, costumes, tradições, floreiras, ajardinamento, entre outros [...], e ainda que] a prefeitura não dispo[nha] de um documento que descreva oficialmente quais características arquitetônicas devam ser seguidas, [...] a utilização de telhado tradicional, materiais naturais (como madeira e pedra), [e] dispensar o uso excessivo de vidros e acrílicos, favorecem o enquadramento da obra no estilo arquitetônico exigido pela municipalidade<sup>15</sup>.

Essa atual *linguagem de montanha* é parte de um fenômeno mais amplo no qual muitas cidades tiveram suas “imagens ligadas a um processo de mercadificação, em que passaram a ser vendidas para a atração de visitantes e busca de investimentos”<sup>16</sup>. Dessa forma, diversas localidades turísticas em todo o mundo começam a se parecer com *parques temáticos*, “o turismo vem sendo cada vez mais uma atividade que interfere na vida das cidades”<sup>17</sup>, com uso de tematização e cenarização, e “a arquitetura de cada cidade é um importante elemento dessa tematização”<sup>18</sup>. Campos do Jordão, por exemplo, anseia em transportar os turistas para o Velho Continente, vide denominações como *Shopping Pátio Paris* ou *Condomínio Vila Holandesa*, e as óbvias associações medievais no *Boulevard*

<sup>12</sup> FAGERLANDE, Sérgio Moraes Rego – **A construção da imagem em cidades turísticas: tematização e cenarização em colônias estrangeiras no Brasil**. Rio de Janeiro: 2ab, 2015, p. 147.

<sup>13</sup> CAMPOS DO JORDÃO (PREFEITURA MUNICIPAL) – **Lei nº 1096, de 4 de janeiro de 1978: dispõe sobre o código de uso do solo e proteção à paisagem**. Campos do Jordão: Prefeitura Municipal, 1978, p. 16.

<sup>14</sup> CAMPOS DO JORDÃO (PREFEITURA MUNICIPAL) – **Lei nº 1097, de 4 de janeiro de 1978: dispõe sobre o código de edificações**. Campos do Jordão: Prefeitura Municipal, 1978, p. 15, grifo nosso.

<sup>15</sup> GEVEHR, Daniel Luciano; BERTI, Franciele – Uma pequena Europa na Serra Gaúcha: as apropriações culturais na arquitetura do espaço urbano de Gramado-RS. **Ágora**. Santa Cruz do Sul, v. 20, n. 1 (jan./jun. 2018), p. 48-57.

<sup>16</sup> FAGERLANDE, Sérgio Moraes Rego – Penedo: a construção da imagem de uma cidade turística. **Caderno Virtual de Turismo**. Rio de Janeiro, v. 15, n. 3 (dez. 2015), p. 276-289.

<sup>17</sup> FAGERLANDE, Sérgio Moraes Rego – **A construção da imagem em cidades turísticas: tematização e cenarização em colônias estrangeiras no Brasil**. Rio de Janeiro: 2ab, 2015, p. 395.

<sup>18</sup> Idem, p. 215.

*Geneve e no Palácio Boa Vista*. Os hotéis tradicionais, por sua vez, por mais que se mantenham atualizados nos gostos e requisitos de sua clientela, também fazem questão de manter parte da estética dos anos 1940. A cenarização “passa por uma imagem de cidade europeia, em que não somente as casas pareçam europeias, mas o paisagismo, a arborização e o urbanismo reflitam essa intenção”<sup>19</sup>.

Todos esses lugares, alguns de certa forma patrimônios arquitetônicos e urbanos locais, também são valiosas mercadorias turísticas nesses tempos em que praticamente ninguém sai de casa sem um *smartphone* e em que é quase irresistível não tirar uma *selfie* frente a algum edifício icônico ou fazer *check-in* em algum local memorável ou célebre. São decorrentes da chamada *geografia singular dos lugares* mencionada por David Harvey<sup>20</sup> (no caso de Campos do Jordão devido à peculiar natureza que a cerca), a qual precisa sempre ser usada, acentuada ou mesmo criada dentro do sistema econômico atual, com implicações no turismo.

Uma possibilidade de aprofundamento da presente pesquisa seria o estudo mais detalhado do *processo de urbanização* de Campos do Jordão, com maior enfoque nos *agentes e objetivos imobiliários* vinculados com o parcelamento de terrenos na estância turística, bem como nas relações entre a abertura de novos loteamentos e os planos urbanísticos e legislações ambientais propostos para a cidade no século XX.

## Bibliografia

BUTLER, Richard – The concept of a tourist area cycle of evolution: implications for management of resources. **The Canadian Geographer**. Hoboken, Wiley-Blackwell, v. XXIV, n. 1 (1980), p. 5-12.

CAMPOS DO JORDÃO (PREFEITURA MUNICIPAL) – **Lei nº 1096, de 4 de janeiro de 1978: dispõe sobre o código de uso do solo e proteção à paisagem**. Campos do Jordão: Prefeitura Municipal, 1978.

CAMPOS DO JORDÃO (PREFEITURA MUNICIPAL) – **Lei nº 1097, de 4 de janeiro de 1978: dispõe sobre o código de edificações**. Campos do Jordão: Prefeitura Municipal, 1978.

COMISSÃO DE URBANIZAÇÃO DE CAMPOS DO JORDÃO, SÃO JOSÉ DOS CAMPOS E CARAGUATATUBA – **Anteprojeto de Urbanização de Campos do Jordão**. São Paulo: Comissão de Urbanização de Campos Do Jordão, São José Dos Campos e Caraguatatuba, 1937. Acervo Jorge de Macedo Vieira do Arquivo Histórico Municipal da Prefeitura de São Paulo.

DANTAS, Paulo – **Cidade Enferma**. São Paulo: Global, 1977.

---

<sup>19</sup> Idem.

<sup>20</sup> HARVEY, David – **O enigma do capital: e as crises do capitalismo**. São Paulo: Boitempo, 2011.

FAGERLANDE, Sérgio Moraes Rego – **A construção da imagem em cidades turísticas: tematização e cenarização em colônias estrangeiras no Brasil**. Rio de Janeiro: 2ab, 2015.

FAGERLANDE, Sérgio Moraes Rego – Penedo: a construção da imagem de uma cidade turística. **Caderno Virtual de Turismo**. Rio de Janeiro, v. 15, n. 3 (dez. 2015), p. 276-289.

GEVEHR, Daniel Luciano; BERTI, Franciele – Uma pequena Europa na Serra Gaúcha: as apropriações culturais na arquitetura do espaço urbano de Gramado-RS. **Ágora**. Santa Cruz do Sul, v. 20, n. 1 (jan./jun. 2018), p. 48-57.

HARVEY, David – **O enigma do capital: e as crises do capitalismo**. São Paulo: Boitempo, 2011.

LYNCH, Kevin – **A Imagem da Cidade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

PAIVA, Ricardo – O turismo e os ícones urbanos e arquitetônicos. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**. Presidente Prudente: Unesp, v. 16, n. 1 (mai. 2014), pp. 107-123.

QUEIROZ, Dinah Silveira de – **Floradas na Serra**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984.

ROSSI, Aldo – **A Arquitetura da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SILVA, Carla Alves da – **A imagem dos destinos turísticos de montanha: olhares dos residentes e dos turistas**. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2011. 393 p. Tese de Doutorado em Turismo.

ZEIN, Ruth Verde – **A arquitetura da escola paulista brutalista (1953-1973)**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005. 316 p. Tese de Doutorado em Arquitetura.



# Reflexões sobre as estratégias projetuais presente nas obras de Rem Koolhaas: uma análise de bibliotecas contemporâneas, entre teoria e projeto

**Liliane Cristina da Silva Camargo**

Universidade Presbiteriana Mackenzie/ PPGAU – UPM  
[silva.liliane@hotmail.com](mailto:silva.liliane@hotmail.com)

**Maria Isabel Villac**

Universidade Presbiteriana Mackenzie/ PPGAU - UPM  
[mariaisabel.villac@mackenzie.br](mailto:mariaisabel.villac@mackenzie.br) / [belvillac@gmail.com](mailto:belvillac@gmail.com)

**Resumo:** Com foco no processo de projeto de Rem Koolhaas, o artigo apresenta uma análise construída a partir da investigação sobre suas práticas e formulações teóricas, constituídas em diálogo pelas transformações arquitetônicas dos anos 1960, se materializam nas Bibliotecas de Seattle (2004) e Nacional de Doha (2017). Koolhaas, intelectual e projetista, teoriza a arquitetura a partir do urbano, considerando camadas como economia, tecnologia, comunicação e cultura, conforme articulado em *Delirious New York* (1978). Seus teoremas – grandeza, espaço-lixo, cidade-genérica, vazio–redefinem a disciplina, integrando narrativa e prática projetual. O estudo objetiva identificar os conceitos que precedem sua teoria seminal e investigar sua concretização nos projetos selecionados, tipologias que, como “terceiros lugares”<sup>1</sup>, promovem interação social e refletem mudanças socioculturais. Utilizando metodologia qualitativa, com análise empírica e revisão integrativa, a pesquisa explora o trabalho colaborativo do *Office for Metropolitan Architecture* (OMA), baseado em narrativas, diagramas e maquetes<sup>2</sup>. Apoiando-se em Ginzburg (1989) e Larrosa Bondía (2002), adota análises sincrônica, para detectar padrões projetuais, e diacrônica, para rastrear a evolução das estratégias. A análise interpretativa perpassa por meio dos redesenhos bidimensionais (AutoCAD) e modelos tridimensionais (Sketchup), revelando elementos como fachadas multifacetadas e espaços de flexibilidade compartimentada, traduzem os conceitos de Koolhaas em soluções espaciais. Influências interdisciplinares e correntes artísticas como o construtivismo russo a influência do surrealismo francês, na construção e enriquecem suas narrativas projetuais, evidenciando a complexidade do processo criativo. Os resultados contribuem para a teoria da arquitetura contemporânea, oferecendo subsídios metodológicos para o ensino e a prática projetual, especialmente na análise de tipologias culturais. A pesquisa reforça a biblioteca como patrimônio urbano, propondo reflexões para futuras investigações sobre a articulação entre teoria, processo criativo e materialização arquitetônica em outros programas, fortalecendo o diálogo com as dinâmicas urbanas e o patrimônio; relacionando arquitetura e arte.

**Palavras-chave:** Rem Koolhaas, Bibliotecas, Análise de Projeto, Arquitetura Contemporânea, Teoria e Projeto de Arquitetura.

---

<sup>1</sup> OLDENBURG, Ray. **Ray Oldenburg, author of The Great Good Place, talks about third places.** Entrevista concedida a Karen Christensen. YouTube, 2022. Vídeo (31 min 04 s)[Consult.01 maio 2025]. Disponível em WWW: <URL:<https://www.youtube.com/watch?v=4suGV9Hp9K4>>

<sup>2</sup> YANEVA, Albena. **Made by the Office for Metropolitan Architecture: an ethnography of design.** Rotterdam: 010 Publishers, 2009. 128 p. ISBN 978-90-6450-714-4.

## Introdução

A arquitetura contemporânea de Rem Koolhaas caracteriza-se pela articulação singular entre teoria e prática, redefinindo a interação entre projeto e urbanidade por meio de narrativas que atravessam disciplinas como filosofia, economia, sociologia, política e arte. Este estudo, inicialmente motivado pela *promenade architecturale* de Le Corbusier, evoluiu para investigar o processo de projeto conduzido por Koolhaas, cuja abordagem transcende a autoria individual ao integrar o trabalho colaborativo do *Office for Metropolitan Architecture* (OMA). Conforme descrito por Yaneva (2009), o OMA estrutura seus projetos por meio de diagramas, maquetes e textos, que são desenvolvidos por uma equipe transdisciplinar de arquitetos e consultores de diversas nacionalidades.

Sob a direção de Koolhaas, esses materiais são analisados coletivamente, permitindo a identificação de elementos essenciais que moldam a versão final do projeto. A pesquisa de mestrado em desenvolvimento na Universidade Presbiteriana Mackenzie, sob a orientação da Dra. Maria Isabel Villac olha para esse processo e analisa como as questões acima são materializados na Biblioteca Central de Seattle (2004) e na Biblioteca Nacional do Catar (2017), tipologias que, funcionando como “terceiros lugares”<sup>3</sup>, promovem interação social e expressam transformações culturais e sociais por meio de suas configurações espaciais.

O interesse nasceu com a leitura do livro *Delirious New York* (1978), em que o autor reconstrói as vicissitudes da cidade por meio de metáforas urbanas, e na sequência na pesquisa que elabora com seus alunos com o livro *Harvard Design School Guide to Shopping* (2000), que examina o consumo enquanto motor espacial contemporâneo; explora a globalização e os elementos mecânicos, como elevadores e escadas rolantes, que reconfiguram o espaço comercial, evidenciando sua capacidade de reinterpretar funções arquitetônicas a partir de perspectivas multidisciplinares. Essas obras revelam a tensão constante entre teoria e prática que atravessa a produção de Koolhaas e confirmam a biblioteca — edifício cultural — como laboratório privilegiado para testar hipóteses sobre infraestrutura, sociabilidade e informação. Sob a produção teórica de Koolhaas observa-se nos interstícios dos seus textos as influências dos grupos de vanguarda da década de 1960 – arquitetura e arte, seja na incorporação das indagações “psicanalíticas” instrumentalizando a partir do surrealismo, “potencializando o realismo com liberdade de distorção”, como observa Gorelik<sup>4</sup>.

Autores como Rafael Moneo<sup>5</sup> observam que Koolhaas combina erudição disciplinar e fascínio pela cultura de massa, recodificando ambos mediante empréstimos do surrealismo e da psicanálise. Essa ambiguidade reapareceu na curadoria da 14.<sup>a</sup> Bienal de Veneza (2014), cujo tema *Elements of Architecture* deslocou o foco do edifício para a anatomia de suas partes, propondo revisões críticas do legado moderno. Diante desse percurso, a questão que orienta o presente estudo é: quais conceitos e quais métodos estruturam a produção de Koolhaas quando o programa é a biblioteca, instituição tensionada por transformações tecnológicas e por expectativas de acesso universal?

---

<sup>3</sup> OLDENBURG, Ray. **Ray Oldenburg, author of The Great Good Place, talks about third places.** Entrevista concedida a Karen Christensen. YouTube, 2022. Vídeo (31 min 04 s)[Consult.01 maio 2025]. Disponível em WWW: <URL:<https://www.youtube.com/watch?v=4suGV9Hp9K4>>

<sup>4</sup> KOOLHAAS, Rem. **Nova York Delirante: um manifesto retroativo para Manhattan.** Trad.: Denise Bottmann. São Paulo: Cosac Naify, 2008, p. 10.

<sup>5</sup> MONEO, Rafael. **Inquietação teórica e estratégia projetual na obra de oito arquitetos contemporâneos.** Coleção Face Norte, volume 12. São Paulo, Cosac Naify, 2008, p. 285.

O estudo sobre o arquiteto Koolhaas apresenta o desafio de lidar com a complexidade de sua obra, que resiste à sistematização devido à diversidade de atuações – como arquiteto, escritor, curador e pesquisador acadêmico. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, combinando análise empírica e revisão integrativa, com base em fontes primárias do OMA e textos dos críticos de arquitetura. Inspirada por Ginzburg<sup>6</sup> que enfatiza a importância dos “pormenores negligenciáveis” na interpretação de vestígios, a metodologia da pesquisa estabelece critérios que passam pelas análises sincrônica, para identificar padrões projetuais comuns entre as bibliotecas, e diacrônica, para rastrear a evolução das estratégias projetuais ao longo do tempo.

A análise interpretativa é adotada perpassando pelas leituras dos textos do arquiteto, dos críticos de arquitetura, redesenhando os projetos – bidimensionais em AutoCAD e, modelos tridimensionais, em Sketchup; permite dissecar os projetos, revelando como as soluções espaciais de Koolhaas respondem às demandas programáticas e simbólicas das bibliotecas. A escolha dessas tipologias reflete sua capacidade de articular dimensões técnicas, culturais e sociais, funcionando como espaços de encontro e comunicação. O objetivo é oferecer leituras transdisciplinares sobre o projeto contemporâneo, contribuindo para a compreensão da relação entre teoria, processo criativo e materialização projetual. A pesquisa reforça a relevância das bibliotecas como espaços que condensam a memória coletiva e a dinâmica urbana, promovendo reflexões sobre a arquitetura contemporânea.

Desta forma, se propõe no artigo a seguinte estrutura: compreender o campo que chamamos de “hibridismos”<sup>7</sup> conceituais, os grupos da vanguarda arquitetônica (década de 1960), o devir apresentado em sua teoria - “a narrativa” e a análise do projeto da Biblioteca Central de Seattle.

### O Campo: Hibridismos Conceituais

Autores, palavras, projetos

Rem Koolhaas, no livro *S, M, X, XL* (1995) fala sobre a prática do arquiteto em estudar e observar sob diversas obras arquitetônicas de vanguardas, seja por comentários de ideias correlatas ou desacordos a exemplo o grupo Archigram, marcado tanto pela adesão inicial aos discursos radicais então em curso quanto por objeções críticas dirigidas às premissas tecnológicas e imagéticas daqueles coletivos<sup>8</sup>. Esse duplo gesto permeia a trajetória projetual de Koolhaas. Observou-se como são as narrativas entre as soluções conceituais e por vezes, formais destes com os projetos do arquiteto holandês. A cada seção, na pesquisa, apresenta um resumo de conceitos entre o grupo e o arquiteto, com as aproximações possíveis e que estas partes fragmentadas podem contribuir para elencar pistas – os indícios, dentro de um todo maior. Examinaremos dois grupos que alimentam o imaginário do OMA: a megaestrutura linear proposta por Allan Boutwell e Michael Mitchell em *La Ciudad Nación* (1969) e a cidade móvel e descartável do grupo britânico Archigram. O objetivo é extrair, de suas soluções conceituais e formais, indícios que iluminam a obra de Koolhaas.

---

<sup>6</sup> GINZBURG, Carlo. Sinais (1986). Raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, emblemas sinais. Morfologia e História**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1989, pp. 143-180.

<sup>7</sup> O conceito de “hibridismo”, tal como empregado por Walter Benjamin (BENJAMIM, 1999), refere-se à justaposição de fragmentos históricos que formam constelações dialéticas. Nesta pesquisa, sugere-se que esses fragmentos sejam as vanguardas que antecedem Koolhaas.

<sup>8</sup> GARGIANI, Roberto. **Rem/OMA**. Roma, Editora Laterza. 2008.

*La Ciudad Nación*, elaborada em Londres durante o auge do debate ambiental, imagina concentrar um bilhão de habitantes numa só faixa edificada que corta os Estados Unidos de leste a oeste. Sentada sobre pilares, a estrutura abriga a vida quotidiana enquanto libera o solo para a natureza; nos níveis inferiores, corre um sistema de transportes de massa. A operação confronta o urbanismo extensivo ao propor densidade extrema como antídoto contra o esgotamento de recursos. Koolhaas adota a mesma hipótese quantitativa —mais população, mais complexidade—, mas desvia-a do determinismo linear para a montagem programática. Em *Exodus* (1972)<sup>9</sup> Londres é seccionada por uma “faixa” murada que promete libertação através do congestionamento; na Biblioteca Central de Seattle (2004) uma série de platôs, que se comunicam por rampas e escadas rolantes, performa a fusão de arquivo, consumo e espetáculo. A semelhança formal - megaestrutura elevada, circulação (des)contínua, expõe como um conceito utópico de 1969 reaparece, filtrado por preocupações com a mistura funcional e a experiência do usuário.

| Item | Aspectos   | Boutwell e Mitchell - Projeto <i>La Ciudad de Nación</i>                                                                                   | Rem Koolhaas                                                                                                                      |
|------|------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1    | Conceito   | Megaestrutura linear para concentrar toda a população dos EUA em uma cidade contínua, combatendo o urbanismo expansivo.                    | Exploração de megaestruturas e densidade urbana para criar espaços multifuncionais e culturalmente enriquecidos pela diversidade. |
| 2    | Narrativa  | Crítica ao urbanismo expansivo dos anos 1960, que causava impactos ambientais como aquecimento global e escassez de recursos.              | Crítica à suburbanização e à falta de identidade nas cidades modernas, defendendo a concentração como solução.                    |
| 3    | Método     | Proposta utópica de uma estrutura contínua ligando Nova Iorque a San Francisco, com espaços habitáveis sobre pilares e transportes abaixo. | Uso de conceitos como "Cidade Genérica" e projetos como "Exodus", focando em densidade e <i>rethinking</i> do espaço              |
| 4    | Incidentes | A proposta de uma cidade para 1 bilhão de habitantes como "pista" que revela o medo da superpopulação e da crise ambiental nos anos 1960.  | O projeto "Exodus" como "pista" que revela a tensão entre controle e liberdade na urbanização contemporânea.                      |

Tabela 01: Aproximações entre o projeto e o arquiteto Koolhaas  
Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

*La Ciudad Nación* oferece a escala, Archigram fornece o dispositivo. Fundado em 1961 pelos arquitetos David Greene, Dennis Crompton, Mike Webb, Peter Cook, Ron Herron e Warren Chalk, o grupo anunciava que “o relevante pode estar fora do território da arquitetura”<sup>10</sup>. Apoiado no otimismo tecnológico, ele propõe edifícios plugáveis (*Plug-in City*, 1962-64), organismos nômades (*Walking City*, 1964) e acupunturas efêmeras (*Instant City*, 1968-70). Uma questão em comum é a mobilidade: rampas, escadas rolantes bidirecionais e módulos intercambiáveis substituem a rigidez moderna por paisagens mutáveis. O consumo torna-se, assim, categoria projetual.

Essa equação tempo somado a circulação é central no *Harvard Guide to Shopping* (2001), onde Koolhaas descreve a escada rolante como “máquina de suavidade” capaz de processar oito mil pessoas por hora. O desempenho logístico converte-se em métrica

<sup>9</sup> KOOLHAAS, Rem. **S, M, X, XL**. Rotterdam: 010 Publishers, 1995.

<sup>10</sup> ARCHIGRAM. *Archigram 2*. Londres: Archigram Group, 1963, p. 4.

econômica: *maximum circulation = maximum sales*<sup>11</sup>. Na Seattle Library o incidente reaparece na espiral de livros, dispositivo que combina acesso universal ao acervo e experiência cinemática contínua, literalizando a “cidade contida num único edifício” vislumbrada por Cook<sup>12</sup>.

Os projetos individuais de Archigram oferecem correspondências adicionais. No *Sin Centre* (1959-63) Michael Webb fixa quatro torres de serviços e libera decks variáveis para jogos e espetáculos; a circulação —rampas automobilísticas e escadas rolantes— é tratada como geratriz formal. Webb mesmo admite que desenhou “exclusivamente a partir das exigências estruturais e espaciais desses dois sistemas circulatórios”<sup>13</sup>. Koolhaas adota lógica análoga: o núcleo de elevadores da biblioteca em Seattle, longe de ser mero duto de serviço, orchestra platôs programáticos e regula a construção em etapas. Já em *City Interchange* (1963), Ron Herron e Warren Chalk exibem, em corte axonométrico, o acoplamento de redes mecânicas e fluxos humanos; na obra de Koolhaas a justaposição diagonal de funções ou a empilhamento heterogênea de *Downtown Athletic Club* (1975) é observado essa gramática de conexões<sup>14</sup>.

Ao transpor a mobilidade dos anos 1960, Koolhaas reconfigura a dicotomia produção/consumo. Na *Walking City* o nomadismo indica fuga diante da catástrofe; em Seattle, a mobilidade interior celebra a convivência entre silêncio e mercado, tradição e mídia —cenário que Peter Steiner<sup>15</sup> reconheceria como passagem “da agora à rede”. A crítica à expansão suburbana, sugerida por Boutwell-Mitchell, alia-se à celebração de Archigram, observe-se na biblioteca a proposta de projeto do “condensador social” e shopping cultural.

Ao sintetizar esses fragmentos distintos, torna-se visível o método “indiciário” que Carlo Ginzburg<sup>16</sup> associa à micro-história: pormenores técnicos —a coluna-pilar, a rampa helicoidal, o módulo *plug-in*— funcionam como pistas de estratégias mais amplas. Koolhaas não reproduz os projetos, mas preserva aquilo que interessa ao presente: a capacidade de transformar infraestruturas em narrativas e de converter a circulação em motor crítico. Não esgotando que essas transferências não são meros empréstimos formais, mas interpretações conceituais, reforça a pertinência de estudar Koolhaas como autor que opera entre história, crítica urbana e logística cultural; demonstra que, em suas bibliotecas, o detalhe vanguardista é sempre reinserido num quadro maior de negociação entre densidade, consumo e conhecimento —negociação que permanece central para o debate arquitetônico contemporâneo.

## A Narrativa

Se o hibridismo fornece a matéria-prima, a narrativa organiza o fluxo. O primeiro roteiro espacial de Koolhaas – *Exodus, or the Voluntary Prisoners of Architecture* (1972) – já revela uma escrita que mistura crítica urbana, ficção e layout gráfico. A partir daí,

---

<sup>11</sup> KOOLHAAS, Rem. **Guide to Shopping – Harvard Project on the City vol. 2**. New York: Taschen, 2000, p. 348.

<sup>12</sup> COOK, Peter. **Archigram**. Princeton: Princeton Architectural Press, 1999, p. 25

<sup>13</sup> COOK, Peter. **Archigram**. Princeton: Princeton Architectural Press, 1999, p. 14.

<sup>14</sup> KOOLHAAS, Rem. **Nova York Delirante: um manifesto retroativo para Manhattan**. Trad.: Denise Bottmann. São Paulo: Cosac Naify, 2008, p. 10.

<sup>15</sup> STEINER, Hadas A. **Beyond Archigram: The Structure of Circulation**. London; New York: Routledge, 2009.

<sup>16</sup> GINZBURG, Carlo. Sinais (1986). Raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, emblemas sinais. Morfologia e História**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1989, pp. 143-180.



projetos, livros e exposições funcionam como episódios de uma saga maior: a busca por formas capazes de contar a condição metropolitana contemporânea.

Em *S,M,L,XL* (1995), Koolhaas e Bruce Mau transformam o livro em atlas de fragmentos: diagramas, *timelines*, ensaios e anedotas compõem narrativa não linear que o leitor remonta a cada virada de página. Nas bibliotecas, esse princípio salta da diagramação para o corpo do edifício. Em Seattle, o térreo transparente funciona como prólogo de encontro urbano; a circulação através das escadas rolantes, escadas metálicas, descrito por Joshua Prince-Ramus<sup>17</sup> como “diferentes tipos de movimentos”, assumiria o papel de desenvolvimento dramático; o grande salão silencioso encerra o clímax contemplativo. Cada platô programático corresponde a um capítulo; cada janela enquadra a cidade como plano cinematográfico narrado pelo usuário. A narrativa desempenha, ainda, função crítica. No ensaio *Junkspace* (2001)<sup>18</sup>, Koolhaas aponta que o comércio global produz interiores amorfos regidos pela lógica da distração. Ao concentrar loja, cafeteria e auditório no primeiro platô de Seattle, ele faz dessa área um espelho da cultura de consumo para, logo adiante, conduzir o visitante a ambientes que exigem atenção demorada – leitura, pesquisa, contemplação. O roteiro espacial converte, assim, contradições econômicas em experiência sensível.

Tal enredo abre espaço para que o usuário se torne coautor. Ao selecionar um livro ou cada leitor reescreve a história que o edifício conta sobre si mesmo. Trata-se daquela “narrativa partilhada” que Carlo Ginzburg (1989) identifica nas memórias populares e que Jorge Larrosa (2002) associa à experiência que “produz saber” em vez de mero consumo de informação.

## Metodologia

A pesquisa de mestrado adota a análise interpretativa para investigar como o percurso de vida de Rem Koolhaas influencia seu processo de projeto, explorando a interação entre suas experiências, influências culturais e a produção arquitetônica. Estruturada em torno de critérios como contexto e integração urbana, forma, o programa arquitetônico, experiência sensorial – do usuário, influências teóricas, concepção projetual, composição formal, experiência do usuário e instrumentalização crítica. A análise combina descrição empírica, contextualização histórica e interpretação teórica, permitindo uma leitura complexa da prática de Koolhaas.

A relevância da análise interpretativa reside em sua capacidade de integrar perspectivas diversas, capturando as nuances do processo criativo. Fenomenologia, micro-história, semiótica e crítica cultural, representadas por autores como Maurice Merleau-Ponty (1945), Carlo Ginzburg (1986), Umberto Eco (1962), e Maria Isabel Villac (2000; 2016; 2018; 2019), oferecem ferramentas para explorar a experiência sensorial, os indícios biográficos, os significados simbólicos e a crítica cultural nos projetos de Koolhaas. Merleau-Ponty ilumina a dimensão corporal e poética do espaço, enquanto Ginzburg, com o paradigma indiciário, permite interpretar eventos da vida de Koolhaas como pistas de sua abordagem projetual e os elementos representativos – os indícios. Eco analisa a

---

<sup>17</sup> RAMUS, Prince Joshua. **Designing the Seattle Central Library**. In: Ted Talks. 2017 (20m23s). [Consult. 15 maio 2024]. Disponível em WWW: <URL><http://www.youtube.com/watch?v=1x0PA0Rnjho>.

<sup>18</sup> KOOLHAAS, Rem.. **Três textos sobre cidade: Grandeza, ou O problema do grande; A cidade genérica; O espaço-lixo/Rem Koolhaas**. Trad. Luís Santiago Baptista. 1ed. São Paulo. Gustavo Gili, 2014.

arquitetura como um sistema de signos, e Villac, com sua leitura da relação ideia-desenho, destaca a intencionalidade crítica.

As influências de Koolhaas - Archigram (1972), Archizoom (1969), Superstudio (1969), construtivismo russo e surrealismo, são centrais para a pesquisa. Archigram e Archizoom inspiram a flexibilidade e fluidez programática, enquanto Superstudio reflete a crítica cultural. O construtivismo inovou conceitos como o método sistemático e científico na criatividade do projeto<sup>19</sup> e o surrealismo, ressoa na experimentação formal.

Para a pesquisa de mestrado, a análise interpretativa permite abordar como as experiências de Koolhaas, desde sua juventude na Indonésia até sua prática global, informam suas escolhas arquitetônicas. Ao aplicar critérios como concepção projetual e instrumentalização crítica, o método revela a síntese de influências pessoais e históricas em seus projetos, contribuindo para uma compreensão da leitura sobre a arquitetura contemporânea.

### A Biblioteca Central de Seattle

A Biblioteca Central de Seattle (OMA, 1999-2004) condensa, num único artefato, quatro planos de investigação que nortearam a pesquisa do mestrado: (1) contexto e integração urbana, (2) forma e linguagem arquitetônica, (3) programa e experiência do usuário e (4) concepção projetual e instrumentalização crítica.

### Contexto e Integração Urbana

Seattle formou-se como entreposto portuário no eixo Puget Sound–Alasca; seu centro consolida-se sobre um espigão que despenca treze metros entre a Baía de Elliott e o Lake Union. Esse desnível converte a malha cartesiana em topografia ampliada: ruas paralelas à crista (4ª e 5ª avenida) articulam fluxos norte-sul, enquanto ruas transversais - Spring e Madison, resolvem os taludes, escadarias e patamares. A Biblioteca ergue-se no exato ponto onde essas tensões se cruzam, substituindo dois edifícios anteriores (1906 e 1960) e condensando o programa municipal *Libraries for All*<sup>20</sup> que previa redesenhar toda a infraestrutura de leitura pública.

OMA interpreta a localização como interface dos sistemas:

- Conectividade metropolitana: a menos de 600 m, a *Interstate-5* canaliza tráfego regional; sob a *1st Avenue*, o túnel SR-99 drena o fluxo suburbano. A biblioteca torna-se, assim, elo entre a diversidade da mobilidade - corredores de alta velocidade e a malha fina de bairros.
- Sequência de espaços abertos: *Freeway Park* (1976) cobre a I-5 e propõe uma “segunda superfície” ajardinada; *Westlake Park* (1988) formaliza o varejo de alta densidade. A biblioteca prolonga essa cadeia de vazios com uma praça coberta que funciona como “sala de estar cívica”<sup>21</sup>.

---

<sup>19</sup> PAPADAKIS, Andreas C. *Deconstruction*. London: Academy Editions, 1989.

<sup>20</sup> OFFICE FOR METROPOLITAN ARCHITECTURE; LMN ARCHITECTS. **Seattle Public Library: proposal**. Seattle: OMA/LMN, 1999. 35 f., il. [Consult. 29 maio 2024] Disponível em WWW: <URL><https://spl.contentdm.oclc.org/digital/collection/p15015coll6/id/8867/>.

<sup>21</sup> OFFICE FOR METROPOLITAN ARCHITECTURE; LMN ARCHITECTS. **Seattle Public Library: proposal**. Seattle: OMA/LMN, 1999. 35 f., il. [Consult. 29 maio 2024]. Disponível em WWW: <URL><https://spl.contentdm.oclc.org/digital/collection/p15015coll6/id/8867/>.

Essa rede é reescrita pelo projeto em três escalas. macropaisagem: o volume multifacetado com suas plataformas deslocadas captura as vistas de água e montanha, qualificando o contexto da cidade de Seattle apreciado pelo arquiteto Koolhaas<sup>22</sup>. Escala de quadra: a base de concreto nivelada pela 5ª. Avenida corrige o aclave e libera um micro talude ajardinado na rua Spring, suavizando a transição dos movimentos das pessoas. Microescala do passeio: revestimentos refletivos, mobiliário urbano e frestas criam micro-instâncias de surpresa, transformando cada fachada em aparato lúdico de mediação entre esfera pública e o local.

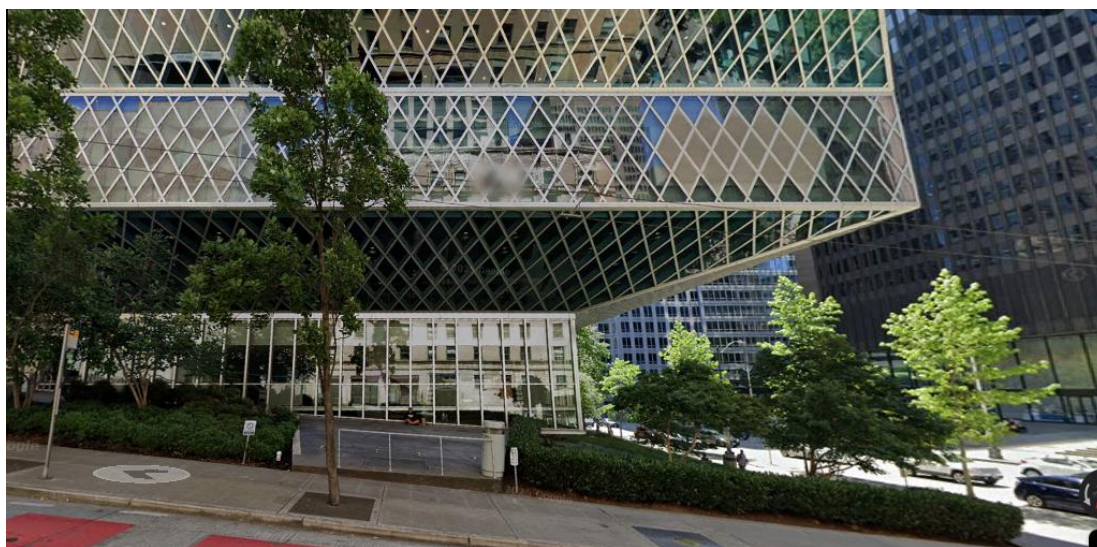


Figura 01: Vista da Rua Spring em direção a 4ª avenida. Recuos e suas “atrações”

Fonte: Captura de imagem no *Google Maps*, em 15 maio de 2025.

Elaborado pelo autor (2025).

### Forma e Linguagem Arquitetônica

A operação formal começa na desmontagem do arranha-céu típico em lugar de empilhar pavimentos idênticos, OMA segrega os usos em “caixas” autônomas (auditório, living room, mixing chamber, espiral de livros, centro administrativo) e depois desloca-as tridimensionalmente, gerando fendas de iluminação e interstícios de circulação. O “vazio” resultante não é resíduo, mas espaço programático capaz de catalisar fluxos imprevisíveis.<sup>23</sup>

Externamente, o edifício é revestido por uma pele de alumínio, uma malha cuja geometria é feita pelas formas do losango que recebem o vidro duplo. Esse vidro possui uma camada de metal, uma grelha de metal tensionada, “a micro grelha”. Este fechamento toca todas as plataformas gerando o volume multifacetado e complexo; o paradoxo espacial. Essa grade losangular cumpre quatro papéis: estrutural, ambiental, sócio – converte o edifício em prisma polifacetado e, urbano-cívico - afasta o moralismo clássico da “caixa de saber” e abraça uma estética *high-tech pop*; A base ortogonal – espécie de “plinto tectônico” visível na rua Madison – ancora o ícone ao traçado histórico e resolve o programa técnico (carga e descarga, estacionamento, sistema de triagem de livros,

<sup>22</sup> Koolhaas explica o processo de design da biblioteca de Seattle. SEATTLE CENTRAL LIBRARY. **Rem Koolhaas: Designing the Central Library Structure (Part 2)**. You tube, 22 de mai. de 2014 (2m15s). [Consul. 16 abr 2024]. Disponível em WWW: <URL>  
<https://www.youtube.com/watch?v=LKkBiOHsDYw&list=PLS-nSHBMRopLiyWjk2EqCHeRki5rivnS8&index=4>.

<sup>23</sup> OFFICE FOR METROPOLITAN ARCHITECTURE; LMN ARCHITECTS. **Seattle Public Library: proposal**. Seattle: OMA/LMN, 1999. 35 f., il. [Consult. 29 maio 2024]. Disponível em WWW: <URL><https://spl.contentdm.oclc.org/digital/collection/p15015coll6/id/8867/>.

subestações mecânicas); acima dela, a “rocha translúcida” funciona como marca topográfica, reconhecível à distância tanto pela luz diurna difusa quanto pela iluminação noturna.

### Programa e experiência do usuário

Em um momento em que as práticas de leitura se deslocam cada vez mais para suportes digitais e a própria ideia de biblioteca é tensionada pela ubiquidade da informação em rede, a Biblioteca Central de Seattle afirma-se como um “entre-lugar” decisivo de produção, circulação e reescrita de saberes<sup>24</sup>. O projeto do OMA parte do diagnóstico de que mais de metade da área útil deveria ser dedicada a atividades coletivas – auditório, salas de aulas multimídia, cafés, exposições, zonas de convivência – enquanto o livro impresso atua como anfitrião privilegiado, mas já não exclusivo, de um ecossistema informacional híbrido.

Para estruturar essa condição, Koolhaas e Prince-Ramus adotaram a lógica da “flexibilidade compartimentada”: onze pavimentos organizados em caixas de desempenho dedicado (plataformas estáveis) intercaladas por interstícios públicos (zonas instáveis). Cada plataforma foi “afinada” a um modo de uso distinto – do silêncio da pesquisa individual ao “burburinho” da praça cívica – e depois deslocada tridimensionalmente, criando fendas de iluminação natural e percursos inesperados. O resultado é uma sequência narrativa em espiral que devolve ao visitante a sensação de descoberta (des)contínua.<sup>25</sup>

No pavimento térreo (4ª Avenida) duas entradas enquadradas por painéis metálicos conduzem a um átrio onde se sobrepõem a biblioteca infantil, uma galeria expositiva e o sistema de *check-in/out* automatizado. Aqui, usuários dividem o espaço com esteiras que classificam livros vindos de toda a rede *Libraries for All*, reafirmando a coexistência de tecnologia avançada e práticas bibliotecárias tradicionais. Daí parte a escada rolante, instalada numa caixa que “escava” a massa do edifício até emergir, sem transições, no living room do 3º pavimento: um grande salão de pé-direito duplo, mobiliário solto e fachadas envidraçadas que integram a cidade ao interior.

Ligado a “sala de estar” – a grande praça por rampas e passarelas, a câmara de mistura (4º pavimento) congrega suporte técnico, laboratórios de mídia e salas de reuniões. OMA empregou diagramas de “cenários de estratégia de referência” – caricaturas de usuários, balões de fala e rotas coloridas – para distinguir dois perfis: os “adquirentes de conhecimento”, que permanecem longamente no edifício, e os “coletores de informação”, que entram com tarefa definida e buscam a máxima eficiência. A disposição radial das bancadas, aliada a sinais cromáticos vibrantes, garante que ambos encontrem rapidamente orientação e apoio técnico<sup>26</sup>

---

<sup>24</sup> MOREIRA, Maria Elisa Rodrigues. Bibliotecas, ancoradouros seguros? **Revista Investigações**, Recife, v. 28, n. 1, p. 1-19, jan. 2015.[Consult. 19 maio 2025] Disponível em WWW: <URL> [https://www.academia.edu/20085102/Bibliotecas\\_ancoradouros\\_seguros](https://www.academia.edu/20085102/Bibliotecas_ancoradouros_seguros).

<sup>25</sup> OFFICE FOR METROPOLITAN ARCHITECTURE; LMN ARCHITECTS. **Seattle Public Library: proposal**. Seattle: OMA/LMN, 1999. 35 f., il. [Consult. 29 maio 2024]. Disponível em WWW: <URL><https://spl.contentdm.oclc.org/digital/collection/p15015coll6/id/8867/>.

<sup>26</sup> ARCYDEE. 2022. **OMA's Design Process and the User**. (English). (5'48"). You tube. 12 out. 2012. [Consult. 17 maio 2025].Disponível em WWW:<URL> <https://youtu.be/QmJ60IPBig?si=3q3ITWOOPCSbrOo4>.



Do pavimento 5 ao 9, a célebre “espiral de livros” materializa a utopia de percorrer um acervo físico sem interrupção: uma rampa contínua de inclinação suave conecta prateleiras ordenadas segundo a classificação decimal de *Dewey*. A rampa não apenas substitui patamares por uma linha ascendente ininterrupta, mas também converte a própria circulação em experiência de leitura, reforçando a noção fenomenológica de que o corpo “gera” espaço ao deslocar-se.<sup>27</sup>

Ao atingir o 10º pavimento, o visitante encontra a sala de leitura principal, ambiente silencioso banhado por claraboias filtradas pela malha metálica da fachada. Dali descortina-se a Baía de Elliott, sublinhando a ideia de que a biblioteca, mesmo quando totalmente voltada ao interior, nunca perde a relação com a paisagem natural de Seattle. No 11º pavimento, as áreas administrativas compõem um volume recuado que, além de proteger o terraço técnico, estabelece relação de alinhamento com o edifício do Tribunal Federal em frente.

A rede vertical é costurada por quatro elevadores, escadas de serviço e uma série de escadas rolantes amarelas que atravessam as “caixas” programáticas, criando momentos de desorientação calculada – “eventos espaciais” que, segundo Bernard Tschumi<sup>28</sup> impelem o usuário a repensar continuamente sua própria posição no edifício. O contraste entre percursos inclinados, verticais e horizontais, somado ao uso enfático da cor (vermelho na câmera de mistura, amarelo nas escadas – mecânicas e estáticas), instaura uma dramatização cinestésica do ato de ler, estudar e partilhar conhecimento.

A tecnologia não aparece como retórica futurista, mas como infraestrutura tangível: esteiras visíveis, dutos automatizados, sensores de luz natural, *wi-fi* de alta densidade e um aplicativo de navegação interna que usa beacons para orientar deficientes visuais. Por trás dessa teia, o pavimento técnico inferior aloja o centro logístico de toda a rede municipal, reafirmando o papel da biblioteca central como *hub* metropolitano de distribuição.

### Concepção projetual e instrumentalização crítica

Rem Koolhaas explica o processo “hiper-racional” e Ramus o define como um processo colaborativo, “da edição e de uma equipe”. Partindo de um inventário das atividades contemporâneas de biblioteca (Diagrama 1), a equipe quantificou percentualmente cada uso (Diagrama 2), reorganizou as funções por afinidade (Diagrama 3) e distinguiu fluxos estáveis (E) e instáveis (I) (Diagrama 4). Cinco grupos resultaram como “E” — estacionamento, equipe, salas técnicas, espiral de livros, diretoria — e quatro como “I” — biblioteca infantil, “sala de estar”, câmera de mistura e sala de leitura.

---

<sup>27</sup> TSCHUMI, Bernard. **Architecture and disjunction**. Cambridge: MIT Press, 1994, p. 101-121.

<sup>28</sup> TSCHUMI, Bernard. **Architecture and disjunction**. Cambridge: MIT Press, 1994, p. 101-121.



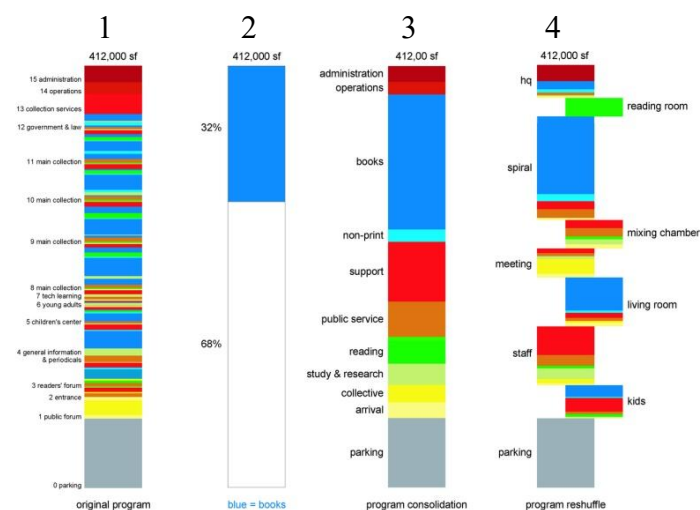


Figura 02: Diagrama 1, 2, 3 e 4 de agrupamento dos programas estáveis (e) e instáveis (i).  
Fonte: OMA, 1999. Adaptado pelo autor (2024).



Figura 03 e 04: Diagramas “e” e “i” espaciais com as definições do programa de necessidade  
Fonte: OMA, 1999. Adaptado pelo autor (2024)

A tradução tridimensional desses esquemas gerou plataformas independentes unidas por um núcleo vertical erguido antes das lajes, de modo que a “coluna vertebral” do edifício fosse montada antes da “pele” que o envolve. Dessa decisão derivam tanto a clareza estrutural quanto a legibilidade espacial do projeto: cada caixa proclama, na materialidade e na cor, o grau de formalidade ou liberdade que abriga, enquanto os vazios intersticiais recebem luz zenital filtrada e revelam a trama técnica do edifício — cabos, dutos, vigas *Vierendeel* e a própria malha da fachada.



Figura 05: O processo de construção da Biblioteca Central de Seattle  
Fonte: Fotografia Lara Swimmer<sup>29</sup>. Adaptado pelo autor (2025)

A experiência corporal pretendida pelo OMA baseia-se em deslocamentos sensoriais: compressão na escada-túnel que liga o térreo a grande “sala de estar” - expansão no salão

<sup>29</sup> SWIMMER, Lara. **Process: Seattle Central Library**. Seattle: Documentary Media, 2004. 72 p.

envidraçado, “serpenteamento” através da espiral, recolhimento introspectivo na “sala de leitura”. Cores saturadas e mudanças bruscas de textura – do concreto aparente ao carpete, do alumínio polido ao linóleo vermelho – funcionam como gatilhos perceptivos que marcam transições de regime social: do encontro ao estudo solitário, do ruído à contemplação.

### Articulação espacial, percursos e eventos

A circulação descrita acima se apresenta com um *loop* ascendente-descendente: o usuário sobe de forma quase contínua podendo utilizar a escada rolante até o ponto mais elevado da espiral e, em seguida, regressa caminhando através da “espiral de livros” – lajes inclinadas onde se acomodam as estantes da biblioteca gerando uma visão panorâmica ou, ainda, podendo utilizar os elevadores. Durante esse percurso, “eventos” pontuam a travessia: sala de estar (3º pavimento) – zona de convivência, cafés, exposições; “câmara de mistura” (4º pavimento) – apoio digital, suporte técnico, laboratórios; “espiral de livros” (5º -9º pavimento) – prateleiras ininterruptas; sala de leitura (10º pavimento) – silêncio, luz zenital filtrada, vistas longas – onde se encontra o acervo de obras raras.

Esses eventos traduzem a ambição construtivista de criar um “condensador social”<sup>30</sup>: edifício capaz de intensificar a vida pública ao articular, em torno de circulações partilhadas, programas heterogêneos. Ao mesmo tempo, o manejo de cores e inclinações convoca a dimensão surrealista que Koolhaas identifica na paisagem metropolitana – um “delírio controlado” em que as fronteiras entre funcional e lúdico se embaralham<sup>31</sup>.

Ao fim, a sequência de espaços demonstra que a biblioteca não é depósito nem museu, mas infraestrutura de convivência: um organismo que regula silêncios, disponibiliza tecnologia, qualifica o encontro casual e reafirma o ato de leitura — como prática coletiva inserida no cotidiano urbano de Seattle.

### Considerações Finais

A Biblioteca Central de Seattle demonstra que a obsolescência funcional anunciada para o livro pode converter-se em oportunidade de reinvenção cívica. Ao costurar as escalas geológica (topografia), metropolitana (rede de parques) e corpórea (experiência sinestésica), o OMA concebe um “palimpsesto” híbrido que atua, simultaneamente, como marco urbano, equipamento cultural, laboratório de tecnologia e palco de interação social. Se, à primeira vista, a fachada prismática parece “puro espetáculo” causando estranhamento<sup>32</sup>, o olhar<sup>33</sup> para o edifício revela que cada inclinação corresponde a uma razão técnica ou simbólica: controlar insolação, alinhar-se a um vizinho, criar recuo de passeio, destacar uma entrada, enquadrar o horizonte. A obra se insere, portanto, no estudo da arquiteta Maria Isabel Villac sobre o projeto contemporâneo: a crítica é intrínseca ao

---

<sup>30</sup> VILLAC, Maria Isabel. **Condensador social: uma questão para a vida pública contemporânea.** *Oculum Ensaios*, Campinas, v. 15, n. 1, p. 99-110, jan./abr. 2018. DOI: 10.24220/2318-0919v15n1a3743. [Consult. 30 maio 2024]. Disponível em WWW:<URL> <https://doi.org/10.24220/2318-0919v15n1a3743>.

<sup>31</sup> GARGIANI, Roberto. **Rem/OMA.** Roma, Editora Laterza. 2008, p. 286-289

<sup>32</sup> GAUSA, Manuel; GUALLART, Vicente; MÜLLER, Willy; SORIANO, Federico; MORALES, José; PORRAS, Fernando (Orgs.). *Diccionario Metapolis de Arquitectura Avanzada*. Barcelona: Actar, 2002, p. 221.

<sup>33</sup> CARDOSO, Sérgio. O olhar viajante (do etnólogo). In. NOVAES, Adauto (org.) **O Olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

fazer arquitetônico<sup>34</sup>. Formalizar fluxos, escolher materiais, organizar cores – tudo é ato interpretativo diante da complexidade da cidade e da cultura.

Nesse sentido, a Biblioteca de Seattle não apenas armazena conhecimento, mas revela uma polifonia que expressa a condição contemporânea de produção e circulação da informação. Entre “rocha e nuvem”, “papel e códigos”, monumento e parque, ela inscreve-se como protótipo para futuras infraestruturas de convivência num mundo cada vez mais mediado, mas ainda profundamente dependente do encontro físico dos corpos.

## Bibliografia

ARCHIGRAM. *Archigram 2*. Londres: Archigram Group, 1963.

BENJAMIN, Walter. **The Arcades Project**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1999.

BONDÍA, Jorge Larrosa. "Notas sobre a experiência e o saber de experiência". In: **Revista Brasileira de Educação**, Jan/Fev/Mar/Abr, 2002, pp. 20-28. [Consult. 04 mar 2024]. Disponível em WWW: <URL><http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>.

BRANZI, Andrea. **No-Stop City: Archizoom Associati**. Orléans: HYX, D.L., 2001

CARDOSO, Sérgio. O olhar viajante (do etnólogo). In. NOVAES, Adauto (org.) **O Olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

COOK, Peter. **Archigram**. Princeton: Princeton Architectural Press, 1999.

GAUSA, Manuel; GUALLART, Vicente; MÜLLER, Willy; SORIANO, Federico; MORALES, José; PORRAS, Fernando (Orgs.). *Diccionario Metapolis de Arquitectura Avanzada*. Barcelona: Actar, 2002.

GARGIANI, Roberto. **Rem/OMA**. Roma, Editora Laterza. 2008.

GINZBURG, Carlo. Sinais (1986). Raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, emblemas sinais. Morfologia e História**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1989, pp. 143-180.

KOOLHAAS, Rem. **S, M, X, XL**. Rotterdam: 010 Publishers, 1995.

KOOLHAAS, Rem. **Guide to Shopping – Harvard Project on the City vol. 2**. New York: Taschen, 2000.

KOOLHAAS, Rem. **Nova York Delirante: um manifesto retroativo para Manhattan**. Trad. De Denise Bottmann. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

KOOLHAAS, Rem. **Três textos sobre cidade: Grandeza, ou O problema do grande; A cidade genérica; O espaço-lixo/Rem Koolhaas**. Trad. Luís Santiago Baptista. 1ed. São Paulo. Gustavo Gili, 2014.

---

<sup>34</sup> VILLAC, Maria Isabel. A Crítica é um Projeto Contemporâneo. In: **IV Projetar, 2009**, São Paulo. Projeto como investigação: Ensino, Pesquisa e Prática. São Paulo: Alter Market, 2009. v. 1. p. 01-18.

MOREIRA, Maria Elisa Rodrigues. Bibliotecas, ancoradouros seguros? **Revista Investigações**, Recife, v. 28, n. 1, p. 1-19, jan. 2015. [Consult. 19 maio 2025]. Disponível em WWW: <URL>[https://www.academia.edu/20085102/Bibliotecas\\_ancoradouros\\_seguros](https://www.academia.edu/20085102/Bibliotecas_ancoradouros_seguros).

OFFICE FOR METROPOLITAN ARCHITECTURE; LMN ARCHITECTS. **Seattle Public Library: proposal**. Seattle: OMA/LMN, 1999. 35 f., il. [Consult. 29 maio 2024]. Disponível em WWW: <URL><https://spl.contentdm.oclc.org/digital/collection/p15015coll6/id/8867/>.

PAPADAKIS, Andreas C. *Deconstruction*. London: Academy Editions, 1989.

STEINER, H. A. **Beyond Archigram. The structure of Circulation**, London: Routledge. 2009.

SWIMMER, Lara. **Process: Seattle Central Library**. Seattle: Documentary Media, 2004. 72 p.

TSCHUMI, Bernard. **Architecture and disjunction**. Cambridge: MIT Press, 1994, p. 101-121.

VILLAC, Maria Isabel. **La construcción de la mirada: naturaleza, ciudad y discurso en la arquitectura de Paulo Archias Mendes da Rocha**. 2000. Tese (Doutorado em Teoria e História da Arquitetura) – Escola Tècnica Superior d'Arquitectura de Barcelona, Universitat Politècnica de Catalunya, Barcelona, 2000.

VILLAC, Maria Isabel. A Crítica é um Projeto Contemporâneo. In: **IV Projetar, 2009**, São Paulo. Projeto como investigação: Ensino, Pesquisa e Prática. São Paulo: Alter Market, 2009. v. 1. p. 01-18.

VILLAC, Maria Isabel. **Condensador social: uma questão para a vida pública contemporânea**. *Oculum Ensaios*, Campinas, v. 15, n. 1, p. 99-110, jan./abr. 2018. DOI: 10.24220/2318-0919v15n1a3743. [Consult. 30 maio 2024]. Disponível em WWW: <URL><https://doi.org/10.24220/2318-0919v15n1a3743>.

VILLAC, M. I.; LESSIO, D. A. A vida pública: a dinâmica contemporânea e a experiência no diálogo entre corpo, arquitetura e projeto. In: **ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL – ENANPUR**, 18., 2019, Natal. Anais. Natal: ANPUR, 2019. Disponível em: <http://anpur.org.br/xviiienanpur/anais>. Acesso em: 19 maio 2024.

YANEVA, Alben. **Made by the Office for Metropolitan Architecture: an ethnography of design**. Rotterdam: 010 Publishers, 2009. 128 p. ISBN 978-90-6450-714-4.

## Vídeos

ARCYDEE. 2022. **OMA's Design Process and the User**. (English). (5'48"). You tube. 12 out. 2012. [Consult. 17 maio 2025] Disponível em WWW: <URL><https://youtu.be/QmJ60IPBig?si=3q3ITWOOPCSbrOo4>.

OLDENBURG, Ray. **Ray Oldenburg, author of The Great Good Place, talks about third places.** Entrevista concedida a Karen Christensen. YouTube, 2022. Vídeo (31 min 04 s). [Consult. 01 maio 2025] Disponível em WWW: <URL><https://www.youtube.com/watch?v=4suGV9Hp9K4>.

OMA. [Consult. 25 ago 2024]. Disponível em WWW:<URL> <https://oma.com/>.

SEATTLE CENTRAL LIBRARY. **Rem Koolhaas: Designing the Central Library Structure (Part 2).** You tube, 22 de mai. de 2014 (2m15s). [Consult. 16 abr 2024]. Disponível em WWW: <URL><https://www.youtube.com/watch?v=LKkBiOHsDYw&list=PLS-nSHBMRopLiyWjk2EqCHeRki5rivnS8&index=4>.

RAMUS, Prince Joshua. **Designing the Seattle Central Library.** In: Ted Talks. 2017 (20m23s). [Consult. 15 maio 2024]. Disponível em WWW: <URL><http://www.https://www.youtube.com/watch?v=lx0PA0Rnjho>.



# Imaginar História(s) da Arte de artistas de sexualidade dissidente: uma reflexão sobre o caso português

**João Miguel Melo de Góis**

NOVA FCSH

[joaomelogois@gmail.com](mailto:joaomelogois@gmail.com)

**Bruno José de Sousa Marques**

Universidade Aberta; IHA-NOVA FCSH / IN2PAST

[brunosousamarques@gmail.com](mailto:brunosousamarques@gmail.com)

**Resumo:** A historiografia da arte em Portugal tem negligenciado sistematicamente narrativas queer, refletindo um processo prolongado de dessexualização disciplinar. Esta omissão marginaliza artistas de sexualidade dissidente e limita a compreensão do papel das identidades sexuais na produção artística. O predomínio de um paradigma nacionalista, aliado ao foco em questões estilísticas e formais, contribuiu para silenciar práticas que adotam uma estética da atitude — provocadora, política, transgressora — centrada em questões identitárias e na expressão de corpos e sensibilidades marginalizados. Este ensaio propõe uma reflexão crítica sobre os métodos tradicionais da História da Arte portuguesa e a sua insuficiência para abordar género, identidade e sexualidade fora da norma heterossexual. A partir de autores que desafiam o cânone cis-heterossexual, e com base em exemplos internacionais, propomos algumas bases para imaginar uma História da Arte queer em Portugal. A análise desenvolve-se em três eixos: uma introdução à teoria queer e ao surgimento do “outro” como objeto da História da Arte; uma leitura crítica da dessexualização historiográfica no contexto português; e, por fim, uma reflexão sobre como interpretar (e ultrapassar) o silêncio persistente em torno de artistas queer. Ao questionar os paradigmas existentes, o ensaio procura desconstruir a ideia de casos isolados e contribuir para a abertura do campo disciplinar a leituras mais inclusivas da produção artística.

**Palavras-chave:** história da arte em Portugal; dessexualização; queer; sexualidades dissidentes; artistas homossexuais

## Introdução

O presente ensaio decorre da investigação desenvolvida no âmbito da dissertação de mestrado em História da Arte *Imaginar História(s) da Arte Queer: o caso de Mário Cesariny*. Centra-se na análise crítica dos discursos que construíram uma historiografia da arte portuguesa dessexualizada, refletindo sobre o impacto dessa perspetiva na leitura de artistas de sexualidade dissidente, na sua produção artística e no panorama do academismo queer em Portugal.

Partindo da análise das narrativas ideológicas de evolução formal, procuramos evidenciar de que forma estas contribuíram para a dessexualização da disciplina. Sustentamos que as metodologias historiográficas tradicionais revelam-se inadequadas para abordar questões de género, identidade e sexualidade fora da matriz heterossexual dominante. Assim, propomos a desconstrução de leituras exclusivamente formais e estilísticas, e o alargamento do campo disciplinar a abordagens mais inclusivas e sensíveis às dinâmicas identitárias.

Ao sublinharmos a importância de um enquadramento teórico queer nas práticas historiográficas nacionais, destacamos a urgência da criação de novas narrativas, bem como de um trabalho de resgate e de arqueologia histórica em torno de artistas e obras de indivíduos de sexualidade dissidente no século XX. Este esforço visa reconhecer um universo artístico que se afasta da concepção tradicional da arte, historicamente associada a um “artista tipo”: homem, branco, heterossexual, de classe média, cristão e português.

A recontextualização dessas práticas artísticas, frequentemente ignoradas pela historiografia dominante, é essencial para a consolidação de um património artístico e cultural queer em Portugal. Permite, ainda, construir genealogias que desafiam a noção de casos isolados e fomentar diálogos identitários com artistas contemporâneos. A História da Arte deve, assim, considerar de que forma o contexto social, político e cultural influenciou o percurso de artistas dissidentes, as questões que formularam e os modos como negociaram a sua identidade sexual e afectiva.

### 1. A teoria queer e o surgimento do “outro” enquanto objeto da História da Arte

O surgimento de narrativas sobre artistas de sexualidade dissidente, no âmbito de abordagens queer, está intimamente ligado às transformações político-sociais e aos movimentos ativistas que promoveram novas formas de pensar a identidade e a diferença. O movimento de libertação gay, o feminismo radical e a luta pelos direitos civis partilham uma valorização da identidade enquanto categoria política. É no cruzamento destas genealogias que se começa a delinear o pensamento queer na arte e na academia<sup>1</sup>.

A teoria queer parte de contributos pós-estruturalistas, como os de Michel Foucault e Jacques Derrida<sup>2</sup>, para conceber a sexualidade como uma construção histórica e social. Esta perspectiva crítica os modos como o poder produz e regula as identidades sexuais.

---

<sup>1</sup> DOYLE, Jennifer – Queer Wallpaper. In PREZIOSI, Donald – **The Art of Art History: A Critical Anthology**. Oxford: Oxford History of Art (New Edition), 2006, p. 396.

<sup>2</sup> MCCANN, Hannah, e MONAGHAN, Whitney – **Queer Theory Now: From Foundations to Futures**. Bloomsbury Academic, 2019, p. 8.

Embora defenda uma concepção fragmentária e instável da identidade<sup>3</sup>, é na questão da sexualidade que a teoria queer encontra o seu eixo central e distintivo<sup>4</sup>.

Com o seu desenvolvimento, novas abordagens historiográficas começaram a incorporar estas perspectivas, não apenas na arte, mas também na cultura visual, no cinema e na performance. A história da arte queer ocupou um papel importante na desconstrução da figura do “artista tipo” — geralmente homem, branco, heterossexual, de classe média, cristão, europeu ou norte-americano —, e na crítica aos métodos tradicionais da disciplina, marcadamente masculinos e heteronormativos<sup>5</sup>. O olhar queer permite incluir outras identidades e práticas artísticas, ampliando o cânone e propondo formas mais complexas de escrita da História da Arte<sup>6</sup>.

Contudo, o pluralismo queer pós-moderno também levanta desafios. O risco de dissolver todas as diferenças numa lógica universalista exige uma reflexão crítica sobre a possível reintrodução de categorias essencialistas. Dentro do próprio discurso queer, algumas correntes separatistas defendem a preservação de espaços identitários específicos, resistindo à sua desconstrução total. A análise da arte de indivíduos segundo categorias de sexualidade pode, assim, revelar-se fundamental quando situada nos seus contextos históricos<sup>7</sup>, sendo que muitos destes artistas foram pioneiros na problematização de questões de género e sexualidade<sup>8</sup>. Por isso, não basta aplicar retroativamente o rótulo “queer” a certos artistas, sobretudo se essa categoria não fizer sentido na sua época<sup>9</sup>.

Embora estas transformações tenham influenciado os estudos de arte e cultura visual em contextos como o norte-americano ou o britânico, em Portugal o impacto foi mais ténue. A descriminalização da homossexualidade em 1982 marcou uma mudança legislativa importante. No entanto, ao nível das mentalidades, o heterossexismo persistiu como estrutura dominante<sup>10</sup>. Apesar de a teoria queer só ter ganho visibilidade académica a partir da década de 1990, a sua receção no ensino da História da Arte em Portugal foi lenta e marcada por uma cabal resistência. Essa resistência prolongou-se mesmo após o surgimento dos primeiros estudos queer portugueses, em 2004<sup>11</sup>, e continua a observar-

---

<sup>3</sup> WALTON, David – **Doing Cultural Theory**. Los Angeles: SAGE Publications, 2012, pp. 186-187.

<sup>4</sup> MCCANN, Hannah, e MONAGHAN, Whitney – **Queer Theory Now: From Foundations to Futures**. Bloomsbury Academic, 2019, p. 8.

<sup>5</sup> JONES, Amelia – Introduction: Sexual differences and otherwise. In JONES, Amelia, e SILVER, Erin (ed.) – **Otherwise: Imagining queer feminist art histories (Rethinking Art's Histories)**. Manchester University Press, 2016, p. 20.

<sup>6</sup> Idem, p. 21.

<sup>7</sup> Uma das primeiras contribuições que coloca em evidência a importância da identidade sexual dissidente na produção artística e a relevância de uma perspectiva separatista de análise surge em COOPER, Emmanuel – **The Sexual Perspective. Homosexuality and Art in the Last 100 Years in the West**. Routledge & Kegan Paul Books Ltd, 1986. Cooper procura reunir e examinar a pintura, a escultura e a fotografia de artistas gay, lésbicas, bissexuais e queer.

<sup>8</sup> Idem, p. 77.

<sup>9</sup> JONES, Amelia, e SILVER, Erin – Queer theory and feminist art history: an imperfect genealogy - Amelia Jones and Erin Silver. In JONES, Amelia, e SILVER, Erin (ed.) – **Otherwise: Imagining queer feminist art histories (Rethinking Art's Histories)**. Manchester University Press, 2016, p. 73.

<sup>10</sup> AFONSO, Raquel – **Homossexualidade e resistência durante a ditadura portuguesa: estudos de caso**. Universidade Nova de Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 2018. Dissertação de Mestrado em Antropologia, p. 116.

<sup>11</sup> CASCAIS, António Fernando (org.) – **Indisciplinar a Teoria. Estudos gays, lésbicos e queer**. Lisboa: Fenda, 2004.

se hoje, com o predomínio de saberes que tendem a reproduzir modelos disciplinares estabelecidos<sup>12</sup>.

## 2. A dessexualização na História da Arte: o caso português

### 2.1. Fatores disciplinares e contextuais

Para além dos fatores históricos e políticos que marcaram o século XX — como a transição para um novo regime político, a consolidação da democracia<sup>13</sup> ou a dificuldade do associativismo LGBT português em gerar uma mobilização clara e uma intervenção pública eficaz<sup>14</sup> —, existem razões específicas da própria disciplina da História da Arte que ajudam a explicar a exclusão das abordagens queer. Entre estas destacam-se o carácter marcadamente nacionalista da historiografia da arte portuguesa, que presta pouca atenção a temas não-nacionais ou transversais; a persistente influência francófona<sup>15</sup>, mais dominante do que a tradição anglo-saxónica onde as abordagens queer ganharam maior expressão; e a debilidade da crítica de arte em Portugal, refletida na limitada diversidade de autorias e posicionamentos, fator que perpetua a exclusão de leituras queer e outras abordagens não normativas, contribuindo para a manutenção de um campo disciplinar fechado sobre si mesmo.

### 2.2. Invisibilização de artistas queer históricos

A análise das principais referências da historiografia da arte portuguesa revela um padrão sistemático de dessexualização, mesmo em relação a artistas cuja dissidência sexual é historicamente documentada. Figuras como Mário Cesariny e Cruzeiro Seixas são frequentemente referidas, mas a sua inclusão ocorre sobretudo numa ótica formalista, centrada no surrealismo e nas técnicas plásticas<sup>16</sup>. Esta abordagem contribui para uma ocultação contínua das suas identidades sexuais e da possibilidade de leituras queer das suas obras.

Mesmo em trabalhos onde o corpo, o desejo ou a erotização são evidentes — como *Desenho* (1948), *Os Braços sobre a Areia* (1950) ou *Brinquedos de Corda* (1972), de Cruzeiro Seixas —, os discursos historiográficos tendem a ignorar essas dimensões<sup>17</sup>. Em alguns casos, pode surgir uma breve menção a “ambiguidades como modo de revelar os desejos sensuais”<sup>18</sup>, mas rapidamente se recorre a explicações centradas no automatismo, na abstração ou na forma. Este silenciamento revela o esforço da historiografia dominante

---

<sup>12</sup> VICENTE, Filipa — História da arte e feminismo: uma reflexão sobre o caso português. **Revista de História da Arte**. Nº 10, 2012, p. 212.

<sup>13</sup> Idem, p. 213.

<sup>14</sup> BRANDÃO, Ana Maria — Lesbianismo, Feminismo e Activismo Gay: Alianças Difíceis. **LES Online**. Vol. 1 (nº 1), 2009, p. 17.

<sup>15</sup> VICENTE, Filipa — História da arte e feminismo: uma reflexão sobre o caso português. **Revista de História da Arte**. Nº 10, 2012. p. 213.

<sup>16</sup> MELO, Alexandre — **Artes Plásticas em Portugal. Dos anos 70 aos nossos dias**. Difel, 1998, p. 88.

PINHARANDA, João Lima — O Declínio das Vanguardas: Dos anos 50 ao fim do milénio. In PEREIRA, Paulo (dir.) — **História da Arte Portuguesa; O Declínio das Vanguardas**. Vol. 10, Lisboa: Círculo de Leitores, p. 144.

FRANÇA, José-Augusto — **História da Arte em Portugal - O Modernismo**. Editorial Presença, 2004, p. 137.

<sup>17</sup> GONÇALVES, Rui Mário — **História da Arte em Portugal. De 1945 à Actualidade**. Lisboa: Publicações Alfa, 1986, p. 25 e 52.

<sup>18</sup> GONÇALVES, Rui Mário — **100 Pintores Portugueses do Século XX**. Lisboa: Alfa, 1986, p. 108.

em manter uma aparência de neutralidade, evitando abordagens identitárias ou políticas que possam desestabilizar os alicerces do cânone nacionalista e cis-heteronormativo.

### 2.3. Erotismo heterossexual vs. silenciamento queer

Paradoxalmente, sexo e sexualidade não estão ausentes da historiografia da arte portuguesa. Existe espaço — embora pontual e fragmentado — para o reconhecimento de temáticas eróticas ou de desejo, mas sobretudo quando associadas a artistas considerados heterossexuais. O caso de Julião Sarmento é paradigmático: a sua obra é regularmente interpretada a partir do desejo, da sensualidade e da sexualização do corpo<sup>19</sup>.

Outros nomes — como António Pedro<sup>20</sup>, António Soares<sup>21</sup>, Carlos Vidal<sup>22</sup>, Eduardo Bataarda<sup>23</sup>, Eduardo Viana<sup>24</sup>, Eurico Gonçalves<sup>25</sup>, Fernando Lemos<sup>26</sup>, João Cutileiro<sup>27</sup>,

---

<sup>19</sup> MELO, Alexandre – **Artes Plásticas em Portugal. Dos anos 70 aos nossos dias**. Difel, 1998, pp. 34 e 144.

MELO, Alexandre – **Cúmplice dos Artistas. Conversas com Sara Antónia Matos e Pedro Faro seguido de uma conversa com João Pedro Vale e Nuno Alexandre Ferreira (Rádio Quântica)**. Documenta, 2018, pp. 38 e 59.

PERNES, Fernando – **Um Olhar sobre a Arte Contemporânea** (Catálogo de Exposição). Porto: Casa de Serralves / Secretariado de Estado da Cultura, 1988, p. 21.

PINHARANDA, João Lima – O Declínio das Vanguardas: Dos anos 50 ao fim do milénio. In PEREIRA, Paulo (dir.) – **História da Arte Portuguesa; O Declínio das Vanguardas**. Vol. 10, Lisboa: Círculo de Leitores, pp. 112 e 119.

<sup>20</sup> FRANÇA, José-Augusto – **A Arte em Portugal no Século XX. 1911-1961**. Livros Horizonte, 2009, pp. 230 e 233.

FRANÇA, José-Augusto – **História da Arte em Portugal - O Modernismo**. Editorial Presença, 2004, p. 128.

GONÇALVES, Rui Mário – **100 Pintores Portugueses do Século XX**. Lisboa: Alfa, 1986, p. 73.

GONÇALVES, Rui Mário – **História da Arte em Portugal. Pioneiros da Modernidade**. Lisboa: Publicações Alfa, 1986, p. 157.

SILVA, Raquel Henriques da – Sinais de Ruptura: «Livres» e Humoristas. In PEREIRA, Paulo (dir.) – **História da Arte Portuguesa. A Ruptura Moderna (século XX)**. Vol. 9, Lisboa: Círculo de Leitores, p. 37.

<sup>21</sup> FRANÇA, José-Augusto – **História da Arte em Portugal - O Modernismo**. Editorial Presença, 2004, p. 51.

<sup>22</sup> ALMEIDA, Bernardo Pinto de – **Transição - Ciclopes, Mutantes, Apocalípticos. A nova paisagem artística no final do século XX**. Assírio & Alvim, 2003, pp 220-221.

<sup>23</sup> MELO, Alexandre – **Artes Plásticas em Portugal. Dos anos 70 aos nossos dias**. Difel, 1998, p. 124.

<sup>24</sup> FRANÇA, José-Augusto – **A Arte em Portugal no Século XX. 1911-1961**. Livros Horizonte, 2009, p. 108.

FRANÇA, José-Augusto – **História da Arte em Portugal - O Modernismo**. Editorial Presença, 2004, p. 150.

GONÇALVES, Rui Mário – **História da Arte em Portugal. Pioneiros da Modernidade**. Lisboa: Publicações Alfa, 1986, p. 117.

<sup>25</sup> GONÇALVES, Rui Mário – **100 Pintores Portugueses do Século XX**. Lisboa: Alfa, 1986, p. 163.

GONÇALVES, Rui Mário – **História da Arte em Portugal. De 1945 à Actualidade**. Lisboa: Publicações Alfa, 1986, p. 56

<sup>26</sup> FRANÇA, José-Augusto – **A Arte em Portugal no Século XX. 1911-1961**. Livros Horizonte, 2009, p. 264.

FRANÇA, José-Augusto – **História da Arte em Portugal - O Modernismo**. Editorial Presença, 2004, p. 137.

<sup>27</sup> FRANÇA, José-Augusto – **História da Arte em Portugal - O Modernismo**. Editorial Presença, 2004, p. 173.



Joaquim Lima Carvalho<sup>28</sup>, José Rodrigues<sup>29</sup>, Júlio Pomar<sup>30</sup>, Marcelino Vespeira<sup>31</sup>, Mário Eloy<sup>32</sup>, Moniz Pereira<sup>33</sup> ou Pedro Casqueiro<sup>34</sup> — surgem em leituras centradas na provocação visual, nas pulsões e no erotismo, muitas vezes com referências a formas fálicas ou a tensões entre desejo e autoridade.

Este duplo critério — a celebração do erotismo hétero e a invisibilização do desejo queer — denuncia uma assimetria crítica que ainda estrutura profundamente o campo historiográfico.

#### 2.4. Feminismos e neutralização do político

As estéticas feministas têm conquistado algum espaço, com destaque para o trabalho de artistas como Paula Rego<sup>35</sup>, Joana Vasconcelos<sup>36</sup>, Clara Menéres<sup>37</sup> ou Fátima Mendonça<sup>38</sup>. Em algumas leituras, reconhece-se a presença de erotismo e desejo, nomeadamente em obras de Paula Rego<sup>39</sup>, Graça Morais<sup>40</sup>, Maria José Aguiar<sup>41</sup>. Contudo, mesmo nestes casos, verifica-se uma tendência para absorver o “feminino” em categorias

---

<sup>28</sup> GONÇALVES, Rui Mário – **100 Pintores Portugueses do Século XX**. Lisboa: Alfa, 1986, p. 210.

<sup>29</sup> FRANÇA, José-Augusto – **História da Arte em Portugal - O Modernismo**. Editorial Presença, 2004, p. 166.

GONÇALVES, Rui Mário – **História da Arte em Portugal. De 1945 à Actualidade**. Lisboa: Publicações Alfa, 1986, pp. 108 e 109.

<sup>30</sup> FRANÇA, José-Augusto – **História da Arte em Portugal - O Modernismo**. Editorial Presença, 2004, p. 147.

GONÇALVES, Rui Mário – **100 Pintores Portugueses do Século XX**. Lisboa: Alfa, 1986, p. 139.

MELO, Alexandre – **Artes Plásticas em Portugal. Dos anos 70 aos nossos dias**. Difel, 1998, p. 96.

PINHARANDA, João Lima – O Declínio das Vanguardas: Dos anos 50 ao fim do milénio. In PEREIRA, Paulo (dir.) – **História da Arte Portuguesa; O Declínio das Vanguardas**. Vol. 10, Lisboa: Círculo de Leitores, p. 114.

<sup>31</sup> FRANÇA, José-Augusto – **História da Arte em Portugal - O Modernismo**. Editorial Presença, 2004, pp. 135 e 136.

GONÇALVES, Rui Mário – **100 Pintores Portugueses do Século XX**. Lisboa: Alfa, 1986, p. 128.

GONÇALVES, Rui Mário – **História da Arte em Portugal. De 1945 à Actualidade**. Lisboa: Publicações Alfa, 1986, p. 57

SILVA, Raquel Henriques da – Sinais de Ruptura: «Livres» e Humoristas. In PEREIRA, Paulo (dir.) – **História da Arte Portuguesa. A Ruptura Moderna (século XX)**. Vol. 9, Lisboa: Círculo de Leitores, p. 40.

<sup>32</sup> GONÇALVES, Rui Mário – **100 Pintores Portugueses do Século XX**. Lisboa: Alfa, 1986, p. 32.

<sup>33</sup> FRANÇA, José-Augusto – **A Arte em Portugal no Século XX. 1911-1961**. Livros Horizonte, 2009, p. 260.

<sup>34</sup> MELO, Alexandre – **Artes Plásticas em Portugal. Dos anos 70 aos nossos dias**. Difel, 1998, p. 180.

<sup>35</sup> PEREIRA, Paulo – **Arte Portuguesa - História Essencial**. Temas e Debates, 2014, pp. 829 e 830.

<sup>36</sup> PEREIRA, Paulo – **Arte Portuguesa - História Essencial**. Temas e Debates, 2014, p. 830.

<sup>37</sup> FRANÇA, José-Augusto – **História da Arte em Portugal - O Modernismo**. Editorial Presença, 2004, p. 175.

FERNANDES, João, e RAMOS, Maria – **Perspectiva: Alternativa Zero** (Catálogo de Exposição). Porto: Fundação Serralves, 1997, p. 242.

GONÇALVES, Rui Mário – **História da Arte em Portugal. De 1945 à Actualidade**. Lisboa: Publicações Alfa, 1986, p. 141.

<sup>38</sup> PINHARANDA, João Lima – O Declínio das Vanguardas: Dos anos 50 ao fim do milénio. In PEREIRA, Paulo (dir.) – **História da Arte Portuguesa; O Declínio das Vanguardas**. Vol. 10, Lisboa: Círculo de Leitores, p. 132.

<sup>39</sup> FRANÇA, José-Augusto – **História da Arte em Portugal - O Modernismo**. Editorial Presença, 2004, p. 170.

GONÇALVES, Rui Mário – **100 Pintores Portugueses do Século XX**. Lisboa: Alfa, 1986, p. 188.

<sup>40</sup> GONÇALVES, Rui Mário – **100 Pintores Portugueses do Século XX**. Lisboa: Alfa, 1986, p. 234.

<sup>41</sup> GONÇALVES, Rui Mário – **100 Pintores Portugueses do Século XX**. Lisboa: Alfa, 1986, p. 232.

simbólicas ou afetivas, como o “universo sensível” ou a “intimidade”, evitando a sua leitura enquanto prática discursiva de resistência ou enquanto reconfiguração dos regimes de visibilidade e de poder.

Assim, mesmo quando se aborda os discursos feministas, raciais e queer<sup>42</sup>, tende-se a neutralizar o seu potencial crítico, esvaziando a dimensão política em favor de uma estética culturalmente aceite.

## 2.5. Resistência à leitura queer na arte contemporânea

A resistência torna-se ainda mais visível no tratamento de artistas queer contemporâneos que abordam explicitamente a sexualidade dissidente. Ana Pérez-Quiroga<sup>43</sup>, a dupla João Pedro Vale e Nuno Alexandre Ferreira<sup>44</sup>, e Vasco Araújo<sup>45</sup> são exemplos paradigmáticos. Apesar de o conteúdo identitário e político ser central nas suas obras, os discursos historiográficos portugueses raramente os abordam sob essa perspetiva. A sexualidade, mesmo quando tematizada de forma evidente, tende a ser apagada ou ignorada nas leituras institucionais e críticas, mantendo-se o paradigma da neutralidade e evitando referências ao queer.

## 2.6. Consequências metodológicas

As leituras dominantes, mesmo quando tangenciam o corpo, o erotismo ou a provocação, fazem-no de forma a não desestabilizar os limites disciplinares. A ausência de um olhar queer não é apenas o resultado de esquecimento ou negligência: é o efeito de uma metodologia que privilegia as formas em detrimento das atitudes, os estilos sobre os discursos, e uma suposta neutralidade sobre o reconhecimento da identidade.

Apesar do seu contributo histórico para o desenvolvimento da disciplina, a historiografia da arte portuguesa tem revelado uma profunda inércia na renovação dos seus discursos<sup>46</sup>. Essa resistência impede a construção de uma história da arte plural, crítica e atenta às múltiplas subjetividades que atravessam a produção artística.

---

<sup>42</sup> ALMEIDA, Bernardo Pinto de – **A situação portuguesa (entrevista com João Fernandes e Ulrich Loock)**. In Loock, Ulrich (ed.) – **Anos 80. Uma Topologia**. Porto: Museu Serralves, 2007, pp. 97-98

ALMEIDA, Bernardo Pinto de – **Transição - Ciclopes, Mutantes, Apocalípticos. A nova paisagem artística no final do século XX**. Assírio & Alvim, 2003, pp 28, 88, 89, 94 e 184.

MELO, Alexandre – **Cúmplice dos Artistas. Conversas com Sara Antónia Matos e Pedro Faro seguido de uma conversa com João Pedro Vale e Nuno Alexandre Ferreira (Rádio Quântica)**. Documenta, 2018, pp. 89, 112 e 113.

<sup>43</sup> NOGUEIRA, Isabel – **História da Arte em Portugal: do Marcelismo ao Final do Século XX**. Bookbuilders, 2021, p. 149.

<sup>44</sup> ALMEIDA, Bernardo Pinto de – **Transição - Ciclopes, Mutantes, Apocalípticos. A nova paisagem artística no final do século XX**. Assírio & Alvim, 2003, p. 103.

MELO, Alexandre – **Cúmplice dos Artistas. Conversas com Sara Antónia Matos e Pedro Faro seguido de uma conversa com João Pedro Vale e Nuno Alexandre Ferreira (Rádio Quântica)**. Documenta, 2018, p. 11.

<sup>45</sup> MELO, Alexandre – **Cúmplice dos Artistas. Conversas com Sara Antónia Matos e Pedro Faro seguido de uma conversa com João Pedro Vale e Nuno Alexandre Ferreira (Rádio Quântica)**. Documenta, 2018, p. 12.

<sup>46</sup> ALMEIDA, Bernardo Pinto de – **A situação portuguesa (entrevista com João Fernandes e Ulrich Loock)**. In Loock, Ulrich (ed.) – **Anos 80. Uma Topologia**. Porto: Museu Serralves, 2007, pp. 102 e 106. SANTOS, Mariana Pinto dos – O legado de José-Augusto França na escrita da História da Arte em Portugal: caracterização crítica do cânone e de exemplos da sua persistência. **Práticas da História, Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past**. Nº 1, 2015, p. 64.

### 3. Como interpretar (e contrariar) o silêncio persistente em torno de artistas queer?

#### 3.1. O gesto queer como crítica epistemológica

A construção de uma História da Arte queer em Portugal exige mais do que a mera inclusão de artistas ou obras até aqui silenciadas. Implica uma reavaliação profunda dos métodos e critérios que moldaram o cânone historiográfico, confrontando os regimes de visibilidade que legitimam determinados discursos e apagam outros. A leitura queer não é apenas uma proposta interpretativa: é, acima de tudo, um gesto epistemológico e político que contesta as formas como o saber se institui e se perpetua. Desconstruir a ideia de “casos isolados” e reconhecer padrões estruturais de exclusão constitui um passo decisivo na reformulação do campo disciplinar.

A persistente recusa em considerar o género e a sexualidade como categorias críticas relevantes evidencia o modo como a História da Arte foi construída como disciplina hostil à identidade. O surgimento de investigações queer no campo da cultura visual deu-se, não por acaso, fora da disciplina<sup>47</sup>. Também em Portugal, as narrativas de artistas de sexualidade dissidente começam a ganhar visibilidade a partir de meados da década de 2000, sobretudo através de estudos de caso e projetos de artistas, à margem da historiografia tradicional. Os ensaios pioneiros de Bruno Marques destacam-se nesse contexto, com abordagens sobre a dimensão queer e não-binária da obra de Vasco Araújo<sup>48</sup>, a arqueologia da homossexualidade nas práticas da dupla João Pedro Vale e Nuno Alexandre Ferreira<sup>49</sup>, e a visibilidade da produção artística de mulheres lésbicas em Ana Pérez-Quiroga<sup>50</sup>.

#### 3.2. A resistência institucional à teoria queer em Portugal

Apesar do impacto consolidado da teoria queer nos campos da crítica cultural, dos estudos visuais e das humanidades desde os anos 1990, o meio académico português permaneceu amplamente impermeável à sua recepção. Com frequência, essa resistência assumiu a forma de desvalorização epistémica: a teoria queer foi encarada como um modismo académico, excessivamente situado e ideologicamente marcado, sem relevância estrutural para os estudos da arte. Este gesto de recusa é, no entanto, profundamente paradoxal. Trata-se de rejeitar um enquadramento conceptual que, no contexto nacional, nunca chegou a ser plenamente integrado, testado ou discutido de forma sistemática. Esta resistência não se limita à invisibilidade textual, mas estrutura o próprio campo disciplinar através da exclusão de temas, abordagens e subjetividades.

---

<sup>47</sup> DOYLE, Jennifer – Queer Wallpaper. In PREZIOSI, Donald – **The Art of Art History: A Critical Anthology**. Oxford: Oxford History of Art (New Edition), 2006, p. 393.

<sup>48</sup> Designadamente no ponto “Um retrato”, quando se disserta sobre obras tão fundamentais no domínio da fluidez de género, como *Diva, a Portrait* ou *Far de Donna*, em MARQUES, Bruno e BRAZ, Ivo André – Vasco Araújo et ALII: A in-atualidade da identidade contemporânea. **Revista de História da Arte**. Nº 12, 2015. pp. 217-233.

<sup>49</sup> MARQUES, Bruno – João Pedro Vale e Nuno Alexandre Ferreira: “cruising” no reino do não-dito. **Diálogos**. V. 26. Nº 1, 2022. pp. 98-122; MARQUES, Bruno – Com aquilo naquilo, por João Pedro Vale e Nuno Alexandre Ferreira: para uma «história imaginada» sobre repressão à vivência homossexual. In CASCAIS, António Fernando (ed.) – **Dissidências e Resistências Homossexuais no Século XX Português**. Letra Livre, 2024. pp. 277-318; MARQUES, Bruno e CALDEIRA, Ana Catarina – Queering Moby Dick. Pornography as a political strategy in João Pedro Vale and Nuno Alexandre Ferreira. **Miguel Hernández Communication Journal**. Vol. 15 (1), 2024. pp. 113-137.

<sup>50</sup> MARQUES, Bruno – A arte como revolução em nome da visibilização das mulheres lésbicas: Entrevista com Ana Pérez-Quiroga. **Revista 2i: Estudos De Identidade E Intermedialidade**. Nº 6(10), 2024. pp. 133–154.

Num campo em permanente transformação, a teoria queer mantém a sua atualidade precisamente por operar através de uma lógica relacional, flexível e não dogmática, que lhe permite ser continuamente reconfigurada em função dos contextos que interroga. É esse o seu “carácter relacional estrategicamente aberto”<sup>51</sup>, que resiste à fixação identitária e propõe uma leitura do desejo, do corpo e da subjetividade como processos em constante deslocamento. A sua vocação plural<sup>52</sup> permite incorporar práticas artísticas dissidentes nas suas múltiplas formas — performativas, visuais, afetivas — abrindo espaço para modos de criação que escapam aos parâmetros dominantes de legibilidade estética.

A dessexualização e a desvalorização sistemática de temas identitários manifestam-se de forma particularmente incisiva no tratamento crítico da obra de artistas de sexualidade dissidente. A sua produção é frequentemente marcada por uma desconsideração simultaneamente moral e estética, contrastando de forma flagrante com a forma como a sexualidade e o erotismo são reconhecidos e valorizados em obras canónicas da história da arte, como *Vénus de Urbino* (1538), de Ticiano, ou *Olympia* (1863), de Manet. Nestes casos, o corpo sexualizado e o olhar desejante são entendidos como sinais de transgressão formal, inovação estética e redefinição de cânones de beleza, desejo e identidade<sup>53</sup>.

Ao desafiar os mecanismos de dessexualização que operam fora — mas também dentro — da hegemonia heterossexual, a História da Arte queer afirma-se como um campo epistemologicamente insurgente. Não se trata apenas de criar novas narrativas ou de integrar artistas esquecidos, mas de reconfigurar o próprio modo como a história é escrita, lida e legitimada. Através da valorização de práticas artísticas produzidas por sujeitos de sexualidade dissidente, esta abordagem enriquece as perspetivas históricas ao introduzir categorias de análise que haviam sido sistematicamente excluídas ou neutralizadas. O seu gesto é político e reparador: resgatar obras e percursos apagados, desmontar os dispositivos críticos que sustentam o cânone<sup>54</sup>, e inscrever, na própria estrutura do discurso historiográfico, as vozes e os corpos que este tentou silenciar. Ao fazê-lo, a História da Arte queer não apenas amplia o campo disciplinar — ela resiste, de forma ativa e reflexiva, ao apagamento histórico de identidades dissidentes que foram, durante décadas, absorvidas e neutralizadas por um discurso normativo.

### 3.3. O silêncio como estratégia de sobrevivência

A invisibilidade da sexualidade nas obras de artistas queer portugueses ao longo do século XX não resulta apenas de uma imposição externa. Muitos desses sujeitos adotaram o silêncio como estratégia de sobrevivência num contexto de repressão legal, moral e simbólica. Durante o Estado Novo, a estigmatização da homossexualidade foi interiorizada<sup>55</sup>, alimentando sentimentos de vergonha, medo e exclusão social. A

---

<sup>51</sup> JAGOSE, Annamarie – Feminism’s Queer Theory. **Feminism & Psychology**. Vol. 19(2), 2009, p. 158.

<sup>52</sup> HALL, Donald – **Queer Theories**. London: Red Globe Press, 2003, p. 5.

<sup>53</sup> MAHON, Alyce. **Eroticism & Art**. Oxford University Press, 2006, p. 20.

<sup>54</sup> DOYLE, Jennifer – Queer Wallpaper. In PREZIOSI, Donald – **The Art of Art History: A Critical Anthology**. Oxford: Oxford History of Art (New Edition), 2006, p. 394.

<sup>55</sup> ALMEIDA, São João de – **Homossexuais no Estado Novo**. Lisboa: Sextante Editora, 2010, p. 31.

identidade negativa<sup>56</sup>, associada à homossexualidade enquanto “anomalia”<sup>57</sup>, marcou profundamente a cultura queer portuguesa<sup>58</sup>.

Esse silêncio, contudo, não equivale à ausência. O “não-dito” constitui, aqui, um campo de produção simbólica densa, onde o apagamento revela, por si só, uma forma de inscrição. A arqueologia histórica da dissidência não visa apenas tornar visível o que foi reprimido; trata-se de reconhecer que esse silêncio carrega uma dimensão política, constituindo uma contra-história que exige leitura atenta e ética.

### 3.4. Obstáculos materiais e simbólicos à investigação queer

A subalternização das obras de artistas de sexualidade dissidente está intimamente ligada à precariedade material e simbólica das vozes que as estudam. A produção académica em perspectiva queer, especialmente no campo da História da Arte, continua a ser frequentemente desvalorizada por uma comunidade científica que privilegia abordagens consideradas neutras, universalistas e estilisticamente “objetivas”. Este critério de legitimidade epistemológica opera como filtro de exclusão, não apenas em relação aos objetos de análise, mas também aos sujeitos investigadores, cujos percursos são frequentemente marcados por fragilidade institucional, escassez de financiamento e falta de reconhecimento.

Os obstáculos materiais a esta investigação são múltiplos. A ausência de linhas de financiamento especificamente dirigidas aos estudos queer, a inexistência de grupos de investigação estruturados com foco nestas temáticas, e a reduzida oferta curricular nas instituições de ensino superior, resultam numa profunda marginalização académica. A esta invisibilidade estrutural soma-se uma carência editorial significativa. São raras as publicações originais de teóricas/os queer em livrarias nacionais, e ainda mais escassas as traduções para português de obras canónicas — como *Gender Trouble*, de Judith Butler, cuja edição portuguesa só surgiu quase trinta anos após a sua publicação original<sup>59</sup>.

No caso específico da História da Arte, a situação é particularmente crítica. As bibliotecas universitárias carecem de acervos sobre arte queer, os manuais utilizados ignoram estas abordagens, e os currículos raramente contemplam artistas ou movimentos dissidentes. Quando publicações sobre arte queer, feminista ou separatista surgem, são quase sempre fruto do trabalho de editoras independentes, frequentemente remetidas para nichos de mercado com reduzida circulação e projeção institucional.

A conjugação destes obstáculos materiais e simbólicos não apenas limita o desenvolvimento da investigação queer em Portugal, como reforça um regime de exclusão retroalimentado: o que não é ensinado não é lido; o que não é lido não é financiado; o que não é financiado não é legitimado. Ao contrário do que se poderia supor, não é a falta de conteúdo que justifica o silêncio, mas a persistência de um modelo

---

<sup>56</sup> GAMEIRO, Octávio – **Do Acto à Identidade: Orientação sexual e estruturação social**. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 1998. Dissertação de Mestrado, p. 178.

<sup>57</sup> LOVE, Heather – **Feeling Backward: Loss and the Politics of Queer History**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2007, p. 4.

<sup>58</sup> MARQUES, Bruno – João Pedro Vale e Nuno Alexandre Ferreira: “cruising” no reino do não-dito. **Diálogos**. V. 26. Nº 1, 2022, p. 100.

<sup>59</sup> HORTA, Bruno – Judith Butler. O livro que mudou o sexo e o género já se lê em português. **Jornal Observador**, 22 de Setembro de 2017



académico que continua a definir os limites do saber legítimo — e, com ele, as fronteiras do visível.

### 3.5. A urgência de uma História da Arte queer: metodologias e desafios

A História da Arte queer não é apenas um projeto crítico; é uma necessidade epistemológica num campo que, durante décadas, se estruturou sobre a exclusão sistemática de subjetividades dissidentes. A dessexualização disciplinar produziu um silêncio estruturado, uma invisibilidade institucionalizada, onde a sexualidade e o desejo, quando dissidentes, foram convertidos em ruído, biografia irrelevante ou excesso interpretativo. Esse silêncio não é vazio: é uma presença densa e ambígua, aquilo que já se designou como o “não-dito”<sup>60</sup> — aquilo que simultaneamente não está presente e, no entanto, permeia tudo.

É neste terreno ambivalente, onde “a homossexualidade existe e não existe”<sup>61</sup>, que se torna urgente reimaginar os pressupostos da prática historiográfica. A ignorância deliberada da história queer — enquanto prática de apagamento e de reescrita seletiva — não apenas apaga trajetos individuais, mas extorque coletivamente as comunidades queer<sup>62</sup>, negando-lhes espessura histórica, genealogia cultural e reconhecimento epistémico. As biografias, quando omitidas ou despolitizadas, tornam-se espectrais — vivem no arquivo, mas não no discurso. A sua recusa é uma forma de morte social<sup>63</sup>.

Uma História da Arte queer tem, assim, uma missão dupla: resgatar os rastros da dissidência, mas também interrogar as condições que tornaram esse resgate necessário<sup>64</sup>. Não basta identificar artistas queer ou analisar obras com conteúdos homoeróticos. É preciso perguntar: quem produziu a obra? Com que intenções? A quem era dirigida? Quem a legitimou — ou recusou? Como foi lida nos seus contextos? Como circulou? Como foi silenciada? Em que medida a identidade sexual e afetiva do artista foi incorporada, codificada, omitida ou reprimida na obra? Que relações de poder moldaram essa negociação?

Estas questões são, ou deveriam ser, centrais à renovação da disciplina. A História da Arte queer exige que se reconfigure a própria relação entre sujeito e objeto da análise, recusando o modelo distanciado e neutralizante da crítica formalista e adotando uma metodologia situada, intersubjetiva e politicamente consciente. Significa repensar as práticas de investigação, escrita, curadoria e pedagogia a partir das margens — reconhecendo que essas margens são, na verdade, zonas de fratura do saber dominante.

A leitura de obras homoeróticas como casos isolados<sup>65</sup> — sem contexto, sem continuidade, sem linguagem própria — impede-nos de compreender a sua dimensão transgressora e a sua capacidade de agir como resistência simbólica e material face à

---

<sup>60</sup> MARQUES, Bruno – João Pedro Vale e Nuno Alexandre Ferreira: “cruising” no reino do não-dito. **Diálogos**. V. 26. Nº 1, 2022. pp. 98-122

<sup>61</sup> HOCQUENGHEM, Guy – **La dérive homosexuelle**. Jean-Pierre Delarge, 1977, p. 9.

<sup>62</sup> Idem, p. 19.

<sup>63</sup> CASCAIS, António Fernando – **Dissidências e Resistências Homossexuais no Século XX Português**. Lisboa: Letra Livre, 2024, p. 15.

<sup>64</sup> DOYLE, Jennifer – Queer Wallpaper. In PREZIOSI, Donald – **The Art of Art History: A Critical Anthology**. Oxford: Oxford History of Art (New Edition), 2006, p. 391.

<sup>65</sup> PINHARANDA, João Lima (org.) – **Mário Cesariny**. Assírio & Alvim, 2004, p. 31.

repressão normativa<sup>66</sup>. Estas imagens não são apenas vestígios de desejo: são estratégias de sobrevivência, actos de insurgência quotidiana<sup>67</sup>, modos de escrever o corpo fora das gramáticas do admissível.

A urgência de uma História da Arte queer reside, por isso, não na sua função reparadora ou inclusiva, mas na sua capacidade de produzir uma ruptura crítica com os paradigmas que sustentaram a exclusão. Trata-se de desconstruir o cânone, sim — mas também de recusar os seus critérios de legitimação como universais. Significa imaginar outra cultura visual, uma que não tenha sido sonhada pela mente heterossexual.

### **Considerações finais: o silêncio como estrutura e sintoma**

A omissão das narrativas queer na historiografia da arte portuguesa não é um simples desvio, nem um lapso explicável por contingências históricas. É, antes, o resultado de um processo disciplinar meticuloso de dessexualização — uma operação sustentada por paradigmas metodológicos que consagram a forma, o estilo e a neutralidade como critérios epistemológicos e que, sob essa aparência de objetividade, legitimam o apagamento das subjetividades dissidentes. Este silêncio, longe de ser vazio ou ausência, constitui uma gramática repressiva que regula o que pode ser visto, dito e pensado no interior da disciplina.

Ao longo do século XX, artistas de sexualidade dissidente foram sistematicamente marginalizados ou assimilados por leituras que, ao privilegiarem o formalismo e a estilística, desativaram o potencial político, afetivo e estético das suas obras. A sexualidade, quando admitida, é canalizada por códigos heteronormativos — como o desejo masculino ou a feminilidade estetizada —, nunca reconhecida como operador epistemológico ou como lugar de produção de conhecimento. O resultado é um cânone que neutraliza a diferença, reconfigurando a dissidência como exceção tolerada ou como ruído interpretativo.

Mais do que uma falha de representação, esta exclusão é uma estratégia de controlo disciplinar. A hegemonia cis-heteronormativa que organiza a História da Arte em Portugal não opera apenas ao nível temático: funda-se numa economia do visível, num regime de legibilidade que decide o que pode ser reconhecido como arte, o que é digno de análise e quem tem direito à inscrição histórica. A lógica neoliberal<sup>68</sup> da inclusão superficial permite que as vozes queer circulem desde que não desestabilizem o edifício crítico e institucional. O que se produz, nesse contexto, é uma visibilidade sem reconhecimento.

A História da Arte queer, neste cenário, não pode ser concebida como uma simples prática de adição ou reparação. A sua proposta é mais radical: ela exige a reconfiguração profunda do olhar disciplinar, a reconstrução dos dispositivos críticos e a reinvenção dos critérios de valor. Reescrever a história da arte a partir da dissidência é recusar a ilusão da neutralidade e reconhecer que toda a construção historiográfica é também uma tomada de posição política.

---

<sup>66</sup> Idem, p. 6.

<sup>67</sup> SEDWICK, Eve Kosofsky – **Tendencies**. Duke University Press, 1993, p. 3.

<sup>68</sup> NELSON, Jennifer – What is the historical specificity of current calls to decolonize art history? How are they different from previous challenges to the discipline (such as postcolonialism, feminism, queer studies, Marxism)? In GRANT, Catherine e PRICE, Dorothy – **Decolonizing Art History**. Association for Art History, 2020, p. 42.

O “não-dito”<sup>69</sup> é simultaneamente sintoma e arquivo. Ele carrega, sob a superfície do esquecimento, os traços de uma memória resistente que exige novas metodologias de escuta e novas formas de leitura. O silêncio em torno da sexualidade dissidente não é apenas repressão: é uma linguagem subterrânea, feita de deslocamentos, omissões, codificações e estratégias de sobrevivência. Interpretá-lo exige uma hermenêutica crítica capaz de articular a ausência como inscrição, a opacidade como resistência, e a invisibilidade como forma de existência.

Neste sentido, imaginar uma História da Arte queer é mais do que uma tarefa académica: é um exercício ético, epistemológico e político. Trata-se de interrogar os fundamentos da disciplina, de desnaturalizar os seus filtros, e de abrir espaço a outras perguntas: e se a arte não tivesse sido pensada a partir da heterossexualidade normativa? Que imagens teriam sido legíveis? Que artistas teriam sido lembrados? Que histórias teriam sido contadas?

Reimaginar a disciplina a partir da dissidência é, assim, um gesto de insubmissão crítica. É afirmar que aquilo que foi silenciado não desapareceu — sobreviveu nos interstícios, nas margens, nos arquivos opacos, nas obras que insistem em dizer o que não podia ser dito. Cabe-nos, agora, desenvolver os instrumentos teóricos e políticos para escutá-las — e, com elas, reescrever o campo inteiro da História da Arte.

## Bibliografia

AFONSO, Raquel – **Homossexualidade e resistência durante a ditadura portuguesa: estudos de caso**. Universidade Nova de Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 2018. Dissertação de Mestrado em Antropologia.

ALMEIDA, Bernardo Pinto de – **Arte Portuguesa no Século XX. Uma História Crítica**. Coral Books, 2017.

ALMEIDA, Bernardo Pinto de – **A situação portuguesa (entrevista com João Fernandes e Ulrich Loock)**. In Loock, Ulrich (ed.) – **Anos 80. Uma Topologia**. Porto: Museu Serralves, 2007, pp. 96-109.

ALMEIDA, Bernardo Pinto de – **Transição - Ciclopes, Mutantes, Apocalípticos. A nova paisagem artística no final do século XX**. Assírio & Alvim, 2003.

ALMEIDA, São João de – **Homossexuais no Estado Novo**. Lisboa: Sextante Editora, 2010.

BRANDÃO, Ana Maria – **Lesbianismo, Feminismo e Activismo Gay: Alianças Difíceis**. **LES Online**. Vol. 1 (nº 1), 2009. pp. 12-20.

CASCAIS, António Fernando (org.) – **Indisciplinar a Teoria. Estudos gays, lésbicos e queer**. Lisboa: Fenda, 2004.

CASCAIS, António Fernando – **Dissidências e Resistências Homossexuais no Século XX Português**. Lisboa: Letra Livre, 2024.

---

<sup>69</sup> MARQUES, Bruno – João Pedro Vale e Nuno Alexandre Ferreira: “cruising” no reino do não-dito. **Diálogos**. V. 26. Nº 1, 2022. pp. 98-122.

COOPER, Emmanuel – **The Sexual Perspective. Homosexuality and Art in the Last 100 Years in the West**. Routledge & Kegan Paul Books Ltd, 1986.

DOYLE, Jennifer (org.) – **Pop Out: Queer Warhol**. Durham, NC: Duke University Press, 1996.

DOYLE, Jennifer – Queer Wallpaper. In PREZIOSI, Donald – **The Art of Art History: A Critical Anthology**. Oxford: Oxford History of Art (New Edition), 2006. pp. 391-401.

GAMEIRO, Octávio – **Do Acto à Identidade: Orientação sexual e estruturação social**. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 1998. Dissertação de Mestrado.

GONÇALVES, Rui Mário – **100 Pintores Portugueses do Século XX**. Lisboa: Alfa, 1986.

GONÇALVES, Rui Mário – **História da Arte em Portugal. De 1945 à Actualidade**. Lisboa: Publicações Alfa, 1986.

GONÇALVES, Rui Mário – **História da Arte em Portugal. Pioneiros da Modernidade**. Lisboa: Publicações Alfa, 1986.

FERNANDES, João, e RAMOS, Maria – **Perspectiva: Alternativa Zero** (Catálogo de Exposição). Porto: Fundação Serralves, 1997.

FRANÇA, José-Augusto – **A Arte em Portugal no Século XX. 1911-1961**. Livros Horizonte, 2009.

FRANÇA, José-Augusto – **História da Arte em Portugal - O Modernismo**. Editorial Presença, 2004.

FRANÇA, José-Augusto – **Oito Ensaios sobre Arte Contemporânea. (compilação de textos entre 1962 e 1966)**. Lisboa: Europa América, 1967.

HALL, Donald – **Queer Theories**. London: Red Globe Press, 2003.

HOCQUENGHEM, Guy – **La dérive homosexuelle**. Jean-Pierre Delarge, 1977.

HORTA, Bruno – Judith Butler. O livro que mudou o sexo e o género já se lê em português. **Jornal Observador**, 22 de Setembro de 2017.

JAGOSE, Annamarie – Feminism's Queer Theory. **Feminism & Psychology**. Vol. 19(2), 2009. pp. 157-174.

JONES, Amelia – Introduction: Sexual differences and otherwise. In JONES, Amelia, e SILVER, Erin (ed.) – **Otherwise: Imagining queer feminist art histories (Rethinking Art's Histories)**. Manchester University Press, 2016. pp. 1-50.

JONES, Amelia, e SILVER, Erin – Queer theory and feminist art history: an imperfect genealogy - Amelia Jones and Erin Silver. In JONES, Amelia, e SILVER, Erin (ed.) –

**Otherwise: Imagining queer feminist art histories (Rethinking Art's Histories).** Manchester University Press, 2016. pp. 51-104.

LOVE, Heather – **Feeling Backward: Loss and the Politics of Queer History.** Cambridge, MA: Harvard University Press, 2007.

MAHON, Alyce. **Eroticism & Art.** Oxford University Press, 2006.

MARQUES, Bruno – João Pedro Vale e Nuno Alexandre Ferreira: “cruising” no reino do não-dito. **Diálogos.** V. 26. Nº 1, 2022. pp. 98-122.

MARQUES, Bruno – Com aquilo naquilo, por João Pedro Vale e Nuno Alexandre Ferreira: para uma «história imaginada» sobre repressão à vivência homossexual. In CASCAIS, António Fernando (ed.) – **Dissidências e Resistências Homossexuais no Século XX Português.** Letra Livre, 2024. pp. 277-318.

MARQUES, Bruno – A arte como revolução em nome da visibilização das mulheres lésbicas: Entrevista com Ana Pérez-Quiroga. **Revista 2i: Estudos De Identidade E Intermedialidade.** Nº 6(10), 2024. pp. 133–154.

MARQUES, Bruno e BRAZ, Ivo André – Vasco Araújo et ALII: A in-atualidade da identidade contemporânea. **Revista de História da Arte.** Nº 12, 2015. pp. 217-233.

MARQUES, Bruno e CALDEIRA, Ana Catarina – Queering Moby Dick. Pornography as a political strategy in João Pedro Vale and Nuno Alexandre Ferreira. **Miguel Hernández Communication Journal.** Vol. 15 (1), 2024. pp. 113-137.

MCCANN, Hannah, e MONAGHAN, Whitney – **Queer Theory Now: From Foundations to Futures.** Bloomsbury Academic, 2019.

MELO, Alexandre – **Artes Plásticas em Portugal. Dos anos 70 aos nossos dias.** Difel, 1998.

MELO, Alexandre – **Cúmplice dos Artistas. Conversas com Sara Antónia Matos e Pedro Faro seguido de uma conversa com João Pedro Vale e Nuno Alexandre Ferreira (Rádio Quântica).** Documenta, 2018.

MEYER, Richard – Reviewed Work: Speaking for Vice: Homosexuality in the Art of Charles Demuth, Marsden Hartley, and the First American Avant-Garde by Jonathan Weinberg. **Art Journal.** Volume 53 (3), 1994. pp. 102-104.

NELSON, Jennifer – What is the historical specificity of current calls to decolonize art history? How are they different from previous challenges to the discipline (such as postcolonialism, feminism, queer studies, Marxism)? In GRANT, Catherine e PRICE, Dorothy – **Decolonizing Art History.** Association for Art History, 2020. pp. 42-43.

NOGUEIRA, Isabel – **História da Arte em Portugal: do Marcelismo ao Final do Século XX.** Bookbuilders, 2021.

PEREIRA, Paulo – **Arte Portuguesa - História Essencial.** Temas e Debates, 2014.



PERNES, Fernando – **Um Olhar sobre a Arte Contemporânea** (Catálogo de Exposição). Porto: Casa de Serralves / Secretariado de Estado da Cultura, 1988.

PINHARANDA, João Lima (org.) – **Mário Cesariny**. Assírio & Alvim, 2004.

PINHARANDA, João Lima – O Declínio das Vanguardas: Dos anos 50 ao fim do milénio. In PEREIRA, Paulo (dir.) – **História da Arte Portuguesa. O Declínio das Vanguardas**. Vol. 10, Lisboa: Círculo de Leitores, pp. 93-135.

SANTOS, Mariana Pinto dos – O legado de José-Augusto França na escrita da História da Arte em Portugal: caracterização crítica do cânone e de exemplos da sua persistência. **Práticas da História, Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past**. Nº 1, 2015. pp. 61-87.

SEDWICK, Eve Kosofsky – **Tendencies**. Duke University Press, 1993.

SILVA, Raquel Henriques da – Sinais de Ruptura: «Livres» e Humoristas. In PEREIRA, Paulo (dir.) – **História da Arte Portuguesa. A Ruptura Moderna (século XX)**. Vol. 9, Lisboa: Círculo de Leitores, pp. 7-41.

VICENTE, Filipa – História da arte e feminismo: uma reflexão sobre o caso português. **Revista de História da Arte**. Nº 10, 2012. pp. 211-225.

WALTON, David – **Doing Cultural Theory**. Los Angeles: SAGE Publications, 2012.

# Siza's Artisticity in Santiago de Compostela: the Galician Centre of Contemporary Art

**Leonor de Andrade Calhau**

Instituto Superior Técnico – Universidade de Lisboa  
[leonordandradecalhau@gmail.com](mailto:leonordandradecalhau@gmail.com)

**Ana Tostões**

Instituto Superior Técnico – Universidade de Lisboa | CiTUA  
[ana.tostoes@tecnico.ulisboa.pt](mailto:ana.tostoes@tecnico.ulisboa.pt)

**Abstract:** Architecture for museums underwent numerous transformations throughout the 20th century, following the evolution of the museum concept – not only as an exhibition space, but also as a place for experimentation, responding to societal changes. Álvaro Siza Vieira, regarded as one of the most distinctive Portuguese architects emerging at the end of the Modern Movement and into contemporary times, stands out in the design of such spaces, managing to transcend their merely expository function. The *Centro Galego de Arte Contemporánea* (1993) was Álvaro Siza's first museological project. It is in this project that he first confronts the challenges of designing a museum and addressing its specificities – managing light, designing visitor routes, and integrating the building into the urban context. Here, Siza creates strategies and forms for this typology, which he would later refine in his subsequent museum projects. Though experimental, the CGAC results in a singular work due to Siza's ability to reinterpret modernity in an effort to transcend rationalism and functionalism. He draws from that language while applying a kind of artistic manipulation. It represents a new way of designing – not rejecting the past, but revolutionizing a codified architectural language. Siza conceives spaces that do not merely preserve art, but become part of the artistic experience themselves, as if they were sculptures. Can Siza's Museum be considered a work of art - and, if so, does that make him an artist?

**Key-words:** context, *promenade*, triangle, inverted-table, plasticity

## Introduction

The *Centro Galego de Arte Contemporánea* (1993), was taken as the case study for this article with the aim to demonstrate Álvaro Siza's uniqueness and arguing that he is one of the most capable figures in museum design.

The aim was primarily to understand how the project fits into the historical and cultural context of the city of Compostela, particularly in its relationship with the San Domingos de Bonaval complex. Referring to authors who have extensively theorized about Siza, as well as interviews with the architect and texts written by him, a theoretical analysis of his work was carried out. Research was also conducted focusing on the history of museums and their evolution in the 20th century, as well as modernist influences on Siza's design thinking. His archive was consulted, with access to technical drawings, photographs, and sketches, and an on-site visit to the museum in Santiago de Compostela was conducted.

With the objective of exploring the artistic side of the architect, a study is conducted of the elements he creates, both material and immaterial, as devices for the propagation of light, the use of geometry (especially the triangular form) the routes he proposes to the visitor, the design of the spaces, the materiality, which result in the spatial experience.

This study is part of the ongoing master's thesis in architecture entitled "Siza's Artisticity: From Santiago de Compostela to Porto Alegre, from Porto do Paju," supervised by Professor Ana Tostões, PhD, which proposes a more comprehensive analysis of Álvaro Siza's museological projects, based on four case studies – the Galician Centre of Contemporary Art (Santiago de Compostela, 1993), the Museum of Contemporary Art of Serralves (Porto, 1999), the Iberê Camargo Foundation (Porto Alegre, 2008), and the Mimesis Museum (Paju, 2009).

## Development

### Historical and Cultural Context

In 1976, the SIAC<sup>1</sup> – *I Seminario Internacional de Arquitectura en Compostela* – took place in Santiago de Compostela, as a result of the reflections that emerged during the 1970s and 1980s concerning this city and the region of Galicia. It arose at a time when the Iberian Peninsula, having just emerged from a dictatorship, found itself frozen in time. This contributed to the preservation of the historic centres, in contrast to what could be observed in other European cities, many of which destroyed by war. Thus, the SIAC emerged as an attempt to approach the historic city with a perspective distinct from that of the rest of Europe, focusing on the problematic relationship between Santiago's historic centre and its periphery. The seminar brought together several figures, among them Aldo Rossi, Salvador Tarragó, James Stirling, Eduardo Souto de Moura and Álvaro Siza Vieira himself.

One of the project groups, coordinated by Carlos Martí Arís and Salvador Tarragó, focused on the study area of Santo Domingo, basing their work on three monuments: the Hospital of San Roque and the convents of Santo Domingo and Santa Clara. "These three

---

<sup>1</sup> The I International Seminar of Architecture in Compostela, which took place between September 27 and October 9, was directed by Aldo Rossi and had Salvador Tarragó as its secretary. It was organised by the Colegio de Arquitectos de Galicia (founded in 1973).

buildings constitute the vertices of a virtual triangle that governs the whole system of polarities and on the basis of which the historical development of the area is established.”<sup>2</sup>

However, it was not in the 1970s that Siza first visited Santiago, but rather in the late 1940s, during a family trip. “My relationship with this city is long-standing. I visited it at a very young age, as a boy who could not have imagined that he would one day become an architect. I found myself immersed in this impressive granitic mass, this geometric platform that dominates a fertile landscape—shaped by architects and sculptors of great talent, universal for centuries.”<sup>3</sup>

Subsequently, in the 1980s, a policy of cultural normalization emerged in Galicia, as a response to the still recent Francoist dictatorship. Largely promoted by the Xunta de Galicia, this policy aimed to promote and disseminate Galician culture through the development of cultural infrastructure, art centres, and cultural events, enabling Galicia’s entry into the international artistic circuit. One of the most important buildings of this cultural promotion is the Galician Centre of Contemporary Art (CGAC) in Santiago de Compostela, inaugurated in 1993. Years earlier, also within this cultural movement, the Museo do Pobo Galego (MPG) was founded in 1976, housed in the Convent of San Domingos de Bonaval – directly across from where the CGAC would later be built. These two buildings engage in a dialogue, complementing each other in the affirmation of Galician culture and identity, though in different ways. The MPG focuses on Galician tradition and identity, meanwhile the CGAC reflects Galicia’s openness to international contemporary art trends. The site and its proximity to both the MPG and the Convent will prove to be crucial to Siza’s museum project. Although it is located outside the historic centre of Santiago, it is situated near one of the city’s historic gates, the *Porta do Camiño*.

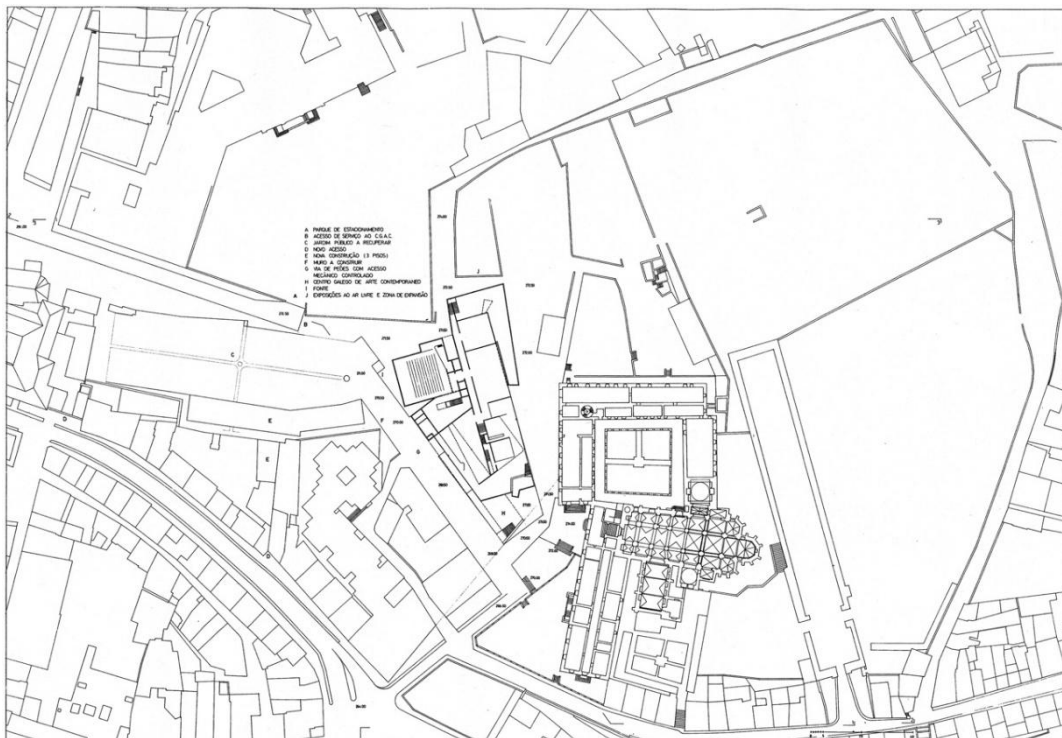


Fig.1 – Site plan of the area of San Domingos de Bonaval. Source: Atelier Álvaro Siza.

<sup>2</sup> TARRAGÓ, Salvador, G. BERAMENDI, Justo (eds) - **Proyecto y ciudad histórica. I Seminario Internacional de Architecture en Compostela**. Santiago de Compostela: C.O.A.G., 1976. p. 281.

<sup>3</sup> SIZA, Álvaro – Medalha de Ouro de Santiago de Compostela. In SIZA, Álvaro – **Textos. 1**. Lisboa: Parceria A.M. Pereira, 2019. p.238.

The CGAC project began in 1988, marking the first museum complex designed by Álvaro Siza. With no prior experience in museum design, it's in this project that he will apply his experimental ideas in their purest form. This constitutes his first opportunity to address the concept of monument, due to strong urban implications, in the context of heritage values and historical-monumental aspects<sup>4</sup>. Without a defined program and a permanent collection, there was the difficulty of establishing a dialogue with the artworks during the design process. Given this, Siza designed a flexible museum, with galleries capable of adapting to any future needs, in which he had the opportunity of designing during the construction of the building and making changes on site, something that would be impossible nowadays.

### The Museum and the City

As already addressed in the SIAC, there was a need for unification, and the new museum works as an interstitial point between the old and the new identity of Santiago, between the traditional and the contemporary, combining art, landscape and territory. The project required both the construction of the museum, creating a platform for the new building as well as the restoration and expansion of the terraces and walls in ruins in the Convent's garden. The Convent of San Domingos de Bonaval dates back to the 13<sup>th</sup> century, having been founded by San Domingo, descendant of the Counts of Traba, during a visit to Santiago in 1220. The church was later built in the 14<sup>th</sup> century, according to the principles of mendicant architecture. Based on an 18<sup>th</sup> century plan, the logic of the green areas and the internal organization of the convent were identified. This approach to the Convent was a delicate matter, so it was requested for the museum to be hidden, due to its proximity to the national monument, by positioning the building away from the road, Rua de Ramón del Valle-Inclán, "(...) the fear of seeing contemporary architecture emerge in the old city."<sup>5</sup> Siza opposed these demands, arguing that a cultural centre is a building which plays a strong role in the life of the city, and therefore cannot be hidden. From that moment on, the building would engage in a dialogue with the city – both through its proximity to the road and by remaining visible – confronting the Convent and helping to define the new boundaries of the garden. It was through an in-depth study of the surrounding area – the convent, the church and the garden – that Siza was able to establish a relationship with the pre-existing elements, even resorting to the help of archaeologists in the process.

---

<sup>4</sup> TOSTÕES, Ana – O Pavilhão de Portugal por Álvaro Siza. A Pedra Fundadora ou a Ponta do Fio da Meada que Constrói o Projeto. In PINTO, Paulo Tormenta, TOSTÕES, Ana (ed) – **A monumentalidade crítica de Álvaro Siza**. 1<sup>st</sup> edition. Porto: Circo de Ideias, 2023. p.42-71.

<sup>5</sup> SIZA, Álvaro - "É por isso que a Arquitetura é uma Arte?" O Centro Galego de Arte Contemporânea de Santiago de Compostela, 2. (Interview with Dominique Machabert, Santiago de Compostela, April 1995). In MACHABERT, Dominique, BEAUDOUIN, Laurent – **Álvaro Siza: Uma questão de medida. Entrevistas**. 1<sup>st</sup> edition. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2009 [1995]. p.153





Fig.2 – Façade of the museum. Elaborated by the author. Fig.3 – Entrance to the museum. Elaborated by the author. Fig.4 – View of the church from the museum's entrance. Elaborated by the author.

The relationship with the exterior was thought in a way that would not compromise the interior needs, resulting in three distinct areas: the atrium and offices, located on the roadside; the auditorium and library, which, beyond the corner, pull away from the street; and the exhibition rooms, café and bookshop, facing the garden.

The area facing Rua de Ramón del Valle-Inclán takes advantage of its connection with the city and the movement of the street, becoming the main façade for visitors arriving from the city centre. The atrium and reception benefit from the light that enters through the large horizontal opening in this wall, while the offices on the upper floor are protected by a “suspended” secondary wall, which defines the perimeter of the museum on the roadside. The entrance to the museum, following the line of the road, is accessed via a ramp that runs along this same limit, or alternatively through the stairs located just beyond the ramp. Another option to reach the upper level is ascending to the right, along the open street, facing the church – at a point where historical and contemporary architectures come into confrontation. As one ascends, the ramp narrows, emphasizing this dialogue between buildings. When reaching the upper level, one finds the, now covered, entrance, from where it is possible to glimpse the corridor leading to the left, toward the reception and the main atrium, or to the right, to access the bookshop, café, and service areas located on the lower floor. The corridor features the continuous horizontal opening that accompanies the visitor along the path to the main atrium and establishes a visual dialogue with the road and the buildings across the street. The atrium becomes a central point which serves the surrounding areas. From there, one can access the auditorium and library area – following the line traced by the reception, along a ceiling that gradually increases in height – and the exhibition rooms, crossing the atrium. The exhibition area, opposite the street side, is distributed over three levels, one at the entrance level, and two others, one above and one below.

### Spatial Fragmentation

The museum is then based on the three areas mentioned, which create two rectangular volumes, topped by a third one. The intersection of the different directions of the three volumes results in the recurring shape of a triangle in plan, which will be present throughout the whole museum. The spatial composition is structured around three defining triangles: the exterior entrance area, the limits of the main atrium and the corner of the museum formed on the roadside.

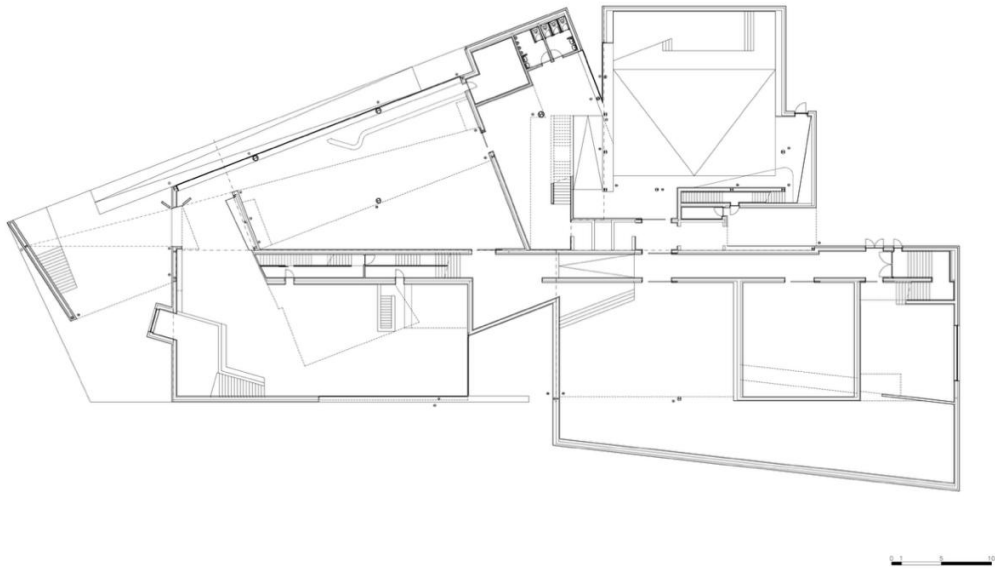


Fig.5 – Plan of the ground floor. Source: Atelier Álvaro Siza.

In the exterior entrance area, facing the convent, the two volumes of the museum form the two sides of an equilateral triangle, completed by a third side defined by the platform at the convent's level. This opening formed by the angle of the museum walls toward the church façade creates a dialogue between both, also acting as a “defining hinge” for the entrance to the garden. This entrance opens up as one follows the path defined by the façades of the CGAC and the Museo do Pobo Galego, in contrast with the previous narrowing of the ramp on the ascent between the CGAC and the Convent.

The main atrium becomes the core space of the museum, formed by the two main volumes that compose it, creating the defining triangle of the whole, referred to by William Curtis as an “internalized plaza”. The two acute angles, together with the right angle, generate this interstitial space, becoming monumental due to the ceiling that rises to the full height of the museum. The hypotenuse of this triangle defines the wall that separates the atrium from the exhibition rooms, featuring a large opening halfway up the staircase leading to the upper floor, and a window on an inclined wall offering a view toward the museum's terrace. This opening creates a sense of curiosity about what exists above, establishing a relationship with the exterior – not with the surrounding buildings, but with the vastness of the sky, paired with the granite plane of the terrace. This detail reflects Siza's trait of choosing specific views of the exterior, depending on the interior.

The irregularity of the topography and the space available led to the creation of a triangular opening on the exterior of the building, caused by the twisting of the main façade – which originally followed the street parallelly – and the resulting fragmentation of the structure, generating the volume that houses the auditorium and the library. This opening span the full height of the building, exceeding it.



Fig. 6, 7, 8 – The form of the triangle through the museum. Elaborated by the author.

### The Triangle

Could the persistent use of the triangular form be linked to the 1976 SIAC study of this area, in which the project group identified a “virtual triangle”, defined by the Hospital of San Roque, and the convents of Santo Domingo and Santa Clara? Might this triangle, outlined by the city itself, have been transposed into the new museum space?

The triangular form has long been used in art and carries various meanings. It represents stability and equilibrium and has also been used to create a sense of depth and harmony in works of art, such as Leonardo da Vinci’s *Mona Lisa*. It holds a religious connotation, when associated with the Holy Trinity – the Father, the Son and the Holy Spirit. The city of Santiago de Compostela has a strong connection to religion, being one of the main centres of Christian pilgrimage. It is in this city that pilgrims conclude the route known as *Camino de Santiago*, upon reaching the Cathedral of Santiago de Compostela. Álvaro Siza always integrates the project with the place in which it is located. In this case, one could say that given the museum is located in such a deeply religious city, the triangle brings into the museum the symbolism of the Holy Trinity. It is also through the angles resulting from this triangular form that the building is capable of adapting to the irregular topography.

Josep Maria Montaner classified the CGAC as a “museum that turns inward”. According to him, it consists in a museum that, starting from the interior, seeks focal points in the exterior, controlling natural light to its advantage and creating viewpoints of the surrounding environment, while adapting to the needs of the site<sup>6</sup>. Following the triangular form, in this sense the museum tends to turn inward, creating a core, yet without ignoring its context. The diagonals it creates break the orthogonality of the museum, generating a fluidity of movement both inside and outside.

### The Promenade

Siza proposes this *promenade architecturale*, guiding visitors through a journey of spatial discovery within the museum, generating movement. In this case, as referenced by Fernando Távora, Álvaro Siza’s mentor, the space is not only based on the three dimensions (x,y,z), being added a fourth dimension, time (t). A point in space does not remain static, but in motion, creating the notion of space-time. This point, the visitor, enriches the dimensionality of space.<sup>7</sup> These routes explore the experience of movement through different layers of opacity and transparency, giving hints to guide the visitor, “ambiguities of perception”, through converging and diverging lines. One can experience alternations of visual tensions, from framing to framed, from foreground to background.

<sup>6</sup> MONTANER, Josep Maria – **Museus para o século XXI**. Barcelona: Gustavo Gili, 2003.

<sup>7</sup> TÁVORA, Fernando – **Da organização do espaço**. Porto: FAUP, 2015 [1962].

This overlapping of plans can be related to a sense of cubism, fragmentation, a relationship between the new and old fragments, which are not reduced to a unit, but exist as parallel realities.<sup>8</sup>

The exhibition rooms are mostly regular and arranged in sequence, evoking the form of the classical museum. However, the regularity of the rooms does not result in a strict path, but rather an organic one. The rooms' entrances/exits influence the visitor's route, suggesting a diagonal movement through each one. The sequence of rooms doesn't become a monotonous path, as each one of them has different characteristics, in terms of lighting, angles, and arrangement of elements. The sliding doors work as a flexible element that allows the adjustment of the layout depending on the exhibition. Furthermore, the thoughtfully designed ceilings become a key feature in Siza's museum, as they play a significant role in this *promenade*, guiding the movement and creating transitions, sometimes through changes in height, either increasing or decreasing. Although based on the organization of the classical museum, Siza exercises an artistic manipulation through the deliberate positioning of entrances and the poetic design of the ceilings.

The itinerary that began outside, continues inside. From the atrium, one enters the "circulation spine"<sup>9</sup>, which connects all the galleries, functioning as a unifying element. From here, one encounters an inclined wall that guides the path toward the first gallery. The four steps at the entrance of the room symbolize the transition from the corridor into a distinct space – the exhibition area – and its orientation also indicates the direction toward the next doorway at the opposite end of the room. The ceilings further assist in shaping the path: one part of the gallery features a high ceiling, which then lowers as one approaches the passage to the next room — another element that subtly guides the visitor along their route. The east wall accompanying the next rooms follows the platform shaped in accordance with the garden, resulting in an opening of the space. At the end of this wall, there is an exit leading to a room just before the main corridor, where to the right Siza creates a slit in the wall, allowing a view of the exterior — in this case, a glimpse of the wall that defines the museum's perimeter, which contains a green area. Siza chooses a very specific framing for the visitor to contemplate, after having already traversed part of the museum's route, functioning as a pause where one can rest.

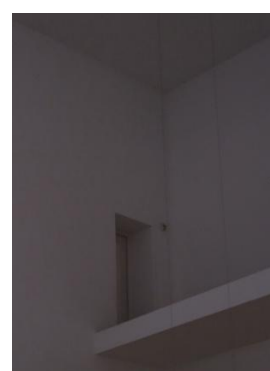
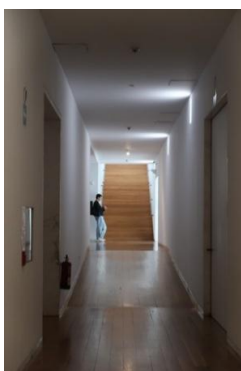


Fig.9 – View of the exterior. Elaborated by the author. Fig.10 – Central Corridor. Elaborated by the author. Fig.11 – View of the suspended corridor on the ground floor. Elaborated by the author.

<sup>8</sup> J. R. CURTIS, William – An Architecture of Edges. **El Croquis. Alvaro Siza 1958-1994**. El Escorial: El Croquis Editorial. 68/69 (1994).

<sup>9</sup> FRAMPTON, Kenneth – Architecture as Critical Transformation: The Work of Álvaro Siza. In FRAMPTON, Kenneth - **Álvaro Siza: complete works**. London: Phaidon Press, 2006. p.11-65.

Returning to the central corridor, turning right provides access to the galleries on the lower floor and allows one to return to the ground floor through the same access. Turning left in the central corridor, there's a room that features a particularly curious element: a passage that crosses the room from one wall to the other, ending on the left in a door that appears to lead outside. This ambiguity provokes a sense of doubt and curiosity in the visitor. How does one get there? Perhaps by going to the upper floor. As one continues along the itinerary, it may become possible to answer this question.

Crossing the central corridor, one reaches a staircase that leads to the upper floor. However, it is not merely a passageway, but rather a place of views. Midway up, on the right, Siza cuts into the wall parallel to the stairs, allowing the visitor to glimpse the atrium from specific and limited perspectives, as the opening is positioned well above the handrail. Still on the stairs, if one turns around, Siza opens the wall behind, offering a view of the upper floor's central corridor. This perspective gives a clue as to where one will arrive after walking through the galleries.

Upon reaching the upper floor, the three galleries are once again arranged sequentially and, upon entering the last one, one encounters the suspended corridor that crossed the room on the lower floor, previously mentioned. This element is not traversable, as it lacks side protections and is blocked by a lightweight iron structure. Siza creates these ironic moments that offer the visitor a connection to the outside, even if impossible to reach. Although passage is blocked, the iron structure features a break, as if becoming fragile, suggesting that perhaps one could pass it through – if there were no rules in the museum. The corridor ends at a balcony window, which could imply that the path could continue beyond. Another distinguishing feature of the upper rooms, setting them apart from the others, is the lighting element designed by Siza.

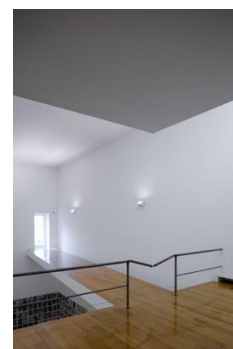


Fig.12 – Opening from the staircase to the central corridor. Elaborated by the author. Fig.13 – View from the staircase to the main atrium. Elaborated by the author. Fig.14 – View of the suspended corridor on the upper floor. Source: Espaço de Arquitetura.

### The Inverted Table

Throughout the *promenade* of the museum, Siza is concerned with the thoughtful use of light. In his previous projects, it was never something direct and obvious, and when it comes to lighting for museum spaces, the care tends to double, as it is no longer just about the poetry of the space and the perception of the visitors, but about the interaction of light with the artworks. It is known that the best lighting for these elements is natural light, but this requires various precautions due to the conservation of the pieces. In the case of CGAC, the exhibition rooms don't have openings to the exterior – which gives its façade a strength identical to that of the church and convent. That being said, Siza creates a



device which, by eliminating the elements that disturb the space, results in light as close as possible to the natural daylight. This device is nothing more than an upside-down table, referred to as the “inverted table”. By creating this suspended ceiling, Siza is capable of hiding the visual noise of the necessary structures to natural or artificial lighting. The light becomes diffuse and, consequently, more natural, despite the weight the table has on the room. The creation of this device demonstrates Siza’s characteristic plasticity. He could have created a discrete form of light, but instead he sculpts a heavy object with identity, one that marks its presence in the room, yet does not overshadow the artworks, on the contrary, it highlights them. The light exits through the sides of the table and illuminates the walls of the room where the artworks are located.<sup>10</sup> The inverted table becomes a formal component, with identity, instead of a mere technical element.

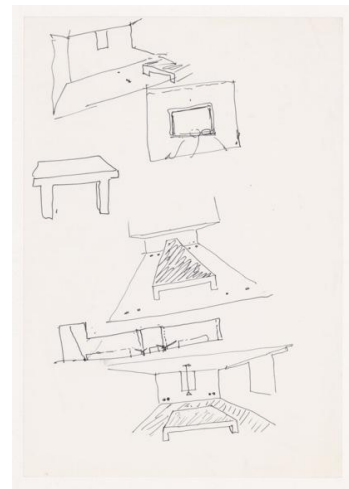


Fig.15 – Inverted table. Elaborated by the author. Fig.16 – Sketches of the inverted table. Source: Álvaro Siza fonds, Collection Canadian Centre for Architecture, Montréal.

### Materiality and Plasticity

This sense of luminosity throughout the museum is not only dependent on the lighting systems, but also on the materials used, such as the white marble flooring, the light timber of the furniture, and the walls and ceiling painted white, which contrast with the darker granite exterior. In the same way as light, the materials provide continuity to the space. The Greek marble used on the floor inside merges with the counter of the reception, as well as it is interrupted as one moves from the atrium to the exhibition area, marking a shift, becoming timber flooring. This use of interior marble surfaces reflects the influence of a reference figure of Siza. In one of his sketches for the museum, he writes alongside the drawings “Adolf Loos: impression of something new, impression of luxury, something precious (...) Continuity versus discontinuity.” Loos defended the use of materials with formal expression and quality, attributing a certain poetic sense to the architectural project. Quality material must not be used as superfluous decorative ornaments, but rather as space-defining elements.<sup>11</sup> This authenticity of the material is explored by Siza through the use of marble in the interiors.

In the exterior, however, the material’s authenticity is somewhat diminished in favour of its expression. Despite having few openings, the façade is designed in a detailed way by

<sup>10</sup> Other devices are used, but always based on the same logic, reflecting the light onto the wall, reaching the visitor in an indirect way.

<sup>11</sup> LOOS, Adolf – **Ornament and Crime**. London: Penguin Books, 2019 [1908].

an interruption of its continuity, exposing structural elements. But are they truly structural, or do they only appear to be? The stone on the façade appears to be suspended and supported by a steel profile, conveying a sense of lightness, which contrasts with the massive stone of Santiago. In reality, it's the inner concrete and steel substructure that supports everything. Therefore, not only is the stone merely a cladding of around 5 cm – despite giving a solid impression, with carefully designed wall corners that conceal this idea – but the steel profile is also a deceptive element, raising doubts in those who notice it.



Fig.17 – Atrium and reception area. Elaborated by the author. Fig.18 – View of the “suspended stone” in the entrance. Elaborated by the author. Fig.19 – Sketch of the museum and details. Source: Álvaro Siza fonds, Collection Canadian Centre for Architecture, Montréal.

“Someone highly rational and not very subversive might claim that this architecture is deceptive and therefore unacceptable (...) but the essence of architecture and its expression is far broader and more complex than a simple, rational statement.”<sup>12</sup>

Siza’s details like this one allude to a theme very present in contemporary art. What matters the most: the artist’s intention, what the object really is, or the observer’s naive (or not) perception? Is this detail supposed to be explained or leave the observer forever in doubt? Will the observer have a different view depending on their experiences?

Another example of perceptual play that Siza does is in the covered “integrated ramp”, which, as he mentioned, serves to shelter visitors on days with high affluence. Despite the ramp’s inclination, one walks almost horizontally, as the street is sloped, resulting in a movement that requires little effort, even though from the outside it does not appear.<sup>13</sup>

### The return to the Starting Point

The exhibition promenade that traversed the length of the museum and its various floors did not end in the last gallery on the upper level. Returning to the central corridor, one finds a door that leads to the roof, through an outside staircase. The arrival at the panoramic terrace can be interpreted as the final destination, “(...) where you encountered

<sup>12</sup> SIZA, Álvaro - "Mentiras de arquitectura" A forma, finalidade de um processo que não tem fim. (Interview with Dominique Machabert, Porto, June 1998). In MACHABERT, Dominique, BEAUDOUIN, Laurent – **Álvaro Siza: Uma questão de medida. Entrevistas.** 1<sup>st</sup> edition. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2009 [1998]. p.214

<sup>13</sup> SIZA, Álvaro - "Uma outra coerência, talvez mais luminosa" O Centro Galego de Arte Contemporânea de Santiago de Compostela, 1. (Interview with Laurent Beaudouin, Paris, January 1994). In MACHABERT, Dominique, BEAUDOUIN, Laurent – **Álvaro Siza: Uma questão de medida. Entrevistas.** 1<sup>st</sup> edition. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2009 [1994]. p.139

a kind of analogous city, which ended in a platform where you were surprised by the view of the historic city.”<sup>14</sup> The itinerary, which began in the city, passed through the museum entrance which faces the church and the convent, opened up upon entering the atrium, and then led through the sequence of exhibition rooms, ends on the roof terrace, where on turns back towards the city of Santiago de Compostela – like a cyclical movement, returning to the starting point with a new perspective. As an extension of the museum’s itinerary, the view over the city becomes a part of the exhibition itself – a living landscape, as if painted by a master artist.

“I hope that the Time of Compostela may be equally benevolent with the stones I have placed here, allowing them to merge with what is and will be recognized as a sacred city, while remaining, however, a place of ever-renewed modernity.”<sup>15</sup>

### Final Considerations

Álvaro Siza’s work on the *Centro Galego de Arte Contemporánea* exemplifies his unique ability to reinterpret the conventional architecture of museums, creating spaces that are not merely functional, but deeply poetic, providing the visitors a variety of experiences, through a fluid itinerary. Through the use of form, light, materiality and spatial experience, Siza’s museum is no longer merely a container of art, but a piece of art, becoming a cohesive whole. The fact that it becomes a work of art does not overshadow the works it contains, but highlights them, creating paths and perspectives that influence its reading. The museum can be seen as a sculpture, but one that fits perfectly into the context of the city of Santiago, combining tradition with modernity and, consequently, contemporaneity. Siza’s language reveals a deep understanding of the site’s memory and spirituality, evident in his symbolic use of the triangle – a form that evokes the religion in a city like Santiago de Compostela and it’s transposed into the shape of the museum. The integration of memory and artistic expression elevates his work to something beyond technique, beyond architecture – art. Álvaro Siza is not just an architect, but an artist that sculpts the space and light, to give the visitor a fluid *promenade* through the museum - with moments of pause, contemplation, uncertainty and curiosity.

It is well known that Álvaro Siza always wanted to be a sculptor, an artist. Since his father didn't allow him to become an artist in sculpture, he became an artist in architecture instead — and his museums are proof of that.

This research will be further developed as part of the master's thesis **"Siza's Artisticity: From Santiago de Compostela to Porto Alegre, from Porto do Paju,"** which will cover more of Álvaro Siza's museological works.

### Bibliography

FERNANDES, João, CASTANHEIRA, Carlos – **Álvaro Siza: Expor on Display**. Porto: Fundação de Serralves, 2005.

FRAMPTON, Kenneth – *Architecture as Critical Transformation: The Work of Álvaro Siza*. In FRAMPTON, Kenneth - **Álvaro Siza: complete works**. London: Phaidon Press, 2006. p.11-65.

---

<sup>14</sup> HERNÁNDEZ LEÓN, Juan Miguel – **Una Conversación**. Madrid: Abada Editores, 2021. p.51.

<sup>15</sup> SIZA, Álvaro – Medalha de Ouro de Santiago de Compostela. In SIZA, Álvaro – **Textos. 1**. Lisboa: Parceria A.M. Pereira, 2019. p.238.

HERNÁNDEZ LEÓN, Juan Miguel, SIZA, Álvaro – **Una Conversación**. Madrid: Abada Editores, 2021.

J. R. CURTIS, William – An Architecture of Edges. **El Croquis. Alvaro Siza 1958-1994**. El Escorial: El Croquis Editorial. 68/69 (1994).

LOOS, Adolf – **Ornament and Crime**. London: Penguin Books, 2019 [1908].

MONTANER, Josep Maria – **Museus para o século XXI**. Barcelona: Gustavo Gili, 2003.

SIZA, Álvaro - "É por isso que a Arquitetura é uma Arte?" O Centro Galego de Arte Contemporânea de Santiago de Compostela, 2. (Interview with Dominique Machabert, Santiago de Compostela, April 1995). In MACHABERT, Dominique, BEAUDOUIN, Laurent – **Álvaro Siza: Uma questão de medida. Entrevistas**. 1<sup>st</sup> edition. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2009 [1995]. p.151-161

SIZA, Álvaro - "Mentiras de arquitectura" A forma, finalidade de um processo que não tem fim. (Interview with Dominique Machabert, Porto, June 1998). In MACHABERT, Dominique, BEAUDOUIN, Laurent – **Álvaro Siza: Uma questão de medida. Entrevistas**. 1<sup>st</sup> edition. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2009 [1998]. p.203-223

SIZA, Álvaro - "Uma outra coerência, talvez mais luminosa" O Centro Galego de Arte Contemporânea de Santiago de Compostela, 1. (Interview with Laurent Beaudouin, Paris, January 1994). In MACHABERT, Dominique, BEAUDOUIN, Laurent – **Álvaro Siza: Uma questão de medida. Entrevistas**. 1<sup>st</sup> edition. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2009 [1994]. p.137-149

SIZA, Álvaro – Medalha de Ouro de Santiago de Compostela. In SIZA, Álvaro – **Textos**. 1. Lisboa: Parceria A.M. Pereira, 2019. p.238-239.

TARRAGÓ, Salvador; G. BERAMENDI, Justo (eds) - **Proyecto y ciudad histórica. I Seminario Internacional de Architecture en Compostela**. Santiago de Compostela: C.O.A.G., 1976.

TÁVORA, Fernando – **Da organização do espaço**. Porto: FAUP, 2015 [1962]

TOSTÕES, Ana – O Pavilhão de Portugal por Álvaro Siza. A Pedra Fundadora ou a Ponta do Fio da Meada que Constrói o Projeto. In PINTO, Paulo Tormenta, TOSTÕES, Ana (ed) – **A monumentalidade crítica de Álvaro Siza**. 1<sup>st</sup> edition. Porto: Circo de Ideias, 2023. p.42-71.

# Interfaces Entre Arte e Cidade Através de Práticas Coletivas: Saber e Modo de Produção Manual como Dispositivo Ativista

**Adriane Silvério Neto**

Universidade Federal de Uberlândia  
Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo  
[adrianesneto@gmail.com](mailto:adrianesneto@gmail.com)

**Adriano Tomitão Canas**

Universidade Federal de Uberlândia  
Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo  
[adrcanas@ufu.br](mailto:adrcanas@ufu.br)

**Resumo:** Este trabalho pretende fazer uma leitura sobre as ações promovidas por coletivos de arte no espaço urbano, compreendendo seus modos de fazer e seu caráter ativista. Como objetos de interesse para esta pesquisa, as produções artísticas manuais e artesanais, em especial o bordado e a costura realizado por coletivos de arte, torna-se fomento analítico para as aproximações entre práticas, grupos, lugares e pautas: elementos ainda de urgências contemporâneas. Parte-se do princípio de que ações compartilhadas manifestam-se como teias relacionais que se constituem em experiências e acontecimentos que se dão no campo do ordinário e das dinâmicas do cotidiano. Acontecimentos esses, ainda que se amparem em práticas do comum, tem a capacidade dissensual, através de seus modos operativos, de formular reflexões e repensar espaços, territórios, procedimentos institucionais, comportamentais e sociais. Através de novas formas de cruzamentos, cooperações e participações sociais, essas ações vem rompendo fronteiras institucionalizadas das pautas artísticas e seus espaços expositivos. Busca-se compreender de que maneira as ações realizadas por esses coletivos de artistas são promotoras de atos de resistências através dos trabalhos manuais e/ou formas de experimentações que, trabalhando com o que se tem, realizando-se no aqui e agora, exigem o diálogo com espaços e práticas vivenciadas para, a partir daí, promover reflexões para as práticas de transformações dessas culturas e o território. A costura e o bordado são algumas dessas práticas de tradição doméstica, que atualmente vem sendo mais aplicados por grupos que também relacionam temas inerentes ao urbano, aos modos de pensar a arte e a participação dos sujeitos.

**Palavras-chaves:** Coletivos de Arte, Práticas Manuais, Ativismo Contemporâneo, Arte e Cidade, Teias Relacionais.



## Introdução

As produções artísticas vêm se expandindo e se tornando cada vez mais intercambiáveis ao se envolverem com conteúdos específicos da própria arte, de seus lugares de atuação e de seus agentes propositores e participantes. Ao escolher os modos de fazer a partir de práticas manuais e ações colaborativas de coletivos de arte como um possível recorte dessas produções artísticas na contemporaneidade, parece relevante introduzir alguns estudos sobre as dimensões desse recorte e suas articulações. Para ilustrar ações que nos interessam nessa pesquisa, citamos o Coletivo Linhas de Sampa e o Grupo de Investigación en Arte y política (GIAP).

As explanações teóricas pretendem amostrar as possibilidades e complexidades estabelecidas por esses arranjos. Num primeiro momento, dialogar com estudos sobre os coletivos de arte e suas ações colaborativas como teias relacionais. No segundo, aproximar-se das ideias de engajamento na arte e as relações entre o estético, o ético e o político tentando compreender o caráter ativista através de ações colaborativas. Por fim, a partir desses dois coletivos, reconhecer os modos de fazer do Bordado e Costura como práticas manuais dicotômicas: doméstico /dissenso e seus desdobramentos para as relações no campo público urbano.

## Os coletivos de arte e suas ações colaborativas como teias relacionais

A partir da segunda metade do século XX, sendo alimentados por fatores diversos aos quais incluem aspectos sociais, políticos, econômicos e históricos, a configuração de coletivo artístico com a presença do mestre e seus discípulos vem passando por processos de revisões. Desde então, assistimos o abandono dos cânones artísticos e o fim dos limites internos que determinavam técnicas e maneiras de se fazer arte. As proposições artísticas se tornaram cada vez mais permeáveis, híbridas, contaminadas e influenciadas por rearticulações político-sociais, visando alcançar transformações a partir de modos colaborativos multidisciplinares e a partir das experiências cotidianas e seus modos de vida.

No Brasil e América Latina, os anos 1960 presenciou momentos marcantes como golpes de estado e repressões sociais, entre outros eventos. Diante desse contexto, números mais expressivos de coletivos de arte se consolidam, muitos deles influenciados pelos movimentos de vanguarda europeia, mas a demandas e cooperações político-sociais locais, reconfiguram suas atuações artísticas que apresentam um caráter cada vez mais contestatório e ativista, ocupando [e muitas vezes invadindo] espaços expositivos antes inacessíveis, mas principalmente ocupando e intervindo nas dinâmicas da cidade e do ambiente digital.

Cláudia Paim (2009) ao definir a ideia de coletivo de arte, indica que sua composição se dá por agrupamentos não hierárquicos, que atuam conjuntamente com propósitos e engajamentos sociais de forma criativa e autoconsciente, que habitualmente promovem ações fora dos espaços tradicionais de produção e difusão da arte: museus, centros culturais e galerias. Esses agrupamentos seriam constituídos por agentes multidisciplinares, entre eles: artistas, integrantes de uma comunidade onde as ações seriam colocadas em prática ou outros personagens que, sob um mesmo nome, participam inteiramente ou parcialmente desses processos de criação. E complementa:

Os coletivos podem ser mais ou menos fechados. Alguns possuem uma formação fixa e determinada internamente, outros um núcleo central em torno do qual se agregam

distintos parceiros de acordo com os projetos em execução. Já as iniciativas coletivas são abertas.<sup>1</sup>

Paim fala que em diversos projetos colaborativos, existe a intensão de utilizar a arte como uma forma de expandir ou reativar relações sociais entre os participantes colaboradores e co-criadores. As relações sociais seriam instauradas a partir, primeiramente, da promoção de encontros e diálogos visando a reflexão compartilhada. Diante de uma diversidade de motivações e de intenções, almejam “sua própria emancipação, mesmo as ações às quais se propõe e as mudanças que deseja”<sup>2</sup>

Em *Estética Relacional*, Nicolas Bourriaud (2009) faz interlocuções entre coletividades e trocas sociais nas sociedades moderna e pós-moderna. A possibilidade de uma arte relacional, que mira as interações humanas e seu contexto social, inverte os postulados modernos e seus objetivos estéticos, culturais e políticos após o final da Segunda Guerra Mundial com a urbanização generalizada e seus fenômenos culturais que “permitiu um aumento extraordinário dos intercâmbios sociais e uma maior mobilidade dos indivíduos”<sup>3</sup>. Para ele, a cidade pós-moderna permitiu e generalizou a experiência da proximidade por modos de convívio. O caráter relacional é um princípio fundamental da arte, ou seja, ao problematizar a mecanização das funções sociais e sua consequente redução do espaço relacional, a arte contemporânea, ocupa esse lugar privilegiado das trocas sociais, das coletividades instantâneas.

### **Engajamento na arte: relação entre o estético e o político**

Em suas várias formas de performances, os coletivos de arte vêm expondo seu desejo de romper com possíveis discursos hegemônicos, a fim de provocar reflexões em favor de uma narrativa própria, na contramão de normativas formais e interessada também em gerar engajamentos na arte, através da relação entre o estético e o político.

A produção da arte por grupos de forma politizada não é invenção do século XXI. No século anterior, reconhecemos trabalhos desenvolvidos em parcerias artísticas e em múltiplas configurações de protestos. Contudo, os coletivos de arte ainda são agentes responsáveis por outras inúmeras formas de emancipação do sujeito, de confrontos entre posturas estéticas, éticas e de aproximações entre discussões ativistas políticas que ampliam visibilidades de movimentos de engajamento sociais. Através de novas formas de cruzamentos, cooperações e participações sociais, essas ações ainda vem rompendo fronteiras institucionalizadas das pautas artísticas e seus espaços expositivos. O rompimento dessas fronteiras abre espaço para novas revisões não somente no campo das artes visuais, mas para novas compreensões sobre os problemas dos espaços urbanos.

Arte e política são domínios autônomos, que mantém relações antigas, ainda que, com dimensões próprias da atividade humana e que se diferenciam essencialmente. Miguel Chaia (2007) afirma que ambos os domínios estão ligados à várias outras esferas também autônomas, que podem se aproximar, se sobrepor, podem correlacionar e traduzir as mais distintas dimensões de uma sociedade, suas práticas do cotidiano, de seu fazer coletivo ou individual. Chaia (2007) reconhece no artista o seu caráter militante e

---

<sup>1</sup> PAIM, Cláudia. **Coletivos e Iniciativas Coletivas: Modos de Fazer na América Latina Contemporânea**. Tese (Doutorado em Artes Visuais) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009, p.12.

<sup>2</sup> Idem, p.169.

<sup>3</sup> BOURRIAUD, Nicolas. **Estética Relacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2009, p. 20.

consequentemente, politizado em suas ações criativas. Os impactos urbanos, econômicos e sociais desenrolados pelo processo de aceleração industrial a partir da segunda metade do século XIX, fomentou os interesses de artistas em se envolverem em lutas e ideais que pautam, principalmente o social, participando ativamente de movimentos políticos. Na mesma proporção, a classe burguesa em ascensão desde então, trabalhou ferozmente no investimento e transformação da produção artística em produtos de consumo. Muitos artistas, buscaram subverter e resistir a esse processo, através de estratégias e performances, aplicando os modos de produção artesanal a partir da arte.

Chaia (2007), bem como Paulo Raposo (2015) utilizam o termo “ativismo”<sup>4</sup> como um neologismo conceitual para abordar performances artísticas insurgentes, que apelam a ligações entre arte e política. Arte e ativismo se dariam, então, de forma integrada nas ações de determinados coletivos de arte, diretamente engajados e transitando entre várias áreas do conhecimento, sem a participação dos canais institucionais da arte, buscando valorizar mais o processo de criação do que a proposição artística encerrada.

Brígida Campbell (2018), examina questões envolvendo a arte ativista que emerge da prática coletiva, voltada para a investigação do espaço público e o privado. Para Campbell, a cidade é produtora de modos de vida e lugar de listas e de experiências compartilhadas:

Não é possível pensar a cidade, no entanto, sem levar-se em conta a experiência coletiva. A cidade é o lugar privilegiado para a experiência do comum. Pois, viver na cidade é, necessariamente, viver coletivamente. A cidade não existe sem troca e sem proximidade: ela cria relações. Mesmo que às vezes isso não esteja muito claro. As ruas não são apenas um lugar de passagem, são também o lugar do encontro e desencontro com a novidade e com a diferença. Por isso, eventualmente, as organizações invisíveis do espaço urbano podem converter a cidade em mero espaço para mercadorias e cenário de luta por interesses privados que exploram e monopolizam a carga simbólica veiculada nas ruas. Em meio às suas diversas possibilidades, a cidade contemporânea é um espaço complexo, dinâmico e em permanente transformação.<sup>5</sup>

Segundo Vera Pallamim (2015), a invenção dessas práticas transcorreu num momento histórico em que cada vez mais a política tem se mostrado inócua diante das determinações econômicas. Se politizar coletivamente parece ser critério fundamental para as dinâmicas partilhadas. Trabalhar coletivamente implica em conciliar contextos diferentes, de gestão horizontal, onde coletivo sobrepõe-se a vontade do sujeito ou do projeto do artista. Dessa forma, no contexto contemporâneo, importa muito o processo, ou seja, as ações em construção ao trocar pontos de vista, recuar em alguns aspectos e avançar em outros.<sup>6</sup>

Atuando desde 2018 nas ruas de São Paulo, o Coletivo Linhas de Sampa, fundado pela socióloga ativista paulistana Lenira Machado e composto por militantes de esquerda, busca promover debates sobre direitos humanos, racismo, educação, direitos indígenas, igualdade, moradia, meio ambiente e diversidade de gênero, entre outros temas que são eleitos e adotados se forma não hierárquica como iniciativa e ações a serem implantadas,

---

<sup>4</sup> RAPOSO, Paulo. Ativismo: articulando dissidências, criando insurgências. **Cadernos de Arte e Antropologia**, Vol. 4, No. 2, 2015, p.5.

<sup>5</sup> CAMPBELL, Brígida. **Arte para uma Cidade Sensível: Arte Como Gatilho Sensível para Novos Imaginários**. 2018. 314f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais. Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2018, p. 13.

<sup>6</sup> PALLAMIN, Vera Maria. **Arte, Cultura e Cidade. Aspectos Estético-Políticos Contemporâneos**. São Paulo: Editora Annablume, 2015, p. 145.

por decisões democráticas, adquiridas por discussões sobre os próprios membros. Nas rodas de bordados que o coletivo paulista promove nos espaços públicos trocam-se técnicas, compartilhando habilidades, além dos debates politizados e as informações sobre o território, com as pessoas de diferentes origens, nos lugares onde promovem essas ações. As escolhas de abordagem das causas, tornam-se “panfletos bordados”<sup>7</sup> visam preservar a democracia, liberdade e o estado social e político em que se encontra a sociedade.

Realiza seu trabalho por meio de práticas que podem ser entendidas como “criatividade política”. Seus panfletos bordados em tecido, são “bandeiras que se prendem em roupas, sacolas e bolsas e fazem denúncias”, contendo palavras e enunciados que defendem causas ligadas aos direitos humanos, sociais e políticos de grupos minoritários, com o objetivo de preservar a democracia e a justiça e problematizar o estado social e político em que se encontra a sociedade.<sup>8</sup>

Promovendo oficinas de bordados em espaços públicos, e rodas de conversas com os passantes, o coletivo, que atua de forma autônoma, recebendo doações de materiais - linhas, tecidos etc. - afirma que sua principal forma de expressão e luta é a panfletagem:

Nossa forma de luta é o quadradinho de tecido (panfleto bordado) com as bandeiras que defendemos e que se prende em roupas, sacolas e bolsas. Bordamos em locais públicos, conversamos com os passantes expondo nossas ideias e distribuimos nossa produção. Hoje bordamos os quadradinhos, mas amanhã poderemos estar distribuindo flores de papel, feitas por nós, ou ainda bordando uma faixa em defesa da justiça, da democracia, da saúde, da educação etc.<sup>9</sup>



Figura 01 - Manifestação Grito dos excluídos na Av. Paulista. C. Linhas de Sampa, 2019. Fonte: <https://www.instagram.com/linhasdesampa?igsh=bjZ4N2ZzYWl0bTBn>

Figura 02 - Roda de Bordado na Av. Paulista. C. Linhas de Sampa, 2024. Fonte: <https://www.instagram.com/linhasdesampa?igsh=bjZ4N2ZzYWl0bTBn>

<sup>7</sup> Termo mencionado pelo coletivo para os tecidos bordados com palavras e desenhos. In: CINTRA, Fernanda do Nascimento; MESQUITA, Cristiane. Design e resistência: bordados nos bastidores do Coletivo Linhas de Sampa. **DATJournal**, v.5 n.2 2020, p. 359.

<sup>8</sup> Idem p. 358.

<sup>9</sup> SOFIATI, Luana Fernandes. **Desfiar a tradição, criar outra urdidura: o gesto tecedor na poesia brasileira contemporânea**. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2020, p 39.





Figura 03 e 04 - Bordaço no Largo da Batata. 2019 (03) e 2022 (04). C. Linhas de Sampa. Fonte: <https://www.instagram.com/linhasdesampa?igsh=bjZ4N2ZzYWl0bTBn>



Figura 05: Obra para a Exposição Centenário Paulo Freire (2021). C. Linhas de Sampa. Foto: Arte 123 Galeria. São Paulo. Fonte: <https://www.instagram.com/linhasdesampa?igsh=bjZ4N2ZzYWl0bTBn>

Figura 06: Obra para Exposição Virtual Pelo Direito de Existir (2021). Coletivo Linhas de Sampa - Marçal Tupã-Y Guarani. Foto: Armazém Memória. Brasília. Bordado Livre sobre tecido. Fonte: <https://armazemmemoria.com.br/exposicao-pelo-direito-de-existir-linhas-de-sampa/>

Alguns desses trabalhos foram desenvolvidos utilizando materiais diversos, extraídos do uso cotidiano de seus participantes, e apresentam uma carga biográfica porque consiste em trocas de saberes através de encontros regados à diálogos e contaminados pelos modos de vida de quem transmite esse saber fazer. Contaminados porque, provavelmente são processos colaborativos e podem ser afetados por posicionamentos ideológicos, pelo contexto social ao qual se pertence e assim, pela sua cultura. Implica em se enunciar através de um posicionamento no campo artístico e um certo modo de presença e ausência na sociedade.

O Grupo de Investigación en Arte y Política (GIAP) [Grupo de Pesquisa sobre Arte e Política] foi fundado em 2013 no México pela teórica e curadora chilena Natalia Arcos Salvo e pelo sociólogo italiano Alessandro Zagato. O grupo produz publicações, exposições e palestras sobre estética e autonomia, e desde 2017 também organizam residências para artistas e acadêmicos no estado do Chiapas, sudeste mexicano. Nesse grupo, o bordado ou costura não são os únicos meios de linguagens adotados. Eles



realizam ações performáticas e geram instalações mistas envolvendo a fotografia, vídeos, pinturas, e aplicações em outros suportes técnicos como cartazes, grafites, camisetas etc. Diante dessas técnicas, o grupo faz transposições de vivências cotidianas das comunidades envolvidas. Narra as histórias que remetem às comunidades pré-colombianas e suas formas de sobrevivência histórica, seus processos de resistência através de bordados e pinturas, danças e ações milicianas.

O interesse do grupo reside na poética que surge dos movimentos sociais com raízes indígenas. Essa pesquisa militante concentrou-se nos dispositivos que constituem a implantação estética do Exército Zapatista de Libertação Nacional, o EZLN, um corpus que é interpretado como um elemento central tanto da ética e da estrutura política zapatista quanto da ação autônoma de suas comunidades. O EZLN é um movimento guerrilheiro indígena de alto impacto global que, em profunda consonância com usos e costumes ancestrais, define comunitariamente a originalidade que o caracteriza: porta-vozes, comunicados, roupas, ações, palavras e obras de arte configuram um imaginário que funciona como uma arma de sedução em massa.<sup>10</sup>

Segundo Alexander Hilsenbeck Filho (2017) o movimento social zapatista, teve sua origem no início dos anos 1980. A partilha das práticas artísticas com política no movimento constituído por indígenas de diversas etnias maias, reunindo militantes trabalhadores, vem consolidando uma estética política própria, que desempenham um papel revolucionário, influenciados pelas experiências de atividades políticas comunitárias indígenas.



Figura 07 - Autoridad de la Junta de Buen Gobierno entregando la enseñanza sobre la organización autónoma. Caracol III La Garrucha, Chiapas, agosto 2013. Foto: Natalia Arcos Salvo. Fonte: <https://laescuela.art/es/campus/library/mappings/torbellino-de-nuestras-palabras-practicas-de-la-educacion-autonoma-zapatista-natalia-arcos-salvo>

<sup>10</sup> FUNDAÇÃO BIENAL DE SÃO PAULO. Caminhar através da dança, através da esquivas e de seus saberes, seguimos aprendendo: publicação educativa da 35ª Bienal de São Paulo: Coreografias do Impossível. 1ª. ed. São Paulo: Bienal de São Paulo, 2024, p. 9.

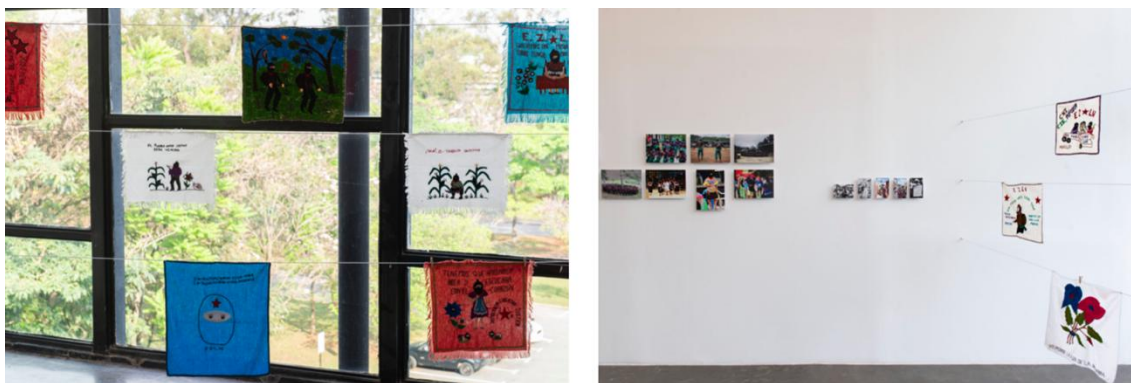


Figura 08 e 09: Vistas de Obras do GIAP (2023). 35ª Bienal de São Paulo – Coreografias do Impossível. Imagens: Levi Fanan. Fonte: <https://35.bienal.org.br/participante/grupo-de-investigacion-en-arte-y-politica-giap/>

### Modos de fazer: Bordado e costura como práticas manuais dicotômicas doméstico /dissenso

Desde o século XVI, o processo de institucionalização da arte passou a congrega a formação e a consagração dos artistas. Na contramão de gêneros formais canônicos, podemos citar o bordado como uma dessas práticas definidas como arte informal, ou integrante do grupo das artes menores. As técnicas de costura e bordado, receberam status de trabalhos manuais como habilidades atribuídas, prioritariamente ao domínio doméstico e ao feminino. As manufaturas manuais carregam o histórico de discriminação de gênero e reduto em tradições femininas, que apenas a partir dos anos 1960, com os movimentos feministas, aceleram o processo de mudança desses paradigmas na história da arte. Adiciona-se o seu enquadramento no grupo das “artes menores”, as habilidades de costura e bordado sendo ensinadas entre gerações através, principalmente do aprendizado transmitido e por práticas compartilhadas.

Ao desenvolver um comparativo entre arquitetura e poesia, Erinaldo Sales (2018) apresenta um panorama sobre as distinções das artes ao longo da história e afirma que a comparação entre linguagens artísticas, que muitas vezes, são quase opostas do ponto de vista funcional e prático, acaba por estimular embates inadequados, já que essa prática, implica em categorizar em posições privilegiadas algumas formas de produção artísticas em detrimento de outras, como se houvesse, dessa forma, manifestações que fossem mais artísticas do que outras<sup>11</sup>.

Entre os poucos exemplos dissidentes, no campo do ensino da arte e arquitetura, podemos citar, principalmente o papel da Bauhaus e dos Vkhutemas, que inseriram em seus currículos disciplinas dedicadas à tecelagem e estamparias, (colocando, assim, o modo de produção manual em prática incentivada a partir do conteúdo programático da escola). No Brasil, durante os anos 1950, sob a influência dessas experiências, o Instituto de Arte e Contemporânea (IAC) do Museu de Arte de São Paulo (MASP), criou um curso de tecelagem, valorizando o ensino dessas práticas com o objetivo de impulsionar a integração entre arte e o desenho industrial.

A costura e o bordado são algumas dessas práticas de tradição doméstica, que estiveram restritas durante séculos ao ambiente familiar, especificamente a mulheres e crianças, atualmente mais aplicados por grupos que também relacionam temas inerentes ao

<sup>11</sup> SALES, Erinaldo. Hierarquia das artes. **RES - Revista Estética e Semiótica**, v. 8, n. 1. Brasília, 2018, p. 65.

urbano, aos modos de pensar a arte e a participação dos sujeitos. É visível uma participação mais ativa de coletivos e trabalhos manuais artesanais em instituições legitimadas de arte: museus, galerias, espaços expositivos, curadorias e no mercado da arte. Mesmo assim, os saberes canônicos têm uma trajetória cultural específica e se coloca como autoridade técnica científica diante de outros saberes.

Abordando o que chama de “Bordadura na Arte Contemporânea Brasileira”, Ana Beatriz Bahia (2002), contextualiza a presença de práticas de tradição doméstica, em especial da costura e bordado na produção artística brasileira a partir da década 1980, em busca de identidade do sujeito contemporâneo. Bahia reforça que, em nossa cultura, essas duas práticas estiveram restritas durante séculos ao ambiente familiar, ou seja, à casa, às mulheres e crianças. Essa mudança de ambiente ocorreu em um processo de assimilação das práticas do bordado e da costura pelo circuito artístico desde a introdução da mulher no campo profissional, nas escolas de artes decorativas, que passaram a atuar como oficinas de práticas de tradição doméstica, em oposição à revolução industrial e sua produção em massa<sup>12</sup>.

Tadeu Chiarelli utiliza o termo “inteligência interna” para falar sobre a tradição popular artesanal e suas práticas não eruditas incorporadas por muitos artistas nos anos 1990. (CHIARELLI apud BAHIA, 2002) No cenário da arte institucionalizada, a presença de obras desenvolvidas a partir dessas técnicas nos espaços expositivos, vem ganhando visibilidade ganhando corpo em diversos formatos, desde pequenos fragmentos de bordados até instalações que ocupam e criam o ambiente.

Qualquer saber manual, pode ser resultado de conhecimento coletivo e antropológico, mesmo em produções individuais porque são atravessadas pelas experiências do outro. As práticas coletivas podem ser exercício da igualdade e sua presença nas formas de sociabilidade, permitindo melhor a participação. Paulo Freire (2005) faz uma importante fala sobre a experiência pessoal: “Por que não estabelecer uma ‘intimidade’ entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos?”<sup>13</sup> Em teorias marxistas, discursos são representações, e manifestações de grupos de classes tem a ver com a sua própria prática. As relações de trabalho modernas, determinaram a natureza e o papel sobre o doméstico e o feminino. A relevância das artes manuais domésticas como dispositivo de opressão, docilização e silenciamento do corpo feminino e por sua vez, posicionada fora dos arranjos formais de institucionalização da arte. Como aponta Foucault (2014): “É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado”<sup>14</sup>.

Essas ações comunitárias, ao amparar seus modos de fazer em práticas manuais e comuns do cotidiano, aproximam suas operações ao campo do ordinário em detrimento da ideia de arte erudita e amplia a participação dos praticantes dessas comunidades. Dessa forma, o aspecto dissensual desse modo de fazer, não se dá pela ruptura com o cotidiano, mas ao contrário, chamam luz para questões conflitantes na esfera pública, por táticas que possibilitam a arte ao alcance de todos pelos locais onde se realiza, pelos seus praticantes e pelo modo de fazer em si. Paola Bernstein Jacques (2012) utiliza o termo “praticantes”

---

<sup>12</sup> BAHIA, Ana Beatriz. Bordadura na arte contemporânea brasileira: Edith Derdyk, Lia Menna Barreto e Leonilson. **Periscope Magazine**. n. 3, ano 2. Florianópolis: Ed. Casthalia, 2002, p.05.

<sup>13</sup> FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª. Edição; Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1987, p. 30.

<sup>14</sup> FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Rio de Janeiro: Vozes, 2014, p. 132.

para designar aqueles que experimentam a cidade e o cotidiano, almejando uma maior participação para pensar os espaços da cidade.

Os praticantes das cidades atualizam os projetos urbanos e o próprio urbanismo, através da prática de tais espaços. Os urbanistas indicam usos possíveis para o espaço projetado, mas são aqueles que o experimentam no cotidiano que, de fato, os atualizam. São as apropriações e improvisações dos espaços que legitimam ou não aquilo que foi projetado; ou seja, são essas experiências do espaço pelos habitantes, passantes ou errantes que reinventam esses espaços no seu cotidiano.<sup>15</sup>

Jacques (2012) diz que a experiência urbana se dá sob duas lógicas coexistentes: a lógica da estratégia do planejamento urbano hegemônico, “daqueles que produzem os espaços a partir da vista aérea, dos cálculos objetivos e do poder que os sustenta”; e a lógica daqueles que praticam o espaço, “usando-o, desviando-se, profanando-o, subvertendo-o: jogam com o espaço dado”<sup>16</sup>. O planejamento estratégico seria uma espécie de artimanha bélica organizada por mecanismos de poder que tem a intenção de camuflar o controle e supressão dos movimentos desses praticantes. Qualquer tática que se coloca de forma contrária, resistente à essas estratégias, sendo elas de formas singulares ou coletivas, seria uma forma disruptiva que desestabiliza a ordem dominante, hegemônica.

Jacques e Paim estudam as ideias de espaço e práticas cotidianas de Certeau. Para Paim (2009) os espaços praticados seriam produto da atividade humana e de seus fenômenos associativos, ou seja, através das experiências com agenciamentos coletivos, horizontalizados tendo a integração e participação entre esses diferentes atores, que desenvolvidas em espaços cotidianos, produzem territórios políticos.

Segundo Pallamim (2015) essa prática artística ativista desenvolvida de forma individual, ou em grupos deve manter-se atenta ao perigo eminente de ameaça pelo processo de diluição política e ao risco de ser operado por dispositivos de controles e assimilações da institucionalização da arte. Diante desse perigo, numa época em que o capitalismo exalta as formas artísticas a arte dissensual, corre-se o perigo o tempo todo de ser capturado pelo consenso. Sobre a postura disruptiva e anti normativa como dissenso na arte urbana contemporânea, Pallamim afirma:

Nestas últimas três décadas em que se têm processado essas profundas alterações na relação arte-espaço urbano, a filosofia tem sediado o debate acerca da reflexão sobre a política não com base no consenso, como o faz Jürgen Habermas, mas com base no dissenso, tomando-o como o real motor do político, de acordo com a proposta de Jacques Rancière. Esta perspectiva compreensiva tem aberto uma vertente profícua para pensar-se muito do que tem sido feito na arte urbana contemporânea. Alerta-nos, contudo, o filósofo, é preciso atentar para o fato de que o dissenso é incessantemente ameaçado pela ordem consensual e diz respeito, acima de tudo, "ao comum". Talvez resida aí um dos aspectos instigantes aportados à ação artística na cidade, hoje: antepor-se, em termos estéticos, ao risco e ao incomum, em nome do "comum".<sup>17</sup>

Podemos compreender que as ações desses coletivos que vem atuando por meios de práticas manuais como o bordado não são gêneros formais, canônicos. São produções que buscam afirmar a denúncia e protesto, tornando-se apresentações ideológicas, mesmo que de maneira informal, operando como manifestação política que busca, através de suas ações, a reconfiguração do comum. A prática manual coletiva permite a formulação de experiências interculturais que entrelaçam memórias individuais e coletivas, experiências

<sup>15</sup> JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012. p.272

<sup>16</sup> Idem, p.272

<sup>17</sup> PALLAMIN, Vera Maria. **Arte, Cultura e Cidade. Aspectos Estético-Políticos Contemporâneos**. São Paulo: Editora Annablume, 2015, p. 152.

vividas e saberes ancestrais, que transmite vários contextos biográficos e expõe vestígios de humanidade nessas dinâmicas e encontros conversacionais de acesso popular por ampla faixa etária, qualquer gênero, raça, nível intelectual. A produção artística desses coletivos baseia-se em uma diversidade de arranjos com inúmeras técnicas de tramas e manipulações de materiais considerados sem muito valor, explorando texturas e cores; escalas e dimensões, apropriações de fragmentos, resíduos variados recolhidos do cotidiano habitual e transformados em objetos escultóricos, onde nenhum material é tratado como precário.

Esse saber fazer é um conhecimento, que por sua vez, possibilita reinvenções técnicas, e culturais por meio das experiências corporais em performance que não se limita a repetir literalmente a prática, como um hábito mecânico como se aprendeu. As ações desses coletivos nos espaços da cidade, com suas práticas manuais, artesanais coletivas, enquanto gestualidade artística estabelece a experiência estética em modo de aproximação ao cotidiano, à ancestralidade e a experiência do outro numa interface entre espaço, corpo e tempo. Relação esta que Pallamin aponta ter horizontes indeterminados:

Nessa situação, os movimentos corporais não são movimentos “no” espaço, mas geradores “de” espaço, não sendo este isotrópico, mas topológico. (...) Sendo nosso corpo, por natureza, aberto a alteridades, a construção dessa espacialidade pauta-se, em sua gênese, pela maneira com que percebemos esse Outro. (...) O espaço do Outro é misterioso, fulgente, feito do acaso, de contingências, é sempre mais e sempre escapa. Enfrentá-lo, mover-se nele, é deparar com o não sabido, com o dispar, o não mensurável, com a experiência carregada de déficit, aspectos que são parte do arcabouço de todo o visível.<sup>18</sup>

### Considerações Finais

Se os coletivos aqui trabalhados se posicionam, intrinsecamente como agentes produtores de arte política e dissensual, podemos compreender a prática do bordado também como uma prática política, podendo ser, ao mesmo tempo, transgressão e resistência. Bordar é fazer política com as mãos, com os corpos. Se antes era restrito ao doméstico e feminino – corpos muitas vezes invisibilizados - hoje, talvez de formas ainda modestas, vem sendo técnica recorrente em várias obras, abrindo novas extensões de seu caráter político. Ferramenta que um dia serviu para calar o gênero feminino, agora amplia visibilidades antes ausentes e presenças inéditas.

Toda arte pode ser política e pode atuar como parte agente do processo de transformação da cultura afirmativa, contra narrativas pré-montadas, promovida pelos processos de globalização para dar margem a interrogações sobre os modos de produção da arte e suas institucionalizações: possibilidade de ser manutenção da tradição e ruptura, sendo ao mesmo tempo, espelhamento e inflexão de campos convencionais do conhecimento.

A produção manual nos coletivos de arte atua como dispositivo científico, enquanto linguagem. Linguagem que se dá por construção coletiva e a partir de um intencionalismo ativista, militante. Existe uma linguagem contemporânea. Não inventaram a roda, ou seja, não inventaram essa linguagem, eles não são os únicos a fazerem esse modo de expressão. Não são os únicos autores que produzem através dos trabalhos de manufatura manual. Pode haver uma afirmação subjetiva coletiva, produção coletiva sem uma autoria individual, apesar do caráter de colagem de vários fragmentos individuais. Sem a essa autoria, ou seja, com a supressão da autoria, a obra elimina a distância entre artistas e espectadores. A ausência de uma autoria concentrada em um único indivíduo gera o que

---

<sup>18</sup> Idem p. 154.



Pallamim (2015) aponta ser uma das faces da democratização da arte que, na ação coletiva abrem-se novos canais e novas possibilidades e ampliam-se as forças para a atuação social. Adiciona-se a isso, o entendimento de que os coletivos articulam saberes, contatos e modos de fazer que, somados, produzem resultados que não poderiam ser alcançados individualmente.

## Bibliografia

BAHIA, Ana Beatriz. Bordadura na arte contemporânea brasileira: Edith Derdyk, Lia Menna Barreto e Leonilson. **Periscope Magazine**. n. 3, ano 2. Florianópolis: Ed. Casthalia, 2002, p. 1-8.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política**. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 11ª. ed., 1998.

BOURRIAUD, Nicolas. **Estética Relacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

CAMPBELL, Brígida. **Arte para uma Cidade Sensível: Arte Como Gatilho Sensível para Novos Imaginários**. 2018. 314f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais. Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2018.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. 3º Ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 1998.

CHAIA, Miguel. Artivismo – Política e Arte Hoje. **Aurora - Revista de Arte, Mídia e Política**, n. 1. São Paulo: PUC-SP, 2007, p. 9 – 21.

CINTRA, Fernanda do Nascimento; MESQUITA, Cristiane. Design e resistência: bordados nos bastidores do Coletivo Linhas de Sampa. **DATJournal** v.5 n.2, 2020.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987.

HILSENBECK FILHO, Alexander Maximilian. Arte e estética política zapatista: o I Festival CompArte pela Humanidade. **Revista Lutas Sociais**, São Paulo, vol.21 n.39, p.77-92, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/ls/article/download/35879/pdf/99037>

JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012.

MESQUITA, André. **Insurgências Poéticas: Arte Ativista e Ação Coletiva (1990-2000)**. 2008. 429f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, 2008.

PAIM, Cláudia. **Coletivos e Iniciativas Coletivas: Modos de Fazer na América Latina**. 2009. 294 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Artes Visuais, Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

PALLAMIN, Vera Maria. **Arte, Cultura e Cidade. Aspectos Estético-Políticos Contemporâneos**. São Paulo: Editora Annablume, 2015.

RANCIÈRE, JACQUES. **O Espectador Emancipado**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2012.

RAPOSO, Paulo. Artivismo: articulando dissidências, criando insurgências. **Cadernos de Arte e Antropologia**, Vol. 4, No. 2, 2015, pp. 3-12.

SALES, Erinaldo. Hierarquia das artes. **RES - Revista Estética e Semiótica**, v. 8, n. 1, Brasília, 2018, p. 57-66.

SOFIATI, Luana Fernandes. **Desfiar a tradição, criar outra urdidura: o gesto tecedor na poesia brasileira contemporânea**. 2020. 104f. Dissertação (Mestrado em Letras: Estudos Literários). Universidade Federal de Juiz de Fora, 2020.

FUNDAÇÃO BIENAL DE SÃO PAULO. **Caminhar. Caminhar através da dança, através da esquiva e de seus saberes, seguimos aprendendo: publicação educativa da 35a Bienal de São Paulo: Coreografias do Impossível**. 1. ed. São Paulo: Bienal de São Paulo, 2024.

# **Entre o Real e o Imaginário: Uma Leitura de Patos de Minas através de seus lugares e suas lendas**

**Ana Luísa Gonçalves Silva**

Universidade Federal de Uberlândia  
Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo  
[arqurb.anagoncalves@gmail.com](mailto:arqurb.anagoncalves@gmail.com)

**Adriano Tomitão Canas**

Universidade Federal de Uberlândia  
Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo  
[adrcanas@ufu.br](mailto:adrcanas@ufu.br)

**Resumo:** O presente artigo tem por base a investigação de mestrado "Entre o real e o imaginário: uma leitura de Patos de Minas através dos seus lugares e suas lendas", e apresenta uma síntese da pesquisa desenvolvida sobre a cidade de Patos de Minas, com foco na interseção entre a dimensão concreta e o imaginário. A investigação analisa as transformações do território a partir das lendas presentes nas narrativas populares e na literatura local, explorando suas representações na memória e na cartografia afetiva. Por meio do caminhar e da cartografia sensível como métodos, buscou-se compreender as narrativas, os espaços e os afetos que configuram a identidade da cidade. Os resultados evidenciam que as lendas constituem camadas simbólicas que coexistem com a cidade material, enriquecendo a compreensão do território e fortalecendo o sentimento de pertencimento.

**Palavras-chaves:** Imaginário Urbano, Lendas, Território, Cartografia, Patos de Minas.

## Introdução

A cidade se encontra em constante metamorfose, onde o tangível e o intangível se entrelaçam, moldando as formas de viver e experienciar seus lugares. Mais do que um aglomerado de edificações e ruas, ela é um campo de experiências sensoriais, simbólicas e afetivas. Como aponta Lynch (1997), “a imagem da cidade é composta por elementos físicos e simbólicos que estruturam a percepção dos indivíduos”<sup>1</sup>. É no caminhar, no toque e na escuta atenta que a cidade revela suas camadas invisíveis, aquelas que não aparecem nos mapas tradicionais, mas que se manifestam na pele, na memória e no imaginário.

Em Patos de Minas, cidade situada na região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, a cidade invisível pulsa através das lendas que atravessam gerações. Essas histórias, muitas vezes sussurradas em varandas ou registradas na literatura local, habitam becos, praças e encruzilhadas, compondo uma teia que convive com o espaço urbano visível. Explorar a cidade por meio desse patrimônio imaterial é escavar camadas de sentido que escapam à leitura objetiva do território. É compreender, como aponta Lefebvre (1991), que “o espaço não é apenas um suporte físico, mas uma construção social carregada de significados”<sup>2</sup>.

Este texto tem como base a dissertação *Entre o Real e o Imaginário: uma leitura de Patos de Minas através de seus lugares e suas lendas*<sup>3</sup>, que teve como objetivo analisar e compreender as transformações ocorridas no território de Patos de Minas a partir da leitura das lendas presentes no imaginário e na literatura local, entendendo de que maneira o espaço se transformou ao longo do tempo. O estudo adota a cartografia sensível e o caminhar como percurso metodológico. Caminhar torna-se, assim, um ato poético, uma forma de pensar com o corpo, de observar as transformações do território, de escutar o que vibra nas entrelinhas da cidade. Nas palavras de Michel de Certeau (1998), “as práticas cotidianas de deslocamento ressignificam os espaços, transformando a cidade em um texto vivo, lido e reescrito a cada experiência”<sup>4</sup>. O ato de caminhar revela mais do que se vê. Quando o corpo se desloca, ele entra em contato com outra camada da cidade, que escapa ao planejamento urbano e à lógica da produtividade. Trata-se de uma cidade invisível, que se manifesta nos detalhes, nos ruídos, nas texturas e nos afetos. Andar pelas ruas é, portanto, também um modo de pensar, de propor a crítica, de sentir, de lembrar e de imaginar.

É pela vivência direta que a cidade vai sendo interpretada. Ao nos lançarmos ao acaso, abrimos espaço para descobertas que desafiam a objetividade dos mapas e dos discursos oficiais. Cada trajeto traçado guarda possibilidades de encontros e narrativas que reconfiguram nosso olhar. João do Rio já nos alertava para o fato de que as ruas são muito mais do que infraestrutura. Em *A Alma Encantadora das Ruas* (1995), ele descreve os muitos tipos de rua demonstrando que o espaço urbano é também um

---

<sup>1</sup> LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 12.

<sup>2</sup> LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. São Paulo: Edusp, 1991, pp. 26-27.

<sup>3</sup> SILVA, Ana Luísa Gonçalves. **Entre o real e o imaginário: uma leitura de Patos de Minas através dos seus lugares e suas lendas**. 2024. 362 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2024. Pesquisa desenvolvida com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES).

<sup>4</sup> CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1998, p.171.

espelho das emoções humanas. Assim como João do Rio via alma nas ruas, este estudo acredita que a cidade é feita de muitas camadas entrelaçadas. O espaço urbano não é neutro. Ele é moldado pelas experiências cotidianas, pelas trocas culturais e pelas memórias que vão sendo ali cultivadas.

Oh! sim, as ruas têm alma! Há ruas honestas, ruas ambíguas, ruas sinistras, ruas nobres, delicadas, trágicas, depravadas, puras, infames, ruas sem história, ruas tão velhas que bastam para contar a evolução de uma cidade inteira, ruas guerreiras, revoltosas, medrosas, spleenéticas, snobs, ruas aristocráticas, ruas amorosas, ruas covardes, que ficam sem pinga de sangue.<sup>5</sup>

Assim como as ruas, as cidades são feitas de múltiplas almas. A rua, o bairro, o casarão, cada fragmento urbano são tecidos por histórias, tornando-se fascinante para aqueles que se dispõem a explorar a cidade. A aproximação com o espaço urbano, centrada na cartografia sensível como método, nos permite explorar o impacto emocional dos espaços e suas reverberações na vida cotidiana. Como afirma Lilian Amaral (2008), o mapeamento é uma “forma de apropriação e interpretação do território e esta apropriação pode ser física, mental ou sensorial. Mapeamento de um território que se faz por meio de uma experiência física ou sensorial”<sup>6</sup>.

Através de caminhadas exploratórias, registros gráficos, escutas e consultas a acervos históricos, construiu-se um mapeamento que transcende a geografia física, dando visibilidade às atmosferas subjetivas que pairam sobre a cidade. Essas incursões revelaram que um simples trajeto pode carregar histórias ancestrais, assombrações, histórias de amores não vividos e pactos silenciosos que buscam se manter no imaginário coletivo. A cartografia sensível, portanto, não se limita a localizar; ela capta intensidades. A investigação também incluiu o estudo de fontes bibliográficas e documentais, como jornais, livros de memória, mapas e outros registros, que ajudaram a contextualizar as lendas dentro da história da cidade. Esses relatos foram confrontados com os testemunhos colhidos durante as caminhadas, produzindo uma leitura multifacetada do espaço urbano, onde o tempo se embaralha, onde o passado se ergue no presente e onde o lugar deixa de ser estático para tornar-se narrativo. Durante a investigação sobre as lendas existentes, foram selecionadas aquelas que se destacam pela força simbólica, pela presença em registros históricos, e pelo impacto que ainda causam na memória coletiva.

O trabalho se estrutura em três partes. Na primeira busca-se apresentar a cidade de Patos de Minas, desde sua formação histórica até as transformações territoriais ocorridas ao longo dos anos. Analisa os vestígios apagados e os elementos que persistem no imaginário urbano, por meio das lendas registradas na literatura local. No segundo momento, discute-se a cartografia em seus aspectos tradicionais e afetivos, a cartografia sensível como método, enfatizando a produção subjetiva dos mapas e a representação das experiências. Também, o caminhar como prática poética e investigativa. Por fim, apresentamos as lendas e buscamos dar forma e visibilidade as narrativas que habitam a cidade. A intenção foi construir cartografias sensíveis a partir dos lugares evocados nas lendas. Trata-se de traçar rotas, identificar os lugares onde essas narrativas se

---

<sup>5</sup> RIO, João do. **A alma encantadora das ruas**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal da Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1995, p. 07.

<sup>6</sup> AMARAL, Lilian. Interterritorialidades: passagens, cartografias e imaginários. In: BARBOSA, Ana Mae; AMARAL, Lilian. **Interterritorialidade: mídias, contextos e educação**. São Paulo: Editora Senac/Edições SESC SP, 2008, p.13.



manifestam, os existentes e os que não mais existem, e percorrer a cidade em busca desses pontos simbólicos. Nesse processo, emerge o gesto de ativar o imaginário coletivo e dar corpo ao invisível com base nas memórias e experiências, um modo de conhecer que escapa à lógica dos mapas convencionais.

Este trabalho, ao tomar as lendas como ferramenta de leitura dos espaços, propõe um diálogo entre cidade real e cidade imaginária, entre território concreto e território sensível. E como elas ativam uma memória coletiva que resiste às padronizações e transformações, lembrando que há algo de insubmisso no modo como o povo narra seus lugares. Como escreve Certeau (1994), “há histórias que escapam à racionalidade urbana e reinventam a cidade a cada passo”<sup>7</sup>.

### **Patos de Minas e seu território**

Patos de Minas está localizada na porção ocidental do estado de Minas Gerais, integrando a mesorregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba<sup>8</sup>. Sua configuração geográfica é marcada por importantes divisores naturais, como a cordilheira da Mata da Corda, que separa as bacias dos rios Paranaíba e Abaeté. A região é irrigada por diversos cursos d’água, dentre os quais se destacam os rios Babilônia, Três Barras, Espírito Santo, Areado e São Bento, bem como lagoas que favoreceram os processos de ocupação.



Figura 1: Imagem ilustrativa das Lagoas “Grande” e “Dos Patos” (1940), origem do nome de Patos de Minas. Fonte: Acervo do Museu da Cidade de Patos de Minas.

Embora a origem do município esteja comumente associada à chegada de tropeiros e bandeirantes no séc. XVII, registros arqueológicos e históricos indicam que sua ocupação antecede a presença colonial. A narrativa tradicional, marcada pela valorização da trajetória dos colonizadores, frequentemente silencia a presença de povos originários e de comunidades negras fugitivas que habitaram a região.

A compreensão do desenvolvimento urbano se apoia em uma documentação composta por mapas e manuscritos, como a primeira demarcação de ruas de 1874, o Código de

<sup>7</sup> CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 157.

<sup>8</sup> Segundo dados do IBGE (2022), possui população estimada em 167.870 habitantes, distribuídos em território de 3.190,456 km<sup>2</sup>, com densidade demográfica de 49,91 hab./km<sup>2</sup>.

Posturas de 1876, registros cartográficos e atas da Câmara Municipal. Esses documentos revelam que a organização espacial inicial foi delineada a partir de seu marco zero, a antiga lagoa que deu nome ao local e o núcleo primitivo em torno da capela de Santo Antônio.

A malha urbana original, ainda visível nos primeiros mapas, revela a influência do traçado orgânico português, posteriormente substituído por uma malha ortogonal inspirada nos ideais racionalistas e positivistas do séc. XIX. Essa transformação urbanística refletiu os embates políticos entre famílias dominantes, os Borges e os Maciéis, cujas disputas moldaram tanto a estrutura física da cidade quanto sua paisagem simbólica.



Figura 2: Vista aérea da primeira capela de Santo Antônio e resquícios da “Lagoa dos Patos”. Fonte: Acervo do Museu da Cidade de Patos de Minas.

Enquanto os Borges, monarquistas e católicos, ocuparam o norte da cidade, caracterizado por ruas estreitas e sinuosas que desciam em direção à lagoa, com construções coloniais simples, os Maciéis, republicanos e protestantes, estabeleceram-se ao sul, em terrenos planos e mais altos, promovendo o traçado urbano regular, com ruas largas e projetos modernizadores inspirados em cidades como o Rio de Janeiro. A divisão territorial entre as famílias era simbolicamente marcada pela Igreja Matriz de Santo Antônio, localizada na atual Praça Dom Eduardo, no coração do núcleo original.



Figura 3: Pontos de referências não mais existentes utilizando fac-símile da planta da cidade de 1920 - Comissão Mineira do Centenário. Belo Horizonte – Década de 1920. Fonte: Acervo do Museu da Cidade de Patos de Minas.

A liderança de Olegário Maciel, engenheiro e político proeminente, intensificou o projeto de modernização nas décadas de 1920 e 1930. Durante seu governo em Minas Gerais (1930-1933)<sup>9</sup>, foram implementadas diversas obras públicas: escolas, praças ajardinadas, pavimentação de ruas e avenidas, construção do Paço Municipal, matadouro, novo cemitério, sistema de abastecimento de água e rede elétrica. Essas transformações pretendiam conferir à cidade um novo estatuto de salubridade e modernidade, afastando-a da imagem de povoado sertanejo.

Contudo, essa modernização teve limites espaciais e sociais bem definidos. Os bairros populares, como a Várzea (a oeste) e a região conhecida como “beira da lagoa” (a nordeste), permaneceram à margem das intervenções oficiais. Conforme aponta Rosa Silva<sup>10</sup>, nesses territórios viviam os “aflitos” – pretos, pobres e prostitutas –, grupos excluídos e confinado às margens do progresso.

A Avenida Getúlio Vargas, aberta no início do período republicano, é um exemplo emblemático das novas intervenções: atravessa o centro com largas faixas e abriga edifícios de valor histórico e arquitetônico. Nela concentram-se construções coloniais como a antiga Casa de Câmara e Cadeia, os casarões de João Borges e Virgílio Caixeta, e as ruas estreitas. Também encontram-se os reflexos das reformas promovidas pelos Macieis, escolas como o Grupo Escolar Antônio Dias Maciel e o Grupo Escolar Marcolino de Barros, além da residência de Olegário Maciel, atualmente transformada em museu<sup>11</sup>.

<sup>9</sup> Olegário Maciel foi uma das figuras mais proeminentes da política mineira no início do séc. XX, atuando como líder do Partido Republicano Mineiro (PRM). Ao longo de sua trajetória, atuou em diversos cargos políticos e foi governador de Minas Gerais (1930-1933). Sua gestão coincidiu com o período de intensos investimentos no interior do estado, especialmente em Patos de Minas, onde manteve vínculos familiares.

<sup>10</sup> SILVA, Rosa Maria Ferreira da. **A República dos Patos ou a construção da cidade republicana no sertão das Geraes: representação, memórias e conflitos. Cidade de Patos, 1889-1933.** Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015.

<sup>11</sup> MELLO, Antônio de O. **Patos de Minas: capital do milho.** Patos de Minas: Editora da Academia Patense de Letras, 1971.





Figura 4: Avenida Getúlio Vargas, década de 1970. Fonte: Acervo fotográfico de João Otávio Coelho.

Ressalte-se que o início da expansão do vetor sul, ausente nos documentos mais antigos e presente nos mapas foi registrado pela Comissão do Centenário e indica o momento em que passava a vila. Em outras palavras, a cartografia (figura 6) registra o tecido original (contorno em azul) e o exato momento da expansão sul, rumo à Chapada (contorno em vermelho)<sup>12</sup>.



Figura 5: Primeiras áreas de expansão da cidade (1920). Fonte: Acervo do Museu da Cidade de Patos de Minas.

A história urbana de Patos de Minas, portanto, não pode ser dissociada das relações de poder e das disputas que configuraram a cidade. O espaço urbano torna-se palco onde se inscrevem as marcas da política, da modernidade seletiva e das exclusões sociais. O

<sup>12</sup> BORGES, Alex; SILVA, Rosa M. F. **Informe Histórico de Patos de Minas**. Museu da Cidade de Patos de Minas, 2011.

núcleo primitivo da cidade, com seus traços, cicatrizes e memórias, permanece como testemunho vivo da formação histórica e da identidade patense.

Com a abertura da Avenida Getúlio Vargas, a cidade passou por um processo intenso de reconfiguração urbana que não apenas redefiniu seu centro geográfico e político, mas também instaurou uma nova ordem simbólica sobre o território. O aterro da Lagoa dos Patos – marco zero do povoado e origem do nome da cidade – simbolizou uma ruptura definitiva com as suas fundações, dando lugar à expansão urbana e à consolidação do discurso desenvolvimentista que passou a orientar as transformações locais. De modo semelhante, outros elementos simbólicos da cidade, como o segundo cemitério, e o antigo campo de aviação foram transferidos ou suprimidos. Esses territórios, tal como os espaços presentes nas lendas, tornaram-se marcos de ausência e esquecimento.

A cidade se modernizou, expandiu-se, redefiniu sua imagem, mas os fantasmas permaneceram. Nos vazios deixados por essas perdas, figuras lendárias e narrativas assombradas emergiram no imaginário coletivo, como se aquilo que foi silenciado continuasse a habitar a cidade sob outras formas. Como nos espaços identificados pelas lendas, a lagoa, o cemitério e o campo de aviação converteram-se em territórios da memória e da persistência do invisível. Junto à avenida que pretendia anunciar o futuro, também nasceram os rastros do que insiste em não apagar uma cidade real, ainda assombrada por sua própria história.

### Cartografias Possíveis

Partindo da concepção tradicional da cartografia como representação gráfica objetiva do espaço, buscamos desdobrar esse conceito para alcançar compreensões mais subjetivas do urbano. Como afirma Ferraz (2017), os mapas clássicos são “ferramentas de materialização de ideologias”<sup>13</sup> que refletem visões específicas de mundo, condicionadas pelas intenções de seus autores e pela historicidade de sua produção.

Ao reconhecer os limites dessa abordagem tradicional, abre-se espaço para compreender a cartografia como um campo expandido, capaz de acolher experiências, afetos e subjetividades. Em vez de representar apenas um retrato estático do território, ela passa a ser entendida como prática sensível de investigação, onde o corpo do cartógrafo atua como instrumento de escuta e produção de sentido. Segundo Suely Rolnik (2011), “o que importa é que ele, o cartógrafo, esteja atento às estratégias do desejo em qualquer fenômeno da existência humana que se propõe perscrutar”<sup>14</sup>, revelando que mapear é também estar aberto às forças invisíveis que atravessam o espaço. Assim, agenciar é muito mais do que traçar rotas: é dar corpo àquilo que ainda não tem forma, construir sentidos e experimentar novas formas de viver e habitar o urbano.

A noção de cartografia sensível posiciona o corpo como ferramenta de leitura. É o corpo vibrátil que capta os fluxos e as intensidades dos lugares. O cartógrafo, então, torna-se um agente que escuta e se deixa afetar, aproximando-se de uma postura etnográfica.

---

<sup>13</sup> FERRAZ, Camila Benezath Rodrigues. **Mapas Oficiais e Cartografias do Cotidiano: Tensionamento das Experiências no Espaço**. São Paulo: FAU Mackenzie, 2017, p.104.

<sup>14</sup> ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011, p.65.



Como destaca Rolnik (2011), “o cartógrafo é um verdadeiro antropófago: vive de expropriar, se apropriar, devorar e desovar, transvalorado”<sup>15</sup>.

O caminhar se apresenta aqui como prática de investigação e com experiência sensível que produz o conhecimento sobre o urbano. Nesse sentido, busca-se articular corpo, território e cartografia, com o intuito de demonstrar como deslocamento físico pelo espaço se converte em gesto político, poético e metodológico.

Como apontam Certeau (1994), João do Rio (1995) e Paola B. Jacques (2006; 2008), o caminhar é compreendido como um modo de enunciação da cidade: um ato de reescrever o espaço a partir da experiência individual e coletiva. Como afirma Certeau, “os praticantes ordinários da cidade”<sup>16</sup> inscrevem no chão percorrido suas próprias narrativas, reconfigurando os usos e os sentidos dos lugares. O caminhar, portanto, não é apenas um deslocamento funcional, é uma forma de resistência aos traçados rígidos e uma maneira de escutar o território a partir de suas fissuras, ruídos e intensidades.

O corpo torna-se ferramenta central na produção de sentido. E este não apenas percorre a cidade: ele a sente, a molda e é moldado por ela. O conceito de “corpografia”, proposto por Jacques e Britto (2012), é mobilizado para dar nome a essa escrita sensível entre corpo e espaço. A cidade, nesse contexto, deixa de ser uma abstração para tornar-se corpo expandido – um organismo em constante negociação com aqueles que o habitam. “Além dos corpos ficarem inscritos nas cidades, as cidades também ficam inscritas e configuram os nossos corpos”<sup>17</sup>. Um corpo no corpo da cidade.

Assim como João do Rio (1995), a ideia de que as ruas abrigam uma “alma” encontra conexão com a figura do *flâneur* idealizada por Walter Benjamin, que ao caminhar pela cidade, transforma as ruas em extensão de sua própria morada. O *flâneur* não está simplesmente transitando por um espaço físico; ele se apropria da cidade como lugar de habitação simbólica, sentindo-se tão à vontade entre fachadas e esquinas quanto o burguês em sua residência privada. Contudo, diferentemente do conforto do lar burguês, o *flâneur* está em constante movimento, buscando na cidade os vestígios, imagens e rastros que atravessam o presente como espectros do passado. Para Benjamin (2015), o *flâneur* é o “sacerdote do *genius loci*”<sup>18</sup>, um mediador capaz de perceber não só os elementos visíveis da paisagem urbana, mas também as presenças fantasmagóricas – memórias latentes, símbolos esquecidos e figuras que assombram as paisagens modernas. Em *Rua de Mão Única*<sup>19</sup>, o autor retoma a técnica da montagem para descrever a experiência fragmentada e polifônica do sujeito na cidade, atravessado por múltiplas referências literárias, políticas e pessoais. A caminhada, assim, não é um simples deslocamento físico, mas uma atividade cognitiva e estética que produz sentidos, modificando culturalmente o espaço e convertendo-o em lugar.

---

<sup>15</sup> Idem.

<sup>16</sup> CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1998, p.171.

<sup>17</sup> BRITTO, Fabiana. D.; JACQUES, Paola. B. Corpo e cidade: coimplicações em processo. **Revista da Universidade Federal de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 19, n. 1 e 2, p. 142–155, 2012, p. 144.

<sup>18</sup> BENJAMIN, Walter. **Baudelaire e a modernidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015, p. 208.

<sup>19</sup> BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas II: Rua de mão única**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

Francesco Careri (2013) aponta que o caminhar é uma prática “estética e política”<sup>20</sup>. É uma forma de transformação simbólica da paisagem urbana, onde a presença do caminhante e suas percepções alteram o significado do espaço, produzindo novas narrativas e experiências. O corpo caminhante torna-se, assim, um operador de leitura da cidade, ele ativa memórias, percebe ritmos, reconhece ausências e nomeia presenças.

Essa dinâmica de habitar e caminhar pela cidade se relaciona diretamente com as proposições do surrealismo, que se abre para o inconsciente, o improvável e o desconhecido. No âmbito desta pesquisa, observa-se que as lendas e os fantasmas que permeiam a narrativa popular local funcionam como manifestações do imaginário coletivo em errância, onde o passado, presente, memórias e o medo se entrelaçam para construir narrativas simbólicas. Essas histórias de aparições e presenças fantasmagóricas, tal qual o surrealismo, revelam dimensões ocultas da realidade urbana, lugares onde o impossível torna-se possível e o invisível se torna real.

A construção teórica não é meramente abstrata, ela serve de base para a proposta metodológica da pesquisa, que assume o caminhar como ferramenta de escuta das lendas e memórias de Patos de Minas. Ao caminhar pela cidade a pesquisadora buscou produzir cartografias sensíveis que ultrapassam os limites da representação técnica e penetram no campo do imaginário e do afeto. É nesse ponto que o corpo no corpo da cidade se torna, também, corpo da pesquisa, um corpo que sente, registra, reflete e reconfigura o território vivido. Ao caminhar e escutar, o território se revela não apenas como suporte físico, mas como corpo vivido, atravessado por vozes, silêncios e fantasmas.

### **Patos de Minas além dos mapas**

Propõe-se aqui “dar corpo” ao imaginário urbano de Patos de Minas por meio de caminhadas, registros visuais através da ilustração, da fotografia e da elaboração de cartografias. Como fruto de um processo metodológico vivido corporalmente, em que a autora assume o papel de caminhante, observadora e intérprete do cotidiano urbano, trazendo à tona os múltiplos sentidos que habitam a cidade.

Ao todo, sete lendas foram selecionadas e sobrepostas aos mapas do território patense de vários períodos, com o intuito de revelar as transformações e as camadas simbólicas dos lugares aos quais estão relacionadas. Buscou-se identificar e levantar as lendas publicadas em diferentes períodos, possibilitando assim aproximá-las e cruzá-las, reconhecer as originais e as versões derivadas, análise esta que buscou compreender a atualização dessas lendas e sua permanência ainda hoje na literatura produzida na cidade.

Três dessas lendas – *A mulher de sete metros*, *O vale das cabaças uivantes* e *A gameleira* foram originalmente publicadas pelo memorialista Antônio de Oliveira Mello<sup>21</sup> no livro *Minha Terra: suas lendas e seu folclore* (1970).

---

<sup>20</sup> CARERI, Francesco. **Walkscapes: caminhar como prática estética**. São Paulo: G. Gilli, 2013.

<sup>21</sup> Antônio de Oliveira Mello (Paracatu, 1937) é um dos principais memorialistas de Patos de Minas. Formou-se em Filosofia pelo Seminário Arquidiocesano de São José do Rio de Janeiro. É membro do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, da Comissão Mineira de Folclore e da Academia Municipalista de Letras de Minas Gerais.



Figura 6: Capa da 1ª ed. do livro “Minha Terra: suas lendas e seu folclore” (1970), matéria da Folha de Patos (1942) e primeira publicação da lenda “A Mulher dos Três Metros” na Folha de Patos (1945).

Também foram encontradas em jornais que circularam pela cidade, como a *Folha de Patos*, que publicou, em três partes, no ano de 1945, a lenda *A mulher dos três metros*, de autoria do Prof. Aristóteles, astrólogo possivelmente fictício, e na *Folha Diocesana*, que publicou a *Lenda de Patos de Minas*, escrita por Risoleta Maciel Brandão (1968). Já *O cravo e a janela*, de Zama Maciel, originalmente publicada em 1942<sup>22</sup>, foi registrada por Eitel Dannemann e disponibilizada no site *EFECADPATOS*, juntamente com uma de sua autoria *O moço da vela* (2019)<sup>23</sup>. Originadas de diferentes fontes e autores, as lendas foram entrelaçadas ao espaço urbano por meio de uma cartografia afetiva, revelando mais do que simples relatos. Cada lenda carrega fragmentos de memórias que tornam visíveis as disputas políticas, fantasmas, os encantos e as vozes que habitam o imaginário patense, fazendo emergir outras camadas de significado para além do concreto.

Buscou-se construção de narrativas que representem as lendas presentes no imaginário popular patense. Para isto, foram realizadas cinco caminhadas, individualmente e em grupos de dois ou mais participantes, e organizadas a partir do mapeamento dos lugares das lendas urbanas. Buscou-se observar as arquiteturas, a ocupação humana e a paisagem, destacando lugares marcados por memórias pessoais.

<sup>22</sup> Arquivo do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão de História (LEPEH) da Unipam – Patos de Minas.

<sup>23</sup> <https://efecadepatos.com.br/?p=30112>

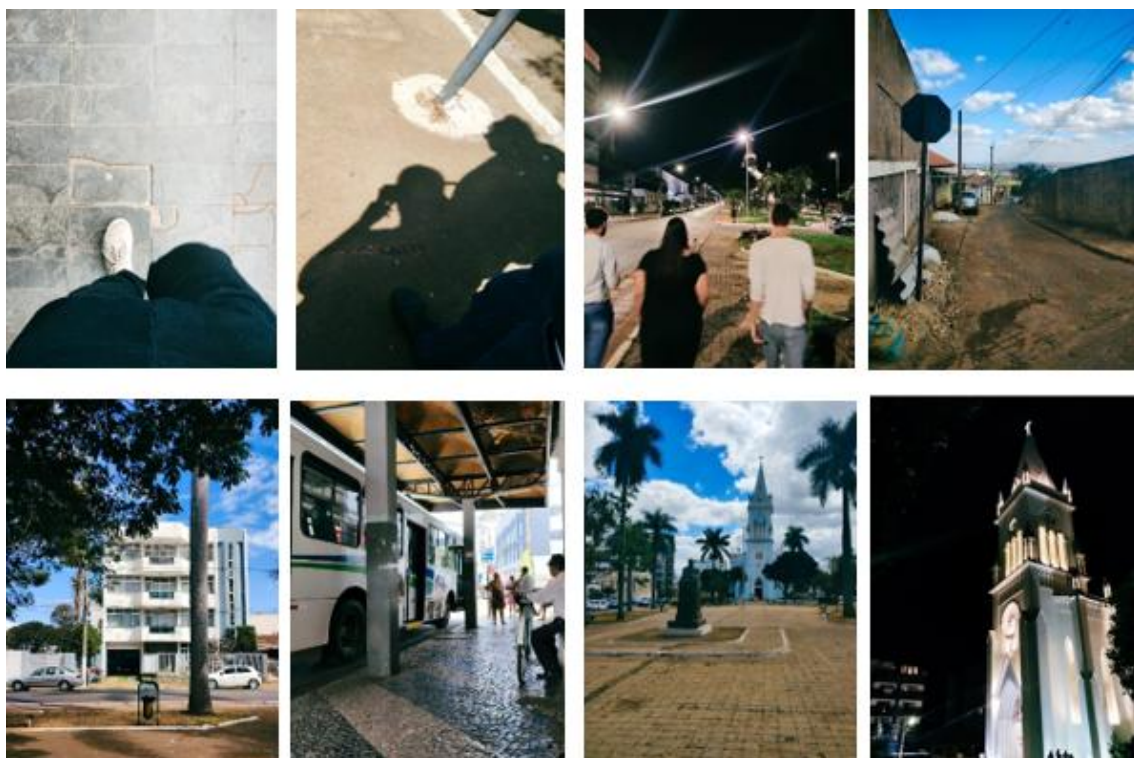


Figura 7: Registos das caminhadas. Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

As ilustrações surgem como traduções visuais das histórias ouvidas e dos afetos experimentados, funcionando como parte da cartografia, e os desenhos buscam evocar sensações, atmosferas e as presenças fantasmagóricas relacionadas aos lugares. Essas imagens não apenas complementam o texto, mas se tornam centrais na proposta da construção da cartografia: revelar Patos de Minas como um território no qual pulsam memórias, símbolos e afetos.



Figura 8: Primeira foto aérea de Patos de Minas, data desconhecida. Fonte: Acervo fotográfico de João Otávio Coelho.





Figura 9: Segundo Cemitério de Patos de Minas, hoje edifício do Fórum Olympio Borges. Fonte: Museu da Cidade de Patos de Minas.



Figura 10: Avenida Getúlio Vargas, 1936. Fonte: Museu da Cidade de Patos de Minas.





Figura 11: Casa do Olegário Maciel, 1945. Fonte: Acervo Fotográfico de João Otávio Coelho.

As lendas de Patos de Minas revelam a riqueza do imaginário popular que permeia a história e o território, oferecendo narrativas que mesclam o sobrenatural, o cotidiano e a memória coletiva. A *Lenda de Patos*, que trata da fundação da cidade, traz à tona a imagem da grande lagoa, que contribuiu para a formação do primeiro traçado do povoado e que hoje se encontra apagada. A *Mulher dos Três Metros*, lenda disseminada pelo Prof. Aristóteles nos jornais nos anos 1940, trata-se uma aparição espectral que assombrava a Avenida Getúlio Vargas nas noites de inverno, e vagava em frente ao busto e a casa de Olegário Maciel. Como um desdobramento desta, a *Mulher de Sete Metros*, que se tornou popular nas décadas seguintes está associada ao edifício do Fórum que foi construído sobre o antigo cemitério, e assombrou a mesma Avenida Getúlio Vargas, local onde se encontram os mesmos monumentos dos Maciéis. Nas imediações do antigo cemitério, também surgiu a lenda da *Gameleira*, que envolve os mistérios em torno de uma enorme gameleira que existiu na Praça dos Boiadeiros (atual Praça Abner Afonso), e assustava os vaqueiros que a tinha como ponto de encontro e se reuniam sob sua copa. A quarta lenda, intitulada *O Vale das cabaças uivantes* está vinculada à Mata do Tonheco, que se localizava nas margens do primeiro povoado, hoje ocupada pela Vila Padre Alaor e o Beco da Paulada, área que amedrontava moradores e tropeiros que ouviam gemidos e vozes, provenientes do som incidente do vento nas cabaceiras, espalhando a crença em almas penadas que se reuniam na mata.

Já a lenda do *Cravo e a Janela* está relacionada à antiga Avenida Benedito Valadares, hoje Rua Major Gote, principal via comercial da cidade, na qual a janela de uma casa amanhecia florida inexplicavelmente, tornando-se símbolo das esperanças e frustrações amorosas, e rememora os jardins que existiam no local. Já a lenda mais atual, o *Moço da Vela*, também aborda as vicissitudes amorosas e se relaciona à região do antigo Campo de Aviação, atual Bairro Lagoa Grande, onde ainda se encontra preservada uma das lagoas originais da cidade, que se tornou ponto de encontro e turístico. Cada uma

dessas lendas funciona como um ponto de acesso ao território das origens e do imaginário da cidade, revelando lugares que não mais existem e abrindo portas para outras dimensões que habitam o cotidiano urbano, dimensões onde o medo, o mistério, a memória e o encantamento se entrelaçam. Essa construção sensível do mapa, composta por relatos, ilustrações e caminhadas, apresenta Patos de Minas como uma cidade multifacetada, onde as narrativas populares se tornam instrumentos de leitura do território, revelando que há sempre mais de uma cidade por trás da cidade: a cidade que se anda, a que se sonha, a que se sente e a que permanece viva na memória de quem a habita. Portanto, trata-se mais do que um registro de percursos: ele é, em si, um mapa afetivo, onde as linhas não são apenas ruas, mas caminhos de memória, imaginação e subjetividade. É um convite para ver a cidade com outros olhos, os da escuta, da arte, da história e do sentir.



Figura 12: Ilustrações para as lendas “A Mulher de Sete Metros”, “O Vale das Cabaças Uivantes” e “A Gameleira”. Fonte: Elaborado pela autora, 2024.



Figura 13: Ilustrações para as “Lenda de Patos” e “A Mulher dos Três Metros”. Fonte: Elaborado pela autora, 2024.





Figura 14: Cartografia afetiva da cidade de Patos de Minas, construída a partir das lendas locais e sobrepostas ao território. Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

## Considerações Finais

A presente pesquisa reafirma a importância de olhar para a cidade não apenas como um espaço físico, mas como um território atravessado por memórias, histórias e imaginações que lhe conferem múltiplos sentidos. Ao utilizar a metodologia da cartografia afetiva aliada às caminhadas urbanas, foi possível captar as nuances subjetivas e simbólicas presentes em Patos de Minas, revelando como as lendas locais dialogam com as transformações do território e a experiência cotidiana de seus moradores. As caminhadas e a escuta atenta desses relatos mostraram como o imaginário local transforma e ressignifica o território, revelando camadas invisíveis que dão vida e alma ao lugar.

As lendas que permeiam a cidade não são apenas histórias para entreter, mas expressões culturais que mantêm vivas as relações entre passado e presente, real e imaginário. Elas carregam a força das emoções, dos medos, das esperanças e das resistências, e ajudam a compreender como as pessoas se conectam com a cidade de forma afetiva e pessoal. Esse processo de caminhar, observar e sentir a cidade despertou a consciência de que o território é uma construção dinâmica, feita de experiências, lembranças e sentidos que vão além do concreto e do visível. Cada passo pelas ruas trouxe a possibilidade de enxergar o espaço de uma forma mais sensível, captando suas nuances e permitindo que eu me aproxime do que há de mais profundo na relação entre as pessoas e o lugar onde vivem.

Assim, esta pesquisa reafirma a importância de valorizar as narrativas locais e a dimensão afetiva dos lugares para uma compreensão mais rica e humana da cidade. Enxerga-se que reconhecer esses aspectos é fundamental para preservar o patrimônio imaterial, a identidade e a história dos territórios, assim como para construir cidades que respeitem e acolham as múltiplas vozes e experiências que lhes dão sentido. Ao mesclar a escuta das ruas com a escuta das vozes que nos precedem, esta pesquisa convida à construção de um olhar: um olhar que abraça o que vibra fora da cartografia oficial, um olhar que aceite caminhar com os fantasmas, com os ecos e com os encantamentos que fazem da cidade um espaço composto por camadas nunca totalmente decifradas. É nesse espaço de incerteza e sensibilidade que se reconhece a potência das lendas, elas não apenas contam o que a cidade foi, mas anunciam o que ela pode vir a ser.

## Bibliografia

ADOC-PM. Acervo Documental e de Imagens do Município de Patos de Minas. DIMEP – Diretoria de Memória e Patrimônio Cultural / Prefeitura de Patos de Minas, 2008.

AMARAL, Lilian. Interterritorialidades: passagens, cartografias e imaginários. In: BARBOSA, Ana Mae; AMARAL, Lilian. **Interterritorialidade: mídias, contextos e educação**. São Paulo: Editora Senac/Edições SESC SP, 2008.

BORGES, Alex; SILVA, Rosa M. F. **Informe Histórico de Patos de Minas**. Museu da Cidade de Patos de Minas, 2011.

BRITTO, Fabiana. D.; JACQUES, Paola. B. Corpo e cidade: coimplicações em processo. **Revista da Universidade Federal de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 19, n. 1 e 2, pp. 142–155, 2012.

CARERI, Francesco. **Walkscapes: caminhar como prática estética**. São Paulo: G. Gilli, 2013.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

FERRAZ, Camila Benezath Rodrigues. **Mapas oficiais e cartografias do cotidiano: tensionamento das experiências no espaço**. São Paulo: FAU Mackenzie, 2017.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. São Paulo: Edusp, 1991.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MELLO, Antônio de Oliveira. **Minha Terra: suas lendas e seu folclore**. 1. ed. Patos de Minas: Editora da Academia Patense de Letras, 1970, p. 283-284.

MELLO, Antônio de Oliveira. **Patos de Minas: capital do milho**. Patos de Minas: Editora da Academia Patense de Letras, 1971.

RIO, João do. **A alma encantadora das ruas**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal da Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1995.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

SILVA, Rosa Maria Ferreira da. **A República dos Patos ou a construção da cidade republicana no sertão das Geraes: representação, memórias e conflitos**. Cidade de Patos, 1889-1933. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015.



## De Pampulha a Inhotim: Arquitetura e Arte Mural no Brasil

**Valentina Martins Marques**

UFRGS - Programa de Pós Graduação em Arquitetura  
[valentinamarmar@gmail.com](mailto:valentinamarmar@gmail.com)

**Cláudia Piantá Costa Cabral**

UFRGS - Programa de Pós Graduação em Arquitetura /  
Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais  
[claudiacostacabral@gmail.com](mailto:claudiacostacabral@gmail.com)

**Resumo:** A artista visual Adriana Varejão, em uma entrevista para a crítica de arte Hélène Kelmachter em 2004, mencionou os termos “eco” e “tecido de histórias” para se referir a temáticas que ocupam diferentes tempos e que influenciam seu trabalho. Além dessas temáticas, as palavras “Brasil”, “Portugal”, “barroco”, “arquitetura”, “azulejos” e “moderno”, são outros temas mencionados pela artista. Esse conjunto de temas é explorado de diferentes maneiras, mas se manifesta através de um denominador comum em algumas obras de Varejão: a presença ou alusão à azulejaria. A azulejaria, por sua vez, está vinculada à tradição herdada da colonização portuguesa e ao barroco, persistindo na história da arquitetura do Brasil através de releituras em diferentes momentos, incluindo aí o seu uso em murais na arquitetura moderna. Reflexões sobre diferentes passados da azulejaria no Brasil materializam-se em obras de Varejão como “Celacanto Provoca Maremoto” ou “Azulejões”, a qual ocupa a sala principal da galeria homônima à artista inaugurada em 2008 em Inhotim. O arquiteto Rodrigo Cerviño Lopez, autor do projeto, já havia colaborado com a artista em ocasiões anteriores e conhecia sua obra. Cerviño parece ter materializado na galeria Adriana Varejão um projeto que não apenas dialoga de maneira muito sensível com as obras expostas, como também opera no sentido de sublinhar os temas contidos nas mesmas. A partir dessas questões, propõe-se uma análise descritiva sobre o projeto, explicitando estratégias compositivas que reforçam a relação entre arte e arquitetura. Também se discutem os temas da recodificação do barroco e do mural de azulejo na obra de Varejão e de Cerviño, a partir do conceito de “paralaxe” formulado por Hal Foster. Através desta análise, busco mostrar como esses temas são questões fundamentais para se compreender esse projeto e sua importância dentro do panorama da arquitetura latino-americana.

**Palavras-chave:** Arquitetura Contemporânea Latino-americana, Arquitetura e Arte, Galeria Adriana Varejão, Barroco, Azulejo.

## Introdução

O artigo analisa um caso central para a tese em desenvolvimento, previamente intitulada *De Pampulha a Inhotim: Arquitetura e Arte Mural no Brasil*. Trata-se da Galeria Adriana Varejão, construída no Instituto Inhotim [Brumadinho, Minas Gerais] em 2008. Destacam-se os procedimentos compositivos empregados pelo autor do projeto da galeria, arquiteto Rodrigo Cerviño Lopez, e pela autora da obra em exposição, a artista Adriana Varejão, no sentido de expor a rica interlocução entre arte e arquitetura que tem lugar no espaço da galeria. Estes procedimentos se amparam, sobretudo, no barroco e na tradição da azulejaria portuguesa como elementos fundamentais nos processos de ambos os autores no que diz respeito ao conjunto analisado. Esses processos se traduzem em uma reflexão e reinterpretação sensível sobre diferentes passados, sobre memória e heranças culturais. A artista, antes da colaboração com Cerviño que culminou no projeto da galeria, já incorporava os temas da azulejaria portuguesa, do barroco, do mural de azulejos na arquitetura, dentre outros, como referências para diferentes reflexões sobre o passado em suas obras. Esses temas estão presentes de maneira mais contundente na peça principal de sua galeria, “Celacanto Provoca Maremoto” ou “Azulejões”, obra de 2004.

A aproximação entre a arte mural na arquitetura moderna brasileira e o caso da Galeria Adriana Varejão não parece ser casual. Adriana Varejão utilizou a expressão “Câmara de Ecos”, originalmente contida em um texto sobre o Barroco, do poeta e crítico de arte e literatura cubano Severo Sarduy, para nomear uma de suas exposições na Fundação Cartier em Paris no ano de 2005. Nessa exposição, esteve presente a obra “Celacanto Provoca Maremoto”. A escolha da expressão “Câmara de Ecos” foi justificada da seguinte forma por Varejão em entrevista concedida à crítica de arte Hélène Kelmachter:

“[...] Severo Sarduy se refere à “câmara de ecos” como o espaço onde escutamos ressonâncias sem nos ater a uma sequência ou a qualquer noção de causalidade, onde o eco precede, muitas vezes, a voz’ Ele se refere também à inversão do enredo histórico conhecido, a uma narrativa sem datas.

Dessa maneira, minha narrativa não pertence a um tempo ou lugar, ela se caracteriza pela descontinuidade. Ela é um tecido de histórias. Histórias do corpo, da arquitetura, do Brasil, da tatuagem, da cerâmica, dos azulejos antigos, portugueses, ou dos modernos[...]. (primeira resposta).”<sup>1</sup>

A ideia de colocar em perspectiva diferentes tempos dentro do campo da produção nas artes visuais, sobretudo uma determinada arte do passado que reverbera na arte de um tempo posterior, é discutida por Hal Foster através dos conceitos de *Paralaxe* e *A Posteriori*<sup>2</sup>. Assim como na fotografia, a *Paralaxe* pode ser entendida como uma mudança de perspectiva sobre algo que é perceptível a partir do deslocamento de quem o observa.<sup>3</sup> O outro conceito empregado por Foster, deslocado do contexto da psicanálise para a historiografia da arte, é *A posteriori*. Esse outro conceito é colocado em relação com o anterior pelo autor para discutir sobre subjetividades que são elaboradas a partir de “uma sucessão de antecipações e reconstruções de acontecimentos”. Dentro do campo das artes visuais, essas sucessões explicariam ciclos de descobertas e mudanças nas formas de se pensar e fazer arte através de

---

<sup>1</sup> VAREJÃO, 2005, p.1

<sup>2</sup> O Retorno do Real.

<sup>3</sup> FOSTER, 2014, p. 10.

um retorno a temas artísticos que não se manifestam como meras repetições, mas desenvolvimentos desses.<sup>4</sup> Através desse entendimento sobre os conceitos, proponho deslocá-los para o contexto da análise sobre os procedimentos compositivos tanto do projeto de Cerviño quanto das obras de Varejão. Busco, com este artigo, sublinhar a questão da recodificação do passado, da memória, das heranças culturais e do barroco que se manifestam de diferentes maneiras no conjunto de arte e arquitetura analisado, sobretudo a partir da presença ou alusão à azulejaria. Também procuro construir uma contribuição oportuna ao corpo de pesquisas voltadas às relações entre arte e arquitetura no Brasil.

### **Galeria Adriana Varejão**

Ao final de 2004, o arquiteto Rodrigo Cerviño Lopez foi convidado pela artista visual Adriana Varejão, na época noiva de Bernardo Paz, o empresário da mineração e idealizador do Instituto Inhotim, para visitar o local em que se situaria a galeria destinada às suas obras. Seis meses após à visita, como conta à Serapião em entrevista<sup>5</sup>, Cerviño apresentou no casamento da artista e do empresário a maquete do projeto final da Galeria. Essa construção, projetada para abrigar apenas obras de autoria de Varejão, conta com um acervo reduzido e até então permanente de 6 obras: *Panacea Phantastica*, *Linda do Rosário*, *O colecionador*, *Carnívoras*, *Celacanto Provoca Maremoto* (ou *Azulejões*) e *Passarinhos*.

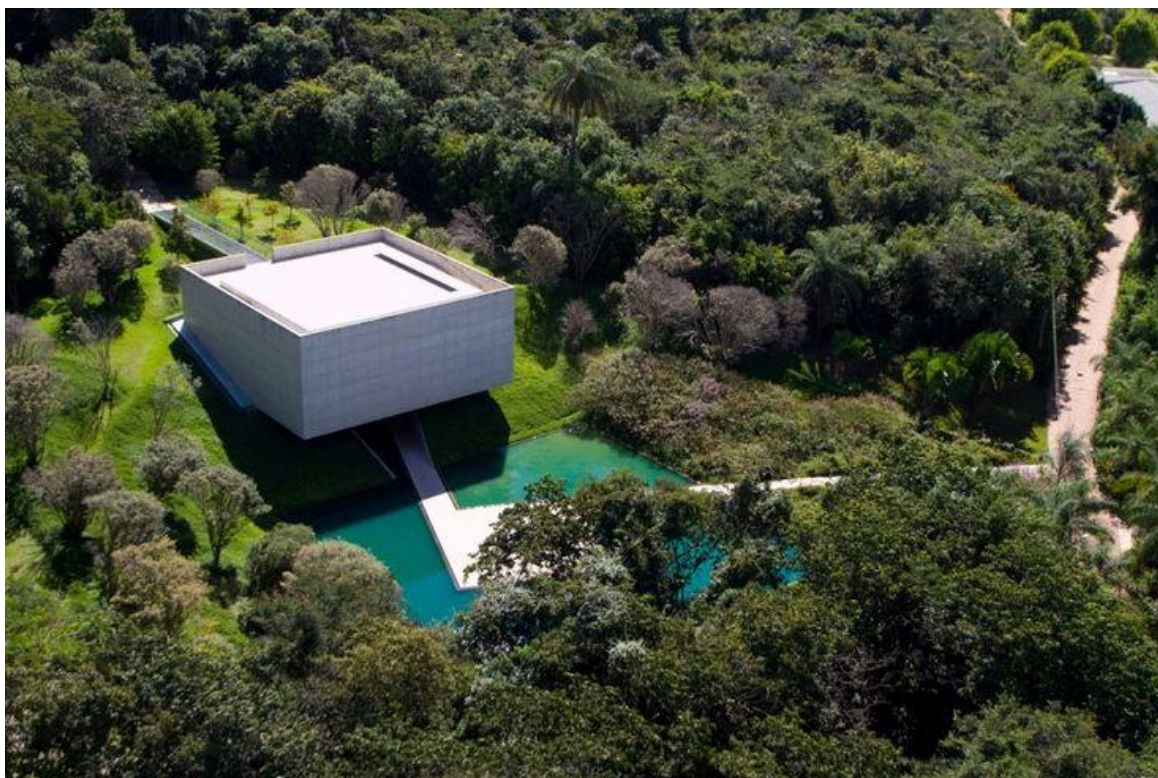


Figura 1 – Fotografia aérea da Galeria Adriana Varejão. Adaptado de <http://nitroimagens.photoshelter.com/image/I00009MQ5cGcShto>

---

<sup>4</sup> Ibid. p. 25.

<sup>5</sup> SERAPIÃO, 2011, p. 14.



A galeria é caracterizada por um volume de concreto armado aparente de lados iguais, em parte incrustado na encosta de um morro, em parte composto por um balanço em oposição à parte mais alta desse morro. O balanço é voltado para um amplo espelho d'água e imprime a sensação de que o volume, elevado a um pavimento do chão, parece sobrevoar parte desse espelho. Sem quaisquer aberturas em suas faces, o volume contém apenas marcas de formas do processo de concretagem, marcas essas que conformam uma retícula quadrada de grandes proporções. O contraste entre a sobriedade exterior e riqueza de detalhes, formas e cores no interior (tanto pelas operações de Cerviño como pelas obras de Varejão) ecoam procedimentos compositivos observados em construções do barroco português<sup>6</sup>. Dessas, as construções religiosas incorporam o elemento da antecipação e posteriormente uma revelação aos visitantes, que se manifesta através de interiores que apresentam ornamentação em grandes superfícies, incluindo murais de azulejos aplicados em múltiplos ambientes.



Figura 2 – Caminho de acesso à praça ao centro do espelho d'água da Galeria Adriana Varejão; banco/obra Panacea Phantastica. Elaborado pela autora.

O espelho d'água, um pavimento abaixo do volume de concreto, é composto por águas de uma tonalidade azul intensa e artificial. Também possui uma pequena praça em seu centro que, por sua vez, se conecta a dois caminhos. Um dos caminhos parte do parque e leva à praça, o outro parte da praça e leva ao interior da galeria. O piso da praça e dos caminhos, assim como paredes e muros de contenção da galeria, é de concreto e apresenta padrão quadricular. Ao centro dessa praça, e ao centro da peça de formato quadricular central do

<sup>6</sup> BEDOLINI, 2021, p. 78.

piso da mesma, encontra-se o banco/obra artística intitulada Panacea Phantastica (2003-2008). A obra/elemento arquitetônico possui um formato de paralelepípedo e superfície de topo quadrada. Todas as faces são revestidas por azulejos quadrados de fundo branco, formando um padrão de intercalação entre peças brancas e peças compostas por imagens de espécies de plantas alucinógenas serigrafadas num tom azul marinho. A obra em seu formato original, peças azulejares independentes, foi pensada para ser reproduzida e exibida de formas variadas, incluindo sua aplicação em distintos projetos de arquitetura.

O tema da retícula e do formato quadrado é repetido em diferentes escalas, do azulejo ao piso, do piso ao formato do banco, do banco ao formato da praça, da textura do volume suspenso ao formato do seu perímetro, na duplicação do volume no reflexo do espelho d'água, numa progressão de duplicação e/ou de aumento de proporção que ecoa o recurso artístico/literário *mise en abyme*<sup>7</sup>. Embora esse recurso compositivo não seja apresentado por esse nome na arquitetura, não é incomum observá-lo em projetos nos quais se explora, em múltiplos espaços e diferentes escalas, a repetição de uma forma geométrica, assim como na duplicação de elementos arquitetônicos a partir do efeito reflexivo<sup>8</sup>.

A partir da praça, o visitante pode voltar-se para a galeria e perceber que o bloco superior está encrustado no morro em declive e que há uma pequena abertura no mesmo. Como uma cisão no morro, a abertura revela um caminho acompanhado de um estreito curso d'água, o qual é a continuação do espelho da praça externa. Esse caminho em concreto, ladeado pelo curso d'água, penetra o interior do morro e conduz ao espaço expositivo térreo.

---

<sup>7</sup> Sobre o recurso de *mise en abyme* na literatura, ALLIMANN; REVAZ o explicam através do conto A Biblioteca de Babel, de Jorge Luís Borges: “Ela (A Biblioteca de Babel) é um mundo dentro de um mundo, ela reúne todas as obras sobre todas as coisas que existem. E além, a biblioteca que deve ser infinita é uma prova de que o mundo é também infinito, dado que ela é sua reflexão.” (ALLIMANN; REVAZ, 2015, p. 65) Tradução nossa.

<sup>8</sup> ALLIMANN; REVAZ, 2015, exploram inúmeros exemplos em seu texto.



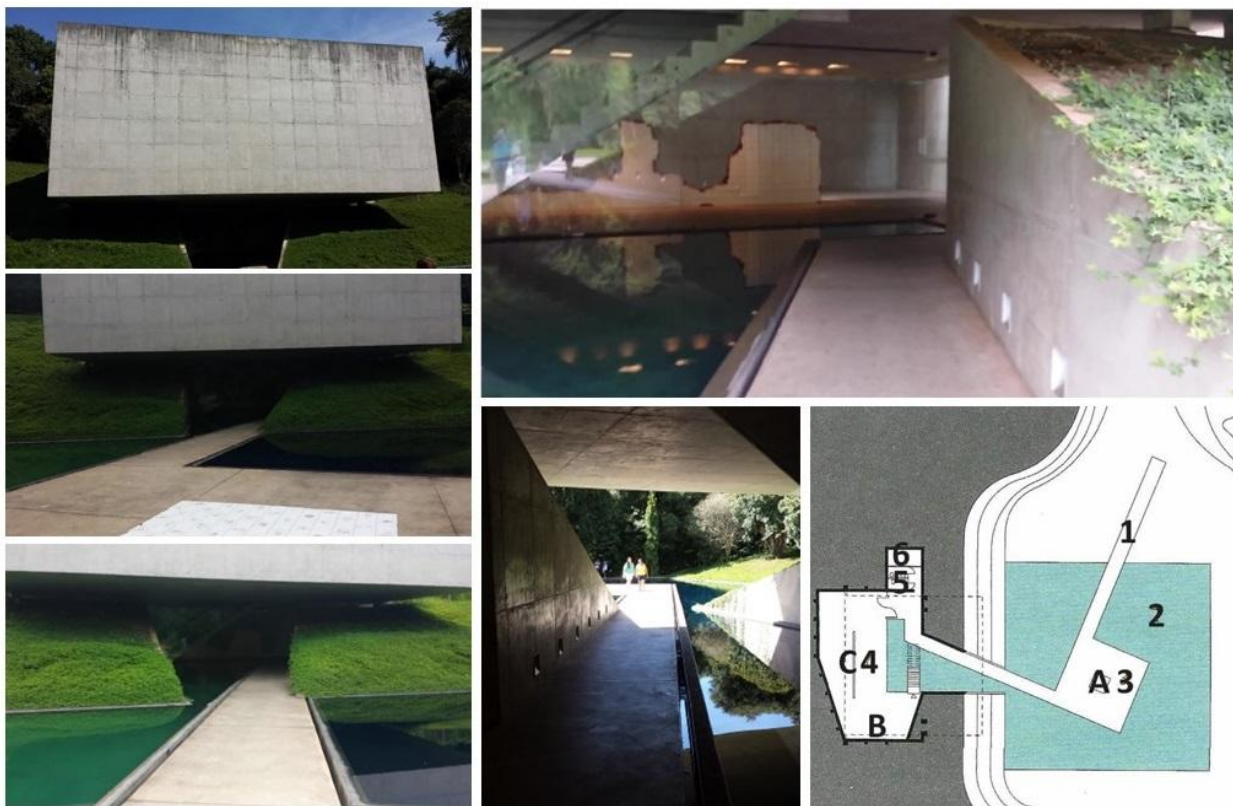


Figura 3 – Caminho de acesso ao interior do pavimento térreo da galeria. Elaborado pela autora. Planta baixa do pavimento térreo. Legenda: 1- Caminho de acesso ao espelho d'água e praça 2- Espelho d'água 3- Praça A- Panacea Phantastica 4- Espaço de exposições térreo 5 e 6 – Sanitários e Infraestrutura C- Linda do Rosário B – O Colecionador. Adaptado de SERAPIÃO, 2011, p.64.

Ao se deslocar por esse caminho, o visitante avista uma escada aparentemente suspensa e abaixo dela, a continuação do espelho d'água. O espelho d'água ocupa uma parte significativa de uma área coberta e aberta que se configura como um espaço liminar<sup>9</sup> no interior do morro. No contorno desse espelho e da escada que se insinua suspensa do chão, mas não o é, uma cortina de vidro separa o que é espaço expositivo desse espaço liminar. O final do caminho que sai da praça em direção ao interior da galeria leva à parte direita do espaço expositivo. O acesso à escada, desse ponto de observação, se encontra na direção oposta. O espaço interior e expositivo do térreo, de formato irregular, envolve espelho d'água e escada suspensa. As paredes internas desse espaço interno são muros de contenção do morro e possuem a mesma materialidade e textura das faces do bloco superior.

A incidência de luz natural é indireta e branda. Há luz solar vinda de diferentes frestas: da fenda no morro, que corresponde ao acesso ao interior da galeria, e das claraboias. Conformadas pelo desalinho entre as paredes do bloco superior (recuadas) com relação às paredes de contenção do pavimento térreo, as claraboias produzem luzes que incidem sobre

<sup>9</sup> “Fred Koetter define essa zona do entre que é o liminar como o “reino da especulação e questionamento do consciente e inconsciente - a zona onde coisas concretas e ideias são misturadas, destrinchadas e rearranjadas – onde memória, valores e intenções colidem.” (Koetter) É um espaço que é essencialmente ambíguo e, por definição, temporário; um espaço de transição ou espaço entre constantes permanentes” (ZIMMERMAN, 2008, p. 5). Tradução nossa.

as paredes, destacando suas texturas, bem como uma obra que cobre uma dessas, o mural O Colecionador. O espaço é introvertido, ecoando novamente o barroco português, especificamente os interiores de igrejas do período. Esses efeitos de iluminação natural indireta, sobretudo através das claraboias, ecoam também o recurso compositivo, comum em espaços religiosos, de posicionar aberturas em altura superior, o que produz o efeito visual de raios solares que descem do céu.

Nesse espaço interno térreo, há duas obras de Varejão. Paralela à escada de acesso ao pavimento superior, ao centro da sala, encontra-se a obra Linda do Rosário. Linda do Rosário (óleo sobre alumínio e poliuretano), 2004, uma escultura, reproduz um plano de parede em ruínas revestido por paródias de azulejos brancos e vísceras no lugar dos tijolos. A obra faz alusão a um acontecimento trágico real: o desabamento do Hotel Linda do Rosário no Rio de Janeiro em 2002 e a consequente morte de um casal que se encontrava em seu interior.

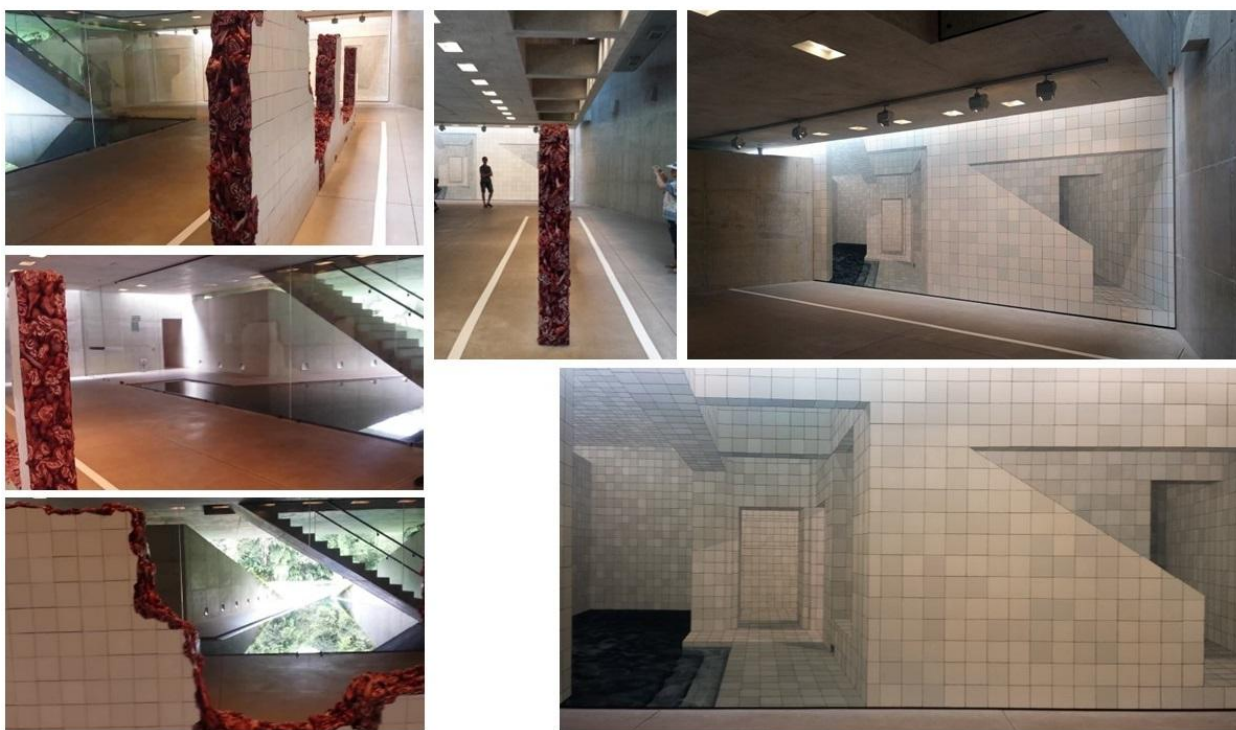


Figura 4 – Espaço de exposições do térreo da galeria. Elaborado pela autora. Ao centro do espaço, a obra Linda do Rosário. Em parede perpendicular, o mural O Colecionador.

Em uma das paredes perpendiculares à Linda do Rosário, há o mural/grande tela intitulada O Colecionador (óleo sobre alumínio e poliuretano), 2008. Esse mural/tela pintada ocupa a totalidade da superfície de uma parede de frente para o acesso à escada de subida ao pavimento superior. A obra retrata um espaço que remete à uma sauna completamente revestida por azulejos brancos e composta por uma piscina. A proporcionalidade do espaço retratado no mural em relação ao espaço real da galeria, bem como a perspectiva imprimida à cena, remetem ao *Trompe L'oeil*, recurso artístico e arquitetônico de ilusão de ótica. Esse recurso busca imprimir a ideia de continuidade espacial entre pintura e o real e, na aplicação em projetos de arquitetura, busca sublinhar a sensação de profundidade em espaços. Esse mural, assim como o espaço conformado pelo espelho d'água e a escada da galeria, também

evoca a sensação de espaço liminar. O *Trompe L'oeil* também foi recurso compositivo comumente empregado nos murais de azulejos do barroco português.<sup>10</sup> A cena retratada no mural enquadra diferentes alternativas de passagem e percurso dentro de uma sauna. A ideia de liminar reside na escolha de sublinhar os espaços de passagem no mural, que por sua vez se comunicam com os elementos do espaço liminar da galeria. Percebidos em relação, os espaços liminares dessa sala da galeria e os do mural estabelecem uma espécie de duplicação, a qual reforça o efeito *Trompe L'oeil* da obra. A ilusão de ótica somada ao tema de espaço de caráter labiríntico presentes no mural também ecoam algumas ilustrações de arquiteturas imaginárias de G. B. Piranesi e de M. C. Escher<sup>11</sup>. Essas ilustrações trazem caminhos emaranhados conformados por escadas e corredores que compõem uma construção que nega a lógica espacial e geométrica do real.

Tanto em Linda do Rosário como em O Colecionador, há a presença da paródia/imitação de azulejos brancos. Inclusive, se comparados os azulejos entre essas, há uma aparente equivalência de tamanho das peças, o que sugere um intencional diálogo. Há também outro fato interessante, o de que a data de criação do Colecionador coincide com a data da inauguração da galeria, o que leva a crer que, ao contrário de peças como Linda do Rosário, o mural foi realizado especificamente para o espaço que ocupa. Essas evidências apontam para a ideia de que foi articulada previamente em projeto, num processo colaborativo entre Cerviño e Varejão, a relação entre o Colecionador, o espaço de exposição e a outra obra, Linda do Rosário. Em frente ao Colecionador, há o acesso à escada perpendicular ao mural. Essa escada é estreita e a permeabilidade visual ao longo da subida, dadas as cortinas de vidro que a contornam, sublinha a sensação de espaço liminar entre interior e exterior do térreo da galeria. Desde o princípio da subida, é possível vislumbrar parte da obra que se encontra na sala de exposições superior. O final da subida da escada revela que a mesma se encontra ao centro de uma sala ampla e sem janelas.

---

<sup>10</sup> BEDOLINI, op. cit., p. 71.

<sup>11</sup> Como Prisões Imaginárias (séc. XVIII) do primeiro e Beco Encoberto in Atrani (1931) e Casa de Escadas (1951) do segundo.



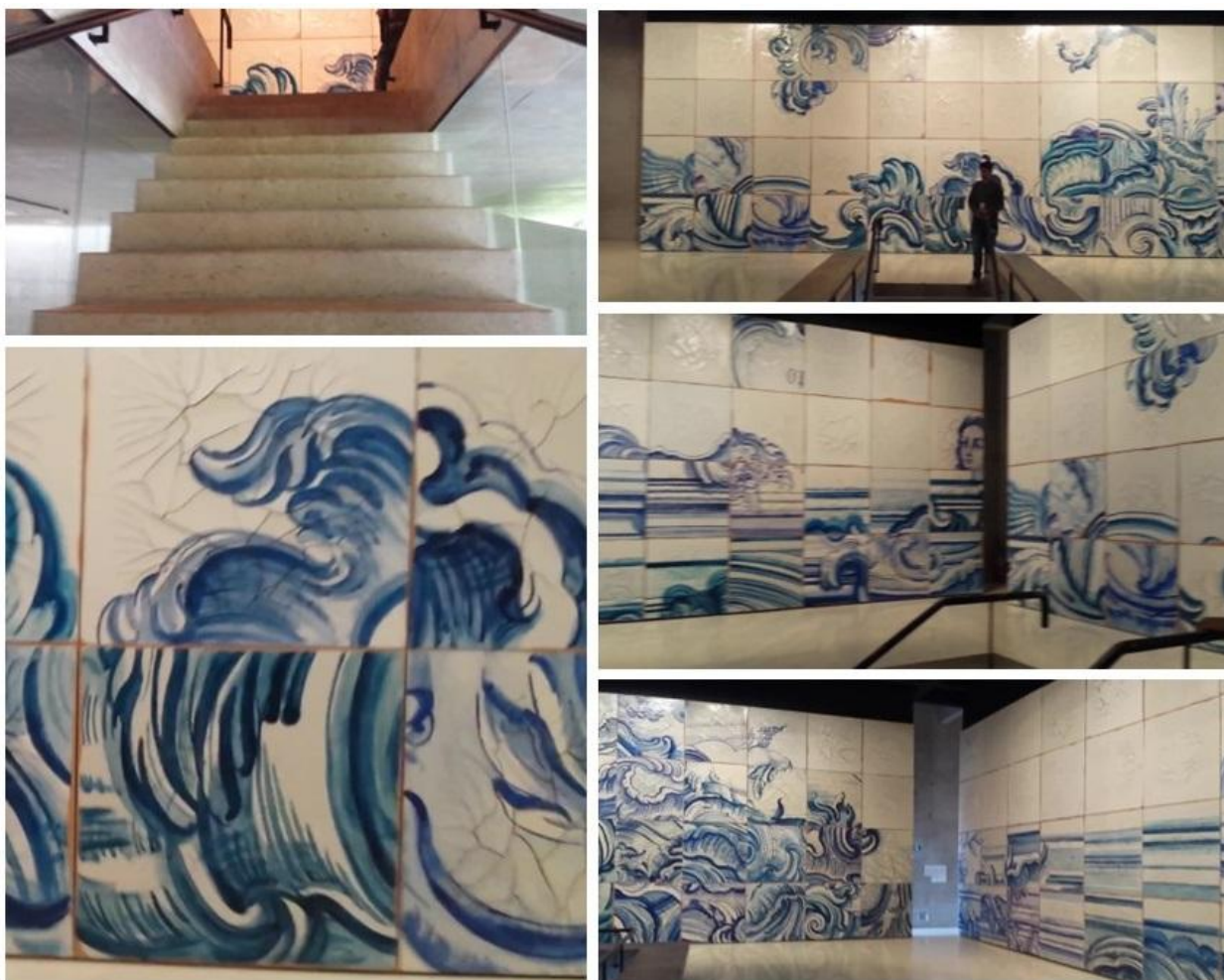


Figura 5 – Escada de acesso ao espaço de exposições do segundo pavimento. Segundo pavimento e obra Celacanto Provoca Maremoto ou Azulejões. Elaborado pela autora.

Revestindo quase que a totalidade das quatro paredes internas de perímetro quadrado da sala de exposições superior, a obra *Celacanto Provoca Maremoto ou Azulejões* (óleo e gesso sobre tela), 2004, é a maior obra da galeria. *Azulejões* originalmente participou de exposições em anos anteriores sob a forma de uma única superfície. Para a criação da galeria, foi ampliada de modo a cobrir as quatro paredes da sala principal, conformando 184 telas ao todo. Nessa obra, novamente há a presença da paródia do azulejo. No entanto, ao contrário dos azulejos brancos nas obras do espaço inferior, *Azulejões* faz alusão à uma azulejaria barroca portuguesa que traz tanto os tons de azul em fundo branco como também uma composição que apresenta grafismos e/ou craquelados em todas as suas peças<sup>12</sup>. Os elementos gráficos das peças como *rocaillies*, frisos, rostos de traços angelicais e ondas marítimas também referenciam essa azulejaria.

<sup>12</sup> “[...] preenchimento total gerado pelo *horror vacui* tão característico do barroco[...]” (BEDOLINI, op. cit., p. 77). *Horror vacui* é uma expressão em latim que se traduz como “horror ao vazio” e que corresponde à ideia de preenchimento completo de uma obra artística com elementos compositivos, como cores, formas, volumes ou texturas.

A decomposição e recomposição aparentemente desordenada dos azulejos é proposital. Sublinha a ideia de que a referência inicial identificável, a azulejaria barroca, passou por um processo de transformação. Mas não só, pois a obra, ecoando e reinterpretando artifícios compositivos presentes no barroco, opera também como um espelhamento do processo de transformação da azulejaria na história da arquitetura brasileira em si, operação essa sublinhada pela arquitetura de Cerviño, sobretudo através do tema da repetição das superfícies quadriculadas. Observa-se a repetição harmônica da disposição ortogonal de peças em Azulejões ao mesmo tempo em que se coloca em evidência uma operação de fragmentação e embaralhamento (planejado) dos grafismos, bem como o efeito craquelado (produzido artificialmente, reforçando o aspecto da paródia do azulejo). Esse embaralhamento parece se comunicar com a palavra descontinuidade, utilizada pela artista para se referir a obras suas que não pertencem a um tempo ou lugar específico<sup>13</sup>. A descontinuidade pode ganhar alguns significados aqui. Pode fazer referência à substituição de peças quebradas por peças que não respeitam a composição pictórica original dos murais tradicionais<sup>14</sup>. Mas pode também ecoar o processo de retomada e transformação da azulejaria através da arquitetura moderna no Brasil, assinalando uma descontinuidade de tempos nesse processo.

Há o caráter reflexivo dessa obra, o qual se deve também à Cerviño que, através de escolha de projeto, determina que a mesma esteja contida em espaço introvertido. A questão do percurso de subida e a consequente antecipação ao acesso à sala de Azulejões proposta pelo arquiteto também contribuem para a experiência de imersão e reflexão sobre a obra. A sala de exposições de Azulejões encontra-se em uma caixa menor inserida na caixa maior e sem aberturas (à exceção de dois acessos em extremos da sala e do acesso pela escada) que é avistada do exterior. Não foi encontrada a informação sobre se partiu de Cerviño ou Varejão a ideia de revestir as quatro paredes da sala principal com os Azulejões. De toda forma, essa escolha contribuiu para sublinhar o caráter imersivo que já se desenhava na obra em seu formato original. Esse revestimento quase que total da sala dos Azulejões, numa espécie de repetição da textura quadriculada presente em seu exterior, também parece fazer referência aos temas da repetição e reflexão contidos no *mise en abyme*.

---

<sup>13</sup> Vide citação 1.

<sup>14</sup> HERKENHOF, 2001, p. 02.



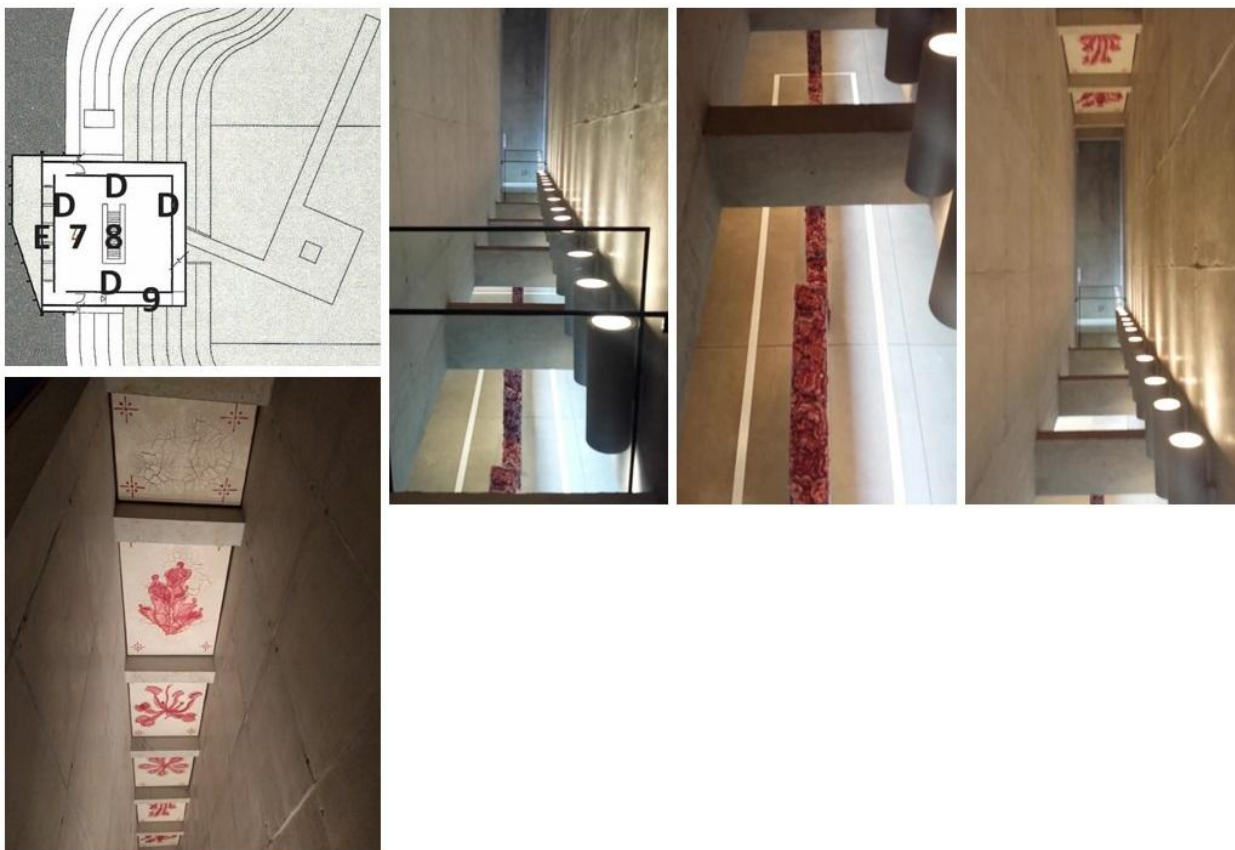


Figura 6 – Planta baixa do 2º pavimento. Legenda: D- Celacanto Prova Maremoto ou Azulejões E- Vazio composto pela obra Carnívoras 7- Espaço de exposições do 2º pavimento 8- Escada que conecta o pavimento térreo ao 2º pavimento 9- Início das rampas de acesso ao terraço/prança de cobertura. Adaptado de SERAPIÃO, 2011, p.64. Fotografias do mezanino e vazio do 2º pavimento: Políptico Carnívoras vista de baixo, entre vigas do teto de cobertura. Linda do Rosário vista de cima, posicionada longitudinalmente com relação ao vazio do 2º pavimento. Elaborado pela autora.

Nos dois acessos da sala, localizados nos extremos de uma das faces do mural, o visitante pode ocupar um pequeno mezanino junto a um vazio. Esse vazio conecta visualmente o pavimento inferior com o superior e é caracterizado pelo perímetro com forma retangular alongada e largura de um corredor. Olhando para o pavimento inferior, o visitante pode observar que a obra Linda do Rosário se encontra exatamente ao centro desse vazio do pavimento superior, em concordância com o seu sentido longitudinal. Se ao contrário, o visitante decidir se posicionar no mezanino junto ao vazio, porém olhar para cima, ele irá se deparar com a obra Carnívoras.

Formando um políptico ou um conjunto de telas pintadas sob o mesmo tema e contidas em retábulos conformados pelas vigas da cobertura do edifício, Carnívoras (óleo sobre gesso), 2008, ornamenta o teto desse espaço intersticial. Há novamente aqui a alusão à azulejaria, dessa vez retratando em cada um dos cinco intervalos entre vigas uma espécie de planta carnívora: *Darlingtonia*, *Dionaea*, *Drosera*, *Heliamphora* e *Nepenthes*. Ao contrário dos Azulejões ou da Panacea Phantastica, Carnívoras é pintada em tons de vermelho sobre fundo branco. Ao acessar os dados sobre a obra no site do Instituto Inhotim, é possível encontrar a informação de que Varejão pintou esse políptico ao final da construção da galeria, o que

sugere que a obra foi pintada especificamente para ocupar o espaço em que se encontra. A comunicação visual entre Carnívoras e Linda do Rosário também sugere algo; estabelece diálogo entre as obras, o que nos faz retornar à temática da Linda do Rosário. Varejão conta à Kelmachter que a obra também está associada ao prazer carnal<sup>15</sup>. Carnívoras, por sua vez, traz a representação de plantas que consomem carne e ao mesmo tempo assumem formas que ecoam órgãos sexuais. A decisão de propor uma obra como Carnívoras em espaço semiescondido e em comunicação visual com Linda do Rosário parece reforçar essa conotação.

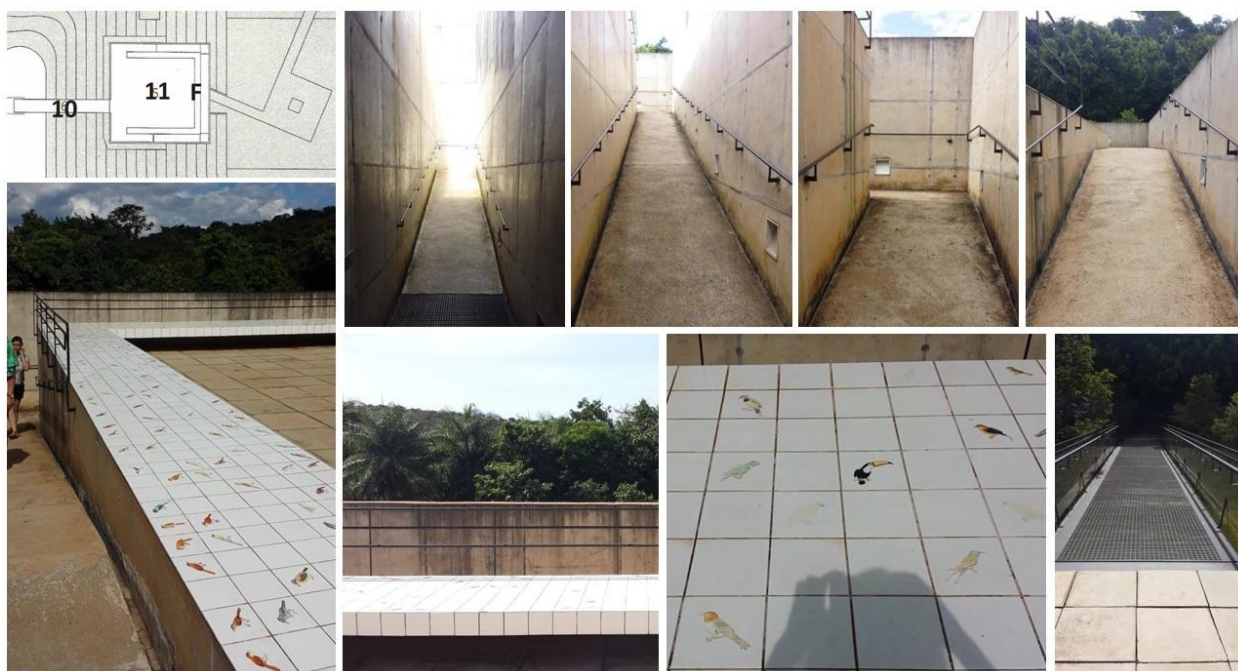


Figura 7 – Planta baixa do terraço de cobertura. Legenda: F- Obra/banco/parapeito Passarinhos. 11- Praça seca do terraço de cobertura 10- Passarela/rampa de saída da galeria. Adaptado de SERAPIÃO, 2011, p.64. Fotografias da subida pelas rampas em direção à cobertura, da praça, da obra Passarinhos e da passarela/rampa de saída. Elaborado pela autora.

Em um dos extremos do mezanino e vazio composto pelas Carnívoras, o visitante tem acesso a outro espaço, mais uma vez de caráter liminar: um corredor externo a céu aberto e conformado por paredes que fazem parte das duas caixas mencionadas. Entre a caixa menor, caracterizada pelo espaço de exposições de Azulejões, e a caixa maior, que conforma as paredes externas da galeria, são configurados quatro interstícios nos quais se acomodam, em cada um, o já mencionado mezanino com vazio, o acesso ao corredor com o primeiro lance de rampas, e os dois interstícios restantes compostos por mais dois lances de rampas. Essas rampas a céu aberto conduzem a um terraço de cobertura e, dado as suas disposições ao longo dos interstícios, definem um percurso concêntrico. Nas superfícies externas e internas das caixas se repete a textura quadriculada das formas da concretagem e que aludem às obras de Varejão.

<sup>15</sup> “Era um hotel de encontros cujo nome era Linda do Rosário. O incidente aconteceu na hora do almoço. Sob os escombros, encontraram um casal que estava provavelmente fazendo amor e conhecendo uma pequena morte.”

(Ibid., p. 02)

O início do percurso de subida pelas rampas é marcado pela visibilidade nula do horizonte do parque. Da paisagem, enxerga-se apenas o céu. Na medida em que o visitante vai progredindo em sua subida, a altura das paredes que sustentam as rampas vai diminuindo e aos poucos as copas das árvores do parque são vislumbradas. Ao final da subida, o visitante se encontra no nível da cobertura do edifício e acima do nível das copas, podendo enxergar um pouco além. Essa cobertura é caracterizada por uma praça seca. Junto ao contorno de três lados dessa praça e aos três lances de rampas, há uma peça que pode ser lida como obra artística/banco/parapeito, intitulada Passarinhos. Esse banco e o percurso de rampas parece traçar um paralelo com o percurso no interior da sala de exposições do pavimento térreo. Também ecoam a conformação do escadório do átrio da Igreja do Bom Jesus de Matosinhos em Congonhas (MG), obra do escultor e arquiteto Aleijadinho. Esse santuário do barroco brasileiro, por sua vez, foi inspirado nas construções religiosas portuguesas.<sup>16</sup>

Passarinhos, (pintura à mão sobre azulejo) de 2003-2008, corresponde a uma série de azulejos, ora brancos em sua totalidade, ora compostos por pinturas de espécies de passarinhos que são encontrados em Brumadinho sobre fundo branco. Essa obra é um desdobramento de outra que havia sido produzida por Varejão em 2003 intitulada Pássaros da Amazônia. Passarinhos foi realizada em 2008, data já mencionada da inauguração da galeria. Novamente há correspondência entre data de uma obra artística e data da construção, sugerindo que Passarinhos foi realizada especificamente para compor a galeria. Na praça seca, defronte ao banco, há uma passarela metálica de chapa perfurada que conecta o terraço a um caminho de nível correspondente ao topo do morro junto à galeria. Essa passarela encerra o percurso da galeria e direciona o visitante para o caminho em meio à natureza que conduz à outras atrações do parque.

A partir dessas observações sobre percursos, espaços e obras artísticas da Galeria Adriana Varejão, percebe-se que há alguns temas que se destacam no projeto e nas obras da artista: a ideia de espaço liminar, sobretudo na arquitetura, e a alusão à azulejaria e ao barroco português tanto através da arte como da arquitetura. Sobre espaço liminar, o conceito se refere a um estado do entre, do que se distingue e ao mesmo tempo pertence, do simultâneo e do transitório. Em ritos de passagem, o liminar é o estágio entre o começo e o fim e que marca o estado da transitoriedade<sup>17</sup>. Na arquitetura, o espaço liminar pode ser uma estratégia de projeto na qual se estabelece que uma parte, um espaço ou uma zona que assume características que buscam sublinhar o estado de transitoriedade, ao mesmo tempo em que instigam a antecipação. Ao interpretar o projeto da galeria como uma espécie de equipamento que proporciona diferentes rituais de passagem, os espaços liminares que compõem o projeto assinalam as transições entre rituais. Esses rituais podem ser interpretados como experiências de imersão e reflexão sobre as obras, enquanto que os espaços liminares são marcados por elementos arquitetônicos que compelem o deslocamento, a passagem, como os caminhos da praça do espelho d'água, a escada que sobe ao espaço principal da galeria, as rampas de acesso à cobertura, dentre outros.

Entrando no outro tema que se destaca tanto no projeto de Cerviño como na obra de Varejão, a questão da azulejaria cabe maiores considerações. Através da obra de Varejão,

---

<sup>16</sup> TELES, 2014, p. 71.

<sup>17</sup> ZIMMERMAN, 2008, p. 6.

especialmente em Azulejões, é explorado tanto o tema da tradição azulejar barroca como a azulejaria em arquitetura brasileira de outros passados. Em entrevista com a artista<sup>18</sup>, discute-se a influência dos painéis de azulejo da arquitetura moderna brasileira em seu trabalho. A azulejaria barroca do período colonial reverberou como elemento importante da arquitetura desse passado mais recente, compondo com outras formas de arte a temática da integração/síntese das artes na arquitetura moderna brasileira.

Nesse contexto, Candido Portinari, um dos mais importantes muralistas brasileiros, destacou-se por suas colaborações com arquitetos, sobretudo com Oscar Niemeyer. Portinari e Niemeyer construíram uma trajetória colaborativa que contribuiu para a persistência da azulejaria de tradição barroca portuguesa, reinterpretada para a arquitetura de seu tempo, em especial no Conjunto da Pampulha, em Belo Horizonte, Minas Gerais. Desse conjunto, destaca-se os murais de Portinari para a Igreja São Francisco de Assis, projeto de arquitetura de Oscar Niemeyer inaugurado em 1943, sobretudo o mural de fachada em azulejaria intitulado “São Francisco de Assis” e a azulejaria “Passarinhos” dos bancos internos.

Cerviño, por sua vez, se apropria tanto da alusão à azulejaria da arquitetura moderna como da ideia de paródia do azulejo, recorrente na obra de Varejão, para construir seu discurso de projeto. O duplo movimento de referências de Cerviño é operado de maneira mais explícita nas fachadas do bloco superior da galeria, a qual é refletida no espelho d’água. Nesse reflexo da fachada sobre a água, as texturas dos quadrados das formas da concretagem ganham um brilho que remete ao esmalte dos azulejos. Cerviño, que não pretende ressuscitar uma agenda da arquitetura do passado, mas que recorre a ela, opera através da recodificação de um de seus elementos característicos, a azulejaria. Essa operação, por sua vez, conecta a arquitetura de diferentes tempos à galeria e à obra de Varejão.

Ao insinuar o que se estabelece no interior da caixa, sobretudo a relação entre o tema do azulejo e da água em Azulejões, Cerviño também ecoa as Conchas e Hipocampos<sup>19</sup> de Portinari no projeto do MESP. A ilusão de movimento e leveza imprimida às paredes do Ministério através dos murais marítimos de Portinari, no entanto, contrasta com a cacofonia planejada de Varejão. A água, seja como artifício para produzir um efeito de reflexão de superfície quadriculada, seja como tema figurativo na azulejaria, na sua forma original ou paródia, reforça o papel da azulejaria como elemento de conexão entre o(s) passado(s) e o presente.

Mas há também outras operações de articulação entre passado e azulejaria que, por sua vez, ecoam a arquitetura moderna do Conjunto da Pampulha. Essas diferentes operações se manifestam sobretudo nos bancos/obras de arte da praça seca e do terraço jardim, os quais estabelecem paralelos com as azulejarias de passarinhos de Portinari. Os passarinhos de

---

<sup>18</sup> “A primeira referência de Varejão à história da arte no Brasil se daria em relação ao emprego do azulejo português na decoração dos grandes edifícios coloniais [...] essa tradição da azulejaria integrada à arquitetura foi retomada no Brasil, a partir da década de 30. Em sua base estaria a figura de Lúcio Costa, principal responsável pela incorporação da arte no edifício do Ministério da Educação, no Rio de Janeiro. Os grandes painéis de azulejo encomendados a Portinari para o novo prédio governamental pareciam remeter à antiga tradição colonial brasileira [...]” (HERKENHOFF, 2001, p. 2)

<sup>19</sup> Nome de um dos murais de azulejo de Portinari que compõe uma fachada externa do MESP, voltado para a Avenida Graça Aranha.



Portinari revestem os bancos de azulejo projetados por Niemeyer para o interior da Igreja São Francisco de Assis na Pampulha. Há ainda os azulejos de motivos tradicionais portugueses que revestem o banco/parapeito, o qual sublinha o contorno sinuoso da lagoa da Pampulha junto à Casa de Baile. Cerviño, que parece estar consciente dessas operações de Niemeyer, realiza novamente um duplo movimento. O arquiteto incorpora a recodificação do azulejo representado pela azulejaria de Varejão através de elementos de arte e de projeto da galeria (*Panacea* e *Passarinhos*) que ecoam Pampulha.

### Considerações finais

A Galeria Adriana Varejão representa um processo colaborativo entre Varejão e Cerviño e que se manifesta num diálogo entre as obras de ambos. Esse diálogo se revela, sobretudo, no compartilhamento de temas, como alusões à azulejaria barroca portuguesa, à artificiosos compositivos da arte e arquitetura barroca e à arquitetura moderna brasileira. Dessa, a galeria ecoa obras em que a azulejaria artística foi integrada à monumentos históricos, como a Igreja São Francisco de Assis do Conjunto da Pampulha.

Artista e arquiteto operam através de movimentos de reflexão e reinterpretação dos referidos elementos, acenando para a ideia de colocar o passado, a tradição e a herança cultural em perspectiva. Esses movimentos de reflexão e reinterpretação aproximam Varejão e Cerviño dos conceitos reelaborados por Hal Foster. Pode-se interpretar que a Paralaxe se apresenta no resgate dos elementos que estão associados a diferentes passados no conjunto de arte e arquitetura. E num momento/contexto histórico seguinte, A posteriori, esses elementos passam por operações compositivas que os recodificam, atualizando-os no tempo.

O conjunto da Galeria Adriana Varejão expõe, por fim, as potencialidades de operações compositivas que orbitam o diálogo entre arte e arquitetura aliado ao processo de recodificação de temas artísticos e históricos, as quais qualificam a arquitetura contemporânea.

### Bibliografia

ALLIMANN, Odile; REVAZ, **Emilie Julie Mathilde**. **La mise en abyme dans l'architecture**. Tese de Doutorado. École Polytechnique Fédérale de Lausanne, 2015.

BEDOLINI, A. Castelo Branco – Tradições ininterruptas. A continuidade da azulejaria barroca luso-brasileira na obra de Adriana Varejão. **Rocalha** - Revista eletrônica Do CEPHAP - UFSJ, 2(2), 2021.

CABRAL, Cláudia Costa. Arte e arquitetura moderna em três projetos de Oscar Niemeyer. In: José Carlos Huapaya Espinoza. (Org.). **Reflexões e ampliações da arquitetura e do urbanismo modernos no Brasil**. Salvador: PPGAU, EDUFBA, 2020, pp. 85-110.

CABRAL, Cláudia Costa. Sobre modernidad y figuración: una aproximación al Museo de la Ciudad de Brasília de Oscar Niemeyer desde la fotografía de Marcel Gautherot. México D.F.: **Bitácora Arquitectura**, n. 41, 2019, pp. 12-21.



COMAS, Carlos Eduardo Dias – *Brazil builds* e a bossa barroca: notas sobre a singularização da arquitetura moderna brasileira. In: **SEMINÁRIO DOCOMOMO BRASIL**, 6, Niterói. Anais [...]. Niterói: UFF, 2005. pp. 1-21.

FOSTER, Hal – **O retorno do real: A vanguarda no final do século XX**. Tradução: Célia Euvaldo. São Paulo: Cosac & Naify, 2014, 224 p.

HERKENHOFF, Paulo – Glória! O grande caldo. In: **Adriana Varejão**. São Paulo: Takano Editora Gráfica, 2001.

NERI, Louise – Admirável mundo novo: os territórios barrocos de Adriana Varejão. In: **Adriana Varejão**. São Paulo: Takano Editora Gráfica, 2001.

SERAPIÃO, Fernando – **Revista MONOLITO. Inhotim arquitetura, arte e paisagem**. Edição nº 04. Agosto/setembro 2011. Revisado junho/2012.

TELES, Augusto C. da Silva. Brasil - Arquitetura religiosa barroca. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Brasília, v. 14, 2014.

VAREJÃO, Adriana – *Chambre d'échos / Câmara de Ecos*. Entrevista com Hélène Kelmachter, 2004. In: **Adriana Varejão. Chambre d'échos / Câmara de Ecos**. Fondation Cartier pour l'art contemporain / Actes Sud, 2005.

ZIMMERMAN, Patrick Troy – **Liminal Space in Architecture: Threshold and Transition**. Master's Thesis, University of Tennessee, 2008.

# Niemeyer e o Teatro: entre a quarta parede e a quinta fachada

**Stéphanie Garces Cerioli**

PROPAR - Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
[ste.cerioli@gmail.com](mailto:ste.cerioli@gmail.com)

**Cláudia Costa Cabral**

PROPAR - Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
[claudiacostacabral@gmail.com](mailto:claudiacostacabral@gmail.com)

**Resumo:** Este artigo faz parte da pesquisa para tese de doutoramento em curso, intitulada Niemeyer e o Teatro. A pesquisa visa aprofundar a relação de Niemeyer com o universo teatral, com o objetivo de analisar não apenas os projetos de teatros concebidos pelo arquiteto, mas também investigar características da ordem teatral presentes em seu fazer projetual. Como uma primeira aproximação dentro de um quadro maior, o presente artigo busca olhar para dois projetos de Oscar Niemeyer, o Museu de Arte Moderna de Caracas (1955) e o Teatro Nacional de Brasília (1958). A intenção é identificar aspectos literais e subjetivos na relação dessas obras com o universo teatral. Tanto o museu como o teatro partem de formas geométricas simples e compactas, que ocupam o terreno com destaque para um grande e único volume, com espaço à sua volta. Neste espaço, a presença do vazio que envolve o objeto arquitetônico permite que o transeunte observe a arquitetura também como uma grande escultura, aproximando-se do conceito de teatralidade elaborado pelo crítico de arte Michael Fried, conceito este que será trabalhado neste artigo, e de forma mais aprofundada, no decorrer da pesquisa.

**Palavras-chave:** Oscar Niemeyer, teatro, teatralidade, arquitetura moderna, espaço moderno.

## Introdução

Em 1943, com a publicação de *Brazil Builds*, a arquitetura moderna brasileira alcançou rapidamente um prestígio, e passou a ser reconhecida nos Estados Unidos e Europa, com projetos como o MES (ainda em obras), o Pavilhão Brasileiro em Nova York e o Conjunto da Pampulha, filiados à vertente corbusiana. Niemeyer foi projetado no contexto arquitetônico internacional e o movimento vanguardista fortaleceu-se no campo nacional. Como sintetizado por Zein, após o entusiasmo e a surpresa com o “estilo brasileiro”, por sua inesperada contribuição e evidente qualidade, começaram a surgir as mais variadas críticas, tanto positivas como negativas.<sup>1</sup> Em 1953, Max Bill veio ao Brasil e manifestou sua opinião. Na entrevista para a revista *Manchete*, Bill comentou que:

“[...] a arquitetura moderna brasileira padece um pouco deste amor ao inútil, ao simplesmente decorativo. [...] Niemeyer, apesar do seu evidente talento, projetou-o por instinto, por simples amor à forma pela forma; elaborou-o em torno de curvas caprichosas e gratuitas cujo sentido arquitetural apenas para si mesmo é evidente. O resultado disso é um barroquismo excessivo que não pertence à arquitetura nem à escultura [...]”<sup>2</sup>

Com a criação da revista *Módulo*, em 1955, Niemeyer encontrou um ambiente de resposta para as críticas recebidas, no qual mostrava seus próprios projetos da maneira que melhor lhe convinha<sup>3</sup>, muitas vezes partindo de uma argumentação poética e lúdica. No outro lado das críticas negativas a um suposto formalismo de Niemeyer, estavam elogios vagos, adjetivando sua arquitetura como exuberante, exótica e tropical.<sup>4</sup> Mahfuz olha de forma objetiva para a produção arquitetônica de Niemeyer, buscando um método projetual por trás de suas formas e conclui: “o que num primeiro momento é invenção (como as formas criadas para a Pampulha), logo adiante se torna convenção e passa a ser parte de um repertório”.<sup>5</sup> A aplicação de um número limitado de estratégias e elementos de composição varia conforme o programa e contexto, mas afasta Niemeyer do funcionalismo ortodoxo, pois desvincula a função como geradora da forma.<sup>6</sup> Ainda que seu método projetual fosse de repetição de estratégias, é inegável que existe em sua arquitetura um elemento mais subjetivo, que vai ao encontro da “surpresa” e “espanto” que Niemeyer mencionou em suas falas como um objetivo ao projetar.<sup>7</sup>

---

<sup>1</sup> ZEIN, Ruth Verde - **Da Crítica Alheia à teoria própria**. *Arquitextos*, n. 151.04, 2012.

<sup>2</sup> BILL, Max - **Max Bill critica nossa moderna arquitetura**. Entrevista concedida a Flávio de Aquino. *Revista Manchete*, Rio de Janeiro, nº60, 13 de jun. de 1953. pp. 38-39.

<sup>3</sup> CABRAL, Claudia - **La revista como escudo: Módulo y Oscar Niemeyer**. In: TORRENT, Horacio. (Ed.). *Revistas de Arquitectura: Representaciones urbanas y paradigmas disciplinares*. Santiago de Chile: T6 Ediciones, 2011. p.66.

<sup>4</sup> UNDERWOOD, David - **Oscar Niemeyer e o modernismo de formas livres no Brasil**. Cosac & Naify, 2010.

<sup>5</sup> MAHFUZ, Edson - **O clássico, o poético e o erótico: método contexto e programa na obra de Oscar Niemeyer**. In: GUERRA, Abilio. (org.) *Textos fundamentais sobre a história da arquitetura moderna brasileira*: v.2. São Paulo: Romano Guerra, 2010. p.289.

<sup>6</sup> *Ibid.* p.287.

<sup>7</sup> [...] eu procuro fazer uma arquitetura que tenha qualquer coisa diferente, e crie surpresa, e isso é importante. NIEMEYER, Oscar. In: BERRÍOS-NEGRÓN, Luis - **Entrevista Oscar Niemeyer**. Produção: mdc. revista de arquitetura e urbanismo, 2002.

Após investigar a relação de Niemeyer com o campo da cenografia através de seu cenário para a peça *Orfeu da Conceição* na dissertação de mestrado<sup>8</sup>, a presença de elementos da ordem teatral em sua arquitetura permaneceu como uma questão aberta para a autora. Assim, pensando em dar continuidade a pesquisa, o projeto de tese, no qual este artigo se insere, busca expandir as investigações na relação de Oscar Niemeyer com o universo teatral a partir das seguintes questões: Que características da ordem teatral estão presentes nos projetos de Niemeyer? O conceito de teatralidade cobre tais elementos? Em quais projetos isso aparece? Como são os projetos de Niemeyer para equipamentos culturais e teatrais?

Como uma primeira aproximação dentro de um quadro maior da pesquisa, o presente artigo busca olhar para dois projetos de Oscar Niemeyer, o Museu de Arte Moderna de Caracas (1955, não construído) e o Teatro Nacional de Brasília (1958), buscando algo da ordem do teatral e da teatralidade, de maneira literal e figurada, presente nestes projetos. Os dois são resolvidos através de volumes únicos e autônomos, que o próprio arquiteto classificou como “soluções compactas, simples e geométricas”<sup>9</sup>, uma espécie de resposta a crítica de Max Bill e também uma autoavaliação, publicada por ele na revista *Módulo*:

“As obras de Brasília marcam, juntamente com o projeto para o Museu de Caracas, uma nova etapa no meu trabalho profissional. Etapa que se caracteriza por uma procura constante de concisão e pureza, e de maior atenção para os problemas fundamentais da arquitetura. Esta etapa, que representa uma mudança no meu modo de projetar e, principalmente, de desenvolver os projetos, não surgiu sem meditação. Não surgiu como fórmula diferente, solicitada por novos problemas. Decorreu de um processo honesto e frio de meu trabalho de arquiteto.”<sup>10</sup>

### Aproximações ao conceito de teatralidade

Ainda que Oscar Niemeyer tenha se envolvido em diversos projetos para teatros, auditórios e palcos, há algo da ordem teatral em sua arquitetura, que vai além do teatro no sentido de equipamento. Para Sontag, toda busca pelo ideal da arte total - seja na música, com Wagner e a *Gesamtkunstwerk*, na pintura, na escultura, na literatura ou na arquitetura - consegue “de um jeito ou de outro, teatralizar”<sup>11</sup>. Essa busca pode ser entendida na arquitetura de Niemeyer como a busca pela integração plástica, entre artes, forma e estrutura. O arquiteto sempre demonstrou uma preocupação com o impacto e percepção causados por suas obras, principalmente, com os sentidos corpóreos envolvidos ao experienciar e deslocar-se por elas. A preocupação com as visuais aparece nos seus croquis, nos quais, frequentemente, vemos o desenho de um olho, que marca a perspectiva pretendida por ele. O universo teatral aparece também no vocabulário usado por críticos, nem sempre como algo positivo, com palavras e expressões como palco, boca de cena, bastidores, atores e dramaticidade.<sup>12</sup> Clarice Lispector também usou um vocabulário semelhante para falar de Brasília:

---

<sup>8</sup> CERIOLI, Stéphanie - **Arquitetura em cena : o cenário de Oscar Niemeyer para a peça Orfeu da Conceição (1956)**. Orientador: Cláudia Piantá da Costa Cabral. 202p. Dissertação (Mestrado). PROPAR, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

<sup>9</sup> NIEMEYER, Oscar - **Depoimento**. *Módulo*, Rio de Janeiro, n. 9, p.3, 1958.

<sup>10</sup> Ibid.

<sup>11</sup> SONTAG, Susan - **Sob o signo de Saturno**. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

<sup>12</sup> Para mais detalhes, ver: COMAS, Carlos Eduardo Dias - **A feira mundial de Nova York de 1939: o pavilhão brasileiro**. *Arqtexto*. n. 16. Porto Alegre, 2010, p. 56-97. p.87.

“Se eu dissesse que Brasília é bonita, veriam imediatamente que gostei da cidade. Mas se digo que Brasília é a imagem de minha insônia, vêm nisso uma acusação; mas a minha insônia não é bonita nem feia - minha insônia sou eu, é vivida, é o meu espanto. Os dois arquitetos não pensaram em construir beleza, seria fácil; eles ergueram o espanto deles, e deixaram o espanto inexplicado. A criação não é uma compreensão, é um novo mistério.”<sup>13</sup>

No âmbito teatral, causar surpresa e espanto no espectador é algo esperado. A exemplo da tragédia grega, que retrata o percurso do herói, através do sofrimento causado pelo destino, seguido de uma mudança nos acontecimentos que causa reviravolta e que culmina num desfecho trágico, a catástrofe. Assim, a sensação de *catharsis* é esperada ao final do espetáculo, isto é, uma grande descarga ou purificação de sentimentos e emoções, como terror e piedade, que faz com que o espectador se identifique com o herói trágico.<sup>14</sup>

A teatralidade é um conceito bastante debatido. O diretor russo Constantin Stanislavski usava o termo para classificar atores demasiado caricaturais, falsos. Para ele, teatralidade era o oposto do natural e verossímil, assumindo caráter negativo. A ideia também perpassa o universo arquitetônico, e termos como “cenográfico” são muitas vezes interpretados como de caráter exagerado, formalista e exibicionista. Contudo, ainda na Rússia, Meyerhold defendia justamente um “teatro teatral” como positivo, como a representação de algo, destacando suas características de construído, artístico e simbólico.<sup>15</sup> Diferentemente das correntes naturalistas que buscavam um palco cada vez mais parecido com a vida cotidiana, Meyerhold propunha um teatro consciente de sua própria natureza estética sem tentar se confundir com a realidade, mas sim assumindo sua condição de arte. Antonin Artaud, dramaturgo e diretor teatral francês, questionava-se sobre o “teatral” estar em segundo plano, e entendia-o como “tudo o que não obedece à expressão pela fala, pelas palavras, ou, se quisermos, tudo o que não está contido no diálogo”.<sup>16</sup>

A ideia de Artaud vai ao encontro da definição de Roland Barthes para o significado de teatralidade, que pertence ao campo do não-dito, implícito e oculto. O filósofo francês definiu a teatralidade como “o teatro menos o texto”<sup>17</sup>, ou seja, como um campo que se estrutura a partir de elementos não verbais: gestos, sons, imagens, luzes, movimentos, ritmos, atmosferas. Para ele, a cena carrega uma “espessura de signos e de sensações”<sup>18</sup> que constitui uma linguagem autônoma, muitas vezes mais poderosa do que a palavra

---

FRAMPTON, Kenneth - **História crítica da arquitetura moderna**. 3a ed. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo, Martins Fontes, 2003. p.311.

RECENA, Maria Paula Piazza - **Notações arquitetônicas: diagramas, coreografias, composições**. Orientador: Rogério de Castro Oliveira. 2013, 201p. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. p.124.

<sup>13</sup> LISPECTOR, Clarice - **Todos os contos**. (org. Benjamin Moser). 1ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2016. p.591.

<sup>14</sup> ARISTÓTELES - **Poética**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008. p. 59.

<sup>15</sup> MOSTAÇO, Edelcio - **Considerações sobre o conceito de teatralidade**. DAPesquisa, Florianópolis, v. 2, n. 4, p. 056–061, 2019.

<sup>16</sup> ARTAUD, Antonin. apud PAVIS, Patrice - **Dicionário de Teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2008. p. 372.

<sup>17</sup> BARTHES, Roland. apud PAVIS, Patrice - **Dicionário de Teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2008. p. 372.

<sup>18</sup> Ibid.



falada. Uma definição mais tangível se queremos pensar em teatralidade como algo da ordem espacial.

Concomitante às ideias de Barthes, na década de 60, a noção de teatralidade passou a ocupar o centro dos debates artísticos. O crítico de arte Michael Fried declarou que “a arte entra em degeneração à medida que se aproxima da sua condição de teatro”<sup>19</sup>. No texto *Art and Objecthood* (1967), Fried utilizou o termo para criticar a arte minimal, ou literalista, que deixava de ser uma pintura sobre parede para se transformar em um objeto solto em salas de exposição e espaços abertos. Para ele, a objetividade dessa arte criava uma presença cênica e solicitava uma relação de cumplicidade do espectador, sem um distanciamento necessário para experienciar a obra de forma verdadeira. Fried declarou:

“O objeto, e não o espectador, é que deve ser mantido como centro ou foco da situação; mas a situação pertence ao espectador - trata-se de sua situação. [...] Mais uma vez, não há distinção clara ou rígida entre as duas condições: afinal, sempre se está cercado por coisas. Mas coisas que são trabalhos de arte literalista devem de algum modo confrontar o espectador - devem, quase se pode dizer, colocar-se não apenas no espaço do observador, mas também em seu caminho.”<sup>20</sup>

Assim, para Fried, “a adoção literalista da objetividade nada mais é do que um apelo a um novo gênero de teatro; e o teatro é hoje a negação da arte.”<sup>21</sup> Anos depois, em 1979, a relação da obra de arte solta no espaço ganharia novos contornos com o conceito de Rosalind Krauss de *expanded field*, um campo ampliado das artes.<sup>22</sup> A partir desse campo expandido, alguns teóricos passaram a defender a ideia da teatralidade ou cena expandida:

“A teatralidade gerada pelas disposições de objetos e encenações escultóricas desenvolveu-se de maneira paralela às teatralidades do corpo exploradas por performers e criadores do espaço teatral, como Artaud e Grotowski. Desvinculado de origens dramáticas e textuais, esse “outro teatro” implicava reconhecer outras genealogias, não de raízes dramáticas, mas cênicas e plásticas, tal como experimentado e teorizado por Tadeusz Kantor. [...] Durante o século XX, as artes experimentaram cada vez mais as hibridações e impurezas, de maneira que aquilo sugerido como “outro teatro” é, na realidade, o reconhecimento da teatralidade como um campo expandido.”<sup>23</sup>

Ao falarmos de uma obra de teatro, de artes visuais ou de arquitetura, sempre há o envolvimento de um corpo no espaço com esta obra. Essa relação é subjetiva e por isso também interpretativa. Um edifício representa algo, causa efeito sobre o usuário, cria imagens e sensações, e abre margem para distintas interpretações. A dualidade é efeito disso e aparece tanto nas definições do conceito de teatralidade, expostos anteriormente, como também na recepção crítica da obra do arquiteto, vista por alguns como formal, por outros como poética, e, ainda, criticada como cenográfica e exaltada como espetacular.

---

<sup>19</sup> FRIED, Michael- **Arte e Objetividade** (trad. Milton Machado). Revista Artes & Ensaios v. 9 n. 9 (2002): “Relações entre as diversas linguagens artísticas”, p.131- 147, 2002. p.142.

<sup>20</sup> Ibid. 135.

<sup>21</sup> Ibid. p.134.

<sup>22</sup> KRAUSS, Rosalind - **A escultura no campo ampliado**. Arte & Ensaios n. 17, 2008, p. 87-93.

<sup>23</sup> DIÉGUEZ, Ileana - **Um teatro sem teatro: a teatralidade como campo expandido**. Tradução de E. Borges. Sala Preta, v. 14, n. 1, p. 125-129, 2014.

Estas últimas, palavras do vocabulário teatral que expandem seu campo e permeiam a arquitetura de Niemeyer.

### O Museu de Arte Moderna de Caracas

Na década de 50, a capital da Venezuela vivia um momento de desenvolvimento e expansão, com a organização da Urbanização Colinas de Bello Monte (CBM). Seu presidente, Inocente Palacios buscava um ideal de modernidade e de vanguarda para as novas construções da cidade. Após a negativa de Mies Van der Rohe, Niemeyer é convidado por intermédio de Ferrero Tamayo, diretor de urbanismo do Ministério de Obras Públicas, em 1955, para projetar o Museu de Arte Moderna de Caracas, “por ser a estrela fulgurante do momento no panorama internacional da arquitetura moderna”<sup>24</sup>. O arquiteto carioca aceita o encargo no mês de agosto e no final de setembro viaja até a capital venezuelana já com algumas possíveis propostas para o terreno. Lá, o anteprojeto do museu é desenvolvido em 16 dias, junto com uma equipe de colaboradores e estudantes locais.<sup>25</sup>

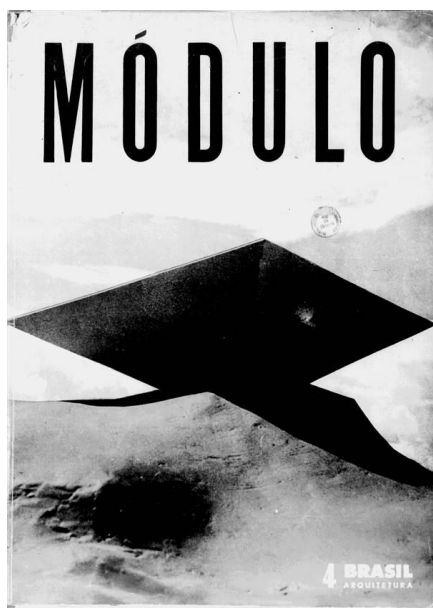


Figura 01 – Capa da revista *Módulo*, com destaque para o projeto do Museu de Caracas.  
Fonte: NIEMEYER, Oscar - *Módulo*, Rio de Janeiro, n.4, 1956.

O local destinado ao museu ficava no topo de uma colina, e Niemeyer toma um caminho de “violento confronto com a natureza do terreno”<sup>26</sup> ao eleger a forma de uma pirâmide invertida como solução projetual. A forma já havia sido esboçada de maneira semelhante em uma das versões de projeto para o Auditório do Ibirapuera, em São Paulo, em 1952.<sup>27</sup> O arquiteto explica: “achamos que seria mais justo e estimulante encontrar uma forma nova, compacta, monumental [...] capaz de garantir ao edifício características próprias e o sentido criador da arte contemporânea”.<sup>28</sup> A justificativa vai ao encontro do que mais

<sup>24</sup> BARRIOS, Carola. - *El Museo de Arte Moderna de Niemeyer: Su lugar en el paisaje moderno de Caracas*. Arqtexto, Porto Alegre, n2 10-11, 2007, pp. 98-119. tradução nossa.

<sup>25</sup> BARRIOS, Carola - *Transcrições arquitetônicas: Niemeyer e Villanueva em diálogo museal*. Arqtextos, n. 151.03, 2012

<sup>26</sup> Ibid.

<sup>27</sup> VITORINO, Bruno Bonesso - *Arquitetura como reflexão infinita: os projetos de Oscar Niemeyer para o auditório do parque Ibirapuera*. Orientador: Rodrigo Queiroz. 691p. (Tese de Doutorado), FAUUSP, São Paulo, 2022. p. 662

<sup>28</sup> NIEMEYER, Oscar - *Museu de Arte Moderna de Caracas*. Módulo, Rio de Janeiro, n.4, p.39-45, 1956.

tarde, em 1958, ele declararia como uma mudança no seu modo de projetar, com soluções geométricas e uma integração entre plasticidade e estrutura.<sup>29</sup> No projeto para o MAM, a busca por essa integração é evidente, a pirâmide invertida centraliza os apoios e direciona todos os esforços para as fundações, para Niemeyer uma forma “simples e espontânea, com a lógica irresistível dos organismos vivos”<sup>30</sup>.

O programa se divide em cinco pavimentos, sendo o primeiro semienterrado. A entrada acontece através de uma grande rampa de 90 metros de largura que chega no terceiro pavimento e conecta o volume piramidal à plataforma de acesso no morro, numa “dramatização da promenade”<sup>31</sup>. O primeiro e o segundo pavimentos são destinados a serviços gerais e auditório e a exposição acontece nos pavimentos acima, sendo o último deles sustentado através de tirantes presos na cobertura, criando uma espécie de laje flutuante com contornos sinuosos descolados das paredes laterais, solução já presente na Oca do Ibirapuera, de 1954. A cobertura funcionaria como um “grande dispositivo técnico ao serviço do espaço expositivo”<sup>32</sup> no controle da entrada de iluminação natural no edifício através de brises metálicos horizontais. Ainda na cobertura, duas lajes de concreto retangulares criam uma plataforma para exposições de esculturas ao ar livre. Na publicação do projeto na revista *Módulo* de 1956, Niemeyer justifica a escolha:

“Plásticamente, procuramos acentuar o "aspecto fechado" do exterior, com a previsão de apenas reduzidas aberturas necessárias a uma determinação de escala. Deste modo, estabelecemos um contraste com o interior "mais aberto", criando para os visitantes uma agradável sensação de surpresa. [...] As paredes inclinadas darão, internamente, aos salões, um aspecto singular de fuga e profundidade.”<sup>33</sup>

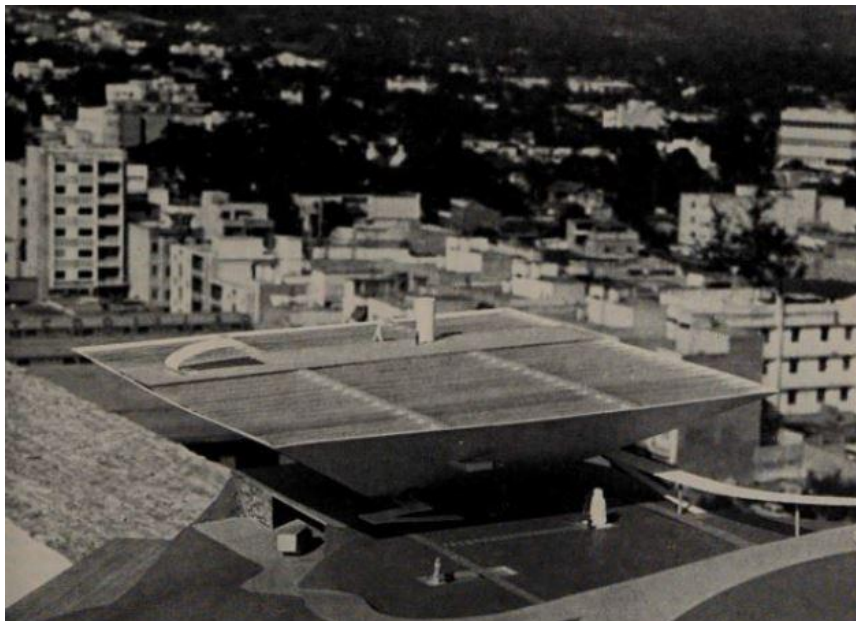


Figura 02 – Fotografia da maquete do projeto do Museu de Caracas. Fonte: PAPADAKI, Stamo - *The masters of world architecture series* - Oscar Niemeyer. New York: George Braziller, 1960.

<sup>29</sup> NIEMEYER, Oscar - **Depoimento**. Módulo, Rio de Janeiro, n. 9, p.3, 1958.

<sup>30</sup> NIEMEYER, Oscar. op. cit.

<sup>31</sup> BARRIOS, Carola - **Transcrições arquitetônicas: Niemeyer e Villanueva em diálogo museal**. Arqutextos, n. 151.03, 2012.

<sup>32</sup> Ibid.

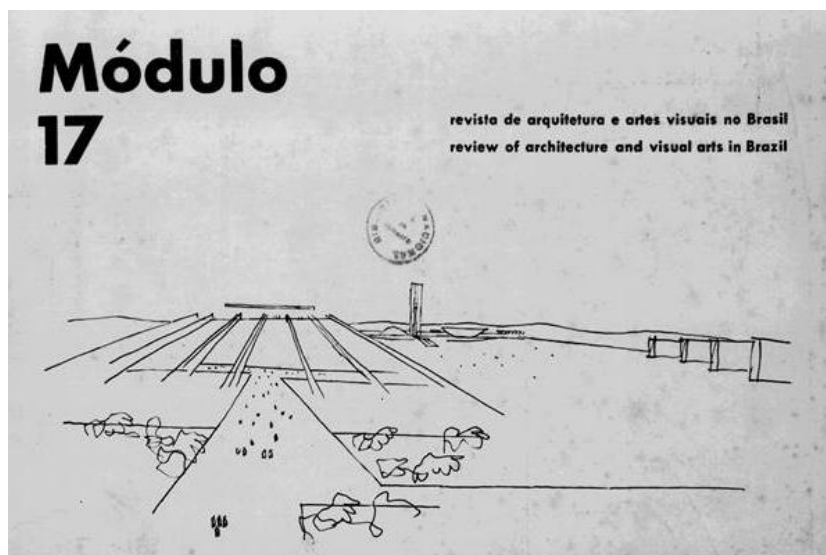
<sup>33</sup> NIEMEYER, Oscar. op. cit.

O projeto não foi construído em razão de questões políticas e programáticas. Em 1958, o governo da Venezuela muda e projetos e obras públicas são interrompidos, como o MAM. No quesito programático, o projeto de Niemeyer não era bem aceito por críticos como Jorge Romero Brest, e o próprio Palácios, pois viam sua forma como limitante à expansão do museu. Brest ainda considerava o espaço expositivo reduzido devido à inclinação das paredes e havia alguma insegurança sobre a estabilidade do terreno destinado ao museu.<sup>34</sup> Apesar de não ter saído do papel, o projeto foi um importante experimento para a carreira de Niemeyer, retomado, em alguma medida, no Museu de Arte de Niterói, de 1991, e também no projeto do Teatro Nacional de Brasília, em 1958.

### O Teatro Nacional de Brasília

Em 1957, Niemeyer passou a pensar nos edifícios de Brasília. No plano piloto desenhado por Lucio Costa, já estava definida a posição para o setor cultural e para uma ópera: no cruzamento dos dois eixos da cidade, eixo Monumental e eixo Rodoviário. O que no plano era denominado ópera, na cidade veio a se tornar o Teatro Nacional. Nos primeiros croquis para o espaço, em 1958, Niemeyer esboça uma cobertura em forma de concha, pensando em um teatro flexível e cinético<sup>35</sup>, que permitisse a mudança de cenários e posição da plateia através de engrenagens. Após esse primeiro estudo, descartado, a forma da pirâmide surge como solução para abrigar todo o programa embaixo de um mesmo invólucro:

“1 - Situa no mesmo conjunto, com possibilidade de funcionamento simultâneo num único espetáculo, o Teatro de Ópera e Ballet e o Teatro de Comédia, Ópera e Música de Câmara (Teatro Mannheim). 2 - Não subordina os problemas funcionais de espaço e volume à forma externa [...] 3 - Cria para esse fim uma forma arquitetônica diferente, que como um invólucro contém todo o edifício [...]”<sup>36</sup>



<sup>34</sup>BARRIOS, Carola - **El Museo de Arte Moderna de Niemeyer: Su lugar en el paisaje moderno de Caracas**. Arqtexto, Porto Alegre, n2 10-11, 2007, pp. 98-119.

<sup>35</sup> Alinhado ao projeto de Walter Gropius para o Teatro Total, de 1927, nunca construído, mas importante para o universo teatral como ideia.

<sup>36</sup> NIEMEYER, Oscar - **Teatro Nacional de Brasília**. Módulo, Rio de Janeiro, n.17, p.04-13, 1960.

Figura 03 – Recorte da capa da revista *Módulo*, com destaque para croqui de Niemeyer para Teatro Nacional. Fonte: NIEMEYER, Oscar - **Módulo**, Rio de Janeiro, n.17, 1960.

A partir deste segundo estudo, a obra é iniciada, mas demora cerca de duas décadas para terminar, e no processo vai sofrendo alterações de projeto. O arcabouço estrutural fica pronto em meados dos anos 60. Em 1966, uma das salas é inaugurada, com a obra ainda inacabada, mesmo assim o espaço era utilizado para espetáculos de forma improvisada. Em 1976, iniciam-se as obras de conclusão do teatro, sob direção do arquiteto Milton Ramos, aprovado por Niemeyer, que já não tinha disponibilidade para acompanhar a obra em Brasília. São deste período algumas mudanças significativas no projeto, como a criação do prédio anexo<sup>37</sup> e as esquadrias de vidro inclinado nas fachadas leste e oeste<sup>38</sup>. O teatro foi reaberto em 6 de março de 1979, com todas as salas concluídas, mas problemas técnicos foram encontrados e as obras retomadas. Finalmente, no dia 21 de abril de 1981, a obra do Teatro Nacional foi oficialmente entregue à população de Brasília. Em 2014 o Teatro foi fechado por descumprimento de normas de segurança e atualmente passa por um processo de adaptação e restauro, com primeira etapa concluída e entregue em dezembro de 2024.

O programa é composto por três salas de espetáculo, a Sala Villa-Lobos, a Sala Martins Pena e a Sala Alberto Nepomuceno, esta última pequena, apenas para 95 pessoas, além de um restaurante na cobertura, áreas de foyer, camarins e áreas técnicas. O acesso das salas se dá por entradas opostas, em níveis diferentes da cidade, e os palcos das duas salas principais ficam localizados no centro da pirâmide, na parte mais alta do volume, que abriga o urdimento, para içamento dos cenários, iluminação, etc. Inicialmente, Niemeyer pensou no fundo dos palcos como uma parede móvel, para que as duas salas se tornassem um único grande espaço com plateia espelhada, mas por dificuldades técnicas isso não foi executado<sup>39</sup>.

A forma da pirâmide parece brotar do chão e cresce em direção ao céu, abrigando tudo que há abaixo dele, fundindo estrutura e forma. Construído em concreto pré-moldado, as fachadas leste e oeste da pirâmide são compostas de vigas invertidas, numa espécie de exoesqueleto, intercaladas com painéis de vidro. As fachadas de face maior, de formato trapezoidal, com poucas aberturas, receberam a intervenção do artista Athos Bulcão. Ele conta sobre seu processo de criação:

“Mas quando o Oscar voltou de viagem, ele disse: “...eu estive pensando em uma pirâmide, e uma pirâmide não pode ser vazada. A pirâmide tem que ter um aspecto sólido, mas ao mesmo tempo, eu queria que fosse pesada e leve”. E a minha parte refletia em cima disso. Pesado e leve só se você tiver luz e sombra. A sombra cria

---

<sup>37</sup> O anexo do Teatro foi projetado em 1976 para abrigar a administração, a sede da Fundação Cultural, salas de ensaio e galerias. O prédio se vale dos desníveis entre as rodovias para assentar seu programa, sem interferir visualmente na forma imponente da pirâmide, com acesso lateral pela via N2.

<sup>38</sup> Nos estudos de Niemeyer, os jardins, localizados nas extremidades da pirâmide, apareciam como externos ao foyer, ou seja, o vidro de fechamento não acompanhava a inclinação das vigas, era um plano vertical na fachada que dividia o espaço. Apenas em 1976 os vidros passam a acompanhar a forma da pirâmide, com plano inclinado, e os jardins tornam-se cobertos e integrados ao foyer das salas de espetáculo.

<sup>39</sup> SOARES, Eduardo Oliveira - **Fragmentos dos atos iniciais do Teatro Nacional Cláudio Santoro**. 2013. xxii, 338 f., il. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)—Universidade de Brasília, Brasília, 2013.



volume, mas, ao mesmo tempo, faz uma modificação no desenho.”<sup>40</sup>



Figura 04 – Fachada do Teatro Nacional com mural de Athos Bulcão. Fonte: autora.

Internamente Bulcão também colaborou com painéis de azulejo e em relevo. Além de Athos, os artistas Alfredo Ceschiatti e Marianne Peretti têm esculturas no interior dos jardins. Mas apesar das obras de arte em seu interior, o mural externo é o símbolo do edifício. Bulcão organizou blocos em concreto com acabamento em pintura branca em uma espécie de grelha de 30x30cm disposta na superfície da fachada.<sup>41</sup> Os blocos, de cinco tamanhos diferentes, criam uma composição geométrica com ritmo variado. O nome dado a obra, *O Sol faz a festa*, diz muito sobre a intenção do artista e do arquiteto. A profundidade das peças permite a entrada da luz solar, criando um jogo entre claro e escuro e transformando a fachada, superfície lisa e estática, em textura e movimento. O exterior do teatro torna-se teatro também, e o mural de Bulcão, um espetáculo a ser contemplado.

### Considerações finais

A partir dos conceitos de teatralidade trazidos e da exposição, mesmo que breve, de dois projetos de Oscar Niemeyer, é possível relacioná-los em alguns pontos. Há uma proximidade de datas em sua criação, Museu de Caracas em 1955 e Teatro Nacional em 1958, e de relevância para o próprio Niemeyer, visto que colocou os dois projetos como capa de sua revista *Módulo*, em 1956 e 1960, respectivamente. Na forma da pirâmide, presente em ambos projetos, uma ideia de duplicidade aparece, ou ainda de inversão, assim como no Congresso Nacional, com as cúpulas da Câmara dos Deputados e do Senado Federal, côncava e convexa. No Museu de Caracas, ao colocar o volume de modo invertido, Niemeyer subverte a ideia de peso de um grande volume opaco que parece se equilibrar no topo de uma colina. No Teatro Nacional, a pirâmide é alargada e bem

<sup>40</sup> BULCÃO, Athos. apud SOARES, Eduardo Oliveira - **Fragments dos atos iniciais do Teatro Nacional Cláudio Santoro**. 2013. xxii, 338 f., il. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)—Universidade de Brasília, Brasília, 2013. p.202.

<sup>41</sup> Ibid. p.205.

ancorada ao solo, mas sua robustez é quebrada com a presença dos planos de vidro e da fachada escultórica, uma espessura trabalhada, que traz delicadeza. Se pensarmos o Teatro Nacional como uma caixa cênica tradicional - conformada por três paredes que delimitam fundo e laterais do palco, e uma quarta parede, invisível, que divide palco e plateia - o sol é responsável por “quebrar a quarta parede” da pirâmide de Niemeyer; de forma literal, através dos planos de vidro e entrada de luz vinda do exterior; e de forma figurada, com o sol de Athos, que faz a festa e vira o teatro do avesso. Já em Caracas, não é a quarta parede que se rompe, mas sim a quinta fachada, sua cobertura, voltada aos céus, e com dispositivos que permitem a entrada de luz zenital.

Tanto o museu como o teatro partem de formas geométricas concisas, que ocupam o terreno com destaque para um grande e único volume, com espaço à sua volta. Neste espaço, a presença do vazio que envolve o objeto arquitetônico permite que o transeunte observe a arquitetura também como uma grande escultura, circundando e contemplando-a, aproximando-se do conceito de Fried para teatralidade. Josep Montaner comenta sobre a concepção do espaço moderno e o vazio em seu livro *Sistemas arquitetônicos contemporâneos*. Para o autor, a escultura de Alberto Giacometti, *Projeto de uma praça* (1930-31), é a chave para compreender o tema, com diversos objetos abstratos colocados sobre uma plataforma, a escultura alude ao que seria a cidade ideal moderna. Montaner elabora: “essa investigação parte da premissa que a arquitetura moderna projetou de maneira sistemática o espaço aberto, a matéria invisível que fica entre as formas abstratas dos edifícios e que permite articular a complexidade”<sup>42</sup>.

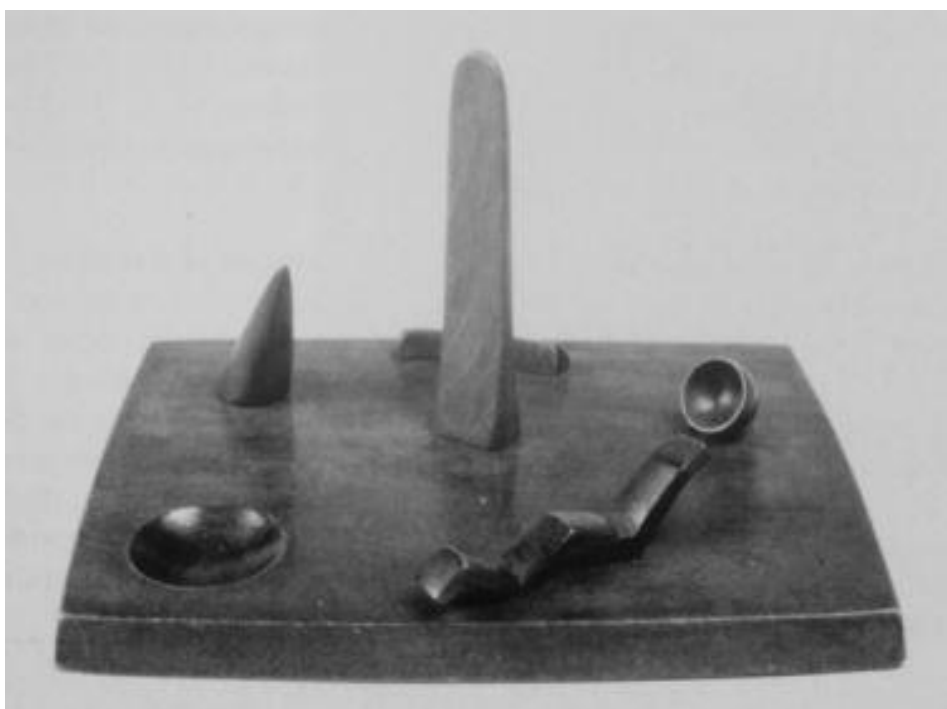


Figura 05 – *Projeto de uma praça* (1930-31), de Alberto Giacometti. Fonte: MONTANER, Josep Maria - **Sistemas arquitetônicos contemporâneos**. Barcelona: Gustavo Gili, 2008, p.19.

No que diz respeito ao Museu de Caracas, estamos olhando para uma única forma que se destaca no espaço. Contudo, em relação ao Teatro Nacional, o objeto construído relaciona-se com os demais ao longo do eixo Monumental. Em Brasília, o espaço aberto,

<sup>42</sup> MONTANER, Josep Maria - **Sistemas arquitetônicos contemporâneos**. Barcelona: Gustavo Gili, 2008, p. 19. tradução nossa.

ou vazio, que contorna os edifícios tornou-se, de certo modo, o palco para a contemplação dos projetos de Niemeyer. Os edifícios, posicionados distantes uns dos outros, assumem ar de monumento e possibilitam um percurso cenográfico pela Esplanada da capital. Ainda sobre a relação do vazio com o objeto construído, quando Le Corbusier veio ao Brasil, em 1936, foi questionado sobre como desenharia um teatro moderno no Rio de Janeiro. A resposta foi:

“O que vocês precisam, antes de tudo, são de alguns meios teatrais. Criem-nos, pois: são os tablados! Criem tablados por toda parte, em vosso imenso e gigantesco país, e que as pessoas façam, por si mesmas, sua comédia, a todo momento!”<sup>43</sup>

O que Niemeyer fez, de alguma maneira, nos projetos apresentados foi criar “tablado”, seja para admirar a própria construção arquitetônica, a cidade, ou ainda o espetáculo natural do Sol.

## Bibliografia

ARISTÓTELES - **Poética**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

BARRIOS, Carola - **El Museo de Arte Moderna de Niemeyer: Su lugar en el paisaje moderno de Caracas**. Arqtexto, Porto Alegre , n2 10-11, 2007, pp. 98-119.

— - **Transcrições arquitetônicas: Niemeyer e Villanueva em diálogo museal**. Arqtextos, n. 151.03, 2012

BERRÍOS-NEGRÓN, Luis - **Entrevista Oscar Niemeyer**. Produção: mdc. revista de arquitetura e urbanismo, 2002.

BILL, Max - **Max Bill critica nossa moderna arquitetura**. Entrevista concedida a Flávio de Aquino. Revista Manchete, Rio de Janeiro, n60, 13 de jun. de 1953. pp. 38-39.

CABRAL, Claudia - **La revista como escudo: Módulo y Oscar Niemeyer**. In: TORRENT, Horacio. (Ed.). *Revistas de Arquitectura: Representaciones urbanas y paradigmas disciplinares*. Santiago de Chile: T6 Ediciones, 2011.

CERIOLI, Stéphanie - **Arquitetura em cena : o cenário de Oscar Niemeyer para a peça Orfeu da Conceição (1956)**. Orientador: Cláudia Piantá da Costa Cabral. 202p. Dissertação (Mestrado). PROPAR, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

COMAS, Carlos Eduardo Dias - **A feira mundial de Nova York de 1939: o pavilhão brasileiro**. Arqtexto. n. 16. Porto Alegre, 2010, p. 56-97.

CORBUSIER, Le - **El teatro espontáneo**. (trad. Maurici Pla) Laboratori d'arquitectura teatral i espais de potencial escènic. Publicacions aperiòdiques n° 09. S.d

---

<sup>43</sup> CORBUSIER, Le - **El teatro espontáneo**. (trad. Maurici Pla) Laboratori d'arquitectura teatral i espais de potencial escènic. Publicacions aperiòdiques n° 09. S.d. tradução nossa.

DIÉGUEZ, Ileana - **Um teatro sem teatro: a teatralidade como campo expandido**. Tradução de E. Borges. Sala Preta, v. 14, n. 1, p. 125-129, 2014.

FRAMPTON, Kenneth - **História crítica da arquitetura moderna**. 3a ed. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo, Martins Fontes, 2003.

FRIED, Michael - **Arte e Objetividade** (trad. Milton Machado). Revista Artes & Ensaios v. 9 n. 9 (2002): “Relações entre as diversas linguagens artísticas”, p.131- 147, 2002.

KRAUSS, Rosalind - **A escultura no campo ampliado**. Arte & Ensaios n. 17, 2008, p. 87-93.

MAHFUZ, Edson - **O clássico, o poético e o erótico: método contexto e programa na obra de Oscar Niemeyer**. In: GUERRA, Abilio. (org.) Textos fundamentais sobre a história da arquitetura moderna brasileira: v.2. São Paulo: Romano Guerra, 2010.

LISPECTOR, Clarice - **Todos os contos**. (org. Benjamin Moser). 1ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

MONTANER, Josep Maria - **Sistemas arquitectónicos contemporâneos**. Barcelona: Gustavo Gili, 2008.

MOSTAÇO, Edelcio - **Considerações sobre o conceito de teatralidade**. DAPesquisa, Florianópolis, v. 2, n. 4, p. 056–061, 2019.

NIEMEYER, Oscar. - **Museu de Arte Moderna de Caracas**. Módulo, Rio de Janeiro, n.4, p.39-45, 1956.

— - **Depoimento**. Módulo, Rio de Janeiro, n. 9, p.3, 1958.

— - **Teatro Nacional de Brasília**. Módulo, Rio de Janeiro, n.17, p.04-13, 1960.

PAPADAKI, Stamo - **The masters of world architecture series - Oscar Niemeyer**. New York: George Braziller, 1960.

PAVIS, Patrice - **Dicionário de Teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

RECENA, Maria Paula Piazza -**Notações arquitetônicas: diagramas, coreografias, composições**. Orientador: Rogério de Castro Oliveira. 2013, 201p. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. p.124.

SOARES, Eduardo Oliveira - **Fragmentos dos atos iniciais do Teatro Nacional Cláudio Santoro**. 2013. xxii, 338 f., il. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)—Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

SONTAG, Susan - **Sob o signo de Saturno**. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

UNDERWOOD, David - **Oscar Niemeyer e o modernismo de formas livres no Brasil**. Cosac & Naify, 2010.

VITORINO, Bruno Bonesso - **Arquitetura como reflexão infinita: os projetos de Oscar Niemeyer para o auditório do parque Ibirapuera**. Orientador: Rodrigo Queiroz. 691p. (Tese de Doutorado), FAUUSP, São Paulo, 2022

ZEIN, Ruth Verde - **Da Crítica Alheia à teoria própria**. Arquitextos, n. 151.04, 2012.



# **Entre uma valoração econômica e uma valorização sociocultural - o patrimônio cultural edificado do Centro Histórico de Porto Alegre<sup>1</sup>**

**José Daniel Craidy Simões**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Programa de Pós Graduação em Planejamento Urbano e Regional  
[jdsimoes@gmail.com](mailto:jdsimoes@gmail.com)

**Daniela Marzola Fialho**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Programa de Pós Graduação em Planejamento Urbano e Regional  
[dfialho.voy@terra.com](mailto:dfialho.voy@terra.com)

**Resumo:** No contexto do patrimônio cultural edificado da cidade de Porto Alegre (RS/BRASIL) as decisões sobre o que deve ser preservado estão cada vez mais condicionadas ao modo como se viabilizam recursos para a conservação. Entre os agentes atuantes no conjunto do patrimônio cultural da cidade de Porto Alegre, na região sul do Brasil, estão os proprietários de imóveis, os legisladores urbanos, o mercado imobiliário, além de ativistas culturalistas. Nesta investigação foram analisadas correlações entre os aspectos econômicos, a aplicação de políticas públicas e as significâncias culturais do conjunto de bens da cidade.

**Palavras-chave:** Planejamento Urbano e Regional, Patrimônio Cultural, Valores Culturais, Gestão Patrimonial, Porto Alegre/RS.

---

<sup>1</sup> Este artigo é um recorte da tese “Entre uma valoração econômica e uma valorização sociocultural - o Patrimônio Cultural edificado do Centro Histórico de Porto Alegre”, defendida em novembro de 2025, no Programa Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional (PROPUR) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Disponível em <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/284857>.

## Introdução

A diversidade cultural brasileira agrega sobre o campo do patrimônio cultural características polissêmicas, multidirecionais e transversais. A ampliação de visões teóricas sobre esta área tem associado a conservação material ao reconhecimento e manutenção de valores. Uma decisão sobre o que ou aquilo que deve ser preservado está cada vez mais condicionada à forma com que se viabilizam os recursos para a sua conservação. Os custos de conservação e especialmente, os potenciais econômicos relacionados à localização de propriedades patrimonializadas têm prevalecido sobre os sentidos culturais e sociais que historicamente determinaram a preservação de materialidades. Somado a isso, coexiste uma carência de representatividade de diversidade sobre o patrimônio cultural edificado da cidade de Porto Alegre, hoje.

## Os significados reunidos sobre os bens do patrimônio cultural

Uma edificação patrimonializada reúne importâncias relacionadas a representatividades históricas e culturais mas, também, e de forma determinante, está sujeita a sobreposição de fatores econômicos na preservação de sua materialidade. Conforme De La Torre e Manson<sup>2</sup>, “os métodos de avaliação econômica dominam cada vez mais a forma como a sociedade lida com o valor do patrimônio”. A partir destas questões, a investigação realizada seguiu sobre o conceito apresentado por Prats<sup>3</sup>, que considera a relação entre invenção e construção social como um dispositivo essencial no processo existencial do patrimônio cultural. Para o autor, “o patrimônio cultural é uma invenção e uma construção social”. Uma vez localizados dentro de uma estrutura social e política, os elementos selecionados integram o patrimônio cultural de uma sociedade. Por esta relação descrita por Prats, entendeu-se como necessário uma análise sobre as características dos bens já selecionados para a preservação no bairro Centro Histórico, da cidade de Porto Alegre.

De acordo com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), o patrimônio cultural forma-se a partir de referências culturais que estão muito presentes na história de um grupo e foram transmitidas entre várias gerações. Simultaneamente, uma seleção de bens pode reforçar alguns enfoques históricos em detrimento de outros. Para Lowenthal, “o patrimônio altera a história; [...] é uma visão do passado no presente que está fadada a celebrar e esquecer seletivamente”<sup>4</sup>.

A complexidade que envolve o processo de reconhecimento do patrimônio cultural é descrita por Castriota, quando reflete sobre a necessidade de explicitar o que envolve a atribuição de valores “[...] sabemos que a questão dos valores sempre esteve presente nas decisões sobre a conservação, o que se modifica neste início de século é a necessidade cada vez mais presente de se explicitar essa operação de atribuição de valores”<sup>5</sup>.

Márcia Chuva destaca que a patrimonialização de bens e objetos pode agregar valor simbólico e ao mesmo tempo intervir na economia de mercado destes bens reconhecidos formalmente sobre o enfoque cultural. Essa ação pode levar a alteração do valor econômico de um bem, uma vez que este passa a ser valorado apenas como um patrimônio

---

<sup>2</sup> DE LA TORRE, M. & MASON, R. **Economics and Heritage Conservation**. Los Angeles: Getty Institute, 1998. p.2.

<sup>3</sup> PRATS, Llorenç. **El concepto de patrimonio cultural**. Barcelona: Políticas y sociedad, 1998. p. 63.

<sup>4</sup> LOWENTHAL, David. **The heritage crusade and the spoils of history**. New York: Cambridge University Press, 1998. p. 148.

<sup>5</sup> CASTRIOTA, Leonardo Barci. **Conservação e valores**. In: Reconceituações Contemporâneas do Patrimônio. Salvador: EDUFBA, 2011. p. 51.

imobiliário urbano. Sob este enfoque, a patrimonialização de bens e objetos pode “[...] alterar o valor econômico dos bens, valorizando o patrimônio imobiliário urbano[...]. Há circunstâncias em que, [...] ocorre uma desvalorização do valor econômico da propriedade privada, impedida de se transformar ou de ser demolida pela especulação imobiliária urbana”<sup>6</sup>.

As importâncias ou utilidades de um bem do patrimônio cultural estão simultaneamente vinculadas a um grupo social e a um único indivíduo, no caso o proprietário de um imóvel. Como exemplo de materialidade que concentra faces distintas dos conceitos de utilidade e dos diferentes sentidos do termo “valor” descreve-se o caso da edificação da Igreja São José, localizada no Centro Histórico de Porto Alegre. Esta edificação, inventariada pelo município, tem um valor cultural reconhecido a partir de memórias relacionadas à cultura, religiosidade, autoria e de expressões artísticas de sua arquitetura. Enquanto imóvel urbano é composta por uma edificação e por sua unidade fundiária as quais reúnem importantes aspectos culturais e econômicos, demonstrando que o sentido econômico do termo “valor”, pode se relacionar tanto pela geração de recursos para a sua manutenção, como pela possibilidade de sua comercialização propriamente, assim como de seus índices urbanísticos. Esta situação, brevemente descrita, ilustra diferentes enfoques de valoração que podem desencadear situações conflitantes entre a cultura e a economia urbana de uma edificação patrimonializada. Mesmo que sua comercialização ou demolição sejam desfechos improváveis, o exemplo da Igreja São José descreve dois sentidos potencialmente antagônicos do termo “patrimônio”: o patrimônio enquanto propriedade e o patrimônio enquanto materialidade cultural.

Um valor econômico corresponde a uma relevância relativa a que um bem pode oferecer para um indivíduo ou para agentes da sociedade. Em consonância a isso, as mercadorias imobiliárias apresentam preços sujeitos a influências e oscilações provocadas por fatores externos a ele. Nesse sentido, Fix argumenta que quanto mais aberto for o mercado “mais imprudentemente o capital pode procurar realizar suas expectativas excessivas por meio da pilhagem e da destruição das condições de produção do espaço”<sup>7</sup>. Para Oliveira e Grandisky, “as atividades do mercado imobiliário sofrem influências de fatores exógenos [...] tais como as oscilações das taxas de retorno do mercado financeiro, das taxas de financiamento, das aplicações de capital no mercado imobiliário, dos preços de insumos e commodities externas, [...], etc.”<sup>8</sup>

Na elaboração de um empreendimento imobiliário as garantias de bons retornos financeiros são decisivas, e levam a uma constante comparação a outras formas de investimento. Neste arranjo, as recentes flexibilizações do regramento urbanístico de Porto Alegre indicam que a alteração na organização do regime urbanístico a partir dos padrões idealizados pelo mercado imobiliário local resultará em um ambiente de grandes contrastes urbanos.

---

<sup>6</sup> CHUVA, Márcia. **Entre o Risco e o Traço – a trama** - In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Brasília: IPHAN. nº34, 2012. p. 23.

<sup>7</sup> FIX, Mariana, São Paulo, **Cidade global: fundamentos financeiros de uma miragem**. São Paulo: Boitempo, 2007. p. 135.

<sup>8</sup> OLIVEIRA & GRANDISKI. A.M de B. D e P. **Engenharia de Avaliações**. In: Engenharia de Avaliações. São Paulo: Pini, 2007. p.231.

Tem-se como exemplo deste cenário a tentativa de construção de uma edificação de 15 andares lindeira a edificação do Museu Júlio de Castilhos, com dois pavimentos (imagem 1).

Imagem 1: Empreendimento ao lado do Museu Júlio de Castilhos



Fonte: Reprodução do anúncio do empreendimento, em 25 de novembro de 2023.

O projeto chegou a ser aprovado pela Prefeitura Municipal, causando comoção de parte da população o que levou a uma Ação Civil Pública impetrada pela Associação dos Amigos do Museu Júlio de Castilho, junto ao MP-RS. As influências de um ambiente urbano financeirizado geram consequências que se refletem em toda a dinâmica do ambiente urbano da cidade. Para que sejam competitivos, os investimentos, em empreendimentos alavancados por títulos imobiliários, ou empresas de mercado aberto, são modelados para suplantar o rendimento de outras formas de investimento do mercado financeiro. Em síntese, o investimento em títulos privados têm demonstrado uma crescente aproximação entre um mercado imobiliário local e o modo de funcionamento do mercado de capitais.

### **A interface entre os significados culturais e econômicos do patrimônio cultural edificado**

Para Smith o “patrimônio é um processo de negociação de sentidos e valores históricos e culturais que ocorrem no âmbito das decisões que tomamos para preservar ou não preservar determinados lugares ou objetos físicos e elementos intangíveis, assim como no âmbito das formas como estes objetos e elementos são então geridos ou salvaguardados”<sup>9</sup>. A ideia de separação existente entre tempo e espaço relaciona-se com ciclos evidenciados pela alternância entre a memória e o esquecimento. No caso de Porto Alegre a política patrimonial se compreende entre as necessidades de geração de recursos que acompanham a preservação de bens e a postura da administração pública.

<sup>9</sup> SMITH, Laurajane. **Uses of Heritage**. London: Routledge, 2006. p. 2.

Os bens do patrimônio cultural edificado de Porto Alegre apresentam valores sócio culturais e econômicos, ambos fatores capazes de condicionar as permanências destes edifícios no espaço da cidade. Entre a esfera do patrimônio cultural e a economia de mercado há uma pluralidade de abordagens que se relacionam com os níveis patrimoniais reconhecidos de um bem. As políticas urbanas de bens tombados ou inventariados demonstram haver uma distinção em relação à divisão de responsabilidades entre o estado e um proprietário. Harvey afirma que, na busca por uma organização do espaço, é importante que haja uma coalizão ampla entre os agentes urbanos, pois “o poder de organizar o espaço advém de todo complexo de forças mobilizadas por diversos agentes sociais. [...] Em uma região metropolitana como um todo, temos que olhar para a formação de coalizões políticas e para a formação de alianças de classe como base para qualquer tipo de empresariamento urbano”<sup>10</sup>

Estas coalizões do empresariamento urbano aceleraram as transformações que ocorrem atualmente em cidades de todas as regiões do país. No conjunto de regras urbanísticas resultantes destas coalizões há uma relação estabelecida pela lógica concorrencial do mercado financeiro, em que se busca a “obtenção de resultados particulares para pessoas particulares, em vez de se ater à aplicação das regras gerais válidas indistinta e uniformemente para todas as pessoas”<sup>11</sup>.

A partir do reconhecimento de importâncias de natureza diferente sobrepostas sobre um mesmo objeto, definiu-se como questão central da tese: *Como acontecem as correlações entre os atributos culturais e os potenciais econômicos presentes nas edificações do patrimônio cultural da cidade de Porto Alegre?*

Toda edificação patrimonializada reúne diferentes aspectos relacionados ao sentido de utilidade, sejam de viés cultural ou econômico. A pesquisa buscou verificar se sobre o conjunto de imóveis integrantes do conjunto do patrimônio cultural da cidade de Porto Alegre existem atributos culturais condicionados às variáveis da unidade fundiária onde se localiza o imóvel. Desta forma, definiu-se como hipótese que *às políticas patrimoniais que se associam apenas com o interesse do mercado imobiliário provocam a valorização de edificações com regimes urbanísticos interessantes ao mercado, enquanto outras edificações, mesmo que significativas ao patrimônio cultural, podem ter a preservação de sua materialidade desassistida.*

A investigação objetivou identificar, documentar e medir as correlações existentes entre os atributos culturais e os fatores econômicos, sejam estes referentes às necessidades desencadeadas pelos custos de manutenção, ou mesmo de exploração de benefícios que caracterizam o patrimônio cultural edificado de Porto Alegre. Entre os sistemas de atendimento aos bens do conjunto do patrimônio cultural de Porto Alegre, foram definidos regramentos específicos em diferentes macrozonas da cidade, marcados pelo regramento urbanístico do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Ambiental de Porto Alegre de 1999 (PDDUA)<sup>12</sup>.

---

<sup>10</sup> HARVEY, David. **Os limites do capital**. São Paulo: Boitempo editorial, 2006. p. 52.

<sup>11</sup> DARDOT, P. & LAVAL, C. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016. p. 179.

<sup>12</sup> PORTO ALEGRE. **Lei Complementar nº 434**, Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Ambiental de Porto Alegre (PDDUA). Porto Alegre: 1999.



Nas macrozonas do PDDUA, cada uma possui um regime de padrões urbanísticos próprio que regula a construção e a utilização de edificações. Para o funcionamento deste sistema, se aplicam índices construtivos baseados em padrões de densidades predefinidas que se alteram conforme a região. A partir da vigência da *Outorga Onerosa do Direito de Construir* (OODC) e da *Transferência de Potencial Construtivo* (TPC)<sup>13</sup> entre endereços diferentes, por meio do qual os índices construtivos são transferidos de um endereço para outro, aumentando a densidade urbana.

Os institutos jurídicos da OODC e do TPC são utilizados como instrumentos que, em tese, buscam compensar as restrições impostas a uma propriedade decorrentes da patrimonialização legal de uma edificação, seja por inclusão em um inventário de bens culturais ou por um tombamento. Nesse sistema, os índices construtivos de um empreendimento são ampliados a partir da compra de índices de outro local que passam a ser acrescidos ao potencial construtivo do endereço de destino.

### **Os atributos do conjunto do patrimônio cultural do Centro Histórico**

Por entender que se tratam de objetos da cultura da cidade de Porto Alegre, o município tombou 27 objetos urbanos, entre edificações públicas, privadas e espaços públicos do Centro Histórico. A partir da listagem<sup>14</sup> publicada em 2013 no site da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, entre bens tombados e inventariados, estão 57 itens referentes a tombamentos (27 tombados pelo Município, 15 tombados pelo Estado e 15 tombados pela União), 401 itens inventariados de estruturação e 733 inventariados de compatibilização.

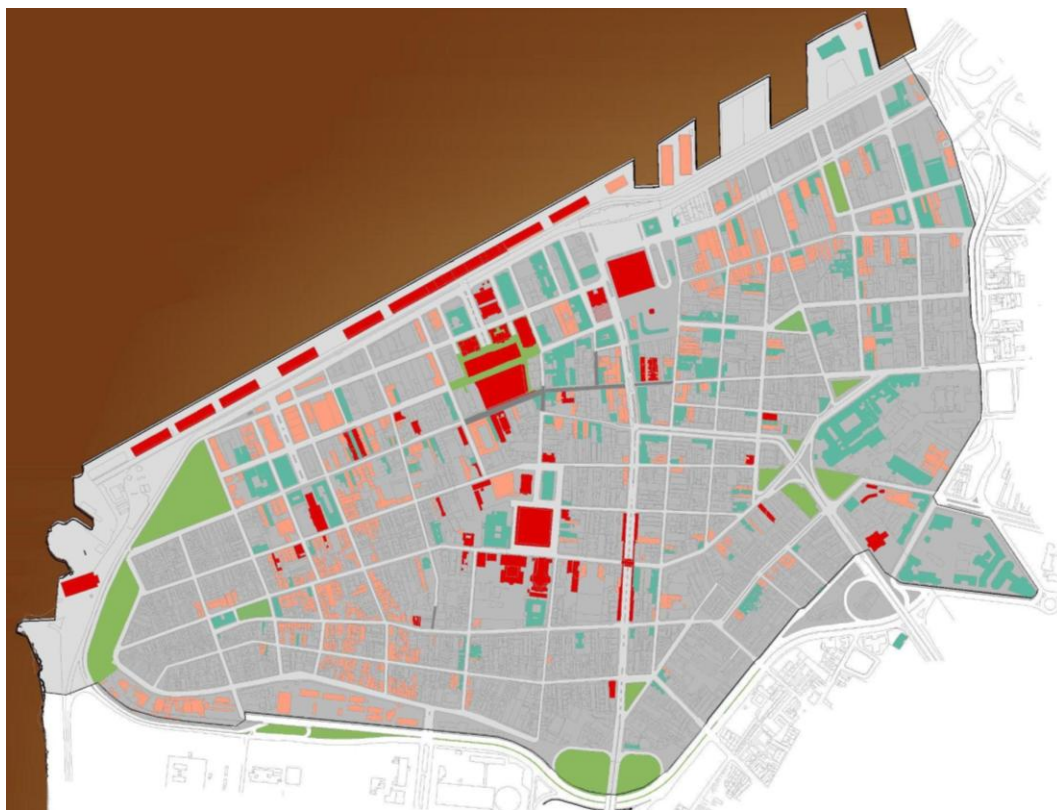
No mapa 1 estão localizados os bens tombados e inventariados. No desenvolvimento desta investigação, analisou-se a extensa paisagem normativa de decretos, leis complementares, leis ordinárias e fundos do patrimônio cultural edificado que regem o centro histórico de Porto Alegre. Constatou-se que o conjunto de normas impactou de maneira estruturante os fatores econômicos e as significações culturais de uma propriedade. As análises demonstraram que houve uma eliminação de diversos fundos específicos e processos de decisões com a participação social a partir de 2016. Neste mapa os itens listados como inventariados de estruturação correspondem em sua maioria a imóveis de propriedades privadas. A única política de fomento que se mostra capaz de alcançar recursos econômicos a este conjunto de bens corresponde ao processo de TPC.

---

<sup>13</sup> PORTO ALEGRE. **Lei 10.257 de 10 de julho de 2001**. Estatuto da Cidade, Brasília: 2001.

<sup>14</sup> Esta lista segue disponível com os mesmo dados de 2013 (em 7/7/2024) no site da PMPA sem atualização.

Mapa 1: Bens do conjunto do patrimônio cultural do centro Histórico



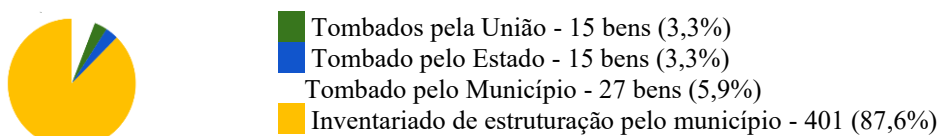
■ Tombados ■ Inventariados de estruturação ■ Inventariados de compatibilização

Fonte: Elaborado por Simões, J.D.C., a partir da listagem do patrimônio cultural publicada pela PMPA em 2013.

Os dados analisados demonstram que outras políticas de financiamento ou aporte de recursos, que não utilizam o modelo de TPC para a conservação de bens patrimoniais, historicamente, se restringem ao atendimento de bens tombados. Os recursos destinados a estes bens são quase exclusivamente provenientes de políticas do estado e da união. O estudo sobre a interação entre os fatores econômicos e as significâncias culturais do patrimônio cultural edificado se mostrou bastante complexo, apresentando dificuldades de conciliação entre estes dois domínios que frequentemente interferem entre si. Os conceitos abordados nessas áreas frequentemente carecem de diálogo mútuo, agravando a necessidade de buscar soluções eficazes, para o compromisso de preservação, estabelecido pelos órgãos públicos.

O Gráfico 1 descreve o número e a distribuição percentual entre os bens tombados e inventariados do Centro Histórico.

Gráfico 1: Bens tombados e inventariados de estruturação até 2013



Fonte: Elaborado por Simões, J.D.C.

O Mapa 2 localiza a totalidade dos imóveis do conjunto bens patrimoniais do Centro Histórico listados em 2013.

Mapa 2: Imóveis tombados, inventariados de estruturação, de compatibilização, excluídos, demolidos e integrantes de áreas com regimes especiais



Fonte: Elaborado por Simões, J.D.C.

Diversas características do conjunto do patrimônio cultural do Centro Histórico foram reunidos e organizados a partir de 3 fontes: consultas dos endereços de cada bem do patrimônio junto ao sistema de Declaração Municipal Informativa (DMI), colheita de dados sobre variáveis de atributos de cada bem realizada em campo e solicitações realizadas junto à Equipe de Patrimônio Histórico e Cultural (EPAHC) e à Procuradoria-Geral do Município (PGM).

Este mapa reordena esta lista descrevendo a condição atual de cada um deles, como imóveis tombados, inventariados de estruturação, os que passaram a atender a regimes especiais, além daqueles que foram excluídos da listagem original ou demolidos. Detectou-se alterações entre a composição divulgada a partir de 2013 e o levantamento realizado nesta investigação sobre o sistema de *dmweb*<sup>15</sup>. A análise destes dados revelou que entre 1999 e 2023, foram excluídos 32 bens do inventário de bens culturais do Centro

<sup>15</sup> Plataforma digital de pesquisas referentes ao regime urbanístico de endereços de unidades fundiárias.

Histórico. Outros 22 bens inventariados (estruturação e compatibilização) foram demolidos no mesmo período.

O primeiro Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Ambiental (PDDUA), elaborado em 1999, passou por uma reelaboração em 2010<sup>16</sup>. A partir desta revisão se definiram áreas com regimes especiais, que se caracterizam pela pouca previsibilidade sobre as futuras edificações que integrarão seus espaços. O sistema de TPC seguiu como o sistema de fomento a recursos econômicos de bens do patrimônio. O índice de aproveitamento (I.A.) corresponde a um fator que determina o limite de área que poderá ser construída em uma unidade fundiária, isto é, em um empreendimento e resulta da multiplicação entre o I.A. e a área da unidade fundiária. Porém, se o endereço de uma edificação patrimonializada não ofertar índices significativos, tem-se uma condição de dificuldades de geração de recursos para a manutenção das edificações a serem conservadas.

Assim, a manutenção das edificações depende financeiramente do regime de índices ofertado pelo endereço em que o patrimônio edificado está inserido. Dessa maneira, os recursos financeiros que viabilizariam a preservação ficam condicionados à possibilidade de geração de renda ofertada pelo TPC do endereço.

A partir da vigência da Lei Complementar 930<sup>17</sup> que instituiu o *Programa de Reabilitação do Centro Histórico de Porto Alegre*, foi determinado que as novas edificações do bairro tem a possibilidade de utilizar instrumentos que permitem a alteração dos padrões do regime urbanístico além de ampliar em 1,5 vezes o padrão anteriormente estabelecido pelo PDDUA.

Após a entrada em vigor da Lei 12.585<sup>18</sup>, o TPC passou a ser uma estratégia muito valorizada pela administração municipal. Sua importância foi reforçada pela ampliação nas políticas urbanísticas municipais, como evidenciado pela Lei 930, que institui o Programa de Reabilitação do Centro Histórico de Porto Alegre. A política urbana que amplia os limites das áreas a serem construídas permite, consequentemente, um provável aumento dos ganhos de um empreendimento. Como consequência, observa-se um aumento percentual do contraste entre os índices de aproveitamento distribuídos entre construções preexistentes e futuras no bairro. A LC 930 também ampliou a possibilidade de densificação das áreas especiais, conforme representado no Gráfico 2.

---

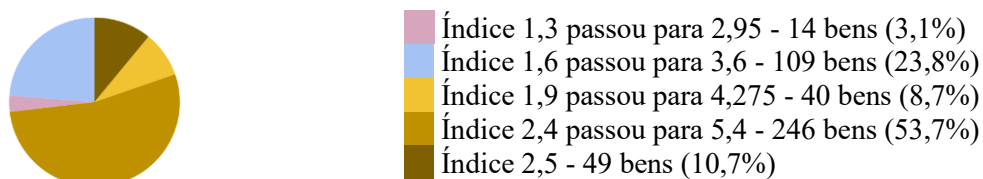
<sup>16</sup> PORTO ALEGRE. **Lei Complementar nº 646**, altera e inclui dispositivos, figuras e anexos na lei complementar nº 434. Porto Alegre: 2010.

<sup>17</sup> PORTO ALEGRE. **Lei complementar nº 930**. Institui o Programa de Reabilitação do Centro Histórico de Porto Alegre. Porto Alegre: 2021.

<sup>18</sup> PORTO ALEGRE. **Lei 12.585**. Dispõe sobre o Inventário do Patrimônio Cultural de Bens Imóveis do Município de Porto Alegre e sobre as medidas de proteção e preservação dos bens que o compõem. Porto Alegre: 2019.



Gráfico 2: I.A. após a criação de áreas especiais (PDDUA 2010) associado a adesão ao "programa de recuperação do Centro Histórico"<sup>19</sup>



Fonte: Elaborado por Simões, J.D.C.

O Mapa 3 indica os endereços das dezesseis (16) edificações que tiveram solicitações de TPC por meio de processos administrativos após vigência da Lei 12585/2019 (entre 2019 e 2023).

Mapa 3: Endereços de edificações com solicitações de TPC - após vigência da Lei 12585/2019



■ TPC solicitado em período posterior à vigência da lei 12585/2019 (até agosto de 2023)

Fonte: Elaborado por Simões, J.D.C.

<sup>19</sup> Parágrafo único. O resgate do estoque de potencial construtivo adensável [...] será multiplicado pelo fator 1,5 (um vírgula cinco) [...] adicional de 25% (vinte e cinco por cento) [...].



Apesar do dever de preservação estabelecido pela Lei Municipal 12.585, as edificações inventariadas pelo município não tem sido contempladas por leis de incentivo à cultura em âmbito estadual ou federal. Nesse contexto, o sistema de TPC responde como a única política municipal de geração de recursos para a preservação de bens inventariados de estruturação. Todas as solicitações de TPC informadas por meio de solicitações junto à equipe da EPAHC/DPM/SMCEC, até agosto do ano de 2023, correspondem a endereços de unidades fundiárias de bens inventariados de estruturação (100% das solicitações), localizados em áreas com os maiores Índices de Aproveitamento (I.A.) no bairro.

A análise demonstrou que a política de TPC promove um processo de diminuição da pluralidade de linguagens arquitetônicas do conjunto, dos usos das edificações e também da relevância do grupo de bens com índices de aproveitamento menos interessantes aos interesses da indústria da construção da cidade. Esta situação contraria os objetivos constitucionais que afirmam a necessidade de se ampliar a representatividade da diversidade cultural dos povos.

Alguns endereços correspondem a unidades fundiárias vizinhas que, uma vez que venham a ser lembradas, resultarão em edificações de porte significativamente maior que as pré-existentes nos mesmos lotes. Este cenário é descrito por Canclini<sup>20</sup> ao explicar as contradições que surgem quando interesses do patrimônio cultural não regulam os interesses referentes ao desenvolvimento econômico, permitindo um controle da atuação do interesse capital baseado em interesses externos e contrapostos aos das políticas de preservação.

Os índices definidos a partir do regime urbanístico que regula a construção de edificações no bairro condicionam a aplicação de uma política de fomento à preservação, sendo capazes de determinar qual bem poderá vir a ser preservado e qual não será, remete ao conceito de “Discurso Autorizado de Patrimônio”, da arqueóloga e filósofa Laurajane Smith<sup>21</sup> (2006). As solicitações de TPC inteiramente concentradas sobre os endereços de unidades fundiárias com os maiores índices demonstram que a diversidade cultural dos bens reunidos no bairro está condicionada a critérios estritamente ligados ao comércio de índices construtivos. Os dados indicaram que o I.A funciona como uma condição para os bens deste conjunto. Um fator que atesta a presença de um critério externo à importância cultural atribuída a estes bens – o econômico.

A política de TPC, descrita pela atual gestão como uma solução para geração de recursos para a conservação de bens do inventário, existe como política pública desde a LC 256<sup>22</sup>, lei que tombou o Cine Capitólio. A partir da LC 601<sup>23</sup>, a política de TPC recebeu um regramento padrão para bens do patrimônio cultural. Apesar disso, os dados levantados na pesquisa indicaram a aplicação de TPC apenas em 11 imóveis do bairro em período anterior a 2019. Este número representa apenas 2,4% do total de bens do patrimônio cultural contemplados ao longo de mais de 3 décadas. Os dados demonstram que este

---

<sup>20</sup> CANCLINI, Néstor García. **Los usos sociales del Patrimonio Cultural**. In: Patrimonio Etnológico: Nuevas perspectivas de estudio. Andalucía: Consejería de Cultura, 1999. p. 17.

<sup>21</sup> SMITH, Laurajane. *Uses of Heritage*. London: Routledge, 2006. p. 2.

<sup>22</sup> PORTO ALEGRE. **Lei Complementar 256**. Relaciona prédio de interesse sociocultural para tombamento, autoriza o Poder Executivo a permutar e a transferir índice construtivo [...]. Porto Alegre: 1990.

<sup>23</sup> PORTO ALEGRE. **Lei complementar nº 601**. Dispõe sobre o Inventário do Patrimônio Cultural de Bens Imóveis do Município. Porto Alegre: 2008.

fator econômico, o I.A., é capaz de condicionar um atendimento de recursos econômicos para a manutenção de uma edificação integrante do conjunto do patrimônio cultural.

A pesquisa elencou um total de 127 obras realizadas em bens do conjunto do bairro ao longo de 3 décadas. Os dados demonstram que a grande maioria das obras realizadas no conjunto de bens do patrimônio cultural do bairro utilizou os recursos provenientes dos mecanismos federais e estaduais de fomento à cultura e patrimônio. A totalidade dos recursos do Programa Nacional de Apoio à Cultura (PRONAC)<sup>24</sup> aplicados no bairro foi destinada a obras de edificações institucionais. A grande maioria dos projetos realizados em bens do patrimônio cultural foram contemplados com recursos do Sistema de Cultura PRÓ-CULTURA<sup>25</sup> e correspondem a bens com atividades e usos institucionais. Os mecanismos estadual e federal de fomento ao patrimônio cultural edificado do centro histórico capitalizam recursos para bens tombados em níveis municipais, estaduais e federais.

### Considerações Finais

Sobre o conjunto de imóveis que compõem o patrimônio cultural da cidade de Porto Alegre existem atributos culturais condicionados às variáveis da respectiva unidade fundiária onde se construiu o imóvel. A conservação de suas materialidades está sujeita à atratividade dos índices construtivos da unidade fundiária do seu endereço. Entende-se que os padrões urbanísticos estabelecidos pelo conjunto de normas do atual plano regulador da cidade de Porto Alegre são potenciais desencadeadores de um deslocamento do sentido de valor cultural atribuído às edificações patrimonializadas para um interesse sobre as variáveis dos atributos relacionados ao custo imposto para sua preservação, bem como na valoração econômica de sua unidade fundiária. Desta forma confirma-se a hipótese definida para a investigação.

As significâncias culturais em níveis federais, estaduais e municipais, reunidas neste conjunto de bens e que envolvem diferentes sistemas de gestão, percorrem mecanismos de fomento distintos. Esses mecanismos resultam em casos variados de apoio à realização - de obras de manutenção, de restauração e de atualização dos bens, onde alguns bens vêm obtendo sucesso na captação de recursos - enquanto outros enfrentam e continuam a enfrentar dificuldades em suas preservações. Os dados indicaram que a política de fomento por TPC não atende às necessidades de conservação dessas materialidades e está sujeita aos interesses do mercado da construção. O interesse na comercialização de índices construtivos das unidades fundiárias referentes aos bens do patrimônio cultural é bastante modesto, considerando o número de casos em que esse mecanismo foi efetivamente praticado e o período que está em vigor.

Há uma limitada ou inexistente divulgação do sistema de fomento municipal por meio de Transferência de Potencial Construtivo (TPC) junto aos proprietários. Paralelamente, observa-se a atuação de alguns indivíduos vinculados às dinâmicas da construção civil da cidade que comprometem a eficácia da aplicação deste sistema. Esses agentes, ao tratarem o TPC como uma possibilidade de negócio, tendem a priorizar os atributos dos índices construtivos de bens com maior potencial de retorno financeiro, em detrimento de outros

---

<sup>24</sup> BRASIL, **Lei nº 8.313**. Restabelece princípios da Lei nº 7.505, de 2 de julho de 1986, institui o Programa Nacional de Apoio à Cultura (Pronac) e dá outras providências. Brasília: 1991.

<sup>25</sup> RIO GRANDE DO SUL. **Lei nº 13.490**. Institui o Sistema Estadual Unificado de Apoio e Fomento às Atividades Culturais PRÓ CULTURA. Porto Alegre: 2010.

imóveis. As solicitações de TPC, ao serem conduzidas conforme a localização dos bens, acabam por influenciar diretamente a viabilidade do fomento à preservação.

Como agravante, os bens do patrimônio cultural reconhecidos sobre propriedades privadas estão pressionados pela possibilidade de ganhos financeiros associados à economia urbana contemporânea. Essas práticas estão relacionadas à exploração da mais-valia urbana sobre a unidade fundiária, seja por meio de comercialização de TPC, seja pela atratividade das localizações dessas propriedades.

## **Bibliografia**

CASTRIOTA, Leonardo Barci. **Conservação e valores**. In: Reconceituações Contemporâneas do Patrimônio. Salvador: EDUFBA, 2011.

CANCLINI, Néstor García. **Los usos sociales del Patrimonio Cultural**. In: Patrimonio Etnológico: Nuevas perspectivas de estudio. Andalucía: Consejería de Cultura, 1999.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 1988.

--. **Lei nº 8.313**. Institui o Programa Nacional de Apoio à Cultura (Pronac) e dá outras providências. Brasília: 1991.

--. **Lei 10.257**. **Estatuto da Cidade**, Brasília: 2001.

CHUVA, Márcia. **Entre o Risco e o Traço – a trama** - In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Brasília: IPHAN. nº34, 2012.

DARDOT, P. & LAVAL, C. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DE LA TORRE, M. & MASON, R. **Economics and Heritage Conservation**. Los Angeles: Getty Institute, 1998.

FIX, Mariana, **São Paulo, cidade global: fundamentos financeiros de uma miragem**. São Paulo: Boitempo, 2007.

HARVEY, David. **Os limites do capital**. São Paulo: Boitempo editorial, 2006.

IPHAN. **Educação Patrimonial: Inventários Participativos**. Brasília, IPHAN, 2016.

LOWENTHAL, David. **The heritage crusade and the spoils of history**. New York: Cambridge University Press, 1998.

OLIVEIRA & GRANDISNKI. A.M de B. D e P. **Engenharia de Avaliações**. In: Engenharia de Avaliações. São Paulo: Pini, 2007.

PRATS, Llorenç. **El concepto de patrimonio cultural**. Barcelona: Políticas y sociedad, 1998.

PORTO ALEGRE. **Lei Complementar 256**. Relaciona prédio de interesse sócio-cultural para tombamento, autoriza o Poder Executivo a permutar e a transferir índice construtivo [...]. Porto Alegre: 1990.

--. **Lei complementar nº 275 de 06 de abril de 1992**. Dispõe sobre a proteção do

patrimônio histórico, cultural e natural do município de Porto Alegre, disciplina a integração de bens móveis e imóveis e cria incentivos ao tombamento. Porto Alegre: 1992b.

--. **Lei complementar nº 601 de 23 de outubro de 2008.** Dispõe sobre o Inventário do Patrimônio Cultural de Bens Imóveis do Município. Porto Alegre: 2008.

--. Porto Alegre, **Lei Complementar nº 434**, Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Ambiental de Porto Alegre (PDDUA). Porto Alegre: 1999.

--. **Lei Complementar nº 646**, altera e inclui dispositivos, figuras e anexos na lei complementar nº 434. Porto Alegre: 2010.

--. **Lei 12.585 de 2019 de 9 de agosto de 2019.** Dispõe sobre o Inventário do Patrimônio Cultural de Bens Imóveis do Município de Porto Alegre e sobre as medidas de proteção e preservação dos bens que o compõem. Porto Alegre: 2019.

--. **Lei complementar nº 930 de 29 de dezembro de 2021.** Institui o Programa de Reabilitação do Centro Histórico de Porto Alegre. Porto Alegre: 2021.

--. **Lei complementar nº 985 de 21 de setembro de 2023.** Cria o Fundo Municipal de Segurança Pública, Proteção e Defesa Civil (FUMSPDEC); extingue o [...] Fundo Municipal do Patrimônio Histórico e Cultural (FUMPAHC). Porto Alegre: 2023.

RIO GRANDE DO SUL. **Lei nº 13.490.** Institui o Sistema Estadual Unificado de Apoio e Fomento às Atividades Culturais PRÓ CULTURA. Porto Alegre: 2010.

SMITH, Laurajane. **Uses of Heritage.** London: Routledge, 2006.

# **O Imaginário do Habitar nas Cooperativas Habitacionais de Farroupilha (RS)**

**Samila Balbinot**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Programa de Pós Graduação em Planejamento Urbano e Regional  
[samilabalbinot.arq@gmail.com](mailto:samilabalbinot.arq@gmail.com)

**Daniela Marzola Fialho**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Programa de Pós Graduação em Planejamento Urbano e Regional  
[dfialho.voy@terra.com](mailto:dfialho.voy@terra.com)

**Resumo:** Este artigo investiga a relação entre o conceito de crescimento urbano horizontal e o conceito que é denominado, neste trabalho, como o imaginário de habitar a cidade, em uma análise do discurso e de seus impactos. Tem-se como objeto de estudo a cidade de Farroupilha, Rio Grande do Sul, Brasil, onde ocorreu uma ampliação de perímetro urbano que posteriormente foi revertida. Nesta reversão, foram mantidas áreas destinadas a cooperativas habitacionais, resultando em ‘ilhas’ de zoneamento urbano na área rural do município. A partir deste objeto de estudo, questiona-se quais as implicações dos processos de ampliação e reversão do perímetro urbano ocorridos na cidade de Farroupilha. Analisa-se a possível influência de atores ligados ao mercado imobiliário sobre os associados das cooperativas habitacionais e sobre o poder público municipal. Como fatores desta ação, consideram-se a difusão da ideia de moradia perfeita em áreas afastadas da malha urbana, com características predominantemente rurais, e a utilização de um discurso fundamentado nos princípios do cooperativismo, que são teoricamente sem fins lucrativos. Assim, ao pesquisar a dinâmica entre o Estado, o mercado imobiliário e os sujeitos envolvidos no processo de expansão urbana, pretende-se compreender a concepção do imaginário de habitar a cidade sobre a ‘realidade’ das áreas pesquisadas, bem como a relevância deste conceito na formação das atuais configurações urbanas do objeto de estudo.

**Palavras-chave:** Farroupilha (RS); Legislação Urbana; Cooperativas Habitacionais; Imaginário do Habitar a Cidade; Crescimento Urbano Horizontal.



## Introdução

A urbanização contemporânea tem repetido em muitas cidades brasileiras o padrão de expansão horizontal, caracterizado por loteamentos dispersos em áreas rurais, sem contiguidade com a malha consolidada. Em Farroupilha (RS), esse fenômeno foi catalisado por duas leis municipais que alteraram o Plano Diretor aprovado no ano de 2015, primeiramente ampliando o perímetro urbano e, posteriormente, revertendo o perímetro aos limites de 2015, mantendo “ilhas” urbanas isoladas. O processo foi mobilizado por cooperativas habitacionais, que se valeram do discurso do déficit habitacional e do “sonho da casa própria” para pessoas que não possuem condições financeiras, atraindo associados. Na compreensão desta dinâmica, parte-se do conceito de imaginário<sup>1</sup>, entendido como sistema de representações coletivas. As representações atribuem sentido ao território, fazendo da legislação urbana o produto e o instrumento das relações de poder em torno do solo. Segundo Rolnik<sup>2</sup>, a lei organiza e confere significado cultural ao espaço, mas pode funcionar arbitrariamente para servir interesses imobiliários:

A lei é utilizada como expediente de manutenção e fortalecimento de poder e privilégios, contribuindo para resultados como a segregação e a exclusão. A questão central não está na lei em si, ou seja, na sua inadequação, mas na sua aplicação arbitrária<sup>3</sup>.

Além disso, o padrão de expansão horizontal se insere no modelo de “cidade COM-FUSA<sup>4</sup>”, marcado por áreas de alta densidade e grandes vazios urbanos não contíguos. Segundo Sposito<sup>5</sup>:

O espraçamento do tecido urbano, seja ele analisado e/ou conceituado pelo seu caráter de dispersão, difusão ou descontinuidade territorial, coloca em xeque a distinção que desde a Antiguidade, quando da origem das cidades, vinha se estabelecendo entre o que se considera campo e o que se considera cidade.

Com base na análise documental das leis municipais, materiais de marketing das cooperativas, mapas cartográficos e entrevistas com cooperados, produtores rurais e servidores públicos, o artigo examina como o imaginário do “sonho da moradia” foi instrumentalizado pelas cooperativas, fazendo com que a expansão e a reversão legislativa moldassem a configuração espacial. Com foco no conceito, denominado nesta pesquisa, como imaginário do habitar a cidade, analisa-se o movimento das cooperativas habitacionais que promoveram loteamentos em áreas distantes da malha urbana. O “imaginário do habitar a cidade” é o conjunto de imagens, valores e expectativas coletivas que moldam como indivíduos e grupos projetam a vida urbana. Ele orienta o sonho da moradia, promovendo ações que podem culminar em alterações territoriais. Porém, nem sempre os resultados correspondem às expectativas. O conceito reflete a relação entre discursos idealizados sobre a cidade e as dinâmicas de mercado e política, impactando a configuração urbana.

---

<sup>1</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & história cultural. Autêntica, 2003.

<sup>2</sup> ROLNIK, Raquel. A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo. Studio Nobel, 1997.

<sup>3</sup> ERMÍNIA, Maricato. Metrópole, legislação e desigualdade. Estudos avançados, v. 17, p. 151-166, 2003, p.160.

<sup>4</sup> ABRAMO, Pedro. A cidade COM-FUSA: a mão inoxidável do mercado e a produção da estrutura urbana nas grandes metrópoles latino-americanas. Revista Brasileira de estudos urbanos e regionais, v. 9, n. 2, p. 25-25, 2007.

<sup>5</sup> SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Urbanização difusa e cidades dispersas: perspectivas espaço-temporais contemporâneas. Sobre dispersão urbana, p. 38-54, 2009.

Investiga-se a utilização do discurso assistencialista pelas cooperativas habitacionais como forma de solucionar o déficit habitacional do município e realizar o sonho da casa própria diante dos altos custos imobiliários, para justificar ocupações em áreas rurais, enquanto, na prática, contemplam investidores alinhados a interesses neoliberais<sup>6</sup>. Esse fenômeno insere-se no contexto do crescimento urbano horizontal, imposto pelas leis que ampliaram e reverteram o perímetro urbano, implicando altos custos de infraestrutura pública.

### Delimitação Geográfica

Farroupilha é um município localizado na região nordeste do Rio Grande do Sul (Figura 1) na região conhecida como Serra Gaúcha. Atualmente o município constitui a Região Metropolitana da Serra Gaúcha (RMSG), criada pela Lei Complementar nº 14.293/2013<sup>7</sup>.

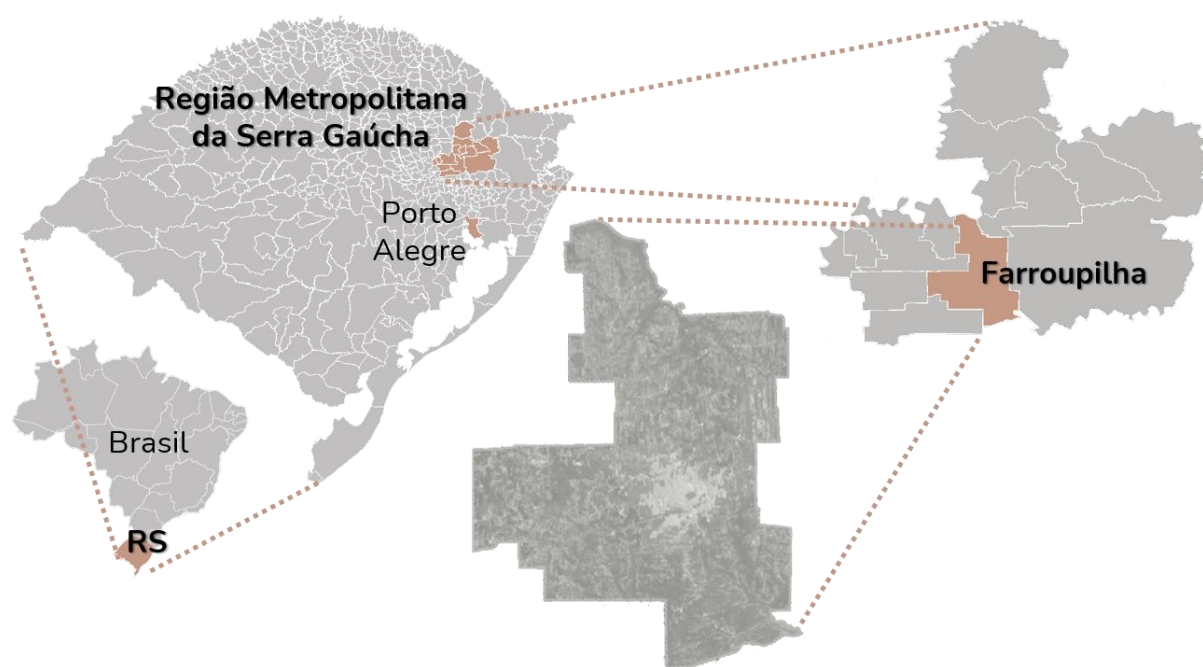


Figura 1 – delimitação geográfica da pesquisa. Balbinot, 2025, p. 24.

Com uma população estimada em 72.477 habitantes o município possui uma área de 361,34 km<sup>2</sup>, apresentando uma densidade demográfica de aproximadamente 194,51 hab/km<sup>2</sup><sup>8</sup>.

<sup>6</sup> DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. A nova razão do mundo. Boitempo editorial, 2017.

<sup>7</sup> RIO GRANDE DO SUL – Lei Complementar nº 14.293, de 19 de setembro de 2013. *Institui a Região Metropolitana da Serra Gaúcha e dá outras providências*. Porto Alegre, RS, 2013.

<sup>8</sup> IBGE. Cidades: informações sobre a cidade de Farroupilha [2010]. Rio de Janeiro: IBGE. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/farroupilha/panorama>>. Acesso em: 03/05/2024

## Contexto Histórico e Imaginário

Farroupilha é reconhecida como o berço da imigração italiana no Brasil por ter recebido os primeiros imigrantes italianos em 1875. Historicamente pode-se perceber que a chegada desses imigrantes foi estimulada por um imaginário que retratava o Brasil como uma terra de abundância e prosperidade<sup>9</sup>. Essa representação simbólica, construída por meio de propagandas em jornais europeus e relatos de viajantes, alimentou o sonho de uma vida melhor, mas chocou-se com a dura realidade de uma mata virgem e de infraestrutura mínima<sup>10</sup> encontrada pelos italianos ao chegarem ao país. Apesar das dificuldades, o trabalho dos colonizadores resultou em uma comunidade próspera, com pequenas propriedades agrícolas, que moldou a identidade regional e sustentou práticas comunitárias ainda refletidas nas dinâmicas sociais locais.

Antes mesmo da emancipação de Farroupilha, o território do município se desenvolveu de forma policêntrica. Ao chegarem, os colonos estabeleceram-se nos núcleos de Nova Milano e Nova Vicenza e, posteriormente, no entorno da Estação Nova Vicenza, em outra região<sup>11</sup>. Com a emancipação do município, as leis de regulação do uso do solo também foram gradualmente assumindo uma configuração de “espraçamento do tecido urbano”, especialmente para abrigar sujeitos de baixa renda que buscavam em Farroupilha uma oportunidade como trabalhadores do setor da indústria, que cresceu no município da década de 1990<sup>12</sup>. Foi neste contexto, começaram a surgir as primeiras cooperativas habitacionais de Farroupilha. Ao analisar os mapas e as leis dos planos diretores de Farroupilha, foi possível constatar que a malha urbana da cidade foi se tornando cada vez mais descentralizada, juntamente com o crescimento populacional. A figura 2 indica os perímetros urbanos da cidade de Farroupilha ao longo dos anos, de acordo com as leis de planos diretores.

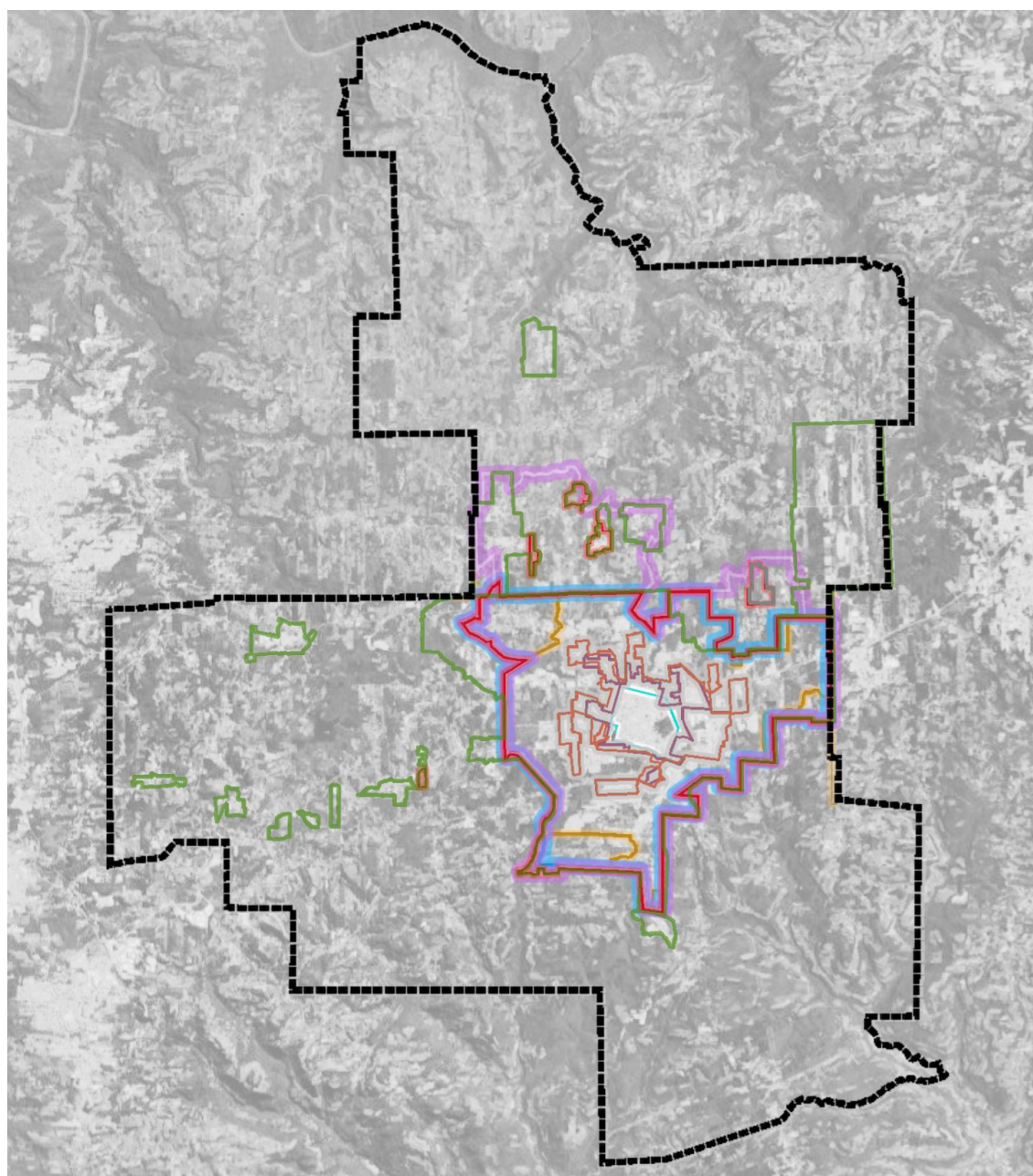
---

<sup>9</sup> MONTEGUTTI, Ivo; GIACOMEL, Miriam Teresa; DALL'OSBEL, Simone Ana. Farroupilha ontem e hoje: subsídios. Farroupilha: Prefeitura Municipal de Farroupilha, 1993.

<sup>10</sup> MANFROI, Olívio. A colonização italiana no Rio Grande do Sul: implicações econômicas, políticas e culturais. Porto Alegre: Grafosul. IEL/DAC/SEC, 1975.

<sup>11</sup> FARROUPILHA (Município) – *História do Município*. Disponível em: <https://farroupilha.rs.gov.br/pagina/id/2/?historia-do-municipio.html>. Acesso em: 1 jun. 2025.

<sup>12</sup> JORNAL O FARROUPILHA – Área rural que virou cidade. Caderno Bairros – Especial O Farroupilha/Bairro 1º de Maio, 31 jan. 2003. Farroupilha. Fotografia de Leandro Rodrigues.



- ..... Limite Municipal
- Perímetro Urbano 2024 - Atual
- Perímetro Urbano 2020 - 2024
- Perímetro Urbano 2018 - 2020
- Perímetro Urbano 2015 - 2018
- Perímetro Urbano 2008 - 2015
- Perímetro Urbano 1991 - 2008
- Perímetro Urbano 1978 - 1991
- Perímetro Urbano 1953

Figura 2 - Mapa de evolução dos perímetros urbanos. Balbinot, 2025, p. 76.



### Expansão Urbana e Legislação Municipal

A desproporcionalidade entre o crescimento urbano horizontal previsto em lei e a efetiva ocupação das áreas evidenciam a discrepância entre a malha urbana consolidada e o limite legal da zona urbana, conforme as imagens de satélite com a demarcação da área urbana (Figura 3). Pontua-se que algumas áreas isoladas de urbanização em meio à zona rural: sedes distritais que se urbanizaram de forma natural ao longo do tempo.

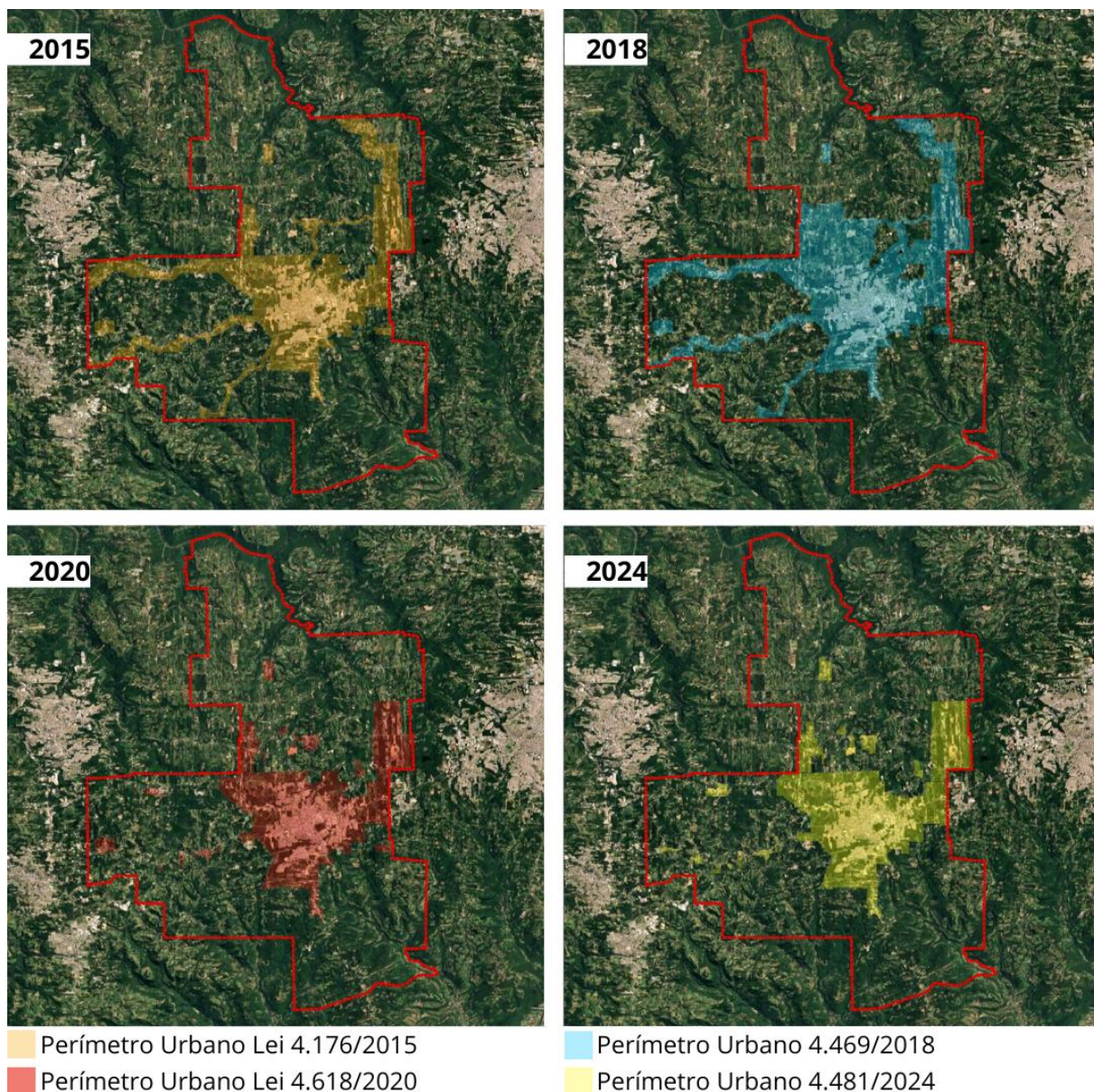


Figura 3 - Imagem de Satélite com Evolução do Perímetro Urbano. Geo Farroupilha, 2025.

A regulamentação do uso do solo em Farroupilha abordada neste trabalho inicia com o Plano Diretor de Desenvolvimento Territorial Integrado (PDDTI), instituído pela Lei Municipal



4.176/2015<sup>13</sup>, que delimitou um perímetro urbano de 47,633 km<sup>2</sup>, visando equilibrar interesses rurais e urbanos. Naquela ocasião, porém, já existiam aproximadamente 23,61 km<sup>2</sup> de área legalmente urbana, mas ainda não urbanizada. Isso significa que havia vazios urbanos suficientes para absorver parte da demanda por novos lotes, sem a necessidade de estender o limite legal.

Em 2018, contudo, a Lei 4.469/2018<sup>14</sup> ampliou em cerca de 40 % a zona urbana, elevando-a para aproximadamente 64,560 km<sup>2</sup> e incorporando extensos trechos classificados como Zona Ambiental J (uso estritamente agrícola), que passaram a integrar a Zona Ambiental E, de uso residencial de baixa densidade. Essa ampliação não foi pautada por estudos de impacto demográfico nem considerou o aproveitamento dos vazios urbanos existentes. O principal objetivo foi atender à demanda de cooperativas habitacionais que haviam adquirido terrenos rurais de baixo custo e buscavam convertê-los em lotes urbanos.

Como consequência imediata, produtores rurais cujas terras foram incorporadas ao novo perímetro viram suas licenças ambientais negadas e perderam acesso a financiamentos agrícolas, entre outros problemas, pois suas propriedades passaram a figurar como urbanas. Além disso, a legalidade do processo foi questionada: a ampliação ocorreu sem parecer formal de comissões e sem a realização de audiência pública ou sua divulgação adequada, o que motivou investigação por improbidade administrativa (Processo nº 01648.002.119/2019)<sup>15</sup>. Ressalta-se ainda a desproporção entre o crescimento populacional e a expansão territorial: entre 2015 e 2018, cada novo habitante correspondia a 2,72 km<sup>2</sup> de área urbana adicional, sem que a densidade demográfica justificasse tal ampliação<sup>16</sup>.

Diante dos graves impactos, a Câmara de Indústria, Comércio, Serviços e Agronegócios de Farroupilha (CICS) protocolou, em abril de 2019, requerimento à prefeitura, apontando a falta de critérios técnicos e a inexistência de contrapartidas que mitigassem os danos aos produtores rurais. Em janeiro de 2020, foi criada a Comissão de Atualização Periódica do PDDTI, composta por técnicos que conduziram estudos e debates para avaliar a reversão do perímetro.

Em agosto de 2020, a Lei 4.618/2020<sup>17</sup> reverteu o perímetro urbano aos 47,633 km<sup>2</sup> originais, mas manteve ilhas de zoneamento urbano relativas às cooperativas que já possuíam

---

<sup>13</sup> FARROUPILHA, Lei nº 4.176, de 26 de novembro de 2015. Institui o Plano Diretor de Desenvolvimento Territorial Integrado do Município de Farroupilha - PDDTI. Disponível em: <https://leis.farroupilha.rs.gov.br/acessos/consolida/lei/dOTsLDfcl1u6dxMl.html>. Acesso em: 03 de maio de 2024.

<sup>14</sup> FARROUPILHA, Lei nº 4.469, de 29 de novembro de 2018. Altera as Leis Municipais nº 4.144, de 26-8-2015; nº 4.176, de 26-11-2015, e nº 4.191, de 9-12-2015. Disponível em: <https://leis.farroupilha.rs.gov.br/acessos/lei/2VeWRc0tJSiJVdF.html>. Acesso em: 03 de maio de 2024.

<sup>15</sup> MPRS. Consulta Processos: Detalhes Processo 01648.002.119/2019. 2019. Disponível em: <https://www.mprs.mp.br/atendimento/consulta-processo/processo/YsOow5nDmMKvw4zCicKDX8Kgwpl1W8KpwqPClclwq8%3D/>. Acesso em 24/09/2020.

<sup>16</sup> IBGE. Cidades: informações sobre a cidade de Farroupilha [2010]. Rio de Janeiro: IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/farroupilha/panorama>. Acesso em: 03/05/2024.

<sup>17</sup> FARROUPILHA, Lei nº 4.618, de 27 de agosto de 2020. Altera a Lei Municipal nº 4.176, de 26-11-2015. Disponível em: <

licenciamento ambiental em curso<sup>18</sup>. Essas “ilhas” permaneceram isoladas em meio ao zoneamento rural, pois seus processos administrativos garantiram o regime urbano mesmo após a reversão, independentemente da ocupação efetiva.

### **Cooperativas Habitacionais em Farroupilha**

O cooperativismo habitacional brasileiro teve início nos anos 1960, com o Banco Nacional da Habitação (BNH) e o Sistema Financeiro da Habitação (SFH) apoiando a formação de cooperativas. Contudo, a partir de meados da década de 1970, essas organizações foram progressivamente perdendo seu caráter social, adaptando-se a lógicas de mercado. Em 1993, o Banco Central retirou das cooperativas habitacionais o papel de agentes do SFH, incentivando um modelo de autofinanciamento em que os próprios associados antecipam recursos para construir, sem intermediação bancária<sup>19</sup>. A Constituição de 1988 garantiu autonomia às cooperativas, e a Lei 5.764/1971<sup>20</sup> definiu seu regime jurídico genérico, embora sem regulamentar especificamente as cooperativas habitacionais.

Em Farroupilha, as cooperativas habitacionais surgiram na década de 1990 para atender uma população de baixa renda. Algumas são organizadas em torno de um Núcleo Cooperativista, o NUCHAFAR, elas divulgam o “sonho da moradia” como grande atrativo. Apesar de se apresentarem como sociedades autônomas em virtude da baixa assistência governamental no que tange moradia, elas dependeram do poder público municipal para alterar o perímetro urbano e viabilizar seus loteamentos em áreas rurais. Essa dinâmica reflete a uma racionalidade neoliberal<sup>21</sup>: o Estado é instrumentalizado para atender interesses de mercado, enquanto as cooperativas, ao se auto-organizarem, internalizam a lógica da concorrência e da propriedade privada como meio de ascensão social.

### **Discurso do Sonho da Casa Própria e Déficit Habitacional**

Nas ações de divulgação das cooperativas habitacionais em Farroupilha, o imaginário do “sonho da moradia” tornou-se central ao discurso institucional, mobilizando famílias sem acesso à moradia pelo mercado convencional e projetando as cooperativas como solução ao déficit habitacional. Mais do que ofertar lotes acessíveis, o discurso cooperativista posiciona essas organizações como agentes de enfrentamento de falhas estatais. Como mostra uma manifestação na audiência pública para a reversão do perímetro urbano, em 2020:

Quem está apresentando propostas de viabilização econômica de aquisição de terrenos ao povo de Farroupilha? [...] O cooperativismo veio para apoiar, dar mais forças ainda, tudo regulamentado<sup>22</sup>

Porém, as imagens de marketing—como a divulgação aérea dos loteamentos Vinhedos e Novo Amanhã, que simulam residências de alto padrão em terrenos privilegiados (figura 4)

---

[https://leis.farroupilha.rs.gov.br/acessos/lei/orWqXwhqFS1n4Rz.html#:~:text=1%C2%BA%20A%20Lei%20Municipal%20n%C2%BA,%2C%20ZA5%2C%20ZA6%20e%20ZA7>". Acesso em: 03 de maio de 2024.](https://leis.farroupilha.rs.gov.br/acessos/lei/orWqXwhqFS1n4Rz.html#:~:text=1%C2%BA%20A%20Lei%20Municipal%20n%C2%BA,%2C%20ZA5%2C%20ZA6%20e%20ZA7>.)

<sup>18</sup> CONCIDADE. Farroupilha. Ata nº 36, da audiência pública para alteração e atualização do Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado de Farroupilha. 2020b. Livro de atas de audiências públicas, p. 98 - 123.

<sup>19</sup> ARAÚJO FERREIRA, Angela Lúcia; DE MORAIS, Maria Cristina. Cooperativas habitacionais: do social ao mercado. Scripta Nova: revista electrónica de geografia y ciencias sociales, 2003.

<sup>20</sup> BRASIL – Lei nº 5.764, de 16 de dezembro de 1971. *Define a Política Nacional de Cooperativismo e institui o regime jurídico das sociedades cooperativas*. Brasília, DF, 1971.

<sup>21</sup> DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. A nova razão do mundo. Boitempo editorial, 2017.

<sup>22</sup> CONCIDADE. Farroupilha. Ata nº 36, da audiência pública para alteração e atualização do Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado de Farroupilha. 2020b. Livro de atas de audiências públicas, p. 98 - 123.

contradizem a promessa de moradia acessível. A publicidade, portanto, não apenas vende lotes, mas molda expectativas para um estilo de vida idealizado, estimulando migrações territoriais em busca da propriedade privada.



Figura 4 - Recorte de vídeo institucional de cooperativas. Facebook Cooperativas, 2023.

Aieta e Costa alertam que esse “discurso do sonho da casa própria” serve como ferramenta propagandista da indústria imobiliária, ao legitimar facilidades à aquisição da propriedade sob pretexto de garantir um direito social, mas atende sobretudo a interesses políticos e econômicos. Ou seja, o discurso do sonho da casa própria legitima medidas de facilitação da aquisição da propriedade privada sob o propósito de dar concretude ao direito social de moradia<sup>23</sup>. ”

Em contraste, o “real” dos loteamentos—distantes da malha urbana, com infraestrutura precária e escassez de equipamentos públicos—não garante “dignidade urbana”. Muitos cooperados, ao adquirirem seus lotes, em áreas distantes sem serviços essenciais, revelando que o “sonho da casa própria” frequentemente desconsidera fatores como mobilidade, lazer e saneamento<sup>3</sup>.

O resultado demonstra que o imaginário de progresso habitacional propagado pelos discursos cooperativistas — centrado no “sonho da casa própria” para famílias sem condições de arcar com o mercado imobiliário convencional e no enfrentamento do déficit habitacional — nem sempre condiz com a realidade socioeconômica. Em muitos casos, parte significativa dos lotes foi adquirida como ativo financeiro, gerando conflitos com produtores rurais.

Em síntese, a legislação urbana em Farroupilha beneficiou interesses cooperativistas e imobiliários sem considerar adequadamente a real demanda por moradia, visto que os vazios urbanos existentes já poderiam atender nova ocupação. Bem como, os impactos ambientais de urbanizar áreas agrícolas, como a pressão sobre bacias de captação e a capacidade de infraestrutura do município para arcar com custos elevados para redes de água, esgoto e transporte em locais dispersos. Essa expansão desproporcional fragmentou a malha urbana e

<sup>23</sup> AIETA, Vania Siciliano; DA COSTA, João Marcelo Sant'Anna. O dócil sonho da casa própria. Pensar-Revista de Ciências Jurídicas, v. 27, n. 1, p. 13-13, 2022.

agravou os conflitos entre usos rural e urbano. A figura 5 indica o percurso para a chegada ao loteamento proposto pelas cooperativas.

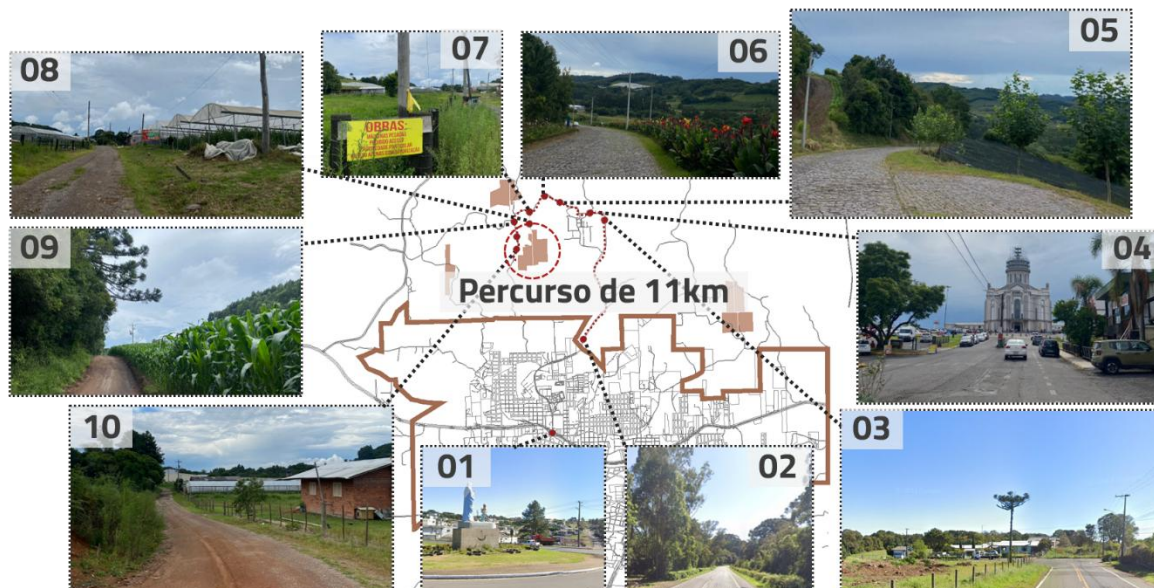


Figura 5- Trajeto para chegar nos loteamentos das cooperativas. Balbinot, 2025, p. 113.

As imagens do trajeto evidenciam as características predominantemente rurais onde serão inseridos dois loteamentos que, juntos, ultrapassarão 500 lotes.

Para avaliar se essa discrepância se manifesta de fato, foram realizadas 15 entrevistas semiestruturadas com produtores rurais, membros de cooperativas e técnicos públicos. Os depoimentos buscaram compreender as percepções sobre a ampliação e reversão do perímetro urbano, bem como as contradições entre o imaginário veiculado e ‘realidade’ dos loteamentos.

### Entrevistas

Os produtores rurais e técnicos públicos de Farroupilha expressam visões ambíguas sobre as cooperativas habitacionais. Grande parte dos agricultores, embora reconheça o direito à moradia “todo mundo tem direito à moradia e é super importante”<sup>24</sup> ressaltam preocupações com os impactos nos territórios rurais: a lentidão das obras, o aumento dos custos e o descompasso entre as promessas iniciais e a realidade dos loteamentos “me dói, é ver devagar as obras, do jeito que estão botando fora dinheiro”<sup>25</sup>. Alguns entrevistados também admitem haver investidores que adquirem cotas apenas como ativo financeiro, contribuindo para a especulação imobiliária em regiões antes agrícolas.

Já os servidores públicos, imersos nos trâmites técnicos e administrativos, adotam postura mais crítica: apontam que muitas cooperativas operam como loteadoras privadas, sem cumprir o verdadeiro papel social do cooperativismo “elas cumprem um papel de loteadoras,

<sup>24</sup> PRODUTOR RURAL A. Entrevistas com Produtores Rurais. [12.2024]. Entrevistadora: Samila Balbinot. Farroupilha, RS, 2025.

<sup>25</sup> PRODUTOR RURAL E. Entrevistas com Produtores Rurais. [12.2024]. Entrevistadora: Samila Balbinot. Farroupilha, RS, 2025.



de urbanizadoras, como qualquer outra, estão visando o mercado”<sup>26</sup>. Destacam ainda a falta de formação técnica de líderes cooperativistas “são pessoas sem formação na área urbanística ou arquitetônica [...] aproveitam-se da falta de informação da população”<sup>27</sup> e denunciam desvios de finalidade, pois cooperativas originalmente voltadas à habitação de baixa renda estariam, hoje, atraindo investidores interessados em lucro rápido “muita gente comprou para investir e depois começou a cobrar dos cooperativados”<sup>28</sup>.

Ambos os grupos também lamentam o pouco apoio da Prefeitura: produtores apontam a impossibilidade de manter suas atividades em meio a “ilhas urbanas”; cooperados reclamam que, diferentemente de décadas passadas, hoje precisam bancar toda a infraestrutura “antigamente a Prefeitura bancava abertura de ruas, esgoto, iluminação, água; hoje a cooperativa tem que bancar tudo”<sup>29</sup>. A perda de associados, agravada pelo aumento de mensalidades e aportes, reflete a insatisfação com atrasos e custos crescentes: muitos desistiram após perceberem que o “sonho da casa própria” dificilmente seria realizado nas condições propostas.

Em síntese, enquanto os produtores rurais oscilam entre a defesa do cooperativismo e o receio de conviver com loteamentos isolados, os servidores públicos questionam o alinhamento entre o discurso assistencial das cooperativas e suas práticas mercadológicas.

### **Impactos Sociais e Urbanísticos**

O imaginário do “sonho da moradia” sustenta o discurso das cooperativas habitacionais em Farroupilha, contrapondo-o à realidade prática de seus empreendimentos e às tensões geradas junto aos produtores rurais e ao poder público. Nas peças de marketing, observa-se a promessa de acesso a lotes a preços inferiores aos do mercado, vendida como solução para famílias de baixa renda que não conseguem comprar terreno por meios convencionais. Durante a Audiência Pública para a reversão do perímetro urbano (2020), o caráter assistencial das cooperativas foi reafirmado por representantes que defenderam a impossibilidade de aquisição de terreno no mercado imobiliário local, por pessoas cuja faixa salarial gira em torno de dois salários mínimos<sup>30</sup>.

Entretanto, as imagens publicitárias projetam um padrão de vida (casas de alto padrão, piscinas, grandes jardins) incompatível com as dimensões efetivas dos lotes (média de 11 × 30 m) e com a infraestrutura oferecida, evidenciando um “décalage” entre o real e o virtual<sup>31</sup>. Esse contraste foi confirmado em entrevistas com cooperados, produtores rurais e técnicos. Produtores denunciaram a expansão abrupta para atender cooperativas, sem participação efetiva das comunidades rurais, gerando conflitos de vizinhança, aumento de custos de

<sup>26</sup> TÉCNICO A. Entrevistas com Servidores Públicos. [12.2024]. Entrevistadora: Samila Balbinot. Farroupilha, RS, 2025.

<sup>27</sup> TÉCNICO B. Entrevistas com Servidores Públicos. [12.2024]. Entrevistadora: Samila Balbinot. Farroupilha, RS, 2025.

<sup>28</sup> TÉCNICO D. Entrevistas com Servidores Públicos. [12.2024]. Entrevistadora: Samila Balbinot. Farroupilha, RS, 2025.

<sup>29</sup> COOPERADO A. Entrevistas com Cooperados. [12.2024]. Entrevistadora: Samila Balbinot. Farroupilha, RS, 2025.

<sup>30</sup> CONCIDADE. Farroupilha. Ata nº 36, da audiência pública para alteração e atualização do Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado de Farroupilha. 2020b. Livro de atas de audiências públicas, p. 98 - 123.

<sup>31</sup> FIALHO, Daniela Marzola. O tempo e a forma da cidade: o curso do discurso. 2000.



energia e, impasses ambientais, como licenciamento negado pela Fundação Estadual de Proteção Ambiental (FEPAM) e pressão imobiliária sobre terras produtivas. Alguns agricultores aceitaram vender lotes por oportunismo, mas a maioria via a inserção desses “enclaves urbanos” como solução paliativa, que não respeita a lógica de uso do solo e gera dificuldades para atividades agrícolas<sup>32</sup>.

Do ponto de vista público, técnicos relataram que a reversão de 2020 – embora necessária – resultou em “remendo” urbano: ilhas isoladas que demandam infraestrutura sem agregar densidade ou qualidade urbana, e que criam conflitos entre os usos rural e urbano<sup>33</sup>. A instabilidade política daquele período (cassação de prefeito, troca de secretários) agravou a condução dos estudos. No entanto, mesmo penderes de um planejamento mais robusto, os “enclaves” foram mantidos para não prejudicar famílias que já haviam investido em lotes.

Entre os próprios cooperados, há percepções divergentes: alguns valorizam o acesso ao “sonho da casa própria” e a potencial valorização futura da terra, acostumados a se deslocar de carro<sup>34</sup>. Outros, insatisfeitos com atrasos, custos elevados (R\$ 450–550/mês de mensalidade mais aportes anuais) e falta de infraestrutura (ensino, transporte público, serviços de saúde), reconhecem que não escolheriam essas áreas se soubessem das condições reais<sup>35</sup>. A evasão de associados — de 4.000 para cerca de 1.300 no NUCHAFAR — reflete desconfiança, principalmente após denúncias de gestão irregular e desvios financeiros no passado. Para tentar reverter o quadro, cooperativas buscam parcerias com urbanizadoras, mas enfrentam dificuldade para atrair novos associados sem apoio público.

Ainda que o discurso das cooperativas se apoie no déficit habitacional local, os relatos de técnicos e produtores mostram que, no modelo atual, elas se comportam como loteadoras de mercado, desviando-se do caráter social originalmente previsto<sup>36</sup>. A falta de formação técnica entre líderes cooperativistas, a ampla influência política dessas entidades, e a instrumentalização do Estado para viabilizar loteamentos reforçam uma lógica neoliberal auto responsabilização e especulação imobiliária.

Em síntese, as cooperativas habitacionais de Farroupilha, ao prometerem o “sonho da moradia”, mobilizam imaginários profundamente enraizados, mas acabam reproduzindo dinâmicas especulativas que tensionam o espaço rural e urbano, exigindo repensar os instrumentos legais e o papel do poder público para garantir que a função social da terra e o direito à moradia sejam efetivamente cumpridos.

---

<sup>32</sup> PRODUTOR RURAL A. Entrevistas com Produtores Rurais. [12.2024]. Entrevistadora: Samila Balbinot. Farroupilha, RS, 2025.

<sup>33</sup> TÉCNICO A. Entrevistas com Servidores Públicos. [12.2024]. Entrevistadora: Samila Balbinot. Farroupilha, RS, 2025.

<sup>34</sup> COOPERADO A. Entrevistas com Cooperados. [12.2024]. Entrevistadora: Samila Balbinot. Farroupilha, RS, 2025.

<sup>35</sup> COOPERADO E. Entrevistas com Cooperados. [12.2024]. Entrevistadora: Samila Balbinot. Farroupilha, RS, 2025.

<sup>36</sup> RONCATO, Bruna Silveira; RONCATO, Onofre; DE ANDRADE AGUIAR FILHO, Valfredo.

Cooperativas habitacionais como incorporadoras imobiliárias: um estudo a partir da estrutura normativa brasileira. *Brazilian Journal of Development*, v. 7, n. 1, p. 11690-11701, 2021.

## Considerações Finais

O estudo evidencia que o imaginário do habitar a cidade, mobilizado pelas cooperativas habitacionais de Farroupilha, construiu um discurso poderoso de inclusão social, porém, na prática, resultou em expansão urbana fragmentada, especulação imobiliária e ônus significativo para o poder público e produtores rurais. O discurso do déficit habitacional e do sonho da casa própria, embasado em narrativas de solidariedade, revelou-se insuficiente para garantir moradia digna, pois grande parte dos lotes se tornou ativo financeiro. As implicações urbanísticas incluem altos custos com infraestrutura, segregação socioespacial, erosão ambiental e descumprimento de direitos sociais básicos, como transporte, saúde e educação. Compreende-se que somente com a articulação entre planejamento urbano, políticas habitacionais inclusivas e controle das dinâmicas de mercado será possível alinhar o imaginário do habitar a cidade às necessidades reais da população, evitando que o sonho da casa própria sirva apenas como argumento para expandir ilhas de especulação em áreas rurais. É imprescindível construir um imaginário, baseado na sustentabilidade social, econômica e ambiental, que respeite a diversidade de atores e garanta o direito à cidade a todos.

## Bibliografia

ABRAMO, Pedro. A cidade COM-FUSA: a mão inoxidável do mercado e a produção da estrutura urbana nas grandes metrópoles latino-americanas. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v. 9, n. 2, p. 25-25, 2007.

AIETA, Vania Siciliano; DA COSTA, João Marcelo Sant'Anna. O dócil sonho da casa própria. **Pensar - Revista de Ciências Jurídicas**, v. 27, n. 1, p. 13-13, 2022.

ARAÚJO FERREIRA, Angela Lúcia; DE MORAIS, Maria Cristina. Cooperativas habitacionais: do social ao mercado. **Scripta Nova: Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**, 2003.

BRASIL. Lei nº 5.764, de 16 de dezembro de 1971. Define a Política Nacional de Cooperativismo e institui o regime jurídico das sociedades cooperativas. Brasília, DF, 1971.

CONCIDADE. Farroupilha. Ata nº 36, da audiência pública para alteração e atualização do Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado de Farroupilha. Livro de atas de audiências públicas, p. 98-123, 2020.

COOPERADO A. Entrevistas com Cooperados. [12.2024]. Entrevistadora: Samila Balbinot. Farroupilha, RS, 2025.

COOPERADO E. Entrevistas com Cooperados. [12.2024]. Entrevistadora: Samila Balbinot. Farroupilha, RS, 2025.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2017.

ERMÍNIA, Maricato. Metrópole, legislação e desigualdade. **Estudos Avançados**, v. 17, p. 151-166, 2003.

FARROUPILHA (Município). História do Município. Disponível em: <https://farroupilha.rs.gov.br/pagina/id/2/?historia-do-municipio.html>. Acesso em: 1 jun. 2025.

FARROUPILHA. Lei nº 4.176, de 26 de novembro de 2015. Institui o Plano Diretor de Desenvolvimento Territorial Integrado do Município de Farroupilha – PDDTI. Disponível em: <https://leis.farroupilha.rs.gov.br/acessos/consolida/lei/dOTsLDfcl1u6dxMl.html>. Acesso em: 03 maio 2024.

FARROUPILHA. Lei nº 4.469, de 29 de novembro de 2018. Altera as Leis Municipais nº 4.144, de 26-08-2015; nº 4.176, de 26-11-2015, e nº 4.191, de 09-12-2015. Disponível em: <https://leis.farroupilha.rs.gov.br/acessos/lei/2VeWRc0tJSiJVdF.html>. Acesso em: 03 maio 2024.

FARROUPILHA. Lei nº 4.618, de 27 de agosto de 2020. Altera a Lei Municipal nº 4.176, de 26-11-2015. Disponível em: <https://leis.farroupilha.rs.gov.br/acessos/lei/orWqXwhqFS1n4Rz.html>. Acesso em: 03 maio 2024.

FIALHO, Daniela Marzola. **O tempo e a forma da cidade: o curso do discurso**. 2000.

IBGE. Cidades: informações sobre a cidade de Farroupilha [2010]. Rio de Janeiro: IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/farroupilha/panorama>. Acesso em: 03 maio 2024.

JORNAL O FARROUPILHA. Área rural que virou cidade. Caderno Bairros – Especial O Farroupilha/Bairro 1º de Maio, 31 jan. 2003, Farroupilha. Fotografia de Leandro Rodrigues.

MANFROI, Olívio. **A colonização italiana no Rio Grande do Sul: implicações econômicas, políticas e culturais**. Porto Alegre: Grafosul. IEL/DAC/SEC, 1975.

MONTEGUTTI, Ivo; GIACOMEL, Miriam Teresa; DALL'OSBEL, Simone Ana. **Farroupilha ontem e hoje: subsídios**. Farroupilha: Prefeitura Municipal de Farroupilha, 1993.

MPRS. Consulta Processos: Detalhes Processo 01648.002.119/2019. 2019. Disponível em: <https://www.mprs.mp.br/atendimento/consulta-processo/processo/YsOow5nDmMKvw4zCicKDX8Kgwpd1W8KpwqPClcKlwq8%3D/>. Acesso em: 24 set. 2020.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PRODUTOR RURAL A. Entrevistas com Produtores Rurais. [12.2024]. Entrevistadora: Samila Balbinot. Farroupilha, RS, 2025.

PRODUTOR RURAL E. Entrevistas com Produtores Rurais. [12.2024]. Entrevistadora: Samila Balbinot. Farroupilha, RS, 2025.

RIO GRANDE DO SUL. Lei Complementar nº 14.293, de 19 de setembro de 2013. Institui a Região Metropolitana da Serra Gaúcha e dá outras providências. Porto Alegre, RS, 2013.

ROLNIK, Raquel. **A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo**. São Paulo: Studio Nobel, 1997.

RONCATO, Bruna Silveira; RONCATO, Onofre; DE ANDRADE AGUIAR FILHO, Valfredo. Cooperativas habitacionais como incorporadoras imobiliárias: um estudo a partir da estrutura normativa brasileira. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 1, p. 11690-11701, 2021.

SANTORO, Paula Freire. **Planejar a expansão urbana: dilemas e perspectivas**. 2012. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Urbanização difusa e cidades dispersas: perspectivas espaço-temporais contemporâneas. **Sobre dispersão urbana**, p. 38-54, 2009.

TÉCNICO A. Entrevistas com Servidores Públicos. [12.2024]. Entrevistadora: Samila Balbinot. Farroupilha, RS, 2025.

TÉCNICO B. Entrevistas com Servidores Públicos. [12.2024]. Entrevistadora: Samila Balbinot. Farroupilha, RS, 2025.

TÉCNICO D. Entrevistas com Servidores Públicos. [12.2024]. Entrevistadora: Samila Balbinot. Farroupilha, RS, 2025.

# **Infâncias nas Cidades: experiências de apropriação dos espaços urbanos pelas crianças**

**Maria Augusta Scalcon Calil**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional  
[mariaaugustasca@gmail.com](mailto:mariaaugustasca@gmail.com)

**Inês Martina Lersch**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional  
[martina.lersch@ufrgs.br](mailto:martina.lersch@ufrgs.br)

**Resumo:** O tema deste trabalho consiste no estudo da relação entre as infâncias e as cidades. Busca-se compreender como promover a apropriação dos espaços urbanos pelas crianças a partir de experiências que integram a infância ao urbanismo e ao planejamento urbano. Parte-se do entendimento de que a vida nas cidades é alterada pelas desigualdades existentes na utilização dos espaços, ou seja, as pessoas experienciam os espaços urbanos de diferentes maneiras. Tais desigualdades podem ser sentidas conforme condição socioeconômica, cor, gênero ou, como aborda o presente trabalho, a faixa etária do indivíduo. Nesse sentido, a escolha da temática se justifica pela importância da infância para o desenvolvimento do indivíduo, considerando que as vivências que ocorrem durante essa fase impactam por toda a vida. Ainda, é necessário compreender a vivência das infâncias nas cidades para romper com uma perspectiva adultocêntrica, que coloca a figura do adulto como único ponto de referência. Além disso, ao valorizar as infâncias, reforça-se a ideia da criança como cidadã, capaz de se relacionar e se apropriar do espaço. A partir disso, pretende-se investigar conceitos dos estudos das infâncias e relacioná-los com conceitos como direito à cidade, apropriação, cidadania e formas de urbanismo e planejamento urbano. Também são analisadas experiências que propõem aproximações entre crianças e espaços urbanos. O objeto de estudo consiste nos Planos Municipais pela Primeira Infância (PMPIs) do Rio Grande do Sul e as estratégias metodológicas utilizadas são a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental.

**Palavras-chave:** crianças; espaços urbanos; infâncias; planejamento urbano; PMPIs.



## Introdução

A infância é estudada em diversos campos do conhecimento, sendo um conceito polissêmico. Alguns autores a definem como uma fase da vida do ser humano, outros como uma construção social ou histórica. Ainda, as infâncias podem ser percebidas em diferentes contextos, considerando condições socioeconômicas, gênero, cor e, até mesmo, a variação de idades compreendidas na faixa etária da infância. Nesse sentido, entende-se que as crianças possuem uma relação única com os espaços urbanos, com especificidades próprias da infância que permitem que elas rompam com uma lógica predominante de universalidade no desenvolvimento dos espaços. Além disso, considera-se que, a cidade, sendo cenário do cotidiano das crianças, pode ser tanto um espaço de descobertas e aprendizados quanto de exclusão e insegurança. A violência, a privatização dos espaços, as dificuldades de acesso, a infraestrutura precária e a insuficiência de espaços de qualidade, por exemplo, são alguns dos fatores que prejudicam a experiência das crianças nas cidades. Com isso, é possível dizer que as crianças podem não se sentir pertencentes aos espaços urbanos e que não desenvolvem uma apropriação com esses.

Dessa forma, justifica-se o estudo das infâncias nas cidades. A temática permeia o campo legal, a partir de leis que definem os direitos das crianças, os campos do planejamento urbano, urbanismo e arquitetura, por meio de experiências práticas governamentais e não governamentais, e o campo da educação, com movimentos que impulsionam a ideia de espaços educadores para além do ambiente escolar.

Com os avanços na discussão do tema no Brasil, foram implementados os Planos Municipais pela Primeira Infância (PMPIs), que são instrumentos que guiam a atuação do poder público em prol do pleno desenvolvimento das crianças da primeira infância. Os PMPIs têm caráter intersetorial, ou seja, envolvem diferentes áreas e atores no processo de elaboração. Além disso, por conta da prioridade à primeira infância, os PMPIs podem fazer parte de Planos Plurianuais (PPA), Leis de Diretrizes Orçamentárias (LDO) e Leis de Orçamento Anual (LOA).

Assim, tendo os PMPIs do estado do Rio Grande do Sul como objeto de estudo, o trabalho questiona de que maneira seria possível promover a apropriação dos espaços urbanos pelas crianças a partir de experiências que integram a infância ao urbanismo e ao planejamento urbano. Dessa forma, estipula-se os seguintes objetivos: 1. Discutir conceitos dos estudos das infâncias relacionando-os com o direito à cidade, a apropriação e a cidadania e compreender a evolução dos direitos das crianças; 2. Investigar experiências que propõem aproximações entre as crianças e os espaços urbanos, bem como conceitos dos estudos urbanos e formas de planejamento urbano e 3. Analisar os PMPIs de Canoas, Colinas, Alto Alegre e Nova Ramada. Para isso, as estratégias metodológicas utilizadas são a pesquisa bibliográfica e a documental.

## As Infâncias e as Crianças

Ariès<sup>1</sup>, precursor da discussão sobre infância nos anos 1970, entendia a infância como uma construção histórica. De acordo com ele, em certos períodos da história, como na Idade Média, as atividades eram compartilhadas entre crianças e adultos, inexistindo uma separação nítida entre os grupos.

---

<sup>1</sup> ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1981.

Por sua vez, Prout<sup>2</sup> definiu que a infância não seria uma categoria fixa, mas sim híbrida, que apresenta fatores humanos, não humanos, discursivos e coletivos. Ainda, é importante diferenciar os conceitos de “infâncias” de “crianças”. Conforme Sarmiento e Pinto<sup>3</sup>, as crianças sempre existiram, em contrapartida, a ideia de infância seria resultado de uma construção social.

O campo da Sociologia da Infância reforça a ideia das crianças como atores sociais nos processos teórico-metodológicos. Nesse sentido, Corsaro<sup>4</sup> entende que a perspectiva sociológica, além de considerar os processos de socialização, deve voltar o olhar para os processos de apropriação, reinvenção e reprodução realizados pelas crianças. Em relação à apropriação, Corsaro<sup>5</sup> destaca que as crianças se apropriam das informações do mundo adulto e as adaptam conforme seus interesses próprios. Dessa forma, as crianças compartilham e criam culturas entre si e com os adultos, o que, segundo James e Prout<sup>6</sup>, contrapõe o entendimento das crianças como “receptáculos dos adultos” e fortalece a ideia da criança como ator social.

No contexto brasileiro, Barbosa, Delgado e Tomás<sup>7</sup>, ressaltam que, para compreender a infância, revela-se necessário considerar os contextos e condições de cada sociedade, entendendo as diferenças entre condições socioeconômicas, cor e gênero, por exemplo.

### O Direito das Crianças à Cidade

O conceito de direito à cidade é amplamente abordado no campo dos estudos urbanos desde o surgimento da obra “Direito à cidade” publicada por Lefebvre em 1968. No contexto contemporâneo, o termo é frequentemente associado à luta por direitos de grupos prejudicados pelos processos de mercantilização da vida urbana. Tais processos priorizam o crescimento econômico e o consumo em detrimento das relações humanas.

No entendimento de Lefebvre<sup>8</sup>:

O direito à cidade se manifesta como uma forma superior dos direitos: o direito à liberdade, à individualização na socialização, ao habitat e ao habitar. O direito à obra (à atividade participante) e o direito à apropriação (bem distinto do direito à propriedade) estão implicados no direito à cidade.

Assim, é possível dizer que o conceito de direito à cidade se associa a outros direitos e busca a concretização de uma vida urbana baseada na liberdade, na garantia do habitar e

---

<sup>2</sup> PROUT, Alan. Reconsiderando a nova sociologia da infância. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 40, n.141, p. 729-750, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742010000300004>. Acesso em: 11 fev. 2025.

<sup>3</sup> SARMENTO, Manuel Jacinto; PINTO, Manuel. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. In: PINTO, Manuel; SARMENTO, Manuel Jacinto. **As crianças: contextos e identidades**. Braga: Bezerra, 1997.

<sup>4</sup> CORSARO, William. **The sociology of childhood**. California: Pine Forge, 1997.

<sup>5</sup> CORSARO, William. Reprodução interpretativa e cultura de pares. In: MÜLLER, Fernanda; CARVALHO, Ana Maria Almeida (org.). **Teoria e prática na pesquisa com crianças: diálogos com William Corsaro**. São Paulo: Cortez, 2009. p. 31- 50.

<sup>6</sup> JAMES, Allison; PROUT, Alan. A new paradigm for the sociology of childhood?: provenance, promise and problems. In: JAMES, Allison; PROUT, Alan. **Constructing and reconstructing childhood**. London: Falmer, 1997.

<sup>7</sup> BARBOSA, Maria Carmen Silveira; DELGADO, Ana Cristina Coll; TOMÁS, Catarina. Estudos da infância, estudos da criança: quais campos? Quais teorias? Quais questões? Quais métodos?. **Revista Inter-Ação**, Goiânia, v. 41, n. 1, p. 103-122, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/ia.v41i1.36055>. Acesso em: 11 fev. 2025.

<sup>8</sup> LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001. p. 134.

na participação e apropriação dos espaços. Ainda, é recorrente na obra lefebvriana a luta de classes que, de acordo com o autor, pode ser observada no espaço urbano. Para Lefebvre<sup>9</sup>:

No seio dos efeitos sociais, devidos à pressão das massas, o individual não morre e se afirma. Surgem direitos; estes entram para os costumes ou em prescrições mais ou menos seguidas por atos, e sabe-se bem como esses ‘direitos’ concretos vêm complementar os direitos abstratos do homem e do cidadão inscrito no frontão dos edifícios pela democracia quando de seus primórdios revolucionários: direitos das idades e dos sexos (a mulher, a criança, o velho), direitos das condições (o proletário, o camponês), direitos à instrução e à educação, direito ao trabalho, à cultura, ao repouso, à saúde, à habitação.

Nesse sentido, entende-se que Lefebvre considera a pressão da classe operária responsável pelo surgimento e reconhecimento de uma série de direitos. Ainda na afirmação do autor, destaca-se a ideia da reivindicação por direitos para a mulher, a criança, o velho, o proletário e o camponês, representando diferentes recortes. Tal pensamento reflete o conceito de apropriação, recorrente na obra lefebvriana.

O conceito de apropriação de Lefebvre foi baseado nas ideias de Marx em “Manuscritos Econômicos-Filosóficos” publicado em 1844. Marx<sup>10</sup> entende que a relação entre homem e objeto acontece por meio da apropriação, com o corpo e os sentidos humanos, que não se restringem aos cinco sentidos (visão, audição, paladar, tato e olfato), “mas também os assim chamados sentidos espirituais, os sentidos práticos (vontade, amor, etc.)”. Além disso, o autor aponta que a apropriação se contrapõe a ideia de propriedade.

Na interpretação de Lefebvre, a apropriação também não depende necessariamente da posse ou da propriedade do espaço. Nesse sentido, Velloso<sup>11</sup> argumenta sobre a apropriação em Lefebvre: “apropriação dá-se em modificar um espaço cotidiano para que ele possa servir às necessidades e possibilidades de vida de um grupo”.

Baseado nas ideias de Lefebvre, Harvey aborda o direito à cidade em “Cidades rebeldes”, publicada em 2012. Para Harvey<sup>12</sup>, o direito à cidade é, sobretudo, um direito coletivo que representa poder de mudança e transformação.

O direito à cidade é, portanto, muito mais do que um direito de acesso individual ou grupal aos recursos que a cidade incorpora: é um direito de mudar e reinventar a cidade mais de acordo com nossos mais profundos desejos. Além disso, é um direito mais coletivo do que individual, uma vez que reinventar a cidade depende inevitavelmente do exercício de um poder coletivo sobre o processo de urbanização.

Assim como Lefebvre, Harvey trata da temática da luta de classes. No entanto, os argumentos deste autor sugerem que a luta de classes deve ser entendida como prioritária

---

<sup>9</sup> LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001. p. 116.

<sup>10</sup> MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Traduzido por Ranieri J. São Paulo: Boitempo, 2004. p. 110.

<sup>11</sup> VELLOSO, Rita. Apropriação, ou o urbano-experiência. **Revista Arquitextos**, São Paulo, fev. 2016. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/16.189/5949>. Acesso em: 11 fev. 2025.

<sup>12</sup> HARVEY, David. **Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 2014. p. 28.

em detrimento das questões identitárias ao analisar o espaço urbano. Além disso, Harvey argumenta sobre a diferença entre bens públicos e bens comuns urbanos. Para ele, se um bem é público não significa, necessariamente, que ele é um bem comum. De acordo com Harvey, para ser um bem comum é necessário que haja uma apropriação por meio da comunidade.

A partir dos pensamentos dos autores, que, apesar das divergências, abordam a importância da apropriação e participação no espaço urbano, é possível relacionar a noção do direito à cidade à realidade das infâncias. Sarmiento<sup>13</sup> afirma que as crianças sofrem desigualdades ao acesso à cidade, dessa forma, não seria efetivado o direito à cidade.

Ainda, cabe discutir o conceito de cidadania, abordado pelo geógrafo Milton Santos na obra intitulada “O espaço do cidadão” publicada em 1987. Conforme o autor, o conceito pode ser compreendido como um processo de construção do ser, um estado de espírito e uma condição capaz de impulsionar a busca por qualidade de vida. Além disso, Santos<sup>14</sup> destaca os diferentes tipos de cidadãos nos países emergentes, como o Brasil, onde há desigualdades sociais significativas: “há cidadãos de classes diversas; há os que são mais cidadãos, os que são menos cidadãos e os que nem mesmo ainda são”.

A partir disso, torna-se necessário pensar uma formação cidadã desde o contexto das infâncias, assim, é possível fomentar a noção de que as crianças são participantes ativas da sociedade. É fundamental que elas desenvolvam a percepção da capacidade de impactar o ambiente ao seu redor. Ainda, considerando as desigualdades mencionadas por Santos, é importante incentivar a reflexão sobre a realidade social para promover a busca coletiva por uma sociedade mais justa.

Sarmiento<sup>15</sup>, apoiado nas ideias de Milton Santos, contribui com o conceito de cidadania da infância. Para o autor, existem fatores que restringem essa cidadania, são eles: a domesticação, a institucionalização, a insularização, a dualização, a fragmentação e a restrição da autonomia de mobilidade.

A domesticação é responsável por restringir a autonomia da criança, sendo pautada por uma série de limitações. Tal fator se relaciona com a institucionalização, entendida por Sarmiento<sup>16</sup> como:

Constituição da infância como um ‘fato social’, por efeito da associação às crianças de um conjunto de ideias e concepções normativas; e colocação das crianças sob a égide de instituições sociais, isto é, de organizações destinadas ao cumprimento da missão de se ocupar das crianças e de as constituir de acordo com aquelas mesmas concepções normativas.

---

<sup>13</sup> SARMENTO, Manuel Jacinto. Infância e cidade: restrições e possibilidades. **Educação**, Porto Alegre, v. 41, n. 2, p. 232-240, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1981-2582.2018.2.31317>. Acesso em: 11 fev. 2025.

<sup>14</sup> SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Nobel, 1987. p. 4.

<sup>15</sup> SARMENTO, Manuel Jacinto. Infância e cidade: restrições e possibilidades. **Educação**, Porto Alegre, v. 41, n. 2, p. 232-240, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1981-2582.2018.2.31317>. Acesso em: 11 fev. 2025.

<sup>16</sup> SARMENTO, Manuel Jacinto. Infância e cidade: restrições e possibilidades. **Educação**, Porto Alegre, v. 41, n. 2, p. 232-240, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1981-2582.2018.2.31317>. Acesso em: 11 fev. 2025. p. 235.

Contribuindo com as restrições para a cidadania da infância, Sarmiento cita a insularização, que representa a condição de confinamento vivida pelas crianças. Além disso, tem-se a dualização, definida pelas vivências e oportunidades desiguais de crianças de diferentes contextos sociais. Com a dualização, as crianças experienciam também a fragmentação da vida urbana, desse modo, a utilização democrática do espaço urbano é impossibilitada. Por fim, Sarmiento destaca a limitação da autonomia de mobilidade das crianças, que é decorrente da valorização do automóvel, responsável por dificultar o acesso à rua pelas crianças.

É notável que os fatores apontados pelo autor como dificultadores da cidadania da infância afetam diretamente na apropriação dos espaços pelas crianças. Dessa forma, torna-se importante discutir o papel do planejamento urbano e do urbanismo na busca pela reafirmação da cidadania da infância. Ainda, é necessário analisar experiências que promovem o contato entre as crianças e os espaços e, com isso, incentivam a apropriação.

### O Urbanismo, o Planejamento Urbano e as Crianças

A fim de analisar experiências que exploram a relação entre as crianças e os espaços urbanos, entende-se como necessário introduzir a discussão teórica sobre os conceitos de urbanismo e planejamento urbano, que, para alguns, representam um mesmo campo de saberes, e para outros conhecimentos distintos. Para Rovati<sup>17</sup>: “a incerteza terminológica-conceitual reflete-se no trabalho dos urbanistas/planejadores; e as múltiplas atividades que desenvolvem dificultam o enquadramento teórico conceitual dos termos”.

Rovati<sup>18</sup> apresenta a hipótese de que o urbanismo contempla as decisões que dizem respeito à concepção arquitetônica dos espaços, enquanto o planejamento urbano reúne diversos campos do conhecimento, como o da economia, da geografia e da sociologia, para elaborar a gestão de planos, programas e projetos que não são necessariamente de natureza arquitetônica.

Entende-se que tanto as práticas do urbanismo quanto as do planejamento urbano se desenvolvem em diversas formas. Entre as experiências realizadas com crianças, destaca-se o urbanismo tático como prática de intervenção nos espaços. Segundo Lydon e Garcia<sup>19</sup> (tradução nossa) o urbanismo tático é uma “abordagem para construção e ativação de uma vizinhança usando intervenções e políticas de curto prazo e baixo custo”. Um exemplo de experiência com urbanismo tático é a “rua brincante”, proposta da Rede Urban95 no bairro Guajuviras em Canoas, Rio Grande do Sul (Figura 01).

---

<sup>17</sup> ROVATI, João Farias. Urbanismo versus planejamento urbano?. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, Presidente Prudente, v. 26, n. 2, p. 33-58, 2013. Disponível em: <https://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/4169/4053>. Acesso em: 11 fev. 2025. p. 33.

<sup>18</sup> ROVATI, João Farias. Urbanismo versus planejamento urbano?. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, Presidente Prudente, v. 26, n. 2, p. 33-58, 2013. Disponível em: <https://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/4169/4053>. Acesso em: 11 fev. 2025.

<sup>19</sup> LYDON, Mike; GARCIA, Anthony. **Tactical urbanism**: Short-term action for long term change. Washington, DC: Island Press, 2015.





Figura 01 – Rua Brincante no bairro Guajuviras em Canoas/RS  
Fonte: Urban95 (2022).

Considera-se que o urbanismo tático possibilita uma mudança imediata em um espaço, no entanto, conforme Brenner<sup>20</sup>, ela não deve ser entendida como uma solução definitiva, mas sim como um paliativo.

Ainda, entre as experiências com crianças, destacam-se os projetos ou requalificações de espaços urbanos, que utilizam estratégias de desenho urbano. Nesse sentido, a obra “*Designing streets for kids*” de 2020 da *Global Designing Cities Initiative*, que também produziu o “Guia Global de Desenho de Ruas” de 2018, apresenta direcionamentos para o desenho de ruas e espaços que reconhecem as necessidades das crianças (Figura 02).

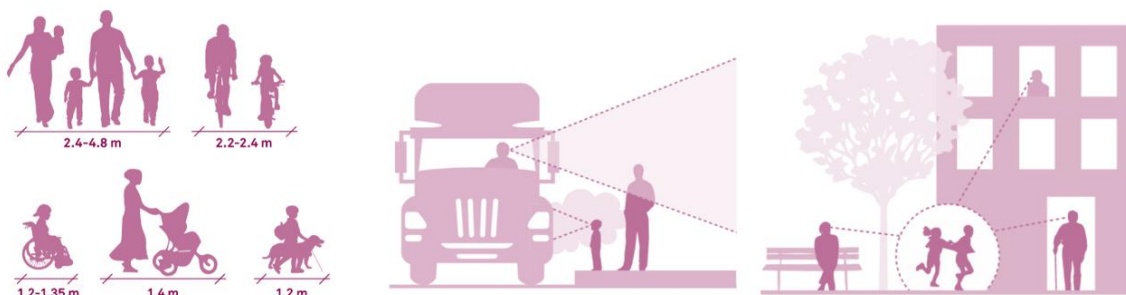


Figura 02 – Orientações para o projeto de espaços para crianças do *Designing streets for kids*  
Fonte: adaptado de *Global Designing Cities Initiative* (2020).

Como consta no guia: “Ruas projetadas com as necessidades de crianças e cuidadores em mente atendem melhor a todos que as utilizam, desde idosos e pessoas com deficiência até pessoas sem limitações físicas” (*Global Designing Cities Initiative*<sup>21</sup>, tradução nossa). Ainda, o guia reconhece as diferentes escalas de atuação nas cidades, que vão desde o planejamento urbano até o nível do pedestre.

Em relação ao planejamento urbano, cabe destacar que existem diferentes formas de atuação, como o planejamento participativo, que é apontado por Santos e Pereira<sup>22</sup> como

<sup>20</sup> BRENNER, Neil. **Espaços da urbanização**: o urbano a partir da teoria crítica. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2018.

<sup>21</sup> GLOBAL DESIGNING CITIES INITIATIVE. **Designing streets for kids**. New York: Island Press, 2020. p. 15.

<sup>22</sup> SANTOS, André Luiz; PEREIRA, Elson Manoel. As condições para um planejamento urbano participativo. PEREIRA, E. (org.). **A alegoria da participação**: planos diretores participativos pós-Estatuto da Cidade. Florianópolis: Insular, 2015.

resposta para a disputa entre cidade-mercado e cidade-direito na política urbana das cidades brasileiras.

Por sua vez, Arnstein<sup>23</sup> estabeleceu a “escada de participação cidadã”, que consiste em diferentes níveis de participação cidadã no planejamento. A autora divide os oito níveis de participação em “não participação”, “níveis de participação simbólica” e “níveis de participação cidadã”. Na “não participação”, que representa o nível mais baixo, tem-se a “manipulação” e a “terapia”, que são formas de substituir a participação genuína e manipular os cidadãos. Na sequência, em “níveis de participação simbólica”, Arnstein coloca a “informação”, a “consulta” e o “apaziguamento” em que os cidadãos possuem mais voz, mas não necessariamente geram mudanças significativas. Por fim, nos “níveis de participação cidadã” os cidadãos passam a negociar com os detentores de poder. Nesse sentido, a experiência do Plano Diretor Participativo de Mariana Pimentel, Rio Grande do Sul incluiu as crianças nos processos (Figura 03).

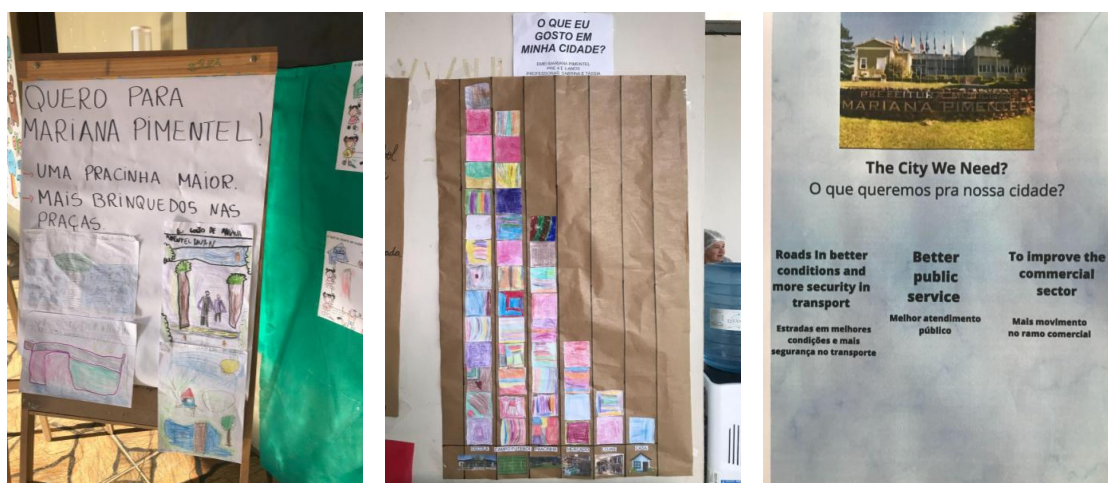


Figura 03 – Atividades desenvolvidas pelas crianças no desenvolvimento do Plano Diretor Participativo de Mariana Pimentel/RS

Fonte: Mariana Pimentel (2023).

Considerando a teoria de Arnstein, entende-se que a participação das crianças ocorreu de forma simbólica. Contudo, ainda é possível destacar a inclusão das crianças como aspecto positivo, possibilitando o envolvimento em discussões sobre a gestão das cidades e contribuindo para uma formação cidadã.

### Os Planos Municipais pela Primeira Infância

Houve diversos marcos nos direitos das crianças que possibilitaram a evolução para a criação dos PMPIs, como a Declaração de Genebra em 1924, que impactou em nível mundial, a propostas da Constituição Federal de 1988, a Rede Nacional pela Primeira Infância (RNPI) em 2010 e o Marco Legal da Primeira Infância em 2016. A partir da implementação deste, os PMPIs, que são instrumentos políticos e técnicos, passaram a ser implementados em municípios brasileiros.

<sup>23</sup> ARNSTEIN, Sherry. A ladder of citizen participation. *Journal of the American Institute of Planners*, [s. l.], v. 35, n. 4, p. 216-2241, 1969. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/01944366908977225>. Acesso em: 11 fev. 2025.

Os PMPIs são desenvolvidos por meio de processos participativos, com o envolvimento de diferentes secretarias e órgãos públicos de um município, o Poder Legislativo e a sociedade civil. Além disso, os planos apresentam o diagnóstico da situação de vida, desenvolvimento e aprendizagem das crianças no município em questão, bem como uma lista de ações de diferentes secretarias com o intuito de garantir que os direitos das crianças sejam atendidos de forma integral.

De acordo com o levantamento do Observatório do Marco Legal da Primeira Infância<sup>24</sup>, até dezembro de 2023 foram identificados 395 PMPIs no Brasil. Foram analisados 100 PMPIs espalhados pelo país a fim de compreender como eles estão sendo realizados e em que medida eles estão sendo efetivos. Com isso, o Observatório demonstrou que os atores mais atuantes na elaboração dos planos são o Poder Executivo, integrados pelas Secretarias de Assistência Social, Educação, Saúde, Esporte/Cultura/Lazer, Meio Ambiente, Mobilidade/Transporte e Urbanismo, e os Conselhos Municipais dos Direitos da Criança e do Adolescente.

O levantamento também indicou a baixa expressividade de PMPIs na região Sul do Brasil, especialmente no estado do Rio Grande do Sul, com apenas quatro PMPIs, dos municípios de Canoas, Colinas, Alto Alegre e Nova Ramada. Conforme demonstrado pelo mapa da Figura 04, os municípios estão situados em diferentes regiões do estado. Nova Ramada e Alto Alegre localizam-se na região Noroeste, Colinas no Centro-Leste e Canoas na Região Metropolitana próxima da capital, Porto Alegre.



Figura 04 – Mapa da localização dos municípios do Rio Grande do Sul que possuem PMPIs  
Fonte: elaborado pela autora

Com o objetivo de auxiliar na criação dos PMPIs, foram desenvolvidos guias, como o Guia para elaboração do Plano Municipal pela Primeira Infância da RNPI e a Cartilha Plano Municipal pela Primeira Infância: um passo a passo para a elaboração da UNICEF. Ambos os documentos apresentam orientações e sugestões para nortear a implantação dos PMPIs nos municípios.

<sup>24</sup> OBSERVATÓRIO DO MARCO LEGAL DA PRIMEIRA INFÂNCIA. **Planos municipais pela primeira infância**: uma análise das prioridades na promoção e defesa de direitos. [S. l.]: OBSERVA, 2023. Disponível em: [https://omlpi.strapi.appcivico.com/uploads/Observa\\_PMPI\\_Com\\_Petro\\_1.pdf](https://omlpi.strapi.appcivico.com/uploads/Observa_PMPI_Com_Petro_1.pdf). Acesso em: 11 fev. 2025.

## Resultados

Em relação aos resultados obtidos, foram analisados os PMPIs das cidades de Canoas, Colinas, Alto Alegre e Nova Ramada. As análises foram sistematizadas em fichas de avaliação (Quadros A, B, C e D), que apresentam informações básicas sobre os municípios e os critérios de avaliação utilizados, que incluem requisitos estipulados pelo Guia de Elaboração do RNPI, Cartilha da UNICEF, bem como critérios desenvolvidos pela autora. Ainda, os quadros incluem considerações sobre a efetividade de cada PMPI.

Quadro A – Ficha de avaliação do PMPI de Canoas/RS

| INFORMAÇÕES BÁSICAS                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |                                                                           |                |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------|----------------|
| Cidade/Estado                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   | Canoas, Rio Grande do Sul                                                 |                |
| População                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       | 348.208 (IBGE, 2020)                                                      |                |
| Lei/decreto                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     | Lei Nº 6.691/2023                                                         |                |
| Vigência                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        | 2023-2033                                                                 |                |
| Prefeito(a)                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     | Jairo Jorge da Silva                                                      |                |
| CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |                                                                           |                |
| Aderência com o Guia de Elaboração dos PMPIs da RNPI                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            | Perspectiva da criança cidadã                                             | Sim            |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 | Inclusão das diferentes infâncias                                         | Sim            |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 | Abordagem intersetorial                                                   | Sim            |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 | Abrangência de todos os direitos da criança                               | Não            |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 | Ampla participação na elaboração do PMPI                                  | Sim            |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 | Visão de longo prazo                                                      | Sim            |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 | Aprovação pelo poder legislativo                                          | Sim            |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 | Aderência com o plano do estado                                           | Não se aplica* |
| Aderência com a Cartilha da UNICEF                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              | Introdução                                                                | Sim            |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 | Diagnósticos                                                              | Sim            |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 | Definição de eixos prioritários                                           | Sim            |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 | Monitoramento e avaliação                                                 | Sim            |
| Aderência com o Plano Diretor da cidade                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         | Possui aderência com o Plano Diretor de Canoas (Lei nº 5961/2015).        |                |
| Existência de eixo relacionado ao espaço urbano                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 | Sim, “direito ao espaço urbano, meio ambiente, cultura, esporte e lazer”. |                |
| Existência de metas específicas (planos, prazos, datas)                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         | Sim.                                                                      |                |
| Participação da comunidade nas propostas                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        | Sim.                                                                      |                |
| CONSIDERAÇÕES                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |                                                                           |                |
| Considera-se que o PMPI foi elaborado de forma completa, atendendo em maioria as sugestões apontadas pelos guias de elaboração dos PMPIs e os demais critérios colocados. Além disso, verificou-se que o cumprimento de ações propostas até o momento de desenvolvimento da presente pesquisa. Entretanto, questiona-se a existência de aspectos diferenciais para a primeira infância nas ações que envolvem o espaço urbano. Como aspectos positivos, destacam-se a participação das crianças da primeira infância com a experiência das “plenarinhas”, bem como a escuta das mães puérperas. |                                                                           |                |
| *O Rio Grande do Sul ainda não possui PEPI.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |                                                                           |                |

Fonte: elaborado pela autora.

Quadro B - Ficha de avaliação do PMPI de Colinas/RS

| INFORMAÇÕES BÁSICAS    |                               |     |
|------------------------|-------------------------------|-----|
| Cidade/Estado          | Colinas, Rio Grande do Sul    |     |
| População              | 2.423 (IBGE, 2022)            |     |
| Lei/decreto            | Decreto Nº 1589-03/2023*      |     |
| Vigência               | 2023-2033                     |     |
| Prefeito(a)            | Sandro Ranieri Herrmann       |     |
| CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO |                               |     |
|                        | Perspectiva da criança cidadã | Sim |

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |                                                                                                   |                |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------|
| Aderência com o Guia de Elaboração dos PMPIs da RNPI                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        | Inclusão das diferentes infâncias                                                                 | Sim            |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             | Abordagem intersetorial                                                                           | Sim            |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             | Abrangência de todos os direitos da criança                                                       | Não            |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             | Ampla participação na elaboração do PMPI                                                          | Sim            |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             | Visão de longo prazo                                                                              | Sim            |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             | Aprovação pelo poder legislativo                                                                  | Sim            |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             | Aderência com o plano do estado                                                                   | Não se aplica* |
| Aderência com a Cartilha da UNICEF                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          | Introdução                                                                                        | Sim            |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             | Diagnósticos                                                                                      | Sim            |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             | Definição de eixos prioritários                                                                   | Sim            |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             | Monitoramento e avaliação                                                                         | Sim            |
| Aderência com o Plano Diretor da cidade                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     | O PMPI não faz menção ao Plano de Desenvolvimento Físico Urbano (Lei Nº 605, 02/2002) de Colinas. |                |
| Existência de eixo relacionado ao espaço urbano                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             | Sim, “a criança, a cidade e a natureza”.                                                          |                |
| Existência de metas específicas (planos, prazos, datas)                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     | Sim.                                                                                              |                |
| Participação da comunidade nas propostas                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    | Sim.                                                                                              |                |
| CONSIDERAÇÕES                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |                                                                                                   |                |
| O PMPI de Colinas atende a maioria das sugestões dos guias de elaboração dos PMPIs e dos demais critérios estabelecidos. Entretanto, existem poucas propostas para os espaços urbanos e não existe menção integrando o PMPI com o Plano de Desenvolvimento Físico Urbano do município. Em relação aos aspectos positivos, destaca-se a experiência de sensibilização realizada com as crianças nas escolas. |                                                                                                   |                |
| *O Rio Grande do Sul ainda não possui PEPI.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |                                                                                                   |                |

Fonte: elaborado pela autora, 2024.

Quadro C - Ficha de avaliação do PMPI de Alto Alegre/RS

| INFORMAÇÕES BÁSICAS                                     |                                                                    |                |
|---------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------|----------------|
| Cidade/Estado                                           | Alto Alegre, Rio Grande do Sul                                     |                |
| População                                               | 4.088 (IBGE, 2020)                                                 |                |
| Lei/decreto                                             | Lei Nº 2466/2017                                                   |                |
| Vigência                                                | 2017-2027                                                          |                |
| Prefeito(a)                                             | Gilmar Tonello                                                     |                |
| CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO                                  |                                                                    |                |
| Aderência com o Guia de Elaboração dos PMPIs da RNPI    | Perspectiva da criança cidadã                                      | Sim            |
|                                                         | Inclusão das diferentes infâncias                                  | Não            |
|                                                         | Abordagem intersetorial                                            | Sim            |
|                                                         | Abrangência de todos os direitos da criança                        | Não            |
|                                                         | Ampla participação na elaboração do PMPI                           | Não            |
|                                                         | Visão de longo prazo                                               | Sim            |
|                                                         | Aprovação pelo poder legislativo                                   | Sim            |
|                                                         | Aderência com o plano do estado                                    | Não se aplica* |
| Aderência com a Cartilha da UNICEF                      | Introdução                                                         | Sim            |
|                                                         | Diagnósticos                                                       | Sim            |
|                                                         | Definição de eixos prioritários                                    | Sim            |
|                                                         | Monitoramento e avaliação                                          | Sim            |
| Aderência com o Plano Diretor da cidade                 | Não faz menção ao Plano Diretor de Alto Alegre (Lei nº 2019/2012). |                |
| Existência de eixo relacionado ao espaço urbano         | Não.                                                               |                |
| Existência de metas específicas (planos, prazos, datas) | Sim.                                                               |                |
| Participação da comunidade nas propostas                | Não.                                                               |                |



| <b>CONSIDERAÇÕES</b>                                                                                                                                                                                                                                     |  |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--|
| O PMPI de Alto Alegre não apresenta diversos dos elementos sugeridos pelos guias de elaboração dos PMPIs, bem como os outros critérios de avaliação colocados. Nesse sentido, destaca-se a inexistência de eixo específico relacionado ao espaço urbano. |  |
| *O estado do Rio Grande do Sul não possui PEPI.                                                                                                                                                                                                          |  |

Quadro D - Ficha de avaliação do PMPI de Nova Ramada/RS

| INFORMAÇÕES BÁSICAS                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |                                                                                                                      |                |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------|
| Cidade/Estado                                                                                                                                                                                                                                                                                                           | Nova Ramada, Rio Grande do Sul                                                                                       |                |
| População                                                                                                                                                                                                                                                                                                               | 2.163 (IBGE, 2022)                                                                                                   |                |
| Lei/decreto                                                                                                                                                                                                                                                                                                             | Lei Nº 1.443/2017                                                                                                    |                |
| Vigência                                                                                                                                                                                                                                                                                                                | 2017-2026                                                                                                            |                |
| Prefeito(a)                                                                                                                                                                                                                                                                                                             | Marcus Jair Bandeira                                                                                                 |                |
| CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |                                                                                                                      |                |
| Aderência com o Guia de Elaboração dos PMPIs da RNPI                                                                                                                                                                                                                                                                    | Perspectiva da criança cidadã                                                                                        | Sim            |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         | Inclusão das diferentes infâncias                                                                                    | Sim            |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         | Abordagem intersetorial                                                                                              | Sim            |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         | Abrangência de todos os direitos da criança                                                                          | Não            |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         | Ampla participação na elaboração do PMPI                                                                             | Não            |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         | Visão de longo prazo                                                                                                 | Sim            |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         | Aprovação pelo poder legislativo                                                                                     | Sim            |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         | Aderência com o plano do estado                                                                                      | Não se aplica* |
| Aderência com a Cartilha da UNICEF                                                                                                                                                                                                                                                                                      | Introdução                                                                                                           | Sim            |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         | Diagnósticos                                                                                                         | Sim            |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         | Definição de eixos prioritários                                                                                      | Sim            |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         | Monitoramento e avaliação                                                                                            | Não**          |
| Aderência com o Plano Diretor da cidade                                                                                                                                                                                                                                                                                 | O município contém apenas Plano Municipal de Desenvolvimento Rural (Lei nº 1.476/2018) que não é mencionado no PMPI. |                |
| Existência de eixo relacionado ao espaço urbano                                                                                                                                                                                                                                                                         | Não.                                                                                                                 |                |
| Existência de metas específicas (planos, prazos, datas)                                                                                                                                                                                                                                                                 | Não.                                                                                                                 |                |
| Participação da comunidade nas propostas                                                                                                                                                                                                                                                                                | Não.                                                                                                                 |                |
| CONSIDERAÇÕES                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |                                                                                                                      |                |
| Identificou-se que o PMPI de Nova Ramada não apresenta boa parte dos itens sugeridos pelos guias de elaboração dos PMPIs e demais critérios estabelecidos. No entanto, cabe destacar a dimensão do município, bem como a característica de predominância de área rural, o que o difere dos demais município analisados. |                                                                                                                      |                |
| *O estado do Rio Grande do Sul não possui PEPI.                                                                                                                                                                                                                                                                         |                                                                                                                      |                |
| **Contém apenas avaliação.                                                                                                                                                                                                                                                                                              |                                                                                                                      |                |

Fonte: elaborado pela autora, 2024.

Diante dos PMPIs analisados, ressalta-se que, mesmo com um objetivo comum, proporcionar o desenvolvimento pleno da primeira infância, os planos se diferenciam. Assim, destaca-se que os PMPIs de Canoas e Colinas foram desenvolvidos de forma mais completa, contendo boa parte dos critérios estabelecidos pelos guias de elaboração dos PMPIs e etapas que incluíram a participação ativa das crianças.

Por fim, os PMPIs são ferramentas com potencial para propor medidas efetivas para a apropriação dos espaços urbanos pelas crianças, principalmente considerando a ampliação dos planos no país. Entretanto, é preciso refinar as ações, incluindo ainda mais as crianças nos processos, projetando espaços que considerem as peculiaridades das crianças e inserindo iniciativas que promovam a formação cidadã.

## Considerações finais

Por fim, retoma-se a questão orientadora deste trabalho: como promover a apropriação dos espaços urbanos pelas crianças a partir de experiências que integram a infância ao urbanismo e ao planejamento urbano?

Inicialmente, destaca-se a necessidade de incentivar o contato com os espaços urbanos desde cedo, possibilitando que as crianças interajam, brinquem e experimentem nesses espaços. Dessa forma, a cidade fará parte e contribuirá positivamente no desenvolvimento da criança. Para que isso ocorra, reforça-se a urgência de qualificar os espaços, repensá-los considerando as necessidades das crianças, e, em casos em que não seja possível, viabilizar o uso de espaços alternativos, mesmo que de maneira temporária por meio de práticas de urbanismo tático, por exemplo.

Além disso, a sensibilização em relação à formação cidadã é essencial. Assim, considera-se que as práticas de planejamento participativo, mesmo que de forma simbólica, impactam no envolvimento das crianças nas discussões sobre as cidades. A inclusão das crianças nos processos de planejamento participativo também reforça que o ponto de vista da criança seja respeitado e, sobretudo, valorizado.

A fim de ampliar a abrangência de práticas de qualificação de espaços e processos de planejamento participativo, conclui-se que é essencial integrar esforços. Nesse sentido, é preciso pensar as experiências de urbanismo e planejamento urbano juntamente a políticas públicas, ações da comunidade e demais grupos que trabalham com a intersecção infância e cidade. De forma resumida, é imprescindível a participação da comunidade, principalmente na figura das famílias, do poder público, dos educadores, dos planejadores e dos arquitetos e urbanistas atuando conjuntamente.

Com essa integração, torna-se factível impactar, tanto em escalas de rua e bairro, a partir de ações acupunturais envolvendo urbanismo tático e requalificação de espaços, como em escalas municipais, por meio da elaboração de planos, como os PMPIs, e processos participativos de planejamento.

Promover a apropriação dos espaços urbanos pelas crianças requer um olhar sensível e integrador, que reconheça a infância como um elemento a ser considerado no desenvolvimento das cidades. O contato com o espaço urbano possibilita que as crianças experienciem a cidade não apenas como um cenário, mas como um espaço ativo de aprendizado e exercício da cidadania. Além de adaptar os espaços para as crianças, é essencial inseri-las nos debates sobre as cidades. Assim, torna-se possível ressignificar o espaço urbano e formar cidadãos mais críticos e conectados com o entorno.

## Bibliografia

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1981.

ARNSTEIN, Sherry. A ladder of citizen participation. **Journal of the American Institute of Planners**, [s. l.], v. 35, n. 4, p. 216-224, 1969. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/01944366908977225>. Acesso em: 11 fev. 2025.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira; DELGADO, Ana Cristina Coll; TOMÁS, Catarina. Estudos da infância, estudos da criança: quais campos? Quais teorias? Quais questões? Quais métodos?. **Revista Inter-Ação**, Goiânia, v. 41, n. 1, p. 103-122, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/ia.v41i1.36055>. Acesso em: 11 fev. 2025.

BRENNER, Neil. **Espaços da urbanização**: o urbano a partir da teoria crítica. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2018.

CORSARO, William. Reprodução interpretativa e cultura de pares. In: MÜLLER, Fernanda; CARVALHO, Ana Maria Almeida (org.). **Teoria e prática na pesquisa com crianças**: diálogos com William Corsaro. São Paulo: Cortez, 2009. p. 31- 50.

CORSARO, William. **The sociology of childhood**. California: Pine Forge, 1997.

GLOBAL DESIGNING CITIES INITIATIVE. **Designing streets for kids**. New York: Island Press, 2020.

HARVEY, David. **Cidades rebeldes**: do direito à cidade à revolução urbana. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

JAMES, Allison; PROUT, Alan. A new paradigm for the sociology of childhood?: provenance, promise and problems. In: JAMES, Allison; PROUT, Alan. **Constructing and reconstructing childhood**. London: Falmer, 1997.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

LYDON, Mike; GARCIA, Anthony. **Tactical urbanism**: Short-term action for long term change. Washington, DC: Island Press, 2015.

MARIANA PIMENTEL. **Relatório consolidado de leitura comunitária**. Mariana Pimentel: Prefeitura Municipal, 2023. Disponível em: <https://www.marianapimentel.rs.gov.br/editais/13-11-23-160126-mpi-p2relato769rioleituracomunita769ria.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2025.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Traduzido por Ranieri J. São Paulo: Boitempo, 2004.

OBSERVATÓRIO DO MARCO LEGAL DA PRIMEIRA INFÂNCIA. **Planos municipais pela primeira infância**: uma análise das prioridades na promoção e defesa de direitos. [S. l.]: OBSERVA, 2023. Disponível em: [https://omlpistrapi.appcivico.com/uploads/Observe\\_PMPI\\_Com\\_Petro\\_1.pdf](https://omlpistrapi.appcivico.com/uploads/Observe_PMPI_Com_Petro_1.pdf). Acesso em: 11 fev. 2025.

PROUT, Alan. Reconsiderando a nova sociologia da infância. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 40, n.141, p. 729-750, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742010000300004>. Acesso em: 11 fev. 2025.

ROVATI, João Farias. Urbanismo versus planejamento urbano?. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, Presidente Prudente, v. 26, n. 2, p. 33-58, 2013.

Disponível em: <https://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/4169/4053>. Acesso em: 11 fev. 2025.

SANTOS, André Luiz; PEREIRA, Elson Manoel. As condições para um planejamento urbano participativo. PEREIRA, E. (org.). **A alegoria da participação**: planos diretores participativos pós-Estatuto da Cidade. Florianópolis: Insular, 2015.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Nobel, 1987.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Infância e cidade: restrições e possibilidades. **Educação**, Porto Alegre, v. 41, n. 2, p. 232-240, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1981-2582.2018.2.31317>. Acesso em: 11 fev. 2025.

SARMENTO, Manuel Jacinto; PINTO, Manuel. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. In: PINTO, Manuel; SARMENTO, Manuel Jacinto. **As crianças**: contextos e identidades. Braga: Bezerra, 1997.

URBAN95. **Crianças ocupam rua de Canoas em ambiente lúdico, acessível e acolhedor**. [S. l.], 3 maio 2022. Disponível em: <https://urban95.org.br/criancas-ocupam-rua-de-canoas-em-ambiente-ludico-acessivel-e-acolhedor/>. Acesso em: 10 fev. 2025.

VELLOSO, Rita. Apropriação, ou o urbano-experiência. **Revista Arquitextos**, São Paulo, fev. 2016. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/16.189/5949>. Acesso em: 11 fev. 2025.

# Esboço para uma Crítica da Propriedade Coletiva na Dialética Social de Porto Alegre

**Alexandre Kramatschek Tavares**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional  
[ale.k.tavares@gmail.com](mailto:ale.k.tavares@gmail.com)

**Inês Martina Lersch**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional  
[martina.lersch@ufrgs.br](mailto:martina.lersch@ufrgs.br)

**Resumo:** Este artigo teve como objetivo refletir sobre as possibilidades, vantagens, dificuldades, desafios e potencialidades da implementação do modelo de propriedade coletiva do Termo Territorial Coletivo (*Community Land Trust*) na realidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, Brasil, a partir de uma perspectiva materialista histórico-dialética. Os *Community Land Trusts* foram criados nos Estados Unidos em 1969 e chegaram ao Brasil em sua versão adaptada em 2018, no Rio de Janeiro. Para compreender o funcionamento do modelo, suas características e necessidades para sua implementação, foram analisados pontos essenciais do CLT, além de ser realizada uma pesquisa empírica com entrevistas de líderes sociais, políticos e jurídicos de Porto Alegre. A partir dessa pesquisa, foi possível refletir as perspectivas do modelo para a cidade, levando em consideração as especificidades locais. O estudo partiu do pressuposto de que a propriedade coletiva pode ser uma ferramenta eficaz para garantir o acesso à moradia digna e segurança de posse a longo prazo. O artigo buscou, portanto, investigar o modelo como uma alternativa de acesso à terra e habitação não mercantilizada e analisar as possibilidades de sua aplicação no contexto do Rio Grande do Sul. As conclusões indicam que a implementação em Porto Alegre enfrenta vários obstáculos, como a falta de apoio político e dificuldades legislativas, o que dificulta a aplicação do modelo. Nesse cenário, destaca-se a importância da mobilização social dos movimentos por moradia e da autogestão como meios para avançar na busca por alternativas para resolver a questão habitacional na cidade e no estado, onde a luta social se apresenta como central para a superação desses desafios.

**Palavras-chave:** Termo Territorial Coletivo, *Community Land Trust*, Rio Grande do Sul, Brasil, Habitação.



## Introdução

Este artigo se debruça sobre a propriedade coletiva, na forma do *Community Land Trust* (CLT), originados nos Estados Unidos da América (EUA) em 1969, tendo sua versão brasileira chamada de Termo Territorial Coletivo (TTC), iniciada em 2018, e suas perspectivas dentro do cenário da capital do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Esse estudo faz parte de uma pesquisa de mestrado em Planejamento Urbano e Regional<sup>1</sup>.

Assim, mesmo sendo uma forma já bem trabalhada de gestão e planejamento urbano e rural nos Estados Unidos da América, é de suma importância o estudo jurídico brasileiro e da própria realidade social para a consagração e validação do modelo em território nacional. O estudo da propriedade coletiva no Brasil deve, portanto, incorporar uma abordagem inter/transdisciplinar, deve envolver não apenas uma análise jurídica, mas também estudos sociológicos, econômicos e urbanísticos, por exemplo. Ao considerar as diferentes perspectivas, é possível desenvolver um modelo de propriedade coletiva que não só atenda aos requisitos legais e normativos, mas que também se revele relevante e eficaz para as comunidades envolvidas. Dessa forma, o estudo e a implementação da propriedade coletiva podem contribuir para soluções mais equilibradas e sustentáveis, além de promover um sistema que seja juridicamente robusto e socialmente inclusivo, alinhado às necessidades e características das diversas regiões do país.

Diante disso, levanta-se os pressupostos de que a propriedade coletiva pode desempenhar um papel significativo no contexto brasileiro e no estado do Rio Grande do Sul, na garantia do acesso à moradia digna e na segurança de posse a longo prazo, onde pode retirar habitações do mercado capitalista tradicional e criar um circuito habitacional de propriedades paralelo a esse mercado, de forma legal e acessível, no caminho à construir uma cidade mais justa e não mercantilizada, através de uma política urbana em dois momentos cruciais: na regularização fundiária e na produção habitacional. Assim, este manuscrito, então, tem como objetivo principal investigar a propriedade coletiva como meio de acesso à terra e habitação não mercantilizada e ponderar sobre as possibilidades de sua aplicação no Rio Grande do Sul.

Entende-se que a propriedade coletiva pode ser um passo significativo em direção à democratização do espaço urbano e ao direito à cidade. Direito, esse, que implica a capacidade dos seres sociais de participarem ativamente na modelagem do seu habitat e da cidade como um todo, onde se tornam tanto agentes de mudança quanto beneficiários das transformações urbanas. Assim, a propriedade coletiva pode permitir que os indivíduos e comunidades transformem ativamente seu meio e a cidade, ao mesmo tempo em que são transformados por eles, onde se promove uma relação dialética e inclusiva com o espaço urbano, além de estimular o cooperativismo entre seus participantes e apoiadores.

Posto isso, esta é uma pesquisa de natureza exploratória, com uma abordagem crítica e de caráter qualitativo, fundamentada através de extensa e exaustiva pesquisa bibliográfica sobre a questão nacional dos Termos Territoriais Coletivos e uma investigação em campo com entrevistas semiestruturadas junto a grupos de movimentos sociais por moradia, políticos e

---

<sup>1</sup> TAVARES, Alexandre Kramatschek – **Para a Crítica da Propriedade Coletiva: política habitacional brasileira, a questão da propriedade e o acesso à moradia no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2025. 400 p. Dissertação de mestrado.

membros do campo jurídico de Porto Alegre, apoiados por uma pesquisa em matérias de jornais, estruturados sobre uma base epistemológica do materialismo histórico-dialético.

Assim, buscou-se ponderar sobre possibilidades, vantagens e dificuldades, prós e contras, desafios e potencialidades, na implementação da propriedade coletiva na realidade do Estado, o qual levou em consideração seu movimento histórico atual e analisou-se a capacidade social, jurídica e política do Termo Territorial Coletivo no Rio Grande do Sul.

### Desenvolvimento

Se todos os humanos nascem *livres* mas são acorrentados em todas as partes, entendemos que essas correntes são nada menos que as condições do movimento histórico em que nós, o ser social, atua<sup>2</sup>. Ora, se nossa ação é cerceada por condições transmitidas, cabe, por óbvio, descortinar os véus que mascaram a realidade, procurar no movimento atual da realidade as estruturas e as condições que permitam o avanço na luta da humanidade contra a exploração. Além disso, toda ordem social é um produto duplo: físico e moral, ou seja, o poder físico que o executa e uma vontade que determina o ato, formando assim o conjunto da estrutura social da ideologia e do poder do *modo de produção*<sup>3</sup>.

Assim, essa pesquisa tem caráter mais explorativo, com o objetivo de desenvolver uma visão mais geral de ideias, formações iniciais para posteriores pesquisas, ou seja, é uma pesquisa incipiente, uma etapa preambular para considerações mais elaboradas e aprimoradas, a serem desenvolvidas em pesquisas posteriores sobre os Termos Territoriais Coletivos e políticas habitacionais populares em Porto Alegre e o Rio Grande do Sul.

Assim, levou-se em consideração o movimento histórico social atual e analisou o escopo social, jurídico e político para a propriedade coletiva, no campo do Termo Territorial Coletivo, no Rio Grande do Sul, através de entrevistas semiestruturadas de cunho qualitativo, em diálogo com líderes sociais de movimentos de luta por moradia, políticos envolvidos na questão habitacional e urbana e funcionários de instâncias de poder público jurídico, como o Ministério Público e Defensoria Pública do Rio Grande do Sul, todos oriundos de Porto Alegre.

Entendemos que a questão social é um ponto central para a propriedade coletiva, pois, como analisado no subcapítulo “esboço para uma crítica marxista da propriedade coletiva”, o instrumento só o é enquanto práxis de luta, enquanto resistência e enquanto utopia do mundo que ainda não é. A defesa da autogestão é o embrião da questão social e o seu fazer na cidade, no modificar da realidade que é o seu direito à cidade. Assim, parafraseando Marx<sup>4</sup>, os defensores da propriedade coletiva não podem pensar somente no acesso à moradia “e não resolver o problema material concreto *politicamente*, isto é, sem relação com toda a razão do Estado e a moralidade pública”.

---

<sup>2</sup> MARX, Karl – **O 18 de Brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Boitempo, 2011.

<sup>3</sup> GRAMSCI, Antonio – **Cadernos do Cárcere, volume 03: Maquiavel, notas sobre o estado e a política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2024.

<sup>4</sup> MARX, Karl – **Os Despossuídos: debates sobre a lei referente ao furto de madeira**. São Paulo: Boitempo, 2017, p. 127.

Então, a partir da questão social, entende-se que o instrumento só ocorrerá enquanto questão política, e como acentuado por Gramsci<sup>5</sup>, “o político é um ato criador, um suscitador, mas não cria a partir do nada nem se move na vazia agitação de seus desejos e sonhos”. Ora, a questão política, a fim e a cabo, depende da capacidade real da sociedade em se movimentar e fazer valer, a partir de seus próprios condicionantes do movimento histórico. Se não se pode esperar que “um indivíduo ou um livro” modifiquem a realidade, tampouco a simples existência da política, ou da lei, não garantem a mudança ou mesmo a aplicação material, contudo formam ondas de linhas possíveis de ação, que dependem diretamente e dialeticamente da capacidade das forças sociais atuantes e sua interferência na pequena e grande política.

Entendendo que no circuito burguês de governança herdado da revolução francesa, o modelo político implica a existência de uma moral de conduta a partir de superestruturas de legislação e jurisdição, é natural que a questão política, no sentido de legitimação e capacidade de existência *legal* se torne uma questão jurídica. Desse modo, entende-se que a partir do arcabouço jurídico e legislativo burguês vigente no país, a propriedade coletiva no âmbito do Termo Territorial Coletivo já pode ser aplicada a nichos populacionais organizados coletivamente, com o objetivo de promover o acesso à habitação e agir contra a mercantilização da terra.

Assim, para balizar a pesquisa empírica, realizou-se um levantamento exaustivo da literatura sobre os TTCs, suas condições básicas e aplicação. Desse modo, percebe-se que os desafios da propriedade coletiva, além dos apontados por Ribeiro<sup>6</sup>, Ribeiro e Antão<sup>7</sup> e Ribeiro *et al.*<sup>8</sup>, incluem: a ideologia burguesa e o fetichismo da propriedade privada, a falta de educação urbanística e política, o contexto político atual, o problema estrutural fundiário, a dificuldade de financiamento coletivo por vias públicas, o conservadorismo jurídico-cultural e a falta de formação sobre instrumentos coletivistas, a dificuldade de manter mobilização popular duradoura e a interferência de grupos paralelos militarizados na dinâmica social.

O apoio governamental foi essencial no Norte Global e também o é aqui. A precariedade financeira dos coletivos habitacionais torna o Estado um financiador indispensável para consolidar o movimento e transformá-lo em política pública. O poder público pode atuar por meio de política habitacional com TTCs; fundos de financiamento e fomento; apoio

---

<sup>5</sup> GRAMSCI, Antonio, *Supra*, p. 35.

<sup>6</sup> RIBEIRO, Tarcyla Fidalgo – Os “Community Land Trusts”: potencialidades e desafios de sua implementação nas cidades brasileiras. **Revista de Direito da Cidade**. Rio de Janeiro: s.ed. Vol. 12, nº 1 (2020), p. 609–630; RIBEIRO, Tarcyla Fidalgo – O Termo Territorial Coletivo e o Direito à Moradia Adequada: potencialidades a partir de uma experiência do Programa Minha Casa Minha Vida-Entidades. In: CARDOSO, Adauto Lúcio; D’OTTAVIANO, Camila (org.) – **Habitação e Direito à Cidade: desafios para as metrópoles em tempos de crise**. Rio de Janeiro: LetraCapital/Observatório das Metrópoles, 2021. p. 77–106.

<sup>7</sup> RIBEIRO, Tarcyla Fidalgo; ANTÃO, Renata Cristina do Nascimento – O Termo Territorial Coletivo como Alternativa Emancipatória à Aplicação da Propriedade Privada Clássica: Uma Mudança de Perspectiva. In: COUTINHO, Diogo R. et al. (org.) – **Propriedades em Transformação 2**. São Paulo: Editora Blucher, 2021. p. 188–209.

<sup>8</sup> RIBEIRO, Tarcyla Fidalgo et al. – Experiências internacionais de Community Land Trusts e lições para a implementação do modelo no Brasil. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*. Brasil, v. 24, n. 1, (2022).

institucional; Assistência Técnica de Habitação de Interesse Social (ATHIS); regularização fundiária facilitada; e doação de terras e imóveis.

Entretanto, historicamente a atuação do poder público é ambígua, e não tem como não ser, pois ao mesmo tempo que atua com políticas sociais na diluição de mazelas estruturais, o seu teor ontológico é de apoio ao processo de reprodução de capital. Isso reforça a necessidade de mobilização popular, pois direitos não são concedidos, mas conquistados e mantidos com luta constante.

Neste contexto, combinam-se elementos do modelo estadunidense e do Norte Global com especificidades do Sul Global, como Quênia, Porto Rico e Brasil<sup>9</sup> e atravessadas pelo Guia Metodológico da Comunidades Catalisadoras<sup>10</sup>. Formula-se então alguns itens comuns para os TTCs nacionais:

1. propriedade coletiva da terra sob pessoa jurídica;

---

<sup>9</sup> ALGOED, Line; HERNÁNDEZ-TORRALES, María E. – The land is ours. Vulnerabilization and resistance in informal settlements in Puerto Rico: Lessons from the Caño Martín Peña Community Land Trust. **Radical Housing Journal**. s.l.: s.ed., v. 1, n. 1 (2019), p. 29–47; ALGOED, Line; HERNÁNDEZ-TORRALES, María E.; DEL VALLE, Lyvia Rodríguez – **El Fideicomiso de la Tierra del Caño Martín Peña: instrumento notable de regularización de suelo en asentamientos informales**. Cambridge: Lincoln Institute of Land Policy, 2018; COMUNIDADES CATALISADORAS – **Relatório Anual**. Rio de Janeiro: ComCat, 2023; LITSEK, Felipe Cruz Akos – A experiência dos termos territoriais coletivos na promoção de moradia acessível e resistência à mercantilização da terra. **Revista e-Metrópolis**. Brasil: s.ed., v. 10, n. 39 (2019), p. 26–37; LITSEK, Felipe Cruz Akos – A experiência dos Termos Territoriais Coletivos na promoção de moradia acessível e combate à mercantilização da terra. In: **Seminário de Iniciação Científica e Tecnológica da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro**, 27., 2019, Rio de Janeiro. Anais da XXVII Seminário de Iniciação Científica e Tecnológica da PUC-Rio. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2019. p. 22; MAYRINK, Priscilla; RIBEIRO, Tarcyla Fidalgo – Termo Territorial Coletivo. **RioOnWatch**. (ago. 2018). Disponível em: <https://rioonwatch.org.br/?tag=serie-conhecendo-o-ttc>. Acesso em: 7 set. 2024; RIBEIRO, Tarcyla Fidalgo – **Termos Territoriais Coletivos e assentamentos informais: avaliando a viabilidade do instrumento Community Land Trust desenvolvido pelas comunidades do Caño Martín Peña no Porto Rico para as favelas do Rio de Janeiro, Brasil** – Parecer jurídico. Rio de Janeiro: Lincoln Institute of Land Policy, 2018; RIBEIRO, Tarcyla Fidalgo et al. – Community Land Trusts in Informal Settlements: Adapting Features of Puerto Rico’s Caño Martín Peña CLT to Address Land Insecurity in the Favelas of Rio de Janeiro, Brazil. In: DAVIS, John Emmeus; ALGOED, Line; HERNÁNDEZ-TORRALES, María E. (org.) – **On Common Ground: International Perspectives on the Community Land Trust**. Madison, Wisconsin, USA: Terra Nostra Press, 2020. p. 211–235; RIBEIRO, Tarcyla Fidalgo et al. – Em Busca de Novas Soluções para a Garantia de Segurança da Posse nas Cidades: A Experiência do Projeto Termo Territorial Coletivo no Rio de Janeiro. In: **Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional**, 20., 2023, Belém. Anais do XX ENANPUR. Belém: ANPUR, 2023. p. 1–18; RIBEIRO, Tarcyla Fidalgo et al. – O modelo dos Community Land Trusts no Norte e Sul Global: Possibilidades de aproximação no cenário brasileiro. In: **Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional**, 19., 2022, Blumenau. Anais do XIX ENANPUR. Blumenau: ANPUR, 2022. p. 16; WILLIAMSON, Theresa – **O Termo Territorial Coletivo (TTC) Aplicado às Favelas Poderia Resolver a Crise Mundial de Moradia Acessível? Reflexões do Rio de Janeiro: Uma inovação no uso da terra que tem tido sucesso nos EUA e em outros lugares pode ajudar a proteger comunidades assentadas informalmente de remoção e gentrificação, e dar a elas controle sobre o desenvolvimento**. s.l.: Land Lines, 2018; WILLIAMSON, Theresa – The Favela Community Land Trust: A Sustainable Housing Model for the Global South. In: FITZ, Angelika; KRASNY, Elke (org.) – **Critical Care: Architecture and Urbanism for a Broken Planet**. Viena: Architekturzentrum Wien, 2019. p. 114–125.

<sup>10</sup> COMUNIDADES CATALISADORAS – **Guia Metodológico: Trabalhando com o Termo Territorial Coletivo**. Rio de Janeiro: Termo Territorial Coletivo, 2024.

2. participação efetiva e contínua dos moradores e gestão participativa;
3. autossustentabilidade da pessoa jurídica e do TTC;
4. moradias de propriedade pessoal;
5. proibição de proprietários ausentes;
6. proibição da venda dos terrenos e controle da venda das habitações;
7. ingresso voluntário;
8. garantia das liberdades e autonomias individuais;
9. informação, educação e formação;
10. participação econômica dos associados.

Além do entendimento do conceito ideal, a ComCat<sup>11</sup> aponta condições favoráveis para implementação dos TTCs, sem esgotar suas possibilidades, dada a diversidade das comunidades brasileiras:

1. Comunidade consolidada com forte senso de pertencimento, na qual a garantia de permanecer na terra é o objetivo principal ao buscar instrumentos de titulação;
2. Grande porcentagem de famílias que ainda não possuem títulos de terras, mas tem probabilidade razoável de adquiri-los;
3. Moradores que percebem ou experimentaram ameaça de desalojamento forçado (remoção ou gentrificação);
4. Processo maduro de organização comunitária, apoiado por aliados técnicos que acompanham o desenvolvimento da comunidade;
5. Comunidade pequena, sem a presença de grupos de controle paralelo.

Dado o escopo deste artigo, não se detalham todas as características apresentadas, mas uma análise mais profunda pode ser encontrada na dissertação de mestrado base deste estudo<sup>12</sup>.

Posto isso, debruçamos em um estudo através de entrevistas semiestruturadas qualitativas, com amostras de análise definidas em três grupos de unidades de análise, a saber:

1. Grupo Social: composto por líderes e representantes de movimentos sociais atuantes na área de habitação;
2. Grupo Político: composto por membros de atuação política e legislativa envolvidos em atividades de urbanismo, planejamento urbano e habitação; e
3. Grupo Jurídico: composto por funcionário do Ministério Público do Estado do Rio Grande do Sul e da Defensoria Pública do Estado do Rio Grande do Sul, em área de atuação relacionada ao urbanismo, planejamento urbano e habitação.

As entrevistas e observações serviram de embasamento para uma análise subjetiva e qualitativa das questões levantadas, ou seja, a fim de aproximar a aferição dos itens enquanto engajamento popular, capacidade política e vontade jurídica para a execução de propriedades coletivas, dentro do campo dos Termos Territoriais Coletivos no Rio Grande do Sul. Foi precisamente na ação de conectar as informações levantadas, de transversalizar as descobertas dentro do movimento histórico e social, que se revelou o valor próprio de essa

---

<sup>11</sup> Ibid.

<sup>12</sup> TAVARES, Alexandre Kramatschek – **Para a Crítica da Propriedade Coletiva: política habitacional brasileira, a questão da propriedade e o acesso à moradia no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2025. 400 p. Dissertação de mestrado.



investigação. A interpretação, nesse sentido, não é um mero apêndice da análise, mas o momento intelectual de superação da simples descrição dos fatos sociais, é o ponto de avanço para uma compreensão mais profunda da relação de forças e dinâmicas que operam por trás da realidade aparente. É neste processo que se iluminam os aspectos mais intrincados e contraditórios.

A partir dessas considerações, podemos avançar para uma análise mais sistematizada para as perspectivas da propriedade coletiva, sob o nome de Termo Territorial Coletivo, para a situação de Porto Alegre. Começo a partir de dois pontos, seguindo a construção ordenada apontada no início desse subcapítulo, ou seja, a questão política e a questão social.

O apoio político para a propriedade coletiva pode advir de várias formas, mas, no cenário atual da capital sob o Governo Melo e do Estado sob Governo Leite, pode-se afirmar categoricamente que o apoio político para a questão habitacional coletiva é virtualmente nula. Não há exagero em afirmar que não se espera qualquer movimentação da camada política como corpo para a ajuda dos movimentos sociais e na garantia de direitos.

O campo político da esquerda, apesar de ativo, concentra-se mais em conter o avanço da direita (seja fascista ou institucional) do que o desenvolvimento de pautas próprias da classe trabalhadora. Assim, qualquer apoio político é pontual e motivado pela pressão dos movimentos sociais enquanto reivindicação e *perturbação* do poder público, o qual, algumas vezes, acaba por ceder

No âmbito federal, o Governo Lula III tem mostrado alguma permeabilidade aos setores sociais, principalmente por meio do Programa Minha Casa, Minha Vida e decisões do STF. Contudo, avanços na legislação do Termo Territorial Coletivo (TTC) não são prioridade no cenário atual, e reformas institucionais para incluir a titulação coletiva no programa habitacional são incertas. Fundos de financiamento podem trazer possibilidades pontuais, mas a falta de movimentação legislativa dificulta avanços.

O apoio institucional na política urbana municipal é praticamente inexistente, contando apenas com políticos individuais. A Assistência Técnica de Habitação de Interesse Social (ATHIS), apesar de obrigatória desde 2008, ainda não avançou significativamente no país. A regularização fundiária, embora facilitada, segue uma lógica mercantil, focada na individualidade e no fetichismo ideológico da propriedade privada, que impede maior flexibilidade dentro dos movimentos sociais para garantir o coletivo como corpo único. Por fim, parece improvável a doação de terras e imóveis pelo poder municipal e estadual sem a intervenção do Governo Federal ou luta judicial. Não há permeabilidade dentro dos campos políticos locais.

Dentro da questão social, algumas condições favorecem o TTC, como comunidades consolidadas com forte senso de pertencimento, grande número de famílias sem título de terra, percepção de risco de despejo, organização comunitária madura e ausência de grupos de controle paralelo.

As interações com os movimentos sociais por habitação e seus líderes ou representantes revelam uma interessante diferenciação entre as organizações estudadas. Aqueles

movimentos que se encontram organizados de maneira mais sólida, com uma participação institucional relativamente mais desenvolvida ou que sustentam uma ideologia política coerente e robusta, demonstram uma consolidação social notável. Nesses casos, os participantes não apenas compreendem os processos que moldam o movimento histórico, mas engajam-se ativamente na luta social e na reivindicação política pela habitação. Mais do que isso, alguns desses movimentos transcendem a questão imediata da moradia, ampliando sua luta para abarcar a transformação do próprio sistema produtivo.

Em Porto Alegre, observa-se, de forma geral, um quadro encorajador: um movimento social consolidado, que não apenas fortalece o vínculo dos indivíduos à causa habitacional, mas também reforça o sentimento de pertencimento de seus membros, tanto ao movimento em si quanto às ocupações que integram. Essa integração não é apenas territorial ou organizacional; trata-se de um pertencimento que se manifesta, sobretudo, na consciência cidadã e na compreensão coletiva de que a luta pela habitação é, em última análise, uma luta pela emancipação social.

Esses movimentos, ao consolidarem uma base de pertencimento e participação ativa, demonstram o potencial transformador da organização social, mesmo em um sistema que se esforça continuamente para sufocar ou cooptar tais iniciativas. Eles evidenciam que a verdadeira força de um movimento reside não apenas na reivindicação de demandas imediatas, mas na capacidade de seus membros de se reconhecerem como sujeitos históricos, conscientes de seu papel na luta por uma sociedade mais justa e igualitária.

Sobre os títulos de terra, a ideologia da propriedade privada permeia os processos de REURB. Apesar da possibilidade de aquisição dos títulos, a titulação coletiva ainda enfrenta desafios. A individualização dos lotes dentro do Minha Casa, Minha Vida impede a flexibilidade necessária para garantir a propriedade coletiva.

A principal ameaça de despejo nas ocupações vem do próprio poder público, com algumas exceções relacionadas à presença do tráfico. No entanto, a mobilização junto ao Governo Federal tem resultado em conquistas, como a incorporação de prédios ao programa habitacional.

As ocupações mais estruturadas apresentam organização interna madura, setores definidos e grupos de trabalho, além de apoio externo técnico e de militantes. Algumas desenvolvem programas internos de geração de renda, como venda de alimentos e serigrafia, garantindo sustentabilidade financeira.

Em geral, as comunidades são pequenas, com 40 a 60 pessoas, e compartilham condições econômicas semelhantes. Muitas dessas ocupações, alinhadas a movimentos maiores, possuem potencial para instaurar o TTC, podendo avançar na autogestão e na reforma urbana coletiva.

Como já discorri, para o TTC é necessário as características: propriedade coletiva da terra sob pessoa jurídica; participação efetiva e contínua dos moradores e gestão participativa; autossustentabilidade da pessoa jurídica e do TTC; moradias de propriedade pessoal; proibição de proprietários ausentes; proibição da venda dos terrenos e controle da venda das

habitações; ingresso voluntário; garantia das liberdades e autonomias individuais; informação, educação e formação; participação econômica dos associados.

A organização das comunidades em Porto Alegre garante uma boa participação dos moradores e uma gestão mais ou menos participativa, com características próprias de cada organização. Algumas, por obvio, não apresentam grande coesão e participação, as quais não teriam condições de atender a uma instituição de propriedade coletiva. A sustentabilidade da organização para aquelas ocupações não são grandes problemas, pois elas já vêm se autogerindo e contando com a contribuição financeira de seus membros para os processos institucionais as quais participam, alguma incluem processos e trabalhos de geração de renda internas aos movimentos, como a venda de refeições, alimentos ou trabalhos de serigrafia.

Os regimentos dessas ocupações garantem liberdades individuais, proibição de grilagem e controle sobre a posse das habitações. Assembleias e Conselhos Gestores asseguram a sustentabilidade social e institucional do movimento. O ingresso ocorre de forma voluntária e democrática, com algumas ocupações exigindo alinhamento ideológico como critério de permanência.

A formação política e educação popular são elementos centrais na manutenção da coesão e fortalecimento dos movimentos sociais. Essas práticas garantem não apenas a permanência dos moradores, mas também a construção de uma consciência coletiva sobre a luta urbana.

Essa pesquisa não teve o objetivo de mapear ocupações elegíveis para a implementação do TTC, mas de avaliar o contexto histórico e político da habitação coletiva em Porto Alegre e no Rio Grande do Sul. O cenário atual é desafiador, mas demonstra a força organizativa dos movimentos sociais e seu potencial para avançar na conquista da propriedade coletiva.

### **Considerações finais**

O cenário político de Porto Alegre revela-se um instrumento a serviço do mercado imobiliário, atuando para garantir a reprodução do capital em detrimento da justa distribuição social. O planejamento urbano é conduzido não para atender às necessidades populares, mas para assegurar os lucros exorbitantes da burguesia fundiária. O campo político da esquerda, ainda que presente, vê-se reduzido a uma posição defensiva, sem força suficiente para impor as reivindicações históricas da classe trabalhadora, mantem-se numa posição de apenas de retardar o avanço das forças reacionárias. – sejam estas as do fascismo declarado ou as das instituições burguesas que garantem sua continuidade disfarçada.

Assim, o apoio institucional à propriedade coletiva é ínfimo, quando não nulo, e, quando ocorre, é fruto de concessões arrancadas pela pressão direta dos movimentos sociais, jamais expressão de um compromisso orgânico por parte do poder público.

Os movimentos sociais por habitação em Porto Alegre demonstram variações ideológicas e organizativas, mas, de maneira geral, consolidam-se como instrumentos fundamentais na luta política da classe trabalhadora. As ocupações urbanas, mais do que meras respostas à ausência de moradia, são expressões concretas da luta contra a espoliação capitalista da terra. Como bem se observa, habitar não é apenas uma questão material, mas a afirmação histórica de um direito negado sistematicamente pelo Estado burguês. Se além de quatro paredes e um

teto, uma casa é a história de alguém, como colocou Fernandez<sup>13</sup>, apontamos, então, que a luta por moradia é a história urbana desse país e tem sido a história urbana de Porto Alegre.

Com o decaimento da questão política à ruptura dos direitos democráticos e coletivos, analisamos a abertura jurídica para o acesso à moradia no campo do TTC, mostrando que apesar de ser uma consideração extra-política, nem sempre se desenrola de forma positiva ou muito menos é mais fácil.

A propriedade coletiva, enquanto estratégia política, carrega potencial revolucionário ao garantir segurança fundiária e fomentar a autogestão. No centro de Porto Alegre, palco da gentrificação e da apropriação burguesa dos espaços urbanos, essa forma de posse se apresenta como um meio efetivo de resistência à expulsão das classes populares. No entanto, a grande barreira à sua expansão não é de ordem técnica ou jurídica, mas ideológica: o dogma burguês da propriedade privada, que permeia toda a estrutura social e política.

Parte significativa das ocupações já reúne as condições necessárias para a implementação do Termo Territorial Coletivo, visto que se organizam sob princípios comuns e apresentam sólidas estruturas de autogestão. Essa organização desafia diretamente as lógicas mercantis do capitalismo e, ao invés de submeter-se à especulação imobiliária, constrói alternativas para uma sociedade baseada na coletividade e na justiça social. O que se observa é a possibilidade concreta de consolidar essas ocupações como um corpo único de interesses coletivos, onde a luta pela terra e pela moradia não se limita à conquista de um bem material, mas se expande para a construção de um novo modelo de organização social e urbana.

No contexto da renovação de edifícios residenciais deteriorados no centro de Porto Alegre, a aplicação desse modelo representa uma alternativa à gentrificação e à expulsão das classes populares para periferias cada vez mais distantes. Em vez de favorecer a valorização especulativa dos imóveis e a expulsão dos habitantes originais, a propriedade coletiva possibilita a renovação urbana de forma inclusiva, garantindo que os antigos moradores possam permanecer em seus locais de origem, com condições dignas de moradia.

O Termo Territorial Coletivo não deve ser entendido como uma mera alternativa paliativa dentro do sistema atual, mas sim como um instrumento de transformação social. Longe de ser um apêndice das políticas públicas convencionais, deve constituir-se como um elemento central na luta pela reorganização do espaço urbano em bases coletivas, opostas à especulação e à acumulação privada da terra. A moradia não pode ser tratada como mercadoria, mas sim como direito inalienável da classe trabalhadora.

A relação de forças analisada para a aplicação do Termo Territorial Coletivo não deve ter um fim em si mesmas ou ser deterministas e fatalistas, mas devem ganhar caráter de atividade política prática, de práxis urbana, onde utiliza-se dessas informações para reconhecer os pontos frágeis e de menor resistência nos quais se possam pressionar na luta política e mesmo além dela. Essas análises apresentam formas passíveis de propaganda e agitação, além de

---

<sup>13</sup> FERNANDEZ, Patricia – **Centering community in the search for land tenure security: the experience of the Favela Community Land Trust Project in Rio de Janeiro**. Paris: Université Paris III Sorbonne Nouvelle, 2023. 126 p. Dissertação de mestrado.

autocrítica de cada parte, apresenta uma possibilidade de melhor organização política e teórica, na formulação de uma força constante que possa agir de maneira certa onde se abre a possibilidade, no momento em que a análise do movimento for consistente com as probabilidades de avanço.

Por fim, a versatilidade do Termo Territorial Coletivo permite sua aplicação em diferentes contextos urbanos, desde assentamentos informais até projetos habitacionais para trabalhadores de baixa renda. Mais do que uma solução pragmática, representa uma ruptura com a lógica da mercantilização da terra, pois estabelece mecanismos de gestão comunitária que garantem o controle popular sobre o espaço urbano. Sua adoção possibilita a regularização fundiária sem submeter as comunidades ao mercado imobiliário e, mais do que isso, insere-se na luta maior pelo direito à cidade e contra a alienação capitalista.

## Bibliografia

ALGOED, Line; HERNÁNDEZ-TORRALES, María E. – The land is ours. Vulnerabilization and resistance in informal settlements in Puerto Rico: Lessons from the Caño Martín Peña Community Land Trust. **Radical Housing Journal**. s.l.: s.ed., v. 1, n. 1 (2019), p. 29–47.

ALGOED, Line; HERNÁNDEZ-TORRALES, María E.; DEL VALLE, Lyvia Rodríguez – **El Fideicomiso de la Tierra del Caño Martín Peña: instrumento notable de regularización de suelo en asentamientos informales**. Cambridge: Lincoln Institute of Land Policy, 2018.

COMUNIDADES CATALISADORAS – **Guia Metodológico: Trabalhando com o Termo Territorial Coletivo**. Rio de Janeiro: Termo Territorial Coletivo, 2024.

COMUNIDADES CATALISADORAS – **Relatório Anual**. Rio de Janeiro: ComCat, 2023.

FERNANDEZ, Patricia – **Centering community in the search for land tenure security: the experience of the Favela Community Land Trust Project in Rio de Janeiro**. Paris: Université Paris III Sorbonne Nouvelle, 2023. 126 p. Dissertação de mestrado.

GRAMSCI, Antonio – **Cadernos do Cárcere, volume 03: Maquiavel, notas sobre o estado e a política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2024.

LITSEK, Felipe Cruz Akos – A experiência dos termos territoriais coletivos na promoção de moradia acessível e resistência à mercantilização da terra. **Revista e-Metrópolis**. Brasil: s.ed., v. 10, n. 39 (2019), p. 26–37.

LITSEK, Felipe Cruz Akos – A experiência dos Termos Territoriais Coletivos na promoção de moradia acessível e combate à mercantilização da terra. In: **Seminário de Iniciação Científica e Tecnológica da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro**, 27., 2019, Rio de Janeiro. Anais da XXVII Seminário de Iniciação Científica e Tecnológica da PUC-Rio. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2019. p. 22.



MARX, Karl – **O 18 de Brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, Karl – **Os Despossuídos: debates sobre a lei referente ao furto de madeira**. São Paulo: Boitempo, 2017.

MAYRINK, Priscilla; RIBEIRO, Tarcyla Fidalgo – Termo Territorial Coletivo. **RioOnWatch**. (ago. 2018). Disponível em: <https://rioonwatch.org.br/?tag=serie-conhecendo-o-ttc>. Acesso em: 7 set. 2024.

RIBEIRO, Tarcyla Fidalgo – **Termos Territoriais Coletivos e assentamentos informais: avaliando a viabilidade do instrumento Community Land Trust desenvolvido pelas comunidades do Caño Martín Peña no Porto Rico para as favelas do Rio de Janeiro, Brasil** – Parecer jurídico. Rio de Janeiro: Lincoln Institute of Land Policy, 2018.

RIBEIRO, Tarcyla Fidalgo – O Termo Territorial Coletivo e o Direito à Moradia Adequada: potencialidades a partir de uma experiência do Programa Minha Casa Minha Vida-Entidades. In: CARDOSO, Adauto Lúcio; D’OTTAVIANO, Camila (org.) – **Habitação e Direito à Cidade: desafios para as metrópoles em tempos de crise**. Rio de Janeiro: LetraCapital/Observatório das Metrópoles, 2021. p. 77–106.

RIBEIRO, Tarcyla Fidalgo et al. – Community Land Trusts in Informal Settlements: Adapting Features of Puerto Rico’s Caño Martín Peña CLT to Address Land Insecurity in the Favelas of Rio de Janeiro, Brazil. In: DAVIS, John Emmeus; ALGOED, Line; HERNÁNDEZ-TORRALES, María E. (org.) – **On Common Ground: International Perspectives on the Community Land Trust**. Madison, Wisconsin, USA: Terra Nostra Press, 2020. p. 211–235.

RIBEIRO, Tarcyla Fidalgo et al. – Em Busca de Novas Soluções para a Garantia de Segurança da Posse nas Cidades: A Experiência do Projeto Termo Territorial Coletivo no Rio de Janeiro. In: **Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional**, 20., 2023, Belém. Anais do XX ENANPUR. Belém: ANPUR, 2023. p. 1–18.

RIBEIRO, Tarcyla Fidalgo et al. – Experiências internacionais de Community Land Trusts e lições para a implementação do modelo no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**. Brasil, v. 24, n. 1, (2022).

RIBEIRO, Tarcyla Fidalgo – Os “Community Land Trusts”: potencialidades e desafios de sua implementação nas cidades brasileiras. **Revista de Direito da Cidade**. Rio de Janeiro: s.ed. Vol. 12, nº 1 (2020), p. 609–630.

RIBEIRO, Tarcyla Fidalgo et al. – O modelo dos Community Land Trusts no Norte e Sul Global: Possibilidades de aproximação no cenário brasileiro. In: **Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional**, 19., 2022, Blumenau. Anais do XIX ENANPUR. Blumenau: ANPUR, 2022. p. 16.

RIBEIRO, Tarcyla Fidalgo; ANTÃO, Renata Cristina do Nascimento – O Termo Territorial Coletivo como Alternativa Emancipatória à Aplicação da Propriedade Privada Clássica: Uma Mudança de Perspectiva. In: COUTINHO, Diogo R. et al. (org.) – **Propriedades em Transformação 2**. São Paulo: Editora Blucher, 2021. p. 188–209.

TAVARES, Alexandre Kramatschek – **Para a Crítica da Propriedade Coletiva: política habitacional brasileira, a questão da propriedade e o acesso à moradia no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2025. 400 p. Dissertação de mestrado.

WILLIAMSON, Theresa – **O Termo Territorial Coletivo (TTC) Aplicado às Favelas Poderia Resolver a Crise Mundial de Moradia Acessível? Reflexões do Rio de Janeiro: Uma inovação no uso da terra que tem tido sucesso nos EUA e em outros lugares pode ajudar a proteger comunidades assentadas informalmente de remoção e gentrificação, e dar a elas controle sobre o desenvolvimento**. s.l.: Land Lines, 2018.

WILLIAMSON, Theresa – The Favela Community Land Trust: A Sustainable Housing Model for the Global South. In: FITZ, Angelika; KRASNY, Elke (org.) – **Critical Care: Architecture and Urbanism for a Broken Planet**. Viena: Architekturzentrum Wien, 2019. p. 114–125.

# **Desvelar o Icônico: Revisão Crítica das Narrativas Canônicas no Ensino de Arquitetura sob uma Ótica Feminista**

**Thaysa Malaquias de Mello**

Programa de Pós-graduação em Arquitetura  
Universidade Federal do Rio de Janeiro  
[thaysa.malaquias@fau.ufrj.br](mailto:thaysa.malaquias@fau.ufrj.br)

**Ana M. G. Albano Amora**

Programa de Pós-graduação em Arquitetura  
Universidade Federal do Rio de Janeiro  
[aaamora@fau.ufrj.br](mailto:aaamora@fau.ufrj.br)

**Claudio Galeno-Ibaceta**

Escuela de Arquitectura  
Universidad Católica del Norte  
[cgaleno@ucn.cl](mailto:cgaleno@ucn.cl)

**Resumo:** Este artigo parte de uma pesquisa de doutorado em desenvolvimento, analisando criticamente o ensino da arquitetura sob uma perspectiva feminista interseccional, questionando os cânones disciplinares eurocêtricos e androcêtricos, demonstrando como a historiografia tradicional invisibilizou contribuições femininas no campo. Por meio da análise comparativa de obras emblemáticas do pós-guerra, Unité d'Habitation e Conjunto Pedregulho, o estudo evidencia suas convergências enquanto paradigmas modernos, assim como suas singularidades contextuais e sociais, especialmente no que tange à participação decisiva de mulheres em seus processos de concepção e implementação. Ao reconhecer essas contribuições historicamente marginalizadas, podemos, ainda assim, validar e reapropriar essas obras sob um novo olhar crítico e inclusivo. O estudo propõe a revisão destes paradigmas pedagógicos para incorporar saberes marginalizados, destacando a interseccionalidade como ferramenta fundamental para desestabilizar e repensar as hierarquias na produção do conhecimento arquitetônico.

**Palavras-chave:** ensino de arquitetura; cânone arquitetônico; feminismo interseccional; icônico; historiografia crítica.

## Introdução

O ensino da arquitetura, historicamente ancorado em uma historiografia canônica, eurocentrada e masculina, tem operado como instrumento de exclusão de saberes e sujeitos dissidentes. Diversos estudos têm evidenciado, ao longo do século XX e XXI, como os currículos e práticas pedagógicas reforçam estruturas de dominação, apagando contribuições de mulheres, povos racializados e epistemologias não ocidentais. Este artigo propõe uma reflexão crítica sobre essas dinâmicas excludentes e busca caminhos para uma pedagogia descentralizadora, feminista e decolonial.

Despina Stratigakos questiona a ausência de mulheres na historiografia e nos currículos, identificando um sistema disciplinar excludente<sup>1</sup>. No Brasil, Renata Simas e Ana Paula Baltazar defendem a inserção de outras experiências como forma de ruptura do cânone<sup>2</sup>.

Leslie Kanes Weisman aponta que a arquitetura se baseia em um sujeito universal masculino e branco<sup>3</sup>. Peggy Deamer desmonta o mito do arquiteto gênio, defendendo uma crítica à arquitetura como trabalho coletivo e inserido na lógica neoliberal<sup>4</sup>. No campo da educação, Santos propõe compreender a universidade como território de disputa<sup>5</sup>, enquanto Miller e Brown apresentam práticas pedagógicas feministas que tensionam narrativas dominantes<sup>6</sup>. Paulo Tavares propõe a pedagogia decolonial ancorada no território<sup>7</sup>; Sara Ahmed alerta para o uso instrumental da diversidade nas instituições<sup>8</sup>.

A constituição histórica da arquitetura como disciplina também reforçou exclusões. Anthony Vidler associa a canonização renascentista à legitimação de uma elite masculina<sup>9</sup>. A recuperação de De Architectura, de Vitruvius, e as obras de Alberti reforçaram um modelo excludente, hierarquizando o monumental sobre o cotidiano<sup>10</sup>. Como observa David Leatherbarrow e Mohsen Mostafavi, ao eleger a coluna dórica como símbolo de racionalidade, Alberti não apenas definiu um cânone estético, mas também excluiu técnicas vernaculares<sup>11</sup>. Já Andrea Palladio reforçou o vínculo entre arquitetura e poder estatal<sup>12</sup>. Joseph Rykwert analisa que o uso das ordens clássicas por

---

<sup>1</sup> RATIGAKOS, Despina. *Where Are the Women Architects?*. Princeton: Princeton University Press, 2016.

<sup>2</sup> SIMAS, Renata; BALTAZAR, Ana Paula. *História da Arquitetura e Urbanismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

<sup>3</sup> WEISMAN, Leslie Kanes. *Discrimination by Design: A Feminist Critique of the Man-made Environment*. Urbana: University of Illinois Press, 1992.

<sup>4</sup> DEAMER, Peggy. *The Architect as Worker: Immaterial Labor, the Creative Class, and the Politics of Design*. London: Bloomsbury, 2015.

<sup>5</sup> SANTOS, Boaventura de Sousa. *Currículo, Conhecimento e Verdade*. In: CANDAU, Vera Maria (org.). *Didática e compromisso social: ensaios sobre a prática educativa*. Petrópolis: Vozes, 2010.

<sup>6</sup> MILLER, Rebecca; BROWN, Lori. *Disrupting the Narrative: Women, Architecture and Pedagogy*. In: *The Routledge Companion to Women in Architecture*. London: Routledge, 2019.

<sup>7</sup> TAVARES, Paulo. *Arquitetura como Artificio*. In: RIBEIRO, Ana Fernandes (org.). *Arquitetura, Cidade e Território: Ensaios para uma crítica da colonialidade*. Salvador: EDUFBA, 2016.

<sup>8</sup> AHMED, Sara. *On Being Included: Racism and Diversity in Institutional Life*. Durham: Duke University Press, 2012.

<sup>9</sup> VIDLER, Anthony. *Histórias do Imediato: Teorias da Arquitetura Moderna*. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

<sup>10</sup> ALBERTI, Leon Battista. *De re aedificatoria*. [1485].

<sup>11</sup> LEATHERBARROW, David; MOSTAFAVI, Mohsen. *Surface Architecture*. Cambridge: MIT Press, 2002.

<sup>12</sup> PALLADIO, Andrea. *I Quattro Libri dell'Architettura*. Veneza: Dominico de' Franceschi, 1570.

Palladio não era neutro, mas sim uma operação ideológica voltada à manutenção de hierarquias sociais e estéticas<sup>13</sup>.

Essa apropriação seletiva dos princípios da Antiguidade ignorou, por exemplo, o papel das mulheres na construção doméstica greco-romana, na qual gerenciavam oficinas de cerâmica e tecelagem, atividades intimamente ligadas à arquitetura vernácula, bem como as contribuições de culturas não europeias, como a muçulmana, que haviam preservado e expandido o conhecimento clássico durante a Idade Média. Como observa Spiro Kostof, “o Renascimento não redescobriu a Antiguidade; reinventou-a, apagando suas contradições para criar uma narrativa de pureza e continuidade europeia”<sup>14</sup>.

Esse processo, como aponta Vidler, não foi meramente técnico, mas profundamente político, e a construção de um cânone arquitetônico serviu para legitimar a disciplina como campo erudito, distanciando-a deliberadamente do artesanato e vinculando-a às elites intelectuais masculinas<sup>15</sup>. A arquitetura, que até então coexistia com práticas construtivas coletivas e vernáculas, foi elevada à categoria de *ars liberalis*, um conhecimento digno dos círculos humanistas, como demonstra Françoise Choay<sup>16</sup>. Contribuindo para a discussão, Erwin Panofsky considera que o cânone renascentista transcendeu a mera seleção de exemplos, tornando-se uma metodologia pedagógica rigidamente estruturada<sup>17</sup>.

Diante desse percurso, esta pesquisa se insere na crítica à formação arquitetônica que perpetua desigualdades históricas e propõe o enfrentamento da exclusão estrutural no ensino da arquitetura por meio de novas metodologias, currículos inclusivos e da valorização de outras epistemologias.

Essa discussão conduz a um posicionamento iconoclasta ao questionar como o canônico e o icônico, frequentemente apresentados como verdades absolutas, são reproduzidos de forma praticamente inquestionável no ambiente acadêmico. Tais referências, tratadas como universais e neutras, operam como dispositivos de afirmação e manutenção de uma hegemonia disciplinar. A partir de uma perspectiva feminista interseccional, que compreende as opressões como estruturalmente entrelaçadas entre raça, gênero, classe, sexualidade e colonialidade, torna-se necessário desestabilizar essas categorias naturalizadas e revelar os mecanismos pelos quais certos saberes são legitimados enquanto outros são silenciados. Como propõe bell hooks, ao pensar a sala de aula como um ato de liberdade, é preciso que o ensino se transforme em prática de transgressão, permitindo que vozes historicamente marginalizadas passem a ocupar o centro da produção do conhecimento<sup>18</sup>. Assim, esta pesquisa propõe uma provocação crítica: como reconfigurar o ensino da arquitetura para que ele deixe de reproduzir um modelo normativo e abra espaço para a multiplicidade de experiências, subjetividades e epistemologias que constituem, de facto, o espaço habitado?

---

<sup>13</sup> RYKWERT, Joseph. *The Dancing Column: On Order in Architecture*. Cambridge: MIT Press, 1996.

<sup>14</sup> KOSTOF, Spiro. *A History of Architecture: Settings and Rituals*. Oxford: Oxford University Press, 1995.

<sup>15</sup> VIDLER, Anthony. *Histórias do Imediato: Teorias da Arquitetura Moderna*. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

<sup>16</sup> CHOAY, Françoise. *A Alegoria do Patrimônio*. Trad. Lucia M. Palma. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

<sup>17</sup> PANOFSKY, Erwin. *A Perspectiva como Forma Simbólica*. São Paulo: Perspectiva, 1991.

<sup>18</sup> HOOKS, bell. *Ensinando a Transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.



## **A perspectiva interseccional de gênero no ensino e no campo da arquitetura: o papel do corpo na constituição dos saberes e seus espaços**

A perspectiva feminista interseccional oferece uma chave fundamental para compreender as formas pelas quais os corpos, os saberes e os territórios têm sido historicamente excluídos da formação e da prática arquitetônica. Ao incorporar categorias como gênero, classe, sexualidade, territorialidade e racialização, essa abordagem permite desvelar as camadas de opressão que atravessam não apenas os espaços construídos, mas também os currículos, os paradigmas e os modos de produzir conhecimento em arquitetura.

Joan Scott define o gênero não como um dado biológico ou identitário, mas como uma construção histórica e social articulada por relações de poder<sup>19</sup>. Aplicado ao campo arquitetônico, esse referencial evidencia como o gesto projetual e o saber técnico foram generificados e racializados, conferindo à figura do "arquiteto genial" um perfil masculino, branco e autônomo, em detrimento da valorização de práticas cotidianas, relacionais, associadas ao cuidado, ao doméstico e ao feminino.

Essa normatividade do corpo autorizado a projetar também se inscreve no que Aníbal Quijano chama de "colonialidade do saber"<sup>20</sup> — a imposição de uma racionalidade eurocentrada como única forma legítima de produzir conhecimento, o que se expressa no ensino da arquitetura pela centralidade conferida a teorias, autores e obras da modernidade ocidental, invisibilizando saberes vernaculares, orais, femininos, negros, indígenas e comunitários.

Ao longo do século XX, os paradigmas curriculares e as narrativas historiográficas da arquitetura passaram a ser duramente questionados por reforçarem um cânone eurocêntrico, racializado e androcêntrico. Essa crítica se articula com aportes dos estudos feministas, das pedagogias críticas e da teoria decolonial, que oferecem ferramentas para desvelar os mecanismos de exclusão estruturais da disciplina.

A perspectiva interseccional, formulada por Kimberlé Crenshaw e desenvolvida por Patricia Hill Collins<sup>21</sup>, permite compreender como opressões de gênero, raça e classe se entrelaçam na invisibilização de arquitetas negras, indígenas e de outros grupos subalternizados.

No campo da teoria decolonial, Walter Dignolo propõe o conceito de “pensamento fronteiro” como alternativa à epistemologia colonial que hierarquiza saberes, enquanto Catherine Walsh defende uma interculturalidade crítica voltada à valorização dos saberes locais<sup>22</sup>. Ao evidenciar a divisão entre a arquitetura “erudita” e os saberes

---

<sup>19</sup> SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, v. 16, n. 2, p. 5–22, 1991.

<sup>20</sup> QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: Lander, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

<sup>21</sup> CRENSHAW, Kimberlé. *Demarginalizing the Intersection of Race and Sex*. University of Chicago Legal Forum, 1989. COLLINS, Patricia Hill. *Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment*. 2. ed. New York: Routledge, 2000.

<sup>22</sup> MIGNOLO, Walter. Epistemologias do sul e pensamento de fronteira. In: Santos, Boaventura de Sousa (org.). *Conhecimento prudente para uma vida decente*. São Paulo: Cortez, 2008. WALSH, Catherine. Interculturalidade crítica e educação. *Revista Educação & Sociedade*, v. 30, n. 109, p. 57–73, 2009.

construtivos populares, estes autores revelam como a produção arquitetônica foi moldada por relações coloniais que seguem operando na contemporaneidade.

As pedagogias críticas reforçam essa abordagem. Paulo Freire denuncia a “educação bancária”, que silencia os estudantes<sup>23</sup>, enquanto bell hooks propõe uma prática pedagógica libertadora, que reconheça a pluralidade de vozes e experiências<sup>24</sup>. Essas reflexões, aplicadas ao ensino da arquitetura, questionam a centralidade de autores europeus e propõem currículos pluriversos. Nesse cenário, o feminismo na arquitetura busca enfrentar a sub-representação histórica das mulheres na profissão e nos espaços de decisão. Além disso, questiona como o ambiente construído pode reforçar ou desafiar desigualdades de gênero, propondo atenção a fatores como segurança, acessibilidade e bem-estar, frequentemente negligenciados nos projetos tradicionais.

A crítica ao espaço enquanto dispositivo de dominação é aprofundada por autores como Bourdieu, Lefebvre e Foucault. Para Bourdieu, o espaço é um campo de disputas simbólicas, onde os corpos são classificados segundo critérios de distinção legitimados pelos detentores de capital<sup>25</sup>. Michel Foucault entende o corpo como objeto e instrumento de controle social<sup>26</sup>, enquanto Henri Lefebvre associa o domínio dos corpos à estrutura jurídico-política da propriedade privada<sup>27</sup>. A arquitetura, nesse contexto, é um campo onde se reproduzem — e podem ser tensionadas — as normativas que definem quem pertence, quem decide e quem habita. Como afirma Marina Lima de Fontes, a arquitetura, tendo como objeto de trabalho o espaço e o não-espaço, tem sua produção, reprodução e representação constituídas por questões de gênero e do corpo<sup>28</sup>.

Esses corpos dissidentes, que escapam ao modelo hegemônico branco, masculino e heteronormativo, não apenas ocupam espaços, mas desafiam suas lógicas fundacionais. Por isso, são compreendidos aqui como corpos desobedientes: agentes de transformação que, ao reconfigurarem os modos de habitar e projetar, subvertem a estrutura espacial da exclusão. Para a crítica literária e feminista Elizabeth Grosz, há uma consequência direta das manifestações dissidentes da lógica dualista<sup>29</sup>, especialmente no que se refere ao “tornar-se mulher”<sup>30</sup>. Embora os conceitos de social, cultural, coletivo e comunitário sempre tenham orientado os interesses arquitetônicos masculinistas, é a condição externa da comunidade, o estrangeiro ou o estranho, que serve para filtrar e solidificar uma comunidade como um interior reconhecível e excludente.

Grosz também explora a relação entre arquitetura e corpo, argumentando que, embora a disciplina incorpore o corpo humano, frequentemente o faz de forma latente ou virtual<sup>31</sup>.

---

<sup>23</sup> FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987..

<sup>24</sup> HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

<sup>25</sup> BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

<sup>26</sup> FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 2008.

<sup>27</sup> LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 1999

<sup>28</sup> FONTES, Marina Lima de. *Corpos urbanos: gênero e arquitetura*. São Paulo: Annablume, 2016.

<sup>29</sup> GROSZ, Elizabeth. *Architecture from the Outside: Essays on Virtual and Real Space*. Cambridge: MIT Press, 2001, p. 12.

<sup>30</sup> No âmbito do existencialismo, em sua obra “O Segundo Sexo” (1949), Simone Beauvoir desenvolve o conceito de “tornar-se mulher” como construção social, não biológica. Sua abordagem existencialista mostra como a identidade feminina é formada por condicionamentos, defendendo a autodeterminação como caminho para emancipação. Obra fundamental para o feminismo moderno.

<sup>31</sup> Ibid

A arquitetura, segundo ela, é uma das formas de arte que mais significativamente acolhe a presença física e a experiência corporal das pessoas, dada sua natureza pluridimensional e prática. No entanto, apesar dessa potencialidade, ignora com frequência a consideração da diferença sexual e da racialização da corporificação.

A autora aponta como arquitetos como Le Corbusier abordaram o corpo de maneira implicitamente marcada por gênero, embora essa perspectiva ainda seja amplamente negligenciada<sup>32</sup>. Grosz desafia a disciplina a repensar sua própria estrutura, reconhecendo que a maioria dos teóricos admite a dominação masculina no campo, mas que a solução não reside apenas na maior presença de mulheres, e sim em uma revisão profunda das abordagens e fundamentos da arquitetura. Como ela afirma:

(...) repensar os próprios termos da disciplina à luz de sua exclusão da questão da diferença sexual- isto é, ver a disciplina como falocêntrica em sua estrutura. A arquitetura, no entanto, é mais aberta às concepções de corporificação do que muitas outras disciplinas, talvez por isso ela tenha buscado ativamente se abrir para intervenções desconstrutivas e nômades incentivadas pela obra de Derrida, Foucault e outros. Traços do corpo estão sempre presentes na arquitetura.<sup>33</sup>

Para expandir a discussão sobre feminismo na arquitetura, é importante explorar as formas como o gênero influencia a maneira como projetamos, construímos e habitamos os espaços. As questões de gênero são complexas e interconectadas, e analisá-las na arquitetura deve levar em consideração não apenas as desigualdades de gênero, mas também as interseções com outras formas de opressão, como raça, classe e orientação sexual.

Os espaços públicos frequentemente são projetados com base nas experiências masculinas, negligenciando as necessidades e preocupações das mulheres e de outras pessoas que enfrentam múltiplas formas de desigualdade. Essas preocupações podem incluir a falta de banheiros públicos femininos suficientes ou bem localizados, a ausência de áreas de amamentação para mães, acessibilidade inadequada para carrinhos de bebê e cadeirantes, ou até mesmo a falta de iluminação adequada e segurança em espaços públicos noturnos. Portanto, é crucial reconhecer que as desigualdades de gênero se intersectam com questões de acessibilidade, parentalidade e segurança, entre outras, impactando de forma desproporcional pessoas que pertencem a múltiplos grupos marginalizados.

Também é fundamental considerar como a arquitetura pode ser usada para promover a igualdade de gênero em termos de acesso a serviços e recursos. Isso inclui a criação de espaços seguros e acolhedores para mulheres em situações de vulnerabilidade, como mulheres em situação de rua, mulheres vítimas de violência doméstica e mulheres migrantes. Contudo, é importante lembrar que a discussão sobre feminismo na arquitetura não é apenas sobre a inclusão das mulheres e seu reconhecimento na profissão, mas sobre a criação de um ambiente construído mais inclusivo, justo e igualitário para todas as pessoas, independentemente do gênero. Isso exige uma abordagem holística que leve em conta a interseção entre gênero, raça, classe e outras

---

<sup>32</sup> Ibid

<sup>33</sup> Ibid.,p.14. Tradução da própria

formas de opressão, para garantir que a arquitetura seja uma ferramenta para a justiça social e a igualdade de oportunidades.

Neste contexto, a nossa pesquisa parte do reconhecimento de que a crítica ao cânone arquitetônico exige mais do que a inclusão pontual de vozes marginalizadas, pois demanda a transformação radical das estruturas de produção e transmissão do conhecimento.

### **Objetividade feminista e práticas de conhecimento situado**

No contexto da crítica feminista à produção de conhecimento científico, a noção de objetividade assume contornos particularmente instáveis. A objetividade, historicamente concebida como isenta, neutra e descorporificada, tem sido questionada por autoras que evidenciam sua implicação com regimes de poder e exclusão. Donna Haraway propõe um deslocamento radical dessa concepção de neutralidade universal, defendendo uma “objetividade corporificada”, ancorada em posicionamentos parciais, situados e comprometidos eticamente com a responsabilidade epistêmica<sup>34</sup>.

Para Haraway, o conhecimento não se produz à parte do mundo, mas a partir de posições enraizadas em experiências corporais, sociais e políticas. O discurso científico tradicional, ao desqualificar tais posições como subjetivas, relega os saberes feministas à condição de “grupos de interesse especial”<sup>35</sup>, o que revela o quanto a objetividade dominante é atravessada por relações de dominação. Nesse sentido, a autora recupera o conceito de “ciência sucessora” de Sandra Harding como proposta metodológica que afirma a legitimidade de formas alternativas de objetividade<sup>36</sup>. A ciência sucessora, ao contrário do relativismo epistêmico, reconhece que nem todo conhecimento tem o mesmo grau de confiabilidade, e que perspectivas corporificadas podem produzir descrições mais ricas e fiéis do mundo.

A proposta de Haraway articula-se, portanto, com a recusa tanto da ilusão de totalidade quanto do ceticismo radical. Para a autora, a saída está nos “saberes parciais, localizáveis e críticos”<sup>37</sup>, que não se pretendem neutros, mas se sustentam na responsabilidade política de quem os enuncia. Nesse sentido, a objetividade feminista não busca escapar do corpo, mas se ancorar nele como condição epistemológica e ética. Isso, segundo a autora, exige atenção às condições de tradução entre diferentes comunidades de saber e vigilância constante contra a apropriação romântica das vozes subalternizadas, que também devem ser submetidas à crítica, desconstrução e interpretação.

Ao propor uma ética da visão situada, a autora subverte o paradigma da visão como distanciamento e dominação – historicamente associado ao olhar masculino e colonial – e reivindica o olhar como prática comprometida, sensível à parcialidade e à historicidade dos sujeitos. “Ter uma visão de baixo não é algo não problemático ou que se aprenda facilmente”<sup>38</sup>, adverte a autora, ao lembrar que mesmo os saberes subjugados não estão isentos de reavaliação crítica.

---

<sup>34</sup> HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. In: Cadernos Pagu, n. 5, 1995, p. 7-40.

<sup>35</sup> Ibid., p.8

<sup>36</sup> HARDING, Sandra. The Science Question in Feminism. Ithaca: Cornell University Press, 1986.

<sup>37</sup> HARAWAY, Donna. Op. cit., p. 23.

<sup>38</sup> HARAWAY, Donna. Op. cit., p. 22.

Essa concepção é fundamental para pensar uma metodologia feminista aplicada ao ensino da arquitetura. O que se propõe aqui não é apenas a inclusão de mulheres como objetos de análise, mas o reconhecimento das mulheres, e de outros sujeitos marginalizados, como produtoras de conhecimento e de espaço. Isso significa considerar que a condição de gênero, de classe, de raça e de localização geopolítica incide diretamente na forma como o espaço é vivido, concebido e projetado.

A crítica de Donna Haraway à ideia de ciência como linguagem universal única – que ignora os múltiplos modos de ver e habitar o mundo – se articula ao desafio de desnaturalizar os cânones da arquitetura. Isso inclui questionar quem define o que é relevante, o que deve ser ensinado e quem são os sujeitos reconhecidos como legítimos produtores de saber arquitetônico. Ao reconhecer que o conhecimento é mediado por relações de poder, o feminismo exige que as metodologias projetuais se abram para outras formas de escuta, diálogo e tradução de saberes, inclusive os não técnicos, não letrados, territoriais, comunitários e ancestrais.

Partimos, portanto, do princípio de que não há pedagogia arquitetônica neutra. Todo ensino é também um posicionamento político. Assumir uma metodologia feminista implica reconhecer a multiplicidade de olhares e experiências corporificadas na constituição do espaço, construir práticas pedagógicas comprometidas com a equidade e a justiça, e revisar criticamente os próprios instrumentos de avaliação, representação e autoria disciplinar.

### **E porque falar de habitação?**

Entre as diversas tipologias arquitetônicas que poderiam revelar como o espaço afeta os corpos, escolhemos focar na habitação. Embora os campos da saúde e da educação também permitam essa análise, é na casa, espaço cotidiano e aparentemente neutro, que as normas sociais atuam de forma mais persistente e silenciosa, moldando subjetividades e reforçando desigualdades de gênero e outras formas de opressão.

Discutir habitação sob uma perspectiva feminista exige compreender a casa não apenas como um artefato arquitetônico, mas como um dispositivo cultural e político que estrutura relações sociais e de poder. Genovez e Duarte consideram a casa um elemento formador da vida em sociedade, construída a partir de relações históricas e culturais<sup>39</sup>. Nas palavras de Schettino, “se a função passiva da casa é a provisão de um teto, sua finalidade é a criação de um entorno mais adequado ao modo de vida de um povo, em outras palavras, uma unidade espacial social”<sup>40</sup>.

Essa espacialidade do cotidiano, no entanto, não se apresenta de forma neutra. Como já apontava a Cooperativa Feminista de Arquitetas Matrix, a casa, para as mulheres, sempre foi um território ambíguo<sup>41</sup>: ao mesmo tempo refúgio e cárcere, local de cuidado e espaço de trabalho não remunerado. “Como mulheres, presume-se que seremos, em última instância, responsáveis pela manutenção e manutenção geral de nossas casas,

---

<sup>39</sup> GENOVEZ, Patrícia Falco; DUARTE, T. S.. Arquitetura e gênero: os desafios da formação profissional e do mercado de trabalho. Revista Caderno Espaço Feminino do Núcleo de Estudos de Gênero e Pesquisa sobre a Mulher, v. 32, p. 315-343, 2019.

<sup>40</sup> Schettino, 2012, p. 15 apud Genovez; Duarte, 2019, p. 319.

<sup>41</sup> MATRIX. Making Space: Women And The Man-made Environment. Londres: Pluto Press Limited, 1984.



quer tenhamos outro emprego ou não”<sup>42</sup>. A modernidade arquitetônica não rompeu com essa lógica; ao contrário, reconfigurou-a sob novos moldes.

Escolhemos como recorte temporal o pós-Segunda Guerra Mundial pela efervescência de transformações que afetaram diretamente o modo de habitar, mas sem romper com os paradigmas de gênero. Colomina analisa como a arquitetura doméstica moderna manteve, sob um discurso de progresso, a segregação sexual do espaço. Ela aponta que a casa moderna operou como um dispositivo de gênero: mesmo ao adotar elementos de integração espacial, como as plantas livres, manteve a divisão simbólica entre os espaços de produção masculina e os de reprodução feminina<sup>43</sup>.

A racionalização técnica da casa, intensificada nesse período, é tratada por Giedion, que examina os efeitos da mecanização do lar. Apesar de reconhecer os avanços em termos de conforto e eficiência, demonstra como a modernização da casa se deu em paralelo à manutenção da divisão sexual do trabalho. Os eletrodomésticos, em vez de redistribuir responsabilidades, aumentaram a pressão sobre as mulheres para uma administração eficaz do lar. O projeto da Frankfurt Kitchen, de Schütte-Lihotzky, símbolo desse momento histórico, é exemplar dessa ambiguidade, pois, ao mesmo tempo em que visava otimizar o trabalho doméstico feminino, reiterava a centralidade da mulher no espaço privado. Giedion revela que a cozinha racionalizada foi celebrada como símbolo de progresso técnico, mas manteve intactas as hierarquias de gênero<sup>44</sup>.

Essa contradição é explorada também pela Cooperativa Feminista Matrix, que destaca que mesmo as habitações modernas perpetuaram uma lógica generificada do espaço: para homens, a casa era um refúgio do trabalho assalariado; para mulheres, uma extensão não remunerada dele. A organização espacial dos lares, com cozinhas isoladas e escritórios domésticos integrados, materializou essa divisão, demonstrando que os avanços técnicos nem sempre resultaram em transformações sociais<sup>45</sup>.

Beatriz Colomina reforça esse argumento ao relacionar o espaço doméstico às lógicas militares do pós-guerra, onde a casa se transforma em um “front silencioso” de vigilância sobre o corpo feminino. A arquitetura, nesse contexto, assume o papel de ferramenta disciplinadora, regulando condutas e reafirmando normas de gênero sob a aparência de neutralidade espacial<sup>46</sup>.

Portanto, falar de habitação, especialmente no contexto pós-guerra, é evidenciar como a arquitetura se constituiu e ainda se constitui como agente ativo na produção e manutenção de desigualdades. Ao mesmo tempo, reconhecer essa dimensão política do espaço permite vislumbrar sua potência transformadora. Se o ambiente construído reforça formas de dominação, ele também pode e deve ser reconfigurado como território de resistência, onde novos pactos espaciais sejam possíveis.

---

<sup>42</sup> Op. cit., p. 1-2.

<sup>43</sup> COLOMINA, Beatriz. *Privacy and Publicity: Modern Architecture as Mass Media*. Cambridge: MIT Press, 1994.

<sup>44</sup> GIEDION, Siegfried. *Mechanization Takes Command*. New York: Oxford University Press, 1948.

<sup>45</sup> MATRIX. Op.cit.

<sup>46</sup> COLOMINA, Beatriz. *Domesticity at War*. Cambridge: MIT Press, 2007.

## **Revisitando o Canônico Moderno: Análise das obras icônicas da Arquitetura Moderna Habitacional – Conjunto Pedregulho e Unité D’habitation (1947)**

A proposta final desta pesquisa é analisar comparativamente duas obras emblemáticas da arquitetura moderna do pós-Segunda Guerra Mundial: a “Unité d’Habitation”, de Le Corbusier, em Marselha, e o Conjunto Habitacional Pedregulho, no Rio de Janeiro, de Affonso Eduardo Reidy com participação decisiva de Carmen Portinho. Ambos os projetos, desenvolvidos a partir de 1947, respondem a contextos distintos: reconstrução urbana europeia e modernização urbana brasileira.

A análise parte da leitura desses ícones modernos habitacionais para destacar um aspecto frequentemente negligenciado na historiografia: a atuação de mulheres nos processos de concepção e suas possíveis colaborações para o campo e suas metodologias. No caso francês, a colaboração de Charlotte Perriand foi essencial, embora muitas vezes restrita ao design de interiores. No Brasil, Carmen Portinho teve papel político e técnico central, coordenando o Departamento de Habitação Popular e incorporando inovações voltadas à vida cotidiana das mulheres, como creches e lavanderias coletivas. Refletir sobre essas trajetórias permite tensionar apagamentos estruturais e hierarquias de gênero ainda presentes no ensino e na crítica arquitetônica.

O contexto do pós-guerra impulsionou tanto a reconstrução europeia quanto a modernização na América Latina. Na França, a “Unité d’Habitation” (1947–1952) sintetizava moradia, lazer, comércio e educação em uma estrutura vertical e multifuncional. Le Corbusier (1964) descreveu o edifício como uma máquina de morar e um modelo de vida coletiva e organizada, fundado em padrões estabelecidos pelo Modulor. Segundo Frampton, o projeto respondia à crise habitacional com racionalidade e beleza, encarnando os ideais modernos num momento de reconstrução física e simbólica da Europa<sup>47</sup>.

No Brasil, o Conjunto Pedregulho (1947–1953), financiado pelo Instituto de Previdência Social, reinterpretava os princípios modernos<sup>48</sup> segundo condições locais de clima, topografia e cultura. Mindlin o descreve como um marco na arquitetura moderna brasileira, pela combinação entre compromisso social e qualidade projetual. Vásquez (1997) reforça que o chamado “modernismo tropical” foi uma reinvenção crítica, e não mera cópia dos modelos europeus<sup>49</sup>. Em 1955, Henry-Russell Hitchcock, em texto para a exposição do MoMA, destacou o Conjunto Pedregulho como um exemplo notável de habitação popular no século XX, comparando seu bloco principal às obras norte-africanas de Le Corbusier e elogiando a implantação em terreno em aclave, os equipamentos comunitários, os dispositivos de controle solar e a expressão cromática dos azulejos, considerando a solução do bloco elevado uma das mais bem-sucedidas para edificações econômicas de grande escala<sup>50</sup>.

---

<sup>47</sup> FRAMPTON, Kenneth. História crítica da arquitetura moderna. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

<sup>48</sup> Os chamados “princípios modernos” têm origem nos debates dos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna (CIAM), particularmente na Carta de Atenas (1933, publicada em 1943), sob influência de Le Corbusier. Entre esses princípios, destacam-se a ênfase na função habitacional como eixo organizador do espaço urbano; a zonificação funcional (habitar, trabalhar, circular, recrear); o uso de tecnologias modernas e da racionalização construtiva; além da valorização da ventilação, insolação e espaços livres. Esses fundamentos foram amplamente difundidos como modelo internacional, ainda que reinterpretados em diferentes contextos.

<sup>49</sup> MINDLIN, Henrique E. Arquitetura Moderna no Brasil. 2nd ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999.

<sup>50</sup> HITCHCOCK, Henry-Russell – Latin American Architecture since 1945. Nova Iorque: The Museum of Modern Art, 1955. Fotografias de Rollie McKenna.

Embora ambas as obras compartilhassem o ideal transformador da arquitetura, apresentavam diferenças cruciais. A atuação de Perriand foi importante, trazendo pragmatismo de um design funcional e prático das unidades residenciais, mas também com certa limitação pelas barreiras dos papéis de gênero, bastante presentes no projeto, colocando a mulher em sua condição de domesticidade. Portinho, por sua vez, incorporou serviços voltados à vida das mulheres trabalhadoras, como creches e lavanderias.

A história da arquitetura moderna privilegia a figura masculina do “gênio solitário”, apagando redes colaborativas marcadas por desigualdades estruturais. Projetos como a “Unité d’Habitation” e o Pedregulho, mesmo formulados a partir de contextos específicos, foram posteriormente consagrados como soluções universais. Essa universalização desconsidera as condições sociais e de gênero que os constituíram. Incorporar essas leituras no ensino é fundamental para propor currículos mais críticos, plurais e atentos às múltiplas dimensões que conformam o espaço habitado.

### Considerações Finais

O presente estudo evidencia como o ensino da arquitetura, ao se estruturar em torno de um cânone eurocêntrico e androcêntrico, perpetua exclusões que marginalizam contribuições fundamentais para a disciplina. A análise das obras icônicas do pós-guerra como a Unité d’Habitation e o Conjunto Pedregulho pode revelar não apenas suas convergências enquanto paradigmas da arquitetura moderna, mas também suas particularidades contextuais, destacando como a historiografia tradicional apagou o papel das mulheres em sua concepção e implementação.

A perspectiva feminista interseccional mostra-se essencial para desnaturalizar essas hierarquias, demonstrando que a arquitetura é tanto um campo de reprodução de poder quanto de potencial transformação. Ao tensionar os limites do cânone, este artigo reforça a urgência de revisões pedagógicas que incorporem epistemologias plurais, valorizando saberes historicamente silenciados. A desconstrução crítica desses modelos não se trata, portanto, de um mero ajuste historiográfico, mas de um reposicionamento ético e político do ensino da arquitetura — um passo necessário para que a disciplina dialogue, de fato, com a diversidade de corpos, territórios e experiências que conformam o espaço habitado.

Como desdobramento, sugere-se a ampliação desta discussão para outros estudos de caso, abarcando diferentes contextos geográficos e temporais, além da elaboração de diretrizes concretas para a reformulação de currículos em arquitetura, com ênfase na interseccionalidade como eixo estruturante.

### Bibliografia

AHMED, Sara – **On Being Included: Racism and Diversity in Institutional Life**. Durham: Duke University Press, 2012.

BOURDIEU, Pierre – **A Dominação Masculina**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BOURDIEU, Pierre – **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2004.

BROWN, Lori A. – **Feminist Practices: Interdisciplinary Approaches to Women in Architecture**. Londres: Routledge, 2011.

CHOAY, Françoise – **A alegoria do patrimônio**. Tradução de Lucia Machado. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

COLOMINA, Beatriz – **Domesticity at war**. Cambridge: MIT Press, 2007.

COLOMINA, Beatriz – **Privacy and publicity: modern architecture as mass media**. Cambridge: MIT Press, 1994.

COLLINS, Patricia Hill – **Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment**. 2. ed. New York: Routledge, 2000.

CRENSHAW, Kimberlé – **Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics**. *University of Chicago Legal Forum*, v. 1989, n. 1, p. 139-167, 1989.

FONTES, Marina Lima de – **Mulheres invisíveis: a produção feminina brasileira na arquitetura impressa no século XX por uma perspectiva feminista**. 2016. 73 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)—Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

FOUCAULT, Michel – **O Nascimento da Biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FRAMPTON, Kenneth. **História crítica da arquitetura moderna**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FREIRE, Paulo – **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FRIEDMAN, Alice T. – **Women and the Making of the Modern House: A Social and Architectural History**. 2. ed. New Haven: Yale University Press, 2018.

GENOVEZ, Patrícia Falco; DUARTE, T. S.. **Arquitetura e gênero: os desafios da formação profissional e do mercado de trabalho**. *Revista Caderno Espaço Feminino do Núcleo de Estudos de Gênero e Pesquisa sobre a Mulher*, v. 32, p. 315-343, 2019.

GIEDION, Sigfried – **Space, Time and Architecture: The Growth of a New Tradition**. Cambridge: Harvard University Press, 1941.

HARAWAY, Donna – **Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial**. *Cadernos Pagu*, n. 5, p. 7-42, 1995.

HITCHCOCK, Henry-Russell – **Latin American Architecture since 1945**. Nova Iorque: The Museum of Modern Art, 1955. Fotografias de Rollie McKenna.

HOOKS, bell – **Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

KOSTOF, Spiro – **A History of Architecture: Settings and Rituals**. 2. ed. New York: Oxford University Press, 1995.

LE CORBUSIER. **Manière de penser l'urbanisme**. Paris: Éditions de Minuit, 1964.

LEATHERBARROW, David; MOSTAFAVI, Mohsen – **Surface Architecture**. Cambridge: MIT Press, 2002.

LU, Duanfang (ed.) – **Third World Modernism: Architecture, Development and Identity**. London: Routledge, 2010.

MATRIX. **Making Space: Women And The Man-made Environment**. Londres: Pluto Press Limited, 1984.

MINDLIN, Henrique E. **Arquitetura Moderna no Brasil**. 2nd ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999.

MIGNOLO, Walter – **Local Histories/Global Designs: Coloniality, Subaltern Knowledges, and Border Thinking**. Princeton: Princeton University Press, 2008.

MILLER, Delanie R.; BROWN, Lori A. – **Disrupting the narrative: tactics for teaching histories of architecture**. In: ANTHONY, Kathryn H. (ed.). *Gender and architecture: intersections and pedagogies*. New York: Routledge, 2019.

MUMFORD, Eric – **The CIAM Discourse on Urbanism, 1928–1960**. Cambridge: MIT Press, 2000.

PANOFSKY, Erwin – **A perspectiva como forma simbólica**. Tradução de Juan Calatrava. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

QUIJANO, Aníbal – **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. In: LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. 3. ed. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 107–130.

RYKWERT, Joseph – **The Dancing Column: On Order in Architecture**. Cambridge: MIT Press, 1996.

SANTOS, Catarina de Almeida – **Currículo, conhecimento e verdade: desafios para a construção de uma universidade democrática**. Brasília: Plano Editora, 2010.

SCOTT, Joan W. – **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71–99, jul./dez. 1995.

SIMAS, Renata; BALTAZAR, Ana Paula – **História da Arquitetura e Urbanismo no Brasil: entre cânones e experiências críticas**. *Revista Arquitextos*, São Paulo, v. 21, n. 244, 2020.

STRATIGAKOS, Despina – **Where Are the Women Architects?** Nova York: Princeton University Press, 2016.



TAVARES, Paulo – **Arquitetura como artifício**. *Revista PISEAGRAMA*, n. 10, 2016.

VÁSQUEZ, Pedro. **Arquitetura moderna no Brasil: identidade nacional e internacionalismo**. São Paulo: Cosac Naify, 1997.

VIDLER, Anthony – **Histories of the Immediate Present: Inventing Architectural Modernism**. Cambridge: MIT Press, 2008.

WALSH, Catherine – **Interculturalidad, Estado, Sociedad: Luchas (de)coloniales de nuestra época**. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar, 2009.

WEISMAN, Leslie Kanes – **Discrimination by design: a feminist critique of the man-made environment**. Urbana: University of Illinois Press, 1992.

## Procura das raízes. Fragmentos da vida e obra de Álvaro Siza

**Cláudia Batista**

Universidade de Évora

CHAIA- Centro de História de Arte e Investigação Artística

[claudia.batista@uevora.pt](mailto:claudia.batista@uevora.pt)

**Pedro Guilherme**

Universidade de Évora

CHAIA - Centro de História de Arte e Investigação Artística

[pmg@uevora.pt](mailto:pmg@uevora.pt)

**Sofia Salema**

Universidade de Évora

CHAIA- Centro de História de Arte e Investigação Artística

[ssalema@uevora.pt](mailto:ssalema@uevora.pt)

**Resumo:** Álvaro Siza (1933) inscreve-se na história da arquitetura como um poeta ao serviço do habitar, cujo legado construído se tem pautado por um método enraizado numa leitura singular do contexto, assente no desenho como prefigurador da obra por vir. Não obstante o consenso académico em torno destes valores contextualistas, persiste uma lacuna crítica numa revisão transversal dos seus padrões de pensamento históricos. Este artigo propõe mapear e clarificar alguns dos princípios metodológicos do arquiteto, anteriores aos desafios da construção, tendo por base uma janela temporal que coincide com um esforço de sistematização do seu arquivo, expresso em diários gráficos (1977-1990). Seguiu-se o rasto do pensamento do arquitecto, patente em esboços, desenhos e palavras, na tentativa de reconstituir a matriz conceptual, epistemológica e formal do seu método, isto é, as raízes do seu pensamento. De modo a destrinçar algumas invariantes deste complexo processo de produção de conhecimento, sem redundar no dogmatismo, o aporte teórico recupera a metáfora do rizoma, enquanto sistema horizontal, multidimensional e múltiplo, na linha do pensamento de Gilles Deleuze e Guattari: através de sucessivas operações de especulação, quantificação, qualificação e síntese, os objectos e operações do pensamento traduzem-se em rizomas, fiéis aos ritmos do processo criativo, o que contribui para refundar leituras canónicas na história da disciplina.

**Palavras-chave:** Álvaro Siza - Desenho como instrumento – Fenomenologia do lugar – Cartografia – Método conceptual

## Introdução

Como objectivo geral propõe-se investigar a teoria de arquitectura a partir do seu processo, anterior à obra construída, expresso num arquivo de desenhos, fotografias e textos, tendo por base um dos arquitectos que redefiniu os dogmas do movimento moderno no século XX, pelo seu diálogo com o contexto e simultânea capacidade de transformação.<sup>1</sup>

Do ponto de vista conceptual, elegeu-se a temática do desenho como linguagem e ferramenta operativa numa fase inicial de concepção e as operações criativas subjacentes ao acto de projectar para descodificar o seu saber-fazer (conhecimento tácito).

Num enquadramento geral, apesar da existência de um corpo significativo de estudos monográficos sobre o método e pensamento projectual do arquiteto, assim como exposições exemplares – destacam-se os trabalhos de Testa<sup>2</sup>, Frampton<sup>3</sup>, Gregotti (2001), Curtis<sup>4</sup>, Grande<sup>5</sup> e Muro<sup>6</sup>-, permanece por realizar uma análise cruzada que explore e mapeie os seus padrões de pensamento históricos.

A partir de uma selecção de um conjunto de obras de Siza, entre as quais se destaca o projecto do Bairro da Malagueira<sup>7</sup>, pela sua longevidade e complexidade urbana, questionam-se alguns dos fundamentos do próprio acto de fazer arquitectura, transversais à diversidade das circunstâncias contextuais e tipológicas, o que torna possível a cartografia dessas matrizes epistemológicas. É adoptada uma metodologia baseada no research by design, posicionando o desenho simultaneamente como objecto de estudo e como instrumento de investigação.

O desenho está ao serviço da produção de conhecimento, isto é, espacializa, de forma não linear, subjectividades, que espelham os ritmos do pensamento. Trata-se, pois, de um corpo gráfico especulativo e experimental dotado de uma «capacidade argumentativa e afirmativa tal, que influencia(m) não o desenhar mas o fazer arquitectura, com a mesma força de um tratado ou manifesto.»<sup>8</sup>

Num primeiro momento, inquirem-se os objetos do pensamento, a partir de conceitos operativos (epistemes) como o tempo, a história, a paisagem, o fragmento e o lugar; num

---

<sup>1</sup> GIROT, Christophe; KIRCHENGAST, Albert (EDS.) - **Nature Modern: the place of landscape in the modern movement**. Landscript. Berlin : Jovis Verlag GmbH, 2017. p.189/213

<sup>2</sup> TESTA, Peter - **Alvaro Siza**. Coleção Arquitectos. 1. ed ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

<sup>3</sup> FRAMPTON, Kenneth; SIZA, Álvaro (EDS.) - **Alvaro Siza: professione poetica = Alvaro Siza: poetic profession**. Quaderni di Lotus. Milano: Electa, 1986.

SIZA, Álvaro; FRAMPTON, Kenneth - **Álvaro Siza: complete works**. London: Phaidon, 2000.

<sup>4</sup> CURTIS, William J. R. - **Modern architecture since 1900**. 3. ed., rev.expanded and redesigned, reprinted, twice ed. London: Phaidon, 2006.

<sup>5</sup> GRANDE, Nuno - **Cumplicidades: nos percursos de Álvaro Siza e Eduardo Souto de Moura**. Porto: Circo de Ideias, 2023.

<sup>6</sup> SIZA, Álvaro; GRANDE, Nuno; MURO, Carles - **Álvaro Siza: in/discipline**. Porto: Serralves, 2019.

<sup>7</sup> Parte da investigação aqui apresentada foi desenvolvida no âmbito de uma dissertação de Mestrado, apoiada pelo projecto de investigação ““Malagueira- Património de todos- Subsídios para a sua classificação.””, in Adaptado de BATISTA, Cláudia - **Cartografia do método. As (geo)grafias dos diários gráficos de Álvaro Siza na construção da Malagueira**: Universidade de Évora, 2024.

<sup>8</sup> RODRIGUES, Ana Leonor Magalhes Madeira - **O desenho: Ordem do pensamento arquitectónico**. 1. ed ed. Lisboa: Editorial Estampa, 2000. p.23

segundo passo metodológico, expõem-se as respectivas operações e maneiras de pensar que articulam essas epistemes.<sup>9</sup>

Nesse sentido, a (meta)cartografia proposta, enquanto narrativa visual e textual, visa introduzir novas ordens e sentidos a um corpus gráfico, alicerçando-se numa leitura rizomática que convoca a riqueza e complexidade inerentes ao pensamento criativo, segundo Gilles Deleuze e Guattari.<sup>10</sup>

### Epistemologias da linha

“Recognition of the drawing’s power as a medium, turns out, unexpectedly, to be recognition of the drawing’s distinctiveness from and unlikeness to be the thing that is represented, rather than its likeness to it, which is neither paradoxical nor as dissociative as it may seem.”<sup>11</sup>

Quarenta anos após o ensaio seminal de Robin Evans, “Translations from Drawing to Building”, que reposicionou o papel do desenho como meio, optou-se por recuperar esse valor epistemológico do desenho processual como expressão abstracta que interpreta, especula e testa soluções antes de se traduzir nos códigos próprios da obra.

Em termos fenomenológicos, o desenho de arquitectura, aquele que conjectura e idealiza a obra, opera-se a partir do interior, na cegueira do papel. O arquitecto faz desenhos de observação, num esforço de compreensão do lugar, mas é durante sucessivos exercícios de introspecção, com um menor ou maior grau de codificação que concebe a obra por vir. Dito de outro modo, o desenho em arquitectura alimenta-se da *mimesis* (dentro para fora), mas é nessa cegueira inicial que a *poiesis* nasce.

Pensamento e desenho são, poderá afirmar-se, indissociáveis: o desenho pode partir de uma imagem interior, uma percepção, e/ou um desígnio (perceber, codificar, clarificar); no decorrer do acto, surgem novos pensamentos, através do pensar por via da mão; o resultado final pode não corresponder à ideia inicial, mas é, acima de tudo, um raciocínio testado e ensaiado sucessivamente.

Os esboços, as anotações e os diários gráficos de Álvaro Siza não constituem apenas representações: como observa Tim Ingold<sup>12</sup>, os desenhos processuais são “gestos de pensamento” que documentam decisões metodológicas fundamentais e, segundo Hewitt, cristalizam o rasto de “padrões cognitivos”.<sup>13</sup>

---

<sup>9</sup> “Epistemes are the bridges between investigation and projection, between analysis and design” in SCHRIJVER, Lara - **The Tacit Dimension: Architecture Knowledge and Scientific Research**. Leuven : Leuven University Press, 2021. p. 80

<sup>10</sup> DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix - **Rizoma: (Introducción)**. 1.ª ed., 9.ª reimp ed. Valencia : Pre-Textos, 2016.

<sup>11</sup> EVANS, Robin - **Translations from drawing to building and other essays**. AA documents. London: Architectural Association, 1997. p.153

<sup>12</sup> INGOLD, Tim - **Being alive: essays on movement, knowledge and description**. London: Routledge, 2011.

<sup>13</sup> HEWITT, Mark Alan - **Draw in order to see: a cognitive history of architectural design**. First edition ed. Novato, California: Oro Editions, 2020.

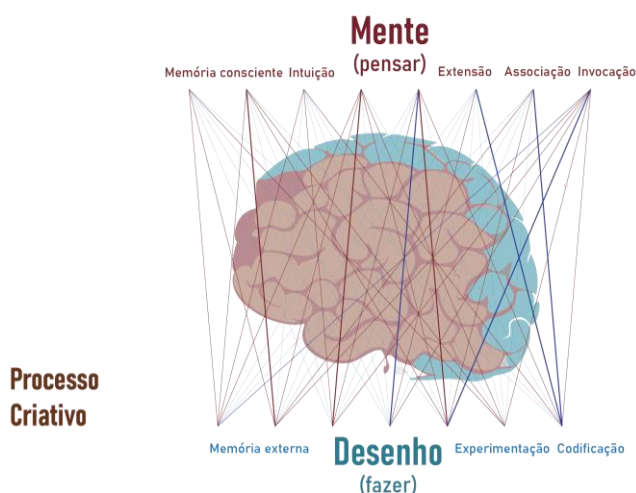


Figura 1- Esquema que encena articulação que subjaz ao acto de pensar por via do desenho. Desenhos inscrevem-se no domínio do tácito e do intuitivo. Fonte: Adaptado de BATISTA, Cláudia (2024).

Na linha do pensamento filosófico de Gilles Deleuze e Guattari, a metodologia proposta pauta-se pela sua abertura a multiplicidades, isto é, trata-se de um processo de análise flexível, contrário à abordagem tradicional que caracteriza o método científico.

A narrativa cartográfica resultante deste processo radica numa matriz que se aproxima do processual, isto é, não visa representar resultados, mas antes apontar para redes de pensamento, em movimento, passíveis de serem interpretadas segundo diferentes aproximações.

### Fragmentos do método

“Dizem-me (alguns amigos) que não tenho teoria de suporte nem método. Que nada do que faço aponta caminhos. Que não é pedagógico. Uma espécie de barco ao sabor das ondas que inexplicavelmente sempre naufraga (ao que me dizem também).

Não exponho excessivamente as tábuas dos nossos barcos, pelo menos em alto mar. Por demais têm sido partidas. (...) Posso ser visto só, passeando no convés. Mas toda a tripulação e todos os aparelhos estão lá, o capitão é um fantasma.

Não me atrevo a pôr a mão no leme, olhando apenas a estrela polar. E não aponto um caminho claro. Os caminhos não são claros.”<sup>14</sup>

Como já foi descrito, Álvaro Siza sempre se demarcou, desde um primeiro momento, de qualquer teoria ou modelos teóricos pré-estabelecidos (regionalismo, pós-modernismo, etc.). Isto não pressupõe a ausência de um método ou de princípios basilares – de facto, na citação acima, em termos quase irónicos, o arquitecto rebate as críticas que lhe são impostas, aceitando os valores da incerteza e flexibilidade como motores do seu *barco* conceptual.

Não obstante, no decorrer do seu percurso, em termos de metodologia, têm sido identificados alguns padrões recorrentes por vários investigadores: em complemento com a (in)disciplina do desenho como instrumento de leitura e antecipação, destaca-se um

<sup>14</sup> SIZA, Álvaro - **01 Textos**. Porto: Civilização, 2009. p.28



quadro de pensamento onde o sítio fornece o primeiro plano de enquadramento do projecto, sem comprometer a condição de autoria formal deste último.

A linha que figura abaixo mapeia os precedentes informais (viagens) e projectos que coexistiram com a janela temporal proposta. Tendo em visto uma maior clareza, os projectos são classificados segundo a sua localização geográfica e o seu posicionamento no percurso do arquitecto. Representa-se meio século de uma inteligência metódica, destacando-se a baliza temporal que circunscreve todas as obras objecto de análise neste ensaio, correspondente a um período de maior produtividade, entre os quais se destacam: projectos de habitação Social (S.Vítor, Bouça e Malagueira), tipologias habitacionais unifamiliares (Casa Avelino Duarte) e equipamentos públicos (Faculdade de Arquitectura do Porto, Biblioteca de Aveiro, Plano de reconstrução do Chiado, Escola Superior de Educação de Setúbal), no plano nacional, e o despontar da sua projecção internacional (Bonjour Tristesse, Kulturforum e o Centro Galego de Arte Contemporânea).

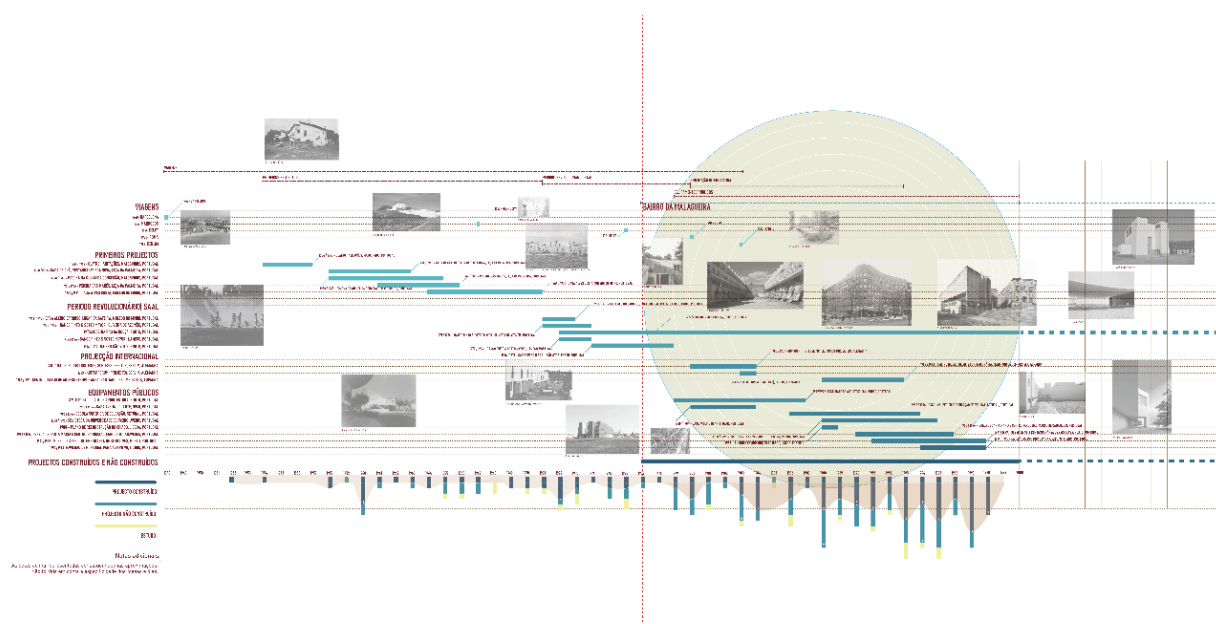


Figura 2- Linha cronológica das obras construídas e não construídas. As três cores correspondem aos critérios de descrição: construído, ainda que se possa encontrar inacabado; não construído e em fase de elaboração de estudo. A baliza temporal adoptada encontra-se circunscrita. Fonte: Adaptado de BATISTA, Cláudia (2024).

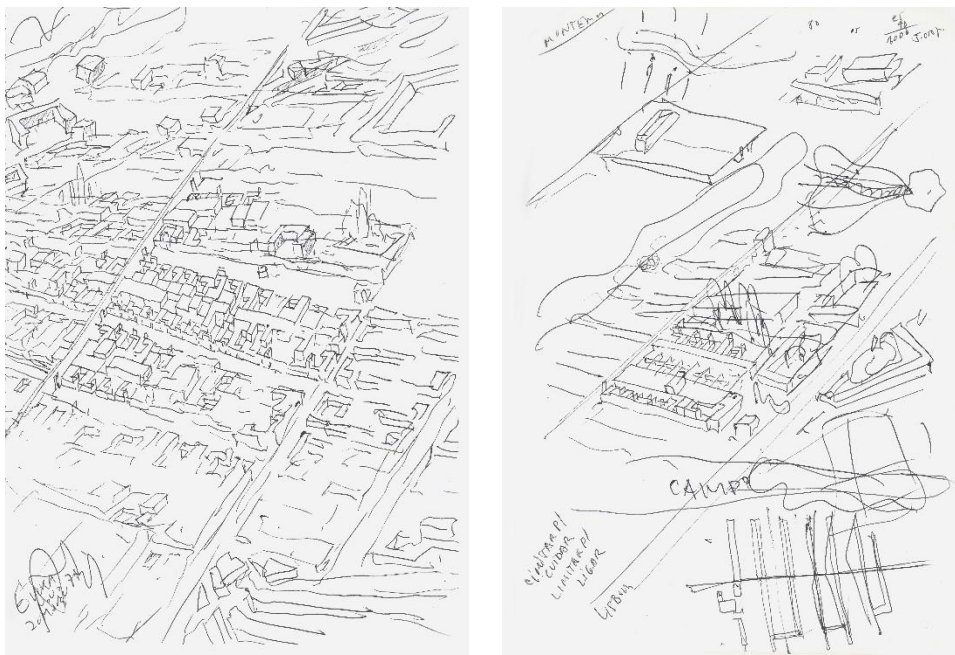
## Objectos do pensamento

### a) O lugar

“It is not my intention to provoke ... I seek to include from the first sketches the invisible threads of all the problems and all the conflicts that I discover. The more I try to provide a complete response to these problems the more provocative the project becomes. Perhaps this is because the majority of habitual responses are removed from reality or because the effort to uncover relations between things is not always carried out.”<sup>15</sup>

<sup>15</sup> TESTA, Peter - **Álvaro Siza**. Coleção Arquitectos. 1. ed ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p.155

“O arquitecto, através do seu bisturi do traço, fere o corpo do sítio (que pode mesmo ser um sítio morto, como o doador de um órgão), retira a ideia e transplanta-a, enxertando-a no corpo do desenho.”<sup>16</sup>



Figuras 3 e 4- Páginas 35 e 8 do diário gráfico 01, Évora, Março 1977, Álvaro Siza. Nestes desenhos iniciais, destaca-se a tentativa de compreender o existente por via do desenho, na sua dimensão instrumental, como meio que dissecar e testa raciocínios. Fonte: © Álvaro Siza. Cortesia do Projecto de investigação “Malagueira- Património de todos- Subsídios para a sua classificação.”

A habitação social da Malagueira (1977-1995) foi construída num terreno de 27 hectares, no espaço periférico da Évora muralhada e afirma-se como uma lição ao lançar os “fundamentos tipológicos”<sup>17</sup> do desenho da cidade. Conciliando valores de modernidade e tradição, uma nova grelha foi imposta ao existente, de modo a articular uma malha urbana de casas-pátio; destaca-se ainda a sua referência formal ao aqueduto eborense para organizar uma rede de infraestruturas.

O caso de estudo da Malagueira é exemplar para convocar o papel do lugar como matéria-prima para o projecto: conforme se pode atentar nos desenhos acima, o arquitecto, desde um primeiro momento, produziu exaustivamente plantas exploratórias e voos de pássaro detalhados que visavam capturar a totalidade, *ferindo o corpo do sítio* por via do desenho. Importa reforçar que estes primeiros desenhos não se inscrevem em registos de observação, pois já transformam o real, na tentativa de expor os conflitos latentes e propor linhas de investigação interventivas. Na figura 3 é notória essa transfiguração do real observado por via do desenho.

Se os primeiros desenhos se aproximam mais da percepção do lugar existente, do campo do especulativo, eles tendem a uma maior codificação e sistematização, à medida que as soluções testadas se solidificam, segundo a praxe da disciplina.

<sup>16</sup> HIGINO, Nuno - **Álvaro Siza: anotações à margem**. Paris : Nota de Rodapé ed, 2015. p.141.

<sup>17</sup> PINTO, Paulo Tormenta; TOSTÕES, Ana - **A Monumentalidade Crítica de Álvaro Siza: Circo de Ideias**, 2023. p. 24

De modo a aprofundar a sua abordagem heurística do lugar, intentou-se mapear as iterações das constelações gráficas, expressas em linhas variáveis na sua ocupação, velocidade, representação e espessura. O esquema abaixo traduz algumas das tendências metodológicas com mais expressão durante o primeiro ano de trabalho (1977-78). Destaca-se o recurso a um registo que ocupa a totalidade das folhas, focado num único desenho, na sua maioria uma vista aérea, o que atesta a necessidade de consolidar uma leitura global, ancorada no lugar existente como matéria do futuro projeto.

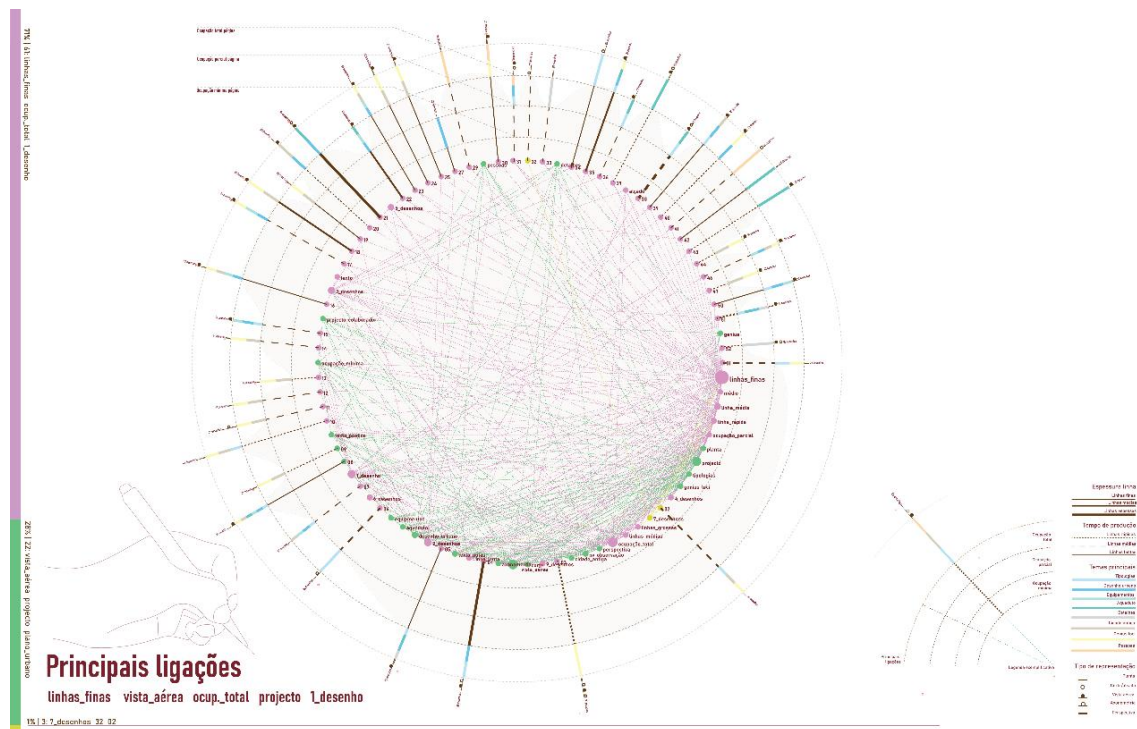
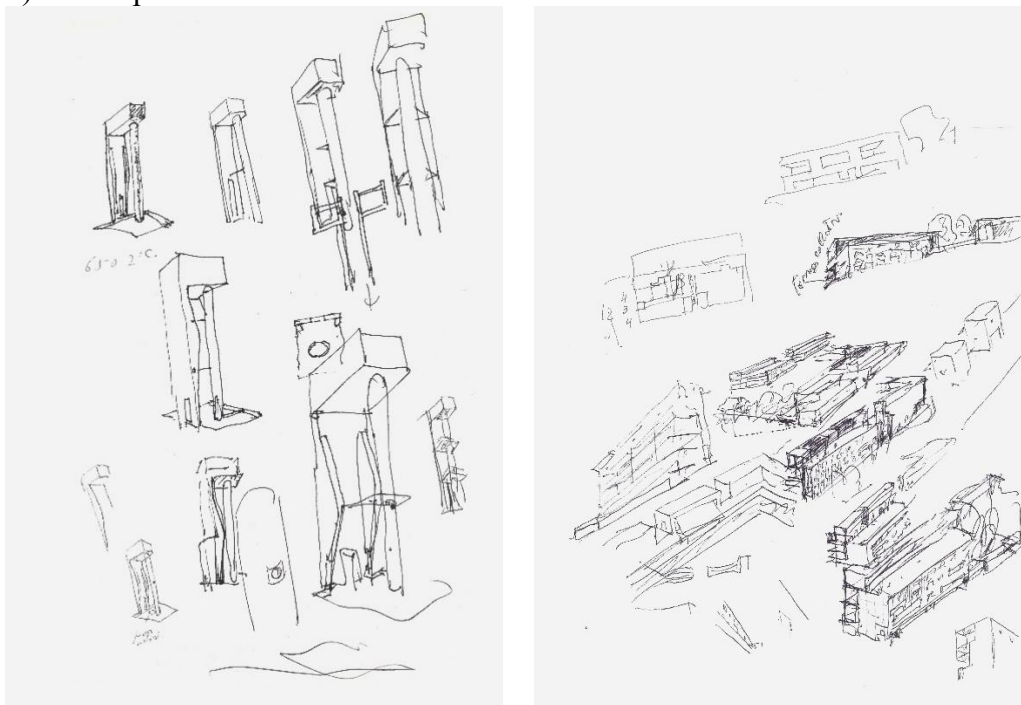


Figura 5- Esquema rizomático resultante da análise dos diários gráficos referentes ao primeiro ano de trabalho dedicada ao projecto da Malagueira (1977-78). Cada linha codifica as combinações gráficas e temáticas mais exploradas pelo arquitecto: a sua posição no gráfico reflecte a sua influência; segue-se um troço de linha que remete para a ocupação da folha (total, parcial ou mínima, em função da sua extensão), assim como a sua espessura e tempo de execução; o segundo troço remete para os temas explorados (tipologias, desenho urbano, detalhes, paisagem/topografia e genius loci, entre outros). Fonte: Adaptado de BATISTA, Cláudia (2024).

## b) O tempo



Figuras 6 e 7- Páginas 01 e 05 do diário gráfico 277, Setembro 1978, Álvaro Siza. Nestas duas páginas o arquitecto ensaia, por um lado, um reservatório de água para a futura biblioteca e, na folha ao lado, a volumetria e relação com o exterior do edifício principal, explorando a porosidade entre exterior e interior por via de sistemas como a composição da fachada, acessos e entradas. Fonte: © Álvaro Siza. Cortesia do Projecto de investigação “Malagueira- Património de todos- Subsídios para a sua classificação.”

Numa fase inicial do projecto para a biblioteca de Aveiro, patente nos desenhos acima, o arquitecto recorre à expressão "tempo social" para caracterizar um dos espaços intersticiais, semi-exterieiros, que procura formalizar no topo do volume proposto.

Esta breve observação é indicativa de uma reflexão mais profunda: o tempo emerge como um factor informativo do seu método, uma vez que o arquitecto persegue o inacabado e o fragmentário. A condição de incompletude resulta da aceitação das transformações que se operam no plano da vida, segundo uma lógica de adaptação e apropriação. Nada se pode cristalizar no tempo.

Num dos cadernos, Siza Vieira desenvolve este raciocínio, quando se questiona sobre o seu método:

“Raramente forma, função e estrutura surgem coerentes e num todo. Podem inclusivamente envolver-se em contraponto, a partir da clarificação de contradições, método possivelmente mais capaz de englobar toda a realidade (incluindo tensões humanas, sociais, contradições técnicas e económicas). **Aparentemente, porque na realidade, novas relações o tempo introduzirá, a transformação de entorno ou do próprio objeto ou seu uso. Neste sentido, não existe forma final.**”<sup>18</sup>

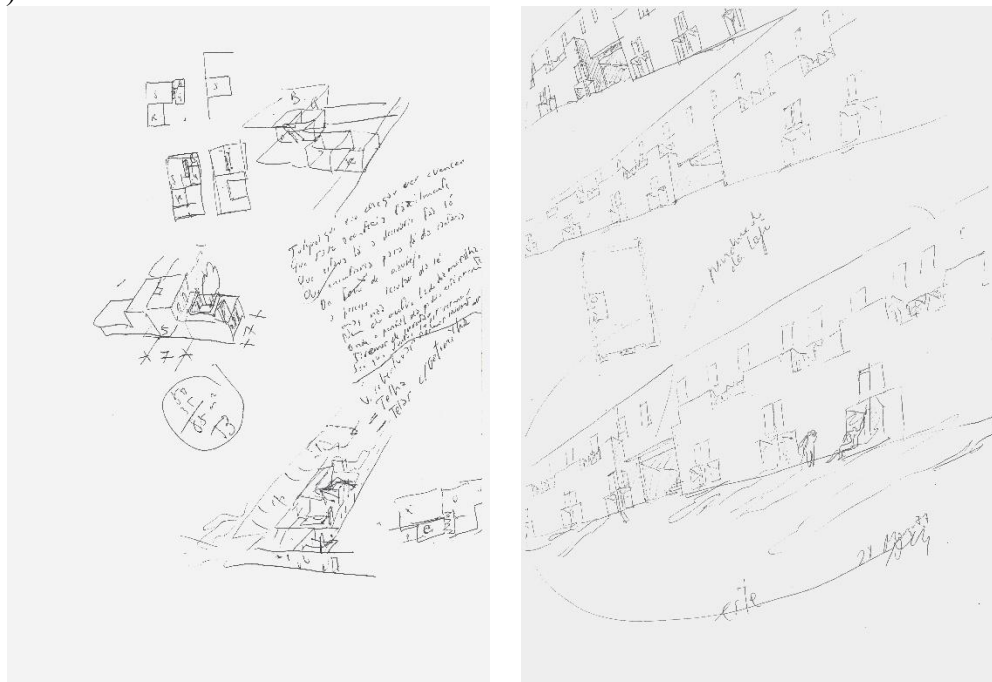
Anos mais tarde, numa das suas memórias descritivas, volta a consolidar a sua posição:

<sup>18</sup> Transcrição parcial das páginas 32 e 33 do diário gráfico 03, Maio 1977, Álvaro Siza. Fonte: © Álvaro Siza. Cortesia do Projecto de investigação “Malagueira- Património de todos- Subsídios para a sua classificação.”



“A opção inicial do projecto consistia em tentar delimitar o território com intervenções disseminadas, de modo a que o tempo e a capacidade de realização pudessem depois completar o desenho, ocupando os espaços vazios.”<sup>19</sup>

### c) A história



Figuras 8 e 9- Páginas 32 e 48 do diário gráfico 01, Março 1977, Álvaro Siza. Nestes desenhos assiste-se a um passo metodológico que intenta racionalizar e impor uma ordem geométrica às tipologias habitacionais, através de operações como a subtracção da matéria (comum aos dois projectos), assim como o seu diálogo com o espaço público comunitário. Fonte: © Álvaro Siza. Cortesia do Projecto de investigação “Malagueira- Património de todos- Subsídios para a sua classificação.”

Com base em referenciais tipológicos como o Inquérito à Habitação Rural (1940) e o Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal (1961), os projectos de Habitação Social de Álvaro Siza, integrados no processo SAAL ou que por este foram lançados, como é o caso da Malagueira, convocam o imaginário popular, ou seja, a génese dos seus fundamentos tipológicos, adaptados à modernidade e acentuados pela singularidade das circunstâncias políticas e sociais.

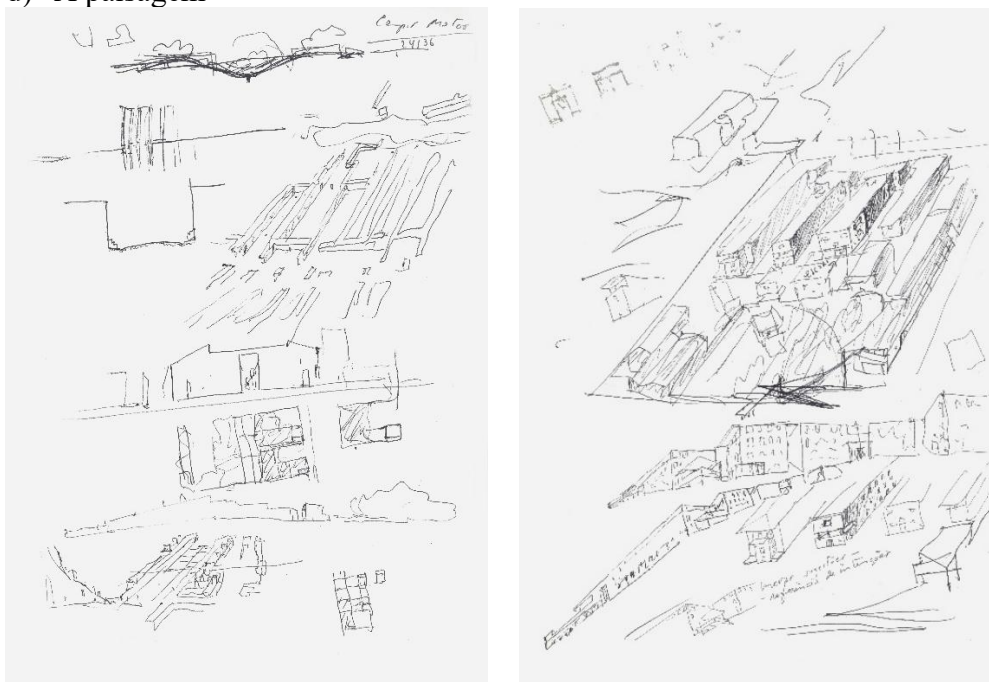
De facto, os seus primeiros desenhos foram concebidos a partir de uma malha que conferia legibilidade e clareza ao tecido clandestino, ancorada em alinhamentos, eixos e pontos de tensão com as preexistências - o arquitecto trabalhou a partir de uma matriz existente, incorporando outros modelos tipológicos (como a casa-pátio e o aqueduto na Malagueira, os muros e lotes na Bouça e em S. Vítor) -, segundo uma perspectiva racionalista.

Estas tipologias foram recuperadas como diagramas funcionais, já sujeitos ao teste do tempo e usos - a história da disciplina constitui-se como uma matéria passível de ser reinventada e testada.

<sup>19</sup> SIZA, Álvaro - **01 Textos**. Porto: Civilização, 2009.



#### d) A paisagem



Figuras 10 e 11- Páginas 08 e 03 dos diários gráficos 01 e 202, Março 1977 e Maio de 1985, respectivamente Álvaro Siza. Nestas folhas impera o desejo de propor uma nova paisagem, ancorada num redesenho topográfico. No caso da Faculdade de arquitectura, Álvaro Siza socorre-se do imaginário da acrópole, pela sua posição alcandorada e domínio espacial. Fonte: © Álvaro Siza. Cortesia do Projecto de investigação “Malagueira- Património de todos- Subsídios para a sua classificação.”

Pierre Croset descreve a actuação de Álvaro Siza sobre a natureza como se esta se tratasse de um *corpo vivo*, no sentido de desempenhar um papel activo na construção do lugar e da sua envolvente.<sup>20</sup>

Num dos seus apontamentos mais poéticos, o arquitecto reflecte sobre esta condição da natureza como corpo vivo, com o qual tenta dialogar e mitigar o impacto da nova intervenção:

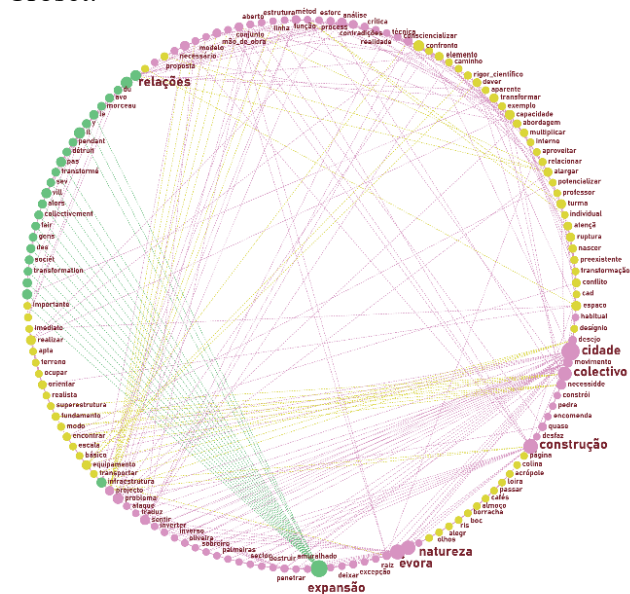
“Tenho uma grande inquietação // Uma interrogação // Ao centro construção // onde o lugar da natureza // é vora - cidade avista ao longe // natureza // natureza raiz não exceção // apetece-me deixá-la penetrar // no centro da inadiável expansão // a cidade amuralhada // e destruir para lá das portas // um setor da bela construção // aí plantar palmeiras, sobreiros, oliveiras // num movimento inverso // se a cidade ataca a natureza e já acerca // inverterei o sentido o movimento // nova expansão traduz o contra-ataque // é um problema de estratégia não de idade”<sup>21</sup>

O esquema que se apresenta é o resultado de uma análise exaustiva de todos os apontamentos escritos elaborados pelo arquiteto entre 1977 e 1983, um período em que se encontrava a desenvolver vários projectos em simultâneo, conforme assinalado anteriormente. É importante salientar a presença da correlação cidade, natureza e

<sup>20</sup> GIROT, Christophe; KIRCHENGAST, Albert (EDS.) - **Nature Modern: the place of landscape in the modern movement** Landscript. Berlin : Jovis Verlag GmbH, 2017. p.189/213

<sup>21</sup> Transcrição parcial da página 27 do diário gráfico 01, Março 1977, Álvaro Siza. Fonte: © Álvaro Siza. Cortesia do Projecto de investigação “Malagueira- Património de todos- Subsídios para a sua classificação.”

construção, que se apresenta como um dos vectores transversais, corroborando a análise de Croset.

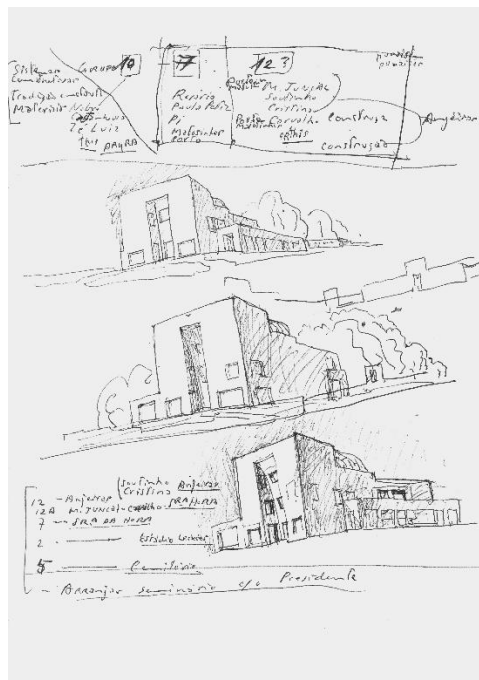


## Principais ligações

cidade natureza construção

Figura 12- Esquema rizomático resultante da análise dos apontamentos escritos patentes em diários gráficos (1977-83). Todos os conceitos e predicados se encontram entretecidos entre si. Ressaltam-se os valores que orientam a prática projectual, traduzidos no código própria da linguagem escrita, em complementaridade a dimensão imagética do desenho. Fonte: Elaboração própria.

### e) O fragmento



Figuras 13 e 14- Páginas 07 e 09 do diário gráfico 77, Março de 1981, Álvaro Siza. Nestes desenhos o arquitecto ensaia o diálogo da futura Casa Avelino Duarte na sua relação com a envolvente. São ciadtos fragmentos de um tecido urbano em transformação. Fonte: © Álvaro Siza. Cortesia do Projecto de investigação “Malagueira- Património de todos- Subsídios para a sua classificação.”

Ao contrário de outros arquitectos, o conceito de fragmento no *modus operandi* de Álvaro Siza adquire um sentido especial, porquanto não se afirma como signo pela sua força dialéctica ou conceptual. A sua abordagem aproxima-se mais de uma leitura “arqueológica”<sup>22</sup> do lugar, isto é, onde se releva a condição do tempo e um conjunto de sedimentos que constituem a memória (material e imaterial) do lugar a intervir.

O excerto abaixo transcrito remete para a potência da sedimentação de fragmentos no espaço urbano:

“C/ validade é transformação// transformação começa por ser ruptura // ruptura nasce da atenção ao preexistente // Transformação é conflito do novo e do preexistente // Transformação nasce da multiplicação e complexidade dos conflitos // Futuro é colectivo encontro // Encontro de fragmentos potencializadores”<sup>23</sup>

### Operações do pensamento

“Por evidente que seja, raramente assumido é. Mas projetar é só repetir **gestos usados**. Tornando-os de cada vez o primeiro. Para isso se requer paciência, que não seja humildade. Insistência que não seja teimosia. Objetiva subjetividade. (...) Inventar é repetir tão conscientemente e laboriosamente. Espontaneidade não é gesto impensado. Projetar é pensar a espontaneidade a partir da sabedoria acumulada.”<sup>24</sup>

Esta secção visa descortinar alguns dos «gestos usados» ou operações que articulam os objectos descritos anteriormente, de modo a desconstruir passos metodológicos, lógicas de pensamento e modalidades do próprio pensar.

#### a) Transformação

Tendo por base o caso de estudo do Bairro da Malagueira, o esquema que se segue resulta de um exercício especulativo de montagem da totalidade dos textos e fragmentos contidos no primeiro ano de trabalho e serve de pretexto para introduzir uma das principais operações de articulação de epistemes.

A constelação temática transformar, interdisciplinaridade e conflito prevalece sobre as restantes ligações, no decorrer de um ano de trabalho, lançando as bases de uma leitura radicada no real e na sua condição colectiva; isto é, o olhar do arquitecto tende para o todo, enraizado no tecido urbano e social.

---

<sup>22</sup> PINTO, Paulo Tormenta; TOSTÕES, Ana - **A Monumentalidade Crítica de Álvaro Siza**: Circo de Ideias, 2023.

<sup>23</sup> Transcrição parcial da página 41 do diário gráfico 03, Maio 1977, Álvaro Siza. Fonte: © Álvaro Siza. Cortesia do Projecto de investigação “Malagueira- Património de todos- Subsídios para a sua classificação.”

<sup>24</sup> SIZA, Álvaro - **Textos. 2**. Lisboa: Parceria A.M. Pereira, 2018. p.116.

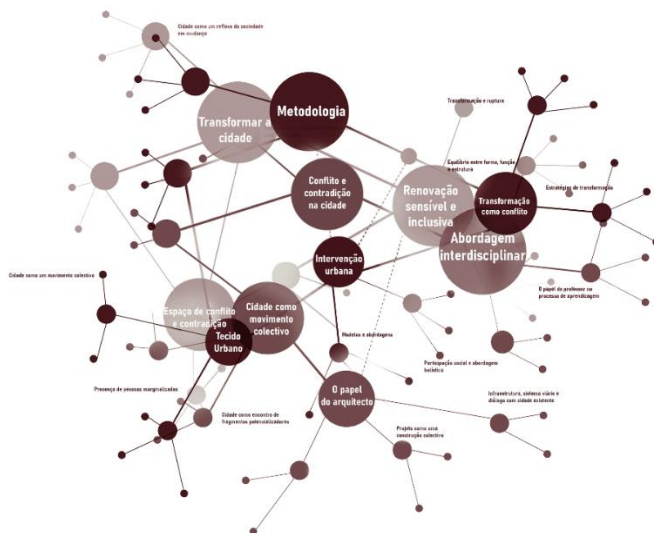


Figura 15- Esquema rizomático resultante da análise do corpus de desenhos e textos patentes em diários gráficos (1977-83). Imperam, pela sua expressão, as principais redes neuronais e conceptuais que articularam um pensamento em devir. Destaca-se o valor atribuído ao rigor do método, a uma abordagem que cruze o interdisciplinar, a inclusividade e a necessária transformação operada ao nível da cidade. O arquitecto levanta permanentes dúvidas sobre a sua actuação, no planos material e ético. Fonte: Elaboração própria.

Por outro lado, importa reforçar que, no prisma do arquitecto, a cidade resulta da experiência de dar forma ao conflito e à contradição. Nos rizomas acima, ressalta-se o predicado transformar: transformar traduz-se numa operação que visa cerzir os vários fragmentos urbanos, a partir de uma leitura do conjunto, onde “não é necessário destruir para transformar. Para transformar, é necessário e indispensável não destruir a cidade.”<sup>25</sup>

## b) Metáfora

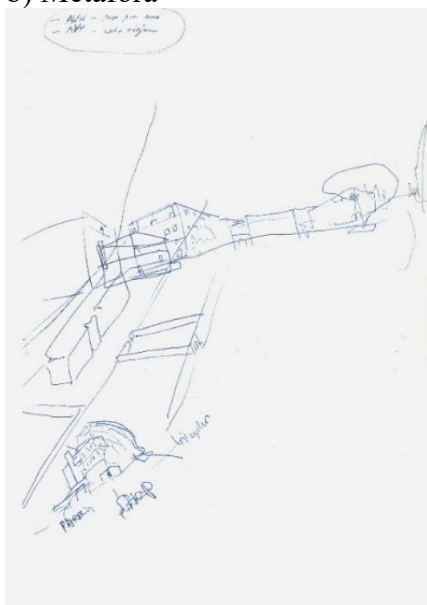


Figura 16- Página 02 do diário gráfico 202, Maio de 1985, Álvaro Siza. Este esboço aponta para a plasticidade mental do seu autor: tanto assume o ponto de vista do utilizador do espaço, pelo mecanismo da perspectiva linear, como se distancia e ensaia a volumetria total. Fonte: © Álvaro Siza. Cortesia do Projecto de investigação “Malagueira- Património de todos- Subsídios para a sua classificação.”

<sup>25</sup> SIZA, Álvaro - **01 Textos**. Porto: Civilização, 2009. p.12

«Desenhar resulta de uma relação particular entre o que é percebido e aquilo que o momento preciso de riscar transporta da interioridade do sujeito que o executa. No desenrolar da acção, cada pequeno resultado, cada intensidade, cada acaso ou indecisão, dirige o próprio caminho que o desenho vai tomando.» (Rodrigues, 2000, p. 240)

O recurso à analogia visa traduzir a flexibilidade mental que caracteriza o arquitecto, nos seus esforços de compreender e integrar várias escalas de actuação, sem comprometer a integridade dos vários fragmentos urbanos.

De facto, o eu que desenha contém em si vários corpos ou desmultiplicações: o eu observador, atento ao real e vinculado ao um corpo material; o eu que se desmaterializa e surge como “possibilidade conceptual do desenhador”.<sup>26</sup>

Álvaro Siza assume, pois, várias roupagens no corpo dos seus desenhos, socorrendo-se de artificios metafóricos para assumir essas desmultiplicações: a figura do observador, expressa em perspectivas, dialoga directamente com axonometrias e voos de pássaro, na tentativa de capturar o todo; noutros momentos, convoca as lições da antiguidade clássica pelo recurso ao auto-retrato como exercício de introspecção.

### c) Analogia



Figura 17- Página 16 do diário gráfico 202, Maio de 1985, Álvaro Siza. Nesta folha os traços humanos que coexistem com a firmeza do projecto apontam para vários tipos pensamentos, situados entre o desejo da forma e a descompressão que a observação permite. Fonte: © Álvaro Siza. Cortesia do Projecto de investigação “Malagueira- Património de todos- Subsídios para a sua classificação.”

“Em certos momentos, o projecto ganha vida própria. Transforma-se então num animal volúvel, de patas inquietas e de olhos inseguros”.<sup>27</sup>

O desenho de arquitectura, como já foi referido, situa-se num lugar de fronteira, isto é, habita um espaço mental que se posiciona entre a intenção e a matéria - o projecto, por sua vez, tende a autonomizar-se.

<sup>26</sup> RODRIGUES, Ana Leonor Magalhes Madeira - **O desenho: Ordem do pensamento arquitectónico**. 1. ed ed. Lisboa : Editorial Estampa, 2000. p.68

<sup>27</sup> SIZA, Álvaro - **01 Textos**. Porto: Civilização, 2009. p. 25



No acto de nascimento da linha, encadeado entre o gesto da mão e o desejo do corpo, Álvaro Siza aponta para a existência de saber-intuído não programado, isto é, um “animal”, gerando uma “forma em vias de ser formar”.<sup>28</sup>

O recurso à analogia com o animal é, pois, sintomático do reconhecimento por parte do arquitecto dos mecanismos nem sempre conscientes presentes no processo criativo, porquanto identifica os traços de uma inteligência fruto da intuição que encadeia os ritmos do seu pensamento em devir.

### c) Polarização

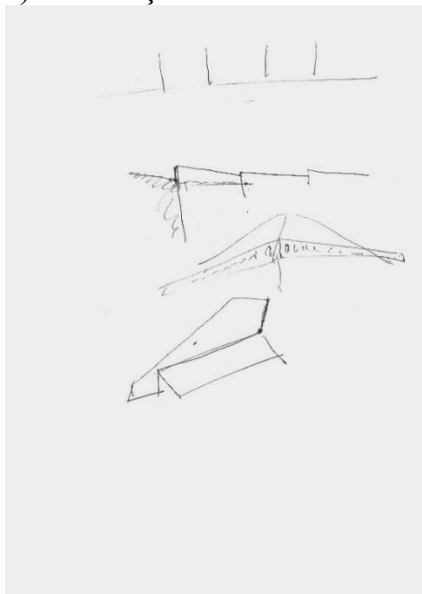


Figura 18- Página 56 do diário gráfico 07, Julho de 1977, Álvaro Siza. Há várias páginas cujo significado se encerra em si mesmo, inescrutável à interpretação externa. Esta página constitui um desses exemplos: são especulações da forma, podendo apontar para detalhes, estereotomias ou linhas de sombra. Fonte: © Álvaro Siza. Cortesia do Projecto de investigação “Malagueira- Património de todos- Subsídios para a sua classificação.”

«A maior parte dos meus desenhos obedece a um fim preciso: encontrar a Forma que responda à Função e da função se liberte- e do esforço- abrindo-se a imprevisível destino. Simultaneamente ou não, ao lado, surge outro desenho.

Desenho de prazer, ausência, de repouso, cruza-se com o outro, pois de nada nos alheamos por inteiro.

Um e outro podem surgir na mesma folha de papel, aparentemente estranhos, voluntária ou involuntariamente relacionados. (...)

Desenho é projecto, desejo, libertação, registo e forma de comunicar, dúvida e descoberta, reflexão e criação, gesto contínuo e utopia.

Desenho é inconsciente pesquisa e é ciência, revelação do que não se revela ao autor, nem ele se revela, do eu se explica noutro tempo.

Liberto, o outro desenho conduz ao desenho consciente.»<sup>29</sup>

O paradoxo da sombra da incerteza que persegue a intuição é plenamente aceite pelo arquitecto e constitui outra invariável a apontar. Num dos seus textos, já datado do início

<sup>28</sup> NANCY, Jean-Luc - **O Prazer No Desenho**: Documenta, 2022. p. 42

<sup>29</sup> SIZA, Álvaro - **01 Textos**. Porto: Civilização, 2009. p. 273

do século XXI, Siza Vieira diferencia as várias potências (explícitas e implícitas) no acto do desenho, consoante o respetivo grau de autonomia, consciência e funcionalidade.

A mesma folha pode conter diferentes registos, fruto de diferentes padrões mentais. Enquanto alguns tentam registar irrefutavelmente a realidade fugidia e incerta de um futuro por vir (desenhos de projeto), outros são apenas gestos que, ainda que possam partilhar a sua volição, fogem ao consciente e afirmam-se, por si, como sinais de um mundo interior, expresso num corpo intuitivo, predisposto a contagiar nas margens, sempre que possível, pois "o mundo interior e a memória inteira do mundo continuamente desenham a cidade".<sup>30</sup>

Trata-se de vários tipos de pensamentos<sup>31</sup> que estão sujeitos a fenómenos de osmose e contágio, como o pensamento consciente e inquisitivo, o pensamento céptico e calculista, ou o pensamento intuitivo na sombra, que descomprime emoções e se expressa nas margens. Uns apontam caminhos, outros percorrem-nos. Quando se caminha (ou se desenha para projectar), são indissociáveis.

### Considerações finais

À medida que a narrativa se desenvolve, torna-se claro que Álvaro Siza reconhece apenas caminhos nebulosos e não lineares, sob o signo de factores (memórias, fragmentos de imagens ou emoções), muitas vezes no campo da intuição de um corpo não consciente, mas receptivo e disponível, que rejeita padrões arbitrários.

O valor das reflexões levantadas, em confronto com outras fontes, reside na sua capacidade de espacializar essa experiência turbulenta e nos mecanismos a que o arquitecto recorre para lidar com a névoa inicial e a decodificação dos sinais implícitos no desenho, na sua condição de liquidez.<sup>32</sup>

Nuno Higinio<sup>33</sup> descreve este paradoxo como a contradição interna do desenho, isto é, que desenhar é, acima de tudo, arriscar, ou, segundo a analogia do arquitecto, navegar em águas desconhecidas.

«Como pode o desenho representar o que é movediço?  
Como pode captá-lo, já que se move nas suas margens?»

O arquitecto lança ainda pistas sobre a dialéctica entre esse corpo eloquente, intuitivo, e o processo rigoroso, matemático, e experimentação necessário para a sua validação: «Como instrumentos de trabalho ajudam a estabelecer uma permanente relação dialéctica entre a intuição e a averiguação rigorosa, num processo progressivo de completa compreensão e visualização.»<sup>34</sup>

O arquitecto lança ainda pistas sobre a *dialéctica* entre esse corpo eloquente e intuitivo e o processo rigoroso, matemático e de experimentação necessário para a sua validação:

---

<sup>30</sup> Idem, ibidem. p.116

<sup>31</sup> Nuno Higinio apresenta uma reflexão mais dicotómica sobre estas várias modalidades de pensamento, reduzindo-as ao “calculador e o meditativo”, in GRANDE, Nuno - **Cumplicidades: nos percursos de Álvaro Siza e Eduardo Souto de Moura**. Porto: Circo de Ideias, 2023.

<sup>32</sup> BATISTA, Cláudia - **Cartografia do método. As (geo)grafias dos diários gráficos de Álvaro Siza na construção da Malagueira** [Em linha]. [S.l.] : Universidade de Évora, 2024. p.35

<sup>33</sup> HIGINIO, Nuno - **Álvaro Siza: anotações à margem**. Paris: Nota de Rodapé ed, 2015. p.114.

<sup>34</sup> SIZA, Álvaro - **01 Textos**. Porto: Civilização, 2009. p. 8

Conclui-se, segundo o reconhecido arquitecto, que projectar é uma experiência que parte do vínculo ao lugar e concilia uma disciplina mental racional, exigente na conjugação de escalas e na compreensão fenomenológica do espaço, com a capacidade de abertura à intuição e a ritmos não racionais que guiam o processo, assumindo um certo grau de risco. Na sua base, reside um profundo conhecimento da história da arquitectura e uma cultura humanista, dedicada aos valores do colectivo, receptiva à realidade como um processo em transformação e aos seus ritmos internos.

Esta abordagem metodológica e epistemológica, focada na análise do desenho como ferramenta de pensamento, poderá também servir de modelo para futuras investigações sobre os processos criativos de outros arquitectos.

Perante a circunstância contemporânea, o paradigma digital tem vindo a significar, por vezes, uma espécie de desmemoriamiento progressivo, uma homogeneização quase algorítmica do tempo e da história que impacta a qualidade dos espaços que habitamos. A cartografia resultante revaloriza a relação simbiótica entre a mente, a mão pensante e o desenho de uma cidade ao serviço de todos, cristalizando uma lição intemporal na história da arquitectura portuguesa sobre o diálogo entre os sedimentos do espaço planeado, o espaço não construído, e as expectativas e desejos daqueles que habitam a cidade.

## Bibliografia

BATISTA, Cláudia - **Cartografia do método. As (geo)grafias dos diários gráficos de Álvaro Siza na construção da Malagueira** [Em linha]: Universidade de Évora, 2024 Disponível em WWW:<URL:<http://hdl.handle.net/10174/37895>>.

CAMPO BAEZA, Alberto - **A ideia construída**. 4a ed., rev.aum ed. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2011. ISBN 978-972-8801-22-9.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix - **Rizoma: (Introducción)**. 1.ª ed., 9.ª reimp ed. Valencia: Pre-Textos, 2016. ISBN 978-84-85081-02-8.

EVANS, Robin - **Translations from drawing to building and other essays**AA documents. London: Architectural Association, 1997. ISBN 978-1-870890-68-7.

FARIA, Eduarda Lobato De - **Imaginar o real: o enigma da concepção em arquitectura**. Casal de Cambra, Portugal: Caleidoscópio, 2014. ISBN 978-989-658-252-4.

FRAMPTON, Kenneth - **Modern architecture: a critical history**World of art. Fifth edition, reprinted with corrections ed. London: Thames & Hudson, 2023. ISBN 978-0-500-20444-3.

GIROT, Christophe; KIRCHENGAST, Albert (EDS.) - **Nature Modern: the place of landscape in the modern movement**Landschrift. Berlin: Jovis Verlag GmbH, 2017. ISBN 978-3-86859-213-9.

GOMES, Mário José Afonso - **Bairro da Malagueira de Siza Vieira: factores de apropriação identitária em torno da casa**. 1a. edição ed. Casal de Cambra, Portugal: Caleidoscópio, 2016. ISBN 978-989-658-358-3.

GUILHERME, P.; SALEMA, Sofia - Álvaro Siza Vieira sketchbooks for Malagueira: A critical reading about research through project. Em **XIX Congresso Internacional de Expresión Gráfica Arquitectónica, junio 2022** [Em linha] : Universidad Politécnica de Cartagena, 11 set. 2022. Disponível em: WWW:<URL:<http://hdl.handle.net/10317/11285>>.

GRANDE, Nuno - **Cumplicidades: nos percursos de Álvaro Siza e Eduardo Souto de Moura**. Porto: Circo de Ideias, 2023. ISBN 978-989-53-4156-6.

INGOLD, Tim - **Lines: a brief history**. Repr ed. London: Routledge, 2008. ISBN 978-0-203-96115-5.

INGOLD, Tim - **Being alive: essays on movement, knowledge and description**. London: Routledge, 2011. ISBN 978-0-203-81833-6.

MOLTENI, Enico (ED.) - **Alvaro Siza: la Malagueira a Evora**. Prove d'architettura. Monfalcone (GO) : Edicom, 2000. ISBN 978-88-86729-17-8.

NANCY, Jean-Luc - **O Prazer No Desenho**: Documenta, 2022. ISBN 978-989-568-049-8.

NORBERG-SCHULZ, Christian - **Genius loci: towards a phenomenology of architecture**. New York: Rizzoli, 1980. ISBN 978-0-8478-0287-6.

PINTO, Paulo Tormenta; TOSTÕES, Ana - **A Monumentalidade Crítica de Álvaro Siza**: Circo de Ideias, 2023. ISBN 978-989-352112-3-6.

RODRIGUES, Ana Leonor Magalhes Madeira - **O desenho: Ordem do pensamento arquitectónico**. 1. ed ed. Lisboa: Editorial Estampa, 2000. ISBN 978-972-33-1608-7.

RODRIGUES, António Jacinto - **Teoria da Arquitetura: O projeto como Processo Integral na Arquitetura de Álvaro Siza**: Porto: Faup Publicações, 1996. ISBN 978-972-9483-18-9.

ROSSI, Aldo - **The architecture of the city**. Oppositions books. 16. print ed. Cambridge, Mass: MIT Press, 2007. ISBN 978-0-262-68043-1.

SCHRIJVER, Lara - **The Tacit Dimension: Architecture Knowledge and Scientific Research**. Leuven: Leuven University Press, 2021. ISBN 978-94-6270-271-4.

SIZA, Álvaro - **01 Textos**. Porto: Civilização, 2009. ISBN 978-972-26-2923-2.

SIZA, Álvaro - **Textos. 2**. Lisboa: Parceria A.M. Pereira, 2018. ISBN 978-972-8645-92-2.

SIZA, Álvaro - **Textos. 3**. Lisboa: Parceria A.M. Pereira, 2019. ISBN 978-972-8645-94-6.

SIZA, Álvaro; VERGNE, Philippe - **Álvaro Siza: in/discipline**. London: Koenig Books, 2019. ISBN 978-972-739-371-8.

SIZA, Álvaro; FLECK, Brigitte (EDS.) - **Malagueira: Álvaro Siza in Évora**. 1. Aufl ed. Freiburg, Breisg: Syntagma, 2013. ISBN 978-3-940548-46-7.

SIZA, Álvaro; FRAMPTON, Kenneth - **Álvaro Siza: complete works**. London: Phaidon, 2000. ISBN 978-0-7148-4004-8.

SIZA, Álvaro; MORAIS, Carlos Campos - **04Textos**. Lisboa: Parceria A. M. Pereira, 2022. ISBN 978-972-8645-96-0.

HIGINO, Nuno - **Álvaro Siza: anotações à margem**. Paris: Nota de Rodapé ed, 2015. ISBN 978-989-20-5835-1.

TAVARES, André; SIZA, Álvaro - **Matéria-prima: um olhar sobre o arquivo de Álvaro Siza = Raw material: a view of Álvaro Siza's archive**. Da coleção. Porto: Fundação de Serralves, 2017. ISBN 978-972-739-355-8.

TESTA, Peter - **Alvaro Siza**. Coleção Arquitectos. 1. ed ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. ISBN 978-85-336-0909-9.



# Convento da Tomina: Contributos para a Compreensão da sua Identidade Patrimonial

**Carlota Rocha**

Dep. Arquitetura – EAartes – Universidade de Évora

[l49039@alunos.uevora.pt](mailto:l49039@alunos.uevora.pt)

[carlota.s.rocha@gmail.com](mailto:carlota.s.rocha@gmail.com)

**Sofia Aleixo**

IHC-CEHCi/DArq – EAartes, Universidade de Évora

CHAM-SLHI, FCSH – Universidade Nova de Lisboa

[saleixo@uevora.pt](mailto:saleixo@uevora.pt)

**Resumo:** A salvaguarda do património, aliada à valorização da identidade local, é um tema de crescente relevância na prática arquitetónica, requerendo uma abordagem que considere o contexto histórico na identificação dos valores socioculturais de cada lugar, particularmente quando este perdura na identidade local. O presente artigo é elaborado no âmbito da dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura, em curso na Universidade de Évora intitulada *Sustentabilidade Sociocultural do Património: Proposta de Salvaguarda e Valorização do Convento da Tomina*, edifício religioso seiscentista, localizado na Herdade da Contenda, no Município de Moura, cuja proteção apenas se encontra salvaguardada pelo *Plano Sectorial da Rede Natura 2000*, como “Sítio de Interesse Comunitário Moura/Barrancos (PTCON0053)”. Apresenta-se o contexto em que este edifício religioso se insere, assim como a história da sua fundação, temas que irão posteriormente informar a definição de recomendações para a salvaguarda deste património. Estas recomendações procuram ser um contributo para qualquer proposta de adaptação a um novo uso para este Convento, considerando os requisitos do habitar contemporâneo e assim, intervindo de modo pensado, estruturado e faseado, preservar os valores materiais e imateriais em presença. Com esta investigação, que irá orientar uma proposta académica, pretende-se contribuir para evitar a definitiva perda deste património tão valorizado pela comunidade local.

**Palavras-chave:** Ruína, Identidade, Valorização, ‘Espírito do Lugar’, Arquitetura Religiosa.

## **Introdução**

A capacidade de satisfazer as necessidades do presente, sem comprometer a capacidade das próximas gerações satisfazerem as necessidades que o futuro lhes reserva (Brundland, 1987) apresenta o conceito de sustentabilidade que está na origem desta investigação. O conhecimento aprofundado do contexto em que os edifícios de valor sociocultural a preservar para as gerações futuras se inserem, assim como da história da sua formação, constitui a base necessária para a identificação dos elementos que estruturam uma identidade patrimonial, permitindo o seu reconhecimento, preservação e valorização. Tal abordagem contribuirá para que a memória coletiva, construída e transmitida ao longo do tempo, não caia em esquecimento, e contribua para que o seu uso na contemporaneidade preserve o tempo passado.

O património é um conceito que envolve tanto a natureza, como a capacidade de pensamento e de trabalho de uma comunidade, de modo a conseguir, primeiro, a sua sobrevivência e, mais tarde, o desenvolvimento e a melhoria da sua existência. A preservação do património assegura que as gerações atuais conheçam as raízes das suas vivências, permitindo-lhes, assim, encarar o futuro, com uma maior compreensão e consciência do seu passado.

Os processos de patrimonialização, por definição, são construções sociais que refletem valores, interesses e contextos sociais. Os valores que são atribuídos ao património cultural podem ser distinguidos entre diversos valores, nomeadamente: histórico, autenticidade, estético ou artístico; antiguidade e raridade; exemplaridade; contemporaneidade; documental; e etnográfico.<sup>1</sup>

Através da conservação e adaptação a novos usos, no que diz respeito à preservação do património, a Arquitetura garante a conexão com o passado, contribuindo para a preservação dos valores e memórias das comunidades. O Convento da Tomina (1686) é um testemunho da história religiosa e cultural da região onde se insere, cuja presença se mantém relevante para a comunidade. Para a sua preservação, requiere-se um conhecimento vasto dos valores a preservar, tanto arquitetónicos, quanto sociais e culturais. No entanto, trata-se de um edifício cujo estudo sistémico não teve ainda lugar.

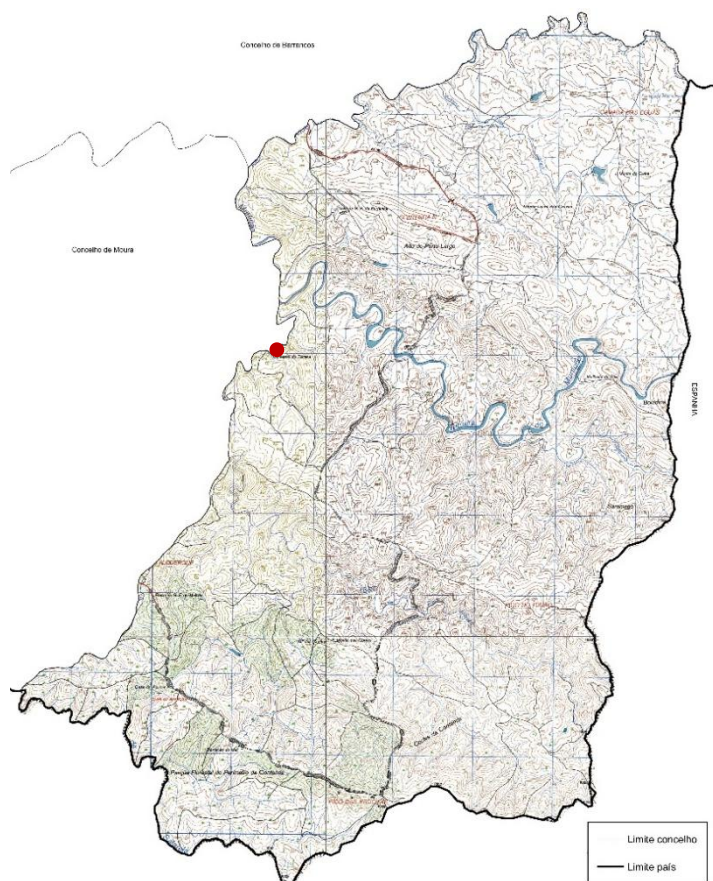
## **Enquadramento Geográfico**

Santo Aleixo da Restauração é uma freguesia na fronteira com Espanha, e tem atualmente 1566 habitantes. Pertence ao concelho de Moura, no distrito de Beja, inserido na região do Baixo Alentejo. Acredita-se que em 1252 Santo Aleixo já existiria com o topónimo de Campo de Gamos. O Convento da Tomina situa-se nos limites da Herdade da Contenda (ver Fig.1), com 5270 hectares, na qual se praticam atividades agrícolas, pecuárias e apícolas, sendo um elemento de referência na região<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> UNESCO, ICCROM E ICOMOS, 1994.

<sup>2</sup> AUTORIDADE FLORESTAL NACIONAL (AFN), 2023, pp. 4-6.



**Figura 1** – Carta de Localização do Perímetro Florestal da Contenda (a vermelho, o Convento). Escala 1:25 000. Projeção Gauss, Elipsóide de Hayford – DATUM Lisboa. Elaborado por João Ribeiro (2009).

## Desenvolvimento

No âmbito do Plano de Ordenamento e Gestão da Herdade da Contenda (DGRF, 2006<sup>a</sup>, p. 36), e citando LECOQ, o Convento é classificado como um dos

“elementos com reduzida dimensão em termos de superfície ocupada, mas que se destacam no conjunto da Unidade de Paisagem pela sua diferença, pela qualidade intrínseca – ou pelo contrário, por constituir uma dissonância desqualificadora – e/ou pelo impacto – sensitivo, cultural ou ecológico – que têm sobre a unidade”.<sup>3</sup>

A paisagem da Contenda revela um carácter predominantemente seco, consequência das escassas quantidades de precipitação anual, que se concentram sobretudo nas estações de outono e inverno, e dos verões prolongados, com temperaturas elevadas. Apesar do clima árido, o território é atravessado por diversas linhas de água, cuja presença se destaca na paisagem. Este contraste explica-se pela intensidade ocasional das chuvas e pelas características do solo local, por ser predominantemente xistoso, erosionável, e com baixa capacidade de absorção, como se encontra descrito no texto *A Herdade da Contenda. Uma Paisagem Única como Paisagem de Referência*.<sup>4</sup>

As linhas de água do Perímetro Florestal da Contenda pertencem à Bacia Hidrográfica do Rio Guadiana. Esta é constituída por linhas de água de regime temporário, onde se

<sup>3</sup> LECOQ, 2014, p. 143.

<sup>4</sup> LECOQ, 2014, p. 143.

destacam quatro ribeiras de regime torrencial: Ribeira do Arroio, Ribeira de Murtigão, Ribeira de Pae Joanes e Ribeira do Safarejo.<sup>5</sup> Embora se encontrem secas durante grande parte do verão, a Ribeira de Pae Joanes, pode registar subidas significativas do nível da água em períodos de precipitação intensa. Este facto torna-se particularmente relevante porque afeta a acessibilidade ao Convento da Tomina, isolando temporariamente o convento (ver na Fig.2 a proximidade da Ribeira ao Convento).



**Figura 2** – Digitalização. Planta geral. Identificação do Convento, da Ribeira de Pae Joanes, e das Hortas. “3 Peças desenhadas a partir de originais em papel vegetal do Convento da Tomina (Arquivo ICNF) (s/d).<sup>6</sup>

A vegetação, na sua envolvente, é resultado das características climáticas típicas da região e dos efeitos da ação humana ao longo do tempo. A cobertura vegetal é composta por espécies adaptadas à seca, resultado da escassez hídrica estival e da pouca profundidade dos solos. Nas encostas, encontra-se fragilizada, consequência da erosão provocada pelas chuvas e pelo vento, fatores agravados pela prática de atividades agrícolas e pelo pastoreio intenso (aumentando a sua vulnerabilidade à ação dos agentes climáticos). Como resultado, a regeneração natural da vegetação tem sido dificultada, dando lugar a uma paisagem marcada, pontualmente, por azinhais ou carvalhais degradados, mais densos apenas nas zonas de vale ou ao longo das linhas de água, como na Ribeira de Pae Joanes.

Neste momento, apesar do seu estado avançado de ruína em que é notório o domínio das espécies arbóreas, o edifício conventual mantém e transmite um caráter místico, onde as cores, os cheiros e os sons o tornam num espaço singular, ao qual acresce a sua envolvente, dado que se insere numa área de significativo valor natural e paisagístico. É precisamente nesta paisagem inóspita, marcada pelo isolamento, pela dificuldade de acesso e pela dureza da envolvente natural, que o eremitismo encontra o seu enquadramento ideal, justificando a escolha deste local como refúgio espiritual por parte daqueles que procuravam o afastamento do mundo e a vida de recolhimento e oração.

<sup>5</sup> AUTORIDADE FLORESTAL NACIONAL (AFN), Perímetro Florestal da Contenda, 2023

<sup>6</sup> LECOQ, 2014, p. 312.

### Eremitismo e Escolha do “Deserto”

Tendo o eremitismo sido uma expressão comum da espiritualidade nos séculos XVI e XVII, os eremitérios estão na origem das Congregações Religiosas. Os eremitas procuravam a aproximação com a divindade, através do afastamento da sociedade, da oração, do jejum e da mortificação do corpo. Instalavam-se em lugares isolados e muito dificilmente acessíveis, à falta do que seria o espaço ideal de recolhimento: o “Deserto”, que passou a tornar-se sinónimo de “Convento”.<sup>7</sup>

Filho do Abade de Arrifana de Sousa (Penafiel), tomando já o hábito de Monge, foi em Alcácer do Sal que Manuel de Beça Leal teve o primeiro contacto com uma pequena comunidade de eremitas, com a qual ganhou interesse pela vida eremítica e decidiu, em 1677, com 24 anos, rumar ao Alentejo, em busca do seu destino.<sup>8</sup>

Ele e o companheiro, Manuel Jorge, partiram para Espanha em busca da aspereza que procuravam e, passando a Serra Morena, chegaram à aldeia de Santo Aleixo da Restauração. Foram os habitantes dali que lhes garantiram que o local ideal estaria “no fim do Baldio<sup>9</sup> de Rabo de Coelho, distrito da freguesia de Santo Aleixo, termo da vila de Moura”<sup>10</sup>, o qual encontrariam se continuassem em direção à Serra de Arouche, que era tão inabitada, que nem os caçadores entravam, por causa dos lobos e da bicharia, a não ser para fazer montarias.

Ao longe avistaram um lugar que lhes pareceu certo para as suas habitações, por ser elevado e com uma grande densidade de árvores. Em busca de água, encontraram um lameiro e aí fizeram uma fonte. “Do charco ajeitaram a nora”. No entanto, este território tinha um carácter comunitário, sendo partilhado por Portugal e Espanha. Por acordo mútuo entre os dois governos – vivia-se ainda no rescaldo da Guerra da Restauração, que terminara 18 anos antes, em 1668 – ficou decidido que nenhuma das partes poderia construir edificações cobertas com telha, precisamente para evitar qualquer ideia de vínculo ou posse definitivos.<sup>11</sup>

### Construção do Convento

Tendo sido proibidas construções perenes, foi levantada uma choça com paus e com o mato envolvente, coberta de terra, “feita como de abóbada<sup>12</sup>”, para que não chovesse dentro, e com a ajuda de alguns caritativos, foi também incluído um pequeno altar com uma cruz. Com o mesmo mato, fizeram um oratório para a comunidade se reunir em oração. Aqueles que não podiam contribuir com esmolas, trabalhavam na dita obra, tendo esta resultado com as proporções certas para o corpo da igreja.<sup>13</sup>

---

<sup>7</sup> JORGE, P.M. séc. XVIII, p. 6 (296).

<sup>8</sup> FRANCO, J., MOURÃO, J., GOMES, 2001, p. 294.

<sup>9</sup> No livro *Os Baldios*, de Manuel Rodrigues. Esses terrenos são caracterizados pelas Ordens Filipinas (séc.XVII) como terras incultas e sem memória de aproveitamento, que, não tendo sido reservadas pelo rei, foram atribuídas aos povoadores nos forais, para uso comum em atividades de pastoreio e subsistência. Em 1793, D. Maria I aprova uma lei que proibia os pastos comuns em Serpa e Moura, atentando assim contra uma das principais funções do baldio, a pastorícia. Nesse ano, as posturas de Moura aboliam os pastos comuns, com o acordo do concelho, da nobreza e do povo. (pp. 36- 37).

<sup>10</sup> Notícias do Convento da Tomina - Homenagem a Monsenhor Costa Correia, 1987, p.294.

<sup>11</sup> CALDEIRA, 2016, p. 173.

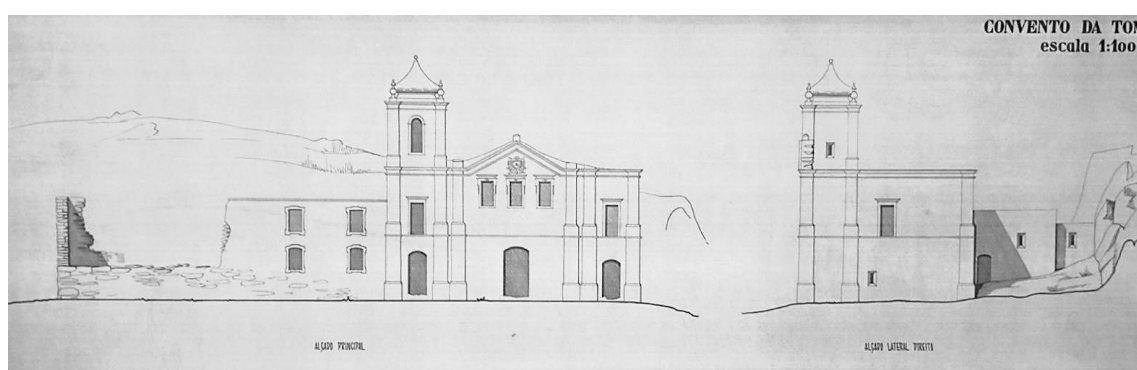
<sup>12</sup> Também chamada de “falsa cúpula”.

<sup>13</sup> JORGE, séc. XVIII, p. 4 (294).



O autor do Manuscrito “Diversos textos memorialísticos ligados à Congregação da Tomina e ao seu fundador”, afirma que o mencionado asceta “ficou mais amparado para poder continuar a sua vida eremítica e o instaram para que fosse à Aldeia pedir suas esmolas quando tivesse necessidade ... onde ia uma vez na semana a buscar o seu sustento necessário, assim para o espiritual, como temporal”. Motivados por verificarem que poderiam ajudar espiritualmente aquela região, onde escasseava a prática religiosa, determinaram construir ali um Convento.<sup>14</sup>

O desejo do Padre Manuel de Beça Leal, era construir o Convento no vale onde se localizavam os seus abrigos, mas os habitantes da aldeia aconselharam o fundador a não o fazer, uma vez que era território partilhado entre Portugal e Espanha, como acima referido, e que o melhor seria construir no baldio do Rabo de Coelho, em terras nacionais. Mas a proximidade com a água e a ligação que criara ao sítio, fê-lo querer edificá-lo nas proximidades de um imenso penedo.



**Figura 3** – Digitalização. Alçado Principal e Alçado Lateral Direito do Convento. “3 Peças desenhadas a partir de originais em papel vegetal do Convento da Tomina (Arquivo ICNF) (s/d).<sup>15</sup>

Os moradores de Santo Aleixo, com o objetivo de melhorar a habitação, demoliram o rochedo e no seu lugar foi construída a Igreja, defendida por uma escarpa alta (ver Fig.4). No livro “A Aldeia de Santo Aleixo”, pode ler-se a descrição da disposição do edifício que consta nas “Memórias paroquiais”: “em um sítio áspero e frágil, composto de descompostos e altíssimos rochedos, que vencem na altura o mesmo edifício da Igreja”<sup>16</sup>

<sup>14</sup> JORGE, 1739, p. 2.

<sup>15</sup> LECOQ, 2014, p. 312.

<sup>16</sup> CALDEIRA, 2016, p. 147.



**Figura 4** - Integração do Convento na Paisagem. Fotografia da autora. 15.10.2024.

Segundo os relatos coevos, terá sido a população de Santo Aleixo a instar Manuel Maria a ordenar-se padre, uma vez que tinha estudos e sabia latim. Manuel de Beça Leal, como marca simbólica da sua nova vida, adota então, em 1683, o nome de Padre Manuel de Jesus Maria.

O Convento da Tomina, destinado à vivência de frades — ou seja, uma comunidade exclusivamente masculina —, datado do século XVII, é descrito nas “Notícias”, que situando-se num local tão baixo, sendo, por isso, difícil de encontrar, o fundador mandou erguer dois calvários, no cimo de dois altos montes <sup>17</sup>.

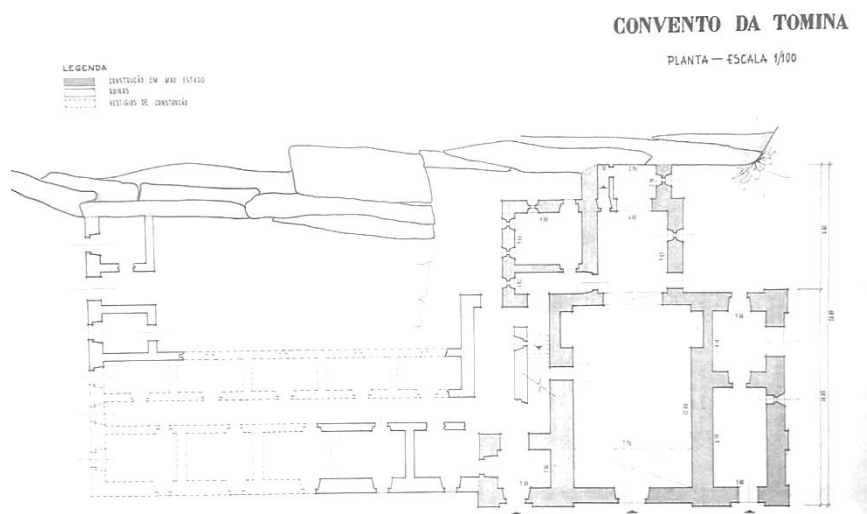
Construiu-se ainda, em poucos anos, um espaço conventual junto à Igreja, com oficinas, cozinha e refeitório, e um corredor com várias celas (ver Fig. 5). Sabe-se que a Igreja do Convento tinha três capelas. O Convento era composto por dois corredores, cada um com sete celas, um refeitório, uma sala de estudos e várias oficinas:

“Tem três altares, o maior com a imagem de Nossa Senhora com a invocação das Necessidades, titular da Igreja e patrona da Congregação, prodigiosa em maravilhas, por isso buscada com frequência de romagens....O Convento é pequeno, consta de dois corredores ou dormitórios, com sete celas cada um, refeitório, casa de estudos e mais oficinas. Fica metido entre serras, as quais formam um vale, que divide este Reino do de Castela”.<sup>18</sup>

---

<sup>17</sup> Notícias do Convento da Tomina - Homenagem a Monsenhor Costa Correia, 1987, p. 45.

<sup>18</sup> BISPO, 1758, p. 80.



**Figura 5** – Digitalização. Planta do Convento da Tomina, “3 Peças desenhadas a partir de originais em papel vegetal do Convento da Tomina (Arquivo ICNF) (s/d).<sup>19</sup>

“Não terão nas Celas couza alguã de comer ou beber; nem quadros curiosos; nem outras algumas alfayas proprias; e só terão hũa Crusa à cabeceira, ou algũs laminas de Christo Senhor Nosso, da Beatissima Virgem MARIA Nossa Senhora, ou de algũs Santos de sua devoção: mas estas laminas não terão molduras; e todas as Celas terão a mesma proporção, e a mesma pobreza, sem distinção de leigos a Sacerdotes.”<sup>20</sup>

Dormiam num estradinho de tábuas de azinho, com uma manta e uma cortiça. Não se permitia entrar nas outras celas, a menos que algum companheiro estivesse doente.

Mas a pressa de fazer a obra e sem a utilização dos melhores materiais, fê-la sofrer uma grande ruína passado uns anos e, mais uma vez, o povo da Congregação da Tomina ajudou na reparação, melhorando as celas e pensando nas necessidades da comunidade. Juntam-se aos Padres outros eremitões e o peditório alarga-se a outras aldeias.<sup>21</sup>

### Milagre da Tomina

Por volta de 1688 deflagrou um grande incêndio na região, ameaçando as pastagens de Santo Aleixo. O incêndio terá queimado as searas, mas deixando intacto o grão, tendo as gentes de Santo Aleixo atribuído este milagre aos “Santinhos da Tomina”. Orando para que as suas necessidades fossem atendidas, a população invocou a intercessão de Nossa Senhora, tendo subitamente caído uma chuva tão abundante, que o fogo se extinguiu. Perante este acontecimento, a imagem do Convento (doadada por uma habitante de Santo Aleixo) é apelidada de Nossa Senhora das Necessidades da Tomina. Em agradecimento a este milagre, os habitantes de Santo Aleixo, decidiram fazer uma festa em honra à sua protetora. Logo a 15 agosto desse ano, foi celebrada a primeira festa recordando este milagre:

“E para que tal prodígio se conservasse memória, mandaram alguns devotos fazer painéis com a imagem de Nossa Senhora cercada de espigas de trigo.” Alguns destes painéis,

<sup>19</sup> LECOQ, 2014, p. 312.

<sup>20</sup> ARCEBISPO DE EVORA, p. 25.

<sup>21</sup> Notícias do Convento da Tomina - Homenagem a Monsenhor Costa Correia, 1987, p. 45.

foram espalhados por diversas paróquias do Alentejo, podendo ainda hoje ser encontrados em alguns locais.<sup>22</sup>

Em 1698, o Prior de Santo Aleixo, incomodado com as ofertas feitas pelos seus paroquianos à Congregação rival, apresenta queixa ao Arcebispo de Évora, que ordena que se mande arrasar o Convento. As gentes de Santo Aleixo pegam nos bens da Tomina, incluindo os sinos, e depositam-nos do outro lado do ribeiro. Ainda no Manuscrito<sup>23</sup> é referido que quem ficou de executar a demolição (por amizade ao fundador do Convento ou por medo do divino), tirou apenas algumas telhas e derrubou poucas pedras de uma parede, apenas porque tinha de cumprir ordens. O Padre Manuel de Jesus Maria dirigiu-se a Lisboa, de modo a queixar-se dessa injusta denúncia ao próprio Rei, que autoriza a construção do muro da cerca, onde se localizava a horta, na qual os monges decidiram plantar vinha. Ficaram estas terras sujeitas a Portugal e Castela, e o Convento, a Portugal apenas.

### **Reconhecimento do Convento**

O Padre Manuel Maria foi, mais tarde, com o Padre José do Rosário, co-fundador da Tomina, três vezes a pé a Roma para informar diretamente as autoridades eclesiásticas e obter o seu reconhecimento sobre a Congregação e o seu Convento. A Congregação foi aprovada por bula do Papa Clemente XI, sendo determinada como sua missão prestar assistência aos moribundos, designando-se por Congregação de Frades Agonizantes. Após a aprovação papal, muitos estavam interessados em juntar-se à Congregação e o Padre Manuel Maria procura abrir um outro Convento em Mourão (que abre em 1717, o Convento do Alcance) e cria uma casa de estudos religiosos em Grândola.

A horta e vinha muradas vieram mais tarde a dar problemas com Arouche, uma vez que a concordata de Moura não permitia cultivos nem construção, apenas permitia o pastoreio. Em 1729, são enviados oficiais para arrancarem plantações e destruírem os muros, mas, mais uma vez por súplica dos religiosos, acabaram por não executar ao que iam.

### **Congregação dos Frades Agonizantes**

Em 1749 foi imposto aos Congregados que transitassem para a Ordem fundada por São Camilo de Lélis, passando então o Convento a integrar a Congregação dos Clérigos Regulares Ministros dos Enfermos de Portugal e dos Algarves:

Na “Homenagem a Monsenhor Costa Correia”, está descrito que a “Congregação de N<sup>a</sup>. Sr. Das Necessidades da Tomina, é filha da Ven. Ordem 3<sup>a</sup> da Penitência, por ser fundada por um Monge da mesma Ordem... mas que se perdeu quando a Congregação da Tomina se uniu ao Instituto religioso de S. Camilo de Lélis, que se dedicava ao serviço dos enfermos”.<sup>24</sup>

### **Extinção das Ordens Religiosas**

Em 1834, quando as ordens religiosas foram extintas, os monges foram obrigados a abandonar o Convento. Mesmo assim, os devotos não permitiram que a festa da Tomina se extinguisse. Neste mesmo ano, os habitantes deslocaram a festa para Santo Aleixo, tendo permanecido como a única festa anual até 1943. Continua a ser celebrada, até aos dias de hoje, no último fim-de-semana de Agosto:

“O Domingo da Tomina era, na verdade o dia maior de toda a Festa, era aquele que mais correspondia ao seu sentido inicial no antigo convento, era o dia mais dedicado a

<sup>22</sup> Notícias do Convento da Tomina - Homenagem a Monsenhor Costa Correia, 1987, p. 43.

<sup>23</sup> JORGE, séc. XVIII.

<sup>24</sup> Notícias do Convento da Tomina - Homenagem a Monsenhor Costa Correia, 1987, p. 40.

expressar a gratidão dos favores recebidos e a implorar a protecção Divina por intermédio da Senhora das Necessidades. A manhã era toda ocupada com missas por mais que um sacerdote, e às duas da tarde tinha lugar a procissão solene, no adro em volta da Igreja, após o que a festa estava terminada.”<sup>25</sup>

Hoje, embora a população tenha diminuído, o número de participantes na festa não só se manteve, como aumentou de forma significativa. Isto porque os filhos que haviam partido da aldeia aproveitam a ocasião para voltar, trazendo consigo os seus filhos e amigos. Assim, a aldeia continua com grande animação nessa altura do ano, marcada pela convivência de todos os presentes.

Entendida como um processo dinâmico, contínuo e de reinterpretação do passado, a tradição contribui para a preservação da memória coletiva e para a condução dos processos de mudança social.

### “Espírito do Lugar”

No livro *Antropología y Patrimonio*, a “tradição” é definida não apenas como um produto do passado, mas sim como uma interpretação do passado conduzida em função de critérios contemporâneos:

“tradición no es lo que ha estado siempre, es lo que hacemos estar.”<sup>26</sup> “... entendida en un sentido, al contrario de lo que se piensa, dinámico, como el mecanismo integrador de todo colectivo capaz de dotar de sentido al proceso imparable que comunica el pasado com el futuro, dotando de significado al presente.”<sup>27</sup>

O principal valor da tradição é precisamente testemunhar, e de certo modo orientar, os próprios processos de mudança social. Esta perspectiva de a encarar como uma dinâmica interpretativa tem vindo a afirmar-se ao longo dos anos. Vários autores têm vindo a reforçar esta visão, ao destacarem a relevância das práticas tradicionais, dos saberes locais e da coesão social para a preservação do património. A tradição, nesse sentido, não apenas resgata a memória do passado, como o adapta em função do presente e dos desafios da sua continuidade.

No artigo *How important is social cohesion to heritage landscape preservation and interpretation?* é evidenciada a importância da existência de práticas tradicionais, de conhecimentos técnicos, de formas de compreensão da natureza e de coesão social, uma vez que a preservação e a compreensão do património não dependem apenas de elementos naturais e culturais.<sup>28</sup>

A ligação entre o ambiente e as perceções culturais reforça a necessidade de considerar tanto os aspetos físicos, quanto os simbólicos na preservação do património. Alguns sítios foram caracterizados como lugares místicos ao evidenciarem a estreita ligação da natureza com a ordem cosmológica de grupos humanos, refere a Declaração de Quebec, documento desenvolvido no âmbito do ICOMOS e que define o conceito de ‘espírito dos lugares’: São “[...] os elementos tangíveis (edifícios, sítios, paisagens, rotas, objetos) e intangíveis (memórias, narrativas, documentos escritos, rituais, festas, saberes

---

<sup>25</sup> CALDEIRA, 2016.

<sup>26</sup> TORRICO, 1999, p. 24.

<sup>27</sup> MORÓN, 2003, p. 147.

<sup>28</sup> THEMUDO-BARATA, F., MASCARENHAS, J. M., & CAPELO, 2014, pp. 381-385.



tradicionais, valores, texturas, cores, odores, etc.), ou seja, os elementos físicos e espirituais que dão sentido, valor, emoção e mistério ao lugar.”.<sup>29</sup>

Norberg-Schulz, em *O fenômeno do lugar* acredita que a arquitetura, os objetos e os lugares criados pelo homem detêm um caráter, uma atmosfera e um espírito. O caráter do lugar é expresso através do significado do conjunto material que transmite uma atmosfera, onde o espaço é compreendido como mais que uma entidade geométrica, reunindo os aspectos sociais da existência humana. Refere, ainda, que a camada tangível está na dimensão da materialidade, e a camada intangível é oriunda do pensamento, da memória e encontra-se na dimensão imaterial do pensar e do fazer humanos, e nos elementos de identidade cultural, que se manifestam na paisagem. Essas camadas juntas formam “totalidades ambientais”. A fluidez, a pluralidade e a possibilidade de reconstrução do espírito de um lugar exigem que ele seja constantemente verificado nas práticas patrimoniais.<sup>30</sup>

Por outro lado, em *Spirit of Place: Between Tangible and Intangible Heritage*, o autor, Professor Catedrático de Etnologia e História, defende que o “espírito do lugar” permite uma compreensão aprofundada da vivência e da permanência dos monumentos, dos sítios e das paisagens. É construído pelos seres humanos em resposta às suas necessidades. Desse modo, as comunidades que habitam o lugar estão intimamente associadas à salvaguarda da sua memória, vitalidade, continuidade e espiritualidade. É por meio da participação interativa das comunidades envolvidas que o espírito do lugar se torna mais eficazmente salvaguardado, usado e aprimorado.<sup>31</sup>

Assim sendo, a salvaguarda do património abrange não apenas a conservação dos elementos materiais, mas também a preservação dos valores imateriais que lhe conferem significado no contexto contemporâneo. A sua conservação é sustentada por um conhecimento que permita a adaptação à atualidade e integre as questões ambientais, onde a participação da comunidade tem um papel relevante, transmitindo a importância de preservar a memória histórica como base para o futuro, pois são frequentemente guardiães do ‘espírito do lugar’ e contribuem para a sua vitalidade e continuidade.

O *Guia das Linhas Orientadoras de 2005 para a implementação da Convenção do Património, natural e construído* (UNESCO, 1987) tem como objetivo fornecer as ferramentas necessárias para o reconhecimento, identificação e documentação do património local, com dados precisos, de modo a aumentar o conhecimento e a proteção do património cultural, requerendo uma abordagem que contemple não apenas a conservação física, mas também a valorização dos saberes, práticas e valores culturais associados.

Estas diretrizes apresentam-se como instrumentos fundamentais para a conceção de abordagens de preservação, ao articularem a dimensão física dos bens patrimoniais com os elementos simbólicos que lhes conferem sentido. Aplicadas ao caso do Convento da Tomina, podem contribuir para uma leitura mais abrangente do seu valor cultural, permitindo a articulação entre a estrutura e materialidade do edifício, e os saberes, práticas e significados que nele se inscrevem.

---

<sup>29</sup> ICOMOS - International Council on Monuments and Sites, 2008, p.1.

<sup>30</sup> NORBERG-SCHULZ, 1976, pp. 444-446.

<sup>31</sup> TURGEON, 2009, pp. 429-430.

Para que possam ser eficazes, exige-se um conhecimento aprofundado da história do convento, da relação da comunidade com o espaço, bem como das dinâmicas sociais, territoriais e ambientais envolventes. Só através desta perspetiva integrada se torna possível captar a complexidade e riqueza do seu espírito’.

Este enquadramento permite, assim, lançar as bases para a etapa seguinte da investigação, centrada na compreensão atual do valor do Convento da Tomina e na exploração de estratégias que possam contribuir para a sua valorização e salvaguarda, de forma sustentada.

### **Desenvolvimentos Futuros**

O aprofundamento histórico e cultural do Convento da Tomina integra a dissertação como base para a formulação da proposta de salvaguarda e valorização do património sob a perspetiva da sustentabilidade sociocultural. O processo de trabalho será estruturado em diferentes fases de investigação, desde a revisão da literatura, até à recolha de dados no local e à análise das informações obtidas. A abordagem será de carácter misto, envolvendo, também, inquéritos na recolha de dados, tendo como orientação a posição de José Aguiar no texto intitulado “Projecto de Conservação: da importância do método à oportunidade das surpresas”:

“(…) as questões essenciais da conservação não são de natureza essencialmente técnica ou, sequer, científica, mas sim problemas de natureza eminentemente cultural! É a cultura de uma sociedade (ou a sua relatividade) que determina o essencial das escolhas e dos programas que os projectistas devem disciplinarmente resolver, falemos de cidade ou arquitecturas históricas, com mais ou menos arte.” (Aguiar, 2004, p. 3)<sup>32</sup>

De modo a “conhecer para preservar” o Convento da Tomina, será necessário realizar um trabalho detalhado de levantamento, tanto do edificado como do território, incluindo levantamentos fotográficos. Seguir-se-á uma análise histórica atenta, e um estudo comparativo com edifícios em situações idênticas, para que melhor se consiga compreender as vivências, perceber que novas funções foram atribuídas a idênticos edifícios religiosos, em que contexto, estabelecendo semelhanças através de características comuns, que poderão refletir valores sociais e culturais. Interessa assim acompanhar de perto as festas da Tomina, com o intuito de entrevistar os seus organizadores e intervenientes, assumindo uma estratégia de “observação-participante”. Essa análise permitirá apreender como este momento de festa contribui para o fortalecimento da identidade cultural da região, de acordo com as tradições, valores e crenças que ainda se mantêm. Após cumpridas estas etapas, será proposta uma metodologia de intervenção para o bem patrimonial.

### **Considerações Finais**

O contexto histórico, social e geográfico do Convento da Tomina, evidencia a sua relevância enquanto património arquitetónico e cultural da região. A análise dos elementos que constituem a identidade sociocultural do local, aliada à reflexão sobre os valores materiais e imateriais presentes, contribui para a definição de estratégias de salvaguarda adequadas à preservação e valorização deste património.

A memória coletiva que persiste em torno do Convento da Tomina é um dos seus maiores legados. A persistência dessa memória é uma prova de que o Convento da Tomina

---

<sup>32</sup> AGUIAR, J. Projecto de conservação: da importância do método à oportunidade das surpresas, 2004, p. 3.

desempenha um importante significado não apenas enquanto edificação, mas representa também, uma âncora cultural que se mantém viva na memória dos mais velhos, que a transmitem às novas gerações.

Neste sítio, cada elemento, seja ele uma construção, uma paisagem ou uma prática cultural, contribui para a construção de uma narrativa coletiva, onde o espaço físico e as memórias a ele associadas se cruzam. Manter vivas as práticas sócio-culturais, fortalecerá a continuidade da identidade local, adaptando-se de acordo com as necessidades atuais.

## Bibliografia

AGUIAR, José. **Projecto de conservação: da importância do método à oportunidade das surpresas**. Lisboa: ISCTE, 2004. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/237584978\\_PROJECTO\\_DE\\_CONSERVACAO\\_DA\\_IMPORTANCIA\\_DO\\_METODO\\_A\\_OPORTUNIDADE\\_DAS\\_SURPRESAS](https://www.researchgate.net/publication/237584978_PROJECTO_DE_CONSERVACAO_DA_IMPORTANCIA_DO_METODO_A_OPORTUNIDADE_DAS_SURPRESAS).

ARCEBISPO DE ÉVORA. **Estatvtyos econstitutvicoins da venerebel congregação da Beatissima Virgem Maria das Ncessidades da Tomina**. Cap. IV. Da vida commua, § II.

AUTORIDADE FLORESTAL NACIONAL (AFN). **Perímetro florestal da Contenda – Plano de gestão florestal**. Lisboa: AFN, 2023. Disponível em: [https://www.herdadedacontenda.pt/documentos/PGF\\_Contenda.pdf?utm\\_source](https://www.herdadedacontenda.pt/documentos/PGF_Contenda.pdf?utm_source).

BISPO, Francisco Ferreira. **Memórias paroquiais da vila de Moura e seu termo**. Moura, 1758. Disponível em: [https://www.academia.edu/101339618/Mem%C3%B3rias\\_Paroquiais\\_da\\_Vila\\_de\\_Moura\\_e\\_seu\\_termo?auto=download](https://www.academia.edu/101339618/Mem%C3%B3rias_Paroquiais_da_Vila_de_Moura_e_seu_termo?auto=download).

BRUNDTLAND, Gro Harlem. **Report of the World Commission on Environment and Development: Our common future**. Oxford: Oxford University Press, 1987. Disponível em: <https://sustainabledevelopment.un.org/content/documents/5987our-common-future.pdf>.

CALDEIRA, Arlindo Manuel. **A aldeia de Santo Aleixo: viagem ao passado de um povo da raia**. Moura: Junta de Freguesia de Santo Aleixo Comemorativa do 3.º Centenário da Restauração, 2016.

FRANCO, José; MOURÃO, José; GOMES, Ana. **Dicionário histórico das ordens e instituições afins em Portugal**. Lisboa: Gradiva, 2001.

GORDALINA, Rosário. **SIPA – Sistema de Informação para o Património Arquitectónico**. 2004. Disponível em: [http://www.monumentos.gov.pt/site/app\\_pagesuser/SIPA.aspx?id=2251](http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=2251).

ICOMOS. **International Council on Monuments and Sites**. Paris: ICOMOS, 2008.

JORGE, Manuel. **Diversos textos memorialísticos ligados à Congregação da Tomina e ao seu fundador**. Séc. XVIII–XIX.

JORGE, Manuel. “**Extracto e verdadeira relação do princípio da fundação do deserto da Tomina e vida do padre Manuel de Jesus Maria primeiro fundador da dita congregação**”(cópia). Séc. XVIII.

LECOQ, Nuno Joaquim Costa Cara de Anjo. **A herdade da Contenda: uma paisagem única como paisagem de referência**. Dissertação de mestrado. Évora: Universidade de Évora, 2014. Disponível em: <https://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/11412>.

MORÓN, Victoria. **Cuadernos Técnicos. Antropología e patrimonio: investigación, documentación e intervención**. Junta de Andalucía: Editorial Comares, 2003.

NORBERG-SCHULZ, Christian. **O fenômeno do lugar**. São Paulo: Perspectiva, 1976. Disponível em: [https://www.academia.edu/28075508/Christian\\_Norberg\\_Schulz\\_O\\_Fenomeno\\_do\\_Lugar](https://www.academia.edu/28075508/Christian_Norberg_Schulz_O_Fenomeno_do_Lugar).

NOTÍCIAS DO CONVENTO DA TOMINA. **Homenagem a Monsenhor Costa Correia**. Moura, 1987.

THEMUDO-BARATA, F.; MASCARENHAS, J. M.; CAPELO, S. How important is social cohesion to heritage landscape preservation and interpretation? In: **Proceedings of the ECLAS Conference 2014**. European Council of Landscape Architecture Schools (ECLAS), 2014.

TORRICO, Juan. **Cuadernos Técnicos. Antropología e patrimonio: investigación, documentación e intervención**. Junta de Andalucía: Editorial Comares, 2003.

TURGEON, Laurier. **Spirit of place: between tangible and intangible heritage**. UNESCO Digital Library.

UNESCO; ICCROM; ICOMOS. **Documento de Nara sobre a autenticidade do património cultural**. Nara, 1994. Disponível em: <https://comos.pt/images/pdfs/2021/35%20Documento%20de%20Nara%20sobre%20autenticidade%201994.pdf>.

RODRIGUES, Manuel. **Os baldios**. Lisboa: Caminho, 1987.

# ***A Alma dos Monumentos: Enquadramento conceptual, teórico e prático do Património Integrado***

**Ana Carolina Cardoso Cunha**

FLUP/CITCEM

[up201805889@edu.letras.up.pt](mailto:up201805889@edu.letras.up.pt)

**Maria Leonor Botelho**

FLUP/CITCEM

[mlbotelho@letras.up.pt](mailto:mlbotelho@letras.up.pt)

**Ana Cristina de Sousa**

FLUP/CITCEM

[accsousa@letras.up.pt](mailto:accsousa@letras.up.pt)

**Luís Sebastian**

Património Cultural, I.P.

[luissebastian@patrimoniocultural.gov.pt](mailto:luissebastian@patrimoniocultural.gov.pt)

**Resumo:** Tendo por foco o Património Integrado, o presente estudo reflete sobre o conceito, fundamental para apreender o monumento, e o conceito aplicado à salvaguarda patrimonial. Sem consenso na definição, ora é interpretado como relativo aos bens móveis imobilizados no suporte arquitetónico, ora como o conjunto de todos os bens criados para o imóvel que os contém, com o qual formam uma unidade. Assim, definimos como objetivo identificar e contextualizar (tempo, espaço e contexto) as diferentes abordagens interpretativas, almejando clarificar o que se entende por Património Integrado, elucidado quanto ao seu aspeto formal, funcional e simbólico. Refletindo sobre o valor de conjunto partilhado e a importância da preservação *in situ*, avançamos com a proposta de entender os bens removidos do contexto como *desintegrados* e simultaneamente associados. Para tal, analisamos o conceito à luz do direito internacional, teoria do património, legislação e políticas institucionais nacionais de atuação patrimonial, nomeadamente do IPPAR.

**Palavras-chave:** Património Integrado, *Alma dos Monumentos*, Valor de conjunto partilhado, Património *Desintegrado*, Património Associado.



## Introdução

O presente trabalho<sup>1</sup> debruça-se sobre o conceito de Património Integrado – a *Alma dos Monumentos* como sugerem Calado, Leite e Pereira (2003) – almejando clarificar o que é Património Integrado enquanto conceito, fundamental para compreender o monumento e, ainda, como ativo a considerar na salvaguarda.

Comummente utilizado no setor patrimonial português – academia, tutelas, setor profissional – o termo Património Integrado é alvo de diferentes interpretações, ora como bens móveis imobilizados no suporte arquitetónico, ora como o conjunto de todos os bens integrados no edifício, para o qual foram produzidos. Perante isto, identificam-se contributos pontuais para a definição ou reflexão conceptual.

No sentido de compreender a origem do conceito e a divergência interpretativa, colocamos como questão de investigação: O que se entende por Património Integrado? Traçamos como objetivo identificar e enquadrar no tempo, espaço e contexto as diferentes definições/abordagens apresentadas, procurando clarificar os aspetos formais, funcionais e simbólicos do Património Integrado, entre os quais a abrangência tipológica (Que categorias de bens?) e geográfica (Também os que já não integram o imóvel?).

Para tal, procedemos à análise cruzada de fontes de natureza distinta, porém complementar. A doutrina internacional, legislação e teoria patrimonial, permitiram compreender as tendências de salvaguarda na diacronia e o florescimento da valorização das partes integradas. A consulta da orgânica institucional e as políticas públicas de salvaguarda patrimonial, nomeadamente das intervenções promovidas pelo Instituto Português de Património Arquitetónico (IPPAR) (1992-2007), revelou-se igualmente fundamental para destrinçar a aplicação do conceito.

Dada a polissemia das noções de Património, não se pretende desenvolver o quadro teórico e conceptual geral, mas traçar uma linha cronológica das doutrinas estabelecidas e à luz da temática central – o Património Integrado – compreender as práticas vigentes e o papel dos bens móveis e móveis imobilizados, integrados nos monumentos. Assim, na primeira parte analisamos uma seleção de documentos normativos, intrincados com o caso português, identificando: a valorização destes elementos decorativos e integrados, além do próprio monumento; a importância de os preservar no local; e, ainda, o seu significado cultural.

De seguida, adentra-se no conceito – axial ao estudo – identificando o contexto em que surge, os atores envolvidos e o que determinam. Posto isto, na parte final refletimos sobre o conceito, de modo que possamos avançar no seu entendimento. Salienta-se a sua natureza formal, funcional e simbólica, numa relação simbiótica com o monumento, a qual resulta no valor de conjunto partilhado. Ainda, são apresentadas as noções complementares de património *desintegrado* e associado, de modo a abranger os bens removidos do seu contexto de origem. Por fim, reflete-se sobre a importância do conceito de Património Integrado para a salvaguarda e valorização patrimonial.

---

<sup>1</sup> Resulta do nosso projeto de doutoramento em Estudos do Património, em curso, intitulado “Património Integrado: Conceito(s), Inventário e Mediação. Os estudos de caso dos Mosteiros de São João de Tarouca e Santa Maria de Salzedas (Tarouca)” e financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (2024.01733.BDANA). É acolhido pelo CITCEM (UIDB/04059/2020) DOI <https://doi.org/10.54499/UIDB/04059/2020> e pelo Património Cultural, I.P..

## 1. Valorização dos bens culturais integrados: enquadramento normativo

Destriçar o conceito de Património Integrado requer que primeiramente se enquadre, à luz da teoria do património e do direito internacional, as tendências de salvaguarda e valorização patrimonial. Identificando, desde já, que o conceito é genericamente entendido como o conjunto dos bens culturais móveis integrados num imóvel, interessa situar no tempo a abertura doutrinal à salvaguarda e valorização dos bens integrados nos monumentos.

O conceito de *monumento* surge no século XIX, enquadrado na onda reacionária aos riscos de destruição e vandalismo, provocados pela Revolução Francesa e pelas reformas em Inglaterra, propondo a salvaguarda de bens culturais (maioritariamente imóveis) entendidos como notáveis, pela monumentalidade, qualidade estética e, sobretudo, pela relação com acontecimentos históricos, assumindo-se como *monumento de memória*.

Em 1896, identificamos na circular do Arcebispo de Évora o avanço das autoridades eclesiásticas na consciencialização patrimonial, da qual constava a salvaguarda de elementos decorativos e funcionais, afetos ao culto.

*Proibia-se o arranque dos azulejos, a pintura e a destruição das cantarias e das ferragens. Rogava-se por um maior cuidado e vigilância na conservação dos objectos de culto e impedia-se qualquer forma de alienação ou inutilização das alfaias antigas, sem se proceder ao conhecimento do seu valor arqueológico e artístico*<sup>2</sup>.

Perante este documento, somos confrontados com a ambiguidade, por vezes encontrada, entre a valorização patrimonial vigente em cada período, traduzida nos documentos orientadores, e as práticas efetivas de salvaguarda.

Desde os primórdios da produção normativa internacional identificamos a importância dada ao local de origem, como contexto ao qual o bem patrimonial pertence e no qual deve permanecer. Observámo-lo na *Carta de Atenas* de 1931 (Serviço Internacional de Museus), referência no restauro de monumentos, que defende, relativamente à escultura monumental, que a “deslocação de obras dos seus locais de origem deve, em princípio, ser desencorajada”<sup>3</sup>.

Contudo, só passados trinta anos veríamos abordada a relação do monumento e as partes que o compõem. A *Carta de Veneza* (ICOMOS, 1964) indica no art.º5º que embora a afetação dos monumentos a uma função útil à sociedade favoreça a sua conservação, tal não deve alterar a disposição e decoração dos edifícios<sup>4</sup>. Quebra-se, assim, pelo menos ao nível normativo, com a conservação estrita da estrutura arquitetónica. Ademais, no art.º8º especifica que “os elementos de escultura, pintura ou decoração que fazem parte integrante de um monumento não se podem separar dele”<sup>5</sup> exceto para assegurar a sua conservação. O entendimento destes elementos como parte do monumento e não apenas como objetos acessórios, abre um caminho conceptual indispensável à futura conceção

---

<sup>2</sup> Circular do Arcebispo de Évora, 1896 Apud RODRIGUES, Paulo Simões – **Património, Identidade e História. O Valor e o Significado dos Monumentos Nacionais no Portugal de Oitocentos**. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1998.p.262

<sup>3</sup> SERVIÇO INTERNACIONAL DE MUSEUS – **Carta de Atenas sobre o restauro de monumentos**. Atenas: Serviço Internacional de Museus, 1931.V. 2

<sup>4</sup> ICOMOS – **Carta de Veneza sobre a conservação e o restauro de monumentos e sítios**. Veneza: ICOMOS, 1964.art.º5º

<sup>5</sup> *Ibidem*, art.º8º

de Património Integrado. Reforça a ideia presente na *Carta de Atenas*, de que estes elementos não se podem separar do seu contexto, estando neste caso já focada na correlação monumento-partes integradas. Assim, os Estados membros devem assegurar a preservação dos bens culturais “no seu contexto e com o seu significado histórico”<sup>6</sup>.

Observamos um novo avanço com a *Recomendação sobre a Proteção, no âmbito nacional do Património Cultural e Natural* (UNESCO,1972), que aconselha aos Estados membros a realização de um inventário “[...] incluindo os bens que, embora não possuam importância excecional, façam parte integrante do meio para cuja caracterização contribuem”<sup>7</sup>. Neste sentido, assume que todos os bens, independentemente da atribuição de valores individuais, possuem um papel na caracterização do conjunto que integram.

Também as práticas de classificação em Portugal imanam as determinações normativas, do qual é exemplo o Decreto-Lei nº95/78, de classificação e reclassificação das Igrejas de Salzedas e São João de Tarouca, respetivamente. No primeiro caso, a classificação abarca um conjunto diversificado de bens integrados (tábuas quinhentistas, imagem em prata, contador de sacristia, cadeiral, revestimentos azulejares dos séculos XVII e XVIII e jardins anexos), cuja seleção recai na atribuição de valores excecionais, não obstante demonstrativa das tipologias à época consideradas notáveis.

Relativamente a São João de Tarouca, a reclassificação passa a abranger o Convento com todos os elementos que ainda possui, considerando todo o universo tangível como relevante.



Fig.1. Capela-mor da Igreja de Santa Maria de Salzedas. ©Ana Carolina Cardoso Cunha.2021



Fig.2. Sacristia da Igreja de São João de Tarouca. ©Ana Carolina Cardoso Cunha.2021

---

<sup>6</sup> UNESCO – **Recomendação sobre a preservação de bens culturais ameaçados por obras públicas e privadas**. Paris: UNESCO, 1968. Princípios Gerais,9.

<sup>7</sup> UNESCO – **Recomendação sobre a Proteção, no âmbito nacional do Património Cultural e Natural**. Paris: UNESCO, 1972.29

A questão é consolidada na *Convenção para a Salvaguarda do Património Arquitetónico na Europa* (1985), ao consagrar o Monumento como “todas as construções particularmente notável [...] incluído as instalações ou elementos decorativos que fazem parte integrante de tais construções”<sup>8</sup>. Esta definitiva mudança de paradigma, subentende que todos estes elementos passam a ser abrangidos pelas mesmas medidas de proteção, até então restritas ao monumento<sup>9</sup>.

A visão alinhada de Portugal com as diretrizes internacionais está patente na Lei nº13/85, que estabelece a primeira base de atuação patrimonial em Portugal. Publicada previamente à Convenção europeia, a conceção de *monumento* incluía já “instalações ou elementos decorativos que fazem parte integrante destas obras”<sup>10</sup>.

A preocupação pela coexistência das *estruturas históricas* e dos *artefactos* nelas contidos, exibidos e interpretados, adensa-se na década de noventa. A *Carta de Nova Orleães* (1992) reconhece que as duas dimensões merecem ser equitativamente consideradas nos planos de salvaguarda, preservando o carácter único de ambos<sup>11</sup>. Mais, desaconselha intervenções nas estruturas históricas ou artefactos que comprometam a integridade do outro. Também a *Recomendação No. R (98)4* (Conselho da Europa, 1998), inflete na promoção da conservação integrada dos *Complexos Históricos*, a qual “cannot be confined to building alone but also includes the movable heritage which lies in those buildings”<sup>12</sup>. Considerando o património móvel situado dentro e fora do edifício, ou associado a este por conexões históricas, artísticas, funcionais, culturais, entre outras, adverte que a sua remoção e dispersão resultará na perda irrecuperável da coerência conspícua do complexo<sup>13</sup>.

A questão da localização física será afirmada na *Carta de Burra* (ICOMOS, 1999) como parte do *significado cultural*<sup>14</sup> de um *sítio*, pelo que o edifício, obra ou qualquer outro componente deve permanecer na sua localização histórica, assim como “os conteúdos, acessórios e objetos que contribuam para o significado cultural de um sítio não devem ser retirados do seu lugar”<sup>15</sup>, sendo a realocação e remoção inaceitáveis, exceto se imprescindíveis para a sua sobrevivência.

Devem respeitar-se as múltiplas dimensões presentes num *sítio* pois, além da componente tangível, contribuem para o significado cultural: os usos, associações e significados de diferentes períodos. Vemos, pela primeira vez, enfatizada uma rede de aspetos imateriais de igual importância para a caracterização do *sítio*.

Encontram-se, portanto, estabelecidos os princípios basilares à salvaguarda e valorização das partes integradas. Enfatiza-se a importância de preservar no seu contexto, tal como a

---

<sup>8</sup> CONSELHO DA EUROPA – *Convenção para a Salvaguarda do Património Arquitetónico na Europa*. Granada: Conselho da Europa, 1985.art.º1º

<sup>9</sup> A Convenção foi ratificada pelo Estado Português, pelo que as medidas apresentadas assumem força de lei no território nacional.

<sup>10</sup> LEI nº 13/85. **D.R. I Série. 153** (1985-07-06) p.1865-1874. art.º8º

<sup>11</sup> AMERICAN INSTITUTE FOR CONSERVATION OF HISTORIC AND ARTISTIC WORKS; THE ASSOCIATION FOR PRESERVATION TECHNOLOGY INTERNATIONAL – **New Orleans Charter for Preservation of Historic Structures**. Washington, D.C., 1992.1

<sup>12</sup> CONSELHO DA EUROPA – *Recomendação No. R (98) 4*. [s.l.] Conselho da Europa, 1998.

<sup>13</sup> *Ibidem*

<sup>14</sup> ICOMOS – *Carta de Burra*. Burra: ICOMOS Austrália, 1999.art.º9º

<sup>15</sup> *Ibidem*: art.º10º



relevância destes elementos para o significado histórico e cultural do monumento, constituindo parte de um todo. Estas determinações normativas são absorvidas pela legislação e práticas dos vários Estados Membros, sendo fundamentais para a compreensão do conceito de Património Integrado em Portugal.

## 2. O Conceito de Património Integrado

Os organismos públicos responsáveis pelo património cultural em Portugal tutelam a aplicação das leis relativas à proteção e salvaguarda patrimonial, classificam bens culturais e emitem pareceres de carácter vinculativo. Diacronicamente, concentram a gestão *dos mais importantes monumentos nacionais*<sup>16</sup> - que lhes estão afetos – bem como a promoção das intervenções de conservação e restauro nos mesmos.

É no âmbito da atuação institucional, concretamente do IPPAR, que no final do século XX surge o conceito de Património Integrado. Resultado da alteração no quadro de funcionamento, aprovado pelo Decreto-Lei n.º120/97, de 16 de maio, o IPPAR assume “por bens culturais móveis integrados em imóveis as partes integradas e as coisas acessórias, na acepção da lei civil”<sup>17</sup>. A nova orgânica apresenta como novidade a criação do Departamento de Património Integrado, termo que aqui surge pela primeira vez. A este competia, entre outros: “Coordenar a política de restauro de bens móveis, ou do património artístico móvel, imobilizado, integrado e instalado nos imóveis classificados [...]”<sup>18</sup>.

Dentro do Departamento, à Divisão de Património Integrado competia “estudar o património cultural integrado nos imóveis afectos ao IPPAR ou que se lhe encontra associado”<sup>19</sup>. À Divisão de Conservação e Restauro incumbia as intervenções de conservação e restauro dos *bens móveis integrados nos imóveis classificados*, “nomeadamente as pinturas murais, os revestimentos azulejares, os cadeirais e arcazes das igrejas, os altares, os tectos em caixotões e respectivas pinturas, os elementos decorativos sobre estuque e em pedra, os órgãos e os vitrais”<sup>20</sup>.

Estas tipologias haviam sido elencadas três anos antes, a propósito de outra atualização na orgânica do IPPAR – Decreto-Lei n.º316/94, de 24 de dezembro – a fim de incorporar a valência do restauro de *bens móveis integrados em imóveis*, concretamente os imobilizados, cujo suporte se integra no conjunto arquitetónico. Identificava-se, assim, a necessidade de um departamento de salvaguarda dos bens integrados nos imóveis afetos – maioritariamente voltados ao culto e palácios – que, pela sua natureza material, não podiam facilmente ser deslocados<sup>21</sup>.

Retomando ao Departamento de Património Integrado, destaca-se a sua criação no âmbito da presidência de Luís Ferreira Calado, Joaquim Passos Leite e Paulo Pereira (1995-2003). Segundo escrevem, cabia ao Departamento “o estudo exaustivo do património móvel, imóvel, misto e, na generalidade integrado (ou seja, do património imobilizado

---

<sup>16</sup> PEREIRA, Paulo – Sob o signo e Sísifo. Políticas do património edificado em Portugal, 1980-2010. In CUSTÓDIO, Jorge, coord. – **100 anos de Património: Memória e Identidade. Portugal 1910-2010**.

2.ªed. Lisboa: Instituto de Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico, I.P., 2011. p.262

<sup>17</sup> DECRETO-LEI n.º120/97. **D.R. I-A Série. 113** (1997-05-16). art.º6º

<sup>18</sup> *Ibidem*: art.º18º 1 – a)

<sup>19</sup> *Ibidem*: art.º18º 5 – a)

<sup>20</sup> *Ibidem*: art.º18º 3 – b)

<sup>21</sup> DECRETO-LEI n.º316/94. **D.R. I-A Série. 296** (1994-12-24)



“por destino”<sup>22</sup>. Ademais, reforça-se que se é responsabilidade do IPPAR “a salvaguarda e conservação arquitetónica dos palácios e conventos, é também ao IPPAR que cabe a gestão integral dos mesmos, incluindo o seu recheio”<sup>23</sup>. Esta noção trouxe também vantagens de ordem prática, nomeadamente na classificação de imóveis, deixando de ser necessária a seleção dos bens móveis a incluir e passando a abranger todo o recheio.

Não obstante a introdução do termo no decreto de 1997 e a sua clara e imediata associação aos bens móveis integrados em imóveis, a sua definição apenas seria consolidada nas obras publicadas pela presidência do IPPAR (1997 e 2003). Considerando o papel institucional desempenhado pelos seus autores, estes documentos foram lidos como complementares e explicativos da visão impressa no Decreto-Lei de 1997 e nas práticas adotadas durante este período.

Na primeira obra, relativa às *Intervenções no Património: 1995-2000*, afirmam que “[...] de cada vez que falamos de *património integrado* falamos de *uma só coisa. De um bem patrimonial inclusivo de todos os elementos que o determinam como tal.*”<sup>24</sup>. Por sua vez, no artigo *Património Integrado ou a alma dos monumentos* (2003), debruçam-se sobre este *novo conceito*, como assumem. Como *património integrado* “devem entender-se todos os bens cuja finalidade e existência foi determinada pelo próprio edifício que os contém e que constituem com ele uma unidade”<sup>25</sup>, isto é, *parcelas identificativas e inalienáveis*<sup>26</sup>, bens imobilizados *por destino*, para o qual foram feitos “e para nenhum outro lado”<sup>27</sup>.

Vemos fixar-se uma definição abrangente, cujo foco reside na visão unitária do conjunto, ou seja, todos os bens que foram pensados e criados para assumirem uma função dentro deste contexto e, por conseguinte, contribuem simbólica e visualmente para o conjunto, sendo fundamentais para o entendimento da orgânica edificada.

A dupla relação física e simbólica é reforçada no Decreto-Lei nº140/2009, de 15 de junho<sup>28</sup>, que entende por Património Móvel Integrado não apenas os “bens móveis de interesse cultural relevante ligados materialmente e com carácter de permanência a[o] bem cultural imóvel”<sup>29</sup>, como também “os bens móveis que estejam afectos de forma duradoura ao seu serviço ou ornamentação”<sup>30</sup>. Face à definição de 2003, que compreende exclusivamente os bens pensados e concebidos para aquele destino, o DL introduz a noção de afetação ao imóvel de forma duradoura, passando igualmente a integrar no conjunto os bens que estabeleçam um vínculo utilitário ou ornamental de longa duração.

---

<sup>22</sup> PEREIRA, Paulo, coord. – **Intervenções no património: 1995-2000: Nova política**. Lisboa: IPPAR, 1997. p.46

<sup>23</sup> *Ibidem*

<sup>24</sup> *Ibidem*

<sup>25</sup> CALADO, L. F.; LEITE, J. P.; PEREIRA, P. – *Património Integrado ou a Alma dos Monumentos. Património Estudos*. Lisboa: IPPAR – Departamento de Estudos. nº4 (2003).p.5

<sup>26</sup> *Ibidem*

<sup>27</sup> *Ibidem*:7

<sup>28</sup> Estabelece o regime jurídico dos estudos, projetos, relatórios, obras ou intervenções sobre bens culturais classificados ou em vias, de interesse nacional, público ou municipal.

<sup>29</sup> DECRETO-LEI n.º140/2009. **D.R. I Série. 113** (2009-06-15) p.3653-3659. art.º3º

<sup>30</sup> *Ibidem*

Posteriormente, Nascimento (2014) explora a dimensão intangível do conceito. Desta forma, propõe que se entenda Património Integrado “como o conjunto de todos os bens de valor cultural materiais ou imateriais, representativos da história ou identidade de um edifício”<sup>31</sup>. Assumindo as dimensões tangíveis e intangíveis como inseparáveis, podemos compreender a importância dos usos e funções atribuídas aos objetos e do reconhecimento das vivências Homem-Património Integrado na “contextualização e valorização de um monumento”<sup>32</sup>.

Apesar dos contributos teóricos e conceptuais apresentados, a temática carece ainda de um estudo de fundo e, consecutivamente, da uniformização do conceito. Prova disso são os Decretos-Lei de 4 de setembro de 2023 que instituem e aprovam a orgânica do Património Cultural, I.P.<sup>33</sup> e da Museus e Monumentos de Portugal (MMP)<sup>34</sup>, atualmente responsáveis pela salvaguarda patrimonial em Portugal. São atribuições do Instituto Público assegurar “o inventário, a classificação, o estudo, a conservação, o restauro, a valorização e a divulgação do património cultural imóvel, integrado e imaterial, [...]”<sup>35</sup>. Portanto, devem implementar estas ações nos bens que lhe estão afetos, entenda-se monumentos e seu património integrado, abarcando os bens de natureza móvel e móvel imobilizada.

Por sua vez, cabe à MMP “A execução da política nacional de conservação e restauro do património cultural móvel, [...], promovendo a sua inovação e afirmação [...], em matéria de conservação e restauro de património cultural móvel e integrado”<sup>36</sup>. Face à distinção entre móvel e integrado, cuja definição não é apresentada, podemos considerar que se entende o património móvel e integrado como sendo duas tipologias, distintas entre si?

Não obstante o entendimento subjacente aos dois DL, estes são demonstrativos da falta de consenso na definição de Património Integrado, que se estende até ao presente. Nesta medida, questionamos – para investigação futura – se esta realidade é transversal a outros países. Como são entendidas e tratadas as partes integradas noutras realidades geográficas? Verifica-se a utilização do conceito de Património Integrado ou semelhante?

### 3. Património Integrado: valor de conjunto e preservação no contexto

O percurso traçado de reconhecimento e valorização dos bens culturais integrados, permite-nos avançar na reflexão sobre o conceito e os princípios basilares do mesmo.

O conceito de Património Integrado é, ainda hoje, alvo de debate. Podemos estabelecer a sua definição formal em *Património Integrado ou a alma dos monumentos* (2003), compreendendo todos os bens integrados no imóvel para o qual foram produzidos.

Não obstante, observa-se entre académicos e profissionais do setor uma segunda corrente interpretativa, apoiada nos Decretos-Lei do IPPAR de 1994 e 97, aludindo aos bens móveis imobilizados no suporte arquitetónico com carácter de permanência, decorrendo

---

<sup>31</sup> NASCIMENTO, Virgínia Glória [et al.] – Um projeto de salvaguarda integrada: estratégias de preservação e de comunicação de retábulos integrados em ermidas. **Conservar Património** [Em linha]. 27 (2018) p.78. [Consult. 25 mai. 2025]. Disponível em <https://doi.org/10.14568/cp2016041>

<sup>32</sup> *Ibidem*

<sup>33</sup> DECRETO-LEI n.º78/2023. **D.R. I Série. 171** (2023-09-04)

<sup>34</sup> DECRETO-LEI n.º79/2023. **D.R. I Série. 171** (2023-09-04)

<sup>35</sup> DECRETO-LEI n.º78/2023. **D.R. I Série. 171** (2023-09-04). art.º4º

<sup>36</sup> DECRETO-LEI n.º79/2023. **D.R. I Série. 171** (2023-09-04). art.º3º d)

dos exemplos tipológicos elencados nos referidos Decretos, e.g., pintura mural, revestimento azulejar, cadeirais, etc.

A principal diferença entre as duas definições reside, além das tipologias abrangidas, na abordagem aos próprios objetos e à sua relação com o monumento. A identificação do Património Integrado apresentada nos Decretos tem como foco o aspeto formal. O denominador comum reside no facto de, apesar da sua natureza móvel, os objetos estarem fisicamente adstritos ao suporte, não podendo facilmente ser removidos. Entendemos, pois, tratar-se de uma designação para distinguir e afirmar este conjunto de tipologias relativamente aos bens convencionalmente designados de móveis, e.g., pintura, escultura, etc.. Nesta leitura, destacam-se os valores artístico e histórico de cada um dos bens integrados, analisados na sua individualidade.

A definição de 2003, apreendemo-la como uma perspetiva de salvaguarda macro, pensada para a globalidade formada pelo monumento e pelos bens neste integrados. Neste sentido, a atribuição de valores recai sobre a totalidade do conjunto, para o qual todos os bens contribuem simbólica e funcionalmente.

Consideramos, portanto, que as duas interpretações podem ser percecionadas de forma complementar e cumulativa, cruzando a análise do aspeto formal intrínseco ao bem, com a leitura integrada do mesmo no seu contexto, para o qual contribuem todos os bens presentes.

Ainda, com base na evolução semântica do termo em debate, *Integrado* é definido como o “que se integrou, adaptado, incorporado”<sup>37</sup>, que, por sua vez, deriva de *Integrar*; que se entende como o ato ou ação de “incluir(-se) um elemento num conjunto, formando um todo coerente; incorporar(-se), integralizar(-s) [...] unir-se, formando um todo harmonioso”<sup>38</sup>. Retemos, portanto, dois pontos-chave, o ato de integrar um elemento num conjunto e a formação de um todo coerente e harmonioso. Falamos do contexto.

A importância de conhecer o bem no seu lugar e contexto, frisada no direito internacional, é reforçada no art.º2º da Lei nº107/2001, na medida em que integra no património cultural os bens materiais e imateriais, bem como “quando for caso disso, os respectivos contextos que, pelo seu valor de testemunho, possuam com aqueles uma relação interpretativa e informativa”<sup>39</sup>.

A compreensão e contextualização do Património Integrado e do edificado é indissociável. Deste prisma, o imóvel representa o contexto para o qual foram pensados, desenhados e produzidos e no qual desempenham uma função e, conseqüentemente, adquirem significado. Por outro lado, o Património Integrado centraliza o carácter funcional e as vivências em torno do imóvel, tornando-o num *repositório de memória coletiva*<sup>40</sup>. Assim, a realidade funcional e simbólica resultado da sinergia edifício-partes integradas, deve ser sempre considerada nas ações de salvaguarda e valorização.

---

<sup>37</sup> INSTITUTO ANTÓNIO HOUAISS – **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa**. Lisboa: Círculo de Leitores, 2001. p.2113

<sup>38</sup> *Ibidem*

<sup>39</sup> LEI nº107/2001. **D.R. I-A Série. 209** (2001-09-08). art.º2º

<sup>40</sup> NASCIMENTO, Virgínia Glória [et al.] – Um projeto de salvaguarda integrada: estratégias de preservação e de comunicação de retábulos integrados em ermidas. **Conservar Património** [Em linha]. 27 (2018) p.108. [Consult. 25 mai.2025]. Disponível em <https://doi.org/10.14568/cp2016041>

Neste sentido, afigura-se relevante adotar a noção de *Valor de conjunto partilhado*, introduzida pela Carta sobre os Itinerários Culturais (ICOMOS, 2008), pois “[...] refere-se a um conjunto de valor superior à soma dos elementos que o constituem e que lhe dão significado”<sup>41</sup>. Consideramos, pois, que a separação do imóvel e dos objetos entre si, resulta na perda parcial de valores, nomeadamente do seu valor antropológico, isto é, o seu valor de testemunho humano<sup>42</sup>.

Perante esta noção, relativamente aos bens que foram retirados do seu contexto original e incorporados em coleções museológicas ou outros edifícios, podemos identificar o Património Integrado do seu destino de origem? Nascimento (2014, 2018) propõe que os bens retirados do seu contexto original, continuem a ser entendidos como património integrado do seu imóvel de origem, uma vez que os julga fundamentais para compreender o monumento como um todo.

Visto que estes bens passaram a assumir uma nova dinâmica nos espaços onde foram reintegrados, podemos ainda identificá-los como Património Integrado do seu contexto de origem? Face ao exposto, propomos entendê-los como bens *desintegrados*, não ignorando por tal a sua movimentação. Contudo, atentando à importância da leitura de conjunto, defendemos que estes bens *desintegrados* permanecem simbolicamente associados ao seu contexto de origem. Convocamos a proposta de conceito de Património Associado apresentada por Sebastian (2007), que identifica:

[...] *uma complexa e extensa matriz de relações entre o monumento e uma miríade de objetos históricos, antes desconhecidos, irreconhecidos ou simplesmente desconsiderados pelo seu reduzido valor singular ao nível patrimonial, histórico e científico*<sup>43</sup>.

Quando aplicada ao Património Integrado permite-nos estabelecer uma rede de relações de carácter intangível entre o monumento (epicentro) e um conjunto de bens *desintegrados*. Como apontado anteriormente, a correta interpretação destes objetos requererá a sua associação ao seu contexto original e vice-versa.

*The more we divide objects up among themselves, the more we remove them from their context, the more we alienate them from their history, rendering them more and more incomprehensible*<sup>44</sup>

## Considerações finais

O conceito de Património Integrado é apresentado em Portugal no âmbito da atuação institucional, alinhado com a necessidade operativa de salvaguarda dos bens integrados nos monumentos afetos ao IPPAR. Sabe-se, contudo, profundamente devedor da consciencialização introduzida ao nível doutrinário.

Em continua mutação, a gestão do património cultural atravessou na segunda metade do século XX um processo de alargamento tipológico. O foco deixou de se cingir ao

---

<sup>41</sup> ICOMOS – **Carta sobre os Itinerários Culturais**. Quebec: ICOMOS, 2008.3

<sup>42</sup> DOMÍNGUEZ-GÓMEZ, Benjamín – Intervenciones acometidas en los retablos a lo largo de su historia: una propuesta de clasificación. **Conservar Património** [Em linha], 39 (2022), p.129. [Consult. 25 mai.2025]. Disponível em <https://doi.org/10.14568/cp2020029>

<sup>43</sup> SEBASTIAN, Luís – Património associado, uma proposta de conceito. **Estudos/Património**. Lisboa. n.º10 (2007) p.15

<sup>44</sup> VAROLI-PIAZZA, Rosalia – The object and its context. In VAROLI-PIAZZA, Rosalia, ed. – **Sharing Conservation Decisions**. Rome: ICCROM, 2007. p.82

monumento e passou a considerar os bens móveis integrados neste. Todavia, a mudança paradigmática reside na significação cultural que estes bens transmitem, o conjunto do qual o monumento é parte aglutinadora. Na ótica defendida, mais do que identificar valores e atributos excepcionais de forma individual, esses ativos, tangíveis e intangíveis, concorrem para o valor de conjunto partilhado que sustenta o Património Integrado.

O conceito revela-se, assim, multidimensional: formal, funcional e simbólico, tal como inicialmente propúnhamos clarificar. Considerando a relação umbilical entre o monumento e o seu recheio, entendemos que o conceito pode conter todas as tipologias de *bens móveis e móveis imobilizados na estrutura*, na medida em que contribuem para o significado cultural do conjunto.

Relativamente à abrangência geográfica. Considerando que desintegrar um bem cultural do seu contexto de origem se traduz na inevitável perda valorativa quer para o bem, quer para o conjunto, propomos entender estes bens já não como Património Integrado, mas antes *desintegrado*. Não obstante, a própria história do objeto determina o conhecimento dos seus movimentos, pelo que defendemos que este permanece simbolicamente *associado* ao local para o qual foi produzido.

A partir das considerações tecidas sobre a temática, levantam-se outras questões que identificamos para investigação futura. Reconhecendo a falta de consenso na definição do termo, que impacto esta teve e tem na gestão (intervenção e comunicação) do Património Integrado? De que forma o debate teórico repercute no campo operativo?

Numa visão de futuro, apontamos que uma (muito urgente) investigação de fundo sobre o Património Integrado, trará contributos de maior não apenas ao nível conceptual, como ao nível operativo – nas políticas patrimoniais públicas de salvaguarda e valorização. Isto porque, proteger o Património Integrado é proteger a *alma dos monumentos*.

## Bibliografia

AMERICAN INSTITUTE FOR CONSERVATION OF HISTORIC AND ARTISTIC WORKS; THE ASSOCIATION FOR PRESERVATION TECHNOLOGY INTERNATIONAL – **New Orleans Charter for Preservation of Historic Structures**. Washington, D.C., 1992.

CALADO, L. F.; LEITE, J. P.; PEREIRA, P. – Património Integrado ou a Alma dos Monumentos. **Património Estudos**. Lisboa: IPPAR – Departamento de Estudos. nº4 (2003), pp.5-15

CONSELHO DA EUROPA – **Convenção para a Salvaguarda do Património Arquitetónico na Europa**. Granada: Conselho da Europa, 1985.

CONSELHO DA EUROPA – **Recomendação No. R (98)4**. [s.l.] Conselho da Europa, 1998.

DECRETO DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA n.º5/91. **D.R. I-A Série. 19** (1991-01-23) p.386-386.



- DECRETO-LEI n.º95/78. **D.R. I Série. 210** (1978-09-12) p.1896 – 1901
- DECRETO-LEI n.º140/2009. **D.R. I Série. 113** (2009-06-15) p.3653-3659
- DECRETO-LEI n.º120/97. **D.R. I-A Série. 113** (1997-05-16) p.2421-2433
- DECRETO-LEI n.º316/94. **D.R. I-A Série. 296** (1994-12-24) p.7343-7345
- DECRETO-LEI n.º78/2023. **D.R. I Série. 171** (2023-09-04) p.130-142
- DECRETO-LEI n.º79/2023. **D.R. I Série. 171** (2023-09-04) p.143-161
- DOMÍNGUEZ-GÓMEZ, Benjamín – Intervenciones acometidas en los retablos a lo largo de su historia: una propuesta de clasificación. **Conservar Património** [Em linha], 39 (2022), pp.126-136. [Consult. 25 mai. 2025]. Disponível em <https://doi.org/10.14568/cp2020029>
- LEI nº13/85. **D.R. I Série. 153** (1985-07-06) p.1865-1874
- LEI nº107/2001. **D.R. I-A Série. 209** (2001-09-08) p.5808-5829
- ICOMOS – **Carta de Veneza sobre a conservação e o restauro de monumentos e sítios**. Veneza: ICOMOS, 1964.
- ICOMOS – **Carta de Burra**. Burra: ICOMOS Austrália, 1999.
- ICOMOS – **Carta sobre os Itinerários Culturais**. Quebec: ICOMOS, 2008.
- INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS – **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa**. Lisboa: Círculo de Leitores, 2001. Vol. IV
- NASCIMENTO, Virgínia Glória Abreu do – **O Mosteiro de Santa Clara do Funchal entre e além muros. A musealização de um monumento em funcionamento**. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2014. Dissertação de Mestrado
- NASCIMENTO, Virgínia Glória [et al.] – Um projeto de salvaguarda integrada: estratégias de preservação e de comunicação de retábulos integrados em ermidas. **Conservar Património** [Em linha]. 27 (2018) pp.103-110. [Consult. 25 mai. 2025]. Disponível em <https://doi.org/10.14568/cp2016041>
- PEREIRA, Paulo, coord. – **Intervenções no património: 1995-2000: Nova política**. Lisboa: IPPAR, 1997.
- PEREIRA, Paulo – Sob o signo e Sísifo. Políticas do património edificado em Portugal, 1980-2010. In CUSTÓDIO, Jorge, coord. – **100 anos de Património: Memória e Identidade. Portugal 1910-2010**. 2.ªed. Lisboa: Instituto de Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico, I.P., 2011.
- RODRIGUES, Paulo Simões – **Património, Identidade e História. O Valor e o Significado dos Monumentos Nacionais no Portugal de Oitocentos**. Lisboa:

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1998.  
Dissertação de Mestrado não publicada.

SEBASTIAN, Luís – Património associado, uma proposta de conceito.  
**Estudos/Património**. Lisboa. n.º10 (2007) pp.15-24.

SERVIÇO INTERNACIONAL DE MUSEUS – **Carta de Atenas sobre o restauro de monumentos**. Atenas: Serviço Internacional de Museus, 1931.

UNESCO – **Recomendação sobre a preservação de bens culturais ameaçados por obras públicas e privadas**. Paris: UNESCO, 1968.

UNESCO – **Recomendação sobre a Proteção, no âmbito nacional do Património Cultural e Natural**. Paris: UNESCO, 1972.

VAROLI-PIAZZA, Rosalia – The object and its context. In VAROLI-PIAZZA, Rosalia, ed. – **Sharing Conservation Decisions**. Rome: ICCROM, 2007.

# Entre Emancipação e Controle: o uso do LiDAR em processos de cartografia colaborativa em favelas

**Stefania Dimitrov**

Universidade Presbiteriana Mackenzie  
[stefania.dimitrov@gmail.com](mailto:stefania.dimitrov@gmail.com)

**Angelica Benatti Alvim**

Universidade Presbiteriana Mackenzie  
[angelica.benatti.alvim@gmail.com](mailto:angelica.benatti.alvim@gmail.com)

**Resumo:** Este ensaio analisa o uso de tecnologias de mapeamento, em especial o escaneamento a laser (LiDAR), na representação cartográfica de favelas brasileiras, explorando suas implicações entre práticas de controle e possibilidades de emancipação territorial. A pesquisa parte da constatação de que a invisibilidade cartográfica dessas áreas urbanas reflete não apenas uma ausência técnica, mas uma negação simbólica de pertencimento urbano. O estudo apresenta um panorama crítico das cartografias tradicionais e colaborativas, examinando os riscos e potenciais do uso de tecnologias digitais em contextos vulneráveis. A hipótese central é que o uso adequado de tecnologias emergentes pode ampliar o diálogo entre moradores e profissionais responsáveis pelas intervenções urbanas, promovendo representações mais precisas, acessíveis e inclusivas do território. O artigo também apresenta um método de mapeamento voltado especificamente para favelas com a reflexão sobre potencial e limites na colaboração dos moradores. Conclui-se que, embora as tecnologias digitais possam reforçar lógicas de dominação, elas também oferecem oportunidades concretas de transformação social quando mediadas por processos que incluem a colaboração. Ao reconhecer os moradores como produtores legítimos de conhecimento sobre seus territórios, o mapeamento colaborativo se configura como um instrumento estratégico para intervenções urbanas mais justas, sustentáveis e democráticas.

**Palavras-chave:** cartografia colaborativa, LiDAR, favela, tecnologias de mapeamento, participação comunitária

## **Introdução**

A cartografia tem desempenhado papel central na organização e controle dos territórios urbanos, sendo historicamente utilizada como instrumento de poder. No contexto das cidades brasileiras, esse poder se expressa também pela ausência: favelas muitas vezes não constam nos mapas oficiais, o que as torna invisíveis do ponto de vista técnico, jurídico e simbólico. Essa exclusão territorial representa uma forma de "extermínio simbólico", comprometendo o acesso a direitos básicos e dificultando a atuação efetiva do poder público.

A presente pesquisa parte da hipótese de que o uso adequado de tecnologias de mapeamento, como o escaneamento a laser (LiDAR) e a fotogrametria, pode contribuir significativamente para representar as complexas estruturas das favelas, promover o diálogo entre moradores e profissionais de planejamento urbano, e qualificar as propostas de intervenção. Propõe-se discutir os limites e potencial da cartografia colaborativa para ampliar a participação social.

A investigação tem como objetivo geral contribuir para a formulação de políticas públicas voltadas à urbanização de favelas brasileiras, utilizando tecnologias de mapeamento e processos colaborativos. Como objetivos específicos, busca-se consolidar dois produtos principais: (1) um quadro teórico conceitual que compara os diferentes tipos de mapeamento colaborativo e suas respectivas tecnologias, e (2) a definição de categorias de análise de avaliação das potencialidades e limitações dessas tecnologias no contexto do mapeamento de favelas. Ao final, espera-se que a reflexão sobre essas práticas possa contribuir para o desenvolvimento de intervenções mais inclusivas e participativas, reforçando o papel do mapeamento como uma ferramenta de diálogo e transformação social.

Este artigo adota uma abordagem qualitativa e descritiva, estruturada a partir da aplicação de um método de levantamento morfológico em favelas, que integra técnicas de sensoriamento remoto aéreo e terrestre. A colaboração dos moradores revelou-se essencial, especialmente para viabilizar o acesso físico ao território. O diálogo com lideranças locais e informações sobre acessos invisíveis à captação aérea configuraram formas de participação indireta, porém essenciais à produção cartográfica. Assim, a colaboração se estabeleceu não como protocolo formalizado, mas como uma condição prática e política para a realização do levantamento. A experiência aponta, portanto, para um modelo de levantamento em que o conhecimento técnico e o saber local se encontram de forma inicial, abrindo possibilidades futuras para metodologias mais colaborativas e coautoras. A aplicação do LiDAR terrestre exige circulação pelas vielas e aproxima o técnico do cotidiano da favela, estabelecendo a colaboração como condição prática do mapeamento.

## **Desenvolvimento**

### **1. Cartografias do poder: entre arrecadação e exclusão**

A cartografia tradicional tem sido historicamente utilizada como instrumento político e econômico de dominação, servindo para legitimar conquistas territoriais e organizar o controle estatal sobre os territórios. Segundo Harley, os mapas são essencialmente uma linguagem de confirmação do poder, e não de contestação, restringindo as interações sociais. “Os processos cartográficos praticados pelo poder consistem em atos deliberados,

em práticas de vigilância e adaptações cognitivas, conforme os valores e as crenças dominantes”<sup>1</sup>.

No Brasil, a produção de mapas foi inicialmente impulsionada pela arrecadação fiscal, e à estruturação do poder sobre a terra, com exemplos como a Lei de Terras de 1850, que segundo Raquel Rolnik<sup>2</sup>, atribuiu à terra o estatuto de mercadoria. A cartografia tornou-se então documento importante por representar o registro do poder econômico sobre a terra. Outro exemplo do mesmo foco de interesse cartográfico é explicitado por inúmeros mapas realizados pelas Companhias de Abastecimento de Água e de Energia Elétrica, reforçando o vínculo da cartografia ao interesse pela arrecadação. Essa lógica persiste até hoje, com sistemas como o GeoSampa — utilizado pela Secretaria da Fazenda como base técnica para a cobrança de impostos como o IPTU. Nesse contexto, é preciso refletir sobre o direito de não ser mapeado, especialmente quando a cartografia reforça lógicas de controle.

Esse paradigma cartográfico, focado na arrecadação e no controle, tende a excluir territórios que escapam dessa lógica, como é o caso das favelas. Ao não constarem nos mapas oficiais, esses territórios tornam-se invisíveis e seus moradores, marginalizados no acesso a direitos urbanos fundamentais. A ausência de endereços formais, por exemplo, compromete desde o recebimento de correspondência até a prestação de serviços públicos essenciais.

Recentemente, iniciativas como a implantação dos Plus Codes em Paraisópolis possibilita a localização precisa de residências por meio de sistemas de navegação como Google Maps e Waze. Resultado de uma parceria entre associações locais, o Google e empresas como as Lojas Americanas, essa iniciativa motivada pelo interesse comercial em viabilizar entregas em áreas anteriormente inacessíveis.

A presença de grandes empresas no financiamento do endereçamento levanta questionamentos sobre a transformação de direitos em mercadorias: ao viabilizar o acesso de consumidores em áreas antes invisíveis ao mercado formal, o patrocínio pode deslocar o foco do reconhecimento de cidadania para a expansão de mercados. Nesse contexto, moradores deixam de ser vistos como sujeitos de direito para serem tratados como potenciais clientes, reforçando uma lógica de mercantilização da cidade em detrimento de políticas públicas estruturantes.

Contudo, ao ser mediada por processos colaborativos, a cartografia pode se tornar instrumento de emancipação. O uso de tecnologias como o LiDAR deve, portanto, ser analisado criticamente: elas podem tanto reforçar o domínio quanto apoiar a produção coletiva de conhecimento e a luta por justiça territorial.

Nesse sentido, a busca pela cartografia em favelas carrega essa contradição entre ser um instrumento de exercício de dominação por quem busca a arrecadação e ser um instrumento de intervenção para a efetiva melhoria das condições de vida dos moradores. O reconhecimento dos espaços já construídos nas favelas por meio de processos colaborativos conduzidos por quem efetivamente detém o conhecimento sobre esses

---

<sup>1</sup> HARLEY, B. **Mapas, Saber e Poder**. Confins. Revue Franco-Brésilienne de Géographie / Revista Franco-Brasileira de Geografia, n. 5, 19 mar. 2009, p.56.

<sup>2</sup> ROLNIK, R. **Regulação Urbanística e Exclusão Territorial**. 3. ed. São Paulo: Polis, 1999



territórios configura-se, portanto, como ação primordial para uma intervenção urbana justa.

Considerando que, segundo Marcuse, historicamente, a tecnologia pode ser caracterizada como “um instrumento de controle e dominação”<sup>3</sup>, este artigo propõe uma reflexão crítica sobre os limites e os potenciais do uso de tecnologias LiDAR para mapeamento de favelas na promoção da colaboração comunitária, entendida como ferramenta de transformação territorial e social.

## 2. Tecnologias de Mapeamento em Favela

A realização de levantamentos planialtimétricos em favelas exige técnicas específicas, pois os métodos tradicionais de topografia muitas vezes não capturam a complexidade morfológica desses territórios, sobretudo nos miolos das quadras. A aerofotogrametria, por sua vez, permite superar dificuldades de acesso e oferece agilidade na geração de material gráfico, inclusive das áreas mais adensadas, ao capturar imagens sobrepostas de diferentes ângulos<sup>4</sup>.

Inicialmente baseada na interpretação de pares estereoscópicos, a fotogrametria evoluiu com a aplicação da técnica Structure from Motion – Multi-View Stereo (SFM-MVS), que utiliza sobreposição de múltiplas imagens para gerar modelos tridimensionais<sup>5</sup>. O avanço no processamento de dados viabilizou o uso de drones (VANTs) com câmeras embarcadas, tornando o processo mais flexível e acessível<sup>6</sup>.

Outra técnica de sensoriamento remoto é o LiDAR (Light Detection and Ranging), que calcula a tridimensionalidade com base na diferença de tempo entre a emissão e o retorno de pulsos laser. Com alta acurácia e independência da luz solar<sup>7</sup>, o LiDAR permite levantamentos em quaisquer condições climáticas, inclusive em áreas sombreadas ou sob densa vegetação, onde a aerofotogrametria perde eficácia<sup>8</sup>.

As imagens captadas por sensores embarcados em RPA, assim como as captadas por aeronaves tripuladas, têm a limitação de ser resultado do que é possível ser visto de cima apenas. As representações gráficas de cada edificação correspondem ao que é possível visualizar pela foto aérea. Na imagem aérea, apenas o limite externo do telhado é visível, ocultando elementos como beirais ou recuos. A restituição preliminar de uma favela inicia-se, portanto, pela vetorização do que se chama de “telhado-lote”, que é o limite visível na imagem aérea do que seria a edificação.

Portanto, a técnica de restituição aerofotogramétrica em favela deve ser associada a outras técnicas de levantamentos realizados a partir do chão, para resultar em material adequado para a representação da complexidade do espaço construído, não visíveis a partir do voo; e são muito importantes para o acompanhamento das intervenções.

---

<sup>3</sup> MARCUSE, H. *Tecnologia, Guerra e Fascismo*. São Paulo: Unesp, 1999, p.73.

<sup>4</sup> COELHO, E. C. R.; BRITO, J. L. N. de. *Aerofotogrametria digital: fundamentos e aplicações*. São Paulo: Oficina de Textos, 2007, p.11.

<sup>5</sup> ULLMAN, S.; BRENNER, S. **The interpretation of structure from motion**. *Proceedings of the Royal Society of London. Series B. Biological Sciences*, v. 203, n. 1153, p. 405–426, 1979.

<sup>6</sup> FERREIRA, K. R. et al. *Uso de imagens aéreas obtidas por VANTs na cartografia de precisão*. São José dos Campos: INPE, 2017.

<sup>7</sup> AGUILAR, C. B. A.; FLAIN, E. P.; COELHO, E. C. R. *O mundo das geotecnologias: ferramentas de análise e representação territorial*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2018, p. 96.

<sup>8</sup> RIBEIRO, C. S. M. *Topografia: teoria e prática*. 3. ed. São Paulo: Oficina de Textos, 2019.

Experiências recentes, como as conduzidas pelo Senseable City Lab (MIT) na Rocinha e no Vidigal, demonstram o potencial do levantamento com equipamentos LiDAR terrestre em complementar a aerofotogrametria. Essas iniciativas abrem caminho para refletir sobre as possibilidades de colaboração dos moradores no mapeamento, ampliando a representatividade e precisão dos levantamentos realizados.

### 3. Levantamento terrestre e o papel da colaboração dos moradores

O levantamento terrestre em favelas requer cuidados não apenas técnicos, mas também sociais e políticos. A entrada de agentes externos é muitas vezes restrita pelas comunidades, tanto por questões de segurança quanto para preservar sua autonomia. A presença de equipamentos de mapeamento pode ser vista como invasiva, sobretudo na ausência de relações prévias de confiança.

Conforme Foucault<sup>9</sup>, conhecer um território é também exercer poder sobre ele. Nesse sentido, os moradores detêm um conhecimento territorial valioso, construído no cotidiano. Permitir o mapeamento por terceiros pode significar ceder parte desse poder, historicamente negligenciado ou oprimido por instituições externas. Não se trata apenas de abrir a porta de casa, mas de compartilhar o domínio do território com aqueles que, historicamente, estiveram ausentes ou mesmo foram agentes de sua exclusão.

Mapear favelas, portanto, não é um simples ato técnico, mas uma ação política ligada a direitos sociais e urbanísticos. Para ser legítimo, o mapeamento precisa envolver ativamente os moradores, indo além da consulta, incorporando seu saber no processo de produção do conhecimento.

A cartografia, que já foi instrumento de dominação, também pode ser ferramenta de inclusão e de participação social<sup>10</sup>. O desafio está em criar formas efetivas de colaboração, reconhecendo a legitimidade do saber local. Com o avanço das tecnologias digitais, muda-se o papel de quem produz e consome mapas<sup>11</sup>, tornando a colaboração ainda mais estratégica.

Moradores de favelas são peças-chave na coleta de dados para projetos de intervenção<sup>12</sup>, sendo fundamental refletir sobre o potencial e os limites das tecnologias de mapeamento nesse contexto.

As metodologias de mapeamento colaborativo enfrentam o desafio de equilibrar a precisão técnica dos profissionais com a inclusão ativa dos moradores. Termos como Cartografia Social, Mapeamento Participativo, Colaborativo e Cartografia 2.0 indicam diferentes abordagens de envolvimento comunitário, cada uma com características e aplicações próprias.

Este artigo busca discutir esses conceitos e avaliar como as tecnologias podem contribuir para ampliar o diálogo entre moradores e técnicos, promovendo inclusão socioespacial e democratização da informação.

---

<sup>9</sup> FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

<sup>10</sup> LYNCH, K. **A boa forma da cidade**. São Paulo: Perspectiva, 1996.

<sup>11</sup> FOX, J.; SURYANATA, K.; HERSHBERG, C. Mapping power: ironic effects of spatial information technology. **Participatory Learning and Action**, v. 54, p. 71-76, 2008.

<sup>12</sup> SYDENSTRICKER-NETO, J. **O mapeamento participativo como ferramenta de gestão ambiental local**. Brasília: IPEA, 2008.

#### 4. Cartografias sociais, temáticas, participativas, colaborativas e 2.0

A Cartografia 2.0 surge com o uso da internet e dispositivos digitais, permitindo a participação direta dos usuários na criação de mapas e promovendo o que autores chamam de “democratização da cartografia”<sup>13</sup>. Essa abordagem se baseia no crowdsourcing e prioriza a colaboração distribuída, reduzindo o protagonismo dos especialistas na consolidação das informações. Ao reunir dados georreferenciados de múltiplos usuários, a Cartografia 2.0 permite a composição de mapas dinâmicos e abertos, ampliando o acesso à produção cartográfica.

Tendo como base a produção técnica por especialistas, e não por moradores, a Cartografia de Temática Social tem sido amplamente empregada para ilustrar fenômenos sociais e apoiar o planejamento urbano e ambiental. Já a Cartografia Social e o Mapeamento Participativo representam uma ruptura com essa tradição, colocando as comunidades no centro do processo de mapeamento<sup>14</sup>. Ao promover a participação ativa de moradores para compartilhar o conhecimento local, a Cartografia Social busca transformar a maneira como os territórios são compreendidos e geridos, promovendo a busca por uma maior equidade e inclusão.

O Mapeamento Colaborativo, por sua vez, é impulsionado pelas tecnologias digitais, que facilitam o acesso à internet e descentralizam a produção cartográfica. Isso deu origem à Cartografia 2.0, tornando os mapas mais participativos e acessíveis. No entanto, essa aparente democratização traz desafios como a garantia da qualidade dos dados, a mitigação de vieses e a proteção da privacidade dos usuários.

Se os mapas historicamente foram usados como instrumentos de dominação<sup>15</sup>, sua apropriação por comunidades invisibilizadas pode representar um gesto emancipatório. Muitos autores defendem que o Mapeamento Participativo vai além da inclusão, pois fortalece o controle das comunidades sobre a representação de seus territórios<sup>16</sup>.

Por outro lado, ao considerar que há uma relação direta entre os sistemas de conhecimento e o exercício do controle e do domínio social<sup>17</sup>, é necessário refletir sobre quem efetivamente usufrui do conhecimento local que acaba sendo compartilhado pelas comunidades invisibilizadas nos mapas oficiais. Se são realmente os sistemas de conhecimento responsáveis pelo exercício de controle e domínio social, e, o mapeamento, uma ferramenta de representação desse conhecimento, ao ensinar o uso da ferramenta, isso é, ao realizar o Mapeamento Participativo, não necessariamente está se permitindo a emancipação.

---

<sup>13</sup> SOUSA, M. R. A. **Cartografia 2.0: do Google Maps à Cartografia Colaborativa**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.

<sup>14</sup> MEIRELES, M.; SILVA, L. F.; FREITAS, A. C. *Cartografia social como instrumento de mediação de conflitos: o caso de assentamentos urbanos em áreas de risco*. Geosp, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 1-17, 2022.

<sup>15</sup> HARLEY, J. B. **Deconstructing The Map**. *Cartographica: The International Journal for Geographic Information and Geovisualization*, v. 26, n. 2, p. 1–20, jun. 1989.

<sup>16</sup> HERLIHY, P. H.; KNAPP, G. Maps of, by, and for the peoples of Latin America. **Human Organization**, v. 62, n. 4, p. 303-314, 2003.

<sup>17</sup> FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2021.

Assim, o Mapeamento Participativo não garante, por si só, a emancipação. Pode, inclusive, enfraquecer comunidades se não for conduzido com sensibilidade e intencionalidade. Apesar disso, se bem orientado, pode se tornar uma ferramenta potente na luta por direitos, visibilidade e justiça social. Afinal, como alerta Harley, todo mapa reflete intenções e relações de poder<sup>18</sup> — por isso, mais importante do que classificar os tipos de cartografia é analisar seus propósitos e impactos.

*Quadro 1: Comparação entre Cartografia de Temática Social, Cartografia Social, Mapeamento Participativo, Mapeamento Colaborativo e Cartografia 2.0*

| Tipo                        | Definição e Autoria                                                        | Objetivo e Aplicação                                                        | Potenciais e Desafios                                                               |
|-----------------------------|----------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------|
| Cartografia Temática Social | Representação técnica de dados sociais por especialistas.                  | Comunicar padrões espaciais de fenômenos como pobreza e educação.           | Informa políticas públicas, mas depende da qualidade e pode conter viés.            |
| Cartografia Social          | Produzida com participação comunitária, valorizando saber local.           | Dar visibilidade a grupos marginalizados e apoiar reivindicações.           | Fortalece identidade local; exige controle comunitário do processo.                 |
| Mapeamento Participativo    | Coleta e análise de dados feitas com moradores, em processos presenciais.  | Representar o território sob olhar comunitário e apoiar decisões conjuntas. | Favorece a gestão participativa; requer mediação e validação dos dados.             |
| Mapeamento Colaborativo     | Produção descentralizada com dados cidadãos e validação técnica posterior. | Criar mapas atualizados com colaboração cidadã ampla.                       | Aumenta cobertura cartográfica; há risco de viés e baixa qualidade.                 |
| Cartografia 2.0             | Participação digital via plataformas online e dispositivos móveis.         | Democratizar a produção de mapas em tempo real.                             | Expande inclusão digital; requer proteção de dados e supera barreiras tecnológicas. |

Fonte: Consolidação de dados compilados pela autora a partir de conceitos expostos por diversos autores.<sup>19</sup>

A dimensão política do mapeamento deve ser sempre debatida, considerando quem conduz o processo, as técnicas utilizadas e os usos dos resultados<sup>20</sup>. Para gestores públicos, o mapeamento colaborativo é uma ferramenta estratégica em áreas carentes de dados oficiais. Já para equipes de intervenção, ele pode facilitar o engajamento comunitário, ao incorporar perspectivas ignoradas pelas cartografias tradicionais e favorecer a aceitação das ações propostas.

Com a crescente disponibilidade de equipamentos de levantamento LiDAR terrestre, amplia-se o debate sobre seu uso em mapeamentos colaborativos. No entanto, nos casos

<sup>18</sup> HARLEY, J. B. *A nova natureza dos mapas: ensaios sobre a história da cartografia*. São Paulo: Contexto, 2008.

<sup>19</sup> ACSELRAD, H. *Cartografia social e dinâmicas territoriais*. Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ, 2008; SOUSA, M. R. A. *Cartografia 2.0: do Google Maps à Cartografia Colaborativa*. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012; VIANNA JUNIOR, L. C. et al. *Cartografia social: práticas, experiências e reflexões*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2010; SOUTO, A. C. *Cartografia e poder: representações do território e a construção da hegemonia*. *Revista GEOgraphia*, v. 14, n. 27, p. 35-54, 2012; MENEZES, M. F. A. de. *A cartografia social e a produção de territórios tradicionais*. In: VIANNA JUNIOR, L. C. et al. *Cartografia social: práticas, experiências e reflexões*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2010. p. 51-64; GIOVANNI, L. C. *Cartografia temática social: proposta metodológica e estudos aplicados*. Curitiba: UFPR, 2006; GRAVA, S. *Cartografia social e cidadania: reflexões sobre experiências na cidade de São Paulo*. In: ACSELRAD, H. (org.). *Cartografia social e dinâmicas territoriais*. Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ, 2008. p. 115-130

<sup>20</sup> ACSELRAD, H. *Cartografia social e dinâmicas territoriais*. Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ, 2008.

analisados — Rocinha, Vidigal, Jardim Colombo e Antonico —, a colaboração dos moradores com o uso do LiDAR ainda se restringiu à viabilização do acesso, sem participação na produção ou interpretação dos dados. Embora isso represente um avanço frente aos mapeamentos exclusivamente aéreo, ainda está distante de uma cartografia coautoral, revelando o desafio de integrar efetivamente o saber local na representação dos territórios.

## 5. Categorias de análise para mapeamentos colaborativos

A partir de diferentes experiências em favelas, foram identificadas quatro categorias-chave para avaliar a colaboração em processos cartográficos: **co-criação**, **anonimato**, **portabilidade** e **difusão**.

### 5.1 Co-criação

A co-criação permite que múltiplas vozes contribuam para a construção de uma base única de informações, integrando saberes locais e técnicos, rompendo com modelos excludentes de produção de conhecimento<sup>21</sup>. Essa integração fortalece laços comunitários, promove o pertencimento e capacita moradores a reivindicarem direitos<sup>22</sup>. No entanto, é necessário atentar-se às relações de poder dentro e fora da comunidade, criando canais de mediação que evitem a reprodução de desigualdades<sup>23</sup>. Plataformas adequadas potencializam esse processo, tornando a co-criação um instrumento para territórios mais justos e democráticos.

### 5.2 Anonimato

O anonimato, viabilizado por plataformas online, urnas físicas ou encontros virtuais, pode favorecer a participação em contextos de poder rígido ou conflitos, ao permitir que moradores expressem opiniões sem medo de represálias. Ele pode estimular maior abertura e honestidade, evitando constrangimentos e incentivando a colaboração de grupos normalmente silenciados.

Por outro lado, a ausência de identificação pode comprometer a confiabilidade das informações, dificultar o aprofundamento de debates e enfraquecer o senso de responsabilidade coletiva. Pode ainda favorecer a disseminação de informações falsas, minando a confiança entre os participantes.

O impacto do anonimato depende do contexto político e social da comunidade. Avaliar cuidadosamente seus riscos e benefícios é essencial para garantir que a colaboração seja efetiva, segura e representativa.

### 5.3 Portabilidade

A portabilidade refere-se à capacidade de levar os meios de mapeamento até os moradores, facilitando sua participação sem exigir deslocamentos, especialmente importante para quem tem mobilidade reduzida<sup>24</sup>. Mapas menores (A4, A3) ou dispositivos móveis ampliam acessibilidade e engajamento no campo.

---

<sup>21</sup> SYDENSTRICKER-NETO, J. **O mapeamento participativo como ferramenta de gestão ambiental local**. Brasília: IPEA, 2008.

<sup>22</sup> ACSELRAD, H. **Cartografia social e dinâmicas territoriais**. Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ, 2008, p.19.

<sup>23</sup> ALMEIDA, A. W. B. de; JÚNIOR, O. A. **Mapas culturais: um instrumento para o diálogo entre saberes**. São Paulo: Instituto Pólis, 2013, p. 96.

<sup>24</sup> CORBETT, Jon et alli. **Resumo: Cartografia para mudança – o aparecimento de uma prática nova**. Participatory learning and action n° 54, 2006.



No entanto, o simples acesso à mídia não garante colaboração. É necessário considerar o contexto social e as capacidades técnicas da comunidade<sup>25</sup>.

#### 5.4 Difusão

A difusão amplia o alcance das informações cartográficas, tornando-as acessíveis não só à comunidade mapeada, mas também a atores externos e tomadores de decisão<sup>26</sup>. Essa visibilidade pode fortalecer o conhecimento local, sensibilizar sobre demandas específicas e influenciar políticas públicas mais justas e adequadas<sup>27</sup>.

Ao conscientizar moradores sobre seu território, a difusão contribui para o fortalecimento da identidade comunitária, senso de pertencimento e mobilização por direitos e soluções coletivas<sup>28</sup>. Assim, o conhecimento produzido de forma participativa torna-se instrumento de transformação social.

Contudo, a divulgação de dados sensíveis pode gerar conflitos ou exposição indevida<sup>29</sup>. É essencial garantir uma gestão transparente e segura das informações, assegurando que a difusão promova a equidade socioespacial e não a exploração.

As quatro categorias — co-criação, anonimato, portabilidade e difusão — formam, juntas, um referencial para avaliar e desenvolver metodologias de mapeamento colaborativo em favelas.

### 6. Mapeamento Colaborativo: Encontros e Desencontros

Tendo em vista os conceitos descritos de co-criação, anonimato, portabilidade e difusão, este texto explora a aplicação dos diferentes processos utilizados para mapeamentos colaborativos. Entende-se a necessidade de refletir não somente sobre o produto resultante da cartografia, mas também sobre o processo em que ele é realizado. Dessa maneira, a cartografia é compreendida como um processo no qual é necessário avaliar as condições em que é feita — se a colaboração ocorre de forma física ou digital e se envolve encontros presenciais ou contribuições remotas.

#### 6.1 Mídia física em encontros presenciais

Mapas impressos, maquetes e materiais como papel e tinta são comumente usados em oficinas presenciais. Formatos maiores (A0, A1) facilitam a co-criação coletiva, mas reduzem a portabilidade; já mídias menores (A3 ou A4) são mais acessíveis, mas limitam a interação simultânea. A escolha do local do encontro — como igrejas ou escolas — influencia o engajamento, pois envolve deslocamento dos moradores. A exposição pessoal e a habilidade manual exigida podem gerar resistência, especialmente se os

---

<sup>25</sup> CAQUARD, S. (2001). **Des cartes multimédias dans le débat public. Pour une nouvelle conception de la cartographie appliquée à la gestion de l'eau. Thèse de Doctorat de Géographie.** UFR de Sciences Humaines et Sociales. Saint-Etienne, Université Jean Monnet: 276 p. + Annexes

<sup>26</sup> SYDENSTRICKER-NETO, J. **O mapeamento participativo como ferramenta de gestão ambiental local.** Brasília: IPEA, 2008

<sup>27</sup> BOMFIM, L. H. G.; TROMBETA, F. C. **Cartografia Social: um guia para elaboração participativa de mapas e diagnósticos.** Brasília: MDS, 2014, p.7.

<sup>28</sup> ALMEIDA, A. W. B. de; JÚNIOR, O. A. **Mapas culturais: um instrumento para o diálogo entre saberes.** São Paulo: Instituto Pólis, 2013, p. 95.

<sup>29</sup> ACSELRAD, H. **Cartografia social e dinâmicas territoriais.** Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ, 2008., p.7.

registros forem interpretados como autorais. Segundo Turkle, os indivíduos são mais limitados por normas sociais ou expectativas baseadas na aparência física em ambiente presenciais, o que pode significar um outro agravante de resistência a exposição, levando a ações de menor expressão em relação a um ambiente digital.<sup>30</sup>

Materiais padronizados e convenções cartográficas podem amenizar essa resistência, mas também podem suprimir expressões locais<sup>31</sup>.

A difusão dos resultados obtidos por meio da mídia física em encontros presenciais geralmente é limitada, muitas vezes restrita aos próprios participantes do processo.

## **6.2 Mídia Digital em Encontros Presenciais**

Dispositivos como celulares, tablets e televisores ampliam as possibilidades de interação. Telas menores aumentam a portabilidade; maiores, por sua vez, favorecem a colaboração simultânea. A edição digital, aliada à possibilidade de anonimato, tende a reduzir a resistência dos moradores à exposição pessoal. Ferramentas digitais podem ainda facilitar a integração de diferentes tipos de dados e conhecimentos, incluindo saberes tradicionais, em um formato acessível e visualmente atrativo<sup>32</sup>. A mídia digital ainda permite maior integração de dados e maior alcance de difusão, embora sua efetividade dependa da familiaridade dos moradores com a tecnologia.

## **6.3 Mídia Digital em Encontros Digitais**

A convergência entre o físico e o digital é plenamente realizada nos encontros digitais, onde plataformas e ferramentas permitem o mapeamento colaborativo à distância. Aqui, a portabilidade não está ligada ao tamanho físico, mas sim à acessibilidade digital e à conectividade.

Essa abordagem envolve o uso de plataformas e ferramentas digitais que permitem o mapeamento colaborativo à distância, sem a necessidade de encontros presenciais. Nesse caso, o tamanho físico do dispositivo é irrelevante, pois o acesso é feito por meio de dispositivos individuais. A colaboração depende da capacidade da plataforma em proporcionar interação e edição colaborativa em tempo real. A colaboração digital depende do acesso à internet e da familiaridade com as plataformas<sup>33</sup>.

O anonimato ganha uma nova dimensão, pois o ambiente digital facilita a colaboração sem exposição direta, algo que pode ser positivo em contextos de ambientes de conflitos, protegendo os participantes<sup>34</sup>. A perspectiva de proteção da identidade nos registros pode ser uma maneira de aumentar o engajamento na produção de mapeamento colaborativo. Por outro lado, dependendo da moderação, o anonimato digital pode também minar a confiança mútua e a responsabilidade compartilhada, fatores que podem interferir na construção de diálogos produtivos e decisões coletivas.

---

<sup>30</sup> TURKLE, Sherry, **Life on the Screen: Identity in the Age of the Internet**. London: Weidenfeld & Nicholson, 1996.

<sup>31</sup> ACSELRAD, H. **Cartografia social e dinâmicas territoriais**. Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ, 2008.

<sup>32</sup> GORAYEB, A. **Mapeamento participativo: novas tecnologias e redes sociais como ferramentas para o planejamento urbano inclusivo**. Fortaleza: UFC, 2014, p.8.

<sup>33</sup> TURKLE, Sherry, **Life on the Screen: Identity in the Age of the Internet**. London: Weidenfeld & Nicholson, 1996, p. 341.

<sup>34</sup> CASTELLS, Manuel. **A era da informação: economia, sociedade e cultura**. 5. ed ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 1

É necessário considerar ainda a familiaridade dos participantes com as tecnologias digitais, o que pode afetar a receptividade e aumentar a resistência pela colaboração. Mas, pode também despertar curiosidade e aumentar o engajamento.

A difusão das informações e resultados em processos digitais tende a ser alta, permitindo que os dados coletados sejam compartilhados amplamente, influenciando a formulação de políticas públicas mais justas e eficazes.

#### **6,4 Mapas Digitais com Captura Sensorial**

Os avanços recentes nas tecnologias de sensoriamento remoto têm ampliado significativamente a capacidade de coleta de dados urbanos sem a necessidade de contato físico direto e, em muitos casos, sem a colaboração consciente dos moradores. Sensores instalados em diferentes pontos da cidade — tanto fixos quanto móveis — permitem a captação de informações como fluxo de pessoas, temperatura, ruídos, poluição e outros aspectos do ambiente urbano. O LiDAR terrestre é um sensor remoto, apesar da necessidade da presença física de quem está operando o equipamento. Essa tecnologia permite a captura remota de dados tridimensionais com alta precisão, sendo especialmente útil em contextos urbanos complexos como favelas.

Essas tecnologias oferecem grande potencial técnico, permitindo a produção de mapas detalhados e dinâmicos, que revelam as transformações contínuas do espaço urbano. Sensores em celulares, drones ou veículos, por exemplo, podem identificar padrões de circulação ou congestionamentos, apoiando decisões sobre infraestrutura urbana com base em evidências empíricas e georreferenciadas. No caso das favelas, o LiDAR terrestre se destaca por sua capacidade de registrar áreas de difícil visibilidade por sensores aéreos, como vielas estreitas e cobertas, ampliando a visibilidade técnica de territórios antes considerados "invisíveis" ao planejamento urbano tradicional.

Entretanto, a eficácia técnica desses dispositivos não elimina desafios fundamentais relacionados à ética, à privacidade e à colaboração dos moradores. A ausência de consentimento explícito ou de envolvimento ativo dos moradores na coleta, leitura ou interpretação dos dados pode comprometer a legitimidade dos processos. Quando não articuladas a estratégias de escuta e coautoria, essas tecnologias correm o risco de reforçar dinâmicas de observação unidirecional, desconsiderando o conhecimento e as prioridades das comunidades mapeadas.

A anonimização dos dados é uma medida essencial para proteger a privacidade dos indivíduos, mas não substitui a necessidade de processos transparentes, nos quais fique claro quem coleta, quem acessa e quem se beneficia da informação. Além disso, a mera disponibilização de dados técnicos não garante que as comunidades possam utilizá-los de forma efetiva. A devolutiva dos resultados precisa considerar linguagens acessíveis, formatos adequados e canais legítimos de comunicação com os moradores.

A incorporação de tecnologias como o LiDAR em práticas participativas pode ampliar o potencial transformador do mapeamento. Quando inserido em processos colaborativos — como oficinas presenciais ou encontros digitais que envolvam os moradores na leitura e interpretação das nuvens de pontos —, o sensoriamento remoto pode deixar de ser apenas uma ferramenta de vigilância e passar a ser um instrumento de justiça socioespacial. Nesse contexto, a colaboração não é uma etapa acessória, mas um fundamento ético e político para a construção de cartografias mais justas, sensíveis e eficazes.

## Considerações Finais

Este artigo refletiu criticamente sobre o uso de tecnologias digitais de mapeamento, especialmente o LiDAR terrestre, em favelas, destacando seu potencial emancipatório quando integrado a práticas de cartografia colaborativa. Embora associadas a controle e vigilância, tais tecnologias podem fortalecer a cidadania se forem utilizadas de forma colaborativa.

Com base nas categorias analíticas de co-criação, anonimato, portabilidade e difusão, construiu-se um referencial para avaliar práticas de mapeamento colaborativo em contextos de vulnerabilidade. A articulação entre diferentes formas de engajamento e tecnologias adaptadas à realidade das favelas busca reposicionar os moradores como protagonistas na produção do conhecimento urbano.

Conclui-se que a colaboração não é opcional, mas essencial à construção de mapas mais equitativos. O desafio é garantir a coautoria e a devolutiva útil às comunidades. Pesquisas futuras devem aprofundar a aplicação da metodologia, explorar o uso de dispositivos mais acessíveis, ampliar os mecanismos de devolutiva e buscar integração com políticas públicas de planejamento e regularização urbana.

## Bibliografia

- ACSELRAD, H. **Cartografia social e dinâmicas territoriais**. Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ, 2008.
- AGUILAR, C. B. A.; FLAIN, E. P.; COELHO, E. C. R. **O mundo das geotecnologias: ferramentas de análise e representação territorial**. São Paulo: Editora Mackenzie, 2018.
- ALMEIDA, A. W. B. de; JÚNIOR, O. A. **Mapas culturais: um instrumento para o diálogo entre saberes**. São Paulo: Instituto Pólis, 2013.
- BOMFIM, L. H. G.; TROMBETA, F. C. **Cartografia Social: um guia para elaboração participativa de mapas e diagnósticos**. Brasília: MDS, 2014.
- CAQUARD, S. (2001). **Des cartes multimédias dans le débat public. Pour une nouvelle conception de la cartographie appliquée à la gestion de l'eau. Thèse de Doctorat de Géographie**. UFR de Sciences Humaines et Sociales. Saint-Etienne, Université Jean Monnet: 276 p. + Annexes
- CASTELLS, Manuel. **A era da informação: economia, sociedade e cultura**. 5. ed ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 1
- COELHO, E. C. R.; BRITO, J. L. N. de. **Aerofotogrametria digital: fundamentos e aplicações**. São Paulo: Oficina de Textos, 2007.
- CORBETT, Jon et alli. **Resumo: Cartografia para mudança – o aparecimento de uma prática nova**. Participatory learning and action nº 54, 2006.
- FERREIRA, K. R. et al. **Uso de imagens aéreas obtidas por VANTs na cartografia de precisão**. São José dos Campos: INPE, 2017.

- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2021.
- FOX, J.; SURYANATA, K.; HERSHBERG, C. Mapping power: ironic effects of spatial information technology. **Participatory Learning and Action**, v. 54, p. 71-76, 2008.
- GIOVANNI, L. C. **Cartografia temática social: proposta metodológica e estudos aplicados**. Curitiba: UFPR, 2006.
- GORAYEB, A. **Mapeamento participativo: novas tecnologias e redes sociais como ferramentas para o planejamento urbano inclusivo**. Fortaleza: UFC, 2014.
- GRAVA, S. **Cartografia social e cidadania: reflexões sobre experiências na cidade de São Paulo**. In: ACSELRAD, H. (org.). **Cartografia social e dinâmicas territoriais**. Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ, 2008. p. 115-130.
- HARLEY, B. **Mapas, Saber e Poder**. Confins. Revue Franco-Brésilienne de Géographie / Revista Franco-Brasileira de Geografia, n. 5, 19 mar. 2009
- HARLEY, J. B. **A nova natureza dos mapas: ensaios sobre a história da cartografia**. São Paulo: Contexto, 2008.
- HARLEY, J. B. **Deconstructing The Map**. **Cartographica**: The International Journal for Geographic Information and Geovisualization, v. 26, n. 2, p. 1–20, jun. 1989
- HERLIHY, P. H.; KNAPP, G. Maps of, by, and for the peoples of Latin America. **Human Organization**, v. 62, n. 4, p. 303-314, 2003.
- LYNCH, K. **A boa forma da cidade**. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- MARCUSE, H. **Tecnologia, Guerra e Fascismo**. São Paulo: Unesp, 1999
- MEIRELES, M.; SILVA, L. F.; FREITAS, A. C. **Cartografia social como instrumento de mediação de conflitos: o caso de assentamentos urbanos em áreas de risco**. *Geousp*, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 1-17, 2022.
- MENEZES, M. F. A. de. **A cartografia social e a produção de territórios tradicionais**. In: VIANNA JUNIOR, L. C. et al. **Cartografia social: práticas, experiências e reflexões**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2010. p. 51-64.
- RIBEIRO, C. S. M. **Topografia: teoria e prática**. 3. ed. São Paulo: Oficina de Textos, 2019.
- ROLNIK, R. **Regulação Urbanística e Exclusão Territorial**. 3. ed. São Paulo: Polis, 1999.
- SOUTO, A. C. **Cartografia e poder: representações do território e a construção da hegemonia**. *Revista GEOgraphia*, v. 14, n. 27, p. 35-54, 2012.



SOUSA, M. R. A. **Cartografia 2.0: do Google Maps à Cartografia Colaborativa**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.

SYDENSTRICKER-NETO, J. **O mapeamento participativo como ferramenta de gestão ambiental local**. Brasília: IPEA, 2008.

TURKLE, S. **A vida no ecrã: a identidade na era da Internet**. Lisboa: Relógio d'Água, 1996.

ULLMAN, S.; BRENNER, S. **The interpretation of structure from motion**. **Proceedings of the Royal Society of London**. Series B. Biological Sciences, v. 203, n. 1153, p. 405–426, 1979.

VIANNA JUNIOR, L. C. et al. **Cartografia social: práticas, experiências e reflexões**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2010.

# De provinciana a internacional: interiores modernos de uma Curitiba em transição

**Giovanna Renzetti**

Universidade Presbiteriana Mackenzie  
[gprenzetti@gmail.com](mailto:gprenzetti@gmail.com)

**Ruth Verde Zein**

Universidade Presbiteriana Mackenzie  
[ruth.zein@mackenzie.br](mailto:ruth.zein@mackenzie.br)

**Resumo:** Revistas de moda, decoração e estilo de vida foram vetores primordiais na disseminação dos “preceitos” da vida moderna em Curitiba, capital do estado do Paraná, Brasil - ainda uma cidade provinciana até meados do século XX que experimentou um grande crescimento a partir da década de 1950, quando artigos publicitários voltados para o interior das casas, destinados à classe burguesa, eram escritos à maneira de “manuais domésticos”, com matérias informativas sobre as tendências da arquitetura e do design de interiores, destacando casas consideradas “modernas e funcionais. A imprensa escrita foi um importante veículo de difusão cultural e de formação de opinião sobre os gostos estéticos da vida, do design de interiores e do morar doméstico. A presente pesquisa tem se debruçado sobre um amplo conjunto dessas fontes documentais. Assim, selecionados dentre as residências modernas curitubanas publicadas na época, são apresentados no texto a seguir dois estudos de caso: um no início e outro num momento mais consolidado desse processo de “modernização”; ambos para clientes com o mesmo desejo: ser moderno: a residência Cleuza e Ayrton Cornelsen (1949) projetada pelo próprio morador e arquiteto Ayrton Cornelsen; e o projeto não construído da residência Hellio Setti (~1963), do então engenheiro e estudante de arquitetura Jaime Lerner futuro urbanista e prefeito da cidade. O foco da análise recai sobre o estudo dos interiores arquitetônicos e a verificação de como eles são apresentados gráfica e textualmente como parte do esforço de catequização para disseminar os valores da então chamada modernidade.

**Palavras-chave:** Revistas de moda e estilo de vida, Interiores domésticos, Casas modernas, Modernidade.

## Introdução

Revistas de moda, decoração e estilo de vida foram vetores primordiais na disseminação dos “preceitos” da vida moderna em Curitiba, capital do Estado do Paraná, Brasil - ainda uma cidade provinciana em meados do século XX - que experimentou grande crescimento após as décadas de 1950-60 graças a uma expansão econômica e cultural apoiada pela riqueza agrícola. A cidade ganhou notoriedade nacional e internacional graças a ações urbanas transformadoras bem divulgadas, principalmente pelas revistas locais, momento em que a timidez provinciana da classe alta deu lugar ao anseio por modernização. Os artigos publicitários sobre os interiores das casas, destinados à classe burguesa, eram redigidos à maneira de “manuais domésticos” com matérias informativas sobre as tendências da arquitetura e do design de interiores, destacando as casas consideradas “modernas e funcionais” seguidas de perto pelos leitores das classes intelectuais e altas que pretendiam conviver com as inovações tecnológicas, sociais e artísticas de um Brasil metropolitano e do mundo moderno<sup>1</sup>.

Revistas ilustradas das capitais do Rio de Janeiro e São Paulo, e outras de produção local aumentaram sua circulação em Curitiba, como destaca Kaminski (2013, p. 15): “a temática da modernidade urbana, a visualidade gráfica e a metalinguagem – aparecem em muitas outras, em menor ou maior grau, e participam da edificação de novos modos de ver, perceber e pensar Curitiba nas primeiras décadas do século XX”<sup>2</sup>.

Seus artigos abriram espaço para julgamentos estéticos que valorizaram a atmosfera moderna dos interiores residenciais e inspiraram a elite paranaense. As casas ecléticas, feitas com uma mistura de técnicas construtivas e arranjos de móveis aconchegantes, que remetiam às origens europeias do imigrante, foram aos poucos dando lugar a projetos residenciais com plantas menos hierarquizadas, espaços mais funcionais, iluminados e fluidos, e soluções estruturais mais racionais e sintonizadas com a arquitetura nomeada de “funcional”, sem perder, no entanto, suas raízes curitibanas.

A imprensa escrita tanto técnica quanto voltada para o estilo de vida foi um importante veículo de difusão cultural e de formação de opinião sobre os gostos estéticos da vida cotidiana, do design de interiores e do morar doméstico em Curitiba. A atual pesquisa está analisando uma ampla quantidade dessas fontes documentais que proporcionaram a coleta de um volume considerável de informações. Entre as residências modernas curitibanas publicadas na época foram selecionados dois estudos de caso para serem discutidos neste artigo. Desenvolvidos em períodos distintos desse processo de “modernização”, porém para clientes com o mesmo desejo social e condições econômicas: a residência Cleuza e Ayrton Cornelsen (1949), projetada por Ayrton “Lolô” Cornelsen e o projeto não construído da residência Hellio Setti (1963) concebido pelo então engenheiro Jaime Lerner, que estudava arquitetura e ganharia notoriedade na década seguinte como urbanista e prefeito da cidade.

O foco da análise deste estudo são os interiores arquitetônicos e suas representações gráfica e textual como parte do esforço de catequização da sociedade local na disseminação dos preceitos de modernidade.

---

<sup>1</sup> CARVALHO, Vânia Carneiro. **Gênero e Artefato: O Sistema doméstico na perspectiva da cultura material** – São Paulo, 1870-1920. São Paulo: Edusp; Fapesp, 2020 (p.171).

<sup>2</sup> KAMINSKI, Rosane. Imagens de arte e de vida: dimensões modernas das revistas ilustradas em Curitiba no início do século XX. **XXVII Simpósio Nacional de História**. Natal, jul. 2013.

### Residência Ayrton & Cleuza Cornelsen

Figura isolada na difusão não só da arquitetura residencial moderna em Curitiba nas décadas de 1940 e 1950, mas também de seus interiores modernos, Lolô Cornelsen foi contemporâneo do arquiteto curitibano Vilanova Artigas que cedo se mudou para a metrópole paulista, deixando Lolô sozinho para enfrentar a conservadora classe curitibana, quase sem pares até a chegada de um grupo de arquitetos paulistas no início dos anos 1960.

De criação – e formação – conturbada, Lolô adotou os preceitos acerca da arquitetura moderna do mestre francês Le Corbusier com quem se familiarizou pela leitura de seu livro que ganhou como presente do urbanista Alfred Agache durante sua estadia em Curitiba, no ano 1943. Sua residência testemunha e atesta seu compromisso de discípulo, demonstrado pelo tratamento da luz natural nos espaços internos, pelo emprego dos pilotis e pela planta livre *corbusiana*. Sem falar no emprego das curvas - até então inéditas no panorama arquitetônico curitibano e dificilmente vistas nas décadas seguintes em residências unifamiliares<sup>3</sup>.

O projeto da casa de Ayrton e Cleuza Cornelsen foi publicado na revista “A divulgação (PR)”<sup>4</sup> (1953), sob o título “Um exemplo de arquitetura funcional”, em que a narrativa da matéria foca especialmente nos “mais belos interiores da capital”. O artigo centra-se nos interiores da casa, com três imagens e apenas uma fotografia do seu exterior. A revista procurou enfatizar as novidades de uma rotina moderna, coroada por um projeto que lhe fez jus para chamar a atenção das pessoas para os novos tempos que se anunciavam e que finalmente chegaram.

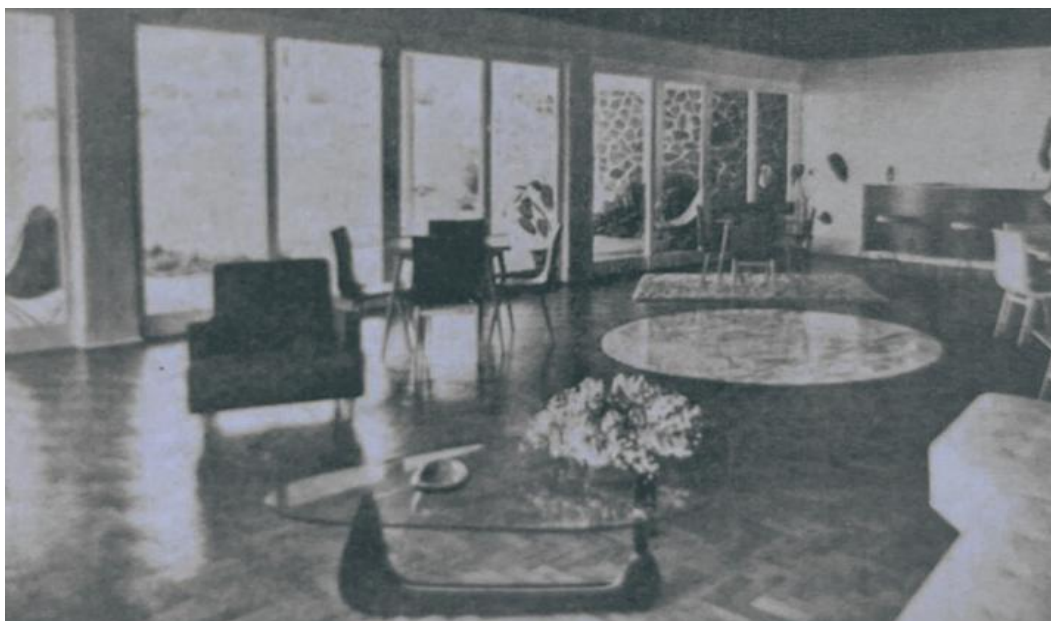
O projeto desenhado pelo arquiteto para si e sua família era diferente de tudo o que já havia sido visto em Curitiba na época, além das soluções de projeto que priorizavam a funcionalidade e conforto térmico dos ambientes, o arquiteto estava a par das inovações domésticas da vida moderna, empregando em seu projeto circuito de tomadas para a acomodação dos novos eletrodomésticos que iam surgindo<sup>5</sup>.

---

<sup>3</sup> DUDEQUE, Irã T. **Espiraís de Madeira. Uma História da Arquitetura de Curitiba**. São Paulo: Studio Nobel, 2001.

<sup>4</sup> A DIVULGAÇÃO. **A mulher elegante**. Curitiba: Gráfica, 04/1947, Ano XII, p. 36.

<sup>5</sup> DUDEQUE, Irã T. **Espiraís de Madeira. Uma História da Arquitetura de Curitiba**. São Paulo: Studio Nobel, 2001.



**Fig. 1** Sala de estar Casa Cornelsen. **Fonte.** Dudeque, 2001, p. 153.

Em termos estéticos e de interiores, destacam-se na casa o teto liso, o mobiliário moderno com poltronas confortáveis e a mesa biomórfica (1947) assinada por Isamu Noguchi, além da carpintaria desenhada pelo próprio Lolô, a fim de atender às suas necessidades - um balcão fixo à parede sem base. Cuidado minucioso que pode ser observado em outras divisões da casa, como por exemplo a sala de jantar com as cadeiras em pinho de Riga e um biombo em madeira de pau-preto que serve de divisória entre a sala de jantar e a sala de estar. A premissa do desenho do mobiliário foi obter linhas limpas e utilidade acima de tudo, bem como o conforto - enfatizado na sala de estar com poltronas largas e costuradas à mão.



**Fig. 2** Sala de jantar e estar Casa Cornelsen. **Fonte.** Dudeque, 2001, p. 153.



A partir da documentação estudada, é possível confirmar a utilização de várias cores pastel nas zonas de estar, como o rosa, azul, verde e amarelo. No atelier do arquiteto, há uma combinação de mobiliário moderno e cortinas estampadas com desenhos de Picasso, expressando os seus gostos e personalidade. Cornelsen fundou a sua própria fábrica de mobiliário e carpintaria para produzir peças modernas para a sua casa e para os seus clientes, depois de não ter encontrado nenhum produtor local capaz de satisfazer as suas necessidades. Nessa oficina, desenvolveu portões, janelas, portas e todos os perfis de madeira que foram utilizados em seus futuros projetos.

## Residência Hellio Setti

A residência Setti, projetada por Jaime Lerner, foi destaque na mais prestigiada revista de arquitetura - Acrópole - publicada em São Paulo, na edição no. 306, maio de 1964, porém nunca foi construída. A publicação afirma que se tratava de uma casa para uma família pequena, com uma vida social intensa<sup>6</sup>. A família Setti foi assunto das mais diversas matérias da revista curitibana “A divulgação (PR)” durante os anos 1950-60. Destaca-se a reportagem publicada no ano de 1957 sobre a Sra. Hellio Setti (Hildra Pedrosa Borges) em que é destaque na coluna “mãe elegante”, fotografada ao lado do filho Hellio Setti Jr, reforçando a narrativa da “boa dona de casa, de bom gosto” e o estilo do mobiliário e da decoração da casa<sup>7</sup>.



Fig. 3 Reportagem Sra. Setti. Fonte. A Divulgação (PR), Ano XII, p. 36, 1957.

<sup>6</sup> ACROPOLE. Maio 1964 – ano 26 – N° 306. **Residência em Curitiba**, p.42-43. São Paulo, Brasil. Acesso 16 de maio de 2023. Disponível em: <http://www.acropole.fau.usp.br/edicao/306>

<sup>7</sup> A DIVULGAÇÃO. **A mulher elegante**. Curitiba: Graficart, 04/1947, Ano XII, p. 36.

A publicação do projeto na revista Acrópole abre com uma imagem da fachada da casa, onde há também plantas baixas em desenho simplificado e algumas perspectivas que ilustram a espacialidade interna e o desenho dos interiores. A partir da rua, a casa parece organizar-se em três volumes: um muro que se prolonga até ao alinhamento, formando um pátio vedado, uma faixa horizontal recuada que culmina no primeiro piso da casa, e um volume sobreposto mais pequeno no segundo piso, que se prolonga em direção à fachada. Para o autor, o que importa é a funcionalidade dos espaços em função da luz solar e da ventilação natural, rebatendo as afirmações do que devem ser as “fachadas nobres” da residência.



**Fig. 4** Fachada Casa Setti. **Fonte.** Acrópole, N °306, p. 42, 1964.

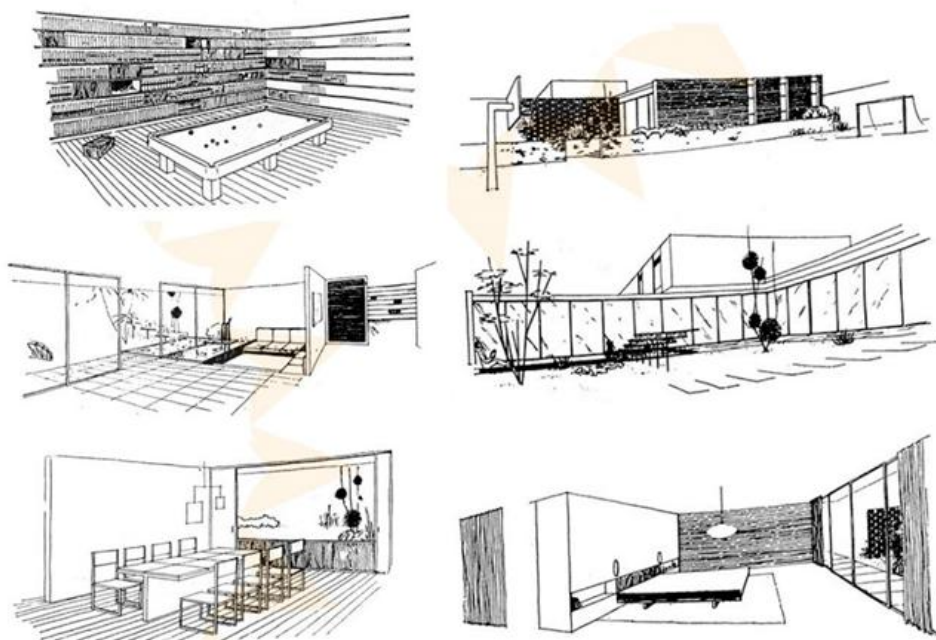
A narrativa da revista chama atenção para os arranjos internos da casa ao incluir na publicação diversos croquis que mostram o mobiliário desenhado pelo autor e sua disposição, como as estantes da biblioteca e os mobiliários fixos do quarto principal e da sala de estar.

Na biblioteca, existem portas de correr que a isolam da sala de estar, se necessário; os móveis e bancos de madeira foram concebidos para se adaptarem aos vãos como estantes, uando não sendo utilizados. A sala de estar ocupa um espaço rebaixado para que os assentos estofados fiquem ao nível do resto do chão da casa, enquanto um espelho de água na lateral dos vidros das janelas prolonga-se para o exterior da construção. Essa solução de projeto e decorativa é semelhante à adotada em uma "Case Study House" publicada pela revista americana "Arts & Architecture": a casa Miller (1957) em Indiana, Estados Unidos, do arquiteto Eero Saarinen<sup>8</sup>.

A sala de jantar foi proposta com uma mesa fixa de pedra que seria revestida pelos mesmos ladrilhos do piso, sugerindo integração, simplificação e continuidade dos acabamentos e materiais. As cadeiras teriam um desenho retilíneo, sem concessões ergonômicas, a serem executadas em perfis de ferro, com assento e encosto simples, que parecem ser da autoria do arquiteto. O quarto apresenta uma cama em jacarandá (madeira ainda muito utilizada nos anos 1960), um candeeiro japonês e paredes de tijolo à vista (ACROPOLE, 1964).

---

<sup>8</sup> AD Classics: Miller House and Garden/Eero Saarinen. 02 de março de 2011. Archdaily. Acesso 18 de abril de 2024. Disponível em: <https://www.archdaily.com/116596/ad-classics-miller-house-and-garden-eero-saarinen>



**Fig. 5** Croquis do interior da Casa Setti. **Fonte.** Acropole N °306, p.43, 1964. Editada pela autora.

As soluções propostas por Lerner, ainda que não tenham saído papel, eram bastante inovadoras considerando o panorama da arquitetura residencial curitibana da época, que estava em transformação, mas tinha um público bem conservador. Outro ponto de interesse nas propostas dos interiores são as divisórias - uma entre o quarto do casal/quarto de vestir e outra, mais sutil, entre a sala de estar/sala de jantar; ambas seriam compostas por móveis (armários). Essa solução era atípica até então nas casas da capital paranaense, embora já estivesse presente em outros exemplos na América do Norte, Europa e nas residências paulistanas, onde o uso de móveis como divisórias, desenhados pelos próprios arquitetos, também se tornou comum nessa época (final dos anos 1950 e 1960). Os espaços internos são projetados principalmente para o uso dos ambientes sociais, e em especial para as áreas voltadas aos pátios e áreas externas. Em termos de disposição, o mobiliário é colocado na sala sem obstruir a circulação com dimensões generosas.

### Paralelos de uma Curitiba em transição

É notório que o foco principal das reportagens são os interiores das residências não só pela ênfase na descrição dos espaços internos como pela publicação das imagens – e croquis – dos ambientes internos. Ambos os projetos se destacam pelos seus interiores com linhas funcionais, poucos adornos e mobiliário moderno, fato ressaltado pelos periódicos de suas respectivas épocas.

No entanto, o pioneirismo e a irreverência de Lolô Cornelsen são evidentes. Com um projeto datado de 1949, se o colocarmos lado a lado com a residência Setti, de Lerner, de 1963, poderíamos dizer que os projetos são praticamente contemporâneos. Cornelsen executou pilotis numa cidade onde a construção residencial se centrava sobretudo em fachadas ecléticas e mobiliário rococó, tanto que recorreu à criação da sua própria fábrica de mobiliário e carpintaria moderna. Outro ponto que se destaca é o seu pensamento progressista no que diz respeito às instalações elétricas - a colocação de várias tomadas de corrente (para o boom elétrico que se avizinhava) - uma característica ainda pouco comum nos anos 1940 e 1950.

Quase 15 anos mais tarde, Jaime Lerner desenhou a residência Hellio Setti prestando atenção aos detalhes e à disposição do mobiliário, o qual alinhava a funcionalidade dos espaços com a personalidade dos seus residentes. É notável no projeto a preocupação do então estudante de arquitetura com o desenho do mobiliário, característica de projeto que chegava juntamente com a modernidade, ou seja, a noção da “obra de arte total”. Lerner se distancia de Lolô nos materiais utilizados para seus móveis, como ferro e tijolo. As inovações arquitetônicas e de design de interiores do futuro prefeito curitibano culminaram com a publicação do projeto numa revista de grande circulação nacional.

O design desenvolvido por Lolô Cornelsen e Jaime Lerner aliados à qualidade do projeto de arquitetura criaram o cenário para os ambientes internos quando a inovação ainda era pouco compreendida pela elite local conservadora e de classe média/alta. Mas a modernidade já chegava e entrava nas casas das famílias curitibanas pelas revistas, rádio, tv, e, conseqüentemente, pelas mãos dos arquitetos(as), projetistas, construtores(as).

## Bibliografia

ACROPOLE. Maio 1964 – ano 26 – Nº 306. **Residência em Curitiba**, p.42-43. São Paulo, Brasil. Acesso 16 de maio de 2023. Disponível em: <http://www.acropole.fau.usp.br/edicao/306>

AD Classics: Miller House and Garden/ Eero Saarinen. 02 de março de 2011. Archdaily. Acesso 18 de abril de 2024. Disponível em: <http://www.archdaily.com/116596/ad-classics-miller-house-and-garden-eero-saarinen>

A DIVULGAÇÃO. **Um exemplo da Arquitetura Funcional**. Curitiba: Graficart, 11/1953, Ano, VII, p. 34-35.

A DIVULGAÇÃO. **A mulher elegante**. Curitiba: Graficart, 04/1947, Ano XII, p. 36.

CARVALHO, Vânia Carneiro. **Gênero e Artefato: O Sistema doméstico na perspectiva da cultura material** – São Paulo, 1870-1920. São Paulo: Edusp; Fapesp, 2020 (p.171).

KAMINSKI, Rosane. Imagens de arte e de vida: dimensões modernas das revistas ilustradas em Curitiba no início do século XX. **XXVII Simpósio Nacional de História. Natal, jul. 2013.**

DUDEQUE, Irã T. **Espiraais de Madeira. Uma História da Arquitetura de Curitiba**. São Paulo: Studio Nobel, 2001.

# Modos de habitar, arquitetura vernacular e paisagem da povoação piscatória de Cabanas de Tavira

**Patrícia Gonçalves**

CEAACP / Universidade do Algarve  
[patriciagoncalves1898@hotmail.com](mailto:patriciagoncalves1898@hotmail.com)

**Miguel Reimão Costa**

CEAACP / Universidade do Algarve & Campo Arqueológico de Mértola  
[mrcosta@ualg.pt](mailto:mrcosta@ualg.pt)

**Lia Antunes**

CEAACP / Universidade do Algarve & CIEG-ISCSP / Universidade de Lisboa  
[liapantunes@gmail.com](mailto:liapantunes@gmail.com)

**João Baía**

CEMRI / Universidade Aberta  
[joaobaiacosta@hotmail.com](mailto:joaobaiacosta@hotmail.com)

**Resumo:** O presente artigo apresenta os resultados, ainda preliminares, de uma investigação sobre as mudanças das arquiteturas do aglomerado piscatório de Cabanas de Tavira, no Algarve, marcado pela proximidade da Ria Formosa e da paisagem de produção agrícola características da orla litoral. Pretende-se compreender os diferentes estágios de transformação de Cabanas, desde a fase final do Antigo Regime até ao fim do terceiro quartel do século passado. A estrutura do artigo decorre da abordagem multi-escalar considerada. Numa primeira parte, serão analisadas as condições de mudança relativas à paisagem agro-marinha, a partir da relação entre território e comunidade, com aproximação à Praia onde se fixaram as primeiras cabanas do arraial de uma armação de atum. Numa segunda parte, correspondente a uma escala intermédia, serão caracterizadas as linhas de composição fundamentais da estrutura urbana, considerando a abordagem paisagística para a interpretação da sua morfologia. Por fim, numa terceira parte, serão descritas as diferentes tipologias da arquitetura doméstica, considerando as cabanas de junco, as casas de pedra e cal características do século XIX, e a transformação profunda da arquitetura vernacular a partir da transição para o século XX. Do ponto de vista metodológico, a investigação remete para uma abordagem interdisciplinar, integrando a recolha do património oral e entrevista a habitantes da povoação, o levantamento de estruturas *in situ*, bem como, a pesquisa bibliográfica, cartográfica e documental, com destaque para os processos de obra no Arquivo Municipal de Tavira (AMT), fundamentais, no seu conjunto, para a recuperação da memória coletiva das Cabanas de Tavira.

**Palavras-chave:** Paisagem agro-marinha, Ria Formosa, morfologia urbana, história da arquitetura doméstica, património imaterial



## Introdução:

A povoação de Cabanas de Tavira localiza-se no litoral do Sotavento algarvio, na zona oriental do Parque Natural da Ria Formosa, sendo o resultado de diferentes ciclos de mudança marcados pela integração numa paisagem agro-marinha e pela exploração dos seus recursos naturais do mar, da ria e da terra. O propósito deste artigo é contribuir para a caracterização deste lugar no tempo, enquanto expressão de uma cultura muito particular associada às povoações piscatórias da orla litoral. É um trabalho que se inscreve no projeto "SAAL Tavira: Memória Social e Arquitetura"<sup>1</sup>, com grande importância conferida ao trabalho junto das comunidades e ao problema da habitação. Com o propósito de reunir informação sobre as condições das “populações mal alojadas” aquando do 25 de Abril de 1974, o projeto acabou por reunir informação que, a este nível, extrapolou o propósito inicial e justificou o presente artigo. Pretende-se caracterizar os diferentes momentos de transformação desta paisagem, através de uma abordagem multi-escalar, compreendendo o território, o povoado e as diferentes arquiteturas.

Com uma história com paralelos à de outros povoados da orla marítima, marcada no passado pela insegurança decorrente dos ataques de piratas e corsários, Cabanas é, sobretudo, um povoado de época contemporânea, cujas origens remontam a períodos anteriores e estão documentadas para o século XVIII. A sua razão está ligada à presença de uma armação de atum, à existência de recursos marinhos e à proximidade de terrenos com aptidão para a agricultura que favoreceram a fixação humana no chamado “Sítio da Praia”. Cabanas aparece associada, inicialmente e em simultâneo, a topónimos diferentes como “Cabanas da Armação” ou “Sítio da Praia da Conceição”, num momento em que constituía ainda um *assento* informal. Em 1747, uma escritura de venda de um terreno faz referência a terrenos situados na Conceição que “[...] confrontam pelo nascente com a Canada do Concelho e pelo sul com a ‘Praia das Cabanas da Armação dos Atuns’”<sup>2</sup>. João Baptista da Silva Lopes, em 1841, descreve Conceição de Tavira dispersa por “montes e fazendas”, mencionando Cabanas de Armação como povoação piscatória; “Perto do canal, e próximo à fortaleza do mesmo nome na parte esquerda do Rio de Tavira, [onde] fica a povoação de pescadores chamada Cabanas da Armação, por consistir delas e algumas casas já. Empregam-se os moradores só na pesca que fazem em lanchas junto às pedras, ou com o abano ao largo, e vão à cidade e povos vizinhos vender o peixe que apanham.”<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> Projeto "SAAL Tavira: Memória Social e Arquitetura", promovido pelo Museu Municipal de Tavira, com financiamento da Câmara Municipal de Tavira e da Direção-Geral do Património Cultural/ProMuseus 2023. A investigação foi coordenada pelo CEAACP/UAlg (fundos nacionais da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/00281/2025). Os autores agradecem aos moradores dos Bairros SAAL do concelho de Tavira, particularmente a: Adelina Dionísio Candeias, Ana Paula Bagarrão, Anabela Martins, António Chaves Ramos, Aurélia Mártires Silva, Casimiro Gomes, Cristina Mestre, Deolinda Maie, Diamantino Costa, Dina Madeira, Fátima Sabino, Isabel Veríssimo, Isaurinda Ramos, Jacinto Pereira, Jorge Bernardo, José Armindo, José Veríssimo, Lúcia Pereira, Lúcia Mestre, Lina Santos, Luciano Baptista, Manuel da Encarnação, Manuela Basílio, Maria de Lurdes Santos, Maria Teresa Sares, Noélia Cavaco Ribeiro, Odete Leal, Paulo Sabino Jesus, Vitorina Andrade e Vitorina Martins. Agradecem ainda o apoio de Aldomiro Eusébio Jesus, Ana Paula Carvalho, António do Carmo Pereira, Carlos Baptista, Eduardo Sousa, Isabel Salvado, Jorge Falcato Simões, José Manuel do Carmo, Julieta Bagarrão, Maria Emília Costa, Óscar Caeiro Pinto e Vítor Galo.

<sup>2</sup> Escritura de venda feita em 1747 por António Peres Alvellos a Manoel Gonçalves e Silva, Livro de Notas do tabelião Clemente de Oliveira Matos, in ANICA, Arnaldo Casimiro – **Monografia de freguesia de Cabanas de Tavira: da sua criação à atualidade**. Tavira: Junta de Freguesia de Cabanas de Tavira, 2011, p. 187-190.

<sup>3</sup> SILVA LOPES, João Baptista da – **Corografia ou Memória económica, estadística, e topográfica do Reino do Algarve**. Lisboa, 1841, p. 378.

O crescimento do povoado a partir do segundo quartel do século XIX está documentado: em 1838 era constituído por 43 fogos e 125 habitantes; em 1854, por 58 fogos e 162 habitantes; e em 1892, por 110 fogos e 278 habitantes<sup>4</sup>. Os censos de 1940 apontam para um acréscimo mais acelerado, possivelmente, associado à intensificação das atividades piscatórias e à fixação de novas famílias, num período marcado pela recente construção do novo arraial na Ilha. As profissões dos recenseados em Cabanas, em 1945, consistem em 188 marítimos e apenas 2 agricultores<sup>5</sup>. Na década de 1960, existiam 222 fogos e 492 habitantes, registando um crescimento que remete para a consolidação do que seria o povoado aquando do 25 de Abril de 1974 e que coincide com o limite temporal considerado no presente trabalho.

Para interpretar as condições e as repercussões no espaço da fixação e transformação do paisagem agro-marinha às diferentes escalas, com expressão a nível da história económica, social e cultural de Cabanas, é considerada a integração de diferentes metodologias, como o trabalho de campo, a recolha da tradição oral, a pesquisa de cartografia histórica e a pesquisa documental, com destaque para os Processos de Obras Particulares (1914-1971) do Arquivo Municipal de Tavira.

### A transformação da paisagem agro-marinha de Cabanas

Cabanas de Tavira constitui um estudo de caso muito interessante para a história da paisagem agro-marinha do Algarve e para as suas diversas arquiteturas. Reflete de forma clara a integração das atividades rurais e piscatórias, com influência direta na morfologia dos espaços e arquiteturas adotadas ao longo do tempo. O “Borrão de campo de huma legoa d’suburbios orientaes de Tavira” de finais de setecentos traduz bem esta condição agro-marinha, juntando a primazia das “terras de pão e arvoredos” à representação do rio e das marinhas, da ria e do “banco de areia chamado a ilha” e ainda das cabanas da armação com suas âncoras junto ao Forte de São João<sup>6</sup> (Figura 1).



Figura 1 – Vista do Forte de São João da Barra e envolvente, 2025. Fotografias dos autores

A proximidade das terras de cultura à Ria e a presença das fortificações na relação com a instabilidade natural das barras são características fundamentais da paisagem agro-marinha que se estende a oriente até Cacela<sup>7</sup>. A presença da armação junto ao Forte de São João da Barra, beneficiando da sua proteção contra as incursões de piratas e corsários

<sup>4</sup> Rol de Confessado da Freguesia de Conceição de Tavira de 1838 in ANICA, Arnaldo Casimiro – **Monografia de freguesia de Cabanas de Tavira: da sua criação à atualidade**. Tavira: Junta de Freguesia de Cabanas de Tavira, 2011.

<sup>5</sup> ANICA, Arnaldo Casimiro – **Monografia de freguesia de Cabanas de Tavira: da sua criação à atualidade**. Tavira: Junta de Freguesia de Cabanas de Tavira, 2011, p. 70.

<sup>6</sup> VASCONCELOS, José de Sande, disponível em Biblioteca Nacional Digital: <https://bndigital.bnportugal.gov.pt/viewer/34928/#page=1&viewer=picture&o=info&n=0&q=> (acesso em 12-06-2025)

<sup>7</sup> BATISTA, Desidério, COSTA, Miguel Reimão – História, paisagem e arquitetura: a antiga vila de Cacela no contexto do Algarve Oriental. **Revista Promontória** (2016) p.165-192, nº12.

a partir da Barra de Tavira, determinou a localização do assento das cabanas com cobertura em junco<sup>8</sup> do arraial, que haveriam depois de deixar de servir para o arrumo das artes da pesca, ganhando um caráter de habitação permanente<sup>9</sup>. Cabanas inscreve-se assim no povoamento da orla litoral por sucessão de arraiais, alinhados, entre os centros urbanos históricos mais relevantes, a partir “[...] da relação entre terra e mar, entre a armadilha do peixe e a fixação de mão de obra necessária para o pescar” bem documentada pela representação que D. Carlos fez, em 1898, da “Marcha provável do atum na costa do Algarve”<sup>10</sup>.

A localização do arraial no “Sítio da Praia”, ainda no segundo quartel do século XVIII, beneficiava assim da proteção do Forte de São João, acolhendo trabalhadores oriundos de localidades próximas que, entre abril e setembro, procuravam ali oportunidade de trabalho sazonal ligado à armação. Esta localização privilegiada permitia ancorar embarcações com segurança na ria, beneficiando de terrenos *baldios* para o *assento* das cabanas, então próximos da barra, com acesso a partir da estrada de Tavira a Cacela através de *canada* proveniente da Conceição<sup>11</sup>.

A partir de meados de setecentos aumentou o número de habitantes permanentes que aliavam as diversas pescarias<sup>12</sup> e a apanha do marisco às atividades agrícolas, consolidando um modo de vida agro-marinho muito característico das povoações da orla litoral, que se conserva ainda hoje na memória dos habitantes<sup>13</sup>.

---

<sup>8</sup> CORVO, Alberto – Tavira litoral, território em mudança. **Tavira, Patrimónios do Mar**. Tavira: Câmara Municipal de Tavira, 2008, p. 23.

<sup>9</sup> ANICA, Arnaldo Casimiro – **Tavira e o seu termo: memorando histórico**. Tavira: Câmara Municipal de Tavira, 1993, p. 55.

<sup>10</sup> TAVARES, André, INGLEZ DE SOUSA, Diego – **Arquitectura do bacalhau e outras espécies: uma leitura crítica da paisagem construída pelas pescas portuguesas**. Porto: Dafne, 2022, p.181.

<sup>11</sup> ANICA, Arnaldo Casimiro – **Tavira e o seu termo: memorando histórico**. Tavira: Câmara Municipal de Tavira, 1993, p. 54-56.

<sup>12</sup> CAVACO, Carminda – **O Algarve Oriental. As vilas, o campo e o mar**. Faro: GAPA, 1976, p. 221, 252.

<sup>13</sup> “E nesse sítio da Praia, os habitantes das Cabanas estavam ligados ao mar e à agricultura e tinham bocadinhos de terra [...]. Da agricultura no inverno porque o mar nem sempre permitia – também devido ao tipo de barcos que tinham, embarcações muito pequeninas a remos e à vela [...] – e então faziam agricultura na parte do inverno e no verão dedicavam-se à pesca [...]. A maior parte tinha pequenas hortinhas e outra parte eram trabalhadores do mar. E tanto quanto sei, instala-se depois a armação de atum do outro lado da praia que era conhecida como a Armação da Abóbora. [...]. E a partir daí cabanas começa a desenvolver-se porque a armação dava trabalho durante seis meses, toda a época de verão, à população daqui Cabanas, Santa Luzia, Tavira”. António do Carmo Silva (n.1943). “Além disso, nem todos os homens, que trabalhavam nas armações do atum eram pescadores profissionais. Havia muitos montanheiros, distinguidos pelos chapéus, entre outros de bonés e boinas”. VAZ, Adérito Fernandes – **A vila de Cabanas de Tavira: uma passagem com memórias**. Tavira, 2020, p. 5.

A instabilidade natural da barra que, num determinado momento, afastou a armação e o arraial deste sítio, acabou mais tarde por justificar a construção de um novo arraial da Armação da Abóbora na ilha<sup>14</sup>, quando Cabanas já se havia consolidado como povoação de habitações permanentes. Os deslocamentos sazonais dos moradores passaram então a ser da povoação para o arraial na ilha, na temporada estival (Figura 2).



Figura 2 – Armação da Abóbora, década de 1960.

Fonte: Direção Geral dos Serviços de Urbanização, Processo nº U-331-A, Pasta nº66, Arquivo Geral UAlg



Figura 3 –Pesca, Ria de Cabanas. Fotografias de © António do Carmo Silva Pereira

Por esta altura, também as áreas de produção agrícola dos terrenos férteis da orla eram marcadas por mudanças significativas associadas às possibilidades de irrigação com captação de águas subterrâneas. Como vimos, em finais do século XVIII, as “terras de pão e arvoredos” estendiam-se a quase toda a área da Gomeira, entre a estrada do litoral e a linha de costa, conforme representação no já referido *Borrão* da paisagem oriental de Tavira, correspondendo à característica paisagem do pomar de sequeiro com culturas

<sup>14</sup> Requerimento da Companhia de Pescarias Lisbonense - Anexo a ofício de 17 de Junho de 1841, do administrador do concelho de Tavira para o Governador Civil do Distrito de Faro in ANICA, Arnaldo Casimiro – **Monografia de freguesia de Cabanas de Tavira: da sua criação à atualidade**. Tavira: Junta de Freguesia de Cabanas de Tavira, 2011, p. 90.



intercalares<sup>15</sup>. Na carta da cidade de Tavira e seus arredores datado de aproximadamente de 1780, acrescenta-se à informação desenhada que "[...] o terreno que compreende as duas léguas deste mapa é todo ocupado de oliveiras, alfarrobeiras, amendoeiras e figueiras e muito fértil de seus frutos, muito gado, vinho e hortaliças [...]"<sup>16</sup>. Algumas das propriedades maiores, situadas nos antigos Matos da Ordem, entre a ribeira do Almargem e o caminho de acesso às Cabanas<sup>17</sup>, evidenciam os elementos e estruturas de construção desta paisagem, ainda que sujeitos a transformações no tempo. A propriedade da Arrancada e Cercado da Eira, por exemplo, constava, no início do século passado, em "[...] terra d'Horta e sequeiro, vinhas, figueiras, amendoeiras, alfarrobeiras, oliveiras, nespereiras, laranjeiras, romeiras e mais arvoredos, casas de moradia, ramada, palheiro, pocilgo, forno, nora, tanques e levadas"<sup>18</sup>.

Tal como noutras regiões da orla litoral, também aqui a construção de noras se acentuara a partir do final do século XIX, mesmo em propriedades de menor dimensão (com 1 a 2 hectares). Trata-se da característica nora aterrada de eixo curto (com elevação significativa do *passeio da nora*) que conferia uma presença marcante na paisagem de Cabanas, em parte documentada no levantamento topográfico da primeira metade da década de 1970. Se algumas destas estruturas foram destruídas com a expansão urbana das últimas décadas, outras poderão ter desaparecido numa fase anterior, como ocorreu na Rua Pedro Álvares Cabral (Figura 17), cujo traçado fixou o antigo caminho ao longo de levada para transporte da água da nora ao tanque situado no quadrante sul. A conformação do tecido urbano de Cabanas nos séculos XIX e XX tem, portanto, enquanto matriz, a paisagem agro-marinha, juntando a canada de acesso à Praia a partir da Conceição, as áreas assoreadas e terras baldias, os espaços do arraial velho e os alinhamentos das cabanas, os limites das courelas agrícolas e a estrutura predial rústica, ou ainda, como mais adiante se verá, a arquitetura reconfigurada de antigos montes e construções vernaculares, cada vez mais ausentes da povoação.

### Génese e consolidação da estrutura urbana de Cabana

Em finais do século XVIII Cabanas era, sobretudo, um povoado de cabanas que formavam, com muito poucas casas de pedra e cal, um alinhamento paralelo à orla da Ria<sup>19</sup>, a meio caminho entre o forte de São João e a foz da ribeira do Almargem, na relação

---

<sup>15</sup> "A dominante da paisagem correspondia ao pomar de sequeiro, e sobretudo ao figueiral, com campos intercalares cultivados anualmente". CAVACO, Carminda – **O Algarve Oriental. As vilas, o campo e o mar**. Faro: GAPA, 1976, p. 95.

<sup>16</sup> "Cidade de Tavira e seus arredores", VASCONCELOS, José de Sande, disponível em Biblioteca Nacional Digital: <https://bndigital.bnportugal.gov.pt/viewer/34921/?offset=#page=1&viewer=picture&o=info&n=0&q=>

<sup>17</sup> ANICA, Arnaldo Casimiro – **Monografia de freguesia de Cabanas de Tavira: da sua criação à atualidade**. Tavira: Junta de Freguesia de Cabanas de Tavira, 2011, p. 28-29.

<sup>18</sup> Prosseguindo depois que "[...] os arrendatários ficam obrigados a trazer os terrenos da propriedade, quer de sequeiro, quer de regadio, bem adubados e amanhados, afolhando-os por forma que metade deles sejam semeados anualmente de legumes ou fiquem de pousio, não podendo em dois anos consecutivos semear na mesma área trigo ou cevada". Arquivo Municipal de Tavira. Fundo documental da Família Ermida Parreira Duarte Meira. Translado de escritura [...] de arrendamento, obrigação e fiança de propriedade rústica denominada Arrancada e cercado da Eira [...] de 7/1/1908 (AHFEPDM/01/0039), fls. 2-3V.

<sup>19</sup> Apesar de se tratar de uma representação esquemática, é essa possibilidade que o "Borrão de campo de humo legoa d' suburbios orientaes de Tavira" sugere. Cf. VASCONCELOS, José de Sande ca. 1793-1795. Em qualquer caso, a carta da cidade de Tavira e seus arredores, com uma área mais alargada, apresenta uma representação diferente. Refira-se que este documento indica as cinco povoações representadas: "a aldeia ou lugar de N. S. da Conceição, as Cabanas da Armação, a cidade de [Tavira], as Cabanas de S. Luzia e o lugar de N. Senhora da Luz".



com a armação de atum (Figura 5). É possível que este alinhamento de Cabanas, na transição para os caminhos rústicos e áreas de produção agrícola, acabasse por se fixar, nos traçados das ruas do Comandante Henrique Tenreiro e Capitão Baptista Marçal, convertidos gradualmente em eixos estruturantes da malha urbana. Os quarteirões localizados a sul destes eixos resultariam, assim, de uma fase posterior de urbanização com aproximação à preia-mar, como ocorreu noutros povoados piscatórios. Esta área livre de construções entre as cabanas e a ria, registada na carta de finais de setecentos, seria então ocupada, na parte nascente, pelas *âncoras* da armação assim legendadas no documento.

O desenho relativo à construção da estrada a partir da Conceição, datado de 1874 (Figura 6) permite reconhecer a importância deste eixo na morfologia do núcleo proto-urbano, associado à crescente edificação, durante a centúria de oitocentos, de casas de pedra e cal<sup>20</sup>.



Figura 4 – “Cidade de Tavira e seus arredores”, José de Sande Vasconcelos, ca 1780

Fonte: Biblioteca Nacional Digital:

<https://bndigital.bnportugal.gov.pt/viewer/34921/?offset=#page=1&viewer=picture&o=info&n=0&q=>

<sup>20</sup> Processo de construção da estrada da Conceição de Tavira a Cabanas, João José Barreto, Arquivo Distrital de Faro (PT/ADFAR/ACD/JAE/102/0005)



Figura 5 – “Borrão de campo de huma legoa d'suburbios orientaes de Tavira”, José de Sande Vasconcelos, ca. 1793-1795. Fonte: Biblioteca Nacional Digital: <https://bndigital.bnportugal.gov.pt/viewer/34928/#page=1&viewer=picture&o=info&n=0&q=>

Ainda que muito incipiente, este desenho revela a crescente fixação no Sítio da Praia, representando a proposta de traçado de estrada mais adequada que seria depois pavimentada, nesse ano, mas apenas entre a ria e a Nora Branca. O projeto resolvia o problema da antiga *canada* de acesso a Cabanas, que se encontrava, por vezes, enlameada e intransitável, durante o inverno<sup>21</sup>. Não permitindo discernir a evolução das construções na área marginal, o desenho restringe-se apenas a seis vias na chegada à povoação, que correspondem atualmente à Rua Eng. Arantes e Oliveira, Rua Pedro Álvares Cabral, Rua Mouzinho de Albuquerque, Rua Dr. Jorge Augusto Correia, Rua Dr. Correia do Nascimento e Rua Capitão Jorge Ribeiro. A organização espacial do povoado era então muito elementar e pouco estruturada. A representação das construções, isoladas ou organizadas em pequenos grupos, sugere um núcleo de baixa densidade, onde se combinam as atividades da pesca e da agricultura, com quintais, courelas muradas e áreas desocupadas indistintas. A referência à Ribeira do Poço, a norte, aparece associada a caminhos pouco definidos num território ainda bastante rural. No desenho do conjunto edificado, distingue-se o monte rural do arqueólogo Sebastião de Estácio da Veiga, com o seu nome assinalado sobre a propriedade rústica.

A interpretação do desenho de 1874 permite também reconhecer as diferentes escalas das construções representadas que podem ser reportados a diferentes tipologias de habitação. Nalguns casos, sugere a presença de algumas cabanas de implantação perpendicular ao eixo principal de acesso à ria (atual Rua Capitão Jorge Ribeiro), registando uma dimensão aproximada de cerca de cinco por nove metros. Tal como foi possível confirmar para o caso do Largo António dos Santos Fernandes (Figura 9), a conversão das cabanas dissociadas em edifícios de pedra e cal deverá ter resultado no alargamento da área de implantação com fixação de paredes meeiras (Figura 12). Para além destas cabanas, outras existiriam certamente, não sendo objeto de representação por se encontrarem fora desta área.

<sup>21</sup> ANICA, Arnaldo Casimiro – **Tavira e o seu termo: memorando histórico**. Tavira: Câmara Municipal de Tavira, 1993, p. 56.

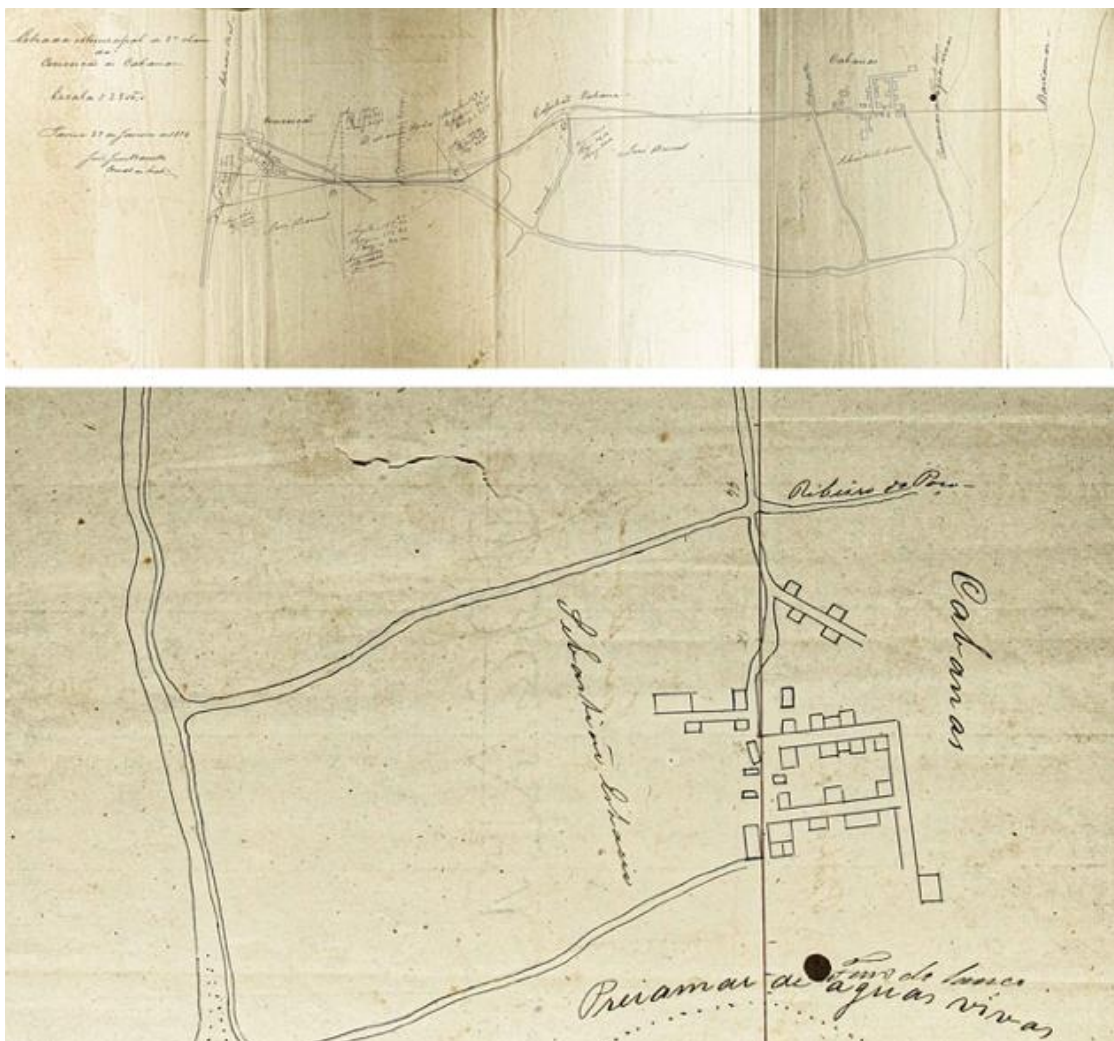


Figura 6 – “Processo de construção da estrada da Conceição de Tavira a Cabanas” – João José Barreto, 21-04-1874 Arquivo Distrital de Faro (PT/ADFAR/ACD/JAE/102/0005), consultado em 8 de maio de 2025

No entanto, na maior parte dos casos, as edificações representadas remetem para quadrângulos um pouco maiores, com, por exemplo, oito por doze metros de lado, que corresponderiam em parte às pequenas casas de pedra e cal referidas por Silva Lopes em 1841. Em menor número, encontramos ainda outras edificações de maior dimensão, com cerca de vinte e quatro por dez metros, correspondendo a situações distintas que incluiriam as construções de propriedades agrícolas relevantes, como o monte de Estácio da Veiga, a que voltaremos mais adiante.

Em 1890, alguns anos após a execução deste desenho, encontravam-se já edificadas 102 habitações em alvenaria e ainda 12 cabanas de junco, confirmando o crescimento da povoação, em parte, resultante da migração de pescadores oriundos de localidades próximas<sup>22</sup>. Esta tendência de crescimento e consolidação da estrutura urbana prossegue: no início da década de 1910, quando o Censos regista 144 habitações associadas a 540

<sup>22</sup> Direção Geral do Comércio e Indústria – Portugal, **Inquérito industrial de 1890**. Volume II, 1891. In ANICA, Arnaldo Casimiro – **Tavira e o seu termo: memorando histórico**. Tavira: Câmara Municipal de Tavira, 1993, p. 55.



residentes; três décadas depois, com 224 fogos para 837 habitantes<sup>23</sup>; e ainda no início da década de oitenta, quando os Censos de 1981 indicam 609 alojamentos, 329 famílias e 1029 habitantes<sup>24</sup>.



Figura 7– Avenida Ria Formosa e Antiga Lota, trabalhos de limpeza em Cabanas após inundações, década de 1960; Fotografias de © António do Carmo Silva Pereira

Como é evidente, a constante reconfiguração da Ria Formosa e das ilhas barreiras teve grande impacto nos aglomerados ribeirinhos, com repercussões diretas no seu desenho urbano. A relação entre a povoação cabanense e o mar foi marcada por instabilidade, com a deslocação sucessiva da Barra de Tavira, tornando, em diferentes momentos, o núcleo vulnerável à força das marés. A representação da Carta Militar de 1964 mostra Cabanas de Tavira ainda desprotegida pelo cordão dunar. As construções implantadas junto à preia-mar eram frequentemente atingidas por intempéries e episódios de maré cheia que combinados com ventos fortes, provocavam inundações (Figura 7), mesmo após a construção de um muro de proteção na marginal – com a intenção de proteger a povoação da ria, que se revelou insuficiente nos primeiros anos da década de 1960 quando a povoação é violentamente atingida por ondas devido à alteração da posição da barra

<sup>23</sup> ANICA, Arnaldo Casimiro – **Tavira e o seu termo: memorando histórico**. Tavira: Câmara Municipal de Tavira, 2001, p. 56.

<sup>24</sup> INE – **Portal do Instituto Nacional de Estatística**. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, 1981. (Consult. 23 de Maio de 2025). Disponível em <[url:https://www.ine.pt/xurl/pub/65587858](https://www.ine.pt/xurl/pub/65587858)>.

natural do Cochilo<sup>25</sup>, “[...] a cujos habitantes o Exército teve de fornecer sacos de areia para se protegerem da ação do mar, que atingiu uma altura de 40 centímetros acima do nível dos pavimentos.<sup>26</sup>” Este episódio provocou também o colapso da Armação da Abóbora e das cerca de 150 casas que o constituíam<sup>27</sup>.



Figura 8 – Povoação de Cabanas em Tavira - Direção-Geral dos Serviços de Urbanização A-14-5-37 Cx. 2, Arquivo Geral Ualg

### **Das cabanas de ocupação sazonal às casas de pedral e cal**

Em finais do século XIX, José Leite de Vasconcellos descreve as cabanas então existentes na povoação, ressaltando que, já então, eram em muito menor número que outrora. “A cabana é toda de junco seco, telhado e paredes. A armação, de varas grossas, postas em cada ângulo, unidas horizontalmente por canas e os espaços forrados, então, por junco. Não se emprega um só prego; tudo atado com cordéis de tamiça e, às vezes, com corda. Vivem aqui os pescadores”<sup>28</sup>. Corresponde, assim, a uma estrutura, em muitos aspetos idênticas, à descrição mais detalhada das cabanas da Terra Estreita, Santa Luzia e outros lugares do litoral do Algarve que mereceram a atenção dos etnólogos na publicação das “Construções primitivas em Portugal”<sup>29</sup> (OLIVEIRA, 1994).

<sup>25</sup> ANICA, Arnaldo Casimiro – **Tavira e o seu termo: memorando histórico**. Tavira: Câmara Municipal de Tavira, 2001, p. 56.

<sup>26</sup> O temporal provocou grandes prejuízos em alguns pontos da costa do Algarve. **Jornal do Algarve**. 08-03-1975 p.6.

<sup>27</sup> Os problemas materiais e humanos de Cabanas – uma terra esquecida. **Jornal do Algarve**. 07-12-1974 p. 5.

<sup>28</sup> VASCONCELLOS, José Leite – **Etnografia Portuguesa. Tentame de sistematização**. Volume VI. Lisboa: INCM, 1983, p. 280-281.

<sup>29</sup> OLIVEIRA, Ernesto Veiga de, GALHANO, Fernando, PEREIRA, Benjamim – **Construções primitivas em Portugal**. Lisboa: Dom Quixote, 1994, p. 194-197.



A organização interna da cabana que servia de habitação restringia-se, por vezes, a um único compartimento. Mas na maior parte dos casos, dividia-se em dois espaços diferentes através de “tabiques de canas”<sup>30</sup>, correspondendo o de entrada a uma cozinha que também servia de sala e o mais interior, a um quarto, que por vezes se poderia ainda desdobrar em dois<sup>31</sup>. Estas soluções recordam a organização da pequena habitação tradicional, de pedra e cal, situada em diferentes lugares da região, que tanto poderia ser constituída por casa de fora e casa de dentro (dois espaços), como casa de fora com duas alcovas (três espaços a que se poderia acrescentar ainda cozinha e dependências). De facto, muitas cabanas deram lugar, também aqui, a casas de pedra e cal, num período que se estende do início do século XIX ao início do século XX.

A partir de então, a construção de cabanas de junco tenderá cada vez mais a ser a última possibilidade de famílias de menos recursos<sup>32</sup>. Segundo a tradição oral, subsistiam ainda, no final do terceiro quartel do século XX, cinco cabanas em distintos locais da povoação (Figura 12)<sup>33</sup>. Como foi anteriormente referido, tanto poderiam corresponder a um único espaço<sup>34</sup> como a dois espaços diferentes<sup>35</sup>. Em qualquer caso, a referência à cabana poderá ser empregue para soluções distintas das originais, registando a transformação a nível dos processos de construção<sup>36</sup>, que poderão incluir a substituição das paredes de junco por paredes de alvenaria. A cabana então existente no Largo António dos Santos Fernandes (Figura 9) inscreve-se já nesta tipologia, recordando outros casos idênticos na orla litoral de integração de chaminé rendilhada em cobertura de duas águas de materiais vegetais<sup>37</sup>.

---

<sup>30</sup> VASCONCELLOS, José Leite – **Etnografia Portuguesa. Tentame de sistematização**. Volume VI. Lisboa: INCM, 1983, p. 281.

<sup>31</sup> OLIVEIRA, Ernesto Veiga de, GALHANO, Fernando, PEREIRA, Benjamim – **Construções primitivas em Portugal**. Lisboa: Dom Quixote, 1994, p. 197.

<sup>32</sup> “Semelhantemente, também do lado da terra, junto ao esteiro, no sector costeiro que corresponde à Conceição, um pouco a Nascente de Tavira, ficava o arraial das Cabanas da Conceição, ou Cabanas da Armação, [...] hoje, porém, [das cabanas] subsistem apenas vestígios, perdidos no meio das casas de pedra e cal da atual povoação”. OLIVEIRA, Ernesto Veiga de, GALHANO, Fernando, PEREIRA, Benjamim – **Construções primitivas em Portugal**. Lisboa: Dom Quixote, 1994, p. 213.

<sup>33</sup> “O meu pai andava à conquilha e trabalhava no campo, que ele era do campo [...] era da Serra. Depois compraram e fizeram [a cabana]. Havia um grande espaço à volta [...]. Havia outra cabana ali, mais à minha frente havia outra – Mas eram mesmo cabanas – Havia duas cabanas... três com a minha, quatro... Mas antes disso era tudo cabanas”. Maria Vitorina Andrade (n.1940).

<sup>34</sup> “Havia casas de junco ali em baixo. Tínhamos três ou quatro ali. Os meus tios viveram numa casa dessas. O telhado e as paredes eram em junco. O pedreiro fazia parede. Depois em cima faziam os telhados de junco. Não chovia nem uma pinga de água. O chão era areia. Só tinha uma porta e um compartimento, um espaço só [...]. Faziam o fogo na rua, cá fora. Viviam lá os pais e os filhos”. Aldomiro Eusébio Jesus (n.1941).

<sup>35</sup> “Eu nasci na cabana e vivi lá com os meus pais [...], era de junco que íamos apanhar além à praia. Tinha duas partes só [...], fazíamos fogo no chão e cozinávamos lá dentro [da cabana]. Tinha uma parede por dentro a dividir o que era de dentro do que era de fora [...]. O chão era de ladrilho. Maria Vitorina Andrade (n.1940), entrevista realizada a 19 de dezembro de 2024, no âmbito do projeto “SAAL Tavira: Memória Social e Arquitetura”.

<sup>36</sup> Cf. MATIAS, Pedro Infante, ARAUJO, Renata, COSTA, Miguel Reimão – Cabanas de cobertura vegetal no Algarve: estudo preliminar da sua transformação e distribuição na região. ANDRÉ, Paula (ed.) – **Antologia de Ensaios Laboratório Colaborativo: dinâmicas urbanas, património, artes VIII**. LISBOA: ISCTE, 2022, p. 92-104.

<sup>37</sup> SANTOS, Lydia, COSTA, Miguel Reimão – A chaminé tradicional no Sul de Portugal: contributo para uma história da arquitetura do Algarve. ANDRÉ, Paula *et al.* (ed.) – **Antologia de Ensaios Laboratório Colaborativo: dinâmicas urbanas, património, artes VI**. LISBOA: ISCTE, 2020, p. 217-218.



Figura 9 – Largo António dos Santos Fernandes, Cabanas, 1962; Fotografia da © Casa Fotografia Andrade



Figura 10 – Rua Jornal Povo Algarvio, Cabanas, 1962; Fotografia da © Casa Fotografia Andrade

As arquiteturas de pedra e cal documentadas nas fotografias de Cabanas do terceiro quartel do século passado inscrevem-se na arquitetura característica do Baixo Algarve de época contemporânea, alternando, por exemplo, vãos com cantaria com vãos não emoldurados, beirados simples e cimbalhas com platibandas, ou telhados de uma e duas

águas com telhados de quatro águas. Se, por um lado, esta diversidade regista diferentes condições sociais, por outro lado, é também o resultado do processo diacrónico que marca esta arquitetura a partir de oitocentos, como mais adiante se verá. As casas dos pescadores privilegiavam a linha da costa, de disposição mais densa e em banda, nalguns poucos casos, com cobertura plana que servia o arrumo de aprestos e melhor visibilidade das condições do mar. As habitações mais ligadas aos campos agrícolas, em muito menor número, apareciam dispersas e em pequenos conjuntos. Os quintais serviam, de qualquer modo, a diferentes usos, combinando de forma flexível os espaços para os aprestos da pesca com os da pequena produção agrícola doméstica, por vezes, beneficiados pela presença do poço.

A partir de meados do século passado, com a tendência crescente de densificação do núcleo urbano e a progressiva alteração da relação com as propriedades de produção agrícola, alguns conjuntos edificados foram parcelados e divididos em unidades autónomas, ocupadas por diferentes elementos da mesma família ou arrendadas a terceiros. Matizando a contraposição de arquiteturas de proprietários mais vinculados às atividades piscatórias ou agrícolas, Cabanas adquire uma expressão mais heterogénea, com o aproximar do final do terceiro quartel do século passado, com *montes* convertidos em edificações multifamiliares e casas de marítimos divididas para residência de vários núcleos familiares com um mesmo ascendente<sup>38</sup>. Este processo traduz a alteração das condições económicas e sociais e revela uma capacidade de resposta às necessidades emergentes de habitação, com adaptação das arquiteturas preexistentes<sup>39</sup>.

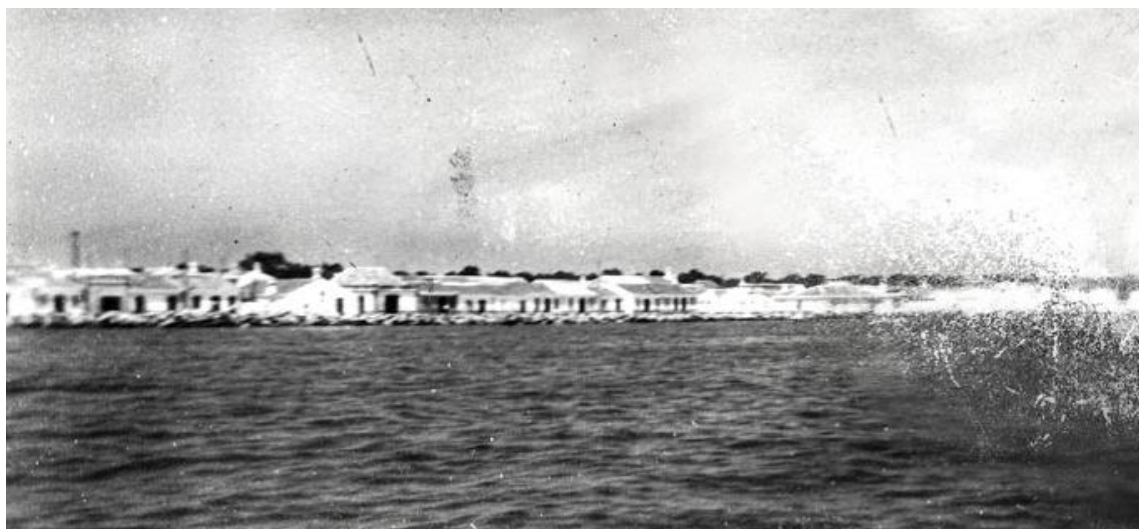


Figura 11 – Vista sobre Cabanas; Fotografia de © António do Carmo Silva Pereira

<sup>38</sup> No âmbito do projeto “SAAL Tavira: Memória Social e Arquitetura” foi possível reconstituir algumas destas situações com o propósito de caracterizar as condições de habitação no povoado que motivaram a organização da Associação de Moradores Amigos Unidos de Cabanas.

<sup>39</sup> “Eu nasci na cabana e vivi lá com os meus pais até aos 17 anos. Eu saí e eles continuaram lá [...]. Era de palha que íamos apanhar à praia. A cabana tinha só duas partes. A minha avó dormia no chão com um colchão, e o meu tio com os meus três irmãos. Nós dormíamos todos na casa de fora. [...] Havia quatro cabanas ali, depois já começaram a construir casas. Antes era tudo cabanas.”. Vitorina Andrade (n.1940).

### A transformação da arquitetura doméstica a partir de final de oitocentos

Os Processos de Obras Particulares disponíveis no Arquivo Municipal de Tavira, relativos ao período entre 1914 e 1971, constituem um instrumento complementar para a compreensão da transformação da arquitetura doméstica e da morfologia urbana de Cabanas. Entre a documentação disponível no Arquivo, foi identificado e estudado um conjunto de setenta e quatro processos de obras particulares, que incluem propostas desenhadas, permitindo reconhecer as novas dinâmicas de transformação da construção local e o desenvolvimento da povoação e das práticas construtivas ao longo do século XX. A distribuição temporal da amostra é marcada por dois períodos de maior concentração de processos: a década de 1940, sugerindo uma primeira vaga de consolidação urbana; e a década de 1960, caracterizada por obras de renovação e adaptação que se acentuaram com os danos causados pelas grandes cheias dos primeiros anos da década de 1960. Nos processos analisados, é evidente a indefinição administrativa e a diversidade de designações toponímicas com que é referida a povoação como, por exemplo, “Povo das Cabanas”, “Povoação das Cabanas” e “Cabanas da Conceição”.



Figura 12 – Planta de Cabanas de Tavira, com localização do núcleo urbano no terceiro quartel do século XX com base em “Processo de construção da estrada da Conceição de Tavira a Cabanas” – João José Barreto, 21-04-1874 Arquivo Distrital de Faro (PT/ADFAR/ACD/JAE/102/0005), Processos de Obras Particulares recolhidos no AMT, e posição das cabanas de junco resultante da recolha dos testemunhos das entrevistas realizadas; Elaborado pelos autores com base na cartografia “Povoação de Cabanas em Tavira” Direção-Geral dos Serviços de Urbanização A-14-5-37 Cx. 2, Arquivo Geral Ualg

Regista-se um número significativo de processos relativos a arruamentos já representado na planta do processo da Estrada Municipal da Conceição a Cabanas de 1874, destacando-se a Rua Eng. Arantes e Oliveira, Rua Dr. Jorge Correia, Rua Pedro Álvares Cabral e Rua Capitão Jorge Ribeiro, identificados como eixos estruturantes<sup>40</sup>.

Entre os tipos de intervenção relativos aos processos, destacam-se os de pequena escala, associadas à manutenção, adaptação e melhoria de edifícios preexistentes, incluindo a reparação de telhados ou a reedificação de fachadas com preocupações compositivas associadas à integração de platibandas<sup>41</sup> e outros elementos de representação (Figura 13). Noutros casos, este processo contínuo de requalificação e renovação das edificações preexistentes procurava dar resposta às precárias condições de salubridade e degradação progressiva das construções. A este propósito refira-se a intervenção da Câmara Municipal de Tavira, datada de 1975, de “arranjo de casas degradadas em Cabanas”, que visava melhorar as condições de vida de dezassete habitações<sup>42</sup>. Para além destas intervenções, importa sublinhar a presença de pedidos para a construção de armazéns e arrumos para aprestos marítimos, evidenciando a forte relação entre a habitação e a atividade dos seus ocupantes.

A análise dos processos em estudo combinada com o levantamento de casos especiais, com a interpretação da cartografia e a tradição oral permite distinguir, como antes referido, dois grupos principais da arquitetura doméstica do período em análise, que se juntam às cabanas entretanto desaparecidas:

- Habitações de pedra e cal, de dimensão quase sempre mais modesta e organização interna mais elementar, ocupadas privilegiadamente por famílias de pescadores;
- Habitações de pedra e cal, de maior dimensão, associadas a propriedades rústicas de produção – os *montes* – com dependências ligadas à atividade agrícola ou a donos das maiores embarcações.

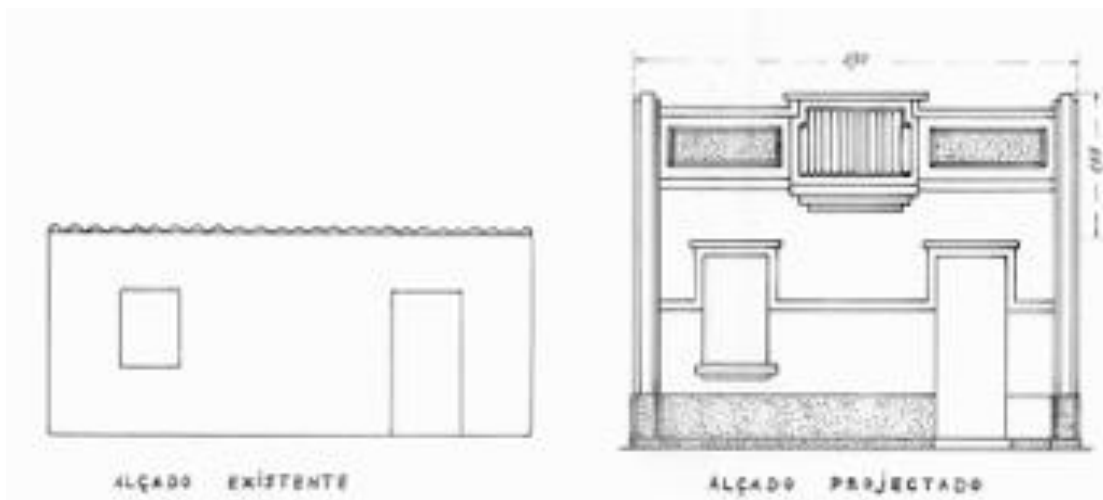


Figura 13 –Projeto de alteração de alçado de um prédio no “Povo das Cabanas”, 1943, AMT

<sup>40</sup> “Processo de construção da estrada da Conceição de Tavira a Cabanas” – João José Barreto, 21-04-1874 Arquivo Distrital de Faro (PT/ADFAR/ACD/JAE/102/0005), consultado em 8 de maio de 2025.

<sup>41</sup> Cf. GONÇALVES, Patrícia – **Platibanda no contexto da Casa-fachada do Algarve**. Universidade de Évora, 2024. Tese de Mestrado - Arquitetura

<sup>42</sup> Câmara Municipal de Tavira, “Arranjo de casas degradadas em Cabanas” L.V.63 PT MTVR CMT/B/A/001/0027 1975-1976, Ata de 10/11/1975 (Livro de Atas nº24, com termo de abertura de 04-06-1975), Arquivo Municipal de Tavira



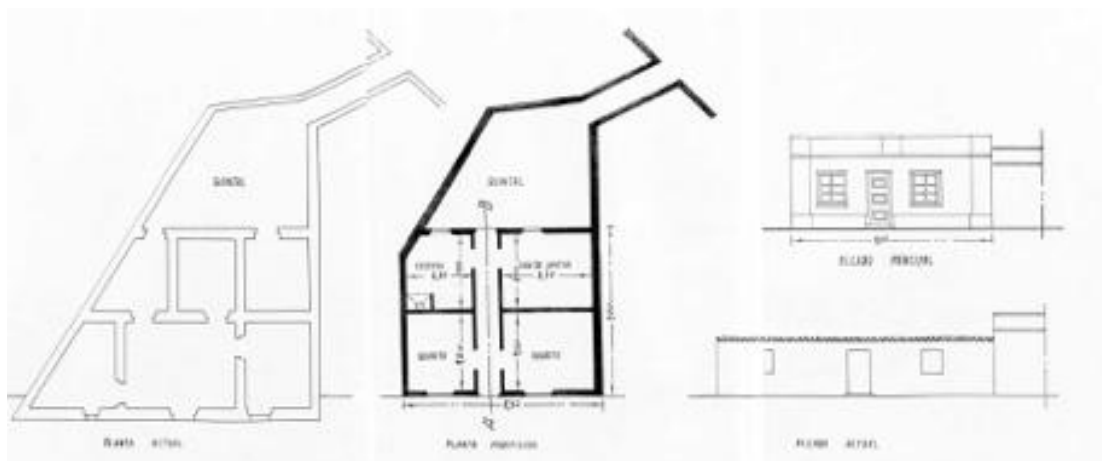


Figura 14 – Projeto de reconstrução de prédio situado na Rua Eng. Arantes e Oliveira, 1961, (nº4). AMT

Em qualquer caso, o núcleo urbano de Cabanas confirma a tendência de mudança gradual dos processos de construção e organização da arquitetura doméstica, na transição do século XIX para o século XX. A organização das habitações mais antigas é caracterizada pela lógica de encadeamento sucessivo de compartimentos ligados entre si diretamente, sem corredor, cada um dos quais delimitados por paredes estruturais. O projeto de reconstrução de prédio localizado na Rua Eng. Arantes de Oliveira, já identificado na cartografia de 1874, ilustra bem a transformação da arquitetura local que se estende no tempo, até ao terceiro quartel do século passado (Figura 14). Este processo regista a tendência de mudança, em que as alvenarias estruturais se passam a restringir às paredes exteriores, de suporte da cobertura, combinada com a integração de tabiques interiores para organização do espaço interno. Esta alteração estrutural aparece frequentemente associada, como ocorre no presente caso, com a transformação profunda da imagem da habitação e com a integração do corredor (aqui, com quartos voltados para frente e cozinha e sala de jantar junto ao logradouro). A antiga fachada caiada, de vãos não emoldurados e beirado simples, dá lugar a uma composição mais cuidada com porta central ladeada por janelas de dimensão mais generosa, valorizada pela presença da platibanda. Esta mudança profunda da imagem da habitação é ainda mais acentuada no processo de construção de um prédio, neste caso, marcada pela linguagem *Art Déco*, com ênfase nas linhas verticais de composição da fachada (Figura 14).

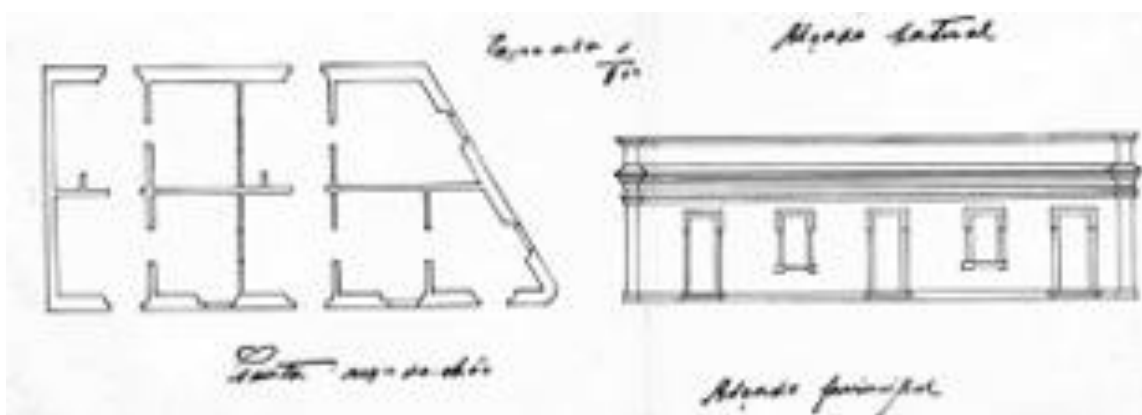


Figura 15 – Projeto de construção de prédio situado na Rua Eng. Arantes e Oliveira e Capitão Jorge Ribeiro, s.d., (nº2). AMT

Nalguns casos, encontramos tipologias de transição, como é documentado num processo datado década de 1930 relativo à habitação de gaveto das ruas Eng. Arantes e Oliveira e Capitão Jorge Ribeiro (Figura 15). A compartimentação com tabiques e a composição cuidada da fachada de vãos emoldurados e platibanda aparecem ainda combinadas com a solução anterior de espaços encadeados e ausência de corredor. Confirmando a tendência recorrente de divisão de habitação original em vários fogos, esta edificação parece ter sido dividida em duas habitações independentes com entrada autónoma e acesso ao logradouro. Para ambos os casos, a planta sugere uma organização com alinhamento “casa de fora” (fachada principal) e cozinha (fachada tardoz), a partir do qual se acedia aos quartos. O trabalho de campo realizado permitiu registar outros exemplos de divisão de habitações maiores em unidades habitacionais menores, associado ao uso partilhado de logradouros, hortas e poços da edificação original, resultando na criação de lugares de vizinhança, marcados por relações parentesco e proximidade quotidiana.

Outros processos confirmam as tendências de mudança que temos vindo a descrever, por vezes, através de intervenções mais humildes, como as que devem ter caracterizado o edifício com duas frentes, para as ruas Capitão Jorge Ribeiro e Jornal Povo Algarvio. Trata-se de uma solução em profundidade, pouco característica de Cabanas, e que remete mais para as habitações de tecidos de maior densidade característicos dos maiores centros urbanos (Figura 16). Num período anterior, a habitação original deve ter sido objeto da divisão de cada um dos três espaços em profundidade, em dois compartimentos distintos através da integração de tabiques. O presente processo propunha a ocupação parcial do quintal para a edificação de cozinha e instalação sanitária, registando a adaptação da edificação tradicional aos novos programas marcados pela preocupação com as condições de salubridade.

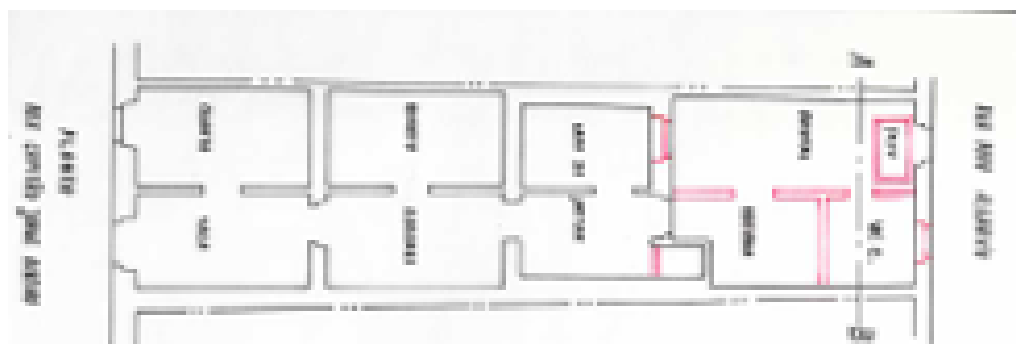


Figura 16 – Projeto de ampliação no prédio situado na Rua Capitão Jorge Ribeiro e Rua Jornal do Povo Algarvio, nas ruas Capitão Jorge Ribeiro e Povo Algarvio, 1961, (nº6) AMT

Para o segundo grupo das tipologias da arquitetura doméstica, anteriormente referido, relativo às habitações de maior dimensão, foi possível verificar uma transformação arquitetónica semelhante às restantes edificações que, no terceiro quartel do século passado, incluiu também o parcelamento com reconversão de antigas casas agrícolas em pequenas habitações de pescadores. Entre as edificações analisadas neste grupo, distinguimos dois exemplos: o primeiro referente à Casa de Campo de Estácio da Veiga que, em parte, ainda se conserva na atual Rua Pedro Álvares Cabral (Figura 17 e 18); e o segundo corresponde a uma habitação situada na Avenida 28 de Maio, atualmente Avenida Ria Formosa (Figura 19).

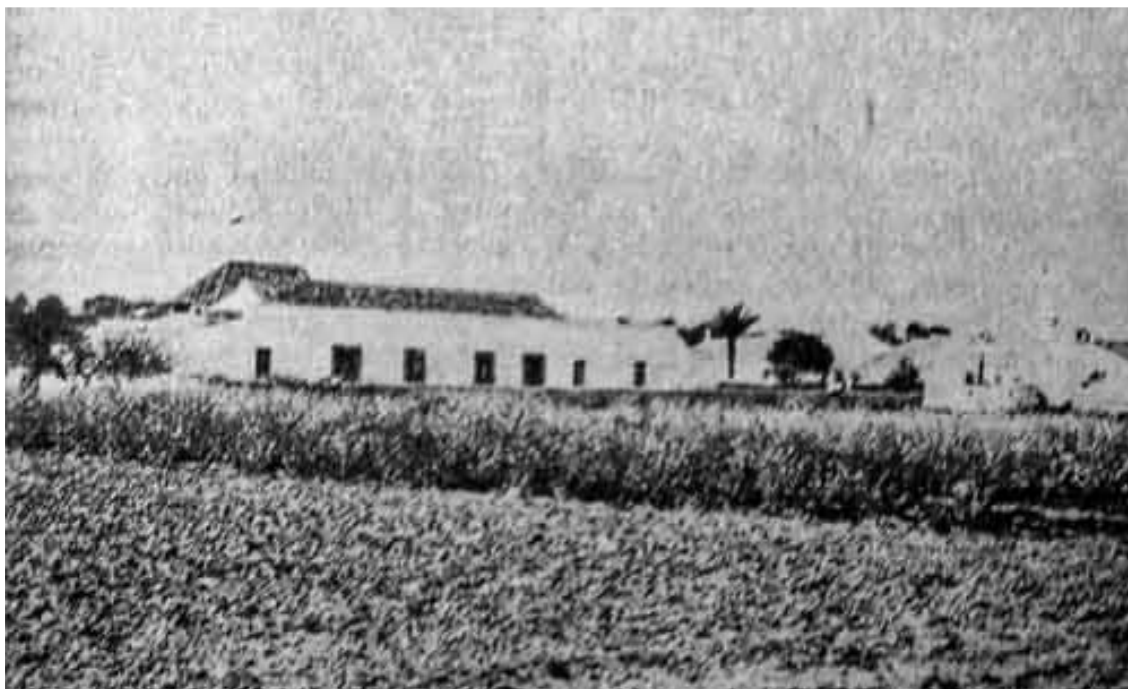


Figura 17 – Casa de Campo de Estácio da Veiga, PEREIRA, Maria Luísa da Veiga – Estácio da Veiga – o projeto do Museu Arqueológico do Algarve Actas do 4º Encontro de Arqueologia do Algarve – Percursos de Estácio da Veiga – Revista de Arqueologia, Arte, Etnografia e História (2007). Silves

A casa de Estácio da Veiga (1828/1891) na “Arrancada”<sup>43</sup>, situada na parte oeste da povoação, estava associada a uma das principais explorações rurais de Cabanas de Tavira, sendo propriedade do seu avô, Sebastião Martins Mestre, que teria aumentado a sua superfície com apropriação abusiva de terras do Mato da Ordem, no primeiro quartel de oitocentos<sup>44</sup>. A importância desta propriedade não se restringe, no entanto à história local, mas estende-se à história da arqueologia e à permanência de Estácio da Veiga por largos períodos neste lugar<sup>45</sup>. O acesso ao monte a partir da antiga canada era feito, então, através

<sup>43</sup> VEIGA, Sebastião Estácio da – **Antiguidades Monumentais do Algarve**. Volume I. Lisboa: Imprensa Nacional, 1886, Excerto da pág. 395 de op.cit., onde Estácio da Veiga faz referência aos achados na sua propriedade da Arrancada disponível em ANICA, Arnaldo Casimiro – **Monografia de freguesia de Cabanas de Tavira: da sua criação à atualidade**. Tavira: Junta de Freguesia de Cabanas de Tavira, 2011, p. 184.

<sup>44</sup> “O Morgado do Exmo. Sr. Duque de Palmela no Algarve é conhecido pela denominação do Morgado do Conde de Sandomil. Este morgado foi tombado haverá 60 anos, porém o livro do tombo foi julgando os prédios tombados sem assinar na sentença os confins, nem os nomes dos confinantes. [...] A Quinta ‘Almiranta’ é o único prédio que se conserva inteiro porque é circundado com valados de pedra que os confinantes não podem mudar. O contrário, porém, sucede com o grande prédio denominado ‘Mato d’Ordem’ porque tendo sido rendeiro do Morgado, Sebastião Martins Mestre e possuindo uma fazenda no sítio de Cabanas de Armação, contíguo ao Mato d’Ordem roubou os melhores terrenos, e os incluiu na sua fazenda com escândalo dos circunvizinhos, e tanto que, dizendo-lhe uma mulher, que ele roubava terras do Morgado, então ele Sebastião Martins Mestre lhe deu pancadas e quase a esmagou contra uma pedra”. Memorando relacionado com “o grande prédio denominado Mato de Ordens”. Sobre o Morgado do Duque de Palmela no Algarve, conhecido pela denominação de Morgado de Sandomil, 1828, Arquivo Histórico da Família Ermida Parreira Duarte Meira, informação não tratada arquivisticamente, ref<sup>a</sup> AMT/AHFEPDM/02/100. Transcrição: Dr. Carlos Alberto Damas.

<sup>45</sup> Foi nesta propriedade que o arqueólogo encontrou diversos artefactos, datáveis de vários períodos – pré-história, época romana e islâmica – e onde guardou muitos dos materiais recolhidos nos trabalhos de campo na zona envolvente. VEIGA, Sebastião Estácio da – **Antiguidades Monumentais do Algarve**. Volume I.

de caminho rural, a que já anteriormente nos referimos, por estar delimitado, a sul, por sistema de nora, levada e tanque. Apesar da transformação significativa a que foi sujeita ao longo do tempo, o edifício conserva algumas estruturas e elementos do monte de final do Antigo Regime, desde paredes mestras a algumas cantarias de vãos de palmo craveiro. A sua estrutura inscreve-se na solução já descrita de sucessão de espaços delimitados por paredes estruturais, que eram aqui parcialmente evidentes na solução de telhados múltiplos em *tesoura* e com pau de fileira: duas águas no corpo sul; quatro águas na parte poente do corpo norte; e, possivelmente, duas águas na parte nascente do mesmo corpo. A estes, acrescentavam-se ainda telhados de uma água em construções posteriormente encostadas às empenas do edifício original (Figura 17). Ainda na primeira metade século passado, o edifício foi fragmentado em seis habitações mais pequenas, arrendadas a pescadores, o que justificou a multiplicação de chaminés de desenho idêntico e a alteração das fachadas (Figura 18). Mais recentemente, o edifício foi parcialmente demolido, na sua parte nascente, para dar lugar a prédio contíguo, com a propriedade rústica a integrar a área de expansão poente do núcleo urbano.

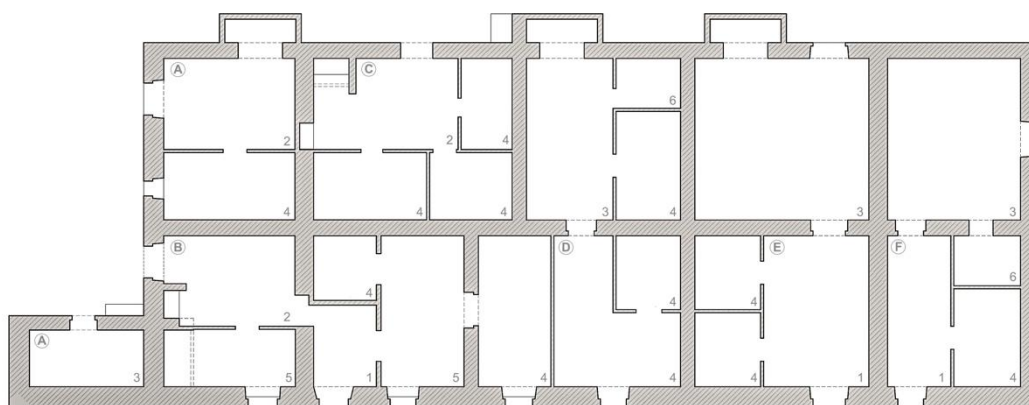


Figura 18 – Reconstituição da antiga “Casa de Campo de Estácio da Veiga”, na Rua Pedro Álvares Cabral, nº 14-16, no final do terceiro quartel do século passado (já depois de dividida em seis habitações mais pequenas), com base no levantamento efetuado a 21 de Maio de 2025.

Legenda: 1 casa de fora; 2 casa de fora com cozinha; 3 cozinha; 4 quarto; 5 sala; 6 despensa;

O segundo exemplo a considerar encontra-se no quadrante oposto, em área correspondente à expansão do núcleo urbano de aproximação à linha de preia-mar que referimos anteriormente. O quarteirão em questão entre a Avenida 28 de Maio (atual Avenida Ria Formosa) e Rua Capitão Baptista Marçal (atual Largo António dos Santos Fernandes), foi inicialmente murado e sujeito posteriormente a integração de várias construções. O processo de obra consultado (Figura 19), datado de 1967, é relativo a modificação e ampliação de prédio inserido nesse quintal murado. A habitação em causa corresponde, portanto, e como é evidente, a um período bem posterior à casa de Estácio da Veiga, datando possivelmente da transição do século XIX para o século XX. O edifício original corresponderia ao volume poente, com um único telhado de quatro águas suportado por paredes mestras, que se restringiam aqui ao perímetro exterior, uma vez que a compartimentação interna era organizada com tabiques. A proposta submetida

Lisboa: Imprensa Nacional, 1886, Excerto da pág. 395-396 in ANICA, Arnaldo Casimiro – **Monografia de freguesia de Cabanas de Tavira: da sua criação à atualidade**. Tavira: Junta de Freguesia de Cabanas de Tavira, 2011, p. 167.

evidência, em planta, sucessivas alterações da edificação original, reportando-se ao propósito de divisão em várias habitações mais pequenas, com construção de cozinha e instalação sanitária no quintal. A Memória Descritiva indica que as “[...] obras previstas preveem a adaptação do prédio a três fogos”, com a demolição parcial de paredes e construção de novas divisórias em alvenaria de tijolo. A fachada proposta, voltada para a marginal, passaria a apresentar três acessos independentes, com um ritmo regular de “janela-porta-janela”. A alteração introduz o corredor central e sala de entrada como espaços fundamentais de organização do fogo, com salas e quartos virados para a frente e cozinhas e instalações sanitárias integradas na parte posterior, dando resposta à nova configuração tripartida do edifício.

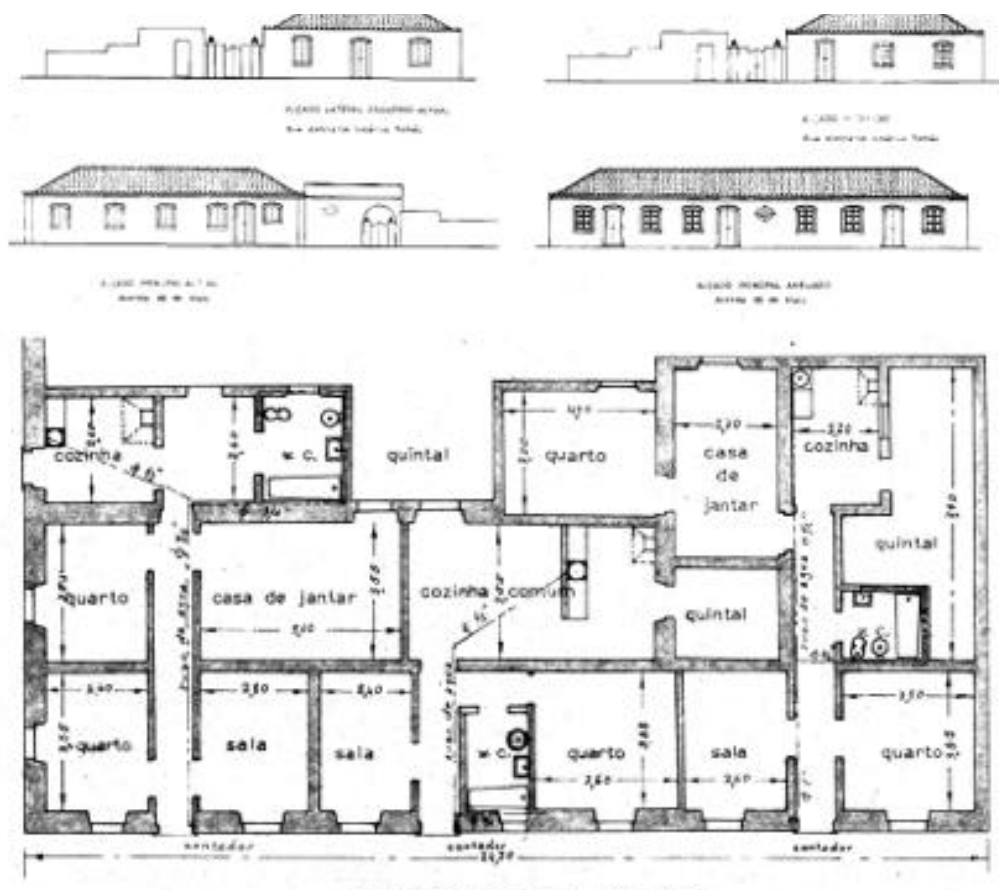


Figura 19 – Projeto de ampliação no prédio situado na “Povoação de Cabanas da Conceição” na Avenida 28 de Maio (atual Avenida Ría Formosa) e Rua Almirante Américo Tomáz (atual Largo António dos Santos Fernandes), 1967, AMT

### Considerações finais

O cruzamento do trabalho de campo com a interpretação de cartografia e documentação histórica, incluindo os processos de obras particulares, permite estabelecer um quadro para a leitura das dinâmicas espaciais e temporárias que conformaram a povoação de Cabanas de Tavira. Esta leitura, ainda preliminar, remete para diferentes ciclos de mudança. Em finais do século XVIII, a presença da armação justificava o arraial de cabanas que se alinhavam, em grande medida, no limite da orla da Ria, marcando a transição para áreas de produção agrícola, com presença rara de edificações de pedra e cal. O período que se estende até ao terceiro quartel do século XIX correspondeu ao início do processo de fixação incipiente da “malha urbana” (acesso a partir da Conceição, linha



da costa, troços de ligação e caminhos rurais) com substituição gradual de arquiteturas ditas efémeras por permanentes, que se consolida, mesmo após as várias mudanças da posição da armação em 1962. Na centúria seguinte, observa-se a densificação das primeiras áreas ocupadas, definição de áreas de expansão nascente, poente e de aproximação à preia-mar, associada à diversificação socioeconómica com expressão a nível das tipologias da arquitetura doméstica. O último meio-século corresponde a um período, já fora do âmbito do presente artigo, marcada por dinâmicas de mudança comuns a outros povoados da região, com primazia da atividade turística e expansão exponencial do tecido urbano, em especial para as áreas agrícolas norte e nascente.

O presente estudo evidencia o modo como a transformação do tecido urbano e da arquitetura doméstica urbana foi *orgânica* e muito condicionada pelas condições físicas do seu território e pelas atividades económicas historicamente ligadas à pesca. A arquitetura local revela, nos seus diferentes ciclos, uma adaptação pragmática às necessidades quotidianas da população, na transição de estruturas temporárias, como as cabanas de junco, para construções permanentes, com justaposição de espaços habitacionais e laborais, armazéns, dependências, hortas e poços que registam a mediação operada pela arquitetura entre o território e uma cultura de organização agro-marinha enraizada nas práticas locais. Até mais recentemente, o tecido urbano de Cabanas não resultou de um planeamento formal, ficando ainda por estudar até que ponto a Câmara Municipal de Tavira procurou condicionar, em períodos mais antigos, as intervenções de pequena escala, com ocupação cumulativa e adaptativa, impulsionada, depois, pela sucessão de ações pontuais que, em conjunto, tiveram um impacto estrutural na morfologia urbana, como a análise dos processos de obras particulares confirma.

Em Cabanas, o processo de substituição de arquiteturas resultou no desaparecimento, quase completo, da arquitetura vernacular, também moldado por fatores naturais como ocorreu com o arraial da Armação da Abóbora engolido pelo mar em 1962, que importaria estudar com mais pormenor. Mas noutros núcleos urbanos integrados em paisagens agro-marinhas, a leitura das dinâmicas de transformação na história, com uma abordagem mais ou menos próxima à considerada neste trabalho, é essencial para sustentar estratégias de ordenamento e salvaguarda baseadas no conhecimento e valorização da memória coletiva.

### Cartografia

Arquivo Distrital de Faro. Processo de construção da estrada da Conceição de Tavira a Cabanas / João José Barreto, 21-04-1874. JPT/ADFAR/JAE/102/0005.

Arquivo Geral da Universidade do Algarve. Povoação de Cabanas em Tavira. Direção-Geral dos Serviços de Urbanização. A-14-5-37 Cx. 2.

Biblioteca Nacional. Borrão de campo de huma legoa d' suburbios orientaes de Tavira / Pello lente Cor[on]el Joze de Sande, o Cap[it]am Vasco Joze Charp[enti]er, o Ajud[an]te substituto Balt[az]ar d'Azev[e]do Coutinho, discipulos d'Aula de Fortificação e Desenho d'm[es]ma cid[ad]e nos exercicios d' campo d' 3 dias na semana ; Por ordem d'Illmo e Exmo S[en]ho[r] Conde de Vale de Reyes, G[overnad]or e Cap[it]am G[e]n[er]al do R[ei]no d' Algarve. - [ca 1793-1795].  
<https://bndigital.bnportugal.gov.pt/viewer/34928/#page=1&viewer=picture&o=info&n=0&q=>

Biblioteca Nacional. Cidade de Tavira e seus arredores / José Sande de Vasconcellos ; colab. Luiz de Mendonça Mello... [et al.]. - Escala [ca. 1:3500].<https://bndigital.bnportugal.gov.pt/records/item/34921-cidade-de-tavira-e-seus-arredores?offset=1>

Biblioteca Nacional. Mappa das terras d<sup>a</sup>Almargem / José de Sande Vasconcellos. Escala [ca 1:3500], [entre 1773 e 1774]. - 1 mapa : manuscrito, color. ; 58x154 cm <https://catalogo.bnportugal.gov.pt/ipac20/ipac.jsp?profile=bn&uri=full=3100024~!1283772~!0>

### Fontes

Arquivo Geral da Universidade do Algarve  
Fundo CCDR Algarve

Arquivo Distrital de Faro  
Fundo Direcção de estradas do Distrito

Arquivo Municipal de Tavira  
Fundo Arquivo Histórico da Família Ermida Parreira Duarte Meira  
Fundo da CMT – Câmara Municipal de Tavira  
Livro de Atas das Sessões da Câmara Municipal de Tavira  
Obras Particulares Antigas  
Processos de Obras com projeto

### Bibliografia

ANICA, Arnaldo Casimiro – **Tavira e o seu termo: memorando histórico**. Tavira: Câmara Municipal de Tavira, 1993.

ANICA, Arnaldo Casimiro – **Tavira e o seu termo: memorando histórico**. Tavira: Câmara Municipal de Tavira, 2001.

ANICA, Arnaldo Casimiro – **Monografia de freguesia de Cabanas de Tavira: da sua criação à atualidade**. Tavira: Junta de Freguesia de Cabanas de Tavira, 2011.

BATISTA, Desidério, COSTA, Miguel Reimão – História, paisagem e arquitetura: a antiga vila de Cacela no contexto do Algarve Oriental. **Revista Promontória** (2016) nº12

CAVACO, Carmina – **O Algarve Oriental. As vilas, o campo e o mar**. Faro: GAPA, 1976.

CORVO, Alberto – Tavira litoral, território em mudança. **Tavira, Patrimónios do Mar**. Tavira: Câmara Municipal de Tavira, 2008

GONÇALVES, Patrícia – **Platibanda no contexto da Casa-fachada do Algarve**. Universidade de Évora, 2024. Tese de Mestrado - Arquitetura  
MATIAS, Pedro Infante, ARAUJO, Renata, COSTA, Miguel Reimão – Cabanas de cobertura vegetal no Algarve: estudo preliminar da sua transformação e distribuição na

região. ANDRÉ, Paula (ed.) – **Antologia de Ensaio Laboratório Colaborativo: dinâmicas urbanas, património, artes VIII**. LISBOA: ISCTE, 2022.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de, GALHANO, Fernando, PEREIRA, Benjamim – **Construções primitivas em Portugal**. Lisboa: Dom Quixote, 1994.

PEREIRA, Maria Luísa da Veiga – Estácio da Veiga – o projeto do Museu Arqueológico do Algarve **Actas do 4º Encontro de Arqueologia do Algarve – Percursos de Estácio da Veiga – Revista de Arqueologia, Arte, Etnografia e História** (2007). Silves

SANTOS, Lydia, COSTA, Miguel Reimão – A chaminé tradicional no Sul de Portugal: contributo para uma história da arquitetura do Algarve. ANDRÉ, Paula *et al.* (ed.) – **Antologia de Ensaio Laboratório Colaborativo: dinâmicas urbanas, património, artes VI**. LISBOA: ISCTE, 2020.

SILVA LOPES, João Baptista da – **Corografia, ou, Memoria económica, estadística, e topográfica do Reino do Algarve**. Lisboa, 1841.

TAVARES, André, INGLEZ DE SOUSA, Diego – **Arquitetura do bacalhau e outras espécies: uma leitura crítica da paisagem construída pelas pescas portuguesas**. Porto: Dafne, 2022.

VASCONCELLOS, José Leite – **Etnografia Portuguesa. Tentame de sistematização**. Volume VI. Lisboa: INCM, 1983.

VAZ, Adérito Fernandes – **A vila de Cabanas de Tavira: uma passagem com memórias**. Tavira, 2020.

VEIGA, Sebastião Philippes Martins Estácio da – **Antiguidades Monumentais do Algarve**. Volume I. Lisboa: Imprensa Nacional, 1886.

Direção Geral do Comércio e Indústria – Portugal, **Inquérito industrial de 1890**. Volume II, 1891.

### **Entrevistas realizadas no âmbito do projeto “Bairros SAAL de Tavira: Memória social e arquitetura”**

Aldomiro Eusébio Jesus, n.1941, a 17 de Janeiro de 2025

António do Carmo Pereira, n. 1943, a 24 de Abril de 2025.

Maria Vitorina Andrade, n. 1940, a 19 de Dezembro de 2024.

## **A reabilitação do interior de edifícios antigos de uso habitacional: documentos normativos, conceitos e desafios**

**Marta Vicente**

LNEC; ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa; Dinâmia'cet-Iscte  
[magvicente@lneec.pt](mailto:magvicente@lneec.pt)

**Paula André**

ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa; Dinâmia'cet-Iscte  
[paula.andre@iscte-iul.pt](mailto:paula.andre@iscte-iul.pt)

**João Branco Pedro**

LNEC  
[jpedro@lneec.pt](mailto:jpedro@lneec.pt)

**Resumo:** A reabilitação do interior dos edifícios antigos de uso habitacional, é uma forma de intervenção indissociável da resposta às necessidades de adaptação aos modos de vida contemporâneos. Essas necessidades de adaptação são particularmente relevantes no interior das frações habitacionais, o que torna a reabilitação não apenas uma operação técnica, mas também uma prática social e cultural. A partir do estudo de documentos normativos internacionais sobre património cultural, da produção teórica relevante e, pontualmente, da legislação nacional sobre reabilitação de edifícios, analisa-se *i)* o alargamento do âmbito do património a preservar – do monumento ao interior dos edifícios habitacionais; *ii)* o surgimento e a evolução conceito de “*reabilitação*” enquanto forma privilegiada de intervenção no interior dos edifícios antigos de uso habitacional; e, *iii)* alguns desafios colocados pela variedade de intervenções que ocorrem além-fachadas, assinalando-se essa variedade como decorrente de diferentes necessidades de adaptação, fração-a-fração, ao longo do tempo. Com base nos resultados dessa análise, conclui-se que a documentação normativa internacional, e a legislação nacional que dela advém, deixam relativamente aberto o campo de ação da reabilitação do interior dos edifícios antigos. Essa abertura resulta numa grande variedade de intervenções, além-fachada, orientadas por valores e princípios distintos entre si que traduzem a resposta às necessidades de adaptação deste património construído aos modos de vida contemporâneos.

**Palavras-chave:** reabilitação; normas internacionais; edifícios antigos de uso habitacional; interiores

## Introdução

O presente ensaio enquadra-se no estudo de doutoramento, em curso, intitulado “*Culturas de reabilitação de edifícios antigos (1980-2020): o caso do eixo Cais do Sodré – Rato*”, em Lisboa. O estudo tem como objetivo contribuir para o conhecimento sobre a evolução das culturas de reabilitação de edifícios habitacionais antigos, focando não só as grandes intervenções mas também as pequenas alterações, realizadas por proprietários e inquilinos de forma mais ou menos formal, com ou sem apoio técnico especializado, sobre as quais existe pouco (re)conhecimento apesar de representarem parte significativa das alterações e adaptações destes edifícios aos modos de viver (n)a cidade e (n)o edifício. Como é natural, estas transformações no património edificado refletem, em parte, aquilo que são as mudanças e as dinâmicas urbanas da própria cidade ao longo do tempo.

Partindo da constatação de que a reabilitação do interior dos edifícios antigos de uso habitacional pode originar uma ampla variedade de resultados – desde intervenções pontuais a reconstruções profundas, o ensaio tem como objetivos *i)* identificar o momento em que o interior dos edifícios antigos é identificado como património a salvaguardar; *ii)* evidenciar que a reabilitação, enquanto forma de intervir sobre o património construído, surge como resposta às necessidades específicas dos edifícios correntes e, maioritariamente, de uso habitacional; *iii)* ilustrar a variedade de práticas de reabilitação que podem existir além-fachada e os desafios que se podem colocar à identificação dos valores de autenticidade dessas intervenções. Desta forma, o ensaio procura contribuir para uma reflexão sobre os desafios que se colocam à intervenção neste tipo específico de património e para uma discussão sobre a medida em que a reabilitação surge como forma de intervenção simultaneamente técnica, cultural e social. O ensaio desenvolve-se em torno dos edifícios antigos de uso habitacional e, em particular, do seu interior, espaço onde a necessidade de adaptação aos modos de vida contemporâneos se torna especialmente evidente.

Metodologicamente, o ensaio adota uma abordagem qualitativa, assente na análise documental e comparativa de normas internacionais, legislação nacional e contributos teóricos de referência no domínio da intervenção no património edificado. Esta análise permite identificar o momento em que o interior dos edifícios antigos de uso habitacional é identificado como património a salvaguardar, momento esse que se alinha com a definição de uma nova forma de pensar e intervir sobre o património construído: a reabilitação. A partir de um conjunto de definições do conceito de reabilitação de edifícios, identificam-se pontos de convergência e divergência entre as várias definições e assinala-se o vínculo da reabilitação ao principal alvo das suas intervenções: o interior dos edifícios antigos. O estudo é complementado com a identificação dos desafios que se colocam à avaliação da autenticidade do interior destes edifícios, a partir da análise de um conjunto de frações de um edifício localizado no eixo Cais do Sodré – Rato. Esta análise permite relacionar o enquadramento teórico da reabilitação com a realidade construída. Assim, procura-se demonstrar que a reabilitação é mais do que uma prática técnica, configurando-se como uma resposta às transformações nas formas de habitar e às mudanças sociais e culturais da sociedade.

O ensaio organiza-se em cinco secções. Após esta introdução, descreve-se a ampliação do conceito de património que conduziu à identificação do interior dos edifícios antigos de uso habitacional como património a salvaguardar (2). Uma vez enquadrada esta (nova) forma de



património a salvaguardar, analisam-se definições do conceito de reabilitação enquanto forma privilegiada de intervenção no interior destes edifícios (3) assinalando a forma como as dimensões inicialmente presentes no conceito evoluíram ao longo do tempo. Em seguida, a partir do interior de um conjunto de frações de um edifício antigo ilustra-se a variedade de soluções que podem decorrer da reabilitação deste património construído, antecipando desafios que se colocam na avaliação da autenticidade de um edifício cujas frações foram intervencionadas de forma tão diversa (4). Por último, apresenta-se uma breve discussão dos resultados obtidos, as considerações finais e os caminhos de pesquisa futuros no âmbito da investigação de doutoramento (5).

### O interior como património a salvaguardar

Se, na primeira metade do século XIX, o património era defendido por Victor Hugo como um bem nacional, “digno de reconhecimento por todos” ainda muito ancorado à noção de património monumental, a partir de meados do século XX passam a estar abrangidas “todas as formas da arte de edificar, eruditas e populares, urbanas e rurais e todas as categorias de edifícios”<sup>1</sup>. Com este alargamento, que marca uma mudança de paradigma<sup>2</sup>, passam a estar disponíveis para classificação como monumento histórico os edifícios correntes, ou seja, “as construções privadas não monumentais”, entre outros<sup>3</sup>.

Para melhor compreender esta mudança de paradigma, importará recuperar a Carta de Veneza sobre a Conservação e o Restauro de Monumentos e Sítios<sup>4</sup> que, em 1964, definiu o conceito de monumento histórico como aquele que “engloba a criação arquitetónica isolada, bem como o sítio, rural ou urbano, que constitua testemunho de uma civilização particular, de uma evolução significativa ou de um acontecimento histórico”, referindo que o mesmo conceito se aplica a grandes obras e a obras modestas do passado que tenham vindo a adquirir significado. Apesar de não ser totalmente explícito o significado atribuído às obras modestas do passado pode considerar-se que esta seria já uma referência, ainda que indireta, ao património edificado corrente (*i.e.*, não-monumental). Este alargamento de âmbito, do edifício monumental ao edificado corrente, marca o início do processo de passagem da proteção isolada de monumentos para a proteção do tecido urbano, ou paisagem rural, tido como um dos maiores “avanços teóricos e normativos, em matéria de proteção do património arquitetónico”<sup>5</sup>.

O entendimento das cidades antigas e dos bairros históricos, compostos por grande variedade de edifícios incluindo edifícios modestos, como parte integrante do património arquitetónico da Europa é reforçado na Declaração de Amesterdão<sup>6</sup>. A Declaração assinala a importância

---

<sup>1</sup> VAZ, Pedro – **Edificar no património: pessoas e paradigmas na conservação & restauro**. Coimbra: Edições 70, Lda., 2019, p. 118.

<sup>2</sup> CHOAY, Françoise – **Alegoria do património**. Coimbra: Edições 70, Lda., 2014.  
LOPES, Flávio; CORREIA, M. Brito – **Património Cultural – Critérios e Normas Internacionais de Proteção**. Lisboa: Caleidoscópio – Edição e Artes Gráficas, 2014.

VIÑAS, S. Muñoz – **Contemporary Theory of Conservation**. Elsevier Butterworth-Heinemann, 2005.

<sup>3</sup> CHOAY, Françoise – **Alegoria do património**. Coimbra: Edições 70, Lda., 2014, p. 12.

<sup>4</sup> ICOMOS – **Carta de Veneza sobre a Conservação e o Restauro de Monumentos e Sítios**, 1964.

<sup>5</sup> LOPES, Flávio; CORREIA, M. Brito – **Património Cultural – Critérios e Normas Internacionais de Proteção**. Lisboa: Caleidoscópio, 2014, p. 34.

<sup>6</sup> Conselho da Europa – **Declaração de Amesterdão – Conclusões do Congresso Sobre o Património Arquitetónico Europeu**, 1975.

de investir na proteção desse património, elencando um conjunto de diretrizes para alcançar esse desígnio, das quais se destacam a importância da atribuição de funções que respeitem o carácter do edificado antigo existente e que, em simultâneo, respondam às condições de vida contemporâneas garantindo a sua continuada utilização. A figura da cidade histórica, fica assim inscrita na normativa internacional sobre o património cultural, saindo reforçado o entendimento do seu funcionamento como um todo cujas partes se articulam e relacionam: “cada um destes conjuntos patrimoniais deve ser considerado como um todo, com as suas estruturas, os seus espaços e as características socioeconómicas, em processo de contínua evolução e mudança”<sup>7</sup>.

Ancorado a esta forma de património, mais abrangente, os “elementos do património que, apesar de não possuírem valor excecional, apresentam coerência formal e relativa abundância”<sup>8</sup> são identificados como uma das três categorias do património urbano. Assim, resulta inequívoca a abertura do âmbito patrimonial aos edifícios correntes. Edifícios esses que se assumem com a figura de palimpsestos contendo “estratos, sedimentos, testemunhos dos diversos tempos, registando permanências de longo prazo ou alterações e lacunas produto de cataclismos ou da ação do homem (...), constantemente adaptadas para permitirem a vida ao longo do tempo”<sup>9</sup>.

Na sequência do alerta para a necessidade de proceder à salvaguarda desta nova forma de património, a Carta Internacional sobre a Salvaguarda das Cidades Históricas<sup>10</sup> aponta os valores a preservar nos conjuntos urbanos históricos:

- 1) A forma urbana (*i.e.*, traçados das ruas e parcelamento/ loteamento de terrenos);
- 2) As relações entre os vários espaços urbanos (*i.e.*, espaço construído, livre, verde);
- 3) A forma e o aspeto, interior e exterior, dos edifícios que integram esses conjuntos e que são definidos pela sua estrutura, volume, estilo, escala, materiais, cor e decoração;
- 4) As relações entre a cidade e o ambiente envolvente (*i.e.*, natural ou construído);
- 5) A diversidade de funções da cidade.

Com a identificação destes valores<sup>11</sup>, surge uma das primeiras referências explícitas à dimensão interior dos edifícios que integram os conjuntos urbanos históricos, assinalando-se essa dimensão como um dos aspetos a preservar.

As referências à dimensão interior dos edifícios antigos começam a estar presentes de forma mais regular nas normas internacionais sobre património cultural a partir dos anos 90 do século XX. A manutenção das características interiores destes edifícios, nomeadamente a sua forma e aspeto, é identificada como um fator favorável à manutenção da autenticidade e

---

<sup>7</sup> AAVV – Carta de Cracóvia 2000 – Princípios para a conservação e o restauro do património construído, 2000.

<sup>8</sup> UNESCO – Recomendação sobre as paisagens urbanas históricas, 2011, p. 7.

<sup>9</sup> AGUIAR, José – Reabilitação ou fraude. In *Revista Património*. Lisboa: Imprensa Nacional/DGPC. Vol. n.º 2 (2014), 56-69, pp. 65-66.

<sup>10</sup> ICOMOS – Carta internacional sobre a salvaguarda das cidades históricas, 1987.

<sup>11</sup> *Idem, ibidem*.

integridade do património construído<sup>12</sup>. A propósito dos edifícios que integram as cidades históricas, na Carta de Cracóvia<sup>13</sup> é, novamente, referida a importância do interior dos edifícios destacando-se a dupla função que esses imóveis desempenham enquanto i) “elementos definidores da forma urbana”; e, ii) possuidores de “uma espacialidade interna, que constitui um dos seus valores essenciais”. Esta referência atribui uma importância, à época sem precedentes, à organização espacial interna de edifícios que compõem o tecido urbano das cidades antigas como um dos valores a preservar em intervenções nestes conjuntos.

Partindo do pressuposto que “as cidades e os conjuntos urbanos históricos são uma prova viva do passado que os modelou”<sup>14</sup>, e reconhecendo a necessidade de utilização contínua e adequada do património construído<sup>15</sup>, os Princípios de La Valeta sobre a Salvaguarda e Gestão das Cidades e dos Conjuntos Urbanos Históricos estabelecem um conjunto de condições para a salvaguarda e gestão deste património com vista à sua proteção e integração na sociedade contemporânea, colocando ao mesmo nível aspetos como a “forma urbana” e “a forma e o aspeto dos edifícios – interior e exterior, tal como são definidos pela sua estrutura, volume, estilo, escala, materiais, cor e decoração”<sup>16</sup>.

---

<sup>12</sup> AAVV – **Carta de Cracóvia 2000 – Princípios para a conservação e o restauro do património construído**, 2000.

ICOMOS – **Princípios de La Valetta sobre a Salvaguarda e Gestão das Cidades e dos Conjuntos Históricos Urbanos**, 2011.

<sup>13</sup> AAVV – **Carta de Cracóvia 2000 – Princípios para a conservação e o restauro do património construído**, 2000, p. 3.

<sup>14</sup> ICOMOS – **Princípios de La Valetta sobre a Salvaguarda e Gestão das Cidades e dos Conjuntos Históricos Urbanos**, 2011, p. 2.

<sup>15</sup> AAVV – **Carta de Cracóvia 2000 – Princípios para a conservação e o restauro do património construído**, 2000.

Conselho da Europa – **Declaração de Amesterdão – Conclusões do Congresso sobre o património arquitetónico europeu**, 1975.

Conselho da Europa – **Recomendação n.º (91) 13 sobre a Proteção do Património Arquitetónico do Século XX**, 1991.

<sup>16</sup> AGUIAR, José – Reabilitação ou fraude. In **Revista Património**. Lisboa: Imprensa Nacional/DGPC. Vol. n.º 2 (2014), 56-69, p. 64.



Figura 1 – Linha do tempo com referências aos edifícios correntes e ao seu interior como património a salvaguardar em documentação normativa internacional (Elaborado pelos autores)

Tal como ilustrado na Figura 1, os edifícios correntes das cidades e bairros históricos e o seu interior têm vindo a ser identificados como património a salvaguardar. Nos documentos normativos internacionais, a referência a estes edifícios inicia-se em 1964 e a consagração do seu interior como parte integrante e representativa do património coletivo ocorre a partir de 1987, sendo reforçado em documentos posteriores (2000 e 2011). A consideração do interior desses edifícios surge, sobretudo, associada a aspetos como a autenticidade, a identidade e a função social do património arquitetónico de uso habitacional das cidades e conjuntos históricos. Também a produção teórica relevante reforça que a integridade de um bem patrimonial abrange, também, os espaços interiores do património construído<sup>17</sup> resultando inequívoca a importância do lado interior destes edifícios.

### A reabilitação como forma de intervenção além-fachada

O alargamento do âmbito do património a preservar, do monumento ao interior dos edifícios correntes, implica uma mudança na forma de pensar e de intervir e coloca desafios à identificação do que é autêntico e identitário. É nesse contexto surge, em 1976, o conceito de reabilitação: como resposta aos desafios colocados pela identificação dos edifícios antigos de uso habitacional e do seu interior como parte integrante do património a salvaguardar. O conceito é pela primeira vez definido em normativas europeias (1976) e, anos mais tarde, surge formalmente definido na legislação portuguesa (2009). Em ambos os casos, as referências ao interior dos edifícios e das suas frações encontram-se presentes, alinhando a formalização conceptual da reabilitação com o alargamento do âmbito patrimonial (Figura 2) referido no ponto anterior.

<sup>17</sup> *Idem, ibidem.*

FEILDEN, Bernard – **Conservation of Historic Buildings**. Londres: Butterworth & Co, 1982.

JOKILEHTO, Jukka – **A History of Architectural Conservation**. Inglaterra: The University of York, 1986.

Tese de Doutoramento.

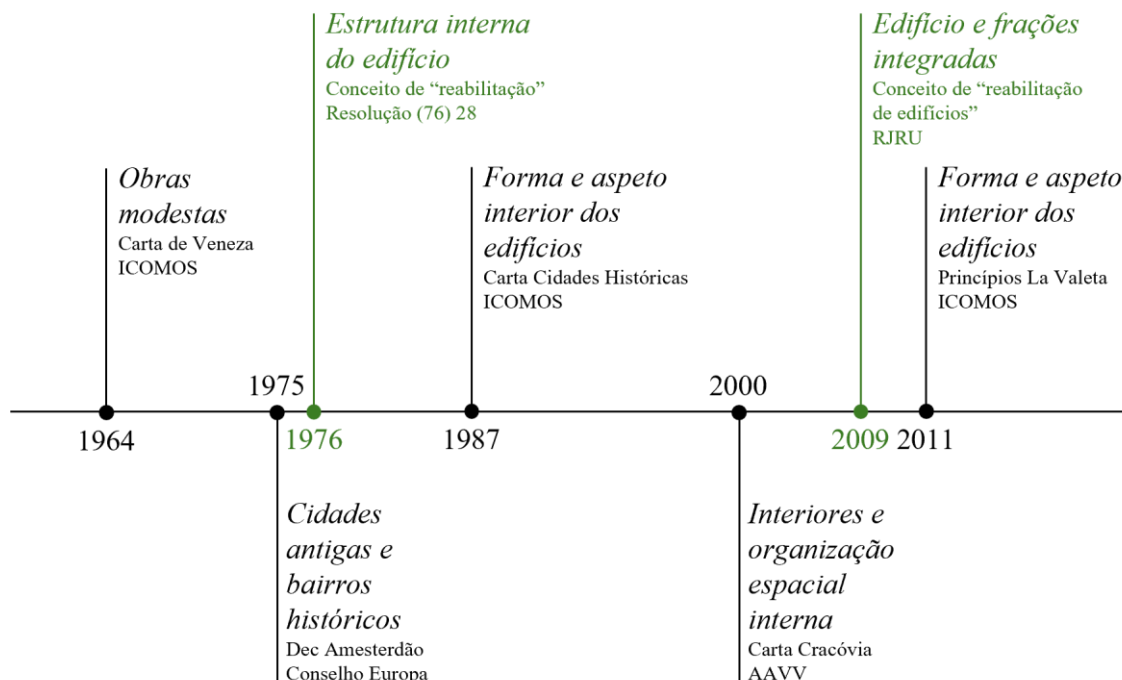


Figura 2 – Linha do tempo com referências aos edifícios correntes e ao seu interior como património a salvaguardar em documentação normativa internacional e em conceitos de “reabilitação” (Elaborado pelos autores)

Naturalmente, a inclusão do edificado corrente dos núcleos históricos das cidades no domínio patrimonial comporta um conjunto de preocupações específicas. Este património edificado acarreta um conjunto de particularidades que em muito se relacionam com o facto destes edifícios antigos, ainda que correntes ou modestos, resultarem de um complexo conjunto de ideias e culturas, refletidos em todas as transformações sofridas durante o seu ciclo de vida<sup>18</sup>. Esta condição deste (novo) património evidencia a incapacidade das práticas de conservação e restauro de dar resposta aos desafios colocados por este tipo de edificado, que fica assim inscrito no discurso normativo europeu.

Assim, em 1976, é formalmente definido o conceito de reabilitação como a “renovação da estrutura interna de edifícios, sobretudo daqueles que se destinem ao uso habitacional, adaptando-a às necessidades da vida moderna, preservando cuidadosamente os elementos de interesse cultural ”<sup>19</sup>.

Esta primeira definição oficial do conceito de reabilitação surge na documentação normativa europeia e representa uma mudança de paradigma significativa no domínio da intervenção no património construído, ao centrar-se na renovação da estrutura interna dos edifícios, destacando-se claramente da tradição centrada nas disciplinas da conservação e do restauro. A referência explícita aos edifícios de uso habitacional, como objeto privilegiado deste tipo de intervenção, revela a orientação social das futuras políticas de reabilitação, focada na melhoria das condições de vida urbana e dos edifícios correntes que constituem o tecido

<sup>18</sup> FEILDEN, Bernard – **Conservation of Historic Buildings**. Londres: Butterworth & Co, 1982.

<sup>19</sup> Comité de Ministros do Conselho da Europa – **Resolution (76) 28 – Concerning the adaptation of laws and regulations to the requirements of integrated conservation of the architectural heritage**, 1976.



urbano das cidades europeias. Esta definição introduz também uma perspetiva funcional e contemporânea, ao enfatizar a adaptação dos espaços às “necessidades da vida moderna”, remetendo para a atualização do interior dos edifícios habitacionais face aos modos de habitar contemporâneos. Não obstante, a preservação de elementos culturais é apontada como uma preocupação a atender no âmbito das intervenções de reabilitação, reforçando o compromisso europeu<sup>20</sup> com a salvaguarda dos conjuntos históricos e do património arquitetónico neles representado.

Ao longo do tempo, o conceito de reabilitação de edifícios foi sendo referido e redefinido em i) normas internacionais, ii) legislação nacional, e iii) documentação, teórica e técnica, no âmbito da intervenção sobre o património construído.

Uma análise das várias definições do conceito de reabilitação de edifícios (Tabela 1), segundo diferentes tipos de documento, revela que as definições apresentadas ao longo do tempo partilham elementos comuns. As alterações que o conceito tem sofrido são limitadas, mas importantes, no sentido em que parecem traduzir uma mudança de foco das operações de reabilitação. As várias definições do conceito partilham um conjunto de pontos em comum, presentes em todas ou na maioria das definições, nomeadamente as seguintes:

- 1) *Intervenção em edifícios existentes* – todas as definições referem-se a ações sobre construções já existentes, sejam edifícios com valor patrimonial, histórico ou simplesmente que apresentem necessidades de atualização;
- 2) *Objetivo de recuperação/modernização* – há um foco claro na recuperação física dos edifícios (e.g., resolução de anomalias, renovação de infraestruturas), comumente associada à modernização com o objetivo de melhorar as condições de segurança, conforto e funcionalidade para os padrões de desempenho contemporâneos;
- 3) *Adaptação aos modos de uso contemporâneos* – a maioria das definições destaca a necessidade de adequar os edifícios a intervencionar a novos usos ou, no caso de manter o uso original, adequar as condições de desempenho funcional às expectativas contemporâneas.

Importa assinalar que estes aspetos em comum, ainda que não o façam de forma explícita, remetem sobretudo para a dimensão interior dos edifícios a intervencionar. Atendendo, sobretudo, ao facto de ser no espaço interior – além-fachada, que existem maiores necessidades de *recuperação/modernização* e de *adaptação aos modos de uso contemporâneos*. Não obstante, é de referir que as definições remetem tendencialmente para a escala do edifício em detrimento da escala da fração, remetendo para uma lógica de intervenção global. Ou seja, um cenário em que todo o interior (*i.e.*, todas as frações) seriam reabilitadas em simultâneo.

Os principais pontos de divergência entre as definições analisadas centram-se em dois aspetos:

---

<sup>20</sup> *Idem, ibidem.*

Conselho da Europa – **Declaração de Amesterdão – Conclusões do Congresso sobre o Património Arquitetónico Europeu**, 1975.

UNESCO – **Recomendação sobre a Salvaguarda dos Conjuntos Históricos e da sua Função na Vida Contemporânea**, 1976.

- 1) *Preservação de valor cultural/patrimonial* – Apenas algumas definições fazem referência explícita à conservação de elementos com significado histórico ou cultural, refletindo uma abordagem mais conservacionista ou focada no património;
- 2) *Melhoria do desempenho funcional* – O objetivo de melhorar o desempenho funcional dos edifícios (*i.e.*, em termos de segurança estrutural, conforto, acessibilidade, salubridade e eficiência) não se encontra explicitamente presente em todas as definições analisadas.

Partindo das definições apresentadas na Tabela 1 e assinalando as dimensões abordadas por cada uma (Tabela 2) verifica-se que *i*) a referência ao interior dos edifícios habitacionais está presente, de forma explícita<sup>21</sup> ou implícita, na maioria das definições do conceito; *ii*) a preocupação com a preservação de valores culturais/patrimoniais apenas surge explicitamente na primeira definição formal do conceito<sup>22</sup>; *iii*) ao longo dos anos, a melhoria do desempenho funcional dos edifícios e frações intervencionadas tem vindo a assumir maior destaque nas definições do conceito.

Tabela 1 – Definições do conceito de reabilitação de edifícios, ao longo dos anos  
(Elaborado pelos autores a partir de várias fontes)

| Definições do conceito de “ <i>Reabilitação de edifícios</i> ” |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
|----------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1975                                                           | Intervenções que podem ser empreendidas nestes espaços, sejam elas de conservação integrada, de restauro e manutenção do património edificado; e a atribuição de novos usos adequados às necessidades contemporâneas.<br>(Conselho da Europa, 1975b)                                                                                                                                                                                                                      |
| 1976                                                           | Renovação da estrutura interna de edifícios, sobretudo daqueles que se destinem ao uso habitacional, adaptando-a às necessidades da vida moderna, preservando cuidadosamente os elementos de interesse cultural.<br>(Comité de Ministros, 1976)                                                                                                                                                                                                                           |
| 1982                                                           | Forma de reutilização adaptativa dos edifícios históricos, considerando que por vezes essa será a única forma economicamente viável de preservar os valores históricos garantindo, em simultâneo, a adequação aos padrões de uso contemporâneos.<br>(Feilden, 1982, pp. 10-11)                                                                                                                                                                                            |
| 1995                                                           | Obra de recuperação e beneficiação, que pode contemplar a resolução de anomalias construtivas, funcionais, higiénicas e de segurança acumuladas ao longo dos anos, implicando uma modernização que melhora o desempenho até próximo dos atuais níveis de exigência.<br>(AAVV, 1995)                                                                                                                                                                                       |
| 1992-93                                                        | Toda a série de ações empreendidas tendo em vista a recuperação e a beneficiação de um edifício, tornando-o apto para o seu uso actual. O objetivo fundamental (da reabilitação de edifícios) consiste em resolver as deficiências físicas e as anomalias construtivas, ambientais e funcionais, acumuladas ao longo dos anos, procurando ao mesmo tempo uma modernização e uma beneficiação geral do imóvel (...) melhorando o seu desempenho funcional e tornando esses |

<sup>21</sup> Comité de Ministros do Conselho da Europa – **Resolution (76) 28 – Concerning the adaptation of laws and regulations to the requirements of integrated conservation of the architectural heritage**, 1976.  
LOPES, Flávio – **Lisboa, Arquitetura contemporânea e cidade antiga**. Lisboa: Caleidoscópio – Edição e Artes Gráficas, 2020.

<sup>22</sup> Comité de Ministros do Conselho da Europa – **Resolution (76) 28 – Concerning the adaptation of laws and regulations to the requirements of integrated conservation of the architectural heritage**, 1976.

|      |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
|------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|      | edifícios aptos para o seu completo e atualizado reuso.<br>(CABRITA <i>et al.</i> , 1992; AGUIAR <i>et al.</i> , 1993)                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| 2009 | Forma de intervenção destinada a conferir adequadas características de desempenho e de segurança funcional, estrutural e construtiva a um ou a vários edifícios, às construções funcionalmente adjacentes incorporadas no seu logradouro, bem como às fracções eventualmente integradas nesse edifício, ou a conceder-lhes novas aptidões funcionais, determinadas em função das opções de reabilitação urbana prosseguidas, com vista a permitir novos usos ou o mesmo uso com padrões de desempenho mais elevados, podendo compreender uma ou mais operações urbanísticas.<br>(RJRU, 2009) |
| 2020 | Ação que pode compreender a modificação da compartimentação interior (de um edifício ou fração habitacional), implicando uma modernização do objeto arquitetónico para que este passe a satisfazer níveis de exigência de segurança e de conforto, próximos dos atuais. Essa modernização pode implicar alterações profundas na pré-existência.<br>(Lopes, 2020)                                                                                                                                                                                                                             |

|                            |                            |                                 |
|----------------------------|----------------------------|---------------------------------|
| <i>Norma Internacional</i> | <i>Legislação Nacional</i> | <i>Produção técnica-teórica</i> |
|----------------------------|----------------------------|---------------------------------|

Tabela 2 – Dimensões presentes nas definições analisadas do conceito de reabilitação de edifícios (Elaborado pelos autores)

|              | Dimensões /Foco da definição            | Recuperação física | Modernização / atualização | Adaptação a novos usos | Preservação de valores culturais | Melhoria de desempenho funcional |
|--------------|-----------------------------------------|--------------------|----------------------------|------------------------|----------------------------------|----------------------------------|
| 1975         | Intervenções e novos usos               | ✓                  | ✓                          | ✓                      | ✓                                | —                                |
| 1976         | Renovação para habitação                | ✓                  | ✓                          | ✓                      | ✓                                | —                                |
| 1976         | Renovação para habitação                | ✓                  | ✓                          | ✓                      | ✓                                | —                                |
| 1982         | Reutilização adaptativa                 | —                  | ✓                          | ✓                      | ✓                                | —                                |
| 1995         | Recuperação técnica                     | ✓                  | ✓                          | —                      | —                                | ✓                                |
| 1992<br>2002 | Reabilitação geral e funcional          | ✓                  | ✓                          | ✓                      | —                                | ✓                                |
| 2009         | Reabilitação com foco técnico-funcional | ✓                  | ✓                          | ✓                      | —                                | ✓                                |

|      |                                              |   |   |   |   |   |
|------|----------------------------------------------|---|---|---|---|---|
| 2020 | Modernização interior com alteração profunda | ✓ | ✓ | — | — | ✓ |
|------|----------------------------------------------|---|---|---|---|---|

Ao articular quatro dimensões centrais – interior (do edifício), habitação, adaptação e preservação – a definição inicial do conceito de reabilitação<sup>23</sup> estabeleceu as bases para uma abordagem, desejavelmente, integrada e multidisciplinar da reabilitação, afirmando-a como prática que se centra na intervenção sobre um tipo de património específico, com necessidades particulares e distintas do que acontece com o património monumental. Desde logo, pela dimensão tendencialmente privada do património a intervencionar (*i.e.*, o interior de edifícios e frações habitacionais) e pelo desafiante equilíbrio entre a adaptação que permite a contínua utilização deste património, e a preservação dos elementos de valor cultural. A articulação dessas dimensões pode concretizar-se através de uma grande variedade de práticas de intervenção, atendendo a *i)* características da pré-existência, *ii)* necessidades de atualização, *iii)* meios disponíveis para realizar a intervenção, ou ainda a *iv)* motivações e valores dos indivíduos que conduzem esses processos.

Assim, a referência à dimensão interior dos edifícios, em particular à sua “estrutura interna”<sup>24</sup>, “às frações (...) integradas (no) edifício”<sup>25</sup> e, à eventual necessidade de “modificação da compartimentação”<sup>26</sup>, consagra a reabilitação a uma forma de intervenção, no interior do património construído de uso habitacional que ocorre, em grande medida, longe do olhar público (*i.e.*, no seu interior) e que pode assentar num conjunto variado de valores e princípios orientadores.

### Desafios da reabilitação do interior dos edifícios antigos

O reconhecimento dos edifícios antigos de uso habitacional e, em particular, do seu interior como património a salvaguardar coloca um vasto conjunto de desafios. Desde logo, aqueles relacionados com a avaliação da autenticidade, considerada um dos pilares de qualquer intervenção (*e.g.*, conservação ou restauro) sobre o património edificado a salvaguardar nas cidades e conjuntos históricos<sup>27</sup>.

A autenticidade pode ser definida como o “somatório das características substanciais, historicamente provadas, da origem à atualidade, como resultado das várias transformações que ocorreram ao longo tempo”<sup>28</sup>. Alinhando-se com os pressupostos das definições de reabilitação, tratadas no ponto anterior deste ensaio, enquanto forma de permitir a contínua adaptação e utilização do património construído.

<sup>23</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>24</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>25</sup> Decreto-Lei n.º 307/2009 [Aprova o regime jurídico da reabilitação urbana – RJRU]. **Diário da República**, 1.ª Série. N.º 206 (2009-10-23) pp. 7956-7975.

<sup>26</sup> LOPES, Flávio – **Lisboa, Arquitetura contemporânea e cidade antiga**. Lisboa: Caleidoscópio – Edição e Artes Gráficas, 2020.

<sup>27</sup> UNESCO, ICCROM, ICOMOS – **Documento de Nara sobre a Autenticidade do Património Cultural**, 1994.

<sup>28</sup> AAVV – **Carta de Cracóvia 2000 – Princípios para a conservação e o restauro do património construído**, 2000, p. 4.

A aplicação deste conceito ao espaço habitacional (*i.e.*, ao interior dos edifícios antigos de uso habitacional) que se encontra, por natureza, em constante mudança e adaptação torna-se particularmente desafiante. À dificuldade de identificar objetivamente quais as *características substantivas* que representam atributos de autenticidade de um determinado edifício, acresce a inexistência de critérios bem definidos para a intervenção neste tipo de edificado resultando num “conjunto de intervenções que se diferenciam de acordo com os programas, as motivações e os períodos de evolução dos conceitos”<sup>29</sup>. De facto, o interior dos edifícios habitacionais antigos constitui um espaço frequentemente sujeito a múltiplas intervenções ao longo da sua vida útil “sem que das mesmas, em regra, exista um registo documental satisfatório”<sup>30</sup>.

Contrariamente ao que acontece com o património monumental, que tende a permanecer estático e inalterado ao longo dos anos, o património arquitetónico corrente, onde se inserem os edifícios habitacionais antigos, tem um carácter dinâmico e em permanente mudança. No caso dos edifícios habitacionais, a preservação dos valores presentes pode ser comprometida por intervenções pontuais (*i.e.*, fração-a-fração), alterações funcionais no interior das habitações ou obras de manutenção que, ao longo do tempo, substituem materiais e elementos construtivos originais por soluções contemporâneas.

Atendendo à sua natureza e ao conjunto de intervenções sofridas ao longo do seu ciclo de vida, é frequente encontrar, no interior dos edifícios habitacionais antigos, uma realidade complexa e variada relativamente aos níveis de autenticidade de cada fração habitacional. Com base na análise de um conjunto alargado de imagens do interior destes edifícios<sup>31</sup> verificou-se, entre outros aspetos, que *i)* as soluções adotadas nas intervenções sobre património edificado em análise são muito variadas; e, *ii)* o grau de autenticidade da organização espacial interior e dos elementos construtivos das frações objeto de reabilitação varia significativamente. Importa referir que as duas situações se podem verificar em diferentes frações de um mesmo edifício.

Como exemplo, ilustra-se a forma como a fachada una e coerente de um edifício pode ocultar uma diversidade de práticas de reabilitação (Figura 3). Neste caso, as diferentes frações evidenciam intervenções orientadas por princípios distintos:

- 1) Na fração do piso 2, observa-se uma abordagem próxima dos princípios da conservação, tendo sido preservada a organização espacial interna, salvo alterações pontuais, bem como parte significativa da materialidade original (Figura 4);
- 2) No piso 3, uma das frações aparenta resultar da divisão de uma fração maior, registando-se alterações substanciais na organização espacial interna e uma

---

<sup>29</sup> TOMÉ, Miguel – **Património e restauro em Portugal (1920-1995)**. Porto: FAUP Publicações, 2002, p.69. Tese de Doutoramento.

<sup>30</sup> PÓVOAS, Rui; TEIXEIRA, Joaquim; GIACOMINI, Fernanda – Reabilitação de edifícios correntes de valor patrimonial – Uma proposta de aproximação metodológica. In **Livro de Atas do Seminário "Cuidar das casas. A manutenção do património corrente"**. Porto, 2011. 1-8, p. 2.

<sup>31</sup> VICENTE, Marta; ANDRÉ, Paula; PEDRO, J. Branco – O alojamento local e a reabilitação de edifícios habitacionais em Lisboa: exploração a partir de casos na Sétima Colina. In ANDRÉ, Paula – **Antologia de Ensaio do Laboratório Colaborativo: Dinâmicas Urbanas, Património, Artes. IX Seminário de Investigação, Ensino e Difusão**. Lisboa: DINÂMIA'CET-ISCTE, 2023. 289-311.



“exibição” deliberada dos elementos construtivos das paredes interiores (*i.e.*, tabiques), comprometendo em certa medida a sua materialidade (Figura 5);

- 3) No sótão, o desvão da cobertura, originalmente destinado a arrecadações, foi convertido numa habitação, implicando uma mudança de uso e a criação de nova compartimentação (Figura 6).



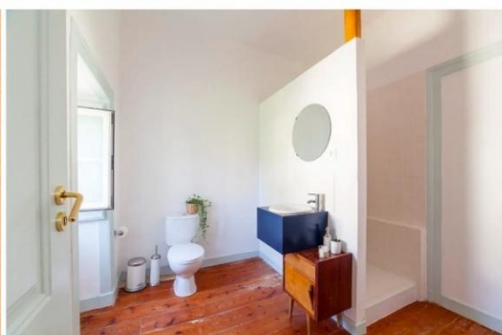
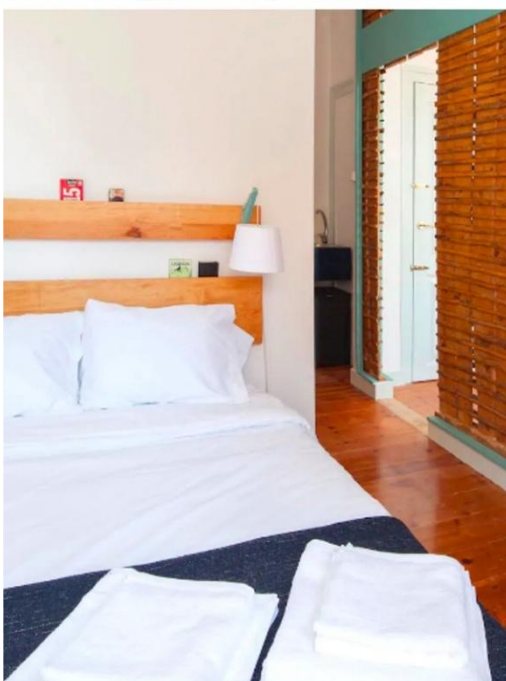
Figura 3 – Fachada de edifício antigo, de uso predominantemente habitacional, localizado na Rua da Escola Politécnica, em Lisboa (fonte: EastBanc, 2021)



Fração 1 (F1) – O uso da fração mantém-se. A **organização espacial** coincide com a original. As alterações realizadas são pontuais, mantendo a distribuição de divisões/funções tal como previsto no projeto de construção inicial (1901). A intervenção privilegia a manutenção e recuperação dos **materiais** originais existentes na fração e mantém todas as paredes divisórias interiores. Os novos materiais introduzidos alinham-se com os materiais pré-existent.

Figura 4 – Interior de uma das frações habitacionais do edifício localizado na Rua da Escola Politécnica, em Lisboa (Elaborado pelos autores a partir de EastBanc, 2021).





Fração 2 (F2) – O uso da fração mantém-se. A **organização espacial** é profundamente alterada face à original, dando a entender a divisão de uma fração habitacional em duas frações autónomas. As alterações realizadas são marcantes, reconfigurando a distribuição de divisões/funções face ao projeto de construção inicial (1901). A intervenção altera os **materiais** originais, retirando os revestimentos de paredes divisórias interiores para exibição da sua estrutura em madeira. As paredes divisórias interiores sofrem alterações. Os novos materiais introduzidos alinham-se com os materiais pré-existentes.

Figura 5 – Interior de uma das frações habitacionais do edifício localizado na Rua da Escola Politécnica, em Lisboa (Elaborado pelos autores a partir de Airbnb, 2020).



Fração 3 (F3) – O uso da fração altera-se, passando de arrecadação para habitação. A **organização espacial** é alterada face à original, aumentando o número de divisões e introduzindo zona de cozinha e instalação sanitária. As alterações realizadas são marcantes, reconfigurando a distribuição de divisões/funções face ao projeto de construção inicial (1911). A intervenção introduz novos **materiais**, para a introdução de paredes e tectos falsos. Os novos materiais introduzidos são dissonantes dos materiais pré-existentes.

Figura 6 – Interior de uma das frações habitacionais do edifício localizado na Rua da Escola Politécnica, em Lisboa (Elaborado pelos autores a partir de Idealista, 2025).

Apesar de serem as alterações no edificado que permitem a sua contínua utilização e a consequente atribuição de significado a este património, *no presente e para o presente*<sup>32</sup>, essas alterações colocam o desafio de identificar quais os elementos genuinamente portadores de autenticidade e representativos da autenticidade a salvaguardar segundo as normas internacionais.

A resposta a esse desafio depende da capacidade de compreender, entre outros aspetos, as transformações no uso, na organização espacial e na materialidade. Para o efeito, cada um destes aspetos pode ser avaliado quanto ao grau em que se encontra mantido (*i.e.*, características originais presentes e inalteradas), alterado (*i.e.*, características originais adaptados, mas que permanecem credíveis/reconhecíveis) ou comprometido (*i.e.*, características que foram eliminadas ou alteradas de forma irreversível) (Tabela 3).

A avaliação da autenticidade das várias frações do edifício em análise, de acordo com algumas das dimensões definidas pela UNESCO<sup>33</sup>, evidencia que a autenticidade não reside apenas na sua proximidade à configuração original, mas admite as várias transformações que, ao longo do tempo, permitiram a sua utilização. Porém, tais transformações não devem comprometer os valores originais<sup>34</sup>.

Tabela 3 – Avaliação de autenticidade do interior de três frações habitacionais a partir de três das dimensões indicadas pela UNESCO em *World Heritage Conservation – Operational Guidelines 2023* (Elaborado pelos autores)

| <i>Frações</i> | <i>Dimensões</i> | <i>Mantido</i> | <i>Alterado</i> | <i>Comprometido</i> |
|----------------|------------------|----------------|-----------------|---------------------|
| F1             | Uso              | ■              | □               | □                   |
|                | Organização esp. | ■              | □               | □                   |
|                | Materialidade    | ■              | □               | □                   |
| F2             | Uso              | ■              | □               | □                   |
|                | Organização esp. | □              | ■               | □                   |
|                | Materialidade    | □              | ■               | □                   |
| F3             | Uso              | □              | ■               | □                   |
|                | Organização esp. | □              | ■               | □                   |
|                | Materialidade    | □              | ■               | □                   |

A identificação dos valores patrimoniais a preservar no interior dos edifícios correntes coloca desafios particulares. Devido à sua função predominantemente habitacional, estes edifícios

<sup>32</sup> SMITH, Laurajane – *Uses of Heritage*. Londres: Routledge, 2006.

<sup>33</sup> UNESCO – *World Heritage Conservation – Operational Guidelines*, 2023.

<sup>34</sup> JOKILEHTO, Jukka – *A History of Architectural Conservation*. Inglaterra: The University of York, 1986. Tese de Doutoramento.  
UNESCO, ICCROM, ICOMOS – *Documento de Nara sobre a Autenticidade do Património Cultural*, 1994.



são, tendencialmente, objeto de numerosas e pontuais intervenções, destinadas a adaptá-los às necessidades específicas de cada residente em diferentes momentos do tempo. Acresce que, sendo muitas vezes os edifícios antigos e compostos por várias frações habitacionais, o número de alterações a que foram sujeitos ao longo do seu prolongado ciclo de vida é particularmente elevado. Esta condição de constante transformação, inerente ao interior do património edificado corrente, pode dificultar a aplicação do conceito de autenticidade. Por oposição ao que acontece com as fachadas destes edifícios, que tendem a permanecer próximas do seu estado original, quando consideramos o lado interior destes edifícios, torna-se necessário compreender que a autenticidade não reside apenas na preservação da materialidade original, mas também na forma como os seus diversos elementos se foram moldando às mudanças nos modos de habitar. Esta perspetiva implica ultrapassar uma visão ancorada nos princípios da conservação, enquanto disciplina, reconhecendo-se que o interior dos edifícios antigos representa uma realidade viva, resultado de práticas culturais, usos quotidianos e adaptações sucessivas às exigências de cada época.

### Considerações finais

O interior dos edifícios antigos de uso habitacional é identificado pelos documentos normativos internacionais como um dos aspetos representativos da autenticidade e do valor patrimonial das cidades e conjuntos históricos. Uma análise temporal permite sobrepor a consagração do interior dos edifícios correntes como parte do património a salvaguardar, com a primeira definição formal do conceito de reabilitação, em 1976. Esse conceito, por sua vez, tem vindo a evoluir ao longo tempo, conhecendo um conjunto de subtis variações que se traduzem em mudanças de foco: de abordagens mais orientadas para a necessidade de identificação e preservação de valores culturais; para abordagens que privilegiam a melhoria do desempenho funcional. Os vários conceitos de reabilitação de edifícios têm conseguido manter um denominador comum: o edifício antigo de uso habitacional e, em particular, o seu interior como principal alvo de intervenção.

Em todo o caso, enquanto as definições analisadas tendem a referir-se ao interior do edifício como um todo, pressupondo uma lógica de intervenção global, uma breve análise a um conjunto de frações de um edifício antigo de uso habitacional evidencia a realização de intervenções de reabilitação pontuais: fração-a-fração. Perante esse cenário, e antecipando que ele é representativo da realidade da reabilitação do interior deste tipo de edifícios, colocam-se desafios relacionados com a capacidade de reconhecer a presença de valores culturais em frações distintas, reabilitadas de formas distintas (*i.e.*, orientadas por diferentes conjuntos de valores). A este propósito, e a partir da recuperação do conceito de autenticidade tal como definido na Carta de Cracóvia (2000), procede-se a uma avaliação da autenticidade a partir de dimensões-chave da intervenção no interior de frações habitacionais: o *uso*, a *organização espacial* e a *materialidade*. Os resultados desta avaliação colocam em evidência que:

- O reconhecimento do nível de autenticidade do interior de frações habitacionais de edifícios antigos não é imediato, colocando um conjunto de desafios no momento de planear intervenções de reabilitação;
- O conceito de autenticidade, tal como definido na Carta de Cracóvia, alinha-se com a natureza das intervenções de reabilitação do interior de edifícios antigos de uso habitacional;

- Mesmo intervenções de reabilitação, conduzidas por diferentes indivíduos e orientadas por diferentes conjuntos de valores, conseguem não comprometer aspetos representativos da autenticidade de um edifício antigo.

Conclui-se que, atendendo às características do interior dos edifícios antigos de uso habitacional e às suas contínuas necessidades de adaptação, a avaliação da sua autenticidade representa um desafio complexo e que supera os desafios que se colocam no âmbito do património monumental. Apesar de se identificarem valores a salvaguardar em intervenções neste tipo de património construído, os documentos normativos internacionais, e a legislação nacional que delas advém, deixam relativamente aberto o campo de ação no domínio da reabilitação. Essa abertura resulta em intervenções orientadas por valores e princípios distintos entre si, ainda que todas pareçam concorrer para o desígnio estabelecido nas definições do conceito de reabilitação.

A partir do reconhecimento do interior dos edifícios antigos de uso habitacional como parte do património a salvaguardar e da identificação da reabilitação como forma de intervenção privilegiada, é possível antecipar uma grande variedade de soluções de intervenção além-fachada. No âmbito do estudo de doutoramento *Culturas de reabilitação de edifícios antigos (1980-2020): o caso do eixo Cais do Sodré – Rato* procura-se revelar, sistematizar e analisar essa variedade de intervenções que têm resultado da aplicação do conceito de reabilitação de edifícios e identificando as formas como o interior destes edifícios tem vindo a ser adaptado, atualizado e (re)utilizado.

### Agradecimentos

O presente ensaio resulta do trabalho financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto com o identificador DOI <https://doi.org/10.54499/2022.13799.BD> e do LNEC – Laboratório Nacional de Engenharia Civil, I.P..

### Bibliografia

AAVV – **Carta de Cracóvia 2000 – Princípios para a conservação e o restauro do património construído**, 2000.

AGUIAR, José – Reabilitação ou fraude. *In Revista Património*. Lisboa: Imprensa Nacional/DGPC. Vol. n.º 2 (2014), 56-69.

AGUIAR, José, CABRITA, A. Reis; APPLETON, João – **Guião de apoio à reabilitação de edifícios habitacionais**. Lisboa: Laboratório Nacional de Engenharia Civil, 1993.

CABRITA, A. Reis; AGUIAR, José; APPLETON, João – **Manual de Apoio à Reabilitação de Edifícios do Bairro Alto**. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa e Laboratório Nacional de Engenharia Civil, 1992.

Comité de Ministros do Conselho da Europa – **Resolution (76) 28 – Concerning the adaptation of laws and regulations to the requirements of integrated conservation of the architectural heritage**, 1976.

Conselho da Europa – **Carta Europeia do Património Arquitetónico**, 1975.

Conselho da Europa – **Declaração de Amsterdão – Conclusões do Congresso Sobre o Património Arquitetónico Europeu**, 1975.

Conselho da Europa – **Recomendação n.º (91) 13 sobre a Proteção do Património Arquitetónico do Século XX**, 1991.

CHOAY, Françoise – **Alegoria do património**. Coimbra: Edições 70, Lda., 2014.

Decreto-Lei n.º 307/2009 [*Aprova o regime jurídico da reabilitação urbana – RJRU*]. **Diário da República**, 1.ª Série. N.º 206 (2009-10-23) pp. 7956-7975.

FEILDEN, Bernard – **Conservation of Historic Buildings**. Londres: Butterworth & Co, 1982.

ICOMOS – **Carta de Veneza sobre a Conservação e o Restauro de Monumentos e Sítios**, 1964.

ICOMOS – **Carta Internacional sobre a Salvaguarda das Cidades Históricas**, 1987.

ICOMOS – **Princípios de La Valetta sobre a Salvaguarda e Gestão das Cidades e dos Conjuntos Históricos Urbanos**, 2011.

JOKILEHTO, Jukka – **A History of Architectural Conservation**. Inglaterra: The University of York, 1986. Tese de Doutoramento.

LOPES, Flávio – **Lisboa, Arquitetura contemporânea e cidade antiga**. Lisboa: Caleidoscópio – Edição e Artes Gráficas, 2020.

LOPES, Flávio; CORREIA, M. Brito – **Património Cultural – Critérios e Normas Internacionais de Proteção**. Lisboa: Caleidoscópio – Edição e Artes Gráficas, 2014.

PÓVOAS, Rui; TEIXEIRA, Joaquim; GIACOMINI, Fernanda – Reabilitação de edifícios correntes de valor patrimonial – Uma proposta de aproximação metodológica. In **Livro de Atas do Seminário "Cuidar das casas. A manutenção do património corrente"**. Porto, 2011. 1-8.

SMITH, LauraJane – **Uses of Heritage**. Londres: Routledge, 2006.

TOMÉ, Miguel – **Património e restauro em Portugal (1920-1995)**. Porto: FAUP Publicações, 2002. Tese de Doutoramento.

UNESCO – **World Heritage Conservation – Operational Guidelines**, 2023.

UNESCO – **Recomendação sobre as Paisagens Urbanas Históricas**, 2011.

UNESCO – **Recomendação sobre a Salvaguarda dos Conjuntos Históricos e da sua Função na Vida Contemporânea**, 1976.

UNESCO, ICCROM, ICOMOS – **Documento de Nara sobre a Autenticidade do Património Cultural**, 1994.

VAZ, Pedro – **Edificar no património: pessoas e paradigmas na conservação & restauro**. Coimbra: Edições 70, Lda., 2019.

VICENTE, Marta; ANDRÉ, Paula; PEDRO, J. Branco – O alojamento local e a reabilitação de edifícios habitacionais em Lisboa: exploração a partir de casos na Sétima Colina. In ANDRÉ, Paula – **Antologia de Ensaios do Laboratório Colaborativo: Dinâmicas Urbanas, Património, Artes. IX Seminário de Investigação, Ensino e Difusão**. Lisboa: DINÂMIA'CET-ISCTE, 2023. 289-311.

VIÑAS, S. Muñoz – **Contemporary Theory of Conservation**. Elsevier Butterworth-Heinemann, 2005.

# Entre o diário e o quadro: viajantes vitorianas e o nascimento da pintura de paisagem feminina

**Laura Vitorino Rebelo**

Universidade de Évora  
Centro de História de Arte e Investigação Artística  
[laura.rebelo@uevora.pt](mailto:laura.rebelo@uevora.pt)

**Paulo Simões Rodrigues**

Universidade de Évora  
Centro de História de Arte e Investigação Artística  
[psr@uevora.pt](mailto:psr@uevora.pt)

**Resumo:** Pretende-se mostrar como as capacidades e as sensibilidades de Lady Louisa Mary Anne King-Tenison, Barbara Leigh Smith Bodichon e Elizabeth Sarah Mazuchelli para refletir e representar os lugares por onde viajaram constituem um marco inicial na história da pintura de paisagem por mulheres artistas. Durante o século XIX, a prática artística entre as jovens da alta sociedade inglesa — as chamadas *Victorian Ladies*<sup>i</sup> — era encarada como uma atividade de lazer socialmente aceite. Com a evolução dos meios de transporte e o aumento da mobilidade ao longo do século, cada vez mais membros das classes altas aproveitaram para viajar; Tenison, Bodichon e Mazuchelli acompanharam os seus familiares e cônjuges nessas deslocações, aproveitando essas experiências como oportunidades para a criação artística. Neste contexto, procura-se demonstrar como a relação entre arte e natureza surge na pintura de paisagem feminina inicialmente através destas expedições. O foco será colocado nos diários de viagem e cartas pessoais que por influência da literatura do século XIX, na qual a paisagem constitui um *leitmotiv* recorrente, as *Victorian Ladies* ilustraram com desenhos e aguarelas que, representam paisagens, geralmente acompanhadas por descrições detalhadas daquilo que observaram. Enquanto Tenison e Mazuchelli publicaram os seus diários, Bodichon apresentou as suas aguarelas em várias exposições em Inglaterra.

**Palavras-chave:** Arte, Paisagens, Viagens, Mulheres artistas, *Victorian Ladies*.

---

<sup>i</sup> Optou-se por manter algumas expressões no idioma original, por se considerar que qualquer equivalente em português não transmitia adequadamente em que são utilizados.



## Introdução

As primeiras referências que temos a pintoras paisagistas britânicas é a viajantes vitorianas:<sup>ii</sup> Lady Louisa Mary Anne King-Tenison (1819–1882), Barbara Leigh Smith Bodichon (1827–1891) e Elizabeth Sarah Mazuchelli (1832–1914),<sup>iii</sup> doravante mencionadas por Tenison, Bodichon e Mazuchelli. Pretende-se, através do percurso artístico destas mulheres artistas, compreender, no contexto da cultura artística britânica, o que motivou o seu interesse pela paisagem, como esse interesse se manifestou artisticamente e que percepção da paisagem refletem essas manifestações artísticas. Para o efeito, analisa-se o que produziram, exibiram publicamente e qual foi a receção da crítica, dos seus pares e inclusive, quando pertinente, do mercado. Porque se trata de mulheres, é imprescindível ter em consideração e refletir sobre as questões de género, sobre como as circunstâncias sociais e culturais do seu estatuto de mulheres marcaram os seus percursos artísticos e de vida e, deste modo, se projetaram nas formas como interpretaram as paisagens que observaram e experienciaram.

## Desenvolvimento

Durante o século XIX, a prática artística pelas jovens da alta sociedade inglesa, as chamadas *Victorian Ladies*, era vista como uma atividade de lazer bem aceite, que contribuía positivamente para a sua educação.<sup>iv</sup> Por este motivo, foi e tem sido considerada uma atividade artística amadora. No entanto, de acordo com Heer (1997), a classificação de muitas artistas mulheres dos séculos XVIII e XIX como amadoras é problemática e reflete a imposição de uma categorização do século XX sobre a qualidade artística de obras produzidas por mulheres que operaram num contexto cultural muito diferente.<sup>v</sup> Existem poucos registos sobre estas artistas, uma vez que tanto as próprias como os historiadores que as estudaram se ou as identificaram como artistas amadoras.<sup>vi</sup> Porque eram assim entendidas, eram, na sua maioria, anónimas, com as autorias a ser frequentemente identificadas, quando expostas ou publicadas, pela formulação genérica de *By a Lady*. Consequentemente, muitas destas obras foram ignoradas devido à dificuldade em atribuí-las a artistas específicas.<sup>vii</sup> Cherry (2000) lamenta que as obras realizadas por mulheres no século XIX “nem sempre tenham tido a sorte de sobreviver, ou sequer de chegar intactas até aos nossos dias.”<sup>viii</sup>

As limitações impostas pelas circunstâncias sociais às mulheres artistas começavam logo na formação, com o impedimento de frequentarem as aulas de modelo vivo, por os modelos estarem nus, que as desencorajava de desenhar a figura humana. Ao longo da vida de uma *Victorian Lady*, havia dois períodos particularmente propícios para a aprendizagem do desenho e da pintura. O primeiro ocorria durante a infância e a adolescência, quando o

---

<sup>ii</sup> O período Vitoriano britânico corresponde ao reinado da rainha Vitória, que durou entre 1837 e 1901. Este período é conhecido por profundas transformações sociais, culturais, económicas e tecnológicas no Reino Unido, impulsionadas principalmente pela Revolução Industrial.

<sup>iii</sup> CHADWICK, Whitney — Chapter VII - Toward Utopia: Moral Reform and American Art in the Nineteenth Century. **Art, Women and Society**. Londres: Thames & Hudson, 2020. p. 204.

<sup>iv</sup> VAN DER STIGHELEN, Katlijne — Amateur Artists. In GAZE, Delia — **Dictionary on Women Artists**. London; Chicado: Fitzoroy Dearbon Publishers, 1997. 66-70

<sup>v</sup> HEER, Lisa — Amateur Artists. In GAZE, Delia — **Dictionary on Women Artists**. London; Chicago: Fitzoroy Dearbon Publishers, 1997. 70-79

<sup>vi</sup> BORZELLO, 1997, p. 10-12

<sup>vii</sup> HEER, 1997, p. 70-79

<sup>viii</sup> CHERRY, Deborah — **Beyond the Frame, Feminism and Visual Culture, Britain 1850-1900**. Nova Iorque: Rotledge, 2000. p.9-59

desenho fazia parte da educação formal, sendo praticado individualmente em casa ou com o apoio de tutores privados. O segundo período dava-se na idade adulta, quando, com maior liberdade para gerir o seu tempo, podiam retomar a prática artística — ou iniciá-la pela primeira vez, — muitas vezes influenciadas por uma amiga ou pelo cônjuge, e com o acompanhamento de artistas profissionais.

O ensino do desenho às *Victorian Ladies* visava o desenvolvimento do gosto visual, da precisão, da imaginação e da memória.<sup>ix</sup> Por necessidade de limpeza e de manter a delicadeza das mãos e do corpo feminino, técnicas e materiais distintos eram enfatizados para a prática feminina: desenho a linha, crayon e pastel. A técnica de pintura mais utilizada era a aquarela. Esta e, ocasionalmente, a pintura de miniaturas sobre marfim eram considerados os meios e os suportes mais apropriados para o desempenho artístico das mulheres.<sup>x</sup>

Estes condicionalismos levaram as mulheres artistas a produzir obras em géneros considerados menores <sup>xi</sup>(com a escolha dos temas muitas vezes rigorosamente supervisionada e regulada pelos pais e maridos) como temas domésticos e retratos, naturezas-mortas, pintura de flores, paisagens, cujos motivos e modelos podiam encontrar nos ambientes que frequentavam. De acordo com Borzello (1993), a paisagem era o tema preferido das *Victorian Ladies*, dedicando-se ao desenho e à pintura deste tema de forma amadora e por lazer.<sup>xii</sup> Devido à evolução, ao longo do século XIX de novos meios de transporte e mobilidade, cada vez mais membros da classe alta aproveitaram para viajar. Muitas mulheres acompanhavam os seus familiares masculinos nessas expedições.<sup>xiii</sup> Jimenez (2022) refere que “O objetivo destes viajantes era escapar dos países modernos e industrializados para lugares menos desenvolvidos, a fim de regressar ao passado.”<sup>xiv</sup> Contudo, não só para a Andaluzia, mas também, no caso de Tenison artista, viajante e autora inglesa do início do século XIX, também para a Síria, a Palestina, o Egipto e Espanha. No caso de Bodichon, feminista, filantropa e pintora ativa na segunda metade do século, para a Argélia. Mazuchelli, artista e escritora do final do século XIX, viajou até à Índia.

Por influência da literatura do século XIX, na qual a paisagem constitui um *leitmotiv* recorrente, as *Victorian Ladies* ilustravam os seus diários e cartas através do desenho e da aquarela, representando paisagens, geralmente acompanhadas por descrições detalhadas daquilo que observavam. Jimenez (2022) destaca que “a forma como descreviam as

---

<sup>ix</sup>BORZELLO, 1993, p.10-12

<sup>x</sup>HEER, 1997, p. 70-79

<sup>xi</sup>No século XVII, a Academia, cuja função institucional era garantir o estatuto profissional e social dos artistas, de maneira que não voltassem a ser considerados simples artífices especializados, estabeleceu, para a pintura, uma rígida hierarquia dos géneros que era liderada pela pintura de história, seguida pelo retrato, pela pintura de género (cenas do quotidiano), pela paisagem e pela natureza-morta. Esta hierarquia manteve-se genericamente vigente na academia até ao século XX. WALSH, L. — Charles Le Brun, art dictator of France. in PERRY, G., CUNNINGHAM, C. — **Academies, Museums and Canons of Art. New Haven.** London, Yale University Press, 86-123.

<sup>xii</sup>BORZELLO, 1993, p. 10-12

<sup>xiii</sup>HEER, 1997, p. 70-79

<sup>xiv</sup>JIMENEZ, Marta — The special relationship between text and illustrations in *Castile and Andalusia* by Louisa Mary Anne Tenison. **International Journal of English Literature and Social Sciences** (Nov/Dez, 2022) 242-249.

paisagens tendia a tornar-se pictórica”<sup>xv</sup>, revelando uma fusão entre a linguagem visual e a escrita descritiva.

Em 1838 Tenison casou com o coronel Edward King-Tenison, que a partir de meados de 1840, teve um interesse ativo pela prática emergente da fotografia. Por este motivo, em 1843 o casal viajou pelo Egito, Palestina e Síria, o que a levou a criar uma série de vistas topográficas de locais como Karnac, Petra e a Igreja do Santo Sepulcro, posteriormente publicados por Dickinson & Son<sup>xvi</sup> no seu livro *Sketches of the East*. Vários anos depois, documentou o seu trabalho *Castile and Andalusia*, que escreveu e ilustrou juntamente com o pintor Egron Lundgren<sup>xvii</sup>, visto que não se sentia, pelo motivo mencionado anteriormente, confortável com o desenho da figura humana.

No livro *Castile and Andalusia*, podem encontrar-se mais de 20 ilustrações pintadas originalmente aquarela acompanhadas por uma descrição, como a que passamos a citar:

“A viagem foi cansativa, o calor avassalador; e não ficámos nada arrependidos quando, ao contornar o cume da colina, vimos Lanjaron diante de nós, situada na encosta da montanha, com uma alta cordilheira da Serra como pano de fundo. À frente da cidade, erguia-se o seu antigo castelo mouro, empoleirado numa rocha íngreme que se eleva do vale abaixo, enquanto do lado oposto penhascos abruptos delimitavam a paisagem.

Uma vista mais encantadora do que esta raramente se encontra, pois, tantos elementos contribuem para lhe conferir uma beleza singular. A montanha imponente desce quase em linha reta para o vale abaixo, onde se pode observar de relance toda a variedade de vegetação que cobre a Serra. No topo, as rochas xistosas e estéreis; depois, os campos ondulantes de trigo; a seguir, vastas florestas de castanheiros, entremeadas com amendoeiras e oliveiras.

Mais abaixo, encontra-se a cidade, cujas próprias encostas estão revestidas pelas produções de climas tropicais; a laranja, o limão e a romã exibem as suas folhas verdejantes. No inverno, o contraste deve ser realmente impressionante entre os campos de neve cintilante no alto e os frutos dourados das árvores no vale.”<sup>xviii</sup>

No caso de literatura de viagens, encontramos uma relação estreita entre o texto e a ilustração. Uma vez que, no período vitoriano, a técnica da fotografia ainda estava em fase emergente, para os escritores viajantes, como explica Jimenez (2022), “a ilustração era um meio necessário para complementar o texto, de forma a transmitir ao leitor a experiência vivida longe de casa.”<sup>xx</sup>

---

<sup>xv</sup>MIRANDA, 2022, 242-249

<sup>xvi</sup>**Book ends and new beginnings: Louisa Tenison** [em linha]. [S.l.]: [s.n.], 2022. [Consult. 24 maio 2025]. Disponível em: <https://bookendsandnewbeginnings.wordpress.com/?s=louisa+tenison>

<sup>xvii</sup>**Art Collection: Lady Louisa Mary Anne Tenison** [em linha]. [S.l.]: [s.n.], 2025. [Consult. 24 maio 2025]. Disponível em: <https://artcollection.dcms.gov.uk/person/tenison-lady-louisa-mary-anne/>

<sup>xviii</sup> Traduções realizadas pelos autores do texto.

<sup>xix</sup> TENISON, Lady Louisa — **Castile and Andalusia**. Londres: Richard Bentley, 1853. p.126-128

<sup>xx</sup> MIRANDA, 2022, 242-249

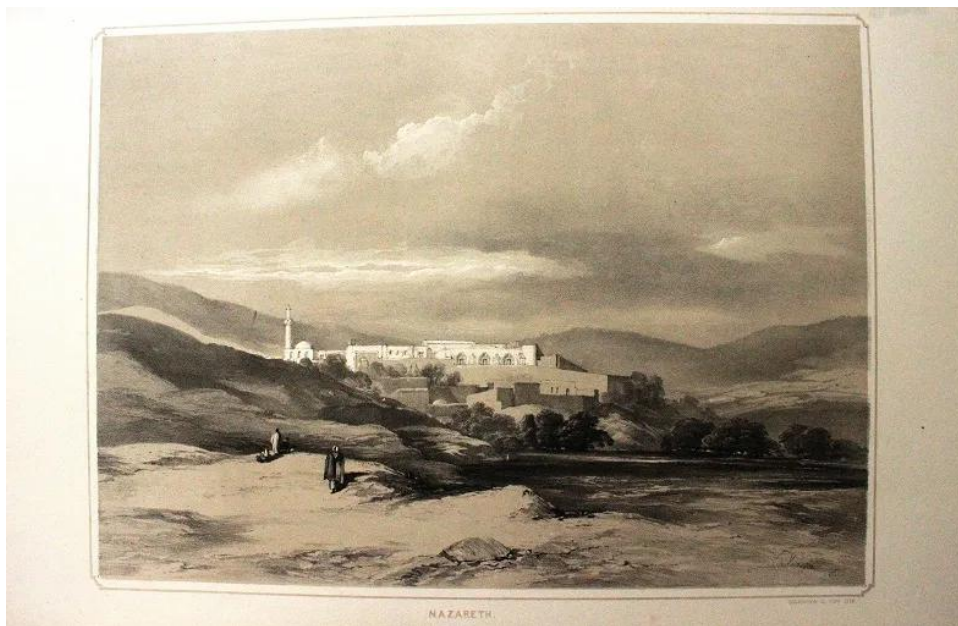


Figura 1 — Lady Louisa Tenison, *Nazareth*, 1843-1846. Aguarela Fonte:

<https://bookendsandnewbeginnings.wordpress.com/gallery/lady-louisa-tenisons-sketches-in-the-east/>

Tanto os desenhos como as aguarelas de *Sketches of the East* e *Castile and Andalusia* retratam paisagens agrestes, cenários desérticos com palmeiras imponentes e ruínas arquitetônicas. O uso de tons sépia monocromáticos enfatiza a austeridade e a antiguidade do local, evocando uma sensação de intemporalidade e desolação. Por vezes, Tenison inclui a figura humana que acrescenta um elemento narrativo, sugerindo a interação humana com o sítio histórico.

No Inverno de 1856-57, a família de Bodichon visitou a Argélia, o novo destino turístico Britânico.

Em 1856 Bodichon escreve a Marian Ann Evan<sup>xxi</sup>:

“O clima é delicioso, o mar e as montanhas distantes são mais belos do que as palavras ou o lápis conseguem exprimir... a vegetação e os animais são novos, a cidade e as pessoas maravilhosamente pitorescas... Não esperava nada que se aproximasse sequer da maravilha que aqui encontrei.”<sup>xxii</sup>

---

<sup>xxi</sup> George Eliot, o pseudónimo de Mary Ann Evans (1819–1880), foi uma proeminente romancista inglesa cuja decisão de adotar um nome masculino foi uma estratégia para contornar os preconceitos de género prevalentes no meio literário vitoriano. Ao distanciar-se dos estereótipos associados à autoria feminina, Evans procurou garantir que as suas obras fossem recebidas criticamente sem preconceitos. A sua obra, que inclui trabalhos seminais como *Middlemarch* (1871–72), *Silas Marner* (1861) e *The Mill on the Floss* (1860), é caracterizada pelo profundo conhecimento psicológico, caracterizações intrincadas e crítica social incisiva, estabelecendo-a como uma das mais importantes romancistas do século XIX.

<sup>xxii</sup> SIMON-MARTIN, Meritxell — ‘More Beautiful than Words & Pencil Can Express’: Barbara Bodichon’s Artistic Career at the Interface of her Epistolary and Visual Self Projections. **Gender & History**. (Nov 2012) p. 581-599

Nascida numa família unitarista liberal, Bodichon recebeu uma educação invulgarmente abrangente e progressista. Quando completou vinte e um anos, o seu pai atribuiu-lhe uma pensão anual independente, o que lhe permitiu dedicar-se aos seus interesses feministas, filantrópicos e artísticos — circunstâncias pouco comuns para mulheres da sua época. Esta combinação colocou Bodichon numa posição extraordinária para uma mulher do período Vitoriano. No entanto, não podia fazer tudo o que desejasse, pois foi-lhe negado o acesso às oportunidades académicas às quais aspirava, uma vez que nenhuma universidade admitia mulheres. No entanto, estudou arte no *Bedford Square Ladies College* (Londres) em 1849. Além de artes, Bodichon estudou também economia política e direito.<sup>xxiii</sup> Desta forma tornou-se artista e ativista social.

Além do seu notável envolvimento na defesa dos direitos das mulheres, Bodichon revelou uma capacidade de conciliação ao desenvolver, paralelamente, uma carreira conceituada no domínio das artes, como pintora, tendo realizado várias exposições individuais em Inglaterra. Amante da natureza e das atividades ao ar livre, pintava sobretudo paisagens — inspiradas pelos locais onde viveu e que visitou. Simon-Martin (2012) sublinha que Bodichon construiu a sua identidade enquanto artista ao longo da vida através de inúmeros gestos quotidianos e decisões existenciais, como organizar as suas atividades diárias em função das sessões de desenho e formar-se, em diferentes fases da sua carreira, sob a orientação de mestres como, por exemplo, William Henry Hunt.<sup>xxiv</sup> Com Hunt aprendeu a técnica de sobrepor tinta guache e aguarela, para criar profundidade e textura, característica das suas aguarelas. Em Londres o seu ateliê situava-se em Marylebone.<sup>xxv</sup>

Na visita com a sua família à Argélia, Bodichon conheceu Eugène Bodichon, com quem casou a 2 de julho de 1857. De forma pouco habitual para uma mulher da época, escreveu a sua profissão na certidão de casamento: artista.

A obra de Bodichon é representativa da pintura paisagística britânica do século XIX, particularmente no contexto da aguarela (embora pintasse ocasionalmente a óleo), um meio apreciado pela sua portabilidade e pela capacidade de captar efeitos efémeros de luz e atmosfera. A paleta suave do céu e das colinas distantes, a composição e o tratamento da luz sugerem uma sensibilidade romântica, com ênfase na vastidão da natureza que é retratada como simultaneamente impressionante e melancólica, características que se alinham com o conceito romântico do sublime. A vasta maioria das suas obras representa paisagens captadas durante as suas expedições. Com o tempo, Bodichon viria a ser sobretudo associada à aguarela de inspiração argelina.

As paisagens de Bodichon eram apresentadas num formato panorâmico, permitindo ao observador contemplar um terreno aparentemente ilimitado, com uma vasta extensão de céu e terra. Evocava a tradição topográfica associada à escola britânica, em que os artistas documentavam locais específicos, muitas vezes para álbuns de viagem ou fins etnográficos. Dando ênfase à topografia do Norte de África que se alinha com a fascinação artística europeia do século XIX pelo oriente. As paisagens argelinas de Bodichon, caracterizam-se

---

<sup>xxiii</sup>HIRSCH, Pam — **Barbara Leigh Smith Bodichon: Feminist, Artist and Rebel**. Inglaterra: Pimlico, 1999

<sup>xxiv</sup>SIMON-MARTIN, 2012. p. 581-599

<sup>xxv</sup>CHERRY, 2000, p. 24



por terrenos ásperos e áridos, amendoeiras em flor e cadeias montanhosas distantes, que evocam características da pintura paisagística romântica.

A ausência ou o simples apontamento de figuras humanas, com um sentido de solidão e contemplação silenciosa, amplifica a imensidão da natureza, um recurso romântico comum que ressalta o domínio da natureza sobre a humanidade.

Na obra de Bodichon, a marginalização ou minimização da figura humana pode dever-se a dois fatores: para criar a impressão de vastas extensões de terra desabitada e em grande parte não cultivada: ou como um reflexo, tal como Tenison, da sua inexperiência artística.<sup>xxvi</sup>

Contudo, na rara pintura a óleo *Shepperd and Sheep*, surge também uma figura solitária vestida com uma túnica que acrescenta um elemento narrativo, sugerindo temas de isolamento, vida pastoral ou a conexão espiritual entre o ser humano e a natureza. A figura do pastor evoca a iconografia bíblica tradicional. O pastor, na arte ocidental, é frequentemente representado como um guia ou protetor, um motivo associado à reflexão espiritual e à orientação moral.



Figura 2 — Barbara Leigh-Smith Bodichon, *Pastor e Ovelhas*, 1858-1891. Óleo s/tela, 36 x 29 cm. Coleção Girton College, University of Cambridge, accession no. 22. Fonte: <https://victorianweb.org/victorian/painting/bodichon/paintings/1.html>

---

<sup>xxvi</sup>CHERRY, 2000, p.90

Na aguarela *Sisters working in our Fields*, duas irmãs/freiras da Ordem da Caridade de São Vicente de Paulo são retratadas em primeiro plano, curvadas para a frente, ocupadas em trabalho agrícola. Esta paisagem representa a Baía de Argel vista de uma colina, muito provavelmente na zona de *Mustapha Supérieur*, o bairro elegante onde Bodichon residia. Pouco se sabe sobre a produção e receção desta paisagem. “Provavelmente concebida com o intuito de ser exibida, a aguarela foi pensada para a comunidade artística inglesa — o meio que, em última instância, avaliaria o seu valor. Na construção de uma persona artística voltada para esse público, Bodichon produziu uma obra que se inscrevia no cânone. Recorrendo às convenções pictóricas ocidentais, empregou fórmulas compositivas distintas da pintura de paisagem ocidental tradicional. Mais significativamente, Bodichon apropriou-se dos códigos de inteligibilidade pictórica: as *regras de reconhecimento* que permitiam apresentar o estranho sob o véu do familiar — ou seja, transformar a terra em paisagem, numa categoria da arte ocidental inteligível para o consumidor burguês inglês.”<sup>xxvii</sup>



Figura 3 — Barbara Leigh-Smith Bodichon, *Irmãs/Freiras a trabalhas nos nossos campos*, 1858-1891.

Aguarela e Guache s/papel, 25 x 46 cm. Coleção John Crabbe Fonte:

<https://www.facebook.com/female.artists.in.history/photos/barbara-bodichon-british-painter-1827-1891sisters-working-in-our-fields-ca-1858-/1616103385341211/>

Ao representar a baía argelina, Bodichon escolhia um local «já amplamente conhecido através de guias de viagem, itinerários turísticos, imagens anteriores, relatos coloniais ou estudos arqueológicos»<sup>xxviii</sup> — o que revela até que ponto a sua escolha temática era culturalmente condicionada. As representações de paisagens norte-africanas por Bodichon afirmam igualmente a sua presença num género — pintura paisagística orientalista — predominantemente dominado por homens. Ao contrário dos seus contemporâneos masculinos, o seu trabalho é menos sensacionalista e mais observacional, enfatizando as qualidades cruas e indomadas da paisagem em vez de construir uma narrativa de espetáculo

<sup>xxvii</sup> CHERRY, 2000, p.91

<sup>xxviii</sup> CHERRY, 2000, p. 88



exótico. Desta forma, a abordagem de Bodichon foi influenciada pela sua experiência direta e familiaridade com o terreno local. As exigências da sobrevivência conduziram a uma atenção particular à terra e à paisagem. Ao representar a Argélia como um lugar longínquo e inacessível, de secretismo, opacidade e ilegibilidade — como uma paisagem de ruínas, um local colorido e estranho sob a influência do Islão — constrói-se uma imagem profundamente marcada pelo exotismo e pela alteridade.<sup>xxix</sup>



Figura 4 —Barbara Leigh-Smith Bodichon, *Aqueduto romano perto de Cherchel, antiga Júlia Cesareia*, 1883, 36 x 29 cm, Fonte: <https://travelswithmyart.wordpress.com/2024/07/24/now-you-see-us-at-tate-britain/>

Nesse contexto, como explica Cherry, as paisagens de Bodichon não se centravam no detalhe, mas na evocação. Com por exemplo, a aguarela *Aqueduto Romano perto de Cherchel, Antiga Julia Caesarea* “(...) retrata a grande ponte de um maciço aqueduto. (...) Para os críticos, a representação de uma ruína imponente contra os raios decadentes do pôr-do-sol evocava melancolia.”<sup>xxx</sup> Um crítico do *Spectator* comentou:

“As silhuetas dos arcos arruinados e profundamente tonalizados destacam-se fortemente contra um céu de pôr-do-sol de azul-esverdeado, a desvanecer-se em laranja, e entrecortado por longas faixas de nuvens púrpura. A cegonha solitária e os altos juncos a balouçar suavemente na brisa da tarde acentuam a desolação da cena.”<sup>xxxi</sup>

Embora Bodichon ocasionalmente representasse as áreas agrícolas férteis, as suas obras que chegaram até ao presente testemunham uma fascinação pelo deserto, pelas montanhas e pelas

<sup>xxix</sup> CHERRY, 2000, p. 97

<sup>xxx</sup>CHERRY, 2000, p.95-97

<sup>xxxi</sup>CHERRY, 2000, p. 95-97

terras áridas. As aguarelas finalizadas eram realçadas por formatos alongados, e os esboços eram feitos em páginas duplas para proporcionar panoramas de terras aparentemente desabitadas e não cultivadas.<sup>xxxii</sup>

A biógrafa Pam Hirsch (1999) argumenta que embora Bodichon não tivesse a intenção de transformar a sua arte numa expressão ocidental compreensível, as suas paisagens, ao exaltarem a beleza da Argélia, podem ser interpretadas como coniventes na construção de um Outro orientalista, destinado ao consumo dos compradores ocidentais — ainda que, claramente, essa não fosse a sua intenção.<sup>xxxiii</sup>

Bodichon autorrepresentou-se com vestuário de exterior: saia solta, casaco largo e chapéu de aba larga — rejeitando assim os espartilhos apertados e a indumentária restritiva que caracterizava as mulheres vitorianas. Dessa forma, Bodichon tornou-se uma inspiração para uma nova geração de mulheres artistas, contribuindo para a redefinição da feminilidade como algo ativo, forte, laborioso e autodeterminado. Reivindicava o direito de adotar uma postura profissional, necessária à produção de uma paisagem de elevada qualidade — digna de ser exposta, vendida e criticamente apreciada. Com a pintura *Sisters working in our Fields*, cujo destino permanece desconhecido, Bodichon transformou o esboço amador e a pintura em aguarela numa prática profissional.<sup>xxxiv</sup>

Para o público britânico, as exposições regulares de paisagens argelinas de Bodichon forneciam um roteiro pictórico da colónia. O *Illustrated London News* escreveu sobre a sua exposição em 1864:

“As pinturas, tal como outras séries que as precederam (...), representam cenas na Argélia e incluem vistas das cidades e regiões em torno de Argel; daquele mar revolto, por assim dizer, de colinas e montanhas, as moradas dos resistentes Cabila; e de vários pontos ao longo da costa, com o seu Mediterrâneo azul e a sua costa dourada resplandecente; juntamente com a representação de fortes, châteaux, aldeias e túmulos; do crescimento luxuriante de flores, palmeiras, aloés, figueiras-da-índia e plantas gigantes de todo o tipo; e dos fenómenos climáticos e do estranho aspeto do céu causado pelo vento, pela chuva, etc.”<sup>xxxv</sup>

No entanto, de acordo com Cherry, “(...) o repertório da artista não era de modo algum tão extenso ou abrangente como aqui foi sugerido. Como mulher ocidental, o que Bodichon via e podia representar era tão moldado pelas educações sexualizadas e racializadas de diferença na colónia quanto pelos procedimentos visuais.”<sup>xxxvi</sup> Segundo Hirsch, Bodichon via o seu papel na Argélia de forma mais curatorial, dedicando-se a registar a paisagem — ora

---

<sup>xxxii</sup>CHERRY, 2000, p. 95-97

<sup>xxxiii</sup>HIRSCH, 1999, p. 118

<sup>xxxiv</sup>SIMON-MARTIN, 2012. p. 593

<sup>xxxv</sup>CHERRY, 2000, p. 87-100

<sup>xxxvi</sup>CHERRY, 2000, p. 87-100

povoada, ora deserta — antes que esta fosse amplamente marcada pela influência europeia.<sup>xxxvii</sup>

O trabalho artístico de Bodichon sobre a Argélia representa mais de um terço das obras que expôs. Sendo que algumas dessas coleções de aguarelas sobre a Argélia foram exibidas para venda numa exposição realizada na *Ladies Reading Room* em 1861. Esta exposição esteve quase esgotada logo na sessão privada de inauguração.<sup>xxxviii</sup>

Ao contrário das paisagens argelinas, que frequentemente se concentram em terrenos vastos, áridos e vistas distantes, as cenas do campo inglês, para onde o casal Bodichon se mudou em 1863, são mais íntimas e fechadas, enfatizando uma ligação pessoal a um local específico.

A aguarela *Entrance to Scalands Gate* representa um caminho sinuoso, desaparecendo ao longe, que pode ser interpretado como um motivo simbólico, representando uma jornada ou passagem. A natureza fechada do caminho, ladeado por taludes altos e ramos pendentes, cria um sentido de introspeção e isolamento, talvez sugerindo uma jornada pessoal ou espiritual. Além disso, o uso da luz filtrada através das árvores pode transmitir um sentido de transitoriedade e beleza efêmera. O espaço íntimo e fechado e a representação subtil das texturas naturais sugerem uma área de significado pessoal, pintada com um sentido de familiaridade e afeição.



Figura 5 — Barbara Leigh-Smith Bodichon, *Entrada para Scalands Gate*, 1883. Aguarela e guache s/papel, 36 x 29 cm, Fonte: [https://www.goodreads.com/author/show/46137.terri\\_windling/blog?page=82](https://www.goodreads.com/author/show/46137.terri_windling/blog?page=82)

---

<sup>xxxvii</sup>HIRSCH, 1999, p.139

<sup>xxxviii</sup>CHERRY, 2000, p. 87-100



Este cenário alinha-se com a tradição pastoral da pintura paisagística britânica do século XIX, destacando os aspetos tranquilos e contemplativos da natureza.

A transição de composições amplas e panorâmicas para espaços mais confinados e arborizados pode refletir a adaptação de Bodichon à paisagem inglesa, captando um tipo diferente de beleza natural — mais verdejante, tons terrosos e uma luz suave e difusa e sombreada.

A aguarela *Ventnor, Isle of Wight* é apresentada num formato semicircular ou luneta, uma forma que direciona o olhar do observador num movimento panorâmico abrangente através da cena. O formato panorâmico amplo e o foco composicional nas formações geológicas e nos efeitos atmosféricos alinham-se, tal como nas paisagens argelinas, com a tradição paisagística romântica, enfatizando o caráter sublime e avassalador da natureza.



Figura 6 —Barbara Leigh-Smith Bodichon, *Ventnor, Isle of Wight*, 1856. Aguarela e guache s/papel, 71 x 108 cm. Fonte: <https://www.mutualart.com/Artwork/Ventnor--Isle-of-Wight/336237C0AB0AAB66>

Enquanto as cenas argelinas são dominadas por tons quentes e áridos — ocre, ferrugens e azuis suaves — evocando as paisagens semidesérticas banhadas pelo sol; a atmosfera é frequentemente ampla e arejada, com colinas distantes e enevoadas, em pinceladas suaves e translúcidas para transmitir profundidade e distância; a luz é brilhante, intensa e não filtrada, captando a luz solar dura e direta, característica do terreno norte-africano. As cenas do campo inglês utilizam uma paleta significativamente mais fria, a atmosfera é sombria e fechada, com a luz a filtrar-se suavemente através da densa copa das árvores, criando um ambiente

mais contemplativo e íntimo. O foco aqui não está nas vistas expansivas, mas no jogo de luz e sombra num espaço natural confinado.

A obra de Bodichon constitui um estudo subtil de atmosfera e luz, demonstrando a sensibilidade da artista para com as nuances das texturas naturais e os efeitos transitórios da luz.

Não existem registos da infância ou juventude de Mazuchelli, sendo que o primeiro registo conhecido é o do seu casamento em Génova no ano de 1853 com Francis Mazuchelli, um clérigo anglicano. Passados quatro anos de casados, Francis integrou o exército inglês como capelão e, no ano seguinte, ocupou a posição de Assistente de Capelão no *H.M Indian Service*. Por este motivo o casal mudou-se para Calcutá, na Índia.<sup>xxxix</sup>

Passados dez anos em Calcutá, Francis foi colocado em Darjeeling. Durante o primeiro ano nesta nova cidade, Mazuchelli percorreu diariamente os sopés dos Himalaias, montada num pônei, com os seus materiais de pinturas. De acordo com a escritora Luree Miller “Muitas senhoras vitorianas sabiam desenhar e pintar razoavelmente - tal formação era uma parte importante da sua educação limitada – mas, Mazuchelli considerava-se uma artista séria. Durante mais de um ano pintou com afinco tudo o que estava à vista e fez passeios diários a cavalo.”<sup>xl</sup>. Contudo, em parte alguma dos seus diários Mazuchelli se assume como pintora profissional, pois tal como outras *Victorian Ladies*, a atividade de esboçar, desenhar ou pintar eram uma forma de lazer e prazer pessoal. Num diálogo entre um Lepcha (carregador de bagagem indiano) e Mazuchelli, esta assume que pinta porque lhe agrada:

“‘Mem sahib!’ exclamou um dos meus assistentes Lepchas nesse dia, enquanto eu estava sentada a fazer um esboço, com Latto ao meu lado – ‘quantas rupias receberá por esse taswir?’

‘Nada’, respondi. ‘Eu pinto porque me agrada.’”<sup>xli</sup>

Foi ao longo destes passeios que Mazuchelli decidiu que queria concretizar o seu sonho de infância “(...) de ver o ponto mais perto entre o Céu e a Terra”.<sup>xlii</sup> Ao concretizá-lo, em 1869, foi a primeira mulher ocidental a observar ao vivo o Monte Evereste, ou como lhe passou a chamar Deodunga: “Poucos europeus, e nenhuma senhora, tinham até então tentado explorar os Himalaias Orientais, (...)”.<sup>xliii</sup>

Apesar dos receios de Francis, o casal Mazuchelli partiu de Darjeeling, para uma expedição através da cordilheira de Singalila até ao Monte Evereste. Ao longo da qual, durante dois meses<sup>xliv</sup>, Mazuchelli por não querer perder nem deixar de registar toda a beleza natural que

---

<sup>xxxix</sup> MAZUCHELLI, Nina Elizabeth — **The Indian Alps and How we Cross Them**. Nova Iorque: Dodd, Mead and Company, 1876

<sup>xl</sup> MILLER, Luree – **On Top of the World: Five Women Explorers in Tibet**. Nova Iorque: Paddington Press, 1976.

<sup>xli</sup> MAZUCHELLI, 1876, p.137-138

<sup>xlii</sup> MAZUCHELLI, 1876, p. 183

<sup>xliii</sup> MAZUCHELLI, 1876, p. 80

<sup>xliv</sup> Não se conseguiu concluir ao certo as datas exatas desta expedição,

os envolvia, sempre que tinha um momento livre desenhou e pintou as pessoas, os costumes e a paisagem envolvente: “estamos a passar por um país cujas belezas eu não perderia.”<sup>xliv</sup> Desta forma, desenhava e descrevia pictoricamente tudo o que via:

“Quanto a mim, esboço loucamente tudo o que vejo. Vivendo dia a dia, hora a hora, com a Grande Mãe, adquirimos afinidade com ela e descobrimos os seus segredos. Como se percebe o cinzento em tudo, o cinzento não só nas partes reservadas e na sombra, mas até na luz solar cinzenta, o cinzento predominante em todo o lado (...). Tornando-se aluno desta grande escola da Natureza, descobre-se que a sua paleta é dotada de muito pouca cor positiva, e que ela a utiliza apenas nos meios-tons; e chega-se finalmente à terrível e humilhante conclusão de que as suas árvores não são uma combinação de verdete e espinafres cozidos, (...).”<sup>xlvi</sup>

Sendo que sempre que desenhava ou pintava, fazia-o “(...) em quase todos os instantes, com os dedos congelados, os esboços mais pequenos eram muitas vezes rabiscados à pressa em papel de carta, enquanto eu, por vezes, me sentava num tufo de erva e outras vezes numa estaca.”<sup>xlvi</sup> O seu material de pintura e desenho consistia num cavalete, prancheta, caixa de cores, bloco, pinceis, tintas e papel de desenho.<sup>xlvi</sup>

Nina enviava regularmente à sua mãe e ao seu círculo familiar, cartas e desenhos. E em 1876 apesar das mulheres do período vitoriano raramente escreverem ou publicarem livros, tal como Tenison, Mazuchelli publicou estas cartas, desenhos e pinturas que fez ao longo da expedição num diário de viagem intitulado *The Indian Alps and How We Cross Them*<sup>xliv</sup>. O diário é composto por inúmeras ilustrações a preto e branco e dez cromolitografias, impressas a partir dos desenhos e aguarelas de Mazuchelli.

A obra de Mazuchelli surge como um exemplo da sensibilidade do período romântico e do sublime britânico. Com uma abordagem distinta para capturar tanto os aspetos sublimes como os serenos dos terrenos montanhosos que caracterizam a região dos Himalaias, Mazuchelli retrata paisagens remotas e majestosas através de um tratamento subtil da luz e da atmosfera, revelando uma visão distintiva e contemplativa que eleva o seu trabalho para além da mera documentação topográfica.

---

<sup>xliv</sup> MAZUCHELLI, 1876, p. 265

<sup>xlvi</sup> MAZUCHELLI, 1876, p. 246-247

<sup>xlvi</sup> MAZUCHELLI, 1876, p. viii

<sup>xlvi</sup> MAZUCHELLI, 1876, 379

<sup>xliv</sup> MAZUCHELLI, 1876.

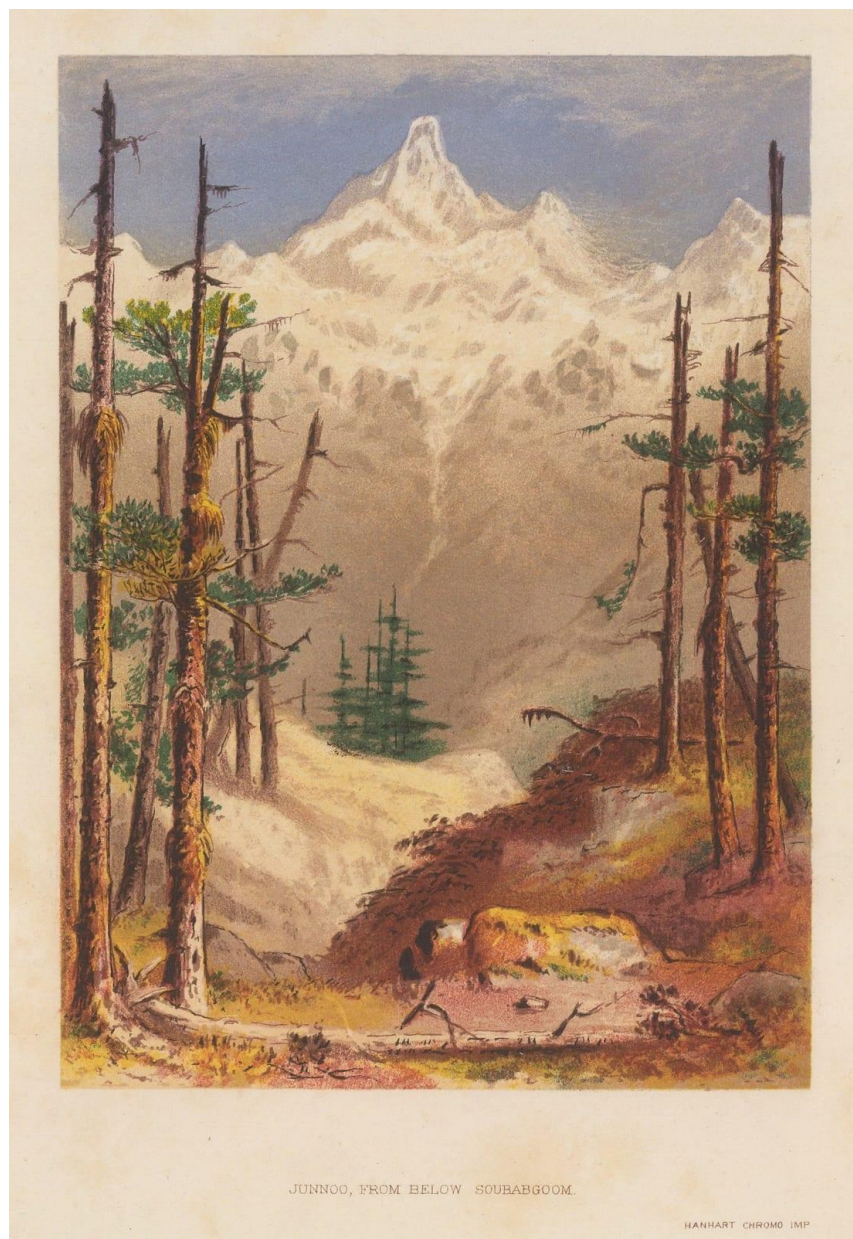


Figura 7 — Elizabeth Sarah Mazuchelli, *Junnoo, Visto de Baixo Soubabgoom*, 1869-1875. Aguarela. Fonte: [https://www.themaphouse.com/store/artworks/241842-nina-mazuchelli-himalayas-mount-everest-deodungha-holy-mountain-1876/?fp\\_keyword=nina%20mazuchelli](https://www.themaphouse.com/store/artworks/241842-nina-mazuchelli-himalayas-mount-everest-deodungha-holy-mountain-1876/?fp_keyword=nina%20mazuchelli)

Em *Junnoo, Visto de Baixo Soubabgoom*, Mazuchelli enfatiza as texturas rugosas das árvores em primeiro plano, criando um jogo cromático entre o verde luxuriante e os picos cobertos de neve ao fundo. O tratamento da perspectiva por parte da artista conduz o olhar do observador para cima, reforçando a escala monumental da cordilheira.





Figura 8 — Elizabeth Sarah Mazuchelli, *Deodunga, Amanhecer*, 1869-1875. Aguarela. Fonte: [https://www.themaphouse.com/store/artworks/241842-nina-mazuchelli-himalayas-mount-everest-deodungha-holy-mountain-1876/?fp\\_keyword=nina%20mazuchelli](https://www.themaphouse.com/store/artworks/241842-nina-mazuchelli-himalayas-mount-everest-deodungha-holy-mountain-1876/?fp_keyword=nina%20mazuchelli)

Na aguarela *Deodunga, Amanhecer*, Mazuchelli captura a beleza de um amanhecer sobre o Monte Evereste, referido aqui pelo seu nome menos conhecido, Deodunga. A artista adota um tom dourado e quente para ilustrar a luz matinal a banhar os picos, infundindo a cena com uma sensação de tranquilidade e grandiosidade. A moldura elíptica da composição acrescenta um carácter onírico, alinhando-se com a tradição Romântica de retratar a natureza como um espaço de reverência espiritual e beleza sublime.





Figura 9 — Elizabeth Sarah Mazuchelli, *As planícies do Nepal vistas a partir do Monte Tongloo*, 1869-1875, aguarela, Fonte: [https://www.themaphouse.com/store/artworks/241841-nina-mazuchelli-nepal-plains-of-nepaul-1876/?fp\\_keyword=nina%20mazuchelli](https://www.themaphouse.com/store/artworks/241841-nina-mazuchelli-nepal-plains-of-nepaul-1876/?fp_keyword=nina%20mazuchelli)

Na representação das planícies do Nepal vistas a partir do Monte Tongloo, Mazuchelli utiliza uma gradação de tons para transmitir profundidade e distância, com o primeiro plano a apresentar representações detalhadas de um acampamento e figuras humanas, enquanto o fundo se desvanece em camadas suaves e enevoadas de cadeias montanhosas. O enfoque da artista na atividade humana em vastas e imponentes paisagens ressalta a coexistência da natureza com o esforço humano, um tema recorrente no seu trabalho.

A última cromolitografia do diário de Mazuchelli, reproduz as montanhas de Nursyng and Pundeem ao anoitecer, a partir de Soubahgoom:

“Além, erguiam-se as neves no céu escuro, frias, sem paixão e imutáveis. A seus pés jaziam os vales banhados pela mais profunda escuridão. (...). Deste local parecemos não olhar para cima, mas para as neves, e, embora entre eles e nós haja um grande abismo formado pelo vale, ainda assim parecem quase suficientemente próximos para nos tocarmos. Imediatamente opostas surgem as atividades gentis de Nursyng, passo após passo; e na formação desta montanha, na minha opinião, há algo de misterioso e terrível - aparentemente demasiado regular para ter sido talhado pela

mão da Natureza, mas impossível de ter sido moldado por qualquer ação humana ou mecânica.”<sup>1</sup>



Figura 10 — Elizabeth Sarah Mazuchelli, *Nursyng e Pundeem a partir de Soubahgoom (Entardecer)*, 1869-1875, aguarela, Fonte: [https://www.themaphouse.com/store/artworks/241848-nina-mazuchelli-himalayas-nursyng-and-pundeem-1876/?fp\\_keyword=nina%20mazuchelli](https://www.themaphouse.com/store/artworks/241848-nina-mazuchelli-himalayas-nursyng-and-pundeem-1876/?fp_keyword=nina%20mazuchelli)

### Considerações Finais

A obra de Tenison, Bodichon e Mazuchelli alinha-se com a tradição Romântica britânica e orientalista, onde paisagens e ruínas arquitetônicas eram utilizadas para transmitir tanto a grandiosidade do passado como o fascínio exótico das terras estrangeiras. A representação de ruínas reflete a preocupação romântica com a transitoriedade das realizações humanas e a natureza do sublime.

As *Victorian Ladies* praticaram a arte pelo seu próprio prazer, não se dedicando profissionalmente e praticando outras atividades de lazer em simultâneo. Com a exceção de Bodichon, não temos conhecimento de registros de alguma compensação monetária pela publicação dos diários de viagem de Tenison e Mazuchelli. Não construíram uma carreira ou

---

<sup>1</sup> MAZUCHELLI, 1876, p. 553

reputação com base num elevado nível de competência e conhecimento na área artística. Por estes motivos, não apenas por serem mulheres, mas também por serem consideradas amadoras, não podiam ser membros das sociedades artísticas. Eram, portanto, praticantes à margem do circuito artístico oficial, continuando a ser pouco conhecidas atualmente.

## Bibliografia

**Art Collection: Lady Louisa Mary Anne Tenison** [em linha]. [S.l.]: [s.n.], 2025. [Consult. 24 maio 2025]. Disponível em: <https://artcollection.dcms.gov.uk/person/tenison-lady-louisa-mary-anne/>

**Book ends and new beginnings: Louisa Tenison** [em linha]. [S.l.]: [s.n.], 2022. [Consult. 24 maio 2025]. Disponível em: <https://bookendsandnewbeginnings.wordpress.com/?s=louisa+tenison>

BORZELLO, Frances — Leisured Ladies. **Women's Art Magazine** (Nov/Dez 1993). 10-12

CHADWICK, Whitney — Chapter VII - Toward Utopia: Moral Reform and American Art in the Nineteenth Century. **Art, Women and Society**. Londres: Thames & Hudson, 2020. p. 204.

CHERRY, Deborah — **Beyond the Frame, Feminism and Visual Culture, Britain 1850-1900**. Nova Iorque: Rotledge, 2000.

HEER, Lisa — Amateur Artists. In GAZE, Delia — **Dictionary on Women Artists**. London; Chicago: Fitzroy Dearborn Publishers, 1997. 70-79

HIRSCH, Pam — **Barbara Leigh Smith Bodichon: Feminist, Artist and Rebel**. Inglaterra: Pimlico, 1999

LEANDRO, Sandra — «Maria Guilhermina da Silva Reis». CASTRO, Zília Osório de, ESTEVES, João Gomes (dir.) **Dicionário no feminino (séculos XIX-XX)**. Lisboa: Livros Horizonte, 2005. p 679-680.

MAZUCHELLI, Nina Elizabeth — **The Indian Alps and How we Cross Them**. Nova Iorque: Dodd, Mead and Company, 1876

MILLER, Luree — **On Top of the World: Five Women Explorers in Tibet**. Nova Iorque: Paddington Press, 1976.

MIRANDA, Marta — The special relationship between text and illustrations in *Castile and Andalusia* by Louisa Mary Anne Tenison. **International Journal of English Literature and Social Sciences** (Nov/Dez, 2022) 242-249.

SIMON-MARTIN, Meritxell — ‘More Beautiful than Words & Pencil Can Express’: Barbara Bodichon’s Artistic Career at the Interface of her Epistolary and Visual Self Projections. **Gender & History**. (Nov 2012).

TENISON, Lady Louisa — **Castile and Andalusia**. Londres: Richard Bentley, 1853.126-128.

VAN DER STIGHELEN, Katlijne — Amateur Artists. In GAZE, Delia — **Dictionary on Women Artists**. London; Chicado: Fitzoroy Dearbon Publishers, 1997. 66-70.



# **Turismo de Experiência em Aldeias do Interior Algarvio: um conceito de Turismo Circular através das Sensações**

**Daniela Toledano**

Universidade do Algarve - Faculdade de Ciências e Tecnologia  
[danielatoledano@hotmail.com](mailto:danielatoledano@hotmail.com)

**Ana Paula Gomes da Silva**

Universidade do Algarve - Faculdade de Ciências e Tecnologia; LEAF, Linking Landscape, Environment, Agriculture and Food, Lab. Associado TERRA (U.Lisboa),  
[pgsilva@ualg.pt](mailto:pgsilva@ualg.pt)

**Resumo:** O presente artigo apresenta um projeto-piloto de índole turística, concebido para uma área constituída por um conjunto de aldeias situadas no interior do perímetro do Aspirante a Geoparque Algarvensis (AGA). Esta zona de intervenção localiza-se no interior do concelho de Loulé, na região do Algarve, sul de Portugal. O principal objetivo do projeto consiste na conceção de um roteiro turístico baseado em experiências sensoriais, articulado com um modelo de turismo circular e sustentável. Pretende-se, desta forma, fomentar a participação ativa de turistas e residentes em práticas tradicionais locais, promovendo simultaneamente a salvaguarda do património material e imaterial e o fortalecimento do tecido socioeconómico das comunidades abrangidas. A metodologia seguida foi adaptada do projeto de investigação Be.CULTOUR, integrando uma revisão teórica dos princípios do turismo circular e sustentável em contextos rurais. A investigação assumiu um carácter qualitativo e exploratório, tendo recorrido à aplicação de inquéritos com perguntas abertas (entrevistas semiestruturadas) e fechadas (questionários). Complementarmente, procedeu-se à identificação e validação *in loco* dos valores com potencial turístico, com base no levantamento disponibilizado pelo AGA e através de visitas de campo destinadas à confirmação da informação, verificação da acessibilidade aos locais e estabelecimento de um contacto direto com a população local. O projeto-piloto promove a identificação e articulação de elementos de património cultural – tanto material como imaterial – com atividades turísticas nas aldeias e respetiva envolvente. Com esta abordagem, visa-se estimular o desenvolvimento do turismo de base comunitária, dinamizar a economia local e contribuir para a valorização e preservação do património cultural e natural da região.

**Palavras-chave:** turismo em aldeias, turismo circular, turismo rural, turismo cultural, turismo de experiência.



## 1. Introdução

O turismo é frequentemente percebido como uma atividade que, apesar dos benefícios econômicos, contribui para a degradação do património e tem um impacto social limitado nas comunidades locais. Esta percepção está associada ao modelo de turismo de massas, caracterizado pela elevada concentração de visitantes, consumo excessivo de recursos, produção de resíduos e baixa integração cultural <sup>1</sup>.

Outros modelos contemporâneos de turismo, centrados na economia circular, na sustentabilidade, no bem estar da população e na valorização do capital natural e cultural, podem ter um contributo positivo na dinamização económica, social e ecológica de regiões com economias deprimidas e de baixa densidade populacional mas, ricas em valores culturais e naturais.

Este artigo apresenta e analisa um projeto-piloto de turismo cultural, desenvolvido para um território do interior do Algarve, inserido na área do Aspirante a Geoparque Algarvensis (AGA), com o objetivo de responder a desafios locais, através de modelos turísticos inovadores. Enquanto o litoral da região atrai um turismo de massas centrado no binómio sol e praia, o interior rural enfrenta uma crescente desertificação económica e demográfica. A migração dos residentes para centros urbanos do litoral tem levado ao despovoamento das aldeias do interior, resultando no abandono da vida rural, na perda de práticas agrícolas e de saberes tradicionais que sustentam a paisagem e a identidade cultural.

Com base nesta premissa, foi desenvolvido um projeto ancorado num modelo de turismo circular e sustentável. A proposta assenta na criação de uma rede ecopolicêntrica, estruturada a partir dos valores, serviços e atores já existentes, complementada por novos elementos. Esta rede visa gerar conexões temáticas que proporcionem experiências turísticas autênticas, mediadas e partilhadas pela comunidade local.

Previamente à descrição do projeto, são abordadas diversas tipologias de turismo inseridas numa abordagem sustentável, bem como, os potenciais benefícios da sua implementação em territórios remotos e fora dos circuitos do turismo de massas. Em seguida, é apresentado o projeto de investigação Be.CULTOUR, desenvolvido entre 2021 e 2024, financiado pelo Programa Horizonte 2020, que serviu de enquadramento à proposta. O projeto-piloto é aprofundado na terceira parte do artigo.

## 2. Enquadramento teórico

### 2.1 Tipos de Turismo Sustentável e Turismo Circular

O *Turismo Sustentável* procura o equilíbrio entre as necessidades dos turistas e das comunidades receptoras<sup>2</sup>, através da gestão responsável de recursos. Este modelo de turismo atrai um nicho de turistas que valorizam a preservação ambiental<sup>3</sup>. Com outro foco, o *Turismo Circular* centra-se em práticas como reciclagem, transporte ecológico, uso de produtos locais e na diversificação da economia, evitando a dependência do turismo de massa e sazonal<sup>4</sup>. Promove a recuperação, reutilização e valorização de

---

<sup>1</sup> CUNHA, D. N.; JESUS, G. B. S. - Turismo Sustentável: Uma breve revisão sistemática.

<sup>2</sup> ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO - Guia de desenvolvimento do turismo sustentável

<sup>3</sup> CUNHA, D. N.; JESUS, G. B. S. - Turismo Sustentável: Uma breve revisão sistemática.

<sup>4</sup> Be.CULTOUR - Abordagens transversais de inovação Be.CULTOUR.

recursos<sup>5</sup> reduzindo impactos ambientais e sociais negativos<sup>6</sup>. No âmbito destes dois tipos de turismo, surgiram novas tendências de turismo cultural, orientadas para nichos que valorizam experiências diferenciadas. Segue-se uma breve apresentação dessas tendências, distintas pelos contextos e experiências que oferecem.

Embora não seja recente, o *Turismo Cultural* tem atraído um público mais amplo nos últimos anos, ao valorizar o património material e imaterial e promover experiências ligadas à arquitetura, arte, arqueologia, gastronomia, música e tradições<sup>7</sup>.

Relativamente ao contexto em que se desenvolve a atividade turística, destacam-se o *Turismo Rural*, o *Agroturismo* e o *Ecoturismo*. Surgido nas décadas de 1970 e 1980, o *Turismo Rural* oferece experiências ligadas ao meio rural. Surgiu inicialmente como estratégia de diversificação para pequenos agricultores, atraindo visitantes urbanos pela gastronomia, património e atividades ligadas à vida no campo<sup>8</sup>. As suas principais características incluem a participação na produção agrícola, a vivência da cultura rural e o contato direto com a natureza<sup>9</sup>. Associado ao turismo rural, o *Agroturismo* aprofunda a ligação entre visitantes urbanos e o meio rural, promovendo o co-living e a participação em atividades tradicionais como a agricultura e o artesanato, incentivando uma interação mais próxima com a comunidade local<sup>10</sup>. O *Ecoturismo* valoriza o contato com a natureza e com os valores ecológicos, tais como fauna, flora e geologia, entre outros, podendo ser uma forma relaxante e sustentável de turismo, acessível a todas as idades<sup>11</sup>. Um dos exemplos mais divulgados de ecoturismo é a observação de aves - birdwatching - que permite a apreciação da avifauna no seu habitat natural<sup>12</sup>.

As experiências oferecidas por cada tipo de turismo são também um elemento distintivo essencial. O *Turismo de experiências* ou de sensações desenvolve-se com o propósito de proporcionar experiências sensoriais completas, que permitem aos turistas estimular todos os seus sentidos<sup>13</sup>. A visão é o principal sentido na descoberta de um destino, enquanto a audição evoca emoções, o olfato reforça memórias, o paladar revela a cultura local através da gastronomia e o tato estabelece uma ligação física com o lugar<sup>14</sup>. Nas *Viagens espirituais* os turistas viajam em busca de bem-estar e transformação pessoal<sup>15</sup>, muitas vezes em contato com a natureza<sup>16</sup>. Este tipo de turismo valoriza o património religioso e espiritual, promovendo o envolvimento comunitário na sua preservação.

---

<sup>5</sup> GIRARD, Luigi F.; NOCCA, Francesca - From linear to circular tourism.

<sup>6</sup> RODRÍGUEZ, C.; FLORIDO, C.; & JACOB, M. - Circular economy contributions to the tourism sector: A critical literature review.

<sup>7</sup> UNWTO: Turismo da ONU - Glossário de termos turísticos.

<sup>8</sup> LANE, B. - Turismo rural de segunda geração: Prioridades e questões de pesquisa.

<sup>9</sup> SZNAJDER, M.; PRZEBÓRSKA, L.; SCRIMGEOUR, F. - Agritourism.

<sup>10</sup> Be.CULTOUR - Abordagens transversais de inovação Be.CULTOUR.

<sup>11</sup> TULIK, O. - Turismo rural.

<sup>12</sup> CÂMARA MUNICIPAL DE LOULÉ - Birdwatching.

<sup>13</sup> GÁLVEZ, J. C. P.; GRANDA, M. J.; LÓPEZ-GUZMÁN, T.; & CORONEL, J. R. - Local Gastronomy, Culture and Tourism Sustainable Cities: The behavior of the American tourist.

<sup>14</sup> XIONG, J.; HAASHIM, N. H.; & MURPHY, J. - Multisensory image as a component of destination image.

<sup>15</sup> CHOE, J.; & O' REGAN, M. - Faith Manifest: Spiritual and Mindfulness Tourism in Chiang Mai, Thailand.

<sup>16</sup> HAQ, F.; & JACKSON, J. - Spiritual journey to Hajj: Australian and Pakistani experience and expectations.

Entre os tipos de turismo que proporcionam experiências fora da rotina, destacam-se o *Turismo Criativo* e o *Turismo Desportivo*. O primeiro envolve a participação ativa dos visitantes em atividades que estimulam a expressão e o desenvolvimento de habilidades criativas ligadas ao destino<sup>17</sup>. Trata-se de uma forma de turismo mais sustentável, que oferece uma vivência autêntica da cultura local através de oficinas informais e atividades criativas<sup>18</sup>. O segundo, abrange tanto competições como atividades não competitivas, permitindo que o turista participe e/ou observe eventos relacionados com o desporto, desde caminhadas e passeios de bicicleta, até a desportos radicais.

Por fim, dois tipos de turismo que ganharam maior relevância durante a pandemia de COVID-19, entre 2020 e 2022, foram as *Viagens de proximidade* e os *Destinos de trabalho remoto*. As viagens de proximidade permitem descobrir locais culturais e naturais próximos da residência, oferecendo novas experiências e uma pausa na rotina. Esta prática é impulsionada pela necessidade de descanso, pela redução das emissões de carbono e por mudanças nos hábitos de consumo, fazendo da proximidade uma vantagem<sup>19</sup>. Os *Destinos de trabalho remoto* vulgarizaram-se com o aumento do teletrabalho, tornando-se cada vez mais populares os destinos que permitam aliar lazer e atividade profissional.

## 2.2 Projeto Be.CULTOUR

O projeto Be.CULTOUR - *Beyond Cultural Tourism: human-centred innovations for sustainable and circular cultural tourism*, foi um projeto de investigação financiado pela UE. Teve como objetivo testar inovações sustentáveis para o turismo circular, centradas no ser humano, através de metodologias de inovação colaborativa, melhores estratégias de investimento e da construção de uma comunidade de representantes regionais/locais comprometidos em moldar o futuro do turismo cultural no seu território<sup>20</sup>.

Este projeto focou-se em áreas e paisagens culturais desfavorecidas, remotas, periféricas, desindustrializadas ou sobreexploradas. Criou uma “comunidade de prática” composta por seis “ecossistemas piloto”, com características diferentes, tendo cada um deles co-desenvolvido um plano de ação de longo prazo centrado na criação de redes locais de inovação do património, com benefícios para o crescimento económico inclusivo, bem-estar das comunidades, regeneração da natureza e cooperação eficaz a nível transfronteiriço, regional e local<sup>21</sup>. Em paralelo foi constituída uma “comunidade de interesse” composta por dezasseis “ecossistemas de inovação espelho” que, trabalhando em conjunto com os “ecossistemas piloto”, testavam as orientações emanadas dos planos de ação elaborados por estes.

Destacam-se dois exemplos de “ecossistemas de inovação espelho”. Um deles é o AGA, em Portugal, onde se integra o projeto-piloto, que constitui um dos resultados da participação da Universidade do Algarve no projeto Be.CULTOUR. O segundo, é o

---

<sup>17</sup> RICHARDS, G. - Creativity and tourism: the state of the art.

<sup>18</sup> RAYMOND, C. - Creative tourism New Zealand: The practical challenges of developing creative tourism.

<sup>19</sup> JEURING, J. H. G.; HAARTSEN, T. - The challenge of proximity: the (un)attractiveness of near-home tourism destinations.

<sup>20</sup> Ćwikła, M.; Garzillo, C.; Bosone, M.; Gravagnuolo, A. - Stakeholders Engagement Processes for Co-Creation of Strategic Action Plans for Circular and Human-Centred Cultural Tourism in European Heritage Sites.

<sup>21</sup> *ibid.*

projeto Museo Diffuso dei 5 Sensi em Sciacca, Itália, que foi uma importante fonte de inspiração para a proposta desenvolvida e que se descreve sucintamente de seguida.

Em Sciacca, comuna italiana situada na região da Sicília, o turismo era, antes da implementação deste projeto, caracterizado por estadias curtas e em declínio contínuo, refletindo-se numa profunda crise económica, social e cultural na cidade. O “Museo Diffuso dei 5 Sensi”, estabelecido em 2020, é um projeto de inovação turística inclusivo, gerido por uma cooperativa comunitária sem fins lucrativos, que se tornou, em apenas dois anos, uma rede comunitária com mais de 55 acordos de envolvimento, 11 “infopontos” geridos por comerciantes que se tornam “contadores de histórias”, para além de 116 gerentes de negócios locais, 48 associações culturais e filantrópicas, 19 artesãos experimentais, 24 instalações de alojamento e 7 museus, entre outros. Ao apostar num turismo experiencial, emocional, relacional e transformador, bem como na valorização dos recursos locais, Sciacca tornou-se uma comunidade fortemente empenhada em construir o seu próprio futuro de forma responsável. A iniciativa promove a conexão entre residentes e visitantes, criando um destino capaz de atrair turismo ao longo de todo o ano e de se desenvolver de forma sustentável, em benefício de toda a comunidade<sup>22</sup>.

### **3. Projeto-piloto: Roteiro dos sentidos**

O projeto-piloto é aplicado à Aldeia de Salir, no Barrocal Algarvio e à sua envolvente. Procura testar novos conceitos e metodologias de turismo circular e criar redes com outras aldeias e locais de interesse patrimonial. Sobretudo, pretende contrariar o abandono da paisagem rural e a perda de saberes ancestrais, valorizando a paisagem viva e habitada como principal atrativo deste modelo turístico.

A proposta desenvolve uma rede de turismo eco policêntrico, baseada na valorização dos recursos, serviços e agentes locais existentes, complementada pela introdução de novos elementos. Esta rede dá origem a conexões temáticas que promovem experiências turísticas autênticas, dinamizadas e partilhadas pela comunidade local com os visitantes.

#### **3.1. Área de Intervenção**

A área de intervenção abrange a zona rural do concelho de Loulé, integrando aldeias do barrocal e da serra inseridas na área do AGA. Inclui as freguesias de Alte, Ameixial, Salir e a União de Freguesias de Benafim, Querença e Tôr, onde se localizam as Áreas Protegidas da Rocha da Pena e da Fonte Benémola.

---

<sup>22</sup> Ferrero, M.; Pinto, I. - A regenerative tourism approach for the development of marginalised areas. Insights from two best practices in Southern Italy.

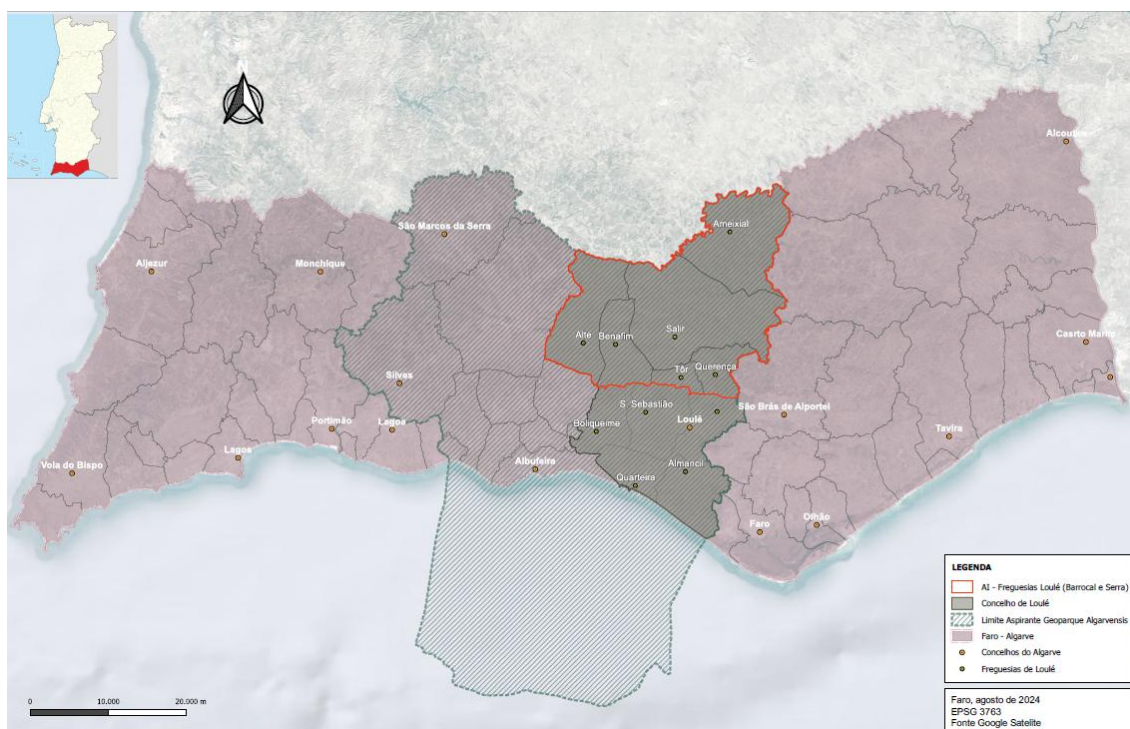


Figura 1 - Enquadramento Geográfico: Localização Área de Intervenção

Apesar do crescimento gradual de novas atividades económicas, com destaque para o turismo, a agricultura continua a ser a principal fonte de sustento da maior parte das aldeias. Entre os produtos mais abundantes da região destacam-se a cortiça, o medronho, a alfarroba, a amêndoa, o figo, a noz e a azeitona<sup>23</sup>. No Barrocal predominam solos calcários, pouco profundos, pedregosos e relativamente férteis, favorecendo a agricultura de sequeiro. Já a Serra de Loulé, parte da Serra do Caldeirão, apresenta relevo montanhoso e solos menos férteis, adequados sobretudo à silvicultura e ao pastoreio. Além de Salir, a área de intervenção abrange outras cinco aldeias: Alte, Querença, Benafim, Tôr (no Barrocal) e Ameixial (na serra). A ligação entre as aldeias é assegurada por redes rodoviárias nacionais, regionais e locais. A infraestrutura turística existente inclui alojamentos, cafés, restaurantes e a região apresenta elevado potencial para atividades como Agroturismo, Turismo de Habitação e Turismo Cinegético<sup>24</sup>.

### 3.2. Abordagem metodológica

A investigação incluiu três abordagens: revisão bibliográfica, levantamento patrimonial com trabalho de campo, e recolha de perceções sobre turismo e experiências sensoriais através de entrevistas e questionários. Iniciou-se com pesquisa bibliográfica e iconográfica, centrada em conceitos relevantes e em exemplos do projeto Be-CULTOUR e de outras iniciativas inspiradoras para o roteiro proposto.

Paralelamente, foi feito o levantamento do património cultural, material e imaterial, com base nos dados fornecidos pelo AGA, em repositórios digitais de entidades públicas e privadas e em visitas de campo às freguesias. Reuniu-se, assim, um vasto conjunto de informações. No património imaterial incluem-se a gastronomia, o artesanato, as festividades religiosas e temáticas, bem como atividades de turismo criativo. Quanto ao

<sup>23</sup> JUNTA DE FREGUESIA DE SALIR

<sup>24</sup> Ibid.



património material, foram identificados elementos arquitetónicos, arqueológicos, hidráulicos, etnográficos e museológicos. No património natural, destacam-se os sítios geológicos, as duas Paisagens Protegidas, as áreas da Rede Natura 2000, os cursos de água e as formações geomorfológicas como quedas de água, vales e cerros. Foram também inventariadas atividades ao ar livre, incluindo percursos pedestres e cicláveis, desportos gerais e de aventura (como parapente, escalada, rapel, espeleologia, downhill e trial 4x4), bem como miradouros e pontos de observação de aves.

A terceira etapa da investigação envolveu entrevistas a representantes do AGA, juntas de freguesia, ONGs, promotores turísticos, artesãos, empresários de agroturismo e alojamento local, bem como moradores. Paralelamente, foram aplicados questionários online (via Google Forms) para avaliar a perceção sobre o turismo rural, o conhecimento de experiências sensoriais associadas ao património e à paisagem, e a motivação para participar neste tipo de experiências.

### 3.3. Projeto-piloto

O projeto-piloto apresenta-se como uma rede de turismo ecológica e policêntrica, que integra os valores, serviços e atores já existentes, ao mesmo tempo que propõe a criação de novos valores. Esta rede estabelece conexões temáticas que promovem experiências turísticas autênticas, partilhadas pela comunidade local com os visitantes.

Foi concebido como um Roteiro Sensorial, com o propósito de proporcionar uma experiência que transcende a mera visita a pontos turísticos, ao estimular os cinco sentidos — visão, audição, olfato, paladar e tato — dos participantes. A proposta convida-os a dedicar um momento à reflexão sobre as sensações vivenciadas ao longo dos percursos, favorecendo uma conexão mais profunda com o destino e oferecendo uma experiência imersiva e enriquecedora, tanto para os visitantes, como para os residentes.

O roteiro foi estruturado em oito mapas temáticos, organizados com base nos cinco sentidos e nos temas com os quais estes mais se relacionam. Os mapas são: *Tato – Percursos e Desportos*; *Tato – Patrimónios*; *Olfato e Audição*; *Paladar*; *Visão*; *Visão – Património Hidráulico*; *Multissensorial*; e *Serviços*.

Em todos os roteiros (mapas) está identificado o sistema viário, com os tipos de vias - estradas nacionais, estradas municipais, vias locais, estradas de terra e trajetos de transportes públicos - que interconectam as áreas e elementos de interesse turístico, permitindo ao visitante perceber como se deslocar e orientar.

O roteiro *Tato - Percursos e Desportos* (Figura 2) serve de base para os outros roteiros, já que a maioria dos percursos, principalmente os pedestres, oferecem atrações sensoriais ao visitante. Foi elaborado para quem aprecia o desporto, sejam caminhantes, ciclistas ou apreciadores de desportos de aventura. Foram identificadas empresas que oferecem atividades como passeios de buggy, trilhos 4x4, escaladas e serviços de guia para caminhadas. Para os visitantes que optam por percorrer os trajetos de forma autónoma, todos os percursos pedestres e cicláveis encontram-se devidamente sinalizados.

No segundo roteiro dedicado ao tato, *Tato - Patrimónios*, encontram-se as atividades de Agroturismo e o património natural e cultural que mais traduzem a experiência sensorial do toque (Figura 3). A experiência tátil, em ambos os percursos, permite ao visitante

conectar-se de maneira íntima com a região, criando memórias não apenas visuais, mas também táteis que ficarão marcadas na pele e na alma.



Figura 2 – Mapa: Roteiro Sensorial – Tato - Percursos e Desportos



Figura 3 – Mapa: Roteiro Sensorial – Tato - Patrimónios

O roteiro sensorial Olfato e Audição (Figura 4) une os dois sentidos pelo fato dos cheiros e dos sons estarem presentes simultaneamente nos pontos turísticos selecionados. O olfato desempenha um papel crucial na apreciação e na recordação do destino, pois os aromas específicos podem evocar memórias duradouras. A audição, por sua vez, desperta emoções ao registrar os sons característicos do ambiente, criando uma trilha sonora pessoal da viagem.





[illegible][illegible]

Figura 7 – Mapa: Roteiro Sensorial – Visão - Património Hidráulico

Por fim, foi criado o roteiro Multissensorial (Figura 8) onde foram identificados os elementos que oferecem todas experiências sensoriais simultaneamente, tal como o património etnográfico e o património imaterial. Esta rota é uma imersão profunda nas paisagens, sabores, sons, aromas e texturas do Barrocal e da Serra do Caldeirão, estimulando todos os sentidos e criando uma experiência completa e inesquecível. Este roteiro é ideal para viajantes que procuram uma conexão mais profunda com a cultura local.



Figura 8 – Mapa: Roteiro Sensorial – Multissensorial

O oitavo roteiro, Serviços, não destaca nenhum sentido ou património, tendo sido concebido como uma ferramenta de suporte aos turistas e visitantes, uma vez que reúne os estabelecimentos de serviços e pontos de apoio ao visitante.

No seu conjunto, estes roteiros têm a finalidade de criar uma experiência que vá além das simples visitas a pontos turísticos, estimulando todos os cinco sentidos (visão, audição, olfato, paladar e tato) dos participantes e convidando-os para tirarem um momento para refletir sobre as sensações que vivenciaram ao longo do trajeto. Essa abordagem cria uma conexão mais profunda e memorável com o destino, oferecendo uma experiência imersiva e rica para os turistas e também para a população local.

#### 4. Considerações Finais

O abandono das aldeias do interior algarvio deve-se a vários fatores, mas sobretudo ao declínio económico e ao abandono da população que procura, nas cidades do litoral, melhores condições de vida e mais fácil acesso a serviços. O turismo rural, circular e sustentável pode constituir uma estratégia eficaz para a revitalização económica desta região, promovendo a recuperação do património, a valorização da paisagem, a criação de infraestruturas e o repovoamento com uma população mais jovem e empreendedora — essencial para sustentar novas atividades turísticas.

A análise efetuada sobre a área de intervenção evidencia uma significativa concentração de bens com valor patrimonial material, assim como um elevado potencial para a



consolidação, valorização e dinamização do património imaterial. As entrevistas e inquéritos realizados evidenciam que tanto as entidades governamentais quanto a população local reconhecem esse potencial e que o público em geral demonstra receptividade face a novas propostas de experiências turísticas. No que respeita concretamente à experiência sensorial, os respondentes destacam o sentido da *Visão* na apropriação estética das paisagens naturais e cenários pitorescos como um dos maiores atrativos para os turistas. Os sentidos do olfato, tato e audição também assumem importância, com os aromas, percursos e sons a serem frequentemente mencionados. A presença de cheiros característicos, como os da vegetação — nesta região predominantemente aromática — ou da terra, o contacto com elementos naturais durante caminhadas e os sons tranquilos da natureza, como o canto dos pássaros, enriquecem a experiência turística e proporcionam uma sensação de imersão e bem-estar, permitindo aos visitantes uma conexão mais profunda com o ambiente rural.

As atividades turísticas já existentes poderiam ser significativamente valorizadas se integradas num projeto articulado de turismo rural sensorial, concebido para oferecer ao visitante uma vivência mais rica e variada, baseada em abordagens inovadoras e capazes de prolongar a permanência no território. Projetos implementados noutras regiões, como o 'Museo Diffuso dei 5 Sensi', em Sciacca, Itália, evidenciam a exequibilidade e os resultados positivos de modelos centrados na experiência sensorial, viabilizada através da interação direta com agentes turísticos, artesãos e a comunidade local, enquanto detentores de património imaterial. A articulação deste com o património material existente contribui para a criação de experiências turísticas diferenciadoras, sustentadas na autenticidade e na imersividade no território.

Este tipo de projeto possui um elevado potencial de retroalimentação, na medida em que a expansão e diversificação das atividades turísticas, reforça a capacidade de investimento na requalificação e salvaguarda do património cultural existente, estabelecendo-se um ciclo contínuo e crescente de desenvolvimento sustentável e valorização cultural.

Assim, foi desenvolvido o *Roteiro Sensorial*, estruturado em oito mapas temáticos, com o propósito de proporcionar uma experiência que ultrapasse as tradicionais visitas a pontos turísticos. O projeto visa a estimulação integrada dos cinco sentidos — visão, audição, olfato, paladar e tato — incentivando os participantes a refletirem criticamente sobre as sensações percebidas ao longo do percurso. Esta abordagem sensorial contribui para uma conexão mais profunda e significativa com o território, promovendo uma experiência turística imersiva, enriquecedora e sustentada na valorização da dimensão subjetiva da vivência do lugar.

A operacionalização do projeto poderá concretizar-se mediante a produção de mapas/guias temáticos, em formato analógico e digital. Cada guia integrará uma descrição contextual do tema, a identificação dos elementos de interesse, material visual de apoio, coordenadas geográficas e contactos dos promotores das atividades turísticas. A sua divulgação poderá ocorrer através das Juntas de Freguesia, postos de turismo, locais de oferta turística e numa plataforma digital dedicada (website ou aplicação). O sucesso do projeto dependerá de um acompanhamento e monitorização periódicos, que permitam aferir se as sinergias estabelecidas estão, de facto, a estimular a dinamização de novas atividades, infraestruturas turísticas e iniciativas de valorização patrimonial. Este processo deverá incluir a avaliação quantitativa e qualitativa da evolução do projeto,

possibilitando a identificação de fragilidades a corrigir e o reforço de boas práticas e estratégias bem-sucedidas.

Este projeto-piloto servirá para testar a aplicação de novos conceitos e metodologias orientadas para a promoção do turismo circular. Paralelamente, tem o potencial de fortalecer a dinâmica interna da aldeia e ampliar a articulação com outras pequenas localidades e sítios de interesse patrimonial — cultural e natural — através da criação de uma rede de cooperação territorial, estimulando a economia local, o turismo rural de base experiencial e a salvaguarda do património.

## Bibliografia

BECULTOUR. (s.d.). - **Abordagens transversais de inovação Be.CULTOUR**. Disponível em: <<https://becultour.eu/about/innovation-areas>>. Consultado a 13/12/2023.

CÂMARA MUNICIPAL DE LOULÉ. (s.d.). **Birdwatching**. [Consultado a 27/03/2024] Disponível em <https://www.cm-loule.pt/pt/menu/688/birdwatching.aspx>

CHOE, Jaeyeon; O'REGAN, Michael – *Faith Manifest: Spiritual and Mindfulness Tourism in Chiang Mai, Thailand*. In: **Religions**, Basel: MDPI, 2020, vol. 11, n.º 4, art. 177. DOI: <https://doi.org/10.3390/rel11040177>

CUNHA, D. N.; JESUS, G. B. S. - Turismo sustentável: Uma breve revisão sistemática. In: **FÓRUM REGIONAL DE ADMINISTRAÇÃO**, 7. Paulo Afonso. *Anais do Fórum Regional de Administração 2020*. UniRios, 2020. p. 138-156 [Consultado a 20/02/2024]. Disponível em: <[https://www.unirios.edu.br/eventos/forumadm/anais/arquivos/2020/turismo\\_sustentavel.pdf](https://www.unirios.edu.br/eventos/forumadm/anais/arquivos/2020/turismo_sustentavel.pdf)>.

ĆWIKŁA, Małgorzata; GARZILLO, Cristina; BOSONE, Martina; GRAVAGNUOLO, Antonia – Stakeholders Engagement Processes for Co-Creation of Strategic Action Plans for Circular and Human-Centred Cultural Tourism in European Heritage Sites. In: NEUTS, Bart; MARTINS, João; IOANNIDES, Marinos (eds.) – **Advances in Cultural Tourism Research**. Cham: Springer, 2024. p. 47-67. DOI: [https://doi.org/10.1007/978-3-031-65537-1\\_4](https://doi.org/10.1007/978-3-031-65537-1_4)

FERRERO, Marina; PINTO, Ilaria – A regenerative tourism approach for the development of marginalised areas: insights from two best practices in Southern Italy. In: **Turistica – Italian Journal of Tourism**, 2023, vol. 32, n.º 1, p. 128–149. ISSN 0394-8163.

GÁLVEZ, Juan Carlos P.; GRANDA, María Jesús; LÓPEZ-GUZMÁN, Tomás; CORONEL, José Ramón – Local gastronomy, culture and tourism in sustainable cities: the behavior of the American tourist. In: **Sustainable Cities and Society**. 2017. Vol. 32, p. 604–612. ISSN 2210-6707. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.scs.2017.04.005>

GIRARD, Luigi Fusco; NOCCA, Francesca – From linear to circular tourism. In: **Aestimum**. Firenze: Firenze University Press, 2017, n.º 70, p. 51–74. DOI: <https://doi.org/10.13128/Aestimum-21081>.

HAQ, Farooq; JACKSON, John – Spiritual journey to Hajj: Australian and Pakistani experience and expectations. In: **Journal of Management, Spirituality and Religion**, 2009, vol. 6, n.º 2, p. 141–156. ISSN 1476-6086. DOI: <https://doi.org/10.1080/14766080902965092>

JEURING, Jelmer Hendrik Gerard; HAARTSEN, Tialda – The challenge of proximity: the (un)attractiveness of near-home tourism destinations. In: **Tourism Geographies**, 2017, vol. 19, n.º 1, p. 118–141. DOI: <https://doi.org/10.1080/14616688.2016.1175024>

JUNTA DE FREGUESIA DE SALIR – **Freguesia de Salir** [em linha]. [S.l.]: Junta de Freguesia de Salir, s.d. [Consult. 17 mar. 2023]. Disponível em: <https://www.salir.pt/pt/freguesia/>

LANE, B. - Turismo rural de segunda geração: Prioridades e questões de pesquisa. In CRISTOVÃO, A., PEREIRO, X., DE SOUZA, M., ELESBÃO, I. **Turismo rural em tempos de novas ruralidades**. Porto Alegre: UFRGS, 2014. p. 15-48

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO – **Guia de desenvolvimento do turismo sustentável**. Porto Alegre: Bookman, 2003. 168 p. ISBN 978-8536301730.

RAYMOND, Christine – Creative tourism New Zealand: the practical challenges of developing creative tourism. In: RICHARDS, Greg; WILSON, Julie (eds.) – **Tourism, creativity and development**. London: Routledge, 2007. p. 145–157. ISBN 978-0-415-43165-2.

RICHARDS, Greg – Creativity and tourism: the state of the art. In: **Annals of Tourism Research**, 2011, vol. 38, n.º 4, p. 1225–1253. ISSN 0160-7383. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.annals.2011.07.008>

RODRÍGUEZ, C.; FLORIDO, C.; JACOB, M. - Circular economy contributions to the tourism sector: A critical literature review. **Sustainability**. 12(11), 2020. p.1–27.

SZNAJDER, Michał; PRZEBÓRSKA, Lucyna; SCRIMGEOUR, Frank – **Agritourism**. Wallingford [etc.]: CAB International, 2009. 301 p. ISBN 978-1-84593-482-8.

TULIK, Olga – **Turismo rural**. São Paulo: Aleph, 2003. 96 p. ISBN 978-85-85887-87-2.

XIONG, Jia; HASHIM, Noor Hazarina; MURPHY, Jamie – Multisensory image as a component of destination image. In: **Tourism Management Perspectives**, 2015, vol. 14, p. 34–41. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.tmp.2015.03.001>

## Publicar Lisboa em três momentos (1935, 1956 e 1972): a construção fotográfica de Lisboa no Estado Novo

**Joana Nunes**

DINÂMIA'CET-Iscte

Iscte- Instituto Universitário de Lisboa

[jfgns@iscte-iul.pt](mailto:jfgns@iscte-iul.pt)

**Paula André**

DINÂMIA'CET-Iscte

Iscte- Instituto Universitário de Lisboa

[paula.andre@iscte-iul.pt](mailto:paula.andre@iscte-iul.pt)

**Resumo:** No âmbito da investigação *Representação Fotográfica de Lisboa: captar, editar e exibir a cidade (1926-1974)*, o presente artigo analisa a utilização da fotografia impressa na construção simbólica da cidade de Lisboa durante o período do Estado Novo (1933-1974), através da comparação crítica de três publicações: *Portugal 1934* (1935), produzido sob a direção de J. Leitão de Barros, *Lisboa e seus arredores* (1956) e *Lisbon and its Surroundings* (1972), com autoria de Frederic P. Marjay. O objetivo é compreender como a imagem fotográfica participou na definição de regimes de visibilidade urbana, articulando discursos de poder, identidade e património. A investigação é desenvolvida a partir da análise visual sistemática das obras selecionadas, complementada pelo mapeamento dos lugares representados e pela leitura crítica dos contextos editoriais e ideológicos em que se inserem. A presente investigação parte do pressuposto de que a fotografia, enquanto prática discursiva e tecnologia de visibilidade, não apenas documenta a cidade, mas também a constrói cultural e politicamente, mobilizando estratégias de seleção, edição e montagem. O contraste entre as publicações evidencia uma transformação no uso político da fotografia pública, a qual passa de um instrumento de propaganda interna a um dispositivo de valorização patrimonial para consumo externo. Esta mutação acompanha as alterações nas estratégias discursivas do Estado Novo, bem como a sua tentativa de reposicionamento internacional nos anos finais do regime. Conclui-se que a fotografia pública exerceu um papel central na construção do imaginário urbano de Lisboa, modelando formas de ver, representar e legitimar a cidade em diferentes momentos históricos. A análise crítica destas representações visuais possibilita uma reflexão sobre os modos como a cultura impressa participou na formação da memória urbana e dos discursos sobre a cidade no século XX português.

**Palavras-chave:** Narrativas visuais, fotografia pública, Portugal 1934, Lisboa e seus arredores, Lisbon and its surroundings.

## Introdução

A fotografia, enquanto linguagem visual e instrumento discursivo, desempenhou um papel central na construção simbólica da cidade de Lisboa ao longo do século XX. No contexto do Estado Novo (1933 –1974), um regime autoritário marcado por uma estratégia sistemática de reformulação cultural e urbana, a imagem fotográfica foi mobilizada como meio de legitimação ideológica e de encenação de um projeto de modernidade. A cultura visual desenvolvida neste período articulou práticas de propaganda, nacionalismo e idealização patrimonial, colocando a fotografia no centro das estratégias de representação do espaço urbano.

A fotografia, presente em diversos tipos de publicações, constituiu uma das principais formas de divulgação dessa imagem construída, atravessando diferentes momentos históricos e políticos. Estas publicações acompanharam a transformação do regime, a modernização das infraestruturas e a crescente abertura do país ao exterior, funcionando como dispositivos visuais capazes de moldar a percepção e a memória coletiva da cidade. O presente artigo propõe uma leitura crítica da construção fotográfica de Lisboa através da análise comparativa de três publicações editadas durante o Estado Novo: *Portugal 1934*<sup>1</sup> (1935), produzido sob a direção de J. Leitão de Barros no âmbito do Secretariado da Propaganda Nacional (SPN); *Lisboa e seus arredores*<sup>2</sup> (1956); e *Lisbon and its Surroundings*<sup>3</sup> (1972), ambos com autoria de Frederic P. Marjay. A seleção destas obras permite observar não apenas permanências e transformações nas estratégias visuais e editoriais, mas também a evolução dos regimes de visibilidade urbana, entre a monumentalização política do início do regime, a modernização do pós-guerra e a patrimonialização da cidade para consumo externo nas vésperas do seu colapso.

A investigação adota uma metodologia comparativa, que combina análise visual sistemática, mapeamento dos locais representados e leitura crítica dos enquadramentos editoriais e ideológicos. A fotografia é aqui entendida como tecnologia e meio de edição do visível – um mecanismo de seleção e organização do espaço urbano que projeta múltiplas visões sobre a cidade.

## Enquadramento

A fotografia não se apresenta como uma reprodução neutra do real, mas sim como uma prática discursiva socialmente condicionada. Conforme argumentado por Tagg<sup>4</sup> e Sekula<sup>5</sup>, constitui um ato de poder, na medida em que define o que é visível, valorizado e como é enquadrado.

No contexto urbano, a fotografia desempenha um papel ativo na construção dos imaginários coletivos. Bonzon<sup>6</sup> e Stierli<sup>7</sup> evidenciam que a cidade fotografada é um produto cultural, onde enquadramentos, escolhas de lugares e técnicas de edição moldam

---

<sup>1</sup> SECRETARIADO DA PROPAGANDA NACIONAL – Portugal 1934. Lisboa: SPN, 1935.

<sup>2</sup> MARJAY, F. P. – Lisboa e seus arredores. Lisboa: Livraria Bertrand, 1956.

<sup>3</sup> MARJAY, F. P. – Lisbon and its surroundings. Lisboa: Livraria Bertrand, 1972.

<sup>4</sup> TAGG, John – The Currency of the Photograph. In: BURGIN, Victor (ed.) – Thinking Photography. Londres: Macmillan, 1982, pp. 110–141.

<sup>5</sup> SEKULA, Allan – On the Invention of Photographic Meaning. In: BURGIN, Victor (ed.) – Thinking Photography. Londres: Macmillan, 1982, pp. 84–109.

<sup>6</sup> BONZON, Thierry – L'historien, la ville, la photographie. Histoire Urbaine, vol. 2, n. ° 46, 2016, pp. 5–8.

<sup>7</sup> STIERLI, Martino – Montage and the Metropolis: Architecture, Modernity and the Representation of Space. New Haven / Londres: Yale University Press, 2018.



visões da urbanidade. A cidade emerge, deste modo, como um espaço ordenado e monumental, em conformidade com os interesses históricos e políticos.

O conceito de fotografia pública, tal como proposto por Fernández<sup>8</sup>, permite situar estas imagens no domínio das práticas culturais e mediáticas, onde se intersectam discursos institucionais, estratégias editoriais e modos de receção coletiva.

Em Portugal, o SPN exerceu uma função crucial na instrumentalização da imagem fotográfica impressa para consolidar a narrativa do regime.<sup>9 10</sup>

A montagem e edição de imagens, conforme salientado por Buchloh<sup>11</sup>, revelam-se fundamentais para compreender os processos de construção visual da cidade. A cidade retratada na fotografia constitui uma construção discursiva, visual e cultural, refletindo intenções de natureza estética, política e social.

### Publicar Lisboa em três momentos

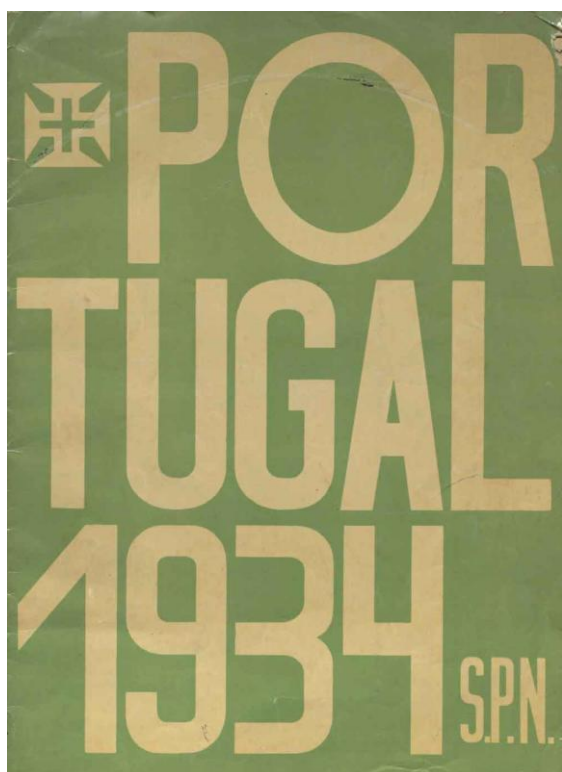


Figura 1 – *Portugal 1934* (capa)

*Portugal 1934* (1935) é um álbum fotográfico de carácter institucional, e uma das primeiras iniciativas do Secretariado da Propaganda Nacional, concebido para celebrar a

---

<sup>8</sup> FERNÁNDEZ, Horacio – *Fotografía Pública: Photography in Print 1919–1939*. Madrid: Aldeasa / Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía, 1999.

<sup>9</sup> GORI, Annarita – O Estado Novo em exposição. Em busca de uma estética representativa. In: ALVES, Margarida Brito; SERRA, Filomena (eds.) – *Estéticas e regimes de visualidade. Arte e imagem em Portugal no século XX*. Fafe: Edições Húmus, 2021, pp. 201–216.

<sup>10</sup> SERRA, Filomena; ANDRÉ, Paula; RODRIGUES, Sofia Leal – *Projectos Editoriais e Propaganda: Imagens e Contra-Imagens no Estado Novo*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 2020.

<sup>11</sup> BUCHLOH, Benjamin H. D. – From Faktura to Factography. *October*, vol. 30, 1984, pp. 82–119.

obra do regime. Sob a direção de Leitão de Barros e Martins Barata, o álbum inclui fotografias de Alvão, Mário Novais, Joshua Benoliel, entre outros, combinando fotografia, grafismo e texto numa sofisticada estratégia visual. Recorrendo a técnicas contemporâneas de impressão e a princípios da montagem cinematográfica<sup>12</sup>, organiza as imagens em sequências e justaposições que constroem uma narrativa de progresso e autoridade simbólica.



Figura 2 – Representação da cidade de Lisboa em *Portugal 1934*

A representação monumental e dinâmica de Lisboa e de outras obras do Estado Novo – estradas, escolas, indústria, agricultura e o império colonial – é privilegiada no álbum, que apresenta uma visão glorificada do país. Centra-se em espaços monumentais, vazios de presença humana, onde se exaltam as obras do Estado e os emblemas do poder. O discurso visual articula-se em torno de uma cidade-síntese do regime: ordenada, limpa, hierárquica e modernizada. A seleção geográfica é limitada a zonas centrais e simbólicas, como a Baixa, Belém ou as grandes avenidas, revelando uma visão centralizada e monumental da capital.



Figura 3 – *Spread* de *Portugal 1934* (“O Novo Edifício do Instituto Superior Técnico”)

<sup>12</sup> REVEZ, Natasha; RODRIGUES, Sofia Leal – In: SERRA, Filomena (ed.) – *Fotografia Impressa e Propaganda em Portugal no Estado Novo*. Lisboa: Muga, 2022, pp. 64-66.

A publicação, com capas em verde, azul e laranja e edições em português e francês, adapta ainda princípios da "nova tipografia" da Bauhaus<sup>13</sup>, reforçando a clareza comunicacional da imagem e a hierarquia visual. A fotografia ocupa uma posição central nesta obra, sobrepondo-se ao texto, evocando a linguagem cinematográfica.

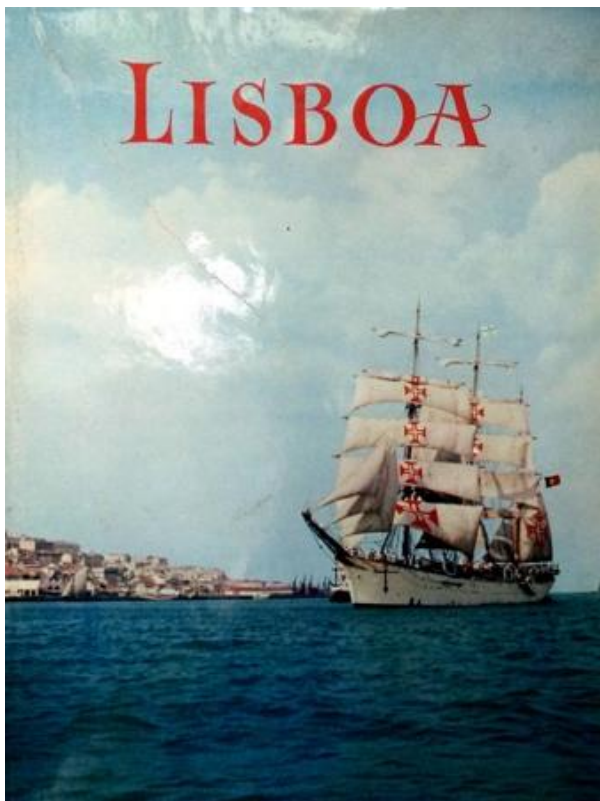


Figura 4 – *Lisboa e seus arredores* (capa)

*Lisboa e seus arredores* (1956) é uma publicação com edição, texto e realização artística de Frederic P. Marjay, patrocinada pelo grupo Amigos de Lisboa, que assinala um momento de inflexão na representação fotográfica da cidade. Publicado em português, com uma versão análoga em inglês, o volume está estruturado em dez capítulos que percorrem desde "Lisboa Porto dos Sete Mares" até aos "Arredores" e "Vila Franca de Xira", passando por temas como "Igreja e Mosteiro dos Jerónimos", "A Ribeira e Alfama", "Santo António de Lisboa" e "Lisboa Nova".

Lançado duas décadas após *Portugal 1934*, revela uma mudança significativa nas estratégias visuais e discursivas associadas à imagem de Lisboa, adotando um tom mais descritivo, informativo e próximo do registo turístico-cultural. O livro conjuga a divulgação do património monumental com uma atenção renovada aos espaços da vida quotidiana e à expansão suburbana da capital.

Ao contrário do carácter institucional e celebratório da publicação de 1935, *Lisboa e seus arredores* propõe uma representação mais abrangente e plural da cidade. Para além da enumeração histórica dos monumentos mais relevantes – como a Sé, o Mosteiro dos Jerónimos ou o Castelo de São Jorge –, o volume inclui um conjunto expressivo de

---

<sup>13</sup> REVEZ, Natasha; RODRIGUES, Sofia Leal – In: SERRA, Filomena (ed.) – *Fotografia Impressa e Propaganda em Portugal no Estado Novo*. Lisboa: Muga, 2022, pp. 64-66.



imagens onde Lisboa surge tanto na sua vertente urbana como rural, cruzando a monumentalidade com a experiência quotidiana e o ambiente natural.



Figura 5 – Representação da cidade de Lisboa em *Lisboa e seus arredores*

As fotografias, reunindo um extenso elenco de fotógrafos que inclui Fernando Vicente, L. Wagner, Amadeu Ferrari, Comandante Carlos Gomes de Amorim Loureiro, Domingos Bertrand, Artur Pastor, Mário Novais, Horácio Novais, Dr. August Raichle, João Martins, Jorge Coutinho, as Secções fotográficas das Forças Aéreas, António Santos d'Almeida, Mário Catarino Cardoso, Octávio Bobone, Carlos Tomé, Lucílio Figueiredo, Dr. Joaquim da Silva Pinheiro e Janine Matos Sequeira, ilustram obras e zonas de expansão moderna. A presença humana é pouco recorrente, porém retratada em situações espontâneas e quotidianas, sugerindo uma aproximação mais naturalista ao espaço urbano. O enquadramento fotográfico é menos monumental, abrindo a imagem a uma leitura quase sensorial da cidade.



Figura 6 – Página de *Lisboa e seus arredores* (vista, fotografia de Janine Matos Sequeira)

Nenhuma das imagens é legendada, sendo possível aceder à informação relativa às mesmas apenas no índice de figuras. A autoria das fotografias é mencionada numa listagem inicial dos fotógrafos, entre os quais se destaca Janine Matos Sequeira, autora de duas fotografias. A presença desta fotografia feminina constitui uma particularidade relevante, apontando para uma abertura progressiva, ainda que limitada, na participação feminina em publicações institucionais e culturais deste período.

No texto, exalta-se a história da cidade, bem como a "Lisboa nova", uma exaltação ao trabalho do Ministério das Obras Públicas e à figura de Duarte Pacheco. Lisboa é projectada como uma cidade patrimonial, turística, mas também moderna e habitada.

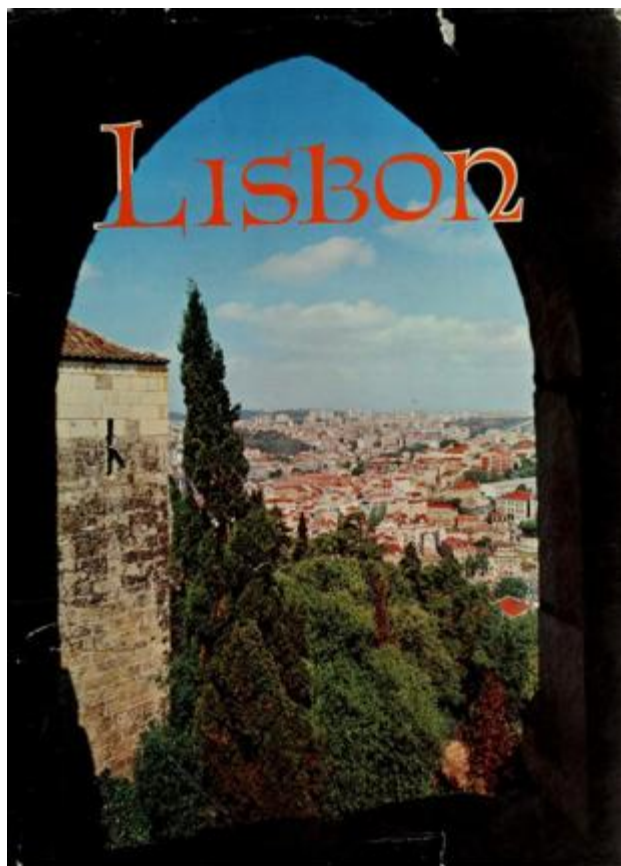


Figura 7 – *Lisbon and its surroundings* (capa)

*Lisbon and its Surroundings* (1972), com texto e realização artística de F. P. Marjay, consiste numa publicação bilingue em inglês e francês, com o propósito de promover o turismo e o património de Lisboa. O volume, patrocinado pela Câmara Municipal de Lisboa, é profusamente ilustrado com fotografias a cores e a preto e branco, integra 32 páginas, contendo um breve resumo da história da cidade.

As imagens fotográficas reúnem trabalhos de um vasto conjunto de fotógrafos e instituições: Horácio Novais, António Matos, F.P. Marjay, Companhia Nacional de Navegação, Administração do Porto de Lisboa, Jorge Alves, FIL, Museu Naval, Estúdio Mário Novais, TAP, João Ribeiro, Secretaria de Estado da Informação e Turismo (SEIT), Lúcio de Figueiredo, Joaquim Lobo, Reinaldo Viegas, Rui Esteves, José Antunes, Platão Mendes, Vitor Figueiredo, Eduardo Gageiro, Américo Santos, Lisnave, G. Leitão, Ernesto Zsoldos, Nuno Ferrari, Alberto Santos, Jorge Coutinho e Fernando Baião. Esta diversidade de contributos fotográficos revela uma abordagem predominantemente



documental, privilegiando vistas urbanas de enquadramentos amplos, uma Lisboa habitada e em continuidade histórica.



Figura 8 – Representação da cidade de Lisboa Lisbon and its surroundings

A obra em questão constrói um discurso de cariz turístico através da imagem, em conformidade com outras publicações do autor<sup>14</sup>.

<sup>14</sup> RESENDE, Nuno – Oporto ... (1955). REVISTA 2i, vol. 3, n.º 4, 2021, pp. 133-144.



Enquanto objeto de divulgação, é notável pela elevada qualidade técnica das fotografias utilizadas e pelo seu contributo para a projeção internacional de Lisboa. Simultaneamente, constitui uma fonte relevante para o estudo das estratégias de representação urbana no final do Estado Novo, regime com o qual o autor mantinha afinidade ideológica<sup>15</sup>.



Figura 9 – *Spread* de Lisbon and its surroundings (“The flyover at Avenida dos Estados Unidos da América”, fotografia cedida pelo SEIT; “The Underground”, fotografias de F. P. Marjay e Joaquim Lobo)

São fotografadas grandes obras, como por exemplo o conjunto habitacional no cruzamento das Avenidas de Roma e dos Estados Unidos da América, o metro de Lisboa, ou a Fundação Calouste Gulbenkian, mantendo a imagem da cidade antiga, mas sem deixar de lado a representação de modernidade.

### Análise comparativa

Recorrendo à proposta de “visual methodologies”<sup>16</sup>, procede-se a uma análise comparativa das três publicações com base em quatro dimensões: estrutura gráfica, composição fotográfica, manipulação visual e distribuição espacial.

### Estrutura gráfica e organização da página

Em ambas as publicações, predominam imagens de página inteira ou em spread, que conferem à cidade um lugar central na narrativa visual. A cidade é apresentada como um património comum e um ponto de referência para a modernidade.

Em *Portugal 1934*, a composição obedece a uma lógica de modernismo gráfico, com imagens que se organizam em montagens dinâmicas. O texto é estrategicamente reduzido

<sup>15</sup> RESENDE, Nuno – Oporto ... (1955). REVISTA 2i, vol. 3, n.º 4, 2021, pp. 133-144.

<sup>16</sup> ROSE, Gillian – Visual Methodologies: An Introduction to the Interpretation of Visual Materials. Londres: Sage, 2001.

e subordinado à imagem, funcionando como elemento de apoio à narrativa visual. A hierarquia visual é clara e assertiva, com o uso de vazios estratégicos que amplificam a monumentalidade das figuras representadas. A diversidade cromática das capas (verde, azul e laranja) e as edições em português e francês demonstram uma preocupação com a projeção internacional da obra.

Já em *Lisboa e seus arredores*, a composição é mais sóbria e regular, bem como em *Lisbon and its Surroundings*, onde prevalece uma composição gráfica regular, com imagens bem enquadradas e presença de texto sucinta. A disposição da publicação de 1956 revela uma intenção de clareza comunicacional e valorização da fotografia enquanto elemento central visual. A ausência de legendas nas imagens e a remissão para um índice de figuras sugere uma intenção de contemplação estética sobre a informação imediata. Já em *Lisbon and its Surroundings* privilegia-se a clareza comunicacional e a eficácia turística, com uma disposição que facilita a leitura e a consulta.

### Composição fotográfica

A composição em *Portugal 1934* privilegia vistas panorâmicas e monumentais, com ausência de figura humana, ou com figuras em função de escala. As imagens são encenadas para reforçar a ordem e o progresso do regime. A perspectiva é invariavelmente majestosa, recorrendo a ângulos que amplificam o impacto visual das obras públicas e da modernização urbana.

Em *Lisboa e seus arredores*, o leque de enquadramentos é mais variado. A figura humana é ocasional, mas quando presente, surge em situações já espontâneas. O enquadramento fotográfico é menos monumental do que no álbum do regime e mais contemplativo, abrindo a imagem a uma leitura sensorial da cidade que combina a grandeza histórica com a intimidade do habitar.

*Lisbon and its Surroundings* apresenta-se como uma evolução do que seria esperado em relação às abordagens anteriores: combina vistas monumentais com imagens de habitação moderna, espaços culturais e figuras humanas em contextos urbanos. Há presença de zonas suburbanas, momentos quotidianos e uma Lisboa fortemente habitada. A cidade é mostrada como viva, histórica e moderna, em simultâneo, sugerindo uma aproximação menos encenada da vivência urbana.

### Manipulação visual

A publicação de 1935 recorre extensivamente à manipulação visual, com recortes e montagens para construção de sequências e narrativas ideologicamente orientadas.

Em contraste, tanto em *Lisboa e seus arredores*, como em *Lisbon and its Surroundings*, apesar da manutenção da predominância de imagens em página inteira e spreads, semelhante ao álbum *Portugal 1934*, a abordagem editorial apresenta diferenças substanciais. Parece haver uma redução evidente dos procedimentos de manipulação, uma vez que a maioria das imagens não evidencia sinais de recorte ou intervenções de montagem. A manipulação das imagens aparenta ser mínima e funcional, a fotografia é apresentada de forma direta e documental, privilegiando a legibilidade dos espaços urbanos.

### Mapeamento e distribuição espacial

O mapeamento dos locais representados nas publicações evidencia diferenças na cobertura territorial e nos focos de interesse. A cartografia dos locais representados revela estratégias distintas. Enquanto *Portugal 1934* se concentra em zonas centrais, grandes avenidas e áreas de grande intervenção estatal, como Belém e a Baixa. A cobertura geográfica de *Lisboa e seus arredores* revela uma expansão significativa do território representado. Para além das zonas centrais, inclui bairros como Alvalade e Benfica, zonas ribeirinhas e suburbanas, evidenciando uma intenção de mostrar a cidade habitada e em transformação. A distribuição espacial reflete uma visão mais abrangente e plural de Lisboa, incorporando tanto a monumentalidade histórica quanto a expansão urbana contemporânea. *Lisbon and its Surroundings* apresenta a distribuição espacial mais extensa e diversificada das três obras analisadas. A representação inclui monumentos históricos, zonas modernas, paisagens periféricas e infraestruturas contemporâneas, revelando uma lógica de exaustividade cultural e diversidade urbana. Concebe-se Lisboa como uma cidade complexa e multifacetada, adequada à promoção turística internacional.

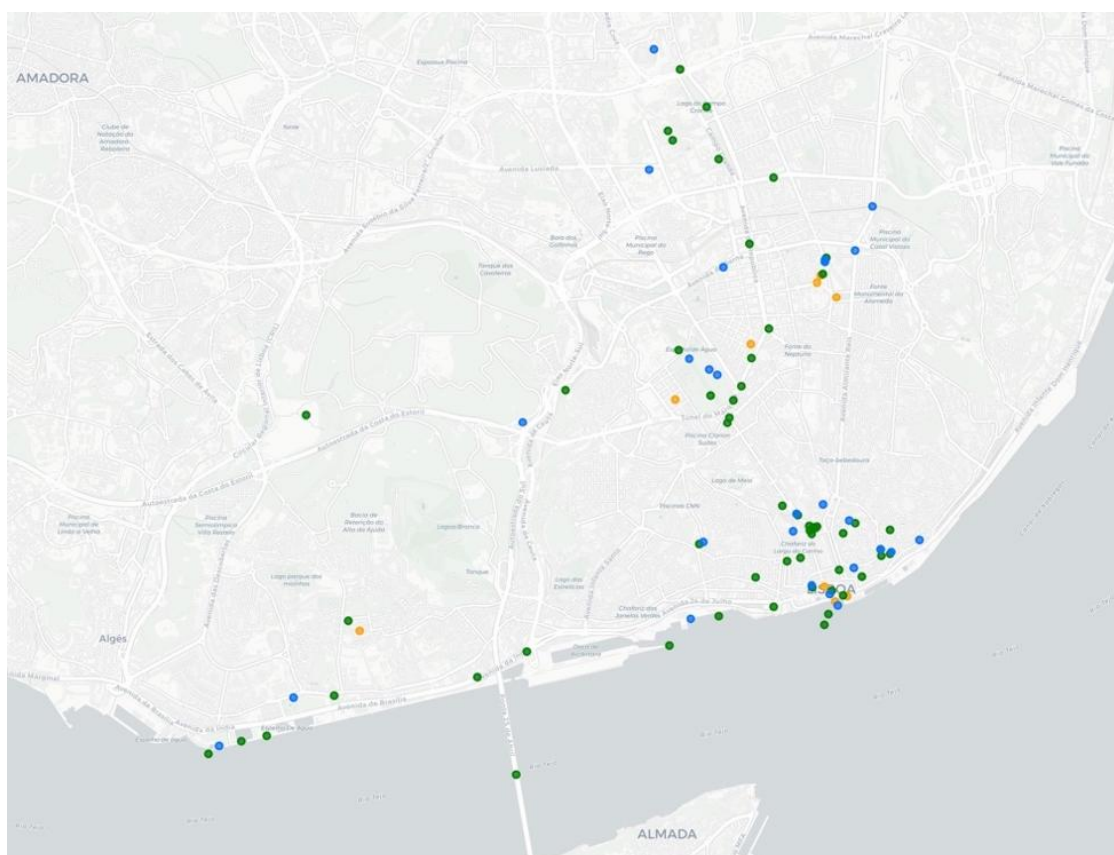


Figura 10 – Mapa de Lisboa com identificação dos locais representados em fotografia em *Portugal 1934* (amarelo), *Lisboa e seus arredores* (azul) em *Lisbon and its surroundings* (verde). Elaborado pela autora.

### Considerações finais

Esta investigação destaca que a fotografia pública, enquanto prática discursiva e instrumento de poder simbólico, teve um papel ativo na definição dos modos de ver e de imaginar a cidade. A comparação entre estas três publicações revela como a fotografia impressa não apenas documenta, mas constrói visualmente a cidade. Cada obra traduz um momento particular na narrativa urbana de Lisboa dentro do Estado Novo, marcando a passagem de uma cidade monumentalizada para uma cidade habitada e, por fim, uma cidade disponível para o olhar exterior.

Do ponto de vista visual, a evolução vai da montagem propagandística à documentação descritiva e à estetização turística. O uso da figura humana, o tipo de enquadramento e a relação com o espaço urbano revelam mudanças nos regimes de visibilidade: da exaltação do Estado, passa-se à celebração do habitar e à promoção da cidade como produto cultural. A fotografia, nestes três casos, funciona como meio de transmissão de valores políticos, sociais e económicos, refletindo as transformações do regime e da sociedade.

Há um percurso que se faz com estas três publicações – *Portugal 1934* caracteriza-se pela sofisticação técnica e pela instrumentalização propagandística da imagem, recorrendo a estratégias de manipulação visual e seleção espacial que constroem uma visão idealizada e monumental da cidade. *Lisboa e seus arredores* marca uma transição para uma abordagem mais descritiva e documental, ampliando a cobertura geográfica e reduzindo a dramatização visual. *Lisbon and its Surroundings* representa uma síntese madura que combina qualidade técnica, diversidade representativa e eficácia comunicacional, adequada às necessidades de promoção turística internacional.

A fotografia manteve-se central como prática discursiva e instrumento simbólico, variando na sua abordagem visual e editorial consoante as necessidades políticas e sociais do momento. Compreender estas dinâmicas permite reconhecer como os imaginários urbanos são historicamente construídos e ideologicamente moldados, influenciando persistentemente as perceções contemporâneas da cidade.

## Bibliografia

BONZON, Thierry – **L’historien, la ville, la photographie**. *Histoire Urbaine*, vol. 2, n.º 46, 2016, pp. 5-8.

BUCHLOH, Benjamin – From Faktura to Factography. *October*, vol. 30, 1984, pp. 82–119.

FERNÁNDEZ, Horacio – **Fotografía Pública: Photography in Print 1919–1939**. Madrid: Aldeasa / Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía, 1999.

GORI, Annarita – O Estado Novo em exposição. Em busca de uma estética representativa. In: ALVES, Margarida Brito; SERRA, Filomena (eds.) – **Estéticas e regimes de visualidade. Arte e imagem em Portugal no século XX**. Fafe: Edições Húmus, 2021, pp. 201–216.

MARJAY, F. P. – **Lisboa e seus arredores**. Lisboa: Livraria Bertrand, 1956.

MARJAY, F. P. – **Lisbon and its surroundings**. Lisboa: Livraria Bertrand, 1972.

REVEZ, Natasha; RODRIGUES, Sofia Leal – In: SERRA, Filomena (ed.) – **Fotografia Imprensa e Propaganda em Portugal no Estado Novo**. Lisboa: Muga, 2022, pp. 64-66.

RESENDE, Nuno – Oporto ... (1955). *REVISTA 2i*, vol. 3, n.º 4, 2021, pp. 133-144.

ROSE, Gillian – **Visual Methodologies: An Introduction to the Interpretation of Visual Materials**. Londres: Sage, 2001.



SECRETARIADO DA PROPAGANDA NACIONAL – **Portugal 1934**. Lisboa: SPN, 1935.

SEKULA, Allan – On the Invention of Photographic Meaning. In: BURGIN, Victor (ed.) – **Thinking Photography**. Londres: Macmillan, 1982, pp. 84–109.

SERRA, Filomena; ANDRÉ, Paula; RODRIGUES, Sofia Leal – **Projectos Editoriais e Propaganda: Imagens e Contra-Imagens no Estado Novo**. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 2020.

SERRA, Filomena (ed.) – **Fotografia Impressa e Propaganda em Portugal no Estado Novo**. Lisboa: Muga, 2022.

STIERLI, Martino – **Montage and the Metropolis: Architecture, Modernity and the Representation of Space**. New Haven / Londres: Yale University Press, 2018.

TAGG, John – The Currency of the Photograph. In: BURGIN, Victor (ed.) – **Thinking Photography**. Londres: Macmillan, 1982, pp. 110–141.

## **Condición brasileña y superficie: relaciones entre vestuario y arquitectura en trabajos de Lina Bo Bardi**

**María Cecilia Vera Vivanco**

Facultad de Arquitectura, Diseño y Estudios Urbanos  
de la Pontificia Universidad Católica de Chile  
[mver@uc.cl](mailto:mver@uc.cl)

**Horacio Torrent**

Facultad de Arquitectura, Diseño y Estudios Urbanos  
de la Pontificia Universidad Católica de Chile  
[htorrent@uc.cl](mailto:htorrent@uc.cl)

**Resumen:** Este artículo se propone abordar la posible relación entre el diseño de vestuario y la arquitectura. Inicialmente se revisan algunas consideraciones teóricas en las que se establecen una serie de semejanzas y formas en común de concebir la idea de proyecto en ambas prácticas o disciplinas, continuando con la mención y breve explicación de algunas experiencias de diseño de vestuario llevadas a cabo por artistas y diseñadores cuyo objetivo no estaba en la moda, sino que en consideraciones de tipo ideológica. El cuerpo del artículo presenta los avances de una investigación que se propone establecer las relaciones entre vestuario y arquitectura. Esto se realiza a partir de tres modelos de la colección “Moda Brasileira”, realizada en el Instituto de Arte Contemporânea IAC del Museo de Arte de São Paulo MASP por Lina Bo Bardi en conjunto con artistas, diseñadores, gestores culturales y artesanos. A partir de la descripción densa de dichos modelos se busca establecer relaciones con algunas obras de la arquitecta. Se concluye estableciendo tres hipótesis de avance de la investigación.

**Palabras claves:** Moda – Vestuario – MASP – Lina Bo Bardi – Condición brasileña

## 1. Relación entre vestuario y arquitectura

A comienzos de la segunda mitad del siglo XIX Gottfried Semper (1803-79) realizó una serie de indagaciones en torno al origen de los elementos de la arquitectura y de la obra arte en su consideración de *“la arquitectura como el domicilio de las artes”*<sup>1</sup>. En éstas afirmó que es en el tejido donde se encuentra el origen de la pared en su condición de cerramiento, protectora y demarcadora del espacio, así como en la costura aparece el recurso que permite la unión de diferentes superficies, dando origen a la posibilidad de empalmar piezas, primero generando vestidos, para después generar cubiertas y envolventes tridimensionales.<sup>2</sup> En estas afirmaciones subyace que la condición de proyecto es inherente al diseño de vestuario, al igual que en la arquitectura. Por otra parte, Marshall McLuhan (1911-80) estableció que: *“si la ropa es una extensión de la propia piel que almacena y canaliza el calor y la energía, la vivienda es un medio colectivo de lograr el mismo fin para la familia o el grupo.”*<sup>3</sup> Así, dio a entender que tanto vestimenta como arquitectura tienen el mismo objetivo: abrigar al ser humano. Aunque difieren ya que mientras la primera es un abrigo individual, la segunda es un abrigo colectivo. Por lo tanto, a partir de lo anteriormente expuesto, es que se puede afirmar que vestuario y arquitectura presentan ciertos puntos de cruce, relacionándose tanto a partir de un objetivo primordial y común entre ellas, así como en la forma de proyectarse, por lo que el diseño de vestuario puede ser considerado como una labor que podría ser abarcada por los arquitectos.

Entre la segunda mitad del siglo XIX y la primera del siguiente fueron realizados una serie de trabajos en el campo del diseño de vestuario que se caracterizaron por expresar una postura de crítica y rechazo al vestuario diseñado de acuerdo con los dictados de la moda, entendida esta como el *“uso, modo o costumbre que está en boga durante algún tiempo, o en un determinado país”*, o más específicamente, como *“gusto colectivo y cambiante en lo relativo a prendas de vestir y complementos”*<sup>4</sup>. Se trató de propuestas creativas, tanto escritas como proyectuales, ideadas desde un frente distinto al de la búsqueda constante de la novedad que caracteriza a la moda en lo referente a las prendas de vestir, campo al cual Gilles Lipovetsky (1944) se refirió como *“el reino de lo efímero sistemático, de las fluctuaciones sin futuro”*<sup>5</sup>. Los fundamentos en que se apoyaron estas contrapropuestas a la moda fueron variados, exponiendo desde principios higienistas, morales y estéticos hasta de propaganda política.

Un ejemplo de lo anterior es la tenida propuesta para el uso femenino por la feminista estadounidense Amelia Bloomer (1818-94) en la década de 1850, formada por una blusa o vestido corto y suelto que llegaba sobre la rodilla junto a un par de pantalones holgados que se ajustaban en la pantorrilla, los que se popularizaron como *“bloomers”*.<sup>6</sup> Este atuendo fue

---

<sup>1</sup> SEMPER, Gottfried; ARMESTO AIRA, Antonio (Ed.) – **Escritos Fundamentales de Gottfried Semper. El Fuego y su Protección**. Barcelona: Fundación Arquia, 2014, p. 261.

<sup>2</sup> Ibídem, p. 259-309.

<sup>3</sup> MCLUHAN, Marshall – **Comprender los medios de comunicación. Las extensiones del ser humano**. Barcelona: Paidós, 1996, p. 139.

<sup>4</sup> Definiciones de la palabra moda [en línea]. Real Academia Española de la Lengua RAE. [Fecha de consulta: mayo de 2019]. Disponible en: <<https://dle.rae.es/?id=PTFxq8T>>.

<sup>5</sup> LIPOVETSKY, Gilles – **El Imperio de lo Efímero. La moda y su destino en las sociedades modernas**. Barcelona: Anagrama, 1990, p. 29.

<sup>6</sup> BARD, Christine – **Historia Política del Pantalón**. Buenos Aires: Tusquets Editores, 2012, p. 98-101.

usado por ella misma buscando promover un vestuario que liberara al cuerpo femenino de la aparatosa moda del momento, caracterizada por enormes y pesadas faldas hasta los pies, abultadas a través de numerosas capas de tela y del miriñaque o crinolina, mientras que cintura y torso eran comprimidos a través del corsé, limitando de manera drástica el movimiento natural del cuerpo.<sup>7</sup>

Otro caso fueron las propuestas realizadas por los futuristas italianos, quienes concebían el vestuario en su condición expresiva como otro medio más para superar la tradición, aprovechando además la naturaleza efímera de la moda.<sup>8</sup> Su principal ideólogo fue el artista plástico Giacomo Balla (1871-1958) quien, en “El traje antineutral: Manifiesto Futurista” de 1914, apuntaba hacia la eliminación de ornamentos y telas lujosas tradicionales, abogando por un vestuario cómodo e higiénico, que permitiera el libre movimiento del cuerpo humano.<sup>9</sup> En la búsqueda de la novedad, el movimiento, la agresividad y la provocación fueron vetados colores neutros como el negro y el marrón por ser considerados burgueses, conservadores y pesados, promoviendo el uso de colores primarios brillantes e incluso fluorescentes en telas, con estampados de formas geométricas y dinámicas, y de cortes asimétricos.<sup>10</sup> Además, para ellos los ciclos de la moda que promovían la condición efímera del vestuario, no solo se traducían en la búsqueda constante de la novedad, sino también contribuían al desarrollo de la economía nacional.<sup>11</sup>

Otro caso es el de las propuestas realizadas por la artista plástica rusa perteneciente al grupo constructivista Varvara Stepanova (1894-1958) en la recién creada URSS, donde la ropa debía cumplir un papel de condensador social, al igual que un club obrero.<sup>12</sup> Ante la necesidad de tener que superar el arte tradicional y la moda, por estar ambos asociados a la burguesía y al régimen zarista recientemente derrocado, es que el arte ya no debía dirigir sus esfuerzos hacia la creación de objetos artísticos, sino que hacia la producción de objetos de uso cotidiano que considerara en su diseño la carga ideológica, como manera de contribuir en la construcción de una nueva sociedad.<sup>13</sup> Con el objetivo de crear vestuario contribuyera con la abolición de la moda y con la formación de nuevos hombres y mujeres, es que Stepanova diseñó tres tipos de vestuario en los que el factor utilitario era primordial: *prozodezhda*, *spetsodezhda* y *sportodezhda*.<sup>14</sup> El primero estaba dirigido a los trabajadores, y debía cumplir con los requerimientos de la función o profesión del usuario.<sup>15</sup> En cuanto al segundo, se trataba de ropa especializada para profesionales con una función de producción muy específica: cirujanos, pilotos, bomberos, trabajadores de una fábrica de químicos o exploradores del ártico.<sup>16</sup> El último, *sportodezhda*, era vestuario para el deporte, actividad

---

<sup>7</sup> *Ibidem*.

<sup>8</sup> BRAUN, Emily – Futurist Fashion. Three Manifestoes. **Art Journal**. Nueva York: College Art Association. Vol. 54, n°1, Clothing as subject (1995), p. 39.

<sup>9</sup> *Ibidem*.

<sup>10</sup> *Ibidem*.

<sup>11</sup> *Ibidem*, p. 35.

<sup>12</sup> Stern, Radu – **Against Fashion. Clothing as Art, 1850-1930**. Massachusetts: The MIT Press, 2004, p. 53.

<sup>13</sup> *Ibidem*, p. 45-46.

<sup>14</sup> *Ibidem*, p. 51.

<sup>15</sup> *Ibidem*, p. 51-52.

<sup>16</sup> *Ibidem*, p. 53.

que era estimada como un deber de estado dado su impacto social como estímulo del patriotismo, por lo que el diseño de ropa deportiva debía cumplir con una demanda ideológica. La ropa deportiva debía ser fácil de usar y vestir, de cortes simples y sin botones para permitir el libre movimiento del cuerpo. El color y estampados eran primordiales, ya que permitían distinguir equipos y atletas.<sup>17</sup>

## 2. La colección “Moda Brasileira”

La colección de vestuario “Moda Brasileira”, fue proyectada y realizada en 1952 en São Paulo por un grupo de artistas, diseñadores, arquitectos, artesanos y gestores culturales de diferentes nacionalidades, entre los que destacan la arquitecta italiana naturalizada brasileña Lina Bo Bardi (1914-92), el historiador, crítico y comerciante de arte italiano Pietro Maria Bardi (1900-99), el artista plástico y paisajista brasileño Roberto Burle Marx (1909-94), el artista plástico y escritor argentino naturalizado brasileño Carybé (1911-97), los diseñadores italianos Roberto Sambonet (1924-95), Luiza Sambonet (s/d) y la diseñadora textil alemana Klara Hartoch (s/d).<sup>18</sup>

La colección fue parte de los trabajos realizados en el Instituto de Arte Contemporâneo IAC, que comenzó a funcionar en 1950 bajo el alero del Museo de Arte de São Paulo MASP. El principal objetivo de la colección fue crear piezas de vestuario femenino cuyo diseño considerara las características culturales propias de Brasil.<sup>19</sup> Esto se entendía como la sumatoria de características particulares y únicas determinadas por la geografía, la economía, la historia, las artes plásticas –en este ámbito el grupo consideraba también la artesanía– y la interpretación interesada de lo que comprendían como la estética de dicho país, buscando plasmar esas premisas en el diseño y ejecución de las prendas, de manera de crear un vestuario propiamente brasileño que cumpliera con los requerimientos del momento a nivel internacional, cuyas tendencias en moda eran principalmente europeas.<sup>20</sup>

En la década de 1940, el vestuario femenino en Brasil seguía la trayectoria convencional del sistema de la moda, es decir, se diseñaba el vestuario de acuerdo con las tendencias de la moda dictadas principalmente en París.<sup>21</sup> La escasez de telas para la confección de vestuario como consecuencia directa de la Segunda Guerra Mundial obligó al país a elaborar tejidos para su uso nacional. Considerando la tradición local de producción de algodón se intentó impulsar esta tarea centrándose en esta materia prima, para lo cual no solo era necesaria una modernización tecnológica sino enfrentar también la ancestral consideración del algodón como una tela barata y rudimentaria que era usada para confeccionar la vestimenta de los grupos más desfavorecidos económicamente de Brasil.<sup>22</sup> Para esto es que se requirió de toda

---

<sup>17</sup> *Ibidem*, p. 54.

<sup>18</sup> SAMBONET, Luiza – Uma Moda Brasileira. **Habitat**. São Paulo: Habitat Editora. N° 9 (1952), pp. 66.

<sup>19</sup> *Ibidem*.

<sup>20</sup> Las tendencias de moda en vestuario a fines de la década de 1940, y buena parte de la siguiente, estuvieron fuertemente influenciadas por el “New Look”, nombre dado por la prensa a la colección “Corolle” de 1947 del diseñador de vestuario francés Christian Dior. Esta se caracterizó por el uso de faldas largas de amplio ruedo en contraste con cintura y torso muy estallados, resultando una figura semejante a una flor. LAVER, James – **Breve Historia del Traje y la Moda**. Madrid: Cátedra, 1988, p. 254-262.

<sup>21</sup> BRAGA, João; PRADO, Luís André do – **História da Moda no Brasil. Das influências as autorreferências**. São Paulo: Disal Editorial - Pyxis Editorial, 2011, p. 188.

<sup>22</sup> *Ibidem*, p. 186-187.



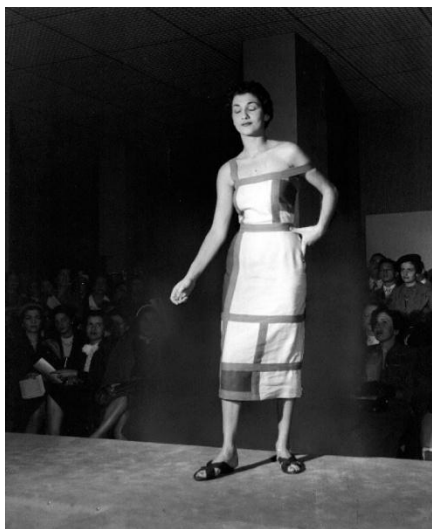
una estrategia publicitaria orientada a que el público adoptara y aceptara los tejidos de algodón en todas sus posibilidades, incluso para la confección de vestuario de lujo.<sup>23</sup> Esto llevó a las industrias textiles a establecer alianzas estratégicas con medios de comunicación y con algunos diseñadores para su promoción<sup>24</sup>.

Las actuaciones del IAC y del MASP fueron fundamentales para realizar la colección, ya que en estas instituciones fueron llevados a cabo bocetos, moldes, diseños de textiles y de accesorios, así como la ejecución de algunos de estos, además de la confección de buena parte de las prendas de vestuario, el entrenamiento de las modelos que exhibieron la colección y la realización de la pasarela misma en los espacios del museo, ubicado en aquel entonces en el mismo edificio de la empresa Diários Associados, esto es, en la calle 7 de abril, en pleno centro histórico de São Paulo.<sup>25</sup>

La colección estaba formada por cincuenta tenidas o conjuntos de ropa, para diferentes ocasiones, todos destinados a vestir a la mujer brasileña promedio. Se consideraban prendas para: pantalones, faldas, blusas, suéteres y prendas de uso cotidiano, como también vestidos para el día, la tarde, la noche, para la fiesta de gala, e incluso un traje para ir de caza.<sup>26</sup>

### Los modelos de la colección “Moda Brasileira”

Del total de 50 modelos de la colección Moda Brasileira solamente fue encontrado material de 37, y de estos, solamente de 12 modelos fueron encontradas tanto imágenes de los modelos como detalles de los tejidos que permitieran una descripción más densa, y una posible reconstrucción. A continuación, se presentan tres modelos de los que se encontró suficiente material para realizar una descripción lo más completa posible.



**Figura 1** – Modelo “Olaria”. Peter Scheier. **Archivo MASP**, São Paulo.

<sup>23</sup> *Ibidem*.

<sup>24</sup> Ejemplo de esto fue la alianza que realizó la fábrica de tejidos carioca Bangú con el diseñador francés Jacques Fath a mediados de 1952, pero sin obtener gran éxito. *Ibidem*, p. 199-218, 326-346.

<sup>25</sup> BARDI, Lina Bo – O desfile no Museu. **Habitat**. São Paulo: Habitat Editora. N° 9 (1952), p. 75.

<sup>26</sup> S/autor – Catálogo primeiro desfile de Moda Brasileira. **Museo de Arte de São Paulo MASP**. São Paulo: Archivo MASP. Pasta 1952 Moda Brasileira, caixa 3, pasta 15.

## Modelo Olaria

Se trató de un vestido de carácter informal para el verano, de corte recto con un leve ajuste en cintura y pecho, de largo hasta media pantorrilla, sin mangas ni hombros, y con tirantes, confeccionado en tejido de lino para ser usado en *“las tardes en la playa”*.<sup>27</sup>

Una particularidad de este vestido es que tenía solo un tirante vertical, el correspondiente al hombro derecho, mientras que el izquierdo era horizontal. Esto no se trató de una decisión acorde a la función, si se considera que los tirantes debían sostener todo el peso del vestido, o al menos el de la parte superior. Un tirante horizontal no tenía ninguna utilidad ya que, si el vestido era muy pesado y/o muy holgado, podía fácilmente deslizarse por el brazo y dejar parte del torso descubierto. La horizontalidad del tirante izquierdo respondía a una voluntad plástica, considerando que las bandas de tela de ambos tirantes se prolongaban horizontal y verticalmente en el vestido. A esto se suma la presencia de líneas rectas verticales y horizontales formadas por bandas de tela similares a los tirantes ubicadas en distintas partes del vestido, pero siempre configurando rectángulos y cuadrados, tanto en la mitad inferior de la falda como en la parte superior del vestido.

La prolongación del tirante vertical en todo el largo del vestido establece una línea vertical ubicada al lado derecho del frente, mientras que la continuación del tirante horizontal forma el borde del escote y de la espalda del vestido, comprendiendo el contorno total del torso. Otras líneas horizontales aparecen en la cintura, contribuyendo a marcarla, una en la mitad del largo de la falda, otra en el tercio inferior de la distancia comprendida entre la línea mencionada anteriormente y el borde inferior del vestido. Por último, aparecen dos líneas horizontales que no recorren completo el contorno del vestido, una en el lado izquierdo marcando el tercio inferior de la medida comprendida por el borde superior y la cintura, y otra en el lado derecho del dobladillo o basta.

En cuanto a las líneas verticales, además de la correspondiente a la prolongación del tirante derecho que pasa por el eje vertical del pecho derecho, aparece otra ubicada justo en el eje de simetría de la parte inferior frontal del vestido, y que va desde la línea horizontal de la mitad del largo de la falda hasta la del borde del dobladillo. La línea vertical mencionada anteriormente, junto a la continuación vertical del tirante derecho y las tres líneas horizontales de la parte baja de la falda, forman en el lado derecho inferior del vestido un cuadrado en los dos tercios superiores y un rectángulo en el tercio inferior. En tanto, en la parte superior del vestido aparece una línea correspondiente al eje vertical del pecho izquierdo. En el tercio inferior de esta llega perpendicularmente una banda horizontal, con la que se forma un rectángulo en la parte inferior, y un cuadrado en la superior. Además, las dos líneas que conforman los ejes verticales que pasan por ambos pechos, forman a su vez otro rectángulo. Por último, con respecto a la parte trasera o espalda del vestido, se deduce que el tirante derecho también se prolongaría, formando con las dos líneas horizontales que recorren todo el contorno de la falda, otros rectángulos ubicados en la zona lateral derecha del vestido. La estrategia utilizada en el trazado geométrico de este vestido es similar a la utilizada por Piet Mondrian (1872-1944) en sus cuadros neoplasticistas realizados a partir de 1921, en los

---

<sup>27</sup> BARDI, Lina Bo – Os modelos no desfile. **Habitat**. São Paulo: Habitat Editora. N° 9 (1952), p. 73.

que, a partir del uso de líneas negras gruesas sobre un fondo blanco se configuran cuadrados y rectángulos, los que a su vez que estaban pintados por colores primarios, más gris y negro.<sup>28</sup> Por otra parte, *Olaria* significa “taller de cerámica” en portugués, lugar donde se fabrican objetos de cerámica.<sup>29</sup> Una posible explicación a la denominación del vestido puede estar en la modulación de piezas de tela cuadradas o rectangulares que caracteriza al vestido, tal como si estas piezas fueran partes de un mosaico, revestimiento tradicional de muros en la arquitectura brasileña y portuguesa.<sup>30</sup>



**Figura 2** – Modelo “Balaio”. BARDI, Lina Bo – Os modelos no desfile. **Habitat**. São Paulo: Habitat Editora. N° 9 (1952), p. 84.

### Modelo Balaio

Se trataba de un vestido informal destinado a los “*paseos en el campo*.”<sup>31</sup> Contaba con una falda de corte recto hasta media pantorrilla que se ajusta desde las caderas al torso. No tenía mangas y su escote era tipo bote. La principal particularidad de esta prenda era la tela en la que se confeccionó, un tejido de “*algodón rojo, naranja, morado y azul, con trenzados en*

<sup>28</sup> DEICHER, Susanne – “**Piet Mondrian. 1872-1944. Composición sobre el vacío**”. Colonia: Benedikt Taschen, 1995, p. 58.

<sup>29</sup> Michaelis. Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. [En línea]. Sin fecha de publicación. Brasil. [Fecha de consulta: marzo de 2025]. Disponible en: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/olaria/>.

<sup>30</sup> PINTO JUNIO, Rafael Alves – Os azulejos de Portinari como elementos visuais da arquitetura modernista no Brasil. **Vitruvius** [En línea]. Brasil: agosto de 2007. [Fecha de consulta: mayo de 2025]. Disponible en: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.087/226>.

<sup>31</sup> S/autor – Catálogo primeiro desfile de Moda Brasileira. **Museo de Arte de São Paulo MASP**. São Paulo: Archivo MASP. Pasta 1952 Moda Brasileira, caixa 3, pasta 15.

*palha*”<sup>32 33</sup>, al que se le incorporó fibra de rafia de color claro o natural en una amplia franja.<sup>34</sup> Los trenzados de fibra de *palha* aparecían en sentido vertical del vestido como una línea punteada formada por breves trazos diagonales, mientras que la rafia fue incorporada al tejido en una franja de la trama dándole más rigidez y cuerpo. Esta franja era justamente utilizada en la zona comprendida entre las caderas y la línea bajo el pecho, formando una especie de corsé que iba integrado a la misma tela del vestido, de manera de resaltar la cintura.<sup>35</sup> En cuanto a los colores, se hipotetiza que los colores fríos, morado y azul, fueron utilizados en las zonas de los extremos del vestido, es decir, en la falda desde la cadera hasta el dobladillo, y en la parte superior, desde la línea bajo el pecho hasta los hombros. En tanto que los colores cálidos, rojo y naranja, fueron utilizados en la zona de la franja en que se incorpora la rafia, de manera que el uso de los colores no era aleatorio, sino con la intención de resaltar la cintura.

Tanto el vestido como el tejido usado en su confección fueron diseñados por la artista textil de Klara Hartoch (1901-s/d), quien estuvo a cargo tanto de los talleres de tejido que se impartían en el MASP como también del taller de textiles del IAC.<sup>36 37</sup> Fue ella misma quien además tejió manualmente la pieza de tejido en las instalaciones del IAC en el MASP.<sup>38</sup> En cuanto al nombre del vestido, *Balaio*, es el nombre que coloquialmente se le da a un tipo tradicional de cestas grande tejidas en *palha* u otras fibras vegetales locales.<sup>39 40</sup> Al observar la muestra de tejido publicada en la revista *Habitat*, se observa que se trata de un tejido de aspecto rústico, en el que la trama y la urdiembre aparecen espaciados, presentando una textura que puede evocar trabajos de artesanía realizados en fibras vegetales por pueblos indígenas de Brasil, y a la cestería que le da su nombre. También hay que considerar que en

<sup>32</sup> “(...)...em algodão vermelho, laranja, roxo e azul, com trançado em palha;(...)”. BARDI, Lina Bo – Os tecidos executados no MASP. **Habitat**. São Paulo: Habitat Editora. N° 9 (1952), p. 70.

<sup>33</sup> Con respecto a la palabra portuguesa *palha*, su significado literal es *paja*, termino igualmente genérico en español. En los archivos revisados no se encontró ninguna especificación del tipo de *palha* específico usado en el vestido *Balaio*, así como en ninguna otra pieza de la colección *Moda Brasileira*. Pero se ha observado que se trata de un término que es usado de forma general para referirse a fibras vegetales usadas en la fabricación de textiles y artesanía en Brasil, las que suelen provenir de gramíneas (trigo, maíz, avena, caña de azúcar, arroz) y palmeras (ratán, rafia). **Michaelis. Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. [En línea]. Sin fecha de publicación. Brasil. [Fecha de consulta: agosto de 2024]. Disponible en: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/palha/>; HALLETT, Clive; JOHNSTON, Amanda. – **Telas para Moda: guia de fibras naturais**. Barcelona: Blume, 2010, p. 178-179.

<sup>34</sup> BARDI, Lina Bo – O desfile no Museu. **Habitat**. São Paulo: Habitat Editora. N° 9 (1952), p. 84.

<sup>35</sup> CARVALHO, João Victor Brito dos Santos; KANAMARU, Antonio Takao – Klara Hartoch, Anni Albers e Referências Indígenas no Design Têxtil Moderno. **Convêrgencias: revista de Investigação e Ensino Das Artes**. Castelo Branco: IPCB ESART, Vol. XVI, n° 31 (2023), p.122.

<sup>36</sup> ALMEIDA, Ana Julia Melo – **Mulheres e profissionalização do design: trajetórias e artefatos têxteis nos museus-escola MASP e MAM Rio**. São Paulo: Programa de Post-Graduação em Design de la Facultad de Arquitectura y Urbanismo de la Universidad de São Paulo USP, 2002. Tesis de Doctorado, p. 147.

<sup>37</sup> BARDI, Lina Bo – O desfile no Museu. **Habitat**. São Paulo: Habitat Editora. N° 9 (1952), p. 84.

<sup>38</sup> *Ibidem*.

<sup>39</sup> **Michaelis. Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. [En línea]. Sin fecha de publicación. Brasil. [Fecha de consulta: agosto de 2024]. Disponible en: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/balaio/>.

<sup>40</sup> *Ibidem*.

<sup>40</sup> CARVALHO, João Victor Brito dos Santos; KANAMARU, Antonio Takao – Klara Hartoch, Anni Albers e Referências Indígenas no Design Têxtil Moderno. **Convêrgencias: revista de Investigação e Ensino Das Artes**. Castelo Branco: IPCB ESART, Vol. XVI, n° 31 (2023), p.122.

el catálogo el vestido está destinado a ser usado “*para los paseos en el campo*”<sup>41</sup>, paseo en el que posiblemente los alimentos eran trasladados en cestas o *balaíos*, y, *campo*, lugar de carácter rural y tradicional, al que se pueden asociar los materiales del tejido de la confección. Resulta interesante que Gloria, la modelo o maniquí que posó con el vestido en el MASP, sea de raza negra, ya que este hecho puede ser considerado como algo avanzado para comienzos de la década de 1950, considerando que la primera vez que en la portada de la revista Vogue apareció una modelo de raza negra fue recién en 1966. Fue el caso de la edición británica del mes de marzo de ese año en la que apareció la modelo norteamericana Donyale Luna (1945-79) como portada de dicha publicación.<sup>42</sup>



**Figura 3** – Modelo “Mae do Santo”. Peter Scheier. **Archivo MASP**, São Paulo.

### **Modelo “Mae do Santo”**

Consistió en un conjunto de noche o gala compuesto por un vestido de falda larga bajo los tobillos, de corte recto y holgado, con varios paños rectangulares del mismo tejido y de diferentes largos, cubriendo parcialmente la parte trasera del vestido. La parte superior es ceñida al torso, sin hombros ni tirantes, strapless o “palabra de honor”, y de escote recto. El vestido se complementa con un amplio y largo echarpe o estola.

---

<sup>41</sup> S/autor – Catálogo primeiro desfile de Moda Brasileira. **Museo de Arte de São Paulo MASP**. São Paulo: Archivo MASP. Pasta 1952 Moda Brasileira, caixa 3, pasta 15.

<sup>42</sup> OTERO, Brenda – Donyale Luna, la primera supermodelo negra que la historia borró y que murió con solo 33 años. **El País** [En línea]. Madrid, 29 de marzo de 2024. [Fecha de consulta: diciembre de 2025]. Disponible en: <https://elpais.com/smoda/moda/2024-03-29/donyale-luna-la-primera-supermodelo-negra-que-la-historia-borro.html>.



La tela usada en la confección del vestido es de algodón grueso de color blanco (o bien de algún color en un tono muy claro) combinado en su trama con hilos de oro formando líneas horizontales gruesas alternadas con pares de líneas paralelas punteadas. El echarpe era de un tejido similar, pero mezclado con cintas de piel de armiño, produciendo una textura de líneas paralelas punteadas.<sup>43</sup>

El conjunto remite a la figura de la *Mãe do Santo* (Madre del Santo), también conocida como *Iyalorixá* o *Ialorixá* en el Candomblé, religión de matriz africana practicada en Brasil.<sup>44</sup> La imagen tradicional de la *Mãe do Santo* corresponde a una mujer de raza negra vestida con una falda voluminosa y larga, y una blusa holgada y larga que llega hasta las caderas o más abajo. Las telas de sus prendas en general tienen muchas decoraciones como estampados, encajes y/o bordados, además de aplicaciones como cintas y volantes. Suelen llevar la cabeza envuelta con un paño modo de turbante que cubre totalmente el cabello. Es habitual que lleven múltiples collares de cuentas de colores hechos de semillas, caracoles bucos, piezas de cerámica, de metal o de cristal. Muchas veces también llevan una especie de echarpe o estola que usan de manera diagonal apoyada en el hombro y cruzando el pecho. Su vestimenta suele ser total o parcialmente blanca, ya que este color está asociado a la pureza y a la protección por parte de las divinidades.

Las referencias del conjunto *Mae do Santo* con la figura de la *Iyalorixá* son claras en cuanto al uso de la falda con varios paños que dan volumen, el echarpe y el tejido de color claro, pero al que se le da una textura más exuberante a través de las combinaciones con hilos de oro y cintas de piel de armiño. Lo anterior, tomando en cuenta que se trata de una mezcla de un material tradicional y asociado a la vestimenta de forma habitual a la población negra en Brasil, considerando su pasado como esclavos, que es el caso del algodón, con materiales más lujosos, como son los hilos de oro y la piel de armiño.

### Conclusiones con respecto a la condición de superficie

En el caso de los modelos “Balaio” y “Mae do Santo” la condición de superficie es tratada de forma diferente que en el modelo “Olaria”. Mientras que en los dos primeros la superficie esta formada por una tela continua que es cortada para formar las superficies correspondientes a las partes del cuerpo: falda, top o parte superior, estola, y donde las costuras son las mínimas. Mientras que en el caso del modelo “Olaria” la forma de abordar las superficies se da a partir del uso de retazos más pequeños y de diferentes tonos o colores que forman las bandas correspondientes a los tirantes que se proyectan de forma vertical y horizontal, así como los módulos cuadrados o rectangulares, los que, a su vez, son unidos por las bandas de tela similares a las de los tirantes. Mientras que los modelos “Balaio” y “Mae do Santo” se podría hablar casi de una superficie continua, la que se expresa también en las telas, en el caso del modelo “Olaria” se trata de superficies por adición, al igual que una colcha de retazos.

---

<sup>43</sup> S/autor – Catálogo primeiro desfile de Moda Brasileira. **Museo de Arte de São Paulo MASP**. São Paulo: Archivo MASP. Pasta 1952 Moda Brasileira, caixa 3, pasta 15.

<sup>44</sup> La denominación de *Mãe do Santo* es dada a la mujer que ostenta la máxima autoridad de una *Casa do Santo* o *Terreiro*. Es la figura responsable del culto a los orixás y quien se dirige a las divinidades, recibe sus instrucciones y las transmite a los creyentes. STERLING, Cheryl – **Cultural and National Identity in Brazil**. Nueva York: Palgrave Macmillan, 2012. Pág. 215.

Con respecto a los tejidos mismos usados, hay una voluntad de experimentación a través de la mezcla del algodón con fibras o materiales no tradicionales, como forma de cambiar la consideración tradicional de esta fibra. En el caso del modelo “Mae do Santo”, en el que a través de la mezcla del algodón grueso con hilo de oro y huinchas de piel de armiño se buscaba un efecto de lujo en un material tradicionalmente usado para vestuario y objetos de uso cotidiano. En el caso del modelo “Balaio”, se pretendía entregar mayor rigidez a una zona determinada de la tela a través de la incorporación de rafia, como forma de poder resaltar una determinada parte del cuerpo. Ambas son operaciones proyectuales que Lina Bo Bardi repite en los proyectos de la casa de Valéria Cirell en Sao Paulo (1957-58) y en la casa do Chame-Chame (1958-64), en las que las superficies se encuentran mezcladas con elementos no tradicionales, tales como guijarros, trozos de cerámica y restos de muñecas, entre otros.

## Bibliografía

ALMEIDA, Ana Julia Melo – **Mulheres e profissionalização do design: trajetórias e artefatos têxteis nos museus-escola MASP e MAM Rio**. São Paulo: Programa de Post-Graduación en Diseño de la Facultad de Arquitectura y Urbanismo de la Universidad de São Paulo USP, 2002. Tesis de Doctorado.

BONADIO, Maria Claudia – A moda no MASP de Pietro Maria Bardi (1947-1987). **Anais do Museu Paulista**. São Paulo: Universidade de São Paulo. Vol. 22, nº2 (2014), p. 35-70.

BARDI, Lina Bo – Problema Remoto o da Moda. **Habitat**. São Paulo: Habitat Editora. Nº 9 (1952), p. 65.

BARDI, Lina Bo – Elementos da Moda Brasileira. **Habitat**. São Paulo: Habitat Editora. Nº 9 (1952), p. 68.

BARDI, Lina Bo – O Curso de Modelos. **Habitat**. São Paulo: Habitat Editora. Nº 9 (1952), pp. 69.

BARDI, Lina Bo – Tecidos Executados no Museu de Arte. **Habitat**. São Paulo: Habitat Editora. Nº 9 (1952), p. 70-71.

BARDI, Lina Bo – Os Modelos no Desfile. **Habitat**. São Paulo: Habitat Editora. Nº 9 (1952), p. 72-75.

BARDI, Lina Bo – Sapatos e Chapéus. **Habitat**. São Paulo: Habitat Editora. Nº 9 (1952), p. 76-77.

BARDI, Lina Bo – O Desfile no Museu. **Habitat**. São Paulo: Habitat Editora. Nº 9 (1952), p.78-85.

BARDI, Lina Bo; CARVALHO, Marcelo Ferraz – **Lina Bo Bardi**. São Paulo: Instituto Lina Bo e P.M. Bardi, 1993.

BARD, Christine – **Historia Política del Pantalón**. Buenos Aires: Tusquets Editores, 2012.

BONADIO, Maria Cláudia – A moda no MASP de Pietro Maria Bardi (1947-1987). **Anais do Museu Paulista**. São Paulo: Universidade de São Paulo. Vol. 22, nº2 (2014), p. 35-70.

BOUCHER, François – **Historia del traje en occidente. Desde los orígenes hasta la actualidad**. Barcelona: Gustavo Gili, 2009.

BRAGA, João; PRADO, Luís André do – **História da Moda no Brasil. Das influências as autorreferências**. São Paulo: Disal Editorial - Pyxis Editorial, 2011.

BRAUN, Emily – Futurist Fashion. Three Manifestoes. **Art Journal**. Nueva York : College Art Association. Vol. 54, nº1, Clothing as subject (1995), pp. 34-41.

CARVALHO, João Victor Brito dos Santos; KANAMARU, Antonio Takao – Klara Hartoch, Anni Albers e Referências Indígenas no Design Têxtil Moderno. **Convêrgencias: revista de Investigação e Ensino Das Artes**. Castelo Branco: IPCB ESART, Vol. XVI, nº 31 (2023), p.119-127.

CERRILLO RUBIO, Lourdes – **La Moda Moderna. Génesis de un Arte Nuevo**. Madrid: Siruela, 2010.

FLÜGEL, John Carl – **Psicología del vestido**. España: Melusina, 2015.

FUKAI, Akiko (Ed.) – **Moda: la Colección del Instituto de la Indumentaria de Kioto. Una Historia desde el Siglo XVIII al Siglo XX**. Colonia: Taschen, 2006.

LAVER, James – **Breve Historia del Traje y la Moda**. Madrid: Cátedra, 2008.

LIPOVETSKY, Gilles – **El Imperio de lo Efímero. La moda y su destino en las sociedades modernas**. Barcelona: Anagrama, 1990.

MCLUHAN, Marshall – **Comprender los medios de comunicación. Las extensiones del ser humano**. Barcelona: Paidós, 1996.

O'HARA CALLAN, Georgina – **The Thames & Hudson Dictionary of Fashion and Fashion Designers**. New York: Thames & Hudson, 2008.

OLIVEIRA, Olivia de – **Lina Bo Bardi. Sutis Substâncias da Arquitetura**. São Paulo: Gustavo Gili, 2006.

SAMBONET, Luiza – Uma Moda Brasileira. **Habitat**. São Paulo: Habitat Editora. Nº 9 (1952), p. 66.

SEMPER, Gottfried; ARMESTO AIRA, Antonio (Ed.) – **Escritos Fundamentales de Gottfried Semper. El Fuego y su Protección**. Barcelona: Fundación Arquia, 2014.

STERN, Radu – **Against Fashion. Clothing as Art, 1850-1930**. Massachusetts: The MIT Press, 2004.

STERLING, Cheryl – **Cultural and National Identity in Brazil**. Nueva York: Palgrave Macmillan, 2012.

# Patrimonio moderno y cambio climático. Los espacios vacíos y verdes en el paisaje habitacional moderno como valor ecosistémico

**Rodrigo Gertosio Swanston**

Pontificia Universidad Católica de Chile  
[rgertosio@gmail.com](mailto:rgertosio@gmail.com)

**Horacio Torrent Schneider**

Pontificia Universidad Católica de Chile  
[htorrent@uc.cl](mailto:htorrent@uc.cl)

**Resumen:** Este artículo plantea una reinterpretación del patrimonio moderno a partir de los desafíos del cambio climático, poniendo el foco en el valor ecosistémico de los espacios vacíos y verdes presentes en los conjuntos habitacionales del movimiento moderno. A partir de una revisión crítica del paradigma patrimonial dominante, se plantea que estos espacios abiertos, históricamente considerados secundarios o simplemente funcionales, poseen atributos fundamentales para la mitigación y adaptación urbana al calentamiento global: amplias superficies de suelo permeable y redes continuas de vegetación. Mediante el enfoque de los Servicios Ecosistémicos Urbanos (SEU), se argumenta que dichos espacios no solo cumplen funciones ambientales de regulación térmica, absorción de aguas lluvia y captura de contaminantes, sino que también articulan valores culturales vinculados a la vida cotidiana, la apropiación comunitaria y la memoria colectiva. El artículo se estructura en tres secciones: primero, una crítica a la concepción patrimonial centrada en el objeto arquitectónico; segundo, una revisión conceptual que articula el vacío urbano, el suelo y la vegetación como infraestructura ecosistémica; y tercero, un análisis de imágenes aéreas de trece conjuntos habitacionales modernos de distintas partes del mundo, donde se evidencia la continuidad espacial del verde urbano y la invisibilización progresiva de los edificios por la vegetación. Estas observaciones permiten proponer una categoría emergente: el patrimonio ecosistémico, entendida como una forma de valorar el paisaje construido por su capacidad de sostener funciones ecológicas esenciales en el contexto de crisis climática. En suma, el artículo plantea que reconocer el valor ecosistémico de estos conjuntos es fundamental para su preservación futura y para la formulación de políticas urbanas que articulen patrimonio, habitabilidad y sostenibilidad.

**Palabras clave:** patrimonio moderno, cambio climático, servicios ecosistémicos urbanos, espacio vacío, vivienda colectiva



## Introducción

En un contexto de creciente crisis climática, las ciudades enfrentan el desafío urgente de adaptar su infraestructura y espacios urbanos para mitigar los efectos del calentamiento global y mejorar la resiliencia de sus habitantes. Frente a este escenario, ha cobrado fuerza una línea de investigación que propone vincular el concepto de patrimonio con los servicios ecosistémicos urbanos (SEU), es decir, aquellos beneficios ambientales, sociales y culturales que proveen los ecosistemas a las personas dentro del entorno construido. Esta perspectiva permite ampliar el campo del patrimonio más allá de sus atributos históricos, estéticos o identitarios, integrando también su capacidad para sostener la vida y regular el clima urbano. En particular, los conjuntos habitacionales construidos durante el Movimiento Moderno en América Latina entre las décadas de 1930 y 1970, constituyen una tipología urbana que ha sido escasamente valorada desde su dimensión ecológica. Desde el concepto de los servicios ecosistémicos, estos conjuntos presentan dos atributos físico-espaciales que resultan fundamentales para la adaptación urbana al cambio climático: grandes superficies de suelo permeable y redes de vegetación continua que atraviesan los espacios vacíos entre los edificios. Sin embargo, a pesar de su evidente potencial ecosistémico, estos espacios han sido históricamente marginados del campo patrimonial, en parte por la centralidad del objeto arquitectónico en los discursos de conservación, y en parte por la escasa articulación entre disciplinas como la ecología urbana y los estudios patrimoniales. Esta desconexión disciplinar ha comenzado a ser problematizada en la literatura reciente. Investigaciones sobre servicios ecosistémicos han mostrado cómo ciertos bienes comunes urbanos como el arbolado, los parques o los patios colectivos generan beneficios climáticos, sociales y simbólicos que deberían ser integrados en las evaluaciones patrimoniales<sup>1</sup>. Por su parte, los estudios sobre patrimonio urbano han comenzado a reconocer la necesidad de incorporar variables ambientales en sus enfoques. En este cruce interdisciplinar se ubica este artículo.

Con todo, la pregunta que guía esta investigación es: ¿En qué medida los espacios vacíos y verdes del paisaje habitacional moderno pueden ser reconocidos como patrimonio ecosistémico? Frente a esta interrogante, se propone la siguiente hipótesis: si se amplía el concepto de patrimonio para incorporar su dimensión ecosistémica, entonces los espacios abiertos y vegetados del paisaje moderno deben ser considerados patrimonio climático y soporte biocultural urbano. Esto implica reconocer que ciertos atributos ecológicos como la permeabilidad del suelo, la continuidad vegetal y la regulación microclimática, pueden convertirse en valores patrimoniales, en la medida en que son relevantes para la sostenibilidad futura de la ciudad. De esta manera, el objetivo general del artículo es argumentar como el suelo permeable y la vegetación continua presentes en los conjuntos habitacionales modernos constituyen un tipo de patrimonio ecosistémico urbano. Para ello, se realiza un análisis crítico del cruce entre ecología urbana y patrimonio cultural, revisando las categorías de valor utilizadas en ambos campos, y se presentan ejemplos de conjuntos modernos en los que estos atributos ecológicos son evidentes, aunque no reconocidos formalmente como patrimoniales.

---

<sup>1</sup> Kai M.A. Chan, Terre Satterfield, and Joshua Goldstein, "Rethinking Ecosystem Services to Better Address and Navigate Cultural Values," *Ecological Economics* 74 (2012): 8–18; Paola Arias-Arévalo et al., "Widening the Evaluative Space for Ecosystem Services: A Taxonomy of Plural Values and Valuation Methods," *Environmental Values* 27, no. 1 (2018): 29–53; Temanord, "Kulturav Og Økosystemtjenester. Sammenhenger, Muligheter Og Begrensninger," 2015

Metodológicamente, el artículo se basa en un enfoque interdisciplinar que combina herramientas de teoría urbana, historia de la arquitectura moderna y ecología del paisaje. A partir de una revisión bibliográfica y conceptual, se construye un marco teórico sobre servicios ecosistémicos urbanos y valores patrimoniales. Luego, se analiza en detalle el rol del suelo y la vegetación en la configuración espacial del Movimiento Moderno, con especial atención a sus implicancias ambientales. El estudio se apoya en investigaciones previas del autor sobre casos chilenos, y se nutre de ejemplos internacionales que permiten ampliar la reflexión a otras escalas.

El artículo se organiza en cuatro secciones. En la primera, se desarrolla el marco conceptual que vincula los servicios ecosistémicos urbanos con el campo del patrimonio, explorando la relación entre beneficios, valores y funciones ecológicas en contextos urbanos. En la segunda sección se analizan los atributos ecosistémicos del suelo permeable y la vegetación continua en los conjuntos habitacionales modernos, abordando tanto su dimensión física como simbólica. En la tercera sección, se presentan casos y esquemas proyectuales que permiten observar estos atributos en diferentes escalas y configuraciones. Finalmente, en las conclusiones se propone una lectura patrimonial ecosistémica del paisaje moderno, destacando su relevancia para las políticas de adaptación climática y conservación urbana. Con este enfoque, el artículo busca contribuir a una doble ampliación del campo patrimonial: una que permita reconocer los valores ecosistémicos de ciertos paisajes urbanos modernos, y otra que facilite su incorporación en los marcos normativos de conservación, resiliencia y planificación urbana sostenible.

#### **A) Patrimonio y Servicios Ecosistémicos Urbanos**

Aunque a primera vista puedan parecer conceptos distintos, los servicios ecosistémicos urbanos (SEU) y el patrimonio cultural comparten algo en común. En última instancia, somos las personas quienes otorgamos valor a algo, o descubrimos su valor, basándonos en los beneficios que obtenemos de ellos. De esta manera, el solo hecho de identificar un “servicio” implica necesariamente un proceso de atribución de valor de “algo”. Por supuesto, cada individuo puede atribuir diferentes valores a un mismo elemento, producto de intereses y perspectivas diversas. En el marco de los SEU, Chan (2011) diferencia los conceptos de beneficio, servicio ecosistémico y valor, ubicando los SEU entre ambos de la siguiente manera: los beneficios se refieren a los bienes y experiencias valiosas que las personas obtienen de los ecosistemas, los que experimentan las ventajas directas a través de su conexión con el entorno natural. Por otro lado, los servicios ecosistémicos son los procesos y dinámicas propias de los ecosistemas que sustentan los beneficios mencionados anteriormente, y, por último, los valores representan las preferencias, principios y virtudes que son mantenidas por individuos o grupos en relación con los ecosistemas y sus servicios<sup>2</sup>. De esta manera, los valores, entendidos como una cualidad añadida que los individuos atribuyen a ciertos objetos que los hacen merecedores de aprecio<sup>3</sup>, influyen en cómo las

---

<sup>2</sup> Chan, Satterfield, and Goldstein, “Rethinking Ecosystem Services to Better Address and Navigate Cultural Values.”

<sup>3</sup> Ballart Hernandez, Fullola Pericot, and Dels Angels Petit, “El Valor Del Patrimonio Histórico,” *Complutum* 6 (1996): 215–24.

personas perciben y aprecian los beneficios y servicios ecosistémicos, lo que puede guiar sus decisiones y acciones en la gestión y protección del entorno natural<sup>4</sup>.

Un ejemplo que conecta los 3 términos anteriores puede ser un árbol en un antejardín. Alguien lo plantó, ha sido cuidado por años por algunas personas, y, por ello, ese árbol puede tener un valor emocional por su belleza, por su sombra o por algún recuerdo. En cambio, para un botánico o especialista en ecología, ese mismo árbol, junto a otros cercanos, puede tener un valor basado en su capacidad para disminuir la temperatura ambiente, proporcionar sombra, capturar carbono y mejorar la calidad del aire, entre muchos otros. Es decir, más allá de un valor emocional de unos pocos, hay valores instrumentales que son recibidos y aprovechados por muchos. Este breve ejemplo muestra cómo los conceptos de beneficio, servicio ecosistémico y valor pueden relacionarse para describir un mismo objeto: un árbol. Volviendo a la relación entre los Servicios Ecosistémicos y el patrimonio cultural, este cruce se ha explorado recientemente, especialmente en los países nórdicos. Uno de ellos es el informe TemaNord<sup>5</sup> (2015), cuyo objetivo principal fue investigar la relevancia del enfoque ecosistémico para el campo del patrimonio cultural, basado en la suposición “esperanzadora” de que el patrimonio puede beneficiarse de él; y por ello, que los sistemas de evaluación de SEU visualizarán la importancia del patrimonio cultural como un recurso social. En consecuencia, el patrimonio cultural podría funcionar mejor al servicio de los ecosistemas, que el enfoque de SE al servicio del patrimonio cultural<sup>6</sup>. Según el esquema de SEU anterior, es posible distinguir una relación entre los servicios de regulación y los servicios culturales. En este sentido, el siguiente esquema muestra cómo desde el enfoque de servicios ecosistémicos, el patrimonio es una subcategoría de los servicios culturales, al igual que la regulación del microclima, la protección ante desastres naturales o el secuestro de carbono son subcategorías de los servicios ecosistémicos de regulación. Es interesante constatar que estos 3 últimos servicios cumplen importantes funciones de mitigación y adaptación al cambio climático, y por eso, parecen más urgentes que otros como la recreación, por ejemplo. También es posible distinguir que estas subcategorías les pertenecen a diferentes disciplinas como campos de estudio. Por un lado, son los geógrafos, botánicos, ingenieros forestales, etc. quienes trabajan identificando servicios ecosistémicos, y, por otro lado, los profesionales ligados al patrimonio urbano como arquitectos, sociólogos, antropólogos, etc. De esta manera, cada profesión tiene la capacidad de otorgar valor a “algo” en común.

---

<sup>4</sup> Kai M A Chan et al., “Cultural Services and Non-Use Values,” ed. Peter Kareiva et al., *Natural Capital: Theory and Practice of Mapping Ecosystem Services* (Oxford University Press, April 7, 2011),

<sup>5</sup> Este informe resume el proyecto ‘El patrimonio cultural como servicio ecosistémico. Un estudio de viabilidad’. Proyecto llevado a cabo con el apoyo del Consejo Nórdico de ministros a través del Grupo de Ecosistemas Terrestres (TEG) entre enero de 2014 y mayo de 2015.

<sup>6</sup> Temanord, “Kulturarv Og Økosystemtjenester. Sammenhenger, Muligheter Og Begrensninger.”

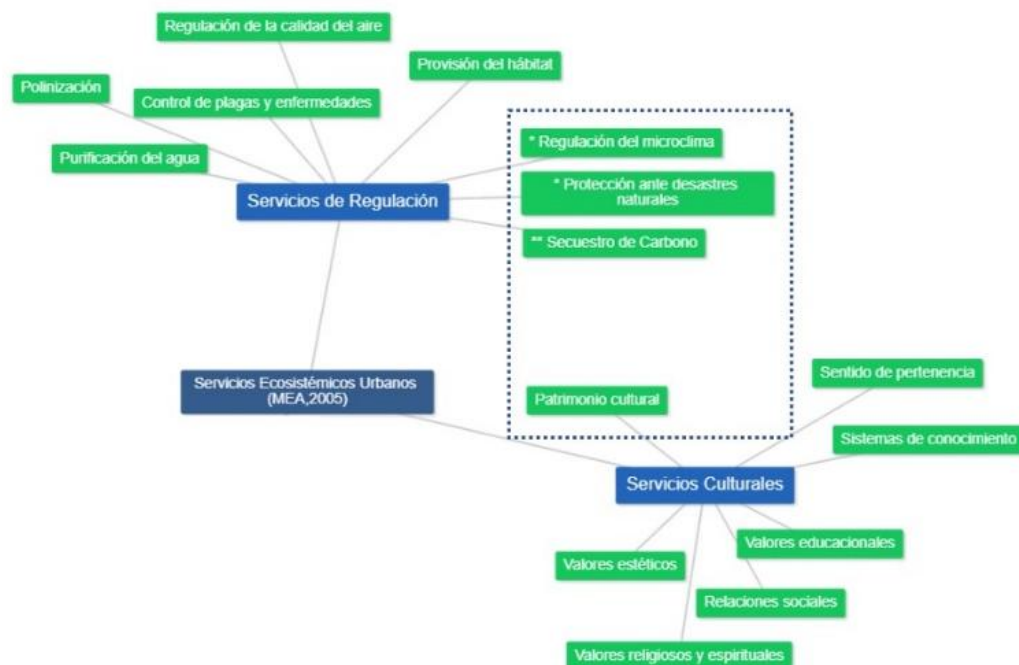


Ilustración 1: Esquema de la relación entre los SE de regulación y culturales según MEA (2005). Fuente: elaboración propia.

Desde la perspectiva del patrimonio cultural, estas tres subcategorías de servicios de regulación se pueden entender como el proceso de valorar los beneficios que obtenemos de los ecosistemas, los cuales tienen distintos impactos positivos en la calidad de vida de las personas. Visto de esta manera, más que emocionales, los valores que le asignamos son más bien producto de su utilidad o su uso. Sin embargo, los servicios de regulación reconocen también un valor inherente o intrínseco de los propios procesos de la naturaleza, como un ser vivo. Por esto, es importante reconocer que estos servicios ecosistémicos no solo proveen ventajas prácticas y funcionales, sino que también, poseen un valor intrínseco al ser parte esencial de la naturaleza y de la red interconectada de vida en nuestro planeta. En este sentido, al considerar estos valores intrínsecos, se destaca la importancia de proteger y conservar los ecosistemas no sólo por sus beneficios tangibles para las personas, sino también por su importancia en el mantenimiento del equilibrio y la salud del medio ambiente en general. En última instancia, la valoración de los servicios de regulación tanto por sus ventajas prácticas, como por su valor intrínseco, es esencial.

Volviendo al inicio, si identificar un “servicio” implica necesariamente un proceso de atribución de valor de “algo”, ya que somos las personas quienes otorgamos valor a ese algo, o descubrimos su valor, basándonos en los beneficios que obtenemos, ¿en qué medida, o de qué manera, la valoración de los servicios ecosistémicos, especialmente aquellos relacionados con la mitigación y adaptación al cambio climático, pueden convertirse en nuevos valores patrimoniales? Así como también, ¿Cómo incorporar los servicios ecosistémicos de regulación dentro de marcos de preservación patrimonial para los conjuntos habitacionales del movimiento moderno? La distinción entre beneficios, servicios y valores,

en el contexto de los Servicios Ecosistémicos, es esencial para comprender no solo cómo las personas se relacionan con los ecosistemas, sino también, cómo estos recursos naturales en contextos urbanos, entendidos desde sus valores relacionales, pueden ser valorados, gestionados y protegidos de manera efectiva en el tiempo.

## **B) Espacio vacío, suelo permeable y verde continuo. Los elementos ecosistémicos clave del PMH como fuente de nuevos valores patrimoniales**

Como se indicó en la sección anterior, los SEU de regulación climática están estrechamente relacionados con la cobertura del suelo en un área determinada, así como también con la presencia de vegetación en bosques urbanos, parques y plazas. Pero también, del espacio vacío o no construido. Como se expondrá en este subcapítulo, ambas características son posibles de observar en la gran mayoría de los conjuntos habitacionales modernos construidos entre las décadas de 1930 y 1970.

Según la FAO, el suelo es el producto final de la influencia del tiempo combinado con el clima, topografía, organismos (flora, fauna y ser humano) y de materiales parentales (rocas y minerales originarios). Como resultado, el suelo difiere de su material parental en su textura, estructura, consistencia, color y propiedades químicas, biológicas y físicas. Por ello, el suelo es un componente esencial de la "Tierra" y los "Ecosistemas". Ambos son conceptos más amplios que abarcan la vegetación, el agua y el clima en el caso de la tierra, y, además, las consideraciones sociales y económicas en el caso de los ecosistemas<sup>7</sup>. El impacto humano sobre el suelo es diverso como la agricultura o las construcciones, por ejemplo. La diferencia entre ambos es que mientras la agricultura, pese a modificar la superficie del suelo y una capa del subsuelo, éste permite el paso del agua, lo que no ocurre cuando se construye caminos, casas y edificios. A este se le llama sellamiento del suelo. Hay numerosas investigaciones que alertan sobre los problemas que conlleva el sellamiento de los suelos en contextos urbanos<sup>8</sup>. Primero, al definir el suelo como urbano, se objetiva en términos humanos,

desconectándolo del entorno natural y privándolo, por decreto, de la capacidad de desplegar plenamente sus propiedades orgánicas<sup>9</sup>, a excepción de la posibilidad de convertirse en un espacio ajardinado o en el área designada para la plantación de un árbol en el entorno residencial. Cuando el suelo es sometido a urbanización, su superficie experimenta compactación y cobertura, ya sea mediante el pavimento de hormigón o asfáltico de una calle, las baldosas de una terraza o el radier de una vivienda. Además, se ve afectado por la implementación de infraestructuras como redes de alcantarillado, estacionamientos subterráneos o superficies de cemento para instalaciones deportivas, cuya superficie terrestre queda permanentemente cubierta e impermeabilizada, y que no se puede remover con

---

<sup>7</sup> <https://www.fao.org/soils-portal/about/definiciones/es/>

<sup>8</sup> Marco Pfeiffer et al., "Capítulo 5: Suelos," in *Estado Del Medio Ambiente En Chile*, 2019, 274–318; Rattan Lal and B. Stewart, *Urban Soils. Advances in Soils Science*, ed. Rattan Lal and B. Stewart (Taylor & Francis Group, 2018); Food and Agriculture Organization of the United Nations - FAO, "Urbanisation and Soil Sealing," *Intergovernmental Technical Panel Oil Letters*, 2022; Jun Wang, Theodore A. Endreny, and David J. Nowak, "Mechanistic Simulation of Tree Effects in an Urban Water Balance Model," *Journal of the American Water Resources Association* 44, no. 1 (2008): 75–85

<sup>9</sup> Francisco Díaz, *Suelo* (Talca: Bifurcaciones, 2023).



facilidad<sup>10</sup>. De esta manera, la construcción sobre el suelo, y su sellamiento artificial, daña extensamente todas sus funciones; la infiltración y el intercambio gaseoso se ven impedidos, su regulación térmica se deteriora, así como el crecimiento de plantas. Aunque el sellamiento sea de menor tamaño puede tener consecuencias, por ejemplo, el asfaltado de caminos en parte de su superficie aumentará sobre diez veces la escorrentía máxima esperada en los suelos<sup>11</sup>. Además, los impactos más evidentes se dan en el suministro de alimentos y biomasa, la regulación del agua, la biodiversidad y el potencial de secuestro de carbono<sup>12</sup>.

Por el contrario, los suelos permeables, es decir, que pueden absorber agua junto con la vegetación en contextos urbanos, brindan una serie de servicios ecosistémicos. Estos beneficios, presentes sobre y bajo suelo, representan no sólo la base para la vegetación, sino que también poseen una serie de beneficios que comúnmente no se aprecian fácilmente. Por ejemplo, la absorción de aguas lluvia y la consecuente disminución del escurrimiento superficial contribuye a mitigar el riesgo de inundaciones. De hecho, en la mayoría de los ecosistemas naturales, el 90% del flujo de aguas hacia los arroyos se produce a través de flujo subterráneo<sup>13</sup>, influyendo en todos los procesos hidrológicos, lo que incluye la descontaminación de las aguas gracias al efecto de las raíces<sup>14</sup>. Lamentablemente al interior de las ciudades los suelos permeables son cada vez más escasos, pero altamente relevantes por sus múltiples servicios ecosistémicos que permiten no solo la infiltración de agua, sino que también, una importante purificación de contaminantes, los cuales son especialmente abundantes en entornos urbanos<sup>15</sup>. Sin embargo, es importante considerar que los suelos urbanos son complejos, y su composición va más allá del sustrato rural original ya que poseen horizontes derivados de procesos antrópicos<sup>16</sup>. Esto hace que los suelos al interior de la ciudad sean altamente heterogéneos tanto en su composición como en su provisión de servicios ecosistémicos, ya que han sido afectados por procesos diferentes, los cuales incluyen el relleno usando arenas, presencia de restos de materiales de construcción, cenizas, basura, residuos orgánicos, entre otros<sup>17</sup>. Además, los suelos urbanos se encuentran altamente expuestos a procesos de degradación, contaminación y compactación a causa del tránsito de peatones, maquinaria, entre otros, lo que altera profundamente la estructura, porosidad, infiltración, entre otras propiedades del sustrato. Estos fenómenos, no sólo afectan de manera negativa las funciones y servicios ecosistémicos que pueden proveer los suelos, incluyendo

---

<sup>10</sup> Food and Agriculture Organization of the United Nations - FAO, "Urbanisation and Soil Sealing."

<sup>11</sup> Walter Luzio and Manuel Casanova, *Avances En El Conocimiento de Los Suelos En Chile*, 2020.

<sup>12</sup> Food and Agriculture Organization of the United Nations - FAO, "Urbanisation and Soil Sealing."

<sup>13</sup> Jason P. Kaye et al., "A Distinct Urban Biogeochemistry?," *Trends in Ecology and Evolution* 21, no. 4 (2006): 192–99

<sup>14</sup> Wang, Endreny, and Nowak, "Mechanistic Simulation of Tree Effects in an Urban Water Balance Model."

<sup>15</sup> Lal and Stewart, *Urban Soils. Advances in Soils Science*; Jin Ling Yang and Gan Lin Zhang, "Formation, Characteristics and Eco-Environmental Implications of Urban Soils – A Review," *Soil Science and Plant Nutrition* 61, no. 0 (2015): 30–46

<sup>16</sup> Yang and Zhang, "Formation, Characteristics and Eco-Environmental Implications of Urban Soils – A Review."

<sup>17</sup> Schleuss et al. 2000; Thiombiano y Gnakambari 2000; Yang y Zhang, 2015

la mitigación de inundaciones y la regulación de la temperatura superficial, sino que también, puede generar efectos negativos para la salud humana y del ecosistema<sup>18</sup>.

Por otro lado, son ampliamente conocidos los beneficios ambientales de los árboles en el aire, los suelos, en las personas y en la biodiversidad. Existen estudios que indican que las temperaturas en la superficie del aire muestran notables diferencias al comparar zonas densamente construidas y con escasa vegetación, frente a áreas urbanas cercanas a fuentes de humedad o parques urbanos. Los resultados revelan la presencia de "islas frías" en ubicaciones con una mayor cobertura vegetal<sup>19</sup>. En este sentido, hay estudios que resaltan la importancia del arbolado en la adaptación climática por su capacidad de generar sombra y facilitar la evapotranspiración, provocando el efecto de humedecimiento del aire, y con ello, disminuye la temperatura del aire creando o modificando microclimas<sup>20</sup>. También está demostrado que tienen la capacidad de purificar el aire al absorber el anhídrido carbónico producido por las actividades humanas, y emitir oxígeno, por medio de la fotosíntesis. De hecho, nosotros los humanos respiramos los que los árboles exhalan<sup>21</sup>. Por esto, entre muchas otras razones, Carl Sagan sostiene que los humanos necesitamos mucho más a los árboles que ellos a nosotros<sup>22</sup>.

A nivel arquitectónico, es ampliamente conocido como la vegetación actúa como filtro climático, reduciendo la radiación solar en las superficies, y con ello, modifica las temperaturas extremas de los espacios interiores y exteriores<sup>23</sup>. Según las orientaciones, al sombrear la superficie de muros, techos y suelo con árboles, se evita la ganancia de calor al interior. Cuando los árboles son de hoja caduca, permiten el aprovechamiento de la radiación solar en invierno. También, protegen del viento formando barreras y posibilitando las corrientes de aire. Reduce el ruido. Actuando como pantalla amortiguadora disminuyen la contaminación sonora, ya sea absorbiendo, refractando o dispersando ruidos, evitando daños fisiológicos y psicológicos a la población<sup>24</sup>.

En los suelos urbanos, uno de los mayores beneficios de los árboles es la prevención de la erosión eólica e hídrica, atenuando el riesgo de inundaciones. Además, los árboles son "verdaderos sumideros naturales" que secuestran gran cantidad de carbono en su materia

---

<sup>18</sup> Yang and Zhang, "Formation, Characteristics and Eco-Environmental Implications of Urban Soils – A Review."

<sup>19</sup> Teresa Zölch et al., "Using Green Infrastructure for Urban Climate-Proofing: An Evaluation of Heat Mitigation Measures at the Micro-Scale," *Urban Forestry and Urban Greening* 20 (2016): 305–16; Pablo Sarricolea Espinoza and Hugo Romero Aravena, "Análisis de Los Factores Condicionantes Sobre Las Temperaturas de Emisión Superficial En El Área Metropolitana de Valparaíso, Chile," *ACE: Architecture, City and Environment* 5, no. 13 (2010): 79–96

<sup>20</sup> Zölch et al., "Using Green Infrastructure for Urban Climate-Proofing: An Evaluation of Heat Mitigation Measures at the Micro-Scale."

<sup>21</sup> Peter Wohlleben, *La Vida Secreta de Los Árboles*, Nursing (Ed. Española) (Ediciones Obelisco, 2021),

<sup>22</sup> Carl Sagan, *Cosmos*, episodio 1

<sup>23</sup> Gloria Rojas Villegas, *Reverdecer y Colorear Santiago*, ed. Servicio Nacional del Patrimonio Cultural, 1st ed. (Santiago, 2020).

<sup>24</sup> Beatriz Garzón et al., "Vegetación Urbana y Hábitat Popular: El Caso de San Miguel de Tucumán.," *Revista INVI* 19, no. 49 (2004)

vegetal y en el suelo. Por esto, cuando los árboles se pierden, el carbono que retienen se vierte a la atmósfera, aumentando el efecto invernadero responsable del cambio climático<sup>25</sup>. Visto como sistemas ecológicos, también contribuyen a mejorar la biodiversidad, es decir, aumentar el número de poblaciones de organismos y especies distintas, incluyendo la diversidad de sus interacciones con su ambiente inmediato<sup>26</sup>. En este sentido, mientras más antiguas las áreas verdes tienden a ser más biodiversas, ya que poseen un mayor equilibrio en su vegetación. Esto se relaciona con el hecho de que la sucesión de dichos ecosistemas suele estar más avanzada que áreas verdes recientes<sup>27</sup>. Si bien los beneficios del suelo permeable y los árboles fueron descritos de forma independiente para el aire, la biodiversidad y los suelos, el siguiente esquema muestra que en realidad todos se encuentran íntimamente relacionados<sup>28</sup>.

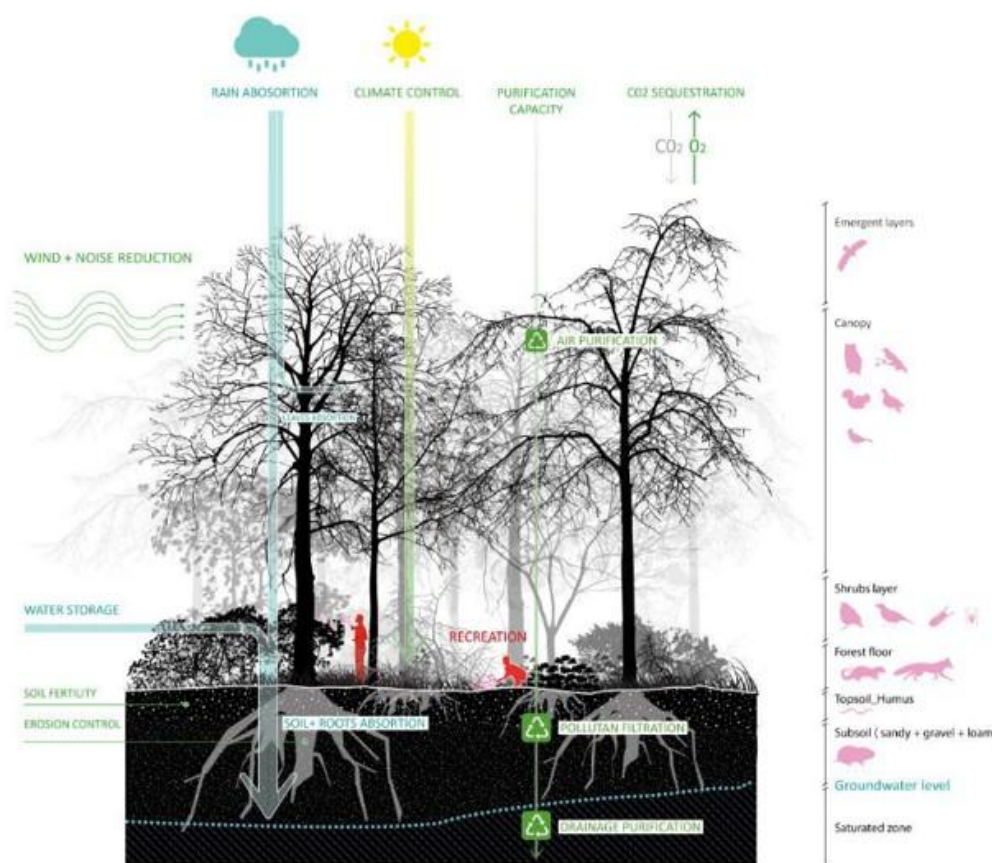


Ilustración 2: Beneficios medioambientales de los árboles. Fuente: <https://www.urbanisten.nl/>

25 <https://www.bbvaopenmind.com/ciencia/medioambiente/plantar-arboles-una-estrategia-controvertida-contra-el-cambio-climatico/>

26 T. Elmqvist et al., "Benefits of Restoring Ecosystem Services in Urban Areas," *Current Opinion in Environmental Sustainability* 14 (2015): 101–8

27 Michael L. McKinney, "Effects of Urbanization on Species Richness: A Review of Plants and Animals," *Urban Ecosystems* 11, no. 2 (2008): 161–76

28 <https://www.urbanisten.nl/>

Por último, existen investigaciones que demuestran como influye la morfología urbana en el micro clima local<sup>29</sup>, y como el material de las edificaciones juegan un rol fundamental en las variaciones micro climáticas<sup>30</sup>. Entre ellas, hay coincidencia sobre como las temperaturas de las fachadas disminuyen cuando se presentan geometrías más complejas, gracias al aumento de los efectos de sombreado<sup>31</sup>, así como el hecho que los patrones de temperatura dependen de la interacción sinérgica entre elementos geométricos de los edificios<sup>32</sup>. Además, el estudio del flujo de viento en las temperaturas del aire muestra la presencia de efectos locales de islas de calor. Incluso con temperaturas de fachada similares, estas islas de calor tienen intensidades significativamente diferentes según la capacidad de eliminar el calor. Contrariamente a la intuición, la intensidad de las islas de calor locales es mayor en los casos con velocidades de viento más altas para las pequeñas áreas urbanas estudiadas, donde el aire frío puede ingresar desde el lado dominante<sup>33</sup>.

Ahora bien, las amplias superficies de suelo permeable y la vegetación continua son posibles de distinguir en gran parte de los conjuntos habitacionales propios del Movimiento Moderno contruidos a mediados del siglo XX. Un buen ejemplo de esto son los 3 croquis de Le Corbusier en el libro “El urbanismo de los tres asentamientos humanos” (1964). Aunque sean en blanco y negro, tienen la virtud de sintetizar “el nuevo contrato con la naturaleza” que el autor describe con sólo 3 palabras: sol, espacio y verdor. El orden de estas palabras, visto desde los ecosistemas, es decir, desde el conjunto de organismos que se relacionan y comparten un mismo hábitat<sup>34</sup>, ubica conceptualmente el “espacio” al centro entre los componentes vivos y no vivos. Abióticos y bióticos. Sol y vegetación respectivamente.



Imagen 1: Fuente: El urbanismo de los tres asentamientos humanos (Le Corbusier, 1964).

29 Marco Maretto et al., “Environmental Urban Morphology: A Multidisciplinary Methodology for the Analysis of Public Spaces in Dense Urban Fabrics,” *Sustainability* 15, no. 23 (2023): 16493,

30 Valeria Duval, Graciela Benedetti, and Katherine Baudis, “El Impacto Del Arbolado de Alineación En El Microclima Urbano. Bahía Blanca, Argentina,” 2020.

31 Jonas Allegrini, Viktor Dorer, and Jan Carmeliet, “Influence of Morphologies on the Microclimate in Urban Neighbourhoods,” *Journal of Wind Engineering and Industrial Aerodynamics* 144 (2015): 108–17,

32 Daniela Maiullari et al., “The Microclimate Performance of Urban Form: A Quantitative Morphological Approach,” no. July (2021): 354–62.

33 Allegrini, Dorer, and Carmeliet, “Influence of Morphologies on the Microclimate in Urban Neighbourhoods.”

34 D. Armenteras et al., “Revisión Del Concepto de Ecosistema Como ‘Unidad de La Naturaleza’ 80 Años Después de Su Formulación,” *Ecosistemas* 25, no. 1 (2016): 83–89

Estos croquis sirven de ejemplo para ilustrar dos cosas. Primero, la configuración espacial entre la dimensión construida y la naturaleza que lo rodea, y, segundo, las distintas escalas de planificación y observación relacionadas con ella.

Sobre la configuración espacial, el croquis izquierdo sintetiza uno de los mayores aportes del urbanismo del Movimiento Moderno: la búsqueda por generar altas densidades habitacionales ocupando una mínima parte del suelo. De esta forma, los grandes edificios, al estar aislados en un terreno abierto, aprovechan al máximo las bondades del sol y el viento, o la temperatura y la ventilación respectivamente. Entre los edificios, una red de sinuosos senderos que los unen son apenas delgadas líneas de suelo sellado, contrario a las amplias áreas de suelo común verde, es decir, suelo permeable capaz de absorber y almacenar agua en el subsuelo, y con ello, la posibilidad de albergar vegetación numerosa y de gran tamaño. El croquis central muestra que los bloques aislados dentro de supermanzanas, no solo se aíslan de las circulaciones vehiculares, sino que el vacío entre avenidas y bloques está destinado a la vegetación, como muestra de forma exuberante el croquis derecho. En él todo es verde, mientras los edificios desaparecen detrás de una espesa y variada vegetación sin senderos peatonales, y quizás por ello, las personas simplemente desaparecen en este encuadre.

Los 2 primeros croquis recuerdan la idea de que un espacio está contenido en otro mayor, lo que Parodi (2011) define como escala contextual. “Escala de tipo componente-totalidad, en la cual una entidad completa como un edificio, se relaciona con una totalidad más extensa, de esta manera, la percepción del tamaño de los objetos está condicionada por el marco de referencia sobre el cual se presentan en relación con el tamaño de los objetos que configuran su entorno”<sup>35</sup>. De esta manera, de la escala contextual a la escala humana cambia el significado propio de lo que se vuelve visible, y con ello, su significado en relación a lo que permanece invisible<sup>36</sup>.

Al igual que lo exhibido en los croquis de LC, es conocido el bajo porcentaje de suelo sellado por superficies de hormigón en sus espacios abiertos entre sus bloques<sup>37</sup>. Como se observa a continuación, son muchos los casos, y en distintas ciudades en el mundo, los que poseen esta doble condición: amplias superficies de suelo permeable y vegetación continua entre bloques. A pesar de la diversidad de sus formas, tamaños, formas de llamarlos y ubicación en el mundo, es posible identificar 4 características físico-espaciales comunes:

### **Suelo permeable y vegetación continua en el paisaje habitacional moderno**

Las imágenes aquí reunidas muestran que los conjuntos habitacionales modernos no solo contienen arquitectura, sino también un tipo específico de paisaje: espacios abiertos, suelos permeables y vegetación continua en los espacios abiertos. A través de trece ejemplos de

---

35 Aníbal Parodi, “Escalas Alteradas” (Universidad Politécnica de Madrid, 2011).

36 Iná Elías de Castro, “El Problema de La Escala,” *Quaderns d’arquitectura i Urbanisme*, no. 233 (2002): 16–31.

37 María Fernández Nieto, “Recuperación de Los Barrios de La Modernidad En Madrid. Actualización de Su Potencial Medioambiental,” in *7th European Conference on Energy Efficiency and Sustainability in Architecture and Planning*, ed. Rufino J. Minguillón Araújo, Víctor, Loi, Raffaelina; Hernández, 2016, 77–88,



Europa, América Latina, Medio Oriente y Estados Unidos, se identifican tres grandes categorías que permiten visualizar el potencial ecosistémico y patrimonial de estos conjuntos.



Imagen 4: 1) Karl Marx Hof (Viena, Austria); 2) Hansaviertel (Berlín, Alemania); 3 y 4) Residencial San Felipe (Lima, Perú); 5) Villa México (Santiago, Chile); 6) Lafayette Park (USA).





Imagen 2: 7) Siemensstadt (Berlín, Alemania); 8) Beerseba housing complex (Beerseba, Israel); 9) Olivais Sul (Lisboa, Portugal); 10) Ümitköy Sitesi (Turquía); 11) Barbican State (Londres, Reino Unido); 12) Pedregulho (Sao Paulo, Brasil); 13) Unidad Vecinal Providencia (Santiago, Chile). Fuente: Google Earth

En estos casos, el espacio vacío no es un residuo ni un intersticio, sino el núcleo estructurante del conjunto. En la imagen 1, el Karl Marx Hof (Viena, Austria) dispone una gran explanada central de suelo permeable con césped y arboles perimetrales. En las imágenes 3 y 4, el

Residencial San Felipe (Lima, Perú) los edificios aislados están rodeados inmediatamente de suelo permeable y los espacios abiertos contienen numerosa vegetación formando diferentes continuidades. Lo mismo ocurre en la imagen 6 y 10 (Lafayette Park, USA y Ümitköy Sitesi, Turquía respectivamente), cuya vegetación ubicada próxima a los edificios los cubre con árboles de gran tamaño y sus senderos peatonales de suelo sellado se ubican a una distancia que permite generar estos jardines semiprivados.

Otro grupo de casos muestra como la vegetación ha crecido y madurado de tal forma que envuelve completamente los edificios, revelando el paso del tiempo y el potencial de este urbanismo como infraestructura ecológica. En la imagen 2, el Hansaviertel (Berlín, Alemania) aparece completamente cubierto por arboledas. En la imagen 5, la Villa México (Santiago, Chile) muestra una red vegetal que se impone visualmente sobre el conjunto construido. En la imagen 9, el Olivais Sul (Lisboa, Portugal) conserva un paisaje verde cuidado, con arquitectura permeada por espacios de sombra natural. En la imagen 10, el conjunto Ümitköy Sitesi (Ankara, Turquía) ofrece un sistema de patios y corredores arbolados que diluyen la presencia del automóvil. Estos casos son demostraciones empíricas de cómo la continuidad vegetal y el suelo permeable se convierten en componentes ecológicos de largo plazo, incluso en condiciones de alta densidad.

Otros casos muestran como el espacio abierto ha sido fragmentado, apropiado o transformado, ya sea por abandono, deterioro o nuevos usos. Sin embargo, persisten trazas del proyecto original, especialmente en la vegetación y el suelo. En la imagen 7, el Siemensstadt (Berlín, Alemania) presenta áreas verdes cerradas que aún conservan su trazado original. En la imagen 8, el conjunto en Beerseba (Israel) muestra un intento de ajardinamiento espontáneo que ha remplazado parte del diseño original. Finalmente, en la imagen 13, la Unidad Vecinal Providencia (Santiago, Chile) mantiene una vegetación frondosa, pese a las transformaciones del entorno. Estos ejemplos permiten reflexionar sobre las oportunidades de restauración ecosistémica, reconociendo la resiliencia del paisaje moderno como base para nuevas formas de conservación activa.

Estos casos demuestran que los conjuntos modernos no son solo bloques repetidos. En sus vacíos y vegetación continua reside un patrimonio ecosistémico en potencia, cuya conservación puede contribuir tanto a la calidad de vida urbana como a la adaptación climática.

### **Conclusiones: Reconocer el valor ecosistémico como dimensión patrimonial del paisaje moderno**

Esta investigación ha planteado que el paisaje habitacional moderno, tradicionalmente valorado por su dimensión arquitectónica, morfológica o simbólica, debe también ser comprendido desde su valor ecosistémico, en particular por la presencia de suelo permeable y vegetación continua como condiciones clave para la mitigación y adaptación al cambio climático en entornos urbanos.

En primer lugar, se ha demostrado que los Servicios Ecosistémicos Urbanos (SEU), especialmente los de regulación climática, no son atributos genéricos del entorno natural, sino que pueden identificarse y medirse en contextos urbanos planificados, como los conjuntos habitacionales modernos construidos entre las décadas de 1930 y 1970. Estos

servicios incluyen la regulación térmica, la captación de aguas lluvias, el secuestro de carbono y la mejora de la calidad del aire. Todos ellos están directamente vinculados a la presencia de suelo no sellado y vegetación madura, condiciones que muchas veces se encuentran aún presentes en este tipo de conjuntos.

En segundo lugar, la relación entre los servicios ecosistémicos y el patrimonio cultural ha sido abordada como un campo emergente que permite expandir las categorías patrimoniales tradicionales. Como se ha discutido en el texto, el reconocimiento de los SEU implica un proceso de atribución de valor por parte de la sociedad. En este sentido, los beneficios ecosistémicos que estos paisajes proveen pueden ser considerados no solo como valores instrumentales o estéticos, sino también como valores patrimoniales, en tanto son resultado de procesos históricos, sociales y proyectuales acumulados que benefician al conjunto de la ciudadanía.

En tercer lugar, se ha argumentado que esta doble condición —espacios proyectados con criterios modernos y hoy relevantes en la agenda climática— ofrece una oportunidad para repensar los marcos normativos y conceptuales de la protección patrimonial. Tal como se ha explorado en los estudios recientes del norte de Europa y en el informe TemaNord (2015), la noción de patrimonio ecosistémico permite integrar las dimensiones culturales y ecológicas del paisaje urbano, reconociendo que ambos campos pueden actuar en conjunto en vez de manera separada. En este sentido, la propuesta no es solo proteger lo construido ni solo conservar lo natural, sino más bien preservar configuraciones espaciales que hacen posible la coexistencia de la vida urbana y los ciclos ecológicos.

Finalmente, este artículo sugiere que los conjuntos habitacionales modernos con vegetación continua y suelo permeable deberían ser reconocidos como patrimonio ecosistémico por su capacidad de contribuir de forma concreta a la resiliencia climática de las ciudades. Lejos de ser espacios obsoletos o residuales, estos paisajes ofrecen infraestructuras ecológicas ya existentes que pueden, y deben, ser integradas en las estrategias de adaptación urbana. Su valor no está solo en lo que representan, sino en lo que hacen: filtran, absorben, enfrían y conectan.

Este reconocimiento implica no solo un cambio conceptual, sino también nuevas formas de gestión, evaluación y monitoreo, así como una revisión crítica de las prácticas urbanísticas que han favorecido el sellamiento del suelo y la fragmentación del verde urbano. Integrar la mirada ecosistémica a los criterios patrimoniales no significa subordinar el patrimonio a lo ambiental, sino actualizar su sentido y relevancia frente a los desafíos actuales del cambio climático y la justicia espacial.

Por ello, conservar estos paisajes no es una forma de nostalgia, sino una estrategia concreta para sostener la vida urbana en condiciones más habitables, equitativas y resilientes. En este sentido, reconocer el espacio vacío, el suelo permeable y el verde continuo como parte de un patrimonio ecosistémico urbano es una forma de preservar el futuro desde lo que ya existe.

## **Bibliografía**

Allegrini, Jonas, Viktor Dorer, and Jan Carmeliet. “Influence of Morphologies on



- the Microclimate in Urban Neighbourhoods.” *Journal of Wind Engineering and Industrial Aerodynamics* 144 (2015): 108–17.  
<https://doi.org/10.1016/j.jweia.2015.03.024>.
- Arias-Arévalo, Paola, Erik Gómez-Baggethun, Berta Martín-López, and Mario Pérez-Rincón. “Widening the Evaluative Space for Ecosystem Services: A Taxonomy of Plural Values and Valuation Methods.” *Environmental Values* 27, no. 1 (2018): 29–53. <https://doi.org/10.3197/096327118X15144698637513>.
- Armenteras, D., T. M. González, L. K. Vergara, F. J. Luque, N. Rodríguez, and M. A. Bonilla. “Revisión Del Concepto de Ecosistema Como ‘Unidad de La Naturaleza’ 80 Años Después de Su Formulación.” *Ecosistemas* 25, no. 1 (2016): 83–89.  
<https://doi.org/10.7818/ECOS.2016.25-1.12>.
- Castro, Iná Elias de. “El Problema de La Escala.” *Quaderns d’arquitectura i Urbanisme*, no. 233 (2002): 16–31.
- Chan, Kai M A, Joshua Goldstein, Terre Satterfield, Neil Hannahs, Kekuewa Kikiloi, Robin Naidoo, Nathan Vadeboncoeur, and Ulalia Woodside. “Cultural Services and Non-Use Values.” Edited by Peter Kareiva, Heather Tallis, Taylor H Ricketts, Gretchen C Daily, and Stephen Polasky. *Natural Capital: Theory and Practice of Mapping Ecosystem Services*. Oxford University Press, April 7, 2011.  
<https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199588992.003.0012>.
- Díaz, Francisco. “Editorial.” *ARQ* 93, 2015, 12–13.
- . *Suelo*. Talca: Bifurcaciones, 2023.
- Duval, Valeria, Graciela Benedetti, and Katherine Baudis. “El Impacto Del Arbolado de Alineación En El Microclima Urbano. Bahía Blanca, Argentina,” 2020.
- Elmqvist, T., H. Setälä, S. N. Handel, S. van der Ploeg, J. Aronson, J. N. Blignaut, E. Gómez-Baggethun, D. J. Nowak, J. Kronenberg, and R. de Groot. “Benefits of Restoring Ecosystem Services in Urban Areas.” *Current Opinion in Environmental Sustainability* 14 (2015): 101–8. <https://doi.org/10.1016/j.cosust.2015.05.001>.
- Fernandez Nieto, María. “Recuperación de Los Barrios de La Modernidad En Madrid. Actualización de Su Potencial Medioambiental.” In *7th European Conference on Energy Efficiency and Sustainability in Architecture and Planning*, edited by Rufino J. Minguillón Araújo, Víctor, Loi, Raffaelina; Hernández, 77–88, 2016.
- Food and Agriculture Organization of the United Nations - FAO. “Urbanisation and Soil Sealing.” *Intergovernmental Technical Panel Oil Letters*, 2022.  
<https://www.fao.org/3/cb8617en/cb8617en.pdf>.
- Garzón, Beatriz, Noemí Brañes, María Laura Abella, and Ana Auad. “Vegetación Urbana y Hábitat Popular: El Caso de San Miguel de Tucumán.” *Revista INVI* 19, no. 49 (2004).



<https://doi.org/10.5354/0718-8358.2004.62208>.

Ghosn, Rania, and El Hadi Jazairy. “Georama of Trash.” *ARQ* 93, 2016.

Hernandez, Ballart, Fullola Pericot, and Dels Angels Petit. “El Valor Del Patrimonio Histórico.” *Complutum* 6 (1996): 215–24.

Kaye, Jason P., Peter M. Groffman, Nancy B. Grimm, Lawrence A. Baker, and Richard V. Pouyat. “A Distinct Urban Biogeochemistry?” *Trends in Ecology and Evolution* 21, no. 4 (2006): 192–99. <https://doi.org/10.1016/j.tree.2005.12.006>.

Lal, Rattan, and B. Stewart. *Urban Soils. Advances in Soils Science*. Edited by Rattan Lal and B. Stewart. Taylor & Francis Group, 2018.

Luzio, Walter, and Manuel Casanova. *Avances En El Conocimiento de Los Suelos En Chile*, 2020.

Maiullari, Daniela, Marjolein Pijpers-van Esch, Abdullah Aldakheelallah, and Daniele Cannatella. “The Microclimate Performance of Urban Form: A Quantitative Morphological Approach,” no. July (2021): 354–62.

Maretto, Marco, Barbara Gherri, Daniela Maiullari, Chiara Vernizzi, Greta Pitanti, Chiara Finizza, and Alice Monacelli. “Environmental Urban Morphology: A Multidisciplinary Methodology for the Analysis of Public Spaces in Dense Urban Fabrics.” *Sustainability* 15, no. 23 (2023): 16493. <https://doi.org/10.3390/su152316493>.

McKinney, Michael L. “Effects of Urbanization on Species Richness: A Review of Plants and Animals.” *Urban Ecosystems* 11, no. 2 (2008): 161–76. <https://doi.org/10.1007/s11252-007-0045-4>.

Parodi, Aníbal. “Escalas Alteradas.” Universidad Politécnica de Madrid, 2011.

Peter Wohllenben. *La Vida Secreta de Los Árboles. Nursing (Ed. Española)*. Ediciones Obelisco, 2021. [https://doi.org/10.1016/s0212-5382\(11\)70278-3](https://doi.org/10.1016/s0212-5382(11)70278-3).

Pfeiffer, Marco, Jorge Pérez, Mauricio Gonzalez, and Regina Donoso. “Capítulo 5: Suelos.” In *Estado Del Medio Ambiente En Chile*, 274–318, 2019.

Rojas Villegas, Gloria. *Reverdecer y Colorear Santiago*. Edited by Servicio Nacional del Patrimonio Cultural. 1st ed. Santiago, 2020.

Sarricolea Espinoza, Pablo, and Hugo Romero Aravena. “Análisis de Los Factores Condicionantes Sobre Las Temperaturas de Emisión Superficial En El Área Metropolitana de Valparaíso, Chile.” *ACE: Architecture, City and Environment* 5, no. 13 (2010): 79–96. <https://doi.org/10.5821/ace.v5i14.2507>.

- Temanord. “Kulturarv Og Økosystemtjenester. Sammenhenger, Muligheter Og Begrensninger,” 2015. <https://doi.org/10.6027/tn2015-540>.
- Wang, Jun, Theodore A. Endreny, and David J. Nowak. “Mechanistic Simulation of Tree Effects in an Urban Water Balance Model.” *Journal of the American Water Resources Association* 44, no. 1 (2008): 75–85. <https://doi.org/10.1111/j.1752-1688.2007.00139.x>.
- Yang, Jin Ling, and Gan Lin Zhang. “Formation, Characteristics and Eco-Environmental Implications of Urban Soils – A Review.” *Soil Science and Plant Nutrition* 61, no. 0 (2015): 30–46. <https://doi.org/10.1080/00380768.2015.1035622>.
- Zölch, Teresa, Johannes Maderspacher, Christine Wamsler, and Stephan Pauleit. “Using Green Infrastructure for Urban Climate-Proofing: An Evaluation of Heat Mitigation Measures at the Micro-Scale.” *Urban Forestry and Urban Greening* 20 (2016): 305–16. <https://doi.org/10.1016/j.ufug.2016.09.011>.

# **Diálogo entre territorio, arte y arquitectura: la expansión de la infraestructura cultural en la Ciudad Universitaria de la UNAM entre 1973 y 1981 y su importancia actual**

**Isaura Gonzalez Gottdiener**

Posgrado Arquitectura Universidad Nacional Autónoma de México  
[isaura.g@fa.unam.mx](mailto:isaura.g@fa.unam.mx)

**Luis García-Galiano de Rivas**

Posgrado Arquitectura Universidad Nacional Autónoma de México  
[lggalianodr@correo.xoc.uam.mx](mailto:lggalianodr@correo.xoc.uam.mx)

**Resumen:** La ponencia analiza el proceso de expansión de la infraestructura cultural en la Ciudad Universitaria (CU) de la UNAM entre 1973 y 1981, enfocándose en la creación del Centro Cultural Universitario (CCU) y el Espacio Escultórico. El trabajo surge de la investigación de Isaura González Gottdiener, dirigida por Luis García-Galiano de Rivas, y busca comprender el diseño y producción de la Sala Nezahualcóyotl y el CCU, así como su impacto urbano, arquitectónico y simbólico para la comunidad universitaria y la sociedad mexicana. El CCU, construido entre 1976 y 1981, se erige como la obra más emblemática de la expansión universitaria de la época, reposicionando a la UNAM como un referente cultural tras los conflictos estudiantiles y laborales de años previos. Este conjunto fue concebido para fomentar la difusión cultural y el encuentro social, respetando la geografía y la riqueza ambiental del Pedregal de San Ángel. Su construcción marcó una nueva etapa de desarrollo en CU, detonando la edificación de nuevos espacios y consolidando la protección del patrimonio territorial universitario frente al acelerado crecimiento urbano de la Ciudad de México. La investigación emplea análisis arquitectónico, fenomenología de la percepción, historia y crítica, así como entrevistas con actores clave del proyecto. Además, se destaca el reconocimiento internacional al Espacio Escultórico, premiado en 2024 por su capacidad de conectar historia, arte y conciencia ecológica. La ponencia subraya la importancia del diálogo entre territorio, arquitectura, escultura y paisaje, mostrando cómo el conjunto CCU-Espacio Escultórico representa una síntesis original de modernidad, identidad y respeto ecológico, diferenciándose del campus central y consolidando un legado cultural y ambiental único en la historia universitaria y urbana de México.

**Palabras clave:** Centro Cultural Universitario, Espacio Escultórico, Ciudad Universitaria, Expansión universitaria, Patrimonio arquitectónico

## Introducción

La presente ponencia se deriva de la investigación realizada por Isaura González Gottdiener bajo la dirección de Luis García-Galiano de Rivas para obtener el grado de maestra en Arquitectura en el Programa de Maestría y Doctorado en Arquitectura de la Universidad Nacional Autónoma de México con la tesis: “La obra del arquitecto Arcadio Artís Espriu y su aportación al patrimonio universitario”. El objetivo en primer término fue comprender el proceso de diseño y producción de la Sala de Conciertos Nezahualcóyotl y el Centro Cultural Universitario (CCU) de la Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM); la importancia de la solución urbano-arquitectónica y su relación con el contexto inmediato; y la trascendencia de este conjunto como símbolo de la cultura para los universitarios y la sociedad a casi cincuenta años de su construcción.

Ubicado al sur del campus central de la Ciudad Universitaria (CU), el CCU también es un lugar de esparcimiento y encuentro, un oasis en el caos de la ciudad contemporánea construido entre 1976 y 1981 durante la gestión del rector Guillermo Soberón Acevedo<sup>1</sup>, siendo la obra más emblemática de los planes de expansión de la infraestructura universitaria de la época. Gracias a su creación, la UNAM se reposicionó como un surtidor de cultura hacia la sociedad tras los conflictos estudiantiles de finales de los años sesenta y laborales de principios de los setenta, a la vez que protegió su patrimonio territorial de las fuertes presiones del acelerado crecimiento urbano de esos años en que la ciudad de México se convirtió en una gran metrópoli.

El CCU fue concebido bajo ideas sustantivas como promover la difusión de la cultura en espacios que propicien el encuentro de la comunidad universitaria, y el respeto por la geografía del Pedregal de San Ángel, sitio con una gran potencia estética y ambiental. Sin embargo, con su construcción se detonó una tercera etapa de edificación<sup>2</sup> al interior de CU, que pronto trajo consigo la construcción de otros edificios. De forma paralela, entre 1954 y 1970 la mancha urbana rodeó al enclave universitario poniendo en riesgo la reserva territorial de la UNAM.

Para el desarrollo de la tesis se recurrió al análisis de la geometría de la composición arquitectónica —noción desarrollada por el doctor Carlos González y Lobo y el maestro Luis García-Galiano de Rivas—, a la fenomenología de la percepción, las nociones de la historia y de las teorías, así como a la crítica de la arquitectura, coincidentes con las conclusiones de Josep María Montaner (2023), en su libro *Renombrar la arquitectura en su evolución técnica, formal y ética*<sup>3</sup>. De forma paralela, se realizó una investigación gráfica y documental en archivos, revistas y periódicos, y se llevaron a cabo entrevistas con el ingeniero Roberto Ruiz Vila, quien fue el residente de la obra; el arquitecto Orso Nuñez Ruiz Velasco, jefe de Taller de la DGOC en 1976 y posteriormente director de Proyectos; el arquitecto Manuel “Chacho” Medina, colaborador del proyecto; la doctora

---

<sup>1</sup> Guillermo Soberón Acevedo (1925-2020) fue rector de la UNAM (1973-1981), coordinador de los Servicios de Salud (1981-1982) y secretario de Salud (1982-1988). Recibió los premios de la Academia de la Investigación Científica 1965, Elías Sourasky 1968, Luis Elizondo 1974, Nacional de Ciencias y Artes 1980, Abraham Horwitz 1991 y Médico Ilustre de la Nación 2013. Ingresó a El Colegio Nacional el 5 de noviembre de 1981 (El Colegio Nacional, 2020).

<sup>2</sup> En el libro *Del funcionalismo al post-racionalismo*, Enrique Yáñez identifica tres etapas de construcción en Ciudad Universitaria: la primera de 1949 a 1952 correspondiente al campus central (CU-52); la segunda de 1973 a 1980 consistente en los edificios destinados a los institutos de investigación científica y a remodelaciones y ampliaciones dentro de la CU-52; y la tercera al Centro Cultural Universitario.

<sup>3</sup> Montaner, J. M. *Renombrar la arquitectura en su evolución técnica, formal y ética*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2023.

Louise Noelle, secretaria Técnica del Comité de Análisis para las Intervenciones Urbanas, Arquitectónicas y de las Ingenierías en Ciudad Universitaria y los campus de la UNAM en la actualidad; y con Claudia y María Artís Llorens, hijas de Arcadi Artís.

Como continuidad de esta investigación, en 2024 Isaura González profundizó en el estudio del Espacio Escultórico y el Paseo de las Esculturas, obras artísticas realizadas en la misma época junto al conjunto cultural, con motivo del otorgamiento del Premio Carlo Scarpa per il Giardino 2024, otorgado por la Fundación Benetton Studi Ricerche a la escultura monumental Espacio Escultórico, por “conectar el pasado y el futuro, vinculando la historia de la construcción universitaria con la evolución de la conciencia ecológica en el campus”, (Fondazione Benetton, 2024)) lo que suma a esta ponencia al considerar que edificios y esculturas conforman una unidad por haber sido concebidos bajo el principio del respeto y diálogo arquitectónico con la geografía del lugar.

En este texto abordamos la transformación del territorio donde se ubica la Ciudad Universitaria del Pedregal y cómo el crecimiento demográfico, y por ende, urbano, ha impactado tanto al interior como el exterior del polígono universitario, haciendo énfasis en el análisis del Centro Cultural Universitario, el Espacio Escultórico y el paseo de las Esculturas por su trascendencia como conjunto urbano arquitectónico en el que existe un diálogo entre territorio, arquitectura, escultura y paisaje distinto al del campus central de CU construido veinte años antes, resultado de una época en que se tomó conciencia del valor de la ecología frente al daño provocado por la actividad humana, y en la que la arquitectura y la escultura en México tuvieron planteamientos originales en la relación de las construcciones y obras de arte público con los espacios abiertos.

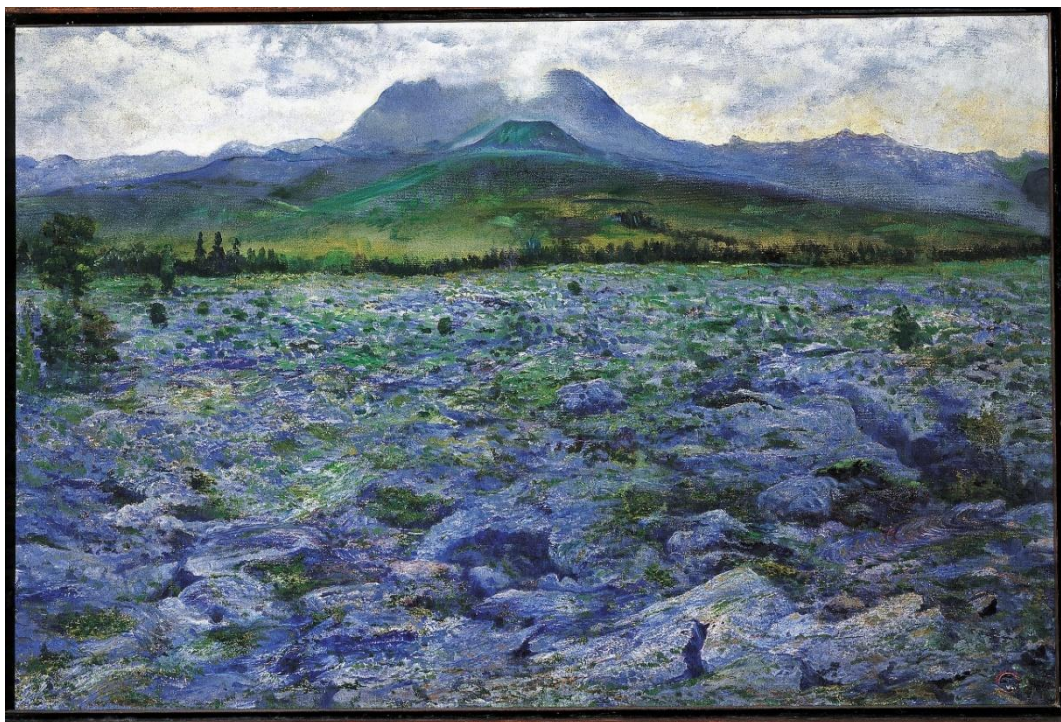
### **El Pedregal de San Ángel: de paisaje agreste a suelo urbano**

El biólogo Jerzy Rzedowski<sup>4</sup> fue el primero en estudiar la vegetación del Pedregal a mediados de los años cincuenta justo en la misma época en que CU se inauguró con bombo y platillo. Aunque el interés por este paisaje volcánico como un sitio de alto valor ambiental surgió hasta la década de 1980, desde finales del siglo XIX su valor estético había asombrado a pintores como José María Velasco (1840-1912) y Joaquín Clausell (1866-1935). El Pedregal es producto de la erupción del volcán Xitle (xictli=ombliguito en Náhuatl), uno de los más de 200 conos volcánicos de la sierra Chichinautzin, que divide por el sur a la Ciudad de México del estado de Morelos. La lava producida por la erupción cubrió ochenta hectáreas que van desde los 3 mil 100 metros sobre el nivel del mar hasta los 2 mil 100 (Pérez-Escobedo, 2013).

---

<sup>4</sup> Jerzy Rzedowski Rotte (1926-2023) fue un botánico polaco naturalizado mexicano. Profesor e investigador de la Escuela Nacional de Ciencias Biológicas del Instituto Politécnico Nacional. Cofundador, y editor de la revista *Acta Botánica Mexicana*.





**Imagen 1.** Joaquín Clausell (1866-1935), El Pedregal, s/f, óleo sobre tela. Colección del Museo Nacional de Arte, Instituto Nacional de Bellas Artes y Literatura, Ciudad de México.

Cientos de años previos a la erupción, durante el período preclásico mesoamericano al suroeste de la Cuenca de México se erigió la ciudad de Cuicuilco (800 a.C - 250 d.C.). que llegó a ser un gran centro regional con una población de entre 20 y 40 mil habitantes. Cuicuilco controlaba los recursos de la zona y ejercía gran influencia y relación con el Occidente de México, llegando a competir con Teotihuacán. Con la erupción del Xitle el desarrollo de la ciudad se detuvo al obligar a sus pobladores a abandonarla (Miguel Bernal, M., Sandoval González, D., 2018). Los restos de esta cultura quedaron ocultos bajo la lava hasta 1920 cuando el antropólogo Manuel Gamio encontró el Gran Basamento circular que años más tarde sirvió de inspiración a los creadores del Espacio Escultórico.

Al enfriarse y solidificarse la lava se reinició el ciclo de la vida. Con el paso del tiempo entre las rocas aparecieron infinidad de especies vegetales y animales. Musgos, helechos, plantas con flores y árboles atrajeron insectos, arañas, catarinas, lagartijas, ranas, aves, reptiles y pequeños mamíferos como conejos, tuzas, hurones, tlacuaches, zorrillos y murciélagos. También llegaron los mamíferos carnívoros: zorra gris, cacomixtle, culebras y finalmente pumas, lince y coyotes. Así, la constelación de interacciones biológicas alcanzó los niveles de complejidad propios de una comunidad biológica madura: el Pedregal de San Ángel se convirtió en un sitio de enorme heterogeneidad con una gran variedad de microambientes (Carrillo-Trueba, C. 1995).

La porosidad de la roca incidió en la creación de numerosos manantiales y ojos de agua que atrajeron a grupos humanos, los cuales se asentaron en los límites del derrame. Sin embargo, el difícil acceso y la accidentada orografía, dejaron al Pedregal con mínimas perturbaciones humanas hasta principios del siglo XX. Entre los años treinta y cuarenta, personajes de la política y el medio cultural de México como Maximino Ávila Camacho, Salvador Novo, Diego Rivera, Miguel Ángel de Quevedo, y Emilio “el Indio” Fernández,

entre otros, se mudaron a las poblaciones colindantes, atraídos por la limpieza de su aire y el ambiente casi rural. En 1945 Rivera escribió un manifiesto titulado *Requisitos para la organización del Pedregal*, en el que el pintor propuso la construcción de una nueva ciudad sobre el malpaís para resolver los problemas de habitación de la capital bajo la idea de conservar la belleza del lugar en concordancia con las ideas de arquitectos como Frank Lloyd Wright, Gropius y Jacobson. (Rivera, D., 1945). El germen para la urbanización fue un jardín volcánico diseñado por Luis Barragán al margen del río Magdalena. Tras esta intervención paisajística, el arquitecto tapatío se dio a la tarea de buscar inversionistas para hacer un fraccionamiento bajo los lineamientos planteados por Rivera. De forma paralela, en los mismos años el gobierno otorgó a la UNAM 733 hectáreas en la zona para construir la Ciudad Universitaria. Con estas grandes obras dio inicio la transformación del Pedregal.



**Imagen 2.** Los volcanes Iztaccíhuatl y Popocatepetl vistos desde el Pedregal de San Ángel. Fotografía de Armando Salas Portugal, años cuarenta. AHUNAM/IISUE, Colección Armando Salas Portugal, ASP-P-244.

### La segmentación espacial y social del pedregal

Entre los años treinta y cuarenta del siglo XX el ritmo de crecimiento de la ciudad de México se aceleró<sup>5</sup>. La población rural empezó a migrar a la capital atraída por el rápido crecimiento del sector industrial. La ciudad rebasó sus límites tradicionales expandiéndose rápidamente hacia sur poniente. Para resolver el crecimiento, el suelo rural paulatinamente se transformó en suelo urbano. En la década de los cuarenta dio inicio el desarrollo urbano de los otrora pueblos de Coyoacán y San Ángel con el fraccionamiento

---

<sup>5</sup> En 1930, la Ciudad de México contaba con 1.229.576 habitantes, lo que representaba el 3.5% del total de la población urbana del país. Para 1940, la población de la ciudad creció a 1.757.530 habitantes, lo que significó un incremento del 3.6% de la población urbana nacional.



de varias haciendas que se convirtieron en las primeras colonias con servicios urbanos. La mancha urbana llegó al borde del Pedregal junto con la apertura de nuevas vías de comunicación que lo dividieron en grandes porciones.

Como ya se mencionó, fue en la porción contigua al pueblo de San Ángel donde se dieron las primeras transformaciones. Los hermanos Luis y José Alberto Bustamante<sup>6</sup> se asociaron con Barragán para desarrollar el exclusivo fraccionamiento Jardines del Pedregal que se realizó bajo una licencia rural de tipo “campestre” y se benefició de la apertura de la avenida Universidad y los servicios que trajo consigo la construcción de CU. La oferta de los lotes, de 10 mil metros cuadrados, inició en 1948 apoyada con una campaña publicitaria en medios impresos y en la naciente televisión. En pocos años las altas élites convirtieron al fraccionamiento en uno de los rincones más exclusivos de la capital y del país. Barragán decidió dejar el proyecto ante las modificaciones del plan original con lo que el fraccionamiento rápidamente se transformó en un lucrativo negocio habitacional.



**Imagen 3.** Vista aérea del fraccionamiento residencial Jardines del Pedregal. Acervo Histórico Fundación ICA, A.C., Fondo Aerofotográfico, Serie Oblicuas, FAO\_01\_009262, Compañía Mexicana Aerofoto, 1952.

En lo que toca a la Ciudad Universitaria, en 1946, el presidente Manuel Ávila Camacho emitió el decreto expropiatorio mencionado. La construcción de las nuevas instalaciones despertó muchas dudas tanto por la dificultad de construir sobre la roca como por la

---

<sup>6</sup> “La trayectoria de los hermanos Bustamante como desarrolladores inmobiliarios había empezado años antes junto con el futuro presidente Miguel Alemán Valdés, quien paralelamente a su carrera política se dedicó a urbanizar zonas como Las Lomas de Chapultepec y Polanco. Alemán y los Bustamante habían trabajado en conjunto en lo que se convirtió en la colonia Anzures, entre otros proyectos”. (Peregrina, L. S. 2015)

lejanía con el centro de la ciudad. Respecto de lo primero, los terrenos seleccionados para edificar el campus correspondían a una zona agrícola, por tanto, estaban rodeados de piedra, mas no cubiertos por esta en su totalidad. En lo que toca a la lejanía, el gobierno federal realizó una campaña publicitaria que difundió las ideas y beneficios políticos y urbanos del proyecto hacia las distintas capas de la sociedad, apuntaladas bajo una serie de conceptos como: el funcionalismo humanista de José Villagrán García; el regionalismo paisajista de Diego Rivera y Luis Barragán; y el discurso de mexicanidad de Carlos Lazo, gerente de construcción de la magna obra (Pérez-Mendez, 2014).



**Imagen 4.** Proceso de construcción del campus central de la Ciudad Universitaria de México. Fotografía de Saul Molina Barbosa 1951. IIE/Archivo Fotográfico Manuel Toussaint, Colección Construcción de Ciudad Universitaria, CCH000749

CU y los Jardines del Pedregal, conformaron un espacio urbano arquitectónico innovador síntesis de la modernidad y las invariantes paisajísticas mexicanas que representó los logros alcanzados del México posrevolucionario en el contexto internacional de la posguerra europea. Ambas obras representan la cara del México desarrollista que se extendió hasta finales de los años sesenta. La otra cara de la moneda pronto se develó, si bien el proyecto original de CU consideraba la inclusión de vivienda para académicos y estudiantes en zonas diferenciadas, sólo se construyeron dos edificios uno de los cuales nunca se destinó para este fin. Esto detonó la construcción de unidades habitacionales por parte de la iniciativa privada dirigidas a los maestros al nororiente, así como servicios comerciales, espacios de entretenimiento, culturales y deportivos. El libro *Historia del barrio universitario moderno del Pedregal: de la centralidad a la dispersión*<sup>7</sup>, 1952-1976, coordinado por Alejandro Leal Menegus, aborda este tema específico.

Por otra parte, el Pedregal también se convirtió en territorio de luchas sociales pues “con la expropiación a favor de la Universidad, se afectó a un número indeterminado de familias que habitaban la zona, las cuales emprendieron una lucha legal para intentar

---

<sup>7</sup> Leal Menegus, Alejandro, Erick Montes, Keila Escamilla, y David Morales. *Historia del barrio universitario moderno del Pedregal: de la centralidad a la dispersión*, 1952-1976. Universidad Nacional Autónoma de México. Facultad de Arquitectura, 2022.



recuperar parte de su patrimonio” (Peregrina, L.S. 2015). Para resolver el problema, en 1947 la Universidad cedió 12 hectáreas en el extremo nororiental de su territorio para la construcción de la colonia Copilco el Alto junto con los planos arquitectónicos y la promesa de educación preparatoria y profesional para sus hijos. Aunque en los planos la colonia lucía armónicamente diseñada, no se tomaron en cuenta las características físicas del terreno lo que trajo consigo importantes modificaciones. Tampoco se dotó de servicios, lo que obligó a utilizar las grietas del pedregal como desagüe. La lucha de los vecinos por obtener los servicios básicos y las escrituras de sus terrenos duró décadas.

El crecimiento de los asentamientos populares continuó de forma paulatina y en algunos casos alarmante. La transformación del Pedregal de Los Reyes, hoy colonia Pedregal de Santo Domingo merece especial mención. En 1971, tras el informe presidencial en el que se anunció la regularización de los asentamientos populares, se impulsó la toma ilegal de este sitio por más de 100 mil personas en la que es considerada la invasión más grande de América Latina. Así, entre los años cincuenta y setenta, la Ciudad Universitaria quedó rodeada por fraccionamientos residenciales de alto poder adquisitivo en su costado poniente, conjuntos habitacionales al nororiente, y colonias populares al oriente.



**Imagen 5.** El septiembre de 1971, 5 mil familias invadieron lo que hoy es la colonia Pedregal Santo Domingo al oriente de la Ciudad Universitaria. Fotografía de Jorge Soto Archivo *El Universal*

Otro evento que impulsó el crecimiento urbano hacia el suroriente de CU, fue la realización de los Juegos Olímpicos de 1968 que demandaron la creación de nueva infraestructura deportiva y de servicios. La inauguración y la clausura se celebraron en el Estadio Olímpico Universitario lo que convirtió a la Universidad en el corazón de la justa deportiva. Para facilitar el acceso a éste y otros recintos, entre 1966 y 1968 se construyó una de las vialidades más importantes de la ciudad, la prolongación del Anillo Periférico al suroriente de la capital. Esta vía rápida marcó un borde franco al sur de CU y detonó nuevas urbanizaciones como la Villa Olímpica. El Pedregal fue también escenario para la Ruta de la Amistad, un corredor de 19 esculturas abstractas monumentales realizadas



en concreto por artistas de todos los continentes<sup>8</sup> a lo largo de la ampliación del Anillo Periférico, con el objetivo de transmitir un mensaje de paz y fraternidad en el contexto de la Guerra Fría. Concebida por el artista de origen alemán Mathias Goeritz como parte de la Olimpiada Cultural<sup>9</sup>, sacó el arte al plano urbano.



**Imagen 6.** Vista hacia el sur de la Ciudad Universitaria en la que se aprecia la reserva territorial.

Fuente: Acervo Histórico Fundación ICA, A.C, Fondo Aerofotográfico, Serie Oblicua, FAO\_00\_014565, Compañía Mexicana Aerofoto, 1952

Las urbanizaciones en torno a Ciudad Universitaria pueden ser abordadas desde múltiples perspectivas. Visto desde la ocupación espacial, hacia mediados de los setenta el crecimiento urbano puso en un alto riesgo la reserva territorial de CU lo que llevó a construir la barda perimetral que la rodea y a pensar en estrategias para su salvaguarda. Por otra parte, a partir de los años sesenta la comunidad estudiantil en el país y por tanto en la UNAM, crecía a un ritmo acelerado, las instalaciones pronto fueron insuficientes, la expansión de la infraestructura era inminente.

<sup>8</sup> Ángela Gurúa (México), Willi Gutmann (Suiza), Miroslav Chlupác (Checoslovaquia), Kiyoshi Takahashi (Japón), Pierre Székely (Hungría), Gonzalo Fonseca (Uruguay), Costantino Nivola (Italia/Estados Unidos), Jacques Moeschal (Bélgica), Todd Williams (Estados Unidos), Grzegorz Kowalski (Polonia), Clement Meadmore (Australia), Herbert Bayer (Austria/Estados Unidos), Joop J. Beljon (Holanda), Itzhak Danziger (Israel), Olivier Séguin (Francia), Moahamed Melehi (Marruecos), Helen Escobedo (México) y Jorge Dubón (México).

<sup>9</sup> Previo a la realización de los XIX Juegos Olímpicos, México propuso la realización de la Olimpiada Cultural, un evento alterno a las pruebas deportivas que comprendió actividades artísticas, culturales y científicas en el que participaron artistas de 97 países. Fue inaugurada en el Palacio de Bellas Artes en enero de 1968 y tuvo una duración de un año.

### **El crecimiento al interior de la Ciudad Universitaria**

El campus central de CU se construyó en una época en la que el Estado tuvo un papel central en la promoción del desarrollo y en la organización de la sociedad y de la política. El fin de la Segunda Guerra Mundial detonó grandes cambios políticos y económicos a nivel mundial que en México se vieron reflejados en un crecimiento económico sostenido conocido como el “Milagro Mexicano”. De 1940 a 1960 la población creció de 19.7 a 38.68 millones de habitantes. Los recursos públicos se destinaron a la construcción de grandes obras hidráulicas y de electrificación, así como a la planificación de escuelas, hospitales y vivienda multifamiliar, mientras que la inversión privada se orientó a la manufactura, a los bienes intermedios y los artículos de consumo.

La arquitectura internacional, representada por la Bauhaus, Le Corbusier y Mies van der Rohe terminó de consolidarse como símbolo del progreso y la modernidad del país. Los arquitectos reinterpretaron las formas internacionales con un estilo propio que imprimió una identidad nacional a los edificios de carácter público y respondió a la manera moderna de trabajar en la arquitectura privada. En este contexto se dio la construcción de CU, obra con la que México se colocó en el primer plano de la arquitectura mundial en ese momento (Yáñez, E., 1990).

El elemento fundamental para la urbanización de los terrenos que albergan el campus central fue un anillo vial destinado a la circulación vehicular que delimita el conjunto arquitectónico. Este anillo es atravesado por la avenida Insurgentes, la cual funciona como un puente que permite que los cruces vehiculares se desarrollen por debajo de ella. En el interior de este perímetro se configuraron circuitos cerrados adicionales para el tránsito automotor, lo que definió cuatro grandes zonas: educativa, deportiva, estadio de exhibición y residencial. Estas áreas se interconectan peatonalmente mediante pasos a desnivel, evitando así la interacción directa entre vehículos y peatones. Las plazas, jardines y andadores constituyen el núcleo y articulación de los diversos edificios, mientras que los recorridos peatonales se encuentran protegidos mediante pórticos y cubiertas.

Este tipo de urbanismo orgánico tiene su origen en el sistema Herrey, formulado por Hermann Herrey, arquitecto vienés exiliado en Nueva York, quien propuso concebir la ciudad como un organismo vivo en el que el sistema de transporte vehicular no interfiere con el sistema peatonal. Este paradigma promueve la integración armónica entre las distintas funciones urbanas, buscando un orden espacial que facilite tanto la movilidad como la convivencia social, aspectos esenciales para la planificación urbana contemporánea, que en el caso de CU transformó las antiguas tierras agrícolas en el conjunto arquitectónico más representativo del México moderno. Asimismo, este planteamiento permitió que el paisaje del Pedregal, los volcanes y las sierras circundantes establecieran un diálogo armónico con la arquitectura, incorporando la roca local tanto como material constructivo como recurso estético y simbólico en las edificaciones.



**Imagen 7.** La Villa Olímpica Libertador Miguel Hidalgo se construyó en la intersección de la Avenida Insurgentes con el Anillo Periférico. Acervo Histórico Fundación ICA, A.C., Fondo Aerofotográfico, Serie Oblicuas, FAO\_01\_019713, Compañía Mexicana Aerofoto, 1968.

Declarado patrimonio de la humanidad en 2007, el campus central se proyectó para recibir a un máximo de 25 mil alumnos, ya que a finales de los años cuarenta la UNAM contaba con menos de 15 mil. Sin embargo, en 1961 la población estudiantil rebasó los 60 mil alumnos. Había aglomeraciones en las aulas, restricciones de espacio para el desarrollo de la investigación y problemas de congestionamiento vial. Esto trajo consigo modificaciones que resolvieron las necesidades de espacio en detrimento de la fluidez espacial. Las nuevas construcciones ocuparon espacios destinados a jardines cortando flujos de circulación y emplearon sistemas prefabricados que, si bien brindaron rapidez de construcción resultaron en edificios monótonos. Aún con estas ampliaciones, se requería de más espacios, lo que detonó la apertura de dos nuevas etapas de construcción en la reserva territorial de CU.

Tras lograr la estabilización política y laboral de la UNAM, el rector Guillermo Soberón Acevedo cristalizó los planes de expansión de la casa de estudios. Durante su mandato, tan solo en CU los nuevos edificios triplicaron la superficie que existía. A nivel metropolitano, entre 1974 y 1976 se concretó el programa de descentralización de la oferta de educación superior de la UNAM en la Ciudad de México con la construcción de cinco Escuelas Nacionales de Estudios Profesionales (ENEP)<sup>10</sup>, hoy Facultades de

<sup>10</sup> Con la creación de estas unidades académicas se atendió la creciente demanda de educación superior fuera del campus central de Ciudad Universitaria en el área metropolitana, promoviendo un modelo con autonomía administrativa y académica, así como una oferta multidisciplinaria. Estas escuelas fueron: ENEP Cuautitlán, inaugurada en 1974 en el municipio de Cuautitlán Izcalli, Estado de México; ENEP



Estudios Superiores FES) y se consolidó la descentralización de la educación media superior iniciada por Pablo González Casanova<sup>11</sup> con la creación de los Colegios de Ciencias y Humanidades (CCH). También se construyeron 13 clínicas odontológicas periféricas en distintas zonas para brindar servicios a la población, entre otras obras. A nivel nacional, impulsó el fortalecimiento y creación de nuevos espacios para la investigación científica del norte al sur del país.

La segunda etapa de construcción de CU comprendió los edificios destinados a los institutos de investigación científica, así como la remodelación de espacios en el campus central, obras de ampliación y nuevas unidades en el campus. Los nuevos institutos se ubicaron en un extensa área contigua al circuito exterior para aprovechar esta vialidad. Lamentablemente, su disposición denota la falta de un plan de conjunto, son piezas aisladas construidas a base de prefabricados que no establecen relaciones entre sí por medio de los espacios abiertos (Yáñez, E. 1996). Al interior de CU comenzaron a darse los mismos fenómenos de la gran ciudad que la contiene: se resolvieron necesidades con prisa.

La tercera etapa de edificación se dio de forma paralela a la segunda pero se considera aparte tanto por su ubicación como por su solución urbano-arquitectónica. En 1975 se decidió construir el Centro Cultural Universitario (CCU), cuyo primer edificio fue la sala de conciertos Nezahualcóyotl. Esta fue la obra más emblemática de la gestión de Soberón, pues fue parte de lo que Gonzalo Celorio llama un “movimiento cultural renovado” que se detonó en la Universidad a partir de los años sesenta (Celorio, 1995).

### **El Centro Cultural Universitario, un oasis en la ciudad contemporánea**

Durante la década de los setenta, los terrenos al sur del campus central permanecían prácticamente sin intervenir, aunque enfrentaban fuertes presiones urbanas. Por un lado, la invasión del Pedregal de Santo Domingo amenazaba con expandirse hacia CU en su límite oriental, y por otro, diversas secretarías de Estado pretendían apropiarse de los frentes que la Universidad tenía sobre la Avenida de los Insurgentes para establecer allí sus sedes institucionales (Medina, 2021). Ante estas circunstancias, el rector optó por destinar los terrenos adyacentes a la Avenida Insurgentes para la construcción de infraestructura cultural, fundamentando esta decisión en una de las tres funciones sustantivas de la UNAM: la extensión de la cultura, lo que facilitó el respaldo del gobierno federal. Así, la institución reafirmó su compromiso cultural con la sociedad y protegió su territorio.

---

Iztacala, abierta en 1975 en Tlalnepantla, Estado de México; ENEP Acatlán, fundada en 1975, en Naucalpan, Estado de México; ENEP Aragón, ubicada en la delegación Gustavo A. Madero, Ciudad de México; y ENEP Azcapotzalco, situada en la alcaldía Azcapotzalco, Ciudad de México

<sup>11</sup> Pablo González Casanova (1922-2023) fue rector de la UNAM de 1970 a 1972, impulsó la creación del Colegio de Ciencias y Humanidades y el Sistema de Universidad Abierta. Fue investigador emérito y profesor emérito de la UNAM, ganador del Premio Nacional de Ciencias Sociales (1984) y doctor honoris causa por varias universidades.



**Imagen 8.** Foto aérea del Centro Cultural Universitario donde se ven todos los edificios del conjunto realizados durante el rectorado del Dr. Guillermo Soberón Acevedo entre 1976 y 1981. Acervo Histórico Fundación ICA, A.C, Fondo Aerofotográfico, Serie Vertical, FAV\_2879B-01-022-00028, Compañía Mexicana Aerofoto, 1986.

El primer recinto en erigirse fue la Sala de Conciertos Nezahualcóyotl. La coordinación del proyecto arquitectónico y la ejecución de la obra estuvieron a cargo de la Dirección General de Obras y Conservación (DGOC) de la UNAM, bajo la supervisión del ingeniero Francisco de Pablo. El Instituto de Ingeniería contribuyó con estudios geotécnicos, mientras que el arquitecto Orso Núñez Ruiz de Velasco fungió como jefe de proyecto, el ingeniero Roberto Ruiz Vilá como residente de obra y el arquitecto Arcadio Artís Espriu como proyectista principal, con la colaboración de los arquitectos Manuel “Chacho” Medina y Arturo Treviño. Cabe destacar que, salvo el consultor acústico Christopher Jaffe, todos los participantes fueron universitarios mexicanos, varios de ellos menores de treinta años.



En el Plan de Rezonificación de 1973, elaborado por el arquitecto Raúl Kobeh, se definieron las vialidades que delimitan la poligonal de 24 hectáreas destinadas al CCU, estableciendo una franja de amortiguamiento de más de 100 metros entre el conjunto y la Avenida Insurgentes para mitigar el ruido vehicular. En términos urbano-arquitectónicos, Artís propuso minimizar las alteraciones al entorno geográfico, integrando los edificios en la roca volcánica y limitando las intervenciones mayores a las vías de acceso y estacionamientos (Artís, 2006). Esta concepción retoma principios del expresionismo alemán, evidentes en el Goetheanum de Rudolf Steiner y en los recorridos sinuosos de los proyectos escolares de Hans Scharoun en Darmstadt y Lünen, que influyeron en las soluciones orgánicas y flexibles (clusters) desarrolladas por Alison y Peter Smithson a finales de los años cincuenta, un tipo de organización arquitectónica que responde a una visión social y política que promueve la participación de los usuarios y considera el tiempo como un elemento creativo (Montaner, 2008), expresando la complejidad y dinamismo de la sociedad posbélica caracterizada por el cambio y la vitalidad comunitaria (Tella, 2009).



**Imagen 9.** Vista del Centro Cultural Universitario en la que se aprecia del lado derecho la Sala de Conciertos Nezahualcóyotl y al fondo la Biblioteca Nacional. Fotografía de de Juan Benito Artigas, 1983 Artigas, J.B. *UNAM. Guía de sitios y espacios*. México: UNAM, 1994.

El CCU representa un cambio radical respecto al campus central de CU que se inscribe en la arquitectura racionalista con edificios organizados en plataformas escalonadas para su apreciación global, mientras que el conjunto cultural adopta un orden orgánico en el que se van descubriendo. La ubicación de la sala de conciertos definió el plan maestro y, por ende, el emplazamiento de los demás componentes: los teatros, las salas de cine, la sala de danza, la sala de música, la librería y el Centro Universitario de Teatro, a los que se sumó la Unidad Bibliográfica, que quedó separada de los foros por ser un espacio destinado a la lectura y el estudio. Durante los años que duró la construcción del conjunto original el crecimiento se dio en este orden de ideas. Las fotografías tomadas entre 1976

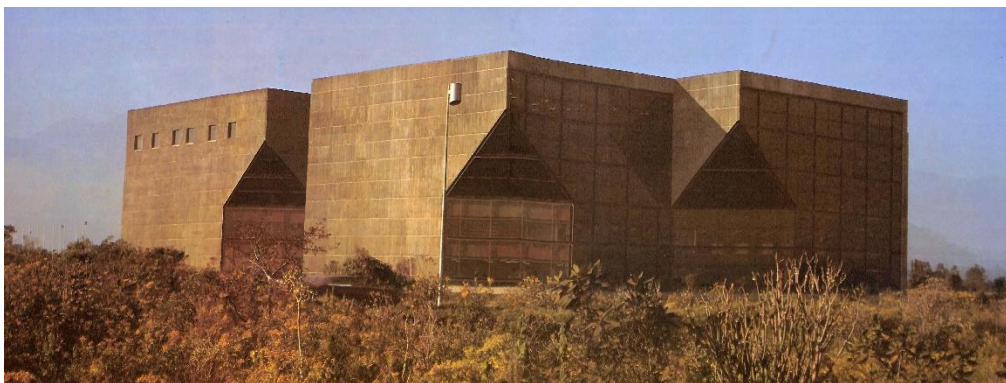
y 1983 permiten apreciar los principios de diseño. Los edificios están organizados como “piezas sueltas” que dialogan y se interrelacionan con los pliegues y mareas de la lava del paisaje rocoso. Los andadores de concreto parecen “flotar” sobre el manto de roca o se hunden en las grietas. El paisaje del Pedregal, lamentablemente alterado al paso del tiempo con la siembra de árboles, arbustos y pasto, luce prácticamente intacto.

La arquitectura nace del interior al exterior, la forma y la espacialidad son el resultado de la función que alberga. La estructura es racional y queda a la vista. Los materiales son austeros, elegidos para cumplir principalmente con las condiciones acústicas, una rápida ejecución y un mínimo mantenimiento. Al exterior los volúmenes son de concreto estriado y cristal, dos materiales que en los setenta eran el vocabulario de un lenguaje arquitectónico: el brutalismo. Al interior, los materiales acusan su función acústica y de confort para los espectadores. Al ser piezas incrustadas en la roca sin restricciones en cuanto a colindancias, los volúmenes son sólidos, masivos, con cortes que permiten que la vista penetre desde el exterior hacia el interior, y viceversa, en las zonas de vestíbulos y circulaciones verticales. Las edificaciones —cuya geometría crea diferentes puntos de interés y remates diversos—, invitan a ser vistas dinámicamente, ser recorridas y rodeadas. “En el exterior son los grandes claroscuros y muros quebrados en diferentes ángulos que presentan siempre una perspectiva cambiante; en el interior la intención se mantiene buscando siempre puntos de interés visual prolongando la perspectiva hacia nuevos espacios” (Artís, 1977).



**Imagen 10.** Sala de Conciertos Nezahualcóyotl. Fotografía de Jorge Canales, 1980 Fuente: UNIVERSIDAD NACIONAL AUTÓNOMA DE MÉXICO, (1981) *Centro Cultural Universitario* (Libro sin ISBN).





**Imagen 11.** Unidad Bibliográfica del Centro Cultural Universitario Fotografía de Jorge Canales, 1980, UNIVERSIDAD NACIONAL AUTÓNOMA DE MÉXICO, (1981) *Centro Cultural Universitario* (Libro sin ISBN).

### Escenario ideal para la escultura abstracta

Así como en el campus central los principales exponentes del muralismo mexicano dejaron su impronta en los edificios de gobierno, el Estadio Olímpico y varias facultades, el CCU fue el escenario ideal para la escultura abstracta. En 1977, a este sistema de edificios se agregaron el Espacio Escultórico y el Paseo de las Esculturas, dos sistemas que tienen sus propias rutas, pero parten del mismo principio que el arquitectónico, respetar la geografía del lugar como una preexistencia a la que había que adaptarse. En estos proyectos participaron seis artistas plásticos que eran profesores de la UNAM: Federico Silva, Helen Escobedo, Manuel Felguérez, Mathías Goeritz, Hersúa y Sebastián que tenían en común el lenguaje abstracto. El Espacio Escultórico fue pensado como una obra colectiva e interdisciplinaria que buscó unir el arte y la ecología. Consta de una superficie de lava rugosa circular de 92.78 m de diámetro libre de toda vegetación que está rodeada por una plataforma soportada por dos muros de piedra volcánica donde se despliegan 64 módulos piramidales 9 x 3 m con una altura de 4 m y de concreto armado con un acabado de martelinado grueso.



**Imagen 12.** El Espacio Escultórico fue inaugurado el 23 de abril de 1979 en el marco de la conmemoración de los cincuenta años de la autonomía universitaria. Artigas, J.B. *UNAM. Guía de sitios y espacios*. México: UNAM, 1994.

Esta escultura transitable es considerada como un punto de quiebre en la valoración del Pedregal de San Ángel como un paisaje susceptible de convertirse en patrimonio al integrar la lava en un mensaje estético (Carrillo-Trueba, C, 1995), pues ayudó a despertar la conciencia de la comunidad científica acerca de la importancia de proteger los relictos de pedregal que aún existían en CU frente a una realidad urbana que en menos de 30 años acabó prácticamente con el paisaje denominado coloquialmente “malpaís”. Aunque tuvo una época de franco deterioro por falta de mantenimiento, su valor histórico artístico ha cobrado fuerza tras ser reconocido con el Premio Carlo Scarpa per il Giardino 2024 por parte por la Fondazione Benetton Studi Ricerche que lo identifica como “un punto de encuentro entre el pasado y el futuro, a caballo entre la gran empresa de la construcción de la Ciudad Universitaria y la evolución de una conciencia ecológica de su campus, un «paisaje de resistencia» además de un marco apacible y tranquilizador” (Fondazione Benetton, 2024). En 1983, la Universidad declaró como “zona ecológica inafectable” 124.5 hectáreas donde está insertada esta pieza artística. Esta cobertura ha crecido en el tiempo, en la actualidad es más del doble.

Otro decreto que ha sumado a la valoración del Pedregal, en este caso como paisaje urbano, arquitectónico, social, cultural y natural es la inscripción del campus central en la Lista del Patrimonio Mundial de la UNESCO en 2007. Las cualidades espaciales y paisajísticas hacen del campus un espacio único que ofrece una gran diversidad de ambientes y recorridos. A más de sesenta años de la inauguración de CU, los universitarios empiezan a comunicarse con el Pedregal de otra forma, una en que el paisaje es parte integral de la construcción cultural.

### **Consideraciones finales**

Las declaratorias de la REPSA y del campus central sin duda han puesto en valor el patrimonio natural y edificado que pertenece a la Universidad, pero también han incrementado la presión constructiva sobre las secciones de CU donde está permitido el crecimiento. En el caso del CCU esto ha traído consigo modificaciones al interior del conjunto que van desde la siembra de flora ajena al ecosistema, hasta la construcción de edificios para incrementar la infraestructura cultural que en la mayoría de los casos no dialogan con el conjunto original. Las fotografías de época muestran edificios que “nacen” de la roca relacionados entre ellos tanto visualmente como por medio del sistema de andadores peatonales.

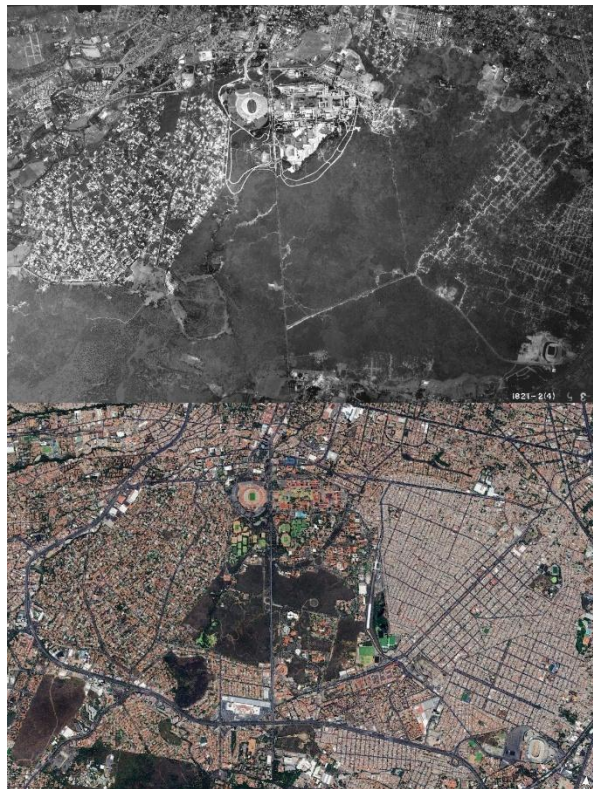
Si bien existe una normatividad y la Comisión de Obras Nuevas en los Espacios Universitarios revisa las modificaciones de la arquitectura existente, y las ampliaciones exteriores e interiores, la expansión de la infraestructura universitaria a partir de la década de los noventa ha tenido la misma suerte que la de la ciudad, se ha dado en función de atender necesidades, bajo una “planificación” que ha acaparado los espacios sin construir una red de relaciones entre ellos como sí existe en el campus central y en el CCU. Caminar en las zonas edificadas aledañas al conjunto cultural deja de ser placentero. Los edificios vecinos no tienen ningún tipo de relación, ni con el conjunto cultural, ni entre ellos. En lugar de senderos y plazas que conecten a los edificios, hay rejas, casetas y controles. Las banquetas de los circuitos viales en algunos tramos son prácticamente inexistentes, el paisaje del Pedregal ha sido sepultado por planchas de asfalto para los estacionamientos, hay pocos espacios de encuentro, y los edificios están segregados unos de otros.





**Imagen 13.** Vistas de las plazas y andadores del Centro Cultural Universitario, sitios de reunión y encuentro. Fotografías de Isaura González Gottdiener, 2022

Extramuros de la Universidad la realidad del contexto urbano inmediato es aún menos amable. Peter Krieger, académico del Instituto de Investigaciones Estéticas puntualiza que las construcciones son banales y no sustentables, edificios comerciales con nulo compromiso contextual (Krieger, 2014). Inmerso en este contexto de crecimiento urbano acelerado tanto al interior como al exterior de CU, el CCU ha conservado el carácter poético de los sonidos y los silencios; continúa siendo un lugar que resguarda la memoria del tiempo y el territorio, que después de un siglo ha transitado de ser un paisaje admirado y temido a un “no lugar” de suelo urbano para el comercio, los servicios y el reflejo de las formas de habitar tanto de las élites como de los desposeídos.



**Imagen 14.** Vistas comparativas de la Ciudad Universitaria y sus alrededores en los años cincuenta y en la actualidad. Fotografías: Acervo Histórico Fundación ICA, A.C y Google Earth.



Esta ponencia busca a través de la reflexión, la crítica y la historia, explicar y denunciar los riesgos continuos sobre este conjunto urbano, arquitectónico, cultural y natural, referente universitario en una ciudad cuyo crecimiento ha arrasado con el medio ambiente natural. Reflexionar para preservar este espacio comunitario cuya trascendencia social, está en continuar promoviendo de diversas formas el encuentro de las ideas, las culturas, las expresiones tanto en el ámbito universitario como en el de la sociedad en su conjunto, recomponer las intervenciones recientes para recuperar el lugar de paseo por un territorio donde el poder andar a destiempo en un paisaje en el que edificios, esculturas y naturaleza se convierten en multiplicidad de secuencias físicas y temporales que se viven, se perciben y se disfrutan desde lo atemporal de la cotidianidad.

Para concluir, es importante mencionar que esta investigación arrojó información sobre los planes de expansión para la UNAM durante el rectorado de Guillermo Soberón Acevedo que resultaron en el incremento en un 26% de la infraestructura para la docencia, la investigación y la extensión de la cultura tan sólo en CU. El estudio de esta efervescencia constructiva fue propuesto por Isaura González Gottdiener para su proyecto de tesis doctoral que dará inicio en agosto próximo, con lo que abordará un periodo poco estudiado de la producción arquitectónica de la UNAM desde un enfoque transdisciplinario entre historia social, política institucional, urbanismo y arquitectura.

## **Bibliografía**

ARTIGAS, Juan B., UNAM México: guía de sitios y espacios. México: UNAM, Dirección General de Publicaciones y Fomento Editorial, 2009.

CARRILLO-TRUEBA, C., El Pedregal de San Ángel. México: UNAM, 1995.

CELORIO, G., “El ministerio Cultural de la UNAM”. INTI, n.º 42, pp. 27-34, 1995. Disponible en: <http://www.jstor.org/stable/23285399>. Consultado el 12 de octubre de 2020.

FELGUÉREZ, M., “El espacio escultórico”. [S.l.: s.n.], s.f. Disponible en: <https://cdigital.uv.mx/bitstream/handle/123456789/877/1998106P173.pdf>. Consultado el 28 de septiembre de 2020.

GALLEGOS NAVARRETE, B. M., “La Ruta de la Amistad. La mayor muestra escultórica del arte mundial”. Revista Internacional de Humanidades, 2022. Disponible en: <https://www.journals.eagora.org/revHUMAN/article/view/4863/3161>. Consultado el 8 de octubre de 2023.

GONZÁLEZ GOTTDIENER, I., El Centro Cultural Universitario de la Universidad Nacional Autónoma de México: detonante de la tercera etapa constructiva de la Ciudad Universitaria. En: PLASENCIA-LOZANO, P.; RODRÍGUES GARCÍA, A.; HERNANDO DE LA CUERDA, R.; HUERTA, S. (eds.), Actas del XII Congreso Nacional y IV Congreso Internacional Hispanoamericano de Historia de la Construcción. España: Instituto Juan de Herrera, 2022, pp. 485-496.

KOSIK, K., Reflexiones antediluvianas. México: Editorial Itaca, 2012.

KRIEGER, P., La ciudad universitaria límite. Implosión y explosión de un patrimonio sobresaliente en la megalópolis. En: *Habitar CU 60 años: Ciudad Universitaria UNAM 1954-2014*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2014, pp. 261-272.

LOT, A.; CANO-SANTANA, Z. (eds.), Biodiversidad del ecosistema del Pedregal de San Ángel. Libro Conmemorativo del 25 aniversario de la Reserva Ecológica de Ciudad Universitaria (1983-2008). México: Reserva Ecológica del Pedregal de San Ángel, Coordinación de la Investigación Científica, UNAM, 2009.

MONTANER, J. M., *Sistemas arquitectónicos contemporáneos*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2017.

PEREGRINA TORRES, L. S., La transformación del Pedregal de San Ángel, 1949-1983. Tesis (Licenciatura en Filosofía y Letras) – Facultad de Filosofía y Letras, UNAM, México, 2015.

PÉREZ-MÉNDEZ, A., Conceptualización de la ocupación del Pedregal: la teatralización del espacio público en el plan maestro de la Ciudad Universitaria. En: *Habitar CU 60 años: Ciudad Universitaria UNAM 1954-2014*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2014, pp. 95-132.

PRADA, M. de, *Arte y naturaleza: el sentido de la irregularidad en el arte y la arquitectura*. Buenos Aires: Nobuko, 2009.

SOBERÓN, G., *El médico, el rector*. México: Universidad Nacional Autónoma de México; El Colegio Nacional; Fondo de Cultura Económica, 2015.

UNESCO, Campus central de la Ciudad Universitaria de la Universidad Nacional Autónoma de México. 2007. Disponible en: <https://whc.unesco.org/es/list/1250>. Consultado el 13 de junio de 2021.

UNIVERSIDAD NACIONAL AUTÓNOMA DE MÉXICO, Comité de Análisis para las Intervenciones Urbanas, Arquitectónicas y de las Ingenierías en el Campus Ciudad Universitaria y los campi de la UNAM. 2019. Disponible en: <http://www.comitedeanalisis.unam.mx/>. Consultado el 13 de junio de 2021.

UNIVERSIDAD NACIONAL AUTÓNOMA DE MÉXICO, Memoria descriptiva de instalaciones físicas. México: UNAM, Dirección General de Obras, 1982.

YÁÑEZ, Enrique, *Del funcionalismo al post-racionalismo: ensayo sobre la arquitectura contemporánea en México*. México: Universidad Autónoma Metropolitana, Editorial Limusa, 1990.

# **Património Insular Africano: entre a transformação e a preservação**

**Cristiana Valente Monteiro**

CIAUD, Centro de Investigação em Arquitetura, Urbanismo e Design,  
Faculdade de Arquitetura, Universidade de Lisboa  
[cristianavmonteiro@campus.ul.pt](mailto:cristianavmonteiro@campus.ul.pt)

**Sérgio Barreiros Proença**

CIAUD, Centro de Investigação em Arquitetura, Urbanismo e Design,  
Faculdade de Arquitetura, Universidade de Lisboa  
[sergioproenca@edu.ulisboa.pt](mailto:sergioproenca@edu.ulisboa.pt)

**Francesca Dal Cin**

CIAUD, Centro de Investigação em Arquitetura, Urbanismo e Design,  
Faculdade de Arquitetura, Universidade de Lisboa  
[francescadalcin@fa.ulisboa.pt](mailto:francescadalcin@fa.ulisboa.pt)

**Resumo:** O presente artigo enquadra-se na investigação desenvolvida no âmbito da tese de doutoramento em Urbanismo com o título “Entre a Transformação e a Preservação do Património Urbano Costeiro. Tipologia de medidas de adaptação aos eventos climáticos extremos na África Oriental”, em desenvolvimento na Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa. As alterações climáticas têm provocado um aumento da frequência e da intensidade dos eventos climáticos extremos, como tempestades, inundações e fenómenos de erosão costeira. Estes eventos têm contribuído progressivamente para a degradação física do património situado em áreas litorais vulneráveis, provocando a perda das características intrínsecas que lhe conferem valor histórico e cultural. Este artigo tem como objetivo debater de que modo as áreas urbanas classificadas como património Mundial da UNESCO, têm sido preservadas e transformadas, em resposta às necessidades de adaptar aos efeitos dos eventos climáticos extremos e o desejo de salvaguardar a sua autenticidade e integridade. Metodologicamente, o estudo identifica estratégias de adaptação e preservação do património urbano com três naturezas e dimensões distintas: uma paisagem urbana costeira, uma margem urbana e um edifício. Os casos de estudo selecionados para esta pesquisa são: Ilha de Saint-Louis, no Senegal; a cidade de Pedra de Zanzibar, na Ilha de Unguja, Tanzânia e o Forte Jesus de Mombaça, no Quênia. Os casos são caracterizados e abordados através de um conjunto de fotografias e diagramas interpretativos, que destacam as adaptações e transformações realizadas nas áreas patrimoniais costeiras. Conclui-se que, a degradação gradual do património, agravada pelos eventos climáticos extremos, pode ser mitigada através de iniciativas que promovam a transformação do património urbano - um processo que, paradoxalmente, se revela fundamental para a salvaguarda das cidades ao longo do tempo.

**Palavras-chave:** Património Insular; Adaptação Urbana; Transformação; Eventos Climáticos Extremos; África

## Introdução

Num período em que as tempestades, inundações e erosão costeira, se manifestam com uma maior intensidade e frequência, tornam-se evidentes as ameaças à preservação dos aglomerados urbanos patrimoniais costeiros. Estes fenómenos extremos, cada vez mais frequentes, comprometem a integridade física, e consequentemente a simbólica, do património urbano, colocando em risco os seus valores históricos e culturais. Esta ameaça é agravada em alguns casos pela ausência de uma gestão e um planeamento integrado, o que promove e contribui para a progressiva degradação e destruição destes lugares. Esta problemática está particularmente presente no litoral africano<sup>1</sup>, onde as características geológicas e geomorfológicas conferem à região uma elevada vulnerabilidade aos impactos dos fenómenos climáticos extremos<sup>2 3 4</sup>. As áreas urbanas patrimoniais situadas próximas de corpos de água apresentam uma maior suscetibilidade a estes fenómenos, o que pode comprometer os critérios complementares da autenticidade e integridade.

Perante este cenário de constantes transformações, considera-se essencial uma reflexão crítica, fundamentada em ações orientadas para a preservação do património e da sua memória para as gerações futuras.

Neste contexto, torna-se pertinente estudar estratégias e medidas que permitam ultrapassar os paradigmas tradicionais de preservação. Por exemplo, o livro “The future heritage as climate change loss, adaptation and Creativity”<sup>5</sup> sublinha que, perante os desafios contemporâneos impostos pelas alterações climáticas, é importante considerar a perda não necessariamente como uma ameaça, mas como uma parte integrante de um processo criativo de adaptação - mesmo como um processo “generativos e emancipatórios”<sup>6</sup> do património.

Este artigo enquadra-se na tese doutoramento atualmente em curso, que tem como um dos principais objectivos identificar e tipificar medidas de adaptação aos eventos climáticos

---

<sup>1</sup>NIANG, Isabelle; RUPPEL, Oliver C.; ABDRABO, Mohamed; ESSEL, Andrew C.; LENNARD, Christopher; PADGHAM, Jonathan; URQUHART, Penny; DESCHEEMAER, Katrien. Chapter 22: Africa. In: *Climate Change 2014: Impacts, Adaptation, and Vulnerability – Part B: Regional Aspects. Contribution of Working Group II to the Fifth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change*. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2014. p. 1199–1265. [https://www.ipcc.ch/site/assets/uploads/2018/02/WGIIAR5-Chap22\\_FINAL.pdf](https://www.ipcc.ch/site/assets/uploads/2018/02/WGIIAR5-Chap22_FINAL.pdf)

<sup>2</sup> VOUSDOUKAS, Michalis I.; CLARKE, Joanne; RANASINGHE, Roshanka; REIMANN, Lena; KHALAF, Nadia; DUONG, Trang Minh.; OUWENEEL, Birgitt; SABOUR, Salma; ILES, Carley E.; TRISOS, Christopher H.; FEYEN, Luc; MENTASCHI, Lorenzo; SIMPSON, Nicholas P. African heritage sites threatened as sea-level rise accelerates. *Nature Climate Change*. 2022. Vol. 12, n.º 3, p. 256–262. <https://doi.org/10.1038/s41558-022-01280-1>

<sup>3</sup> MASSIANGANHE, Elídio; MACAMO, Célia; WESTERBERG, Lars; BANDEIRA, Salomão; MAVUME, Alberto; RIBEIRO, Eunice. Deltaic coasts under climate-related catastrophic events – Insights from the Save River delta, Mozambique. *Ocean & Coastal Management*. 2015. Vol. 116, p. 331–340. <https://doi.org/10.1016/j.ocecoaman.2015.08.008>

<sup>4</sup> GOUSSARD, Jean Jacques; DUCROCQ, Mathieu. West African coastal area: Challenges and outlook. In: *The Land/Ocean Interactions in the Coastal Zone of West and Central Africa*. Berlin/Heidelberg: Springer, 2014. p. 9–21. [https://doi.org/10.1007/978-3-642-38137-9\\_2](https://doi.org/10.1007/978-3-642-38137-9_2)

<sup>5</sup> HARVEY, David; PERRY, Paul. *The Future of Heritage as Climates Change: Loss, Adaptation and Creativity*. Londres: Routledge Taylor & Francis Group, 2015.

<sup>6</sup>DESILVEY, Caitlin; HARRISON, Rodney. Anticipating loss: rethinking endangerment in heritage futures. *International Journal of Heritage Studies*. 2019. Vol. 26, n.º 1, p. 1–7. <https://doi.org/10.1080/13527258.2019.1644530>

extremos, articuladas com a preservação do património urbano costeiro, e consequentemente, debatê-las criticamente, de acordo com os conceitos de autenticidade e integridade.

A investigação centra-se no património urbano costeiro presente ao longo da costa oriental africana, uma macro-região que, pelas suas características morfológicas, revela-se particularmente vulnerável aos efeitos das alterações climáticas. Contudo, para efeitos deste artigo, estende o espectro do olhar percorrendo territórios insulares localizados não apenas no Oceano Índico, mas também no Oceano Atlântico, com o intuito de compreender, de forma mais abrangente, as diferentes abordagens que têm sido implementadas. A seleção dos casos de estudo baseou-se em dois critérios: a exposição e vulnerabilidade aos eventos climáticos extremos, e o estatuto de sítios classificados como Património Mundial da UNESCO.

Neste contexto, coloca-se como questão de partida: que estratégias têm sido implementadas para proteger o património urbano costeiro perante os eventos climáticos extremos em África? E avança-se a hipótese de que a identificação das medidas e estratégias, que têm sido implementadas, pode contribuir para informar futuras intervenções no património urbano costeiro.

Metodologicamente, os casos são caracterizados e abordados através de um conjunto de fotografias e diagramas interpretativos, que destacam as adaptações e transformações realizadas nas áreas patrimoniais costeiras. Os casos de estudo são representativos de estratégias de adaptação de naturezas e características distintas: (i) a paisagem urbana costeira - Ilha de Saint-Louis, no Senegal; (ii) margem urbana - Cidade de Pedra de Zanzibar, Ilha de Unguja na Tanzânia; e (iii) o edifício - Forte de Mombasa, no Quênia. O desenho, enquanto ferramenta operativa e analítica permite interpretar e evidenciar a diversidade de estratégias de adaptação e preservação que têm sido utilizadas no património insular africano.

O artigo estrutura-se em duas partes principais. A primeira parte consiste numa reflexão crítica sobre o conceito de património, seguida por uma abordagem à crescente vulnerabilidade do património face aos impactos dos eventos climáticos extremos. Discute-se, ainda, a tensão entre duas abordagens antagónicas - entre a transformação e a preservação do património - evidenciando oposições práticas e conceptuais no ato de preservar a integridade e autenticidade dos bens patrimoniais, com especial enfoque no contexto Africano. A segunda parte inicia com uma reflexão sobre a utilidade do desenho enquanto ferramenta para a leitura e decodificação dos processos de transformações e adaptações do património urbano costeiro. Em sequência, a secção “Paisagens patrimoniais: território, cidade, edifício” apresenta uma abordagem a três casos de estudo piloto seleccionados segundo as suas dimensões e naturezas distintas. Por fim, apresenta-se uma síntese das principais deduções da investigação em curso, destacando a diversidade de estratégias defensivas adotadas ao longo da costa Africana e sublinhando a importância de abordagens que integrem uma visão sensível à memória do lugar.

Em conclusão, a investigação procura promover um debate interdisciplinar sobre as respostas implementadas face aos desafios contemporâneos impostos pelas alterações climáticas,



sublinhando a importância da adaptação e da preservação dos valores históricos e culturais do património.

### A ideia de património

O património abrange um conjunto diversificado de bens, tanto materiais como imateriais, que incluem locais, práticas, objetos e valores culturais oriundos de uma herança coletiva<sup>7</sup>. A classificação de um bem ou sítio como património fundamenta-se no seu Valor Universal Excepcional, reconhecido como uma herança a preservar para as gerações vindouras. No artigo 1, da Convenção para a Proteção do Património Mundial Cultural e Natural de 1972, a definição de património cultural pode ser considerada segundo três escalas, nomeadamente: “os monumentos, os conjuntos e os locais de interesse com valor universal excepcional”<sup>8</sup>.

A noção de património tem vindo a sofrer uma expansão conceptual, decorrente da heterogeneidade dos contextos históricos e políticos, e dos distintos processos de desenvolvimento de cada país<sup>9</sup> <sup>10</sup>. Neste contexto, o conceito de património já não se circunscreve à ideia matriz de monumento histórico, abrangendo, um conjunto de “manifestações culturais, desde as de suporte material e natural às intangíveis”<sup>11</sup> e formas particulares de arquitetura erudita e vernacular, cidade, espaços urbanos, paisagens e práticas sociais<sup>12</sup>, capazes de representar e perpetuar a memória e a identidade de cada lugar.

### Os efeitos dos eventos climáticos extremos no património

A intensificação das alterações climáticas têm sido amplamente reconhecida como um dos maiores desafios contemporâneos, com impactos significativos na preservação do património<sup>13</sup>. De acordo com o relatório mais recente do Painel Intergovernamental sobre as Alterações Climáticas (IPCC), fenómenos como a subida do nível médio do mar, a erosão, as inundações costeiras e as tempestades têm ocorrido com maior frequência e intensidade<sup>14</sup>. Estes fenómenos têm provocado uma degradação progressiva de elementos e sítios patrimoniais localizados próximos dos corpos de água<sup>15</sup>.

Este cenário é particularmente preocupante em áreas insulares africanas classificadas como património mundial da UNESCO - como a Ilha de Moçambique (Moçambique), a Ilha de Gorée (Senegal) ou a Ilha de Saint-Louis (Senegal) - onde a exposição prolongada aos efeitos dos

---

<sup>7</sup>CARTA, Marco. **L'armatura culturale del territorio. Il patrimonio culturale come matrice di identità e strumento di sviluppo**. Milano: FrancoAngeli, 1999.

<sup>8</sup> UNESCO. **Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura**. Convenção para a Proteção do Património Mundial Cultural e Natural. Paris: UNESCO, 1972. <https://whc.unesco.org/archive/convention-pt.pdf>. p.2

<sup>9</sup> CHOAY, Françoise. **Património e Mundialização**. Évora: Casa do Sul Edições, 2005.

<sup>10</sup> CHOAY, Françoise. **A alegoria do Património**. Lisboa: Edições 70, 2014.

<sup>11</sup> idem. CHOAY, Françoise. 2005, p.9.

<sup>12</sup> idem. CHOAY, Françoise. 2005, p.9.

<sup>13</sup> BIENVENIDO-HUERTAS, David, LEÓN-MUÑOZ, Miguel, MARTÍN-DEL-RÍO, Juan, RUBIO-BELLIDO, Carlos. Analysis of climate change impact on the preservation of heritage elements in historic buildings with a deficient indoor microclimate in warm regions. **Building and Environment**. 2021. Vol. 200, nº107959. <https://doi.org/10.1016/j.buildenv.2021.107959>.

<sup>14</sup> INTERGOVERNMENTAL PANEL ON CLIMATE CHANGE (IPCC). **Sixth Assessment Report – Impacts, Adaptation and Vulnerability**. 2023. <https://www.ipcc.ch/report/ar6/wg2/>

<sup>15</sup> SESANA, Elena; GAGNON, Alexandre S., BERTOLIN, Chiara; HUGHES, John. Adapting cultural heritage to climate change risks: perspectives of cultural heritage experts in Europe. **Geosciences**. 2018. Vol. 8, nº 8, p. 305. <https://doi.org/10.3390/geosciences8080305>

eventos climáticos extremos ameaça o património material e imaterial, comprometendo substancialmente o desenvolvimento económico e sociocultural das comunidades locais.

A Convenção para a Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural (1972) enfatiza a necessidade de garantir a preservação do património face ao agravamento das ameaças associadas aos fenómenos de alteração. Neste contexto, e perante o impacto crescente dos eventos climáticos extremos, importa integrar o património nos processos de planeamento de adaptação<sup>16 17</sup> segundo três estratégias possíveis - adaptar, restaurar ou preservar<sup>18</sup> - de modo a apoiar decisões informadas.

### A tensão entre transformar e preservar o património

A tensão entre a necessidade de adaptar o património às dinâmicas impostas pelas alterações climáticas, sem comprometer a sua memória e identidade, configura-se atualmente, como um dos principais desafios no âmbito da gestão dos bens e sítios patrimoniais<sup>19</sup>. O confronto entre as duas abordagens antagónicas, nomeadamente: a preservação da integridade e autenticidade dos bens patrimoniais e a necessidade de transformar perante as exigências contemporâneas.

John Ruskin e Viollet-Le-Duc estabeleceram as bases para interpretações projetuais opostas sobre o património cultural, e a defesa destas abordagens opostas deram origem a debates que permanecem em aberto até hoje. John Ruskin, opunha-se a qualquer intervenção que procurasse restaurar ou transformar o estado original do monumento, considerando este gesto como um ato de ruptura. Para o autor, o valor patrimonial de um edifício advém da sua capacidade de testemunhar a passagem de diferentes épocas<sup>20</sup>. Nesta perspetiva, acredita-se que a construção dos edifícios, deve ser entendida - a partir da tese do Ruskin - como uma hábil composição de elementos cuja permanência, ainda que em estado de ruína, expressa a memória e a continuidade histórica do lugar. Em oposição, Viollet-Le-Duc, na sua teoria do restauro, defende que a forma idealizada de um edifício se deve refletir numa reconstrução integral. A intervenção deveria conferir unidade formal e estilística, mesmo que tal gesto implicasse a perda de elementos e/ou intervenções realizadas em diferentes períodos. A sua abordagem consistia numa intervenção que deveria restituir o seu estado original.

---

<sup>16</sup> RUESTO, Svava; EGBERTS, Linde; LUND, Anna; JØRGENSEN JR., Gertrud. Plans for uncertain futures: heritage and climate imaginaries in coastal climate adaptation. **International Journal of Heritage Studies**. 2021. <https://doi.org/10.1080/13527258.2021.2009538>

<sup>17</sup> PRIVITERA, Riccardo.; JELO, Giulia. Built Heritage Preservation and Climate Change Adaptation in Historic Cities: Facing Challenges Posed by Nature-Based Solutions. **Sustainability**. 2025. Vol.17, nº 5693. <https://doi.org/10.3390/su17135693>

<sup>18</sup> LEBBE, Théophile Bongarts; REY-VALETTE, Hélène; CHAUMILLON, Éric; CAMUS, Guigone; ALMAR, Rafael; CAZENAVE, Anny; CLAUDET, Joachim; ROCLE, Nicolas; MEUR-FÉREC, Catherine; VIARD, Frédérique; MERCIER, Denis; DUPUY, Christine; MÉNARD, Frédéric; ROSSEL, Bernardo; MULLINEAUX, Lauren; SICRE, Marie-Alexandrine; ZIVIAN, Anna; GAILL, Françoise; EUZEN, Agathe. Designing coastal adaptation strategies to tackle sea level rise. **Frontiers in Marine Science**. 2021. Vol. 8, art. 740602. . <https://doi.org/10.3389/fmars.2021.740602>

<sup>19</sup> PENDLEBURY, John; SHORT, Michael; WHILE, Aidan. Urban World Heritage Sites and the problem of authenticity. **Cities**. 2009. Vol. 26, n.º 6.

<sup>20</sup> RUSKIN, John. **The Seven Lamps of Architecture**. Boston: Smith Elder, 1849.

Segundo Flávio Lopes, às práticas do restauro estilístico, impulsionadas por valores intrínsecos à época - em particular a “valorização dos significados simbólicos e estéticos”<sup>21</sup>, provocaram alterações profundas na configuração dos monumentos, contribuindo para a desarticulação do tecido urbano em que se inserem. Por outro lado, Cesare Brandi, na obra *Teoria do Restauro*<sup>22</sup> defende uma posição intermédia e sublinha que o ato de restauro deve priorizar e respeitar a preservação da autenticidade e do simbolismo histórico e estético.

Janeke Thumbran e Naomi Roux<sup>23</sup> afirmam que a cidade e os espaços urbanos, apesar da sua capacidade de preservar as memórias coletivas e testemunhos de diferentes tempos, requerem uma transformação profunda. Esta transformação não se limita a intervenção física e espacial, mas implica uma reinterpretação dos usos e significados, adaptando-os às exigências e complexidades contemporâneas.

### Entre as pedras da memória e o silêncio do esquecimento

Nos contextos africanos, subsistem tensões entre a memória colonial e os valores culturais locais. Algumas das antigas cidades coloniais atestam traços arquitetónicos e urbanos que, apesar do seu valor histórico, por vezes estão dissociados da identidade das comunidades locais<sup>24</sup>. A incerteza entre preservar ou condenar os bens e sítios patrimoniais ao abandono e consequente arruinamento advém, em certa parte, da falta de interesse demonstrada por algumas comunidades em participar na manutenção e preservação. Isso deve-se, frequentemente, ao facto de esses elementos evocarem memórias de um período doloroso da história<sup>25</sup>, que nem sempre se deseja perpetuar.

Atualmente, o ato de preservar o património sem o cristalizar no tempo, e transformar sem destruir, tem sido alvo de diversos debates promovidos por diversas instituições internacionais, como a UNESCO, o ICOMOS e a Convenção do Património Mundial. Em África, destacam-se diversas iniciativas intergovernamentais, como Agenda 2063 da União Africana e a African World Heritage Fund (AWHF), com o principal objectivo de apoiar e promover a preservação de bens e sítios de valor excecional.

### O desenho como ferramenta para ler e decodificar

O desenho, enquanto instrumento analítico e operativo, consubstancia-se num exercício gráfico que permite a decodificação e sistematização da realidade observada, transmitida por meio de traços, manchas e linhas.

---

<sup>21</sup> LOPES, Flávio. *Zonas de proteção ao património arquitetónico - Para que servem?*. 2013. Lisboa: Caleidoscópio Edição e Artes Gráficas. p.29

<sup>22</sup> BRANDI, Cesare. *Teoria del restauro*. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1963.

<sup>23</sup> THUMBRAN, Janeke; ROUX, Naomi. Remaking the urban: heritage and transformation in Nelson Mandela Bay. *The American Historical Review*. 2022. Vol. 127, n.º 4, p. 2044–2045. <https://doi.org/10.1093/ahr/rhac370>

<sup>24</sup> CHIRIKURE, Shadreck; MANYANGA, Maxwell; NDORO, Walter; PWITI, Godfrey. Unfulfilled promises? Heritage management and community participation at some of Africa’s cultural heritage sites. *International Journal of Heritage Studies*. 2010. Vol. 16, n.º 1–2, p. 30–44. <https://doi.org/10.1080/13527250903441739>

<sup>25</sup> SWAPAN, Mohammad. Who participates and who doesn’t? Adapting community participation model for developing countries. *Cities*. 2016. Vol. 53, p. 70–77. <https://doi.org/10.1016/j.cities.2016.01.013>

Para Louis Kahn<sup>26</sup>, o desenho tem a capacidade de tornar compreensível e tangível a essência de uma forma, dando-lhe expressão no espaço físico. O autor afirma que “o desenho é a tradução da realidade”<sup>27</sup>. Complementarmente, Franco Purini, sublinha que o desenho é um instrumento que permite construir um universo ao tornar tangível o ausente: “o desenho pode mostrar coisas que existem, mas também coisas que existiram e que agora já não existem. pode tornar visíveis coisas que deveriam existir e que existirão”<sup>28</sup>.

Por outro lado, a representação de um elemento através do desenho não remete apenas para o mero reflexo do objeto que é observado. O método de representação constitui também um factor importante, pois revela um código de leitura, uma interpretação própria, que permite decompor a complexidade da realidade. Para Kevin Lynch, a observação e o desenho são fundamentais para a compreensão da forma e dos elementos que compõem a paisagem urbana, tais como ruas, limites, bairros, marcos e nós<sup>29</sup>.

O desenho não se limita a uma representação da realidade, é igualmente um instrumento para uma interpretação analítica, que permite, entre outros fenómenos, revelar padrões de organização espacial e processos de transformação latentes. Segundo Manuel de Solà-Morales<sup>30</sup>, o desenho, articulado com a fotografia, contribui para uma compreensão mais aprofundada das dimensões sociais e políticas do contexto urbano. Nesta perspetiva, o desenho pode ser entendido como uma ferramenta conceptual e crítica, apta a articular diversas escalas e temporalidades, bem como a interpretar diferentes modos de apropriação do espaço.

Franco Purini defende ainda que, para construir arquitetura, é preciso conhecê-la. Assim, a identificação do universo de referências exige um exercício de observação e interpretação. No entanto, a leitura e descodificação da cidade através da simples observação não são suficientes para registar e dar corpo às ideias e intuições sobre o objeto observado. Deste modo, recorre-se ao desenho como uma ferramenta de leitura e interpretação das medidas de adaptação que têm sido aplicadas ao longo da costa africana. O desenho permite-nos registar, descrever e evidenciar as características dos diferentes elementos e medidas de adaptação.

---

<sup>26</sup> Kahn, Louis I. **Conversaciones con estudiantes**. Editorial Gustavo Gili, 2002.

<sup>27</sup> Idem, p.47

<sup>28</sup> PURINI, Franco. **Compôr a Arquitetura**. Lisboa: ADC Editores, 2000. p.85

<sup>29</sup> Lynch, Kevin. **A Imagem da Cidade**. Edições 70, 1982.

<sup>30</sup> Solà-Morales, Ignasi de. **Territorios: Terrain Vague**. Editorial Gustavo Gili, 1995.

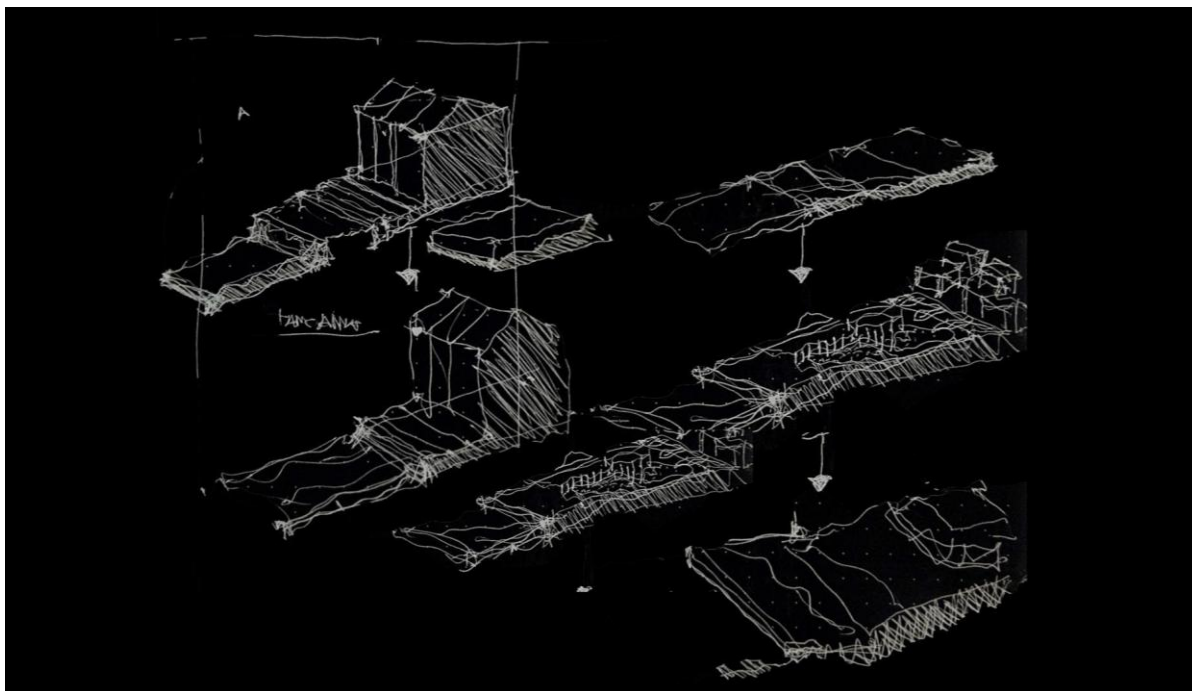


Figura 01 - Desenho axonométrico dos diferentes casos de estudo. Elaborado pela autora.

### **Paisagens patrimoniais: território, cidade, edifício**

Para responder à questão central delineada anteriormente, são selecionados três casos de estudo ao longo da costa africana, representativos de estratégias de adaptação com naturezas e características distintas: (i) uma paisagem urbana costeira (território) - Ilha de Saint- Louis (Senegal); (ii) uma margem urbana (cidade) - Cidade de Pedra de Zanzibar (Ilha Unguja, Tanzânia) e (iii) um edifício - o Forte de Mombaça, (Quênia).



Figura 02 - I. Ilha de Saint- Louis (Senegal); II. a Cidade de Pedra de Zanzibar (Ilha Unguja, Tanzânia) ; III. Forte de Jesus de Mombaça, (Quênia). Fotografias: Google earth.

#### *Ilha de Saint- Louis. Uma paisagem urbana costeira em transformação*

À escala do território, observa-se a Ilha de Saint-Louis, situada entre a foz do rio Senegal e o Oceano Atlântico, a cerca de 270 km da capital do país. Este território constitui-se como um dos testemunhos do período colonial francês na África Ocidental e o seu valor histórico e cultural foi determinante para a inscrição na Lista do Património Mundial da UNESCO em



2000, de acordo com os critérios (ii) e (iv)<sup>31</sup>. A Ilha está assente numa planície baixa, cuja geomorfologia a torna particularmente vulnerável aos impactos dos fenómenos extremos. As inundações e a erosões costeiras tem provocado uma redução gradual da extensão do sistema dunar<sup>32 33</sup>, bem como a degradação progressiva dos elementos físicos da Ilha, devido à exposição à salinidade e às inundações recorrentes.

Face a este cenário, têm sido implementadas diversas iniciativas e medidas de carácter estrutural, não-estrutural e institucional, promovidas por diferentes entidades públicas, privadas e semi-privadas. Entre as medidas estruturais, destacam-se a construção de muros e molhes de defesa ao longo da costa, bem como a realocização dos habitantes para áreas menos vulneráveis. A nível institucional foram implementados alguns programas com o objetivo de proteger o património em articulação com estratégias de adaptação aos riscos climáticos. Por exemplo, o “Plan de Sauvegarde et Mise en Valeur du Patrimoine de Saint-Louis (PSMV) de 2012, cujo objetivo era promover a preservação e reabilitação do património construído, bem como a requalificação dos espaços públicos<sup>34</sup>. No entanto, a implementação de algumas destas iniciativas tem enfrentado alguma dificuldade na articulação entre os diferentes atores envolvidos<sup>35</sup>.

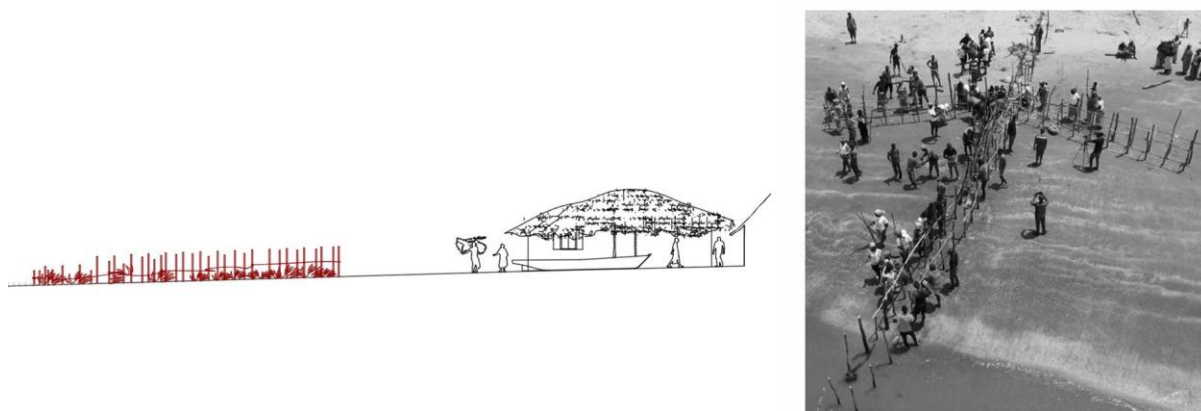


Figura 03 - Secção transversal. Fotografia: Patrick Chevalier, 2018, <https://gizc.org/mobilisation/> (Elaborado pela autora).

<sup>31</sup> UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Saint-Louis – **Un patrimoine en péril**. [S.l.]: UNESCO, 2021. <https://whc.unesco.org/fr/canopee/saint-louis/>

<sup>32</sup> CISSE, Cheikh., BREMPONG, Emmanuel., TAVENEAU, Adélaide., ALMAR, Rafael., SY, Boubou., ANGNUURENG, Donatus. Extreme coastal water levels with potential flooding risk at the low-lying Saint Louis historic city, Senegal (West Africa). **Frontiers in Marine Science**. 2022. V.9. <https://www.frontiersin.org/journals/marine-science/articles/10.3389/fmars.2022.993644>

<sup>33</sup> DIANKHA, Ousmane., NDAO, Ndeye., BARRY, Oumar. Coastal Erosion Mitigation in Saint-Louis, Senegal: Evaluating the Effectiveness of “Typhavelles”, a Nature-Based Solution. **Journal of Geoscience and Environment Protection**. 2025. Vol. 13, pp.157-170. <https://www.scirp.org/journal/paperinformation?paperid=142913>

<sup>34</sup> UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Saint-Louis – **Un patrimoine en péril**. [S.l.]: UNESCO, 2021. <https://whc.unesco.org/fr/canopee/saint-louis/>

<sup>35</sup> Idem.

No âmbito das medidas de carácter estrutural, foi desenvolvido um projeto com o objetivo de estabilizar o sistema dunar e atenuar os efeitos da erosão costeira, através de uma abordagem colaborativa com as comunidades locais. A solução implementada consiste num conjunto de “typhavelles” compostas por materiais naturais, dispostas perpendicularmente à linha de costa. Apesar do seu aparente estado frágil e efêmero, a concepção destas estruturas revela-se eficaz na restauração das dunas existentes, contribuindo para a redução dos efeitos da erosão costeira. Esta abordagem tem sido aplicado noutros contextos geográficos africanos, como por exemplo ao longo da costa da Mauritânia<sup>36</sup>.

Neste caso, destaca-se a participação ativa da comunidade local, cujo envolvimento contribui para reforçar a consciência coletiva sobre as diferentes medidas passíveis de serem implementadas para preservar o património perante os efeitos destrutivos dos fenómenos extremos. A dimensão participativa assume um papel importante na reativação de práticas culturais intrínsecas ao lugar.

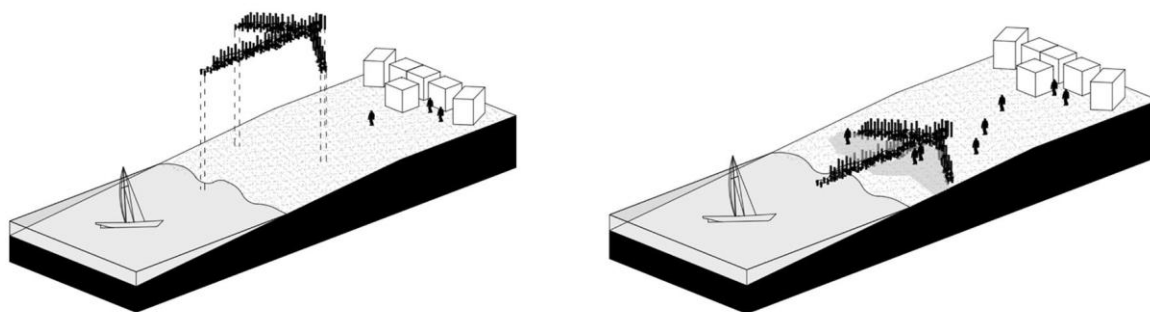


Figura 04 - Desenho axonométrico da abordagem implementada na costa da Ilha de Saint-Louis. Elaborado pela autora.

Conclui-se que, este caso evidencia como, apesar dos dilemas inerentes à preservação do património urbano em contextos de elevada vulnerabilidade climática, a participação ativa da comunidade local pode configurar-se como uma resposta eficaz ao interpelar os paradigmas tradicionais de preservação. Por vezes, as medidas e a tomada de decisões restringem-se exclusivamente à atuação de especialistas e técnicos. Esta iniciativa demonstra que o envolvimento da população possa reconhecer o valor do património como parte integrante da identidade coletiva, promovendo uma apropriação mais consciente e incentivando o seu papel ativo na definição e implementação de estratégias de adaptação.

<sup>36</sup> ALVES RODRIGUES, Bruna; BAPENTIRE ANGNUURENG, D.; ALMAR, Rafael; LOUARN, Aubrée; ROSSI, Pier., CORSINI, Laurent., MORAND, Pierre. Compendium: Coastal management practices in West Africa. IRD – Institut de Recherche pour le Développement. IRD, 2022. [https://horizon.documentation.ird.fr/exl-doc/pleins\\_textes/2022-06/010085569.pdf](https://horizon.documentation.ird.fr/exl-doc/pleins_textes/2022-06/010085569.pdf)

*Cidade de Pedra de Zanzibar. A preservação de uma margem urbana*

A cidade de Pedra de Zanzibar, situada na Ilha de Unguja, Tanzânia, pela sua natureza, constitui um caso de estudo de referência de um conjunto urbano vulnerável aos efeitos das alterações climáticas. A sua estrutura urbana constitui um testemunho de diferentes influências culturais, em particular árabes, indianas, africanas e europeias - fruto da sua localização estratégica, impulsionada pelas rotas marítimas comerciais<sup>37</sup>.

A cidade foi inscrita na Lista do Património Mundial da UNESCO em 2000, com base nos critérios (ii), (iii) e (vi)<sup>38</sup>. A semelhança do caso anteriormente apresentado, o centro histórico tem enfrentando os efeitos destrutivos dos eventos climáticos extremos, os quais comprometem a integridade do tecido urbano e a qualidade de vida da população local. Fenómenos como a tempestades e os eventos ciclónicos aceleram os processos de degradação das infraestruturas urbanas de Zanzibar<sup>39</sup>. A cidade assenta sobre uma área costeira maioritariamente plana, com sistemas de drenagem obsoletos, o que agrava os efeitos desses eventos<sup>40</sup>.

Perante este cenário, têm sido promovidos com o apoio de entidades internacionais, como a UNESCO e outras agências de cooperação, diversos planos de preservação do património. Entre eles destaca-se o “Plan of Management Conservation Stone Town”, elaborado pela “Stone Town Conservation and Development Authority” com o intuito de definir diretrizes para a intervenção no património urbano e edificado, promovendo uma maior articulação entre o desejo de preservar e a necessidade de adaptar.

Observa-se que, as medidas que têm sido implementadas são, maioritariamente, de carácter institucional e estrutural. Em particular, destaca-se a intervenção “Mizingani Sea Wall Project” implementada em 2012 com o apoio financeiro do World Bank Group. Este projeto surgiu da necessidade urgente de intervir em determinados pontos da cidade que se encontravam em estado obsoleto e em ruína - condição que poderia influenciar a perda do estatuto de património Mundial da UNESCO.

A iniciativa teve como principal intuito a redução dos danos provocados pelo gradual avanço do mar e preservar a integridade física do património edificado contíguo à linha de costa. Deste modo, o projeto propõe a reabilitação do muro existente que se apresentava num elevado estado de degradação e em risco de colapso, em conformidade com as diretrizes estabelecidas no Plano de Conservação de 1994<sup>41</sup> e os requisitos estabelecidos pela UNESCO. A reabilitação do muro

---

<sup>37</sup>UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. *Stone Town of Zanzibar*: UNESCO. [https://whc.unesco.org/en/list/173/?utm\\_source=chatgpt.com](https://whc.unesco.org/en/list/173/?utm_source=chatgpt.com)

<sup>38</sup> Idem.

<sup>39</sup> MYERS, Garth; WALZ, Jonathan; JUMBE, Aboud. Trends in urban planning, climate adaptation and resilience in Zanzibar, Tanzania. **Town & Regional Planning**. 2020. Vol. 77, p. 57–70. <https://doi.org/10.18820/2415-0495/trp77i1.5>

<sup>40</sup>UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. State of Conservation Report: Stone Town of Zanzibar. 2019.UNESCO World Heritage Centre [https://whc.unesco.org/en/list/173/?utm\\_source=chatgpt.com](https://whc.unesco.org/en/list/173/?utm_source=chatgpt.com)

<sup>41</sup> WORLD BANK. Implementation Completion Report (ICR) Review: TZ-Zanzibar Urban Services Project (P111155). 2021.World Bank. p.10

tinha como objetivo reforçar a proteção do património urbano histórico através de uma barreira costeira ao longo da marginal Mizingani Road, com cerca de 340m de comprimento.

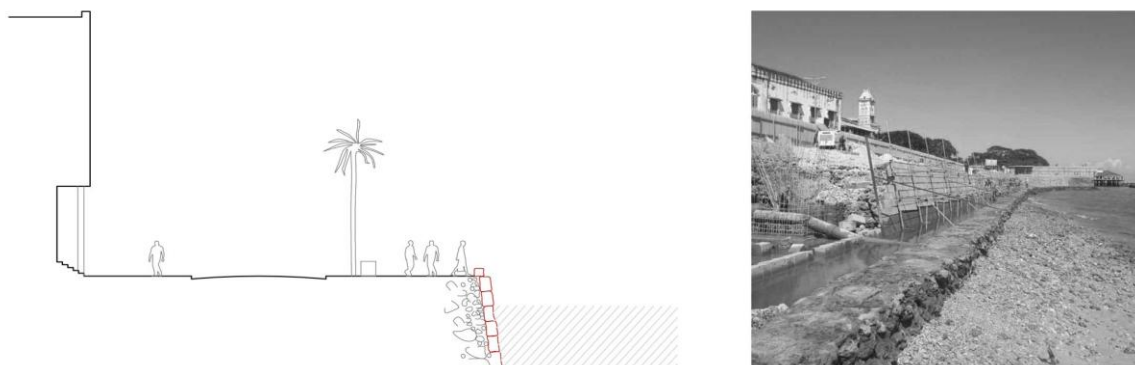


Figura 05 - Secção transversal da marginal “Mizingani Road”. Fotografia: <https://infrastructurenews.co.za/2018/03/09/uct-to-capture-heritage-project-in-zanzibar/> (Elaborado pela autora).

Neste caso, a intervenção não se limitou apenas à edificação do muro junto ao mar, mas também incluiu a requalificação da rua marginal, integrando um novo sistema de drenagem, a pavimentação dos passeios, arborização e a instalação de iluminação pública.

De acordo, com o relatório da implementação do projeto, o redesenho da linha da margem também permitiu colmatar as ocupações informais do espaço público. Por exemplo, o espaço que estava obsoleto situado próximo ao muro - anteriormente utilizado como estacionamento informal - foi transformado num parque público em torno de uma árvore histórica<sup>42</sup>.

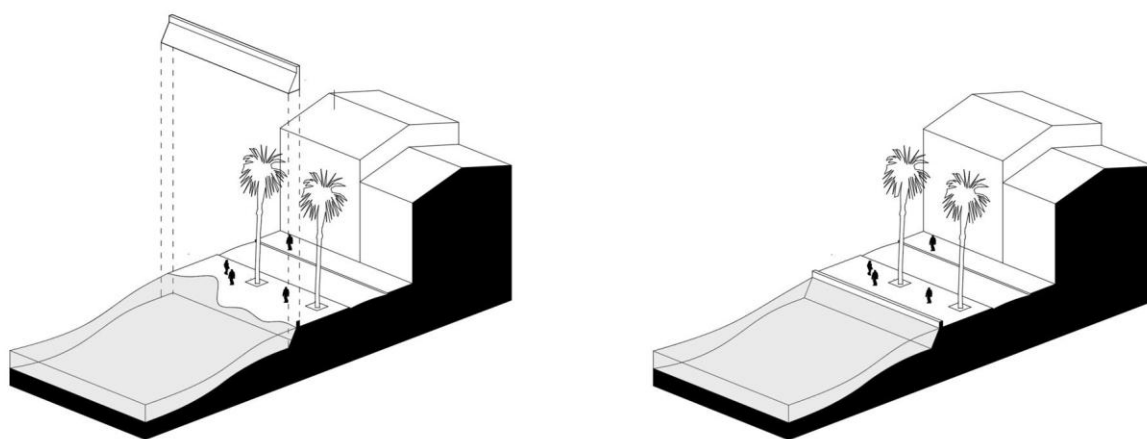


Figura 06 - Desenho axonométrico da abordagem implementada na cidade de Pedra de Zanzibar. Elaborado pela autora.

<sup>42</sup> WORLD BANK. Implementation Completion Report (ICR) Review: TZ-Zanzibar Urban Services Project (P111155). 2021. World Bank.p.21.  
<https://documents1.worldbank.org/curated/en/099422104262230225/pdf/P11115500ae8df0fa084b30ca559a46bc12.pdf>

Importa ressaltar que, para além da dimensão operativa e funcional, o projeto “Mizingani Sea Wall” desempenhou um papel fundamental na consolidação da continuidade cultural da cidade, ao articular a proteção do património com o redesenho qualificado do espaço público envolvente.

*Forte de Jesus de Mombaça. Reerguer para proteger o edificio*

O Forte de Jesus de Mombaça, localizado na cidade costeira de Mombaça, no Quénia, permite abordar um caso de um edifício patrimonial. Este monumento é um dos exemplos notáveis da arquitetura militar portuguesa do século XVI na África Oriental<sup>43</sup>. Foi inscrito na Lista do Património Mundial da UNESCO, em 2011, face ao reconhecimento do seu valor excepcional de acordo com os critérios (ii) e (iv)<sup>44</sup>.

Para além do seu carácter militar, este edifício é um marco identitário na paisagem urbana. No entanto, à semelhança dos casos anteriores observados, os crescentes impactos das alterações climáticas, nomeadamente: o aumento do nível do mar e a consequente erosão costeira - tem provocado a falência das fundações e a instabilidade da estrutura<sup>45</sup>. Este cenário tem exigido intervenções contínuas de manutenção<sup>46</sup>, um exercício indispensável à preservação do património. Deste modo, foram delineadas ações e implementadas medidas de preservação e proteção costeira, com o objetivo de atenuar a força do mar e prevenir o colapso do edifício. Entre estas acções, destaca-se a construção de um muro de contenção em frente ao forte, promovida com o apoio do “National Museums of Kenya”, em articulação com a UNESCO e o Fundo do Património Mundial.

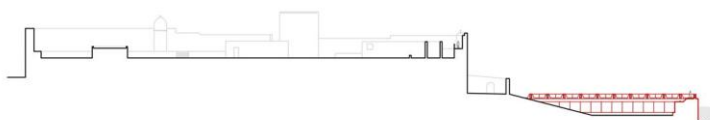


Figura 07 - Secção longitudinal do Forte de Mombaça. Fotografia: Chemeli, et.al, 2021. (Elaborado pela autora).

<sup>43</sup> UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Fort Jesus, Mombasa. 2011. UNESCO World Heritage Centre. <https://whc.unesco.org/en/list/1295/>

<sup>44</sup> UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Fort Jesus, Mombasa. 2011. UNESCO World Heritage Centre. <https://whc.unesco.org/en/list/1295/>

<sup>45</sup> CHEMELI, Angelah; NJOROGÉ, Joseph; AGUFANA, Peace. Climate Change and Immovable Cultural Heritage in Kenya: Impact and Response Strategies. 2021. **Springer Nature Switzerland**. pp.1-22.

<sup>46</sup> UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. State of Conservation Report: Fort Jesus, Quénia . 2020. UNESCO World Heritage Centre. <https://whc.unesco.org/en/list/1295/>



Conclui-se que, no caso do Forte de Jesus Mombaça, para além do seu carácter defensivo, o monumento constitui também uma extensão do espaço público da cidade. A intervenção, para além de preservar a continuidade da memória do edifício, confere um novo limite da margem, proporcionando à população a oportunidade de deambular na paisagem litoral da cidade de Mombaça. Trata-se de um exemplo notável de como a funcionalidade da solução não se restringe apenas à ação defensiva, mas revela-se também num momento de usufruto e contemplação da paisagem urbana costeira.

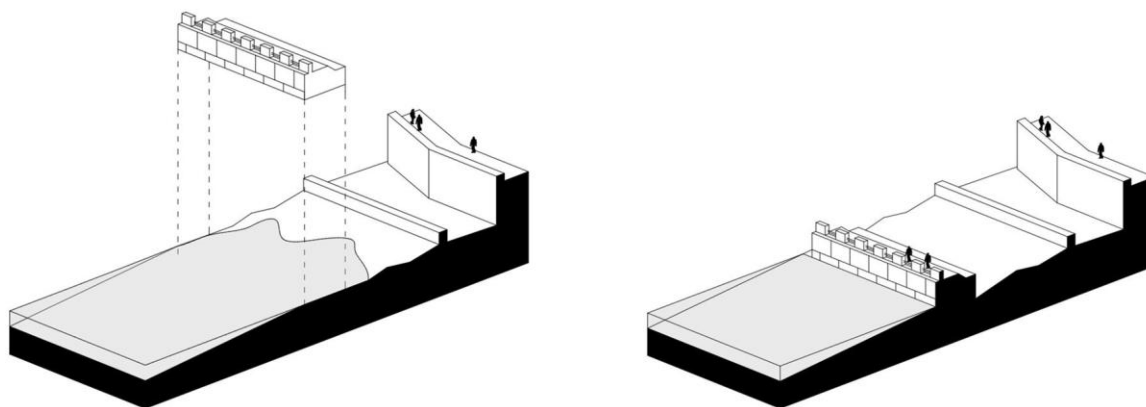


Figura 08 - Desenho axonométrico dos diferentes casos de estudo. Elaborado pela autora.

### Conclusão

A leitura e a interpretação dos três casos de estudo, permitiu reconhecer a diversidade das soluções de carácter estrutural-defensivo implementadas ao longo da costa africana. Estas intervenções evidenciam questões críticas quanto aos princípios de concepção e composição, sublinhado a importância de adoptar medidas sensíveis ao contexto patrimonial e adequadas às necessidades locais.

A necessidade de proteger o edifício implica, por vezes, a adoção de abordagens mais interventivas, que podem comprometer os critérios complementares de autenticidade e integridade, por exemplo a substituição de materiais ou a reforçar os elementos estruturais. Deste modo, torna-se perene questionar: de que modo e o que deve ser efetivamente preservado? A forma original, a autenticidade dos materiais ou a continuidade da função simbólica? Por outro lado, o critério de autenticidade não deve limitar-se à preservação literal do estado original, mas deve ser entendido como um conceito dinâmico, capaz de suportar as transformações impostas pela passagem do tempo.

Nesta investigação, o desenho assumiu um papel fundamental enquanto ferramenta analítica e operativa. Através do desenho, entendido não apenas enquanto uma representação gráfica, foi possível desconstruir a complexidade da realidade observada e registar as diferentes características das medidas de adaptação e preservação implementadas no património urbano. As soluções adotadas nos três casos, procuraram respeitar a autenticidade e o valor patrimonial

dos bens, intervindo tangencialmente na estrutura física dos monumentos - em particular, no caso do Forte de Jesus de Mombaça e na Ilha de Saint-Louis. As intervenções acrescentam um elemento estrutural para proteger o património dos efeitos dos eventos climáticos extremos; por exemplo, no caso da Cidade de Pedra de Zanzibar, a intervenção não se limitou à edificação do muro e propôs a requalificação do espaço público envolvente. Deste modo, compreende-se que a adaptação e a preservação não apenas protegem o património, mas podem também funcionar como motores de transformação, permitindo conferir novas funções e revitalizar formas espaciais existentes. Acreditamos que perante os efeitos das alterações climáticas, torna-se imperativo repensar abordagens que articulem a necessidade de preservar e transformar o património, vulnerável aos fenómenos extremos. A perda ou a degradação dos elementos arquitetónicos e urbanos patrimoniais não representa apenas um dano material, mas pode comprometer o sentimento de pertença das comunidades locais.

Conclui-se que, a adaptação dos bens e sítios patrimoniais em contextos vulneráveis, deve antever não apenas a transitoriedade dos tempos, mas também às expectativas de transformação face aos riscos climáticos, de modo a perpetuar a memória do lugar.

### Agradecimentos

O presente trabalho é parte da tese de doutoramento em desenvolvimento na Faculdade de Arquitetura de Lisboa, Universidade de Lisboa, financiado pelos fundos nacionais através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), no âmbito do projeto com a referência 2023.05118.BD. Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do Projeto Estratégico com a referência UID/04008: Centro de Investigação em Arquitetura, Urbanismo e Design.

### Bibliografia

ALVES RODRIGUES, Bruna; BAPENTIRE ANGNUURENG, D.; ALMAR, Rafael; LOUARN, Aubrée; ROSSI, Pier., CORSINI, Laurent., MORAND, Pierre. Compendium: Coastal management practices in West Africa. *IRD – Institut de Recherche pour le Développement*. IRD, 2022. [https://horizon.documentation.ird.fr/exl-doc/pleins\\_textes/2022-06/010085569.pdf](https://horizon.documentation.ird.fr/exl-doc/pleins_textes/2022-06/010085569.pdf)

BIENVENIDO-HUERTAS, David, LEÓN-MUÑOZ, Miguel, MARTÍN-DEL-RÍO, Juan, RUBIO-BELLIDO, Carlos. Analysis of climate change impact on the preservation of heritage elements in historic buildings with a deficient indoor microclimate in warm regions. *Building and Environment*. 2021. Vol. 200, nº107959. <https://doi.org/10.1016/j.buildenv.2021.107959>.

BRANDI, Cesare. *Teoria del restauro*. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1963.

CARTA, Marco. *L'armatura culturale del territorio. Il patrimonio culturale come matrice di identità e strumento di sviluppo*. Milano: FrancoAngeli, 1999.

CHIRIKURE, Shadreck; MANYANGA, Maxwell; NDORO, Walter; PWITI, Godfrey. Unfulfilled promises? Heritage management and community participation at some of Africa's

cultural heritage sites. **International Journal of Heritage Studies**. 2010. Vol. 16, n.º 1–2, p. 30–44. <https://doi.org/10.1080/13527250903441739>

CHEMELI, Angelah; NJOROGÉ, Joseph; AGUFANA, Peace. Climate Change and Immovable Cultural Heritage in Kenya: Impact and Response Strategies. 2021. **Springer Nature Switzerland**. pp.1-22.

CISSE, Cheikh., BREMPONG, Emmanuel., TAVENEAU, Adélaide., ALMAR, Rafael., SY, Boubou., ANGNUURENG, Donatus. Extreme coastal water levels with potential flooding risk at the low-lying Saint Louis historic city, Senegal (West Africa). **Frontiers in Marine Science**. 2022. V.9. <https://www.frontiersin.org/journals/marine-science/articles/10.3389/fmars.2022.993644>

CHOAY, Françoise. **Património e Mundialização**. Évora: Casa do Sul Edições, 2005. p.21.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do Património**. Lisboa: Edições 70, 2014.

DESILVEY, Caitlin; HARRISON, Rodney. Anticipating loss: rethinking endangerment in heritage futures. *International Journal of Heritage Studies*. 2019. Vol. 26, n.º 1, p. 1–7. <https://doi.org/10.1080/13527258.2019.1644530>

DIANKHA, Ousmane., NDAO, Ndeye., BARRY, Oumar. Coastal Erosion Mitigation in Saint-Louis, Senegal: Evaluating the Effectiveness of “Typhavelles”, a Nature-Based Solution. **Journal of Geoscience and Environment Protection**. 2025. Vol. 13, pp.157-170. <https://www.scirp.org/journal/paperinformation?paperid=142913>

GOUSSARD, Jean Jacques; DUCROCQ, Mathieu. West African coastal area: Challenges and outlook. In: **The Land/Ocean Interactions in the Coastal Zone of West and Central Africa**. Berlin/Heidelberg: Springer, 2014. p. 9–21. [https://doi.org/10.1007/978-3-642-38137-9\\_2](https://doi.org/10.1007/978-3-642-38137-9_2)

HARVEY, David; PERRY, Jim. **The Future of Heritage as Climates Change: Loss, Adaptation and Creativity**. Londres: Routledge Taylor & Francis Group, 2015.

ICOMOS. International Council on Monuments and Sites. **Carta Internacional sobre a Conservação e Restauro dos Monumentos e Sítios (Carta de Veneza)**. Veneza, 1964. p.3

INTERGOVERNMENTAL PANEL ON CLIMATE CHANGE (IPCC). **Sixth Assessment Report – Impacts, Adaptation and Vulnerability**. 2023. <https://www.ipcc.ch/report/ar6/wg2/>

Kahn, Louis I. **Conversaciones con estudiantes**. Editorial Gustavo Gili, 2002.

LEBBE, Théophile Bongarts; REY-VALETTE, Hélène; CHAUMILLON, Éric; CAMUS, Guigone; ALMAR, Rafael; CAZENAVE, Anny; CLAUDET, Joachim; ROCLE, Nicolas; MEUR-FÉREC, Catherine; VIARD, Frédérique; MERCIER, Denis; DUPUY, Christine; MÉNARD, Frédéric; ROSSEL, Bernardo; MULLINEAUX, Lauren; SICRE, Marie-Alexandrine; ZIVIAN, Anna; GAILL, Françoise; EUZEN, Agathe. Designing coastal adaptation strategies to tackle sea level rise. **Frontiers in Marine Science** . 2021. Vol. 8, art. 740602. <https://doi.org/10.3389/fmars.2021.740602>

LOPES, Flávio. **Zonas de proteção ao património arquitetónico - Para que servem?**. 2023. Lisboa: Caleidoscópio Edição e Artes Gráficas.p.29

Lynch, Kevin. **A Imagem da Cidade**. Edições 70, 1982.

MASSIANGANHE, Elídio; MACAMO, Célia; WESTERBERG, Lars; BANDEIRA, Salomão; MAVUME, Alberto; RIBEIRO, Eunice. Deltaic coasts under climate-related catastrophic events – Insights from the Save River delta, Mozambique. **Ocean & Coastal Management**. 2015. Vol. 116, p. 331–340. <https://doi.org/10.1016/j.ocecoaman.2015.08.008>

MYERS, Garth; WALZ, Jonathan; JUMBE, Aboud. Trends in urban planning, climate adaptation and resilience in Zanzibar, Tanzania. **Town & Regional Planning**. 2020. Vol. 77, p. 57–70. <https://doi.org/10.18820/2415-0495/trp77i1.5>

NIANG, Isabelle; RUPPEL, Oliver C.; ABDRAHO, Mohamed; ESSEL, Andrew C.; LENNARD, Christopher; PADGHAM, Jonathan; URQUHART, Penny; DESCHEEMAEEKER, Katrien. Chapter 22: Africa. In: Climate Change 2014: Impacts, Adaptation, and Vulnerability – Part B: **Regional Aspects. Contribution of Working Group II to the Fifth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change**. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2014. p. 1199–1265. [https://www.ipcc.ch/site/assets/uploads/2018/02/WGIIAR5-Chap22\\_FINAL.pdf](https://www.ipcc.ch/site/assets/uploads/2018/02/WGIIAR5-Chap22_FINAL.pdf)

PENDLEBURY, John; SHORT, Michael; WHILE, Aidan. Urban World Heritage Sites and the problem of authenticity. **Cities**. 2009. Vol. 26, n.º 6.

PURINI, Franco. **Compôr a Arquitetura**. Lisboa: ADC Editores, 2000. p.85

RIESTO, Svava; EGBERTS, Linde; LUND, Anna; JØRGENSEN JR., Gertrud. Plans for uncertain futures: heritage and climate imaginaries in coastal climate adaptation. **International Journal of Heritage Studies**. 2021. <https://doi.org/10.1080/13527258.2021.2009538>

RUSKIN, John. **The Seven Lamps of Architecture**. Boston: Smith Elder, 1849.

SESANA, Elena; GAGNON, Alexandre S., BERTOLIN, Chiara; HUGHES, John. Adapting cultural heritage to climate change risks: perspectives of cultural heritage experts in Europe. **Geosciences**. 2018. Vol. 8, n.º 8, p. 305. <https://doi.org/10.3390/geosciences8080305>

Solà-Morales, Ignasi de. **Territorios**: Terrain Vague. Editorial Gustavo Gili, 1995.

SWAPAN, Mohammad. Who participates and who doesn't? Adapting community participation model for developing countries. **Cities** . 2016. Vol. 53, p. 70–77. <https://doi.org/10.1016/j.cities.2016.01.013>

THUMBRAN, Janeke; ROUX, Naomi. Remaking the urban: heritage and transformation in Nelson Mandela Bay. **The American Historical Review**. 2022. Vol. 127, n.º 4, p. 2044–2045. <https://doi.org/10.1093/ahr/rhac370>

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Saint-Louis – **Un patrimoine en péril**. UNESCO, 2021. <https://whc.unesco.org/fr/canopee/saint-louis/>

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. *Stone Town of Zanzibar*: UNESCO. [https://whc.unesco.org/en/list/173/?utm\\_source=chatgpt.com](https://whc.unesco.org/en/list/173/?utm_source=chatgpt.com)

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. State of Conservation Report: Stone Town of Zanzibar. 2019. UNESCO World Heritage Centre [https://whc.unesco.org/en/list/173/?utm\\_source=chatgpt.com](https://whc.unesco.org/en/list/173/?utm_source=chatgpt.com)

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. State of Conservation Report: Fort Jesus, Quênia . 2020. UNESCO World Heritage Centre. <https://whc.unesco.org/en/soc/3479/>

UNESCO. **Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.** Convenção para a Proteção do Património Mundial Cultural e Natural. Paris: UNESCO, 1972. <https://whc.unesco.org/archive/convention-pt.pdf>.

VOUSDOKAS, Michalis I.; CLARKE, Joanne; RANASINGHE, Roshanka; REIMANN, Lena; KHALAF, Nadia; DUONG, Trang Minh.; OUWENEEL, Birgitt; SABOUR, Salma; ILES, Carley E.; TRISOS, Christopher H.; FEYEN, Luc; MENTASCHI, Lorenzo; SIMPSON, Nicholas P. African heritage sites threatened as sea-level rise accelerates. **Nature Climate Change**. 2022. Vol. 12, n.º 3, p. 256–262. <https://doi.org/10.1038/s41558-022-01280-1>

WORLD BANK. Implementation Completion Report (ICR) Review: TZ-Zanzibar Urban Services Project (P111155). 2021. World Bank. p.10



## Notas Curriculares

### A

**Adriane Silvério Neto**, possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Uberlândia (2002), mestrado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Uberlândia (2015) e doutorado em andamento em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Uberlândia. É professora do curso de Arquitetura e Urbanismo no Centro Universitário de Patos de Minas, onde ministra as disciplinas Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo, Linguagem e Expressão Gráfica, Projeto, Semiótica e Percepção Visual e coordenação de Trabalhos de Conclusão de Curso.

**Adriano Tomitão Canas**, possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1996). Mestrado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (2005) e doutorado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (2010). É professor associado da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design da Universidade Federal de Uberlândia (FAUeD-UFU). Membro do corpo docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU-UFU). Atua na pesquisa e extensão com temas em Cultura e Território, e Arte e Arquitetura.

**Alexandre Kramatschek Tavares**, Brasileiro, Arquiteto e Urbanista, graduado pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URI Campus Santiago (2022), com bolsa Prouni, Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2025), com bolsa CAPES/DS. Participante do Global Center of Spatial Methods for Urban Sustainability (SMUS) PhD Training Programme pela Technische Universität Berlin (TUB), com bolsa pela Deutscher Akademischer Austauschdienst (DAAD). Membro dos Grupos de Pesquisa Grupo de Estudos e Documentação em Urbanismo (GEDURB/UFRGS) e do Cidade em Projeto: Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão (CPLab/UFRGS). Pesquisador no campo da Teoria Crítica, na área de Fundamentos do Planejamento Urbano e Regional, na linha de Cidade, Cultura e Política, com enfoque em habitação, políticas públicas, propriedade e América Latina.

**Ana Carolina Cardoso Cunha**, é doutoranda em Estudos de Património (FLUP) e bolseira FCT (2024.01733.BDANA), com o projeto “Património Integrado: Conceito(s), Inventário e Mediação. Os estudos de casos dos Mosteiros de São João de Tarouca e Santa Maria de Salzedas (Tarouca)”, acolhido pelo Património Cultural, I.P., enquanto instituição não académica e pelo CITCEM, onde integra o grupo de investigação “Património Tangível e Intangível”. É licenciada em História da Arte (2021) e mestre em História da Arte, Património e Cultura Visual (2023) pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. O seu percurso inclui a publicação do artigo “Santuário e Romaria de Nossa Senhora da Piedade, Sanfins do Douro” (2022) e a participação em diversas comunicações, entre as quais na Conferência Internacional da Convenção-Quadro de Faro (2024). Profissionalmente, realizou trabalho de investigação e mediação sobre o património cultural do interior do país, para a Associação Círculo de Estudos do Centralismo. Ainda, colaborou enquanto voluntária no *arquiv@*, projeto do Património Cultural, I.P. Tem desenvolvido investigação na área do património cultural, inventário do património integrado e património de proximidade.

**Ana Cristina Sousa**, é Doutora em História da Arte e Professora Associada com Agregação na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, no Departamento de Ciências e Técnicas do Património, do qual é Diretora, sendo igualmente diretora do Mestrado de História da Arte, Património e Cultura Visual. É investigadora integrada do CITCEM /FLUP, do grupo de trabalho "Património Material e Imaterial". Desenvolve investigação e reúne várias publicações nas seguintes áreas de conhecimento: Arte Medieval e Moderna, Artes Aplicadas, com destaque para os Metais (técnicas, formas e ornamento), Estudos de Imagem e Ex-Votos.

**Ana Gabriela Godinho Lima**, Arquiteta e Urbanista pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (1994), mestrado em Estruturas Ambientais Urbanas pelo Programa de Pós-Graduação da mesma instituição (1999) e doutorado pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (2004). Pós-Doutora pela School of Creative Arts da University of Hertfordshire, Inglaterra (2009). Integra o Corpo Permanente de Docentes do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Coordenadora geral do Prêmio Anparq 2024. Visiting Researcher na School of Creative Arts da University of Hertfordshire (2009-2016). Desde 2002 vem liderando e integrando projetos de pesquisa com financiamento nacional internacional, dentre os quais destacam-se: Feminino e Plural: Percursos e Projetos de Arquitetas, Urbanistas e Designers (2011-2014, FAPESP e Mackpesquisa); Cidade, Gênero e Infância (com Rodrigo Mindlin Loeb, 2018-2021, Fundação Bernard Van Leer). Co-editora dos periódicos Boletín Académico, Revista de Investigación y Arquitectura Contemporánea, publicado pela Escola Técnica Superior da Universidade da Coruña, Espanha (2014-2019); Cadernos de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, editado pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie (2016-2020); Autora de Arquitetas e Arquiteturas na América Latina do Século XX (Altamira Editorial, 2013), e co-organizadora, com Rodrigo Mindlin Loeb do livro “Cidade Gênero e Infância” (Romano Guerra/Pistache 2021 - Prêmio IAB-SP 2022) dentre outros livros, capítulos de livro e artigos em periódicos nacionais e internacionais. Dentre seus temas de pesquisa e orientação estão: Arquitetura Escolar, Ensino de Arquitetura e Urbanismo, História das Mulheres na Arquitetura, História da Arquitetura na América Latina, História e Teoria da Arquitetura Contemporânea, Processos de Projeto em Arquitetura, Urbanismo e Design.

**Ana Luísa Gonçalves Silva**, possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pelo Centro Universitário de Patos de Minas (2021). Mestrado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Uberlândia (2024), na área de concentração Projeto, Espaço e Cultura, vinculada à linha de pesquisa Cidade e Patrimônio: Perspectiva e Prospectiva.

**Ana M. G. Albano Amora**, Arquiteta com ampla atuação nas áreas de história e teoria da arquitetura, patrimônio cultural e arquitetura hospitalar. Participa da rede "Latino-Americana de Pesquisadores em História da Arquitetura Hospitalar", coordenada pela Universidad Nacional Autónoma de México – UNAM, e integrou o grupo responsável pelo "WOMERWORK-2012", promovido pelo Docomomo Internacional com foco na arquitetura hospitalar. Foi secretária do Docomomo-Rio (2010–2012) e atualmente integra seu conselho (gestão 2025–2026). Foi professora do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), onde participou do Programa de Pós-Graduação em História, Urbanismo e Arquitetura da Cidade, além de ter dirigido o Laboratório de Documentação e Acervo (LDA). Coordenou em Santa Catarina o Inventário de Patrimônio Cultural da Saúde, projeto nacional da Casa de

Oswaldo Cruz (COC/Fiocruz), que resultou na publicação do livro "História da Saúde em Santa Catarina – Instituições e do patrimônio arquitetônico", parte da Coleção História e Patrimônio da Saúde. Com trajetória também na área técnica, integrou a equipe do Projeto Corredor Cultural da Prefeitura do Rio de Janeiro, colaborando na elaboração do "Manual do Corredor Cultural". Atuou como arquiteta na Empresa de Obras Públicas do Estado do Rio de Janeiro (EMOP) e na Fundação Estadual de Engenharia do Meio Ambiente (FEEMA). Sua pesquisa abrange a preservação do patrimônio cultural, a história da arquitetura moderna brasileira, a história da cidade e do urbanismo, com ênfase especial na teoria e história da arquitetura hospitalar. Sua produção articula prática profissional, pesquisa acadêmica e atuação institucional, com reconhecimento nacional na área da arquitetura e urbanismo.

**Ana Tostões**, is an architect, critic and architectural historian. Professor at IST-University of Lisbon, where she is Chair of the Architecture Scientific Board and in charge of the PhD program, as well as leader of the *Heritage* research line at CiTUA research center. Invited professor at University of Tokyo, Escuela Técnica Superior Arquitectura Universidad Navarra, Politécnico de Milano and Faculdade Arquitetura Universidade Porto, she has published *Key Papers in Modern Architectural Heritage Conservation* (2012), *Modern Architecture in Africa: Angola and Mozambique* (2013), *Modern Heritage. Reuse, Renovation, Restoration* (Birkhäuser 2022), *The Critical Monumentality of Álvaro Siza* (2023), *Modernist Women Creators* (2024) and *Modernism in Africa* (Docomomo-Birkhäuser 2024). President of Docomomo International and editor of the Docomomo Journal between 2010 and 2021, her 12 years mandate has been marked by the transformation of the organisation into a truly worldwide network and the *Docomomo Journal* into the international periodical which provides a critical look at the contemporary context focused on the sustainable reuse of the Modern Built Heritage. Her research field is the Critical History and Theory of Modern Movement Architecture. On these topics, she has published 27 books and 108 scientific articles, curated 10 exhibitions and organized 46 scientific events. She coordinated 14 research projects, supervised 30 doctoral theses and 45 master's theses, participated in 50 juries and 44 scientific committees, and gave 110 lectures at American, Asian, African, and European universities. Focusing on the Colonial and Post-Colonial condition, she coordinated a research project on sub-Saharan African architecture whose publication *Modern Architecture in Africa* was recognized by the Gulbenkian Prize, as well as the "Cure and Care, the rehabilitation" project with the edition of the book *Cure & Care, architecture and health* (2020). She received the Prize of X Bienal Ibero-Americana de Arquitectura y Urbanismo. Ana Tostões is the Chair of the Docomomo-ISC Publications, member of Docomomo ISC-Registers and ISC-Interior Design. President of AICA\_SP and Docomomo\_PT, Member of Science Academy of Lisbon and the Fine Arts National Academy, she was awarded the *Académie d'Architecture* Award for the Critic and Publications (Paris, 2024), the X Bienal Ibero-Americana de Arquitectura y Urbanismo (2026), the Gulbenkian APH Prize (2014) and she's Commander of *Infante Dom Henrique Order* (2006).

**Angélica Tanus Benatti Alvim**, Arquiteta e Urbanista (Faculdade de Belas Artes de São Paulo, 1986), Mestre e Doutora em Arquitetura e Urbanismo (Universidade de São Paulo - FAU / USP, 1996; 2003); Professora Titular da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana, atuando no curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo (desde 1991) e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (desde 2005). É Bolsista Produtividade em Pesquisa CNPq nível

1 D e membro titular do CNPq no Comitê Assessoramento - Arquitetura e Urbanismo, Demografia, Geografia Humana e Regional, Geografia Física, Planejamento Urbano e Turismo (CA-SA) (sub área Arquitetura e Urbanismo) com mandato de 01/07/2024 até 30/06/2027. Foi Diretora da FAU Mackenzie (2016 - 2023); Coordenadora Geral de Pós-Graduação Stricto Sensu da Universidade Presbiteriana Mackenzie (2013-2016); Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAU-Mackenzie (2010-2013); Coordenadora de Pesquisa da FAU - Mackenzie (2008-2010). Foi Presidente da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (ANPARQ) - gestão 2015/2016; Diretora da ANPARQ (gestão 2014-2015); Membro do Conselho Fiscal (Gestão 2017-2018; 2025-2026) e presidiu o Prêmio ANPARQ 2020. Autora de diversos artigos em periódicos nacionais e internacionais. Organizou os livros: Alvim e Castro. Avaliação de Políticas Urbanas: contexto e perspectivas. (Editoras Mackpesquisa e Romano Guerra, 2010); Alvim, Abascal e Abrunhosa. Arquitetura Mackenzie 100 anos. FAU Mackenzie 70 anos.Tradição e Pioneirismo (2017, Editora Mackenzie e CAU/SP); Allegri et all. Research Tracks in Urbanism: Dynamics, Planning and Design in Contemporary Urban Territories. Editora CRC Press group Francis Taylor; ALVIM, A.; RUBIO, V. M. (Org.) . Sustentabilidade em projetos para urbanização de assentamentos precários no Brasil. Contexto, dimensões e perspectivas. 1. ed. Barueri: Manole, 2022.É líder do Grupo de Pesquisa Urbanismo Contemporâneo: redes, sistemas e processos.

## B

**Bruno Marques**, é Professor Auxiliar na Universidade Aberta e investigador no IHA-NOVA FCSH, onde coordena o Grupo CAST. Investiga a relação entre arte contemporânea e Estudos da Mulher e de Género, abordando especialmente temas como retrato, propaganda, censura e sexualidade(s) no Estado Novo, no Portugal democrático e nos espaços ibérico e ibero-americano. Lecionou na NOVA FCSH, ISCE, [ESAD.CR](#) e integra a pós-graduação em Sexualidade Humana da FMUL. Curador de exposições como *Narrativas do Eu* (2024) ou *Reis, Damas e Valetes* (2020), é autor de *Cartas fora do Baralho* (2020) e *Mulheres do Século XVIII. Os Retratos* (2006). Coordenou volumes como *Na Escalada do Desejo* (2025), *Arquivos Fotográficos* (2024), *Aurélia de Souza* (2024), *Dandelions* (2023), *Portrait Talks* (2023), *Sobre Julião Sarmiento* (2012) ou *Arte e Erotismo* (2012). Participou em projetos financiados pela FCT, Europa Criativa e EEA Grants. Publicou em revistas de alto impacto e editoras como Routledge, De Gruyter e Editions Hispaniques, além de catálogos de museus como Caja Burgos, Gulbenkian e Culturgest. CV CiênciaVita: <https://www.cienciavita.pt/0F1B-718D-C2B5>

## C

**Carlota Rocha**, é aluna do 5.º ano do Mestrado Integrado em Arquitetura na Universidade de Évora. No âmbito do programa Erasmus+, frequentou, no 3.º ano, a Universidad Técnica Superior de Arquitectura de Sevilla, durante um semestre. No 4.º ano, estudou na Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, onde colaborou com a Casa da Arquitetura e integrou o projeto “Jovens Embaixadores da Arquitetura”. Participou em diversas iniciativas e programas de voluntariado, dentro e fora do país, direcionados para o tema da sustentabilidade e da preservação da natureza, nomeadamente: “Biomaterials Creative Lab” (Évora, 2022), “You(th) Work for Sustainability” (Varna, 2022), “RYSE – Água Potável e Saneamento” (Braga, 2023), e “Protected Areas: A Playground for the Inclusion of Young People” (Abruzzo, 2024). Envolvendo a arquitetura, participou, em 2020, no workshop online “Ephemeral Architecture”, no âmbito da UNIVERSITY of universities. Em 2022 integrou a equipa de

voluntários no Congresso Internacional sobre Património Arquitetónico e Paisagístico, na Malagueira (CIPA), realizado na Universidade de Évora, em homenagem ao Arquiteto Siza Vieira, resultando numa reflexão aprofundada acerca da importância do projeto que desenvolveu no Bairro da Malagueira. Nesse mesmo ano e, também, em 2024 colaborou no “Open House Porto”. Ainda em 2022, participou no “Seminario Internazionale di Progettazione – Refazer Paisagens”, em Lisboa, centrado na requalificação de áreas críticas urbanas. Nesse mesmo ano, organizou uma exposição em Évoramonte com trabalhos desenvolvidos por alunos do 2.º ano da disciplina de Projeto e Desenho. Em 2023, foi voluntária nas “Jornadas da Autoconstrução”, em Montemor-o-Novo, e fez parte do “7.º Encuentro de Arquitectos de Herramienta en Mano”, em Ariza (Espanha), reforçando o seu interesse por práticas colaborativas e sustentáveis no contexto da arquitetura.

**Cláudia Batista**, terminou o seu mestrado em arquitetura na Universidade de Évora no final de 2024 com a dissertação intitulada “Cartografia do Método. As (geo)grafias dos cadernos de Álvaro Siza relativos à construção da Malagueira”, sob a orientação de Pedro Guilherme e Sofia Salema. Tem colaborado no projeto de investigação “Malagueira: Património para todos. Contributos para a sua nomeação / MALAGUEIRA.PT” há cerca de um ano e meio. No ano letivo de 2023/23, foi monitora às unidades curriculares de Projeto III e IV (licenciatura), e de Desenho Urbano (mestrado). É atualmente aluna de doutoramento na universidade de Évora com o tema “O desenho do lugar na Poiesis arquitetónica. (meta) Cartografia das dialéticas entre o tempo, o fragmentário e a paisagem pelas linhas de Álvaro Siza e Alvar Aalto.”

**Cláudia Costa Cabral**, Possui graduação em Arquitetura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1983), mestrado em Arquitetura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1996) e doutorado em Teoria e História da Arquitetura - Universitat Politècnica de Catalunya (ETSAB, UPC, 2001). Professora Titular do Departamento de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, atuando na graduação e na pós-graduação. Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, PROPAR-UFRGS; Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, PPGAV-UFRGS. Pesquisadora nível 1C do CNPq, líder do Grupo de Pesquisa Estudos de Arquitetura Moderna Latino-americana. Membro do comitê CNPq CA-SA (nov.2018-jun.2021). Tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase em projeto, teoria, história e crítica de arquitetura, atuando principalmente nos seguintes temas: arquitetura moderna latino-americana; arquitetura do pós-guerra aos anos setenta; continuidade e crítica da modernidade; políticas de recuperação e preservação da cultura material em relação com a problemática ambiental; relações entre cultura arquitetônica, arte e tecnologia. Foi Coordenadora Geral de Documomo Brasil no biênio 2012-2013. Foi coordenadora do Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, PROPAR-UFRGS (2009-2012; 2015-2018). Membro do International Committee of Architectural Critics (CICA). Registro Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0079-1861>.

**Claudio Galeno-Ibaceta**, Arquiteto formado pela Universidad Católica del Norte (UCN), em Antofagasta, Chile (1998). Obteve Mestrado (2001) e Doutorado (2012) em Teoria e História da Arquitetura pela Universitat Politècnica de Catalunya, com pesquisas centradas na relação entre o conhecimento do corpo humano e a arquitetura. Sua dissertação de mestrado teve como título “Incorporeal: the architecturalization of the body”, e sua tese de doutorado “Anatomical theatres: Padua, Barcelona and Paris:



awareness of the body in architecture”. Atualmente é professor associado e diretor da Escuela de Arquitectura da UCN, onde também coordena o CEDARQ (Centro de Documentação de Arquitetura). Foi diretor do Mestrado em Arquitetura em Zonas Áridas até dezembro de 2023 e coordenador do Diploma em Patrimônio Cultural (2021–2022), promovido pela UCN em parceria com o Ministério das Culturas, das Artes e do Patrimônio. Sua pesquisa recente tem como foco a história da arquitetura e do urbanismo no norte do Chile, com ênfase em edifícios de saúde. Em 2013, venceu o IV Concurso de Ensaio do Centro de Documentação de Artes Visuais do Centro Cultural La Moneda, com texto publicado no livro “Ensayos sobre Artes Visuales. Prácticas y discursos de los 70 y 80 en Chile, Vol. IV” (LOM). Concluiu o projeto Fondecyt 11180673 sobre arquitetura hospitalar nas cidades portuárias de Arica, Iquique e Antofagasta (1880–1967). Atualmente é co-pesquisador nos projetos Fondecyt 1221316 e Fondart nº701688. É membro do Docomomo Internacional (desde 2003), secretário-geral do Docomomo Chile e integra o comitê organizador da 18ª Conferência Internacional Docomomo (Chile, 2024). Também participa da Rede Latino-Americana de Historiadores da Arquitetura Hospitalar, da Associação Ibero-americana de História Urbana e da Rede PHI.

**Cristiana Valente Monteiro**, Arquitecta, Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de Arquitectura de Lisboa da Universidade de Lisboa, com o projeto final de mestrado intitulado "Entre o Mar e a Terra. Monumentos para um futuro incerto". Actualmente desenvolve a dissertação de Doutoramento em Urbanismo na Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa com título “Entre a Transformação e a Preservação do Património Urbano Costeiro. Tipologia de medidas de adaptação aos eventos climáticos extremos na África Oriental”. Desde 2021, participa em conferências e publica artigos em jornais e revistas na área da arquitetura, urbanismo e design.

## D

**Daniela Marzola Fialho**, Arquiteta e Urbanista (UFRGS - 1989), Mestrado em Planejamento Urbano e Regional pelo PROPUR/UFRGS (1999). Doutora em História pelo PPG-História (UFRGS -2010). Estágio de doutoramento no exterior com bolsa da CAPES -PDDE- (2006-2007) na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), Paris, França. Foi Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional (PROPUR/UFRGS) com mandato de 26/11/2013 a 31/03/2016. Realizou Pós-Doc (2018-2019) junto a EHESS, sob a orientação do Prof. Dr. Jacques Leenhardt. Atualmente é Professora Associada 4 na Faculdade de Arquitetura e no Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional (PROPUR) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Membro pesquisadora e Coordenadora da Mapoteca do Instituto Histórico do Rio Grande do Sul (IHGRGS). Tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase em História do Urbanismo, atuando principalmente nos seguintes temas: história urbana, história da cartografia, cartografia urbana, planejamento urbano, patrimônio cultural, políticas públicas, arquitetura e política sindical.

**Daniela Toledano**, é arquiteta e urbanista, natural de São Paulo, formada pela Universidade Presbiteriana Mackenzie e mestre em Arquitetura Paisagista pela Universidade do Algarve, em Portugal. Ao longo de sua carreira, desenvolveu uma atuação sólida e multidisciplinar, unindo a arquitetura, o design de interiores e o paisagismo. Entre 2003 e 2006, colaborou com diversos escritórios na capital paulista, participando de projetos design de interiores. Em 2007, fundou seu próprio escritório na cidade de Conchal, interior de São Paulo, onde liderou, ao longo de 15 anos, o

desenvolvimento de mais de 300 projetos, residenciais e comerciais, consolidando-se como uma referência local na criação de espaços que integram arquitetura, design de interiores e paisagismo. Em 2022, impulsionada pela busca contínua por inovação e aprofundamento acadêmico, mudou-se para Portugal para ingressar no Mestrado em Arquitetura Paisagista. Paralelamente aos estudos, atuou em um atelier de design de interiores, ampliando sua experiência no cenário europeu. Para a sua tese de mestrado, idealizou um projeto-piloto voltado à convergência entre arquitetura paisagista, turismo circular e práticas sustentáveis, com foco na valorização da paisagem, do turismo rural e da experiência sensorial do visitante — uma proposta que reafirma seu compromisso com o desenvolvimento territorial integrado e consciente. Atualmente, Daniela exerce a função de arquiteta em uma empresa de engenharia civil, onde desenvolve projetos arquitetônicos e paisagísticos, além de coordenar processos junto às câmaras municipais. Paralelamente, tem se dedicado à produção de artigos técnicos e científicos, contribuindo para a disseminação do conhecimento na área e para a continuidade das discussões iniciadas em sua pesquisa de mestrado.

## E

**Elodie Marques**, é arquiteta, formada pelo Iscte, onde concluiu o Mestrado Integrado em Arquitetura em 2018 com o trabalho final intitulado “*As obras públicas no Vale do Tejo: a navegação do canal da Azambuja. Reconversão do Canal da Azambuja*”. Iniciou a sua atividade profissional nos ateliers Promontorio e Pires de Matos, desenvolvendo projetos em diversas áreas, incluindo habitação, equipamentos públicos, requalificação de edifícios e espaços urbanos. Em 2020, ingressa no Doutorado em Arquitetura dos Territórios Metropolitanos Contemporâneos no ISCTE, combinando a investigação com a prática em atelier. Em 2022, foi bolseira no projeto de investigação “*A Monumentalidade Crítica de Álvaro Siza – Projetos de Renovação Urbana depois da Exposição Internacional de Lisboa de 1998 (Expo ’98)*”. No ano seguinte, o seu projeto de doutoramento intitulado “*O legado teórico de Gonçalo Ribeiro Telles com foco na paisagem urbana: ressonâncias em Lisboa*” foi financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), com a referência 2023.01881.BD. Desde o início da sua formação, tem participado em contextos de trabalho multidisciplinares, onde a articulação entre Arquitetura, Arquitetura Paisagista e Engenharia Civil contribuiu para o aprofundamento de uma abordagem integrada ao projeto. Esta experiência prática estimulou o seu interesse por temas relacionados com o urbanismo ecológico, a sustentabilidade e os desafios ambientais contemporâneos, que hoje constituem o foco central da sua investigação académica.

**Ester Carro**, é arquiteta, urbanista e ativista social brasileira. Eleita uma das 50 arquitetas, paisagistas e designers mais influentes do Brasil pela Casa Vogue (2024), foi destaque na lista Forbes Under 30 (2023) na categoria Design e reconhecida como uma das 100 brasileiras extraordinárias pela marca global de empoderamento feminino Rebel Girls. Atualmente é doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie (PPGAU-FAU Mack) e professora na graduação da mesma instituição. Formada em Arquitetura e Urbanismo pela FIAM-FAAM (2017), com mestrado em Projeto, Produção e Gestão do Espaço Urbano também pela FIAM-FAAM (2019), é especialista em Urbanismo Social pelo Insper e em Habitação e Cidade pela Escola da Cidade (2021). Atua como arquiteta no Projeto Raízes, iniciativa da Secretaria Municipal de Urbanismo e Licenciamento de São Paulo, lançada em 2024, que desenvolve projetos de qualificação urbana e melhoria das condições de vida no Complexo de Paraisópolis, a maior favela da cidade. Desde 2017, Ester é

presidente do Instituto Fazendinhando, organização que tem como foco a transformação territorial, socioambiental e cultural de favelas, com ênfase no Jardim Colombo, comunidade onde nasceu e cresceu. Seu trabalho à frente do Instituto inclui reformas de moradias precárias, requalificação de áreas degradadas, ações de recuperação ambiental, capacitação de mulheres na construção civil e mobilização comunitária para projetos de transformação social. O Fazendinhando já foi reconhecido com o Prêmio de Urbanismo, Planejamento e Cidades do IAB-SP (2021) e com o Prêmio de Responsabilidade Socioambiental da Câmara Municipal de São Paulo (2023).

## F

**Felipe Romano dos Santos**, é arquiteto e urbanista formado pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2018), com especialização em Gestão de Projetos (2021) e mestrado em Arquitetura e Urbanismo concluído em 2024, também pela mesma instituição. Desde 2016, tem construído sua trajetória dentro do Instituto Presbiteriano Mackenzie, onde começou como estagiário de arquitetura e, a partir de 2018, passou a integrar a equipe técnica como arquiteto. Ao longo desses anos, participou do desenvolvimento de diversos projetos de reforma e modernização de espaços acadêmicos, buscando alinhar as propostas arquitetônicas às transformações nos projetos pedagógicos da universidade. Sua atuação une prática profissional e pesquisa, com foco nas áreas de projeto e operação de espaços institucionais, além do interesse especial por patrimônio cultural e memória urbana. Em 2022, apresentou o artigo “Cidades e Dinâmicas Espaciais: Teatro Oficina na Perspectiva dos NIMBYs” no Fórum de Pesquisa FAU Mackenzie, explorando as tensões entre preservação e dinâmica urbana em São Paulo. Em 2024, realizou um intercâmbio em Londres com foco no aprimoramento da língua inglesa e vivência internacional. Atualmente, segue estudando inglês em nível avançado, sempre em busca de ampliar suas perspectivas profissionais e acadêmicas.

**Francesca Dal Cin**, Licenciou-se em *Scienze dell'Architettura* (L-17) com especialização em *Pianificazione territoriale urbanistica e ambientale* (LM-48) pela Università IUAV di Venezia em 2017. Em 2022, concluiu o doutoramento em Urbanismo pela Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa (Portugal), com a tese *Streets by the sea: type, limit and elements*, apoiada desde 2018 por uma bolsa de investigação da Universidade de Lisboa. Desde 2017, integra o centro de investigação CIAUD - Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa (Portugal). A sua investigação centra-se no urbanismo costeiro, área na qual publicou vários artigos e participou em conferências internacionais. Em 2022 e 2023, integrou a equipa de investigação GERTiL2 (CIAUD) e trabalhou no desenvolvimento de cinco planos de ordenamento do território para Timor-Leste. Desde 2023 vive na Arábia Saudita, onde exerce o cargo de Professora Assistente na Prince Mohammad Bin Fahd University. É editora do volume *Fuzzy Boundaries: Threshold Between Water and Land*, a publicar pela Taylor & Francis.

## G

**Giovanna Renzetti**, Doutoranda no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie (FAU-PPGAU-UPM), sob orientação da Profa. Dra. Ruth Verde Zein com bolsa CAPES-PROEX modalidades I e II (2023-2026). Mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação Associado da Universidade Estadual de Maringá (UEM) e Universidade Estadual de Londrina (UEL) (2019-2021). Pós-graduação em Projeto Arquitetônico: Composição e Tecnologia do Ambiente Construído pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) em 2019. Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Pontifícia

Universidade Católica do Paraná (PUCPR) (2017). Membro do grupo de pesquisa em arquitetura ProjetoPesquisaEnsino, liderado pelos professores Dr. Rafael Perrone e Dra. Ana Gabriela Godinho e membro do projeto de pesquisa coordenado pela professora Dra. Ruth Verde Zein “Patrimônio Moderno Ibero-Americano: legado histórico e salvaguarda contemporânea” (Apoio CNPq/Universal) da escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

## H

**Horacio Torrent**, nació en Argentina en 1959 y se estableció en Chile en 1994. Es arquitecto titulado por la Universidad Nacional de Rosario (Argentina) en 1985. Es Magíster en Arquitectura por la Pontificia Universidad Católica de Chile y Doctor por la Universidad Nacional de Rosario. Ha publicado numerosos ensayos y trabajos sobre arquitectura, paisaje y urbanismo del siglo XX a nivel mundial. Es miembro fundador y presidente de Docomomo Chile. Actualmente es coordinador del Grupo de Interés en América Latina de la European Architectural History Network (EAHN). Es también miembro de CICA, Comité Internacional de Críticos de Arquitectura. Fue presidente de la 18ª Conferencia Internacional Docomomo: *Modern Futures, Sustainable Development and Cultural Diversity*, realizada en Santiago de Chile en 2024.

Es investigador honorario consultor del Instituto de Arte Americano e Investigaciones Estéticas “Mario J. Buschiazzi” de la Universidad de Buenos Aires (Argentina) y actualmente es Profesor Titular de Arquitectura en la Escuela de Arquitectura de la Pontificia Universidad Católica de Chile.

## I

**Inês Martina Lersch**, Brasileira, graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1999), com Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil/UFRGS (2003), defendido junto ao Núcleo Orientado para a Inovação da Construção (NORIE/UFRGS), e Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Faculdade de Arquitetura/UFRGS (2014). Recebeu a Menção Honrosa do Prêmio Capes de Tese 2015 da área de Planejamento Urbano e Regional/ Demografia. Atua no Ensino, na Pesquisa e na Extensão, no cargo de Professora Adjunta do Departamento de Urbanismo da Faculdade de Arquitetura/UFRGS. Coordena o Grupo de Pesquisa GEDURB\_Ufrgs, cadastrado no CNPq; orienta também projetos de Iniciação Científica; ocupou o cargo de Chefia do Departamento de Urbanismo da Faculdade de Arquitetura na Gestão 2021/2022. Integra também o CPLab - Cidade em Projeto, Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão, sob a coordenação da Profa. Luciana Miron. Atua como Professora Permanente no PROPUR, Programa de Pós-Graduação no qual orienta projetos de pesquisa de Mestrado e Doutorado, predominantemente com temas afins ao campo de conhecimento da História da Cidade e do Urbanismo, bem como do Patrimônio Edificado, Urbano e Ambiental. Ocupou o cargo de Coordenadora do Fórum de Entidades em Defesa do Patrimônio Cultural Brasileiro (2021-2023). Coordena também a equipe na UFRGS parceira do GCSMUS - Global Center of Spatial Methods for Urban Sustainability, projeto global que reúne outras 46 universidades ao redor do mundo, com enfoque nas questões do Sul Global, com sede em Berlim, Alemanha. Em 2022, realizou o Pós-Doutoramento no Institut für Stadt- und Regional Planung na Technische Universität Berlin (TUBerlin), sob a tutoria da Profa. Dra. Angela Million. É Conselheira Superior do IAB RS na gestão 2022/2024 e tbm Conselheira Federal Suplente do CAU/RS na gestão 2024/2026.

**Isaura Gonzalez Gottdiener**, es arquitecta egresada de la Facultad de Arquitectura (FA) de la Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM), donde ha desempeñado importantes cargos académico-administrativos como: secretaria académica (2021-2025), coordinadora de Bibliotecas (2017-2021) y secretaria técnica del Centro de Investigaciones en Arquitectura, Urbanismo y Paisaje (CIAUP) (2014-2017). Cuenta con un Máster en Edición por la Universidad de Salamanca y una Maestría en Arquitectura con Mención Honorífica por la UNAM. Es profesora de asignatura definitiva en la FA-UNAM. Ha participado como ponente en congresos nacionales e internacionales, abordando temas sobre la historia de la construcción y la arquitectura mexicana del siglo XX. Ha publicado artículos y capítulos en libros arbitrados, especialmente sobre el Centro Cultural Universitario y el Espacio Escultórico de la UNAM, y sobre medios especializados de arquitectura y construcción. Curadora de la exposición “Escenarios de transformación. Arquitectos UNAM 1969-2017” (2016), y miembro del comité curatorial de la exposición “Arcadio Artís. Fuerza sutil” (2019). En 2023, co-curó la exposición “Enrique Gottdiener. Microhistoria del Mayab”. Durante más de 15 años colaboró en revistas especializadas como *Obras*, *Construcción y Tecnología*, y *México Design*, además de ser editora independiente de libros de arquitectura y construcción. Fue responsable del Área Editorial en la Secretaría de Desarrollo Urbano y Vivienda del Gobierno del Distrito Federal (2007-2009) y editora asociada en revistas de Grupo Editorial Expansión. En su trayectoria profesional, ha colaborado en despachos como Rivadeneyra Arquitectos. También ha desarrollado y supervisado proyectos residenciales como arquitecta independiente. Es miembro activo del Colegio de Arquitectos de la Ciudad de México, la Sociedad de Arquitectos Mexicanos y la Academia Nacional de Arquitectura.

## J

**Joana Nunes**, é arquiteta e investigadora. Doutoranda em Arquitetura dos Territórios Metropolitanos Contemporâneos no ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, desenvolve investigação sobre a construção visual da cidade de Lisboa no século XX, com a tese *Representações fotográficas de Lisboa: captar, editar e exibir a cidade (1926–1974)*. É mestre em Arquitetura (2015) e em Reabilitação de Edifícios (2017) pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. Integrou, como bolsista de investigação, projetos financiados pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, nomeadamente *ArchNeed – Arquitetura de Necessidade: Equipamento Comunitário em Portugal (1945-1985)* (PTDC/ART-DAQ/6510/2020), no CIDEHUS – Universidade de Évora; e *CuCa\_RE: Curar e Cuidar\_reabilitar* (PTDC/ATP-AQI/2577/2014), no CiTUA – Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa. A sua investigação cruza os domínios da arquitetura, da fotografia, da memória urbana e da cultura visual contemporânea, com especial interesse pelos modos como as práticas editoriais e a imagem pública constroem discursos e visões sobre a cidade. Tem participado em projetos educativos e artísticos que promovem a fotografia enquanto prática crítica e pedagógica.

**João Baía**, é licenciado em Sociologia pré-Bolonha pela FEUC, mestre em Antropologia pela FCSH/NOVA e doutorado em Migrações – especialidade em Antropologia no ICS-UL. Foi assistente de investigação no projeto "PTDC/HIS-HIS/103810/2008 Além do Fracasso e do Maquiavelismo. A emigração irregular portuguesa para França, 1957-1974" e no projeto "Ecos biográficos: triangulação no estudo dos percursos de vida" no CIES-IUL. Atualmente é investigador integrado do CEMRI/UAb, investigador associado do IHC-FCSH/NOVA e do Observatório da Emigração. Ao longo do seu percurso profissional tem trabalhado sobre memória, histórias de vida, migrações, fronteira,



(i)mobilidades, trajetórias de ativistas de movimentos sociais urbanos e políticas de habitação. Tem recorrido a uma abordagem qualitativa, nomeadamente análise documental em arquivos locais e nacionais, realização de trabalho de campo, entrevistas semiestruturadas e histórias de vida. Publicou o livro “SAAL e Autoconstrução em Coimbra – Memórias dos moradores do Bairro da Relvinha 1954-1976” e coordenou os livros “Políticas de Habitação e Construção Informal”, “Resistência e/y Memória - Perspectivas Ibero-Americanas”.

**João Branco Pedro**, é Investigador Principal e Diretor do Departamento de Edifícios do LNEC. Possui Licenciatura em Arquitetura pela Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa (1994), Doutorado em Arquitetura pela Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto (2001) e realizou estágio de Pós-Doutoramento na TU Delft (2008). Ingressou no LNEC em 1994, onde tem participado em projetos de investigação científica e trabalhos de consultoria para entidades externas. Também participou em grupos de trabalho responsáveis pela elaboração de propostas de regulamentação técnica de construção. Divulgou os resultados da sua atividade em publicações, comunicações. Participa regulamentarmente em júris provas académicas, integra comissões científicas de encontros e revê manuscritos submetidos a revistas científicas na sua área de especialização. Foi Chefe do Núcleo de Estudos Urbanos e Territoriais do LNEC (2019-2025). O seu principal domínio de investigação é a habitação, em particular nas áreas da formulação da qualidade, dos métodos de avaliação da qualidade, da avaliação do estado da conservação, e da organização e aplicação da regulamentação técnica da construção. Lecionou em cursos de doutoramento da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (2005-2010) e da Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa (2018-2019). Desempenhou funções em Gabinetes de Secretários de Estado com a tutela da política de habitação e reabilitação (2016-2019).

**José Daniel Craidy Simões**, Arquiteto e Urbanista (UNISINOS, 2005), Especialista Latu Sensu em Perícias e Avaliações de Bens pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Mestre e Doutor em Planejamento Urbano e Regional – PROPUR/UFRGS. Pesquisa os diferentes conceitos de valores relacionados aos bens edificados do patrimônio cultural. É membro do Grupo de Estudos e Documentação em Urbanismo (GEDURB). Integrante do Conselho Internacional de Monumentos e Sítios – ICOMOS Brasil, Núcleo RS. É membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRGS). Atua como conselheiro do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Rio Grande do Sul - CAU/RS (gestão 2024-2026), onde coordena a Comissão Especial de Patrimônio Cultural do CAU/RS (CPC) e a Comissão de Organização e administração (COA). Integra a Câmara de Patrimônio Cultural do CAU/BR.

**José Geraldo Simões Junior**, arquiteto e urbanista formado pela FAU-USP (1983), Mestrado em Administração Pública pela Fundação Getulio Vargas/SP (1990), Doutorado pela FAU-USP (1995) e pós-doutorado pela Technische Universität Wien (Áustria - 2010). Atualmente é visiting-professor da University of Hertfordshire (Inglaterra). Lider do grupo de pesquisa Urbanismo Brasileiro e Iberoamericano. Áreas de atuação: história do urbanismo, patrimônio cultural e projetos urbanos. Livros escritos e/ou organizados: A cidade iberoamericana: o espaço urbano brasileiro e hispano-americano em perspectiva comparada (2003), Anhangabau: história e urbanismo (2004), Palacete Santa Helena: um ícone da modernidade paulistana (2005), Urbanismo de Colina: uma tradição luso-

brasileira (2012), Bexiga em três tempos: patrimônio cultural e desenvolvimento sustentável (2020) e Anhaia Mello: um pioneiro do urbanismo paulistano (2020).

**João Góis**, é licenciado em História da Arte e atualmente mestrando em História da Arte pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (NOVA FCSH). O seu percurso académico tem-se centrado na articulação entre os estudos de género e a historiografia da arte, com especial enfoque nas questões da dissidência sexual e nas narrativas queer no contexto artístico português do século XX. Ao longo do seu percurso de investigação, tem-se dedicado ao estudo de artistas cuja expressão identitária e produção estética desafiam normatividades de género e sexualidade, com particular incidência na figura de Mário Cesariny. Neste âmbito, tem procurado contribuir para o alargamento do campo historiográfico da arte em Portugal, propondo leituras críticas que revelem camadas silenciadas pela narrativa dominante. Em 2025, iniciará o Doutoramento em História da Arte na mesma instituição (NOVA FCSH), com um projeto que pretende aprofundar o estudo de artistas de sexualidade dissidente em Portugal, ampliando o corpus de autores analisados e propondo uma abordagem metodológica interseccional, crítica e inclusiva.

## L

**Laura Vitorino Rebelo**, é doutoranda em História de Arte no Centro de História de Arte e Investigação Artística da Universidade de Évora; sendo bolseira da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P. Mestre em Práticas Artísticas em Artes Visuais (2017) e licenciada em Artes Visuais (2014) pela Escola de Artes da Universidade de Évora. O seu trabalho de investigação no âmbito do Doutoramento tem como título *“Da Paisagem em Gabriela Albergaria e a reinvenção da relação entre Arte e Natureza pelas Mulheres Artistas dos séculos XX e XXI”* e estuda a relação entre Arte e Natureza, sinalizando-a com autonomização da paisagem enquanto género artístico no Romantismo e a reinvenção de modo de representação nos séculos XX e XXI, no quadro da reflexão mais ampla sobre o processo moderno de apropriação e dominação da Natureza. Na sua prática artística interdisciplinar predomina a vivência no meio rural, agrícola e natural do Alentejo, que compõe a região centro de Portugal. Debruçando-se sobre o formato de paisagem de maneira a questionar as temáticas de identidade, memória e experiência. Expõe o seu trabalho regularmente desde 2014. A sua obra integra as publicações nacionais e internacionais, tais como Portuguese Emerging Art (2023 e 2019), Revista Urbana (2019) e FITA Magazine (2021) e inclui-se em inúmeras coleções públicas e privadas de todo o mundo, nomeadamente no Museu Casa da Luz (Portugal), Luciano Benetton Collection (Itália) e Centro de Arte Contemporânea de Málaga (Espanha).

**Leonardo Tadeu Kseib Coelho da Silva**, Arquiteto e urbanista formado pela Universidade São Judas Tadeu (2013) e mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2024), com pesquisa orientada pela Prof.<sup>a</sup> Dra. Ana Gabriela Godinho Lima. Sua dissertação investiga a articulação entre edifícios escolares e seus contextos urbanos, com foco nas escalas territorial, urbana e arquitetônica, a partir da análise de escolas de qualidade implantadas em territórios vulneráveis de Medellín, Colômbia. Atuante na prática projetual e no ensino de arquitetura, Kseib é sócio-fundador do escritório KS.AA Arquitetura Multipotencial, responsável por projetos escolares, residenciais, urbanos e comerciais em diferentes regiões do Brasil. Foi coordenador e professor no curso Técnico de Design de Interiores da Faculdade Método de São Paulo e integra atualmente a equipe de docentes da Escola de Alto Embasamento Arquitetônico – Basalto Lab, no curso de Projetos Executivos.

Participa de grupos de pesquisa como o RAMA – Observatório de Práticas Projetuais e “Ações Inovadoras em Arquitetura Contemporânea”, ambos sediados na FAU-Mackenzie, com investigações sobre práticas projetuais, inovação e território. Em sua trajetória, foi premiado em concursos nacionais e recebeu menções honrosas em certames promovidos pelo IAB em diferentes estados. Tem participado de bancas de trabalhos finais de graduação e seminários acadêmicos, com foco em temas como habitação social, arquitetura escolar, espaços públicos e sustentabilidade. Seu trabalho procura estabelecer relações entre arquitetura, política pública e transformação urbana por meio de práticas projetuais críticas e socialmente engajadas.

**Leonor de Andrade Calhau**, (2001) is currently completing her Integrated Master's in Architecture at Instituto Superior Técnico (IST), University of Lisbon, finalising her master's thesis. Throughout her academic path, she has been actively involved in academic and extracurricular initiatives. She served as Co-Coordinator of the Conference Department at NucleAR – Núcleo de Estudantes de Arquitetura do IST -, where she was responsible for organising talks and conferences, managing all communications with invited architects – including Carrilho da Graça, Gonçalo Byrne, and João Mendes Ribeiro – and leading a team of students to ensure the overall coordination and success of the events. Within AEIST – Associação dos Estudantes do IST -, she collaborated with the Culture Department and the Spaces and Infrastructure Department. In 2023/2024, she studied at Politecnico di Milano through the Erasmus+ programme. She was awarded the IST Academic Merit Award (2019/2020). Professionally, Leonor completed an internship as a Cultural Mediator at MAAT – Museum of Art, Architecture and Technology, where she conducted guided tours for contemporary art exhibitions tailored to diverse audiences, created tour scripts, coordinated visitor services teams, and assisted with administrative and event logistics. Since 2021, she has collaborated with the Trienal de Arquitetura de Lisboa, particularly in Open House Lisboa, where she held leadership roles as Team Leader and later focusing on International, Accessibility and Junior Programmes. In these roles, she represented the organisation, coordinating with building owners, architects, volunteers, and the general public; she also supervised volunteer teams and coordinated the design and delivery of accessible and youth-focused programming. Her education is further complemented by specialised training in several artistic and cultural areas. She attended courses in Exhibition Curation and Model Drawing at SNBA – Sociedade Nacional de Belas Artes -, studied Modern Art History at NextArt, and participated in the ATHENS programme at Universidad Politécnica de Madrid, completing the course “Pneumatic Architecture” with top marks.

**Lia Antunes**, (Covilhã, 1988) Arquitecta e investigadora (CEAACP-Universidade do Algarve & CIEG/ISCSP-Universidade de Lisboa). Graduada em Arquitetura pelo DARQ-Universidade de Coimbra, em 2012. Neste departamento, estou a concluir a tese de doutoramento sobre *As Mulheres no Processo SAAL (1974-1976) em Portugal: Architectas e moradoras pelo direito à habitação* (financiada pela FCT, 2021-2025) e sou bolseira no projeto de investigação "SAAL Tavira: Memória Social e Arquitetura" (CMTavira e UAAlg) desde fevereiro de 2025. Tenho especial interesse por Teoria e História da Arquitetura, História das arquitetas em Portugal (integrando, entre 2028 e 2021, a equipa do projeto *W@ARCH.PT Architectas em Portugal: Construção da Visibilidade 1942-1986*), o direito à habitação, o direito à cidade e a crise climática sob a perspetiva de género. Fui ainda investigadora-colaboradora de *URBiNAT Healthy corridors as drivers of social housing neighbourhoods for the cocreation of social, environmental and marketable NBS* [2018-2024, CES-Univ. Coimbra, Project UE

Horizon 2020). Sou cofundadora da associação Mulheres na Arquitectura (MA, 2017-), no âmbito da qual temos organizado diversos projetos e eventos, nomeadamente “Arquitectas da Liberdade” (2025, exposição itinerante financiada pela DGArtes pelo programa “Arte pela Democracia”, nas comemorações dos 50 anos do 25 de Abril), “Terra como Casa” (2022-2023, DGArtes, projeto independente da Trienal de Arquitectura 2022) e “Mulheres em Construção!” (2021-2022, Bairros Saudáveis, Aveiro). Cofundei ainda El Collective, um grupo científico e artístico dedicado às alterações climáticas e à vulnerabilidade das mulheres.

**Liliane Cristina da Silva Camargo**, Mestranda em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (início em 2024), com pesquisa focada na relação entre teoria e projeto na obra de Rem Koolhaas, sob a linha de pesquisa Arquitetura Moderna e Contemporânea, orientanda da Professora Doutora Maria Isabel Villac. Bolsita pela Capes/Proex. Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (2002), especialização em Gestão de Projetos de Arquitetura pela Fundação Getúlio Vargas (2016) e Arquitetura Hospitalar pela Universidade Anhembi Morumbi (2024). Sua formação inclui cursos de curta duração em temas como textos fundamentais da arquitetura contemporânea (USP, 2021; 2023), planejamento complexo e transdisciplinaridade (UNICAMP, 2019; 2022). Atua profissionalmente desde 2002, com experiência em escritórios de arquitetura no Brasil, onde colaborou em projetos de grande escala, incluindo espaços culturais e institucionais, desenvolvendo habilidades em representação gráfica e análise projetual. Sua trajetória profissional e acadêmica reflete um interesse contínuo pela complexidade dos processos projetuais e pela interseção entre arquitetura, urbanismo e cultura. É docente desde 2017 em disciplinas de projeto (programa escolar, edifício residencial e estabelecimentos de saúde) na Faculdade Mogiana do Estado de São Paulo. Participa de grupos de pesquisa como, *Teoria-Projeto:Cultura-Sociedade*, líder é a Profa. Dra. Maria Isabel Villac (Universidade Presbiteriana Mackenzie) e *Morfologia do Espaços Públicos*, líder Profa. Dra. Viviane Regina Costa Sá (Universidade Federal do Alagoas) onde apresenta reflexões sobre teoria e projeto.

**Luis Garcia Galiano de Rivas**, Arquitecto por la FA UNAM; Maestro en el Posgrado de Arquitectura de la UNAM. Experiencia profesional en la Gestión del Patrimonio Cultural. Actualmente cursando el Doctorado en Arquitectura de la UNAM. Ha sido profesor del Taller de Arquitectura en la FA de la UNAM en el Taller Max Cetto, y en la Universidad Cuauhtémoc de Aguascalientes 1990-2003. Elaboración del Proyecto para la implementación de la Escuela Taller con especialidad en Rescate del Patrimonio Construido en San Cristóbal de las Casas Chiapas AECYD- INAH- Gobierno del Estado de Chiapas. Desde el año 2014 es profesor investigador de tiempo completo en CyAD Xochimilco, ha participado como docente a nivel licenciatura y Maestría. Desde el año 2019 es profesor y tutor del programa de posgrado de arquitectura de la UNAM, en el campo de conocimiento “Arquitectura, ciudad y territorio”. Tiene el perfil PRODEP desde el año 2020. Temas de investigación: La vivienda social progresiva y alternativas constructivas, propuestas para la inclusión; La vivienda rural, alternativas para el desarrollo ecológico en los límites urbanos; Las transformaciones territoriales, urbanísticas y arquitectónicas, así como las diversas conformaciones del patrimonio cultural. La composición geométrica del territorio, la ciudad y la arquitectura; Los procesos de aprendizaje integrado de la arquitectura y la urbanística. Es responsable del proyecto de investigación: Diseñar sistemas y componentes constructivos sustentables, cultural y tecnológicamente apropiables, para las diversas formas de habitar. Dentro de

su experiencia profesional ha proyectado y construido diversos tipos de edificaciones: viviendas sociales, viviendas individualizadas, escuelas a nivel medio superior y nivel superior; edificios de oficinas, edificios para el equipamiento cultural, museos, galerías, centros culturales y casas de la cultura. Participación en diferentes propuestas de planes Maestros para centros históricos y planes de manejo para el rescate y gestión de conjuntos patrimoniales, como el de Tampico, Nuevo Laredo, Aguascalientes, San Cristóbal de las Casas y Cañadas de la Virgen en Guanajuato.

**Luís Sebastian**, (Lisboa, 1973) é Licenciado em História variante de Arqueologia pela Faculdade Letras da Universidade de Coimbra (1996), Pós-graduado (2007) e Doutorado (2011) em História e Arqueologia pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Como técnico do Instituto Português do Património Arquitetónico (IPPAR - Ministério da Cultura), foi coordenador científico da intervenção arqueológica no Mosteiro de São João de Tarouca entre 1998 e 2007. Como técnico da Direção Regional de Cultura do Norte (DRCN - Ministério da Cultura), coordenou de 2009 a 2018 o projeto turístico-patrimonial "Vale do Varosa" e foi Diretor do Museu de Lamego entre 2012 e 2018. Assessor de Direção entre 2018 e 2021, foi entre 2019 e 2023 coordenador da coleção editorial "Património a Norte" e responsável pelo projeto de Modernização Administrativa da DRCN, incluindo os portais [arquiv@®](https://arquivo.patrimoniocultural.gov.pt) - arquivo online (<https://arquivo.patrimoniocultural.gov.pt>) e [bibliotec@®](https://biblioteca.patrimoniocultural.gov.pt) - bibliotecas online (<https://biblioteca.patrimoniocultural.gov.pt>). É desde 8 de abril de 2024 Diretor do Departamento de Transição Digital do Património Cultural, I.P. e coordenador do projeto de digitalização Património Cultural 360®. Tendo participado em mais de 40 encontros científicos como conferencista e coordenador, é autor e editor de mais de 30 publicações e mais de 40 artigos científicos nas áreas de História, Arqueologia, reabilitação patrimonial, gestão cultural, museologia e arquivos digitais, com especial enfoque em faiança portuguesa, Ordem monástica de Cister, arquitetura monástica, arqueometalurgia e ilustração científica, nos períodos Medieval e Moderno, e arquivos administrativos e multimédia na área do património cultural. Foi distinguido com 17 prémios nacionais na área da museologia, museografia, comunicação, informação turística, conservação e restauro, edição, "fundraising" e investigação por instituições como a Associação Portuguesa de Museologia, Federação de Amigos dos Museus de Portugal e Fundação Calouste Gulbenkian, e prémio internacional AR&PA de Intervención en el Patrimonio Cultural em 2016, com o projeto "Vale do Varosa".

## M

**Marcelo André Ferreira Leite**, arquiteto e urbanista formado pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) em 2014, Mestre em História da Arte pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) em 2018 e Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM) em 2025. Trabalha como Arquiteto no Núcleo de Identificação e Tombamento (NIT) do Departamento do Patrimônio Histórico (DPH) da Secretaria Municipal de Cultura e Economia Criativa (SMC) da Prefeitura do Município de São Paulo (PMSU). Durante a formação acadêmica e na carreira como servidor público, atua como pesquisador nas áreas de Patrimônio Cultural, História da Arquitetura e História das Cidades.

**Maria Augusta Scalcon Calil**, arquiteta e urbanista pela Universidade Franciscana (UFN) e mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PROPUR/UFRGS).



**María Cecilia Vera Vivanco**, Arquitecta, Pontificia Universidad Católica de Chile. Magíster en Arquitectura, Pontificia Universidad de Chile. Estudiante del programa de Doctorado en Arquitectura, Diseño y Estudios Urbanos de la Facultad de Arquitectura, Diseño y Estudios Urbanos de la Pontificia Universidad de Chile. Pasantía doctoral realizada en la Universidad Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, Brasil. Ha realizado clases de teoría e historia de la arquitectura en la Universidad Nacional Autónoma de México UNAM de Ciudad de México, y en las universidades de Santiago de Chile USACH, Universidad Tecnológica Metropolitana UTEM, Universidad Mayor, Universidad Andrés Bello UNAB, Universidad Finis Terrae UFT y en la Universidad Técnica Federico Santa María USM en Santiago de Chile. Actualmente se desempeña como profesora adjunta y dicta en conjunto con el profesor titular Horacio Torrent Schneider el curso mínimo Arquitectura y la Tradición Moderna en la carrera de Arquitectura de la Facultad de Arquitectura, Diseño y Estudios Urbanos de la Pontificia Universidad Católica de Chile. Además, ha trabajado desarrollando proyectos en oficinas privadas de arquitectura en Ciudad de México y Santiago, y en el Consejo de Monumentos Nacionales.

**Maria Fernanda Derntl**, Professora e pesquisadora na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, líder do grupo de pesquisa interdisciplinar Capital e Periferia ([capitaleperiferia.unb.br](http://capitaleperiferia.unb.br)). Graduada em Arquitetura e Urbanismo (1995), mestre (2004) e doutora (2010) em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Pós-doutorado em Delft, Holanda (2018) e Washington DC (2024). Autora de *Método e Arte: urbanização e formação territorial na capitania de São Paulo, 1765-1811* (ed. Alameda/FAPESP, 2013, menções honrosas ANPUR por livro e artigo em 2013 e 2015). Organizou livros sobre temáticas pertinentes à história da cidade e do urbano, entre os quais *Brasília 50+50: cidade, história e projeto* (com L. Saboia, EdUnB/2014) e *Cotidianos, escolas e patrimônio: percepções antropológicas da capital do Brasil* (com C. P. Moura e E. Peixoto, EdUnB, 2021). Desenvolve atividades editoriais em periódicos qualificados. Bolsista produtividade CNPq. Orienta pesquisas de mestrado, doutorado e pós-doutorado (prêmios UnB 2022 e 2024). Participa da organização e da comissão científica de eventos na área de História da Cidade e do Urbanismo. Colabora com redes de pesquisa nacionais e internacionais, com apoio de projeto de cooperação do CNPq. Sua pesquisa atual aborda a história, a formação territorial, o planejamento urbano-regional e as representações sociais de Brasília, com ênfase nos espaços situados além do Plano Piloto. Em 2021, recebeu o X Prêmio Milton Santos de artigo (ANPUR); em 2022, sua pesquisa foi destaque em matéria da revista FAPESP; em 2023 foi pesquisadora destaque pela FAP-DF. Em 2024, a pesquisa sobre favelas e remoções em Brasília foi contemplada com a bolsa All Disciplines Scholar Award da Fulbright, desenvolvida no Center for Latin American Studies da Universidade de Georgetown, Washington D.C.

**Maria Isabel Villac**, Graduação em Arquitetura e Urbanismo (1977) e especialização em Didática do Ensino Superior (1991) pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Professora concursada no Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual de Londrina de 1986 a 2002. Doutorado em Teoria e História da Arquitetura pela *Universitat Politècnica de Catalunya* (2002), Bolsa CAPES, com a tese "*La Construcción de La Mirada. Naturaleza, Ciudad y Discurso en la Arquitectura de Paulo Archias Mendes da Rocha*". Pós-Doutorado na Università IUAV di Venezia (2014), com auxílio FAPESP. Professora visitante na ENSAPVS, Paris, de setembro a novembro de 2021,

com Bolsa CAPES-PRINT, para desenvolver o projeto de pesquisa *perspectives focused on territories, territorialities, and social inequalities*. Desde 2002 é Professora do curso de graduação da Faculdade de Arquitetura e, a partir de 2006, é Pesquisadora e Professora do curso de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Organizadora dos livros: "Mendes da Rocha", Catálogos de Arquitectura Contemporânea, versão espanhol/inglês pela Editora Gustavo Gili Barcelona; versão portuguesa pela Editora Blau - Lisboa, São Paulo, 1996; "Paulo Mendes da Rocha. América, Cidade e Natureza". Editora Estação Liberdade - São Paulo, 2012. Editora da revista do PPGAU Cadernos de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, a partir de 2016. Co-diretora da Coleção Arquitetos da Editora Estação Liberdade. É membro da APCA - Associação Paulista de Críticos de Arte -, grupo de Arquitetura, desde 2010. Tem experiência profissional na área de Arquitetura e Desenho Urbano. Líder do Grupo de Pesquisa "Teoria-Projeto:Cultura-Sociedade", que atua desde 2011. ([dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/7884404833880601](http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/7884404833880601)). Como pesquisadora investiga principalmente os seguintes temas: arquitetura e cidade, arquitetura, cidade e cultura, arquitetura e cidadania, arte e arquitetura, ensino de arquitetura e cidade, relação teoria e projeto, espaço público e o uso público do espaço.

**Maria Leonor Botelho**, é Doutora em História da Arte. É Professora Associada da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Departamento de Ciências e Técnicas do Património), onde é Presidente da Comissão Científica da Licenciatura em História da Arte. É investigadora integrada do CITCEM /FLUP, onde coordena o grupo de trabalho "Património Material e Imaterial". Conjuntamente com Lúcia Rosas e Mário Barroca, coordenou a Enciclopédia do Românico em Portugal (2023) publicada pela Fundación Santa María la Real del Patrimonio Histórico.

**Marta Vicente**, é arquiteta com atividade em projetos de investigação e estudos nos domínios da arquitetura, engenharia e ciências sociais. Possui licenciatura em Estudos Arquitetónicos (2013) e Mestrado em Arquitetura (2016) ambos pela Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa. Em 2016, iniciou a sua atividade profissional como estagiária no Laboratório Nacional de Engenharia Civil e desde então tem vindo a colaborar nas atividades do Núcleo de Estudos Urbanos e Territoriais, Departamento de Edifícios. Tem vindo a participar em projetos de investigação nacionais e internacionais e tem apoiado a realização de diversos estudos. A sua atividade foca-se nos domínios (i) organização e funcionamento do ambiente construído, (ii) regeneração das cidades, reabilitação urbana e reabilitação de edifícios, (iii) segurança no ambiente construído, (iv) produção e gestão do ambiente construído e (v) perceção social, atitudes e comportamentos face ao risco. Atualmente, encontra-se inscrita no programa doutoral "Arquitetura dos Territórios Metropolitanos Contemporâneos" do ISCTE-IUL, onde desenvolve a sua investigação de doutoramento no domínio da reabilitação de edifícios antigos, intitulada "Culturas de Reabilitação de Edifícios Antigos (1980-2020): O caso do eixo Cais do Sodré – Rato" e orientada pela Prof.<sup>a</sup> Paula André (ISCTE-IUL) e pelo Arq.<sup>o</sup> João Branco Pedro (LNEC). A investigação conta com o financiamento da FCT e do LNEC.

**Miguel Reimão Costa**, é arquiteto pela Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto (1989/1995), com doutoramento em arquitetura pela mesma faculdade (2004/2009). É Professor na Universidade do Algarve, ensinando na licenciatura e mestrado de 'Arquitetura Paisagista' na Faculdade de Ciências e Tecnologia, bem como na licenciatura em 'Património Cultural e Arqueologia', no mestrado em 'História e

Patrimónios’ e no doutoramento em ‘Estudos do Património’ na Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. É investigador do Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património (2009/...) e membro da Direção do Campo Arqueológico de Mértola (2013/...), publicando frequentemente sobre o património construído em Portugal e no Mediterrâneo. Autor ou coautor entre outras das publicações “Cidade Participada: Arquitectura e Democracia. Operações SAAL – Algarve” (Tinta da China, 2023), “Platibandas do Algarve” (Argumentum, 2020), “Mértola. Arquitetura tradicional da vila e do termo” (CAM, 2015), “Casas e montes da Serra entre as extremas do Alentejo e do Algarve” (Afrontamento, 2014), “O Algarve visto do céu” (Argumentum, 2005), “Património rural construído do Baixo Guadiana” (Odiana, 2004). Coordena a organização do congresso internacional “Arquitetura tradicional no Mediterrâneo Ocidental” com edição das Atas respetivas sobre a arquitetura vernacular (CAM/Argumentum, 2015), “Povoações alcandoradas. Arquitetura e paisagem” (Ceaacp/CAM/Argumentum, 2020), e “Património da água no Mediterrâneo Ocidental” (Ceaacp/CAM/Argumentum, 2024).

## N

**Nádia Mendes de Moura**, Pesquisadora pós-doutoranda na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, integrante do grupo de pesquisa interdisciplinar *Capital e Periferia* ([capitaleperiferia.unb.br](http://capitaleperiferia.unb.br)). É graduada em Arquitetura e Urbanismo (2003) pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás, especialista (2004) e mestre (2009) na área de concentração em conservação e restauro pela Universidade Federal da Bahia e doutora (2018) em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Autora do livro “Arquitetura em pedra-sabão: análise da Igreja de Santa Bárbara” (Editora da UCG, 2003) e integrante da equipe de pesquisadores do livro “Património de Influência Portuguesa no mundo: América do Sul” (volume organizado pela professora Renata Malcher Araújo, Editora: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010). Atua como parecerista *ad hoc* de revistas acadêmicas qualificadas, como os Anais do Museu Paulista e é autora de capítulos de livros e artigos acadêmicos nas áreas de arquitetura e urbanismo, cultura material e preservação do patrimônio cultural. Integra os grupos de pesquisa *Arqueologia da Paisagem* e *Atlas do Brasil Urbano e de Paisagens Culturais* (FAU/USP), *Urbanizações Brasileiras no Século XIX* (IPPUR/UFRJ) e *Sertões-amôaé* (UFERSA). Possui experiência em docência universitária, com atuação na Universidade Estadual de Goiás, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Universidade Federal de Goiás e, atualmente, na Universidade de Brasília. Atua no campo da preservação do patrimônio cultural, com passagens pelo IPHAN, pelo Governo do Distrito Federal e por escritórios de arquitetura de Salvador e São Paulo. Sua pesquisa atual investiga os núcleos coloniais da capitania/província de Goiás a partir de uma perspectiva de gênero, buscando outras formas de narrar a história da cidade.

## P

**Patrícia Gonçalves**, é mestre em Arquitetura pela Universidade de Évora, com Dissertação de Mestrado “Platibanda no contexto da Casa-fachada do Algarve”, exibindo um levantamento de construções populares com platibanda, destacando as suas principais características, através da interpretação do inventário produzido, com apresentação em 2024. Atualmente é Bolseira de Investigação do Projeto intitulado “Bairros SAAL de Tavira: memória social e arquitetura”, a ser desenvolvido em parceria com a Universidade

do Algarve e a Câmara municipal de Tavira, sendo Membro do Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciência do Património / Universidade do Algarve.

**Paula André**, é doutorada em Arquitectura pelo Iscte-Instituto Universitário de Lisboa e mestre em História da Arte pela FCSH-UNL. Professora do Departamento de Arquitectura e Urbanismo do Iscte -Instituto Universitário de Lisboa; directora do Doutoramento em Arquitectura dos Territórios Metropolitanos Contemporâneos; coordenadora do Núcleo de Investigação Arquitectura e Cultura Visual no Doutoramento em Arquitectura dos Territórios Metropolitanos Contemporâneos; directora do Mestrado em Arquitectura e Cultura Visual em Lisboa; docente do Mestrado Integrado em Arquitectura e do Mestrado em Estudos e Gestão da Cultura; presidente da Comissão Científica do Doutoramento em Arquitectura dos Territórios Metropolitanos Contemporâneos; membro da Comissão Científica do Departamento de Arquitectura e Urbanismo; membro da Comissão Científica e investigadora integrada do Centro de Estudos sobre a Mudança Socioeconómica e o Território – Dinâmia’cet-iscte; membro do Conselho de Supervisão da Ordem dos Arquitectos; coordenadora da Linha Temática “Imagens das Realizações Materiais” do Projecto FCT “Fotografia Impressa. Imagem e Propaganda em Portugal (1934-1974)”. Membro da equipa do Projecto FCT “Exportar Portugal. A diplomacia cultural e as estratégias de rebranding do Estado Novo nos Estados Unidos (1933-1974)”. Coordenadora do “Laboratório Colaborativo Dinâmicas Urbanas, Património, Artes. Seminário de Investigação, Ensino e Difusão” em parceria com 18 universidades e centros de investigação de Portugal, Espanha e Brasil. Membro do Comité Editorial da Revista “ARA”, editada pelo Grupo Museu/Património da Faculdade de Arquitectura e Urbanismo da Universidade de São Paulo e da Revista "Cidades, Comunidades e Territórios" editada pelo Dinâmia’cet-iscte. Membro da Asociación de Historiadores de la Arquitectura y el Urbanismo (AhAU). Investigadora colaboradora do Centro de História da Arte e Investigação Artística da Universidade de Évora - CHAIA-UE.

**Paula Gomes da Silva**, é arquiteta paisagista, licenciada e doutorada em Arquitetura Paisagista pela Universidade de Lisboa. Entre 2000 e 2005 foi investigadora do Centro de Estudos em Arquitetura Paisagista Professor Caldeira Cabral. De 2002 a 2005 integrou a equipa de projetistas do Atelier Global Arquitetura Paisagista, sediada em Lisboa. Durante este período conciliou a prática profissional com o ensino de Projetos de arquitetura paisagista na Universidade de Lisboa e na Universidade de Évora. A partir de 2005 integrou o corpo docente dos cursos de licenciatura e de mestrado em arquitetura paisagista na Universidade do Algarve, primeiro como Assistente Convidada e a partir 2016 como Professora Auxiliar, maioritariamente dedicada ao ensino prático e teórico do Projeto de Arquitetura Paisagista. Atualmente assume a Direção do curso de Mestrado. É membro colaborador do Centro de Investigação LEAF da U. Lisboa e do Centro de Estudos em Património Paisagem e Construção da U. do Algarve. Os seus interesses de investigação incluem a integração no projeto da dinâmica da paisagem, turismo rural, infraestruturas verdes urbanas e soluções de base natural para a mitigação das alterações climáticas. Mais recentemente dedica-se também ao estudo da aplicação de metodologias inovadoras de ensino em Arquitetura Paisagista.

**Paulo Simões Rodrigues**, é Professor Associado do Departamento de História da Universidade da Universidade de Évora e Investigador Integrado do CHAIA – Centro de História da Arte e Investigação Artística da mesma universidade e do Laboratório Associado IN2PAST – Laboratório Associado para a Investigação e Inovação em

Património, Arte, Sustentabilidade e Território. Doutorado em História da Arte, tem desenvolvido o seu trabalho de investigação nas áreas da História da Arte dos séculos XIX e XX, da Historiografia da Arte e da História e Teoria do Património. É coordenador do programa de doutoramento em História da Arte da Universidade de Évora, membro da Cátedra UNESCO Fórum Universidade e Património (Universidade Técnica de Valencia, Espanha) e da equipa editorial da revista MIDAS – Museus e Estudos Interdisciplinares. Tem desenvolvido o seu trabalho de investigação nas áreas da História da Arte dos séculos XIX e XX, da Historiografia da Arte e da História e Teoria do Património, no âmbito das quais foi autor, coautor e coordenador de muitas publicações (livros, capítulos de livros e artigos).

**Pedro Guilherme**, é Arquiteto e Investigador, formado em Arquitetura pela Universidade de Lisboa (1991), com Mestrado em Engenharia Urbana (1996) e Doutoramento em Teoria da Arquitetura (2016), focado em concursos internacionais na obra de Siza Vieira e Souto de Moura. É Professor Auxiliar em Arquitetura na Universidade de Évora (mestrado integrado e doutoramento), onde é Investigador Integrado no CHAIA desde 2009. Lidera o projeto "Malagueira: Património para todos. Contributos para a sua nomeação", visando proteger e valorizar o bairro de Álvaro Siza em Évora. Entre 1996 e 2018, trabalhou na Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Alentejo (CCDRA), desempenhando funções de planeamento regional, mobilidade, património e apoio técnico a autarquias. Teve também um atelier privado com Sofia Salema, desenvolvendo projetos de reabilitação, muitos em edifícios classificados, e participou em concursos com distinções. Entre 2003 e 2007, integrou o Conselho Nacional da Ordem dos Arquitetos Portugueses, responsável pelas Relações Internacionais, e foi membro da Comissão Consultiva Portuguesa da UNESCO. Foi ainda júri em prémios de arquitetura, com trabalhos incluídos em selecções nacionais.

## R

**Ricardo Ruiz Martos**, Arquiteto e Urbanista pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie (2001), Mestre em Arquitetura e Urbanismo (2003) e doutorando em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação da mesma instituição. Docente de graduação do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mackenzie (desde 2011), atuando como Responsável pela Componente Curricular de Projeto Arquitetônico e Sistemas Tecnológicos em módulo que dá ênfase a projetos de edifícios multifuncionais, híbridos, e suas relações com o espaço urbano. Nesta mesma etapa, divide a coordenação do projeto de extensão universitária Projeto Integrador Áreas Urbanas Regionais. Docente na graduação do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo (desde 2012), nas disciplinas de Projeto Arquitetônico e Legislação e Práticas Profissionais. Coordenou os Cursos de Pós-Graduação Lato Sensu Arquitetura Cidade e Sustentabilidade e Arquitetura Digital e Projetos Paramétricos de 2015 até 2022. Sócio fundador do escritório de projetos Lucchini Martos Arquitetos (2001) e Arquiteto do escritório KSAA. Coautor de diversos projetos em diferentes escalas, como edifícios habitacionais e escolas, com destaque para o Projeto de Requalificação da Rua Visconde de Inhaúma em São Caetano do Sul (menção honrosa no 9 prêmio jovens Arquitetos), a proposta para o Concurso do Novo Centro Administrativo do Maranhão (premiado em terceiro lugar), e o monumento edificado em homenagem aos 150 anos da Universidade Mackenzie.

**Rodrigo Gertosio Swanston**, es Arquitecto por la Universidad Central de Chile, Magíster en Hábitat Residencial y Doctor en Arquitectura y Estudios Urbanos por la



Pontificia Universidad Católica de Chile. Su trayectoria profesional y académica se ha centrado en el estudio de los conjuntos habitacionales del movimiento moderno, particularmente en su dimensión ambiental y patrimonial. Es autor de numerosos artículos en libros y revistas científicas relacionados con la puesta en valor de los conjuntos de la CORVI y ha presentado sus investigaciones en congresos nacionales e internacionales. Fue gestor y redactor del expediente para la declaratoria de Zona Típica del sector 1 de la Villa Frei, y autor del libro Ciudad Utópica Villa Frei, además de coautor de Antumapu. Patrimonio, Ciencia y Naturaleza. Es miembro activo de DOCOMOMO Internacional y combina su labor investigativa con una práctica profesional independiente como arquitecto. Se desempeña como docente en áreas de urbanismo y patrimonio en distintas universidades, participando también en actividades de extensión y divulgación. En 2022 obtuvo el primer lugar en el Concurso Nacional de Investigación en Arquitectura con el artículo Bosques entre Bloques, y en 2024 fue nuevamente premiado con el primer lugar en el concurso Habitar la Ciudad del Museo Ciudadano Benjamín Vicuña Mackenna, por su instalación Ecovisor, una propuesta que vincula investigación, arte y activismo patrimonial. Su trabajo se caracteriza por un fuerte compromiso territorial, comunitario y ambiental.

**Ruth Verde Zein**, Arquiteta e Urbanista (1977) pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo, mestre (1999), doutora (2005) em Teoria, História e Crítica de Arquitetura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e pós-doutora (2008) pela FAU-USP. Recebeu o Prêmio CAPES 2006 de Teses da área de Arquitetura e Urbanismo. Atualmente é professora e pesquisadora PPI da Universidade Presbiteriana Mackenzie e membro do Corpo Permanente do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase em projeto e pesquisa em arquitetura, atuando principalmente nos seguintes temas: arquitetura brasileira, arquitetura latino-americana, arquitetura moderna, arquitetura contemporânea, crítica de arquitetura, teoria da arquitetura e ensino de arquitetura. É co-autora ou autora de vários artigos e livros sendo os mais recentes "Brasil: Arquiteturas após 1950" com M.A.J.Bastos (2010) e "Brutalist Connections: What they stand for" (2014), "Leituras Críticas" (2018), "Critical Readings" (2019, e-book, 2020) e "Revisões Historiográficas: Arquitetura Moderna no Brasil" (2021 e-book; 2022). Membro da Diretoria do CICA- Comitê Internacional de Críticos de Arquitetura.

## S

**Samila Balbinot**, graduada em Arquitetura e Urbanismo (Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2016); Mestrado em Planejamento Urbano e Regional (Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS/PROPUR, 2025). Integra o Grupo de Estudos e Documentação em Urbanismo (GEDURB/UFRGS).

**Sandra Romba**, é Historiadora da Arte e Bolseira de doutoramento no Programa Ciência no Património (DGPC) financiado pela FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia, com a investigação: “A Arquitetura doméstica na paisagem urbana histórica no Algarve. Contributo para a sua salvaguarda” [ <https://doi.org/10.54499/PRT/BD/155029/2023>]. É Membro do CEAACP/ Universidade do Algarve. Licenciada em Estudos Portugueses (2002), Mestre em História da Arte (2008) e Doutoranda em Estudos de Património na Faculdade de Ciências Humanas e Sociais na Universidade do Algarve. É Formadora certificada pelo Conselho Científico-Pedagógico de Formação Contínua.

**Sérgio Barreiros Proença**, Arquitecto (2001), Mestre em Cultura Architectónica Moderna e Contemporânea (2007), e Doutor em Urbanismo desde 2014, com a tese "A Diversidade da Rua na Cidade de Lisboa: Morfologia e Morfogénese", pela Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa. Professor Auxiliar na Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa (Portugal) e Assistant Professor na Faculty of Arts and Humanities da University of Saint Joseph (Macau SAR, China). Membro Integrado do CIAUD e membro fundador do *formaurbis LAB*. Investiga e publica regularmente sobre morfologia e morfogénese da forma urbana, sobre o tempo e a temporalidade da paisagem urbana e sobre a relação entre o mar e a cidade; coordenou a investigação *The Portuguese Atlantic Seashore Streets. Interpretative reading and Design in Climate Change context*. Faz parte de comissões científicas internacionais e foi convidado para proferir conferências em outras instituições na Europa e na Ásia, tendo a sua actividade académica e os trabalhos em que participou sido reconhecidos por diferentes prémios.

**Sofia Aleixo**, nasce em Lisboa (1967) onde vive. Arquitecta pela FA-UTL (Lisboa, 1991), concluiu PhD na Oxford School of Architecture (Oxford - UK, 2016). Docente na Universidade de Évora (desde 2002 - professora associada desde 2022, onde prestou Provas de Aptidão Pedagógica em 2007). Publicou diversos artigos em revistas especializadas, bem como capítulos de livros e tem vários livros publicados. Convidada a participar em conferências nacionais/internacionais, para apresentação do trabalho desenvolvido na prática profissional e educativa, contribuindo com artigos científicos e visitas a obras. Actua nas áreas do Património e da Arquitectura, com maior incidência na reabilitação de edifícios de valor patrimonial, e desenvolve investigação com ênfase nos valores culturais do património edificado. Docência a alunos internacionais em Mestrado de Arquitectura e Reabilitação do Património em Oxford, UK (2012). Desenvolve actividade de investigação integrada no CHAM-SHLI, FCSH/UNL, sendo coordenadora da secção de Arquitectura no projecto "Revistas de ideias e cultura do século XX" (<http://ric.slhi.pt/>) desde 2017. É investigadora associada no IHC-CEHCi (2018), na Universidade de Évora.

**Sofia Salema**, é uma figura proeminente na arquitetura portuguesa, com uma notável carreira dedicada à arquitetura, investigação e docência. Após licenciar-se em Arquitetura pela Universidade Técnica de Lisboa em 1994, aprofundou os seus conhecimentos com uma pós-graduação em conservação (1996), um Mestrado em Conservação Arquitetónica e da Paisagem (2006) e um Doutoramento em Arquitetura (2012). Atualmente, desempenha funções como Professora Associada na Universidade de Évora, onde é também Diretora do Programa de Doutoramento em Arquitetura, contribuindo ativamente para a formação de novas gerações de arquitetos e investigadores. O seu percurso profissional inclui uma significativa passagem pelo IPPAR, onde foi responsável por múltiplos projetos de reabilitação, muitos deles premiados. Como investigadora integrada no CHAIA, co-lidera projetos de relevo, como o malagueira.pt.

**Stefania Dimitrov**, Arquiteta e Urbanista (Universidade Presbiteriana Mackenzie, 1999), Mestre (Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2022), Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo (Universidade Presbiteriana Mackenzie, desde 2023) e pesquisadora visitante do laboratório Senseable City Lab do MIT (Massachusetts Institute of Technology, desde 2024); Gerente BIM e Inovação da empresa Sondotécnica Engenharia, vice-presidente eleita de Arquitetura do SINAENCO-SP, conselheira eleita do Conselho Administrativo do BIM Forum Brasil. É Bolsista pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de

Pessoal de Nível Superior – Brasil), por meio do PROEX modalidade II, desde 2023. Exposição de trabalho técnico Point Cloud Vidigal na Bienal Internacional de Arquitetura de Veneza de 2025; Recebeu o Premio InovaInfra de 2022, 2023, 2024 e 2025. Autora de: DIMITROV, S. (Org.). *Caderno de Projetos em BIM*. 1. ed. São Paulo: KPMO Cultura e Arte, 2020. 33 p.; NARDELLI, E.; AZENHA, M.; MINGIONE, C.; PIRES, J.; DIMITROV, S.; SOTOVIA, N.; GASPAR, J.; ALVARADO, R. *BIM na gestão pública: tópicos para a contratação de projetos*. 1. ed. São Paulo: UMinho Editora, 2024. v. 2, 495 p.; SANTIAGO, W. G.; e, AFONSO CELSO VANONI DE CASTRO. A Urbanização do Córrego Antonico em Paraisópolis: velhos e novos paradigmas. In: ALVIM, A. T.; RUBIO, V. M. (Org.). *Sustentabilidade em projetos para urbanização de assentamentos precários no Brasil: contexto, dimensões e perspectivas*. 1. ed. Barueri: Manole, 2022; É pesquisadora do Grupo de Pesquisa Urbanismo Contemporâneo: redes, sistemas e processos, liderado pela professora Dra Angélica Tanus Benatti Alvim.

**Stéphanie Garces Cerioli**, Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2020). Mestre em Teoria, História e Crítica de Arquitetura pelo PROPAR (UFRGS), em 2023, com a dissertação *Arquitetura em cena: O cenário de Oscar Niemeyer para a peça Orfeu da Conceição (1956)*, orientada pela professora Cláudia Cabral. A dissertação recebeu o Prêmio ANPARQ de Melhor Mestrado Acadêmico (2024). Tem interesse nos seguintes temas: Teoria, História e Crítica de Arquitetura, Arquiteturas Efêmeras, Cenografia e Teatro.

## T

**Thaysa Malaquias de Mello**, Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PROARQ/UFRJ), com pesquisa voltada ao ensino e à metodologia projetual arquitetônica sob uma perspectiva de gênero, intitulada “Mulheres, corpos desobedientes: de objeto a sujeito na metodologia projetual arquitetônica”. A pesquisa conta com orientação no Brasil e na Universitat Politècnica de València, em regime de doutorado-sanduíche com bolsa Capes Proex. É mestre também pelo PROARQ/UFRJ (2018), com dissertação sobre a contribuição do arquiteto Sérgio Bernardes para a arquitetura moderna de saúde. Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela UFRJ (2013), também possui especialização em Cidades, Políticas Urbanas e Movimentos Sociais pelo ETTERN/IPPUR-UFRJ, com estudo sobre corpos marginalizados e suas relações com o espaço urbano. É integrante do grupo de pesquisa LabLugares (PROARQ/UFRJ), com atuação na articulação entre arquitetura, memória e território. Cofundadora do coletivo feminista “Não Me Kahlo”, no qual foi uma das responsáveis pela organização de oficinas, palestras e demais eventos, bem como coautoria na publicação de livros no Brasil e no exterior. Entre suas publicações, destaca-se o livro *#Meuamigosecreto: Feminismo além das redes* (2016). Sua trajetória combina pesquisa acadêmica com atuação política e engajamento social, com foco em temas como arquitetura moderna de saúde, metodologia de projeto, ensino de arquitetura, história urbana e estudos de gênero.

## V

**Valentina Martins Marques**, é graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Instituição Uniritter Laureate International Universities (2006-2010). Foi Arquiteta colaboradora no escritório de arquitetura Moojen e Marques Arquitetos Associados (2010-2014) e participou, dentre outros projetos, das distintas etapas de projeto e execução da reforma do Auditório Araújo Vianna localizado no Parque Farroupilha em Porto Alegre. É mestre na área de Teoria, História e Crítica da Arquitetura pelo Programa de Pós-Graduação em

Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2014-2016) e apresentou sua dissertação intitulada “Integração Plástica. Os murais na arquitetura moderna de Leborgne, Payssé e Bayardo”. É doutoranda junto à mesma instituição, programa de pós-graduação e área de concentração e está desenvolvendo sua tese intitulada “Arquitetura e arte mural no Brasil – De Pampulha à Inhotim”. Foi professora externa da disciplina Composição e escolha de móveis e elementos decorativos do curso de Pós-Graduação Online em Design de Interiores, Decoração e Ambientação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul em 2021 e novamente em 2024. Foi professora externa da disciplina “Murais, Integração Plástica e Arquitetura Efêmera” do curso de Especialização em Arquitetura de Interiores: do Projeto à Execução da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul em 2023. Também ministrou aula de Composição de desenho do curso de Arquitetura e Urbanismo da Unilasalle no início deste ano.

